

A ESTACÃO

PARTE LITTERARIA

SCIENCIA DE DEUS

Eu não posso conceber existindo por
mesmo, sem concebê-lo em si mesmo
a plenitude do Ser, e por todas as me-
neiras do ser até o infinito. Essa base, se-
gue-se que a intelligencia que é uma
maneira de ser, está no pensamento, eu não
sou por mim mesmo; fôz-me conhecer clara-
mente por minha imperfeição, eu não sou por

nim mesmo, forçoso é que eu seja por um outro. Esse
outro a quem procuro é Deus, Esse Deus que me
fêz e que me deu o ser pensante não m'o teria dado
se o não tivesse.

Elle pensa pois e elle pensa infinitamente: pois
que elle tem a plenitude do ser, é forçoso que elle
tenha a plenitude da intelligencia que é uma especie
de ser.

A primeira coisa que se apresenta a exame é saber
o que é pensamento e intelligencia, mas a essa ques-
tão eu não posso responder.

Pensar, conceber, conhecer, perceber são os ter-

mes os mais simples e os mais claros de que eu me
posso servir: não posso pois explicar nem definir
esses termos: outros os obscurecem, em vez de es-
clarecel-os. Se eu não concebo claramente o que é
conceber e conhecer, não concebo nada. Ha certas
primeiras noções que desenvolvem todas as outras e
que por sua vez não podem ser desenvolvidas; ne-
nhuma está mais nesses casos do que a noção do pen-
samento.

A segunda questão é saber qual é a sciencia ou
intelligencia que Deus tem em si mesmo. Eu não
posso duvidar que elle se conheça. Já que elle é

NINON DE LENCIOS

escarcia da ruga, que a apr-he a epi-
derme. Já passava de trinta e se-
bella, atirando sempre pe-
fistiu que rugava: a ca- do 2º nipo, e a fo e eu botava-
se sobre sua encantadora physionmia, sem que nunca
deixasse o menor traço. Muito verde ainda, via-se obri-
gado a dizer o velho rabugento, com a raposa de Lafon-
taine dizia das uvas. Este segredo, que a ellestrag agostia
aceerjamais confidaria a quem quer que fosse das pessoas
aquella época, desconfiou Dr. Lecointe entre as folhas
de um volume da *L'Histoire amoureuse des gaules*, de
dusey-Rabutin, que fez parte da biblioteca de Vintaire e
é actualmente propriedade exclusiva da **PARFUMERIE**
NINON, MAISON LECONTE, Rue du 4-Septembre, 35, Paris.
Esta casa tem-n'o á disposiçao das nossas elegantes, sob
o nome de **LETTABLE EAU DE NINON**, as suas como
as receitas que d'ella provêm, por exemplo, o

DUVET DE NINON

pó de arroz especial e refrigerante;

Le Savon Crème de Ninon

especial para o rosto que limpa perfeitamente a epi-
derme mais delicada sem alteral-a.

LAIT DE NINON

que dá alvura deslumbrante ao pescoço e aos hombros.
Entre os productos embelecidos e apreciados da **PARFU-
MERIE NINON** contam-se:

LA POUDE CAPILLUS

que faz voltar os cabellos brancos á cor natural e
existe em 12 cores;

SEVE SORCILIEAE

que augmenta, egressa e bruno as pestanas e os super-
cillios, ao mesmo tempo que dá vivacidade ao olhar.

LA PATE ET LA POUDE MANOERMALAE DE NINON

para ahuira, alvura brilhante das mãos, etc., etc.

Convenm exigir e verificar o nome da casa e o endereço sobre
o rotulo para evitar as emtiçoes e falsificacoes

PARFUMERIE EXOTIQUE E. SENET

35, Rue du 4-Septembre, 35, PARIS

MÃO DE PAPA de dique, de principio,
por meio da
Pâte des Prélats, que embran puce, alia,
assatina a epiderme, impeda e destrôo as frieiras
e os racha.

UM NARIZ PICADO de pequenas
horbulhas ou
com cravos, para te- perar sua branura primitiva
e suas côres lisas por meio do **Anti-Bolbos**,
producto sem igual e muito contrafeito.

CUIDADO COM AS CONTRAFACÇÕES
Para ser bella, encantar todos, olhos
deve-se servir da **Fleur de Pêche** pó de
arroz feito com fructos exóticos.

POUCOS CABELLOS

Fazem-se crescer e cerrados empregando-se
L'Extrait Capillaire des Benedictins
do **Mont-Majella**, que tambem impede
que ahi e que biponi brancos.

E. SENET, Administrateur, 35, Rue du 4-Septembre, Paris.

NÃO ARRANQUEM MAIS

as dentas estragadas, e sim: use branqueios
com **L'Extrait dentifrice des Benedictins**
do **Mont-Majella**.

E. SENET, Administrateur, 35, Rue du 4-Septembre, Paris.

Racahout DELANGRENIER



Alimento Completo

agradavel, leve e facilmente
assimilavel

O verdadeiro RACAHOUT
dos ARABES Delangrenier é o

Melhor alimento das Crianças

desde a idade de 7 a 8 mezes, e prin-
cipalmente no periodo do desmamar.

TAMBEM é recommendado as mães quando
dão de mamar, aos convalescentes,
aos anemicos, aos velhos; em resumo,
todos os que precisam de fortificantes.

Exigir a marca verdadeira
DELANGRENIER-PARIS

É encontrado em todas as PHARMACIAS

VINHO DE CHASSAING

BI-DIGESTIVO

Recetado ha 30 annos

CONTRA AS AFFECÇÕES DAS VÍSCERAS ESTIVAS

Paris, Avenue Victoria nº 6.



PHOSPHATINE

A "PHOSPHATINE FALIÈRES"
é o mais saporoso e o mais recommendado
alimento para crianças desde a idade de 6
a 7 mezes, principalmente quando começam
a ser desmamadas* e em periodo de
crescimento. Facilita a dentição e concorre
para boa formação dos ossos.
PARIS, AVENUE VICTORIA, Nº 6 E NAS PHARMACIAS

PRISAÇÃO DE VENTRE

Pó Laxativo de Vichy
de D. SOULIGOUX

Perfumaria extrafina

L.T. PIVER PARIS

Corylopsis do Japão

SABÃO — ESSENCIA — PÓ DE ARROZ — OLEO
LOÇÃO VEGETAL — BRILHANTINA — COSMETICOS

Evitar as Imitações e Falsificações

O Trêfle incarnat

L. T. PIVER
Perfume de Moda

Violettes de Parme

SABÃO — ESSENCIA — PÓ DE ARROZ
LOÇÃO VEGETAL — BRILHANTINA — COSMETICOS

Leite de Iris L. T. Piver

PARA A JUVENTUDE e BELLEZA DO ROSTO
A melhor e mais higienica de todas as preparações
para o toucador

Dentifricios Mao-Tcha

PÓ — PASTA — ELIXIR

HOUBIGANT

PERFUMISTA

da RAINHA d'INGLATERRA e da CORTE da RUSSIA

PARIS

AGUA HOUBIGANT

SEM RIVAL PARA O TOUCADOR

AGUA de TOUCADOR Royal Houbigant.
AGUA de COLONIA Immortale Russe.

EXTRACTOS PARA ENÇOS: Violette Ideale,
Royal Houbigant, Peau d'Espagne, Moskar, Iris blanc,
Le Parfum Imperial, Moïsa, Muguet, Quillet Reine,
Imperial Russe, Lilas blanc, Hebotrope blanc, Fougere
Royale, Gloxina, Jasmim d'Espagne, Cur de Russie,
Giroflee, Corydalis, Bouton d'Or, Saubise, Roseco.

SABONETES: Ophelia, Peau d'Espagne, Violette ideale,
Fougere Royale, Lait de Thiradac, Royal Houbigant.
PÓS OPHELIA, Talisman de Belleza
PÓS PEAU D'ESPAGNE,
LOÇÃO VEGETAL, para os Cabellos.
PÓS ROYAL HOUBIGANT.

PERFUMARIA ESPECIAL MOSKARI



RAPAZ ITALIANO

infinitamente intelligente, é preciso que elle conheça a universal e infinita intelligibilidade que é ella mesmo.

Se elle não conhecesse sua propria essencia, nada conheceria. Não se pode conhecer os seres participados e creados senão pelo ser necessario e creador, em cuja potencia se acha sua possibilidade ou essencia, e em cuja vontade se vê sua existencia actual; porque esta existencia actual não sendo por si mesma e não tendo sua causa em seu proprio fundo, não pode ser descoberta senão mediatamente no que é precisamente sua razão de ser, na causa que a tira actualmente da indifferença a ser ou a não ser.

Se Deus pois não se conhecesse a si mesmo, nada poderia conhecer fora d'elle e por consequencia elle nada conheceria absolutamente. Se elle nada conhecesse, seria um nada de intelligencia. Como pelo contrario eu devo attribuir-lhe a intelligencia mais perfeita que é o infinito, é preciso concluir que elle conhece actualmente uma intelligibilidade infinita; uma só e verdadeiramente infinita, a sua; porque a intelligibilidade e o ser são a mesma coisa.

A creatura nunca pode ser infinita, porque ella não pode nunca ter um ser infinito que seria uma infinita perfeição. Deus não pode pois achar senão em si só a infinita intelligibilidade que deve ser o objecto da sua intelligencia infinita.

De mais é facil ver a primeira vista que a idea de uma intelligencia que se conhece toda inteira perfeitamente é mais perfeita que a idea de uma intelligencia que não se conhecesse ou que se conhecesse imperfeitamente. É preciso sempre encher essa idea de mais alta perfeição, para julgar de Deus. É pois manifesto que elle se conhece a si mesmo e que elle se conhece perfeitamente, isto é, vendo-se elle egual por sua intelligencia sua intelligibilidade; em uma palavra elle se comprehende.

Deus que se conhece com esse conhecimento perfeito que eu chamo comprehensão, não se contenta successivamente e por uma serie de pensamentos reflectidos. Como Deus é soberanamente um, seu pensamento que é elle mesmo, é tambem soberanamente um: como elle é infinito seu pensamento é infinito: um pensamento simples, indivisivel e infinito não pode ter nenhuma successão: não ha pois nesse pensamento nenhuma das propriedades do tempo que é uma existencia limitada, divisivel e transformavel.

Não se pode dizer que Deus começa a conhecer o que elle conhece, nem que elle cessa de conhecer e de pensar o que pensava. Não se pode por nenhuma ordem ou arranjo em seus pensamentos, de sorte que um preceda e o outro siga: porque esta ordem, este methodo e este arranjo só se pode encontrar em pensamentos limitados e divisiveis que fazem uma successão.

A infinita intelligencia conhece a infinito e universal intelligibilidade ou verdade por um só olhar que é elle mesmo e que por consequencia não tem nem vontade, nem progresso nem successão, nem distincção, nem divisibilidade.

Este olhar unico exgota toda a verdade e nunca se exgota a si mesmo: porque elle é sempre todo inteiro: ou, para melhor dizer, deve-se dizer d'elle como de Deus, pois que é a mesma coisa. Não foi não será, mas é, e é sempre todo pensamento reduzido a um.

Se a intelligencia divina não tem successão e progresso, não é que Deus não veja a ligação e o encadeamento das verdades entre si. Mas ha uma extrema differença entre ver todas essas ligações das verdades ou não vê-las senão successivamente, tirando pouco a pouco uma da outra pela ligação que ella tem entre si. Elle vê sem duvida todas essas ligações das verdades; elle vê como uma prova a outra; elle vê todas as

... as po
... as elle
... orden
... mples,
... visão.
... toda a

... mento que basta para
distinguir de qualq
outro com o qual
poderia ser confun
dido, e não conhecer
entretanto de tal mo
do tudo quanto está
nelle que se possa
ter a certeza de co
nhecer distinctamen
te todas as suas per
feições tanto quan
to ellas são em si mes
mas intelligiveis.

Compreender sig
nifica conhecer disti
nctivamente e com ev
dencia todas as per
feições do objecto,
tanto quanto são ellas
intelligiveis. Só Deus
conhece infinitamen
te o infinito, nos não
conheceremos o infinito
senão de uma m
neira infuita.

Elle deve pois ver
em si mesmo uma in
finitude de coisas que
nos não podemos ver,
e aquellas mesmas
que nós vemos elle
o vê com uma ev
dencia e precisão,
para distingui-las e
combin-las, que ul
trapassa infinitamen
te a nossa.

... verdade em si mesmo.

... como elle conhece o

... Não se ... é puramente possi
vel como ... Nos já reconhecemos,
fallando das deus e dos ... graus do ser remon
tando ao infinito que ... em si mesmo todos os
diferentes graus ac ... pode communicar o ser
ao que não ... e ... graus de possibilidade cons
tituem todas as ... de natureza possiveis.
Ellas não têm diferen ... si, senão pelo mais ou
pelo menos. De ... em seu poder que é
elle mesmo e ... puramente possível não é
nada de ren ... e ... e dos graus infinitos de
ser que se ... a sua escolha, essa pos
sibilidade não ... seja fora d'elle, nem que
delle se possa ...

(Continua) FENELOR
(Da existencia de Deus).

Magdalena

(LAI RA MENEZ DE QUENOA)

Com a pallidez da pallida açucena;
A loura cabelleira destrançada;
De joelhos ante o Christo angustiada,
Arrendida chora Magdalena.

Suspira; tremula, a pungente pena
Se reflecte na face descorada;
E beija os pés do Salvador, coitada!
Unge-os, depois, de nardo e de verbená.

— Pai, oh, meu Pai, a impura penitente
Espera o teu perdão, nivio santo:
Toque tua mão minha lasciva frente, a

Diz a contrita em copioso pranto,
Levantando a Jesus, disse clemente:
— Mulher, eu te perdão; amaste tanto. . .

ALFREDO MARIANO DE OLIVEIRA.

22-12-59.

A população branca da Africa do Sul

Diz-se que os boers contam com a cooperação dos subditos ingleses de origem hollandeza que residem na Africa austral.

Esse elemento está d'alma e coração com as duas republicas sul-africanas, mas é difficil saher até aonde irão os seus sentimentos de hostilidade para com a Inglaterra. Seja como for, não deixa de ter interesse saber se o numero de individuos da raça branca, que habitam a Africa austral, quer de origem hollandeza quer de origem ingleza.

A colonia do Cabo e a Bechuanalandia tem 265:200 hollandezes e 191:800 ingleses; respectivamente, a Basoutulandia 300 e 350, o Estado Livre d'Orange 78,100 e 11,600, o Natal e a Zolulandia 6,500 e 4,500, o Transvaal 80,000 e 123,650 e a Rhodesia 1,500 e 8,500. Total: 431,600 hollandezes e 388,300 ingleses.

Deve notar-se que os ingleses abandonaram em grande numero o Transvaal, nestes ultimos tempos.

Dada a importancia da população de origem hollandeza na colonia do Cabo, se a sublevação com que os boers contam rebenatar antes da chegada dos reforços, os ingleses ver-se-hão num cruel embaraço; nem bastarão os 73,000 homens que elles vão concentrar sobre aquelles vastos territorios para domar a resistencia dos boers e restabelecer a sua autoridade na colonia do Cabo; nesta aeventualidade é de prever que a Inglaterra seja forçada a augmentar as suas forças militares na Africa austral e a immobilizar ali, depois da campanha, effectivos consideraveis.

Os loucos na Penitenciaria

Ja nos referimos a este assumpto, e que o nosso presado amigo sr. João Gonçalves apresentou á Escola Magistral de Lisboa, para fazer o seu trabalho em 1898. Já nos dissermos que seu trabalho era muito interessante e publico o que se passou á luz da imprensa e que da um grande contributo para o estudo em Portugal.

Em auxilio da memoria, e apenas de mos noticia da obra do sr. João Gonçalves, que muito ha de honra e de utilidade, e seu inegavel talento, encorajados pelo sr. Miguel Bombardeira um artigo e o sr. João Gonçalves director, o abalamos a publicar o trabalho do sr. dr. João Gonçalves.

Pedimos venha transcrever os seguintes trechos do eminent director do hospital Rilhafoles:

«Não conheço de perto o regime seguido nas prisões da Europa, mas a corrente dos espiritos penitenciarios aponta na direcção d'uma attenuante que se manifesta a partir das primeiras penitenciarias da Europa, e que não se abandona. Entre nos, a penitenciaria de Lisboa, o solto isolamento e respeito pelas suas ultimas consequencias. O regulamento de 1875, que era cega que transformou todas as penitenciarias em outras tantas unidades absolutamente eguaes entre si. Não ha differença de instrucção, de educação, de caracter, de temperamento, de tendencias criminaes, como não ha distincções de idade, de sexo, de robustez, de natureza do crime, de orixem do acto criminoso. Todos os condemnados são absolutamente eguaes, e tratados como outros automatós que tivessem saúde da mesma forma.

«Estamos, todavia, n'uma epoca em que, nos povos civilizados, cada vez se põe em mais alto relevo a necessidade da individualisação da pena e por muita parte se começa a acompanhar a pena da individualisação da sua applicação.

«Já a priori se podia considerar uma penitenciaria de rigoroso regimen cellullar como uma fabrica de doidos. E' evidente que aquella melionha situação de um isolamento entre quatro paredes nuas, succedendo-se bruscamente a uma vida em sociedade, boa ou ma,

não pode senão importar um formidavel abalo cerebral, actuando quasi um traumatismo. A theoria pode, pouco importa. Os factos e que são a plena demonstração da responsabilidade da prisão cellullar na explosão da loucura. Não é so a frequencia das doenças mentaes entre reclusos das penitenciarias, e ainda e talvez mais a espantosa concordancia das formas delirantes. Cá fóra, uma duzia de homens que enlouqueçam, da uma duzia de forma as psychicas diferentes. Nas penitenciarias, todos enlouquecem do mesmo modo; fica de fóra uma porcentagem minima; o resto e todo formado dos mesmos perseguidos, estereotypado não so pela natureza como persecutoria do delirio como, mas até pelo seu conteúdo; os perseguidos de todos, quasi, são realísados pelo veneno ou pela electricidade. Dir-se hia que o despotismo unificadór d' regimen até as manifestações delirantes leva a sua acção implacavel.

«A these do sr. João Gonçalves, que me dá a honra de acompanhar um folheto que em tempo publicarei, põe em toda a luz os factos geraes a que temos feito referencia e accrescenta-lhes ainda o fructo d'uma observação pessoal da cadeia de Lisboa, que de todo nos fallece. Das suas descrições sae o pavor. Aquella mole que alem se levanta, nos limites da cidade, e que a todos nos deixa, para simples vista exterior, invencivel impressão de mal-estar, precisa de ser examinada por dentro, naquella poirdão moral que os regulamentos não poem, para que se tenha toda a medida da violencia da pena. Já não é a penitenciaria, uma prevenção social, ja não e como idealistas previam, uma machina de regeneração e um castigo e um castigo torturante como o d'uma inquisição. E' a impressão que nos causam as negras cores com que o sr. João Gonçalves pintou o quadro. Essa impressão fatalmente se associa com a idéa de explosão de loucura. Sena mesm, bastante para fazer crer na responsabilidade exclusiva da prisão cellullar no fabrico dos seus loucos, se não houvesse os factos que sabemos, e, se ainda mais não subbessemos agora isto—que nem todos os loucos das penitenciarias são transportados para os manicomos.

«Hoje vae-se enfraquecendo a imponencia com que se sentenciava que na penitencia so se fazem loucos os predispostos. Esta escapatoria quasi de todo se tem abandonado.

E ninguem crê na primeira importancia, no caso, do factor degenerativo, visto que, qualquer que seja o seu valor, todos concordam em que os reclusos da penitencia não enlouqueceriam se estivessem em vida livre ou n'uma situação de menor isolamento.

Que importam tangentes ou theorias, se o facto brutal e esse?

«A questão da loucura penitenciaria e negocio arrumado. Estudemola nos seus pormenores de modalidade, de pathogenia, de curabilidade, etc.

«Como forma de etiologia apurada não tem mais que ser estudada.

«Esse é o lado sentimental da questão do regimen penitenciar, que não é tão insignificante como espiritos fortes o querem considerar.

«A humanidade ainda não vive só da pura razão, ainda tem de appellar para o coração, e cada vez mais se ha de socorrer de sentimentos compassivos, porque a isso precisamente impelle a mesma razão. A indulgencia tambem na razão se radica, porque a razão todos os dias nos mostra mais e mais a fatalidade do crime, venha elle de um cerebro monstruoso, venha elle de um meio social perturbador.

«Demais—e este é outro lado da questão—á indulgencia somos conduzido pelos mais graves interesses sociaes.

«O tempo já passou em que a vida de um homem era quantidade desprezível quando o homem era de baixa extracção—e tambem passou aquelle em que se combatia a violencia do crime com a violencia do castigo.

«Não se pensa hoje que se possa melhorar um louco contradizendo o, ferindo-o violentando-o. Não se pensa tambem que se possa melhorar a criminalidade com uma theapeutica de repressões brutaes. Dizem o os factos de todo o tempo, desde que o homem emancipou a sua intelligencia para reflectir, e abrir os olhos para ver.

«De longa data mostram elles que n o ha relação directa entre a diminuição da criminalidade e o excessivo rigor da repressão. Profundos philosophos, como Spencer, o tem pensado e o tem visto. E hoje, desde que as ideas generosas mais francamente se tem infiltrado na legislação de certos paizes hoje estamos perante a mesma evidencia. A criminalidade tem deescedido ou tende a de rescer.

«E', pois, no proprio interesse social que se impõe a suavisação do regimen das n ssas penitenciarias.

«O tempo de ensaio ja vai demasiadamente longo. E' preciso que passemos a ideias mais justas, mais reflectidas, a sentimentos de maior benignidade e compaixão.

Do Seculo de Lisboa.



CEMITERIO DA ALDEIA

Alma Independente

(A Leal de Souza)

Não pôde a Morte, essa visão esqualida,
de pulso escanifrado mas athletico,
levar ao frio Nada a alma - chrysalida -
Envolta na materia. O vulto sceptico

da ceifadora desganhada e pallida,
sômente o corpo quer para o morphetico
quando de vermes que na cava, em calida
sede, espera o miserimo epileptico.

Quando morre nos olhos do infeliz
a luz, em tuas faces o matiz
e os membros perdem o vital calor:

Volta o corpo a ser terra novamente
mas a alma que tornou se independente
voa aos pés do Supremo Creador.

14-XI-99.

M. FARIA CORREIA.

Mozaico

Entre bohemios :

—Que velho é aquelle a quem cumprimentaste ?
—E' meu tio. E' um verdadeiro homem fim de
seculo !

—Como ?

—Tem noventa e nove annos !...

DESDEM

(Raymundo Correia)

Realçam no marfim da ventarola
as tuas unhas de coral, felinas,
garras com que a sorrir tu me assassinas
bella e feroz ; o sandalo se evola,

O ar cheiros o em redor se desenrola,
batem-te at seios, arfiam-te as narinas,
sobre o espaldar de seda o dorso inclinas
numa indolencia morbida, hespanhola.

Como eu sou infeliz ! Como e sangrenta
essa mão impiedosa, que me arranca
a vida aos poucos, nesta morte lenta !

Essa mão de fidalga, fina e branca,
essa mão que me atráe e me-afugenta,
que eu afago, que eu beijo e que me espanca !

A sogra de Calino adoeceu.

—Abra a boca, minha senhora, diz-lhe o medico.
Oh ! que má lingua !

Calino, ao ouvido do doutor :

—Isso não prova que ella esteja doente !

Em um collegio :

—O menino sabe de onde é que se extrae a lã ?

—E' dos carneiros.

—E para que serve a lã ?

Isso não sei.

—Pois não sabe de que são feitos esses calções
que tem vestidos ?

Sei, sim, senhor. São de umas calças velhas do
papá.

Uma menina é interrogada em grammatica :

—Diga me o futuro perfeito do verbo amar ?

—O futuro perfeito... E' caçar.

Em um restaurant :

—Traga-me um bife.

—Com muito gosto.

Sim, com muito gosto e com muitas batatas.

SCENA DO LAR

Toda a casa parece estar deserta
Longe, o seu chefe, sensual, disforme,
Vella na orgia, enquanto a esposa dorme
E o filho, cauteloso, ao seio aperta.

Pobre mãe ! Traz á alma a dor aberta
E espera, mergulhada em dor enorme,
Que n'alma d'elle a previsão se forme
Do fim, onde vai ter a orgia incerta !

N'essa noite, já tarde, eil-o de volta :
Entra ; pára, ella dorme, e ao contempl-a
Vê-se tão vil e mau que se revolta !

Vai dar-lhe um beijo ; intima voz lhe fala,
Detém-se, timido, um suspiro solta
E sáe do quarto sem ousar beijal-a !

Rio, 1893.

JOVINO MARQUES

CHRONIQUETA

Rio, 12 de Janeiro de 1900.

E' de rigor começar a primeira chroniqueta do anno
desejando que as formosas leitoras tivessem boas sa-
hidas e melhores entradas.

O 1899 a ninguem deixou saudades: foi o anno da
bubonica e de outras pestes sobre as quaes não quero
insistir para não azedar estas c lunnas alegres, — e não
poderia ter tido um epilogo mais digno da sua ruindade
do que essa farça escandalosa que se representou no
dia de S. Sylvestre, intitulada *A eleição federal*.

Mas o diabo é que em geral as farças fazem rir, e
esta só causou nauseas. Imagine-n que vieram duas
urnas parar á rua do Ouvidor ! Um amigo meu, que
teve bastante coragem para ir votar, afirma que ouviu
um defunto ser chamado sem o auxilio do espiritismo,
comparecer e votar ! Elle (o meu amigo, não o de-
funto) bem quiz protestar, mas teve medo de que o
«enchesse», para empregar aqui uma expressão ca-
padocia, que vem muito a proposito sempre que se
trata de eleições.

Se Eva Canel, a illustre escriptora espanhola que
actualmente se acha nesta capital, anda a estudar os
usos e costumes dos varios paizes que percorre, não
deixe de analysar o que por ali se tem escripto a respeito
das eleições do dia 31. O assumpto poderá fornecer-
lhe paginas e paginas de uma philosophia profunda,
principalmente se, observadora como é, ella se conve-
cer de que das boas eleições depende o progresso do
Brazil.

Falleceu no Pará, onde commandava o 1.º districto
militar, um bravo soldado brasileiro, o general Solon,
cujo nome era conhecido e respeitado em todo o
paiz.

Nunca me hei de esquecer uma scena a que assisti
no dia 1.º de Novembro de 1899, e na qual tomou
parte saliente o major Solon.

Eu estava a uma janella de secretaria da Agricul-
tura, quando ouvi galopar de cavallaria. De repente,
appareceu, envolvido em poeira, um luzidio pelotão,
commandado por aquelle major, que era bizarro a ca-
vallo, e carregava galhardamente os seus 50 annos.

O pelotão formou em boa ordem diante do paço. O
commandante, em grande uniforme, apcou-se e entrou
no casarão de D. João VI, levando na mão uma
folha de papel enrolada : era — todos o adivinharam —
a deposição do imperador, a intimação mandada pelo
governo provisório, — era a Republica !

ELOY, o HEROE.

THEATROS

12 de Janeiro de 1900.

Nenhum... eu depois do meu ultimo
artigo, *A Bexiga e Mulher para dois* têm se aguen-
tado em scena no Variedades e no Recreio ; a com-
panhia Pery continua a dar espectaculos no theatro
S. Pedro ; e... disse !

A companhia de comedia e opereta organisa-la pelo
distincto comediographo Acad. Antunes já está en-
saiando no Apollo a *Valsa Clara*, burlera em 3 actos e
12 quadros, de Arthur Azevedo, musica de Costa Junior.

X. Y. Z.

Novidades Musicas

Recebemos e agradecemos :

E. Bevilacqua & C. — Album para dansa, 1900, con-
tendo :

Valsa, musica de C. Dangremont ; Polka, musica
de Nicolino Milano ; Schottisch, musica de A. Milanez.
Tango, musica de A. M. M. Guimarães ; Marcha,
musica de A. Milanez ; Si meo vero avaient des alles...
poesia de V. Hugo e musica de Reynaldo Hahn.

M.^{me} Gazzaniga & M.^{ello} Bier
COM ATELIER DE COSTURAS

28 — Rua Gonçalves Dias — 28

(SOBRADO)

Encarrega-se de Tulos,

Encoavaes para Casamentos
e todo e qualquer trabalho
concernente á sua arte

RIO DE JANEIRO

CALLIFLORE

FLOR DE BELLEZA
Pós adherentes e invisiveis

Graças ao novo modo porque se empregam
estes pós communicam ao rosto uma mara-
vilhosa e delicada belleza e deixam um
perfume de exquisita suavidade. Além dos
brancos, de notavel pureza, ha outros de
quatro matizes diferentes, Rachel e Rosa,
desde o mais pallido até ao mais colorido.
Poderá pois, cada pessoa escolher a cor que
mais lhe convenha ao rosto.

PATE AGNEL

Amygdalina e Glycerina

Este excellente Cosmetico branquea e
amacia a pelle, preserva-a do Cieiro, Irrita-
ções e Comichões tornando-a apelludada ;
pelo que respeita as mãos, dá solidez e
transparencia ás unhas.

AGNEL, Fabricante de Perfumes,
16, Avenue de l'Opéra, Paris.

Em suas seis Casas de venda, por miúdo nos bairros mais ricos de Paris.

Reconstituinte geral
do Systema nervoso,
Neurasthenia.

NEUROSINE PRUNIER
NEUROSINE-KAPOPE — NEUROSINE GRANULADA
NEUROSINE-CAPSULAS

Debilidade geral,
Anemia, Phosphaturia,
Enxaquecas.

Deposito Geral:

CHASSAING & C^{ia}, Paris, 6, Avenue Victoria.

PARTAMOS

Surge fresca a manhã primaveril;
a aurora, a marchetar os arbores,
parece convidar os rouxinolos
a tanger o phantastico arrabil.

Na curva immensa do tranquillo anil
já não scintillam coriscantes soes,
despreza, pois, a neve dos lençoes
alvorada de amor, fresca e gracil.

Eis, partamos, garrula Condessa,
quero verte gentil, quando anoiteça,
nos verdes matageas da minha aldeia,

saltando de teu *phaeton* deslizando,
esbelta, triumphal e saltitante
cantarolando carmes de sereia.

LEAL DE SOUZA.

2 de novembro

(Episodio funerario de viagem)

—Quer presenciar um espectáculo summamente original e que é provavel não encontre em outra parte exemplo parecido? — disse-me o mestre escola, em cuja casa tinha passado todo o dia.

E' inutil dizer que accitei pressuroso o convicte. Que deseja o viajante amigo de impressões e ansioso de curiosidades, senão que lhe proporcionem espectaculos novos e cheios de sabor local? Além de que, aquelle cantinho de Westphalia interessava-me em alto grau pelo seu character especial, costumes, historia anecdotica, lendas, não menos que pelo sabor tão mediavel das suas casas e o aspecto poeticamente agreste da paisagem.

—N'esse caso, accrescentou o amavel pedagogico, depois de cear iremos á festa.

—Ha festa?..

—E das mais characteristics: a festa dos defuntos.

—Occorreu-me então que estavamos a 2 de novembro - o melancolico dia da Commemoração dos fieis defuntos. Fiz ainda algumas perguntas ao mestre escola, que illudiu nas respostas, dizendo apenas:

—Verá verá, meu amigo... E' muito curioso, muito!

Não insisti, e esperci tranquillamente que chegasse o momento da festa annunciada com enigmático sorriso. Passamos a noite em casa do burgo-mestre, homem extremamente amavel, e lá ceamos com a familia. Não havia meio de resistir ás cordeas instancias da digna auctoridade municipal, de sua esposa e de duas filhas, que tambem «assistiram á festa.»

Deram onze horas na torre da antiquissima egreja, obra do seculo IX, segundo creio, quando nos puzemos a caminho. Observei que os meus companheiros vestiam as melhores farpellas, que as mulheres ostentavam joias de familia, que só exhibem nas grandes solemnidades. Precedidos de um criado que na ponta d'uma vara levava uma lanterna, especie de enorme pharol, cruzamos as ruas da pequena povoação, ordinariamente desertas a semelhante hora, mas n'este momento muito movimentadas. Homens, mulheres, velhos e creanças, burguezes e operarios encaminhavam-se a passos lentos, seguindo todos a mesma direcção, para a *Porta Velha*: o vetusto e sombro portal, além do qual se alarga a campina.

Uma vez em pleno campo, o aspecto d'essa multidão marchando compassadamente silenciosa, e compacta, sob um céu escuro, em cuja negrura lucilavam milhões de estrellas, offerencia o que fosse de singularmente phantastico. E o que augmentava essa impressão até um ponto intraduzivel, era a claridade avermelhada em que se movia a columna humana, seguindo por larga estrada marginada de arvores, cujos ramos nus de folhagem pareciam braços espectraes erguidos em convulsões de desespero para o alto: claridade produzida por centenas de lanternas que, elevando-se a alguns palmos acima da multidão, illuminavam com vacillantes reflexos as physionomias placidas e graves dos expedicionarios.

... e saíndo d'um pequeno valle que, formando encosta, desembocava n'um largo terreiro, uma vizão estranha arrancou-me uma exclamação de assombro: a quinze metros de distancia via-se um cumprido paredão branco, que dividia em duas partes eguaes uma porta de ferro; e no remate d'esta, como na crista das muralhas, apparecia uma larga fileira de balaiosinhos de papel, vermelho, azul, verde, amarello, branco, — uma profusa illuminação á veneziana, que fazia resplandecer a simplicissima fachada do cemiterio.

—E' o cemiterio onde vamos? perguntei um tanto admirado.

—Sem duvida. Quer melhor sitio para celebrar a festa dos mortos?

Sem precipitação, com serenidade verdadeiramente germanica, a multidão ia penetrando no funebre recinto, e entrando tambem senti augmentar o meu assombro até um ponto indizivel. Todo o cemiterio resplandecia alegremente, se é possivel empregar-se semelhante impressão tratando-se de tal logar; sobre as pedras sepulchraes dissimuladas aqui e alli, dos ramos dos cyprestes, dos mousoleus de mormoro e de granito, das cruces sobre monticulos de terra, brilhava a morticia luz dos pharolins; e da ramagem verde-negra das arvores, erguendo-se immoveis na suave quietação da atmospheria, entre as folhas amarellecidas dos arbustos, centenas de luziuhos tremulavam pallidas claridades. Não havia um cantinho escuro; e a necropole apparecia envolta d'um outro extremo n'um manto luminoso.

Ao centro do «campo santo» levanta-se uma capella em forma gothica, cujas ogivas de vidros de cor fuzilavam em magnificos cambiantes ao reflexo da sumptuosa illuminação da nave e do altar. Penetramos com grande custo; e as doze badeladas da meia noite vibravam no espaço, quando o sacerdote sahia da sarcophaga para celebrar o officio de defuntos.

Ah! nunca esquecerei a emoção poderosa, profunda que se passou por meu espirito, já sobreexcitado. No meio do piedoso recolhimento d'aquelle santo logar, os accordes do órgão brotaram em vaga harmonia e logo ás vozes do mais religioso dos instrumentos se enlaçaram vozes humanas, d'uma precisão e doçura incomparaveis. Era um cantico singelo e magestoso; canto funebre e de esperanza, ao mesmo tempo; hymno de louvor para o Senhor que recebe em sua gloria, que acolhe em seu seio os que desapparecem d'esse mundo. Não havia n'essa prece que resoava com infinita doçura sob as resp'andentes abobadas do pequeno templo, nada da lugubre tristeza em que se envolve n'este dia de Defuntos a commemoração da Morte: as vozes do órgão e do coro respiravam alegria grave, quasi augusta; e quando no final do incruento sacrificio, o officiante estendeu as mãos para abençoar os fieis, brotou de subito do teclado do instrumento e das gargantas humanas um esplendido hymno de triumpho, um clamor de graças ao que abte as portas da vida eterna.

Acabada a missa, sahimos da capella, e o extranho espectáculo que antes havia contemplado, de um cemiterio illuminado a *torno*, de novo se me apresentou com maior intensidade de cor e de movimento, com uma exuberancia de vida e de luz indiscrepível.

Todos os habitantes da povoação circulavam pelos carreirinhos, as alamedas e os terreiros encanteados, levando nas mãos coroas de flores e de fetos, com ramilhetes e grinaldas que iam depositar sobre os tumulos, com um enternecimento que não podia dizer-se se expressava afflicção humana ou o goso d'um allucinado.

Grupos de donzellas ataviadas com as suas meliores galas, em volta d'uma loisa coberta de profusão de rosas brancas entoavam a meia voz uma canção... a mesma canção que um dia cantara com as suas jovens companheiras a polve moita que, convertida em informe despojo, dormia sobre a fria pedra o somno que nunca termina.

Sentado á beira d'um modesto jazigo, um homem, ainda moço, de boa estatura, cabeça pendula, fitava um intenso olhar sobre o marmore humido da caemba da noite; seus labios moviam, transmittiam devagarinho phrases meigas, a recordação inefavel de uma

alma confidenciando com a esposa, a mãe ou a filha... E com as mãos apoiadas sobre uma cruz de ferro, vi um velho, cuja cabeça, coroada de cabellos brancos, se acercava a cada momento, sorrindo para depositar um beijo na pedra funebre...

Então, perante esse quadro indiscrepível da vida festejando a morte; aquelle cemiterio expansivo á luz, alegremente phantastico, senti o meu espirito penetrado de profunda perturbação. E quando horas depois, terminada a festa, apagadas as luzes, o «campo santo» regressou á sua habitual quietação, — vi despontar a pallida aurora de um dia nebuloso e triste, e dirigi-me para a cidade, com a multidão silenciosa dos homens que tornavam ás suas lutas, ás suas dores e misérias, ás suas illusões e desenganos... E perguntei no fundo da minha alma.

—«Onde estão os verdadeiro mortos?»

Isto foi o que me contou hontem o meu amigo Placido, que tem viajado muito e lido muito mais; mas desconfio que elle tem a cabeça algo transbordada.

FRANCISCO MYSTERIO.

Alvorada

A' minha doce Candura, de olhos azues e de cabellos de ouro...

Meu coração Candura, antigamente
ás blandicias do amor era fechado;
Nelle existia a dor, unicamente
a eterna dor de um triste condemnado!

De alegrias, jamais um raio quente
elle sorveu... Vivia aprisionado
numa ferrea redoma espinescente,
que o fazia gemer... pobre, coitado...

Hoje desperta aligero pulsando,
e tenho-o jovial e satisfeito,
como um liberto passaro trinando...

Bem dita sejas tú, ó doce amada,
que fizeste romper neste meu peito,
de um forte amor a fulgida alvorada!

Porto Alegre—99.

LUIZ H. DE SOUZA LOBO.

O avaliador Langley

Estara resolvido d'esta vez o problema da locomoção aerea! Se interrogarmos a este respeito qualquer conterraneo de Mr. Mac-Kinley que esteja ao facto das experiencias de Langley, não pôde haver duvida a tal respeito. Se interrogarem o proprio Langley, este ainda está mais affirmativo. O seu aeroplano desafia todas as criticas e é já hoje uma terrivel machina de guerra, superior em velocidade o uma locomotiva, pairando como uma aguia de immensa envergadura e susceptivel—a despeito de todas as conferencias de Haya de fazer chover sobre o inimigo um aguaceiro medonho, se assim o souso exprimir-me, de projectis, de metralhas, de petroleo inflammado e outras substancias não mais agradaveis.

Não foi de golpe, em resultado de uma inspiração genial, que o *aviador* Langley saiu do nada para a realidade. O inventor começou pela construcção de um machinismo que devia pesar não mais de 25 libras inglezas e corresponder á força de um cavallo-vapor. Quando o concluiu verificou que o seu peso era 30 libras e que não chegava a desenvolver a oitava parte calculada.

Este resultado não descoroçou o paciente inventor. Para dar uma idea da tenacidade com que elle proseguiu na execução do seu plano, bastará dizer que as suas tentativas se reproduziram mais de dez vezes, marcando cada uma d'ellas um progresso.

Entretanto nunca Langley teria conseguido produzir nada de viavel — e da viavel — sem a descoberta recente da liquefacção do ar, que poz á sua disposição um agente prodigioso de força motriz, superior a todos os que existiam até hoje.

Eis a descripção summaria do appparelho Langley:

O seu aspecto é o de uma ave colossal e a fisionomia é com leta quando a gente o vê fender o espaço de uma altura vertiginosa.

Construido de aluminio, o seu corpo ou casco mede 25 pés de comprimento, seis de largura e oito de altura.

Esse casco é comico nas duas extremidades e provido de janellas. Entra-se por duas aberturas, uma de cada lado da proa, numa especie de camara, munida de redes para dormir, de utensilios de cozinha e outros objectos.

Atraz d'esse compartimento ha um outro que é a sede da vida do monstro aereo. Ahí é que Langley armazena o ar liquido que lhe serve para pôr em movimento as machinas e para liquefazer os gazes elasticos, que são a potencia inicial da alavanca da machina.

Foi a recente invenção d'este ar liquido por Tripler que tornou possível a construção de uma machina de aluminio e aço, que desenvolve 20 cavallos de força e que pesa apenas 47 libras.

Por detraz da camara reservada á machina ha um compartimento espaçoso que serve de armazem para tudo o que é indispensavel levar para uma longa viagem.

Exteriormente ao aeroplano e um pouco na retaguarda acham-se as rodas com pés que podem dar 2.000 giros por minuto e realisar uma velocidade de roo milhas por hora.

Por cima d'essas rodas e estendendo-se de uma extremidade a outra do apparelho voador abrem-se as azas ou velas, cada uma das quies tem 24 pés de envergadura, a partir da borda do casco, e seis pés de largo.

Serviram de modelo as azas do albatroz, por haver demonstrado a experiencia que esta forma dá uma força de ascensão tres vezes maior que a superficie plana. A'pópa ha um duplo leme, um para mover a aeronave no sentido vertical, o outro no sentido horizontal.

O que caracteriza particularmente este apparelho é o sacco de gaz ou balão montado ao centro da nave, ao qual se acha preso pela rede e sistema de cabos geralmente empregados nos aerostatos.

O aeronave Langley pode transportar facilmente cinco a seis pessoas e seria facil modificar a construção para appropriar-a a maior numero de viajantes. No seu estado actual bastam dois homem para a manobra, um machinista e um piloto.

O professor Langley crê que combinando a potencia de ascensão do balão com a propriedade que tem o aeroplano de se sustentar no ar com as azas desdobradas, se poderá attingir altitudes maiores do que até hoje.

O aeroplano pode descer a terra com a ligeireza de um passaro,—augmentando-se ou diminuindo-se a provisão de gaz no balão, o que permite graduar o movimento descendencial e chegar até o rez do chão sem o minimo choque.

O novo aeroplano Langley custou cerca de 17.000 dollars.

Os americanos calculam que com a despeza de um milhão e meio de dollars construirão em pouco tempo um cento d'essas machinas aereas, que poderiam em pouco tempo destruir um exercito inteiro pelos meios que facilmente imaginam.

A America não tardaria a ficar senhora absoluta do universo e esta perspectiva enche de satisfação o tio Sam.

Infelizmente esta demonstrado que as grandes invenções não ficam muito tempo em segredo exclusivo do inventor.

Quando digo *infelizmente* é no ponto de vista yankee que me colloco.

Na realidade seria um beneficio incalculavel para a especie humana que o aeroplano Langley realizasse tudo o que d'elle se annuncia e fosse effectivamente um engenho formidavel capaz de destruir com mil vidas em um minuto.

A consequencia immediata d'este invento seria a supressão das guerras. Poder-se-hia desejar resultado mais providencial!

Primavera e Inverno

Qual ribeiro entre margens de verdura.
Tal nos corre da vida a primavera.
Mama tranquilla a sua lymphia pura;
O maior vento so de leve a altera;
Nenhuma nuvem lhe parece escura;
Quer seja rutilante o azul da esfera,
Quer se enlute de sombras e vapores,
Miram-se n'ella da campina as flores.

Mal cobre o leite a christalina veia,
Onde alvejan mil caudidas pedrinhas;
Junto das bordas quando menos cheia,
Ve'n' bicar as singelas avesinhas.
Pulando aqui, ali, na lisa areia;
Ou, dos ramos das arvores visinhas,
Fazem soar os módulos trinados,
Co'o o murmúrio das aguas ajustados.

Se ás vezes se escurece, quando passa
Por debaixo dos languidos salgueiros,
Ao sel depois fulgura com mais graça,
Multiplicada em tremulos luzeiros;
Se o curso breve estorvo lhe embaraça,
Ferve; borbulha; solta uns ais ligeiros;
Quêda-se por momentos indecisa:
E logo clara e placida deslisa.

Assim na quadra da florente idade,
Entre risos, prazeres, harmonias,
Do futuro sem medo á tempestade,
Vemos suaves decorrer os dias,
Sonhando gloria, amor e liberdade,
As penas esmalitando de alegrias
E revestindo até de extranho encanto.
A nossa propria dor, e o nosso pranto.

Mas como rio lugubre e profundo
E da existencia o desabrido inverno;
Nem flores margens, nem verdor jocundo,
Nem das aves sequer gorgeio terno,
Nada nos mostra no sombrio fundo;
Corre entre rochas, neve e gelo eterno,
Rochas que formam sobranceiros montes,
E nevoas que lh'encurta os horizontes.

Dest'arte, ao declinar, se escoa a vida
Por entre desenganos e tristeza,
Turva, da idade e lagrimas crescida,
Quão diversa da antiga natureza!
Da saudade nas brumas envolvida,
Do desconsolo e dissabores preza,
Vendo o passado, tão distante, perto,
E proximo de lida o termo certo.

De se queixar, de tudo fatigado,
Foge do mundo então, e não se queixa
O homem pelo mundo abandonado;
Antes, no coração o pranto fecha;
E o mundo de apparencias enganado,
Porque elle os magoas, resoar não deixa
Porque não sabe ler-lhe o fundo d'alma,
Negro, insubvel, o suppõe em calma!

Ah! se no abysmo penetrar podesse
Que tão mentida placidez encerra,
Ah! se o intimo fel lhe revolvesse,
Como a veria não em paz, em guerra,
E de vel-a talvez piedade houvesse!
Mas quanto, louco o meu juizo erra!
Que importa ao mundo baixo, leviano,
Vão, egoista, o sofrimento humano?

RAMOS COELHO.

Aventura engraçada

Sob a epigraphie «O doido e o commissario» narra *Le Malin* a seguinte que parece uma verdadeira historia de cebra cega:»

«Acaba de succeder uma aventura bem divertida a um commissario de policia de Paris.

Ha alguns dias, esse magistrado, cuja repartição esta situada em um bairro central, estava substituindo a um seu collega, de licença.

Na tarde d'esse mesmo dia trouxeram-lhe um pobre maluco, que tinha commettido um delicto de futil importancia.

O commissario ordenou aos agentes que soltassem o prisioneiro, mas, recomtando, mandou que lhe trouxessem.

Em primeiro lugar, convem notar que o commissario e o posto de policia são situados no mesmo predio: o primeiro no andar terreo e o segundo no primeiro andar.

Um dos inspectores do commissario desceu á rua e perguntou ao agente de plantão:

— Não viu sair um individuo sem chapéo, tendo o ar amulcado?

— Não; não vi sair viva alma.

— Então elle foi-se embora por ali, replicou o inspector. Vou tratar de reencontral-o.

E atirou-se a procura do maluco, que segundo seu caleo, não devia ter dobrado a esquina da rua.

Vendo que o inspector demorava em reconduzir-lhe o seu culpado, o commissario desceu por sua vez sem chapéo, a penna atraz da orelha.

O guarda de plantão segurou-o vigorosamente pelo braço;

— Vamos! alto lá! é preciso tornar a subir: o sabichão lá de cima tem ainda necessidade de vos fallar.

Pasmo do commissario que disse ao agente:

— Mas o doido que eu procuro, creio bem que sois vos. E' preciso tratar-vos, meu amigo.

— Sim, sim, essa cantiga é conhecida, replicou o agente zombeteando; mas a mim é que ninguém em' brulha.

Se V. não quer subir por bem, vou obrigar-o a subir pelo couro das costas.

O barulho da altercação fez sair do posto do cabo da guarda; este, por um acaso verdadeiramente extraordinario, tinha sido promovido na vespera e vinha de outra circumscripção.

Depois de se ter informado do que se passava, e convencido inteiramente de que o commissario era o verdadeiro doido, entendeu dever empregar um estratagemma, para sem usar de violencia obrigar o homem a tornar a subir ao primeiro andar.

Trocou com o agente um signal de intelligencia e disse ao magistrado, em um tom ironicamente diferente:

— Sr. commissario, vosso secretario vos roga subir immediatamente, pois ha um documento muito urgente que precisas assignar.

— Bem achado! bradou o guarda.

O magistrado, victima d'este burlesco quiproquo; entrou no seu gabinete acompanhado do cabo e do guarda.

Mas não pôde reprimir a colera quando ouviu o cabo dizer ao agente:

— Elle não tem o ar perigoso mas mesmo assim é preciso revistal-o e depois metel-o no xadrez de segurança.

Por felicidade o segundo inspector e o escrevente intervieram, fazendo comprehender aos agentes seu grosseiro equívoco.

O cabo e o agente ficaram de tal modo estupidos que apenas poderam pronunciar excusas incoherentes que o commissario, finalmente, muito divertido pela aventura, acolheu com inextinguiveis gargalhadas.»

MOLDES CORTADOS
TAMANHO NATURAL

N. 38—Vestido primavera 28000

Pelo correto mais 800.

SCIENCIA DE DEUS

(Conclusão)

Quanto aos seres sem futuros, elles nunca são futuros a seu respeito e nunca serão passados para elle, porque não ha, como já a discurvi, nem mesmo a sombra de passado ou de futuro para elle. Elle vem vê que na ordem que pôe entre as existencias limitadas que por seus limites são successivas, umas estão adiante, outras veem depois; elle vê que uma é futura, outra presente, e outra passada, pela relação que ellas têm entre si. Mas essa ordem que elle vê entre ellas não é para elle: tudo lhe é pois igualmente presente. A palavra *presente* mesmo não exprime senão imperfectamente o que em conceito, porque a palavra presente significa uma coisa contemporanea a outra; e, nesse sentido, não ha mais presente do que passado e futuro em Deus. Mas emfim, posto que se exprima imperfectamente a permanencia absoluta pela palavra de presença continua, pode-se dizer, com o caracter que

em acabo de notar, que tudo esta sempre presente a Deus.

O futuro que elle vê nessa especie de presença é um objecto que elle acha ainda em si mesmo. Es duas razões: 1.º elle vê as coisas segundo convem a sua perfeição vel-as; 2.º elle as vê, taes como ellas são em si mesmas.

Ve-as coisas segundo convem a sua perfeição vel-as. Quando eu vejo uma coisa, vejo-a, porque ella é: e a verdade do objecto que me dá o conhecimento do proprio objecto. Como esta verdade do objecto não é por si mesma, não é por ella, mas por aquelle que a fez, que eu fique intelligente. Assim é a verdade por si mesma que reluz nesta verdade particular e communicada; e esta verdade universal, digo eu, que me illumina. Mas emfim a verdade que é meu objecto esta fora de mim e é ella que me dá o conhecimento que eu não tinha; e é certo que o que eu chamo eu, que é um ser pensante, recebe uma luz ou conhecimento do objecto.

Não se dá a mesma coisa com Deus. Como elle e

por si mesmo que é tambem intelligente por si mesmo. Ser por si, é ser infinitamente, sem nada receber de outro. Ser intelligente por si, é ser infinitamente intelligente, sem nada receber de outro. Deus tem pois a intelligencia infinita, sem poder receber coisa alguma mesmo de seu objecto: seu objecto não pode pois dar-lhe nada.

Concluiremos d'ahi que Deus não vê as coisas, porque ellas são; mas que pelo contrario ellas não são senão porque elle as vê? Não, eu não posso entrar nesse pensamento. Deus não pensa uma coisa senão quanto ella é verdadeira ou existente. Elle a vê pois porque ella é real. E' verdade que ella não é real senão por elle. Se se toma seu pensamento e sua sciencia por elle mesmo, porque com effeito, sua sciencia não é nada distruido d'elle. seria preciso confessar nesse sentido que sua sciencia é a causa dos seres que são della objectos. Mas se se considera sua sciencia sob esta idéa precisa de sciencia, e tanto quanto ella não é senão uma simples vista dos objectos intelligiveis, é preciso concluir que ella não faz

NINON DE LENCLOS

Essencia druziga, que jamis cessa de renovar-se e rejuvenesce. Já passava dos 80 annos e conservava-se joven e bella, atrahendo sempre os pedregos de sua verdadeira beleza que rasgavam o arido tempo, cuja foce embriagava sobre sua encantadora physionomia, sem que nunca deixasse o menor traço. «Muito verde ainda» vin-se obrigando a dizer o velho rabugento, com a rapidez do fante d'uma d'uma das nvas. Este segredo, que avelhe e aegista a juventude e avelhe a quem quer que fosse das pessoas que ella tocava, descobriu-o o Dr. Leclos entre as folhas de um volume de *L'Histoire amoureuse des gaules*, de Gussy-Fabutin, que fez parte da biblioteca de Voltaire e é actualmente propriedade exclusiva da **PARFUMERIE NINON, MAISON LEONTE, Rue du 4-Septembre, 35, Paris.**

Esta casa tem-nos a disposição das nossas elegantes, sob o nome de **HERITAGE EAU DE NINON**, assim como as receitas que d'elle provêm, por exemplo, o

DUVET DE NINON

pó de arroz especial e refrigerante;
Le Savon Crème de Ninon
especial para o rosto que limpa perfeitamente a epiderme mais delicada sem alteral-a.

LAIT DE NINON

que dá alvura deslumbrante no pescoço e aos hombros. Entre os productos conhecidos e apreciados da **PARFUMERIE NINON** constam-se:

LA POUDE CAPILLUS

que faz voltar os cabellos brancos á cor natural e existe em 12 cores;

SEVE SOURCILLIERE

que augmenta, engrossa e bruna as pestanas e os supercilios, ao mesmo tempo que dá vivacidade ao olhar.

LA PATE ET LA POUDE MANDERMALE DE NINON

para finura, alvura brilhante das mãos, etc., etc.

Convem exigir a verdadeira e nome da casa e o endereço sobre o rotulo para evitar as embaixas e falsificações

PARFUMERIE EXOTIQUE E. SENET

35, Rue du 4-Septembre, 35, PARIS

MÃO DE PAPA de linque, de príncipe, por meio da **Pâte des Prélats**, que embranquece, alisa, assetina a epiderme, impede e destrúe os freiras e as rachas.

UM NARIZ PICADO de pequenas borbulhas ou com cravos torna a recuperar sua beleza primitiva e suas côres lisas por meio do **Anti-Bolbos**, producto sem igual e muito contrafeito.

CUIDADO COM AS CONTRAFACÇÕES

Para ser bella, encantar todos os olhos deve-se servir a **Fleur de Pêche** pó de arroz feito com frutas exóticas.

POUCOS CABELLOS

Para se obter o cerrado empregando-se o **Extrait Capillaire des Benedictins de Mont-Majella**, que tambem impede que aju e se percam os brancos.

E. SENET, Administrador, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

NÃO ARRANQUEM MAIS

os dentes estragados, e afide-os e branque-os com o **Elixir dentifrice des Benedictins de Mont-Majella**.

E. SENET, Administrador, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

Pastilhas e Xarope de Nafé

DELANGRENIER

excellentes peitoraes contra

TOSSE, DEFLUXO, BRONCHITE

As Pastilhas de Nafé são verdadeiros confeitos peitoraes de um gosto delicioso. Acalmam as irritações da garganta e do peito.

O Xarope de Nafé, misturado com uma infusão ou com leite quente, forma uma tisana muito calmante e muito agradável.

Esses peitoraes não contém substancia toxica e podem ser administrados com toda a segurança ás CRIANÇAS e muito particularmente contra a COQUELUCHE.

Escolha a marca verdadeira Delangrenier-Paris

São encontrados em todas as Pharmacias

Perfumaria extrafina

L.T. PIVER

PARIS

Corylopsis do Japão

SABÃO — ESSENCIA — PÓ DE ARROZ — OLEO
LOÇÃO VEGETAL — BRILHANTINA — COSMETICOS

Evitar as Imitações e Falsificações

O Tréfle incarnat

L. T. PIVER
Parfuma de Moda

Violettes de Parme

SABÃO — ESSENCIA — PÓ DE ARROZ
LOÇÃO VEGETAL — BRILHANTINA — COSMETICOS

Leite de Iris L. T. Piver

PARA A JUVENTUDE e BELLEZA DO ROSTO

A melhor e mais hygienica de todas as preparações para o toucador

Dentifricios Mao-Tcha

PÓ — PASTA E ELIXIR

PILULAS DE BLANCARD

APPROVAOAS PELA
ACADEMIA DE MEDICINA
DE PARIS

Resumem todas as
Propriedades
do IODO
e do FERRO.

40
Rua Bonaparte
PARIS



Estas Pilulas são de uma efficacia maravilhosa contra a **Anemia, Chlorose** e todos os casos em que se trata de combater a **Pobreza do Sangu**.

XAROPE DELABARRE (DENTIÇÃO)

Xarope sem narcotico **recomendado** ha ja 20 annos pelas **medicos**. Facilita a sahida dos dentes, evita ou faz cessar os **suffimentos** e todos os accidentes da primeira dentição.

Escolha-se o **Carimbo official** e a assignatura **Delabarre**.

FUMOZE-ALBESPEYRES, 78, Faubourg Saint-Denis, Paris e em todas as Pharmacias

PAPEL E CIGARROS ANTI-ASTHMATICOS de Bin BARRAL

Recomendados pelas **sumidades medicas**. Preparação multissimo efficazes para a cura da **ASTHMA, das OPRESSOES, das ENXAQUECAS, etc.** 15 ANNOS DE SUCCESSOS.

FUMOZE-ALBESPEYRES, 78, Faubourg Saint-Denis, Paris e em todas as Pharmacias.

NUNCA APPLIQUE-SE UM VESICATORIO SEM SE TER O

VESICATORIO DE ALBESPEYRES

o MAIS EFFICAZ e o MENOS DOLOROSO de TODOS os VESICATORIOS. Evita-se a **ALBESPEYRES** no LADO VERDE FUMOZE-ALBESPEYRES, 78 Faub. St-Denis, PARIS e em todas as PHARMACIAS

as coisas vendo-as, mas que ella as vê porque ellas estão feitas.

A razão que m'o persuade é que a idea de pensar, de conceber, de conhecer, tomada em uma inteira precisão, não encerra senão a simples percepção de um objecto já existente, sem nenhuma acção ou effi- cácia sobre elle. Quem diz simplesmente conhecimento diz uma acção que suppõe seu objecto e que o faz. E' pois outra coisa que pelo simples pensamento tomado nesta precisão de sua idea que Deus age sobre os objectos para tornal-os verdadeiros e reaes; e sua sciencia ou pensamento não os faz, mas os suppõe.

Como diremos nós que Deus nada recebe do objecto que elle concebe?

Pelos seguintes motivos: é que o objecto não e

cel-os senão por si mesmo e por sua vontade. Se elle considera sua essencia, nella não achará deter- nação alguma para viver: não achará nem sequer uma simples possibilidade: achará somente que não são impossiveis ao seu poder. Assim e em seu unico poder que elle acha sua possibilidade que nada é por si mesma. E' tambem em sua vontade positiva que elle acha sua existencia; porque, para sua es- sencia, ella não encerra em si razão alguma ou causa de existir; pelo contrario ella encerra em si necessa- riamente a não existencia. Elle nella não vê pois se- não o nada, e nunca pode achar a existencia de sua creatura senão em sua propria vontade, fora da qual o proprio objecto é nada.

Assim Deus não e esclarecido como eu por objectos exteriores, elle não pode ver senão o que elle fez,

sente em toda sua força e evidencia, me servira com a continuação para descobrir muitas outras.

Acabo de considerar como Deus vê os seres pura- mente possíveis e aquelles que devem existir em al- gunha parte do tempo. Resta-me examinar de que modo conhece elle os seres que se chama futuros con- dicionaes, isto é, que devem ser, se se derem certas condições e não de outro modo. Os futuros con- dicionaes que serão absolutamente, porque a condição a que elles estão ligados devem-se dar certamente, cahem manifestamente na cathogoria dos futuros absolutos. Assim em comprehendendo sem difficuldade que, como elles se datão absolutamente, Deus vê sua futurição absoluta, se assim me fosse expimir, na vontade absoluta que formou de fazer com que se desse a condição a que estão elles ligados.



NO PASSEIO PARA A IGREJA

verdadeiro ou intelligivel senão pela vontade de Deus. Este objecto não tendo o ser por si mesmo, é por si mesmo indifferente em existir ou não existir; o que o determina a existencia é a von- tade de Deus e é esta sua unica razão de ser. Deus vê pois a verdade deste ser, sem sair de si mesmo e sem nada pedir ao exterior. Elle vê a possibilidade ou essencia de tudo em seus proprios graus infinitos de ser, como já o explicamos por vezes; elle vê a existencia ou a verdade actual em sua propria vontade que é a unica razão ou causa desta existencia.

E' inutil perguntar se Deus não conhece os objectos em si mesmo: elle os conhece taes como elles são. Elles não são por si mesmos; elles não são senão por elle e por consequencia não é senão por elle que elles são intelligiveis; elle não pode pois conhe-

porque tudo quanto elle não faz actualmente não é.

A intelligibilidade de meu objecto é independente de nossa intelligencia e minha intelligencia recebe deste objecto intelligivel uma nova percepção. Não se dá o mesmo com Deus: o objecto não é objecto, não é verdadeiro e intelligivel senão por elle; assim é o objecto que recebe sua intelligibilidade e a intelli- gencia infinita de Deus não pode receber d'elle nenhuma percepção. Como tudo não é verdadeiro e in- telligivel senão por elle, para ver todas as coisas como ellas são, é preciso que elle as conheça pura- mente em si mesmo e em sua unica vontade que é a unica razão dellas: porque, fora desta vontade, e por si mesmas ellas nada tem de real nem por consequen- cia de verdadeiro e intelligivel.

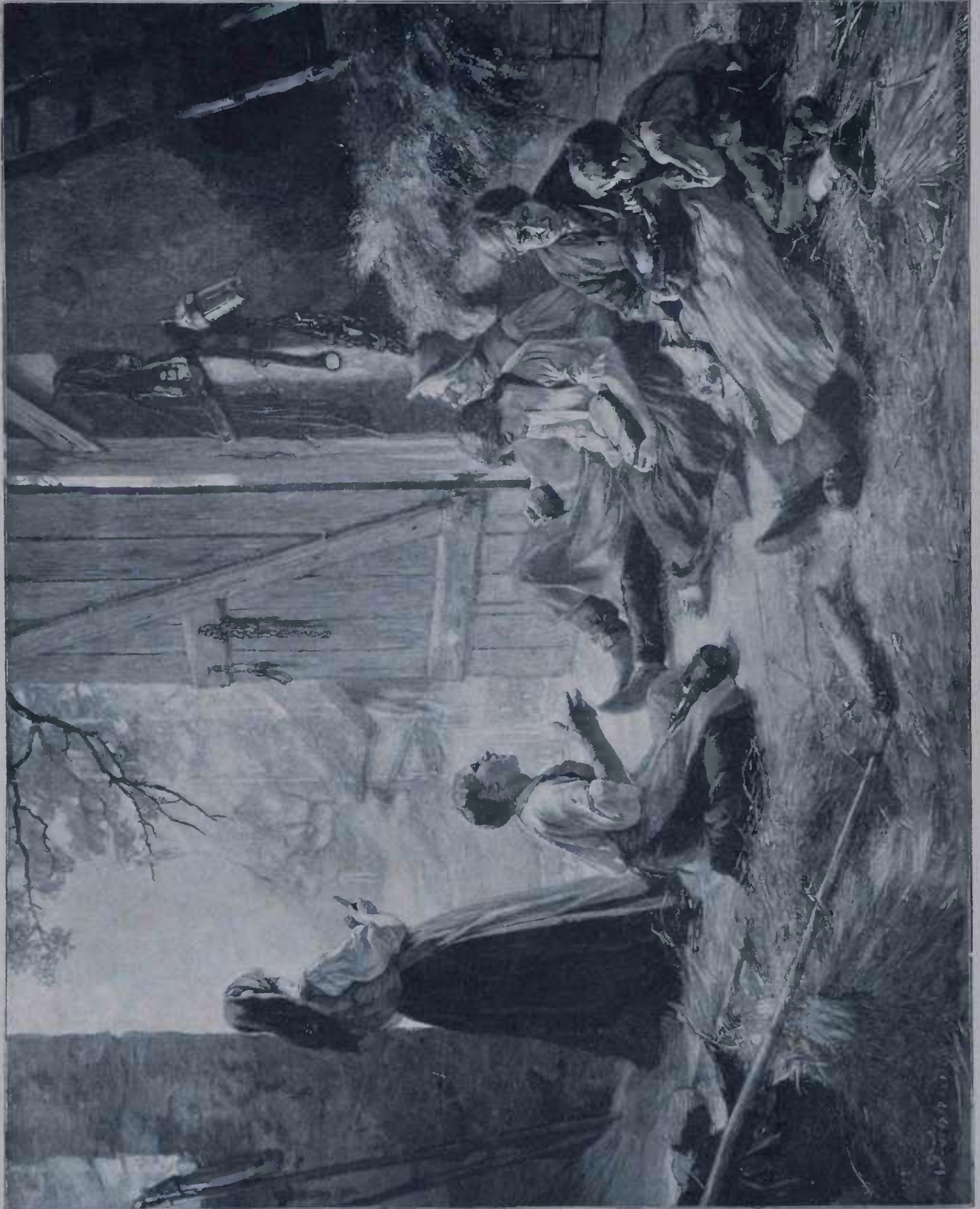
Nunca me encherrei de mais com esta verdade por- que prevejo que, se ella me estivesse sempre bem pie-

Para os futuros condicionaes cuja condição não se deve dar e que por consequencia não são absoluta- mente futuros, Deus não os vê senão na vontade que tinha de os fazer existir, supposto que se desse a con- dição de que dependiam. Assim, a seu respeito, pode- se dizer que elle não quiz nem a condição, nem o ef- feito que era a consequencia da condição: elle quiz somente ligar esta condição com este effeito, de sorte que um devia seguir-se ao outro; e em sua propria vontade que ligava esses dois acontecimentos possíveis que elle vê a futurição do segundo. Mas enfim elle não pode nada ver em sua propria vontade que faz o ser, a verdade e por consequencia a intelligibilidade de tudo quanto existe fora d'elle. Se elle não vê os seres reaes e actualmente existentes senão em sua pura vontade na qual elles existem, com mais forte razão não vê senão nesta mesma vontade os seres

condicionalmente futuros que, por falta da condição, não são absolutamente futuros e que portanto não tem nem existencia, nem realidade, nem verdade, nem intelligencia propria. Que devemos concluir de tudo isso?

de se accommodar com o que della pode tirar, depois de haver a voltado de todos os lados para ver qual o mais accessivel a sua acção. Compreendo pois que, longe de procurar baixamente a causa de suas vontades na previsão que teve dos futuros condicionaes, nos

vos pod'a enbaraçar? Vos não acfets nma coisa a outra porque prevejis o que ella deve ser senão o que sera, porque assim o quereis que o seja. Vossa escolha não bedee servilmente ao que deve acontecer: e pelo contar o esta esolha soberana, fecunda e



AO COMER O PAO DA TARDE

Que Deus não se determina a certa coisa de preferença a outra porque vê o que deve resultar da combinação dos futuros condicionaes? Seria attribuir ao ser perfeito duas grandes imperfeições: uma de ser esclarecido por sua propria obra que é seu objecto, em vez de ver em si só tudo, pois que e elle a luz e a verdade universal, a ontia de depender de sua obra e

diversos planos que formou de sua obra, muito pelo contrario não é permitido procurar a causa de todas essas litições condicionaes e de previsão que elle teve del os, senão em sua unica vontade que é a unica razão de tudo.

Não, meu Deus, vos não consultastes diversos planos a que fosteis obrigado a sujeitar-vos. Que é que

onnipotente que faz com que a coisa será o que ordenais que seja. Oh! como sois grande e como estais longe de ter necessidade de causa alguma! Vos a vontade não se medo por coisa alguma, porque ella so fez a medida de todas as coisas.

Não ha coisa alguma que seja condicionalmente ou absolutamente se vossa vontade não a chama e não a

Uma do nada absoluto. Tudo quanto quereis que seja, tem logo o ser, mas no gran preciso de ser que lhe designaes. Vos não podeis achar conveniencia alguma nas cousas, porquanto sois vos que fazeis todas: os objectos que conheceis nada importam em vós, ao passo que aquelles que eu começo a conhecer imprimem em mim e em mim fazem a percepção de alguma verdade que augmenta a minha intelligencia.

Quanto a vos, a infinita verdade, vos achais toda a verdade em vos mesmo. Os objectos creados, longe de vos dar alguma intelligencia, recebem de vos toda sua intelligibilidade e como esta intelligibilidade não esta nenão em vós, não e tambem senão em vos que a podeis ver. Vos não podeis vel os nelles, mesmos, elles nada são e o nada não e intelligivel: assim vos não podeis vel os senão em vós que sois a unica razão de existencia.

A força de serdes grande, sois de uma simplicidade que escapa a meus olhares successivos e limitados. Quando eu suppusse que haviais creado mil mundos duraveis para uma serie innumeravel de seculos, seria preciso concluir que vós, tubeis visto o todo de um só golpe de vista em vossa vontade como vedes com a mesma vista todas as creaturas possives em vosso poder que e vos mesmo. E' um espanto de meu espirito que o habito de contemplar-vos não diminue. Não posso habituar-me a ver-vos, o infinito simples, acima de todas as medidas pelas quaes meu fraco espirito e sempre tentado a medir-vos. Esqueço sempre o ponto essencial de vossa grandeza; e por isso recaio no estreito circuito das cousas limitadas! Perdoae esses erros, o bondade que não sois menos infinita que todas as outras perfeições de meu Deus; perdoae os balbucios de uma lingua que não pode se abster de vos louvar e o desfallecimento de meu espirito que vos não fizestes, senão para admirar vossas perfeições.

FENELOR.

CHRONIQUETA

25 de Janeiro de 1900.

Tivemos uma greve, mas sem grandes consequencias, como alias tem sido todas as greves no Brasil. Como já estou convencido da mansuetude dos nossos habitos, pouco me inquietei quando uma bella manhã vi a cidade sem carros nem carroças, e os raros bonds, que appareciam, guardados por praças da brigada policial armadas ate os dentes.

Embora correndo o risco de ser tomado por subversor, eu, o cidadão mais pacato que o coo cobre, direi as minhas amaveis leitoras que sympathizo muito com as greves, com tanto que tenham razão, isto e, que sejam realmente um protesto e não um pretexto.

Parece entrar pelos olhos que, sem razão plausivel, não ha ninguém que deixe de ir para o trabalho ganhar com que comer e dar de comer a familia; mas o facto e que as greves não passam muitas vezes de manejos de especuladores politicos ou financeiros.

Quando representam, effectivamente um protesto contra a maldade, o egoismo, a prepotencia, a injustiça, o abuso da auctoridade, etc., são necessarias e uteis. Neste paiz, onde infelizmente o povo tudo supporta com a mesma resignação philosophica do boi caminhando para o matadouro, as greves produzem um bom effeito moral, porque são, não ha negar, um symptoma da energia de consciencia, que nos falta.

Esta vez os cocheiros tinham e não tinham razão. Uma das nossas folhas diarias publicou, a qual la lettre, um regulamento policial que exigia delles não se pesados injustos em dinheiro, como e foi esta a ligilha que excitou o incendio — a obrigação de terem os retratos na policia, como se fossem malfeteiros.

Quando o governo e a policia declararam terminantemente que o tal regulamento era uma pura fantasia, o cocheiro voltou para a holsa, e o burro, o melancolico burro, que foi o tertio canal — desta questão, metten-se resignadamente entre os varres da carroça.

Resultado da greve: Janão e chefe de policia o Dr. Brasil Silveiro, que volta a dirigir o Instituto dos Cegos, onde não ha regulamentos, que produzem greves, nem barulhentos que protestem contra a sua auctoridade.

Tem agradado muito as condescencias de Eva Canel, escriptora hespanhola que ha dias e nossa hospede. Escripções illustres dizem todas as fadas, mas eu confesso que pela primeira vez ouvi pronunciar o seu nome, o que, alias, não admira, porque, agora para nos, brasileiros, não ha no mundo outros escriptores alem dos francezes.

De Eva Canel pode se dizer o mesmo que se dizia com referencia a São Thomaz: faz o que elle diz, não faças o que elle faz. Essa dama intelligente, instruida e verbosa e contra a mulher litterata, e anda pelo mundo a fazer conferencias litterarias... Em t do o caso, fal-as com talento, com brilhantismo, e sem sombras de castridade, o que lhe tem valido gentes sympathias e unanimes applausos.

Em nome da Estação, periodico de senhoras, cumprimento com muito respeito a Eva Canel.

Falleceu em Napolis Americo de Campos, o velho jornalista de S. Paulo, que alli exercia as funções de consul brasileiro. Era um homem simples e honrado, que se fingia politico e prestava, effectivamente, muitos serviços a propaganda republicana, mas só teve duas paixões: a musica e as flores. Poriam essas paixões amaveis e inoffensivas a causa do seu exilio voluntario na terra das flores e da musica.

ELOY, O HERÓE.

THEATROS

Rio, 25 de Janeiro de 1900.

O dramalhão A mendiga de S. Sulpicio, em scena pela companhia Dias Braga no theatro Variedades, está fazendo o mesmo que fez a Bexigaosa, isto e, dando umas em cheio e outras em viço.

A peça tem os elementos necessarios para agradar a platea dos sabalhos e dumingos, e não está mal representada, principalmente pelas atrizes Adelaide Continho e Bemvinda Canelo.

A empresa Moreira Sampaio, que parece empenhada em fazer figurar no seu repertorio todas as peças de Feydean, acaba de pôr em scena, no Recreio, o Alluave de senhoras, comedia em 3 actos, que, tendo sido escripta por aquelle autor quando contava apenas 3 annos, não e, todavia, o seu peor trabalho.

Essa comedia ja tinha sido representada, ha um bom par de annos, no theatro Lucinda, mas estava inteiramente esquecida. E' engraçada e turbulenta; mas não nos parece no desempenho dos papeis se distinga outro artista alem de Olympia Montani.

Conforme noticias publicadas nas folhas diarias, a mesma peça esta agora em ensaios tanto no Recreio como no Variedades; e, na rua Pigalle, vaudeville de A. Hissou. No Variedades sera representada a peça apenas traduzida, e no Recreio uma adaptação de Orlando Teixeira, intitulada Aua dos Arcos n. 115. Decididamente os nossos empregarios não se emendam nem a mão de Denis Padre!

Continua em ensaios no Apollo, para inauguração da companhia de comedias e operetas organizada por Acacio Anunes, a burleta em 3 actos A vinda Clark, original do nosso collega Arthur Azevedo, musica de Costa Junior.

A nova empresa funda grandes esperanças na sua peça de estreia.

N. Y. Z.

Novidades Musicas

Recebemos e agradecemos: FADO PORTUGUEZ, musica de D. F. Gonzaga e letra de Esculapio, pian e canto.

ULTIMAS NOVIDADES MUSICAS

Grande estabelecimento de pianos e musicas

DE

Fertim de Vasconcellos, Morand & C.

147, Rua do Ouvidor, 147

- Americano, pas de quatre de J. eis ... 1\$500
Ben sei que tu me desprezas com poesia, 1\$500
Horboletas, quadrilha de E. Couto ... 1\$500
Adejos, schottisch grande successo, de C. Marques ... 1\$500
Arridos de Suiha, polka (3ª edição) de J. Cunha ... 1\$500
Cubana polka de J. G. Christo ... 1\$500
Desvaneco, valsa de A. Cavalcanti ... 1\$500
Engrossa, lundin (com letra, 2ª edição) ... 1\$500
Esanmu, valsa de C. Marques ... 1\$500
Garinda, schottich de O. Lacarda ... 1\$500
Juracy, valsa de B. Nunes ... 1\$500
Lof, pas de quatre grande de C. Marques ... 1\$500
Meus olhos como, valsa (com letra) 1ª edição de O. Carneiro ... 1\$500
Monte Christo, valsa egua de Kotlar ... 1\$500
Nirvana, valsa de Oscar Carneiro ... 1\$500
Minha querida, successo) valsa de A. E. Costa ... 1\$500
Ninas toreras, valsa de A. Cavalcanti ... 1\$500
Papai, mamãe, valsa de J. Barros ... 1\$500
Sempre constante, valsa de A. Kellef ... 1\$500
Os teus olhos me se luzem (successo) valsa de Evora Filho ... 1\$500
Triste como eu ... ed. J. valsa de Evora F. ... 1\$500
Ultramontana, valsa de C. Marques ... 1\$500

Remettem se encomendas para o interior juntamente com o b. inde mensal que a casa offerece.

147, RUA DO OUVIDOR, 147

Casa Lombaerts

A mais antiga agencia de assignaturas

PARA JORNAS ESTRANGEIRAS LIVRARIA

A. Lavignasse Filho & C.

PROPRIETARIOS DO JORNAL DE MODAS

A ESTAÇÃO

que se publica a 15 e 30 de cada mez.

A Estação tem 20 annos de existencia, publica magnificos figurinos, colatides, folhas de moldes, numeros desenhos, finalmente tudo quanto e respeito ao vestuario para senhoras e crianças, bem como aamil objectos de adorno das casas. O texto e tão claro tão explicito, que qualquer senhora, mesmo sem grande pratica de costura, pode utilizar os moldes, os figurinos, os desenhos, etc., realisando assim uma grande economia.

A Estação publica em todos os seus numeros um supplemento litterario, com gravuras, que se por si vale o preço da assignatura e nunca menos de quatro supplementos musicas por anno.

Nenhuma outra publicação similar dispõe dos elementos com que conta A Estação para servir as seus numerosos assignantes, cuja lista augmenta de anno para anno.

PREÇO DA ASSIGNATURA

Table with columns: 12 mezes, 11, 10, 9, 8, 7, 6, 5, 4, 3. Sub-columns: CAPITAL, INTERIOR. Values range from 26\$000 to 8\$000.

7, Rua dos Ourives, 7 RIO DE JANEIRO

M. me Gazzaniga & M. lle Bier

COM ATELIER DE COSTURAS

28 — Rua Gonçalves Dias — 28

(SOBRADO)

Encarrega-se de Lutos,

Envioaes para Casamentos

e todo e qualquer trabalho

concernente a sua arte

RIO DE JANEIRO

Advertisement for CRÈME SIMON. Includes an image of a woman and a product jar. Text: 'CRÈME SIMON PARA conso var ou dar ao rosto FRESCURA MACIEZA MOCIDADE. Para proteger a epiderme contra as influencias perniciosas da atmosphera, e indispensavel adoptar para a toilette diaria o CRÈME SIMON. Os PÓS de Arroz SIMON e o SABONETE Crème Simon, preparados com glicerina, a sua acção benéfica e tão evidente que não ha ninguém que o use uma vez que não reconheça as suas grandes virtudes. J. SIMON, 36, Rue de Provence, PARIS PHARMACIAS, PERFUMERIAS e lojas de Cabelleiros. Desconfiar das Imitações.'

A casa de um dramaturgo

O comboio que me leva a Beiras é o calhambeque mais velho e ordinario da companhia. Tem um silvo agudo e penetrante, d'ebulção ascensional, que põe crises de nervos nos mais temperados cavalheiros da carruagem. Ha uma dama, ao fundo mirrada e quasi verde, que vai u'um rufio d'omoplatas sobre as taboinhas do douto do assento. E' que o comboio vai n'um tal tamborinar de mollas, n'uma vibração tão desordenada e incommoda, que não ha attitúde capaz de corrigir os resaltos do nosso desgraçado corpinho. Eu vou ha que tempos a tentar ler uma novella do tragico Dostoievski, mas não tenho meio d'acertar os olhos com a successão das linhas impressas: desisto. Pouho-me a mirar o exterior Pilhas de madeira; barcos descarregados carvão que varinas enfarruscadas trazem as fabricas, — o pé muito leve e o braço a dar que dar, — em gigas atulhadinhas, por um canhão negro e lozido d'ulhua pizada; barracões miseraveis cobertos de breu; trechos do rio, coalhalos de sol dourado. Depois um gazometro baço, estúpido, preto com um hornio, ao pé da graciosa e insinuante Torre de Belem, que vai n'uma agonia lenta soffrendo as decomposições chemicas da vizinhança.

Do outro lado um ninho de miseraveis em barracões de lona, esfarrapadas e snjas com os mil casos sensacionais da feira, e quasi a neio um principio do monumento a Albuquerque a emergir da orla do tapume. Depois os torraões dos Jeronymos com uma linda côr de marfim no azul glorioso do ar: muros de quintaes, trazeiras de casas, predios reles e monotonos.

O rio a direita, por baixo de taludes da rocha parece adormecido: é uma planura d'agua deusa e esverdinhada, com pequenas linhas de espuma, aqui e alem, a flutuarem. Para acoila, uma grande barra de corvoas amarelladas e esbatidas com microscopicas pvoações na margem.

Agora Pedrouços e logo adiante Algés surgem, cheinhas de barracas listradas e grosseiras num grande aconchego, entre cordas estendidas de calções e roupas a enxugar, n'uma promiscuidade de cores desbotadas.

A linha é toda a beira rio. Num jardim do lado crianças de bibe e grandes chapéis de palha, acocoradas, brincam com a terra; D'afundo acaba de passar orgulhoso do seu aquario estucado, e começam logo a apparecer chalets horribes com nomes de creaturinhas christãs deixando ver pelas persianas abertas salinhas confortaveis, interiores de familia, casas de costuras onde meninas de penteador e cabellos cabidos fazem hordados que hão de espantar a burguezia da capital.

Cruz Quebrada, Caxias... ha esta o pobre forte desmantelado!

O comboio interna-se pela terra, o rio não se avista e passam campos sem cultura, silenciosos, ao sol. Em Paço d'Arcos temos demora: ha aqui perto de vinte mennas systematicamente vestidas de saia escura, blusa clara, cinturão, palmas e véo, que levam uma eternidade a embarcar na carruagem. São tolas feias, — as vinte, louvado Deus! Feias e sardentas...

Mas ca estou, finalmente, em Santo Amaro! O comboio deixa-me tonto e ainda a trepidar sobre o apeadeiro: palpo-me e noto com alegria que, apesar do fandango de vicarias em que vin pelo canhão, ainda as tenho *in loco*. Do alto da collina que vou trepando vejo o Bugio, como um carimbo a meio da barra, muito marcada na transição rapida de um verde amarellado para o azul retinto, com açoites de espuma no entrechoar das ondas phosphorescentes.

Passada a igreja, entra-se logo na ruazinha onde mora o Lopes de Mendouça. Subo os degraus a pino da escada e encontro-me na casa de entada, que é sala de visitas, casa de jantar, gabinete de costura e bibliotheca ao mesmo tempo. Ha uma grande luz em tudo que me rodeia. Além no ponal da janella, a mais nova das filhas trabalha n'uma teuda complicada, com um montão de bilros sobre o tamborete, o resto

das peripecias da viagem. O Vasco, muito crescido e forte, está preto e brunido do sol...

Ao lado ha um nicho onde mal cabe uma pessoa e é onde o querido amigo trabalha. D'ahi saiu esta maravilha de peça que ha de ser representada na epoca que esta a porta. Venho acabar de ouvir ler. E o poeta que está disposto a aturar-me, dá-me a hora deliciosa d'esse dia, desvendando-me a sua obra, chama-se *Amor louco*, de um proverbio que diz: «Amor louco, eu por ti e tu por outro!» É a peça e isto apenas, sem sahir dos dominios do titulo, mas com uma intensidade e um brilho extraordinario. Theatral do arcaiboico ao detalhe, com uma decoração impressionante de aspectos tragicos da natureza e de interiores curiosissimos da nossa terra, com todo o original e pitoresco da meia borda de agua, a peça de Lopes de Mendouça ha de impor-se ao artista e ao publico. É uma bella obra, honesta e grandiosa, levada habilmente de acto para acto, num crescendo de dôr e de amargura até ao torturante acabamento, dado com um grande pulso de artista n'uma nota de contraste, que foi um primoroso achado. Quasi faz pena ver trabalhar assim para indolentes e cabotinos!...

Vae a leitura quasi no fim quando apparece esse bon e lyrico D. João da Canara, outro que a nossa invejosa terra não merecia!

...Repicam os sinos alegremente chamando á precisão; de longe, chegam-nos sons desafinados de trombones... E as ultimas scenas acabam de ser lidas e eu nem sei o que dizer da peça tão assombrado fico!

E então que algem se levanta a propor-nos o espectáculo comico das cavalhadas, enquanto não chega a hora da fome para o jantar. Ca fora alastra-se um arrayal, com arcos de luxo e bandeirolas sujas.

E ao passar no largo, com muito sol e muita gente, tenho tentações de chegar a ponta do cigarro á grande peça de fogo de vista que ostenta em valverdes e bichinhas o glorioso grito de «Viva Oeiras», tal e qual como o Pinturinhas fez no memoravel Passeio Publico, em certo festivo domingo de verão, mesmo ao lado do empresario Souza Bastos, que promovia a festa.

MANOEL PENTEADO.

(Do *Journal de Commerce*, de Lisboa.)

Romeu e Julieta

— Adeus!... disse uma voz ao meu ouvido...

Tudo acabou para nós dous agora!

— Adeus! adeus! minha celeste ajuora!

Soluçaram meus labios num gemido...

— Sofri sem treguas por te haver seguido

Oh! noivo meu! nas illusões de outra hora...

Tem piedade do mal que me devora...

Mata-me á luz do teu olhar querido!

Ah! palavras da morte!... atroz saudade

D'aquella que vou á eternidade

Levando por mortalha o meu conforto...

Dai vida ao luto das tristezas minhas,

Vinde ao meu coração... como andorinhas...

Batei as azas neste ninho morto!

LUIZ GUIMARAES (filho)

Pela sciencia

A TELEGRAPHIA

Os jornaes scientificos assignalam uma verdadeira revolução na telegraphia.

Acabase de fazer, em Budapesth, em presença do inspector dos telegraphos mandado pela administração franceza, experiências que merecem a attenção. Os Srs. Pollak e Virag combinaram um novo systema telegraphico, que possui uma velocidade de transmissão verdadeiramente excepcional: 40, 50, 80 e 90 mil

palavras por hora. É uma maravilha de rapidez e a cousa é muito simples.

Os inventores tiveram a idea de servir-se, como receptor, do telephone. O aparelho transmissor e via emissoes de correntes positivas e negativas successivamente. Essas emissoes accionam na chegada uma placa telephonica. As vibrações da placa são amplificadas por um artificio que vamos indicar e pntadas aos olhos sobre papel, só resta ler. A placa telephonica vibra depressa, como se sabe: a utilização rapida da corrente positiva e negativa faz ganhar tempo, de sorte que, finalmente, telegrapha-se precisamente tão depressa como se falla.

Tal é o principio. Examinemos summariamente os detalhes. Um despacho qualquer deve primeiramente ser traduzido em signaes como um systema Morse. Sómente, aqui, os pontos e traços do codigo Morse são transformados em V e Δ invertido.

Lêem-se tambem como se fossem pontos ou traços; e questão de uma hora de exercicio. Depois, como em outrosapparelhos telegraphicos conhecidos, uma machina perfura a tira em que estão traçados os signaes, de modo a deixal-os completamente a descoberto. A tira é levada e applicada a um cylindro gyrotorio. Duas escovas metallicas apoiam-se sobre ella, uma para os V e outra para os Δ invertidos, de modo que ha contacto entre as escovas e o rôlo metallico a cada cote dos signaes.

A corrente positiva pôde desde então passar por uma das escovas e a negativa pela outra; d'ahi essas duas correntes, cada vez que se lhes abre assim a porta, vão ter ao fio de linha. Tal é o manipulador.

Colloca-se o telegramma sobre o aparelho, o cylindro gyra e o despacho corre a linha.

A' chegada, a corrente penetra no receptor telephonico. O positivo attrahe a placa do telephone de um lado, o negativo de outro. A placa sob essa dupla influencia, oscilla e vibra. Porém essas oscillações são tão pequenas, que não poderiam ser utilizadas directamente. Fixa-se no centro uma pequena haste metajica. Se esta haste fosse cumprida, claro é que, no momento em que a placa é impellido para a frente pela corrente, sua extremidade, formando grande braço de alavanca, se deslocaria sensivelmente. Pode-se, porém, fazer cousa melhor e empregar-se o systema já usado na telegraphia sub-marina. A' pequena haste da placa prende-se um espelho minúsculo, o qual se illumina por uma lampada. O raio luminoso é reflectido pelo espelho, e o menor desvio d'esse espelho produz um grande deslocamento da extremidade do raio.

Concebe-se, por conseguinte, como a oscillação da placa telephonica determina uma orientação nova do espelho, a qual traduz-se por um deslocamento apreciavel da extremidade do raio de luz. Ora, este raio projecta-se sobre um cylindro rotativo, tendo papel photographico. A cada oscillação da placa o pincel luminoso marca sobre o cylindro gyrotorio uma curva em V ou Δ invertido correspondente ao signal transmittido, positivo ou negativo. Resta unicamente revelar o papel photographico e lêr os signaes e as palavras.

Por este systema transmittir-se-ão a 1000 kilometros de distancia, por meio de dous fios de bronze de alta conductibilidade, 80,000 palavras em uma hora. Em 25 minutos conseguiu-se transmittir o conteúdo de 100 paginas de jornaes, representando 40,000 palavras. Com o apparelho Hughes actual, um telegraphista bastante pratico tern gasto n'esse trabalho 30 horas; e no telegrapho Morse mais de 3 dias e 5 noite de trabalho continuo. Obtem-se, pois, com a combinação dos srs. Pollak e Virag velocidades até hoje desconhecidas.

Este invento, que opera uma revolução radical em telegraphia, não deixa de ser accusado de ter ás suas desvantagens, entre os quaes avulta a da multiplicidade das operações que soffre o telegramma, desde a sua expedição até ser recebido pelo destinatario, e de ser rapido demais para ás necessidades do tempo, bastando hoje para attender a todas as exigencias de presteza o telegrapho geralmente empregado, de Baudet, que dá os telegrammas impressos em caracteres typographicos.

Em todo caso, esse invento é bastante enhehoso e occupa um logar saliente entre as invenções originaes de nosso tempo.

A CONFESSADA

G. CRESPO

Estava lánda assim, ajoelhada,
Amorrendida com suave gesto,
Cabeça baixos, e um sorriso modesto
De seus lábios na curva immaculada!

O urso e a carriça

O lobo andavam um bello dia de braço
Ar pelo bosque. Nisto ouviram o canto
Do rei lobo, disse o urso, — quem é que
bem?
— das aves, — respondeu o lobo: — é pre-
mental-o.
Carriça que estava cantando.
— caso, — disse o urso, — S. Magestade deve
palacio, diz-me onde e. — Não é tão facil
o lobo: devemos esperar pela rainha,
do passelo
acabava de fallar, appareceram a rainha
ido que vinham com uns bichinhos no
filhos. O urso ia para os seguir quando o
agarrou n'uma perna e lhe disse,
— mos que elles saiam!

— Não comemos nem um só bocadinho do que
vocemecês nos trazem em quanto o urso não for cas-
tado.
— Não tardará, respondeu
— até a toca do urso, gritou:
porque é que fostes insultar
alhir-te cara a brincadeira,
guerra: esta declarada en-

— Comadre raposa tens fama de esperta e de la-
dina serás tu o general.

— Com muito gosto respondeu a raposa—mas
qual será o signal por onde nos havemos de gular?
Como o urso não lhe respondeu, nem nenhum dos
outros a raposa fallou assim:
— Ora ouçam cá: tenho a cauda, como sabem,
muito grande e felpuda; muito bem, enquanto eu a
conservar no ar, vocês caminham para a frente, e si-
gnal de que as cousas vão correndo razoavelmente,
mas se eu a abaixar, isso indica que a historia não
cheira bem e então pernas para vos quero, e tratar de
cada um se por ao fresco!
O mosquito foi o que quiz ouvir. D'ahi a pouco a
carriça sabia tudo.
Apenas rompeu a aurora, todos os bichos, o burro
o boi, o cabrito e os outros todos correram para o
campo da batalha, e iam tão depressa que a terra toda
tremia
A carriça appareceu tambem nos ares voando com
o seu exercito que zumbia, que mettia medo.
Quando os dous exercitos se avistaram, a carriça
disse ao moscardo:

Compadre moscardo, pousa na cauda da raposa
e espeta-lhe o ferrão com toda a força...
O moscardo assim o fez. A primeira ferroadada a
raposa estremeceu, mas não abaixou a cauda; a se-
gunda abaxou um pouquinho, a terceira não pôde
mais, metteu a entre as pernas e desatou a fugir, a
gemer, e a gritar com dores.
Os animaes assim que viram general fugir, larga-
ram tambem a correr sem haver quem possesse ter
mãos n'elles! Quem ganhou a batalha foi pois a car-
riça e o seu exercito.
O rei e a rainha das aves voaram logo para o ni-
nho e gritavam de longe para os filhinhos:
— Vencemos, vencemos; toca a beber e a comer
com alegria!
— Não senhor, não comemos nem bebemos emquan-
to o urso não vier pedir nos perdão do que nos disse.
A carriça foi ter com o urso, e disse:
Sabes que mais, velho resmungão? tens de vir
commigo, pedir desculpas a meus filhos do que lhe
disseste. Se não vens e já, depois não te queixes!
O urso foi muito humilde, pedir desculpa aos fi-
lhos da carriça, que deram n'esse dia um grande ban-
quete a todas as aves.
Os passarinhos apezar de pequenos venceram
animaes muito maiores que elles; ninguém deve abu-
sar de seu tamanho, nem de sua força.

GONÇALVES CRESPO.

O VIZIR

Não derribes meus cedros, murmurava
o genio da floresta, apparecendo
adeante d'un vizir. — Não eu juro
punir-te cegamente. E no entanto,
o vizir derribou a santa selva.
Alguns annos depois, foi condemnado
ao cutello do Algor. Quando encostava
a cabeça febril no duro sepo,
recuou, aterrado: Eternos deuses,
Este sepo é de cedro. E sobre a terra
a cabeça rolon, banhada em sangue.

FAGUNDES VARELLA.

Mozaico

Nota de um philosopho: Se fosse feita uma esta-
tistica exacta, estou certo que resultaria que os bailes
matam muita mais gente que as balas.
A mulher de Matreino é doida por animaes
Certa occasião, de volta de uma estação balnear,
perguntou á creada, assim que chegou á casa:
— Não esqueceste de dar de comor a os bichinhos
durante a minha ausencia?

— So um dia, ao gato. Mas elle comen o papagaio,
e os canarios!
No confissionario:
— Accuso-me, sr. padre, de pintar o rosto.
— Mas com que fim faz isso, minha filha?
E' para parecer mais formosa.
Poz os oculos o confessor, olhou-a com attenção e,
vendo que era a mais feia creatura do mundo, disse-
lhe com tola a ingenuidade.
— Pois continu, filha, continue, que esta ainda muito
longe do que desejas.
Num consultorio:
— O doutor lá na minha terra disse que isto era
molestia de pelle.
— Sim, é na pelle.
— E disse tambem que eu devia fazer uso das aguas
— Das aguas, e certo.
— Mas que aguas sea doutor?
— Qualquer, contanto que esfregue bastante sabão

Conselhos a um menino

Não ha nenhuma profissão em que não haja fla-
gello, não ha nenhum operario que não tenha o seu
perigo mortal. Não te fallo só dos vidreiros cujos
olhos podem ser queimados pelo fogo das fornalhas;
dos telhadores que podem ser precipitados de cima
dos telhados; dos pedreiros que podem ser esmagados
debaixo de uma pedra; dos cavouqueiros, que podem
ser mutilados por una explosão; dos mineiros que po-
dem perecer em um desmoronamento; dos carpinte-
ros, que podem ser esmagado por um andaime. Não
te fallo dos mil ferimentos que todo o dia produz o
manejo desses temiveis utensilios, causa de mil mo-
lestias, de fadiga e de privações que traz o excesso
d'esses rudes trabalhos...
Não!... não nos occupamos senão dessas prohi-
ções pacificas em cujos utilissimos productos tocamos
a cada instante... Estás vendo a esta janella esse
lindo panno da Persia?... Os operarios que o fabri-
cam estão sempre sob a influencia de um terrivel mal,
a tísica. Os que trabalham em papeis pintados são
ameaçados de envenenamento pelo arsenico; os pia-
tores de casas, de envenenamento pelo chumbo; os
fabricantes de espelhos, de envenenamento pelo mer-
curio; os que trabalham em crystaes morrem quasi
sempre de molestias pulmonares; os fabricantes de
pregos dourados, paralyticos; as mulheres empregadas
no enovelamento dos casulos de seda vêm seus dedos
crivados de ulceras; os que trabalham no fabrico de
phosphoros perdem muitas vezes as gengivas e os
dentes aos pedaços; emfim, os artistas que o emprego
das machinas parece furtar a acção das substancias
maleficas acham um inimigo mais terrivel nas suas
propias machinas; seus corpos machucados, seus
membros esmagados por essas terribes rodas, au-
gmeutam o sanguinolento capitulo ao martyriologio
dos homens do trabalho. Portanto, bem vés, esse bem
estar que te cerca é feito de dores, essa elegancia
bem simples que te encanta é feita de miserias!...
Pensa sempre sobre isso, para te lembrares de
todo o que te impõe o teu titulo de privilegiado. Não
te deites nunca sobre o teu leito sem te lembrares
d'aquelles que fabricaram e que talvez a essa hora não
tenham um para repouso; não te agasalhes nunca
com esses finos tecidos sem lembrares que talvez suf-
fram frio os que fabricaram; emfim, povôa o teu pe-
queno quarto de todos os amigos desconhecidos que
prepararam um retiro para o teu trabalho, um abrigo
para os teus prazeres; pensa algumas vezes
em teu pai que tanto tem pensado em ti, e de-te
esse recito una eterna lição de piedade, de gratidão
e ternura.

MOLDES CORTADOS TAMANHO NATURAL

N. 23—Sala moderna..... 1\$000
Pelo correio mais 300.

Scena infantil

Cabria a tarde triste e chuvosa, como o são as tardes hibernas.

A rua deserta parecia adormecer nas meias sombras d'uma noite proxima, lavada pelas grossas enxurradas do inverno opportuno e benéfico.

Os mistérios da profissão do Sr. Leandro chamavam-no a certo bairro distante, e por este motivo não teve mais tempo a perder; tomou o guarda-chuva e a capa foi serviço de um momento, e logo botou-se o homem na rua a passos largos, absorbo na indagação indefinida do que havia e do que lhe queriam. Leandro sabia muito bem que o homem e captivo do trabalho como meio licito de garantir a subsistencia, e porque o trabalho é o mais interessante factor da conservação da saúde e do equilibrio do espirito.

Em casa ficou D. Luiza, a esposa leal eterna. Como de habito, acompanhou o esposo até a porta na preocupação constante de suavisar-lhe a semsaboria e d'ahi recomendo-lhe que voltasse cedo.

— Bem cedo, sim?... e quando co'o o tempo.

Cumprimentaram-se e enquanto elle partia ella foi observando da janella até ver extinguir-se o seu perfil a luz que do lampião da esquina se abria em leque sobre a rua.

Em seguida foi ao piano, dedilhou distrahida, mas correctamente. *La donna è mobile* e d'ahi se ficou en-

saiando exercitios caprichosos e de posições difficilissimas, numa dedicacão paciente e penosa.

E os pequenos? Sim, a estes vamos encuntrar no gabinete de estudos do seu papa.

Arnaldo abandonou a grammatica e tomando o siphão que ate alli esteve cuidadosamente guardado a um canto da mesa de trabalho de Leandro, cuidou de preparar uma porção da agua artificial de Seltz.

Senelhaunamente como muitas vezes vira o papa praticar, tratou de deitar no vidro certa quantidade de agua.

Em seguida, tomou numa e lliêr, distributivamente, duas partes de bicarbonato de soda e uma de acido tartarico, que com auxilio de um separador e um pequeno funil introduziu no bujo superior do vidro, fechando o hermeticamente.

Mas, o Arnaldo esqueceu-se de transportar um pouco do liquido do bujo inferior para o superior, afim de obter a dissolução dos dois corpos.

E demorou-se o rapazito a esperar que a agua ficasse carregada do gaz acido carbonico.

A cada instante ria-se, intimamente satisfeito da maneira facil e tranquilla com que podia dar curso a sua traquinada clandestina.

Ninguém o incommodava.

Em tempo veio a creta que acendeu uma lampada, e sem mais cuidados retirou-se a dar cumprimento aos seus deveres.

Edmundo, o irmão mais moço, enquanto Arnaldo trabalhava com o siphão, e apesar de constantes observações de seu pae tão extremos, procurava insistentemente desarrólar um vidro de acido phenico compromettendo-se sem consciencia a ser victima de uma queimadura pe'o terrivel corrosivo.

Repetidas vezes, Leandro, todo cuidadoso e previdencia, despertara a attenção d'aquelles traquinias, prevenindo-lhes de que não tocassem no vidro rotulado com a palavra *Phenol*; pois que, bastava uma gotta do liquido que alli se continha para queimar a parte por elle attingida, branqueando a pelle e produzindo uma resicacão imminente.

— Por isso, cuidado, meus filhos, cuidado; e não vos arrepentidas si vos trahir a tentação da vossa mobservancia.

Mas não; os meninos na maioria das casas zombam dos conselhos dos paes, e muito principalmente quando não comprehendem a natureza do perigo que provocam contra a sua pequenina pessoa.

Edmundo como que prescrutinava a má consequencia do seu brinquedo; mas nenhuma força reagente se erguia alli contra a vontade ainda não domesticada, contra o dictame da consciencia ainda inculta.

D'ahi comprehende-se a desvantagem que resulta do permittido agrupamento das creanças em determinados lugares, onde fazem brinquedo, sem uma testemunha de vista que possa bradar contra a desinvol-

NINON DE LENCLOS

escarnea di ruga, que jamais ouso manchar-lhe a epiderme, já possuiva dos 80 annos conservavase joven e bella, tirando sempre os pedacos da suociedade lupistica que rasgava á carada tempo, cuja foice embutavase sobre sua encantadora physionomia, sem que nunca deixasse o neutro trapo. «Muita verde ainda!» via-se obrigado a dizer o velho rubicundo, como a raposa de Lafontaine diziu das uvas. Este segredo, que a celebre egoista nunca jamais confiava a quem quer que fosse das pessoas daquelle época, descobriu-o o Dr. Leconte entre as folhas de um volume de *L'Histoire amoureuse des gaules*, de mess. Labruin, que fez parte da bibliotheca de Voltaire e é actualmente propriedade exclusiva da **PARFUMERIE NINON, Maison Leconte, Rue du 4-Septembre, 11 a Paris.**

Esta casa tem na á disposição das nissas elegantes, sob o nome de **FERTILE EAU DE NINON**, assim como as receitas que d'ella provêm, por exemplo, a

DEUET DE NINON
pó de arroz especial e refrigerante;

Le Savon Crème de Ninon
especial para o rosto que limpa perfeitamente a epiderme mais delicada sem altera-la.

LAIT DE NINON
que dá alvura deslumbrante ao pescoço e nos hombros. Entre os produtos concelhidos e apreciados da **PARFUMERIE NINON** conta-se:

LA POUËRE CAPILLUS
que faz voltar os cabellos brancos a cor natural e existe em 12 cores;

SEVE SOURCILIERE
que augmenta, engrossa e firme as pestanas e os supercilios, no mesmo tempo que dá vivacidade ao olhar.

LA PATE ET LA POUËRE MANODERMALE DE NINON
para humra, alvura brilhante das mãos, etc., etc.

Convem exigir e verificar o nome da casa e o endereço sobre o rótulo para evitar as emulções e falsificações.

PARFUMERIE EXOTIQUE E. SENET
35, Rue du 4-Septembre, 35, PARIS

MÃO DE PAPA de linque, de principio, por uicio da **Pâte des Prélats**, que embranquece, clia, asseca a epiderme, impede e destrúe as frieiras e as rachas.

UM NARIZ PICADO de pepenas, de borbillas ou com travos torna a re-aperar a sua bran-ura piritica e suas côres lisas por meio do **Anti-Bolbos**, produto sem igual e muito contrafeito.

CUIDADO COM AS CONTRAFACÇÕES

Para ser bella, encantar todos os olhos leve-se servir da Fleur de Pêche pó de arroz feito com frutos exóticos.

POUCOS CABELLOS
Fazem-se crescer e cerrados empregando-se o **Extrait Capillaire des Benedictins du Mont-Majella**, que tambem impede que caiam e que liquem brancos.

E. SENET, Administrador, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

NÃO ARRANQUEM MAIS
os dentes estragados, se não os arranqueiros com o **Extrait dentifrice des Benedictins du Mont-Majella.**

E. SENET, Administrador, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

Racahout
DELANGRENIER

Alimento Completo
agradavel, leve e facilmente assimilavel

O verdadeiro RACAHOUT dos ARABES Delangrenier é o

Melhor alimento das Crianças
desde a idade de 7 a 8 mezes, e principalmente no periodo do desmamar.

TAMBEM é recomendado as mães quando dão de mamar, aos convalescentes, aos anemicos, aos velhos; em resumo, todos os que precisam de fortificantes.

Exigir a marca verdadeira
DELANGRENIER-PARIS

É encontrado em todas as PHARMACIAS

VINHO DE CHASSAING
DIVERSIVO
Recellado ha 30 annos
CONTRA AS AFFECÇÕES DAS VIAS DIVERTIVAS
Paris, Avenue Victoria nº 6.

PHOSPHATINE FALIÈRES

A "PHOSPHATINA FALIÈRES" é o mais ampoloso e o mais recomendado alimento para crianças desde a idade de 6 a 7 mezes, principalmente quando começam a ser desmamadas e no periodo de crescimento. Facilita a dentição e concorre para boa formação dos ossos.

PARIS, AVENUE VICTORIA Nº 6 E NAS PHARMACIAS

PRISAO DE VENTRE
Laxativo certo, do **Dr. SOULIGOUX**

PARIS, AVENUE VICTORIA Nº 6 E NAS PHARMACIAS

Perfumaria extrafina

L.T. PIVER
PARIS

Corylopsis do Japão
SABÃO — ESSENCIA — PÓ DE ARROZ — OLEO
LOÇÃO VEGETAL — BRILHANTINA — COSMETICOS

Evitar as Imitações e Falsificações

O Trefle incarnat
L. T. PIVER
Perfume de Moda

Violettes de Parme
SABÃO — ESSENCIA — PÓ DE ARROZ
LOÇÃO VEGETAL — BRILHANTINA — COSMETICOS

Leite de Iris L. T. Piver
PARA A JUVENILIDADE e BELLEZA DO ROSTO
A melhor e mais hygienica de todas as preparações para o touador

Dentifricios Mao-Tcha
PÓ — PASTA e ELIXIR

HOUBIGANT
PERFUMISTA
da RAINHA d'INGLATERRA e da CORTE da RUSSIA
PARIS

AGUA HOUBIGANT
SEM RIVAL PARA O TOUADOR

AGUA de TOUCAOOR Royal Houbigant.
AGUA de COLONIA Imperiale Russe.

EXTRACTOS PARA LENÇOS: Violette Ideale, Royal Houbigant, Peau d'Espagne, Moskari, Iris blanc, Le Parfum Imperial, Moika, Muguet, Gaillet Rouge, Imperial Russe, Elix Idane, Hehotrope Idane, Fougere Royale, Gloriana, Jasmin d'Espagne, Cuir de Russe, Giroflee, Corydalis, Bouton d'Ir, Sunrise, Rucoee.

SABONETES: Ophelia, Peau d'Espagne, Violette ideale, Fougere Royale, Lait de Thridace, Royal Houbigant.

PÓS OPHELIA, Tahisman de Belleza.
PÓS PEAU D'ESPAGNE.
LOÇÃO VEGETAL, para os Cabellos.
PÓS ROYAL HOUBIGANT.

PERFUMARIA ESPECIAL MOSKARI



NO LAGO DO REI

tura plena, contra a travessura que entre ellas sempre lavra a socapa.

*

O relógio marcava sete horas e tres quarto.

Na sala de visitas plenamente illuminada o piano gema, o nora, o Pielido da Travata; e Luiza assim bnhada em ondas de luz e de harmonia aguardava, resignada, a volta de Leandro sem de algum modo pensar no que então se occupavam os pequenos.

A espaços de tempo ouviam-se minas vibrações metallicas, uns tenidos que vinham lá do interior: eram os talheres, copos, pratos postos a mesa de jantar, ou as collierilhas que a creada distribuía pelas chicanas enfileiradas no aparador.

No gabinete a luz da lampada se difundia serenamente sobre os objectos, que projectavam sombras no soalho e nas paredes, algumas alongando-se poita a lora.

A estante ali estava de um lado pejada de livros de múltiples formatos.

De outro lado, um esqueleto humano sobreposto a um columna de madeira, todo pintado com os dentes em pupos minuculos: frontal occipital, clavicular, omoplata, rotul, etc.

Sobre a mesa, além de diversos y dios, um vaporizador, um aspirador pequeno, um stethoscópio, um embryotomo, um lacto densimetro, tesoiras, serras, etc.

Arnaldo poz na cabeça o bonet do Sr. Leandro, pintou-se de bigodes, molhando o dedo na tinta de escrever, e de mãos unidas pelo dorso começou a andar na sala a passos retardados, monologando imperceptivelmente.

— Muito bem! Estais remedando o papá, hein, Sr. Arnaldo? e estridou uma gargalhada argentina que Edmundo não pode conter, apreciando os toques de ridiculo que matizavam a figura comica do seu irmão.

— Cala-te si não queres perder o gosto de provar a gazoza.

Nova gargalhada explodiu repentinamente na franca expansão da mais inoffensiva zombaria, da mais innocente chausa.

— Sim meu doutor, mas me pareceis mais um soldadinho de chumbo...

Riram-se ambos.

Leandro, que já havia chegado, após algumas palavras trocadas com D. Luiza, perguntou pelos pequenos e foi surpreendido-os no seu gabinete.

— Menino, disse Arnaldo para Edmundo, agora vais ver qual a influencia do gaz acido carbonico... como li diz o papá...

— E quem lhe mandou fazer isto, replicou Leandro da porta, risinho.

Os dois liscaunos ficaram tomados de surpresa: e Arnaldo escondia os bigodes com as mãos, enquanto Edmundo occultava atropelladamente, accessado pelo medo, numa precaução alvar, o acido phenico já diffuso pela mesa em estreitas litas transversaes.

Leandro, comprehendendo, correu a pegar o pequeno. Porém, este mal soffrera; o chale de seda da mamã, como que procurou enxugar o acido e occultar o seu delicto, estava striado de largos traços, marchetado de laivos negros, porque o verniz da mesa largara facilmente alli.

E Arnaldo, de bonet mettido ate as orelhas, escondia, aturdido, os bigodes com as mãos.

ESTAÇÃO GOMES.

DESAMORAVEL

Sente, ás vezes, amor o tigre hircano;
Piedade inspira o tímido leproso;
E arrebatado e fero criminoso
Acha perdão n'um regio peito humano;

Do ether e dos mundos soberano
O sol ao lyrio humilde e perfumoso
Dá pet'las do setim mais primoroso
Aos maos perdões Deus o mal e o damno.

Sómente o meu olhar em vão procura
No teu olhar um laivo de piedade
Que ponha termo a minha desventura!

Mas tu, com requintada crueldade,
Tu, vaidosa de tua formosura,
Pretendes mais amor que a Divindade!

A. AZAMOR.

A Oração

Nada ao ser humano acontece no decurso da sua existencia, senão porque Deus o permite.

Pae de infinito amor e misericordia, Elle sómente quer o bem para seus filhos.

E se tudo quanto nos acontece, e porque Elle o permite; pois que o que Elle não permite não pôde absolutamente acontecer; devemos nos ficar tranquilos na convicção de que e para nosso bem que Deus o permitto.

Assim, todos os que supponmos desastres e infortunios que nos succedem na nossa transitoria existencia, não são se não beneficios que o seu amor nos proporciona para a eterna felicidade do nosso espirito immortal.

Por isso, em vez de blasphemar quando um grande soffrimento nos accommette, nos devemos antes agradecer o ao Bom Deus, que assim nos está testemunhando a sua omnisciente providencia para commoço.

Na profunda ignorancia em que estamos do que nos e verdadeiramente util, muitas vezes succede que usando e abusando da liberdade que Deus concede ao nosso espirito de querer tudo quanto nos apraz, lhe pedimos e rogamos teimosaente que nos conceda a satisfação de gosos que lhe desagradam pelas penosas consequencias que em sua omniscencia prevê, e ás quaes nos quer poupar.

E quando, cedendo a teimosia das nossas preces, Elle nol-os concede, ainda assim o seu amor se nos manifesta na justiça com que confirma a liberdade que concedeu ao nosso espirito de querer até o que lhe desagradava e nos é nocivo, e na lição, que nos permite, de adquirirmos pela nossa propria experiencia o conhecimento do que nos é util.

E assim que devemos entender o sentido da seguinte parabula que o Divino Mestre propoz aos seus discipulos, quando estes lhe pediram que os ensinasse a orar.

S. Lucas capitulo XI.

5. . . «Se qual-quer de vós tiver um amigo e for ter com elle a meia-noite, e lhe disser: Amigo empresta-me tres pães.

6. Porque um amigo meu araba de chegar a minha casa de uma jornada, e não tenho que lhe pôr diante.

7. E elle, respondendo-lhe de dentro, lhe disser: Não me sejas importuno, já esta fechada a minha porta, e os meus creados estão como eu tambem na cama; não me posso levantar a dar t'os.

8. E se o outro perseverar em bater, digo-vos que no caso que elle se não levantar a dar-l'hos por ser seu amigo, certamente pela sua importunação se levantará e lhe dará quantos pães houver mister.

9. Portanto eu vos digo: Pedi, e dar-se-vos-ha; buscae, e achareis; batei, e abrir-se-vos-ha.

10. Porque todo aquelle que pede, recebe; e o que busca, acha; e ao que bate, se lhe abrija.

11. E, se algum de vós outros pedir pão a seu pae, acaso dar-lhe-ha elle uma pedra? Ou se lhe pedir um peixe, dar-lhe-ha elle, por ventura, em lugar do peixe, uma serpente?

12. Ou, se lhe pedir um ovo, por ventura dar-lhe-ha um escorpião?

13. Pois se vós outros, sendo maus, sabeis dar boas dadas a vossos filhos, quanto mais o vosso Pae Celestial dará bom espirito aos que lho pedirem.

Vi-se, pois, que o Divino Mestre, ensinando os seus discipulos a orar: — Pae nosso que estás nos céus, santificado seja o teu nome. Venha a nos o teu reino. Seja feita a tua vontade, assim na Terra como no Céu. — lhes deu, com a citada parabula e as reflexões de que a seguia, a comprehender que somente nas preces d'essa oração devem consistir todas as supplicas ao nosso Bom Pae Celestial; pois que todas as que d'ellas exceedem procedem do mal.

O amigo que fora de horas chega a nossa casa e a quem desejamos dar o pão que não temos, mas que a vaidade de ostentarmos o que não possuímos nos obriga a ir importunar aquelle que cremos nosso liberal amigo, outra coisa não significa se não o mau desejo que nos entra no coração de gozarmos o que não é util nem licito, e que nos induz a rogar insistentemente a Deus que nol-o satisfaça. E que Deus, vendo na nossa insistencia a cegueira da nossa ignorancia, não tanto por ser nosso amigo, como por nos querer abrir os olhos do entendimento, nos dá quanto houver-mos mister para a nssa edificação.

E nas reflexões das dadas dos paes aos filhos quiz Jesus demonstrar que ainda mesmo permitindo-nos pela nossa importunação aquillo de que nos resulta soffrimentos, nem por isso Deus deixa de manifestar-se ao Pae amoroso, dando-nos com essa edificação o bom espirito que precisamos.

E ainda em relação a insistencia de pedir, affirmando que: ao que pede, dá-se; o que busca, acha; e ao que bate, abre-se-ha, nos dá o Divino Mestre a conhecer a força poderosa da vontade quando, robustecida pela fé, e perseverante no seu querer, faz-nos com que até o proprio Deus nos permita o que não e do ag ado da sua infinita bondade; mas que Elle e needs para a nssa instrução, tal é a grandeza do seu amor e justiça!

E, pois, evidente em, de todos os males que padecemos em nossa transitoria existencia, som's nos proprios os promotores, e que Deus, em sua omnisciente providencia, os permite em beneficio do nosso espirito immortal, que Elle quer que seja pericito para sua eterna felicidade.

E, portanto, para que esse aperfeçoamento nos seja menos doloroso, nós não devemos querer senão a que for da vontade de Deus, que em sua sabedoria minima melhor conhece o que nos e util, e confiar.



A VOVÓ CONTA HISTÓRIAS AOS NETINHOS

mos plenamente no seu immenso amor, não orando se não como Jesus ensinou aos seus discipulos; pois que n'essa oração está sabiamente resumido tudo quanto a Deus podemos e devemos dizer e pedir.

E se bem assim o comprehendemos e se firmos, e igualmente o praticarmos, encontraremos na tranquillidade da nossa alma o melhor testemunho de que a Providencia Divina vela constantemente por nós.

E que tudo quanto d'essa Providencia nos provém, não nos é por Ella permitido, se não para preparar-nos maior sollimento, tanto n'esta transitoria existência, como na vida eterna do immo espirito, que o bom Pai Celestial quer que seja Bemaventurado.

VICTOR A. VIEIRA

Mozaico

O defeito intellectual mais commum é a falta de juizo. A sociedade, em geral, não ignora so a educação do juizo, mas tambem ate essa ignorancia.

O teu vulto gracioso
Por toda a parte eu deviso
E's tu o meu coo ditoso
Ou es o meu paraizo?

Num lago de jrendas:

—Ali vae una barquinha carregada de... P, diz uma senhora.

—Phosphoros! brada o cavalheiro que fica mais proximo.

—Ih! phosphoros com p, que grande tolice, exclama uma morena.

Na Photographia Bastos:

—Em que posição quer vossa senhoria que o retrate?

—Em pé, com um livro na mão, de modo que se veja que estou lendo em voz alta as Rimas sem arte, do Correia de Azevedo.

A VIDA

FERNANDO CALDEIRA

Abri meus olhos ao raiar da aurora
e parti. Veiu o sol e então seguia,
a sombra que eu julgava guardada,
a minha propria sombra fugida.

E foi subindo o sol; a meio dia,
escondeu-se-me aos pés a sombra;
e agora, se volto o olhar onde passoi outr'ora,
vejo a seguir-me a sombra que eu seguia.

A gente é sol d'um dia; sobe, avança,
passa o zenth e vae na immensidade
apagar-se no mar onde se lança...

E a vida e a propria sombra; meia edade
somos nos que a seguimos e a «esperança»,
depois segue-nos ella e é a «sauidade».

CHRONIQUETA

Rio, 8 de Fevereiro de 1900.

Decididamente não é preciso ser nenhum Pangloss, para reconhecer que estamos n'um paz ideal. O quadro horroroso da incrível mortandade produzida pelo calor na população de Buenos-Aires, deve ensinar-nos a supportar com mais resignação as inclemencias da temperatura. Já é uma consolação dizer-se que no Brasil ninguém morre de calor nem de frio.

A hora em que escrevi estas mal traçadas linhas, as cigarras cantam, e o seu canto chama-se aquillo canto! que produz o effeito da chiadeira de uma grelha onde a humanidade inteira se estivesse assando; entretanto, se a chaleur est soufflant como se conta-va outr'ora no Alazar, o estado sanitario é excellent, e tivemos um Janeiro que dispensava Petropolis, Friburgo e outros pontos de villégiatura.

O ultimo janeiro do seculo XIX ficara registrado com letras de ouro nos annaes meteorologicos do Rio de Janeiro. Deveriamos erguer-lhe um monumento, em cujo pedestal os nossos posterios lessem:

AO MEZ DE JANEIRO

1900

OS CARILHAS RECONHECIDOS

O Dr. Cezario Alcibi, prefeito do districto federal, zangou-se com o Ministerio dos Negocios Litterarios e com a Directora de Saude Publica, e deu a sua de missão, sendo substituido pelo notavel jurista consulto Dr. Coelho Rodrigues, que goza da fama de ser um homem ás direitas.

O Dr. Cezario Alcibi, se não deu um traço humnoso da sua passagem pela prefeitura, foi, pelo menos, um funcionario escriptuloso e digno, que mais não fez porque mais não ponde fazer.

E real mente coisa muito difficil administrar os negocios municipaes sem aquillo com que se compram melões, e cercado por uma nuvem de devotos do venha-a-mos.

Veremos o que faz o Dr. Coelho Rodrigues. Deus o illumine!

Não quero enfastiar as formosas leitoras d'A Estação com os escandalos da apuração eleitoral, digno complemento das proprias eleições; prefiro recomendar-lhes o novo livro de versos de Li. Lopes, o autor d's C. Inimicos, dos Brancos, de Simão Faria e de outras ve-lhinas farrasas.

O novo livro tem a thezoso titulo de Val de Jureus, e é digno dos precedentes.

Pello Wengartiner, o grande pintor lazarero, de passagem de Roma para Porto Alegre, demorou-se alguns dias nesta capital, e expoz na galeria Cam-larso cinco telas, duas das quaes o collocam definitivamente a par dos artistas mais emdeados da Europa.

Que esta seja na exposição de arte nos conole dos theatrinhos das casas de choppes e dos cafes cantantes que vão, ao que parece, invadindo os nossos costumes.

Um morto - Rangel de S. Paulo, zeloso e honrado empregado de fazenda, que consagrou grande parte da existencia ao cultivo das bellas-letras, conseguindo sobresahir da multidão dos litteratos anonymos.

Foi um bellissimo character; deixa a melhor lembrança na coação dos seus amigos, que eram muitos

ELOY, O HEROE.

THEATROS

Rio, 8 de Fevereiro de 1900.

Continuemos na ultima chronica, foi exhibida em dous theatros, no Recreio e no Variedades, a comedia em 3 actos, de Alexandre Bisson, 115, rue Pi-galle.

No Recreio a peça foi adaptada a scena brasileira por Orlando Teixeira, que lhe poz o titulo de Rua dos Arcos n. 100, e no Variedades traduzida por Machad-o Correia, que conservou o titulo original, Rua Pisgalle, 115.

Da traducção nada temos que dizer; da adaptação diemos que o trabalho de Orlando Teixeira é bem feito, embora os personagens da peça e o meio em que esta se desenvolve não se prestem absolutamente a uma translatação.

Tanto n'um como n'outro theatro o desempenho dos papeis teve altos e baixos, — mais baixos do que altos. O publico brilha pela ausencia tanto na praça Tira-dentes como na rua do Espirito Santo. Esta prova-do que os fluminenses emlirram com o annuncio da mesma peça em dous theatros.

A empresa do Variedades já annuncia para hoje o Castello do Diabo, dramalhão em que apparecem, depois de longa ausencia, a actriz Apollonia Pinto, e no Recreio já tivemos hontem uma das mais engri-gadas comedias de Labiche, — Dese-se dizer? Infelzimente a peça, que exige grande harmonia na repre-sentação, resentou-se da falta de ensaios.

E assim vae o theatro nesta capital, que a pouco e pouco esta sendo invadida pelo cafe cantante e pelos theatrinhos das casas de choppes.

E o dubito não pouco arredado para a fundação do celebre Theatro Municipal dorme nos cahes da Intendencia a espera da boa vontade de um pre-fecto que tenha a alguma conta a arte dramatica.

Que fareo Dr. Coelho Rodrigues?

Esta em ultimos ensaios, no Apollo, a burleta em 3 actos e 2 quadros A vinda Sarah, do nosso collega Arthur Azevedo, musica e Costa Junior.

Ha grande anxiedade pela peça, que vae ser bem representada e com muito muito luxo e propriedade de en-cenação.

N. Y. Z.

Novidades Musicas

Recebemos e agradecemos

E. Bevilacqua & C., Sothernino, musica de J. Queiroz.

M.ª Gazzaniga & M.ª Bier

COM ATELIER DE COSTURAS

28 — Rua Gonçalves Dias — 28

ESCRIBATO

Encarega-se de Lutas,

Encarregas para Casamentos e toda e qualquer trabalho

converente a sua arte

RIO DE JANEIRO

Casa Lombaerts

A mais antiga agencia de assignatura

PARIS
JORNALS ESTRANGEIROS
LIVRARIA

A. Lavignasse Filho & C.

PROPRIETARIOS DO JORNAL DE MODAS

A ESTAÇÃO

que se publica a 15 e 30 de cada mez.

A Estação tem 21 annos de existencia. Publica magnificos figurinos coloridos, folhas de moldes numeroes desenhos, finalmente tudo quanto diz respeito ao vestuario para senhoras e crianças, bem como aos mil objectos de adorno das casas. O texto é tão claro tão explicito, que qualquer senhora, mesmo sem grande pratica de costura, pode utilisar os moldes, os figurinos, os desenhos, etc., realisando assim uma grande economia.

A Estação publica em todos os seus numeroes um supplemento litterario, com gravuras, que so por si vale o preço da assignatura e nunca menos de quatro supplementos musicas por anno.

Nenhuma outra publicação similar dispõe dos elementos com que conta A Estação para servir aos seus numerosos assignantes, cuja lista augmenta de anno para anno.

TREÇO DA ASSIGNATURA

Table with 3 columns: Period (12 mezes, 11, 10, 9, 8, 7, 6, 5, 4, 3), CAPITAL, INTERIOR. Values range from 26\$000 to 8\$000.

7, Rua dos Ourives, 7

RIO DE JANEIRO

CALLIFLORE

FLOR DE BELLEZA

Pós adherentes e invisiveis

Grças ao novo modo porque se empregam estes pós comintem no rosto uma maravilhosaa e delinada belleza e deixam um perfume de exquisita suavidade. Alem dos brancos, de notavel pureza, ha outros de quatro matizes diferentes, Rachel e Rosa, desde o mais pallido até ao mais colorido. Poderá pois, cada pessoa escolher a cor que mais lhe convinha ao rosto.

PATE AGNEL

Amygdalina e Glycerina

Este excellent Cosmetic branco e amacia a pelle, preserva-a do Cieiro. Irritações e Comichões tornando-a avelludada; pelo que respeita as mãos, dá solidez e transparencia ás unhas.

AGNEL, Fabricante de Perfumes, 16, Avenue de l'Opéra, Paris.

En nas suas seis Casas de venda por mundo nos barrios mais ricos de Paris

Advertisement for NEUROSINE PRUNIER. Includes text: Reconstituinte geral do Systema nervoso, Neurasthonia, Debilidade geral, Anemia Phosphaturia, Enxaquecas. CHASSAING & Co. Paris, 6, Avenue Victoria.

PROTOPTEROS

DESCONHECIDOS NA EUROPA

O Muséo de Historia Natural do Jardim das Plantas de Paris recebeu a pouco tempo, do Congo, uma caixa com grandes torrões de lodo que, foram lançados num tanque.

No dia seguinte viam-se neste, peixes completamente desconhecidos na Europa, ou, para melhor dizer, do publico, porque, delles ja tinham noticias os homens da sciencia. Este facto estranho causou admiração em todos os frequentadores do Jardim das Plantas, suppondo que se tratava de um caso de geração espontanea. Nunca ahi se viram semelhantes peixes, apparecidos de um momento para outro.

O peixe em questão pertence á classe anormal dos «protopteros». Vive nos rios e nas lagoas.

Quando estas seccam, no estio elle mette-se no lodo e, rolando com o corpo, forma em volta de si um involuero, dentro do qual se encerra como a crysalida dentro do capucho. Ahi se conserva durante todo o tempo da secca, havendo uma suspensão temporaria da vida do animal.

Cahem as primeiras chuvas as lagoas enchem, o lodo amolece, e os peixes principia logo a nadar. Foram torrões de lodo tirados do fundo das lagoas secca, do Congo, que os Directores do Muséo do Jardim das Plantas mandaram vir, para por esse meio estranho se transportar para França esta especie rara e curiosa de peixes, que offereceu á sciencia objectos tão digno de estudo e de observação. O involuero é forrado com um «mucus» abundante que o peixe segrega em volta de si. Estes «protopteros» vivem bem em aquarios, mas é preciso isolal-os, porque vindo-se em espaço tão estreito, devoram-se uns aos outros.

O frade arengueiro

OR
O POETA DE NABREGAS

Da-se actualmente na litteratura dramatica portugueza um proprio renascimento. Os autores ja consagrados pelo publico, estão buscando para protogonistas, assumpto e meio das suas produções, personagens accentuadamente nacionaes, factos da nossa historia, uzos e costumes do nosso paiz.

Para a época do theatro D. Amelia, que começa, estão destinados originaes do grupo completo dos escriptores que nestes dias colhem os lauros d' theatro nacional, e todos elles seguiram essa abençoada orientação.

Este facto trazia agora, naturalmente, a talhe de fonte, a deducção da moral que ha a tirar do problema economico da *litter-concurrencia*, applicada á exploração das nossas scenas dramaticas; e por consequencia, a recente reforma do nosso intitulado *theatro normal*. Abstenho-me, porém, voluntariamente de encetar esse capitulo, que reservo para occasião opportuna, e mais demorado estudo do que um artigo de jornal.

Entreos originaes portuguezes que o publico applaudirá em breve, disseram-me que se ha de notar o de uma opereta em que um dos autores mais queridos das nossas platéas, o Sr. Eduardo Schwalbach, apresentara o typo, eminentemente portuguez; de Frey João de Nossa Senhora, uma das figuras mais populares da Lisboa do tempo de D. João V, e conhecido pelas alcunhas de: *poeta de Nabregas*, e de *frade arengueiro*.

Esta escolha, muito acertada, dara de certo a um escripto para quem o theatro não tem segredos, como o Sr. Schwalbach, o ensejo de fazer uma peça alegre, que se torne agradável a grande maioria dos que no theatro preferem encontrar uma compensação das tristezas e cuidados da vida, mas que tenha além d'isso o grande merecimento litterario de representar com verdade uma das mais interessantes épocas da nossa historia.

O reinado de D. João V, tão cheio de coisas grandes e de coisas pequenas, tão magnanimo, sob varios aspectos, tão mesquinho sob outros, tão litterario e tão anajphalato, tão religioso e tão livre, é d'aquelle que, para ser tratado no theatro, com a forma dra-

matica, apresenta escabrosidades dificeis de fazer passar ante o publico, quando se não queira faltar á verdade.

Mas tratado no dominio da comedia, tem, na sua frivolidade, no accentuado sabor litterario-poetico do tempo, nas galas que ostentava, no galanteio em que se expandio, a vastidão, a propriedade e a riqueza de uma verdadeira mina.

E d'essa mina, um dos blocos mais valiosos que se podem extrahir e apresentar, como amostra, é de certo o poeta de Nabregas. Trazido para a scena, e posto a brilhar, com o concurso do encanto poetico da época que representa, e a animação da musica de opereta, este personagem ha de agradar e captivar forçosamente o publico, como lhe agradava o celebre Frey Martiniano do *Pepe Hillo*, leigo e toureiro, a quem, na traducção que o chorado Fernando Palha fez da graciosa zarzuela, o famoso espada, protogonista da peça, descreve nesta bella tirada:

Que leigo aquelle !
O seu gosto
Era montar num garrano
Pegar num pampilho
E guardar tour-s :
Todo o anno
A quatro mezes limia :
Maio, junho, julho e agosto.
Nesses mezes,
Quando a praça
De espectadores regorgita,
Entra o leigo,
Que febril percorre o circo,
E sobraça minha capa
E minha espada.
Rompe infernal assuada :
Com ademan senhoril,
Faz tres venias
A' terceira,
Transpõe soberbo a trincheira,
E passa uma tarde inteira
Sentado sobre o touril,
Sem que taja,
Nem que miya.
Nem que a ninguem de cavaco,
Como se fóra uma coruja
De dia, no seu buraco !



Frey João de Nossa Senhora não era positivamente um frade toureiro, mas era um typo eminentemente popular, figura obrigada na paizagem da Lisboa de D. João V, mais popular do que Pinto Brandão, o improvisador por excellencia dos outeiros nos contos dos conventos, mais do que o Corregedor Bacalhau, e do que o celebre Thome Rodrigues Terra, por alcunha o Campolide, dono da estalagem da rua de S. João, em que se reunião os poetas, as franças e os pealtas do tempo.

Era uma figura indispensavel as idéas de então, pela harmonia que nelle se dava do divino com o profano.

Nos touros reaes do Rocio, como nas cavalhadas da Junqueira, nas novenas do Carmo e de S. Roque, ás portas dos conventos em que se distribuia o caldo aos pobres, ás sahidas dos pateos das comedias, na rua como no paço, em toda a parte, emfim, apparecia o poeta de Nabregas, sustendo com uma das mãos o pequeno nicho de madeira com a imagem de Nossa Senhora Mãe dos Homens, e empunhando com a outra o seu bordão, ferrado em uma das extremidades com uma especie de croque. A sua missão era pedir esmola para construir em Nabregas a capella á Senhora de sua devoção, e arengar ao povo, aconselhando o contra a corrupção dos tempos. Parte em prosa, parte em verso, eram as suas predicas, e d'ahi a chamarem-lhe poeta de Nabregas e frade arengueiro.

Este personagem popular tinha entrada franca no paço da Ribeira a toda a hora, seguia sem difficuldade até a presença de D. João V e da rainha e depois de saudar os reis em verso, pedia-lhes esmola, e fazendo concurrencia aos cegos, que eram os noticiarios verbaes do tempo, annunciava-lhes as proximas festas de egreja, os abbadeas los, as procissões,

as romarias, todas essas folganças porque n'aquelle abençoado e divertido tempo morriam igualmente, clero, nobreza e povo.

*

Escrevia eu estas linhas quando me chego a noticia, fidedigna, de que um outro dos nossos autores dramaticos laureados, e para o qual o theatro é deserto um caminho aberto de louros e triumphos a colher, estuda tambem neste momento a vida popular do reinado faustoso de D. João V, para sobre elle escrever creio, em drama.

O quadro é tentador, e bem merece a attenção que lhe dera esse escripto de raras aptidões. Não quero ser indiscreto, e por isso não entro em mais pormenorisação do assumpto.

Felicitto-me, porem, por ter sabido que uma opinião de valor em assumptos de litteratura dramatica, para tratar a época do rei Magnanimo, preferiu a vida popular, á da sociedade elevada e palaciana. Esta achase tratada, e bem tratada, incontestavelmente, em romances, por escriptores nossos dos mais notaveis como Rebello da Silva e Camillo, e anecdoticamente tambem por autores de nome, como Ribeiro Guimarães, Bernardes Branco, Alberto Pimentel e outros ainda.

No romance, porém, é mais facil retratar aquelle tempo com verdade, sem ferir questões melindrosas, de uma época, não ainda muito distante. No palco, dando-lhe a vida animada da scena, teria isso suas difficuldades.

Mas, a par d'estas condições especiaes, ha naquelle tempo tanta poesia, tão caracterizada vida nacional, tantos claros e tantos escuros, que a litteratura dramatica não pode deixar de lançar mão d'elle como thesouro a explorar, mesmo abstrahindo, e abstrahindo até propositalmente, da trivial *rigalogue* sobre a vida escandalosa de frades e freiras.

Ha naquelle tempo, mesino na vida monacal, e nas crendices e fanatismos sociaes muitos typos e muitos factos, capazes de com elles se fazer boa arte e boa litteratura dramatica, como eu creio que vae apparecer.

ARTHUR LOBO D'AVILA.

JESUS

Quando Jesus, de olhar doce e sereno,
Prégando a sua nova idéa, outr'ora,
Passava, vinham moças cor d'aurora
Saudal-o, com eu riso franco, ameno.

Elle entretanto, assim victorioso
Seguia sempre a sua propaganda
Contra o vicio, e toda a paixão nefanda,
Desprezando mesmo as seducções do goso.

Nada o perturbava... Nem quando nua,
Mostra-se-lhe Claudia ao clarão da lua
Aos homhros solto seu cabelo basto.

Nem Magdalena, a mystica perdida,
Pode vencer— astuta arrependida,
Porque Jesus era, (coitado !), casto...

(Do livro *Pó*).

MAYA CONDE.

Victima do Trabalho

E

Martyros da Civilisação

Não é muito raro apparecerem nos jornaes narrações dolorosas e pungentes de mortes desastrosissimas, que um acaso infeliz preparou ao desventurado operario, quando pondo o pé em falso, veio cahir de seis ou oito metros de altura ao algido pavimento da rua, onde encontrou a punhalada da morte. E os lances afflictivos da victima pintam-se a rigor com cores negras, que ensombram a alma do leitor e lhe golpeiam o coração.

São as victimas do trabalho, perante cujo athude devemos curvar a cabeça e ajoelhar espiritualmente. Soterrados numa pedreira, entulhados, numa casa que

desabou, rebentados no meio do chão por uma queda desastrosíssima, esmagalhados com o volante de uma machina, queimados numa explosão, afogados num póco, leitos pedaçados por uma pedreira que a dynamite fez estourar, a memoria de tres homens bem merece da nossa respeitosa condolencia. Victimias a um tempo do dever e da necessidade, cahiram trabalhando pela civilização e para a civilização, producto de conjuncto de todos os esforços, de todas as actividades, de todas as energias, desde as energias cerebraes do homem da sciencia até as forças materiaes do rude mineiro.

Glorificão e um dever cívico; mas e mister não esquecer nunca que ha outros, e tantos outros, que tambem pagam com a vida as audacias do homem na sua luta com a natureza, que outros e muitos nomes tem de se junta a essa longa e funebre ementa de victimias,

Com effeito fornecerá a classe operaria a grande lista das victimias do trabalho, mas de outras classes sae o glorioso rol dos martyres da civilização. E uns e outros o que são afinal?

Victimias do trabalho, porque esta victima está em toda a parte. E' o marinheiro no mar alto, que a tempestade transformou de lago de esmeraldas, com recamos de prata, em barathro immenso, em sorvedouro medonho, onde vae expiar; e o chimico, arrancando a sciencia as combinações dos atomos, para d'elles se servir a bem da humanidade, e inutilizar-se no meio das suas investigações; e o professor preparando uma experiencia para lição dos seus alumnos, e morrendo victimado por essas preparações; e o industrial, ao applicar com menos fortuna, na vida pratica, as combinações que o sabio engendrou no seu gabinete, e sucumbir, quando tenta realizar o pensamento do sabio; e o geologo, que, levado pela ancia do estudo, se abeira de um vulcão, que o sorve inesperadamente, e o insinera e pulveriza num momento; e o geographo, ao subir a uma grande altitude, para realizar as suas observações, e ahí sentir a vertigem das alturas, que o faz resvalar ao fundo do valle, já inerte e amachucado; e o mathematico, calcinando-se ao fogo do proprio talento ao procurar descobrir novos theoremas; e o padre ao entrar com a palavra de Deus num hospital, e sair de lá inquinado de enfermidade mortifera; e, enfim, toda essa legião de homens, que se agitam e trabalham, cheios de aspirações insaciáveis, debatendo-se e contorcendo-se, enroscados pelas serpentes do desejo, para a conquista do ideal, para a grandeza da civilização, que é, na phrase de um grande genio, uma cidade immensa, da qual todos somos concidadãos.

E vem isto a proposito da morte do dr. Camara Pestana, exemplo culminantissimo para melhor provar que ao lado das victimias do trabalho caem tambem, varados pela fatalidade, os martyres da civilização, os martyres da humanidade, que, como aquelles, a sociedade aguilhoa as suas necessidades, ás suas exigencias e até aos seus caprichos.

Pois foi uma d'essas victimias, e das maiores aquelle homem, aquelle sabio, aquelle benemerito, aquelle martyr, aquelle christo d'uma religião da sciencia, que teve, como o Supplicado do Golgotha, uma mortragica teem recompensa da sua dedicação a humanidade. E nem faltou a essa scena lancinante o vulto venerando e santo d'uma mulher mãe, que em taes transe se reveste com os nimbo idéaes do sobrenatural, porque não tem a comprehensão humana, em toda a alegria do sentimento, uma só palavra, que possa reproduzir aquella gigantesca e incomparavel dor de mãe, que do limiar da porta do quarto olha para o filho, a vida da sua vida, e o vê a morrer, despedindo-se d'ella sereno e tranquillo, mas sem ao menos poder gozar a ventura, que até aos condemnados é permittida—beijar a sua mãe, que está ali, á vista e a dois passos de distancia, a fallar-lhe e a amargura.

E sublime senhora, eu não vos conheço mas eu vos ama religiosidade tal, que nós sentiu os dobrar-se-nos o joelho, porque vos fez a dor, á qual eu compario a incommensurabilidade d'aquella outra mulher, que de um pe-

queimo me ensinaram a venerar como a maior Martyr para a maior gloria da humanidade. Que noavel semelhança entre a vossa dor, senhora, e a d'aquella outra Mãe, que viu expirar o filho no alto da Cruz, onde rávava o diadema resplandecente de luzes que haviam de vir mais tarde diluir toda a materialidade das civilizações do passado, para engrai a espiritual, sação das sociedades modernas. E para quem soffre assim ha, no coração de todos que sentem, um throno, onde se aleantara quem tanto padecer; ahí tendes um logar inconfundível para o espirito de todos. não martyri pela perda de um tal filho, morto no cumprimento do dever mais altruista, e no beneficio mais santo para a humanidade.

E quando se analysa em toda a sua excepcional grandeza a morte do dr. Camara Pestana, com circumstancias que a rodearam defrontamos então um quadro que nenhum pintor pode reproduzir, scenas que nenhum escriptor sabe copiar, nem actor algum é capaz de repetir no tablado, porque aquellas figuras excedem a nossa intelligencia; tal é a magnitude que apresentam todas, o moribundo só pensando na sciencia, o mãe sentindo rasgar-se-lhe fibra a fibra o coração confrangido e alanceado, e o medico, o amigo, aquelle extraordinario dr. Bello de Moraes, abraçando o companheiro, o martyr, cujo halito todos tinham de evitar; —semelhante quadro fez-nos então sentir quanta verdade encerram as palavras daquelle celebre escriptor que affirmou ser a maior difficuldade do romancista o reproduzir as inverosimilhanças da vida.

Extraordinaria e estupendissima heroicidade a de todos que alli se congregaram!...

Conta a historia que Lavoisier, o grande e heroico Lavoisier, esse homem que legou á humanidade uma das mais opulentas heranças scientificas, sendo condemnado a guilhotina, pediu aos juizes revolucionarios, ou antes aos verdugos revolucionario, uma dilação de quinze dias só, quinze dias, para concluir trabalhos uteis á humanidade; e depois então a morte não o assustava, iria, sosegado e imperterrito, depór a cabeça no cadafalso, aquella cabeça, que foi uma das maiores que a França tem produzido, e que ainda na vespera do dia, em que tinha de rolar na cesta ensanguentado do carrasco, se ostentava coroado de loiros.

Tambem o dr. Camara Pestana, já agonisante com minutos de vida apenas, conhecendo e sentindo que só por minutos podia ter acesa a scintilla na lanterna do craneo, pensava unicamente na sciencia e na humanidade, a que se votara, e a sua unica aspiração era deixar para analyse a urina de pestifero muribundo, para que d'ali, d'aquelle lacto até hoje ainda não alcançado se podesse colher mais algum beneficio a favor da humanidade, á qual elle tinha sacrificado a sua vida curta, mas gloriosa, e pela qual morria tragicamente, mas grande.

Martyres abençoados da civilização sois, tão nobres em vossas almas, tão divinos em vossas aspirações, tão superiores, que a humanidade não vos comprehende, porque a humanidade e todo este conjuncto de homens, que vos tentas arrancar as garras aduncas das doenças, que os dizem, mas que se matam uns aos outros, aos milhares, como se foram alcatéas, inumeras de monstruosas feras!...

Martyres da civilização, quem vos pagará tantas e tão grande heroicidades?...

ANSELMO VIEIRA.

Economia rural

HYGIENE DA VACA LEITEIRA

O Sr. P. Dechambre analysando, numa revista franceza, as condições hygienicas que modificam a produção do leite, dividiu-as em tres categorias: as que se relacionam com os «agentes exteriores» as que se relacionam com o «funcionamento da ubre», e as que se relacionam com a «alimentação.»

Em seguida, passa a estudar as primeiras, as relativas aos «agentes exteriores». Para proceder com methodo trata successivamente da orientação do estabulo, da ventilação, da temperatura do estado hy-

metrico e, finalmente da luz. Fazemos um apanhado fiel das indicações que deu.

«Orientação».—A orientação não deve expor o estabulo a ventos demastado quente ou excessivamente frios.

«Ventilação».—A renovação do ar é necessaria; mas deve se fazer de preferencia sem a presença dos animais.

Os antigos acreditavam, erradamente, que os estabulos não devem ser arcajados. Tambem acreditavam que as vacas de peito estreito e contrahido são as melhores leiteiras; é um erro: todo o animal dara tanto maior rendimento quanto melhor funcione o seu organismo. A vacca deve ter o lombo e a bacia ampla.

A ventilação muito viva pode abaixar a temperatura; a excitação que produz sob os phenomenos respiratorios tende á destruição de principios nutritivos utilisaveis na produção do leite.

«Temperatura».—Esta deve ser agradável e mantida quanto possível perto do 14°.

«Estado hygrometrico».—É um ponto importante, este: é necessario que a atmospha seja mantida tão humida quanto possível. Fundamento o autor a asserção com as seguintes palavras:

«Em toda a parte onde a atmospha é humida, a temperatura agradável e quasi constante, encontram-se boas raças leiteiras; o contrario se observa em situações oppostas de clima secco e calido.

Vejamos o littoral do mar do Norte; e habitado pelas raças bovinas grandemente leiteiras; hollandeza, flamenga, normanda, jersey, bretã, que todas acham naquella situação geographica particularmente favoravel um clima humido, uma temperatura agradável, ao mesmo tempo que campos de hervas tenras, que tambem ajudam a produção do leite.

Vejamos as raças bovinas da Suissa: sua situação não differe de modo essencial da das raças precedentes: vivem numa região onde numerosos lagos entretem uma atmospha, humida, em profundos valles ou sobre montanhas em cujos flancos pairam nevas constantes.

Consideramos agora as raças meridionaes: são em geral mas leitoras; o clima quente e secco exhaure todas as secreções, inclusive a secreção lactea.

E' por isso que o homem deve esforçar-se para realizar em torno desses animais o meio natural que faz de certas regiões logares privilegiados para a produção do leite.

Obtem-se esse resultado pelo estado hygrometrico, lavando o estabulo com agua abundante, mantendo o solo humido, nas passagens, nos corredores mas conservando a cama do animal perfeitamente secca.

«Luz».—Deve penetrar pouca luz no estabulo.

São estas as prescrições do Sr. Dechambre, «quanto aos agentes exteriores».

FINIS

Eu sei que a morte ha de rouhar-me um dia
E ha de colher-me a fronte sonhadora!
Que importa á mim que recrudescça agora
Essa dor que minha alma acaricia?

Vivi sempre na ingrata nostalgia
De amar-te, santa e pallida senhora.
Como quem ama no ramir da autora
O céu azul em mystica harmonia,...

Chega-te morte, vem! em teu regaço
Prende-me o peito num gelado abraço.
Em nome de ta dor que me amortalha...

Hei de tombar, hei de cahir vencido,
Como um guerreiro forte e decidido,
Tombo no immenso campo da batalha!

ALBERTO PORTO ALEGRI

MOLDES CORTADOS

TAMANHO NATURAL

N. 5 — Sala 1\$000

Pelo correio mais 300.

Sentimento e Razão

Assim como no Homem reside imperfecto o Sentimento, que é a expansão de um espirito relativo, assim em Deus reside o Perfecto Amor, que é a expansão de um espirito absoluto.

Deus é o Todo, a Unidade; o Amor que n'Ele reside é a cohesão de tudo que constitue o Todo. Assim, logo o que se nos angaria dividido e subdividido infinitamente, está eternamente unido pelo Amor. Amar e sentir.

Sentir e viver. Onde não se manifesta Sentimento não se manifesta vida.

A materia organizada sente pelos orgãos dos sentidos; e, por sentir, e que reflecte, pois que sem Sentimento não pode haver reflexão.

Por isso cada qual reflecte como sente. O Homem é um corpo organizado de maior aperfeiçoamento.

Por isso é mais sensível, e, consequentemente, mais racional.

A reflexão activada pelo Sentimento produz a Razão.

A Razão, portanto, é um effeito de que o Sentimento é causa.

Quanto mais amoroso é o Sentimento, tanto mais perfeito (e quanto mais perfeito, tanto mais verdadeiro;

e quanto mais verdadeiro, tanto mais sabio, e quanto mais sabio, tanto mais divino.

Ora, querer que seja a Razão que aperfeiçoa o Sentimento, é o mesmo que querer que seja o effeito que produza a causa; que seja o aprendiz que habilite o mestre.

Todos os methodos ou systemas racionalistas têm esta pretensão absurda.

Quanto mais profundo e subtil foi o methodo racionalista tanto mais se perdera na complicação de theorias impraticaveis; pois que só é praticavel o que se comprehende, e só se comprehende o que se sente.

Jesus Nazareno não foi um racionalista, mas um sentimentalista.

Elle pregou a theoria do Amor, e praticou-a, amando; isto é, não fez se não o que é proprio do amor. Não excitava os cerebros; movia os corações.

Em vez da complicação theorica, empregava a simplicidade pratica.

Era o exemplo doutrinario e facto edificante. Não foi um philosopho, foi um operario.

Não foi um revolucionario mental, foi um agitador moral.

Por isso o seu methodo sentimentalista—o Evangelho—tem annullado e annullará todos os methodos racionalistas; porque n'estes só existe a presumpção, e naquelle reside a Verdade.

Não é o raciocinio que aperfeiçoa o Sentimento; mas o Sentimento que aperfeiçoa o raciocinio.

O que aperfeiçoa o Sentimento é a provação, que lhe dá a experiencia.

Ninguém pode fazer ideia exacta do mal ou do bem que nunca experimentou.

A experiencia dá a subedoria; sem a experiencia só se pode conjecturar.

O racionalismo generoso ou egoistico é producto do bom ou mau sentimento que nutre aquelle que o prega. E' o fructo que dá a conhecer a boa ou má arvore.

Mas pregar theorias, ainda que generosas, a corações endurecidos e o mesmo que fallar de cores a um cego.

Incapaz de sentir, incapaz de comprehender. E como secha de praticar aquillo que não se conhece?

Pois se, a despeito da sua grande simplicidade—e tão simples que, para os presumpçosos, até parece peruil—ainda, ao cabo de dous mil annos, o Evangelho do Christo—o methodo sentimentalista de Jesus—não logrou a sua verdadeira pratica, quando e como poderia logral-a o methodo racionalista de complicadas theorias, por melhor architectado, que seja?

E' que na vida moral, como na vida physica, logo o aperfeiçoamento dep. nle de prova, que exige tempo, e de successão, que determina oportunidade.

NINON DE LENCLOS

Escarminha da ruga, que jamais ouso macular-lhe a epiderme. Já passava dos 80 annos conservava-se joven e bella, tirando sempre os peizaços da suavidade do bupitismo que rasgava a curula Tempo, cuja face embotava-se sobre sua encantadora physionomia, sem que nunca deixasse o menor traço. «Muito verde ainda!» via-se obrigado a dizer o velho rubicundo, como a esposa Labfontaine dizia das avas. Este segredo, que a celebre e egoista facieira jamais confidaria a quem não fosse das pessoas a aquella esposa, descobriu-o o Dr. Lavante entre as folhas de um volume de *L'Histoire amoureuse des filles de Paris*. Actualmente proprietaria exclusiva da **PARFUMERIE NINON**, Maison Lescote, Rue de 4-Septembre, 35 à Paris.

Esta casa tem-nos a disposição das nossas elegantes, sob o nome de **VERITABLE EAU DE NINON**, assiu como as receitas de d'ella provém, por exemplo, o

DUVET DE NINON

pó de arroz especial e refrigerante;

Le Savon Crème de Ninon

especial para o rosto que limpa perfeitamente a epiderme mais delicada sem alteral-a.

LAIT DE NINON

que dá alvura deslumbrante ao pescoço e aos hombros.

Entre os productos conhecidos e apreciados da **PARFUMERIE NINON** continem-se:

LA POUDRE CAPILLIS

que faz voltar os cabellos brancos á cor natural e existe em 12 cores;

SEVE SOURCILIERE

que augmenta, engrossa e bruma as pestanas e os supercilios, ao mesmo tempo que dá vivacidade ao olhar.

LA PATE ET LA POUDRE MANODERMALE DE NINON

para finura, alvura brilhante das mãos, etc., etc.

Convem exigir e verificar o nome da casa e o endereço sobre o rotulo para evitar as emiliações e falsificações

PARFUMERIE EXOTIQUE E. SENET

35, Rue de 4-Septembre, 35, PARIS

MÃO DE PAPA de duque, de príncipe, por meio da **Pâte des Prélats**, que embranquece, alisa, assetina a epiderme, impede e destrói as freiras e as rachas.

UM NARIZ PICADO de pequenas borbulhas ou com cravos torna a temperar sua brançura primitiva e suas côres lisas por meio do **Anti-Bolbos**, producto sem igual e muito contrafeito.

CUIDADO COM AS CONTRAFAÇÕES

Para ser bella, encantar todos os olhos deve-se servir da **Fleur de Pêche** pó do arroz feito com fructos exóticos.

POUCOS CABELLOS

Fazem-se crescer e cortados empregando-se o **Extrait Capillaire des Benedictins de Sant-Majella**, que tambem impede que caiam e que fiquem brancos.

E. SENET, Administrateur, 35, R. de 4-Septembre, Paris.

NÃO ARRANQUEM MAIS

os dentes estragados, surde-os e branqueie-os com o **Elixir dentifrice des Benedictins de Sant-Majella**.

E. SENET, Administrateur, 35, R. de 4-Septembre, Paris.

Pastilhas e Xarope de Nafé

DELANGRENIER

excellentes peitoraes contra

.TOSSE. DEFLUXO. BRONCHITE

As Pastilhas de Nafé são verdadeiros confeitos peitoraes de um gosto delicioso. Acalmam as irritações da garganta e do peito.

O Xarope de Nafé, misturado com uma infusão ou com leite quente, forma uma tisana muito calmante e muito agradável.

Esses peitoraes não contém substancia toxica e podem ser administrados com toda a segurança ás CRIANÇAS e muito particularmente contra a COQUELUCHE.

Esgrir a marca verdadeira: Delangrenier-Paris

São encontrados em todas as Pharmacias

Perfumaria extrafina

L.T. PIVER

PARIS

Corylopsis do Japão

SABÃO — ESSENCIA — PÓ de ARROZ — OLEO
LOÇÃO VEGETAL — BRILHANTINA — COSMETICOS

Evitar as Imitações e Falsificações

O Trêfle incarnat

L. T. PIVER
Parfume de Moda

Violettes de Parme

SABÃO — ESSENCIA — PÓ de ARROZ
LOÇÃO VEGETAL — BRILHANTINA — COSMETICOS

Leite de Iris L. T. Piver

PARA a JUVENILIDADE e BELLEZA do ROSTO
A melhor e mais hygienica de todas as preparações para o touceador

Dentifricios Mao-Tcha

PÓ — PASTA e ELIXIR

DESCONFIAR DAS FALSIFICAÇÕES



Por sua notavel concentração das plantas as mais uteis e as mais salutarias, a

AGUA

DE

MÉLISSE

DOS

BOYER CARMELITAS BOYER

Unico Successor dos Carmelitas

obra de um modo prompto e absoluto nos casos de Ataques de Nervos, Apoplexia, Paralysis, os Vertigens, as Syncope, as Indigestões; nos tempos de Epidemia, Dysenteria, Cholera-Morbo, Febres, etc.

Uma pequena colherada pura ou sobre um pedaço de assucar.

DESCONFIAR DAS FALSIFICAÇÕES



O REI CARLOS I RECEBE A NOTICIA NA DERROTA NOS PANTANOS DE MARSTON

Esta lei natural da evolução do Sentimento, que esclarece a Razão, muito bem a conhecia o sabio author do methodo sentimentalista—o Evangelho—pois que a denunciou n'estas palavras que dirigio aos seus discipulos:

—«Ainda tenho muitas coisas que vos dizer, mas vós não as podeis supportar agora».

«Porém quando vier aquelle Espírito de Verdade, elle vos guiará em toda a Verdade—Porque não fallará de si mesmo; mas fallará de tudo o que tiver ouvido. E vos annunciara as coisas que não de virão.»

O que é esse Espírito, que *ha de vir*, se não a sabedoria da Verdade que a experiencia das provações vai apurando no correr do tempo?

—«Elle me glorificará—por que ha de receber da que me dá, e volta ha de annunciar»—variou ainda, com a authoridade superior de quem possui o conhecimento profundo d'aquillo que a alma, o inimitavel Reformador!

Não ha duvida que o tempo e o facto tem confirmado este vaticinio na transformação benéfica que o christianismo tem operado social e moralmente na Humanidade, que ja o endossa!

Que homem jamais recebeu tão divina glorificação como a que esta recebendo aquelle—Filho do Homem—que pregou a Caridade como a maior das virtudes da ser humano?

* Evangelho segundo João, Cap. XVI, v. 12 e 13.

Que omnipotente e a força da Verdade!
Severa, intransigente, justiciera, ella se oppõe a todas as paixões que avassallam, que imperam, que agitam violentamente o coração e a razão humana.

Toda a Humanidade lhe offerece resistencia ininterrupta, infatigavel, apaixonada!

Elle, porem, imperurbavel, calmamente, pacificamente, vai sempre avançando sobre as multidões que a combatem, superando todas as resistencias, e reduzindo todos e tudo ao seu dominio absoluto!

Assim o Evangelho—o methodo sentimentalista de Jesus—triumphando de todos os methodos e systemas racionalistas que lhe oppõe a orgulhosa presumpção humana.

E essa glorificação, com que os povos que conhecem o Evangelho divinizam o omnisciente Reformador Nazareno (pois se o não divinizam os povos que ainda o não conhecem) e o mais evidente testemunho de que a Verdade se patenteia nas suas palavras e nos seus exemplos; pois, sem essa omnipotente força, tal glorificação seria impossivel.

Convençam-se, pois, todos os racionalistas de que, os seus pretenciosos systemas ou methodos não passam de pomposas balbes mentaes edificadas pela presumpção do seu orgulho, para serem desastrosamente derrocadas, como a de Babilonia, pelo raio fulminante da Verdade que fuzila nas paginas edificantes do Evangelho.

VICTOR A. VIEIRA.

EDELWEISS

O edelweiss é a flor caracteristica dos Alpes, e so nasce nas fendas das rochas mais altas e escarpadas.

E o presente mais precioso que pôde fazer um touriste alpino.

No tyrol, e costume dos namorados darem ás suas amadas o edelweiss colhido por suas proprias mãos, o que os expõe a grandes perigos, pois all andam suspensos sobre os precipicios que a cada momento parece tragal-os.

O edelweiss inspirou ao mallogado e distincto poeta Soares de Sousa (veja este delicado soneto, ha annos publicado na *Vida Moderna*):

Ha uma flor que nasce entre as geleiras,
nos cimos das montanhas, flor tão rara,
que, si acaso do sol um raião a aclara,
não desabrocha as pet'alas feticivas.

Querem calor as suas companheiras:
só ella o frio quer, e é tão avara,
que se estenta lá onde a não separa
do gelo a luz que vem das cordilheiras.

Phenomeno, ou capricho; si alguém heija
a extranha flor escura, ella viceja,
abrem-se as folhas tremulas, judicias...

Assim os tú... Apenas acontece
que ella, a pressão de uns labios, refforesce,
e tu, gelida flor, de gelo heias!

AMOR DE LAURA

Sperò trovar pietà, non che perdono.
PETRARCHA.

Sangra meu coração tão dolorido
N'esta cruel, intermina desgraça
Que em meu triste pensar passa e repassa
O horror da morte como um bem querido!

Coms! Que máte'rio horriendo e não sabido
É' um amor que o feito ultrapassa!
Quanto o dever, convulso, despediça
O coração de sangue mal ferido!

Quero!... e soffro-o isto vehemente:
Não gozar um prazer que o fel não vaze;
Fugir que a dor cruciante se não sente...

Não ha fogo infernal que mais abraze,
Nem sede que requeme mais ardente
Nem incendio voraz que mais arraze!

Niteroy.

A. AZAMOR.

Mozaico

O demónio são os homens, dizem as mulheres; mas estão sempre desejando que o diabo as carregue.

Como inspirar-me, meu bem?
Como ter um engamento
Se, bem cedo, a tu li vêm
O tédio e o arrependimento

Domitio, quando envidou, thandou gravar na epiltura da consorte a palavra...

— Por que não podes... «Sandale eterna?» perguntou o Hilario.

— Não pôde ser, a concessão do terreno é só por cinco annos.

Se na ultima:

— A tu, querida, todo o meu affecto! Amo te!

— E que felicidades me promettes!

— A ternura do meu peito, a escarvada da minha alma, a minha vida inteira!

— E muito! taes sacrificios não mereço. E, depois não sei exigir o que não não posso dar. Com pouco me contento, amor!

— Pede, então!

— Se quizeses comprar-me... umas ocellas de brilhantes ao Simão Levy!...



CHRONIQUETA

Rio, 24 de Fevereiro de 1900.

Na minha última chroniqueta propuz levantarse semo um monumento de gratidão ao mez de Janeiro, pela benignidade com que nos tratou, meteorologicamente falando. Venho agora propor outro monumento ao mez de fevereiro, que não tem sido nem bem benigno. Os cartões nonagenários não têm ideia de um fevereiro tão fresco, e eu, que já aqui tenho passado uns vinte e tantos, posso afirmar que este foi verdadeiramente excepcional. No dia 19 houve quem apunxasse o calorão. Para um dia de pinho se faltaram as violetas.

A que será isto devido? O cometa de Biel terá influido nesta aberração atmosférica? Estará esfriando o nosso planeta e o estriamento começara pelo Rio de Janeiro? Não sei; apelleme-se, como Luiz de Camões, para os sábios da Escripitura, visto que se trata de verdaderos segredos da natureza, que não é dado desvejar a profanos como eu.

Quem d'ora que esta modificação de temperatura, fossem quaes fossem as causas que a determinaram, ficasse para o todo sempre! Dentro em poucos annos o Brasil seria um dos primeiros paizes do mundo, e excusado é dizer que baixaria o cambio, e não seria preciso attendar a Estada de Ferro para tapar buracos.

✱

Uma noticia triste, muito triste, foi a do fallecimento do grande actor Purtado Coelho, a quem a arte dramática no Brasil deve importantes e individuaes serviços.

Desejoso de acabar os seus dias na patria, Purtado Coelho partio o anno passado para Portugal, e é de lá que nos chega a dolorosa noticia.

O eminente artista, que teve dias e dias de fortuna e gloria, viu-se, no fim da vida, a braços com a miseria, e morreria talvez, abandonado, se não fosse a companhia solícita e desvelada que o ero lhe deparou na pessoa de miss Lina Rox, sua amiga, sua enfermeira, sua consolação e conforto.

O nome de Luiz Cândido Purtado Coelho é imprecivel em Portugal e no Brasil.

LEO, O HERÓI.

THEATROS

Rio, 24 de Fevereiro de 1900.

A novidade do dia é a *Vinca Clark*, burleta em 3 actos e 12 quadros, original do nosso collega Arthur Azevedo, musica de Costa Junior, representada no theatro Apollo, para inauguração dos trabalhos da Empresa Theatral Fluminense, dirigida pelo distincto comediographo Acacio Antunes.

Sobre o merito da peça nada diremos, visto que se trata de um trabalho de companheiro e camarada; apenas faremos ver que a imprensa foi unanime em elogiar a *Vinca Clark*.

O desempenho dos papéis é muito satisfatorio por parte de todos os artistas, entre os quaes notamos Clelia, Peixoto, Herminia Adelaide, Galvão e outros habituados aos applausos do publico.

A novidade e magnifica. Os accedidos de Carrancini são desbrilhantes.

A musica de Costa Junior é lindissima. A nova peça tem sido muito applaudida, e promette longa carreira.

A companhia do Recreio Dramatico, depois de uma unica representação da comedia *Uma Vida*, que não chegamos a ver, fechou as portas, e não se realtara depois do carnaval, com um *andré* nacional. *Não barrou*, de Ismael de Assis.

As noites de asinus é o titulo de mais um drama lhaõ posto em scena pela companhia Dias Braga. Não é peça para fazer a gloria de um actor nem a fortuna de um empresario. O drama é de Theodore Barriere, de collaboração com o grande actor Tallade, ultimamente fallecido.

X. Y. Z.

Material da A ESTAÇÃO



CARRETILHA para levantar moldes...	2\$500
ESTOJO com duas fitas metricas.....	2,2500
PAPEL ESPECIAL para moldes 5 folhas grandes	2 000
PAPEL ESPECIAL para moldes 10 folhas pequenas.....	14000

Pelo correio mais 500 rs.

Estes objectos facilitam muito o trabalho de levantamento de moldes e cortes bem como o corte e costura e a passagem dos tiscos de bordados das folhas publicadas pelo jornal.

PEDIDOS NO ESCRITORIO DO JORNAL
A ESTAÇÃO

M.^{me} Gazzaniga & M.^{lle} Bier

COM ATELIER DE COSTURAS

28 — Rua Gonçalves Dias — 28

(CORRADO)

*Encarrega-se de Tudos,
Enviaros para Casamentos
e todo e qualquer trabalho
concernente á sua arte*

RIO DE JANEIRO

ULTIMAS NOVIDADES MUSICAIS

Grande estabelecimento de pianos e musicas

DE

Pertim de Vasconcellos, Morani & C.

147, Rua do Ouvidor, 147

Americano, pas de quatre de J. eis ...	1\$500
Bem sei que tu me desprezas com poesia, 1. ^a edição valsa	1\$500
Borboletas, quadrilha de E. Couto	1\$500
Adeios, schottisch (grande successo) de C. Marques	1\$500
Arrulos de Sinhá, polka (3. ^a edição de J. Cunha.....)	1\$500
Cubana polka de J. G. Chisto.....	1\$500
Desvaneio, valsa de A. Cavalcanti.....	1\$500
Engrossa, lundu (com letra, 4. ^a edição ..	1\$500
Essumar, valsa de C. Marques.....	1\$500
Garrula, schottich de O. Lacarda.....	1\$500
Juracy, valsa de B. Nunes.....	1\$ 00
Lol, pas de quatre (2. ^o ed) de C. Marques	1\$500
Meus oito annos, valsa (com letra) 6. ^a edição de O. Carneiro	1\$500
Monte Christo, valsa cigana de Kotlar...	1\$ 00
Nirvana, valsa de Oscar Carneiro.....	1\$500
Minha querida, (successo) valsa de A. E. Costa.....	1\$500
Ninas torreas, valsa de A. Cavalcanti...	1\$500
Papat, mamãe, valsa de J. Barros.....	1\$500
Sempre constante, valsa de A. Keller.....	1\$500
Os seus olhos me seduzem (successo) valsa de Evora Filho	1\$500
Triste como eu (1. ^a ed.), valsa de Evora F.	1\$500
Ultramontana, valsa de C. Marques.....	1\$500

Remettam-se encomendas para o interior juntamente com o **brinde** mensal que a casa offerece.

147, RUA DO OUVIDOR, 147



CRÈME SIMON

PARA
conservar ou dar
ao rosto
FRESCURA
MACIEZA
MOCIDADE.

Para proteger a epiderme contra as influencias perniciosas da atmosphera, e para possivel adoptar para a toilette diaria o **CRÈME SIMON**.

Os **PÓS de Arroz SIMON** e o **SABONETE Crème Simon**, preparados com glicerina, a sua acção benéfica é tão evidente que não ha ninguém que o use uma vez que não reconheça as suas grandes virtudes.

J. SIMON, 36, Rue de Provence, PARIS

PHARMACIAS, PERFUMERIAS
e lojas de Cabetterias.

Desconfiar das imitações.

KAROPE DELABARRE (DENTIÇÃO)

Karope sem narcotico recomanda-lo ha ja 20 annos pelas melhores. Facilita a sahida dos dentes, evita ou faz cessar os soffrimentos e todos os accidentes da primeira dentição.

Egja-se o **Carimbo official** e a assignatura **Delabarre**.

FUMOZE-ALBESPEYRES, 78, Faubourg Saint Denis, Paris e em todas as pharmacias

PAPEL E CIGARROS ANTI-ASTHMATICOS de Bin BARRAL

Recomandados pelas summidades medicas. Preparações muitissimo efficazes para a cura da **ASTHMA**, das **OPPRESSÕES**, das **ENXAQUECAS**, etc. 16 ANNOS DE SUCCESSOS.

FUMOZE-ALBESPEYRES, 78, Faubourg Saint Denis, Paris e em todas as pharmacias.

NUNCA APPLIQUE-SE UM VESICATORIO SEM SE TER O VESICATORIO ALBESPEYRES

o MAIS EFFICAZ e MENOS DOLOROSO de TODOS os VESICATORIOS. Evora e Assis. **ALBESPEYRES** no LADO VERDE.

FUMOZE-ALBESPEYRES, 78, Faub. St-Denis, PARIS

PILULAS DE BLANCARD

APPROVADAS PELA
ACADEMIA DE MEDICINA
DE PARIS

Resumem todas as Propriedades do **IODO** e do **FERRO**.

40
Rua Bonaparte
PARIS



Estas Pilulas são de uma efficacia maravilhosa contra a **Anemia**, **Chlorose** e todos os casos em que se trata de combater a **Pobreza do Sangu**.

N'OUTRO TEMPO...

Nas *Memorias* do duque de Gloucester, — livro interessante, cuja leitura aconselhamos aos que soffrem... do fígado, — encontra-se a alegre narrativa de um episodio galante, que promoveu grande hilaridade na corte e em todo Londres, por serem os protagonistas pessoas muito conhecidas.

Havia poucos mezes que debotara no theatro de Drury Lane uma joven artista que desde a sua appareição excitára vivissimo enthusiasmo, tanto como pelas privilegiadas qualidades de comediante, como pela formosura excepcional. Muito applaudida no desempenho d'alguns papeis secundarios, alcançou, no dia em que substituiu a primeira actriz, enferma, interpretando o de *Lady Mabel*, um triumpho colossal, e desde esse momento ficou a sua fama consagrada.

Os primeiros senhores da corte galanlearam-a, pretendendo, á força de ricos brindes e de brilhantes ofertas, affastal-a do bom caminho em que parecia resolvida a seguir. Miss Kate Lindsay escultava, risonha, as apaixonadas declarações dos seus adoradores, mas sem se render; se aceitava o diluvio de flores que chovia no seu camarim, negava-se a receber as valiosas joias e ouvia as esplendidas propostas como quem ouve chover em noite d'inverno, conseguindo com este procedimento, não muito frequente n'aquella epocha entre as senhoras de Theatro, augmentar a estinação do publico e as ancias dos seus galanteadores, tanto mais obstinados e enamorados quanto mais difficil viam a realização das suas pouco honestas ambições.

D'elles, o que mais inflamado se mostrava era lord Hamilton, em quem parecia que não faziam brecha os desdens de Kate, nem a teimosia com que repulsva as dádivas mais tentadoras. Era o pobre lord algo rapaz, pois se acercava dos cincoenta e conservava ainda alguns restos de varonil formosura que em seus tempos lhe conquistara o favor do sexo debil: mulherengo sempre e julgando-se irresistivel, andava continuamente metido em emprezas amorosas, substituindo os prestigios da mocidade perdida e de um physico escalavrado, com as artes de uma experiéncia consumada e sobretudo com as seducções d'uma fortuna immensa.

Incomprehensivel deveria parecer ao maduro Lovelace que uma comediante exaggerasse o recato até ao ponto de desairar, durante semanas e mezes, um homem como elle. Baldadamente multiplicou offerecimentos; quanto mais deslumbrantes eram estes, mais esquiva se mostrava a impassivel Kate, que levava a sua indifferença a um grau desesperante. Lord Gloucester conta que Hamilton, vendo falhar todas as suas tentativas, teve a pouco feliz ideia de appellar para o sentimentalismo, e que uma noite jurou ao seu adorado tormento que, se lhe não dava a palavra de... corresponder-lhe dentro de vinte e quatro horas, — na vigéssima quinta se suicidaria.

— Pois não será pouca a alegria de seu sobrinho sir James quando lh'o disser... replicou maliciosamente a artista.

Furioso e procre, resolveu obter pela força o que de bom grado não podia alcançar, e certa noite d'inverno dispoz que uma carruagem se situasse junto da porta do theatro por onde sahiam os actores, terminando o espectáculo. Quando Kate Lindsay se retirava, acompanhada da camareira, saltaram simultaneamente da boléa e da fraseira do coche tres robustos laçaios que, apoderando-se da dama e sem lhe dar tempo para volver do assombro do ataque, a mettram no interior do vehiculo, onde penetrou tambem um dos raptos para a impedir de gritar. Logo partiram os cavallos a galope, enquanto a companheira da raptada ficava muda e atonia no meio da rua, sem acertar proferir um grilo.

A carruagem seguiu em veloz carreira, não parando em toda a noite senão para mudar de parelha, e era já pleno dia quando se deteve em frente do castello senhorial que o lord Hamilton possuia a cincoenta ou sessenta milhas de Londres. O pouco escrupuloso inagnate, julgando com esse acto de violencia precipitar o desenlace da sua amorosa empreza, ordenara que a installação da actriz se fizesse com todo

o luxo imaginavel, e a tratassem com os respeito devidos a uma rainha. Deu-lhe tempo para desamarrar, para refazer-se d'alimentação, para discorrer sobre as circumstancias do caso e ao cair da tarde, entendendo ser chegado o momento psychologico, apresentou-se sorridente no *caveiro* da sua prisioneira. Mas o primeiro olhar que fitou na captiva avoninha, quedou-se gelado de pismo: em vez de ter a formosa atriz, tinha a *donzella* do seu serviço, respeitavel dozella de sessenta annos de contornos virginaes, seja mas sufficientemente feia. Os agentes do aristocratico raptor tinham-se equivocado lastimosamente...

Equivoco que o narrador explica dizendo que, para a engenhosa Kate Lindsay burlar os galãs que frequentemente a esperavam á saída do theatro e a importunavam com galanteios, trocava com ella o luxuoso abrigo que a envolvia pelo modesto chule ou capa da criada. Cobria-se esta com o da ama, e a maliciosa joven deliciava-se immenso com a peça que pregava aos seus adoradores. Iludidos com toda a gente, pelas apparencias, os laçaios de lord Hamilton tinham errado o golpe.

Accrescenta lord Gloucester que o burlado Tenorio entregou 25 guineus á criada para guardar segredo e que rebentando cavallos correu, a Londres para lançar-se ao pé de Kate, e pedir-lhe humilde perdão e rogar-lhe que não divulgasse uma aventura grotesca que de tal modo o punha em ridiculo. Mas chegou tarde: a atriz tinha já participado ao *sierró* a occurrencia e, embora judicialmente se interessa o negocio, que podia custar mais caro ao auctor da façanha correu a noticia, de boca em boca, e não ponde evitar a terrivel expolção de ironicos dichotes que rebentaram em volta do desventurado lord. Resolveu a fazer uma viagem por França e Italia para evitar os trocistas e os graciosos; e quatro annos de pois, regressando a Inglaterra, teve a satisfação de ver o seu antigo idolo casada com o primogenito de lord Macdonald, um dos maiores e mais opulentos senhores da Escocsia.

FRANCISCO MYSIÉRE

A SENTENÇA

Amur, chefe de um bando de beduino, teve noticia, por um dos camaradas, de que Ibrahim, seu filho, vencera a beijos Valinda — a sua favorita.

Amur, ciumento e barbaro, guardou-se para tirar a vingança dos traidores e, uma noite, como parassem junto das pyramides, na areia morna e fofa de Ghiseh, Amur chamou a sua presença os dous.

Resplandecia no céu claro e pallido crescente — o cheiro da mandragora excitava, e ao clarão vermelho dos archotes fumarentos reluziam as compridas lanças dos cavalheiros do deserto, fencadas na planicie.

Valinda, a ismaelita, opproximou-se do sheik, humilde e triste — o rosto baixo, os olhos lacrimosos, sem sandalias nos pés nem véo na face e os cabellos rolando sobre os hombros.

Ibrahim, o traidor, trazido por seis arabes possantes, appareceu depois sereno e altivo.

Amur funava, esticado voluptuosamente em um pello de Leopardo — um nomade, de alfange au, guardado junto ao peito, entre os braços cruzados, fazia sentinella enquanto uma mourisca impubere arranhava a mandôra cantando baixinho.

A gente nomade reuniu-se toda em circulo perto do chefe. Os criminosos estecaram. A mandôra deixou fugir a nota derradeira e a bocca da mourisca fez como a mandôra.

— Ibrahim, fallou Amur, erguendo-se sobre o cotovello — den-me Alah o teu corpo e eu não quero desfazer-me do mimo do Muito Alto. Tu, aproveitando-te da noite e dos teus annos, insultaste a bocca da mulher que amo. Entretanto, eu quero ser elemento e te perdôo, filho. Valinda estremeceu, e o chefe continuou:

«Perdôo-te, mas condemno-te a seres entraseo da mulher que me trahu. Divide-a com o meu alfange em duas partes. Toma uma parte para ti, a parte que robasles, e cede-me a que me cabe de direito.

E cuidado! Trata de não te enganares no golpe. Vamos... Em duas partes bem iguaes... em duas partes. Toma!»

E estendeu para o moço o seu rutilo alfange.

○

Ibrahim avançou, e recebendo a curva lamina das mãos do chefe, disse sereno e altivo:

— «Pai, queres que eu divida Valinda em duas partes? Seja, nota, porém, que nos, diante do astro que brilha no alto azul, juramos ser fiéis eternamente. Eu e Valinda não somos mais que um ser — são dois os nossos corações, porém o nosso amor é um — eu vivo dentro d'ella, ella dentro de mim, mas... Já que exiges a divisão, espera...»

E sacando da cinta o yatagan marchetado ergueu bem alto o braço forte e, á claridade da lua viram todos o ferro enterrar-se no peito.

○

O moço vacillou e dobrando os joelhos foi cair no pello do Leopardo, junto do pai espavorido, saltando ao cerrar os olhos estas palavras, com a voz quasi extinta:

«Aquí tens a parte de Valinda que te pertence, pai. Logo-te a minha...»

E com a mão ensanguentada, incerta e tremula mostrou ao pai e á tribu a ismaelita morena.

CORLEO NETTO.

O PINHEIRO AMBICIOSO

Em uma vez um pinheiro que não estava contente com a sua sorte.

— Oh! dita elle, como são horrosas estas linhas uniformes de agulhas verdes que se estendem ao longe dos meus ramos! Sou um pouco mais orgulhoso que os meus vizinhos, e sinto que fui feito para andar vestido de outro modo. Ah! se as minhas follas fossem de ouro...

O genio da montanha ouvi-o, no dia seguinte pela manhã acordou o pinheiro com follas de ouro. Ficou radiante de alegria, e admirou-se todo, olhando com alvize para os outros, que, mais sensatos do que elle não invejavam a sua rapida fortuna. A' noite passou por ali um judeu, arrancou-lhe todas as follas, metteu-as em um sacco, e foi se embora, deixando-o inteiramente nu dos pés á cabeça.

— Oh! disse elle que doido que eu fui! Não me tinha lembrado da cubija dos homeis. Fiquei completamente despido. Não ha agora em toda floresta uma planta tão pobre como eu. Fiz mal em pedir follas de ouro: o ouro attrahe as ambições. Ah! se eu arranjasse um vestuário de vidro! Era deslumbrante, e o judeu avarento não me teria despido!

No dia seguinte acordou o pinheiro vestido com follas de vidro que reluziam ao sol como pequeninos espelhos.

Ficou outra vez todo contente e orgulhoso, fitando desdenhosamente os seus vizinhos. Mas nisto o ceo cobriu-se de nuvens e o vento, rugindo e rugindo, quebrou com a sua aza-negra as follas de vidro.

— Enganei-me ainda, disse o joven pinheiro, quando por terra, todo feito em pedaços, o seu vestido de vidro, o ceo e o vento não serve para nada mais do que restas. Se eu tivesse a follagem assetada de pedras leiras, seria menos brilhante, mas viveria mais tempo.

Cumpriu-se o seu ultimo desejo: a mandôra reuniu-lhe as valadas primitivas, e o pinheiro ficou assim mais bem vestido que todos os outros pinheiros seus irmãos. Mas passou por ali um pastor de cabras, e vendo as follas acedidas de pedras leiras e flocas, e meu as todas — sem de...

O pobre pinheiro, envergonhado e queria voltar á sua forma natural. O pastor, esse favor nunca mais se queixou de...

CORLEO NETTO.

Prodigio musical

Um pianista de 3 annos de idade

No Salão Mentano, de Madrid, reuniram-se ha dias muitos criticos e professores de musica para admirar uma precocidade musical, que excede quantas se tem conhecido até hoje.

Não ha exemplo de um prodigio assim. Trata-se d'uma creança de tres annos de idade, Pepin Rodriguez Arriola, que toca piano d'uma maneira assombrosa. Todas as pessoas que o ouviram declararam achar-se em presença d'um prodigio, d'uma verdadeira maravilha, que não se pode descrever.

O pequeno pianista, sentado por sua mãe no banco do piano, tocou primeiramente a marcha real bspanhola, e depois muitos outros trechos de musica, entre os quaes uma phantasia da Lucia di Lammermoor, a *Merita*, *La Gallegada* e a *jota zarzuela Gigantes y cabezudos*. Os assistentes ficaram positivamente assombrados.

Pepin Arriola é um phenomeno musical sem precedentes. Além da difficuldade que representa para as suas pequeninas mãos o trabalho mechnico, admira e surprehe de a intuição rythmica demonstrada pelo precoce artista ao interpretar todas as peças com uma correção inverosimil e com um colorido e um sentimento verdadeiramente exceptionaes. Tudo isto faz essa creança, embora não saiba fallar senão essa linguagem muito segredos só as mães possuem!

E' muito curiosa a maneira como Pepin aprendeu a tocar piano. Logo que o pequenito se desmanou, a mãe, para fazer com que elle se esquecesse da ama, sentava-o todos os dias ao piano. A creança distraia-se brincando com as teclas e assim passava horas esquecidas.

Um dia a mãe de Pepin ouviu que alguém estava tocando uma *jota* no piano. Muito admirada, correu a ver quem era o pianista. Qual não foi, porém, o seu espanto, quando deparou com o proprio filhinho, executando o trecho como se fosse um artista consummado.

Pepin nunca foi ensinado, como sem difficuldade se acredita, dados os seus poucos annos. As suas portentosas faculdades desenvolveram-se espontanea mente.

Os paes de Pepin Rodriguez Arriola vivem desafogadamente e pertencem a uma familia distincta do Ferrol.



Exposição de Paris

PONTE DE ALEXANDRE III

Não é facil descrever uma ponte, tanto mais que eu quizera evitar impressões technicas que por certo pouco interessariam o leitor. *Sinto* que tenho diante de mim obra que honra a engenharia moderna e que completa do modo mais brilhante o novo embelezamento de Paris; a avenida Nicoláo I com os seus dois novos palacios. Somente experimento certa difficuldade em descrever esta minha sensação. Aqui o caso com-

tem outra difficuldade; a ponte ainda não está terminada. De sorte que, para informar o leitor, tive de recorrer ao mar primeiro e eis aqui o resultado das minhas pesquisas, que se referem, aliás muito mais á engenharia do que á parte propriamente de engenharia.

Em geral, as pontes tem poucos ornamentos e são edificios de utilidade publica, a unica razão para se fazer obra resistente, que dure mais tempo possível. Mesmo as pontes monumentaes, que, embora raras, tem ornamentação sombria, sem grandes complicações. E' que dada, a intensidade da vida moderna, as pontes, para corresponderem ao fim a que são destinadas, não admittem grandes motivos de architectura que sempre tomam espaço.

O ferro substituiu victoriosamente a pedra de calcário para transportar as grandes distancias e tem prestado enormes serviços; mas até aqui, a unica ponte que se tinha sido construir o ferro de modo a supprir a ponte, sem preoccupações de ordem architecto-

A ponte Alexandre III não é uma ponte colossal; a extensão não excede a 109 metros. Por outro lado, a altura minima das margens do rio não permite que se estabeleça o taboleiro no espaço: preciso restringir o mais possível a flecha dos arcos de supporte. A volta desse arco, que teve de ser abatida até o ultimo limite, augmenta em grandes proporções as difficuldades de construção, sem por isso fazer com que o effeito esthetico seja maior.

O taboleiro e os seus supportes directos são de metal e encostam em dois pilares, muito desenvolvidos, de granito e calcareo, tendo atrás e de cada lado um segundo pilar com dois pylonos, á direita e á esquerda da calçada.

Por occasião do concurso do palacio dos Campos Elyseos, o jury insistiu em um ponto: os palacios a construir deixam lembrar como architectura as construções da praça da Concordia de modo a formar um conjunto harmonico. A ponte Alexandre III, destinada a ligar os palacios dos Campos Elyseos ao palacete dos Invalidos, devia portanto estar de accordo com esse conjunto, e foi por isso que os architectos se inspiraram na época de Luiz XVI. O symbolismo a que recorreram é, como aquelle da época em que se inspiraram, renovado da arte romana. Na estatua de Pegasos, os amores, os genios estão largamente representados.

Quando á ornamentação, a idéa de ponte evoca todos os attributos aquaticos possiveis. Dahi a presença de folhas de agua e nenuphars. Abundam tambem as conchas, que começaram a ser empregadas correntemente na ornamentação nos fins do reinado de Luiz XIV, mas de um modo regular e symetrico e não caprichosamente como no reinado de Luiz XV.

Os arcos grandes da ponte ligam-se ao taboleiro por meio de supportes verticaes, em metal, distantes de eixo a eixo, de 3m e 60. Cada um está armado de uma carranca (*mascaron*), ligadas por grinaldas medindo mais de 3 metros. As cabeças tem 50 centimetros de largura.

A ornamentação da ponte Alexandre III é pomposa e creio que produzirá bom effeito. Mas é só quando estiver terminada a nova avenida e tiverem tirado os tapamentos de madeira que impedem agora a perspectiva, que se poderá ter uma idéa nitida do do conjunto.

(Extr.)

(Albertina Paraizo)

A crenças da minha infancia
As minhas crenças de outr'ora,
Exhalam toda a fragancia,
Reverdeceram agora.

São como as bervas que enlaçam
As solitarias ruínas,
São como braços que abraçam
Numas caricias divinas.

O' crenças da minha infancia,
Minha alegria de então!
Da vossa doce fragancia
Enchei o meu coração.

Indifferença!

A. C. C.

Como ella era feliz! Creança ainda com 17 primavera apenas, desconhecia as agruras da vida e tudo se lhe afigurava risonho e alegre.

Mas a felicidade tem seus limites e a fatalidade quiz arrancar-lhe a daquelle viver tão venturoso, para lançal-a nessa vida tristonha e monotona em que as illusões, as crenças e todas as esperanças nos abandonam, em que tudo é melancolico e fastidioso.

Jandira no meio de sua felicidade desconhecia o amor, esse soberano senhor da alma, cujo osculo de fogo deixa sempre vestigios.

Uma tarde já o sol começava declinar para o Occidente colorindo o céu de um roseo vivo, quando Jandira chegou á janella. Um rapaz que então passava chamou-lhe a atenção, pelo seu porte elegante, pelos olhos negros como o céu em noites tempestuosas, a

bigode preto criando uma bocca de labios coralinos que se entreabria graciosamente deixando ver duas enfiadas de perolas.

Jandira nunca o tinha visto, entretanto, insensivelmente, seguiu-o com o olhar.

A noite, quando se recolheu ao seu quarto, sentia uma coisa inexprimivel; não sabia se era alegria ou pesar, mais a sua mente havia fixa uma physionomia, a seus ouvidos soava um nome: esse nome era — Jayme.

Mas como lhe advinhara o nome? Fôra um amigo que o havia chaniado, quem impensadamente lh'o revelara.

Entretanto, mil esforços fazia Jandira para esquecer aquelle nome e aquella physionomia; mas quanto mais esforçava-se para esquecel-os, mais profundamente elles se gravavam no seu espirito.

Finalmente seus olhos fecharam-se e dormiu; sonhou, e no seu sonho via Jayme passar por ella e fital-a demoradamente, Jandira amava, pois, sem o saber, a Jayme.

Na tarde seguinte ella esperou-o; um pouco mais cedo do que no dia antecedente passou elle; mas nem um olhar lhe dirigiu, nem sequer se apercebeu de que havia algem a janella, ou que o olhava; continuou a caminhar trauteando uma valsa então em voga.

Jandira sentiu uma dor horrivel com aquella indifferença; parecia que lhe tinham lanceado o coração, mas resignou-se.

Assim decorreram tres mezes; ella sempre a espectral-o e elle sempre indifferente.

Muitas vezes Jandira teve impetos de chegar-se a elle, confessar-lhe tudo e dizer-lhe:

«Amo-te loicamente. Como não me comprehendes! Como me martyrisas com a tua indifferença? Não advinhaste ainda que te amo tanto? Não ouves, quando passas, como o meu coração pulsa afflicto?»

Mas essa confissão era impossivel; se lhe confessasse o seu amor calcaria a osseps o seu orgulho, a sua dignidade de mulher; era preciso ter coragem, ter resignação para soffrer em silencio.

No fim desses tres mezes de torturas para a gentil Jandira, soube ella que Jayme em breve partiria para bem longe e sem se saber se voltava.

Lagrimas ardentes banharam o rosto da desolada menina, que via fugir para sempre as suas esperanças, suas illusões.

Entretanto, Jayme partiu, e Jandira triste e melancolica não é mais a menina travessa e alegre de outros tempos: é o prototypo de dor e do soffrimento!

ADEMAR.

FLORÕES

INTERMINAVEL

Para o infinito corro, em vão, procuro
Um termo, onde descance da jornada,
Nem as sombras diviso de um escuro
Antro, que sirva, ao menos, de morada.

Debalde, aos céos, em supplicas, murmuro,
A alma sentindo esmorecer, cançada;
Busco o borisonte assetinado e puro,
Nem uma nuvem, candida, pousada.

E o céu não me responde; as azas, siuto,
Do amor, presas de tremulo canção.
A bater neste eterno labyrintho

E nada existe, que minh'alma evite
De correr os abysmos d'este espaço
E cahir n'este vacuo, sem limite.

JOSÉ OFFICIA.

MOLDOS CORTADOS

TAMANHO NATURAL

N. 24—25 —Saia..... 1\$000
N. 26 —Saia..... 1\$000
Pelo correio mais 300.

A FE

Tudo o que não tem por base a verdade não se recebe.

Eis um axioma que não sofre contestação. A Fé, portanto, é a convicção fundada pela demonstração da verdade em factos inconcussos.

Sem esta Fé, a vontade não pode ter a energia precisa para poder aquiescer e operar phenomenos dentro das leis naturaes que regulam o poder fluido da vontade.

Não pode haver convicção robusta de uma coisa sem o intimo conhecimento que dá a certeza da realidade d'ella.

E a mesma certeza que reside a potencia da Fé, em virtude da qual a vontade opera o que se quer.

A dúvida é a mancha da certeza, e, consequentemente, a impotencia da Fé.

Qual é a razão de ser da dúvida?

É forçosamente a falta do perfeito conhecimento, não da convicção da verdade.

É por que meio se adquire o intimo conhecimento?

Pelo trabalho do espirito, analisando e raciocinando sobre o que observa, para deduzir logicamente o que é real e o que não é.

A Fé afirma: Deus existe.

É porque é que a Fé afirma?

Porque o espirito, analisando e raciocinando sobre tudo o que observa em torno de si, deduz logicamente:

Não havendo effeito sem causa, e sendo o Universo um facto real, esse facto teve forçosamente um factor que se designa pelo nome de Deus. Logo, adquiriu o intimo conhecimento, que lhe dá a certeza da existencia de Deus.

Jesus chamou aos imbecillos homens sem fé ou homens de pouca fé.

É porque assim os chamou?

Porque cegos que não queriam ver — o seu espirito d'elles não se queira dar ao trabalho de analisar e raciocinar sobre o que Jesus dizia e praticava.

para logicamente deduzir em a realidade dos seus affirmativas e a do poder superior da sua vontade.

Assim como o astrônomo chega, por meio da análise e do raciocínio, sobre o que observa em relação ao movimento e ao tempo, a precisão matematicamente a distancia, o volume e a trajetória dos astros, que não palpa nem mede, senão por indicações do telescópio, assim também o espirito chega, pelo mesmo processo racional, a evidencia das coisas palpáveis e inobserváveis e intuído que o maravilham.

A Fé, pois, não existe e não surge antes e o resultado d'elle, e a sua potencia cresce na proporção do melhor conhecimento que elle adquire da realidade da coisa que ella afirma.

É justamente por isso que tudo o que não tem por base a verdade não se recebe.

Sei convicção a ter intima comprehensão.

A credulidade inconsciente não é Fé e superstição, e por isso, conduz ao fanatismo, que é a cegueira mental.

A Fé consciente e lucida, porque possui a comprehensão intima da que afirma.

NINON DE LENCLOS

Essencia da rosa, que jamais deixou de ser apreciada. Já possuía de 80 annos e conservava-se jovem e bella, graças ao uso dos perfumes de sua creação de haptismo que rasgava o arado Tempo, cuja base substitua-se sobre sua encantadora physionomia, sem que nunca deixasse o mesmo traço. Muito virid'avel, via-se o brilho do olhar e o velho rubugundo, como a raposa de Ladrão, que diz da vida. Este segredo, que a celebre e gosta de revelar, não se encontra em qualquer que base das posções daquelle época, desobriga o Dr. Leconte e as folhas de um volume de *L'Histoire ancienne des savants de l'Asie*, que fez parte da Bibliotheca de Voltaire e de Cassin, e que fez parte da Bibliotheca de Voltaire e de Cassin, e que fez parte da Bibliotheca de Voltaire e de Cassin.

DIJET DE NINON

po de negro especial e refrigerante.

Le Savon Crème de Ninon

especial para o rosto que limpa perfeitamente a epiderme mais delicada sem alteral-a.

LAIT DE NINON

que dá ahyia desodorante ao pescoço e aos hombros.

Entre os productos embelezados e apreciados da **PARFUMERIE NINON** continhe:

LA POUDE CAPILLIS

que faz voltar os cabellos loquios a cor natural e mantém em la cores.

SEVE SOURILIERE

que argumenta, engrossa e luctua as pestanas e os supercilios, ao mesmo tempo que dá vivacidade ao olhar.

LA PATE ET LA POUDE MANDERMALE DE NINON

para fúria, alvura brilhante das unhas, etc., etc.

Conservem sempre a crederença e o nome da casa e o endereço onde o rosto para evitar as emulções e falsificações.

PARFUMERIE EXOTIQUE
E. SENET
35, Rue du 4-Septembre, 35, PARIS

MÃO DE PAPA do duque, de príncipe, por meio da **Pâte des Prélats**, que embeiza a pele, acaeta a epiderme, impede e destrói as frieiras e as rugas.

UM NARIZ PICADO de pequenos borricelhas ou com cravos com a recuperação para brandes preventiva e suas cores lisas, por meio do **Anti-Holhos**, producto sem igual e muito embelezado.

UNHA COM AS UNHAFAÇÕES

Para ser bella, encantar todos, olhos leve e servir de Fleur de Pêche pô do arroz feito com fructos exóticos.

POUCOS CABELLOS

Fazem se crescer e cercallos empregando no **Extrait Capillaire des Benedictins du Mont-Majella**, que também impede que caíam e que liqum leuam.

E. SENET, Administrador, 35, Rue du 4-Septembre, Paris.

NÃO ARRANQUEM MAIS

na dentes e os apudlos, que se liqum leuam com o **Elixir dentifrice des Benedictins du Mont-Majella**.

E. SENET, Administrador, 35, Rue du 4-Septembre, Paris.

Racahout
DELANGRENIER

Alimento Completo
agradavel, leve e facilmente assimilavel

O verdadeiro RACAHOUT dos ARABES Delangrenier e o

Melhor alimento das Crianças

desde a idade de 7 a 8 mezes, e principalmente no periodo do desmamar.

TAMBÉM é recommendado as mães quando dão de mamar, aos convalescentes, aos anemicos, aos velhos; em resumo, todos os que precisam de fortificantes.

Exige a marca verdadeira
DELANGRENIER-PARIS

É encontrado em todas as PHARMACIAS

VINHO DE CHASSAING
BIBERIAN
Recetado há 30 annos
CASA DE APPELLATION D'ORIGINE CONTROLÉE
Paris, Avenue Victoria n.º 6.



A "PHOSPHATINA FALIÈRES"

é o mais saudável e o mais recommendado alimento para crianças desde a idade de 7 a 7 mezes, principalmente quando começam a ser desmammadas e no periodo de crescimento. Facilita a dentição e concorre para a sua formação dos ossos.

PARIS, AVENUE VICTORIA N.º 6, E NAS PHARMACIAS

PRISÃO DE VENTRE
Pó Laxativo de Vichy
Laxante certo, sem perigo.
30 D. SOULIGOUX
O único de Vichy que não contém mais de 12% de água.
PARIS, AVENUE VICTORIA N.º 6, E NAS PHARMACIAS

Perfumaria extrafina

L.T. PIVER
PARIS

Corylopsis do Japão
SABÃO — ESSENCIA — PÓ de ARROZ — OLEO
LOÇÃO VEGETAL — BRILHANTINA — COSMÉTICOS

Evitar as Imitações e Falsificações

O Tréfle incarnat
L. T. PIVER
Parfuma de Moda

Violettes de Parme
SABÃO — ESSENCIA — PÓ de ARROZ
LOÇÃO VEGETAL — BRILHANTINA — COSMÉTICOS

Leite de Iris L. T. Piver
PARA a HYGIENIDADE e BELLEZA do ROSTO
A melhor e mais hygienica de todas as preparações para o toúador

Dentifricios Mao-Tcha
PÓ — PASTE e ELIXIR

HOUBIGANT
PERFUMISTA
da RAINHA d INGLATERRA e da CORTE da RUSSIA
PARIS

AGUA HOUBIGANT
SEM RIVAL PARA O HOUADOR

AGUA de TOUCAOOR (Essência Houbigant)
AGUA de COLONIA (Essência Russe)

EXTRACTOS PARA LENÇOS: Violette de Indes, Royal Houbigant, Peau d'Espagne, Mouton de Indes, Le Parfum Imperial, Mouton d'Indes, Violette de Indes, Imperial Russe, Lila d'Indes, Houbigant de Indes, Fougere Royal, Clove de Indes, Jasmin d'Espagne, Eau de Russie, Girofle, Coriandre, Bourton d'Inde, Safran, Ylang.

SABONETES: Ophelia, Peau d'Espagne, Violette de Indes, Fougere Russe, Lait de Fleurs de Indes, Royal Houbigant.

PÓS OPHELIA, Toiletman de Belleza
PÓS PEAU D'ESPAGNE
LOÇÃO VEGETAL, para os Labellios
PÓS ROYAL HOUBIGANT

PERFUMARIA ESPECIAL MOSKARI

Credo — porque racionalmente a reconhecer — no existencia de Deus como causa primaria de todas as causas, não pode deixar de attribuir-lhe, com a suprema intelligencia, a suprema sabedoria, o supremo poder e a suprema bondade. Por isso não o teme, como a superstição, antes confia n'Elle plenamente.

E, por confiar n'Elle, é forte, isto é, resignada na adversidade.

A resignação do espirito na adversidade é como a calma do piloto em meio da tormenta: — uma força que resiste a dos elementos em furia.

E porque confia plenamente em Deus, sofre nessa

O poder da vontade, pois, esta na porção da robustez da convicção consciente em que se baseia a Fé.

A suposição ou a presumpção só podem produzir a superstição.

Só a verdade evidenciada e capaz de incutir no espirito a verdadeira Fé; a Fé que activa o poder da vontade, e a faz operar — só pelo seu querer — dentro das leis naturaes que regem a acção fluidica das forças da Natureza, verdadeiros prodigios.

VICTOR A. VILHA

Avançava sempre, correndo sobre a humanidade e esmagando-a, como um corcel a que latrasse o caualleiro, como um comboio em marcha a que latrasse o machucista.

Cefeira negra. Ceres tenebrosa tinha tonisões escarminhos, esgares nômicos quando um ou outro pensador cogitava no modo de embargar-lhe a acção destruidora. Kise desdenhosa de Frederico Hoffman quando meditava um metodo de prolongar a vida; fliz-se de Conaro e de Lessius que proclamavam a efficacia da abstenencia.

Algumas vezes divertia-se a inventar processos de abater o orgulho dos sabios e dos poderosos, matando-os como por biqueado ou zombaria; então cahia do bico da aguia a tartaruga que emagava o craneo do Eschylo, onde a tragedia germinava; os cães, saltando Eurpedes, dilaceravam-no famitamente; um bago de uva asphyxiava Anatroonte; cimitarra eletrisa de Comlyse feria mortalmente aquelle que em tantos combates a brandira triumphando.

Outras vezes fazia tremer de medo os que tinham escolhido para suas victimas e espelhava lendas terriveis que os trouxessem n'uma tortura constante. Foi assim que se lembrou de collocar a ameaça da *Dama Branca* junto a dynastia dos Brandeburgo.

Mas de tempos a tempos, a sua crueldade recrecia, a sua fome tornava-se devoradora; não era o escarneo que a inspirava — era a ferocidade que a impellia.

E então desencadeava essas interminaveis pestilencias da idade-media, que passavam de reino a reino varrendo-os e crescendo-os como um incendio que não conhece obstáculos.

Surgindo assim a *Peste Negra* de Florença no seculo XIV, annunciada primeiro pelos bubões, *gavoccioli*, como lhes chamava o povo, depois pelas grandes manchas escuras, invadiam o corpo dos enfermos, e mutavam rapidamente.

Os cruzados, por commenda da Morte, haviam trazido do Oriente esse terrivel flagello da Peste, que bem de pressa ganhou a Europa inteira e a dizimou aos milhares.

Quando o sybitismo da cefeira negra exigia um banquete opiparo, a Peste surgia, e um Lucius sinistro redigia a o *menu caprichoso*, em que a fibra tenra das creanças se misturava com a carne flaccida dos velhos.

Em Portugal, desde o principio da monarchia, pois que se fundara com o auxilio dos cruzados, a Peste fazia carnificinas medonhas, que traziam a lembrança as de Moloche, o deus sanguinario sempre de braços abertos para empolegar as victimas.

No fim do das grandes pestes nacionaes, a victoria das armas e os descobrimentos maritimos, os espartanos dos principes, as recepções das embaixadas e os torneios galhardos, a cefeira negra apparecia com o spectro de lady Malbeth,

com um facho destruidor na mão, a espalhar em redor de si uma atmosfera de terror e de presago.

O seculo XVI, esse grande seculo portuguez que ouvia cantar Camões e em que tudo foi grande, até a mim, não teve um momento para respirar desalagado da pressão da Morte.

A Peste assentava arraias, começava por escaramuças, como para experimentar a mão na véspera de uma batalha decisiva.

Quando a cefeira negra, a Ceres tenebrosa, se julgou sumamente amestrada, sorriu desvauecida e do seu habito venenoso tompeu a Peste Grande de 1500, que foi um catelismo ludo maior do que Alcaerquim, que lhe succedeu.

O povo, em lagrimas e luto, levantando clamores que troavam como trovões, vagueava supplicante em



RETRATO — Conforme um pastel de Franz von Leubach

A cefeira negra

confiança a energia fluidica que constitue o poder da vontade.

E, este poder da vontade, activado pela Fé, que faz os thumaturgos.

Foi com elle que Jesus naturalmente operou os prodigios referidos nos Evangelhos. Espirito nimamente sabio, e profundo conhecedor das leis naturaes que a humanidade mal começa agora a ser reveladas, a sua Fé, n'Aquelle que o enviou, tinha a robustez enorme da convicção intrinseca resultante da sciencia transcendental do seu espirito sublime.

Houve tempo em que a Morte, cefeira negra, Ceres tenebrosa que devista menses andantes de cabeças humanas, não encontrava a tomar-lhe o passo senão a superstição e o empirismo, a credulidade e o pavor, de que ella zombava ceifando.

Fazia hecatombes enormes, devastações tremendas, deixando após de si um vasto melonho de sangue, de lagrimas e de luto. Reduzia a po geraçãoes e raças inteiras, despovoava cidades, dizimava imperios e mostrava-se indifferente e surda a todos os clamores e prantos, a todas as imprecções e supplicas.



A PAZ DA FLORESTA

Recordações

(DE LUSO)

111

Voltamos à sala de visitas, e já o sol ia alto. Não sentia calor; da costa soprava um vento fresco e constante que amenizava a temperatura daquellas paragens.

A casa tinha um peridromo que nos permitia o passeio mais livre; sahí, e comigo sahiram igualmente Olympia e suas irmãs.

Ellas eram orphãs. A esposa do capitão fallecera na sua ausencia, quando em 1805 elle servia na companhia do Rio Grande do Sul, a lucra fraticida, mantida pela austeridade indomovível de compatriotas affrontados nos seus direitos de liberdade, e pelo capricho de governos engrampados no proposito de manterem o alto prestígio do poder, o logacho, de todos os governos.

Com as jovens senhoras mantive uma palestra banal, sem calor, apenas para ser conveniente a alliança de todas; porem o meu intuito era lalar somente com Olympia, ou antes ao ouvir a ella, de quem tudo me interessava em absoluto. Tralamos de musica.

— Toco alguma coisa, disse-me Olympia. Penso que um bom musico, executor ou compositor, deve reunir em si tres qualidades especiaes: talento, ap-

plicação e delicadeza de sentimento. Supponha um musico com a primeira e sem as duas outras qualidades e pode affirmar que nem elle progrediu na sua arte, porque com a carencia de applicação ao estudo lhe falta o conhecimento d'uma multiplicidade de regras que habitam para o jogo da harmonia, falta-lhe hem conhecer a natureza do instrum. ento que toca para evitar tactas inconvenientes na execução, o que so se obtem com trabalho assiduo e paciente, nem conseguira agradar a muitos gostos, porque faltam-lhe, tocando, essa expressão gradualmente suave e animada, compoendo, — essa intuição para a elegancia, a brandura, o apuro, a clareza, o brillantismo que na musica e tudo, — e a força que mantem os grandes effeitos.

Eu pouco compoño, e não me permite dizer si lalo, ou si existe em mim alguma d'estas qualidades, porque, francamente, não as experimento; conheço apenas que sou applicado pelo muito amor que tenho a musica.

— Modestia, D. Olympia, molesta... — É preciso reconhecer nesta arte a influencia preponderante do estylo.

Si o compositor tem o seu estylo particular, tambem o executor deve conhecê-lo para se ajustar ao seu caracter sem confundir estylos diversos, alias sem destruir o effeito da composiç. o, pensando elle mantem a maneira de exprimir, a escolha das expressões, distinguindo os andamentos.

— Na musica, disse por minha vez, admiro Mozart e Bethoven.

A pormenorisaç. o das formas, as melodias bem ritmadas de um, a expressão apaixonada, as symphonias caracteristicas e regras paradoxaes do outro, me encantam sobremoda.

Não quero com isto excluir da minha apreciação tantos outros mestros de talento admiravel.

— Sim, sim... Mozart em suas admiraves corcepções tem, como disse Gossec, a expressão de Raphael para o desenho, a energia de Poussin e o colorido de Rubens; elle foi e o Miguel Angelo da musica. Bethoven pela ousadia de suas concepções soube produzir em suas symphonias effeitos até então desconhecidos; e si algumas vezes o ouvido é choçado por bizarrías harmonicas, os cantos os mais meliodiosos vem logo fascinando fazer-lhe esquecer as aberrações do genio, porque nesse grande compositor tudo é genio.

As regras são muitas vezes desprezadas por elle, mas sempre sobre achou sua esusa em os effeitos pittorescos e extraordinarios.

Aprecio immensamente Bellini, e elle caracteriza se pela Norma. Quer ouvir? Vou tocar a *Castá Dora*.

Olympia foi ao piano e logo comeccei a ouvir as primeiras notas sentimentaes da Norma, num *moderato crescendo*, acoçando os sons e ligando-os, unindo-os com suavidade.

Eu estava cheio de contentamento e radiante de

NINON DE LENCLOS

esarneeia da ruga, que jamais cousem mostrar-lhe a epiderme. Já passava dos 80 annos e conservava-se joven e bella, tirando sempre os pedagogos da sua certidão de baptismo que rasgava a cara do Tempo, cuja foice entornava-se sobre sua encantadora physionomia, sem que nunca deixasse o menor traço. «Muito verdadeiramente vi-se obrigada a dizer o velho rubicundo, como a esposa de Latoraine dizia das nvas. Este segredo, que a celebre egeista franceza jamais confidaria a quem quer que fosse, diz a pessoa daquelle época, descrevendo o Dr. Lecoate entre os factos de um volume de *L'Histoire anecdotique des quistes*, de Guesy-Kalotin, que fez parte da bibliotheca de Voltaire e finalmente propriedade exclusiva da **PARFUMERIE NINON, MAISON LECOATE, Rue des Septembre, 35, Paris.**

Esta casa tem-me á disposiç. o das nossas elegantes, sob o nome de **VERITABLE LA C DE NINON**, assim como as receitas que d'ella provêm, por exemplo, o

DUVET DE NINON

pó de arroz especial e refrigerante;

Le Savon Crème de Ninon

especial para o rosto que limpa perfeitamente a epiderme mais delicada sem alteral-a.

LAIT DE NINON

que dá alvura deslumbrante ao pesçoço e aos hombros.

Entre os productos conhecidos e apreciados da **PARFUMERIE NINON** contam-se:

LA POUDEE CAPILLUS

que faz voltar os cabelos brancos a cor natural e existe em 12 cores;

SEVE SOURCILIERE

que augmenta, engrossa e bruma as pestanas e os supercilios, no mesmo tempo que dá vivacidade ao olhar.

LA PATE ET LA POUDEE MANODERMALE DE NINON

para ahiara, alvura brilhante das mãos, etc., etc.

Convem exigir e verificar o nome da casa e o endereço sobre o rotulo para evitar as imitações e falsificações

PARFUMERIE EXOTIQUE E. SENET

35, Rue du 4-Septembre, 35, PARIS

MÃO DE PAPA do Duque, de príncipe, por meio da **Pâte des Prélats**, que embranquece, alisa, assenta a epiderme, impede e destrói as freiras e as rachas.

UM NARIZ PICADO de pequenas feridas ou com cravos torna a respirar sua branura primitiva e sua obra limpa por meio do **Anti-Bolbos**, producto sem igual e muito contrafeito.

CUIDADO COM AS CONTRAFACÇÕES

Para ser bella, encantar todos os olhos deve-se servir da **Fleur de Pêche** pó de arroz feito com frutos exóticos.

POUCOS CABELLOS

Fazem-se crescer e errallos empregando-se o **Extrait Capillaire des Benedictins du Mont-Majella**, que tambem impede que caíam e que ficam brancos.

E. SENET, Administrateur, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

NÃO ARRANQUEM MAIS

Os dentes estragados, machucados e branqueados com o **Elixir dentifrice des Benedictins du Mont-Majella**.

E. SENET, Administrateur, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

Pastilhas e Xarope de Nafé

DELANGRENIER

excellentes peitoraes contra

TOSSE, DEFLUXO, BRONCHITE

As Pastilhas de Nafé são verdadeiros confeitos peitoraes de um gosto delicioso. Acalmam as irritações da garganta e do peito.

O Xarope de Nafé, misturado com uma infusão ou com leite quente, forma uma tisana muito calmante e muito agradável.

Esses peitoraes não contém substancia toxica e podem ser administrados com toda a segurança ás CRIANÇAS e muito particularmente contra a **COQUELUCHE**.

Exigir a marca verdadeira: Delangrenier-Paris

São encontrados em todas as Pharmacias

Perfumaria extrafina

L.T. PIVER

PARIS

Corylopsis do Japão

SABÃO — ESSENCIA — PÓ DE ARROZ — OLEO LOÇÃO VEGETAL — BRILHANTINA — COSMETICOS

Evitar as Imitações e Falsificações

O Trêfle incarnat

L. T. PIVER

Parfume de Moda

Violettes de Parme

SABÃO — ESSENCIA — PÓ DE ARROZ LOÇÃO VEGETAL — BRILHANTINA — COSMETICOS

Leite de Iris L. T. Piver

PARA a JUVENILIDADE e BELLEZA do ROSTO

A melhor e mais hygienica de todas as preparações para o tonozador

Dentifricios Mao-Tcha

PÓ — PAJITA E ELIXIR

PILULAS DE BLANCARD

APPROVADAS PELA ACADEMIA DE MEDICINA DE PARIS

Resumem todas as Propriedades do IODO e do FERRO.

40 Rua Bonaparte PARIS



Estas Pilulas são de uma efficacia maravilhosa contra a **Anomia, Chlorose** e todos os casos em que se trata de combater a **Pobreza do Sangu**.

CRÈME SIMON

PARA conservar ou dar ao rosto **FRESCURA MACIEZA MOCIDADE.**



Para proteger a epiderme contra as influencias perniciosas da atmosphera, é indispensavel adoptar para a toilette diaria o **CRÈME SIMON**.

Os **PÓS DE ARROZ SIMON**, e o **SABONETE Crème Simon**, preparavel com glicerina, a sua acção benéfica é tão evidente que não ha necessidade que n use uma vez que não reconheça as suas grandes virtudes.

J. SIMON, 36, Rue du Provençe, PARIS PHARMACIA, PERFUMARIA e loja de Cabelleiros.

Desconfiar das Imitações.

zira — essa alegria communicativa que se expande em riso, em tudo e com todos, — esse contentamento intimo que nos leva a alisar o nadal sobre as ondas de um mar de delicias.

O piano continuava vibrando sob o contacto dos dedos d'ados da pianista; e a musica cheia de situações brilhantes, attrahentes, ora precipitava-se para a frente, ora, como uma laca de colera de encadeada, tremendo, ora, como d'encanto, numa suavidade velludada, ora, como em tenras amorosas!

Todas as coisas me parecia que tinham formas animadas, agitavam-se para falarem da minha felicidade alli, perto de Olympia.

Fiquei fite! gritei da porta a pequena Henriqueta. Aos gritos de fogo! nos eguemos de uma vez, abandonando a musica, e sahimos para o peridromo.

De um lado e a alguns metros de distancia pozeram fogo aos tojos e arbustos de um trecho meilto que se queria converter em clareira para o cultivo.

O vento agitava a direita, a esquerda, de frente, de esguelha, e as linguas de fogo subiam rapidas uma e outra, innumeras na erpitação repetida por de sobre tremos estria caidos, lançando fumaça ao espaço.

E grandes volos de fumo espiralavam de alli, coincidos no capricho do vento que parecia folgar com

trahindo-se aos aortes que lhe daria com o lenço, e voltava festo a uma pertinacia.

Fugiu.

IV

Cahta a to de.

Depois de cantar, o capitão Pasca, h'nam divertido, humoristico, converion alegremente, bontou anedotas e incitou o riso a todo. Almal, bntrou com o seu cão, feilo latir, saltar, avançar e fugir a tração, como que exercitandoo.

Vamos passear, George?

— Não, agradecido, heo hem, respondi riseno; e foi com alegria que, embalado na confiança que gozava, eu o vi sair e perder-se na curva d'uma laderinha que fica da parte esquerda da casa.

Olympia, as meninas e eu ficamos a sesta.

Ate então, não tinha tido uma soavez oensejo de dizer-lhe qualquer coisa, uma palavra tenra, uma expressão affectuosa, assim, numa hypothese de namoro.

Ja estava intrigado commigo mesmo.

Mas, si por um lado me faltava isso, por outro sohrava uma prolasão de tenras, de caricias, de meiguices, que la se iam nos meus olhares inflamados

— Perdão, minha senhora, isto é dizer hem, desde que não se conheça o amor do outro sexo. Quando houver uma flor que alicie naturalmente nudo mo uma cor, mas que a sua primitiva se alicie em seis outros cores, esta chama-se a: amor das mulheres. Uma risolinha desolista cobriu as minhas ultimas palavras.

Eu aguarder que Olympia voltasse ao thema, por pie contava com a oportunidade para fazer passar a minha confessão numa onda es'amos de ardente amor.

— Vamos ver o banheiro? peço Carlota.

— Vamos, Acompanha-mos sr. George?

— Pois não, com muito prazer. V. Ex. não imagina como me agrada o campo.

Eu renunciaria a todas as delicias do ceo, si me fosse dado escolhe-las, para viver aqui, para impregnar-me da poesia d'este Eden.

E desceamos para o terreiro.

E' tão triste aqui! o senhor não poderia resistir; a vida neste lugat des'isa sombria, sem o encanto da vida da cidade.

— Acredito, mas somente no caso em que ella, a vida, não seja illumada pela presença de V. Ex.

— Dirige-me um galateio?



aquella bocca de fogo, biante, voraz, ateando-lhe as flamas encarnadas.

Pouco a pouco foi extinguido-se a intensidade das chamas, extinguindo-se, até que de todo cessou o fogo.

De longe via-se agora um estirão denegrido, semeado de montuculos de cinza, pedras fumadas, tócos negros, e no ar errava uma tristeza funda, avassaladora, que dava a quemada nma apparença de cemiterio de campanha, qual deve ser o sitio apos a lucta encarnada, manchado de sangue, coberto de corpos humanos e instrumentos de guerra.

Je então, tudo silencio.

Debruçado na varanda do peridromo, parecia-me estar de palanque, a olhar vagamente o terreiro da casa, onde passava a criação garrulaca cantando o sustento.

De vez, um gallo agitava as azuis e de ferria seu canto vibrante e melancholico; aquella herca, que se repetia longano, como o brado de sentinellas esparsas, distantes do corpo do exercito.

As andorinhas voltavam perto, e la uma baixava ao terreiro e sahia saltitando ligeiramente, debicando aqui e alli, para depois suspender o voo errante.

Zumbiu um insecto; e logo divisei, curioso, um besouro negro que fazia zumbais a altura do minha cabeça, subindo, descendo, traçando, numa lura dobl e peralhento, l. o besouro, de um lado e de outro, para deante e para traz, cabecava desviandose, sub-

NOITE DE OUTONO (TARDEZINHA AO ANOITECER)

e nos meus modos extremamente attentiosos para com ella.

E comecei por acreditar que Olympia suspeitava a existencia do meu amor. E mais: — que ella tambem me amava.

Para tomar-se conhecimento da paixão que m'empolgava não seria necessario grande esforço. Eu estava alli todo outro, inteiramente afundido no meu extreme objectivo.

Para se conhecer que Olympia estava apaixonada bastava observar-lhe a preocupação, que não consistia noutra coisa sinão no estar perto de mim, no interpretar-me os pensamentos e corresponder aos meus desejos, como a resultante d'esse espontaneo cuidado, d'esse extremo zelo que só o amor inspira e que não se pode occultar mesmo á força de toda vontade.

Porém, nem uma palavra sua me auctorizava a dizer-lhe isso que eu sabia e que provavelmente ella sabia melhor que eu.

Dava manifestas provas de affecto; me parava amor e revelava-me internada nessa lucta sentimental do coração, que nos faz amar mais e mais a vida com todos os seus prazeres e dores, com todos os seus gozos e afflicções, ainda que não sempre.

Uma vez foi ao interior da casa e voltou trazendo uma papoila.

— Veja, sr. George, esta flor está branca pela manhã e de tarde tem a cor da rosa. E' por isso que a chamam amor das mulheres.

Ah!... e assim o amei dos homens!...

— A minha expressão foi nesta hypothese, minha senhora, balbuciei quasi supplice.

A palavra sahi-me forçada na garganta, animada; um afflugo de sangue subiu-me ao cerebro e o rosto avultou-se sob um calor violento que pouco a pouco foi... passando...

Olympia conservou-se silenciosa, e por assim ser achei-me com motivo para indagar:

— Desgozaram-lhe as minhas expressões, minha senhora?

Nem uma palavra de resposta.

As duas meninas passeavam bem alegremente.

Parei e, firme, resoluto:

— Queira perdoar-me; mas, então, não posso conter-me sem confessar de coração nas mãos que lhe amo, Olympia, que o seu amor será para mim como o elixir da vida, e cujos effluvios terão o magno poder de fortalecer-me, tornar-meão forte como a morte, disse-lhe d'uma vez, num impetuoso, tocado na fibra da emoção, abalado em todo o meu systema nervoso.

— Tambem lhe amo, George.

Cobriu-me um tendal de felicidades, hebi um hausto de contentamento doce e generoso, e neste momento senti uma turbida impressão diluir-se-me em toda ramificação dos nervos, como si experimentasse a intessencia d'um gozo paradisiaco!

O sol atulava-se numa onda de sangue em o poente.



PIRATAS NOS BANCOS DE PEDRA E RECIFES

e a brisa soprava mansamente, beijando a corolla das flôres silvestres.

Estava ali o lugar de banho.

A água descia de escarpada rocha em cascatas e, abaixo, por estreita lica de madeira precipitava-se em baía de areia auripososa, como uma lava de prata liquefita.

Voltamos.

Chegando à casa não demorei nem mais um instante; apresentei as minhas despedidas e parti.

Parti sandoso.

E o narrador, quebrando a cruz do seu cábruto em brasa epiloou, soprando um fumo de fumo azulado que afistouse em entalal para o e paço.

— Cinco mezes depois do occorrido pedi Olympia

a casamento, fil-a minha esposa. O resto já heis sabes...

O ouvinte assentiu, possuindo da mesma atenção com que escutou do velho amigo toda a sua historia, reunidos no remanso do lú, onde passavam revista ao passado, esse passado que todos temos e que todos gostamos de evocar não sem saudades!

ESTRELA GOMES

Primeira Esperança

Quem é esse Deuses Fuz, que espandevera...
... Minha filha, não se desolava...

Mosaico

Uma actriz que morreu aos 76 annos, deixou os seguintes apontamentos: casei-me 7,089 vezes; fui minha 5,217; morri envenenada 8,42; morri apunhalada 7,085...

No banquete da vida nada ganha o victor da amizade. — Leon Bertrand.
— Meu filho! neste mundo, para se viver bem, são necessarias duas coisas: honestidade e esperteza.

A ambição e a fonte da magnanião.

Nunca salto de barbeiro:
— O senhor está com o rosto todo cortado. Quem foi a besta que lhe fez essa barba?
— Fui eu mesmo.

Os pequenos e os miseráveis devem consolarem-se do despreso dos grandes: se nunca elevarem, ou notam sequer, as suas virtudes e boas qualidades, tambem nunca se admiram e se espantam dos seus vicios e defeitos.

Noite Amena

Termina-se a tarde amena
E o sol, tranquillo, se esvae.
No prado, a fresca açucena
Oscula, tremula e cae...

Paira nos ares, serena
A luz que morrendo vae
Murmura a brisa com pena
O som plangente d'um ai.

Cae a noite e a terra innumda
Dessa tristeza profunda
Que nos punge e coração,

Pára a brisa; o mar é mudo...
E no cos, na terra, em tudo
Reina triste a solidão.

Macabe ORENHO SASTROS.

CHRONIQUETA

Rio, 22 de Março de 1900.

Pois, minhas senhoras, desta vez tivemos uma quinzena pandega, graça ao conselheiro Andrade Figueira. Ha muito tempo não sabiamos o que era uma galgalhada...

A politica descobriu uma conspiração de opensta, e soube que o alludido conselheiro andava a distribuir pelotas para a restauração do throno, e das finanças de alguns capitães.

Fez o chefe de policia o que devia fazer: mandou chamar, para explicações, o pagador das tropas, este, porém, recuou ao convite, allegando que aquella autoridade não era juridica.

Ora em te mostro se sou ou se não sou juridico! bradou o Dr. Eutás Galvão, — e mandou buscá-lo de baixo de vata.

Como o Sr. Figueira resistisse, teve que ir a força, com grande escandalo, de lanço de risota. — e, chegado que foi a presença do chefe, não quiz depor.

Ruy Barbosa, um talento illustre, um mestre da lingua portugueza, com quem eu desejára estar sempre de accordo, não contente de compiar o Sr. Figueira a Chateaubriud, comparou-o tambem a Christo. O grande jornalista foi um maladroto am, que concorreu para augmentar o ridiculo da tal conspiração.

Na realidade, compiar a Christo um homem intelligente e illustrado que se arrou sempre com a sua intelligencia e a sua illustração contra a liberdade, que nem no parlamento nem no foro nem na imprensa ergueu jamais a sua voz aspera e metalica em favor de uma idéa liberal, ou simplesmente generosa, — é uma bondade intellect, que não se perdoa a penna de ouro de Ruy Barbosa.

O relatório do chefe de policia abi esta para mostrar que o Sr. Figueira não podia deixar de ser chamado ao gabinete do chefe de policia, que não e precisamente o pretorio da justiça.

E nada mais digo senão que esta conspiração foi tão boa para a Republica, deu um golpe tão decisivo no sebastianismo, que o governo deveria inventá-la, se os propósitos monarchistas (?) não se encarratgessem disso.

Mas deixem os de lado a politica (se isso e politica) para estudar nesta columna o appareamento de Dom Casimiro, o novo livro de Machado de Assis, editado pela casa Garnier.

Provavelmente a leitora ja mandou buscar um volume desse romance, que e o digno pendant das gloriosas Memorias postumas de Ibra Cubas, e o mais bello fecho que poderia ter o nosso seculo litterario.

Toda a graça, toda a ironia, toda a concituosa e risoiha philosophia, todo o talento de observação e analyse psychologica, e ainda mais, toda a elegancia de linguagem e primor de estilo do mestre estão nessas paginas lidas com avidez e delicias.

Esta chroniqueta chegou a tarde, talvez, para convidar a leitora a visitar o bazar da caridade estabelecido no salão do Derby-Club, a praça Thyrides, em beneficio do projectado Instituto de Protecção a Infancia do Rio de Janeiro: em todo caso, aqui fica a lembrança.

ELOY, O HEROE.

THEATROS

Rio, 22 de Março de 1900.

A companhia dramatica dirigida por Lucinda Simões e Christiano de Souza, continua a dar espectaculos concorridos no Lucinda. Depois da Folia, do Leão branco e do Senhor Afonso, veio a reprise da Luariva, que tem valido a empreeza algumas enchentes.

A companhia Dias Braga, que este de malas levas para uma viagem ao Norte, poz em scena mais um dramalhão muito bem feito, de Denney, intitulado o Domador de lenas, que ja tinha sido representado no Recreio, ha um bom par de annos.

Todos os papeis foram bem representados, e um estreado, o actor portuguez Santos Ferreira, cantou muito boa impressão.

No Apollo cessaram as representações da Fiana Clark e no Recreio as da Nhai baronessa. Naquelle theatro prepara-se uma opereta e neste uma magica.

Ao que parece, teremos este anno uma boa companhia lyrica. Pelo menos ja se sabe que o empresario Sanzone contractou um magnifico tenor e um regente de orchestra de primeira ordem: De Marchi e Mascietroni.

X. V. Z.

Novidades Musicas

Recebemos e agradecemos:

Da casa do Sr. Manoel Antonio Guimarães — Oh! Meu Bem! polka pelo Dr. Lucinda Filho; Phur d'Argent, valsa de Theobaldo Marques; Esperta, valsa de A. Cavalcanti.

M.ºe Gazzaniga & M.ºe Bier

COM ATELIER DE COSTURAS

28 — Rua Gonçalves Dias — 28

(SOBRADO)

Encarrega-se de Lulos,

Ensoceas para Casamentos

e todo e qualquer trabalho

concernente á sua arte

RIO DE JANEIRO

ULTIMAS NOVIDADES MÚSICAS

Grande estabelecimento de pianos e musica

DE

Fertim de Vasconcellos, Morand & C.

147, Rua do Ouvidor, 147

- Americano, pas de quatre de J. Rom... \$500
Bem sei que tu me desprezas (rom poesia, 18ª edição) valsa... \$300
Borleletas, quadrilha de E. Couto... \$500
Adoles, schottisch (grande successo) de C. Marques... \$500
Arrufos de Sinhá, polka (3ª edição) de J. Cunha... \$500
Cibana polka de J. G. Christo... \$500
Desvaneco, valsa de A. Cavalcanti... \$500
Engrossa, lundu (com letra, 2ª edição)... \$500
Esauhar, valsa de C. Marques... \$500
Garrula, schottich de O. Lacarda... \$500
Juracy, valsa de B. Nunes... \$500
Lof, pas de quatre (novel) de C. Marques... \$500
Menis oito annos, valsa (com letra) 6ª edição de O. Carneiro... \$500
Monte Christo, valsa cigana de Kotlar... \$500
Nirvana, valsa de Oscar Carneiro... \$500
Minha querida, (successo) valsa de A. E. Costa... \$500
Ninas toreras, valsa de A. Cavalcanti... \$500
Papai, mamãe, valsa de J. Barros... \$500
Sempre constante, valsa de A. Keller... \$500
Os teus olhos me seduzem (successo) valsa de Evora Filho... \$500
Triste como eu (12ª ed.), valsa de Evora F... \$500
Ultramontana, valsa de C. Marques... \$500

Remetem-se em continendas para o interior juntamente com o brinde mensal que a casa offerece.

147, RUA DO OUVIDOR, 147

XAROPE DELABARRE (DENTIÇÃO)

Xarope sem narcotico... Facilita a sahida dos dentes, cura no fim... Facilita a sahida dos dentes, cura no fim...

Egypta-se o Carimbo official e a assignatura Delabarre.

FUMOZE-ALBESPEYRES, 78, Faubourg Saint-Denis, Paris e em todas as pharmacias.

PAPEL E CIGARROS

ANTI-ASTHMATICOS de B.º BARRAL

Recommandados pelas summidades medicas. Preparações muitissimo efficazes para a cura da ASTHMA, das OPPRESSÕES, das ENXAQUECAS, etc. 16 ANOS DE SUCESSOS.

FUMOZE-ALBESPEYRES, 78, Faubourg Saint-Denis, Paris e em todas as pharmacias.

NUNCA APPLIQUE-SE UM VESICATORIO SEM SE TER O

VESICATORIO DE ALBESPEYRES

o MAIS EFFICAZ e o MENOS DOLOROSO de TODOS os VESICATORIOS. Efficaz e a Agua de ALBESPEYRES no LADO VERDE. FUMOZE-ALBESPEYRES, 78, Faubourg Saint-Denis, PARIS e em todas as pharmacias.

O TEMPO

Antigamente a ideia do tempo assistava-nos.

Plagrou-o a mythologia grega em Kronos, a romana em Saturno.

Um e outro eram ferocemente brutos.

Saturno devorava os próprios filhos; a família era para elle um *tabaco*. Cada menino, um peteteo: Titão tem machado no pulso.

Chamava-se Cybele a esposa de Saturno: uma espelthouza.

Titão, o mais velho de Saturno, cedera lhe a dote, mas impuzera-lhe a condição de devorar quatro filhos antes de esse: porque Titão também tinha filhos, e queria garantir-lhes o direito de successão.

Saturno cumpriu.

Passou-lhe a vida em enlaidadeiras, com a facilidade de quem engole carapetes.

Esses meninos eram Plutão e Neptuno.

A mãe não gostava de ter o incommodo de procrear família para o matadouro.

Depois de devorados aquelles dois filhos, Cybele propinou a Saturno uma heberagem, e os meninos, que o pai tinha enlaidado até os pudermos sair com a mesma facilidade com que haviam entrado.

Não se sabe ao certo que heberagem fosse essa: mas supõe-se que não deixava de conter ugnestia.

Quando nasceu outro filho que a ser Jupiter, Cybele amou nova pega ao marido.

Den-lhe a engolir uma pedra e salvou o filho.

Ves-se que veio de muito longa facilidade que certos meninos tem de fechar os olhos, abstrair a cabeça e engolir pedras.

Aproposo geralmente que a fadala de Saturno devorando os filhos é uma allusão do tempo, que destroe tudo quanto procria.

Esta, segundo a mythologia, o tempo é representado num velho, magro e barbeludo, com grandes azas, force n'uma das mãos, ampolheta na outra.

Morto, para andar depressa, barbeludo, para que a gente possa fazer-lhe uma pega, e ter dor quando a curar. Com grandes azas, como se não bastasse a rapidez, para fugir com a maxima velocidade. Armado de uma force, para destruir ao passar. Armado de uma ampolheta, para medir a duração dos dias e das horas.

Só esta impressão de terror, que o tempo assim retratado nos causava, fomos educados n'outra época todos os que erámos ainda meninos quando o *Menino da Pedra* teve voga.

Como n'esse tempo se estudava latim, liam-se os poetas romanos e conheciam-se os conselhos que elles davam para que se aproveitasse bem o tempo.

Dizia um o tempo é cavelo: apenas tem uma ferrapastilha no cocuruto da cabeça; é seguralo por ali, deixando-lhe o gataso, quando não, foge e depois agarra-o.

Dizia outro, o pastineiro Horacio, que não fazia senão perder tempo; é preciso aproveitá-lo espremeendo-o bem dia a dia.

Quando a poetaes, sempre regidou esta lei: olha para o que elles dizem, não para o que elles fazem.

De modo que uma pessoa estava sempre diante do tempo com o crebro na bocca, como diante de um touro que ou apunha um par de bandarilhas ou marra no fidador.

Mas, por mais dextro que o bandarilheiro fosse, a oedhida era certa.

O tempo voltava a ampolheta, e a foga trabalhava.

O tempo venia sempre.

Para a gente poder conta o tempo inventaram-se os primeiros relógios, muito simples e ingenhos: o pendulum, relógio do sol e a ampolheta, relógio de areia, o clepsydra relógio de agua.

Paulo e Virginia, como ainda n'antão os campeões, não tinham relógios de neithera d'estas especies mediam o tempo pela sombra das arvores.

Dizia Virginia: «São horas de pintar porque as sombras das banneras já lhes dão pelo péo.

No tempo de Demosthenes regulava o clepsydra,

porque elle disse algumas. Vão disputas e míftho agoras.

Li como se era. João Franco disse e li no parlamento: «Amida não acabou a vida boa que o reimento me conceder.

Os Demosthenes encontram-se sempre nas mesmas phrases.

Linnæo inventou o relógio botânico, que media o tempo pela hora em que certas flores abriam e fechiavam, relógio terrato, mais que luba, como os outros, o defeito de se não poder trazer na algibeira.

Sooz, porém, a hora de se inventar os relógios que hoje possuímos, portatéis e baratos, e chegou-se a suprema perfeição no chronometro, que por ser melhor que todos os outros, é muito mais caro.

He, quando a gente vê um relógio muito bonito, começa a admirá-lo sem se lembrar de que aquelle lindo monstrozinho é a condemnação da nossa existência.

A noção do tempo está ali distarçada, porque a civilisação é uma vasta pharmacia onde se doiram todas as pilulas.

Nem Guizot, nem Seignolles, nem o Sr. Dectio, que escreveram sobre a civilisação, tinham dado esta definição ainda.

Pertence ao esse honra.

A par dos relógios, vieram os repertorios para sabermos a quantas andanças.

Toda a gente tem ouvido fallar da *Folhinha do Padre Vicente*, que era um livrinho austero com o assumpto de que tratava.

Uma pessoa aprendia a lição com a duração do dia e da noite.

O visconde de Santa Monica, que tinha sido creole com a *Folhinha do Padre Vicente*, se lhe perguntavam como passava respondia sempre:

Vão morrendo.

Em o pesadelo do tempo a enanar o pensamento é um homem de espirito.

Tra Saturno a devorar os meninos.

Éra o terrível figurão da mythologia, de force e ampolheta em punho.

Depois d'aquella função a *Folhinha*, com o progresso começou a romper vieram allí mais repertorios feitos, que mettam ainda assim a dederada luracla.

Os *livros d'ou* permitem-se contar aqui e allí uma anecdota, largar de conto a lada uma piada sem.

Mas era já um grande passo para doirar a pilula do tempo, disfarçando a ideia de morte.

Avançando sempre, o progresso trouxe em n'ossos dias os *almanachs illustrados*, recheiados de litteratura amena, e os calendarios de phantasia, com vistoso chromo, que aie dá gosto, para ter occasião de enalutá-los, ir a gente descontando mais um dia a existência.

Até hoje receber agora o *Almanach Bertrand*, genero Hachette, que é um volume de 300 paginas.

Muito bem organizado por Fernand Csta, ha allí tudo quanto possa recrear a imaginação. Vae se o tempo a lel-o, a gente não dá por isso. Saturno somente se por entre historietas, anecdotas, arguinhos e retratos. Não o vemos a devorar os meninos os quaes nemmos como nos também. E como ella muito uma pessoa sei com da, o encaixar a pilula do tempo, tão bem doirada chega a dar com oção. Passou mais um anno? Mas não meos que não dei por isso ao lei este mala feo de almanach.

De calendarios de phantasia, nem se pode fallar, tantos são elles!

Vai a gente a cata de alfuíte e logo esse amavel artista nos mette na mão um almanach.

Farte d'allí para cá do chapeliro, que nos diz risando: «Lebho a honra de offerecer-lhe o meu almanach.

No fim da vida cada pessoa é um cavelo de almanachs, e como alguns são grandes não ha remedio senão preal-os um castro, com o que aproveitam todos os transientes recitando seus bilhetes e ficando informados sobre o santo do dia.

Esta somaria passava no Circolo um impeto heilvestido, que aquillo não é uma para malapilulas.

Cumpriam-se n'isso. Elle zarripou-lhe. Quando

tiros o chapéu, *enqilhe da caps*, um baralho de almanachs.

N'aquelle dia até os carotos os apunharam de taça.

Entre os melhores calendarios d'este anno avulta o da casa Palhaes, da rua do Ouro.

Representa o busto de uma linda creança, em camisa, com os lindos braços a nu. Que galanteria de cara! O proprio Saturno teria pena de enlillá-la, se fosse seu filho. Que galanteria de corpo! Os braços dão vontade da gente morder-lhe na polpa! Vae um bocadinho de peito, que dá appetite de ir ao Tavares pedir meio life com lapis azues, porque ha no chromo um laco azul que he a a matar sobre a camisa rendilhada. Sotopostas ao busto, allí uma flores, porque as flores sempre se casaram bem com a creanças. Um encauto!

Quando a gente vae desfolhar no calendario mais um dia, lembra-se lá de que tem menos vinte e quatro horas de vida! Rasga indifferentemente o papelinho, e olha para a creança dizendo ou pensando: «Quem me dera assim um filho!»

Ora esta ideia é das que mais suavizam a existência.

Em conclusão, chegamos a uma época em que a pilula do tempo está perfeitamente doirada.

Saturno teve decreto muito menos prazer em engulir os filhos e nos, andá ha poucos annos, tinhamos muito mais difficuldade em engulir o proprio Saturno.

Civilisação vasta pharmacia em que se doiram todas as pilulas.

Até a maior de todas — que é a morte.

ALBERTO PRUDENTE.

(Folhinha)

Cecém

Tu não resistes ao amor,
e d'isso a cor das calças.
Nestes pontos os meus anilhaes,
que tornam tuelles — cecém.

Nas faces tens a cor clara,
de pelo ruboutsada,
quando ves a alvorçada
d'ente amor que tudo clara.

Porque resistes, se queres,
se eu sei que amas tambem.
Ha nos campos malmequeres

que se estolham em querer best,
Rosa d'espinhos que fores,
porque resistes, Cecém?

PLAT

UM LIVRO DE MICHELET

(ESTACÃO A LIMA GREGA)

Michelet explica nas liltas a seguir o espirito da obra gigantesca que elle escreveu sob o titulo de *Historia da Humanidade*.

«A humanidade deposita successivamente suas almas n'uma Biblia commum. Cada povo illustre escreve n'ella o seu versiculo. Os versiculos são perfeitamente claros, sob uma forma variavel e um estylo muito livre; ahi grandes poemas, allí descrições historicas, allí pyramides, estatuas. Um Deus, as vezes uma cidade, sem phrases, consubstanciaem toda uma alma.

Heracles é um versiculo Athenes — um versiculo, e o alto orgenho da Grecia transpina todo elle em Palhas — Athenes mais do que em toda a liltada.

Depois elle pôe-se a seguir a humanidade através das tempes, historia ou fabula, poesia ou sciencia, arte ou politica, philologia ou religião, heroes, sahies, homens um milhões, e até o animal, tudo penetrado, tudo determinado a liltio, o enho, o característico d'uma época.

Segue a liltada os primeiros passos extrasia se adaptado ante a liltada sagrada. Indis, o Ramayana

que maravillhou o proprio Brahma, e onde os deuses, os genios, os santos e os homens fallam.

O! o tenso poema que se desejaria ouvir sempre! o delicioso canto! e Michelet se enthusiasma e exclama: — encontrei a Biblia da Bondade!

Estuda depois os costumes da India: esse povo não conhecia a escravidão, respeitava e amava a mulher, e precituava: Não batei nunca nas mulheres, embora ellas commettam as maiores faltas, nem mesmo com uma flor; — A mulher mãe vale mais que mil paes. — Por toda a parte onde as mulheres são honradas as divindades se mostram satisfeitas, onde o não são todos os actos pios são estereis...

Depois passa a Persia, a Persia que não possui castas nem mythologia; a Persia verdadeiramente grande, forte, laboriosa, e em que toda a moral se reduz a estas sentenças: — «Sede puro para ser forte, sede forte para ser creador!»

Vem depois a Grecia, e Michelet se extasia e se detem na contemplação de Athenas que produziu Homero, Eschylo, Aspasia, Socrates, Phydias, Demosthenes, Aristides, Themistocles, etc... Sua historia compõe-se de algumas paginas, mas é outra Biblia da Humanidade a illuminar o mundo; na sua pequenez fez mais que os grandes imperios e as suas capitães do pensamento humano.» V. Ingo.

Michelet descreve-nos então Eschylo, o maior dos tragicos gregos, o critico, o pontifice, o propheta, que reunio nas suas com tragedias, a Biblia grega o seu velho testamento.

Falla dos costumes d'esse povo. «Os gregos eram palradores risonhos e as vezes cynicos. Longe de dissimular, elles punham em relevo misérias e vergonhas que talvez nunca existiram. Os costumes são nos lauros de certas cidades christãs mais corrompidos do que o foram nunca em todo o mundo grego.»

Vejam as mulheres athenienses: «A esposa não ficava encerrada no fundo do gynecceu, occupava em fir de manhã e noite; ella não é escrava do marido: longe d'isso; se não lhe era permittido assistir aos jogos, si não pode apresentar-se nas funcções publicas, participa das funcções sacerdotaes, educa os filhos, reina no lar e muitas vezes no exterior é respeitada, honrada, amada, posto que os gregos considerassem o amor uma fraqueza; os gregos temiam o excessu por sua propria dignidade.

Em tudo elle cita, para mostrar o poder dos laços domesticos, as palavras de Themistocles a seu filho criança de 3 annos: —

«Esta enauça, dizia, governa o mundo; porque? Por que governa sua mãe, sua mãe me governa, eu governo Athenas, e os athenienses governam o mundo».

Mas Phelippe escravizou Athenas e Alexandre destruiu-a.

Então Michelet passa ao Egypto, cujos monumentos ainda de pé não são mais que tumulos; surge, porém, o 4.º seculo antes de Christo e com elle a Alexandria torna-se uma segunda Athenas.

Eis a Syria e a Phrygia com Smmramis, Lutha e Myrtha, com Astarte e Moloch; com suas imagens de Babel e seus sacerdotes de Babeles, o Oriente em uma palavra, isto é, as prostituições e as mutilações, as bacchanas, a orgia, a envenação e o esgotamento de toda força mascula.

Sabimos d'esse chaos e penetremos na Judéa, esse pequenino canto de terra donde estraheimo v' partir a maior revolução que jamais presenciou o mundo; Michelet estuda-lhe os habitantes, o admira vel poema Canticos dos Canticos e os lamentos da jovem Assyria...

«Mas Jesus acabava de nascer, cresce, e crescendo medita, depois parte de aldeia em aldeia, de cabana em cabana, ensinando o desprendimento das cousas mundanas, ensinando o perdão, ensinando a sabedoria, ensinando o amor, ensinando a si mesmo, como diz magnificamente Renan».

Porém a predação de Jesus terminou, é b'ça a gorja que elle a elle com seu sangue, é força que seja martyr da sua doutrina e E ELLE MORRA POR SUA DOUTRINA PARA QUE SUA DOUTRINA NÃO MORRA».

E ell-o sereno subindo ao Calvario, ell-o apunhalo.

esquecido, desprezado; ell-o entre dois ladrões no alto do patibulo.

«Esse patibulo vai transformar-se na cruz, que ha 1900 annos resplende sobre o mundo.» (Michelet)

Enfim o elixir de immortaliçação chega a Roma, penetra na corte de Nero, encontra-se frente a frente com os stoicos e Phobos exclamam: — Roma nova, o peccado morreu; e diz: Da a Cezar a Roma de Cezar; e diz: obedece mesmo ao mau senhor e o stocismo foi vencido e o christianismo triumphou!

«E agora avancemos, diz Michelet, avancemos nas sciencias da vida, nas que las, no collegio de França, nas sciencias da historia e da humanidade, nas linguas do oriente, Interrogue-os o «Senso» antigo, no seu accendo com os viajantes recentes, Surprehenderem-se ali o senso humano. Sejam os peço-vos, homens e engrandecamo-nos com as novas grandezas da humanidade. Trinta sciencias retardadas acabam de apparecer com uma optica nova, trinta seculos mais accrescentados à arte e não sei quantos monumentos de linguas e de religioes; muitos mundos esquecidos voltam a julgar este, fulminando o passado em todas as suas sciencias de babuzeiras, mostrando em seu logar o accordo victorioso das suas irmãs: — a Sciencia e a Consciencia.

«Todas as sombras desaparecem. Identica nas suas edades sobre a base solida da natureza e da historia resplandece a Justiça eterna.»

Assim termina o livro de Michelet, mas no caminho percorrido, elle escreve a historia da alma humana desde o seu desabrochar na India com os Vedas até a sua magnifica florescencia na Europa com a «Declaração dos Direitos do Homem».

E tudo isto n'um estylo que lampeia, que scintilla cheio de fulgor e de magia, com a sabia escrever Michelet; esta obra perdurará como um monumento entre as obras primas de que justamente se orgulha o nosso tempo.

21—1—1900.

LEOEN DURANTON



Ao fazedor de esqifes

A Valentim Malvadas

Todas as vezes que passo vejo-o, caixões a pregar, com seu martello de aço nas taboas a martellar, Tac! Tac! E nem cansaço tem elle no seu lidar: todas as vezes que eu passo vejo-o, caixões a pregar.

Não tem cuidados nem sente as maguas, as commoções: ri-se e canta alegremente e vai pregando os caixões que hão de levar almas crentes e sonhos e corações... não tem cuidados nem sente as maguas, as commoções.

Uns — esqifes pequeninos, leves, risonhos, estreitos, para os corpinhos franzinos dos alvos b'rios desfeitos; tão delicados, tão fino e emtanto firmes leitos!...

Os esqifes pequeninos, leves, risonhos, estreitos, Outros grandes e compridos e negros, feios, de treva para os corpos já crescidos que o vento da morte leva, como troncos abatidos de uma floresta longeva, os outros, grandes, compridos e negros, feios, de treva.

Que corpo, em flor, de creança, vai naquella, a se enterrar? Subtil como uma esperança e leve como um luar... alma gentil que descança

sem na vida se cançar Que corpo, em flor, de creança, vai naquella, a se enterrar?

Talvez alguma cocem na primavera collida, de certo o corpo de alguém que vinha entrando na vida e entrou na morte também, e vai ao céu, de patibulo. Talvez alguma cocem na primavera collida.

A que neste vai a cova — que festivo que elle é! — ha de ser ingenia e nova, tão boa e ingenia que ate morrem cantando a troça da Illusão, da Crença e Fé, a que neste vai a cova — tão festivo que elle é!

Levará, como ao novado, a capella e mais o ven, e a alma da mãe amado, de saudades mui tropheu. Quem sabe si num amora o a espera no proprio cou?... Levará, como ao novado, a capella e mais o ven.

Que santa vellinha ha de ir nesse roxo-sombrio? — Alma pensante, saudade de um tempo que se sumiu, tremendo, talvez, de fé, que fez no inverno da idade Que santa vellinha ha de ir nesse — roxo-sombrio?

Vae dormir o ultimo somno — que mais bem Deus lhe fizera! — Em agora um triste outono e emtanto foi primavera! Morro em completo abandono das illusões de outra era... Vae dormir o ultimo somno, — que mais bem Deus lhe fizera!

Todas as vezes que eu passo vejo-o, caixões a pregar, com seu martello de aço nas taboas a martellar, Tac! Tac! E nem cansaço tem elle no seu lidar: todas as vezes que eu passo vejo-o, caixões a pregar.

Porto Alegre—1900.

MARIA TERTIA

MOLDES



Temos a satisfação de communicar ás nos: as gentis assinantes e leit us que, apesar de nosso silencio, continuamos com o nosso serviço de moldes tanto d' A Estação, como de qualquer outro jornal, para esta cidade e para o interior da Republica. Ha uns bon' trinta annos temos nos incumbido desse serviço, confiando e sempre a pericia de verdadeiras artistas em materia de cortes. Agora mesmo as senhoras a quem confiamos esse trabalho, são das mais abilitadas — mestras no assumpto, no qual não temem confronto. Nunca recebemos reclamações contra o serviço da casa e com ufama podemos assegurar que estamos habilitados a satisfazer a f'genzia mais exigente, sem que tenhamos receio de que nos venham dar lições de apuro e bom gosto, nem na indiciade de nossos preços.

Para o presente numero offerecemos:

N. 1—	Paletó sacco	18\$00
» 7—	Capa	18\$00
» 4—	» com collarinho	18\$00
» 35—	Paletó	18 00
» 4—	Sua	18\$00

Os recados são recebidos no escritorio desta folha, bem como, a importância que deve acompanhar o pedido. Pelo correio mais 100 reis para o primeiro e 100 reis de mais para os que se seguirem.

OS SINOS

Tem vindo de Braga varias noticias de polpa ultimamente.

Que a cidade esta sumida entre as escumas, não ha vendo ali agora outra empreza de illuminação publica alem da que cria s ba antiga firma Sol. Luz & C.ª

Que no dia 21 de fevereiro ali se recolheu a um convento certa Rosa, alameda tricana de Coimbra, que, por desespero de amor, se despeza do mundo e dos estudantes em singelas quadras compostas pelos insonnos estudantes.

Finalmente, que a febre de sinos, de que é proprietario o cidadão bragarense Rebello da Silva, vaci remetter um carrilhão, sinal de musica, para um campanário de Beja.

De todas estas noticias aquella que me impressionou mais foi unicamente a dos sinos.

Porque a verdade é esta: em gosto muito de sinos. E Braga, a Moscow catholica, possui tamanha numero de campanarios, que lhe não faz falta nenhuma exportar de uma assentada oito sinos.

Chateaubriand, no Genio do Christianismo... O mimoso! ja e crime citar Chateaubriand? Eu sim! A moda tem exigencias ferozes, e eu creio que Chateaubriand ja não vem nos figurinos. Mas, paciência, crucifique n-me embora: quero lembrar-me de que no Genio do Christianismo e preconizada a poesia dos si-

nos e surpreendida a sua intima relação com a alma do homem.

O no-so Herculano tambem gostava de sinos, e os achava «uma coisa poetica e santa: mas eram os sinos da aldeia, e os das cithulas detestava elle.

Por isso se metten talves na pelle d'aquelle melomano Gabriel do Paraiso d'Alto, que era sinetto por aquilão e de raiz.

Tenho visto muitas pessoas a gritar contra os sinos, que dizem incommodal-as, martelal-lhes os ouvidos, quando são palreiros e repentinos.

Mas, qualquer d'essas pessoas ou todas ellas ficariam embuchadas se a gente lhes perguntasse impondo lhes sinceridade na resposta: «Diga-me uma coisa: não tem um sino na sua vida?»

Tem por força. Todas as pessoas tem um sino na biographia: um sino que lhes causou impressão a certa hora, e se puzera a tanger o sino d'um, d'ou, e a impressão era alegre; d'ou, d'ou, se a tristeza ou a melancolia se tinham apossado d'ella.

Dir-se-hia que n'essa occasião a propria alma d'essa pessoa, por nos interrogada, se fizesse sinetto e trepita a torre, e se puzera a tanger o sino d'um, d'ou, e a impressão era alegre; d'ou, d'ou, se a tristeza ou a melancolia se tinham apossado d'ella.

Gosto dos sinos e, a seu respeito, ainda vou mais longe talvez que o proprio Chateaubriand.

Não só lhes acho poesia, mais chego a pensar que está n'elles a unica e verdadeira poesia da vida hu-

mana; que nada a pode representar nem exprimir melhor.

Pois o que e a vida mesmo senão um sino, que varia de afinação, de metal e de volteio segundo a idade do homem?

Vinte annos; sino de ouro, como o da velha Goa, sonoro e festivo, a derriam requies de alleluta por sobre lapidados de boninas, planicies esmaltadas de crystalls, pomares em flor a resceder aromas capitosos como bouquets de noivado.

A cada momento aquelle endiabrado phylarmonico d' Parocho d'Alto faz rodopiar o sino em vira-voltas doudas e redoulas.

Passa uma bonita mulher, branca ou morena, alta ou baixa, e logo o sino de ouro da nossa alma tange o requie dos vinte annos a dizer lhe palreiro:

«Amo-te, o bella, rainha do meu coração, a quem desde este momento, sob um relampago dos teus olhos, votei amor infindo.»

D'all a nada passa outra mulher, talvez mais bella, talvez menos bella, mas o sino torna a fallar, cantante e inconstante, em volteios rapidos e altuciantes:

«E' a ti que eu amo, não a outra. Olha se me tenho apaixonado por ella! Não estaria livre agora para te dar o meu coração, a minha alma, a minha vida inteira.»

Gabriel! força no sino, que é doudo, como tu eras doudo por sinos.

Quarenta annos: sino de convento, que marca a hora de cumprir os deveres quotidianos. Ainda son o-

NINON DE LENCLOS

esmerada de raras, que jamais ouso mencionar-lhe a epidemia, já possava dos 80 annos e conservava-se joven e bella, tirando sempre os perfumes da sua cordão de linceo, que rasgava a cada Tempo, cuja foice embolava-se sobre sua encantadora physionomia, sem que nunca deixasse o menor tempo. Muito verde ainda; via-se o verde a dizer o velho ralentado, como a raposada Lafontaine dizia das nuvens. Este segredo, que celebre e eguino faria jamais confiam que quer que fosse das pessoas daquelle época, descobrio-o o Dr. Leconte entre as folhas de um volume de L'Histoire raisonnée des savans, de Lussu-Rabutin, que fez parte da bibliotheca de Voltaire e é actualmente propriedade exclusiva da PARFUMERIE NINON, MAISON LACONTE, Rue du 4-Septembre, 27 à Paris.

Esta casa tem-n'o a disposição das nossas elegantes, sob o nome de VERTICABLE FLEUR DE NINON, assim como as receitas que d'ella provem, por exemplo, o

BUVET DE NINON

pó de arroz especial e refrigerante;

Le Savon Crème de Ninon

especial para o rosto que limpa perfeitamente a epiderme mais deliçada sem alteral-a.

LAIT DE NINON

que dá alvura deslumbrante ao pessego e aos humilros. Entre os productos confeitados e aprendidos da PARFUMERIE NINON contam-se:

LA POUDRE CAPILLUS

que faz voltar os cabellos brancos a cor natural e existe em 12 cores;

SEVE SOURCILIERE

que augmenta, engrassa e firme as pestanas e os supercilhos, ao mesmo tempo que dá vivacidade ao olhar.

LA PATE ET LA POUDRE MANODERMALE DE NINON

para finura, alvura brilhante dos braços, etc., etc.

Convem exigir e verificar o nome da casa e o endereço sobre o rosetão para evitar as emittações e falsificações

PARFUMERIE EXOTIQUE E. SENET 35, Rue du 4-Septembre, 35, PARIS. MÃO DE PAPA de Inque, de príncipe, por unio da Pâte des Prélats, que embranquece, alisa, assenta a epiderme, impede e destrói as freiras e as taches. UM NARIZ PICADO de pequenas borricilhas ou contravos para recuperar a branqueza primitiva e uma côres lisas por meio do Anti-Bolbos, produto sem igual e muito contrafeito. CUIDADO COM AS CONTRAFACÇÕES Para ser bella e encantar todos os olhos leve-se servir la Fleur de Pêche pó de arroz feito com frutos exóticos.

POUCOS CABELLOS Fizem-se crescer e serallos engrandecidos ao Extrait Capillaire des Benedictins da Mont-Majella, que tambem impede que caíam e que depois brancos. E. SENET, Administrator, 35, Rue du 4-Septembre, Paris. NÃO ARRANQUEM MAIS os dentes estralidos, que se branqueiam com o Elixir dentifrice des Benedictins da Mont-Majella. E. SENET, Administrator, 35, Rue du 4-Septembre, Paris.

Racahout DELANGRENIER Alimento Completo agradável, leve e facilmente assimilavel. O verdadeiro RACAHOOT dos ARABES Delangrenier é o Melhor alimento das Crianças desde a idade de 7 a 8 mezes, e principalmente no periodo do desmamar. TAMBEM é recommendado as mães quando dão de mamar, aos convalescentes, aos anemicos, aos velhos; em resumo, todos os que precisam de fortificantes. Exigir a marca verdadeira DELANGRENIER-PARIS É encontrado em todas as PHARMACIAS

VINHO DE CHASSAING Bi-Digestivo Recettato ha 30 annos CONTRA as AFFECÇÕES das VIAS URINARIAS Paris, Avenue Victoria n.º 6. PHOSPATINE Quando a FALIEREST... PRINHO DE VENTRE Po Laxativo de Vichy

Perfumaria extrafina L.T. PIVER PARIS Corylopsis do Japão SABÃO — ESSENCIA — PÓ de ARROZ — OLEO LOÇÃO VEGETAL — BRILHANTINA — COSMETICOS Evitar as Imitações e Falsificações O Trofeo incarnat L.T. PIVER Perfumo de Moda Violettes de Parma SABÃO — ESSENCIA — PÓ de ARROZ LEITE DE IRIS L.T. PIVER PARA OS OLHOS

HOUBIGANT PERFUMISTA da RAINHA D'INGLATERRA e da CORTE da RUSSIA PARIS AGUA HOUBIGANT SEM RIVAL PARA O TRUCADOR AGUA de TOUCAOOR Royal Houbigant. AGUA de COLONIA EXTRACTOS PARA ANDOES... SABONETES PÓS OPHEL PÓS PAVO LOÇA

THIJA SVALBON SVARTHA



ro, se bem que menos sonoro já; muito menos sonoro as vezes. Primeiro toque: matinas. Vamos já para a repartição ou levar os pequenos ao collegio; pagar o camarote de assignatura ou fazer uma recommendação — modista da senhora. Segundo toque: vésperas. Anuncios de velhice, uma dorzinha rheumatica, o primeiro callo, talvez o primeiro cabello branco, tam bem.

Onde estas tu, Gabriel? Repica-mo bem esse sino, que ja vou tendo sede de musica.

Cincoenta annos: sino pesado e molleugo, como os sinos grandes das ses. que ja dão uma volta com difficuldade nas quatro festas do anno. Voz forte, pausa da e grave, que tem o que quer que seja de dobre, mesmo se quer repicar. Doenças chronicas, talvez um excesso de coração, alguma coisa de fígado, ou, peor ainda, alguma coisa de toda a parte.

O Gabriel! o que tem o sino? Vai-me arripiando os ouvidos. Ve-la se o tanges com gana.

Sessenta annos: dobre quotidiano, por este, por aquelle, por todos os que parece que ja estão chamando por nos. Ja não ha casamentos na parochia da nossa alma, e muito menos baptizados. Quem dera isso! Nem o melomeno Gabriel seria ja capaz de puxar um repiquesinho muito brando e commedido, coisa que passasse no ar rapidamente. O Gabriel! ó Gabriel!

Não responde. Anda por outras parochias a repicar alleluas, paschoas floridas, hymnos da Assumpção das almas que sobem ao ceo nas azas da esperanza.

Sessenta e annos (supplemento litterario) de um sino triste e rouquenho. O Gabriel, diz-me uma coisa. se aquelle tanzer é ja por mim ou por outro? Tenho medo! tenho frio! ó Gabriel, o sineiro incansavel de todos os tempos, tu deves conhecei bem o fallar dos sinos: diz-me se chama por mim ou por o velho all de fronte.

Que estruendo! que frialdade! Quem me dera ao menos, antes de morrer, tornar a ouvir um sino alegre, que fallasse jubilos, que repicasse venturas! O Gabriel, tu podes conseguir-me isso ainda, que seja por uoim-nitos, por um momento so que seja?

E lá de longe, muito de longe, Gabriel, o eterno sineiro, responden:

— Posso' sim.

— Pois laze-o, e serei ainda feliz.

E então se ouvem repiques festivos n'um campanario visinho, que ja não é bem o da nossa freguezia, mas que em todo o caso não fica muito longe de nós. D'envolta com a voz do sino perpassam visoes brandas, de veus de noivado, tulles roçagantes, grinaldas de flor de laranja. Fremem, n'um ecco longiuquo, palavras doces, segredos de amor, beijos que tem musica e mel. Dlim, dlim! O Gabriel, ha quanto tempo não ouvia eu ja este sino! O que é isto? este repique vibrante, que poz ainda algum calor na minha carne fria, na minha alma ainda mais fria do que a minha carne!

— E' o teu neto que vai casar.

— Ah! Gabriel, se é o meu neto que vai casar, ja não tenho mais que fazer na terra, porque, se eu tei-

masse em viver, ninguém se entenderia com os grãos de parentesco na minha familia.

Adens, Gabriel, tange o seu eterno sino, repicallhe bem as alegrias e as paschoas, reforça os voltos, apressa o anclamento, para que todas as almas que florescem ainda na mocidade possam compenetrar-se de que e essa a unica idade feliz em que a vida vai...

D'ali a pouco... dlim, dlim.

Dizem os visinhos:

— Quem morreu, sabes?

— Foi o avô daquelle rapaz que casou outro dia.

— Então era ja muito velho; viveu o que tinha a viver.

— Ninguém cá fica: esta visto.

Diz o noivo:

— Coitado de meu avô!

Diz a noiva:

— Tenho enquiço. Noiva e vestida de preto!

Diz a mãe da noiva:

— O' menino, o teu avô bem podia ter morrido em outra occasião.

Dlim, dlim; dlim, dlim.

Pois esse velho que alli vai agora morto, ceicado de gatos-pingados, que é o primeiro vexame da morte, e de dlims dlims, que é maior tristeza della, ouviu durante a vida soar diversos sinos, repiques, hymnos, agonias, dobros, e, por fim de contas, todos esses sinos juntos faziam um só, que era a sua alma — a alma delle em diferentes epochas da vida.

O velho Chateaubriand, tu achaste poesia nos sinos: mas se procurasses melhor, e n'isso é que tu envelheceste apenas, terias encontrado uma philosophia inteira.

Ah! eu gosto muito dos sinos, porque são philosophos que não maçam a gente porque e levam menos tempo a ouvir que os livros a ler, e porque finalmente, dizem tudo o que se passa dentro em nos.

O caso é sabel-os ouvir.

Abençoada seja Braga, na escuridão, por que ella fabrica sinos.

ALBERTO FINEINTEL.

Adoravel

Tem o frescor suave dos arminhos
Na pelle fina, pallida e formosa;
O seu labio é uma pétala de rosa;
Sua voz um sorgear de pas-arminhos.

Na cintura gentil dançam carinhos
Não ha face mais bella ou graciosa;
E' um caliz de lyrio a mão mimosa;
Tendo coraes na ponta dos dedinhos.

Seu sorriso — onde brincam travessuras
Assemelha-se ao rocio em gotta triada
Tremendo do caladium nas nervuras.

E o seu olhar?! O' fantasia alada!
Calae vossas canções, vossas pinturas,
Que não se pinta a luz d'uma alvorada.

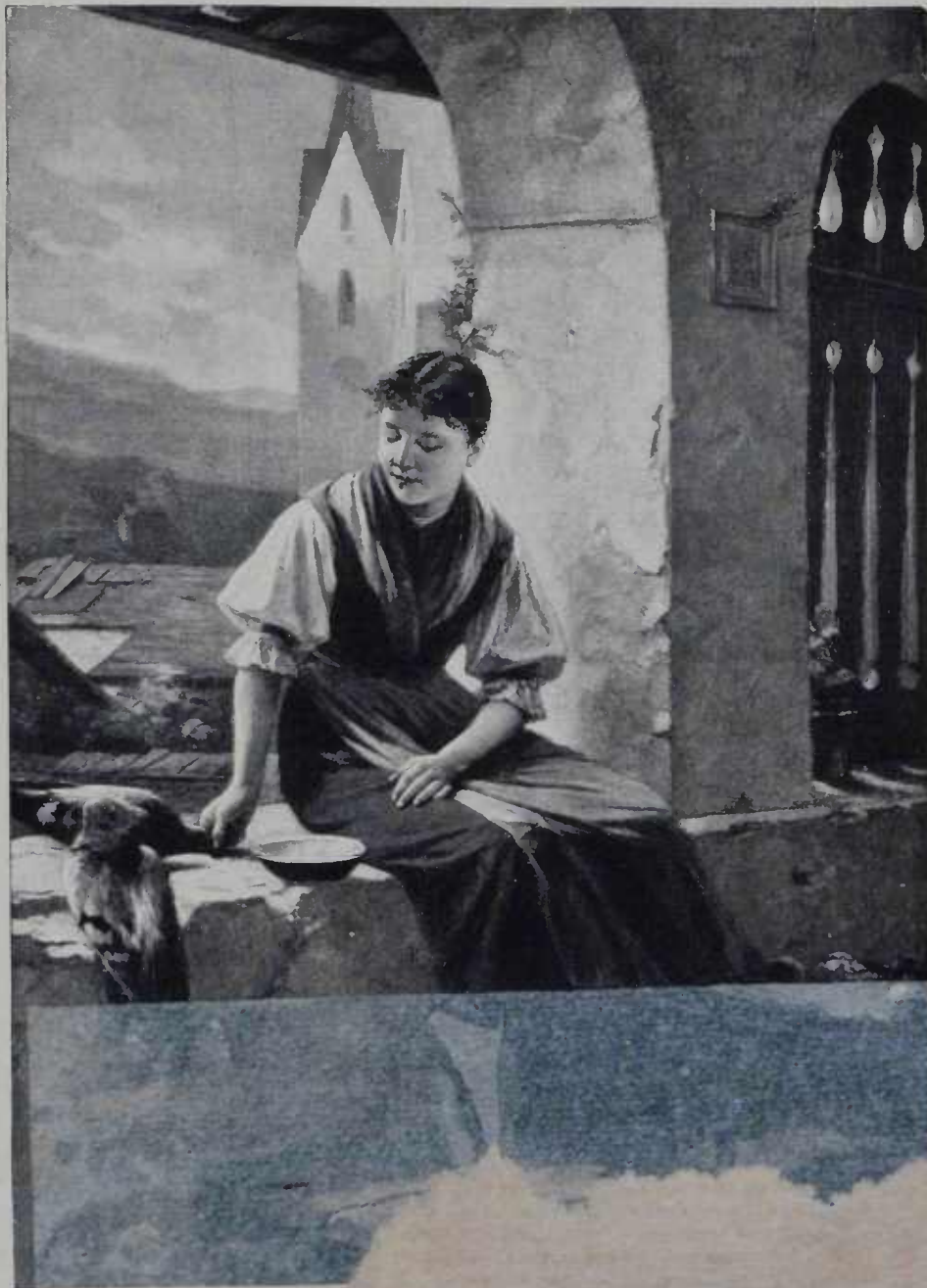
Niteroy: 1900.

A. AZAMOR.

Patria Uruguaya

Poucos homens houvera, em cujo espirito não se encontre radicada uma grande inspiração. E a nossa não tem exigencias impossiveis: — vel-a e nos satisfeita no dia em que nos fór permitido oprazer de pisar essa estrangeira terra abençoada, onde a alma brazileira palpita com toda a vehemencia do mais sadio patriotismo.

Esta predilecção suggestiva que votamos ao Estado Oriental do Uruguay pôde ser influenciada por algumas sympathias immercidas com que fidalgos patrioticos nos distinguem. Mas essas alicieções não bastam para explicar o nosso enthusiasmo. E' que acima dellas existe o sentimento de uma decidida e profunda admiração, que nos inspiram os actos incessantes de patrioticos tão illustres, porfiando cada qual em prolongar além fronteira essa vida, esses costumes,



para inscrever no catalogo dos factos, e sumamente observar a educacao de seus filhos e decorar o interesse da sua vida futura. Esta, se bem que saia a combacemos no refugio do lar, veu na realidade das demonstracoes exteriores de uma bella orientacao patriótica e para lhe abrirmos a estrada, era não ha necessidade de revoltermos o esqueleto dos archivos.

Lá ali está, dignificada pelo exemplo, atramcindo aplausos e os labios mais avessos aos impulsos generosos do enthusiasmo.

Como ultima exhibição vigorou a da seu imperavel ama a Patria, acobardos de lancar no Campo Santo do cado do Salto a cruz rodeada pela glorificacao.

Ossadas brancas, que a nossa alma guverna dos saudosos tempos republicanos, deitou espalhadas no sol da Liberdade la estavam nas archibas estrangeiras a pedir o descanso do pantho.

O nossos irmãos comprehenderam a voz dos tumulos que a voz da eterna justiça. E seu se preoccuparam com os recursos de q virtuo republicano, que se tem ohibito para acher no estabelecimento dos banquetes e das substituições moraes, resolveram exclusivamente apelliar para o proprio e mesagavel patriotismo, de cujo seo cahiu o material que hue levanta no cemiterio do Salto o mais expressivo e bello dos monumentos.

Não andaram a esmolrar. A idéa nasceu cohesa e vibrante, de forma que ao primeiro grito centenares de patrióticos depararam no mais santo dos mealheiros a quantia de sete mil e quarententos pesos oro, aproximadamente sessenta mil e quatrocentos e cinquenta e oito reais, a quanto monta essa obra de arte, exornada pelo mais afamado escultor italiano da actualidade.

E um riquissimo monumento de marmore de Carrara, comhito das lagrimas com que o háo de lavar a saudade e a reverencia de um povo agradecido.

Vem aqui apello divulgar que essa lembrança dignificadora partiu da Sociedade Beneficente Brasileira 25 de Junho, com sede no Salto e de que foi presidente-fundador o Sr. Antonio de Mattos Neto, um dos homens que mais serviços tem feito para prestigiar a Patria o immaculo nome brasileiro, e em cuja vida ha titulos invejáveis de civismo, benemerencia e abnegação.

Os destino dessa importante agremiação estão sendo actualmente dirigidos pelo Sr. João Gutierrez, respeitavel estancieiro, cujos sentimentos nobilissimos lhe dão lugar proeminente no acatamento de todos os patriotas.

A gente sente-se hum a escrever o nome de tais homens! Parece que não e uma Patria morta aquella que tem cidadãos de coraço tão magnânimo e alma tão abnegada!

E o viandante que se detiver por instantes diante do mansolo que guarda no Salto uma geração de heroes, ha de ser movida a emulação por nobis impulsos nobilitantes: o da praxe pela memoria dos epochos combalidos; o do panto pelo patriotismo dos extraordinarios constructores!

MADE DE APT. 260.

O QUE EU DESEJO

Não quero o luxo da alta sociedade;
Detesto as sedas e os festins pomposos;
De que tanto se orgulha a multidão;
Dos nossos dias tormentosos!

Não quero o brilho dos salões ruidosos,
Onde se valsa em louca liberdade,
Onde olhares e risos maliciosos
Fazem corar de peio a castidade!

Não quero nada d'arte! O que eu de sejo
E essa vida angelica e desdormida,
Que purifica e alegra a coração!

N'uma casinha como eu acubite vejo:
Nos meus sonhos de amor, branca e formosa,
No regaço tranquillo do seião!

AUREA PÉRES.

Mosaico

Um juiz fazia um auto de perguntas a um vagabundo:

- De que vive?
- Si v. s. me perguntasse de que morro, eu lhe disseria de que sou de toiro.

Quando vai o país em tanta desconfiança
Quando o povo está em tanta angustia
Quando o coração está em tanta tristeza
Quando o pensamento está em tanta escuridão
Quando o futuro está em tanta incerteza
Quando o presente está em tanta dor
Quando o passado está em tanta lembrança
Quando o mundo está em tanta confusão
Quando a vida está em tanta solidão
Quando a alma está em tanta saudade
Quando o corpo está em tanta fraqueza
Quando o espirito está em tanta angustia
Quando o coração está em tanta dor
Quando o pensamento está em tanta escuridão
Quando o futuro está em tanta incerteza
Quando o presente está em tanta dor
Quando o passado está em tanta lembrança

havia falhecido a esposa. Entrou na sala, fez o seu cumprimento mudo, ralhado e sentou-se.

Passados alguns minutos, notando que todas as pessoas presentes se conservavam silenciosas, levantou-se e disse:

— Eu não sabia que a minha presença vinha estorvar o divertimento desta noble sociedade.

E, em seguida, retirou-se furioso da sala.

Um soldado de certa guarnição teve a má sorte de encontrar uma vea, em sua unidade, em lugar de carne, que marca o regulamento, um tremendo oso completamente n.

A' vista disso, dirigiu-se ao seu commandante de cumprimento nos seguintes termos:

— Meu capitão te mostro a lata do rancho, onde se via o oso venha aqui apresentar-lhe esta praça, para responder a conselha de guerra, por ter posto o fardamento no prego.

CHRONIQUETA

Rio, 19 de Abril de 1900.

Tivemos uma quin eua muito insajida, uma verdadeira sensibioria. Não deve occupar a attenção das minhas formosas leitoras com os conflictos da Leopoldina, nem com a interminavel questão das carnes verdes, nem com a dissenção havida entre o ministro e o consul portuguez.

Parece que, na questão das carnes verdes—de todas a que mais nos interessa—, o Dr. Coelho Rodrigues, prefeito do districto federal, não tem tido precisamente a saledoria de um salomão. . . Isso não admira porque sua ex., esquecido do alto cargo que occupa, de immediata confiança do governo da Republica, mandou um cartão de visita no Dr. Andrade Figueira, como que se congratulando com o Christo da tua de Monte-Alegre pela bonita figura que fez quando, depois de se metter n'uma conspiração ridicula, recusou dar explicações ao chefe de Policia.

Parece que o Sr. Coelho Rodrigues, investido como se achia, de uma das mais altas funções da Republica, não tinha absolutamente o direito de se manifestar em favor do Sr. Andrade Figueira, fossem quaes fossem os laços de amizade que o ligassem a este cidadão.

O proprio Sr. Figueira, que sabe onde tem o pariz eubora não sabia onde tem o dinheiro que andou distribuindo pelos conspiradores, devia ter ficado espartadissimo ao receber o bilhete de visita do Prefeito, e talvez dissesse aos seu botões que aquillo tinha sido uma peça pregada a esse illustre servidor da República, cujo o bilhete era apropiado.

Em todo o caso, se amanhã os monarchistas tomarém conta do governo do que Deus Nosso Senhor nos livre e guarde, e o Dr. Coelho Rodrigues for victima de alguma violencia praticada por elles, com certeza o martyr de Santa Theresza não lhe mandará um bilhete de conlôencias, Oh, não! . . .

Falleceu no Maranhão o comediographo Americo Azevedo, que estava ligado por laços de sangue ao obscuro auctor das presentes linhas.

O malogrado escriptor, que contava apenas 40 annos não completaria ainda a sua obra, nem tivera ainda a fortuna de atrontar o verdadeiro publico. Escrevia comedia para curiosos e não se considerava, em litteratura dramatica mais do que um simples amador; entretanto, os seus trabalhos theatraes valham alguma coisa.

Era homem honesto, paç de familia exemplarissimo, funcionario probe e zeloso.

ELOY, O HERDE.

THEATROS

Rio, 6 de abril de 1900.

Esta em viagem di Italia para esta capital, o emprezario Sanzone, que contractou ali uma boa companhia lirica para deliciar os fluminenses a começar de amanhã em diante.

Com o nome de *Teatro* e ditta *Alfara* (Liceo Lyrico), a companhia de operetas do maestro *N. Sanzone*, que já se apresentou no Rio de Janeiro, em 1898, e de novo em 1899, de novo e de novo.

—

Os demais artistas, que tomarão parte na representação, embarcaram-se para que esta fosse irrepreensível, e a commoçãem.

Tragédia, a opereta do Apolló, viveu o que viveu as ruas de Malherbe; váe por substituido por um *vaudeville*, o *Le spantillo*, de queita Deus não espante o publico.

No Varietés, abandonado pelo acompanhia Dias Braga, que lá está na Bahia a realizar boas recetas, estacionou a acompanhia D. Braga—um D' uanhuoso, que quer dizer *Donhuoso* e não *Dito*. A peça de estrola foi *Les seis de sous de crime*. Constantino que a empozara preparou *Les six enfants de Latra*.

O Renou esta fechado ha muitas noites. Eis a sae ali uma magica, o *Betro eucaudado*.

E ali tem as lemoras a que esta roalizado o theatro no Rio de Janeiro!

N. Y. Z.

M.^{me} Gozzaniga & M.^{ello} Bier

COM ATELIER DE COSTURAS

28 — Rua Gonçalves Dias — 28

(SERRADO)

Encarrega-se de Lutos,

Envovas para Casamentos

e todo e qualquer trabalho

concernente a sua arte

RIO DE JANEIRO

Reconstituinte geral do Systema nervoso, Neuroasthenia.

NEUROSINE PRUNIER
NEUROSINE-XAROPE - NEUROSINE GRANULADA
NEUROSINE-CAPSULAS

Debilidade geral, Anemia Phosphaturia, Enxaquecas.

Deposito Geral: CHASSAING & Co. Paris, 6, Avenue Victoria.

CALLIFLORE
FLOR DE BELLEZA
Pós adherentes e invisiveis

Gracas ao novo modo porque se empregam estes pós communcam ao rosto uma maravilhosa e delicada belleza e deixam um perfume de exquisita suavidade. Alem dos brancos, de nolavel pureza, ha outros de quatro matizes diferentes, Rachel e Rosa, desde o mais pallido ate ao mais colorido. Poderá mais, cada pessoa escolher a cor que mais lhe convieja ao rosto.

PATE AGNEL
Amygdalina e Glycerina

Este Cosmético Cosmético Lyrico e de grande utilidade para o Cleiro, irritações Cosmético Lyrico e de grande utilidade; de grande utilidade para o Cleiro, irritações Cosmético Lyrico e de grande utilidade.

NEL, Fabricado de PATEAGNEL, Avenue de l'Opera, Paris.

DEUS

SUA ESSENCIA

Ha um Soberano Creador (Eccles. 1) em morada e o Ceu, e a Terra o seu e cabello (Isa. 16). E' um Rei poderoso, sentado no seu throno, a quem devemos temer (Eccles. 1), cujo imperio e da eternidade (Epist. a Timot. 6). He um Deus que tudo dispõe, Eccles. 1, soberano na forte, grande, poderoso e senhor dos exercitos; sustine nos seus conselhos, incomprehensivel nos seus julgamentos (Jerem. 32). E' um Ser immutavel, (Malch. 3) tao infinito na sua grandeza, como a sua elevação, que tudo enche com a sua immensidade, (Salm. 3). E' o principio e fim de todas as cousas, (Isa. 44). E' o que e, (Exod. 3) O Senhor e o seu nome. (Isa. 41) Nome Santo e terrivel, (Salm. 110) e não ha mais Deus do que elle. (Isa. 43) Uma columna de nuvem o rodea, (Eccles. 4) e balda uma luz inaccessible que nem a vista do homem pode penetrar nem algum entendimento comprehender. (Epist. 1 a Tim 4) A justiça e o juizo são o sustento do seu throno. (Salm. 88) Os ceus manifestam a sua gloria; um dia o annuncia a outro dia, e uma noite a outra noite, cuja sublime linguaagem se estende por toda a redondeza da terra, pois que toda ella canta os seus louvores, (Abac. 3) O seu espirito enche o Univerzo; (Sab. 1) e quanto existe, existe nelle e por elle (Epist. aos Rom.) O sol lhe serve de thernaculo, e se apresenta á nossa vista como um novo esposo, que sahe do thalamo nupcial, semelhante a um gigante, que se abalanga desde o mamello dos ceus, e atravessando a região etherea, com brilhante correnta, diffunde por todas as partes um profundo calor. (Salm. 4).

SUA SABEDORIA INCREADA

A Sabedoria e uma emanção de Deus; nella reside todas as virtudes, e nenhuma impureza pode manchala. Tem o esplendor da luz eterna, representa nos a magestade do Ser Supremo, e e a origem da sua bondade. A Sabedoria tu lo pode; porque ella e a unica, e posto que divarivel em si mesma renova todas as cousas, e anima, e vivifica o genero humano. E' santa, e ella e a que forma os prophetas, e os amigos de Deus. A luz do sol não se lhe pode comparar, porque a noite succede o dia, mas a Sabedoria de nenhum modo pode escurecer a malicia; a sua techna de explendor e virtudes, descobre nos todas as maravilhas da natureza e diffunde uma luz que jamais se extingue. Da nos a conhecer o passado, faz nos julgar o futuro, extender nos a todos os seculos, e pezar todos os acontecimentos. (Sab. 2) Clama sobre as aguas (Salm. 128) nos valles, nos montes, nos caminhos, nas cidades (Prov. 1) e até nos desertos resoa a sua voz (Salm. 48). Ouve se em todas as partes e a prudencia lhe sustinmista os seus acentos, escuta e, filho meu, ella mesma e o que te falla (Prov. 8): A vos outros, o homens! e a vossos filhos se dirá e a minha voz, grandes são as cousas que vou a dizer-vos; os meus labios não se abrem e não para dictar-vos a linguaagem da justiça e da verdade; justas são todas as minhas razões, não ha nellas cousa má, nem depravada, os que as comprehendem, conhecerão que são verdadeiras e justas. (Prov. 8).

Busca a minha lei com preferencia aos thronos, porque a sabedoria e preferivel a todos ellos, e nada de quanto puder escutar os vossos desejos lhe e comparavel. (Sab. 7). Eu sou o manual do ouro puro, da sciencia, e da santa eperança. Communique graça para seguir o verdadeiro caminho, e a verdade e leve commigo a esperança da vida, e da virtude (Ecc. 2). Presto aos conselhos dos sabios, e lhes inspiro todos os seus bons pensamentos (Prov. 9). Detes-to o orgulho, a falsidade, e a caducidade: tenho horror aos falsos testemunhos, e aos que se comprazem em senear as discórdias abando todo pensamento humilde (Prov. 13) e amaldiço os que defendem o impio, ou condemnam o justo (Prov. 17). A bofeca dos olhos altivos e a lingua mentirosa, a mão homicida

e o pé que correm ligeiros para a maldade (Prov. 6). A temperança, a justiça, a prudencia e a fortaleza são virtudes que me pertencem e as ensino aos homens. Por mim remam os reis, e por mim decretam os legisladores o que e justo. Amo aos que me amam e me apresentam aos que me buscaram. Em mim se acham a verdadeira gloria, e riqueza, que reparto em abundancia pela que me seguem; e os beneficios que dispense não de mais subido preço do que o ouro, e as pedras preciosas. Sede doces as minhas instrucções, Felizes os que velam as minhas portas: O que me achar, achará a vida, e a segurança do Senhor a salvagão. O Senhor me possuía nos principios de seus caminhos, desde o principio, antes que creasse cousa alguma. Quando elle preparava os ceus estava eu presente: quando com lei certa, e dentro do seu ambito encerrava os abysmos: quando formava la no alto a região etherea, e equilibrava as fontes das aguas: quando surgia o mar dentro dos seus limites, e punha la as aguas para que não passassem os termos: quando sustentava pendentes os fundamentos da terra, estava eu com elle dispoendo todas as cousas, e me delantava cada dia, folgando na sua presença em todo o tempo, brincando na redondeza da terra, e as minhas delicias eram estar com os filhos dos homens. (Prov. 8).

SEU PODER

As maiores e as mais admiraveis obras do Senhor nos são occultas; somente conhecemos as menores (Eccles. 43). O seu poder tem enchido o universo de prodigios que asombram, e de innumeraveis maravilhas (Lev. 9). Creou o ceo, a terra, os mares, e tudo quanto n'elles se contém: disse, *Haja se a luz, e a luz fez-se* (Gen. 1). Inspirou um sopro de vida sobre o homem, e o homem foi animado d'um espirito vivificante (Gen. 2).

Quem pôde haver semelhante a Deus (Isa. 44), sendo elle superior, e senhor de todo o creado? (Salm. 113) Elle manda ao Sol, e diz e o curso dos astros (Gen. 1). Ve o ceo e a terra humilhar-se na sua presença (Salm. 112), e os que governam o mundo curvar a sua fronte respeitosos. Nada ha que resista a sua collera (Tob. 6). Tudo cede a força de seu bray (Salm. 114), e na sua presença todas as creaturas tornant-se em nada (Isa. 45). Um só ollhai seu commove os montes, com somente o seu querer soprav os ventos, são os trovões e os furiosos aguilhões levantam tempestades (Eccles. 43).

Deus habita no mais alto do Emporio, e a sua mão omnipotente tira o pobre da miseria, e o colloca ao lado dos grandes, e ricos da terra; faz fecundas as esteréis, que se regozijam com a sua fecundidade (Salm. 112) ordena que o homem passe da vida para a morte e da morte para a vida. (Reis 1 e 2) Confunde os orgulhosos, e eleva os humildes, que abate (Luc. 1) Elle e o que communica a sciencia aos doutos, a sabedoria aos sabios, a força aos fracos, e o valor a os tímidos e cobardes, o que muda os tempos e os seculos (Dan. 2) funda os imperios e os destrõe e ao seu arbitrio os restabelece. (Jerem. 1 e 18) conhece a vaidade dos pensamentos do homem (Salm. 93) vé a malignidade de seu soberbo coração, a desordem de seu espirito corrompido, (Eccles. 48) e peza toda a sua impiedade (Salm. 91). Toda a nação do mundo ut sua peca, são como o nada (Salm. 33).

He, o Deus de Israel. Os seus olhos estão sempre sobre os justos, e os seus ouvidos sempre attentos para ouvir a sua oração (Salm. 115) Elle e o que sustenta a terra, e a terra não se commove, e a sua justiça para que não caia, e as levas das nuvens de cá do ceo, (Eccles. 1) O seu nome que e a minha habitação, ha turro, vos direi de que he a minha fortaleza, e que se a qual se eleva para mim como um templo (Ecc. 2). Não ha habilitado, prometia, nos filhos de Israel, e a sua grandeza sempre manifestada (Salm. 109) (Prov. 23 e 24). A sua palavra e a sua virtude, e a sua mão sustenta a terra, e a sua justiça para que não caia, e as levas das nuvens de cá do ceo, (Eccles. 1) e a sua grandeza sempre manifestada (Salm. 109) (Prov. 23 e 24). A sua palavra e a sua virtude, e a sua mão sustenta a terra, e a sua justiça para que não caia, e as levas das nuvens de cá do ceo, (Eccles. 1)

O Canario

A Horto Póseo

Muitas vezes, na existência mais humida e mais imperceptivel vive um grande poema cantado a Creação!

Junto á janella do meu quarto—frío e húmido—como cella de monge—ha uma grande manjeira, frondosa e viviente

E ali, a sombra da arvore vetusta, as horas quentes dos dias de verão, que eu faço as minhas leituras edificativas.

Quantas vezes não fecho ali os meus livros, para deixar meu coração todo entregue ao Sonho, naquella doce treasury de somnia, em toda a calma da uella ausencia de bulico humano.

Aquella arvore e uma grande historia viva, e uma epopeia tão solenne, talvez ainda mais augusta do que todas as que sahiram do cerebro dos Homens.

Aquella arvore tem uma alma que se ergue diante de mim, como um ritmo que se unge da Terra, clamoroso para as alturas!... Aquella arvore assombrame!...

Como agora eu fazia, sempre esparto ali não meditando!... quantos corações não tem estudo de palpitations!

E ue multidão de viventes tem a vida de aquella seiva!

Mas a historia daquella mangueira começa de myriades de lustanas, exactamente como as grandes biblias, em que tem cada Povo a sua pagina.

Não ha um verme, um insecto, um microbio microscopico que vivem daquella seiva: um ramo, uma folhia, uma callula entre os que daquella tronco recebem a vida—que não tenha por sua vez, o seu vesiculo naquella grande epopeia viva!

Ha tempos ali passou-se um bon lance mais com movimentos daquella historia.

Um pequeno canario amarello, bom no alto da mangueira, fazia o seu ninho. Eu assisti, calado e absorto, a toda aquella solitaria e de azaluma. Em breve, o termo volou ali installou-se com a sua gazil—uma avestilha trelega.

Por então que eu soube como este meu coração e ingenio e como sabe inventar lortunas indiveis: eu comecei a amar aquellas doces creaturas

Todos os dias, pela manhã, o meu grande prazer dominante era contemplar aquelle convivio. Como sal um adorador se aquece antes! Parecia-me que um haucha do outro as amorosa delicias de que vai vivendo.

Ja não me venham dizer que este Mundo e um degredo para todos os seres... Aquelle par protesta contra a insublididade e contra o Tedio.

Aquelles viventes cantam hymnos ao Deus que creou a Vida, a Vida tão ditosa e tão candida, tão amavel e tão grata!

*

Agora é que eu compreendo como e esteral e luctubre a Phyllophia dos Homens, grandes amadores da ignorancia!

Emquanto elles sabem pelo Ierros marcharem as almas humanas, marcham de vertigo sem Graça, sem fides, sem esperança, sem abysmos da Morte e da Vida—seção dos vultuos desamparados, abysmo imperceptivel, terra sem habitabilidade

Então, que ha tanta e tanta de ignorancia, sem virtuos de moralidade!

Então, que ha tanta e tanta de ignorancia, sem virtuos de moralidade!

Então, que ha tanta e tanta de ignorancia, sem virtuos de moralidade!

FALSISSIMO E FALSISSIMOS

E envolvi em algodão o cadaversinho lanudo e dei-lhe sepultura alli mesmo debaixo da mangueira.

Lá em cima, desolado na sua resignação, o outro estava immovel, como lirto de espanto e sabendo-se então que não é unicamente a luz das Manhãs o bem que faz cantar!...

Dali em diante, os seus hymnos eram outros hymnos.

Diz-se lha que tinha um tom de preixa pedrosa o seu canto amargo e que tom metade de noite apelles dias...

Mas não deixou de cantar.

Pelas manhãs, muito cedo, eu continuei a soltar com a avezinha. Chegava-se mais a janella, como se tivesse comprehendido meu coração e como si eu quisesse pedir que lhe restituísse a luz, a sua luz do Dia...

Hontem quando senti fora a borrasca, alta noite, tive presentimentos que me apertavam o Coração.

Meu Coração não me enganava: eu nunca mais ouviria cantar o canario vivo!

ELVISTO DE CARVALHO.

Do livro « Alma Antiga ».

Florões

IDA

Para a porta ilo — pallida e bella, lida as Azas levanta e as nuvens corta, Corram os anjos... E a criança morta Foge dos anjos namorados d'ella.

Longe do amor materno, o ceo qui importa? E o pranto os olhos limpados lhe estrella Sob as rosas da candida capella. lida solha ao ver abrir-se a porta...

Quem lhe dera de novo o escuro canto Da escura terra, onde a soffrer sozinha, Uma coração de mãe desfaz-se em pranto!

Cerra-se a porta, os anjos todos foram... — Como fica distante aquelle ninho Que as mães adoram mas amaldiçoam!

OLAVO BILHO.

AMA!

Dizes que esperas ser feliz; mas como, Se tu nem pensas no que seja o Amor? — Esse doceissimo e celeste pomo, Que é sempre doce!... até na propria dor!

Tanta miseria que este mundo encerra! Tanta amargura a vida humana tem, Que e só possivel ser feliz na Terra Quem do Amor nutre dentro d'alma o bem.

E' que no Amor unicamente existe A enorme força que supplanta o mal! Quem ama, a tudo quanto é dor resiste, E torna o Lar ao Paraizo igual!

E amar, é ter o coração aberto Pra tudo quanto é generoso é bom! E' sentir longe, como se ouve perto, Da voz amada o commovente som!

Amar, é ter o coração aberto e a alma a toda a vida pelo Amor soffrer... E se o coração não abrenha a alma, a vida é um deserto e a alma é um deserto...

Amor, é ter o coração aberto e a alma a toda a vida pelo Amor soffrer... E se o coração não abrenha a alma, a vida é um deserto e a alma é um deserto...

Amor, é ter o coração aberto e a alma a toda a vida pelo Amor soffrer... E se o coração não abrenha a alma, a vida é um deserto e a alma é um deserto...

Amor, é ter o coração aberto e a alma a toda a vida pelo Amor soffrer... E se o coração não abrenha a alma, a vida é um deserto e a alma é um deserto...

Amor, é ter o coração aberto e a alma a toda a vida pelo Amor soffrer... E se o coração não abrenha a alma, a vida é um deserto e a alma é um deserto...

Amor, é ter o coração aberto e a alma a toda a vida pelo Amor soffrer... E se o coração não abrenha a alma, a vida é um deserto e a alma é um deserto...

Amor, é ter o coração aberto e a alma a toda a vida pelo Amor soffrer... E se o coração não abrenha a alma, a vida é um deserto e a alma é um deserto...

A FLOR QUE PASSA

I

Ter 6 annos, ser lha com as flores... e bonita como uma primavera que avorrece!

Elle encontra-se a janella baixa da casa de tijolo, isolada a borda d'agua, entre as verdinhas combiantes das grandes lhaes, chãos azs, jassins e de sel.

Não pensa não sonha, não segue com a vista a an dromilha que vos, gira e desaparece, não ouve o murmuro fugitivo da agua.

Esta lha, sem saber prunje, vagamente feliz, absorva na inconsistencia que sou.

No meio da passagem, a janella, ella despenpenha, sem dar por tal, a missão de ser uma graça, um encanto ao lampião ignora e a aborve, que é necessária ao delizioso conjunto d'uma manhã de primavera, como a rosa ignora o seu desalbramento, como a lha descombee o seu rythmo; e esse canto da natureza composto pelo agudo attacco que combina os effeitos das ammas e dos pnetos, ella completa, sem que ninguém a reconhece ou a advirta, a mysteriosa formosura das cores.

De repente, no momento em que se enovava na janella, o vento arrebatou-lhe dos cabellos uma pequena roca sylvestre, atada a uma fita e atirou-a ao rio.

A rosa, presa a lha, desliza ao longo da corrente, entre a molhura verdejante dos salgueiros, uma borboleta posou na fita agitando as azas, e parte para uma longa viagem.

II

Toda a noite, em uma das pobres casas da cidade, um rapaz chorou apertado a cabeça com as mãos, martellando com os cotovellos n'uma pequena mesa de pau, onde se veim muitas cartas abertas.

E os arrebos da madrugada que afugentam as sombras no ceo, não extinguiram as tristezas do seu ulcerado coração.

Levanta-se, passeia com a fronte contrahida, mordendo os labios.

E', pois, verdade! ella não o ama! Essa formosa raparica, em quem elle tinha todas as suas afeccas, que lhe dava o espiamento da miseravel existencia, partiu para nunca mais voltar, partiu com outro! Depois de tantos momentos! De tantos beijos! E' o outro que ella ama e oferece os labios atada humida dos seus beijos, infam! Que sera d'elle a ora, sóinho sem esperança?

As pessoas ricas ou celebres que tem as considerações do lugar ou da gloria devem soffrer menos quando de repente os abandonam aquellas que adoravam.

Mas elle, pobre descomhevido, não possuindo amigos nem familia, que ha de fazer das suas heras mutas, e qual sera o amanhã que possi apagar a amarga recordação do adoravel hantem?

Cada vez que pensa que não tornara a vel-anem a vel-an, que está tudo acabado, que ella não voltara a esse pobre quarto, enchendo-o de deusas e de sorrisos, alarnosando-lhe em a elegancia mundana da sua seda e dos seus perfumes, que nunca mais entrevera a manha através de um bocejo que era um desalbramento da rosa impregnado de doce aroma o travesseiro d'esse pequeno leito, hoje deserto; um furor instiga o a quebrar os móveis, a deitar fogo as cortinas, a morrer sobre as cruzas do passado.

Ao menos, não ficara nem mais um instante n'esse quarto tão quente e tão detestado.

Alfira a porta, sahio e fugiu através da cidade, ainda adormeci a.

Contempla as janellas fechadas. N'essas casas existem maridos e mulheres que se adoram, que não se atraçoam, que se mebram com os jubilos do amor correspondido.

O desgraçado que bate com os pés no chão, morde as mãos e corre, como que fugindo aos seus proprios pensamentos.

Chega às margens do rio que corre, muito fundo, entre a florescencia dos salgueiros.

Mas nem a lrescura da manha, nem a alegria das verduras orvalhadas, nem o azul cheio de sol reanimam o pobre rapaz.

Contempla a agua por muito tempo. Não pode desprezar os olhos da limpida superficie, lisa como a pedra de um tumulo.

Morrei! eis o pensamento que o absorve. Sim, morrei, por que não?

Quem me pergunta o que não?

Quem me pergunta o que não?

Quem me pergunta o que não?

Quem me pergunta o que não?

Quem me pergunta o que não?

Quem me pergunta o que não?

Quem me pergunta o que não?

Quem me pergunta o que não?

... e mais, em adma se ao me tranquepente, inundado de luz verdejante tumto acerrnado pelo sol. Mas, de subito, um pequeno objecto... desfilando a dor d'agua, attrahe lha a attenção... E' uma roca brava, atada a uma lha, tendo pommida, uma borboleta que via se latendo nas azas.

III

Não se atirou a agua. Apoiou a flor e a lha. Caminhava em seguida ao longo das margens do rio, contemplando a borboleta a pequenina rosa.

Porque! Não sabe, ella para ella, e por vezes bel lha.

D'onde veio a roca flor? De que juvenil afeccão, de que fim compete a lha?

Ah, uma se lha e o lha apparece esse ali, e aproxima mente para recordar lha que a vida vem sempre a amarga, e que se não deve por causa de uma peça no delouso no coração de ser das rosas ou das milhiteas.

Não ouso morrer n'essa a aqua onde ella passava. Mas o enternecimento durou pouco. Repelliu a voz que lhe aconselhava que viesse.

As rivas e as agomas voltaram com mais intensidade. A flor menta (como) todas as flores e como todas as boccas.

E com o supremo gesto que diz adeus a miseria aos perigos, aos desesperos da terra, inclinou-se de novo para o rio.

Esta malhavelmente resolvido: d'esta vez acabou se tudo. Vae a despediar-se.

Ah! a minha flor e a minha lha! diz uma voz infantil e semelhante a um gorgieo de ave.

Voltou-se, vê a janella baixa de uma casa de tijolo entre as verduras dos grandes blazes, uma menina encostada, linda como a primavera, com os seus 16 annos, a sua calção loita, as suas freixas faces cor de rosa.

Essa flor pertence lha, minha senhora?

E no acto de restituirlha, tocando a mão os peques nos dedos que tremem, sente o coração seguir a flor e pensar, palpitante na lha que a enlaza, como um borboleta que parte, para uma longa viagem.

CATULLE MÉRIME.

DOLORES...

la me a alma subtil tristezã, Um não sei de vago e de magoado, ... Toda de branco estavas a meu lado; Estava em luar a immensidade accessã.

Nuvens negras na larga correnteza Da luz sem desceendo... O contentado Olhar teu me fitava demorado — Tinhas no lãbio uma pergunta presa.

— Que tens? — disse-te. Estremeci. Teu collo Da cor dos gelos virgineos do Polo, Tremia, arfava em languidos arquejos...

E se eu não disse porque então soffria, E' que essa historia ardente eu só podia Só podia contal-a ao som de beijos.

ANTONIO SALLIS.

MOLDES



Temos a satisfação de communicar ás nosas gentes assignatas e leit'ras que, apezar de nosso silencio, continuamos com o nosso serviço de moldes tanto d'Alphaville, como de qualquer outro jornal, para esta cidade e para o interior da Republica.

Ha mais lions trinta annos temos nos incumbido de esse serviço, conhañdo-o sempre a penca de verdadeiras artífãs em materia de cortes.

Agora mesmo as senhoras a quem confiamos esse trabalho, são das mais abilitadas e mestras no assumpto, no qual não temem confronto.

Nunca recebemos reclamações contra o serviço na casa e com ufama podemos assegurar que estamos habilitados a satisfazer a freguezia mais exigente, sem que tenhamos receio de que nos venham dar liças de apuro e bom gosto, nem na malhadade de nossos preços.

Para o presente numero offerecemos:

N. 51	Sala	1800
" 50	Sala	1800
" 49	Janella	1800
" 48	Sala de mavor	1800

Os recados são recebidos no escritório desta folha, bem como, a importância que deve acompanhar o pedido.

Pelo correio mais se tem para o primeiro e 100 reis de mais para os que se seguirem.

O nariz do theatro

(Revista da semana)

Aquella Granier que trouxe a Portugal as peças despidas, justamente n'uma quadra do anno em que o muito fato vae apeterendo, faz-me lembrar o caso de um endlabrado bohemio que, tendo-se embriagado na noite de Natal, foi passeiar com alguns amigos para o Terreiro do Paço.

Elle marinava pelos candieiros da iluminação publica, elle engalfinhava-se na grade da estatuá equestre, elle espijava-se no chão e apesar de cair d'ali a pouco uma chuvinha de molha-tolos, elle começou a despir-se gritando aos amigos:

—Sou impermeavel! Sou impermeavel!

Tiron o casaco, tiron o collete, arremessou para longe a gravata.

E ria e saltava continuando a proclamar-se impermeavel.

Mas, ao cabo de algum tempo de folia e de impermeabilidade, principiou a ter frio, muito frio e uma dor forte de cabeça.

Perdeu os sentidos. Os amigos levaram-no em braços a casa.

A congestão cerebral manifestou-se. E horas depois morria.

Interrogados os outros bohemios, que mdiscretamente o tinham acompanhado, nenhum d'elles ousava confessar que o viram fazer tolices sem reprimir-lhas.

Soubese o caso pela declaração de um guarda da alfandega, que atravessava o Terreiro do Paço no momento em que entre um grupo de rapazes finos havia um que, tendo despidido o casaco, gritava de rijo:

—Sou impermeavel! Sou impermeavel!

De todas as pessoas que no theatro D. Amelia viram as peças nuas da Granier, as quaes peças parecem ser o repertorio impermeavel da França contemporanea, de todas essas pessoas, poucas ousariam hoje confessar que se divertiram assistindo á representação do *Nouveau jeu* e do *Vieux marcheur*, de Lavedan.

Porque, durante os espectáculos, as senhoras tiram pondo o loque sobre a cara, e os pais de familia, com o ar de embaçados, desculpavam-se de não saber de antemão que se tratava de peças immoraes.

Ora, sempre que uma pessoa tem de occultar o riso, é porque a consciencia lhe diz que não devia rir.

Apenas um ou outro guarda da moralidade publica, passando por acaso, se atreveu a confessar que as peças livres de Lavedan eram abominaveis de licençã.

E foi assim que todo o mundo veio a saber como as

cozas se tinham passado n'aquellas duas memoraveis noites de Jeanne Granier.

☆

E então eu comeci a pensar no que havia sido o theatro dos bons tempos da minha infancia, esse honesto theatro em que o amor tinha azas brancas e penetrava no coração dos espectadores como um perfume delicado.

Lembrei-me de muitas peças d'esse genero, que se tinham fixado no cartaz durante épocas consecutivas, sem outro recurso que não fosse o do geral agrado que logravam inspirar.

Vi passar por diante dos olhos essa deliciosa *folia de um rapaz pobre*, em que os mais nobres sentimentos humanos eram respeitados como sendo a expressão de uma virtude social, que triumphava pela sinceridade.

E perguntei a mim mesmo ac algum se teria arrepellido de applaudir o grande Santos ou a Emilia Adelaide ou se ainda hoje se recusaria a confessar que tinha sabido do theatro sob o influxo de uma grata impressão.

Vi passar por diante dos olhos a longa serie das representações da *Morgandinha de Val-Flor*, ramo collateral de Feuillet, que floresceu sobre todos os corações juvenis impregnando-os do aroma refinado da mais doce sensação da vida, e amor.

Lembrei-me das cargas de couraçeiros que Francisco Pálhu havia recebido em pleno peito quando in-

NINON DE LENCLOS

escearnea da ruga, que jamais ousou macular-lhe a epiderme. Já passava dos 80 annos e conservava-se jovem e bella, atrahendo sempre os pollegos da sua certidão de baptismo que rasgava o carão Tempo, cuja foíce embotava-se sobre sua envenenadora physionomia, sem que nunca deixasse o menor traço. «Muito verde ainda!» vin-a ouvir quando a lizer o velho *Zalmungo*, como a raposa de Lafontaine dizia das avas. Esse segredo, que o celebre e egoista facer jamais confiou a quem quer que fosse das pessoas daquela época, descobrio-o o Dr. Leconte entre as folhas de um volume de *L'Histoire amoureuse des gaules*, de deussy-Rubintin, que fez parte da bibliotheca de Voltaire e actualmente propriedade exclusiva da **PARFUMERIE NINON, MAISON LECONTE, Rue du 4-Septembre, 35 à Paris.** Esta casa tem-nó á disposição das nossas alguitas, sob o nome de **VERITABLE EAU DE NINON**, assim como as receitas que d'ella provém, por exemplo, o

DUVET DE NINON

pó de arroz especial e refrigerante;

Le Savon Crème de Ninon

especial para o rosto que limpa perfeitamente a epiderme mais delicada sem alteral-a.

LAIT DE NINON

que dá alvura deslumbante ao pescoço e aos hombros. Entre os productos conhecidos e apreciados da **PARFUMERIE NINON** contam-se:

LA POUDRE CAPILLUS

que faz voltar os cabellos brancos á cor natural e existe em 12 cores;

SEVE SOURCILIERE

que augmenta, engrossa e brune as pestanas e os supercilios, ao mesmo tempo que dá vivacidade ao olhar.

LA PATE ET LA POUDRE MANDERMALE DE NINON

para finura, alvura brilhante das mãos, etc., etc.

Convem exigir e verificar o nome da casa e o endereço sobre o rotulo para evitar as emulções e falsificações

PARFUMERIE EXOTIQUE E. SENET

35, Rue du 4-Septembre, 35, PARIS

MÃO DE PAPA de Duque, de príncipe, por meio da **Pâte des Prélats**, que embranquece, alisa, assetina a epiderme, impede e destrõe as frieiras e as rachas.

UM NARIZ PICADO de pequenas borbulhas ou com cravos forma a recuperar sua brançura primitiva e suas côras lisas por meio do **Anti-Rolbos**, producto sem igual e muito contrafeito.

CUIDADO COM AS CONTRAFACÇÕES

Para ser bella, encantar todos os olhos deve-se servir da **Fleur de Pêche** pó de arroz feito com fructos exóticos.

POUCOS CABELLOS

Fazem-se crescer e cerrados empregando-se o **Extrait Capillaire des Benedictins du Mont-Majella**, que tambem impede que caíam e que fiquem brancos.

E. SENET, Administrateur, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

NÃO ARRANQUEM MAIS

os dentes estragados, sapões e branqueios com o **Elixir dentifrice des Benedictins du Mont-Majella.**

E. SENET, Administrateur, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

Pastilhas e Xarope de Nafé

DELANGRENIER

excellentes peitoraes contra

TOSSE, DEFLUXO, BRONCHITE

As Pastilhas de Nafé são verdadeiros confortos peitoraes de um gosto delicioso. Acalmam as irritações da garganta e do peito.

O Xarope de Nafé, misturado com uma infusão ou com leite quente, forma uma tisana muito calmante e muito agradável.

Esses peitoraes não contém substancia toxica e podem ser administrados com toda a segurança ás CRIANÇAS e muito particularmente contra a COQUELUCHE.

Esgrir a marca verdadeira: Delangrenier-Paris

São encontrados em todas as Pharmacias

Perfumaria extrafina

L.T. PIVER

PARIS

Corylopsis do Japão

SABÃO — ESSENCIA — PÓ de ARROZ — ÓLEO
LOÇÃO VEGETAL — BRILHANTINA — COSMETICOS

Evitar as Imitações e Falsificações

O Trêfle incarnat

L. T. PIVER
Parfume de Moda

Violettes de Parme

SABÃO — ESSENCIA — PÓ de ARROZ
LOÇÃO VEGETAL — BRILHANTINA — COSMETICOS

Leite de Iris L. T. Piver

PARA a JUVENILIDADE e BELLEZA do ROSTO

A melhor e mais hygienica de todas as preparações para o tousador

Dentifricios Mao-Tcha

PÓ — PASTA e ELIXIR

DESCONFIAR DAS FALSIFICAÇÕES



ST. JEAN DE LA CROIX

Por sua notavel concentração das plantas as mais uteis e as mais salutarias, a

AGUA

DE

MÉLISSE

DOS

BOYER

CARMELITAS



SAINTE THERÈSE

BOYER

Unico Successor dos Carmelitas

obra de um modo prompto e absoluto nos casos de Ataques de Nervos, Apoplexia, Paralysis, os Vertigens, as Syncope, as Indigestões; nos tempos de Epidemia, Dysenteria, Cholera-Morbo, Febres, etc.

Uma pequena colherada pura ou sobre um pedaço de assucar.

DESCONFIAR DAS FALSIFICAÇÕES

troum no theatro da Trindade a opereta, que foi en-
tão julgada uma perversa hostilidade dos costumes na-
cionaes.

E meditando o tempo decorrido pela litoia da opi-
nio publico, a de hontem e a de hoje, chego á con-
clusão de que entre a *Paixão de um rapaz*, *Amor e o Trabalho*,
deveriam meditar pelo menos quatro se-
culos.

Estamos todos muito velhos.

E o theatro não é esta munda.
Elle chegou, seguramente, ao termo da sua carreira
por não tem mais que dar.
Todas as pessoas de sua familia foram morrendo de
senectude.

Morreu o *barbas*,
Morreu o *dozebra*,
Morreu o *caixa*,
Morreu a *caixa*.
Ja não ha *caixas* no theatro, nem são precisas, por-
que não teriam que fazer.

E succede agora que a Academia Franccesa está
apresentando o seguinte sermo por causa das peças que o
seu conselheiro Lavellan viu escrevendo sem a consul-
ta.

Accusando a *Academia* de não ter deitado entrar
Zola, o porta-bandeira da escola realista, e de consen-
tir Lavellan, que é muito peor do que Zola — porque
o theatro é o mundo vivo.

Está vem prosar mais uma vez quanto são hon-
aradas as acedulas em toda parte.

Outra vez razão de ser como a acedulas
de bons espiritos, a que faltavam outros meios de
comunicar, como o livro, o jornal, o bofetinho, o jor-
nal.

Tambem em todas as terras, por identico motivo — a
falta de communicação — tiveram razão de ser.

Hoje as acedulas e as terras são uma tradição
archaica, porque ja ninguém precisa d'ellas, umas
e outras, para expor as suas ideias e as suas quimpe-
lherias.

Servem apenas a localizar o dos interesses indi-
viduaes, não o ponto de vista da ignorancia de
cada um.

Mosaico

O examinador, em um concurso:

— Tive na pedra uma qualidade!
O examinando escreve: *no mesmo 5.º e 6.º máx. 11*.
O examinador poz-se a rir, e, olhando para o exami-
nando, perguntou onde tinha aprendido a fazer d'a-
quellas equalidades; ao que o candidato respondeu ter
plena convicção de não ter erado.

— Pois bem, disse o professor, passemos á demon-
stração.

— Sim, senhor, 10 horas menos 15 minutos são iguaes
a 6 horas mais 15 minutos.
O examinador ficou envergonhado, deu-lhe nota op-
tima e nada mais lhe perguntou.

Um poltron surprehendeu um gatuno em cima de
um capoteo, tendo os bolsos cheios de caixas.
— Que fazes, tratante, perguntou.



O MERCADO EM JOHANNESBURG — TRANSVAAL

Pohres *agradar*! morriam de fome se os voltassem
hoje.
Diz o proverbio que duas vezes somos crianças.

Está certo.
O theatro foi na sua infancia desboçada, como ainda
hoje o attestam entre nos os autos de Gil Vicente, onde
se topam locuções que as crianças ouviam, e que no
nosso tempo fazem com um porta-machado.

Depois veio a tua eia — eslerie de *colunheiro*
theatral, muito grave e sisudo.

Veio depois o drama, que primeiro explorou o
amor amor azul, e depois se agitou no *alutero* — o
amor negro.

Veio em seguida a opereta, com pernas á vista e
canções de olho picado.

Chegou agora a segunda meninere, as peças pas-
sas na illova.

E o que ha mais? O que haverá ainda? Nada.
E o caso do nariz, sabem?

Um nariz rodo, estragado, cujo dono foi consultado
com os mais aallados cirurgias.

— Que não havia remedio senão o *portal-o*.
Diabo! deixar cortar o nariz deve ser uma coisa
horivel, visto que cada pedrão tem um só nariz e não
mais.

O doente assustou-se. E começou a pedir novas
consultas e novas remédios.

Apareceu-lhe, porém, um medico que lhe deu um
alago.

— O senhor não precisa cortar o nariz.
— Oh ventura! O... felicidade!
— Certo, não precisa.
— Mas o que se ha de fazer?
— Que o seu nariz ruda, por si mesmo,
e que o theatro está tambem por um fio.

O que *quilheiro* vende melhor nas feiras os *manos* de
na lila.

O académico sobre a mercaderia avariada com a
bandeira da Academia.

Lavellan, do theatro Franccesa.
Levantou a bandeira e encontra-se *larris* de lixo.

Então uma boa pergunta a si mesmo se isto pode
continuar assim; senão seria preciso que o theatro
corre o *mar* a *paragundo*?

Não, senhor, não é preciso; o *mar* está aqui esta
no chão.

E depois do theatro ficar de *marigado* do *cola* remos
qualquer outro modo de *passar* as *netes*.

(Do *Popular* de Lisboa.) ALFREDO PIMENTEL.

Perolas...

Como um canal de rolas arrulhantes,
São duas crianças a rir e a brincar.
As haes são tanto não immaculadas;
São duas pedras finas semelhantes!

Caraca e Nam — prima sobrinhas,
São dois amores para milhelletes!
Como duas flores, hirtres odorantes,
São as duas rosas em tal enlaçadas!

Primas na alma rinas no coração,
São genetas em *melhores* e na *caudal*.
Parecem *sonhos* e *amigos* parecidos!

Doas almas cheias de *gracia* e de *tennita*,
São duas corações e *reus* albos;
São duas riras *thesuros* de *allegro*!

Rio de Janeiro, 1900. W. VALLETTI.

— Eu... eu... nada; estava collocando na arvore
os caixas que d'ella tinham cahido.

Um sujeito encomendando ao carpinteiro uma man-
gedoura para o seu cavallo.

— De que altura quer?
O nosso homem, tomando certa posição imponente,
diz:

— Desta, mestre: onde eu chego pode chegar qual-
quer burro.

Uma mulher que não podia accommodar uma filha
que chorava, acordon o marido, que dormia a sonno
solto, pedindo-lhe que a amlasse a acalentar a crian-
ça, visto como ambos eram interessados n'isso.

— Não ha duvida, respondeu o marido, virando-se
para o outro lado, accomoda a tua parte, porque eu
deixarei berrar a minha!...

Não, dizia um rapaz muito triste, não posso casar
com a minha querida Lucinda.

— Porque?
— Porque a familia se oppõe.

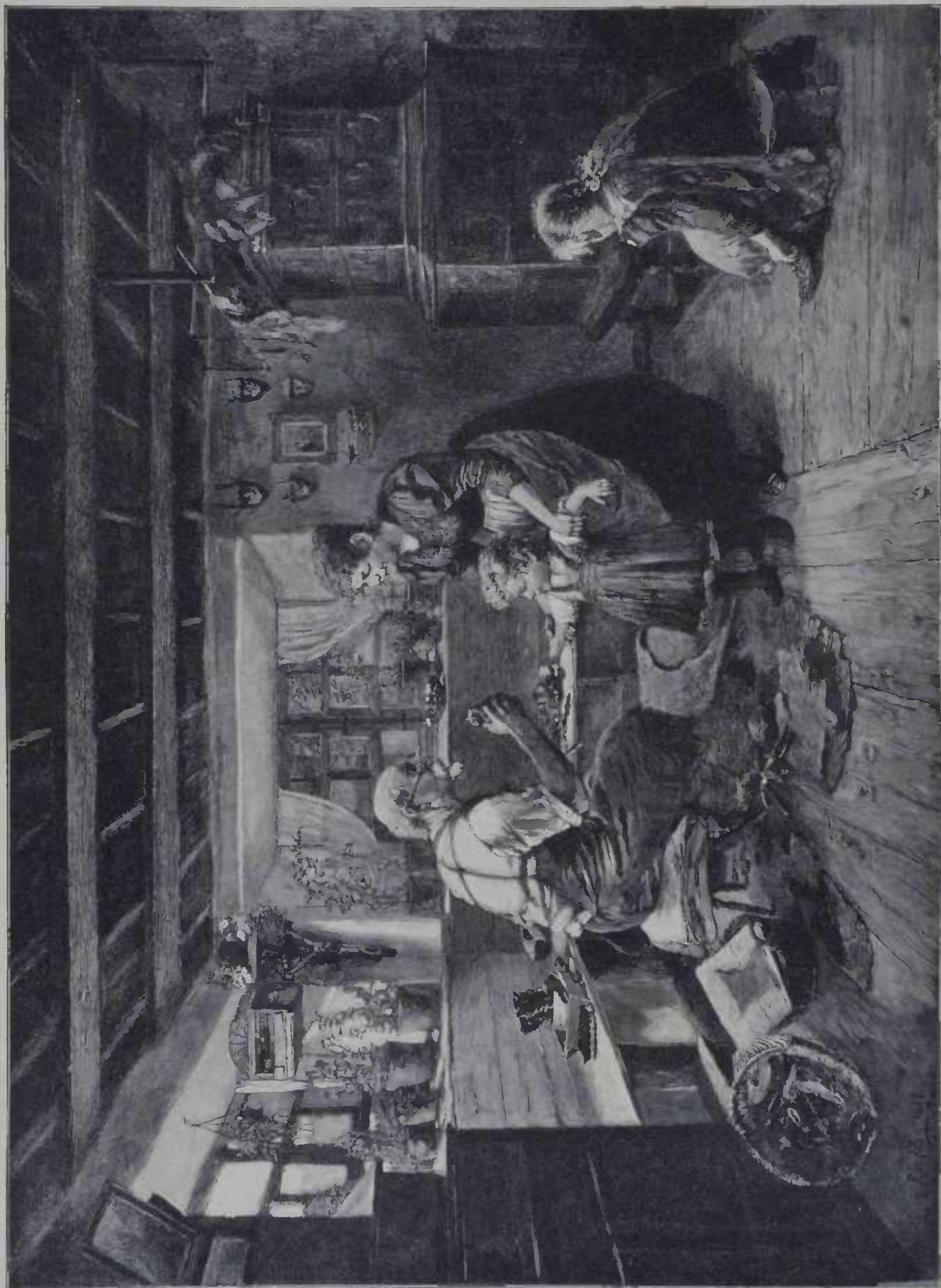
— Lucinda não é maior?
— É, e está de accordo.

— Então, se está de accordo, que te importa a opo-
sição dos paes?
— Está de accordo com elles.

Entre genro e sogra.
— Ah! o senhor é uma perfeição! Se Diogenes o
tivesse conhecido, não mais procuraria um homem.

— Sabe que mais? Se o philosopho, em vez de pro-
curar um homem, procurasse uma mulher e deparasse
com a *senhora*...
— Que fazia?
— Apugava a lanterna para a não tornar a ver.

...ence a Academia Franccesa, onde he
a lunda peça de outro genero, a *Catce*



EM CASA DO SAPATEIRO REMENDAO

CHRONIQUETA

Rio, 23 de Abril de 1900.

Se eu tivesse a desgraça de ser empregado municipal, e o illustre prefeito, Sr. Coelho Rodrigues, lesse as innocentes observações que escrevi na minha ultima chroniqueta a proposito da levandade, que S. Ex. praticou, mandando o seu cartão ao conselheiro Andrade Figueira, estaria a estas horas demittido n um bem do serviço publico.

Foi o que aconteceu ao inspector escolar Eduardo Salamonde, que accumulava essas funções e as de redactor do *Paiz*, jornal que, infelizmente para o Sr. Coelho Rodrigues, e o de maior tiragem da America do Sul.

Ora, e publico e notorio que Salamonde era um funcionario prebo e zeloso. Hei eu prebo dos seus deveres, portanto, a ser demittido, nunca o poderia ser a bem do serviço publico, porque nenhuma vantagem resulta (antes pelo contrario) da sua demissão.

No entender do Sr. Coelho Rodrigues as suas vantagens pessoais importam em beneficios publicos, pois que o seu acto lo citado, não pelo desejo de bem administrar, mas pela satisfação de castigar um jornalista que se atreveu a censurar o por um luto reprovado, alias, pela opinião de todos.

Salamonde sera reintegrado, porque a sua demissão, conforme um parecer juridico da propria autoridade que o demittiu, é um acto illegalissimo. O meu brilhante collega esta trepado no seu direito que nem o moleiro de Saus-Souci. Entretanto, quando assim não fosse, eu não o lastimaria.

O Sr. Prudente de Moraes tirou-lhe o posto de tenente-coronel honorario do exercito, o Sr. Coelho Rodrigues tirou-lhe o lugar de inspector de escolas: mas o que nenhum Presidente ou Prefeito lhe podera tirar e o bello talento que elle possui, para o desespero de tanta gente.

Estão em ultimos preparativos as festas brasileiras, e a Associação do 4º Centenario, dirigindo um apello supremo a população, queixa-se de que a adhesão popular não tenha correspondido aos seus incessantes esforços.

Na realidade, nota-se tal ou qual frieza em todas as classes. Dir-se-ia que se trata da festa da Gloria ou outra qualquer em que não esteja empenhado o nosso brio patriótico. Os brasileiros não nos convencemos, desgraçadamente, de que e nestas occasões que devemos afirmar a nossa nacionalidade, caracterisar o nosso direito a communião dos paizes civilisados.

Entretanto, a Associação, seja qual for o entusiasmo do povo, deve estar satisfeita por ter conseguido erguer n uma praça publica desta capital o grandioso monumento de Rodolpho Bernardelli. So esse facto bastaria para recomendar o a gratidão nacional.

E nada mais me fornece a quinzena com que encher algumas tiras de papel. Não quero falar do leilão do Lloyd Brasileiro, nem das sessões preparatorias da Camara, nem da abertura da exposição de Paris, um tanto entristecida pela morte do grande escultor Falguere, um artista excepcional.

A proposito: é provavel que muitas das minhas leitoras pretendam visitar a exposição. Se alguma dellas me quizer levar como seu secretario, aceitei-o de bom grado o emprego, sem exigir mundos e fundos por esse trabalho. So assim irei a Paris.

ELOY, O HERÓE.

THEATROS

Rio, 23 de abril de 1900.

Chegou o empresario Sanzone, e foi logo aberta a assignatura para os espectadores da companhia lyrica. Os preços, muitas seculoras, são paxadinhos, são, mas o que é bom custa caro. Os maridos e os paes que tenham santa paciencia: paguem e não bufem.

*

Enquanto os rouxinões da Italia não despertam os echos adormecidos do theatro Lyrico, as leitoras que se contentem com o *Amigo das mulheres*, a peça mais philosophica de Dumas Filho, que acaba de ser posta em scena, com grande igualdade de desempenho, pela companhia dirigida, no theatro Lucinda, por Lucinda Simões e Christiano de Souza.

A escolha dessa comedia, uma das mais finas do theatro contemporaneo, revela uma louvavel preoccupação de arte, a que a nossa sociedade não se pode mostrar indifferente.

A companhia do Lucinda, reforçada agora com alguns artistas de merecimento, como Clelia e Eugenio de Magalhães, que farão boa figura ao lado de Lucinda, Lucilia, Matias, Christiano, Chaby, Campos, etc., podera prestar muito bons serviços ao nosso theatro.

O *Amigo das mulheres* produziu o effeito que era de esperar de uma peça do grande dramaturgo francez, representada e posta em scena com algum cuidado: foi entusiasmaticamente applaudida, e promete fornecer um bom numero de recitas.

*

Tambom o Apollo teve a sua peça nova: *Le surris*, comedia em 3 actos de Sylvane e Gascoigne, traduzida por Acazio Antunes com o titulo *O espanhallo*, — e, pelos modos, desta vez a Associação Dramatica Fluminense poz a mão n um successo.

A peça, que se filia ao genero do *vaudeville* sem musica, e uma *fochade* que lembra o *Champagnol*, os *Vinte e oito dias de Clarinha* e outras peças que são nem mais nem menos que a caricatura da vida militar em França.

A moral não é offendida no *Espanhallo*; é uma comedia a cuja representação podem assistir senhoras. O desenquenho dos papeis não é máo, sobresahindo o actor Peixoto, que ha muito tempo tem por si as sympathias do nosso publico.

*

O Recreio anuncia para hoje a representação da magica o *Bezoiro encantado*, ha tanto tempo annunciada.

X. Y. Z.

Novidades Musicas

Recebemos e agradecemos:

Dos Srs. Vieira Machado & C. — Tango do Marco, valsa segundilha da opereta Nhã Baroneza de Isaías de Assis e musica de Assis Pacheco; Flamejante, polka de J. Ferreira Torres; Sinhá, valsa de Aurelio Cavalcante.

E. Bevilacqua & C. — Silvia, faitasie-mazurka de E. Pinzaronne.

M.^{me} Gazzaniga & M.^{lle} Bier

28 — Rua Gonçalves Dias — 28

(SO BRADO)

Encarrega-se de Lutos,

Envooas para Casamentos

e todo e qualquer trabalho

concernente á sua arte

RIO DE JANEIRO

ULTIMAS NOVIDADES MUSICAS

Grande estabelecimento de pianos e musicas

Fertim de Vasconcellos, Morani & C.

147, Rua do Ouvidor, 147

Polkas

Cinco de Novembro, por O. Carneiro... 1\$00
Vai sahindo, por A. Keller... 1\$000

Tangos

Só de mão, por E. Telles... 1\$000
Ferruge, por E. Telles... 1\$500
Tango do pianista, por Costa Junior... 1\$000

Valsas

Amor que mata, por J. G. Christo... 1\$000
Augusta, por E. Cattaneo... 1\$500
Despretenciosa, por J. G. Christo... 1\$500
Elegante, por A. Cavalcanti... 1\$500
Julhinha, por J. Reis... 1\$500
Juracy, por A. Nunes... 1\$500
Licea, por Evora Filho... 1\$500
Meus oito annos, por O. Carneiro... 1\$500
O teu olhar me seduz, por Evora Filho... 1\$500
Valsa do pianista, por Costa Junior... 1\$500

Schottisch

Schottisch dos empregados publicos, por Costa Junior... 1\$500
Guanabara, por I. Madeira... 1\$000
Grinalda de noiva, por Evora Filho... 1\$500
Primeiro Amor, por E. Telles... 1\$000

Quadrilhas

Borbetetas, por E. Couto... 1\$500
Recordações da infancia, por J. M. Lacerda... 1\$500

Remettem-se encomendas para o interior juntamente com o *brinde* mensal que a casa offerece.

147, RUA DO OUVIDOR, 147



CRÈME SIMON
PARA
CONSERVAR ou dar
ao rosto
FRESCURA
MACIEZA
MOCIDADE.

Para proteger a epiderme contra as influencias perniciosas da atmosfera, é indispensavel adoptar para a toilette diaria o **CRÈME SIMON**.

Os **PÓS** de Arroz SIMON e o **SABONETE** Creme Simon, preparados com glicerina, a sua acção benéfica é tão evidente que não ha ninguém que o use uma vez que não reconheça as suas grandes virtudes.

J. SIMON, 36, Rue de Provençe, PARIS
PHARMACIAS, PBRPUMERIAS
e de Cabelleiros.

CAUTION: das Imitações.

XAROPE DELABARRE
(DENTIÇÃO)

Xarope sem narcotico recommndado ha ja 20 annos pelos médicos. Facilita a sahida dos dentes, evita ou faz cessar os soffrimentos e todos os accidentes da primeira dentição.

Esija-se o **Carimbo official** e a assignatura Delabarre.

FUMOZE-ALBESPEYRES, 78, Faubourg Saint-Denis, Paris e em todas as pharmacias

PAPEL E CIGARROS
ANTI-ASTHMATICOS
de Bin BARRAL

Recommandados pelas simmidades medicas. Preparações muitissimo efficazes para a cura da **ASTHMA**, das **OPPRESSÕES**, das **ENXAQUECAS**, etc. 16 ANOS DE SUCCESSOS.

FUMOZE-ALBESPEYRES, 78, Faubourg Saint-Denis, Paris e em todas as pharmacias.

NUNCA APPLIQUE-SE UM
VESICATORIO SEM SE TER O
VESICATORIO DE ALBESPEYRES

o MAIS EFFICAZ e o MENOS DOLOROSO de TODOS os VESICATORIOS

Esija-se a Assignatura **ALBESPEYRES** no LADO VERDE

FUMOZE-ALBESPEYRES, 78, Faub' St-Denis, PARIS e em todas as PHARMACIAS

PILULAS DE BLANCARD

APPROVADAS PELA ACADEMIA DE MEDICINA DE PARIS

Resumem todas as Propriedades do IODO e do FERRO.

40
Rua Bonaparte
PARIS



Estas Pilulas são de uma efficacia maravilhosa contra a **Anemia**, **Chlorose** e todos os casos em que se trata de combater a **Pobreza do Sangu**.

DEUS

(Continuação)

SUA PROVIDENCIA E BONDADE

Deus é justo nos seus caminhos, fiel nas suas promessas, santo em suas obras, suave, paciente, e muito misericordioso, sempre prompto a ouvir os que o invocam com temor e sinceridade. (Psalm. 141).

Sem acceitação de pessoas, nem attenção a títulos, estende igualmente o seu cuidado sobre todos os homens, sejam grandes ou pequenos (Sabd. 6) Elle só é o Ser perfeito por excellencia, e natureza; e elle o que faz correr pelos valles as fontes de agua viva para a necessidade dos entes animados, e o que cobre o Céu de nuvens para derramar sobre a terra a benéfica chuva, que fertiliza os campos; (Psalm. 146) elle dá as bestas o alimento, e sustenta os filhinhos dos corvos. (Idem).

Confiemos, filhos meus, na sua paternal providencia, sem nos occupar com demasiada sollicitude em buscar o nosso vestido e sustento; pois o mesmo Deus, que nos tem dado a vida e o corpo proporcionará igualmente os meios de cobrir a este e de sustentar aquella. Observa as aves, que povôo o ar, ellas não se meião, não reão, não fazem provimentos nos celeiros, e contudo o Creator, o Paç Celestial lhes subministra cada dia abundantes alimentos. Olha para as açucenas e os lírios, que aformoseão os campos, considera como crescem e se enfeitão sem cultivo, nem cuidado algum. Pois se Deus cuida desta maneira das aves, que são tão inferiores aos homens, e das plantas e flores, que somente duram hum dia, quanto mais cuidado não terá de nós?

Filho meu, lancemos fóra todo o temor e inquietação, porque isto é injurioso a Deus, que nos creou; elle conhece as nossas necessidades, e a sua admiravel providencia saberá remedial-as. (Ma. 6) A terra está cheia das suas misericordias. (Psalm. 138).

Se somos justos o ceu nos cobrirá de bençãos (Eccles. 1) e acharemos a justiça, a vida e a gloria; gozaremos os dias pacíficos, e serenos, sem temor, e sobresalto algum; e a noite um somno tranquillo e seguido reanimará os nossos sentidos; desprezaremos as ameaças do impio, porque tendo a Deus da nossa parte, elle tomará a seu cargo a nossa delectação, e gozaremos com elle uma paz inalteravel (Prov. 3). Os seus olhos velam continuamente sobre os que depositam n'elle a sua confiança (Psalm. 34). O pobre que teme a Deus, carece muitas vezes do necessario; porém a tranquillidade do seu coração é para elle o equivalente da abundancia (Proverb. 15).

Sim, filho meu, ditoso o que ama, e teme a Deus! Elle observará com alegria os seus precitos, e o Senhor por amor d'elle converterá as trevas em resplendores, e o fará caminhar com firmeza pelas veredas da Justiça; a sua memoria viverá eternamente (Psalm. 111 e 127). O justo semelhante ao leão que sente toda a sua força, não conhece o medo. (Prov. 28); permanece inalteravel e sem intimidar-se ainda que veja transtornar-se a terra (Psalm. 111 e 45). O justo cresce em fortaleza como o cedro do monte Libano, (Psalm. 91) e florescerá como a palmeira (Eccles. 22).

Não devemos por largo tempo chorar a morte do justo, porque a sua alma descança em paz (Sabd. 3).

Posto que ceifado na flor dos seus annos, viveu muito tempo; era agradável ao Senhor que o escolheu para si; o arrebatou muito cedo da terra, e se apressou de o tirar do meio da iniquidade, que o podia corromper e causar-lhe a sua perdição; os impios que o vem morrer na primavera da vida, não penetrando os desígnios do Senhor, nem que a sua misericórdia lhe tem reservado, murmurarão contra a Divina Providencia, mas Deus zomba da cegueira d'elles (Sabd. 4).

O justo distribue os seus bens pelos pobres, e a sua justiça permanecerá eternamente (Psalm. 111). Não temamos, pois, filho meu, empobrecer-nos se repartirmos os nossos bens com os que carecem d'elles; Deus cuidará da nossa subsistencia, e nos dará o sufficiente para exercermos obras de caridade, e provermos às nossas necessidades. O que dá a semente a semeador, e a faz produzir com abundancia, multiplicará os fructos da nossa justiça, e nos dará copiosos bens para que possamos fazer largas obras de piedade (Epist. aos Cor. 9).

Grandes são as afflições que o christão padece neste mundo; mas Deus venceu o mundo (João 16), e sendo infinitamente bom, defende e acolhe debaixo das suas azas os que n'elle esperam, e para quem olham como o seu unico refugio e esperança. Debalde se apontam mil setas contra o que confia em Deus, nenhuma d'ellas lhe acertará, porque está ao abrigo de todos os males debaixo do escudo do mesmo Deus.

Se chama o Senhor, o Senhor que nunca o abandona nas suas tribulações, o livrará d'ellas para o annular de gloria (Psalm. 60).

O juizo do Senhor é suave, e a carga que nos impõe, é ligeira. Elle continuamente nos estende os braços, nos atrahê com a sua doçura e bondade inextinguivel, e nos alivia nos trabalhos, nos consola nas afflicções, e nos dá a vida eterna.

Deus sómente afflige os que elige para filhos seus, e não corrige senão aos que ama e se nos parece que este castigo ha de ser para nós outros um motivo de tristeza, esperemos com e nãança e bem depressa colhere-mos da nossa justiça os fructos saborosos e consoladores, que Deus reserva aos fieis, que soffrem com paciencia (Epist. aos Heb. 12) A sua misericórdia excede a todas as suas obras (Psalm. 141).

Olha, filho meu, quão suave e bom é o Senhor; quando nos apatamos do caminho da Justiça, fallamos ao coração, adverte-nos do nosso extravio, e corrige as nossas faltas, para que abandonando a iniquidade, creamos n'elle. É tardio em castigar o peccador, esta misericórdia contém a sua justiça, que so suspende o golpe para dar lugar a que o peccador se arrependa, purgue as suas culpas e obtenha o perdão; d'este modo, filho meu, nos ensina a esperar n'elle, e nos dispõe para a justificação (Sabd. 12).

SUA JUSTIÇA

Os impios exclamam, dizendo:— «A nossa vida não é mais que uma farsa; a nossa existencia é breve, está sujeita a mil molestias, e depois que se acaba não ha descanço, nem felicidade alguma; nenhum morto voltou a este mundo para convencer nos da immortalidade. Salimos do nada e ao nada voltamos; o nosso corpo se reduzirá a pó, e o nosso espirito se desvanecerá no ar; a nossa vida passará ligeira, como uma nave, e desaparecerá como os vapores na presença dos raios do Sol. O nosso nome se riscará da memoria dos homens, e não se recordarão mais das nossas obras. Gozemos pois de quantos prazeres nos seja possível; pois isto é a unica coisa que podemos tirar da vida; entreguemo nos as delicias do amor; respiremos os mais fragantes perfumes, corremo-nos de rozas antes que murchem e deixemos por toda a parte vestígios da nossa alegria. (Sabd. 2) Não observemos d'aqui em diante os dias de festas consagrados ao Senhor (Psalm. 73). Opprimamos o pobre, desprezemos o orphão e a viuva, e não respeitemos as cans dos velhos; seja a nossa força a lei da justiça, e s' brevedade exterminemos o justo, cuja vista não é insupportavel, porque não aspirando elle senão aos bens eternos, que são a unica esperança que elle tem para depois da morte, se aparta do trilho pelo qual caminhamos como se estivesse o npeitado, lança-nos em rosto mil maldades, condemna todos os nossos pensamentos, e se considera cheio da Sciencia de Deus, gloriando-se de te-lo por paç; experimentemos pois por meio de afrontas e tormentos a sua paciencia, e o respeito que tem a Divindade.»

Assim fallaram os impios, e obcecados pela propria malicia, erraram em seus vãos pensamentos. É a mão do Altissimo, cuja justiça é eterna, pezo sobre elles e do mais profundo do inferno onde os precipitou, clamam, e dizem gemendo:

«Nos não conheciamos as ameaças, nem as promessas de Deus, abandonamos os caminhos da verdade, a tocha da justiça deixou de allumiar o nosso coração, e o sol da intelligencia não amanheceu para nós... Agora desenganados pelos tormentos que padecemos, reconhecemos um Deus justo e amargamente choramos o nosso horrivel destino. Com effeito, o que é o orgulho, a ostentação das riquezas e o amor dos prazeres?

Que nos fica de tudo isto? Tudo passou como uma sombra: os prazeres se assemelham á névoa, que sulca os mares, á ave que lende os ares, ou a seta que os rompe de uma a outra parte sem deixar signal, nem rasto por onde passou. A nossa esperanza foi como a leve espuma levada pela tempestade, ou como o fumo, que o vento dissipa. Ai de nós insensatos! Quão grande foi o nosso erro! Desprezamos o justo, e delle escarnecemos, a sua vida nos pareceu loucura, e olhamos para sua morte como affrontosa e sem honra. Não obstante o justo será contado entre os filhos de Deus, viverá eternamente entre os Santos e o Senhor o protege e defende dos assaltos dos máos, os quaes dispersa com o sopro da verdade; este mesmo Deus será a sua recompensa, assim como foi o objecto de seus pensamentos: elle receberá da sua omnipotente mão uma corôa brilhante e incurrupavel (Sab. 1, 2, 5 e 11).

Não ha paz para os impios, elles são como o mar irritado, á ave que pode acalmar, e com o proprio rolo vêm as suas ondas a quebrar na praia, e fazer lodo (Isai. 57). São como fontes sem agua, ou como nuvens agitadas por turbilhões. (S. Ped. Eps. 2).

O homem a bandona a Deus por um principio de orgulho, mananciaal de todos os vicios. Eccles. 10: porém a infamia é a companhia eterna do orgulho, e a gloria da humildade. (Prov. 6) Deus confunde aos que o desconhecem, os quaes se desvanecem como um sonho e desaparecem como uma visão (Job. 10).

«Tenho vivido muitos annos, exclama David, e nunca vi o justo abandonado: pelo contrario vi o impio orgulhoso elevar-se a par dos cedros do Libano: passei por alli um instante depois, eis que já não existia (Psalm. 3).»

A ordem reina na casa do justo, e na do impio a confusão. As victimas dos impios são abominaveis ao Senhor: os votos do justo o aplacam. O Senhor está longe dos impios, e elle attenderá as orações dos justos (Prov. 15).

Um vão procura o mau occultar o seu odio; a sua verdade se descobre nos conselhos que dá; porém o mesmo cabe no alvismo, que abre, e vê-se esmagado pela mesma pedra que fez (Isai. 26).

A sua injustiça realce sobre elle mesmo (Eccles. 10) e depois de ter chegado ao cume da perversidade, o desprezo, o opprobrio e a ignominia, o seguem sem cessar (Prov. 18); os seus manifestarão a sua iniquidade e a terra levantará contra elle (Job. 20).

O homem e a mulher adúlteros, tranquillos na iniquidade dizem:— «Estamos entre quatro paredes, a noite nos envolve com o seu negro manto, quem será capaz de ver-nos?»

Elles não temem a vista do Senhor, como se aquelle, que se occulta da vista dos homens, pudesse occultar-se a um Deus, que enche o ceu e a terra. (Jerem. 2) e cuja vista é mais penetrante que os raios do sol (Eccles. 2). Porém Deus, para quem as trevas não tem escuridade, e a noite apparece com toda a claridade do dia (Psalm. 138), que vê o futuro e conhece o passado, manifestará o delicto d'elles, e desde logo soffrerão a pena de sua infidelidade; a sua memoria será execrada, e indeleavel a sua deshonra; conhecerão, ainda que demasiado tarde, que não ha cousa melhor do que o amor de Deus, e que a coisa muito suave respitar a sua lei (Eccles. 23).

Não diga o avariato, no meio de seus bens mal adquiridos:— «Estou contente! Quem me despojará do que possuo? Nem diga o peccador: Hei peccado e nenhum mal me aconteceu. (Eccles. 5) Deus observa continuamente os maus, (Psalm. 33) e o seu castigo não vem das mãos dos homens, porém da de Deus (Eccles. 2), não escaparão á sua justiça que sobre elles descarregará muitos males dos quaes não poderão se livrar, chamarão ao Senhor, e elle não os ouvirá; (Jerem. 14) O endurecimento de seu coração, que os leva a impetencia, accumulará sobre suas cabeças thezouros de colera da qual se verão retribuidos no tremendo dia do Juizo. (Epist. aos Rom. 2) Se algum d'elles se gloria da sua injustiça e maldade, bem depressa receberá o castigo merecido; e o justo, testemunha da sua ruina dirá:— este é aquelle, que não querendo a Deus por seu defensor, punha a sua confiança na sua riqueza e vaidade. (Psalm. 51).

Filho meu, não frequentes a companhia dos máos, não traves com elles amizade; elles seccarão como a herva, e cahirão como as folhas das arvores. Submette-te a Deus, se bom, e elle illuminará a tua justiça, e te enriquecerá de dons celestiaes. (Psalm. 86).

OBRIGAÇÕES DO HOMEM PARA COM DEUS

Deus, por quem existe todas as coisas, (Epist. aos Rom. 2), em quem vivemos, nos movemos e existimos, (Act. 17) Deus, que derrama a sua misericórdia sobre a terra, e a enche de sua justiça, (Jerem. 3), exige do homem um culto e veneração.

Offerece-lhe, filho meu, uma homenagem razoavel, não tomes por modelo o Seculo, em que vivemos, (Epist. aos Rom. 12), nem te deixes extraviar pela philosophia vã e enganosa, que os homens ensinam conforme as maximas do mundo, e oppostas ás de Jesus Christo. (Epist. aos Colos. 2). Renova por meio de uma santa reforma os affectos do teu coração, se está corrompido pelo erro; (Epist. aos Rom. 12) faz-te um homem novo, (Epist. aos Ephes. 4) para que chegues a conhecer qual seja a vontade de Deus a teu respeito; mas não pretendas saber demasiado, porque a sabedoria tem seus limites, e deve ser proporcionada ao dom da fe, que ha recebido, (Epist. aos Rom. 12). Desde que sabe a aurora até que se põe o sol canta os louvores do Senhor, rende-lhe acções de graças, adora-o no seu Templo, celebra-o nas suas obras, canta as suas maravilhas, offerece-lhe a honra, e vassalagem, que lhe são devidas. (Psalm. 112 e 28).

Não se glorie o sabio da sua sabedoria, o forte da sua fortaleza, nem o rico das suas riquezas; glorifique-nos no somente de conhecer a Deus. (Jerem. 9).

A homenagem, que nos pede o Senhor, homenagem verdadeiramente saudavel, é observar os seus precitos, e fugir da iniquidade (Eccles. 35). Sim, filho meu, se queres conseguir a vida eterna, observa os mandamentos de Deus (S. Mat. 19). Elles são o unico caminho que conduz á Sabedoria (Eccles. 1). Mas tem presente que o faltar a um é fazer-se reu em todos (Epist. 2ª Jacob) Ellos aqui como sahiram da bocca de Deus.

MANDAMENTOS DE DEUS

«Eu sou o Senhor teu Deus, que te tirei da terra do Egypto, da casa da escravidão.

«Não terás deuses alheios deante de mim, não farás para ti obra de escultura, nem figura alguma do que ha em cima no ceu, nem do que ha em baixo na terra.

«Não as adorarás, nem darás culto; eu sou o Senhor teu Deus, forte, zeloso, que visito a iniquidade dos paes sobre os filhos até a terceira e quarta geração d'aquelles que me aborrecem, e que faço misericórdia sobre milhares com os que me amam e guardam os meus precitos.

«Não tomarás o Nome do Senhor teu Deus em vão; porque o Senhor não terá por innocente o que tomar o nome do Senhor seu Deus em vão.

«Lembra-te de santificar o dia de sabbado.
«Trabalharás seis dias, e farás n'elles tudo o que tens para fazer.

«O setimo dia porém e o dia de descanço consagrado ao Senhor teu Deus. Não farás n'esse dia obra alguma, nem tu nem teu filho, nem tua filha, nem teu escravo, nem a tua escrava, nem a tua besta, nem o peregrino, que vive das tuas portas para dentro.

«Porque o Senhor fez em seis dias o ceu e a terra e tudo o que n'ella ha, e descançou o setimo dia. Por isso o Senhor abençoou o dia setimo e o santificou.

«Honrarás a teu paç e a tua mãe, para teres uma vida dilatada sobre a terra, que o Senhor teu Deus te hade dar.

«Não mataras.
«Guardaras castidade.
«Não furtaras.

No Cancer

Fragmento

A DANTE BARRILETO

«Não dizes falso testemunho contra o teu proximo.

Não cubraes a casa do teu proximo; não desparas a sua mulher, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu boi, nem o seu jumento, nem coisa alguma que lhe pertencer. (Ecod. 20) tem sempre a Deus presente, e nas tuas conversações annuncia os preceitos do Senhor (Eccles. 9).

Filho, desde a tua mocidade, procura ser instruido, e adquirirás uma sabedoria que dure ate á velhice (Eccles. 6).

Mas para isso é mister que de mãos ás maximas do mundo, porque o amor do mundo, que é concupiscencia dos olhos, e soberbia da vida, nos constitue inimigos de Deus (S. João, Epist. 1. 2).

Se foras tido por sabio, segundo as maximas do mundo, fazeite insensato aos olhos dos homens para seres verdadeiramente sabio; porque a sabedoria do mundo e loucura aos olhos de Deus. (Epist. aos Cor.) Não pode o homem servir a dois senhores; se ama a um aborrecerá o outro; se é fiel ás ordens do primeiro, olhara com desprezo a vontade do segundo. (S. Mat. 6)

Crê em Deus, teme-o, porem ajunta ao temor a esperança e o amor, que é o escudo dos que nelle esperam; (Reis 2.) a sua misericordia os rodeia, e defende (Psal. 31). O que permanece no seu amor, habita em Deus e Deus nelle. (S. João Ep. 1 e 2).

Medita de dia e de noite a lei do Senhor, lei purissima, que attrahe e domina os nossos corações; os seus oráculos, que são a mesma verdade, communicão a sabedoria aos humildes, e a infalibilidade de seus decretos, a clardade de seus preceitos, e a equidade dos seus juizos nos justificão, nos illuminão, e nos consolão. Os seus mandamentos são preferiveis ao ouro, e mais suaves que o mel (Psal. 118). Se os observas, filho meu, e pões a tua confiança em Deus, serás sabio, e semelhante ás arvores plantadas nas margens de um rio, que dão em abundancia sazoados fructos; gozarás largo tempo de uma verdadeira prosperidade, durante que o impio sera como o pó, que o vento dissipa. (Psal. 1)

A summa justiça consiste em conhecer a Deus. (S. João Epist. 1) e a summa justiça conduz para a immortalidade. (Sab. 5). A justiça e a misericordia agradam mais ao Senhor do que os sacrificios das victimas. (Prov. 16 e 21).

Se fores misericordiosos com os pobres, honraras aquelle que os criou; mas se os opprimes, injurias a Deus. (Prov. 14).

O que diz que conhece a Deus, e não observa os seus mandamentos, não falla a verdade; sómente o que o conhece faz a sua vontade. O que aborrece a seu irmão, está nas trevas.

O que aborrece a seu irmão, e diz — Amo a Deus — é um embusteiro, porque Deus nos manda amar a nossos irmãos, e aborrecel-os é desobedecer, e não amar a Deus (S. João Epist. 1. 2).

Quão vãos e limitados são os homens, que ignoram a sciencia de Deus: attonitos com o espectáculo, que apresenta a natureza, admiram o ar, o fogo, a terra, a agua, as estrellas, o sol, a lua, e o seu differente curso, e desconhecem o Creator de tão prodigiosas maravilhas; não vem quão grande, e quão admiravel elle é. (Sab. 13).

Que louca presumpção! Quer o homem elevar se até os céus, e penetrar os desígnios do Eterno; o homem, cuja vacillante e debil razão apenas pode conceber o que se passa sobre a terra? (Sab. 9). Não intentes, filho meu, penetrar as coisas, que Deus tem querido occultar-nos; aprende os preceitos do Altissimo, e não tenhas a vã curiosidade de querer esquadriñar o mysterio das suas obras, cujo maior numero sobrepuja a nossa comprehensão. (Eccle. 19). Deus entregou o mundo ás vãs disputas dos homens, os quaes são incapazes por si mesmos de chegar a conhecê-lo, nem podem tirar, nem acrescentar um apice ás obras do Senhor. Tudo quanto fez o Creator é perfeito, e suas obras, e a sua palavra permanecerão eternamente. (Eccles. 3).

Tem sempre a Deus no teu coração. (Tob. 4). Deposita no seu seio toda tua confiança; chega-te a elle, e resigna-te na sua santa vontade, busca-o com simplicidade de espirito. (Sab. 1). Não empregues o teu entendimento em especulações sublimes em demasia; applica-te aos objectos mais perceptíveis: (Epist. aos Rom.) e não ponhas a tua gloria na opinião dos homens. (Epist. aos Cor. 3).

Confia no Senhor, e conhecerás a verdade (Sab. 3). (Chega-te com esta mesma confiança ao throno de sua misericordia, e lograrás as graças de que necessitas; (Epist. aos Heb. 4). Seja Deus o teu refugio e fortaleza: elle guiará teus passos, implora o seu auxilio em todas as tuas acções, e não te fies da tua sabedoria nem da tua prudencia. (Epist. 3). Não desprezes as suas instrucções, aproveita-te dos seus conselhos, submete-te á sua lei. (Eccles. 6). Não quebrantes os preceitos do Senhor teu Deus. (Job. 4). Despreza os conselhos do impio, e não sigas o caminho, pelo qual anda o peccador. (Psal. 1). Foge do vicio, como de uma serpente. (Eccles. 2). Não consintas jamais no peccado. (Job. 4). Não te contentes com o não fazer mal; procura, se podes, impedir que os outros o façam. (Epist. aos Rom. 1) Não o approves, nem o louves nunca. Faze, filho meu, todo bem que possas; porque pecca todo aquelle, que não faz toda o bem, que conhece, que deve praticar. (Epist. S. Jacob. 4).

(Continua)

Siryx -- O ideal

Na terra do mirtho verde e dos lanças domados, por uma madrinha festival e fresca, o capri pelo Pan, deus dos pastores, o primeiro que se cria a arena, o Pan dos madrigens, viu entre os juncos a formosa Siryx.

Viu-a e não teve mais o coração calado.

Entrou a respirar e a perseguir, e gemeu neste e da e procurando deter a linda moça fugitiva

Fannus, vendo-o a chorar, viu do seu choro, e os egypaus e os satyros caprinos seguiram os passos do cometo amante por entre as montes de loureiros verdes.

Debalde, Pan, o pobre Pan chamava, debalde Pan, o pobre Pan gemia.

A moça, e cohecedora de todos os moedros, fugia-lhe dos passos.

Só as hamadrivadas e as oreadas dos montes sahiram a soccorrer o namorado triste. — Mas, desalito a formosa fugitiva desfeita em lagrimas quando ia a ser raptada, transformou-se em canção gemente e susurrante.

Auras que voavam repetiram o derradeiro suspiro de Siryx.

Pau desconsoado, fez uma flauta de canção verde e saliu pela floresta tocando a aria sentimental do seu perdido amor.



O poeta é como o Pau, o namorado.

Vive seguindo um sonho e perseguido o.

Perde noites e dias vagueando. Nunca emfim se cança de chamal-o... nunca! Um dia, emfim quando pensa tel-o, esbarra com o lurido juncal do desgano.

O poeta faz d'esta illusão finada um motivo de canto e de poesia e, como o deus caprino, nunca mais o abandona, deliciando a todes com a sua magua rythmada com a sua lagrima triste posta em musica.

E como Pan, sahe pelos bosque, entre os cyprinos, dizendo a todos a endeixa saudosa do seu amor perdido.

COELHO NETTO.

MEU IDEAL

Aquella a quem consagro amor ardente
E a cujo peito docel me escravidão;
Aquella em que a belleza resplandecente,
Cego de amor, cego de amor, diviso;

Aquella que eu adoro lonceamente
E que, estrella de amor, idealiso;
Aquella que arrebatou-me fremente,
Quando deixa escapyr algum sorriso;

E' como um sonho doce que me embala
No regaço da esperança fugida,
Crendo ouvir-lhe a suave e doce falla!

Alt! E' um mundo de amor e de magia!
E' tudo mais... minh'alma triste e sola!...
Basta dizer que chama se Maria!

NILO VAL.

MOLDES



Temos a satisfação de commulcar ás nossas gentis assignantes e leit ras due, apezar de nosso silencio, continuamos com o nosso serviço de moldes tanto d'Al Estação, como de qualquer outro jornal, para esta cidade e para o interior da Republica.

Ha uns bons trinta annos temos nas incumbido desse serviço, e fundado o sempre a pericia de verdade de tras artífices em materia de cortés.

Agora mesmo as senhoras a quem confiamos esse trabalho, são das mais abilitadas e mostras no assumpto, no qual não temem confiamto.

Nunca recebemos reclamações contra o serviço da casa e com ufania podemos assegurar que estímois habilitados a satisfazer a foz eza mais exigente, sem que tenhamos receado de que nos venham dar laços de apuro e bom gosto, nem na mocidade de nossos preços.

LETRAS

A QUEDA

Apressado, suando e com respiração cortada pelo cansaço, com o que açoitado por um motivo urgente, Martins Vaz, homem de baixa estatura, fronte curta, nariz, plethorico, marchava em direcção a delegacia, onde ia apresentar uma queixa que procedia de causa imperdoavel na sua maneira de ver.

— Então, qui ha? para onde se aitra com tanta pressa? interpellou-o um amigo, o commendador Pinheiro, que lhe embargou o passo.

— Estou indignado; conto-lho em poucas palavras. O Amorim, sabe? depois que liquidou o negocio, a desgraça o persegue bem de perto; nem trabalha mais; nem acha quem lhe de serviço; vadia — e tudo quando faz. Dizem que a filha está trisca.

Ha poucos dias appareceu-me lá no estabelecimento; estava com cara de lauro.

Pedi-lhe que salisise, e veio lembrar-me o seu tempo.

Quando foi hoje, ha poucos momentos, o empregado viu approximar-se da porta, desaparecendo logo, e com elle um cabaz de figos. Vou denunciar o e pedir que o metam no carcere.

Desgraçado! Não tenho culpa da sua desdita. Não posso ser prejudicado nos meus interesses.

O negociante que assim falava, ao mesmo tempo com um lenço machucado na mão direita, limpava o suor que lhe ensopava a fronte, as faces, a nuca, a garganta, sob o calor intenso d'um sol de meio dia em pleno verão.

O commendador Pinheiro, capitalista respeitavel, homem de cultura intellectual, escutei o pequenino negociante, mediu a estatura do seu arrazoado, considerou a patetissima vil da sua abnegação, a mesquinhez da sua philantropia, e despediu-se para dar livre curso ao seu pensamento philosophando consigo mesmo.

— Quanto pode ser cruel a maldade do coração humano identificada com a cegueira moral deste torpa tão digno de compaixão quanto o outro!

Ah! sim, mas é preciso deixal-o passar com toda a sua impiedade, recheado da sua inclemencia, entalado com a sua cruza, como passam os viperinos ophidios sorpeando imunes pelos despejos, pela enlaxação do luco, da balsa daminha de onde fogueo proprio homem recetoso de ser picado.

São assim os homens; e o menos reconhecido dos animaes; e o cão affeiçoado ao seu dono, faz-se seu amigo intimo pelo simples habito de o ver todos os dias, de receber das suas mãos o bocado que mata a fome, de ouvir o chamal-o para lhe acompanhar em passeio.

A sua fereza se acalma ante o desconhecido que lhe amacia o cachão pelido, e ante a generosidade instinctiva da innocente creança que lhe atria o bolo. Ferido pelo desprezo, elle volta ainda a ulular queixoso e supplica no pé da porta dos que o desprezaram por um motivo que elle não sabe, por que nunca soube nada; e o homem o que faz muitas vezes a vista d'isso?

Servido de consciencia, na plena posse da sua qualidade racional, com mituição intima de que é dotado, elle, o homem, o rei da criação, enfiada-se e manda coitres o desgraçado animal a pau. Sim a pau; e logo da sua caieça esguicha o sangue quente e rubro que vai sellar a ingratidão da que outrora recebeu as mais dedicadas provas de fidelidade!

São assim os homens. A perversidade supprime o que lhes falta em bondade ingênita, a rudeza completa o vazio da doçura natural.

Porque este persegue ao seu indito e companheiro de antiga privação, com quem partilhou alegria e ostentação, e de quem nega hoje uma esmola, si lh'a pedir?

E elle e como essa arvore outrora esgalhada, viçosa, copada, acolhendo a sua sombra os que procuravam refrescar a pelle escaldada pelo calor do sol, a mesma arvore que saciava a fome do faminto com o seu fructo sazonado.

E veio a mão do madeireiro e decepou-lhe as rama

NINON DE LENCLOS

esmeralda da rirga, que jamais osuou macular-lhe a epiderme. Já passava dos 80 annos e conservava-se joven e bella, attribuindo sempre os seus dons a sua certissima baptisima que rasgava a curando. Tempo, ella fôlle embutava-se sobre sua maravilhada physionomia, sena que nunca deixasse o menor traço. «Minha verbenhina!» via-se obrigado a olhar o velho baluzento, como a rapasalle Lafontaine dizia das nuvs. Este segredo, que a celebre e egoista fazeira jamais contou a quem que fosse das possuas ou quella época, desobriou-o Dr. Lecomte entre as filhas de um volume de *L'Histoire monumentale des plantes*, de ussy-Rabatun, que fez parte da bibliotheca de Voltair e actualmente propriedade exclusiva da **PARFUMERIE NINON, MAISON LACOSTE, Rue du 4-Septembre, 35 à Paris.**

Esta casa tem-no à disposição das missas elegantes, sob o nome de **VERITABLE EAU DE NINON**, assim como as receitas que d'ella provém, por exemplo, o

OUVET DE NINON

pó de arroz especial e refrigerante;

Le Savon Crème de Ninon

especial para o rosto que limpa perfectamente a epiderme mais delicada sem alteral-a.

LAIT DE NINON

que dá alvura deslumbrante ao pescoço e aos hombros. Entre os produtos mais lindos e apreciados da **PARFUMERIE NINON** contam-se:

LA POUORE CAPILLUS

que faz voltar os cabellos brancos à por natural e existe em 12 cores;

SEVE SOURCILLIERE

que augmenta, engrossa e brinca os pestanhas e os supercilios, ao mesmo tempo que dá vivacidade ao olhar.

LA PATE ET LA POUORE MANODERMALE DE NINON

para finura, alvura brilhante das mãos, etc., etc.

Coavem esgír e verificar o nome da casa e o endereço sobre o rotulo para evitar as imitações e falsificações

PARFUMERIE EXOTIQUE
E. SENET
35, Rue du 4-Septembre, 35, PARIS

MÃO DE PAPA do duque, de príncipe, por meio da **Pâte des Prêlats**, que embrapa, tece, elisa, ametina a epilernie, impede e destrói as freiras e as relhas.

UM NARIZ PICADO de pequenas borbulhas ou com travos torna a respirar sua brançura primitiva e cura os olhos lisos por meio do **Anti-Bolbos**, produto sem igual e muito conhecido.

CUIDADO COM AS CONTRAFACÇÕES

Para ser bella e encantar todos os olhos leve-se servir a **Fleur de Pêche** pó de arroz feito com fructos exóticos.

POUCOS CABELLOS

Falamos de fazer e cercadas empregando-se **L'Extrait Capillaire des Benedictins du Mont-Majella**, que tambem impede que caíam e que impõem brancos.

E. SENET, Administrador, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

NÃO ARRANQUEM MAIS

de dentes estragados, sinde os e brançue-os com **L'Elux dentifrice des Benedictins du Mont-Majella.**

E. SENET, Administrador, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

Racahout
DELANGRENIER

Alimento Completo

agradavel, leve e facilmente assimilavel

O verdadeiro **RACAHOUT** dos **ARABES** Delangrenier é o

Melhor alimento das Crianças

desde a idade de 7 a 8 mezes, e principalmente no periodo do desmamar.

Tambem é recommendado as mães quando dão de mamar, aos convalescentes, aos anemicos, aos velhos; em resumo, todos os que precisam de nutritivos.

Exigir a marca verdadeira
DELANGRENIER-PARIS

É encontrado em todas as **PHARMACIAS**

Perfumaria extrafina

L.T. PIVER
PARIS

Corylopsis do Japão

SABÃO — ESSENCIA — PÓ do ARROZ — OLEO
LOÇÃO VEGETAL — BRILHANTINA — COSMETICOS

Evitar as Imitações e Falsificações

O Trêfle incarnat
L. T. PIVER
Perfume de Moda

Violettes de Parme

SABÃO — ESSENCIA — PÓ do ARROZ
LOÇÃO VEGETAL — BRILHANTINA — COSMETICOS

Leite de Iris L. T. Piver
PARA a JUVENILIDADE e BELLEZA do ROSTO

A melhor e mais hygienica de todas as preparações para o touador

Dentifricos Mao-Tcha
PÓ — PASTA e ELIXIR

VINHO DE CHASSAING
BI-DIGESTIVO
Recetado ha 30 annos
CONTRA as AFFECÇÕES das VIAS DIGESTIVAS
Paris, Avenue Victoria nº 6.

PHOSPHATINE FALIÈRES

A "PHOSPHATINA FALIÈRES" é o mais suavosoro e o mais recommendado alimento para crianças desde a idade de 6 a 7 mezes, principalmente quando começam a ser desmamadas e no periodo de crescimento. Facilita a dentição e concorre para boa formação dos ossos.

PARIS, AVENUE VICTORIA Nº 6 E NAS PHARMACIAS

PRISAO DE VENTRE
é curado com o
verdadeiro
Pó Laxativo de Vichy
do D. SOULIGOUX
Laxante certo,
apresenta-se em pó branco, facilmente solúvel
em agua de chuveiro de 25 a 30 graus C. 125
PARIS, AVENUE VICTORIA, Nº 6 PHARMACIAS

Houbigant
PERFUMISTA
da RAINHA d'INGLATERRA e da CORTE da RUSSIA
— PARIS —

AGUA HOUBIGANT
SEM RIVAL PARA O TUBO AHOR

AGUA de TOUCAOOR Royal Houbigant.
AGUA de COLONIA Imperiale Russe.

EXTRACTOS PARA LENÇOS: Violette Ideale, Royal Houbigant, Peau d'Espagne, Moskari, Iris blanc, Le Parfum Imperial, Moka, Magnol, Etillet Reine, Imperial Russe, Libas blanc, Heliotrope blanc, Fougere Royale, Gloriosa, Jasmin d'Espagne, Fleur de Rome, Giroflée, Goryfalis, Bimbo d'Or, Souire, Roucou.

SABONETES: Ophelia, Peau d'Espagne, Ambretteale, Fougere Royale, Lat de Thiribee, Royal Houbigant.

PÓS OPHELIA, Talisman de Belleza.
PÓS PEAU D'ESPAGNE,
LOÇÃO VEGETAL, para os Cabellos.
PÓS ROYAL HOUBIGANT.

PERFUMARIA ESPECIAL MOSKARI

as intemperies do tempo completaram a obra de destruição, apodrecendo o tronco ennegrecido, já sem a sombra já sem o aspecto aprazível de um bom pinheiro, sem o rumorejar das folhagens verdejantes e o suave aroma dos frutos sazonados.

Elle tambem já deu a sombra da sua valida protecção, e matou a fome a muitos com o abundante fructo de seu trabalho.

Agora desandonou-lhe a roda da fortuna, o sopro da desgraça bafejou-lhe a sorte, antes tão ditosa; e eis-o que ali passa, com um riso alvar nos labios, com o aspecto de louco, com o ventre trinado de fome e o seu todo exhalando maço cheiro, um fartum de suor na roupa sua, esta roupa immunda que lhe cobre os joelhos pontudos, os biceps enghelhados, como que murchos, as clavículas salientes.

Afeia-lhe a pelle uma dermatose vulgar, e elle n'uma impaciencia afflictiva, estrega-se com as unhas crescidas, levantando crustas seccas; as caspas alastam-se-lhe pelas faces macilentas, e não mais o acerto, as precauções hygienicas d'outros tempos.

Desventurado!

ignorar — a verdade luminosa da poetica expressão de Victor Hugo.

«Oh! não insultemos nunca um desgraçado que cahe. Quem sabe sob que fardo a pobre alma succumbe?»

ESTAVO GOMES.

(1) Emile Julliard.

AS AZAS D'ICARO

Na sala estavam apenas umas quinze pessoas, amigos e adversarios do sr. presidente. Eram já nove da noite e o convite marcava a reunião para as oito e não apparecia mais viv'alma.

O sr. presidente bufava! Convocára a reunião para annullar o effeito da desconsideração que collectivamente lhes haviam infligido e ao patrão os maiores da terra e parecia-lhe que sobre os dois parava mais um fiasco.

pelo adiantado da hora parece que não vira mais ninguém.

— Não pôde ser. Quem deixaria de acceder a um convite que vale por uma orden (ao presidente d'esta coisa, sabendo-se que tenho por detraz o meu, o nosso) patrão a pichar-me pelos cordeis? Não ousaria, como diria um Guise.

Apparece este com um aspecto entre serio e trocista e o sr. presidente interpella-o pela seguinte forma:

— Diga-me: como e que você fez esses convites?

— Saberá v. ex.ª...

— Alto! berra-lhe o sr. presidente... Tome muito sentido no que vou dizer-lhe: quando tiver de se dirigir a mim ou ao meu patrão não é por — v. ex.ª — que nos ha de tratar, é por — *vossa importancia*.

— Rato de homem, disse o continuo com os seus lábios, d'uma d'estas é que nem o diabo se lembrava.

Saberá *vossa importancia*, continuou o pobre homem, que fui primeiro as casas dos grandes mostrar a estes o officio com o convite e depois fui a mais umas duzentas casas de outros tantos contribuintes mostrar



A VOLTA PARA CASA

O azar embaraçou-lhe os negocios, destruiu-lhe a raiz dos planos, deu-lhe com a fortuna em pantana! E o seu companheiro de passadas luctas corre, sedento de justiça, para denunciar, porque n'um momento de allucinação, na febre da fome, tirou-lhe o cabaz de legos que elle por certo não lhe daria, ainda que pedido no fervor da supplica!

Ah! são assim os homens; e os que assim não são, os que não tem esse mesmo sentiu, constituem a excepção d'esta regra geral idio-psychica.

Elle corre a denunciar o infeliz, e n'esse momento leva em si proprio a perversidade das almas pequeninas e a cegueira das consciencias caheadas.

Não sabe por certo que ninguem tem o direito de condemnar o seu semelhante por uma acção, qualquer que esta seja, si o desgraçado nunca foi encontrado no estado d'alma e na situação que o obrigaram a praticar a.

Antes de gritar *malvado!* em perseguição ao pobre diabo que mette na sua algibeira o bolo que furto, attendamos que a fome, fallando mais alto que os nossos principios, pode achatar-nos brutalmente a mão sobre um bolo equivalente. (1)

Da galeria da grande especie humana esse negociante boçal e afortunado é o typo regular.

Entretanto, ignoramos, porque todos queremos

O patrão sentia alargar-se-lhe ainda a mais a maxilla inferior, o que mais accentuava o typo *porante* o qual *Lombroso não hesitaria...*

Mas era necessario dar começo à sessão, porque nos rostos do magro contingente que havia conseguido reunir principiava a transparecer a sensação da maçada que lhes ia invadindo os espiritos e se um dos treze levantasse voo a debandada gerat era certissima. Se a coisa, tal como estava, já era medonhamente ridicula; se os poucos que haviam conseguido reunir debandassem, era obra para serem corridos a batata pela garotada, de que ainda so se livraram por milagre.

O sr. presidente para conjurar o fiasco e salvar as apparencias disse ao seu immediato, a quem pela primeira vez encontrava com cara de poucos amigos:

— Então, sr. vice-presidente, apparecem ou não apparecem esses grandes da terra e mais o povo a quem mandei convidar para se reunirem hoje aqui, pelas oito horas da noite, para prestar ao meu illustre patrão a homenagem que lhe é devida pelas bonitas obras que tem feito.

— Conforme a indicação de v. ex.ª, respondeu o sr. vice-presidente, sempre com cara de poucos amigos, mandei convidar os membros e muitissimo povo, mas

lho e todos me diziam que heavam scientes. Eu la me parecia scientia de mais para esta terra!

— Mas então aonde está essa gente? Porque é que elles não vieram?

Como o sr. presidente proferisse estas palavras fiando o continuo, este accrescentou:

— Se *vossa importancia* me desse licença eu dizia uma coisa.

— Diga lá.

— E' que talvez: os homens não fizessem caso...

Esta hypothese produziu no sr. presidente o effeito que lhe causaria despejarem-lhe um balde de agua nevada na nuca.

O continuo accrescentou ainda:

— E depois saberá *vossa importancia* que os mais d'elles estão alli em baixo, no largo, feitos *mirões* a disfiectar o que se passa cá em cima, talvez para se rirem depois.

— Ah! elles estão la em baixo? Então conta-me d'esses! Eu conheço-os! Elles não sobem, mas é pelo respeito que tem aqui ao meu patrão, que nos tem a todos na algibeira. Quem ver enquanto a sala

corredores se enchem? E' eu descer ao largo e maldos subir: vem logo tudo.

Oh! Tomo primeira vez que teve o atrevimento de não lhe chamar patrão: vamos ter uma sessão d'estalo; vamos tirar uma desforra monumental.»

E eis-o ahí vae, o sr. presidente, escada abaixo, ao largo, dirige-se aos diferentes grupos, pede-lhes que subam, impiora mesmo a benevolencia dos circunstantes: dá-lhes pancadas amistosas; assegura-lhes que se não de divertirem unmenso se assistirem á sessão, mas aquillo não eram homens de carne e osso — eram de gesso; nem um só se movia. No bestunio do sr. presidente principiava a entrar a suspeita de que a sua importancia e mais a do patrão, são uma hypothese sem fundamento, porque apenas pescou uma das estatuas, que arrastou até ao primeiro andar, não conseguindo fazel-a entrar na sala sob rob pretexto de que estava de jaqueta — um sujeito que habitualmente vae á missa assim enlarpellado. . .

N'esta altura o sr. presidente principiava a sentir-se livido e a bocca amargava-lhe como se estivesse mastigando uma boa dose de rosalgar: era a importancia que começava a subir-lhe á cabeça.

E lá se abriu a sessão com o minguido auditorio, dizendo o sr. presidente varias cousas, mas o sr. vice-presidente metteu-lhe a viola no sacco com a leitura do telegramma que, ao contrario do que s. ex.^a affirmava, dizia que a entrevista podia effectuar-se em qualquer dia.

O sr. presidente embuchou com o desdido e cedeu a palavra ao seu patrão que exhibiu um baralho de cartas que, dada a origem, devem ser marcadas e com as quaes se prova tudo e o contrario. E usando da palavra com o calor e fluencia que todos lhe admiram, por tal forma entusiasmou o auditorio que os treze que o escutavam desataram a bocejar medonhamente, mas era por engano, e se um ou outro resonava era por distração, porque todos elles estavam distrahidissimos com a preleção.

Concluida esta e encerrada a picaresta sessão, os treze, que pela paciencia pareciam beneditinos, continuavam immovels nas suas cadeiras, sendo necessario que o continuo os fosse tirar d'aquella especie de extasi em que os mergulhára com o verbo eloquente do patrão do . . . grom.

Lá conseguim que se pozessem de pé, mas estavam todos com os olhos esgaseados; marchavam com passo incerto, tropeçando uns nos outros tomavam uns a janella pela sahida, pretendendo outros subir ao segundo andar, julgando que desciam; uma confusão extraordinaria, que dava um trabalhão ao pobre continuo para os fazer entrar na ordem.

Parecia que o sopro d'um typho os tornáta inconscientes. Mas não era assim: é que se haviam regalado com uma famosa somneca de que ainda se achavam mal acordados e só assim se explica que um dos treze viesse cá para fóra afirmar muito convicto que o que os melros haviam cantado um rosario de verda-

des. Depois de muito bem acudido espertou de todo e verificou que laborava em um erro.

Mas a picaresta sessão necessitava de um epilogo digno d'ella e teve o.

Horas depois . . . desabava Troia e á luz da lua de sinistro alvor, como disse Soares de Passos, fundiram-se as azas de cebo dos dois learos de . . . margarina, que se estatelavam redondamente na calçada!

DEMOCRITO JUNIOR.

A noiva

Como um lyrio immaculado,
todo alvor e lornosura,
no seu dia de noivado
é a noiva, branca e pura,
como um lyrio immaculado.

Assim, tão branca e formosa
como vem, antes parece
a imagem mysteriosa
da lua, que resplandece
assim tão branca e formosa.

Com suas niveas roupagens
e as flores da laranjeira,
é como as vagas miragens
da nossa illusão primeira,
com suas niveas roupagens.

Como um lyrio immaculado,
todo alvor e formosura,
no dia do seu noivado
é a noiva, branca e pura,
como um lyrio immaculado.

Chera de afeição infinda,
de onde vem, para onde vae?
de onde vem ella tão linda?
Ven do amor de mãe e pai:
cheta de afeição infinda. . .

E vae para um seio amante
como uma pomba querida,
que, de um abrigo distante,
busca uma nova guarida
e vae para um seio amante.

Como um lyrio immaculado,
todo alvor e lornosura,
no seu dia de noivado
é a noiva, branca e pura,
como um lyrio immaculado.

PAULINO DE AZURENIA.

O Homem

Quem, como afunda no Oceano,
Descende hoje seguro,
Sem vacillar, nesse escuro
Abysmo do peito humano?

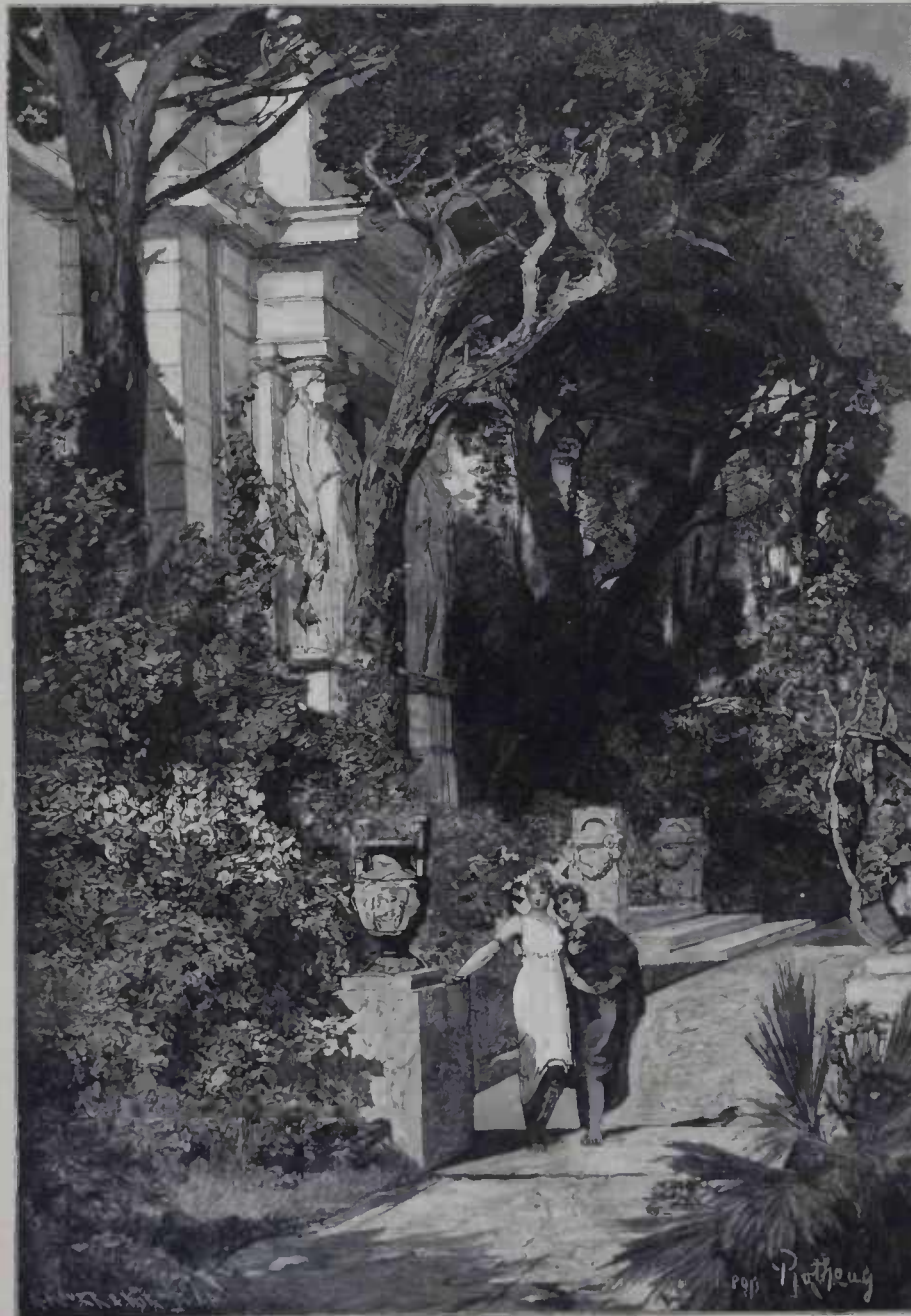
A alma o que é? Sua essencia
Quem sabe? ella existe acaso
Como a flor dentro do vaso?
Ou tem melhor existencia?

Porque é que um céu que avermelha
A luz do raião a infundida?
E se ha um céu claro, embebida,
A alma a resar se apolla?

Mysterio! sempre o mysterio!
De nós quem sabe o que somos
Quando a existencia transpomos
É a noite do cemiterio!

De nós bem pouco sabemos,
Ha dentro em nos uma esphinge
Que a nossa alma aberta e cinge. . .
Existe mas a não vemos.

ALFONSO DE OLIVEIRA.



Preterito imperfeito

1 *Cablos Tunior*

Veni-me vindo a vaga nostalgia de um fugitivo instante do passado, que, um certo dia, num momento dado, todo me encheira de intima alegria

É tudo então que eu esquecido havia, pelo minto que andava deslembrado daquelle instante, — como um bando idado volta, rindo e falando desse dia...

É junto e em torno a mim, um doce e vario hymno, todas as cousas a porfia cantam, em um concerto extraordinario...

Mas, dentre a extranha e excelsa melodia, uma voz, como um velho stradivario, rompe chorando — quando out rora ria!

Porto Alegre — 1900.

PABRINO DE AZURENHA.

CHRONIQUETA

Rio, 8 de Maio de 1900.

As festas do centenário não foram, graças a Deus, tão chochas como se poderia esperar à vista da frieza que se mostrara durante os preparativos. Fizeram-se bonitas illuminações, magnificos fogos de artifício, houve muita musica de pancadaria, muito fagnete de lagrimas e de assobio, e a população não se deixou ficar mettida em casa.

O clou destes festejos foi, nem podia deixar de ser, o bello monumento de Rodolpho Bernardelli, erguido na praça da Gloria.

É mais um padrão que ahí fica do talento do grande esculptor brasileiro, a quem a cidade já deve as estatuas de Osorio, Caxias e Alencar.

Não cabe nesta ligeira columna a apreciação desse bronze; demais, eu penso que as grandes obras d'arte, destinadas à posteridade, escapam ao juizo dos contemporaneos. A estas palavras: « É bello. » Reduzo, portanto, a minha critica.

Do quadro de Aurelio de Figueiredo não falo as minbas leitoras, porque não tive ainda occasião de o ver; mas é de suppôr que o illustre artista pintasse uma tela digna da sua provada competencia e da sua fama.

O outro clou artistico das festas do centenário foi o elegante e magestoso arco manuelino, erguido na intercessão da rua do Catteta e caes da Gloria, obra do distincto architecto Morales de los Rios, professor da Escola Nacional de Bellas-Artes. É a primeira vez que no Rio de Janeiro um trabalho desse genero e elogiado por verdadeiros artistas.

Esse arco, levantado a expensas da colonia portugueza, produziu tão bom effeito, que entre os membros mais influentes da mesma colonia já se aventou a idéa de reproduzi-lo em pedra.

O monumento de Bernardelli, aquelle arco e o futuro edificio da Escola que se construi no local occupado hoje pelo velho mercado da Gloria, completariam a decoração artistica daquelle sitio. Queira Deus que isto se realize, e não aconteça a esta boa idéa o que succede geralmente ás boas idéas na nossa terra.

No meio do bulicio das festas do centenário passiu desaperecebida a abertura das camaras. A propria mensagem presidencial, a julgar por uma infinidade de telegrammas, foi mais lida nos estados e no estrangeiro que na propria capital federal.

Camaras muito exquistas estas, porque toda a gente sabe que só foram reconhecidos os senadores e deputados que tinham sido candidatos do governo. Mas o meu amigo Lavignasse já me tem pedido um tor de vezes que não traga a politica para este periodico de senhoras, e eu comprehendendo esse empenho, fentre tanto, olhem que é duro ter sido eleito e não sei re-

conhecido, — e aí do paiz onde ha outras vntades que se oppoñiam a vontade do povo...

✱

Se não fossem as festas do centenário o facto capital destes ultimos dias teria sido, não a abertura das camaras, não a mensagem, não o duello havido entre a alopathia e homeopathia, isto é, entre dois principes da sciencia Francisco de Castro, alopatha, e Joaquim Murtinho, homeopatha.

É o caso que, tendo o general Mallet, ministro da guerra, adoecido gravemente, foi desenganado pelo alopatha e curado pelo homeopatha.

Esta victoria da alopathia sobre a homeopathia deu muito que falar, mas nestas cousas, menos que na politica, não meito o meu bedelho: *tolter quanto*.

Apenas menciono o facto: o ministerio da fazenda salvou o ministerio da guerra.

ELOY, O HEROE.

BRAZIL-PORTUGAL

Numero extraordinario do 4º centenário da descoberta do Brazil, trazendo numerosos dados e linhas gravadas em relevo e a este fuzido acentuadamente.

Numero extraordinario do 4º centenário da descoberta do Brazil, trazendo numerosos dados e linhas gravadas em relevo e a este fuzido acentuadamente.

Cada exemplar 10.000
Pelo correio registrado 10.500
Assignatura annual tanto para a Capital Federal como para o interior 105.000

CASA LOMBAERTS
A. Lavignasse & C.
7 Rua dos Ourives 7
RIO DE JANEIRO
Intermediarios dos agentes do Rio de Janeiro

THEATROS

Rio, 8 de maio de 1900.

A companhia do Apollo festejou o centenário brasileiro com um a—proposito em 3 quadros, em que a Herminia faz de Fama e o Peixoto de Camões.

A peça, escripta por Eugenio Silveira e Manoel Figueiredo, e intitulada *O centenário*, tem todos os matadores do genero e está bem posta em scena, com bonitos scenarios de Carancini e Coliva.

*

Para hoje annuncia tambem o Lucinda o seu espectáculo de gala, — e a esses d'us espectaculos se reduzem as manifestações do theatro nas festas do centenário. É triste.

*

A magia do Recreio, *O Bejouro Encantado*, e uma borracheira inqualificavel, — entretanto, o Recreio é, ao que parece, o unico theatro que « vai fazendo alguma coisa », o que prova que no Rio de Janeiro, em questão de theatro, quanto peor, melhor.

*

No S. Pedro está uma companhia de cavallinhos, a companhia dos irmãos Carlo, que é de terceira ou quarta ordem. Foi, pois, com pallhaçadas que no theatro de João Caetano se festejou o 4º centenário do descobrimento do Brazil.

X. Y. Z.

M.^{me} Gazzaniga & M.^{elle} Bier

28 — Rua Gonçalves Dias — 28

(SOBRADO)

Encarrega-se de Lutos,

Envioes para Casamentos e todo e qualquer trabalho

concernente á sua arte

RIO DE JANEIRO

Material da A ESTAÇÃO



- CARRETELIA para levantar moldes... 28500
- ESTOJO com duas fitas metricas... 22500
- PAPEL ESPECIAL para moldes 5 folhas grandes... 24000
- PAPEL ESPECIAL para moldes 10 folhas pequenas... 14000

Pelo correio mais 500 rs.

Estes objectos facilitam muito o trabalho de levantamento de moldes e côrtes bem como o côrte e costura e a passagem dos riscos de bordados das folhas publicadas pelo jornal.

PEDIDOS NO ESCRITORIO DO JORNAL A ESTAÇÃO

CALLIFLORE

FLOR DE BELLEZA

Pós adherentes e invisiveis

Graças ao novo modo porque se empregam estes pós communcam ao rosto uma maravilhosa e delicada belleza e deixam um perfume de exquisita suavidade. Além dos brancos, de notavel pureza, ha outros de quatro matizes diferentes, Rachel e Rosa, desde o mais pallido até ao mais colorido. Poderá pois, cada pessoa escolher a côr que mais lhe convenha ao rosto.

PATE AGNEL

Amygdalina e Glycerina

Este excellent Cosmético branquea e amacia a pelle, preserva-a do Cieiro, Irritações e Comichões tornando-a avelludada; pelo que respêta as mãos, dá solidez e transparencia ás unhas.

AGNEL, Fabricante de Perfumes, 16, Avenue de l'Opéra, Paris.

É nas suas seis Casas de venda por miúdo nos bairros mais ricos de Paris.

Reconstituinte geral do Systema nervoso, Neurasthenia.

NEUROSINE PRUNIER

NEUROSINE-TAROPÉ NEUROSINE GRANULADA NEUROSINE-CAPSULAS

Deposito Geral: CHASSAING & Co. Paris, 6, Avenue Victoria.

Debilidade geral, Anemia Phosphaturia, Enxaqueca.

DEUS

(Continua)

MANDAMENTOS DE DEUS

Deus manda que observes a justiça, que ames a misericórdia, e que estejas sempre na sua presença vigilante e temeroso (Mich. 6.)

Não procureste justificar ante os seus olhos, porque elle conhece o fundo do coração (Ecles. 7.) Ninguém pode considerar-se justo na sua presença (Psalm. 143.)

Não imites a conducta d'aquelles philosophos orgulhosos, que cheios de vãos pensamentos desprezavam a lei do Senhor, e se entregam a todos os vícios. O seu entendimento está absorvido pela desordem das suas paixões, porque no seu proprio coração acha o tempo motivo para perverser a tua razão (Epist. ao Ephes. 4.) Educado desde menino na escola de Jesus Christo tens conhecido a pureza e a verdade da tua doutrina; applica-te, filho meu, á observação da tua santa lei, cresce n'aquelle caridade, de que foi elle o auctor, e o mais perfeito modelo, para não seres como o menino, que fluctua a mercê das paixões humanas idem, ou como aquelles l'heus que destituídos da caridade pura, da consciencia recta, e da verdade fe, e apesar de que não comprehendem elles mesmos o que dizem, nem entendem o que fallam, se engem doutores da lei (Epist. Timot. 1) e offerecem liberdade, sendo elles escravos vis das suas paixões (Epist. de S. Pedro, 2 a 7.) Emprega os dons que tens recebido do ceu, e se és maior a tua comprehensão, e o teu entendimento mais agudo do que o dos outros. Deus, que t'os concedeu, exigirá de ti um conhecimento mais extenso da sua lei, e maiores virtudes, elle te pedirá rigorosa conta dos talentos que te confiou (S. Mat. 25.)

Serve ao Senhor com sinceridade e alegria (Job. 23) apresenta-te deante d'elle com o coração penetrado de santo júbilo (Psalm. 99.) e bem assim longe de cumprir com tibieza as tuas obrigações, procura desempenhal-as com o mais ardente zelo, lembrando-te de que és a Deus nosso Senhor a quem serves (Epist. aos Rom. 12.)

Ouve a palavra de Deus com o coração doce e bem disposto; medita com respeito conhecimento e rectidão de intenção, as verdades, que te annuncia; e a palavra do Senhor fructificará na tua alma, hém como a semente, que cahi na boa terra, fructifica cento por um. Não te assemelhes ao caminho onde cahindo a semente é pisada pelos camibantes, ou serve de pasto as aves; nem seas tão pouco como a terra coberta de espinhos e abrolhos, não seas como um campo pedregoso, o qual se secca com os ardores do sol, e nada pode produzir (S. Mat. 13.)

Penetra-te, filho meu, do espirito desta parábola, evita os perigosos liços d'aquelles inimigos de todo bem, que apagam no coração do homem o desejo, e os meios de instruir-se; não te deixes dominar das paixões, nem seduzir dos prazeres despreza as riquezas; que nos corrompem, e não te empregues em projectos ambiciosos, que nos perdem, nem imites aquelles fillos e debeis animos, que desmaiam ao menor trabalho, ou d'elles fogem ao mais ligeiro reves:

Procura parecer-te a uma terra de boa qualidade, cultivada com esmero: ella é a imagem de um coração puro, fiel e amante da virtude, que malterava em seu amor, e paciente nas tribulações seja santificado pela divina palavra (S. Mat. 16.)

A concordia entre irmãos, o amor ao proximo, e a perfeita união entre marido e mulher, são tres coisas que agradam a Deus: tres coisas lhe desagradam, a soberba do pobre, a falsidade do rico, e a dissolução do velho (Ecles. 23.)

Não uses de expressões deshonestas, exageradas ou builesças; nem jamaes profiras palavras que possam excitar a idéa de deshonestidade, de impureza, ou avareza (Epist. ao Ephes. 4.)

Pede a Deus a graça de que necessitas para servir-o (Epist. S. Jacob. 1.) Rogá-lhe com fervor, com perseverança e com humildade. Deus resiste aos soberbos, concede a sua graça aos humildes e doces de coração (idem, e ouve com agrado as preces que estes lhe dirigem (Judith 9.)

Roga-lhe continuamente, filho meu, porém acompanha as tuas supplicas de uma fé viva, e de uma esperanza sem limites, porque o que vacilla, e somente está animado de uma fraca esperanza, e semelhante ás ondas do mar, que os ventos agitam, e levam d'aqui para alli (Epist. S. Jacob. 1.)

Dirige-te com confiança ao supremo dispensador de todas as bênç. em a bondade paternal sempre accessivel a todas as supplicas, te encheira de favores, não hesites já em suplicar seja grave defecto. Por ventura não se ha de ter um tempo para negar coisa alguma a quem se supplica? Não é o dom que lhe faz? Pois se se nega a um homem, que não se deveria ao seu creador, a nós não pae, que reina no ceu? Não se nega ao meu, sempre acharas o Senhor, e sempre te darás supplicas, quando o busques de coração (S. Mat. 25.)

Guarda a constancia e fervor dos seus oratorios, e como ella mover a compaixão do Senhor (S. Mat. 18.) mas antes de orar prepara-te para não usar os que tentam a constancia, e a tua oração clara, sincera e humilde, e de todos os spiritos ou palavras, que não se de necessitamos, artes de seduzir, e de seduzir; e a oração que se faz com a lingua, mas não se insinou o mesmo je-

ORAÇÃO AO SENHOR

«Padre nosso, que estas no ceu, santificado seja o teu nome, venha a nós o teu reino, seja feita a tua vontade, assim na terra como no ceu. O pão nosso de cada dia dá-nos hoje, e perdóna-nos nossas dividas assim como nos perdónamos aos nossos devedores, e não nos deixes cair na tentação, mas livra-nos do mal. Amen. S. Mat. 6.»

Torrem adverte, filho meu, que serão vãs as tuas supplicas se perseveras no peccado; e se cerras os teus ouvidos á lei do Senhor, a tua oração será execrável (Prov. 28.) Elle aborrece a tua voz solemne, recuára á tuas offensas, não escutará os teus canticos (Am. 5.) e quando levantes as tuas mãos a elle, apartará de ti a sua vista, e não ouvirá a tua depedação (Isai. 1. Ecles. 34.)

Se queres ser ouvido, purifica teu coração, abomina a malignidade de teus pensamentos, não voltes a quebrantar a lei de Deus, aprende a fazer o bem defende o fraco se e opprimido, e ampara a viuva e o orphão desvalido (Isai. 1.)

Aquelle que se consagra ao serviço de Deus, deve temer o, seguir com fortaleza o caminho da justiça, e preparar-se para as tentações; porque o coração se prova pelas tentações como o ouro e a prata pelo fogo (Ecles. 7.) É indispensavel que o justo seja provado por este modo; pois que resistindo a ellas se faz o homem amigo de Deus: mas o Senhor castiga os que soffrem esta prova com impaciencia e murmuração (Judith 8.)

Soffre, pois, filho meu, com amor e humildade todas as tentações, que o Senhor te envia; crê n'elle, espera na sua misericórdia, e elle te recompensará a tua confiança e fidelidade (Ecles. 2.)

Se temes a Deus aparta-te das do peccado, praticarás todas as virtudes, e conseguirás a verdadeira sciencia, e a gloria solida Este temor será para ti um manancial de alegria, de paz e de bençãos, porque elle é o principio, e o complemento da sabedoria (Ecles. 1.)

Ditoso o homem que tem a felicidade do possuir este amor, por que é verdadeiramente grande e incomparavel (Ecles. 25)

Sim, filho meu, o homem elevado ás dignidades, o sábio, o douto, são menos grandes do que o que teme a Deus; e a gloria do pobre e do rico consiste somente no temor de Deus (Ecles. 25 a 10.)

Filho meu, busca o reino do ceu com o mais vivo ardor e solicitude; seja o unico alvo de todos os teus pensamentos e accões, esforça-te para conseguilo; imita o homem, que achando um grande thesouro escondido em um campo, vende tudo e sacrifica quanto tem para adquirir aquella terra e o thesouro (S. Mat. 13.)

Penetra-te pois d'aquelles grandes preceitos da lei:

O maior e o primeiro de todos é amar o teu Deus com todo o teu coração, com toda tua alma, com todo teu entendimento e com todas as tuas forças

O segundo, que é semelhante ao primeiro, é amar o teu proximo como a ti mesmo.

Estes dois mandamentos encerram tudo que manda a lei e os prophetas (S. Mat. 23.)

Cravava profundamente, filho meu, no teu coração e nos dos teus fillos; medita-os quando estejas em tua casa, quando saias d'ella, quando rezes, antes de te deitar para dormir, e ao levantar pela manhã. Guarda os preceitos do Senhor teu Deus. Faze o que é bom e agradável aos seus olhos, para seres ditoso. (Deut. 6.)

(Continua)

Os Cães do Nilo

Sa de Miranda, na famosa carta a D. João III, traz esta quintilha:

Ora eu que respeito havendo
Ao tempo mais que ao estylo,
Lrei fugindo ao que entendo,
Farei como os cães do Nillo
Que correm, e vão bebendo.

Conheço desde os meus 12 annos esta quintilha, que me deu muito que scismar.

Encontrei a não sei onde, mas creio que seria em alguma edição das obras do poeta, entre os livros que meu pae havia herdado de meu avô, homem de gosto litterario.

Certamente li então outras quintilhas, que logo se me varteram da memoria. São esta licou indeleavel na minha reminiscencia. E sabem porque? Por causa dos cães do Nilo. Que diabo de cães eram estes, que iam bebendo e correndo? Qual seria a razão de beberem de corrida, que deve ser a peor maneira de beber para todos os animaes?

Passaram alguns annos sem que a minha curiosidade pudesse ser satisfeita, e vindo alguma vez ao meu espirito, a duvida tornou-se maior, porque cheguei a comprehender que a agua, mais talvez que o vinho, precisa ser bebida com vigor para satisfazer.

Pois não é assim? Quando a gente tem muita sede, um bom copo de agua requer alguma pausa, que sempre se faz, para entrar a fragua que nos requer. O primeiro trago vai de abogallho. Depois, para beber o resto, mette-se de per meo um compasso, e continua-se bebendo n'um rythmo vigoroso, até que se remata a libação com um *ah* que exprime a plenitude da saciedade.

Beber correndo, seja vinho ou agua, a agua mais talvez que o vinho, deve ser uma sensaboria.

Porque é fazião então os cães do Nilo, e não todos os outros cães?

Eu o busco, o problema.

Uma vez, n'um quarto de estudantia, puzpuz esta quintilha.

Os que eram poetas, tiram-se da minha duvida, porque os poetas de todos os tempos sempre acharam bom o inexplicavel.

Mas um discipulo meu, de appellido Henriques, que era mathematico, deu mais all um valor a questão e começou a formular hypotheses, que não satisfizeram a ninguém.

Nesse tempo mal pensava eu que viria deante a encontrar pela vida adiante numerosos matilhas de cães do Nilo, que correm e vão bebendo.

Pois o que são senão cães do Nilo os maledicentes, que andam semeando a calumnia pela orbe terra? Sempre correndo, para se extinguem a dar provas, vão bebendo, n'este grupo ou n'aquelle, qualquer pretexto para difamar os outros.

O que são senão cães do Nilo os talibos de pechisbeque, que fallam de tudo e que não sabem nada, porque dos livros apenas tomam o cheiro, colheindo os assumptos pela rama e de fugida?

O que são senão cães do Nilo os maus empregados publicos, cujo Nilo é o orçamento que vão bebendo a correr ao encontro do fim do mez?

O que são se não cães do Nilo os Tenorios do amor, que sempre de corrida bebem aqui um olhar, acolá um sorriso, além talvez uma lagrima?

O que são senão cães do Nilo os patentes das primeiras representações, que andam correndo de theatro em theatro, sempre sedentos de furores.

A breve trecho encontrei-me rolando de cães do Nilo, que excediam a tradição, porque bebiam e ladravam correndo sempre.

Mas continuavam a não saber explicar a razão por que os do Nilo, autenticos, iam correndo e bebendo.

Creio que foi em Michelet que encontrei explicado o motivo porque em geral os cães ladram e correm deante do mal.

E porque o mal lhes mette medo.

Os de Kamchatka juram-me em matilhas á noite — porque a união faz a força — para irem arremetter contra o oceano roncaador, no empenho não de assustar o mordel o.

Mas, quanto aos cães do Nilo, o problema permanecia insolvel.

No meu tempo de estudante a lingua portugueza cursava-se em tres annos, e não era de mais.

Esperei com accedade que chegasse o momento de investirmos com os poetas, para tirar a limpo a duvida que se me deparava em Sa de Miranda.

Essa occasião chegou. Expoz a questão dos cães do Nilo ao meu professor de litteratura — Deus lhe falle n'alma — que nunca foi um litterato.

N'aquelle tempo o ensino do portuguez estava organizado de modo que todas as creanças tinham oficialmente obrigação de nascer poetas.

Em chegando ao terceiro anno de portuguez eram obrigados a descrever a aurora, o pôr do sol, o aspecto do campo na primavera, uma tempestade no mar, os horrores de um naufragio, um incendio feroz, etc.

Que diabo de tolice. Vejam que comprehensão da vida pratica tinha este legislador, que obrigava as creanças a aprenderem a estragar assumptos.

Para se chegar a ser um cidadão illustrado ou pelo menos esclarecido era preciso — porque assim o exigia a lei — saber como as cotovias cantavam as seis horas da manhã ou como as corujas piavam a meia noite.

Fabricavam-se então poetas ás grossas e em vez de se ensinar a escrever uma carta ou um requerimento, o que seria util e pratico, ensinava-se a descrever a aurora e o pôr do sol.

Lembra-me de um rapazito muito gauto, que era de Mondim de Basto, o qual, sendo obrigado a descrever a madrugada, se sahi com esta engraçada tolice:

«N'aquelle dia o sol appareceu encajado em nuvens temerosas, de modo que não foi possivel ver nada.»

Mas agora reparo em n'uma coisa.

O que tem tudo isto, o que tem os cães do Nilo, que correm e vão bebendo, com a revista da semana?

Nada... isto é, alguma coisa talvez.

Fu sou obrigado ás segundas feiras a ser mutante ou quanto cão do Nilo — a ir bebendo de corrida quasi que gole de assumpto.

Mas, esta semana, o Nilo seccou, e feremos, pois, que elle te dia alguma das suas costumadas enchentes.

E entre tanto vamos conversando este assunto, á falta de melhor.

Claro o meu professor, como eu ta dizendo, não estava preparado para responder a pergunta, e que jamaes tinha pensado, decerto.

Convin-me, instigado em secco, concentrar-me, assim, e respondeu.

Pravamente os cães do Nilo o'edecem a uma predisposição physiologica, que os obriga a beber correndo.

Claro como agua. Mais claro do que isto é um vidro de suco.

Simplesmente, eu e todos os meus e milhappulos ignoravamos o que fosse predisposição physiologica.

Não me atrevi a pedir novos esclarecimentos. A minha situação de alumno obrigava a considerar-me esclarecido logo que o professor mda soubera esclarecer.

Mas não se me tiravam do pensamento os cães do Nilo, que continuavam a ser para o meu espirito um myrto impenetravel.

De vez em quando, se me encontrava com sabichões de polpa, puxava arditosamente o assumpto. Vinham a baila os cães do Nilo.

E os sabichões respondiam me inalteravelmente:

- E' realmente esquisito!
- E' em verdade singular!
- Não deixa de ser notavel!

Clarissimo! Não deixava de ser esquisito, singular e notavel. Quanto ao mais, pensava eu que seria preciso ir ao Egypto para saber o motivo porque os cães do Nilo iam correndo e bebendo.

E talvez lá não m'o soubessem dizer, em razão d'aquelle proverbio que diz: casa de ferreiro, espeto de pau.

Ja estava disposto a juntar dinheiro para ir ao Egypto, por causa dos cães do Nilo, quando acceitei de ler a *Historia tragica maxima*, que me deixou encantado.

Eu sempre tive tendencia para os livros velhos, que, segundo a opinião do dr. Manuel Bento de Souza, e onde pode encontrar-se a sciencia nova.

Ahi por uma noite de verão, e de lindo luar—cên azul, estrellas fulgidas, lua de alabastro: estylo de uma *descripção* que o meu professor de litteratura tinha achado auspiciosa, á parte o alabastro com que embirrou algum tanto—achava-me eu na altura de metade do 1º tomo da obra, e lia, com muito agrado, a narração que o padre Manuel Barradas faz da cidade de Colombo.

Eis senão quando, no fundo de uma pagina, me surgem de repente os meus cães do Nilo com a explicação do problema.

O' prazer ineffavel! o jubilo gostosissimo! Abençoado padre Manuel Barradas, da Companhia de Jesus, que sabia mais do que todos os homens que eu havia conhecido e consultado ate então. Era um barra, esse bom padre Barrades, que no fundo d'aquella pagina me dava com a maior naturalidade d'este mundo a invejada chave do enigma.

«E d'estes devem ser os crocodillos do Egypto, for meio dos quaes os cães bebem correndo».

Trez linhas apenas, cheias de luz, de sciencia clara e de ensino pratico.

N'essa noite deitei-me tranquillo, como se tivesse ganho uma batalha, que alias não durou menos do que toda a guerra de Troya.

E agora, quando encontro por ahi os cães do Nilo, «que corram e vão bebendo», digo sempre com os meus botões:

— Bem sei. Do que elles têm medo é dos crocodillos.

ALBERTO PIMENTEL.

Filho das Hervas

(CARTAS A'S MÃES)

Senhoras: Venho pedir-vos a leitura d'um livro portuguez. Vós outras, que tão veseiras sois no procurar a doçura das lagrimas em bastardas litteraturas vós outras, que tanto precisais d'um livro de coração, erguei os vossos dedos d'ouro, piedosamente, o livro do mais moço dos romancistas de Portugal, sem duvida o de maior sentimento, por certo o de maior futuro. Chama-se *Filho das Hervas*: peço-vos, para elle, um cantinho do vosso coração. Sonhou-o um poeta que nunca fez versos, uma flinda alma comovida e luminosa, grande no sentir, humilde no dizer. Falla de alegrias que dão vontade de chorar, de coisas que só os regaços das mães entendem, dos mil nadas do amor, dos beijos que não se revêtem, das palavras que não se chegam a dizer... E' um livro para mulheres, um livro para mães. Vós todas, que já conheceis a bemdita dor de ser mãe, que já sabeis por que modo um beijo floresce n'um raio de sol, por que jeito um coraçãozinho nasce de outro coração, haveis de sentir a alma molhada de lagrimas ao folhear esse livro de amor e de enternecimento. E agradecer-me-heis, por certo vós todas creaturas nascidas para a ternura, vós todas, que eu já cuidei de ver sem vos conhecer ainda, faces d'uma palidez religiosa, cabeças illuminadas d'uma graça de Botticelli,—vós todas me agradeceréis, por certo... E' um livro para se amar, para caber no melhor raio da vossa estante, um livro para quando quizerdes rir, um livro para quando quizerdes chorar... Livro que levanta até á compaixão os humildes, e os que muito amaram, os que soffreram por ter amado muito, quasi rasteiro pela linguagem que falla, quasi gigante pelas verdades que diz... Aconheçae-o bem á vossa alma, perguntae-lhe por tudo o que haveis sentido n'este aspero caminho da vida, e elle vos responderá, o santo livro, o querido livro. Não vereis n'elle o ouro e os brocados d'uma linguagem rica de palavras e fraca de commoção; muito ao avesso, o romance para que vos peço o vosso arriolo, e mais portuguez pelo sentimento do que pela feição do dizer. Grande fartura de bellezas achareis n'elle, se o leredes com o coração. A vós todas o entrego, Senhoras, para que não passe despercebida uma das mais lindas novellas, que tem visto a luz do dia. Vós todas, cujos dedos foram creados para desfolhar rosas, botae-as, piedosamente, sobre o precioso livro, e volvei os olhos misericordiosos para esta desanparada litteratura de Portugal!

JULIO DANFAS.

Pingo d'agua

A um poeta mediano.

Um dia, um pingo d'agua á marulhosa correnteza escapando occultamente, achou-se de repente, no cheiroso regaço de uma rosa.

— «Que celeste vivenda!» — o venturoso pingo d'agua pensou, e, sem receio, aconchegou-se ao seio da rosa, ebrio de amor, louco de gozo.

Ahi vivia calmo e descuidado, occulto e satisfeito ali vivia, sorvendo, — que ambrosia! — da meiga rosa o beijo perfumado.

Descia a noite limpida e formosa, e, sob os raios do luar macio, era o feliz, o frio pingo d'agua — uma perola radiosa...

Surgia o sol, e a passarada em côro vinha saudar o venturoso amante, e, sob o sol brilhante, o pingo d'agua era uma gotta de ouro...

E assim vivia calmo e descuidado, occulto e satisfeito assim vivia, até que, um certo dia, alguem, que o via, exclamava de lado:

— «Que bello pingo d'agua! que radiante! como fulgura! como resplandece!... tão limpido, parece um enorme, um finissimo brilhante!»

Um tanto desconfiado no começo, o pingo d'agua ergueu-se olhou-se tolo, e gritou, quasi doudo: — como fulguro! como resplandeço!

«Sou de certo uma pedra de alto preço! que figura! que pose luminosa!» e depois para a rosa: — «olha, vê: como brilho e resplandeço!»

E sentando-se: «Agora, minha amante, vou deixar-te... me custa... e então se erguendo, — «sou, bem vês, estás vendo, um enorme, um finissimo brilhante,

E não posso cortar minha carreira ficando aqui, desconhecido, inculfo, eternamente occulto n'este... quero dizer: n'esta roseira...

N'isto, porém, ergue-se um sopro breve de vento, um breve sopro, e — oh! dôr! oh magua! — o pobre pingo d'agua tremeu... rolou... desfez-se ao vento leve!

Poeta, que te julgas um portento e unico heroe das lutas do Parnaso, medita n'este caso do pingo d'agua que se desfez ao vento.

A lisonja falaz da nescia gente gaba-te os versos, a insipiação o engenho, e, carregando o cenho passas altivo, erecto, impertinente,

passas por entre os outros arrogante, desprezas quantos vês no teu caminho, e simples e mesquinho pingo d'agua — imaginas-te um brilhante!...

ZEFERINO BRAZIL.

Pela Sciencia

Um palacio á prova de terremolos

Constrõe-se n'este momento em uma officina de Chicago um palacio de aço ao abrigo dos terremolos, destinado ao principe imperial do Japão e que devera custar seis milhões de dollares. O esqueleto metalico, uma vez montado, será revestido exteriormente de marmore e granito, de modo a dar ao conjunto um

grande caracter architectural no estylo de renascimento francez.

A dimensões d'este edificio, que será erigido ao lado do palacio do Mikado, serão de 80 metros de comprimento por 12 de largura e 18 de altura. Descançará sobre 400 columnas de aço profundamente ancoradas e mettidas em massiços de betão.

O architecto em chefe da casa imperial, o dr. Katsuhama encarregou da construção da armação os srs. Slankland, de Chicago, que foram os auctores do palacio das manufacturas na grande exposição d'essa cidade um outro engenheiro, o sr. Charles Wilkes, occupa-se do aquecimento, ventilação, illuminação electrica e da fabricação de gelo.

Espera-se que este novo genero de construção com armação rigida de aço revolucionara a industria das habitações em um paiz em que os terremolos são tão frequentes.

Mosaico

Então eu te disse que me acordasse ás 6 horas em ponto, e acordas-me ás 6 1/2?
— Eu lhe digo, meu senhor: eu vim aqui ás 6 horas, mas o senhor estava a sonhar e dizia: — «Rapaz! ontra garrala de champagne!»
E eu entendi que era uma dôr d'alma chamal-o sem lhe dar tempo de a beber.

Em um restaurant:
— Rapaz, não posso comer esta sopa.
O creado leva-a e traz outra.
— Rapaz, tambem não posso comer esta.
Vem terceira sopa.
— Rapaz, continuo a não poder comer a sua sopa.
— Sufa! grita o creado, que tem o senhor que dizer á sopa?
— Não tenho nada. Mas não posso comer a sopa porque não tenho colher.

— O amor é verdadeiramente um peccado mortal: perguntava uma dama ao cardeal du Perron.
— Si fosse, responderia o cardeal, estaries morta desde muito tempo.

Em um baptisado:
— Como se chama a creança?
— Tigre.
— Isso não pode ser! Então uma creança com o nome de uma fera!
— E o papa não se chama Leão?

Um viajante chega estafado a uma hospedaria e pede um quarto.
— Não ha, responde o hospedeiro.
— E uma cama em qualquer sitio?
— Não ha camas.
— Não me pode arranjar ao menos um pouco de palha?
— Não senhor: de comer só temos um pedaço de carne assada.

— Agarrem! agarrem! gritava ha dias um poeta conhecido, que corria, como um desesperado, pelo largo do Paço.
O guarda rondante agarrou o fugitivo e os tres foram á estação:
— Este senhor roubou-lhe alguma cousa?
— Sim, senhor! roubou-me o pensamento de uma quadra.
O sargento, muito sério:
— Camarada, reviste os bolsos d'esse homem.

MOLDES



Temos a satisfação de communicar ás nossas gentis assignatas e leit-ras que, apesar de nosso silencio, continuamos com o nosso serviço de moldes tanto d'a *Estação*, como de qualquer outro jornal, para esta cidade e para o interior da Republica. Já mais bons trinta annos temos nos illustrando desse serviço, confiado o sempre a melhores e mais deidas artistas em materia de cortes.
Agora mesmo as senhoras a quem confiamos este trabalho, são das mais abilitadas e mais assumpto, no qual não temem confronto.

Nunca recebemos reclamações contra e servimos a casa e com ufania podemos assegurar a quem nos abilitados a satisfazer a freguezia mais abilitadas que tenhamos receio de que nos venham a desconfiar e apuro e bom gosto, nem na modicidade de preços.

Para o presente numero offerecemos:
N. 12—Romeira capuz.....
» 45—Costume maruj.....

Os recados são recebidos no escriptorio com a importancia que deve a pedido.
Pelo correio mais 100 reis para o p. reis de mais para os que se seguirem.

Sciencia Popular

O MORPHINISMO

Sob a designação de morfinismo encontramos na trihuia italiana um interessante artigo de psychopathia social e de que fizemos o extrato que se segue:

A morfina e os produtos de todos os narcoticos, de todos os excitantes, de todas as materias sensitivas com que a humanidade nesta phase do século procura galvanisar se intellectual e sentimentalmente.

Em redor deste subtil e intenso alcaloide gravita uma serie de astros de ordem secularia, que proprio-riamente bem estar momentaneo, calma de moral, calma physica, excitacao sentimental e intellectual.

O opio, a cocaina, a strichnina, o alcool, o ether, o haschich, o fumo, o cha, o cafe, o gaz de naphita.

Os turcos fumam haschich, os arabes, os indianos, os chinezes preferem o opio, as americanas do norte fumam cigarros de cha, os noruegues holem ether, os russos mascam o fumo em massa, os francezes absorvem lentamente e fatalmente o subtil veneno da Misra verde; o habito, enfim, do alcool, do fumo, do cafe e de outros excitantes invadio todos os povos e todas as classes.

Diz-se ta que a humanidade padecelora prevenido o seu termo fatal qnereria distrahir e na quietacao e no enlanguicimento das toxicos. Algum maleficio no secreto parece que invadio a seu organismo, e, na verdade, a sociedade moderna denota-se pssuir de exquisitas manias.

Os artistas vivem sempre atormentados por uma intensa preocupacao, com o espirito alienato, o pezo e o dolo, pero os modestos sempre. Não tem no hum valor os sentimentos bons, e impios e serenos.

Tudo no mundo parece impellido pela febre, pela convulsao dos sentimentos desordenados, pelo mau estar das ideas lamentas, uma atmosfera de exotico perfumes esta a mundar uma civilizacao simplificada.

Mas este thonio de simlitas e de incerteza para tantos seres humanos se pronuncia cada vez mais. Ja houve quem descrevesse que toda a morbidez e todo os desvarios das novas actoes derivavam de destas duas causas: das tendencias para a vida ideal e das criticas exigencia da vida real, que a tudo solvete e absorve; e a qui o abuso dos narcoticos, e do alcool e a generalizacao dos viciosos.

Tolstoi em uma das suas obras evangelicas proffere admiravelmente a inclinacao moderna para as delicias dos prazeres viciosos. Entre estes figura a morfina, esta suave e enganadora seductao virtual, que triumphando no mundo qto produz no meio de momentanea excitacao um assignamento a dir, uma

doquta vaporosa, porim que conduz lentamente para neuravel, fatal, irresistivel...

Essa tintadora calma, ou allivio, de padecimentos que ella nos da ao organismo doente tem estendido os seus terribes tentaculos por toda a sociedade culta, agitada e preocupada desta epoca em que vivemos.

Como libertar entao as victimas deste círculo ferrenho que resiste a todas as forcas da logica e dos salubres preceitos?

Por enquanto e d loroso dizer que não ha em que esperar para a extincção do pernicioso gosto.

Determinam as condições sociais, a educação, a necessidade e a influencia das causas que produzem a excitacao, a calma, e a suavidade.

Apparentemente essas dores physicas encontram lenimento nos venenosos narcoticos cujas consequencias moraes se manifestam sob formas diversas e segundo o temperamento das pessoas que os empregam.

N'algumas pode produzir excitacao mental e dar lugar a producoes da intelligencia; n'outras, uma inacao absoluta, algum torpor ou sonhos absorventes; em alguns individuos o abuso do alcaloide pode determinar um grande desenvolvimento intellectual, que augmenta na razao directa do uso da mor hina; n'outros, em vez de causar enlanguicimento, dispersa o desvario do senso moral e conduz até a delinquencia.

Assim, pode o gosto destes venenos causar paralytias, smilias, ou exaltamentos prejudiciaes. De qual-

NINON DE LENCLOS

escencia da ruga, que jamais ensin manchar-lhe a epiderme, ja possuia dos 80 annos conservava-se juvenil e bella, atrahindo sempre os pedagogos da sua entalada lupitismo que resuscitava o arado Tempo, cuja face embotava-se sobre sua encantadora physionomia, sem que nunca deixasse o inenor traço. Muito veridicamente se esdringando alizer o velho ralonge, como n raposeta Lafontaine dizia das nyas. Este segredo, que o celebre egosta faceria jamais confina a quem quer que fosse das pessoas daquella epoca, descobrio-o o Dr. Lecoate entre as folhas de um volume de *L'Histoire amoureuse des gaules*, deussy-Rabutin, que fez parte da bibliotheca de Voltaire e actualmente propriedade exclusiva da **PARFUMERIE NINON, MATSON LECOATE, Rue du 4-Septembre, 21a Paris.**

Esta essencia tem-na a disposicao das nossas elegantes, sob o nome de **VERIFIABLE EAU DE NINON**, assim como as receitas que d'ella provem, por exemplo, o

DUVET DE NINON
pó de arroz especial e refrigerante;

Le Savon Creme de Ninon
especial para o rosto que limpa perfeitamente a epiderme mais delicada sem alteral-a.

LAIT DE NINON
que dá alvura deslumbrante ao pescoço e aos hombros. Entre os productos combinados e aprestados da **PARFUMERIE NINON** contm-se:

LA POUDRE CAPILLUS
que faz voltar os cabellos brancos a cor natural e existe em 12 cores;

SEVE SOURCILIERE
que augmenta, engrossa e brinca as pestanas e os supercilios, no mesmo tempo que dá vivacidade ao olhar.

LA PATE ET LA POUDRE MANODERMALE DE NINON
para limpar, alvura brilhante das mãos, etc., etc.

Convem exigir e verificar o nome da casa e o endereço sobre o rotulo para evitar as entaçoes e falsificaçoes

PARFUMERIE EXOTIQUE E. SENET
35, Rue du 4-Septembre, 35, PARIS

MÃO DE PAPA de Anjou, de principio, por meio da **Pâte des Prélats**, que embranpice, alisa, asseca a epiderme, impede e destrae as freiras e as rachas.

UM NARIZ PICADO de pequenas borbulhas ou com cravos torna a recuperar sua brancura primitiva e suas cores lisas por meio do **Anti-Bolbos**, producto sem igual e muito contrafeto.

CUIDADO COM AS CONTRAFACÇÕES
Para ser bella, encantar todos os olhos deve-se servir do **Fleur de Pêche** pó de arroz feito com frutos exóticos.

POUCOS CABELLOS
Ficou-se rija a o cerrallos empregand o **l'Extrait Capillaire des Benedictins de Mant-Majella**, que tambem impede que caiam e que lipiam brancos.

E. SENET, Administrator, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

NÃO ARRANQUEM MAIS
as dentes entagidos, sim, se o tratarmos com **l'Elixir dentifrice des Benedictins de Mant-Majella.**

E. SENET, Administrator, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

Pastilhas e Xarope de Nafé
DELANGRENIER
excellentes peitoraes contra **.TOSSE. DEFLUXO. BRONCHITE**

As Pastilhas de Nafé são verdadeiros confeitos peitoraes de um gosto delicioso. Acalmam as irritaçoes da garganta e do peio.

O Xarope de Nafé, misturado com uma infusão ou com leite quente, forma uma tisana muito calmante e muito agradável.

Esses peitoraes não contém substancia toxica e podem ser administrados com toda a segurança ás CRIANÇAS e muito particularmente coira a **COQUELUCHE.**

Exigir o marca verdadeira Delangrenier Paris

São encontrados em todas as Pharmacias

Perfumaria extrafina

L.T. PIVER
PARIS

Corylopsis do Japão
SABÃO - ESSENCIA - PÓ de ARROZ - OLEO
LOÇÃO VEGETAL - BRILHANTINA - COSMETICOS

Evitar as Imitações e Falsificações

O Tréfle incarnat
L. T. PIVER
Perfume de Moda

Violettes de Parme
SABÃO - ESSENCIA - PÓ de ARROZ
LOÇÃO VEGETAL - BRILHANTINA - COSMETICOS

Leite de Iris L. T. Piver
PARA a JUVENILIDADE e BELLEZA do ROSTO
A melhor e mais higienica de todas as preparaçoes para o tousador

Dentifricios Mao-Tcha
PÓ - PASTA e ELIXIR

PILULAS DE BLANCARD

APPROVADAS PELA ACADEMIA DE MEDICINA DE PARIS

Resumem todas as Propriedades do IODO e do FERRO

40
Rua Bonaparte
PARIS



Estas Pilulas são de uma efficacia maravilhosa contra a **Anomia, Chlorose** e todos os casos em que se trata de combater a **Pobreza do Sangu.**

XAROPE DELABARRE (DENTIÇÃO)

Xarope sem narcotico **comprimado ha ja 20 annos plus inextinguible**. Facilita a salida dos dentes, evita ou faz cessar os soffrimentos e todos os accidentes da primeira dentição.

Exija se o **Carimbo official e a assignatura Delabarre.**

FUMOZZE-ALBESPEYRES, 78, Faubourg Saint-Denis, Paris e em todas as pharmacies

PAPEL E CIGARROS ANTI-ASTHMATICOS
de **Bin BARRAL**

Recomendados pelas summidades medicas. Preparações muitissimo efficazes para a cura da **ASTHMA, das OPRESSOES, das ENXAQUECAS, etc 15 ANOS** de SUCCESSOS.

FUMOZZE-ALBESPEYRES, 78, Faubourg Saint-Denis, Paris e em todas as pharmacies

NUNCA APPLIQUE-SE UM VESICATORIO SEM SE TER O VESICATORIO DE ALBESPEYRES

o MAIS LEVE e o MENOS DOLOROSO de TODOS os VESICATORIOS

FUMOZZE-ALBESPEYRES, 78, Faub. St-Denis, PARIS e em todas as pharmacies



O PRIMO DA CIDADE

ver; torna as suas consequencias são terríveis e fataes.

Os morphinomaníacos principalmente são os enfermos que tentam encontrar um allivio momentaneo para a phantasia doente. Os doentes espirituaes, os vencidos da existencia que tentam atogar na embriaguez da morfina e na calma que ella lhes dá a lembrança que pertença ao seu sae-lhe, estes procuram um momento de tregua para a dor e ao mesmo tempo abrem no seu animo uma incuravel ferida.

São com os artistas que se debatem na realisação de obras primas e que querem se dar a uma super-produção intellectual, então se refugiam no immenso, torrensião e magnificente sonhar.

Perdem assim a consciencia de si mesmo e a da propria individualidade...

REVISTA DOZ.

Trovas

A CALDAS JUNIOR

— «Planta vence o somno!
«vivo, disfarçada em cigarra,
«após o fim do outomno,
«esperar na guitarra.

«Sob a janella florente
«onde, litando asterismos,
«ella panna o crescente
«so manto dos mysticismos!

«Das rimas vibrando o guiso,
«pede em ternas castilhenas,
«o oleo santo de um sorriso
«para a unção das minhas penas.

«O incenso da tua prece
«envolve-lhe, enquanto a lua,
«esmagada e baça, parece
«um soluço que fluctua.

E a phantasia — a cigarra —
foi desferindo cantos es,
— estridente zanzuzarra —
em zigue-zague, nos ares.

O luar, branco e tristonho,
espalmava os grandes azas,
do firmamento do sonho
as ermo das covas razas.

Paumilo, ao vor solitário
um tal insecto, a tres horas,
interrogava o stellaris:
— «Cigarra tu onde moras!

Assim andava, à procura
d'essa, que os meus sonhos doira,
quando tomou, lá na altura,
a lua por Dona Loira.

E sentida serenata
começou... se a phantasia
além de ser mensata,
não conhece astronomia!

Escandaloso incidente
a lua corou de pejo!...
pois a cigarra, imprudente,
nas trovas pediu um beijo!

Mas foi da altura bandida,
que entre farrapos de cirrus,
pudica, a lua envolvida,
bez das estrellas esbirras!

Poz no comuando um alferes, —
— «E a phantasia que fosse
«cantar loas as mulheres,
«esta, medrosa, o queirou e.

E veio — ligeira cora
pela matilha escossada, —
sigras em m'arua, a orça,
chimeras em cebudada.

Volupta, branco, negro,
errante, busando alcego
no precipicio de um rio,
se quem salta o jumpo!

— «Ho o leu ante, rolando
«pele midez do infante!...
«vislumbres de veito livando
«nas ramas de um enalpto.

E vultu, das emineças
baixando as coras terrenas,
quando sentiu redolencias
de zozas e de verbolias.

Se as vezes, um boandita
toma mulheres per flores,
que fura a guitarra es,
que so salta de amores!

Eritu... E disse, surpreta,
sorrendo fra rancias tieri:
— «Dona Loira com criteza
«santa não n'estes trovas!

Mas cotada!... Dera prova
impoz-lhe a sorte inuiga:
nem pede, em toda nova,
recompar a castiga!

Cada corol'a vermelha
era um cortico, do qual
saiu, subindo uma avelha...
foi um suspiro infernal!

Louca explosão de ciumes...
e a pobre, ingenua e tão boa
saiu gemendo queixumes,
no ar, as fofas, a tua!

Segredante, das alturas,
disse afinal uma estrella:
— «A Loira que tu procuras,
— só no Ideal podes vela;

«Lá nas bandas onde nasce,
«dando bocejos profundos,
«o sol — o pai-toi que passe
«todo o rebanho dos mundos. —

«Seu castello verde gaio
«tem ameias de esmeralda;
«de flores, eterno maio
«o varandim engrinalda.

Lá foi ella, zurzinando
da guitarra as cordas tezas,
que zum-zum onde, zoando,
passava, de azas rezezas!

Alacre, vinha a manhã
de opala, quando, ao descante,
viu sorrir-lhe a castella
do seu balcão florejante.

Outz depois, não satisfeita,
bellar-lhe a mãosimba breve,
mas — nuvem no ether desfeita —
sumiu-se a visão, de leve.

Tornava o azul intangível
o broquel do sol em chamma,
e inda a cigarra, impassível,
cantava trovas a dama!

Fôra, — ridente Esperança
no encaico de uma chimera: —
voltou, — perenne lembrança
do sorriso que tivera. —

E agora, apenas enchia
toda a esphera, o enxame astral,
já transpõe a phantasia,
ao barbação do Ideal.

MARCELLO GAMA.

Cachoeira — 1900. Pelo primeiro plenilunio do outomno.



PASSAGEM IMPEDIDA

Abandono

Talvez ja tudo tenhas esquecido:
Aquelle casa e as arvores frondosas,
Da entrada do caminho as brancas rosas,
E o coqueiral altivamente erguido.

O bando de aves timidias, saudosas,
A desfeir seu canto enternecido,
E aquelle céo azul, indefinido,
Choro de sóas, de estrelas luminosas.

Quanta mudança encontraras se um dia
Alli fóres!... Tristonhos, tumulares,
O arvoredo, o rosal... O espaço mudo.

E só, perante, a soluçar, sombria,
A saudade acharas se alli voltares!
Mas... Talvez tenhas esquecido tudo.

Nov. de 1900.

EMILIA DA PAZ.

Uma historia curiosa

A proposito do novo livro de Flammarion O IGNOTO E OS PROBLEMAS PSYCHICOS, quando appareceu nos ANNAES POLITICOS E LITTERARIOS, o critico Adolpho Brisson refere uma anedocta bem singular e inexplicavel, que poderia suscitar dvidas acerca da sua authenticidade se o escriptor que a conta não fosse, como é, um homem serio e incapaz de mentir.

Eis o caso que se passou no mez de Maio de 1898:

Levára-me a curiosidade, escreve Brisson, á casa de uma especie de sibylla, Mme. B... de quem me haviam gabado a clarividencia realmente singular. Mme. B... é uma mulher do povo destituida de instrucção. Não faz fallar de si nos jornaes e não manifesta os seus talentos senão num grupo restricto de vizinhos e de amigos. Estes repetem surbi et orbe que ella possui o dom da segunda vista.

Confesso que no dia em que me apresentei em sua casa estava muito incredulo. Eis o que ella me disse:

Hade experimentar daqui a pouco um grande desgozo. Alguem de quem o amigo morrerá subitamente... Espere, estou a vel o... Senta-se á mesa... Léva á bocca uma colher de sopa... Solta um grito... Cahe no chão... Ouve-se um estertor... Esta tudo acabado.

Insisti com ella para que me dissesse o dia em que se realisaria tão horrivel acontecimento; a vidente fez um violento esforço.

O sangue purpureava-lhe o rosto. Respondeu: — Numa quinta feira... a 16... de Dezembro... Tomei nota desta predição na minha carteira. Decorreram semanas, mezes. Não pensei mais em tal Por essa occasião frequentava eu assiduamente a casa de Alphonse Daudet, cuja sympathia me era preciosa.

Gozava elle de boa saúde aparentemente; reanimava-seo seu vigor physico e o seu vigor moral não soffrera nenhuma depressão. Trabalhava e conversava com grande ardor e vivacidade e esperava inaugurar com uma ceia alegre o seu novo domicilio da rua da Universidade.

Certa manhã, pelas 8 horas, abro um jornal e empalideço de terror. Lianto-se nelle em grandes caracteres estas palavras MORTE DE ALPHONSE DAUDET. O periodico tinha a data de 17 de Dezembro. Devorei a noticia da catastrophe. Succedéra na vespera, quinta-feira, a tarde; Alphonse Daudet cahira fulminado pouco depois de se ter sentado á meza, no instante em que levava aos labios uma colher de sopa...

E de repente, surgiu-me na memoria o extranho vaticinio da vidente... Tudo havia sido previsto: a hora, o local e as circumstancias.

Digam agora os sabios da Escriptura...

CHRONIQUETA

Rio, 21 de maio de 1900.

Depois da minha ultima chroniqueta, continuaram as festas do centenario, sendo de todas elles figura obrigada o illustre general Cunha, embaixador portuguez, que se tem visto n'uma verdadeira roda-viva, e metido em comeres e bebes que é um Deus nos accuda.

Entretanto sua Ex. pelos modos, gostou do Brasil e dos brasileiros, pois acaba de ser nomeado ministro em missão ordinaria junto do nosso governo, e aqui se demorará muito tempo. Faz-o votos para que as suas

priméiras impressões não se destruam, quando passar este periodo alegre de pic-nics e luminarias.

Uma das boas festas do ceptenario é, incontestavelmente, a exposição artistica industrial de Lyceu de Artes e Officios. Tendo sido essa exposição organizada de afogadillo, sem o conveniente preparo, é de justiça dizer que não poderia ser mais brilhante.

Os professores e alumnos da Escola Nacional de Bellas Artes congratulam-se hoje com Rodolpho Bernardelli pelo triumpho alcançado pelo seu magestoso grupo de Pedro Alvares Cabral, Diogo Vaz Caminha e Frei Henrique.

A essa homenagem fez jus o eminente esculptor brasileiro, que, seja dito de passagem, não foi nem se quer convidado para assistir ao banquete dado pelo presidente da Republica no dia inauguração do monumento, Rodolpho Bernardelli nesse dia juntou com um amigo, no fundo de um restaurante da rua da Uruguayana.

Causou dolorosa impressão a noticia do fallecimento de José João Martins de Pinho, conde de Alto Moarim, cavalheiro distinctissimo a quem devemos o grande estabelecimento de educação que se chama Lyceu Litterario Portuguez.

Tambem falleceram dous poetas, duas esperanças das nossas lettras: Oscar da Gama, em Juiz de Fora, e Paulo de Arruda, no Recife.

As leitoras da *Estação* viram muitas vezes voejar nas columnas deste periodico a musa facieira do poeta pernambucano, e devem estar lembradas dos seus magnificos sonetos.

ELOY, O HERÓI.

BRAZIL-PORTUGAL

Interessante Revista Quinzenal Ilustrada

Numero extraordinario do 4º centenario da Descoberta do Brazil, trazendo innumeros dados e lindas gravuras em referencia á este faustoso acontecimento.

Cada exemplar... 10\$000
Pelo correio registrado... 10\$500
Assinatura annual tanto para a Capital Federal como para o interior... 15\$000

CASA LOMBAERTS
A. Lavignasse & C.
7 Rua dos Ourives 7
RIO DE JANEIRO

Intermediarios dos agentes do Rio de Janeiro

Almanach, edição colorida a\$000
Pelo correio, registrado... 2\$000

Almanach, edição simples... 1\$500
Pelo correio, registrado... 1\$800

THEATROS

Rio, 21 de Maio de 1900.

A companhia Lucinda Simões, que obteve um verdadeiro successo com o *Amigo das mulheres*, de Dumas Filho, foi desalojada do Lucinda pelos artistas contractados em Lisboa pelo empresario Luiz Pereira, os quaes hontem chegaram e hoje se estreiam com a comedia ingleza *O Bibliotecario*.

Lucinda Simões e os seus artistas passaram para o theatro Sant'Anna, onde nos deram ante-hontem a 1ª representação da comedia em 3 actos *Os Pimentas*, de Eduardo Schwalbach uma comedia de quiproquos, extraordinariamente parecida com outras comedias ja muito conhecidas.

Entretanto, o trabalho do distincto escriptor portuguez salva-se por um dialogo vivo e espirituoso

e pelo desenho de alguns personagens que entram ram naquella companhia intelligentes interpretes. O publico riu.

Foi dissolvida a companhia que trabalhava no Lyceu sob a direcção de Accacio Antunes, e a noite seguinte tenta dar um passeio ao Norte da Republica.

No S. Pedro continua a trabalhar a grande companhia equestre dos irmãos Carlo.

X. X. X.

Novidades Musicas

Recebemos e agradecemos:
E. Bevilacqua & C. — Victoria, Pas de quatre musica de Arlindo Joaquin Caminha.
Fertim de Vasconcellos, Morani & C. — Trapezo Valsa final do 2º acto, musica de Costa Junior.
Valsa do Centenario, musica de J. Paranhos; 4ºs matras do Inferno, polka arranjada de J. Paranhos.
Vieira Machado & C. — Rosa do Sertão, musica sobre motivos populares, arranjo de Alfredo Costa.
Marcha do 4º Centenario do Brasil, arranjo para piano por Jose Crocacia.

ULTIMAS NOVIDADES MUSICAS

Grande estabelecimento de pianos e musica DE
Fertim de Vasconcellos, Morani & C.
147, Rua do Ouvidor, 147

- Folkas**
- Cinco de Novembro, por O. Carneiro... 1\$00
Vai sahinho, por A. Keller... 1\$000
- Tangos**
- Só de mão, por E. Telles... 1\$00
Fertage, por E. Telles... 1\$00
Tango do pianista, por Costa Junior... 1\$000
- Valsas**
- Amor que mata, por J. G. Christo... 1\$00
Augusta, por E. Cantano... 1\$00
Desprenciosa, por J. G. Christo... 1\$00
Elegante, por A. Cavalcanti... 1\$00
Julhinha, por J. Reis... 1\$00
Juracy, por A. Nunes... 1\$00
Licea, por Evora Filho... 1\$00
Meus oito annos, por O. Carneiro... 1\$00
O teu olhar me seduz, por Evora Filho... 1\$00
Valsa do pianista, por Costa Junior... 1\$000

- Schottisch**
- Schottisch dos empregados publicos, por Costa Junior... 1\$00
Guanabara, por I. Madeira... 1\$00
Grinalda de noiva, por Evora Filho... 1\$00
Primeiro Amor, por E. Telles... 1\$000
- Quadrilhas**
- Borboletas, por E. Couto... 1\$00
Recordações da infancia, por J. M. Lacerda... 1\$00

Remettam-se encomendas para o interior juntamente com o brinde mensal que a casa offerece.

147, RUA DO OUVIDOR, 147



CRÈME SIMON
PARA
conservar ou dar
ao rosto
**FRESCURA
MACIEZA
MOCIDADE.**

Para proteger a epiderme contra as influencias perniciosas da atmospheria, é indispensavel adoptar para a toilette diaria o **CRÈME SIMON**.

Os **PÓS de Arroz SIMON** e o **SABONETE Crème Simon**, preparados com glicerina, a sua acção benéfica é tão evidente que não ha ninguém que o use uma vez que não reconheça as suas grandes virtudes.

J. SIMON, 36, Rue de Provence, PARIS
PHARMACIAS, PERFUMERIAS
e lojas de Galbérret us.

Desconfiar das Imitações.

A's Nossas Distinctas Assignantes

A permanencia do cambio a uma taxa sensivelmente baixa e os repetidos accessimos com que somos onerados, tanto nos direitos da Alfandega como nos diversos impostos, augmentam de tal forma o custo de toda a mercadoria que não podemos por mais tempo sustentar os preços actuaes, o que fizemos até agora com innumeros sacrificios e sempre na esperança de vez melhorar esta situação.

O augmento que estabelecemos é com effeito insignificante se attendermos principalmente ao que acabamos de expor, e que também muito nos tems empenhado em tornar a nossa folha cada dia mais interessante e digna de ser apreciada.

Por todos estes motivos esperamos que seja bem accetto o pequeno sacrificio que pedimos ás nossas bondosas assignantes, em compensação aos esforços que de tantos annos a esta parte temos empregado para manter este jornal sempre digno das suas incessantes protectorias.

De 1º de Julho em diante vigoraram os seguintes preços para as assignaturas e venda avulsa do nosso jornal - A Estacão.

CAPITAL ESTEREOE		CAPITAL ESTEREOE	
12 mezes	288000 308000	6 mezes	188000 198000
11 "	268000 288000	5 "	158000 168000
10 "	248000 268000	4 "	138000 148000
9 "	228000 248000	3 "	118000 128000
8 "	208000 228000	2 "	98000 108000

Numero avulso 1-700, pelo correio registrado 2-000

As assignaturas podem começar em qualquer mez, porém terminam sempre em Março, Junho, Setembro e Dezembro.

Henrique Lombaerts

No dia 9 do corrente mez completaram-se 122 annos que desapareceu deste mundo o nosso inolvidavel amigo, fundador deste periodico.

Não queremos deixar passar essa data de luto sem tornar ainda uma vez bem publico a saudade e o respeito que nos merece a memoria de um homem, cujo espirito paira bentissimo nesta casa de trabalho, construida por elle.

A. LAVIGNASSE FILHO & C.

Preterito imperfeito

A CALDAS JUNIOR

Vio-me vindo a vaga nostalgia de um fugitivo instante do passado, que, um certo dia, n'um momento dado, todo me enchera de intima alegria.

E indo então que eu esquecido havia, pelo muito que andava deslembado d'aquelle instante, — como um bando alado volta, rimoe fallando d'esse dia...

E junto e em torno a mim, um doce e vario hymno, tolas as causas á porfia cantam, em um concerto extraordinario...

Mas, d'entre a extranha e excelsa melodia, uma voz, como um velho stradivario, rompe chozando — quando outr'ora ria!

Porto Alegre — 1900.

PAULINO DE AZURENHA.

NINON DE LENCLOS

escurieira da ruca, que jamais ousou macular-lhe a epiderme. Já passava dos 80 annos conservava-se jovem e bella, atrahindo sempre os pedregos da sociedade de bapuzismo que rugavam a cada tempo, cuja foíce embotava-se sobre um circumaloro physionomia, sem que nunca deixasse o menor traço. «Muito verdadeiramente vi-se obrigado a dizer o velho tabaguetto, como a raposa de Lafontaine dizia das vias. Este segredo, que a ephore e egoista inveziannim confirmava quem quer que fosse das pessoas d'aquelle época, desobrigou a Dr. Lenclos a trazer a folha de um volume de *L'Hygiène des cheveux des dames*, de miss Radotin, que fez parte da bibliotheca de Voltaires e é actualmente propriedade exclusiva da **PARFUMERIE NINON, MAISON LEONET, Rue du 4-Septembre, 35 à Paris.** Esta casa tem-nos á disposição as nossas elegantes, sob o nome de **VERITABLE EAU DE NINON**, assiu como as receitas que d'ella provém, por exemplo, o

DUVET DE NINON

pó de arroz especial e refrigerante;
Le Savon Crème de Ninon
especial para o rosto que limpa perfeitamente a epiderme mais delicada sem alteral-a.

LAIT DE NINON

que se alvura deslumbante na pele e nos boucles. Entre os productos conferidos e apreciados da **PARFUMERIE NINON** continha-se:

LA POUDRE CAPILLIS

que faz voltar os cabellos brancos á cor natural e existe em 12 cores;

SEVES SOURCILIERE

que augmenta, engrossa e firme as pestanas e os supercilios, ao mesmo tempo que dá vivacidade ao olhar.

LA PATE ET LA POUDRE MANDERMALE DE NINON

para finisar, alvura brilhante das mãos, etc., etc.

Convenha exigir e verificar o nome da casa e o endereço sobre o rotulo para evitar as emulções e falsificações

PARFUMERIE EXOTIQUE E. SENET

35, Rue du 4-Septembre, 35, PARIS

MÃO DE PAPA de duque, de príncipe, por meio da **Pâte des Prélats**, que embranquece, alisa, assetina a epiderme, impode e destrói as frieiras o as rachas.

UM NARIZ PICADO de pequenas borbulhas ou com cravos torna a reparar a brancura primitiva o suas côres lisas por meio do **Anti-Bolbos**, producto sem igual e muito contrafeito.

CUIDADO COM AS CONTRAFAÇÔES

Para ser bella e encantar todos os olhos deve-se servir da **Fleur de Pêche** pó de arroz feito com fructos exóticos.

POUCOS CABELLOS

Fazem-se crescer e cerrados empregando ao **l'Extrait Capillaire des Benedictins du Mont-Majella**, que também impede que caíam e que fiquem brancos.

E. SENET, Administrateur, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

NÃO ARRANQUEM MAIS

os dentes estagnados, amarellos e branqueados com **l'Ellixir dentifrice des Benedictins du Mont-Majella**.

E. SENET, Administrateur, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

Racahout DELANGRENIER

Alimento Completo

agradavel, leve e facilmente assimilavel



O verdadeiro RACAHOUT dos ARABES Delangrenier é o

Melhor alimento das Crianças

desde a idade de 7 a 8 mezes, e principalmente no periodo do desmamar.

TAMBÉM é recommendado as mães quando dão de mamar, aos convalescentes, aos anemicos, aos velhos; em resumo, todos os que precisam de furtificantes.

Exigir a marca verdadeira DELANGRENIER-PARIS

É encontrado em todas as PHARMACIAS

CALLIFLORE

FLOR DE BELLEZA
Pós adherentes e invisiveis

Graças ao novo modo porque se empregam estes pós comminam ao rosto uma maravilhosas e delicada belleza e deixam um perfume de exquisita suavidade. Além dos brancos, de notavel pureza, ha outros de quatro matizes diferentes, Rachel e Rosa, desde o mais pallido até ao mais colorido. Poderá pois, cada pessoa escolher a cor que mais lhe convieria ao rosto.

PATE AGNEL

Amygdalina e Glycerina

Este excellento Cosmetico branquea e amacia a pelle, preserva do Cieiro, Irritações e Comichões tornando-a avelludada; pelo que respeita as mãos, dá salidez e transparencia ás unhas.

AGNEL, Fabricante de Perfumes, 16, Avenue de l'Opéra, Paris.

Em suas seis Casas de venda por miúdo nos bairros mais ricos de Paris.

L'Eglise Catholique à la fin du XIX siècle

ROME

Le chef suprême, l'organisation et l'administration centrale de l'Eglise.

Ouvrage accompagné d'un portrait en couleurs de Léon XIII, de 60 planches hors texte et de 1200 gravures dans le texte.

Un superbe volume grand, in-4° très richement relié.

VENDE-SE NA LIVRARIA

A. LAVIGNASSE FILHO & C.

7, Rua dos Ourives, 7

CASA LOMBAERTS

HOUBIGANT

PERFUMISTA

da RAINHA d'INGLATERRA e da CORTE da RUSSIA

PARIS

AGUA HOUBIGANT

SEM RIVAL PARA O TOUCADOR

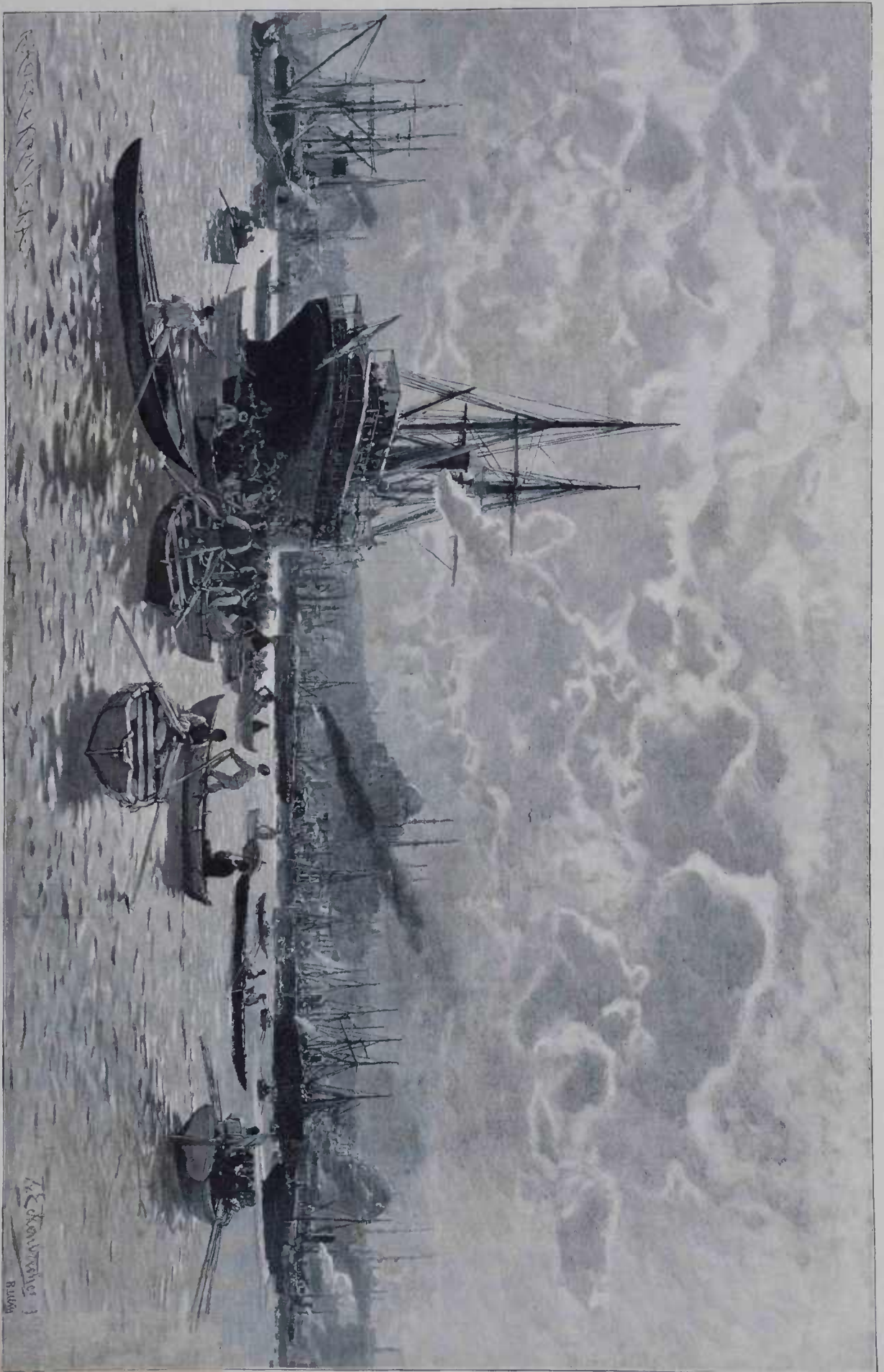
AGUA de TOUCADOR Royal Houbigant.
AGUA de COLONIA Imperial Russe.

EXTRACTOS PARA LENÇOS: Violette Ideale, Royal Houbigant, Peau d'Espagne, Moskari, Iris blanc, Le Parfum Imperial, Moïki, Muguet, l'Éillet Reine, Impérial Russe, Lilas blanc, Hélotrope blanc, Fougere Royale, Gloxinia, Jasmin d'Espagne, Cuir de Russie, Girolee, Corydalis, Bouton d'Or, Saurice, Rococo.

SABONETES: Ophele, Peau d'Espagne, Violette Ideale, Fougere Royale, Lait de Thymide, Royal Houbigant.

PÓS OPHELIA, Tabacaria de Lillias
PÓS PEAU D'ESPAGNE,
LOÇÃO VEGETAL, para os Cabellos,
PÓS ROYAL HOUBIGANT.

PERFUMARIA ESPECIAL MOSKARI



NO PORTO DE CONSTANTINOPOLIS

7520
RUBIN

A NAU

Ah! era, um dia, sobre o verde oceano, com o mar, sem velas, no mar marujo. Em torno de mim, vagas e diferentes naus fluctuavam; eu, pro a nau, sacudia-me, com o balanço que as ondas faziam.

Trabalhadores evadiram-me.

Dia e noite, o mortello batia; construíram no meu bojo varios compartimentos dividiram-me; depois fincaram no meu peito mastros enormes, especies de cruzeiros; pintaram-me fizeram-me garida e, a pouco e pouco, fui-me sentindo afundar nas aguas calmas.

Um dia pela manhã homens armaram-me; abriram pannos em todas as vergas, teceram teias negras de cabos e crenças e subiu um tropel de marinheiros invadim-me e ouvi então, pela primeira vez, a canção da saudade.

Era forte e formosa — tinha dentes de aço e o echo retumbante da minha voz era repetido pelos ares, longa e demoradamente — meu grito matava, meu lucto era de fumo espesso.

Uma madrugada, senti que alguma coisa me repelia; eu tinha as velas pândas e lentamente fui sendo arrojado ao mar pacifico, sereno e romanesado.

Dentro de mim, pulpitava, com o constante tan tan meu formidavel coração de ferro.

§

Que bello dia da partida!

Passei por entre alas de outras naus, orgulhosa como uma rainha, e fui-me fazendo ao largo. Ao cabir da noite deusa, achei-me entre estrellas e aguas revoltas.

O oceano já não era o mesmo. Ondas cuspiam-me, ventos insultavam-me; a marujia, na fúria, não parava e achei-me so, completamente so, na solidade trista, sôma de um mar tempestuoso.

De vez em vez, uma ilha apparecia, porém o vento inclinando as velas, e um reluzido que os homens consultavam faziam-me torcer involuntariamente o rumo. Ando no mar, ha muito tempo, velejando, velejando sempre, ancorando um dia num porto bonançoso, surgindo, ás vezes, em terriveis barras — entretanto, a agulha sempre a mostrar o Norte e a voz do comandante sempre — avante!

Tempestades me tem desmantellado, ventos passam por mim rasgando as velas, morrem marujos de fadiga, outros deixam n'os ficar na esteira branca que vou deixando no caminho verde. Não sei para onde sigo... Avante! Avante sempre!

Mai sino de um porto, outro procura-o e ninguém mais pensa em mim. Buscam-me as tempestades e, ás vezes tendo visto andando, sinto saudade d'aquelle mar quieto e tão verde, onde dividurante tanto tempo, armado-me para tão longa travessia.

E não poder tornar a quilha desarmada, pensando o que pensava: — que o oceano era como a mansa bahia onde me fiz então fonte e que as tempestades eram feitas com as brisas que me balançavam.

Hoje, que sou? pobre nau carregada — deixando morto pelo caminho e tomando em cada porto um lardo novo e sem te a canibal, velas ao vento, para o Norte fatal, de onde nenhuma embarcação voltou jamais.

§

Como a nau da ballada, em tamboreo, cheio de aspirações, com as velas da esperança cheias, depois de me julgar bastante forte, fez-me atrevidamente ao largo.

Furos do oceano do caminho como vos três formosões em vaillhões de male!

Crenças, marujos d'alma, como vos deixamos fôra na esteira de lagrimas — umito dentro da nossa rapida passagem!

Porto da phantasia porque nos cartegais a alma de illuções, para que, na hora de tempestade, aligemol-as todas no vortice das falsidades e dos desenganos!

Sigam em o rumo fatal — o Norte e a meu tempo.

O Norte, o eterno paz onde a esperança não desbrocha amoras, onde não ha sonhos, onde não ha luctos; o eterno paz da sombra, silencioso e opaco, com o compensação, ninguém mais sofre.

Para lá que caminho, por esse mar de procella, levado pelas tempestades de todas as agonias e de todas as desesperanças!

COLLETO NETTO

Schopenhauer depois de morto

Publicou-se em Paris um novo tomo dos contos medidos do celebre Guy de Maupassant.

A semelhança do livro, tambem de contos, publicado no verão passado, o *Père Melon*, esta nova obra de Maupassant, tem por titulo o do primeiro dos contos que formam o volume. Intitula-se *Le Controleur*.

Os contos não estão todos acabados. Alguns são apenas esboços.

Entre esses contos não concluídos ha um, *Après la mort*, que é no genero das estranhas, e ja um pouco delirantes narrações do auctor de *Beau de Sully*, que occupa na litteratura franceza um logar eminente, a par de Bazais de Daudet, dos Goncourt.

Après la mort, é a narraçáo dos ultimos momentos do celebre philosopho, allemão Schopenhauer, hoje tão em moda na França pelo seu pessimismo.

Esse conto conclue assim:

«Velavam o cadaver de Schopenhauer dous dos seus amigos mais intimos. O philosopho estava como que adormecido, com a sua habitual expressáo de angustia. A bocca aberta parecia sorrir, com o sorriso

em que se delibava uma das puellas suas famosas pituças contra a vida: «Cada ser que vem ao mundo comete um attentado contra a Humanidade, porque só serve para perpetuar a dor na especie.»

Os dous amigos fallavam da vida do auctor do *Mundo como vontade e como representação*, quando se foi apoderando d'elles, a pouco e pouco, a obsessáo de que o morto ia dirigi-lhes a palavra.

Tomaram um dos crios que alumavam e passaram a outra sala, de onde viam o cadaver.

De repente os cabellos eriçaram-se-lhes de espanto, e os dous sentiram fôr, um terror grande, muito grande.

Uma coisa branca, sahia da bocca de Schopenhauer, deslizava pela mortalha e olava para o chão produzindo um ruido que lhes pareceu tremendo, n'aquelle recinto silencioso e funebre.

Sim, estavam seguis os de ter visto e m os seus proprios olhos. Não era illusão. Visto que o delunto e inovia, tambem podia falar.

Is fazendo das tripas coração entraram na camara mortuaria.

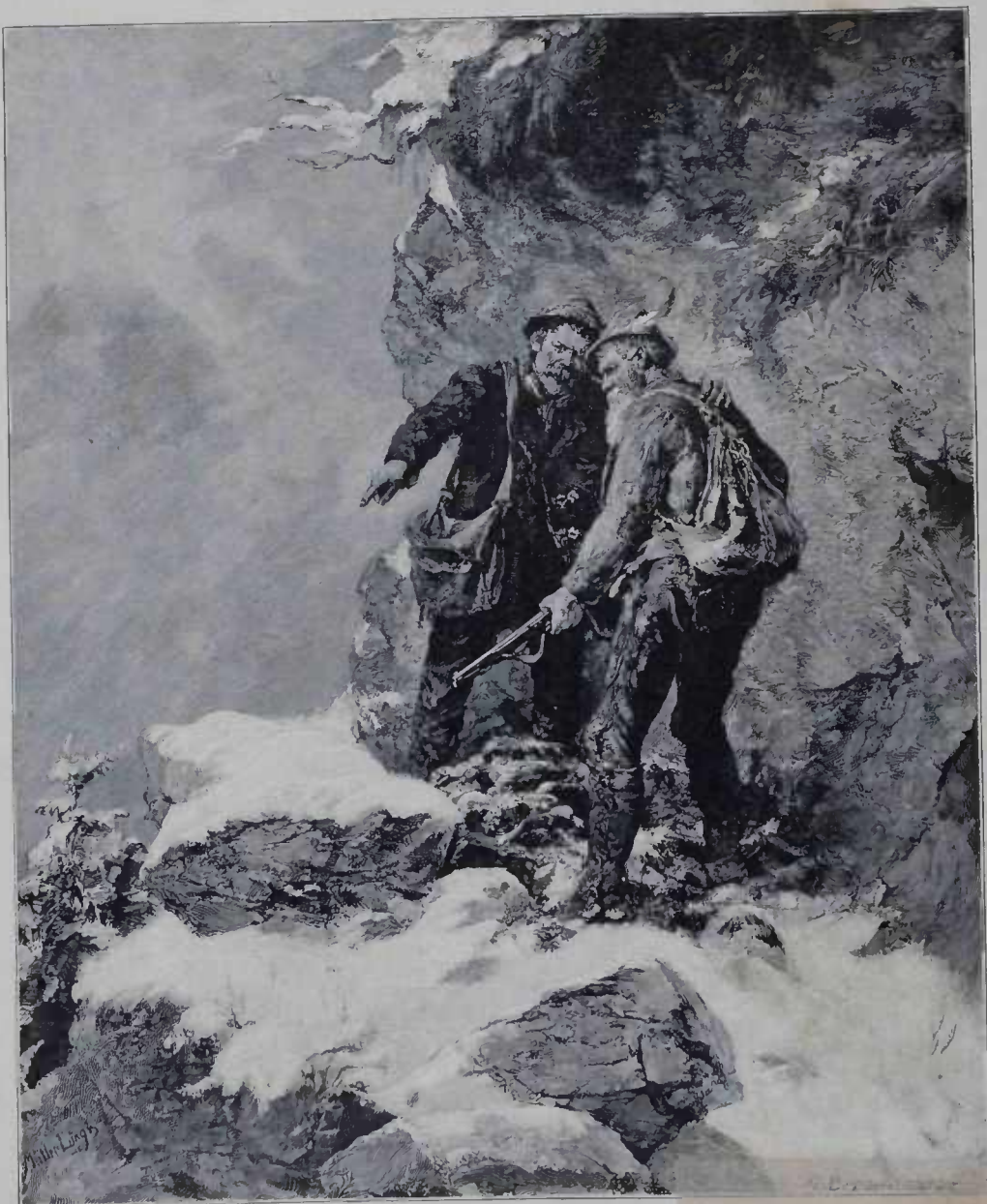
Schopenhauer já não sorria. A bocca fechara-se e nas faces cravaram-se duas enormes covas.

Um dos amigos abaixou-se procurando o objecto cahido, a causa do seu terror. E sem pronunciar uma palavra tocou no braço do outro.

Alli, no chão, branca, muito branca, e aberta como para morder, estava a dentadura postiga de Schopenhauer.

A decomposição cadaverica fizera a saltar, comprimido e reduzindo as mandibulas.

Era a ultima palavra, macabra, do egregio philo-opho, que ainda depois de morto foi um grande mystificador!



A escada de Jacob

Dezinhos de póis de póis tomou o século
 No qual da Humanidade a marcha começou
 — Profunda abysmo crebro em treva espessa, tumbida,
 Eis onde o ser humano a vida começou!

Era o porvir montanha tenebrosa que do baratro
 No incompreensível cahos tinha formado o pó,
 E, p'ra o estajo tundo e gúrdia, com o pincello
 Penetra o céu, lá onde a luz perpetua é.

Ignal a bolha de ar, que do oceano ao amigo
 Permanece não pode e solte d'água a fila,
 Assim o homem, oppresso em escuridão tão horrível,
 Buscou subir, tateando, a procurar o alvar.

E, a propeção que andava, a treva desfazia-se;
 E, quando mais subia, andava mais veloz...
 E menos tãdígosa essa ascensão tornava-se,
 Porque ia melhor vendo os obices e os póis.

Oh! quanto ha já subido a Humanidade intepida!
 A pos de si que immensa estrada já deixou!
 Nem já podemos nós, da historia ao facho lucido,
 Descortinar o ponto onde ella começou!

Atraz, que escuridão vai se alongando tetrica!
 Aonde chegamos já, que reluzente luz!
 Do livro do Universo as luminosas paginas
 O homem a manusea e phrases mil traduz!

Mas... adiante, além, do monte no pinaculo
 A luz, que de la desce, a veja em clarão clarão!
 A vante! que bonos inda a decifrar incognitas,
 Que aos nossos olhos, hoje impenetráveis são.

A vante! a vante sempre! Ao infinito arrojese!
 A Humanidade, e atinja os páramos dos céus!
 Conquiste niterra a paz da ancia do seu espirito
 No eterno repêndio do serapenteo Deus!

VICTOR A. VIEIRA.

O vinho e as camelias

Conta-se, de um jornal portuguez, que um dos
 nossos illustres poetas, hoje tãd entregue a advocacia
 a uma das primeiras cidades da provincia, tentara em
 tempo, na sua phase da vida bohémica, irrigar um
 mangeiro com vinho.

A principio a planta mostrou-se agradecida; mas
 o poeta abusou do modico e foi um dia encontrar o
 mangeiro doente, ate que o viu murchar, pender,
 finar-se.

O patife morreu de bebedo! — exclamára o
 poeta.

Recordando a anedocta, para observar que não
 tem grande originalidade a ideia, que nos traz uma re-
 vista estrangeira, de submeter as camelias a um re-
 gimen similhante ao que o nosso poeta ensaiou.

Vejam, em todo o caso, em que consiste o pro-
 cesso.

Entre as exigencias da japonica, pouco depois das
 que se relacionam com as condições do terreno e do
 clima, vem as regias. A folhagem abundante e persis-
 tente produz uma notavel transpiração, que deve ser
 compensada pelas regias regulares. A agua não deve
 ser muito fria, nem quente, e fornecida de preferencia
 depois do sol posto.

A razão está na natureza das raizes. Como se sa-
 be, a camelia e congelada como arbusto e desen-
 volve grossas raizes que muito soffrem com a falta de
 agua, o que não quer dizer que o excesso lhe não seja
 prejudicial, porque o realmente. Fornecendo agua
 aquella hora e mais facil que as raizes a aproveitem.
 Essas condições refletem-se depois na floração. Se as
 petalas das flores apparellecem rapido, e rapido se
 desfolham, e signal de que houve excesso de agua; se a
 floração e escassa e os bonos não chegam a abrir,
 quer dizer que houve falta de agua. O caso é que não
 raras vezes se ve debilitarem as japonicas, por uma
 ou outra causa.

Cria de a revista a que alludimos que uma das
 melhores regras é a seguinte.

Tomam-se 3 libras ramicas de folhas cogadas, mi-
 turam-se com 2 libras de estume liquido de latrinas,
 apontam-se lles no litro de *rodille* e de certos animais
 secos e — assim está a tal ideia — 3 litros de vi-
 lho. Dilui-se tudo isto em 100 litros d'agua, deixando
 cada dia a mistura em repouso. Depois com cuidado,
 paromiosamente, regam-se com esse preparado as
 japonicas enfraquecidas que, não o dividirem, read-
 quirem pouco a pouco o seu vigor abalado.

Talvez que o vinho tenha, na composição aponta-
 da, uma grande influencia, o que nos parece e que,
 mesmoe sem elle, o banho aconselhado deve ser pro-
 vido a fornecida planta que tão generosamente nos
 oferece intermississimas flores.

CHRONIQUETA

Rio, 7 de Junho de 1900.

Tranquilisem-se as minhas formosas leitoras: não
 lhes falarei do terrível assumpto que neste momento
 faz os gestos de todas as conversas nesta capital; não
 escreverei aqui o nome da terrível hospede, que nos
 enche de horror e de inquietação, e até hoje tem tido
 a delicada attenção — se essa — de não matar nenhuma
 pessoa do bello sexo.

O melhor e fazer como o cambio, que não se
 importa com ella e continua a subir, dizendo com os
 seus botões (se e que o cambio tem botões) que não
 se lhe da da presença dessa importuna.

Falemos antes do Dr. Eduardo Chapot-Prevost,
 que acaba de illustrar o seu nome e o seu paiz com
 uma operação cirurgica dessas que ficam assignaladas
 nos annaes da sciencia medica: trata-se da separação
 de duas crianças xiphopagas, Rosalina e Maria, se-
 paração que outros medicos tinham julgado irrealizavel.

Uma dellas, a Maria falleceu, mas nem por isso
 a operação do Dr. Chapot-Prevost deixa de ser uma
 victoria, e bem merece as miltiplas manifestações que
 de todas as classes tem recebido o illustre professor.
 Mesmo sacrificando a vida de uma das xiphopagas,
 o separal-as foi um acto de humanidade. Maria, mes-
 mo sem a operação não poderia viver muito tempo, e
 quando morresse, morreriam ambas, porque os ferros,
 por mais diligentes que fossem, não chegariam nunca
 a tempo de evitar a infecção.

Ante o caso de boyotes citado ao Dr. Chapot-
 Prevost, já se percebem vagamente algumas vozes
 dissonantes expectoradas pela inveja, que lhe não
 perdoo a sua audacia e muito menos a sua fortuna.
 Pois não se importe com isso o nosso glorioso com-
 patriota, e espere serenamente pela consagração... do
 estrangeiro.

Ao passo que um grande medico brasileiro nascia
 para a gloria, outro morria para o mundo. A vida e
 isto mesmo.

O imperado fallecimento do Dr. Silva Araujo
 consternou a população inteira.

Quando elle não tivesse sido o medico notabilis-
 simo que foi, quando não houvesse restituído a saude a
 milhares de infelizes, bastaria, para eternisar o seu
 nome, essa Polícnica Brasileira, que elle fundou
 com os Drs. Moncorvo e Moura Brazil.

Falleceram tambem o conde de Souza Dantas,
 filho do estadista bahiano, e o Dr. Raymond Capella,
 nascido na India portugueza, ex consul de Portugal no
 Maranhão e na Bahia, um dos homens mais illustra-
 dos, uma das creturas mais originaes que tenho con-
 hecido.

ELOY, O HERÓE.

THEATROS

Rio, 7 de Junho de 1900.

A companhia dramatica portugueza de que o em-
 prezario o Sr. Luiz Pereira e de que são directores os
 artistas João Gil e Alfredo Santos, tem representado,
 com muito êxito do publico, as seguintes peças:
 a *Bellefleur*, dos auctores allemães Moser e Schont-
 tan; a *Le naufrage*, de Dumas filho, o *Primeiro marido*
 de *Le roman*, de Valbague, e o *João*, de Felinto de
 Almeida.

Para hoje está annunciada a comedia os *Felizes*,
 de João da Camara.

Os artistas são nossos conhecidos, a excepção
 de Georgina Pinto e de Luiz Pinto, ambos talentosos,
 sympathicos ambos.

No pessoal feminino figuram Carolina Falco,
 Maria Falcão e Amelia Pereira, e no masculino Felino
 Larcher, Antonio Pinheiro, Setta da Silva, Antunes,
 etc. — artistas de reconhecido merito e dignos dos
 nossos applausos.

O *Libbthecario* e o *Primeiro marido de Franca* são
 comedias de quinquetos, nos ontra pientensão que
 não seja a de lazer tu, a *Estran ara* sabem as nossas
 leitoras o que é e o que vale; quanto ao *Bojo*, de
 Felinto de Almeida, é uma interessante *bluette*, es-
 cripta em magnificos alexandrinos.

Como os *Primeiros* não se aguentam em no palco
 do Sant'Anna, a empresa Lucinda Simões lançou mão
 da eterna *Lazarillo*, e para amanhã annunciata a *Soce-*
dade onde a gente se aborrece, a obra-prima de Pailleton.

No Recreio voltou a scena o *Paraso* com uma
 nova distribuição de papéis.

X. Y. Z.

BRAZIL-PORTUGAL
 Intermmediario Revista Quinzanal Illustrada

Numero extraordinario do 4º centenario da descoberta do
 Brazil, trazendo innumerous dados e lindas gravuras em referencia
 a este faustoso acontecimento.

Cada exemplar.....	10\$000
Pelo correio registrado.....	10\$500
Assignatura annual tanto para a Capital Federa- l como para o interior.....	45\$000

CASA LOMBAERTS
 A. LOMBASSE & C. Intermmediarios dos agentes do
 Rio de Janeiro
 7 Rua dos Ourives 7
 RIO DE JANEIRO

Almanach, edição simples... 1\$500 | Almanach, edição colorida 2\$500
 Pelo correio, registrado... 1\$800 | Pelo correio, registrado... 2\$800

Reconstituinte geral do Systema nervoso, Neurasthenia.

NEUROSINE PRUNIER
 NEUROSINE-MARQUE NEUROSINE GRANULADA
 NEUROSINE-CAPSULAS

Debitidade geral, Anemia Phosphaturia, Enxaquecas.

Deposito Geral: CHASSANG & Co. Paris, 6, Avenue Victoria.

Prisão do Ventre

Agradavel ao paladar mesmo das crianças.

1 a 2 colheres, das de chá, ao jantar ou ao

ALICIBRA ALEXANDRE

HEMORRHAGIAS — HEMORRHUIAS — VARIZES
 PHEBITES — VARICOCELES — METRITES
 FIBROMAS — CONGESTÕES

Tônico e Sedativo vascular. Cura rapida por

HAMAMELINA ROYA
 Principio activo aromatico da Hamamelis Virginica
 Especifico das Congestões, Dilatações, Inflammacões venosas.

Inocuidade absoluta seja qual for a dose.

3 a 4 colheres, das de sopa, por dia.

PHARMACIA LACHARTRE, 19, Rue des Mathurins, Paris.

PHENOL-BOBCEU
 O MAIS ENERGIICO e o menos perigoso dos antisepticos

PHENOL-BOBCEU PERFUMADO
 Hygiene do Teucador
 SAYÃO BOBCEU
 Antiseptica da Pelle.
 AGUA DENTIFRICA BOBCEU
 Antiseptia da Bocca.

Por causa de um titulo

Do *Imparal*, de Madrid, transcrevemos o seguinte interessante caso:

O tribunal superior de Madrid vae pronunciar-se sobre um recurso que importa uma questao de direito importante e que excita um grande interesse, por se tratar de pessoas parentes as mais proximas da familia real hespanhola, e cujo pae, o grand-duque e mais recentemente o tio, muito deram que falar de si.

A questao de direito e a seguinte: «E se o infante natural, legitimado pelo casamento subsequente de seu pae e sua mae, tem direito a herdar o titulo de nobreza de seu pae, ou se esse titulo pertence de direito ao primeiro infante legitimo nascido depois das nupcias?»

A jurisprudencia com tate da corte suprema de Hespanha foi ate aqui lavoravel ao infante natural legitimado pelo casamento subsequente de seus paves e mae bem entendido logo que esse infante se encontre nas condicoes de direito e de facto para permitir essa legitimacao. E' justamente esta consideracao que constitue o no gordio d'este intrincado processo. Passemos aos factos.

O principe Henrique de Bourbon, que foi muito em duelo pelo duque Montpensier durante a revolucao hespanhola de 1808-74, deixou tres filhos: o mais velho, dom Henrique de Bourbon, duque de Sevilha, e dois outros: um general de brigada e o outro general de divisao no exercito hespanhol. Este ultimo arvorou-se em pretendente a coroa de Franca e fez-se appellidar duque d'Anjou.

O duque de Sevilha, pae da pessoa que recorreu para a corte suprema de Madrid, deu tambem muito que falar ha annos. Tinha sido muito bem tratado pela rainha Izabel II e pelo rei Affonso XII que lhe estipulou uma renda e o admitiu, como seus irmaos, no exercito hespanhol, se bem que todos tres tivessem servido contra a Hespanha no exercito de dom Carlos, durante a guerra civil.

Depois da morte de Affonso XII, o duque de Sevilha, achando-se de guarda com um destacamento do seu regimento ao palacio real, permitiu-se, na sala dos officiaes, uma attitude e propositos hostis a soberana regente, Maria Christina, que lhe valeram algumas perseguições mais que justificaveis.

Ao fim de alguns tempos perdoou-se-lhe, e a propria regente contribuiu para que lhe fosse dado um posto nas ilhas Felipinas, visto que o duque se encontrava com sua mulher e seus tres filhos quasi na indigencia. Esteve pouco tempo em Manila, como cabisse doente, e autorizaram-no a regressar com a familia a Madrid. Embarcou no vapor *Montana*, e durante a travessia morreu.

Este duque tinha casado em 1838 com dona Josephina Parade, um pouco mais velha que elle. Pouco depois do casamento, a 8 de março de 1878, o duque e a duqueza de Sevilha fizeram baptizar, *sub conditione*, como manda o direito canonico em Hespanha, na igreja de Santo Andre, de Madrid, com autorizacao do cardeal Benevides, patriarcha das Indias e grande capellão do palacio, sendo celebrante o orador carlista Manterola, como seu filho legitimado por casamento subsequente, uma creanga de dez annos, que elles declararam ter nascido a 4 de Abril de 1868, e a qual fizeram dar os nomes de Maria Luiza Henriqueta—Josephina.

Depois do seu casamento tiveram doze filhos: dona Martha e dona Henriqueta. Não e um segredo que desde o nascimento de sua segunda filha, a duqueza de Sevilha inostrou preferencias sempre por Henriqueta, e por tal forma tão salientes, que a ex-pria regente sempre tão caridosa, chamou a si dona Henriqueta e deu-lhe a educação nas religiosas de Santa Isabel e Henriqueta recebeu uma educação muito esmerada. Durante a vida de seu pae, ella foi sempre tratada como sua filha. As cartas que elle ditiava para Henriqueta, e que elle citava no processo, testemunham-no.

Em 1894, a regente depois de considerarem a filha legitima do duque de Sevilha, e visto que ella pensou em se casar, pediu-lhe para dar o uso, as cartas regiaes que o ministro da justiça lhe mandou a herdeira ou herdeiro de um

titulo de grandeza ou de nobreza, casar-se. Como seu pae não tivesse fillos e a falta d'estes os titulos recaem na mulher e podem ser herdados pelas filhas, foi ella autorizada a casar-se, em virtude de uma decisao que o manda dos vellos lei publicou na *Gazetta de Madrid*.

Por occasiao da morte do duque de Sevilha, o juiz de 1.ª instancia do districto da Latina, de Madrid, declarou a seus tres fillos herdeiros legitimos e, a 15 de junho de 1896, o ministro da justiça autorizava a primogénita Maria Luiza, a uzar o titulo de duqueza de Sevilha.

A velha duqueza de Sevilha fez opposicao, n'esse momento, a decisao do ministro de justiça, negando que dona Maria Luiza fosse filha do duque. Declarava mais que ella tinha obtido, por seu lado, do juiz de 1.ª instancia do districto de Pare, em Barcelona, uma sentença estabelecendo como herdeiros do duque de Sevilha suas duas filhas legitimas, dona Martha e dona Henriqueta.

Estava a jovem duqueza de posse do seu titulo ha 8 mezes, quando recebeu uma intimação para comparecer perante o juiz de 1.ª instancia do centro, em Madrid, afim de responder ao processo que lhe apresentava a velha duqueza, em nome de sua filha legitima dona Martha. A velha duqueza pediu finalmente ao tribunal que declarasse nullo o acto do baptismo de 8 de março de 1894, de Maria Luiza, bem como a decisao do juiz do districto de Latina que a tinha declarado herdeira dos titulos do duque de Sevilha.

Fundamentava a sua pretensao, declara do que dona Maria Luiza não era nem podia ser filha natural legitimada do duque de Sevilha, porque essa creanga não tinha nascido em Madrid a 4 de Abril de 1868, quer dizer, não somente n'uma epoca em que a duqueza velha não conhecia o duque de Sevilha, mais ainda porque n'esta epoca este podia ter quando muito 17 annos, Allega enfim, que dona Maria Luiza, nas cartas de 8 de março de 1896 e 18 de agosto de 1894, feitas ao processo, reconhecia perfeitamente a irregularidade da situacao legal e a impossibilidade, para ella, de succeder a seu pae, tanto que lhe supplicava que lhe deixasse ao menos o nome de Bourbon, porque do contrario recolher seria a um convento onde sempre choraria a sua infelicidade.

Apezar de tudo isso, o juiz do districto do Centro não lhe provimento ao recurso da velha duqueza, e d'igualmente de causa a jovem duqueza de Sevilha.

A velha duqueza appella para o tribunal superior, e este de-lhe o gnhoo de causa, declarando que «dona Martha era a unica que tinha o direito de uzar o titulo de seu pae; que dona Maria Luiza não era sua filha, se bem que ella fosse filha da velha duqueza, segundo as suas proprias declarações o visto que a tinha trazido a Madrid para a fazer legitimar no caso em que ella não tivesse fillos do duque de Sevilha».

Foi um terrivel golpe para dona Martha e seu marido, um homem pertencente a uma familia respeitavel, que via o embaixador da Hespanha em Londres assistir ao seu casamento como representante da ex-rainha Izabel II. A sentença da corte de appellação tinha por fim estabelecer que dona Maria Luiza não tinha direito ao estado civil que havia de clarado quando se casou, com autorizacao de seus paves, e que devia recusar a autorizacao real publicada na *Gazetta de Madrid* em 1894. A jovem duqueza recorreu então para o supremo tribunal, que e quem vae diser a ultima palavra sobre esta serie de processos.

Do *Journal de Commercio* de P. Alegre.

Mosaico

Vindo Socrates um dia para casa, encontrou sua mulher tão zangada que não se atreveu a entrar e sentou-se no limiar da porta. Isto augmentou-lhe a colera, e ella, pegando n'uma bacia com agua, deitou-lha em cima.

Riu d'isto quem viu, e Socrates ru tambem, dizendo:

— Logo vi, senhores, que tanta trovoadra não acabava sem eluva.

Eu avareto e pergunton ao medico

E verdade, doutor, que a febre alimenta?
— Sim, alimenta.
— Ah! se o doutor me arranjasse uma febrezinha para cada um dos meus criados... que pechuca!
— Por que está zangada, Mama?
— O' minha senhora, e por que a agua está fria.
— Que agua, mulher?
— A agua quente.

Um presidente dos Estados Unidos, a quem perguntaram que eram as armas de seu escudo ou os braços de sua casa, respondeu, recordando-se de que, quando rapaz, fora leñador.
— Um par de mangas de canisa a roçagadas.

— Mamãe, todas as folhas das arvores são verdes-ladeiras?
— Mas, de certo: é necessario que tu sejas estúpido, meu filho, para me dirigires semelhante pergunta.

— E' que tu usas tambem muitos cabellos falsos.
— Entre dous padres.
— Que dizes a esta? Apenas recebi 35.000 pelo meu sermão.

O outro:
— Eu não pregaria semelhante sermão nem que me dessem um conto de reis.

No jury:
— Accusado, e esta a primeira ou ja alguma vez foi preso por gatuno?

— En não sei, e V. S.?
— Entre bohemios:
— Os tempos estao bicudos... Empregue-me.

— O que fazes, então?
— Vendo moveis.
— E tens vendido muito?
— Por enquanto... so os meus.

O nesso amigo B... e o mais perletto egoista que vive debaixo da calote celeste.

Pa' son ha dias pelo desgosto de perder sua esposa, e manifesta a sua dor com uma exuberancia que surprende deveras a quem o conhece e que se pergunta a si mesmo se elle não terá mudado de caracter.

Não tarda, porém, em comprehender tudo, quando ouve B. exclamar, entre soluços:
— Não, não posso consolar-me. E' superior ás minhas forças. Quando penso que a não terei ao pé de mim para snavisar os meus ultimos momentos!

Entre bohemios:
— Os tempos estao bicudos... Empregue-me.
— O que fazes, então?
— Vendo moveis.
— E tens vendido muito?
— Por enquanto... so os meus.

O nesso amigo B... e o mais perletto egoista que vive debaixo da calote celeste.

Pa' son ha dias pelo desgosto de perder sua esposa, e manifesta a sua dor com uma exuberancia que surprende deveras a quem o conhece e que se pergunta a si mesmo se elle não terá mudado de caracter.

Não tarda, porém, em comprehender tudo, quando ouve B. exclamar, entre soluços:
— Não, não posso consolar-me. E' superior ás minhas forças. Quando penso que a não terei ao pé de mim para snavisar os meus ultimos momentos!

MOLDES



Temos a satisfacao de communicar ás nossas gentis assignantes e leitoras que, apesar de nosso silencio, continuamos com o nosso servico de moldes tanto d'El Estacio, como de qualquer outro jornal, para esta cidade e para o interior da Republica.

Ha uns bons trinta annos temos nos incumbido desse servico, confiando o sempre a pericia de verdadeiras artistas em materia de cortes. Agora mesmo as senhoras a quem confiamos esse trabalho, são das mais abilitadas mestras no assumpto, ao qual não temem confronto.

Nunca recebemos reclamações contra o servico da casa e com ufania podemos assegurar que estamos habilitados a satisfazer a frequencia mais exigente, sem que tenhamos receio de que nos venham dar lições de apuro e bom gosto, nem na maldicida de nossos preços.

Para o presente numero offercemos:

- N. 3—San em pregas..... 1\$500
- N. 5— Bolero meio fechado..... 1\$900

Os recados não recebidos no escriptorio desta folha, bem como, a importancia que deve acompanhar o pedido.

Pelo correio mais 500 reis para o primeiro e 100 reis de mais para os que se seguirem.

Non bis in idem.

O Conhecimento de Deus

O que falta frequentemente aos homens é o conhecimento de Deus. Elles, por terem lido muito, sabem que houve uma certa serie de milagres, e de signaes da providencia pelos factos da historia, fizeram reflexões demoradas sobre a corrupção e fragilidade do mundo, convenceram-se mesmo de certas maximas uteis á reforma de seus costumes em relação á salvação: mas todo este edificio é sem base; este corpo de piedade e de christianismo não tem alma.

O que deve animar o verdadeiro fiel é a ideia de Deus que é tudo, que faz tudo e a quem é tudo devido.

Elle é infinito em tudo, em sabedoria, em poder, em amor. Ninguém tem pois que se admire se tudo quanto vem delle traz o caracter do infinito e ultrapassa a razão humana.

Quando elle prepara e arranja alguma coisa seus conselhos e suas vias estão, como diz a Escrip-tura, tão acima de nossos conselhos e de nossas vias, quanto o ceu está acima da terra. Quando elle quer executar o que resolveu, seu poder não se mostra por esforço algum: porque não lhe nenhum esforço, por maior que se conceba, que lhe seja menos facil que os mais communs; não lhe custou mais tirar do nada o ceu e a terra, taes como nós os vemos, do

que fazer correr um ribeiro ou deixar cahir uma pedra do alto em baixo. Seu poder está todo inteiro em sua vontade; basta querer, para que as coisas se façam. Se a Escrip-tura n'ol-o representa, falando na criação, não é que elle tenha necessidade de uma palavra que tenha sabido delle para fazer ouvir sua vontade a toda a natureza que elle queria produzir. Esta palavra que a Escrip-tura nos representa é toda simples e toda interna; é o pensamento que elle teve de fazer as coisas e a resolução que a respeito formou ao fundo de si mesmo. Este pensamento foi fecundo; e, sem sair delle, delle tirou como da fonte de todos os seres todos quantos compõem o universo Sua misericordia, do mesmo modo, nada mais é que sua pura vontade: elle nos amou antes da criação do mundo, nos viu, nos conheceu, nos preparou seus bens; nos amou e escolheu desde a eternidade. Quando nos acontece alguma coisa de novo, procede desta antiga fonte; Deus nunca tem vontade nova sobre nos, elle não muda, nós é que mudamos. Quando nós somos justos e bons, nós lhe somos conformes e agradáveis: quando deixamos a justiça e fazemo-nos maus, não podemos ser-lhe agradáveis. E uma regra inmutavel da qual a creatura versatil se aproxima ou se aparta successivamente. Sua justiça contra os maus e seu amor pelos bons são a mesma coisa: é a mesma bondade que se une com tudo quanto é bom e que é incompativel com tudo quanto é mau. Sua misericordia consiste em que, nos achando maus, quer fazer-nos bons.

Esta misericordia que se fez sentir a nós no tempo, é na sua fonte um amor eterno de Deus por sua creatura. Elle só da a verdadeira bondade. Desgraçada a alma presunçosa que espera achala em si mesma! É o amor que Deus tem por nós que nos da tudo.

Mas o maior dom que elle nos pode fazer é nos dar o amor que devemos ter por elle. Quando Deus nos ama até fazer com que nós o amemos, elle reina em nós, em nós faz a nossa vida, nossa paz, nossa felicidade e começamos já a viver de sua vida bemaventurada. Este amor que elle tem por nós traz seu caracter infinito; elle não ama, como nós, com um amor limitado e restricto; quando elle ama, todos os actos de seu amor são infinitos. Elle desce do ceu sobre a terra para procurar a creatura de lama a quem ama, elle se faz homem e chama com'ella, elle lhe dá sua carne a comer; é por semelhantes prodigios de amor que o infinito ultrapassa todas as perfeições de que os homens são capazes. Elle ama em Deus, e este amor nada tem que não seja incomprehen-sivel. O cumulo da loucura é querer medir o amor infinito por uma sabedoria limitada. Muito ao contrario de perder alguma coisa de sua grandeza nesses excessos de amor, elle grava o caracter de sua grandeza, marcando as saliencias e os transportes de um amor infinito. Oh! como elle é grande e amavel em seus mysterios! Mas nós não temos olhos para vel-os e falta-nos sentimentos para perceber Deus em tudo.

NINON DE LENCLOS

escarneeira da ruga, que jamais onson maentiar-lhe a epiderme. Já passavi dos 80 annos e conservava-se joven e bella, atirando sempre os reflexos da sua certidão de baptismo que rasgava á cara do Tempo, cuja loice embotava-se sobre sua enenatadora physiomião, sem que nunca deixasse o menor traço. «Muito verdeante!» vin-se sobrigado a dizer o velho rubingento, como a raposa de Lafontaine dizia das unys. Este segredo, que a celebre e egoista faceira jamais confiara a quem quer que fosse das pessoas daquelle época, descobrio-o o Dr. Leconte entre as folhas de um volume de *L'Histoire amoureuse des gaules*, de ussy-Rabutin, que fez parte da bibliotheca de Voltaire e é actualmente propriedade exclusiva da **PARFUMERIE NINON, MAISON LEONTE, Rue du 4-Septembre, 35 à Paris.**

Esta casa tem-n'o á disposição das nossas elegantes, sob o nome de **VERTABLE EAU DE NINON**, assim como as receitas que d'ella provém, por exemplo, o

DUVEF DE NINON

pó de arroz especial e refrigerante;

Le Savon Crème de Ninon

especial para o rosto que limpa perfeitamente a epiderme mais delicada sem alteral-a.

LAIT DE NINON

que dá alguma deslumbrante ao pesçoço e aos hombros. Entre os productos conhecidos e apreciados da **PARFUMERIE NINON** contam-se:

LA POUDRE CAPILLUS

que faz voltar os cabellos brancos á cor natural e existe em 12 cores;

SEVE SOURCILIERE

que augmenta, engrossa e brinca as pestanas e os supercilios, no mesmo tempo que dá vivacidade no olhar.

LA PATE ET LA POUDRE MANOGERMALE DE NINON

para finura, alguma brilhante das mãos, etc., etc.

Convenm exigir e verificar o nome da casa e o endereço sobre o rotulo para evitar as emtações e falsificações

PARFUMERIE EXOTIQUE E. SENET

35, Rue du 4-Septembre, 35, PARIS

MÃO DE PAPA de duque, do príncipe, por meio da **Pâte des Prélats**, que embranquece, alisa, essetina a epiderme, impede e destrói as freiras e as rachas.

UM NARIZ PICADO de pequenas borbulhas no com cravos torna a recuperar sua brancura primitiva e suas côres lisas por meio do **Anti-Bolbos**, producto sem igual e muito contrafeito.

CUIDADO COM AS CONTRAFAÇÕES
Para ser bella, encantar todos os olhos deve-se servir da **Fleur de Pêche** pó do arioz feito com fructos exóticos.

POUCOS CABELLOS

Fazem-se crescer e cerrados empregando-se **l'Extrait Capillaire des Bénédictins du Mont-Majella**, que também impede que caíam e que hiquem brancos.

E. SENET, Administrateur, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

NÃO ARRANQUEM MAIS

os dentes estragados, sim: os e branque-os com **l'Elixir dentifrice des Bénédictins du Mont-Majella**.

E. SENET, Administrateur, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

Pastilhas e Xarope de Nafé

DELANGRENIER

excellentes peitoraes contra

TOSSE, DEFLUXO, BRONCHITE

As **Pastilhas de Nafé** são verdadeiros confeitos peitoraes de um gosto delicioso. Acalmam as irritações da garganta e do peito.

O **Xarope de Nafé**, misturado com uma infusão ou com leite quente, forma uma tisana muito calmante e muito agradável.

Esses peitoraes não contém substancias toxica e podem ser administrados com toda a segurança ás **CRIANÇAS** e muito particularmente contra a **COQUELUCHE**.

Esqilr a marca verdadeira: Delangrenier-Paris

São encontrados em todas as Pharmacias

XAROPE DELABARRE (DENTIÇÃO)

Xarope sem narcotico *recomendado ha já 20 annos pelos medicos.* Facilita a sahida dos dentes, evita ou faz cessar os soffimentos e todos os accidentes da primeira dentição.

Esqilr-se o **Carimbo official e a assignatura Delabarre.**

FUMOUZE-ALBESPEYRES, 78, Faubourg Saint-Denis, Paris e em todas as pharmacias

PAPEL E CIGARROS ANTI-ASTHMATICOS de Bⁱⁿ BARRAL

Recomendados pelas simmidades medicas. Preparações muitissimo efficazes para a cura da **ASTHMA**, das **OPPRESSÕES**, das **ENXAQUECAS**, etc. **16 ANOS DE SUCESSOS.**

FUMOUZE-ALBESPEYRES, 78, Faubourg Saint-Denis, Paris e em todas as pharmacias.

NUNCA APPLIQUE-SE UM VESICATORIO SEM SE LER O VESICATORIO ALBESPEYRES

o MAIS EFFICAZ e MENOS DOLOROSO de TODOS os VESICATORIOS. Esqilr-se a assignatura **ALBESPEYRES** no LADO VERDE FUMO Z^e ALBESPEYRES, 78 Faub^o St-Denis, PARIS

DESCONFIAR DAS FALSIFICAÇÕES



Por sua notavel concentração das plantas as mais uteis e as mais salutaris, a

AGUA DE MÉLISSE



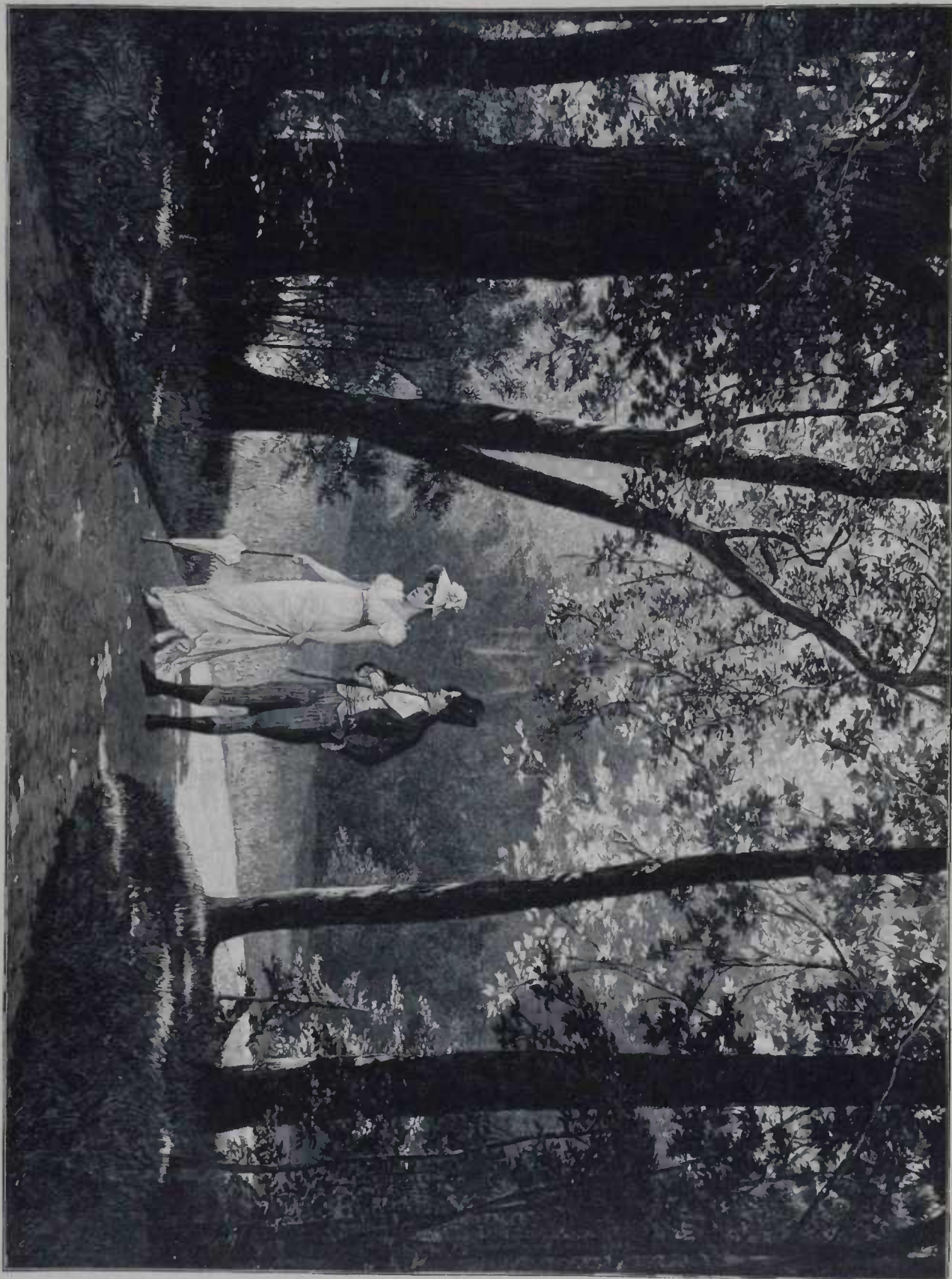
BOYER CARMELITAS BOYER

Unico Successor dos Carmelitas

obra de um modo prompto e absoluto nos casos de **Ataques de Nervos, Apoplexia, Paralysis, os Vertigens, as Syncopes, as Indigestões; nos tempos de Epidemia, Dysenteria, Cholera-Morbo, Febres, etc.**

Uma pequena colherada pura ou sobre um pedaço de assucar.

DESCONFIAR DAS FALSIFICAÇÕES



NO PARQUE

Nocturno

«Aujo que estás no ceu e do alto me aluminas,
«Phárol do meu amor, na treva dos meus dias...

LEIZ OSORIO.

O sol fugiu somnolento,
a lua vein argentina,
lunar, licor alvarento, ...
astros, poeira divina!

A treva alastra nos ares,
a noite cabe sobre o mundo,
começa o côto dos mares
N'um hymno rouco e profundo.

Estrellas no espaço cavo
e na terra cactus vivos,
a estrella naphar flavo
e os cactus, astros lascivos ...

Sobem da relva dos campos
as espiraes dos aromas,
lucillam os pyrilampos
e a noite desnuda as pomas!

As magnolias perfumadas
parecem peitos de noivas,
e as dhalias avermelhadas
são como golpes de goivas...

A lua acorda as phalenas,
Deus adormece as creanças,
abrem o seio as verbenas,
perdem vida as esperanças.

Hora de sombra o mysterio,
hora das fôrmas e mythos,
fôrmas do seio siderio,
sombra dos ceus infinitos!

Cabe um silencio de gelo,
cala-se a voz dos carinhos,
cobre a mão de um pezadelo
a concha morna dos ninhos.

Hora mystica das creanças
e do noivado dos astros,
hora das magras intensas
e dos sant'elmos nos mastros!

Noite negra, relicta
que um braço ao ares eleva,
lugubre e mesto sacario
da lua, a hostia da treva.

Noite turva e macilenta,
mão carinhosa e funesta,
tens um seio que amamenta
mas o teu halito empesta!

Se tens os sorrisos d'alva
tens o pavor da tortura:
apenas um beijo salva
logo o soluço o tortura.

Se vão nas azas d'um sonho
as illusões d'uma aurora,
sabe do teu seio tristonho
o supplicio que as devora.

Urna d'immensa tristeza,
berço d'externos amores,
eterna lampada accesa,
escuro estendal de dores,

chora em teu seio materno
o orvalho que o ceu derrama,
e vibra o riso do inferno
que as proprias flores inflama!

Que importa que a phantasia
te faça um corpo impolluto,
se a treva que o cobre o fria,
se vestes eterno luto?

Que importa que o luar sereno
sobre o teu crepe nefario,
como o olhar do Nazareno
na escuridão do Calvario,

se a lua, no vasto ceu,
de brilho triste e funereo,
mais parece um mausoleu
n'um immenso cemiterio?

se as proprias estrellas magras
do Cruzeiro que eu avisto
parecem as cinco chagas
do corpo branco de Christo?

A minha tristeza extrema
compreheende bem a tua:
e que a mesma dor extrema
sobre nós ambos flutua!

Aquella estrella, cabula
do teu materno regaço,
foi uma filha perdida
na eterna indez do espaço.

O mesmo gelo me veste,
a mesma dor me apavora
se a tua estrella perdeste
eu perdi a minha Doira!

Tu tens euvanes de mundos
no seio das nublencas,
vales immensos e fundos,
cheios de lyrios e rosas!

Eu tinha apenas de meu
essa formosa esperança,
astro que veiu do ceu,
ou beijo feito creança!

Por isso eu bem comprehendo
o soffrimento sem nome
d'esse martyrio tremendo
que te agonia e consome!

Se por perder uma estrella,
tu que possues milhares,
soffres assim de perdela
e cobres de crepes os ares...

diz-me, então, boa amiga,
se toda a minha existencia
basta para a fadiga
de chorar a tua ausencia?

PINTO DA ROCHA.

Mosaico

Esopo o Pope tinham ambos uma marreca nas costas... O marechal de Luxemburg não tinha as espaldas mais direitas do que as Esopo e Pope. Um dia disseram-lhe que o principe d'Oronde chamara-o creunda.

— Já disse a ti que eu sou creunda, respondeu o marechal, se nunca me viu pelas costas!

*

O commedador Achilles Solroza, que é abante da caça, escapou certo dia de ser victima do encano de um seu correllionario, que, tambem caçando, quis o attuge e se encheu com uma bida de espingarda.

Ao chegar a casa, relatou a esposa, todo commovido, quanto lhe succedera, e terminou a narrativa com esta phrase suggestiva:

— Tivesse a bala partido mais em direcção ao solo... e quem te fallaria n'este momento era um cadaver!

*

A ama á criada:
— Maria, porque é que você não procura vestir-se melhor quando sahe comigo?

— É porque tenho receio de que pensem que eu é que sou a senhora.

*

As noivas crueldas:

— Onde está a minha? pergunta a senhora.
— Está dentro da banheira; pois o doutor não disse que quando acabas de dar-lhe a manobra lavasse-a bem e deixasse-a de molho? respondeu a criada

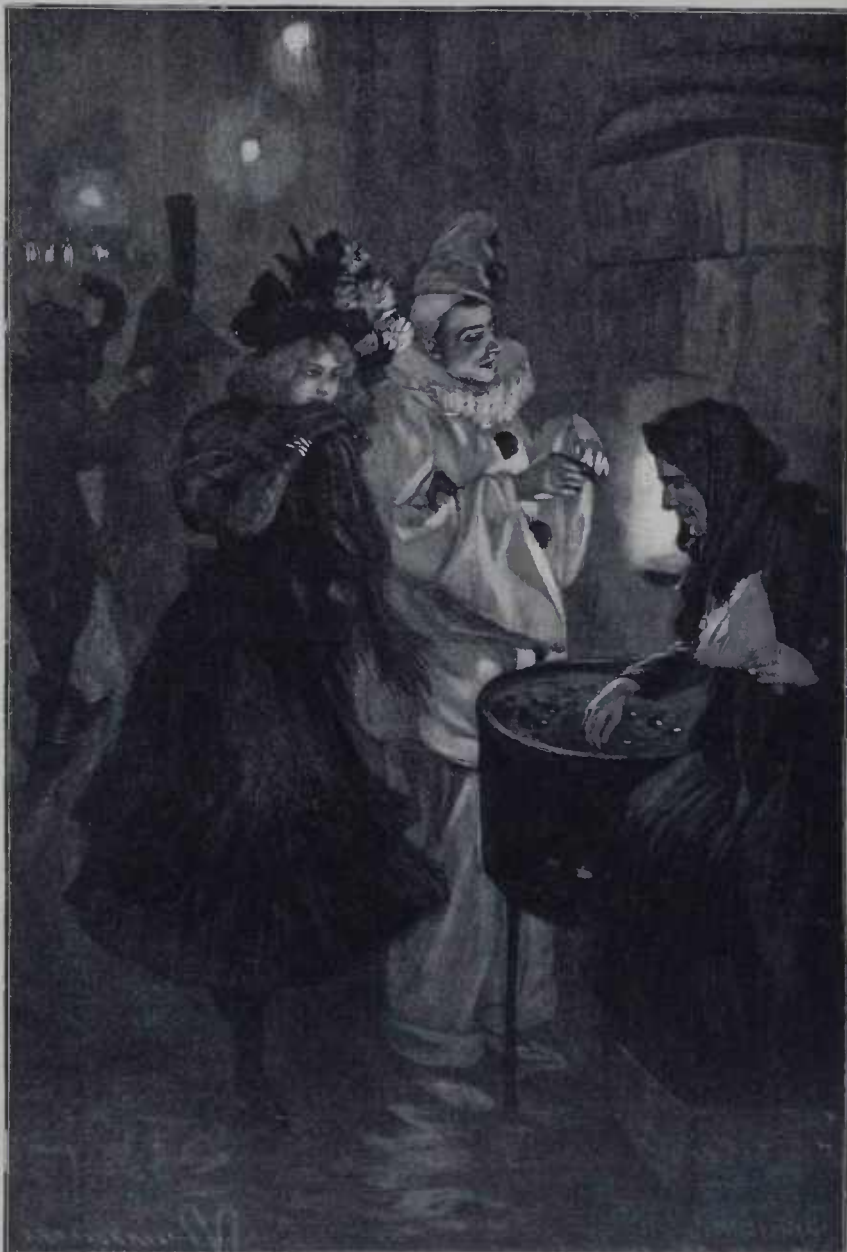
*

O orador no auge do enthusiasmo:

— Senhores! 17, 24, 31, 8 e 85...

— Vispera! gritou um da galeria.

É inútil acrescentar que o orador não explicou que se referia a datas historicas.



Ferguntava a quem a um diplomata muito caipora si nunca tinha recebido condecorações dos governos perante os quaes tinha sido representante.

— Recebi muitos obsequios; fui quasi sempre honrado com as ordens de... partir.

☆

Dois sujeitos, irmãos, ambos *metidos a sebo*, palestravam com um d'esses poetas desconhecidos, procurando debelal-o a todo o transe.

— Meu amigo, diz um, faça um verso que nos prove que o riso.

— Pois não: só exijo vossas mãos.

Ambos estenderam-nas ao poeta, e este pegando-as, disse:

« De burros quasi que um cento,
tenho ferrado nas mãos,
e, aproveitando o ensejo,
ferro agora dois irmãos.

☆

Era mesquinho o ordenado do Simplicio, um pobre mestre-escola, e, para cumulo da penuria, a intendencia pagava-lho sempre com atraso.

Um dia, o respectivo inspector, andando de visita ás escolas da sua circumscripção, entra no edificio em que se achava installada, não só a aula, como a residencia do professor, e exclama:

— Que excellente panorama se avista d'estas janellas! como deve ser agradável viver aqui!

— E' pena, replicou Simplicio com cara de esmoreado, e pen não se poder viver só do ar, d'este panorama e d'estas janellas!

☆

Dê-me uma esmola, pede um mendigo a um transeunte.

— Não pode ser.

— Então já sei o que me resta fazer

O transeunte, com remorsos, corre atraz do pobre e dá-lhe cinco mil reis.

— O que ia fazer, desgraçado, se não lhe desse nada?

— Ia trabalhar.

☆

Passando por uma confeitaria Bebê e sua mãe, uma senhora chamou a pequenina e deu-lhe um bom bocado, que ella começou logo a comer.

— Então, Bebê, como é que se diz? reprehendeu a mamãe.

— Quero outro!... — respondeu a menina com a bocca cheia.

☆

N'um exame:

— Queira dizer o que é uma raiz quadrada.

— Sr. doutor, eu vim fazer exame de arithmetica e não de agricultura.

CHRONIQUETA

Rio, 20 de Junho de 1900

A p. b. (repugna-me escrever n'um periodico de senhoras as duas palavras representadas por aquellas iniciais) vaee declinando sensivelmente, e é de esperar que em breve esteja completamente extincta.

Não duvido que por parte de uma ou outra autoridade sanitaria houvesse alguns excessos, causados, aliás, pelo proprio zelo, que já o manhosso Falleyrand não queria applicado em doses muito altas: mas não ha duvida que o serviço da campanha contra a invasão da epidemia tem sido muito bem feito, e honra a Directoria Geral de Saude Publica.

Entretanto, aqui como em toda a parte, a injustiça popular revela se por trinta mil formulas contribuindo para isso alguns medicos sem discernimento, que negam a existencia do mal. Deus lhe perdoe, e que não lhes caia o raio em casa.

☆☆

Para consolar-nos da p. b., tivemos duas bellas manifestações de arte: o quadro *A invocação*, que figura na exposição do Lyceu de Artes e Officios, e o panorama do descobrimento do Brazil, inaugurado na rotunda rua de Santa Luzia.

Ambos esses trabalhos do nosso Victor Meirelles, cujo talento não foi arrefecido pelos annos nem pelos desgostos, e cujo pincel tem ainda o vigor dos bellos tempos da *Primeira missa*.

Tanto o quadro como o panorama têm sido admirados por milhares de curiosos, e a fama do artista corre de bocca em bocca, aclamado pela multidão.

☆☆

Tambem nos consola a noticia de que está resolvida, ou meio resolvida, a mudança da Escola Nacional de Bellas Artes para um edificio que será construido na praça da Gloria, aproveitando o velho casarão que la esta.

Tenho fé que se realice a mudança, porque esta mettido nisso o Dr. Paulo Frontin. Quando toma qualquer coisa a peito esse brasileiro activo e emprehendedor, que não se parece nada com a maioria dos nossos patrios, pôde-se ter a victoria como infalivel.

Parabens a Rodolpho Bernardelli, que ha 15 annos pede a mudança da Escola de que é digno director.

☆☆

Já agora não deixarei os assumptos de arte, sem dar a boa vinda a Modesto Brocos, e insigne pintor que hontem voltou da Europa depois de uma ausencia

de quatro annos, — quatro annos de trabalho em Paris e Roma, quatro annos de estudo e de progresso.

☆☆

Falleceu repentinamente o Dr Anubal Falcão, um dos espiritos litterarios mais preparados que tenho conhecido, talento de primeira agua, que desapareceu em plena mocidade.

Filho de Pernambuco, bacharelado em direito, fez-se tachigrapho para seguir a profissão paterna, Muito novo ainda, escreveu o drama, o *Dr. Alheria* e fez-se jornalista, mas o positivismo afastou-o das letras. Em compensação, a politica afastou-o do positivismo. Depois da proclamação da Republica, serviu de secretario do ministerio da agricultura e foi eleito a Constituinte pelo seu estado natal. Abraçando, infelizmente, a causa da revolução do Rio Grande e da revolta de 6 de Setembro, e esse mau passo desilludiu-o completamente da politica: fez-se negociante e industrial. Acabaria millionario se a morte o não levasse tão cedo.

Poi meu amigo. Tenho saudades delle.

ELOY, O HEROE.

THEATROS

Rio, 21 de Junho de 1900.

A companhia dramatica portugueza, dirigida pelos actores João Gil e Alfredo Santos, dou-nos a comedia em 4 actos, *Os velhos*, de D. João da Camara.

E' um primor. Depois de Garrett, o theatro portuguez nada produziu que se pareça com isto. Além de ser excellente prosador e poeta, D. João da Camara possui em alta doze o que o velho Sarcos chamava *le sens du théâtre*. A peça é muito bem feita.

A scena é no Alentejo, e todos os personagens, à excepção de dois namorados que se adoram, são velhos, e todos ingenuos e bons. Sentimos muito ter espaço para analysar minuciosamente este bello idyllo dramatico.

Alguns homens de letras promovem um espectáculo, que se realizará segunda-feira proxima, em homenagem a D. João da Camara.

☆☆

A mesma companhia exhibiu tambem o drama em 4 actos — *Terra de Vera Cruz*, escripto por Julio Dantas expressamente para commemorar, nesta capital, o 4.º centenario do descobrimento do Brazil.

Foi um desastre. A peça teve apenas tres representações. Não insistamos.

Em substituição, foi tambem representado o *Fiscal dos wagons letos*, de Bisson, e melhor, muito melhor, digamol-o, que no anno passado pela companhia Souza Bastos.

☆☆

A companhia Lucinda Simões e Christiano de Souza fez uma *reprize* da *Sociedade onde a gente se aborrece*, de Pailleron, e não foi muito feliz por causa da má distribuição dos papeis.

Um actor estreante, por nome Carlos de Oliveira, tem, não ha duvida, qualidades que o tornam muito util, mas não ficou a vontade no papel de Bilac, e o personagem principal da peça, Suzana de Villiers, foi confiada a uma criança que não deu conta delle.

E' para estimar que a comedia, retirada de scena depois de meia duzia de representações, volte a figurar nos programmaes do Sant'Anna depois de uma nova distribuição de papeis.

A companhia Taveira chegou, viu e venceu: o Apollo enche-se todas as noites. Os artistas são todos

nossos conhecidos, a começar pela primeira figura, — a Lopiccolo, que por bem dizer se fez artista no Rio de Janeiro.

A companhia deu já duas operetas, ambas com agrado, mas conhecidas ambas. — *o Passaro azul* e a *Mascotte*. Aguardemos as novidades.

☆☆

A companhia do Recreio prepara-se, dizem, para uma viagem ao Norte.

N. Y. Z.

Novidades musicaes

Recebemos e agradecemos:

Da casa E. Bevilacqua & C. — *Myosotis*, schottisch de Brito Fernandes; *Amor Feliz*, valsa de J. G. Christo.

Da casa Vieira Machado & C. — *Chymeras*, valsa de Aurelio Cavalcanti; *Antonella*, valsa de Alberto Motta e mais as seguintes: *Flaneca*, valsa-cançõeta, valsa infernal e valsa entre-acto do *Besouro Encantado*, magica de Bruno Nunes e musica de Assis Pacheco.

ULTIMAS NOVIDADES MUSICABIS

Grande estabelecimento de pianos e musicas

DE
Fertim de Vasconcellos, Morand & C.

147, Rua do Ouvidor, 147

Polkas

Cinco de Novembro, por O. Carneiro... 1\$000
Vai sabindo, por A. Keller... 1\$000

Tangos

Só de mão, por E. Telles... 1\$000
Ferruge, por E. Telles... 1\$500
Tango do pianista, por Costa Junior... 1\$000

Valsas

Amor que mata, por J. G. Christo... 1\$000
Augusta, por E. Cutaneo... 1\$500
Desprenciçao, por J. G. Christo... 1\$500
Elegante, por A. Cavalcanti... 1\$500
Julhinha, por J. Reis... 1\$500
Juracy, por A. Nunes... 1\$000
Licca, por Evora Filho... 1\$500
Meus oito annos, por O. Carneiro... 1\$500
O teu olhar me seduz, por Evora Filho... 1\$500
Valsa do pianista, por Costa Junior... 1\$500

Schottisch

Schottisch dos empregados publicos, por Costa Junior... 1\$500
Guanabara, por L. Madeira... 1\$000
Grinalda de neve, por Evora Filho... 1\$500
Primeiro Amor, por E. Telles... 1\$000

Quadrilhas

Borboletas, por E. Couto... 1\$500
Recordações da infancia, por J. M. Lacerda... 1\$500

Remettem-se encomendas para o interior juntamente com o *brinde* mensal que a casa offerece.

147, RUA DO OUVIDOR, 147



CRÈME SIMON
PARA
conservar ou dar
ao rosto
FRESCURA
MACIEZA
MOCIDADE.

Para proteger a epiderme contra as influencias perniciosas da atmosphera, é indispensavel adoptar para a toilette diaria o **CRÈME SIMON**.

Os **PÓS de Arroz SIMON** e o **SABONETE Crème Simon**, preparados com glicyrrina, a sua acção benéfica é tão evidente que não ha ninguém que o use uma vez que não reconheça as suas grandes virtudes.

J. SIMON, 36, Rue de Provence, PARIS
PHARMACIAS, PERFUMERIAS
e lojas de Galtherellos.

Desconfiar das Imitações.



PILULAS DE BLANCARD
APPROVADAS PELA
ACADEMIA DE MEDICINA
DE PARIS

Resumem todas as
Propriedades
do IODO
e do FERRO.

40
Rua Bonaparte
PARIS

Estas Pilulas são de uma efficacia maravilhosa contra a *Anemia*, *Chlorose* e todos os casos em que se trata de combater a *Pobreza do Sangu*.

DEUS

Continuação

Evita os pleitos e demandas, e diminuirá o numero dos teus peccados. (Eccles. 28). Muitas vezes os peccados são delictos aos olhos do Deus da paz. O verdadeiro christão devera antes soffrer um agravo ou uma fraude, do que estar em justiça a seu irmão. Epist. aos Cor. 11).

O que tratar a seu irmão com desprezo ou dureza, o que o afrontar ou o chamar louco, será citado perante o Tribunal do Juiz Supremo, e condemnado ao fogo. (S. Mat. 5)

Não julgues mal do teu proximo para não seres julgado; pois que com o juizo, com que julgares, seras julgado; e com a medida com que medires, tambem te medirão. Porque vês tu a aresta, no olho do teu irmão, e não vês a trave no teu olho? Hypocrita, tira primeiro a trave do teu olho, e então verás como has de tirar a aresta do olho do teu irmão. (S. Mat. 7).

Não julgues mal, não calumnies, não opprimas o pobre, a viuva, o orfão, e o estrangeiro. (Zacha. 7). Antes pelo contrario, defende-o do orgulhoso aggressor. (Eccles. 4).

Quando tenhas que mandar, fal-o com suavidade; não opprimas os teus inferiores, não sejas como o leão, na tua casa, fazendo-te terrivel aos teus domesticos; trata com amor e ternura os que te servem, e lembra-te que tens como elles um Senhor no Céu. (Epist. aos Eph. 6)

Se mandares o jornaleiro trabalhar, paga-lhe sem detença o seu salario. (Tob. 4).

Teme a Deus, honra o rei, e não te alistes no numero dos seus detractores porque de repente se levantará a perdição delles, e quem sabe que ruina haverá? (Prov. 24).

Todo homem deve viver sujeito ás Supremas Potestades, porque toda autoridade vem de Deus Altissimo, que se estabeleceu sobre a terra pela sua Providencia, e assim os que resistem ás potestades, resistem á ordenação de Deus, e a si mesmo trazem a condemnação. Porque os principes não são para temer, quando se faz o que é bom, mas quando se faz o que é mau. Queres, filho meu, não temer a Potestade? Obra bem e terás louvor della mesma; porque o Principe ou quem governa é Ministro de Deus para o teu bem. Mas se obrares mal, teme; porque não é deus que elle traz a espada. Porquanto elle é Ministro de Deus, vingador em ira contra aquelle que obra o mal.

Obedece, pois, filho meu, não por temor, porém por obrigação á consciencia. Paga o tributo a quem pertence, e o imposto a quem tem o direito de exigilo; teme a quem deves temer, honra a quem deves honrar, e nada devas a pessoa alguma, sinão o amor que mutuamente nos devemos; e este amor ha de ser sem limites, porque amar o proximo é o complemento da Lei. (Ep. aos Rom. 13).

As mulheres sejam sujeitas aos seus maridos, como ao Senhor, porque o marido é a cabeça da mulher. Vós, iraridos, amai as vossas mulheres, como tambem Christo amou a igreja. O que ama a sua mulher, ama-se a si mesmo. Filhos, obedecedi a vossos paes no Senhor, porque isto é justo. Vós outros paes não provoquéis a ira a vossos filhos, mas creae os em disciplina e correção do Senhor.

Servos, obedecedi a vossos senhores temporaes em amor e tremor na sinceridade do vosso coração, como a Christo, não os servindo só porque elles tem o olho sobre vós, porém como servos de Jesus Christo, fazendo de bom coração a vontade de Deus, que vos jaz neste estado, e que exige de vós a obediencia e submissão. Vós outros, senhores, fazei o mesmo com os vossos servos, deixando ás ameaças e castigos rigorosos, sabendo que o Senhor, tanto d'elles como vosso, está no ceu, e que não ha excepção de pessoas para com elle, e que o bem que cada um fizer, o Senhor o pagará, seja escravo ou seja livre (Ep. aos Eph. 5 e 6).

O justo a todos faz bem até aos proprios animaes, porém as entranhas dos impios são cruéis, de nada se compadecem (Prov. 12).

OBRIGAÇÕES DO HOMEM PARA COMSIGO MESMO

Filho meu, busca com alicia a sabedoria; porque sem ella tudo é vazio e vaidade; sómente o que a possessão pode amar ao Senhor, e conhecer o temor do Deus, a justiça e a verdade (Prov. 2). Mas dedicando-te ao estudo da sabedoria, não presumas de ti mesmo. O presumido diz: — seré sabio e a sabedoria fo e d'elle (Ecc. 7).

Nega-te a ti mesmo, toma a tua cruz, segue a Jesus Christo e lograrás uma vida immortal e gloriosa pelo que sacrificares á gloria do seu santissimo nome (S. Mat. 10).

Elle é a luz do mundo, o que o segue não andará em trevas (S. João 8). Mas se por estimar demasiado a tua vida, teimes expulso por Jesus Christo, em vez da vida achas a morte eterna (S. Mat. 16); pois elle mesmo nos disse: — Quem não é commigo, é contra mim (S. Luc. 11). Se algum me servir, meu paço honrará (S. João 12).

Deita-te sem cessar ao negocio da tua salvação, e despreza de todo o terreno, e procura amar sómente os bens celestiaes (Ep. aos Coloss. 2). De que te servirá adquirir riquezas, e ver-te cumulado de bonanças? Acaso tão frivolos bens, e glorias tão vãs e inconstantes, te poderão indemnizar dos bens eternos, que perderes, perdendo a tua alma? (S. Math. 16)

Vive livre no temor do Deus, e espera até o

fim, se possues a verdadeira sciencia, e a verdadeira sabedoria, não será vã a tua esperança (Prov. 24).

Escuta os sabios conselhos que te darem (Eccles. 6) e submete-te desde menino ás leis, que te foram impostas: envelhecendo o homem não larga o caminho que trilhou na mocidade (Prov. 22). Sendo-lhe muito util levar o jugo desde os seus tenes annos (Lam. de Jerem. 3). Sim, filho meu, se queres trar algum fructo da educação, instrue-te quanto antes, porque poderás adquirir na velhice o que não adquiriste na juventude? (Eccles. 6 e 15).

O homem prudente póde adquirir a sciencia, e os ouvidos do sabio a buscam (Prov. 18).

Ouve com attenção os velhos cheios de experiencia; nada é mais apreciavel do que os seus conselhos; elles foram instruidos por seus paes, e tu o serás por elles (Eccles. 8), as suas cans devendo fundir-te respeito, honra-os, levanta-te quando chegam a ti, e falla pouco na presença d'ellas (Eccles. 3).

A sciencia toma novo brilho na bocca do sabio; e sómente a elle toca d'ella a conhecer (Prov. 15)

Não confies egualmente no teu proprio saber. O homem sagaz encobre a sua sciencia; o coração do insipiente apressa-se em manifestar a sua estulticia (Prov. 12).

O impio soberbo despreza os conselhos, que dicta a prudencia, e só segue os que vão de accordo com os affectos do seu coração, e cre que tudo o que faz é o mais perfeito e o melhor. O ignorante confia mais de si mesmo do que o homem mais sabio (Prov. 18, 26 e 27).

O sabio pede conselho (Prov. 12). Pede-o tu, filho meu, antes de começares qualquer obra por ti mesmo; e se o ouves com docilidade, comprehenderás o que se te diz, e mesmo poderás responder com acerto, e não te arrependers do que fizeres (Eccles. 5 e 24).

Desgraçado de ti se te tens por sabio e prudente (Isaias. 2).

Os bons conselhos no coração do homem são como a agua em um poço profundo, mas o sabio d'ahi as tirará (Prov. 20).

A alegria será perpetua companhia do que segue conselhos pacificos (Prov. 12) Aquelle que ouve com gosto as correções, viverá glorificado e terá logar entre os sabios (Prov. 13 e 15). O que foge d'ellas, caminha desgarrado (Prov. 10); e n'isto mostra-se delinquento (Ecc. 21). Olha bem o que fallas, porque pelo modo de fallar serás conhecido dos outros (Ecc. 4).

O que falla sem lino nem reserva, experimenta muitos males, que não soffrerá o homem acautelado, nas suas palavras. Cada um será cheio de bens, conforme for o fructo da sua bocca, e ser-lhes-ha dada a retribuição conforme forem as obras das suas mãos. (Prov. 12).

Se não fallas senão do que entendes, mostrarás muito siso, e parecerás tão prudente como instruido (Prov. 12). O ignorante se falla pouco é tido por sabio (Prov. 17). Mas, sobretudo, filho meu, não respondas nunca antes de ouvir tudo, que te perguntarem, nem interrompas o que falla (Eccles. 11); porque o que responde antes de tempo, manifesta que não tem juizo e merece ficar emudecido e confundido (Prov. 18).

Nunca mostres orgulho nas tuas acções e palavras, porque isso é a origem da nossa perdição (Job. 4).

Não te glories das tuas boas prendas e qualidades, porque nada ha em ti que não tenhas recebido de Deus, e se as recebeste de Deus, porque te glorias com? se as tivesses recebido de ti mesmo? (Epist. aos Cont. 4)

A soberba é insupportavel a Deus, e aos homens (Eccles. 10).

Se o teu coração possui a sabedoria, serás tido por prudente, e se á sabedoria ajuntas a doçura e a affabilidade no fallar, serás mais que prudente: as palavras affaveis são semelhantes ao mel e a moderação da alma produz a saude do corpo (Prov. 16).

As palavras suaves desarmam os nossos inimigos, e augmentam o numero dos nossos amigos: a lingua discreta no homem bom produz abundantes fructos (Eccles. 6) O homem violento promove dissensões e o pacifico as apasigua (Prov. 13).

Não falles senão para edificar os que te ouvem; (Epist. aos Ephes. 4), as conversas escandalosas corrompem os bons costumes; (Epist. 1ª aos Cor. 15) e a dissolução no fallar indica um coração depravado. O homem em cujo coração reina a sabedoria, falla com tino, e moderação (Prov. 10).

Evita da mesma sorte as palavras ociosas, porque o soberano Juiz te pedirá contas d'ellas, quando vier a julgar os homens e por ellas serás justificado, ou condemnado. (S. Mat. 12).

Se vos irardes, seja sem peccar; não se ponha o sol sobre a vossa ira, não deis lugar ao diabo. Toda amargura, ira, indignação, gritaria, e blasfemias, com toda a malicia, seja destruida dentre vós outros. Antes sede uns para com os outros benignos, misericordiosos, perdoados-vos uns aos outros, como tambem Deus por Christo vos perdoou. (Epist. aos Ephes. 4).

A calunnia é causa de todos os males, e o calumniador vive sempre agitado, e sem um amigo. (Ecc. 5 e 28).

Se perdoardes aos que te offenderam, Deus te perdoará a ti; mas se dur e inflexivel conservas um rancor pertinaz, Deus tambem será inflexivel para contigo, e te castigará com todo rigor; com effeito, como um homem que não respira senda colera e vingança, poderá esperar de Deus misericordia? O que procura vingar-se, acha em Deus outro vingador. (Eccles. 28).

Não voltes mal por mal, filho meu, espera no Senhor, e elle te livrará da perseguição dos maus. (Prov. 10).

O homem que teme a outro homem, se rebalça da sua d'idade, mas o que teme a Deus, e póde

nelle toda sua confiança, eleva-se, e não tem outro temor. (Prov. 19 e 14).

Olha com horror para a mentira, que é no homem um defeito vergonhoso; o costume de mentir é criminoso. (Eccles. 7 e 4). A mentira é no homem um opprobrio, que muito o deslustra, e ella se achará necessariamente na bocca da gente sem creação. (Eccles. 20).

Melhor é um ladrão, do que o homem que mente de continuo, mas ambos terão por herança a perdição. O embusteiro se deshonra a si mesmo, e a vergonha e a confusão o acompanham sempre. (Idem). Filho meu, falla sempre com sinceridade ao teu proximo. Não temas, nem te envergonhes de dizer sempre a verdade quando se trata da salvação da tua alma. Se ha uma especie de vergonha que nos faz ver, tambem ha outra, que nos cobre de graça e de gloria. (Ecc. 4).

Forma te uma consciencia recta, e segue as suas aspirações e dictames; pois não é possível achar um melhor conselheiro; ella mais seguramente do que ninguém nos dá a conhecer a verdade; mas roga ao Todo Poderoso que te dirija pelo verdadeiro caminho. (Ecc. 37). Ha um caminho que parece direito ao homem; e no cabo elle guia para a morte. (Prov. 14).

O homem pode formar para si um plano, ou theor de vida. (Prov. 16) porém, não é capaz de por si só seguir o caminho da justiça. (Jerem. 10). Só Deus encaminha os seus passos. (Prov. 16). Se fallas de santidade com o impio, de justiça com o injusto, de força com o fraco, de actividade com o preguiçoso, desconfia, filho meu, dos discursos d'elles, e dos seus conselhos; trata frequentemente com o homem piedoso e temente a Deus, elle te confortará, se vacillas. (Eccles. 37).

A sabedoria e a sciencia dão força e valor. (Prov. 21). Os dictames proprios se fortificam com os conselhos dos outros (Prov. 19). Se tratas com sabios, tu tambem chegarás a ser sabio. (Idem). Foge dos sophistas, que são aborreciveis, porque sempre nos enganam. (Eccles. 37). Não tenhas comunicação com quem não sabe guardar segredo, ou que no seu trato somente aspira a enganar. (Ecc. 27)

Teme o senhor, e acharás um amigo fiel e constante, que será a delicia da tua vida, porque se assemelhará a ti. Se o encontras possuirás um thezouro preferivel ao dinheiro. (Eccles. 6). Porém, filho meu, não o abandones por outro novo, que talvez em nada se pareça com elle. (Idem).

A maior parte dos homens se afadiga em honrar a pessoa do rico e poderoso que despenza favores; porém muito poucos o pobre, que nada tem que dar; os seus irmãos o aborrecem, e os seus amigos se retiram para longe d'elle. (Prov. 19). Entre os que se dizem nossos amigos quasi todos mostram ser no tempo da prosperidade, porém nos abandonam no dia da adversidade. Outros estão mais dispostos a ser nossos inimigos do que amigos. Ha-os tambem indiscretos e de má fé, fomentadores de rixas, de rancores e discordia: verás que alguns somente são amigos de nossa meza; sabe-os distinguir, filho meu, e experimentalmente de depositar nelles a tua confiança. (Ecc. 6).

Um verdadeiro amigo jamais deixa de o ser. (Prov. 17). As desgraças d'aquelle, a quem ama, são para o amigo verdadeiro novo motivo de mais apearar a amizade; aquelle que não se interessa pelo amigo desgraçado, dá signal de que já não teine a Deus. (Job. 16)

O que desejando abandonar o amigo, busca occasião para assim o fazer, qualquer que seja o meio de que se valha, sempre será reprehensivel. (Prov. 18).

O falso amigo, que engana o seu amigo, e cobdiço na fraude diz — Isto era uma brincadeira — é tão mau como aquelle que dispara dardos envenenados. (Prov. 26).

Não promettas inconsideradamente ao teu amigo o que não podes cumprir-lhe; porque a tua promessa indiscreta, e enganosa, te grangeará um inimigo. (Ecc. 20).

Se ficaste por fiador do teu amigo, fica obrigado pela tua propria palavra, e não deves desancanar até teres cumprido o que prometteste. (Prov. 6).

Por comprazer ao amigo, não te faças inimigo de teu proximo. (Ecc. 6) O homem verdadeiramente justo não temerá passar por desgostos, ou soffrer dissabores, quando se trata de servir ao amigo (Prov. 12).

Deposita os teus segredos no seio da amizade; não os reveles aos indifferentes: porque podiam abusar delles e insultar-te. O malvado adula e acaricia o seu amigo; porém com o fim de enganalo e perdulo. (Prov. 25 e 24). Quanto a ti, filho meu, não adules ao teu inimigo; porque as adulações são laços estendidos á amizade. (Prov. 1).

Conti

A. de Serpa

Foi assim, *tout court*, A. de Serpa, que elle assignou o seu volume de *Poesias* em 1851.

Começou por onde os homens de talento comecam em Portugal; por fazer versos.

E' leido paz, imposta pela doçura do nosso clima, pela grandeza de nossas montanhas, pela exuberancia das nossas flores, pela belleza dos nossos rios, por este azul, esta luz, esta gradualidade eterna que sorri a Portugal no ceu e na terra.

Na sua familia, como em quasi todas, se o todas, havia poetas. Sua tia, D. Anna Xavier Sequeira

Serpa, que o pendor da poesia o recebera d'ella por herança.

José Freire, que morrera visconde de Gouvea, foi creador do solai em Portugal.

Elle mesmo o confessa no seu Cancioneiro: « Os solais... especie de poesia, que eu criei, que não são a ballada allemã, nem a chacarra mourisca, nem o romance espanhol, mas que posso chamar portuguezes porque são meus... »

É verdade que já se tinha usado em Portugal o solai no seculo XVI, porque a diz Bernardin Ribeiro: «um cantar á maneira de solai, que era o que nas cousas tristes se acostunava.»

Não ha nada novo debaixo do sol; mas se José Freire não foi, rigorosamente, o creador do solai, foi pelo menos o seu restaurador, que o poz em moda.

Antonio de Serpa sacrificou uma ou outra vez no altar do irmão, como quando escreveu O Pagem, com tudo a sua poesia liberta-se já um pouco dos laços de familia, passa adeante do solai.

É velha hoje? É, e porque ella o era tambem. Sempre nos esquecemos de repor os homens na sua epocha propria, e d'ahi vêm muitas injustiças de apre- ciação.

Mas esse volume de Poesias publicado em 1811 é um marco biographico, que serve para medir a distancia percorrida intellectualmente por Antonio de Serpa até chegar aos seus ultimos trabalhos de analyse sociologica.

É certo que elle loi um espirito progressivo, que assimilou a evolução do tempo e que penetrou, com muita limpidez e serenidade, os problemas sociaes da nossa epocha.

Que eu estou em dizer que a grande força d'esse homem foi a sua mesma fraqueza, a serenidade doce com que tratava os homens e as coisas.

Criou para si mesmo um mundo especial em que vivia, sem affrontar ninguém. Pairava habitualmente na abstracção, entregue a um pensamento, que não era o dos outros. Mas se o chamavam á realidade, não se agastava, sorria. Punha o pé na terra, respondia ao que lhe perguntavam, despedia-se do seu interlocutor com um sorriso cortez, e voltava logo para o mundo abstracto, sem todavia se dar ares de querer ser mais superior do que os outros todos.

Era vel-o na camara dos pares, emquanto os oradores discurravam, recostado na cadeira, a cabeça alta ficanto a luz, a luneta em rodopio na mão direita.

Era vel-o na rua, n'um passinho curto e rapido, sempre com os olhos no chão, de modo que tinham de chamar p'r elle os que desejavam cumprimental-o.

De abstracção em abstracção, escutando ou andando, vivend' n'um alheamento que devia ser-lhe muita agradável e que lhe era habitual, pole dizer-se d'elle que não viveu como os outros e que viveu certamente melhor que todos os outros...

Passaram a proverbio as distracções de Antonio de Serpa, tantas eram, e tão repetidas.

Uma vez, voltando da malnic de S. Carlos, em que se cantára o Slabat Mater de Rossini, entrou no seu quarto, e mettu-se dentro da cama.

Foram chamal-o para o jantar.

— O jantar?! perguntou Antonio de Serpa. Mas então não são horas dormir quando a gente vem do S. Carlos?

De outra vez ia servir-se o jantar, e Antonio Serpa, entretido no seu escriptorio, não dera attenção ao toque da campainha.

Foi um creado bater-lhe á porta.

— O que é?

— Estão todos á espera do sr. conselheiro para jantar.

Antonio de Serpa, abrindo a porta, pergunta com interesse ao criado:

— Mas quem é o sr. conselheiros que vem cá hoje jantar?

O conselheiro era elle proprio.

Precisou um dia levantar-se muito cedo, e para que o criado se não esquecesse de chamal-o, disse-lhe que puzesse uma cadeira sobre a meza de jantar.

— Vendo a cadeira, lembras-te de chamar-me.

Accrdõn primeiro do que o criado, levantou-se, viu a cadeira e, quando o creado appareceu, extranhou-lhe muito admirado.

— Que mania tens tu agora de pôr as cadeiras sobre as mezas?!

Pode dizer-se d'elle que nunca vestiu senão um fato, porque era sempre da mesma cor e feição.

Notava-lhe isso a família, e elle respondia bondosamente:

— Quando agora fór ao alfaiate, não me hei de esquecer de mudar...

Chegava a occasião de mandar fazer fato.

— Perguntava-lhe o alfaiate:

— V. Ex.ª quer escolher?

— Não, sr., quero o costume.

Por occasião das primeiras eleições que se fizeram depois da morte de Fontes, quando ainda o partido regenerador era dirigido por uma commissão de «marcochaes», fez-se a escolha dos candidatos, distribuiram-se os circulos.

Concluido esse trabalho, Antonio de Serpa perguntou de repente ao Sr. Hintze Ribeiro, que já era par do reino:

— V. Exa. fica sem circulo?!

A sua ultima distracção em publico loi no verão passado.

Serpa já não frequentava a camara, mas appareceu um dia em S. Bento levado por um generoso impulso de bondade do coração: era elle que costumava,

uma gratificação aos empregados da sua camara — a dos pares.

Entrou na sala das sessões, onde ainda estavam funcionando os deputados.

E pediu a palavra com receio de perder a occasião.

Esta distracção foi muito commentada nos corredores; contudo, ninguém então suspeitou de que toda a pena de Antonio de Serpa proviesse do desejo de ser agradável a quem sempre costumara sel-o.

A bondade, caracterisada pelas suas acções e palavras, umas e outras sempre serenas, foi n'elle uma virtude que jamais o atraiçooou.

Vou contar um caso acontecido comigo e que bastaria p'r si só a definir um caracter.

Era ministro da justiça o Sr. Julio de Vilhena, a quem pedi que creasse mais um officio de escrivão de direito n'uma comarca do Minho.

Alhancei-lhe que os outros escrivães da comarca estavam de accordo.

— Mas, objecto-me o ministro, é preciso saber o que pensa o juiz de direito.

Fiquei de o saber.

Era juiz d'essa comarca o Dr. C. já fallecido, que fora amigo de infancia de Antonio de Serpa.

Eu não o conhecia e, para aplanar quaesquer difficuldades, pedi a Antonio de Serpa que consultasse elle particularmente o juiz de direito sobre o assumpto.

Antonio de Serpa sorriu, fez volteiar a luneta, e respondeu-me:

— Vou já aqui mesmo escrever-lhe. O juiz é um santo homem, e desde que os outros escrivães se não julgarem prejudicados, creio que não terá duvida em fazer o que se deseja.

Escreveu a carta, e entregou-m'a.

— Muito obrigado, disse eu recebendo-a.

Antonio de Serpa tornou a sorrir, tornou a volteiar a luneta, e respondeu-me:

— Muito obrigado sou eu.

— Como?!

— Sim, explicou elle, muito obrigado sou eu, porque ha cerca de trinta annos que tenho as minhas relações interrompidas, por qualquer cousa politica, com esse amigo de infancia. Muitas vezes tenho pensado em reatar essas antigas relações de amizade, que fazem falta ao meu espirito; mas faltava-me o pretexto. Deu-m'o V., agradeço-lh'o sinceramente.

Dias depois vinha a resposta do juiz, plenamente satisfatoria: li a sua carta, que Antonio de Serpa me mostrou, e que era, em prosa corrente, um commovente hymno de paz e concórdia trocado entre dois amigos de infancia que desejavam reconciliar-se.

Eu restitui a carta pensando:

— Que homens, estes velhos!

Desde esse dia augmentou o meu respeito, que sempre foi em mim uma inclinação espontanea, por todos aquelles que são mais velhos do que eu.

E deitando contas á minha vida chego agora á seguinte conclusão: não conheço todos os novos que estão em evidencia; mas conheço todos os velhos que por algum titulo se evidenciaram.

É v'rdade que muitos d'elles estão já dormindo o somno eterno.

Mas, sequer ao menos, não os tenho deixado partir sem a homenagem, ainda que insignificante, do meu respeito e da minha estima.

É' o que estou fazendo a respeito de Antonio de Serpa.

Lembra-me agora, para acabar, outro facto que testemunha mais uma vez a sua bondade de caracter.

Era Antonio de Serpa ministro da fazenda.

Tinha sido resolvido em conselho demittir Santos Monteiro de director geral das alfandegas.

Antonio de Serpa teve que subordinar-se á opinião conforme dos seus collegas.

Mas, á volta do conselho, depois que entrou em casa, levou toda a noite a passear ao longo de uma sala.

Tinha pela manhã que demittir um velho funcionario.

Fossem quaes fossem os motivos, custava-lhe muito fazel-o.

Tal foi Antonio de Serpa.

As anedoctas que tornariam lendaria a sua abstracção, não as recordaram agora os jornaes, talvez reciosos do amesquinhaarem, se o fizessem, o vulto de Antonio de Serpa.

Eu entendo de outro modo.

Relembrei as, porque me parece que ellas dão claro testemunho de que o espirito d'esse homem illustre, pairando n'uma atmosfera de superior actividade intellectual, onde a bondade é mais pura, viu sempre o mundo de alto, não para cuspir na terra, mas para se aproximar mais do eterno foco de toda a luz, onde agora entrou definitivamente.

ALBERTO PIMENTEL

(de Lisboa).

DINAH

Como a rosa rociada pelo orvalho matinal desabrocha cheta de belleza e frescor; assim como o sol rompendo as nuvens apparece cheio de brilho e magestade, assim nasceu no coração de Luiz o amor por Dinah, a formosa compezoa. E comprehendiram-se durante muito tempo.

Quasi no cume do um pequenino monte erguia-se a pittoresca e rustica casinha onde morava Dinah, que era muito formosa e muito meiga; tinha uns negros

como as petalas dos lyrios, os labios cor de cerebellos negros e anelados, o corpo debil e

Filha de paes pobres, criada ali nos campos de instrucção alguma, não conhecia livros senão a Natuceia, romances e historias de amor nuncas as historias que sabia eram as que a avó contava nas longas noites de inverno, historias principes encantados ou de fadas.

A gentil Dinah não sabia ainda o que era esse sentimento que se as vezes não eleva ás ethereas e da felicidade, outras vezes arroja-n'um desespero terrivel que a avizinha da loucura, amava as flores que com muito afan cultivava no jardiminho proximo á sua casa.

Algumas vezes lá ia ella aos campos e dava a correr e a cantarolar alegremente, e a graça e os cabellos cheios de flores; outras vezes treteria para ella mesma corações de margaridabatis entrelaçados por folhas de hera e collocadas na cabeça lá sendo e brincando beijar a mãe, e guntar lhe se aquella flores a faziam bella.

A boa senhora beijava-a muito e ria-se, mente satisfeita, vendo que sua filha, apesar de era feliz; e ella, a graciosa Dinah, ia chamar panheiras, adornava-lhes os cabellos com flor e ia num bando de meninas travessas como as riinhas correr e brincar pelo campo afora.

No meio destas felicidades, nesta vida desce se achava Dinah quando Luiz a viu pela primeira vez. Como a todos os homens, Dinah viu-o e o indifferente; elle, ao contrario, ficou tão impressionado da belleza e da graça de Dinah que perceber que a acanhava, contemplou-a extasiado durante algum tempo Dinah sentiu a força de olhar que ella evitava; jámais algueira a havia assim.

Alguns dias depois encontram-se á porta da casa, depois da missa Luiz acercou-se della e offereceu-se para acompanhal-a até a casa; Dinah cobriu o tremulo e interiormente jublosa, disse-lhe com singularidade que preferia ir só.

Dias depois, quando Dinah colhia flores no jardim, Luiz que passava então por ali accozado della, tomou-lhe a mão pequenina e levou-a aos labios.

Ao sentir aquelle beijo quente, rapido, D estremeceu, mas não retirou a mão.

Dahi por diante todos os dias elles se encontravam e conversavam muito.

Entretanto Dinah já não era tão alegre e travessa; as flores não lhe pareciam tão bellas e dantes, nem seus perfumes tão delicados; as sentada á porta cosendo, deixava a costura no regaço e, com os olhos fitos além, ali permanecia tempo immenso.

Todos notaram aquella differença, mas não sabiam a causa; o amor roubara-lhe a alegria e o sorriso agora só vivia para pensar em Luiz; tudo o que afastava delle a aborrecia; longe delle era triste melancolica.

Um dia, porém, Luiz acostumado a mudar frequentemente de amores, sem calcular o que se sem avaliar a profundidade do amor de Dinah, aborrecia a por outra.

E agora, na casinha outr'ora tão alegre, triste e solidão; Dinah já não corre no prado, cêra a frente de flores, e a mãe, a pobre velha chora porque vê a filha horas inteiras a fitar o chão, os olhos amortecidos e cheios de lagrimas, aquillo olhos outr'ora tão travessos e alegres, e mal o amor que roubou a calma e a felicidade á sua vida Dinah!

AOEN

7-4-900.

MOLDES



Temos a satisfação de communica- r-nos a vossas gentis assignantes e leitras, apesar de nosso silencio, continuamos com o nosso serviço de moldes tanto para esta cidade e para o interior da Republica. Ha uns bons trinta annos temos nos incumbido desse serviço, confiando-o sempre a pericia de nossas deiras artistas em materia de cortes.

Agora mesmo as senhoras a quem confiamos o trabalho, são das mais abilitadas mestras no assumpto, no qual não temem confronto.

Nunca recebemos reclamações contra o serviço e com ufania podemos assegurar que estamos abilitados a satisfazer a frequencia mais exigente que tenhamos receio de que nos venham dar lições apuro e bom gosto, nem na modicidade de nossos preços.

Para o presente numero offerecemos:

N. 38—Saia.....	15
N. 11—Manga.....	8
N. 15—Manga.....	8

Os recados são recebidos no escriptorio desta bem como, a importancia que deve acompanhal-dido.

Pelo correio mais 100 réis para o primeiro

O Divino Espirito Santo

Quanto sois desejavel e quanto vos desejo, ó Divino Espirito Santo de meu divino Jesus! Sois a Conclusão e a Consumação.

Pondez o sello a todas as coisas: sois a perfeição, a paz de tudo.

E' por ser o Amor, que sois a perfeição; é por ser a união que sois a paz. A união sim, mas uma união tal que ella é a unidade mesma. Quão doce, quão santo sois Vós!

Pôde-se chamar santo o que é puro, simples, inalteravel e fixo. Tal sois Vós e mais ainda; pois o que, na nossa linguagem exprime estas qualidades, não alcança, nem de longe, a sublimidade de vosso Ser. Tudo em vos é Ser e substancia: portanto não sois puro, mas antes sois a Pureza; não sois simples, mas a simplicidade; não Vos louvamos bastante com dizer que sois fixo e immovel: a Fixidez, a Immutabilidade e, por consequente, a Santidade sois Vós.

Oh! vinde, descei, afflui, ficai connosco! Tudo em nos Vos deseja e Vos precisa. E' cousa tão difficil e tão penosa estar em caminho! Pode ser tambem cousa tão perigosa! Conclui em nos a obra divina! O Pai a começou e ha tanto tempo! Está pensando nella desde a eternidade. O Filho por ella tanto trabalhou! Nossa graça, portanto, nossos meritos são obra de seu suor: nossa vida custou-lhe o seu sangue.

E desde tantos annos este suor e este sangue estão regando a terra, correndo sobre minha alma e sobre as de meus irmãos, os christãos! Ponde mão a esta obra, ó divino Espirito Santo; vossa propria mão que é a ultima, e, visto Vós consumardes a vida que é Deus mesmo, consummae tambem esta vida que temos em Deus. E si fôr preciso, para este fim, immolar todas nossas outras vidas, de ordem inferior immolae-as, consumi-as.

A que se pode ainda prender o coração, quando se tem entrevisto e presentido esta vida que é vosso dom, que sois Vós mesmo, ó divino Espirito Santo,

Vós, dado as vossas pobres creaturas? Acabae de assentar os alicerces do templo espiritual e dae-lhe o seu corramento.

Disse Jesus que ha um peccado que se commette contra Vós, o qual é irremissivel (Math. XII); é o peccado definitivo e consumação do mal.

Ora, havendo um peccado que Vos diz respeito, ha de haver, por consequente, uma obra que se attribua especialmente a Vós. Talvez aquelle peccado não seja outra cousa senão a livre negação e a obstinada repulsa que oppõe a esta obra uma creatura cega. Porém, si ha uma obra que seja vossa, esta participa sem duvida de vosso ser; é pois tambem uma obra suprema, arrematada, definitiva.

Querido Espirito Santo, fazei em nós aquella obra, acabae para sempre com as nossas tergiversações, pusillaninidades, desconfianças e mesmo com as nossas vicissitudes. Fixai-nos em Deus por Jesus; sellae nosso baptismo Sede em nós um Sim tão pleno, tão forte, tão victorioso que qualquer Não nos seja de ora avante impossivel!

NINON DE LENCLOS

escarceia d'arroz, que jamais ouso imular-lhe a epiderme. Já passava dos 80 annos e conservava-se joven e bella, attribuindo sempre os seus dons a sua certidão de baptismo que assignava a curulo Tempo, cuja fonte embolava-se sobre sua comadreja physiologica, sem que nunca deixasse o menor frasco. «Minha verdadeindia» viu-se obrigada a fazer o velho falante, como a esposa de Lafontaine dizia das nuas. Este segredo, que a celebre e egoista parisiense confiara quem quer que fosse das passagens aquella época, descobrio-o Dr. Lecoutre entre as folhas de um volume de *L'Histoire anecdotique des quatuors*, de Dussy-Rabutin, que fez parte da bibliotheca de Voltaire e é actualmente propriedade exclusiva da **PARFUMERIE NINON, MAISON LECOUTRE, Rue du 4-Septembre, 37 à Paris.**

Esta casa tem-nos á disposição das nossas elegantes, sob o nome de **VERITABLE EAU DE NINON**, assim como as receitas que d'ella provém, por exemplo, o

DUVET DE NINON

pó de arroz especial e refrigerante;

Le Savon Crème de Ninon

especial para o rosto que limpa perfeitamente a epiderme mais delicada sem alteral-a.

LAIT DE NINON

que dá alvura deslumbrante ao pescoço e aos hombros.

Entre os productos conhecidos e apreciados da **PARFUMERIE NINON** contam-se:

LA POUDRE CAPILLUS

que faz voltar os cabellos brancos á cor natural e existe em 12 cores;

SEVE SOURCILIERE

que augmenta, engrossa e bruno as pestanas e as supercilios, ao mesmo tempo que dá vivacidade ao olhar.

LA PATE ET LA POUDRE MANDORMALE DE NINON

para sinura, alvura brilhante das mãos, etc., etc.

Convem estisar e verificar o nome da casa e o endereço sobre o rotulo para evitar as imitações e falsificações

PARFUMERIE EXOTIQUE
E. SENET
35, Rue du 4-Septembre, 35, PARIS

MÃO DE PAPA de duque, de principe, por meio da **Pâte des Prélats**, que embranquece, alisa, assatina a epiderme, impede e destrói as freiras e os rachas.

UM NARIZ PICADO de pequenas borbulhas ou com cravos torna a recuperar sua branqueza primitiva e suas côres lisas por meio do **Anti-Bolbos**, producto sem igual e muito contrafeito.

CUIDADO COM AS CONTRAFACÇÕES

Para ser bella, encantar todos, olhos deve-se servir da Fleur de Pêche pó de arroz feito com frutos exóticos.

POUCOS CABELLOS

Fazem-se crescer e cerrados empregando-se o **Extrait Capillaire des Benedictins du Mont-Majella**, que tambem impede que caíam e que bipiam brancos.

E. SENET, Administrateur, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

NÃO ARRANQUEM MAIS

os dentes estragados, sim, os arranque-os com o **Elixir dentifrice des Benedictins du Mont-Majella**.

E. SENET, Administrateur, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

Racahout
DELANGRENIER

Alimento Completo

agradavel, leve e facilmente assimilavel

O verdadeiro **RACAHOUT** dos **ARABES** Delangrenier é o

Melhor alimento das Crianças

desde a idade de 7 a 8 mezes, e principalmente no periodo do desmamar.

TAMBEM é recommendado ás mães quando dão de mamar, aos convalescentes, aos anemicos, aos velhos; em resumo, todos os que precisam de fortificantes.

Exigir a marca verdadeira
DELANGRENIER-PARIS

É encontrado em todas as **PHARMACIAS**

CALLIFLORE
FLOR DE BELLEZA
Pós adherentes e invisiveis

Graças ao novo modo porque se empregam estes pós communicam ao rosto uma maravilhosa e delicada belleza e deixam um perfume de exquisita suavidade. Alem dos brancos, de notavel pureza, ha outros de quatro matizes diferentes, Rachel e Rosa, desde o mais pallido até ao mais colorido. Poderá pois, cada pessoa escolher a cor que mais lhe convenha ao rosto.

PATE AGNEL
Amygdalina e Glycerina

Este excellento Cosmetico branquea e amacia a pelle, preserva-a do Cieiro, Irritações e Comichões tornando-a avelludada; pelo que respeita as mãos, dá saldez e transparencia ás unhas.

AGNEL, Fabricante de Perfumes,
16, Avenue de l'Opéra, Paris.

Em suas seis Casas de venda por tudo os balcos mais ricos do Paris.

L'Eglise Catholique á la fin du XIX siècle

ROME

Le chef suprême. L'organisation et l'administration centrale de l'Eglise.

Ouvrage accompagné d'un portrait en couleurs de Léon XIII, de 60 planches hors texte et de 1200 gravures dans le texte.

Un superbe volume grand, in-4° très richement relié.

VENDE-SE NA LIVRARIA

A. LAVIGNASSE FILHO & C.

7, Rua dos Ourives, 7

CASA LOMBAERTS

HOUBIGANT

PERFUMISTA
da **RAINHA d'INGLATERRA** e da **CORTE da RUSSIA**

PARIS

AGUA HOUBIGANT

SEM RIVAL PARA O TOUCADOR

AGUA de TOUCADOR Royal Houbigant.
AGUA de COLONIA Imperiale Russe.

EXTRACTOS PARA LENÇOS: Violetta Idéale, Royal Houbigant, Peau d'Espagne, Moskari, Iris Blanc, Le Parfum Imperial, Moika, Magnét, Gilet Brune, Imperial Russe, Lilas Blanc, Hohlroze Blanc, Fougere Royale, Gloxina, Jasmin d'Espagne, Cuir de Russie, Girofle, Gorydals, Bouton d'Or, Sunrise, Rococo.

SABONETES: Ophelia, Peau d'Espagne, Violetta Idéale, Fougere Royale, Lait de Thibade, Royal Houbigant.

PÓS OPHELIA, Talisman de Belleza.
PÓS PEAU D'ESPAGNE.
LOÇÃO VEGETAL, para os Cabellos.
PÓS ROYAL HOUBIGANT.

PERFUMARIA ESPECIAL MOSKARI



MERCADO DE CAVALLOS NO ORIENTE

Está escripto que «Illustrareis a Jesus.» (Ille me clarificabit.—Jann. XVI, 14).

Illustrar a Jesus é simplesmente mostrar-o tal como é, pois nada podeis ajuntar à gloria d'elle : elle é o esplendor mesmo. Porém, aquelle esplendor que é do Pai e que, em principio, não está fora do Pai ; aquelle esplendor que, por infinita misericordia, digna-se agora brilhar nas nossas trevas. Vós podeis nol-o descobrir ; e, com effeito, por pouca boa vontade que tenha mos, e sobretudo se desejarmos com fervor e o pedirmos com confiança, o doce Espírito Santo, então clarificaes nosso olhar, fortaleceis nossa vista, nos daes como que a evidencia da divindade de Christo e nisso mesmo consiste o «descobrir-o e illustrar-o».

Pois bem, torna-se claro para todos que elle é o Senhor, mas um Senhor absoluto fazei com que em nós nada a Elle resista ; digo pouco : que em nós tudo esteja entre que a Elle, com adoração, com paixão, sem reserva, sem medida.

Mostrae, fazei comprehender e até sentir, a toda alma baptisada ou simplesmente creada, que Elle é o centro universal e o lugar de nosso verdadeiro descanço.

Uni-nos a Elle, soldae nosso ser com o ser d'Elle concentrac-nos no seu Coração. O meu Deus, todo nosso bem, por ventura não consiste nessa união? Ah! ella é o Céu dos céus, e por mais alto que se levante a ambição de uma creatura, essa união não somente a apazigua e satisfaz, como também a adianta muito.

É e justamente por adianta-a que a satisfaz : aquillo que se adaptaria exactamente a nós. E' preciso podermos nos mergulhar e perder no que amamos.

Porém, aquella união que Vós pedimos, querido Espírito Santo, não é nada menos do que uma viva participação à União que sois Vós entre as duas pessoas divinas de quem procedeis. E' pedir muito, deves, mas não é pedir o impossível : pats Aquelle que é a sempre verdade : Jesus, nol-o promettera e agora qualquer cousa que não chegue a este termo, já não apaz de contentar-nos.

O modo pelo qual Jesus está unido em Vós com

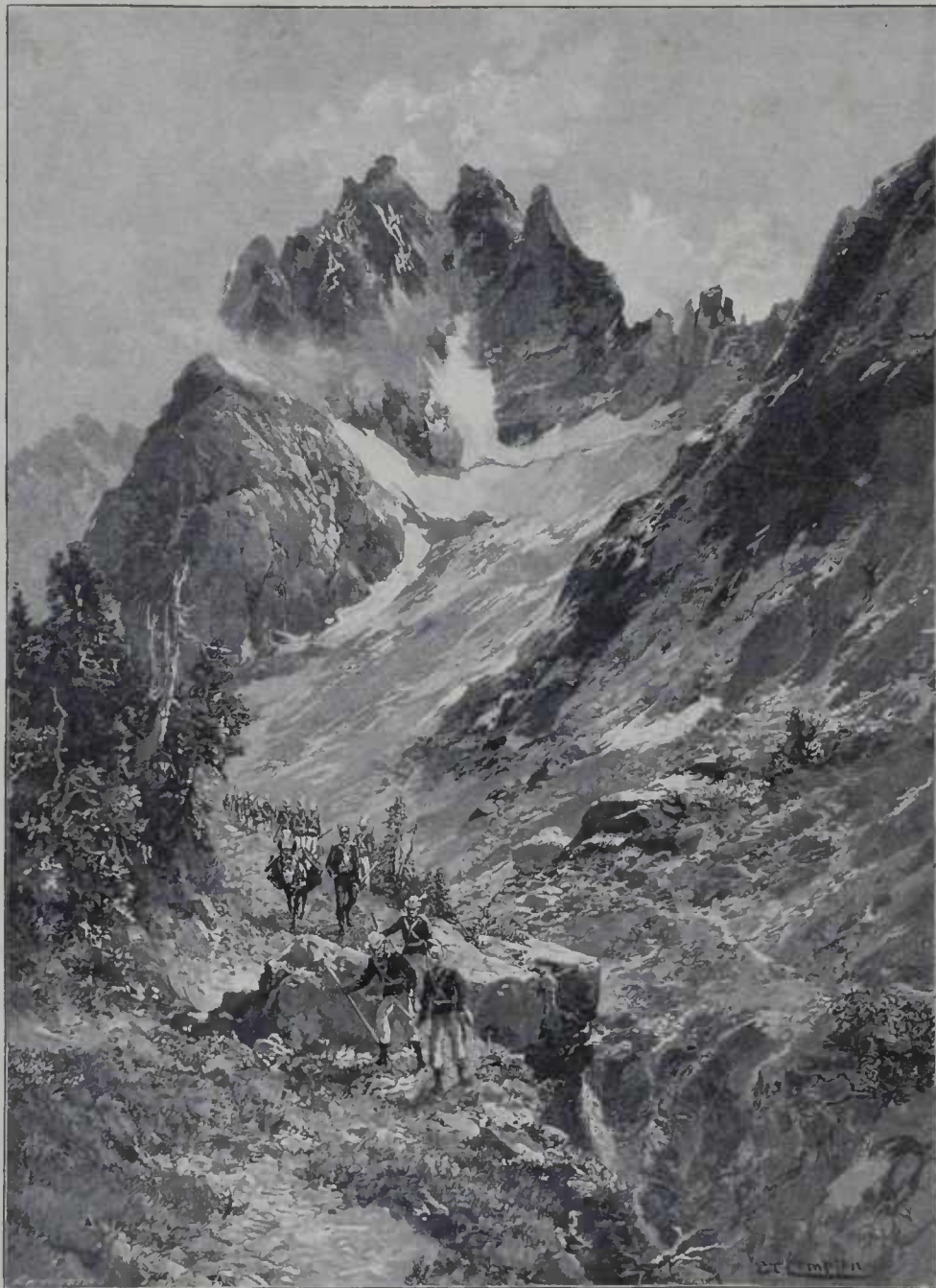
sou Pai, eis o modo pelo qual queremos estar, em Vós, unidos com Jesus. Espírito Santo, Vós sois um *Meu* tal, que, achando-vos entre dois termos, os juntaes, os unis de tal sorte que não existe mais *meu* algum entre elles. Sois o termo e o fructo subsistente da força da atracção que os precipita o Pai e o Filho um para o outro : da força de cohesão que os faz, por amor, adherirem um ao outro ; da força de penetração que, pelo mesmo amor, os faz permane-

obstante, o modo tão suave pelo qual o increado chega-se a nós, aponta-lhe não sei que doçura que nos toca mais do que o mero divino.

Então nos entregamos a Vós, ó Deus Espírito e também a Vós, o Virgem-Mãe, para que nos torneis outros tantos *Jesus*, irrevogavel e eternamente

Porto Alegre, Pentecostes 1.º

PADRE JOSÉ MARTINHO MOREAU.



PASSAGEM DOS ALPINI NOS ALPES DO MAR

cerem um no outro. Sois e abraço ineffavel de ambos. Quanto mais estiverdes entre os dois, tanto mais são *uma* a entidade. Oh! realisaes este mysterio em nós, Daes-nos a Jesus, uni-nos com elle como os membros do nosso corpo estão unidos com a cabeça.

Ora, sabido é que Deus não costuma passar por dois caminhos : a unidade e o primeiro distinctivo de toda operação divina. Jesus nascido outrora em Belem, da Virgem Maria, nasse espiritualmente nas almas sempre pelo intermedio de Maria. Pois, ainda que nenhuma coisa creada possa augmentar a valor do increado e estimular os desejos que inspira, não

Amor-perfeito

Qual d'ellas que mais ostina, entre tantas variedades? Qual d'ellas a mais bonita, mais mimosa, a favorita no teu parecer?

— Saudades.

Mais olha que ellas são muitas e nem todas são iguaes : Tem umas roseas rajadas, outras brancas, arroxadac, a qual preferes?

— Gereas.

Se o meu peito jardim fosse e sem ter saudade alguma, tivesses flores tão bellas, como no ceu ha estrellas, qual preferias?

— Nenhuma.

Que horror, como me responde! Jamais vi frieza assim! Das flores até se esquiva Deixando a mais expressiva!

— Qual?

— Não te esqueças de im Ouve, meiga sensitiva, não te zangues, não te queixes mas em vez d'uma saudade traz no seio, por piedade, um...

— Um que?

— Não me deixes. Do teu gosto não discordo, tenho a mesma opinião : não não preveniste, agora, tu a tens no seio?

— Não.

Pois bem! no jardim floido d'este meu virgineo peito, prefiro entre tantas flores, no jardim dos meus amores o expressivo :

— Amor-perfeito.

ALCONSO PORTO ALEGRE

Manoel Cotta

A s'nhos illustres colegas d'O *Pai* enviamos sinceras condolencias pelo fallecimento do seu diao companheiro coronel Manoel Cotta.

Quem conheceu como nós, o honrado morto, não pode deixar de lastimar profundamente a perda soffrida pela Patria e pela familia.

A Ex. Viuva e aos filhos de Manoel Cotta enviamos igualmente os nossos pezaes.

A. LAUDANSSER FILHO & C.

MYSTICA

Alma! Quem te formou assim tão bem formada? E' misterio talvez para viver estagnada? Santa! Quem te desceu lá do celeste abrigo? Onde a ventura mora e faz tua morada?

Homens vis! Homens erraes! De alma no amor recolhida! Que esta vida affronta como um cruel castigo! Ah! Sentis-a a luz do seu olhar amado! E o tacto de sua mão mima e avelludada! Que te mudou a mim? Comu soeste, pura Qua aspirando viver na maxima ventura. Desejei teu amor e desejei a vida?

De onde veus a trazer os tuinhos rebollos? De milhuma a claria que en leu nos teo albos? Simha fite mulher! Oh! fitea extrema!

L. DE EDMUNDO

Ultima verba

Depois de haver esplendido
 Criado o Universo,
 Ao seu prodigio ultimo
 Quiz dar todo o primor.
 E, p'ra elevalo ao maximo,
 Em sua gloria immerso
 Ficou por longos seculos
 Pensando o Criador.

Em torno d'Elle, innumerous
 Os orbes, povoados
 De portentosos atomos,
 Se movem sem cessar,
 E, em sua rota intermina
 Girando combinados,
 Agradecidos canticos
 Não cessam de entoar.

Mas Deus, que já magnifico
 O homem havia feito
 Quando com o seu halito
 O espirito lhe deu,
 Tornar-lhe quer o espirito
 Ainda mais perfeito
 Para o homem ser, sem duvida,
 O mór prodigio seu.

Fez se homem, de homens victima;
 Pois, bem só praticando,
 Cobrou em paga o calice
 Do fei da ingratição!
 E, ao expirar no Galgotha,
 Sublime exemplo dando,
 Uma virtude angelica
 Legou-lhes no — Perdão! —

VICTOR A. VIEIRA.

O nosso supplemento

Com o presente numero damos as nossas leitoras o terceiro supplemento musical deste anno.

Fica assim estabelecida a continuidade do nosso firme proposito de sermos gentis para com as illustres familias que tão brilhantemente nos amparam com a sua protecção.

Iremos sempre fornecendo mimos que correspondam a delicadeza e bom gosto das nossas gentis patricias.

Nos Tumulos

Lyrios aqui... vejamos: a morada
 Que sob estes cyprestes acha abrigo,
 Não é, por certo, a tenda illuminada
 Que tu sonhavas habitar commigo...

O'alma sem piedade... maltratada
 Porque, após expiar o teu castigo,
 Vieste, em leito de seda amortalhada,
 Buscar a eterna paz deste jazigo?

No marmore gelado da saudade,
 Por mitigar a magoa, que não finda,
 Ajoelho; e emfim, olhando com piedade,
 Meus idéas... mais gelidos ainda!

A pedra que te guarda, ó joia linda,
 Venho aquecer na sua frialdade
 Meus idéas... mais gelidos ainda!

O. DUQUE ESTRADA.

BRAZIL-PORTUGAL

Interessante Revista Quinzenal Illustrada

Numero extraordinario do 4º centenario da descoberta do Brazil, trazendo innumerous dados e linhas gravuradas em referencia á este faustoso acontecimento.

Cada exemplar..... 10\$000
 Pelo correio registrado..... 10\$500
 Assignatura annual tanto para a Capital Federal como para o interior..... 45\$000

CASA LOMBAERTS } Intermediarios dos agentes do
 A. Lavignasse & C. } Rio de Janeiro
 7 Rua dos Ourives 7

RIO DE JANEIRO
 Almanach, edição simples... 1\$500 | Almanach, edição colorida 2\$500
 Pelo correio, registrado... 1\$500 | Pelo correio, registrado... 2\$500

CHRONIQUETA

Rio, 1 de Julho de 1900

O acontecimento do dia é a subida do cambio, que n'uma semana passou de 8 a 14 com grande admiração dos que, como eu, nada pescam dos assumptos financeiros, e mesmo dos que pescam.

Seja como for, esta alta inesperada causou animação geral; diz-se ia que o povo se sente agora aliviado de uma carga que o derrecava e opprimia; reaparecem os sorrisos nos labios, reuascem as esperanças nos corações:

Ja se diz por ali que o governo do Dr. Campos Salles é o melhor que temos tido depois da mudança de regimen, e que o Dr. Murinho é o mais notavel dos ministros da fazenda havidos e por haver.

Entretanto, ha quem veja na propria alta do cambio motivo para metter as botas na administração financeira do paiz, — sim, porque necessariamente não se produz a felicidade do povo sem desagradar a uns tantos miseraveis interessados em que elle sofra, gema e soluçe.

Mas vejam lá que o povo, cansado de soffrer todos os vexames, não faça um bello dia como chinezes...

O Paiz, o grande organ republicano, acaba de ter a prova de que neste mundo o prazer e a dor são simultaneos.

Quasi no mesmo dia, Quintino Bocayuva, foi eleito presidente do Estado do Rio por uma estupenda maioria, e Alanoel Cotta sepultado no cemiterio de S. João Baptista. Gosto e desgosto.

Quem não conheceu o Cotta quem não tratou intimamente com elle, quem não penetrou no seu coração generoso e largo, não calcula que thesouro ali estava, que adoravel creatura levou commigo a morte!

Havia tanta bondade — bondade de coração e de caracter — no paiz, no esposo, no amigo, e no companheiro, que a sua figura não cabe neste artigo-sinhô frivolo.

Conheci-o pobre, lutando com a vida; depois muito rico e perfim outra vez pobre, ainda mais pobre que d'antes, em qualquer dessas phases foi o mesmo homem affectuoso e jovial, eternamente, e honesto.

Deixou oito filhos, quatro de cada sexo, — oito filhos que guardarão com orgulho a lembrança do mais carinhoso, do mais digno dos paes.

Falleceu tambem o velho official de manufatura...

mado Orozimbo Moniz Barreto, «o tio Oró» como lhe chamavam os rapazes.

Esse teve uma existencia accidentada do marinho, homem de salão, jornalista, banqueiro, industrial, etc.

Foi um grande bohemio, amigo do jogo e das mulheres bonitas mas sem sacrificar a nenhuma das tentações que o arrastavam a sua linha do cavalheiro bem nascido e bem educado.

Em Paris, foi amigo intimo de Méry e outros grandes escriptores do bom tempo; não é preciso dizer mais nada para contornar a sua silhouette de homem distincto.

★

Neste periodico de senhoras seria para lastimar que o chronista se esquecesse de fazer uma referencia, embora ligeira, ao fallecimento da encantadora moça fluminense D. Elvira Grano, tão admirada não só pela sua belleza como pelo seu talento musical.

Foi um anjo que o ceo disputou á terra.

ELOY O HERÓI.

THEATROS

Rio, 10 de Julho de 1900.

Depois do *Fiscal dos angos-leitos* de Bisson, e da *Martyr*, de D'Innery, a companhia portugueza da Lucinda deu-nos outra comedia de D. João da Camara, *Triste menina*, que é, como os *filhos*, um primor de litteratura dramatica, tres actos de um encanto inexecvel, de uma poesia subtil e penetrante.

O desempenho não foi tão bom como o dos *Velhos*; por isso, talvez, a peça produziu um effeito menos intenso que a outra.

Não ha duvida que D. João da Camara é o primeiro dramaturgo portuguez, e merece a manifestação de apreço que lhe fizeram os homens de letras desta capital.

A companhia Lucinda Simões e Christiano de Souza deu-nos a *Consciencia dos filhos*, comedia em 4 actos de Gaston Devore, traduzida pelo nosso collega Arthur Azevedo.

A peça, que defende brilhantemente a autoridade paterna, foi muito bem representada, e provocou alguma discussão na imprensa; infelizmente, porém, as representações foram interrompidas pelo inesperado desligamento de duas artistas da companhia, e só mais tarde a *Consciencia dos filhos* voltará a scena.

O actor Chaby, que até agora só tem tido monologos para mostrar o seu merecimento artistico, interpretou com talento o papel de Cavelin, magistrado austero e inflexivel, que sacrifica a felicidade dos filhos á honra na familia.

A companhia Taveira apanhou um successo com o *Relogio Magico*, opereta-phantastica de Eduardo Garrido, musica de Cyriaco de Cardoso.

A peça tem todos os matadores do genero, e está muito bem posta em scena. O libreto é muito espirituoso e a musica bonita e saltitante.

A actriz Pepa Ruiz, ultimamente chegada da Europa, está organisando para o Recreio uma companhia cujos trabalhos serão inaugurados com a *Fragm de Susette*, peça de grande espectáculo, que agradou muito em Paris e Lisboa.

X. Y. Z.

Reconstituinte geral do Systema nervoso, Neurasthenia.

NEUROSINE PRUNIER

NEUROSINE-KAPOE — NEUROSINE GRANULADA
NEUROSINE-CAPSULAS

Debilidade geral,
Anemia Phosphaturia,
Enxequacas.

Deposito Geral:
CHASSAING & Co, Paris, 6, Avenue Victoria.

Prisão de Ventre

Agradavel ao paladar 1 a 2 colheres, mesmo das crianças. liquido das de chá, ao jantar ou ao deitar-se.

Pharmacia, 19, Rue des Mathurins, PARIS.

HEMORRHAGIAS — HEMORRHOIDAS — VARIZES
PHLEBITES — VARICOCELES — METHITES
FIBROMAS — CONGESTÕES

Tônico e Sedativo vascular.

Cura rapida por

HAMAMELINA ROYA

Principio activo aromatico da Hamamells Virginia
Especifico das Congestões, Dilatações, Inflammações venozas.

3 a 4 colheres, das de sopa, por dia.

Inocuidade absoluta seja qual for a dose.

PHARMACIA LACHARTRE, 19, Rue des Mathurins, Paris.

PHENOL-BOBCEUF

O MAIS ENERGICO
e o menos perigoso dos antisepticos

PHENOL-BOBCEUF PERFUMADO
Hygiene do Tocador

SAVÃO BOBCEUF
Antiseptia da Pelle.

AGUA DENTIFRICIA BOBCEUF
Antiseptia da Bocca.

DEUS

Continuação

Tem valor para dizer a verdade: o homem valeroso, que a diz, tarde ou cedo, consegue a graça d'aquelle a quem corrige, e este o amará muito mais do que ao adulator, que o vendia; pois conhece que é melhor soffrer as reprehensões do homem sabio do que ser victima das adulações do lisongeiro (Prov. 28), que somente nos falla com expressões doces e agradáveis para conspirar melhor contra nós, e fazer-nos com mais segurança alvo dos negros desígnios, que machina no seu coração: para o sabio não ha cousa mais aborrecivel e detestavel (Eccles. 27).

Do modo que a prata e o ouro são provados na fornalha, assim o homem é provado pela bocca do que o louva.

O coração do iniquo busca o mal, e o coração recto procura a sciencia (Prov. 27).

Não dissimules os teus defeitos; porque de outro modo não te poderás aproveitar de conselho algum, nem jámais te emendarás, quando pelo contrario, se o confessas poderás chegar a ser sabio (Prov. 28). Abste-te contudo dos louvores proprios, deixa esse cuidado aos outros (Prov. 27).

Põe á tua ambição os limites que dicta a prudencia (Prov. 25). Não accumules thesouros sobre thesouros; a ferrugem consome os metaes, e os ladrões estão dispostos a roubar os. Thesoura para o céu, e as riquezas que adquirires serão inalteráveis e eternas (S. Math. 6).

Infeliz d'aquelle que accumula riquezas para com ellas levantar-se sobre os outros (Abac: 2).

Possue, filbos meus, a sabedoria e a prudencia, que são preferíveis ao ouro (Prov. 16). O ouro é inutil para a nossa felicidade, e não se pôde comparar com a saúde do corpo, nem com a alegria da alma (Ecc. 30).

Os avarentos nunca se fariam de dinheiro; mas de que lhes serve estar pensando n'elle a todas as horas? O ouro causa a infelicidade do avarento, que vive em cuidados e afflicções, morre na tristeza, e deixa um filho dissipador, que com o tempo se verá na maior indigencia (Ecc. 5). Quando o justo vivendo parcamente deixará filhos ditosos (Prov. 10).

Ob vaidade das mais estranhas vaidades! Veem se homens sem descendencia, e ás vezes sem parentella, que não cessam de adquirir riquezas, tornando-se cada dia mais cubiçosos (Eccles. 4), sem saber para quem as accumulam (Psal. 38) e que nunca perguntam a si mesmos: — A que fins tanta cubiça? (Eccles. 4).

As riquezas não nos acompanham á sepultura (Psal. 38). Nus nascemos e nus morremos (Ecc. 48). Morto o homem o seu corpo serve de pasto aos bichos (Ecc. 10).

A podridão é o seu pae, e os vermes sua mãe e irmãs (Job. 17) Ah! para que tão inúteis trabalhos e afflicções? (Ecc. 5).

Bemaventurado o rico cuja alma pura não se deixou ir após do ouro, nem esperou no dinheiro e nos thesouros! Havendo obrado cousas maravilhosas e dignas de todo lovvor, e havendo-o provado o Senhor nas suas riquezas, foi achiado perfeito. Elle pôde fazer mal, e não o fez (Ecc. 31).

Elle espalhou com liberalidade os seus bens sobre os pobres: a sua justiça permanece por todos os seculos: o seu poder será exaltado e cumulado de glórias (Psal. 110).

O justo é rico, ainda que possua poucos bens, e pobre ainda que abunde em riquezas (Prov. 13). Destracta com alegria o fructo do seu trabalho, e nenhum acontecimento funesto turba o seu pacífico sonno (Ecc. 5).

Uma mediana fortuna com temor de Deus e o amor da justiça é preferível a grandes thesouros; porque estes fazem o homem insaciavel (Prov. 15).

A verdadeira riqueza consiste em ajuntar muita piedade aos poucos bens, de que necessitamos para comer e vestir (Epit. Timot. 6). Para que adquirir thesouros se com elles não se pôde comprar a sabedoria? (Prov. 17).

O que se dá pressa em enriquecer-se não pôde ser innocente (Prov. 28), e o que se enriquece pelo

caminho da fraude, é injusto e Insensate; bem cedo calhrá nos laços da morte (Prov. 21).

Aquelle, que se fez rico por meios illicitos, em vão diz: *Eu não devo nada a ninguém*; mas elle vive eternamente devedor (Prov. 13). O que para enriquecer-se opprime o pobre, e o calumnia, bem depressa ficará despojado (Prov. 21).

As riquezas repentinamente adquiridas mingoam e desaparecem: as que são fructos de dilatado trabalho vão continuamente em augmento (Prov. 13).

Não ha coisa mais peccaminosa do que a avareza; o amor ao dinheiro faz as almas venaes (Ecc. 10); e é origem de todos os males. Os que se ufanam por ser ricos, se expõem ás tentações e se entregam a vãos e criminosos desejos, que os fazem perder a fé, e os arrastam para a sua perdição. Evita, filho meu, as funestas consequencias da cubiça; segue a justiça, a piedade, a fé e a caridade, a paciencia, affabilidade, e chegarás á bemaventurança eterna, que é a verdadeira vocação (Epist. a Timot. 6).

Busca os conselhos dos homens sabios: bemdize em todo o tempo ao Senhor e pede-lhe que te dirija todas as tuas acções; posto que pobre serás rico se tens o temor de Deus e a tua alma está innocente. (Job. 4).

Cuida da tua reputação e de ter bom nome, que é preferível ás riquezas. (Prov. 22). Os teus thesouros perecerão, mas a boa reputação te sobreviverá. (Ecc. 4). O rico é semelhante á flor do campo, que desaparece tão promptamente como ella. Porque se ao sahir com ardor o sol, a herba logo se secca, e a flor cahe, e perde a gala da sua belleza, assim tambem se murchará o rico nos seus caminhos. (Epist. de S. Jacob 1). Pede a Deus, filho meu, que não te conceda riqueza, e que te livre da pobreza; porque o rico se faz duro e insolente, e o pobre se emmudece, e murmura. (Prov. 30).

Não trabalhes para te enriquecer; mas sim para proporcionar-te os meios de socorrer ás tuas necessidades. (Epist. aos Ephes. 3). Trabalha, porque o homem nasceu para o trabalho, bem como o passaro para voar; (Job. 1) e porque a ociosidade é a mestra de todos os vicios. (Ecc. 3). Não te desdenhes do trabalho do campo, porque o creador o prescreveu ao homem. (Ecc. 7).

A robustez acompanhada de actividade, conduz para a abundancia e a preguiça leva para a miseria. As almas effeminadas carecem de tudo, e o homem, que trabalha com frouidão, ou sem ordem, é semelhante ao dissipador. (Prov. 13).

O preguiçoso recusa trabalho no inverno com medo do frio, elle se verá precisado a mendigar no verão; mas ninguém o socorrerá. O medo acobarda o preguiçoso que continuamente diz: — Está no caminho um leão e o lobo na passagem; — sempre está com os braços cruzados, e muito lhe custa levantar-se; estendido á larga na sua cama, não tem mais movimento do que o de uma porta sobre seus gonzos; os desejos o matam, e não produzem obra alguma, nem servem senão para excitar nelle novos desejos, que em vão elle forma todos os dias; quer, e não quer. O homem justo e laborioso, enquanto que o preguiçoso delibera, aproveita-se da sua propria actividade, trata dos seus negocios e não socega sem que os tenha levado ao fim. (Prov. 13, 18, 20, 21, 22, 26).

Toma o exemplo da formiga, observa a sua conducta, olha como recolhe no verão o alimento, que necessita para o inverno. Filho meu, se a preguiça entorpece tua alma, e te tem na inacção, de repente te assaltará a necessidade e a miseria; quando pelo contrario fores activo e cuidadoso, serão os teus campos um manancial inexgotavel de abundancia, e a miseria e a necessidade fugirão dos teus umbraes. (Prov. 6).

Não digas no teu coração: — Não ha Providencia. O Ceu irritado poderá destruir todas as tuas obras. Não digas: — *Eu tenho bastante de que viver* — porque nada te aproveitará isso no dia da vingança. Não te deixes na tua fortaleza apoz dos maus desejos do teu coração e não digas: — *Que poder não tem sido o meu? ou quem poderá sugerir-me a dar-lha conta das minhas acções?* Porque Deus certamente se vingará dellas. [Não digas: — *Eu pequei e que mal me virá d'ahi?* — Porquê o Altissimo, ainda que soffrido, é justiceiro. Não es,

tejas sem temor da offensa, que te foi remetida, e não ajuntes peccado sobre peccado.

Não digas — *a misericordia do Senhor é grande, elle se compadecerá da multidão dos meus peccados* — porque a misericordia e a ira estão na sua Essencia muito perto uma da outra, e elle olha para os peccadores na sua ira. Não tardes, filho meu, a te converter para o Senhor e não o demores de dia em dia; porque virá de improviso a sua ira, e no tempo da vingança te perderá. (Ecc. 5).

Usa dos bens que te deu o Ceu, porém prevê os males. (Ecc. 7) e se te succeder algum, leva-o com paciencia e resignação. A submissão e o amor nasces da sabedoria, e a paciencia é superior á força; pela paciencia se conhece o bomem: por ella, filho meu, consolidarás a paz de tua alma, possuirás todos os seus bens e terás a gloria de elevar-te sobre a iniquidade. O impaciente mostra fraqueza, loucura, e experimenta uma desgraça, que bem depressa trará a poiz de si outras maiores. (Prov. 6, 14, 15).

De que serve ao homem ter muito talento se ignora como deve conduzir-se em uma vida, que para elle como uma sombra fugitiva? (Ecc. 7)

Muito mais aproveita ao homem entrar na casa da consternação e do pranto, do que na do priver e alegria: n'aquelle acha lições muito importantes para a vida presente, e para a eternidade. (Ecc. 7)

Não te glories do que está para vir; porque ignora o que o tempo te prepara. (Prov. 27)

(Continúa)

Ignota magua

Podes trazer dos arcanos do oriente
No ceruleo regaço das marés
E vir depôr-me enamorado aos pés
A offrenda raro, o exotico presente;

Desvendar-me segredos que atravez
De teu seio o escaphandro não presente
E os sonhos me embalar eternamente
Com teus hymnos de amor. Mas — por quem és,

O' mar! — quando na phase prelunica
D'alma, passeares tua dôr sem véu
Nas solidões, á minha nivea tunica

De virgem pura o lurido trophéo
Da morte não arrojes, com a unica
Vela perdida que zombou do ceu!

CANDIDA FORTES.

O LUIZ DE OURO

1

Quando Luciano de Hem viu a sua ultima nota de cem francos arrebatada pela pá do banqueiro, levantou-se de mesa da roleta, onde acabava de perder os restos da sua pequena fortuna, que tinha reunido para aquella suprema batalha, e sentiu uma vertigem, parecendo-lhe que ia cahir no meio do chão.

Com o espirito confuso e as pernas tremulas foi lançar-se sobre o largo banco farrado de couro que circundava a mesa de jogo.

Durante alguns minutos olhou vagamente em roda da sala, em que desperdiçara os mais bellos sonhos da sua mocidade; reconheceu as cabeças desorientadas dos jogadores, alumiados eramente pelos tres grandes *abat-jours*; escutou o ligeiro ruido do ouro sobre o panno verde; pensou que estava arruinado, perdido inteiramente, recordou-se que tinha em casa, na gaveta da commoda, as pistolas de que seu pae, o general de Hem, então simples tenente, se tinha tão bem servido no ataque de Zaatch, e depois, moído de cansaço, adormeceu profundamente.

II

Quando acordou, com a bocca pegajosa viu por um olhar lançado ao religio, que tinha dormido apenas meia hora, e sentiu uma necessidade imperiosa de respirar o ar pura da noite. Os ponteiros marcavam no mostrador meia-noite menos um quarto.

Ao mesmo tempo que se levantava e estendia os braços, Luciano lembrou-se então de que era vespera do dia de Natal, e por uma ironia da memoria, tornou a ver-se de repente no tempo em que era criança e punha os sapatos na chaminé antes de se deitar.

Nesse momento o velo Dronski, um continuo da casa de jogo, classico polaco com o bigode todo rapado, approximou-se de Luciano e murmurou em voz supplicante:

— Póde emprestar me cinco francos?... Ha dois dias que eu não saio daqui e o *desesele* ainda não sahio... O Sr. póde ir-se de mim, se quiser, mas eu quero que me cõrtem o pescoco se esse numero não sahír daqui a pouco, quand der meia-noite!

Luciano de Hem encolheu os hombros. Não tinha sequer na alforjeira com que pagar a gorgeta usual ao continuo da casa.

Dirigiu-se á ante camara, por o chapéo, enfiou o paletot guarnecido de laças pellicas e desceu a escada com a agilidade das pessoas que têm lebre.

Havia quatro horas que Luciano tinha entrado naquella casa, a neve cahia com abundancia, e a rua—uma das do centro de Paris, muito altas—estava toda barrea, como um lençol inuito comprido.

No ceo tranquillo de um azul escuro e frio scintillavam as estrelas.

O jogador sentiu um arrepio percorrer-lhe o corpo, apesar das suas pellicas, e poz-se a andar com o espirito cheio de ideas desaperadas e pensando, mais do que nunca, na caixa das pistolas que o esperava na gaveta da sua commoda; mas, depois de ter dado alguns passos, parou bruscamente.

Sobre um banco de pedra, collocado, segundo o costume de outros tempos, junto da porta monumental de um palacio, estava sentada uma pequena de seis u sete annos, tendo por unico vestuario, alem da camisa velha e rota, uma saia toda esfarrajada.

Alí tinha adormecido apezar do frio cruel, numa attitude lastimosa de fadiga, e prostração, e a sua cabecinha loura e o hombro delicado estavam como que tombados sobre um angulo da parede, inertes como o ramo esgalhado de uma arvore repousando sobre a pedra dura e gelada.

Uma das chinellas da creança tinha-lhe escorregado de pé, que pendia para o chão, destacando-se muito branco e magro, sobre a pedra negra.

Com um gesto machinal Luciano Hem levou a mão ao bolso, mas lembrou-se que um momento antes dell'ara a cotrer da casa de jogo por não ter com *sons* para dar ao continuo; depois, impellido por um instinctivo sentimento de piedade, approximou-se da pobre creança, e ia talvez pegar nella ao collo e levá-la para sua casa, dando-lhe ao menos um asylo, já que lhe não podia dar mais nada, nessa noite de festa para as creanças, em que se celebra o anniversario do Deus Menino, quando na chinella cahida sobre a neve viu brilhar o que quer que fosse.

inclinou-se: era um luz de ouro.

III

Alguna pessoa caridosa, uma mulher sem duvida passara por ali, pouco tempo antes, vira aquella chinella junto da creança adormecida, e lembrando-se da tocante lenda christã, tinha-lhe deixado, discretamente, aquella magnifica esmola, para que a pobre abandonada acreditasse ainda n's presentes feitos pelo Menino Jesus, e conservasse, apesar da sua desgraça, alguma fé, alguma esperança na bondade da Providencia.

Em luz! Eram muitos dias de repouso e de riqueza para a pequena mendiga Luciano! Ia acordá-la para mostrar a sua fortuna, quando ouviu como que n'uma allucinação uma voz murmurar-lhe ao ouvido—a voz do velho polaco, com o seu accento arrastado—as palavras, que já ouvira uma vez.

— Ha dois dias que eu não saio daqui e o *desesele* ainda não sahio... en quero que me cõrtem o pescoco se esse numero não sahír daqui a pouco, quando der meia-noite!...

Então, aquelle manco de vinte e tres annos, que descendia de uma raça de homens honrados, que usava um soberbo nome militar e que nunca faltara a um dever de honra, teve uma idea horrivel; foi accommettido, de um desejo louco, monstruoso; tendo verificado, com um olhar, que estava so na rua, abaixou-se e com a mão tremula roubou o luz da chinella da creança.

Depois deitando a correr quanto podia, voltou á casa de jogo, subio as escadas aos saltos, empurrou com um murro a porta forrada da sala maldita, e ao mesmo tempo que o relógio batia a primeira pancada da meia noite, poz a moeda de ouro sobre o panno verde da mesa, bradando:

— «No *desesele*!

O *desesele* ganhou.

Com um gesto Luciano poz os trinta e seis luizes sobre a *vermelha*.

A *vermelha* ganhou.

Deixou os 72 sobre a mesma cor; a *vermelha* tornou a sahír.

Dobrou a parada ainda duas vezes, trez, sempre com o mesmo successo.

Tinha agora diante d'elle um monte de ouro e de notas. E continuava sempre jogando como um louco, com *permei*, á *toia*, á *zezena*, á *colunista*, e o numero, todas as combinações lhe davam o mesmo successo: ganhava sempre. Era uma sorte inaudita, sobrenatural. Dirse-hia que a pequena hola de marfim, saltando nas casas da roleta, estava magnetizada fascinada pelo o hor d'aquelle jogador e lhe obedecia cegamente. Elle recuperara já as miseraveis notas de mil franco,—o seu ultimo recurso—que tinha perdido no começo da noite.

Agora, jogando aos duzentos e aos trezentos luizes de cada vez e ajudado por aquella sorte phantastica, la dentro em pouco ganhou outra vez o capital herdado, que esbanjára em tão poucos annos, ia reconstituir a sua fortuna.

Com a pressa com que entrara na sala de jogo não despira o sobretudo; já lhe tinha enchido os bolsos de maços de notas e de rolos de moedas de ouro, e não sabendo já onde havia de guardá-lo ganhou, ia entulhando de papel e de dinheiro os bolsos interiores e exteriores do casaco, collete e das calças, a charuteira o lenço, tudo o que podia servir de receptivo.

E continuava a jogar e ganhava sempre, como um furioso, como um elrio e lançava aos punhalos os luizes sobre o *quatro*, ao acaso, com um gesto de certeza e de desden! No entanto, sentia como que um ferro em brasa sobre o coração e não pensava senão na pequena mendiga adormecida sobre a neve, na creança a quem elle tinha roubado.

—Mas ella ainda lá está no mesmo sitio?... Com certeza, deve lá estar ainda! Daqui a pouco, em dando uma hora... juro-o!... sahírei daqui... irei buscá-la... e levá-la-hei ao collo para minha casa... E hei de educá-la... e dotá-la-hei como minha filha, sempre, sempre!...

IV

Mas o relógio deu uma; e depois um quarto, e meia, e tres quartos...

E Luciano continuava sempre sentado á mesa infernal.

Enfim alguns minutos antes das duas horas, o banqueiro levantou-se bruscamente e disse em voz alta:

—Meus senhores, a banca foi á gloria! Hoje não se joga mais.

De um pulo, Luciano poz-se em pé. Afastando brutalmente os jogadores que o rodeavam e o cumpriam pela sua sorte com uma admiração invejosa, partiu violentamente, desceu as escadas de capruz e correu até ao banco de pedra. De longe, ao clarão de um bico de gaz, avistou a pequenita, e exclamou com um jubilo profundo de quem se sente aliviado de um peso immenso:

—Graças a Deus! ella ainda lá está!...

Approximou-se da creança e pegou-lhe na mão.

—Oh! como ella está fria... Coitadinha!

E apertou a contra o peito para a aquecer e, apossado de uma vaga inquietação, quiz, para a acordar daquelle somno pesado, beijá-la nos olhos, como fazia n'outros tempos á sua mais querida amante.

Mas então viu, com terror que as palpebras da creança estavam entreabertas e deia vám entrever as pupillas vitreas, amortecidas, immoveis.

Com o cerebro atravessado por uma suspeita horrivel, Luciano collou a bocca á da pobre pequena; estava morta!

Emquanto com o luz de ouro que elle lhe roubára, ganhava ao jogo uma fortuna, a creança abandonada morrera de frio!

V

...Com a garganta oppressa por uma angustia medonha Luciano quiz dar um grito, e com o esforço que fez accordou do seu pesadelo no banco de jogo, onde adormecera um pouco antes de meia noite e onde o continuo, indo deitar-se ás cinco horas da manhã, o tinha deixado tranquillo por consideração para com o pobre rapaz.

Uma noventa madrugada de Dezembro fazia empalidecer os vidros das janellas.

Luciano sahio, poz o relógio no *braco*, tomou um banho almoçou e foi alistar-se como voluntario no 10 regimento de caçadores da Africa.

Hoje Luciano é tenente; não tem mais que o seu soldo para viver; mas chega-lhe porque é um official muito arranjado, e nunca mais tornou a jogar.

Parce até que ainda acha meio de fazer as suas economias, porque ha dias, em Alger, um dos seus camaradas, que o seguia a alguns passos de distancia, numa rua da Kasba, viu-o dar uma esmola a uma hespanholita, adormecida a uma porta e teve a indiscreção de ver quanto Luciano dera á pequena mendiga.

O curi so ficou muito surprehendido da generosidade do pobre tenente.

Luciano de Hem tinha posto na mão da pequenita um luz de ouro.

FRANÇOIS COPPÉE

Vaidosa

Não comprehendeste o que eu de ti queria!

E's mulher, és formosa, és requestada;

Por isso do amor proprio a myopia

Não te deixou o espirito ver nada.

Não entendeste em tudo que eu fazia

Senão aquillo que á vaidade agrada,

E para o que incutir-te eu pretendia

Tinhas a vista da razão velada!

Lastimo-te a cegueira, e não lamento

O esforço e o tempo que empreguei contigo

Para te esclarecer o entendimento,

Pois sei bem, que, a despeito do que digo,

Teu espirito algum adiantamento

Colheu da sua relação conmigo.

VITOR A. VIEIRA.

Mosaico

Doas mascaras igualmente feias e tristes:
A falsa alegria do merito injusto preterido.
A falsa tristeza do homem prospero que não quer dar armas á inveja.

Annuncia alguém ao egolsta Z, a morte de um amigo.
— Ah! exclama elle, coitado!... que pena que isso me faz... Elle gostava tanto de mim!

Certo octogenario, enfermo ha bastante tempo, queixa-se ao seu medico de elle não conseguir melhorar o seu estado de saude.

— Que quer o meu amigo? respondeu o Esculapio com bohemia. A culpa não é minha. A culpa é dos invernos.

Eu não posso rejuvenescer...
— O' doutor, eu não peço tanto. Eu só peço para envelhecer muito tempo ainda.

— Porque é que d. Joaquina, apesar de tão velha gosta tanto de andar cheia de perfumes?
— E' porque trato de embalsamar-se em vida.

Annuncio original e authentico:
«Traspassa-se por motivo de molestia uma casa de saude.»

Em um apertão:
Um sujeito colloca involuntariamente o pé sobre a cauda do vestido de uma senhora. Esta volta-se purpura de indignação:
— Veja onde põe os pés, seu grande desgraçado.
— Minha senhora, responde este inclinando-se, creia que lastimo sinceramente... não o ter feito de proposito.

Bebé:
— Osr. é que se chama cacete?
— Não. Porque?
— Porque quando o papae o vê approximar-se diz:
— Lá vem o cacete!

Um capitalista entra em um armazem para pagar uma conta insignificante.
Oh! commendador! diz o outro, não havia tanta pressa...
— Olhe que eu podia fugir para o estrangeiro!
— Qual! v. s. não era capaz de fazer isso por tão pouca cousa!

De longe

(A CESAR MONTEIRO)

Minha amizade e todo o meu enlevo,
O carinhoso affecto que mereces,
Vão resumidos, — pois não me appareces —
N'estas singelas linhas que te escrevo.

Perdôa, amor, se, insolito me atrevo
A perguntar-te assim: porque te esqueces
Dos meus carinhos e das minhas preces,
Da gratidão immensa que te devo?

Mas é que vejo o teu logar deserto,
Meu coração vasto, tempo aberto,
Silencio, mergulhado em treva?...
E na minh'alma timida, abatida,
O destino tyranno — a dextra erguida,
O grande abute da saudade cega!

(Dos *Escumbros*).

J. NETTO.

MOLDES



Temos a satisfação de communicar ás nossas gentis assignantes e leitoras apezar de nosso silencio, continua com o nosso serviço de moldes tanto Estação, como de qualquer outro jo para esta cidade e para o interior da Republica. Ha uns bons trinta annos temos nos incur desse serviço, confiando o sempre a pericia de v deiras artistas em materia de cortes.

Agora mesmo as senhoras a quem confiamos trabalho, são das mais abilitadas mestras no as pto, no qual não temem confronto.

Nunca recebemos reclamações contra o serviço de casa e com ufania podemos assegurar que estamos abilitados a satisfazer a freguezia mais exigente, que tenhamos receio de que nos venham dar lições apuro e bom gosto, nem na modicidade de nossos ços.

Para o presente numero offerecemos:
N. 30—Saia..... 180
N. 18—Bolero..... 185

Os recados são recebidos no escriptorio desta bem como, a importancia que deve acompanhar dido.

Pelo correio mais 300 réis para o primeiro e réis de mais para os que se seguirem.

O ultimo beijo

O menino estava irremediavelmente perdido! Ficava-lhe, despercebido, um derramamento pleurítico. Tíhamos consultado todas as sumidades da medicina; mandáramos vir, sabe Deus com que sacrificios, um medico de Madrid, do qual se contavam verdadeiros milagres; fizeram-se conferencias sobre conferencias; uns receitavam causticos, outros aconselhavam a punção e a criança, cansada de tantas reviravoltas que lhe davam ao emmagrecido corpo para a auscultarem, não tirava os olhos dos medicos, que discutiam com a emphase e indifferença dos doutos procurando adivinhar-lhes, nos olhos as torturas que aquelles malvados ainda lhes preparavam!

Vingara, por maioria, a idea de lhe applicar mais um caustico n'aquelle corpinho branco como alabastro, mas já largamente marmoreado pelas cicatrizes de outros que havia levado.

Quando eu mesmo lhe fui applicar o caustico, o menino deitou-me os bracinhos em volta do pescoço e pediu-me com as lagrimas nos olhos que não lhe fizesse mais no corpo aquella coisa que lhe doia tanto e eu, que levára a imbecilidade até o ponto de acreditar na sciencia medica, procurei convencer-o da necessidade de mais aquelle sacrificio para sua inteira cura, para que elle podesse correr outra vez ao quintal e pagar a visita aos seus passarinhos, que já se

haviam familiarizado tanto com elle, que lhe vinham ao quarto comer nas mãos as migalhas dos biscoitos que elle lhes dava!

E como a convicção de ser a ultima atenua sempre um tanto a desgraça presente, ahancei-lhe sobre palavra de honra, que aquelle caustico seria o ultimo, definitivamente o ultimo.

O menino mergulhou nos meus os seus olhos profundos, meigos, prescruadores; viu no meu olhar a expressão da mais absoluta e inteira verdade e, com as lagrimas de resignação, afastou o lençol com as proprias mãosinhas, levantou a camisinha e offereceu-me, como em holocausto, o magro corpo a mais aquelle supplicio!

Sua mãe, que havia onze noites não se mettia na cama, ajudava-me n'aquelle tortura inquisitorial, sem uma lagrima nos olhos, que, para aquellas cruciantes provações de coração materno, já não havia olhos que chorassem!

Toda a tarde a criança passou agitadaissima; o pulso faltava-lhe ás vezes; a tosse repetia-se a todo o momento, com escarros esverdeados, pegajosos e que já não fluctuavam na agua que tinha a escaradeira!

De vez em quando, virava a cabecinha e murmurava:

— E os meus passarinos, mamãe?
— Socega, meu filho, não tardam; estão aqui,

estão a chegar; elles gostam muito do seu Augustozinho!

E dava-lhe pedacinhos de biscoito, que elle com os magros dedinhos, reduzia a fragmentos muito miudos espalhando-os por cima da coberta, em grupo, como se a cada passarinho reservasse o seu quinhão.

Por volta das nove horas da noite, ouvimos um cachorro uivar triste e prolongadamente na rua. Eu e minha mulher, que estávamos em pé perto do menino, apertámos a mão em silencio, cuidando que o menino tivesse ouvido; mas, momentos depois, elle murmurou por entre os dentes:

— Oh! mamãe, como aquelle cachorro está en-
gasgado!

Já se manifestavam os symptomas d'esse fatal e grandioso principio do fim; o menino arquejava, raras vezes erguia os olhos, em que outr'ora sempre liamos a caricia e meiguice.

A meia noite, pediu a boneca; agarrou-lhe com um relampago de alegria e afastou-a logo para longe de si; pouco depois pediu um biscoito, levou-o á bocca, trincou-o mas não enguliu nem um pedacinho, ficando-lhe as migalhas pegadas nos cantos da bocca.

A contar de então, cahiu numa profunda modorra, com a serenidade e indifferença d'aquelles que partem irremediavelmente para a derradeira viagem!

Eu atirei-me para cima de um sofá que estava ao lado da cama; minha mulher ficara junto ao leito,

NINON DE LENCLOS

escencia da ruga, que jamais ousou macular-lhe a epiderme. Já passava dos 80 annos e conservava-se joven e bella, atrahida sempre os pedacos da sua certidão de baptismo que rasgava á carada Tempo, cuja foíce embotava-se sobre sua enuentadora physionomia, sem que nunca deixasse a menor traço. «Muito veneninda!» via-se obrigado a dizer o velho rabugento, como a raposa de Lafontaine dizin das uvas. Este segredo, que a celebre e egoista ticeira jamais confiara a quem quer que fosse das pessoas d'aquella época, descobriu-o o Dr. Lesoult entre as folhas de um volume de *L'Histoire amoureuse des gaules*, de Chussy-Babutin, que fez parte da biblioteca de Voltaire e é actualmente propriedade exclusiva da **PARFUMERIE NINON**, MAISON LESOULT, Rue du 4-Septembre, 35 à Paris.

Esta casa tem-no á disposição das nossas elegantes, sob o nome de **VERITABLE EAU DE NINON**, assim como as receitas que d'ella provém, por exemplo, o

DUVET DE NINON

pó de arroz especial e refrigerante;

Le Savon Crème de Ninon

especial para o rosto que limpa perfeitamente a epiderme mais delicada sem altera-la.

LAIT DE NINON

que dá alvura deslumbrante ao pescoço e aos hombros. Entre os productos conceitados e apreciados da **PARFUMERIE NINON** contam-se:

LA POUDRE CAPILLUS

que faz voltar os cabellos brancos á cor natural e existe em 12 cores;

SEVE SOURCILIÈRE

que augmenta, engrossa e brinca as pestanas e os supercillios, ao mesmo tempo que dá vivacidade ao olhar.

LA PATE ET LA POUDRE MANDERMALE DE NINON

para finura, alvura brilhante das mãos, etc., etc.

Conveniente ler e verificar o nome da casa e o endereço sobre o rotulo para evitar as emitações e falsificações

PARFUMERIE EXOTIQUE E. SENET

35, Rue du 4-Septembre, 35, PARIS

MÃO DE PAPA

de duque, de principe, por meio da **Pâte des Prêlats**, que embranquece, alisa, assesta a epiderme, impede e destrõe as freiras e os rinchas.

UM NARIZ PICADO de pequenas borbulhas ou com travos torna a recuperar sua branura primitiva e suas cores lisas por meio do **Anti-Bolbos**, producto sem igual e muito contrafeito.

CUIDADO COM AS CONTRAFACÇÕES

Para ser bella, encantar todos os olhos deve-se servir da **Fleur de Pêche** pó de arroz feito com fructos exóticos.

POUCOS CABELLOS

Fazem-se crescer e cerrados empregando-se o **Extrait Capillaire des Bénédictins de Mont-Majella**, que tambem impede que caíam e que ficam brancos.

E. SENET, Administrador, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

NÃO ARRANQUEM MAIS

os dentes estí agalhos, sãdo os branqueis-os com o **Elixir dentifrice des Bénédictins de Mont-Majella**.

E. SENET, Administrador, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

Pastilhas e Xarope de Nafé

DELANGRENIER

excellentes peitoraes contra

.TOSSE. DEFLUXO. BRONCHITE

As Pastilhas de Nafé são verdadeiros confeitos peitoraes de um gosto delicioso. Acalmam as irritações da garganta e do peito.

O Xarope de Nafé, misturado com uma infusão ou com leite quente, forma uma tisana muito calmante e muito agradável.

Esses peitoraes não contém substancia toxica e podem ser administrados com toda a segurança ás CRIANÇAS e muito particularmente contra a COQUELUCHE.

Esq. a marca verdadeira: Delangrenier-Paris

São encontrados em todas as Pharmacias

SUAVIDADE — FRAGRANCIA — DELICADEZA
NOVO PERFUME

LE REFLE

CAUTELA COM AS IMITAÇÕES

Incarnat

PARIS

IPIVER



XAROPE DELABARRE (DENTIÇÃO)

Xarope sem narcotico recommendado ha já 20 annos pelos medicos. Facilita a sahida dos dentes, evita ou faz cessar os soffrimentos e todos os accidentes da primeira dentição.

Esq. se o Carimbo official e a assignatura Delabarre.

FUMOZE-ALBESPEYRES, 78, Faubourg Saint-Denis, Pariz e em todas as pharmacias

PAPEL E CIGARROS

ANTI-ASTHMATICOS de Bin BARRAL

Recommandados pelas sumidades medicas. Preparações muitissimo efficazes para a cura da **ASTHMA**, das **OPPRESSÕES**, das **ENXAQUECAS**, etc. 16 ANOS DE SUCESSOS.

FUMOZE-ALBESPEYRES, 78, Faubourg Saint-Denis, Pariz e em todas as pharmacias.

NUNCA APPLIQUE-SE UM VESICATORIO SEM SE TER O

VESICATORIO DE ALBESPEYRES

o MAIS EFFICAZ e o MENOS DOLOROSO DE TODOS os VESICATORIOS
Esq. se a Assignatura **ALBESPEYRES** no LADO VERDE
FUMOZE-ALBESPEYRES, 78, Faub. St-Denis, PARIS e em PRINCIPALIS PHARMACIAS.

CRÈME SIMON

PARA CONSOVAR ou dar ao rosto

FRESCURA MACIEZA MOCIDADE.



Para proteger a epiderme contra as influencias perniciosas da atmosphera, é indispensavel adoptar para a toilette diaria o **CRÈME SIMON**.

Os **PÓS de Arroz SIMON** e o **SABONETE Crème Simon**, preparados com gliceria, a sua acção benéfica é tão evidente que não ha ninguém que o use uma vez que não reconheça as suas grandes virtudes.

J. SIMON, 36, Rue de Provence, PARIS
PHARMACIAS, PERFUMERIAS e lojas de Cabelleiros.
Descartlar das Imitações.



NOS CANAIS DE NORUEGA

Ande 1898

lirta, pallida como um cadaver e eu, como sempre me acontece em todas as crises nervosas, cahi n'uma somnolencia de embriagado, n'estes prostramentos de um dormir acordado, que Deus concede as almas, que gozam das energias de boa e rija tempera!

Quanto tempo fiquei n'aquelle estado?
Não sei!
O que sei e que me tocaram no braço e que eu ouvi dizer a minha velha mãe

— Alfredo, o nosso Augusto não já está no céu!
Levantei-me no mais absoluto estado de inconsciencia e vi meu filho com os olhos fechados, com uma das mãosinha segurando ainda no ultimo biscoito, que sua mãe lhe dera e minha mulher, com os olhos fitos no corpo da criança, sem uma lagrima nos olhos e com as torturas, como nunca as inventaram os poetas das desgraças humanas, — estampadas dolorosamente no rosto.

O dia começava a despontar com todas as snaves seducções do despontar da natureza; pela janella, que sempre se conservava aberta, entrava o gorgoejo dos pardaes e pintasilgos, que esvoaçavam pelas avoies.

Pouco depois, um pintasilgo pousou no parapeito da janella, saltando com garridices e donaires de quem trouxesse ao amigo o bom dia matutino; do parapeito saltou para a cabeceira do leito do menino, d'ali para cima do travesseiro e, pouco a pouco, fosse-lhe avisinando dos labios e, quando chegou naquellas duas folhas de roxo lilio que tinham sido sempre duas petalas de purpurina rosa, depenicou as migalhas que ainda estavam colladas aos labios do menino.

E, na boca do seu bom amigo, a avesinha depositara o seu derradeira beijo!

ALFREDO CAMARATE.

(Das Folhas Tristes)

Mysteriosa

Passava as noites chorando
E quando a manhã rompia
Fervorosa a Deus resando
Compunha o rosto e sorria.

Passava os dias seismando,
Mas d'aquelle dor sombria
Que a ia aos poucos matando
Ninguém do mundo sabia.

Sem proferir um glicixime,
Um dia morreu sorrindo
Era feliz em partir...

Como a uma flor o perfume
Su alma a deixou, seguindo,
Quem sabe? a mulher porvir.

HERMINIA.

Adeus à Hêlia

A ARTHUR GOULART

Casara se. Eu curti a dor sem preço
De vela, ebria de amor, cantando e rindo
Nos braços d'outro. Oh! Que tormento infindo
Só em tal recordar inda padego!

Vem, certo dia, um nautico: eu desfalleço
A nova atroz que me exerceia, ouvindo:
Morrera o meu amor, meu anjo lindo
Que vira anei e muita não esqueço.

Corro... Voo a seu lar no mesmo instante:
E ao vel a no caixão... birta, estendida,
Aos seus collei meus labios, delirante.

Assombro causa a minha despedida;
Ninguém me impede o adeus do doido amante
Não dá ciuime o labio já sem vida

Niteroy: 1900

A. AZAMOR.

As nossas gravuras

Nos canaes da Noruega

(QUADRO DE H. GUDE)

A maioria dos dos artistas, costuma a ir para a Italia, a Hespanha, ou para a Grecia, não só para estudarem as grandes riquezas, artisticas desses paizes mas tambem para collecionarem novos motivos para produções artisticas futuras. De alguns annos para ca, porém, muitos delles se dirigem tambem para o extremo norte afim de admirarem a belleza das regiões septentrionaes. Vão a Suecia, a Escocssia mas de preferencia a Noruega afim de ali reproduzirem e fixarem sobre telas as grotescas regiões montanhosas, os tranquillos fjords e as costas engremes e escarpadas. A estes artistas a Noruega hoje em dia deve o seu numero de visitas d'aquelles que outora percorriam os Alpes, os Pireneos e o Tyrol em viadem recreativa e que presentimente vão a este paiz apreciar e admirar as suas bellezas.

O quadro do mestre Sude, melhor do que palavras, n s mostra um desses bellos quadros. O artista é um dos mais notaveis reproductores, das paesagens septentrionaes. Nasceu em Christiana em 1828, e des-

de 1880 é o chefe de uma Academia de Mestres que se dedicam a pintura de paesagens em Barlim. Os seus quadros são altamente apreciados e quasi todas as galerias de Allemanha teem pelo menos um dos seus trabalhos, dos quaes os mais notaveis são, indubitavelmente:

«Pescadores desembarcando nas costas de Ruegen» «Molo no fjord Bamsdal» «Costa de Noruega» e «Crepusculo da tarde», e o quadro que temos a satisfação de reproduzir, denominado «Nos canaes da Noruega» representando um vapor passando por um dos canaes em tempo de inverno acossado por forte temporal e fugindo ao mar eucapellado e revolto.

Felicidade perdida

(QUADRO DE JULIO HANS ALMA)

Jamais ella esquecerá as horas cheias de angustia que precederam a separação eterna do seu filho dilecto que jaz inerte no seu berço. Jamais esquecerá as luctas travadas entre o desanimo e a esperanza. Ferio-a rudemente a sorte roubando-lhe o seu thesouro, aquelle que era o seu unico thesouro e no qual depositara todas as esperanças para o futuro. Só quem passou por este golpe poderá avaliar a dor tremenda e o profundo desespero desta mãe infeliz e avaliará bem o valor do quadro que hoje aqui reproduzimos certos de que as nossas leitoras lhe darão o devido apreço.

LAGOS

Men pensamento deseja
Formar da minha alma um lago
Onde, purissimo, eu veja
Teu perfil sereno e mago.

Mas, outras vezes então,
Pensando em tal utopia,
Jugo que o meu coração
Lago mais claro seria.

Não rias. A mim parecev
Que o trazer-me na minha alma.
No coração, que fenece,
É rever-te, doce e calma,

Não tens tu nos negros olhos
Dois lagos! Vogam meus sonhos
Livres de tredos abrolhos
N'esses teus olhos risonhos.

É n'elles — zombas! — eu vejo
Passar, em nevoas immerso,
O leve batel do beijo,
Velas ao vento: -- o meu verso!

CARVALHO ARANHA.



FELICIDADE PERDIDA

Mosaico

Chiquinho e Carlinhos disputam por dá cá aquella palhinha. Uma vez a mãe, querendo accommodal-os, diz: — Meus filhos, não estejam constantemente a brigar: olhem que eu e papai também não brigamos — sempre!

Um sujeito, querendo casar-se com uma moça muito bonita, explica ao pae d'ella os recursos de que dispõe para sustental-a: — Fortuna, propriamente eu não tenho por ora, mas com a minha soberba voz de tenor, posso assegurar-lhe que posso milhares de contos de reis n'esta garganta.

O medico — Agora que o sr. está melhor, trate de mudar o chiqueiro para longe de sua casa. O roceiro — E porque, doutor. O medico — Porque faz mal a saude. O roceiro — Qual o que, doutor! O porco ali onde está, nunca esteve doente desde que nasceu.

Entre mestre e discipulo: — Isto é uma vergonha! Na sua idade eu já sabia quatro vezes mais do que você. — E' porque o senhor teve melhor mestre do que eu.

A baroneza de... conhecida pela sua linguagem rebuscado, pediu assim ao creado a espiviteira: — João, traze os utensilios necessarios para eliminar o superfluo do astro luminoso.

CHRONIQUETA

Rio, 23 de Julho de 1901.

O Dr. Chapot Prévost está pagando bem caro a audacia com que transformou um monstro n'uma menina. Mas, tambem, quem lhe mandou provocar esse ridiculo inquerito policial, de que ninguem cogitava? A opinião publica estava do seu lado, e o seu nome andava em todas as boccas entre os adjectivos mais candongueiros. Para que loi o illustre cidadão fornecer armas aos seus inimigos? Não sei qual seja o resultado do inquerito; só sei que o Dr. Chapot Prévost — digam o que disserem — praticou uma operação humanitaria, e merece o premio cujo projecto já passou em duas discussões, e naturalmente hoje passará em terceira, na Camara dos Deputados.

Projecto que não passará, nem em primeira, é o do Dr. Barbosa Lima, propondo que os deputados recebam dos cofres publicos algum dinheiro de menos quando não comparecerem as sessões; entretanto, não ha nada mais justo que o Estado deixe de pagar ao deputado, A, que trabalha, o mesmo que ao deputado B., que não faz nada.

Se o projecto passasse, o Thesouro não ganharia com isso um real, porque todos os deputados compareciam ás sessões, embora chovesse a cantaros; mas não é de economia que se trata: trata-se de fazer justamente com que a camara funcione, e não se perca tanto tempo por falta de quorum, e os orçamentos não sejam, como têm sido, atabalhoadamente votados. Disso é que se trata.

O projecto não passará, porque na camara as cigarras são em maior numero que as formigas.

Chega hoje a companhia lyrica do empresario Sansone, e as leitoras provavelmente não pensam neste momento n'outra coisa senão nas deliciosas noites que vão passar, ouvindo os roxinões italianos. Queira Deus que a temporada não se assignale, como as outras, pelas indecorosas assuadas das galerias, para que os alludidos roxinões não se persuadam de que vicram trazer os seus gozinhos a uma terra de barbaros.

Dois mortos, — o general Avila, militar brioso e cheio de serviços, e Lopes Filho, mavioso poeta cearense, que se estreara, ha alguns annos, com um livro de versos intitulados Phantos, vocabululo cuja significação ignoro. Tinha talento e era ainda muito novo.

ELOY O HEROL.

THEATROS

Mandem repicar os sinos fivemos no Sant'Anna uma peça nacional!

Inteligentemente tem apenas um acto, e filia-se aos processos modernos do theatro exótico. Trata-se de uma moça que soffre, porque descobre que sua mãe é amante do medico que tratou de seu pae, recentemente fallecido.

O drama intitula-se Ao Luar e esta assignado pelo illustre escriptor Coelho Netto; tanto é dizer que não lhe falta estylo nem poesia. Lucilia representou admiravelmente aquelle Hamlet de saias, e Lucinda, no papel da mãe culpada, foi o que costuma ser em todos os seus papeis: completa.

A mãe e a filha são os unicos personagens da peça, que foi entusiasticamente applaudida

No mesmo theatro tivemos uma reprise de Mancha que limpa, drama de Echeagaray, e outra do Amigo das Mulheres, comedia de Dumas Filho, com estrea da actriz Georgina Pinto, que deixou o Lucinda.

Ambas as peças foram bem representadas, e a actriz estreante, que tem muito valor, conseguiu um verdadeiro triumpho em Mancha que limpa. Sabe-se que neste drama Lucilia tem uma das suas creações mais brilhantes.

Entretanto, a grande novidade theatral do dia é a comedia em tres actos Peraltes e Sérias, de Marcelino Mesquita, representada no Lucinda pela companhia Luiz Pereira.

A peça veio de Lisboa precedida de grande fama, e não a desmentiu no Rio de Janeiro. É uma reconstrução muito pittoresca dos costumes da aristocracia portugueza no reinado de D. Maria I, alguma coisa parecida com o que já tinhamos visto no 2º acto da Moradinha de Vallor. Não é precisamente uma comedia, mas uma serie de quadros, apresentados com fantasia e talento. O dialogo, as situações, os personagens têm muita graça; o bom desempenho dos papeis e a encenação concorrem para que o espectáculo seja o mais divertido possivel. O publico riu a valer e applaudiu.

No Apollo, o Relógio Magico ceden o passo a Perichole, cujo desempenho não fez a felicidade do publico... É tão difficil interpretar Mailhac, Halyéy e Offenback!

Para hoje está annunciada a opereta Os Fivete e oito dias de Clarinha

A opera de Gounod Philemon e Baucis, e a comedia de Artur Azevedo, o Badoço, foram muito bem executadas n'um espectáculo de amadores, no S. Pedro, em beneficio do Recolpimento de Nossa Senhora Auxiliadora.

Uma grande noticia: O ex actor Martins volta para o theatro. Está contractado no Sant'Anna.

X. Y. Z.

Novidades musicaes

Recebemos e agradecemos: Da casa E. Bevilacqua & C. — Their Golden Hairs, valsa de M. Leoray. Da casa Fertin de Vasconcellos, Morand & C. — Alzira, schottisch de A. Souza Campos Junior. Brincando, polka de Henrique E. Dias. Os Neophitos, tango, pelo autor Oscar Carneiro.

VIVA JESUS MANUAL OU THESOIRO

Archieonfraria da guarda de honra do Sagrado Coração de Jesus, e da archieonfraria das almas do purgatorio. Quinta edição preço... 73000 Pelo correio... 78500 RUA DOS OURIVES, 7 — Rio de Janeiro

MANUAL DE PIEDADE

Donzella Christá

no collegio e em sua familia pelo capellão de uma comunidade Religiosa, obra honrada com a benção de S. Santidade o papa Pio IX e approvada pelo eminentissimo Mr. Billet, cardinal archebispo de Chambéry e pelos Exmos e Revs. Mr. Dubreuil, archebispo d'Avignão; Mr. Chalandon, archebispo d'Als, Mr. Forcade, bispo de Nevers; Mr. Pie, bispo de Poitiers; Mr. Plantiar, bispo de Nîmes.

3.ª Edição, traducção livre da 2.ª edição franceza, com approvação do Ex. Sr. D. Pedro Maria de Lacerda, Bispo diocesano; do Ex. Bispo do Pará e do Ex. Sr. Bispo de Marianna.

Preço 6.000 Pelo correio 6x500

7, Rua dos Ourives, 7

RIO DE JANEIRO

ULTIMAS NOVIDADES MUSICAES

Grande estabelecimento de pletuos e musicas DE Fertin de Vasconcellos, Morand & C. 147, Rua do Ouvidor, 147

Polkas

Cinco de Novembro, por O. Carneiro... 1200 Vai sahindo, por A. Keller... 15000

Tangos

Só de mão, por E. Telles... 13000 Feringe, por E. Telles... 15700 Tango do pianista, por Costa Junior... 15000

Valsas

Amor que mata, por J. G. Christo... 15000 Augusta, por E. Cutaneo... 15700 Despretenciosa, por J. G. Christo... 15500 Elegante, por A. Cavalcanti... 15500 Julhinha, por J. Reis... 15500 Juracy, por A. Nune... 15000 Licca, por Evora Filho... 15500 Meus oito annos, por O. Carneiro... 15500 O teu olhar me seduz, por Evora Filho... 15500 Valsa do pianista, por Costa Junior... 15500

Schottisch

Schottisch dos empregados publicos, por Costa Junior... 15700 Guanabara, por I. Madeira... 15000 Grinalda de noiva, por Evora Filho... 15500 Primeiro Amor, por E. Telles... 15000

Quadrilhas

Borboretas, por E. Conto... 15700 Recordações da infancia, por J. M. Lacerda... 15500

Retuettem-se encomendas para o interior juntamente com o brinde mensal que a casa offerece.

147, RUA DO OUVIDOR, 147

PILULAS DE BLANGARD

APPROVADAS PELA ACADEMIA DE MEDICINA DE PARIS

Resumem todas as Propriedades do IODO e do FERRO.

40 Rua Bonaparte PARIS



Estas Pilulas são de uma efficacia maravilhosa contra a Anemia, Chlorose e todos os casos em que se trata de combater a Pobreza do Sangu.

DEUS

Continuação

Vale mais conhecer o que se deseja, do que de-sejar o que não se conhece; porém uma e outra coisa é vaidade (Ecc. 6).

Não te enchas de prazer com a morte de teu inimigo, tu morrerás como elle (Ecc. 8) a sua ruina não seia para ti motivo de alegria, porque assim desagradará a Deus, que pôde tirar de cima d'elle a sua ira, e perdonar (Prov. 24). O que se alegra com o mal alheio, não se alegrará impunemente (Prov. 17).

Em tempo nenhum te esqueças de teu pae e de tua mãe, pata te expor a que abandonado de Deus nadações o dia em que nasceste (Ecc. 23). O pae do justo salta de prazer, o que gerou o sabio terá nelle a sua alegria. Nesta alegria vive teu pae e o que te gerou exulta (Prov. 23). A benção do pae fortalece a casa dos filhos, e a sua maldição a arruina até os fundamentos (Ecc. 3). Não roubes a teu pae e a tua mãe, nem lhe tires coisa alguma, por pequena que seja.

O filho que tira alguma coisa a seus pae, e diz que isto não é peccado, tem parte no crime dos homicidas commettendo grave delicto (Prov. 28).

Se fielaço preceito de Deus, ama e respeita como deves aos que te deram a vida, lograrás a vida eterna, e serás honrado dos teus filhos (Ecc. 3). Ouvi, filhos, os avisos de vossos paes, e segui-os de sorte que sejas salvos. Porque Deus honrou os paes nos filhos: e puniu pela auctoridade da mã: sobre elles mesmos a firmino (Ibidem).

Quão infame é o que desampara o seu pae! e quão amaldiçoado é de Deus o que dá desgostos e afflicções a sua mãe (Ibidem)!

Mais doce é dar do que receber (Act. 20). Assim, filho meu, não tenhas a mã aberta sempre para receber, e fechada para dar (Ecc. 4). Além d'isso a escola infunde confiança, rime os peccados, e livra da morte eterna (Job. 4).

O que dá aos pobres nunca carecerá do necessario, e o que não faz caso d'elles, se verá necessitado (Prov. 28).

O homem insensível que cerra os ouvidos aos penetrantes clamores do pobre, pôde ser que algum dia clame e ninguém o ouça (Prov. 21).

Não apartes a tua vista do pobre, que Deus também não apartará de ti a sua (Job).

Communmente se vê que muitos repartindo os seus bens se enriquecem; e outros que usurpando os alheios empobrecem (Prov. 11). O povo amaldiçoará o homem duro e sem piedade, que amonta e guarda o trigo nos seus celeiros, e abençoará ao que o manda vender (Prov. 10).

E' facil achar homens que passam por misericordiosos; mas onde se encontrará um fiel a todas as suas obrigações? (Prov. 20)

Combate pela justiça até á morte, e Deus fará que saias vencedor, triumphante e glorioso (Ecc. 4).

Se fores juiz, julga com a mesma equidade o pobre e o rico, o miseravel e o poderoso; se justo com todos sem distincção de pessoas (Dent. 16). Não recebas dadas, porque as dadas fazem prevaricar os mais sabios juizes, e corrompem os mais justos. Nos teus juizes não te deixes arrastar da opinião da multidão, nem da compaixão para com os pobres, nem te apartes jámais da justiça e da verdade (Eseod. 23). Se conheces que não tens aquella virtude e valor para te oppor a torrente da iniquidade, recusa, filho meu, a augusta dignidade de juiz para não te expor a que os respetos de algum poderoso te façam cair na fraqueza vergonhosa de vender a justiça, e comprometter a tua inteireza e consciencia (Ecc. 7).

A sciencia e a sabedoria se manifestam pelas palavras, mas se provam com as obras (Ibid.)

Não te queiras arcar nos banquetes de grandes bebedores, nem nas comezainas dos que fazem vir os manjares para comerem de companhia, porque passado o tempo em comer e beber, e em contribuir com os seus escotes, elles se arruinarão, e não tirarão outro fructo senão rixas, feridas, dores e miserias, e final se vestirão de trapos (Prov. 23).

O vinho bebido com sobriedade é uma grande vida para os homens; se tu o beberes moderadamente serás sábio. O vinho desde o principio foi creado para regosio, e não para embriaguez; elle tomado moderadamente é o jubilo d'alma e do coração; bebido em excesso traz consigo irritação, ira, e muitas vezes ruínas e desgraças.

Em um convite de vinho não arguas o proximo, não lhe digas palavras de improperios e não o apertes desafiando-o com teus brindes (Ecc. 31).

O homem sobrio tem um somno socegado e saudavel, dorme até a manhã, e desperta unito alegre (Ecc. 31).

Prefere um convite frugal em uma casa decente e regular, onde reine a alegria e a paz, a um sumptuoso banquete, onde habita a discórdia (Prov. 17).

Não invejes a gloria, nem as riquezas dos maus, porque não sabes qual será a ruina d'elles. Não ajoves a violencia dos maus, sabendo que até á sepultura não agradará o impio (Ecc. 1).

Não te comprazes em ir as assembleias de grande tumulto, nem anda ás pequenas, porque ali são frequentes os peccados que se commettem (Ecc. 18). Não te piques contra a multidão de uma cidade, nem te enches contra a chumna do povo. Não te numbers em te a turba de pessoas indisciplinadas. Não trates mal ao povo, que trabalha com fidelidade, nem ao mercenario, que te dá de ate servir. O servo sensato

liberdade, que elle merece, nem o deixes cair em pobreza (Ecc. 7).

Honra o medico por causa da necessidade, porque o Altissimo é quem o criou, e porque toda a medicina vem de Deus. A sciencia do medico exaltará a sua cahega, e será louvado na presença dos magnates.

Ao conhecimento dos homens pertence a virtude dos medicamentos, e o Altissimo deu a esses homens sciencia para ser por elles honrado nas suas maravilhas (Ecc. 18).

Sejam muitos os amigos com quem vivas mas em paz; e seja teu conselheiro um d'entre mim. Se queres ter um amigo, toma o depois de o teres provado, e não te fies logo d'elle, porque tal amigo ha que o não é senão enquanto n'isso acha a sua conveniencia, e elle deixará de o ser no dia da tribulação, e tal amigo ha que é só para a meza. O amigo fiel é uma forte protecção, e quem o achar, achou um thesouro. (Ecc. 6).

(Continúa)

Alva negra

(AO CONDE ROBERT DE MONTESQUIER FLEZENAC)

Tem esta alva cruel hystericismo da noite!
Tem esta alva cruel pesadelos da treva!
A mão impia da luz meu negor sobreleva,
estalando no espaço o seu argente raiote!

Por mais que seu silencio a mendigar me afoite!
Mais tumulto e mais sol ao meu sepulchro leva
se com a morte da noite o supplicio se eleva,
na tortura da sombra o martyrio se acote!

Mais de lyrios é o céu, mais meu pavor me aterra,
mais escuto esta voz na quaresma das tumbas
violando noivas nostalgias da Terra!

Mais o róxo da viuvez me assombra,
mais eu vejo incendiando a paz das catacumbas
o sangrento voejar dos Archangjos da sombra!

RINALDO DE LIMA E SILVA.

SYLVIA LEMOS

A' MELL, JOSEPHIA F. NOBRE

I

— Tornaste a vê-lo hoje, sim?... oh! mas não acho prudente tantas e tão demoradas visitas, minha amiga; convem espaçal-as, sim, convem que sejam mais longos os seus intervallos.

— Devo esforçar-me por isso, Lucia, bem o sei.

— E' preciso, e não o esqueças. Adeusinho.

— Até mais.

Beijaram-se nas faces, e Lucia descendo o véo sobre o rosto partiu num passo elegante, curto e lesto, levando a sombrinha na direita, presa ao meio, e levando o cabo sobre a curva do braço.

Sylvia recolheu-se á sala de visitas e, só, com o espirito preoccupado, nenhuma disposição sentia para cuidar de seu trabalho de agulha e do estudo da nova phantasia que promettera executar ao piano na proxima festa de anniversario natalicio da sua boa mãe. Sentou-se.

As idéas succediam-se, umas e outras, afagadas pelo venturoso coração d'essa creatura enourada, toda feliz e contente com o seu amor, amor sincero e intenso que lhe avassallava por completo a preciosa existencia.

Ainda era cedo, nove horas da manhã, apenas, o dia estava todo pela frente; havia tempo de sobra para cumprir deveres.

La fora passava toda a gente que precisa de se occupar cedo.

Rodava perto o carroção da limpeza publica com salavancos brutos que fazia tremer a vidraça das gelzias; o proprio soalho da sala estrequecia subtilmente sob os pés.

Umas pancadas secas soavam na rua repetindo-se lentamente, logo um sujeito berrou da porta com sutaque italiano:

— Quer alguma coisa, senhora?

— Nada, freguez.

E continuou a soar por alli fora o *ta-ta-ta-ta* do metro do mascate, que proseguiu o seu pregão mo notono, dobrado sob o peso da caixa de bufarinhas preza por uma correia enlaçada ao hombro.

— E bem certo o que diz Lucia, pensava Sylvia; realmente devo evitar as constantes communicações com Mauricio. Para a minha dignidade já isso se torna uma conveniencia compromettedora, de que pode resultar me amarga decepção no caso em que não se realice o nosso enlace.

Ah! não, isso não. Mauricio é incapaz de um procedimento sordido, que por certo não se conduna com o seu caracter franco e leal.

E como si, com este raciocinio, tivesse apagado a duvida suggerida em meio de suas contações, tentou o pensamento satisfeita de si mesma.

— Pois, não é certo que Mauricio é bom? Então, quando fomos um do outro aos olhos de todo mundo, quando estiver garantida a nossa posse mutua, lar-lhe e habitar o motivo dos meus escrupulos de hoje.

E' certo que devemos commedir o nosso procedimento só as vistas do proximo. Todos os actos, os menos significantes como os da maior importância devem ser calculados de maneira a não chocar a

Sylvia Lemos era bella e inrelligente,— eis tudo quanto basta ser dito para que se saiba que tratamos de uma senhorita sympathica sob apparencia phisica ou moral.

Levantou-se, contemplou a sua figura delicada e airoza na lua do espelho de crystal que pendia da parede, e atravessando a sala foi observar a rua através das fasniquas da rotula.

Descian e subiam transeuntes abstrahidos no labutar quotidiano.

Dem alto o sol, já inundava de luz a fachada das casas de seu lado e todo o leito da rua ao alcance de sua vista, e da casaria fronteira apenas mungeava o passelo que ainda estava em sombra aquella hora.

Escholares passavam sobraçando volumes usados, ou a pasta onde guardam os livros didacticos, de cujas paginas extrahem mentalmente as lições que illuminam o espirito.

Gente feliz aquella! pensava Sylvia. Foi d'esse tempo, tempo de estudo, que começou a querer bem a Mauricio. Quando passava para o collegio, não raramente, encontrava-o de caminho para o consultorio; então o joven medico, attencioso e risonho, se approximava, apertava-lhe a mãozinha perguntando pela saúde do senhor papá e da senhora mamãe, e lá se ia, agitando o *fince-nez*, girando a bengala na mão, contente, como que satisfeito do encontro.

Ah! ella tinha saudades d'esses bellos dias, em que as illusões eram mais cariciosas e menos prosaicas. Verdade era que no presente não lhe queria menos; havia muito affecto, muitissimo de parte a parte.

Sylvia retirou-se da janella e foi cuidar de sua toilette para comparecer á meza do almoço.

Uma convicção balava-lhe na mente:— foi propositosa a visita de Lucia esta manhã.

II

Mas é melhor assim; na maioria dos casos a ausencia da pessoa querida augmenta a estima em que é tida.

Parece que a saudade tem o poderoso myster de reavivar os merecimentos e os encantos d'aquelle a quem entregamos o nosso coração; e logo recordamos os bons instantes que fruimos juntos, e resallam a generosidade das suas acções e as caricias que nos fez sentir em um olhar, cuja luz como que aqueceu atfavelmente nossa alma.

Então vivemos d'essas recordações que fortalecem a vida, consolam, revigoram a esperança, e dentro em nós resumbra a imagem querida que acaniamos no dia de enlevo do coração que se torna aváro da posse.

Convem, portanto, que te faças mais querida de Mauricio, e d'esse modo não conseguirás outra coisa sinão isto mesmo, e com a vantagem de não dar muito nas vistas com uma relação tão estreita. Quando voltares elle te quererá mais.

Na hypothese, porém, de que assim não succeda, é certo que também não lamentas esta ou aquella imprudencia, uma ou outra condescendencia que poderias dispensar-lhe se não estivesses auzente.

Era Lucia quem assim, se exprimia a Sylvia, em plena roça, onde as encontramos por estarem passando alguns dias na propriedade rural do sr. Damaso, um irmão velho da senhora Lemos.

Comprehenda se nesse passeio, improvisado desde vinte dias decorridos sobre aquella manhã em que primeiro encontramos juntas as duas senhoritas, o plano prudente e consciencioso, de Lucia para attenuar os dissabores que sua amiga podesse experimentar, como acontece á joven que, ao relacionar-se com um moço, no calor de affecto vivo e profundo, abre infio do thesouro da bondade, até do escrinio da ternura, cuja dissipação mais tarde chega a ter que lastimar irremediavelmente por um caso improviso.

Lucia mantinha a opinião de que isso não devia ser assim.

Melhor será expender com parcimónia aquillo que não podemos reaver, como: as caricias, os beijos que não voltam mais. Em se indo uma vez, vão-se para sempre, perpetuamente.

Ah! mas é difficil, sinão impossivel dominar as expansões do amor!

Quem poderá suggesto a restricções desca-bidas?

Tentar fazel-o é queter afogal-o no proprio coração.

Com raciocinios semelhantes Sylvia obtemperava as allegações da outra.

E, juntas, divagavam pelo campo á essa hora do crepusculo, em que tudo nos evoca saudades.

E que aprazível estancia que era a fazenda do tio de Sylvia!

Vasta campina coberta de pastagem ao leste; terreno de cultura em consideravel extensão cortado de valles, entre os quaes se elevam as leiras e cobertas de vegetação feracissima no oeste; ao norte ainda parte albitrino, por onde vaguetta o gado nutrido, e ao sul o rio, um rio de curso volumoso, cortado de uma ponte rustica, e que se perde deslisando por um bosque de pinho e áccidentado.

Por todos os lados, afinal, no mais longe da vista: cômodos, rotas, eada de montanhas cobertas de copioso mattenal.

Ellas já voltavam para casa a passos lentos e la doavam uma parte do rio.

Adeante havia uma abertura, como um fôso fundo e largo, cavado pelas enchentes.

Lucia saltou primeiro e com facilidade.

Sylvia media a distancia com a vista, quando observou no fundo do barranco um terrivel crótoal, asqueroso, repugnante.

A menina soltou um grito de espanto e ficou extremamente sobresaltada, aguilhada pelo medo, sem saber como desviar-se d'alli para correr até a casa sem perda de tempo.

Si quizesse alcançar outro caminho embora muito distante, teria de voltar com grandes inconvenientes.

Recava saltar, porque contava com que o reptil lhe ferisse de subito; e quando assim não fosse, malor receio era o de não alcançar a outra borda e cair inevitavelmente no barranco, sobre a serpe, que lhe mordiera toda communicando o seu veneno, e passaria gostosamente a lingua viperina sobre a eburnea epiderme das suas tomas virginaes.

Momento angustioso o que este passeio proporcionava a Sylvia!

Sentiu a morte proxima, bem alli, naquelle fôssco. Maldito fôssco.

— Salta! Coragem! Bradou Lucia angustiada.

Sylvia fez um esforço supremo e... lançou-se.

Realmente em tal emergencia só o medo para quem já o sentiu grande, immenso, poderá impellir-nos ao precipicio, unico caminho para a salvacao e que se nos depara em situações verdadeira ou apparentemente perigosas.

Sylvia cahiu do outro lado illesa.

Ainda permaneceram em villegatura no solar do snr. Damascos pouco mais de um mez.

EUSTACIO GOMES

(Continua)

ANSELMO DE MORAES

Eu conheci, não sei ao certo dizer o anno, um rapaz de Aveiro, alegre e bonito - tanto quanto um homem o deve ser - que pertencia a famosa familia dos Moraes Sarmentos d'aquella cidade.

N'esse tempo, os velhos, nossos avos ou nossos pais, fallavam ainda muito de D. Pedro IV e de D. Miguel, das forcas da Praça Nova e do Caes do Tejo, do cerco do Porto, da convenção de Evoramonte.

Os novos de então fomos educados a ouvir a historia d'esses dois irmãos que se degladaram por um throno, arrastando atraz de si o fanatismo de familias inteiras, e deixando aberto na historia patria um sulco de sangue, que viemos encontrar ainda hoje.

O D. Pedro IV, de que tanto ouviamos fallar, fazia alguma differença do que esta no Rocio, immobilizado no bronze.

A historia que se estuda pel's monumentos é fria como elles. Mas a que se ouve da bocca de testemunhas presencias, tem vida e colorido, subjugando a domina, impressiona profundamente, consegue ainda fazer proselytos.

Ora, quanto aos Moraes Sarmentos, de Aveiro, eram capitulo obrigado na historia das dedicacões que D. Pedro IV encontrou ao norte do paiz.

Haviam sido «malhados» de se lhes tirar o chapéu. Homens de pouco corpo e muita alma. Um d'elles o *Rato Secco*, era effectivamente pequeno como um rato e secco como uma passa. Mas parecerera gigante aos olhos de D. Pedro, que o distinguira com a sua estima.

Ainda o conheci de barbas brancas, sempre de cigarro na bocca, com uns olhinhos muito brilhantes, que despediam scintillas quando deante d'elle se fallava das campanhas da liberdade.

E foi justamente em sua casa que pela primeira vez na minha vida, encontrei Anselmo de Moraes, seu sobrinho, aquelle rapaz de Aveiro, alegre e bem parecido, com quem desde então mantive inalteraveis relações de crídeal amizade.

De mais a mais, viemos, pela vida adiante, a marchar no mesmo terreno, porque eu fazia livros e elle editava-os.

Lembro-me bem do dia em que Anselmo de Moraes se estabeleceu no Porto como editor, n'uma loja da rua do Almada, de sociedade com um homem forte e alto, que se chamava Carneiro.

A loja era grande, e os livros eram poucos. Mas a rapaziada do tempo cahiu lá toda, a folhear as brochuras, a cheirar as *Illustrações*, deixando, porém, aos outros o encargo de fazer alguma despesa.

Não sei bem como Anselmo de Moraes se pôde aguentar nos seus primeiros tempos de livreiro, porque eram principalmente os rapazes que lhe frequentavam a loja, e os rapazes não só não compravam os livros, mas até os recebiam de graça.

Anselmo de Moraes, se via um dos *Inbitus* encantado com um volume, dizia lhe ao ouvido:

— Gostas muito d'esse livro?

— Oh! se gosto! Quem m'o dera!

— Pois então leva-o.

Que a sua bella alma, generosa e fidalga, affirmou-se desde os primeiros annos da vida. Morria por fazer um presente ou dar uma esmola. E a dar livros ou esmolas não sei como elle logrou fazer carreira sem ter empobrecido mais do que os pobres.

Ajudou o Deus, que é a unica explicação possivel que pode ter a felicidade dos bous.

Fazia sacrificios, decerto, muitos sacrificios, mas elle era dos Moraes Sarmentos, de Aveiro, que não desanimavam por qualquer coisa.

O seu maior acto de coragem foi seguramente metter bombas a edificação da historia litteraria de Theophilo Braga, em face de um publico que não estava preparado para obras d'aquelle genero.

Que o grande serviço d'este escriptor não está tanto na segurança da sua critica, oa infallibilidade

dos seus julgamentos, e a franqueza que podem merecer-nos todas as suas commensuras, como em ser o primeiro que entre nos se propoz fazer a historia litteraria do paiz, fora dos domínios da bibliographia já iniciada por Barbosa e Innocencio, e da biographia, já cultivada pelo Costa e Silva e pelo mesmo Innocencio.

Esta é verdadeiramente a sua função na litteratura moderna de Portugal.

No tempo em que elle principiou não havia em todo o paiz tanta pessoa que se interessasse por assumptos de historia litteraria.

Mas, adens! Anselmo de Moraes não se importava com isso para nada. Theophilo Braga era seu e apadre e seu amigo. Podia escrever os livros que quizesse que elle editava-lhos todos. E dando exemplares a este e aquelle, toma tu, toma tu, ia espalhando o nome de Theophilo, que era o unico fim que elle queria attinir.

Em vender os livros não pensava.

Pode asseverar-se, a luz dos factos, que, sem Anselmo de Moraes, Theophilo Braga não teria avançado tanto.

Mas, alem d'este, outros escriptores encontraram em Anselmo o mais decidido desejo de os auxiliar editando-lhes os livros. E fazia-o de um modo gentil, largamente, sem impôr condições, nem crear difficuldades.

— Esti tratado.

E o livro apparecia, n'uma edição esmerada, porque Anselmo de Moraes teve sempre o culto do acao tanto na sua pessoa como na typographia.

Usava *lindettes* graves, mas boas. Vestir barato seria para elle um vexame. Detestava, porem o luxo. A evidencia e as excentricidades do traço. Apenas se permitia a extravagancia sumptuaria de usar uns chapéus molles maiores que os de Rubens, e que chegariam á vontade para distribuir por quatro pessoas ficando t das menos inal servidas.

Só lhe conheci duas embirrações serias: detestava a vareza e o chapéu alto.

Em tudo o mais, por muito encolerizado que pareceisse, o seu bom coração triumphava sempre. Era um mãos-ras, que não jodia ouvir contar uma desgraça sem levar uma das mãos aos olhos, para limpar as lagrimas, e a outra a algibeira para tirar diheiro.

A sociedade que mais apreciava era a dos escriptores e jornalistas. Fundou varios jornaes, sendo um a *Actualidade*, que foi dos melhores do Porto. Tambem escreveu muito do theatro, e esteve por um triz para morrer queimado no Baquet.

Quando ainda a mulher portugueza rezava pela cartilha das damas romanticas, que fiavam lá e olhavam pe'a casa, Anselmo de Moraes teve o sonho de dar cursos de instrução superior ás suas tres filhas.

Formou duas em medicina, outra em mathematica, e um filho em direito.

Esta innovação de doutorar meninas causou grande sensação no Porto, e foi considerada como uma excentricidade não menor que a do chapéu grande.

Mas elle insistiu e venceu. Acompanhada as filhas á Escola Medica e á Academia Polytechnica, andava n'uma dobradora, sempre mettido entre estudantes, mas conseguindo educar duas medicas e uma engenheira, que está hoje, diplomada, a exercer as suas profissões scientificas.

Uma vez perguntei-lhe em Lisboa:

— Você não tem tudo sensaboras com os estudantes por causa de suas filhas?

— Nenhumas. Comecei por fazer d'elles meus amigos, que é o unico systema sensato que se pode seguir com rapazes.

Ha dois annos, no Hotel Borges, aonde Anselmo de Moraes me chamava sempre que vinha a Lisboa, depois de termos almoçado juntos, começou a tossir e, a breve trecho, teve uma hemoptys, que o deixou muito assustado, e a mim ainda mais.

Era o progresso da tuberculose, que uma pneumonia puzera a descoberto.

Anselmo de Moraes já não tinha vestigios do honito rapaz que foi: barbas grisalhas, olhos encovados, andar vagaroso um pouco alarchnado.

Mas sempre trabalhador, pensando na sua vida e tendo ainda tempo para fazer gentilezas aos amigos.

Não se esquecia todos os annos de mandar-me um cantarinho de morangos do Porto, grandes, frescos - dos inellores que appareciam na praça do Anj.

Era um lóro de velha amizade, que me deixava encantado.

Ainda ha poucos dias recebi d'elle uma carta, chamando a minha attenção para um assumpto que lhe dizia respeito, uma pretensão que elle talvez viesse a perder por ter razão e justiça. Respondi para o Bussaco, mas na volta do correio veio outra carta, não já d'elle; e de uma de suas filhas. Quarenta e oito horas depois, lia eu um telegramma annunciando a morte de Anselmo de Moraes.

Fiquei frio, a olhar para telegramma, que todos jornaes da manha publicavam.

E mais uma vez - tantas tem sido já! - circumvaguei o olhar por esse vasto cemiterio que se vae desdobrando a volta de mim, povoado de cruces que representam pungentes recordações, lembranças saudosas; amigos extinctos, annos felizes da vida, para sempre perdidos.

E' o desabar d'un grande edificio feito de sonho de alegria.

Contão-se uma a uma as pedras calidas no chão; mas já nem sequer ha o desejo de poder reconstruir o que o tempo desmoronou.

ALBERTO PIMENTEL, de Lisboa

Indulgencia

Para quebrar, enfim, o orgulho téro
Dizei minha senhora — o que é preciso?
— Basta só escrever com mais lizo
E me deixares quieta, eis o que eu quero

Ver-te assim, vil escravo, é tão severo!...
Não diz com o genio meu, o de uma santa,
Longe de mim tanta humildade, tanta
Cousa assim é de mais, e eu não tolero.

Apelhar-te?... Não, é com franqueza
Uma incommoda, triste posição,
E p'ra homens é feio e até baixeza.

Mas eu te peço, sim, de coração
Que abandones p'ra sempre a tua empresa
Visto só mereceres compaixão!...

Cachoeiras, 28 — 1 — 1900.

ROSA FRAGATA.

Terceto

Tres raparigas, entre 15 e 20 annos, confidenciavam, entre si.

Deficte tu o amor, dizia a mais velha, bella encarnação de mulher feia, olhos de andaluzia, sangue ardente e meridional, dirigindo-se á companheira, typo loiro, romantico, vaporoso, delicado como uma chrysanthemum, igual á Ophelia do principe da Dinamarca, o sombrio Hamlet.

A moça sorrir e recitou toda a balada do Rei de Thesle.

Fez litteratura e deltou estylo.

A primeira, maliciosa e ironica, em resposta, cantou a serenata de Mephistofeles, gripando as retencencias. — «O' che fá la dormentada».

Agora tu, Maria, disseram.

Maria era a mais nova, quasi creança.

— Sei lá, respondeu.

E fitava alguma cousa por entre os arbutos.

Insistiram-se as duas.

— Então... vocês querem saber o que é o amor?

— Sim, diz lá.

Pois bem; o amor não está nos livros de bonitas historias; está na natureza.

E apontou.

«E aquillo».

Doas juritys trabalhavam n'um nullo e de quando em vez beijavam-se...

ALFREDO FALCÃO

O QUE ME ESPERA

Sonhei que me esperavas. E, sonhando,
Sahi, ansioso por te ver: corria...
E tudo, ao ver-me tão depressa andando,
Soube logo o logar para onde eu ia.

E tudo me fallou, tudo! Escutando
Meus passos, atravez da ramaria
Dos despertados passaros o bando:
« — Vaes mais depressa! Parabens! — » Dizia.

Disse o luar: « — Espera! que eu te siga:
Quero tambem beijar as faces d'ella! — »
E disse o aroma: « — Vaes, que eu vou contigo

E cheguei. E, ao chegar, disse uma estrella:
« — Como es feliz! como es feliz, amigo,
Que de tão perto vaes ouvir a e vell-a!

OLAVO BILAC

MOLDES



Teimos a satisfação de communicar a nossas gentis assignantes e leitoras o apezar de nosso silencio, continuamos com o nosso serviço de moldes taoto d'Estacao, como de qualquer outro jornal para esta cidade e para o interior da Republica.

Ha uns bons trinta annos temos nos incumbido desse serviço, confiando o sempre a pericia de verdadeiras artistas em materia de cortes.

Agora mesmo as senhoras a quem confiamos o trabalho, são das mais abilitadas mestras no assumpto, no qual não temem confronto.

Nunca recebemos reclamações contra o serviço casa e com ufania podemos assegurar que estamos bilitados a satisfazer a freguezia mais exigente, que tenhamos receio de que nos venham dar lições apuro e bom gosto, nem na modicidade de nossos preços.

Para o presente numero offerecemos:

N. 26 — Camisa de homem.....	1\$ 00
N. 41 — Bolero.....	1\$ 300
N. 83 — Corpinho blusa.....	1\$ 800

Os recados são recebidos no escriptorio desta folha bem como, a importancia que deve acompanhar o dicto.

Pelo correio mais 300 réis para o primeiro e réis de mais para os que se seguirem.

CHIMERA

As palpebras de Armando fecharam-se lentamente. As idéas foram pouco a pouco tornando-se confusas e melancólicas, o somno entorpecera os sentidos. E pouco a pouco, a realidade se apagou e a mente somnolenta abismou-se em sentimentos vagos. E afinal, tudo desapareceu, tudo, como numa amplexão completa, uma destruição brusca da própria natureza. Armando dormia desregrado, rodeado de trevas, no grande silêncio da noite...

Su-o oração prolongava a vida... Piel rogado da vida, com uma consciência inaudita, continuavam as palpitações regulares, cumprindo a sua missão monotona, nunca interrompida.

Em seguida, o espirito doente, talha do seu torpor, e retonn inconscientemente a sua actividade ferial, solicitado por um imaginario espectáculo, um phantasma suggestivo! Era o sonho irregular, cheio de illusões ephemeras, bordado de traidoras imagens; era a multiplexão do mundo, visões das zonas ignotas chimericas e terribes, as sempre solitarias.

O sonho impunha-se, futil, invencivel! Mysterioso hypnotizador, exercendo a sua influencia magica, provocando impressões, desconhecidas na vespera! X

menor alegria era o extasis e todos os sentimentos exageravam-se.

De subito apresentou-se um decoro incerto, uma paz, em voadora. Dir-se-hia a entrada de um bosque plantustico, o cubir do dia, talvez. A cor das folhas das arvores era verde e as arvores tinham a frescura da primavera.

Entretanto, o solo estava juncado de folhas secas e amarellas e a atmosfera repleta de aromas onthicos.

Um rio inesperado apresentou-se-lhe, como uma longa faja prateada, debaixo de uma abobada interminavel de ramos de arvores entrelaçadas.

E as aguas claras, limpidas, quasi transbordavam nas verdejantes margens.

Armando sentiu-se lavado, vagando no argenteo rio.

Julgava-se embaldado em leve barquinha, no tranquillo espelho liquido, onde se refletavam, como raios de diamante, os ramos finares.

O' surpresa! Subito a seu lado, uma forma graciosa appareceu. Seria alguma nympha emagindo do seio cristalino das aguas? Não, — era uma mulher, esbelta, elegante, com phynomium não lhe era dado distinguir.

Logo, melhor illudido, reconheceu-a.

Sim, conhece-a, essa creatura vivente, cuja faparação não é sendo um phantasma!

E' Cecilia, a donzella de fronte melancolica, olhos azues!...

Ama-a porventura? Não, e isso desorienta-o.

Porque apparecer-lhe Cecilia em vez de uma outra?

Cecilia foi-lhe sempre indifferente, nunca o preoccupou. Mysterio impenetravel dos sonhos, que desencaminhava a razão!

Mas, de repente, tudo transformou-se.

Continuando no sonho, elle é subitamente levado a outra região.

A noite desapareceu para dar lugar ao dia em seu pleno esplendor.

Cecilia colhe algumas flores, nas margens de um lago.

Armando aproxima-se-lhe perturbado. Confuso, dirige-lhe a mais respeitosa saudação.

A moça acolhe-o graciosa.

Agora, Armando acha a adoravel! Nunca a tinha visto tão bella!

Mas em logar de exprimir-lhe a sua admiração, endereçar-lhe ternas e doces palavras, procura reconhecer as flores que ella colheira...

Isso intriga-o...

—Que flores são essas...? perguntou elle com curiosidade.

NINON DE LENCLOS

essencia da vida, que jamais ninguem nunciar-lhe neptideria, da passiva dos 80 annos, e construiu-se joven e bella, ariando sempre os pedacos da sua certidão de baptismo que assigna o curado Tempo, cuja foice embolava-se sobre sua esmaltada physionomia, sem que nunca de casse o menor traço. Muito verdeja em vinhos dirigindo a vida do velho ralengento, como a raposa de La Fontaine olizava das avus. Este segredo, que o celebre e piguia fazeira jamais confidara a quem quer que fosse das pessoas que nella época, desobriro a Dr. Lecocq entre as folhas de um volume de *L'Histoire naturelle des plantes*, de Jussieu-Balmis, que fez parte da biblioteca de Voltaire e admiravelmente propriamente exclusiva da **PARFUMERIE NINON, MAISON LACOSTE, 35, Rue de Septembre, 35 a Paris.**

Esta casa tem no a' disposiçao das pomas elegantes, sob o nome de **VERTABLE EAU DE NINON**, assim como as receitas que d'ella provém, por exemplo, a

DUVET DE NINON
pó de arroz especial e refrigerante;

Le Savon Crème de Ninon
especial para o rosto que limpa perfeitamente a epiderme mais delicada sem altera-la.

LAIT DE NINON
que dá alvura deslumbrante ao pescoço e aos hombros. Entre os productos conhecidos e apreciados da **PARFUMERIE NINON** contam-se:

LA POUDRE CAPILLUS
que faz voltar os cabellos brancos a cor natural e existe em 12 cores;

SEVE SOURCILIEUSE
que augmenta, engressa e bruma as pestanas e os supercillios, ao mesmo tempo que dá vivacidade ao olhar.

LA PATE ET LA POUDRE MANDERMALE DE NINON
para huir, alvura brilhante das mãos, etc., etc.

Convem exigir e verificar o nome da casa e o endereço sobre o rotulo para evitar as imitações e falsificações

PARFUMERIE EXOTIQUE E. SENET

35, Rue de Septembre, 35, PARIS

MÃO DE PAPA de In pie, de principio, por meio da **Pâte des Prélats**, que embranquece, elisa, assenta a epiderme, impede e destrói as freiras e manchas.

UM NARIZ PICADO de pequenas borboletas ou contravoz torna a respirar sua brava, positiva e suas cores lisas por meio do **Anti Bolbos**, prohibo sem igual e muito contrafeto.

— CUIDADO COM AS CONTRAFACÇÕES

Para ser bella, encantar todos os olhos leve-se servir la Fleur de Pêche pó de arroz feito com frutas exoticas.

POUCOS CABELLOS

É o que se trata de curar as emagindas do **Extrait Capillor des Benedictins du Mont-Majella**, que tem em si o poder de curar e prevenir os cabellos.

E. SENET, 35, Rue de Septembre, Paris

NAO ARRANQUEM MAIS
os fios da cabeça, os fios da cabeça, pois os curamos com o **Elixir dentifrice des Benedictins du Mont-Majella.**

E. SENET, 35, Rue de Septembre, Paris

Racahout

DELANGRENIER

Alimento Completo
agradavel, leve e facilmente assimilavel

O verdadeiro RACAHOUT dos ARABES Delangrenier é o

Melhor alimento das Crianças

desde a idade de 7 a 8 mezes, e principalmente no periodo do desmamar.

TAMBEM é recommendado as mães quando dão de mamar, aos convalescentes, aos anemicos, aos velhos; em resumo, todos os que precisam de fortificantes.

Exigir a marca verdadeira **DELANGRENIER-PARIS**

É encontrado em todas as PHARMACIAS

Perfumaria extrafina

L.T. PIVER

PARIS

Corylopsis do Japão
Evitar as Imitações e Falsificações

Le Tréfle Incarnat
Parfume de Moça

Rosiris

Senteur des Prairies

Violettes de Parme

Dentifricios Mao-Tcha
PÓ, PASTA E ELIXIR

CALLIFLORE

FLOR DE BELLEZA

Pós adherentes e invisiveis

Gracia e beleza em todo porque se empregam estes pós combinando ao rosto uma naturalidade e delicada belleza e deixam um perfume de exquirida suavidade. Além dos brancos, de indavel pureza, ha outros de quatro matizes diferentes, Barbel e Rosa, de onde a mais pallida até ao mais colorido. Poderá para cada pessoa escolher a cor que mais lhe convierda ao rosto.

PATE AGNEL

Amygdalina e Glycerina

Este excellente Cosmetico branquea e amacia a pele, preserva-a do Cieiro, Irritações e Comichões torcendo-a avelludada; pelo que respira as mãos, dá solidez e transparencia ás unhas.

AGNEL, Fabricante de Perfumes,
16, Avenue de l'Opéra, Paris.

É o mais seguro e mais eficaz remedio para a cura das doenças da pele.

HOUBIGANT

PERFUMISTA

da RAINHA d'INGLATERRA e da CORTE da RUSSIA

PARIS

AGUA HOUBIGANT

SEM RIVAL TUDO O TONICANTE

AGUA de TOUCADOR Royal Houbigant.
AGUA de COLONIA Imperial Houbigant.

EXTRACTOS PARA LENÇOS: Violetta Ideale, Royal Houbigant, Peau d'Espagne, Moskar, Iris Idane, Le Parfum Imperial, Maiké, Muguet, Châtel Reine, Imperial Russie, Lili Idane, Héliotrope Idane, Fougere Royale, Gloriosa, Jasmin d'Espagne, Cuir de Russie, Giroflée, Corydalis, Bimbor d'Or, Sunrise, Russie.

SABONETES: Ophelia, Peau d'Espagne, Violetta Ideale, Fougere Royale, Lait de Thiriac, Royal Houbigant.

PÓS OPHELIA, Talisman de Belleza
PÓS PEAU D'ESPAGNE,
LOÇÃO VEGETAL, para os Cabellos.
PÓS ROYAL HOUBIGANT.

PERFUMARIA SPECIAL MOSKARI

mento na *escrivanha* e na *hoiada* não entrarás no reino dos Ceus. Aquelle que se humilha e se fizer pequeno como o menino, esse será o maior no reino dos Ceus. (S. Mat. 18)

Os Escribas e Phariseus como desejavam brilhar, e fazer actos de vã ostentação; buscavam os aplausos dos homens, e não sabiam a ruína sem que nunca trouxeram, que era o castigo de seu desprezo. Não os tinham chamados a si a attenção do povo. Nas assembleias e concertos occupavam os primeiros lugares, e nas praças publicas, anciosos de ouvir os rapazes, e as homenagens de todos, pretendiam ser chamados *Meitres*, e *Saberes*. (S. Mat.

Tu porém, Filho meu, por brilhante que seia o estado, a que te vejas elevado, despreza as honras, e os títulos vãos, que se agradam ao orgulhoso. A modestia e a angustia devem ser nesta vida a nossa linguagem; somente Jesus Christo deve ser chamado *Mestre* e *Saber*; porque elle só o rei de todos os homens: se alguém quer ser exultado, será humilhado, ao mesmo tempo o que se humilha será exultado, e de ti! Se tomas por modelo os Escribas e os Phariseus! Occultando os maiores vícios debaixo das apparencias de affectada santidade, te pareceris aquelles sepulchros enlucidos por fora, cujo adorno exterior excita a admiração dos que para elle olham, enquanto que o interior está cheio de ossos descarnados, e de podridão. (S. Mat. 23).

(Continua).

As nossas gravuras

SORRENTO

QUADRO DE CARLO BRANCACCIO

Uma visita a bella patria de Tasso pertence as mais encantadoras excursões que imaginar se podem. Quer nos aproximemos da cidade por terra, quer aqui chegemos por mar a impressão recebida será sempre a mais agradável possível.

Quando abriremos por mar atravessando o golfo azul-lar e deixarmos a grande e poderosa Napoles, vemos logo depois surgir a esquerda a pyramide enegrecida do Vesuvio, cujo cimo se acha envoltto em fumo. Passamos por muitos lugares que jazem na base da cadeia de montanhas que se estende

ao longo da costa do mar e que tem um lindo aspecto: Portici, Resina, Torre del Grecco, a cidade dos coraes e dos *macarrons*; Torre dell'Annunciata e a Castellomare sombreada pelos castanheiros. Quem para lá se dirige por terra, tem de seguir pela estrada que serpenteia ao longo da costa ora subindo ora, descendo e passando por grandes florestas de oliveiras, passando tambem por bellos castellos e socos ados mosteiros e em cada elevação se goza de um espectáculo lindissimo e variado. Sorrento jaz sobre um *platau* que se projecta no mar. Outrora ella era uma cidade muito commercial.

Não menos digno de nota é o Capo di Sorrento que limita a enseada de Sorrento ao sul. Solitario, este promontorio se banha no mar, desido de vegetação e bando pelas espumantes ondas. Quem ahi vai parece estar n'um mundo fantastico: por toda a parte encontra ruínas entre as quaes florescem as plantas acrotes. Este local fallar nos das grandezas e dos esplendores de tempos idos, e a região é tão bella tão unica na especie que o visitante dahi custa a sair pois é promido do desejo de passar o resto de seus dias n'este recanto poetico da terra, nesta solidão florescente formada das rochas e do mar.

*

Casa de Camponezes na Floresta Negra

QUADRO DE W. HASEMANN

A Floresta Negra é uma região montanhosa, desigual e fria, que tem muitas florestas de pinheiros. Assim a classicon o sabio geographo Sebastião Muenster: O velho sabio porém esqueceu-se de dizer que ahi tambem a um verão e que este ahi é dos mais brilhantes.

A nossa geração comprehenden isto ha muito tempo e muitos *touristes* percorrem nesta quadra do anno os encantadores valles ahi existentes e os que sobem aos pinheiros das montanhas, dahi poderão apreciar os mais encantadores e bellos panoramas.

Não só nos valles, mas tambem nas montanhas se encontra um grande numero de villas e cidades

espalhadas mas o elemento que ahi predomina é o camponez com as suas vivendas pittorescas.

Estas jazem na maior parte das vezes em um jardim cercado e de uma horta. São em geral feitas de madeira, tendo janelas pequenas e são cobertas por um telhado que vai quasi até o chão. Infelizmente este typo de construcções vai rareando cada vez mais.

É verdade que em varias villas ainda são encontradas, mas o espirito de epocha vai as transformando em edificios de pedra e cal.

O nosso quadro representa um bello specimen destas construcções e estamos certos de que o leitor reconhecerá que na sua simplicidade e originalidade ha mais poesia do que nos edificios hodiernos.

PARA SEMPRE...

A MINHA NOIVA

Hoje eu parto, e, doente, assim partindo, não me atrevo a dizer-te um só adeus, porque sei que veria os olhos teus chorosos pela dor de verem findo

o ideal que sonhei!... Os sonhos meus, tão cheios de esperança e gozo infinito, desfazem-se hoje, e, triste, vou sentindo os males que me offerta o santo Deus!...

A doença fatal, que me separa de ti, flor em botão, creança rara, na desgraçada morte faz-me crer.

Assim sendo, te digo: (amargo pranto ou sinto que me corre em dizer tanto) — Adeus, querida Noiva, eu vou morrer!...

Mato — 1900.

FLORES JARDIM.



CASA DE CAMPONEZES NA FLORESTA NEGRA

CHRONIQUETA

Rio, 15 de Agosto de 1900

A grande novidade dos ultimos quinze dias não foi o assassinio do rei da Italia; não foi o reaparecimento do actor Martinis nem o reaparecimento da *La rossa*; não foi a fundação da Liga Brasileira Contra a Tuberculose, a associação mais philantropica que ainda foi organizada neste paiz; não foi o fallecimento do engenheiro illustre que se chamou Oliveira Bulhões, não foi a lei de divórcio, votada em segunda discussão pelo Senado; a grande novidade dos ultimos dias foi... as letras naturalmente já adivinharam — foi... vou dizê-lo sem receio de que me contestem — foi a estreia da companhia Lyrica. Fosse acrescentar que os bonds do Jardim Botânico, com os bancos forrados de brim, para não estragarem as luxuosas *toilettes* das diletantissimas, constituiriam também uma novidade quasi tão discutida como o *Tamhauser*, o Mascheroni e os cantores que executarão a celebre opera de Wagner.

Não sei se farei praça de impetimento, dizendo que, por meu gosto, o luxo seria inteiramente hamido da nossa sociedade — sim, per que, vamos e venhamos, nós não temos o luxo, mas o semi-luxo, e o semi-luxo ridiculo.

Para que decotes de baile n'um theatro que não se presta absolutamente a essas etiquetas? Uma senhora, com *ball* e de baile, não tem n'el reito de gastar apenas dez toletes com o vehiculo que a leva ao theatro e a restitue a casa depois do espectáculo.

Os bonds, mesmo como os banc s forrados de brim, ou de damasco, não foram inventados para as pessoas que vão ao theatro — stentamão os ultimos requintes da etiqueta. Collos e braços nus, embora eny levidos n'uma discreta «sahua de bañe», não podem entrar n'um bond sem se expor ao ridiculo.

Melhor seria que nos deixassem de farofas que não se compadecem com os nossos haveres, nem com os nossos gostos, nem com a nossa indole, nem com essa modestia e esse recato que são, talvez, o maior encanto das nossas familias, e ouvíssemos a boa musica que o benemerit Sansone não propuziona, sem nos sujeitarmos a sacrificios e difficuldades.

A elegancia, a distincção, a moda, isto sim, mas para que o luxo, que nas sociedades pobres e o maior inimigo da arte?

E' por causa do luxo que no Rio de Janeiro as operas não têm o numero de representações que poderiam ter; e' por causa do luxo que muita gente se priva do prazer necessario de ouvir boa musica durante certo periodo do anno.

Eu quizera que a opera, sendo, como e, um agente de educação popular, fosse accessivel a todas as classes, e não dependesse da modista nem do alfaiate.

Mas não há duvida que o vestido de lan da moça pobre, que vai ao Lyrico, se envergonhe da *toilette* espaventosa da moça rica.

Bem sei que nas grandes capitães o luxo e inseparavel do theatro lyrico, mas a nossa capital so e grande no tamanho, e a sociedade humnense não tem elementos para imitar — enão incompletamente o que se faz em Paris ou Londres. E o que não e completo, e ridiculo. Quem não pede com o tempo não inventa modas.

ELOY, O HERODE

THEATROS

Rio, 8 de Agosto de 1900.

A Companhia Lyrica Italiana teve uma bella estreia com o *Tamhauser*, de Wagner, e o publico está satisfeitissimo com o empuzerario Sanzone.

O successo foi brilhante, embora não fosse completo: ao que parece, as cantoras não estiveram á altura dos cantores, e os coros atrapalharam-se no primeiro acto, em compensação, a orchestra, no dizer dos entendidos, e a melhor que se tem ouvido no Brasil, e Mascheroni um regente que nada fica a dever a Mancinelli.

O que podemos abançar e o seguinte: a illustre opera do grande compositor allemão produziu muito effeito; o barytono Carrusson teve as honras do desempenho; o tenor Ceppi agradou muito, o baixo Kossi e o mesmo artista que ja conhecciamos; as cantoras Elisa Petri, Therezina Ferraris e Strassem, ficaram de observação.

Ante-hontem repetu se o *Tamhauser*, e hoje canta-se a *Manon Lescaul*, de l'ucchini.

No Sant'Anna tivemos a famosa e molida *Ernesto*, de Meilhac e Halévy, e uma *reprise*, dos *Dois irmãos de Paris*, para o papel do actor Martinis.

A *Ernesto*, causou-lhe a impressão pessima que nos outros, que assim julgam pelas suas actuações, a peça que se julgamos interpretada por tres celebridades: ha, entretanto, que louvam a talento de Lucilla Sanches e Georgetta Pires, a latter palmas ao actor Mattos, completo no papel de pai de Erneston.

Os *Dois irmãos de Paris* tiveram mais, muito mais êxito a *Manon*. Este e toda a mesma actuação que o mesmo publico applaudiu, duz por muitos annos, e não se fatigou de applaudir de novo em dia.

A companhia dramática portugueza, que trabalhava no Lacerda, despediu-se hontem com os *Peccados e castigos* de Marcellino Mesquita, e parte hoje para S. Paulo, onde amagala se estadia.

As ultimas peças representadas foram: a *Sinhá Mouraria*, de Eduardo Schwalbach, e o *Martinho de Colmeira*, de Georges Lind.

A peça de Schwalbach tem o defeito de pertencer a todos os generos, desde o drama até a farsa; mas e enchebosa e tem um dialogo e espartido e vivo.

O desempenho dos papéis não a teve de extraordinario. As novas letoras conhecem, de certo, a bella comedia de Georges Sand, que vem um grande successo ao actor Henrique A'ves no papel do duque de Aleria.

A companhia Luiz Pereira e uma das mais completas que tem vindo de Lisboa ao Rio de Janeiro, e quando por outros motivos não interesse as nossas sympathias, basta-lhe, para conquistalas, o termo feito com he e aquelle primoroso dialogo dramatico de D. João da Camara, — o *Felizes*.

Os artistas da extincta companhia Moreira Sampão reuniram-se em associação para dar espectaculos no Varietades.

Estão ensaiando, para a recita de estreia, a espartiosa comedia *Praxiteles em Paris*, de Pel Moireau e Emile de Nance.

X, Y, Z.

QUATRO SECULOS

DE ACTIVIDADE MARITIMA

por A. JACQUEAU e VIDAL DE OLIVEIRA

Estudo original sobre a marinha de guerra brasileira, tendo merecido de toda a imprensa o melhor acolhimento.

Remettesse pelo correio, sendo o preço do livro para o interior 10\$000.

Dirige os pedidos para CASA LOMBAERTS LIVRARIA

A. Lavignasse Filho & C. 7, Rua dos Ourives, 7 RIO DE JANEIRO

NOVAS PUBLICACOES MUSICAES

Loja estabelecimento da União e Modas

E. BELVILACQUA & C

Valsas

Amor meu, por J. Chopin	1200
Les Chrysanthèmes, por Chopin	1200
Les Valse-Ballet, por H. Krumpholtz	2000
Amor meu, por J. Chopin	1200
Gravura por J. Proff	3000
Gravura por E. Chabrier	3000
Gravura por A. M. Al. Guarnieri	1800
Amor meu, por E. Nourath	1800

Polkas

Gravura por C. Bonifazi	1800
Dancemos, por C. Bonifazi	1800

Tangos

Gravura por E. Nourath	1800
Gravura por E. Nourath	1800
Gravura por E. Nourath	1800
Gravura por E. Nourath	1800
Gravura por E. Nourath	1800

Mazurkas

Gravura por C. Bonifazi	1800
Gravura por C. Bonifazi	1800
Gravura por A. M. Al. Guarnieri	1800

Schottisch, Pas de quatre

Victoria, por J. Chopin	1800
Os quatro raios, por C. Bonifazi	1800
Alise, por Aurelio Castellani	1800
Myosotis, por J. F. F. Fernando	1800
Les reveries, nova dança figurada (com explicação)	2500
Almeida, comoda (dueto)	1800

Grande sortimento de novidades para piano, canto, harmonia, etc.

REMETTE SE CATALOGOS GRATIS A QUEM PEDIR

Rio de Janeiro — Rua dos Ourives 43
S. Paulo — Rua Alca. — Rua S. Bento 11-A

EXERCICIOS DE GRAMMATICA

Analyse Lexicologica e Syntactica

Um Amigo da Instrucção

Curso Primario — Livro do Discipulo... 2\$000
Curso Secundario — Livro do Discipulo... 2\$500
Curso Primario — Livro do Mestre... 8\$000

Pelo correio mais 500 rs.

Rua dos Ourives, 7 — Rio de Janeiro

Reconstituinte geral do Systema nervoso, Neurasthenia.

NEUROSINE PRUNIER

NEUROSINE-KAPOE NEUROSINE GRANULADA
NEUROSINE-CAPSULAS

Debilitação geral, Anemia Phosphaturia, Enxaquecas.

Deposito Geral: CHASSAING & Co. Paris, 6, Avenue Victoria.

Prisão do Ventre

Agradavel ao paladar mesmo das crianças.

1 a 2 colheres, das de chá, ao jantar ou ao deitar-se.

CASCARA ALEXANDRE

50 cent. por cada colher das de chá.

Pharmacia, 19, Rue des Mathurins, PARIS.

HEMORRHAGIAS — HEMORRHOIDAS — VARIZES
PHLEBITES — VARICOCELES — METRITES
FIBROMAS — CONGESTÕES

Tonico e Sedativo vascular. Cura rapida por

HAMAMELINA ROYA

Principio activo aromatico da Hamamelis Virginica
Especifico das Congestões, Dilatações, Inflammacões venozas.

3 a 4 colheres, das de sopa, por dia.

Inocuidade, ab-soluta seja qual for a dose.

PHARMACIA LACHARTRE, 19, Rue des Mathurins, Paris

PHENOL-BOBCEUF

O MAIS ENERGIICO e o menos perigoso dos antisepticos

PHENOL-BOBCEUF PERFUMADO
Hygiene do Tovaridor
SAYÃO BOBCEUF
Antiseptia da Pelle.
AGUA DENTIFRICIA BOBCEUF
Antiseptia da Boccá.

SYLVIA LEMOS

A MELL. JOSEPHINA F. NOBRE
(Conclusão)

III

O sr. Guilherme Lemos distinguia-se por sua condição social e pelas maneiras e sentimentos que caracterisavam.

Conservava boas relações de amizade á escolha, por isso que somente privava com homens sinceros, francos, honestos, d'estes que se prezam e fazem do respeito uma religião, cuja divindade e a família em comum.

Fora de sua predilecção a dobliz, os caracteres inconsistentes, versáteis, que se distendem sob as conveniências como o cobre sob a permissão do martello.

Maurício era de seu peito.

Via nelle qualidades estimáveis, das quaes distinguia: probidade, sinceridade, talento, discreção, por isso que o tratava com absoluta confiança.

Na rua:

— Passa bem, doutor?

— Sr. Lemos, bem, agradecido; o sr. e os seus?

— Sim, muito... e permita-me que lhe convide para servir-se do nosso camarote esta noite...

— E' muita honra, e aceito o convite, replicou com um sorriso nos labios.

Deu-lhe o apertaram-se as mãos e:

— Até lá.

— Adeus.

A noite o theatro regorgitava de espectadores. Bandeirinhas de papel multicolor tremulavam no espaço, presas em guitas que se cruzavam.

Em cada columna das que sustentavam a galeria alavessava uma flecha tendo em cada ponta um balasinho chinês. Lustres de metal pendiam do tecto com muitas luzes veladas por globos de crystal com delineações em meio relevo.

E por toda parte: flores, inscripções, bandeiras, que denunciavam o extraordinario da festa provavelmente em beneficio.

A família Lemos occupava um camarote á esquerda, e juntamente achavam-se Lucia e Mauricio.

O espectáculo corria animado; representava-se a *Casa da Boneca*, interessante produção de Ibsen, o distincto dramaturgo scandinavo.

O desempenho da peça era excellente e por vezes soavam bravos entusiastas, com que os artistas eram aclamados.

A cada scena emotiva, como a decima do terceiro acto, em que o auctor resolve a sua these, apparellando com cores vivas a attitudie tragica de Nora, em cujos labios pde aquellas palavras com que fere bem a fundo a consciencia de Helmer:

«E quando isso tivesse succedido... eu tinha a intima convicção de que te apresentavas tomando a responsabilidade inteira sobre ti, e dizendo: Sou eu o culpado», palavras que vibram em quasi todos os corações, seguiu-se um sussuro talvez de grande admiração, talvez de simulado desgosto e que se communicava da plateia ás galerias e ia num *desprezendo*... até extinguir-se.

— Sinto muito, Maurício, que se retire de entre nós.

— Pois, está resolvido, meu caro sr. Lemos. Não fosse a necessidade imperiosa que tenho de cuidar de meu futuro, asseguro-lhe que não deixaria esta terra, a minha boa terra, para ir viver longe, em meio extranho, onde aspiro ganhar recursos...

Estas palavras que num intervalo foram proferidas no ambito do camarote n. 15 occupado pelos nossos conhecidos, pezaram sobre o coração de Sylvia mais que um canhoto de aço que lhe tivessem arremessado deshumanamente sobre o peito.

Ficou oppressa, suffocada por uma dor terrivel que lhe dilacerava a alma. Si naquelle instante os seus olhos não verteram lagrimas, foi porque ellas se lhe crystallizaram no coração.

— Quando pretende voltar, dr. Mauricio? interrogou a senhora Lemos.

— Não sei ao certo, minha senhora, mas não calculo demorar-me mais de quatro a cinco annos.

... cinco annos!? Deus do Ceull! bradaram dentro d'alma Sylvia e Lucia, que se entorcharam doloridas.

Lucia, testemunha afflicta d'esta scena, sentia com sua amiga todo o desgosto que lhe torturava agora.

Maurício engulia em secco após cada explicação mais que lhe exigiam sobre o inopinado projecto.

Passaram tristes todo tempo, e foi como si não tivessem assistido á representação.

IV

Em casa.

No dia seguinte Sylvia recebeu a visita de Lucia, e com profundo sentimento referiram-se sobre o occorrido da noite anterior.

— Perdi-o Lucia. Nenhuma esperança tenho de rehavo-lo.

Ha dias conversavamos, e elle disse-me que iria teutar fortuna em São Paulo; que seu ideal era alcançar meios para cercar sua noiva das commodidades da vida. A sua noiva!... Ah! quem será esta?... que certamente não sou eu, Lucia, impossivel!...

E eu não tinha por certa a sua revelação, que com surpresa vimos confirmada esa noite.

— Paciencia. Deves comprehender e reconhecer agora a importancia dos meus conselhos. Porém, não e tambem assim como supões. Os homens pesam pela palavra como se medem pelo talento.

Tens muito que esperar de Mauricio, porque, é franqueza dizel o, elle não se confunde com o homem vulgar. Entretanto, ahi depara-se o ensejo para reconheceres a justeza dos conceitos d'esta tua amiga.

Si Mauricio faltar com sua palavra, não será mais funda a tua dor, e maior o vexame para a tua dignidade?

— Certo...

— Houve uma pausa.

— Neste momento, continuou Sylvia, pensam-me pela memoria as minucias do nosso ultimo colloquio.

— Foi na sala do piano.

Elle falava-me docemente, com medo na voz, e os seus olhos lançavam scintillações que me produzem um como deslumbramento do espirito: «... vivo para a mulher a quem amo. Entretanto, a minha vida depende da sua, porque é a sua palavra que me domina, é a luz dos seus olhos que me consola, é a imagem gravada no meu coração que me guia os intentos, é a vista da sua adorada pessoa que me alenta. Cada vez que o contemplo me embala a doce visão do Paraíso; então, ouço cantar a natureza inteira e a fragancia suave de mil perfumes embalsama o ar que respira... Em vivo da sua vida...»

E em meio d'essa dulça terrissima, Mauricio me apertava a mão que tomou entre as suas frias... frias como si o sangue que me queimava o coração lhe gelsasse nas veias o seu sangue.

— Todavia, nem uma vez, Lucia, elle pronunciou o meu nome. Quem sabe? talvez não seja a uim que elle ama!...

— Porém so tu sentes o influxo do seu amor.

Em cada palavra, em cada laço de vista, em cada gesto seu elle t'lo confessa.

Em tudo Lucia revelava a lucidez de espirito, de que era dotada. Resta-nos dizer que em seu auxilio estava a educação, uma belleza a mais numa mulher bonita, e ao lado d'isso os bons sentimentos herdados de seus paes, que tinha de posição elevada.

Maurício partiu.

✱

Apos cinco annos.

— Já está mareado o dia das nupcias, sim?

— Sim, papa marcon o proximo 15 de Maio.

— Verdade que a desventura de muitas consiste em não se encontrarem com homens que saibam prezar a sua palavra.

São raros os Maurícios.

— E Samuel?

— Annuio para Setembro vindouro, e em seus labios se desabrochou um sorriso que ella procurou encobrir. Devo assistir a tua festa primeiro, depois assistirás a minha.

— Um abraço, Lucia, um abraço... devemos estar centessimissimas.

Apertaram-se as duas amigas num estreito amplexo, risonhas, felizes e contentes.

— Era manhã; o sol esplandia em ceu azul recamado de ouro, d'esse ouro que com uma exuberancia de opulento difunde todos os dias pela vastidão da terra.

E na rua passava, como habitualmente desde longos annos, aquelle mascate italiano saltando a espaços o seu pregão monoton e batendo o metro rua em fora...

ESTANISLAU GOMES.

POMBA E CHAGAL

O' natureza! o mãe piedosa e pura!

O' cruel, implacavel assassina!

— Mãe que o venen) e o balsamo propina,

E aos sorrisos as lagrimas mistura!

Pois o berço, onde a bocca pequenina,

Abre o infante a sorrir, é a miniatura,

A vaga imagem de uma sepultura,

O gormem vivo de uma atroza ruina?!

Sempre o contraste! Passaros cantando

Sobre tumulos... Il res sobre a face

De ascosas aguas putridas boando...

Anda a tristeza ao lado da alegria...

E esse teu seio, d'onde a noite nasce,

E' o mesmo seio d'onde nasce o dia!

OLAVO BILAL.

Aphorismos medicos

(REVISCA DA SEMANA)

De vez em quando é preciso que o folhetim não procure apenas o agradável e aspire tambem a ser util.

Em certos casos da vida torna-se possivel que o util e o agradável passem de braço dado, como um velho prudente, posto ao lado de uma rapariga leviana, para reprimir-lhe os excessos de alegria e as demansias de mocidade.

Da se hoje um d'estes casos, porque a medicina, que em sua a conservar a vida, tem de sair a passeio com o folhetim, que muitas vezes continua a malabarata.

E' pretexto para esta conjucção discreta um opus-culosinho, que a *Assembleia Nacional dos Tuberculosos* acaba de publicar sob o titulo — *Alguns aphorismos populares*.

Medicina em verso, certamente a mais agradável de todas as medicinas: custa pouco a tomar.

Os primeiros legisladores, taes como Lycurgo e Dracon metrificaram as suas leis, para que facilmente ellas pudessem cair no agrado publico, ser lembradas e observadas sem enfado.

Um dos illustres medicos filiados, na liga contra a tuberculose, segundo o exemplo dos antigos legisladores, tambem compoz agora em verso os aphorismos que julga indispensavel tornar mais conhecidos ou interesse da hygiene publica, e acaba de publical-os.

Tenho diante de mim e em verdade direi que nunca me custaram meos a ouvir os conselhos de um medico.

E' o cuti) ministrado em j)ulas de sabor agradável; e o verso rimado.

Vamos, pois, passar alguns momentos a meditar n'esses aphorismos, que podem contrariar habitos adquiridos, mas que não deixarão por certo de ser meos uteis á humanidade do que o oleo de fígado de bacalhau, sendo alias muito mais faciles de tomar.

Em primeiro logar, o auctor dos aphorismos chama a attenção do publico para o valor da saude, afim de que cada qual a estime como deve:

A saude e, com certeza,
do mundo a maior riqueza.

Diziam os antigos portuguezes que o valor da saude so se podia avaliar depois que a perdíamos.

Era verdade, mas as verdades, como os frutos, devem vir na estação propria.

E esta verdade vinha muito tarde...

Perder uma coisa, para avaluarmos depois a falta que nos faz, não é processo que nos leve a achal-a outra vez.

E' preferivel acautelarmo nos para não perdermos o que so duvidosamente lograremos encontrar de novo.

Assim, pois, seja cada um que é sadio, a riqueza que tem, e pouje a e estime-a.

Muita gente se mata por não ter
da hygiene o culto e o poder.

Combinaram os jornaes de Lisboa não dar pormenores dos suicidios para evitar a suggestão, que impressiona os espiritos fracos.

Mas os seus exemplos do suicidio quotidiano pela falta de hygiene, todos podem observar, e o peior é que muita gente os imita.

Contam-se pormenores sob a forma de anedocta: que certo escriptor portuguez, que não tinha o habito de lavar-se, foi presentedo ironically com um sabonete e por julgar que era um *bonbon*, desatou a comel-o.

Ora eis aqui esta um pormenor que deve entrar no accordo da imprensa e ser prohibido.

Porque, vivendo nos n'uma terra onde todos se julgam superiores, nada mais natural do que qualquer pretendente a superioridade deixar de lavar-se, para que a seu respeito possam contat-se anedoctas.

A noite cedo deitar
para cedo levantar.

E' este um aphorismo, que vem contrariar, os costumes alfacinhas, e talvez estorvar os interesses dos theatros, dos botequins e dos restaurantes.

Aos caixeirinhos de Lisboa, que estão procurando coneguir que as lojas se fechem mais cedo á noite, convirá fazer uma advertencia; fechada a loja, coma,

Porque a verdade é que a sciencia não deixa dividas a este respeito:

As noutadas e os excessos
De suicidio são processos.

Tambem n'uma terra de pessoas fracas como e a nossa, o sport cyclista terá de soffrer um rombo.

Evite quem seja fraco
cyclismo dança e tabaco

A dança está num periodo de decadencia; mas o consumo do tabaco tem tomado tal desenvolvimento, que permite architectar sobre elle grandes operações financeiras.

Viu-se ha pouco, quando se tratou de pagar a indemnisação a que fomos condemnados pelo tribunal de Berne.

Deixassemos de fumar, que remedio! Declaro que esta perspectiva me abala um pouco, por amor ao cigarro. Custa-me menos deixar a valsa.

Terás as filhas fracas e doentes

Se o espartilho, em novas, lhes coisentes

Sem embargo, o espartilho faz falta a elegancia das formas, que recreia os olhos.

Lá se vai essa delicia de ver passar na rua um gentil corpinho de mulher, cujo busto parece desabrochar do espartilho como do calice de uma flor.

Mas seja, que mandr quem pode.

Se desejas ser sadio,

Nos pés nunca sintas frio.

Pela minha parte, desejo; mas não sei bem como hei de ter quentes os pés quando elles teimam em querer o-nservar-se frios.

Ha muitos annos que eu, um sedentario, ando a procura d'este ideal: sem o ter podido encontrar.

E' contudo, não quem mais do que eu de cjarra ser sadio.

O beijo mais innocente
Pode ao saõ, tornar doente.

Pelo sim, pelo não, o mais prudente e por de
parte o beijo. Pois, senhores, ha alguma falta. Era
um costume antigo e, em certos casos, sabia bem.

Por cautela—supprimidos os beijos.

De longe as moscas nos trazem
microbios que damnos fazem.

Corrente. As moscas são incommoedas e, demais
a mais, podem ser perigosas. O melhor de tudo e le-
chali-las as janellas para que não possam entrar.

De todos os remedios, o ar puro
e sempre o mais barato e o mais seguro.

Se abro a janella, entram as moscas, se fecho
a janella, perco o remedio mais barato e mais
seguro.

Não é facil encontrar o meio de conciliar as duas
coisas. Veremos o que se pode fazer com a janella
ao mesmo tempo aberta e fechada.

Evite quem do peito fór doente
as casas em que esteja muita gente.

Este aphorismo vem tornar improvavel a conser-
vação dos governos, pelo perigo que resultará da
reunião das maiorias, seja no edificio das cortes ou no
salão do ministerio do reino.

Es proprios conselhos de ministros tambem tra-
rão inconvenientes, sendo, portanto, acertado que se
mitte o exemplo do marechal Saldanha: um ministro
com sete pastas.

Leite puro, mas bebido
so depois de bem fervido.

Leite puro? Em Lisboa a questão esta n'estes
termos: o leite casou com a agua. E agora? Não
foi approvedo o projecto de lei do dr. Roboredo de
Sampaio. Não ha o divorcio. Como será possível se-
parar a agua do leite, tão bem casados ha tanta
somma de aunos?

Quanto mais fino é o pão
menos serve á nutrição.

Vamos para a semente, e de certo o que menos
custa. O pão salão não esperava por esta pechincha,
que lhe vai abrir um largo futuro.

Quem quizer os pulmões acautelar
As poeiras evite respirar.

Isto agora é mais difficil—sobretudo em Lisboa.
Ha oito dias, graças á nortada, que a gente esta res-
pirando po. Torna-se preciso viver cá e respirar
n'outra parte. Tambem não é nada facil.

São certamente muito uteis estes conselhos, e não
podia ser mais attractante a maneira de os formular:
reunem o util ao agradável.

Mas, por maior que seja o meu respeito pela me-
dicina, e muito, receio, francamente, que elles não
me aproveitem sem os honrar de segun.

Poi que, de certo, escaparei da tuberculose, mas
virei a morrer de—tristeza.

De I. Cohen.

ALBERTO PIMENTEL.

TRECHOS DE MAGUA

- Vae! disse-te eu, não chores mais, a vida
tem momentos assim como este da partida,
em que a gente, por mais heroica que se faça,
sente que contra a dor a alma se despedaça.
Vé como é doce o azul e claros os caminhos,
na alegria do ceu, na alegria dos ninhos.
Si anda a magua no b'sique, é tão leve essa magua
como um fino rumor de um claro veio d'agua.

As rosas vão abrindo: abre tambem a rosa
da tua bocca ideal, o flor deliciosa,
e ri n'um riso bom, riso de ouro e chimera,
como as tuas irmãs riem na primavera.
De que vale o choro: has de partir por certo
e eu terei de ficar, n'esse longo deserto,
longe dos olhos tens, na cruel soledade
dos tristes caminhos enfermos da sanidade

Enfuga os olhos, filha, e vae, vae e não chores:
a vida é mesmo assim, e tem luctas maiores!
Vae contigo a minha alma, a infeliz prisioneira,
ou clama no sepulchral d'esta affeição primeira.
Eu ficarei aqui, solitario e triste, não,
a falar e a te ver nas horas do meu sonho,
E viverei por ti, o meu celeste lyrio,
na doçura sem par do meu grande martyrio.

E foste. E eu te segui ao longo do caminho,
Depois não vi mais nada, e pallido, e sosinho,
sentique em t'roto a vida, n'adella soledade,
cava lentamente a noiva da saudade.

Mário Totta.

Assistencia nacional contra a tuberculose

N'um bem attralente e gracioso folhetinho, — que
um predo que quer ser visitado tem de ser im con-
vite pel seu aspecto exterior — acaba de publicar a
Assistencia Nacional Portuguesa contra a Tuberculose
algunis aphorismos populares contra a terrivel
enfermidade.

Cremos bem que, mercê das facilidades memo-
ricas do verso, da forma impressiva do conceito popu-
lar e do encanto litterario em questão, a esses apho-
rismos, que condensam regras fundamentais da hy-
giene geral e, para a hypothese, preceitos e prescri-
ções de cautellas e resguardos, esta destilada uma
salutar e fecunda acção, pelo que ha a louvar, e muito,
este engenhoso e tão intellectual processo de propaga-
nda, a favor da cruzada santa contra a tuberculose.

Aptemos agora o nosso breve dizer com estas
transcripções:

A saude é, com certeza,
do mundo a maior riqueza.
Quem o seu mal não descua
adanta meia cura.

Quem quizer não ser doente
asseada seja, e prudente.
A quem mais asseo tem,
mais tarde a morte lhe vem.

Doença a tempo tratada
vae em via de entrada.
Fugiras de curandeiros
e de remedios caseiros.

As n'itadas e os excessos
de suicidios são processos.
Aos filhos da profissão
bem conforme a compleição.

Evite quem seja fraco
ciclismo, dança e tabaco.

Se queres ver crianças bem sadias,
costuma-as ao ar livre e aguas frias.
Ter as filhas fracas e doentes,
é o espartilho, em novas, lhes consentes.

Se desejas ser sadio,
nos pes nunca sintas frio.
Nas casas em que o sol não tem entrada,
sempre a doença faz cruz morada.

Mau ar e mais alimentos
fazem nos mil soffrimentos.
Sempre a molestia sahe pela janella,
se muito ar e luz entram por ella.

O muito ar e luz muito abundante
em um barato e bom desinfectante.
De todos os remedios, o ar puro
e sempre o mais barato e o mais seguro.

So casa com janella ha de servir
para fazer teu quarto de dormir,
Cada officina deve ser dotada,
da melhor hygiene bem cuidada,

O beijo mais innocente
pode ao saõ tornar doente.
Para casa os microbios são trazidos
pelas damas, nas caudas dos vestidos.

Casa não desinfectada
tem logo a morte a entrada,
Onde um tísico fez habitação,
ninguem residia sem desinfecção.

O alcool faz mal a toda a gente;
deixa de o beber quem é prudente.
O alcool é a chave mais segura
para fazer a nossa sepultura.

Casa limpa, bom ar, boa comida
dão saude, prazer e longa vida.
A horas, devagar e socegado
comeras sem ficar abarrotado.

Leite puro, mas bebido,
so depois de bem fervido.
Quanto mais fino é o pão
menos serve á nutrição.

Em fructa não descascada
nem lhe des a dentada.
Um bom conselho se diz:
— respira pelo nariz.

Tuberculose a tempo bem tratada,
e doença que deve ser curada.
Quem fór tuberculoso dirnia so,
se de si e dos outros tiver do.

Casar-se o tuberculoso
e tornar-se criminoso.
Um escarro de tísico assassina
como o punhal de lamina mais fina.

Pelo escarro mais gente tem morrido
que nas guerras que tem no mundo havido.
Cuspir no chão
é má acção.

Nas casas limpezas
se devem lavar
com panos molhados
em ves de vapor.

Nunca deves consentir
tapetes nem cortinados,
nem os moveis estofados
no teu quarto de dormir.

Com o que ingerimos,
com o que respiramos,
se nos não prevenimos
nos tuberculisamos.

Mosaico

Um provinciano vai passar oito dias na capital,
e a mulher conhecendo as tendencias pouco asseladas
do marido, mette-lhe na mala oito camisas, recom-
mendando-lhe que vestisse uma cada dia.

— Vé lá, não te esqueças. Tu sias muito e não
quero que vás metter nojo a ninguém.

Passados os oito dias, regressou o bom do homem
aos penates.
Vinha extraordinariamente volumoso.

— Oh! homem! tu inchaste? perguntou-lhe a cara
metade.
En não, são as camisas.
— As camisas?

— Pois não me disseste que vestisse todos os dias
uma camisa lavada? Foi o que fiz, e ellas cá estão
todas, mas ainda me fazem suor mais.

Um aldeão muito avarento tem noticia da morte
de seu medico a quem elle emprestara dinheiro.

— Hei! diz o aldeão a mulher, se eu tivesse a
ventra de ter, ha dois mezes, aquella pneumonia,
já estava perdido o meu rico dinheiro!

PANDORGAS vae comprar um par de botinas, ao
sapateiro.

Experimenta uma, que lhe aperta os callos:
— Homem!.. Esta serve, mas... doe-me como
o diabo!..

CAINEIRO:— Isso é somente hoje. D'aqui a dois
dias estão frouxas... Verá!

PANDORGAS:— Ah! sim? Está bom. Então, d'aqui
a dois dias venho buscar as botinas.

LARACHA (com ar de demagogo n'uma discussão políti-
ca):— O que nos falta a nós, brasileiros, é a intuição
do dever!..

Bilontra (com os seus botões):— Não me cabe a ca-
rapuca... Tenho mais de cincoenta cadaveres.

Felix, galante e espirituoso, diz em uma reunião
á dona da casa, que lhe offerencia uma chicara de
chá:

— E. exc.ª é como esta chicara: «pleine de bon
ché...»

Todos applaudem o feliz trocadilho.

O Sousa, que não estava presente, toma nota e
d'ahi a dias, em outra casa, diz a senhora que lhe of-
ferencia uma chicara de café:

— V. exc.ª é como esta chicara: «pleine de bon ca-
fé...»

A esposa: «Sabes, meu bem, a principio o medico
cuidou que a tua molestia tinha-te affectado o ce-
rebro?»

O marido: «E parece que ainda acredita que estou
doido? do contrario, não me mandava uma conta tão
despropositada.»

— Qual é o maior castigo que se pode applicar
a quem commetter o crime de bigamia?

— E' obrigar-o a ter em casa as duas sogras.



MOLDES

Temos a satisfação de communicar ás
nossas gentis assignatas e leitoras que,
apesar de nosso silencio, continuamos
com o nosso serviço de moldes tanto d'A
Estação, como de qualquer outro jornal,
para esta cidade e para o interior da Republica.

Ha uns bons trinta annos temos nos incumbido
desse serviço, confiando o sempre a pericia de verda-
deiras artistas em materia de cortes.

Agora mesmo as senhoras a quem confiamos esse
trabalho, são das mais abilitadas mestras no assum-
pto, no qual não temem confronto.

Nunca recebemos reclamações contra o serviço da
casa e com ufania podemos assegurar que estamos ha-
bilitados a satisfazer a freguezia mais exigente, sem
que tenhamos receio de que nos venham dar lições de
apuro e bom gosto, nem na modicidade de nossos pre-
ços.

Para o presente numero offerecemos:
N. 2—saia do vestido de fustão..... 1\$500
N. 6—costume para menino..... 2\$300

Os recados são recebidos no escriptorio desta folha,
bem como, a importancia que deve acompanhar o pe-
dido.

Pelo correio mais 100 para o primeiro
e 200 reis para cada um dos que se se-
guintem.

A Flôr da Graça

Em nossas tardes de Maio que ella aos campos floridos corria louca, saltitante a colher formosa, as flores da primavera dessa estação de amor.

Como borboleta trançamos, aqui, ali, acolá, pousava um instante colhendo, de entre as mais lindas e mais linda flor, que seus olhos devoradores cubiçavam.

Uma vez, quando eu passava por aquelle caminho aromatico de cores, encontrei-a sôzinha a scismar dolente a sombra immensa de uma eira florida.

Como que tímida, envergonhada ao levantar os olhos ternos e pretos, baixou os rapidos... rapidos mais que o vento, quando me divirgou a contemplar-me meigamente...

Era formosa: tinha a graça de uma flor, tinha o sorriso angelico das almas penitentes a Deus, tinha a belleza de um anjo. Seu halito embriagante e odorifero exhalava-se em nuvens ligeiras, muito ligeiras mesmo, aos paramos do Alem.

Com que guerdice se descontrolavam, cahindo bellos sobre o roseo collo innocente e puro, os cabellos pretos e ondulantes?!

Diz-se-lhe que o Anjo da Formatura encarnara-se para sempre... senque naquelle corpo mimoso...

Tive um leve tremor: agitou-se-me a alma contemplativa, e de mansinho, passo a passo, fui à Virgem que triste meditava e perguntei-lhe branda-

mente: — que sorris, ó anjo innocente... acaso te punge o peito amante e delicado alguma dor que te fez silente sentir uma recordação do teu tempo de outora?

— Ah! Sim; disse-me entreabrindo os labios, os mimosos e seductores labios, deixando vagamente, lindamente, apparecer um gracioso e alvidente fio de perolas muito brancas mesmo.

— Como tu feliz outrora! Alegre, sempre riacha, tendo a meu lado o meu amor pimento eu sentia-me rica, embora pobre; a Ventura brillava dentro de minh'alma hoje tão triste e soffredora.

— Oh! meus bellos e amourosos dias do meu passado bendito, onde a Esperança era o unico espectro que a noite em sonhos de amor me appar eia ditosa, e um futuro divino eu imaginava sorrindo, sorrindo de tudo, escathecendo de mim mesmo.

— Mas ah! Meu senhor, esse ingrato amor sumiu-se e deixou-me sôzinha a lamentar-me em doridas recordações.

— Ah! sim, sim; eu soffro e talvez sem um lenitivo para as minhas maguas... Agora minha vida é esta; sympathizo as dôres, para ellas vivo, e somente a ellas é a quem eu amo neste mundo, onde o Desengano brilha e empegue tanto a nos todos...

E assim contou-me a Flôr da Graça, o seu scismar, o seu viver entre flores, ella que era a flor de todas as flores.

CENEA MATIAS

FRANCO GARCIA

Reminiscencia

Quando à tarde, isolado nas campinas, onde ha perfumes, canticos suaves, borboletas de cores matutinas, lindos borques coloridos como as matinas.

Seguia a sô, medindo os passos graves, em meio dos arroyos, das collinas, ouvindo aquil e alli trinar as aves, ao murmuro de lymphas crystallinas.

Sentindo então aquelles borborinhos, vinham-me à mente os sonhos de ventura, os arulhos das aves nos seus ninhos.

Hoje, apenas, na dôr que me tortura, vejo covos e serpes nos caminhos e além... aberta e fria a sepultura!

Das Nymphéiras.

NINON DE LENCLOS

esvarnecia da ruga, que jamais onsou manchar-lhe a epiderme. Já passava dos 80 annos e conservava-se joven e bella, atraido sempre os pedacos da sua certidão de baptismo que rasgava a cada do Tempo, cuja foize embotava-se sobre sua encantadora physionomia, sem que nunca deixasse o menor traço. Muito verde ainda, via-se obrigar a dizer o velho rubugento, como o raposo de La Fontaine dizia das avas. Este segredo, que a celebre e egoista meior jamais confidava a quem que fosse das pessoas que nella época, descobrio-o o Dr. Leconte entre as folhas de um volume de *L'Histoire amoureuse des gaules*, de Jussu-Rabutin, que fez parte da bibliotheca de Voltaire e actualmente propriedade exclusiva da PARFUMERIE NINON, MAISON LECOSTE, Rue du 4-Septembre, 35, Paris.

Esta casa tem no á disposiçao das missas elegantes, sob o nome de VERITABLE EAU DE NINON, assim como as receitas que d'ella provém, por exemplo, o

HUVET DE NINON

pó de arroz especial e refrigerante;

Le Savon Crème de Ninon

especial para o rosto que limpa perfeitamente a epiderme mais delicada sem alteral-a.

LAIT DE NINON

que dá alvura deslumbante ao pescoço e aos hombros. Entre os productos conhecidos e apreciados da PARFUMERIE NINON contam-se:

LA POUDEE CAPILLUS

que faz voltar os cabellos brancos á cor natural e existe em 12 cores;

SEVE SOURCILLIERE

que augmenta, engrossa e bruma as pestanas e os supercillios, ao mesmo tempo que dá viveza ao olhar.

LA PATE ET LA POUDEE MANDERMALE DE NINON

para finura, alvura brilhante das mãos, etc., etc.

Convem exigir e verificar o nome da casa e o endereço sobre o rotulo para evitar as omittações e falsificações

PARFUMERIE EXOTIQUE E. SENET

35, Rue du 4-Septembre, 35, PARIS

MÃO DE PAPA de duque, de príncipe, por meio da **Pâte des Prêlats**, que embrançace, alisa, assentina a epiderme, impede e destrôe nas frieiras e os rachos.

UM NARIZ PICADO de pequenas borbulhas ou com cravos torna a recuperar sua brançura primitiva e suas côres lisas por meio do **Anti-Bolbos**, producto sem igual e muito contrastado.

CUIDADO COM AS CONTRAFACÇÕES Para ser bella, encantar todos os olhos deve-se servir a **Fleur de Pêche** pó de arroz feito com fructos exóticos.

POUCOS CABELLOS

Fazem-se crescer e cerrallos empregando o **Extrait Capillaire des Benedictins du Mont-Majella**, que tambem impede que caiam e que fiquem brancos.

E. SENET, Administrador, 35, Rue du 4-Septembre, Paris

NÃO ARRANQUEM MAIS

os dentes em agulhas, não os arranque os com o **Elixir dentifrice des Benedictins du Mont-Majella**.

E. SENET, Administrador, 35, Rue du 4-Septembre, Paris

Pastilhas e Xarope de Nafé

DELANGRENIER

excellentes peitoraes contra

TOSSE, DEFLUXO, BRONCHITE

As Pastilhas de Nafé são verdadeiros confeitos peitoraes de um gosto delicioso. Acalmam as irritações da garganta e do peito.

O Xarope de Nafé, misturado com uma infusão ou com leite quente, forma uma tisana muito calmante e muito agradável.

Esses peitoraes não contém substancia toxica e podem ser administrados com toda a seguranca ás CRIANÇAS e muito particularmente contra a COQUELUÇHE.

Exigir a marca verdadeira. Delangrenier-Paris

São encontrados em todas as Pharmacias

SUAVIDADE — FRAGRANCIA — DELICADEZA NOVO PERFUME

LE REFLE

CAUTELA COM AS IMITAÇÕES

Incarnat

PARIS

IPIVER



DESCONFIAR DAS FALSIFICAÇÕES



ST. JEAN DE LA CROIX

Por sua notavel concentracão das plantas as mais virtuosas e as mais salutarias, a

AGUA DE MÉLISSE



SAINTE THÉRÈSE

BOYER CARMELITAS BOYER

Unico Succesor dos Carmelitas

obra de um modo prompto e absoluto nos casos de Ataques de Nervos, Apoplexia, Paralysis, os Vertigens, as Syncopes, as Indigestões; nos tempos de Epidemia, Dysenteria, Cholera-Morbo, Febres, etc.

Uma pequena colherada pura ou sobre um pedaco de assucar.

DESCONFIAR DAS FALSIFICAÇÕES

A AVAREZA NA INDIA

O que se segue é extrahido de um interessante artigo publicado no *Times*, por M. Arnold Boscowitz. Começa assim:

«Pode-se avaliar em 30 bilhões de francos, pouco mais ou menos, o valor total do ouro produzido nos dois mundos, desde a descoberta da America. Grande parte, coisa curiosa, d'essa onda de ouro que ha quatro seculos tem mudado a terra, se encontra hoje na India, mais escondida debaixo do solo, do que ou-tora na sua rocha matriz! O valor do ouro importado na India, durante 60 annos, pouco mais ou menos, isto é, desde 1837 ate 1898, excede de 3 bilhões e 634 mil-lhões de francos no do ouro exportado.

O solo da India absorve on-das de ouro, como a areia dos desertos bebe a agua dos gran-des rios. Quã do se pensa que este trabalho de absorção dura sem interrupção ha uns 10 se-culos, e que se perpetua ainda as nossas vistas, forma-se facil-mente idéa dos immensos the-souros escondidos nesse paiz.

Todo este ouro é esteril, e, portanto, perdido.

Seria erro suppor que en-trou na circulação ou que passou para as mãos dos ourives indigenas. Dispersos por innumera-veis escondijos, jamais saliri d'elles.

Até a occupação pelos ing-lezes a propriedade individual na India não tinha segurança alguma. O paiz estava sujeito a continuos saques das tribus a rivaes, que se degladiavam e entravam nas povoações inimigas, devastando-as.

Para livrarem seus haveres, os principes, os grandes e hu-mildes, adquiriram o costume de occultar em thesouros debaixo da terra, tanto o seu dinheiro como suas joias e outros valores. Este habito inveterou-se e tor-nou-se hereditario, de tal modo, que ainda hoje procedem como nos antigos tempos de invasões e de saques.

Calcula-se que na India ha bilhões e bilhões de ouro accumulados em thesouros escondi-dos, sobretudo em pedras, que datam de muitos seculos.

«Neste paiz distante, diz M. Boscowitz, os humildes, os pequenos, os indigentes, os po-bres, finalmente, todos, uns e outros, aqui ali, em qualquer logar seguro, em algum escondijo profundo, cada um vae metter seu minusculo thesouro, que vigia, que augmenta, no qual não toca jamais, e em pro-veito do qual arrosta com a ló-me, a vergonha e até com a morte.»

Os grandes e sobeitos fa-zem o mesmo, e são insaciaveis no accumular das riquezas.

Não cessam de empilhar moedas de ouro del'axo das abobadas dos castellos fortifi-cados, as quaes se vão accumu-lando cada vez mais, de geração em geração, de seculo para se-culo.

O autor do artigo recorda um facto curioso passado com o maharajah de Sindhi.

Este reclamou do governo Britanico, a restituição da for-taleza de Gwahor. Tanto insis-tiu, supplicou e intrigou, que venceu a sua demanda.

As autoridades britannicas desconfiaram, é verdade, de tao grande empenho, porque a ci-dadella não era nenhum logar sagrado, como muitas cidades santas da India, mas não atinaram, com a verdadeira causa da afflicção do maharajah, que parecia morrer de dor, se não lhe restituíssem a sua querida fortaleza.

Manifestava por ella um culto quasi divino, e acreditar-se-hia, com effeito, que nella existia occulta qualquer divindade, de quem o maharajah era muito devoto e que não queria que ficassem em poder de estrangeiros.

Na verdade descobriu-se recentemente que ali se encontrava encerrado um deus adorado por toda a humanidade, o hezerro de ouro, cujo culto ainda não cessou e não se sabe quando cessará entre os povos mais civilizados.

Tudo em sua mente lhe erigem altare, e o ado-rar fervorosamente.

Na cidadella de Gwahor estava guardada a grande somma de um bilhão e 500 milhões de francos em moe-da de ouro!

A entrada para o subterraneo onde estava depo-sitada tão grande fortuna, fora murada com tanta arte, que era impossivel dar-se com o escondijo, a não ser quem não estivesse iniciado no segredo.

O subterraneo está aberto na rocha, que serve de alicerce á fortaleza!

Diz-se que ha em Bombaim 200 milhões de fran-cos em soberanos de ouro com a effigie do deagão adorado da India e na China, e os quaes os indigenas guardam como reliquias sagradas.

E afirma M. Boscowitz que os proprios subter-raneos dos templos regorgitam de ouro, nos quaes só os padres tem accesso.

As nossas gravuras

As primeiras cerejas

QUADRO DE THEO GUER

Appareceram as primeiras cerejas maduras. Este é um acontecimento sempre grato aos habitantes da Europa e muy principalmente as creanças para as quaes o apparecimento das cerejas constitue um verdadeiro dia de festa. O quadro representa uma moçoira que tem a ven-tura de colher as primeiras fructas no pomar. A sua physionomia traduz bem clara-mente a satisfação de que se acha possuída e os seus ha-bitos parecem antegozar o sabor dos fructos appetecidos. Bom appetite.

Companheiros de brinde.

QUADRO DE THEO GUER ELM GLEMANN

Quanta naturalidade no bello quadro. Ah! vemos reunidos em torno da innocencia os animaes domesti-cos sem o menor receio de que se lhes faça mal algum.

Pois não sabem as cabras que o seu companheiro vem repartir com ellas o torrão de assucar ou o pedaco de pão que lhe deram?

Por acaso os coelhos ignoram que elle lhes traz alguma folha de couve ou de alface? Assim tambem os pombos e os demais passatinhos não fogem á sua companhia, porque a elles tambem caberá alguma cou-sa, algumas migalhas de pão, alguns grãos de aveio: trigo ou arroz.

Eis porque todos logo que o veem em torno delle se agrupam e com elle fazem boa camaradagem.

MARIA

AO

ALFREDO AZAMON

1

Foi um dia fatal aquelle! Dois de novembro — data tenebrosa para o infeliz poeta Jonas de?...

Leonor, sua esposa e posta de um mez apenas, morrera repentinamente! O coração do trovador estava coberto de crepe!

III

Nunca physionomia alguma mostrara tanta dor estampada como a do cantor enlutado!

Não chotava — era uma estatua — estatua do pezar, do sofrimento!

IV

Quando o enterro sahia, elle pudera articular estas palavras: — Maria! morta! Deus! Como sou infeliz!...

V

Depois... uma gargalhada horrivel, phantastica se evadira dos labios do poeta!

Lonco — disseram os seus amigos francamente emocionados!



AS PRIMEIRAS CERÉJAS

Ao chamado dos deuses, pela bocca dos seus pa-dres, elle ahí afflue docilmente de todas as partes; e ahí se accumula, partilhando com os deuses do in-censo e das homenagens que os humanos lhes ren-dem

Ferreira de Araujo

Aos nossos illustres collegas da *Gazeta de No-ticiãs* enviamos sinceras condolências pelo falle-cimento do emittente brasileiro Dr. Jose Ferreira de Souza Araujo, fundador e redactor chefe da-quella folha, e uma das glorias mais legitimas do jornalismo brasileiro.

VI

No cemiterio D... um joven recitava versos ao pé de um túmulo!

Era o poeta, que, apesar de doído, decantava na sua lyra chorosa o corpo da sua amada, corpo inerte, sempre inerte!

S. Paulo — 1900.

ARTHUR GOULART.

Resignado

D'essa face querida
O divino matiz
Adorar foi, na vida,
Meu destino infeliz.

D'esses labios de rosa
O suave frescor
A chimera formosa
E' do men triste amor.
Se do mundo me isola
Uma duvida atroz
Minha angustia consola
Tua mimosa voz.

Quando o gelo da morte
Os meus labios cerrar...
Bem direi inda a sorte
Vendo o teu meigo olhar!

Niteroy : 1900.

A. AZAMOR.

- X O O O O X -

PRECE

Escrepta após a leitura
da poesia «A minha mãe»,
inserta no «Interludio»,
de Eugenio de Castro.

Santa Maria, doce e bondosa,
Trago meus filhos ao teu altar ;
Lança sobre elles, Mãe piedosa,
A luz bendita do teu olhar!

Dizem alguns, Virgem Maria,
Que a vida é triste, que tem horrores,
Que para elles, oh! mais valia
Dormir na cova cheia de flores ;

Que os mimosos, frageis pésinhos,
Que eu me canço, não, de os beijar,
Encontrarão sómente espinhos
Pelas veredas que vão trilhar ;

Que só revezes, duros pezares,
E' que lhes guarda o mundo, a sorte ;
Que hão de sulcar sombrios mares
Sem um pharol, sem guia ou norte.

Por isso, oh! Mãe trago-os agora,
Junto ao refugio do teu olhar ;
Silvem serpentes em torno, embora,
Ha de amparal os o teu olhar.

Vê que são lindos, têm a candura
Do teu divino, loizinho Senhor,
Olha os, nos olhos igual doçura,
Nos labios — risos feitos de amor.

*

E hei de querer, Virgem das Dores,
Que a morte os leve, torva, sombria ?
Hei de querer que os meus amores
Durmam para sempre na cova fria ?

Se os abrigares nas carinhosas
Dobras do manto do teu amor,
Não terei medo das tormentosas
Luctas da vida cheias de dor.

Não terei medo, não, das ciladas
Que os maus, os torpes, põem em armadas ;
As tuas mãos puras, sagradas,
De mil perigos hão de os salvar!

.....
.....

Fis os meus filhos, Mãe piedosa,
Da lhes o abrigo do teu amor.
Livia os Sculhora da tormenta
Noite do crime, noite de li torto.

1899. — 160.

ALBA NOGUEIRA BAPTISTA.

Na matta virgem do Turvo

Município da cidade do Serro

Muitas ao descambar do dia

O vento passou e as suas auras fogueiras
Murmuram baixinho — o dia morren!
E as aves perpassam pindo agouzeiras
E aos ais da sandale men peito gemen!

Do AUTOR.

A noite veio, sobre a matta desce,
Fimou se o dia ; se ennegrece a serra.
O colmo agreste — minha pobre choça —
Se envolve em sombra que tristeza encerra :

A cruz do monte solitaria avulta,
Soltu o vento no gradil florido,
Traduz quem sabe? secular mysterio
Do viandante que ali tombou ferido!

Mudez impera da montanha ao cimo
Pesadas nuvens ao chegar pararam,
Da vida o astro nas longiquas plagas
Sumiu-se, e as trevas sobre nos ficaram.

Somente echoam n'esta matta agora
Rumores vagos de nocturnos entes.
E vindo o vento dos froados galhos
Ouvem-se gritos muita vez plangentes!

E da coruja pavorosa, triste,
A voz de agouro no hervalho viçoso ;
A luz errante de milhões de insectos
Das rãs a orchestra em tremedal lodoso :

E' dubio, incerto, indefinido ás vezes,
Igual nos bailes ao rumor das vestes
La nos fans d'arco o bulhar pausado
Do vento ao sopro no coqueiral agreste!

Oh! que tristeza!... D'esta matta á sombra
Meu peito obumbra, coração e mente!...
Se toco as cordas de minha harpa soam
Solhoços ternos de chorar dolente!

A nevoa desce a pisar nos ramos
Por entre as folhas perpassando fria ;
Nem luz, nem astro n'este manto espesso
E se abyssa a aldeia na melancholia.

D'ave errante julgo ouvir gemido,
Suspira a matta como fugaz recelo,
O riacho entoa uma nenha breve,
A fonte chora de sentido enleio!

N'esta hora en sinto muita dor no peito.
Só eu o entendo porque sou cantor ;
Suspiro ainda pela Mãe querida,
Mesto supposto um cruel langor!

O' Deus bondoso, meu rogar escuta!
Dá-me um soccorro, minha Virgem Santa!
Affaga, ó Deus, o meu peito triste,
Dá lenitivo a minha magoa tanta!

Março de 1898 no Arraial do Turvo ao pé de uma
matta virgem.

PADRE THEOPHILO VIEIRA DE ANDRADE



Secção Musical da "A ESTAÇÃO"

Com o proximo numero de 15 de Setembro será publicada a valsa para piano com o titulo «ESMERALDA».

Recomendamos ás nossas prezadas assignantes esta linda composição que nos foi gentilmente offerta pela distincta amadora a Exm. Sr. D. Marizinha Laza y Guerreiro; podemos asseverar que será muito apreciada.

A REDAÇÃO.

CHRONIQUETA

Rio, 24 de Agosto de 1900

Nestes ultimos dias o assumpto obrigado de todas as conversas tem sido dous mortos, dous grandes mortos, — Eça de Queiroz e Ferreira de Araujo.

Não creio que nenhuma das minhas leitoras desconheça a obra do grande romanista portuguez, exclusão feita do *Primo Basilio* e do *Cyme da Padre Amaro*, que pertencem a uma litteratura pouco recommendavel as senhoras.

Estou certo de que leram o *Mammarin*, a *Reliquia*, os *Mais*, os capitulos da *Theatros* de *Ramires* publicados na ephemera *Revista moderna*, as *Farfás*, escriptas com Ramalho Ortigão, as chronicas da *Gazeta de Noticias*, os contos e os artigos esparcos nas folhas portuguezas, etc.

Se, como presumo, leram tudo isso, comprehenderão o embaraço em que me vejo para tratar, nestas linhas ligeiras e fugitivas, desse escriptor incomparavel, que era o primeiro do seu paiz, e seria uma celebridade universal se não houvesse escripto em lingua portugueza, neste mysterioso e ignorado idioma a que já chamaram o tumulo do pensamento.

Eça de Queiroz pertence a grande categoria dos Herculanos, dos Garretts, dos Camillos, e outros — poucos mais que foram neste seculo os continuadores gloriosos dos celebrados classicos portuguezes. Os posterios hão de tel-o com a mesma veneração e a mesma delicia com que lemos os sermões e as cartas de Antonio Vieira, ou as pedrosas e ineflavas historietas de Manoel Bernardes.

Os escriptos de Eça de Queiroz são modelos de estilo, de graça, de observação, de talento. Elle não escrevia uma linha em que não transparecesse a sua individualidade litteraria. Tudo quanto lhe sabia das mãos tinha um admiravel requinte de forma, que encantava, que extasiava. Os seus artigos mais esticados pareciam laconicos, os seus livros mais volumosos eram lidos de um trago.

De uma psychologia assombrosa, os personagens dos seus romances palpitam eternamente na imaginação dos leitores, e tornão-se eternamente respeitado o nome de Eça de Queiroz.

Comquanto fosse ha muito tempo esperada a morte de Ferreira de Araujo causou em todo o paiz a sensação mais dolorosa.

Não venho fazer o elogio desse jornalista excepcional, que sabia vibrar todas as cordas deste complicadissimo instrumento. — a imprensa — e arrancava lagrimas ou gargalhadas com o mesmo talento, e

fazia pensar com a mesma facilidade com que fazia rir.

O seu elogio está em todos os jornaes, em todos os labios, em todos os coraçãoes para que repetil-o aqui? Demais, para dizer alguma coisa sobre a individualidade desse fluminense illustre, seria preciso um espaço de que não disponho na *Estação*.

O sen entretor foi mais do que uma simples manifestação: foi uma apothese — e essa apothese não precisa dos fogos de bengala de

ELOY, O HERÓI.

THEATROS

Rio, 24 de Agosto de 1900.

Os horizontes da companhia lyrica Sansone, um tanto toldados por uma representação infeliz da *Aida*, esclareceram-se depois da *Mignon*, com uma encantadora estreia: a prima-dona Livia Berlendi, no papel da protagonista, e ainda mais claros ficaram depois da estreia do grande tenor De Marchi na *Carman*. E ainda falta estreiar se a Carelli.

Agora o exito parece seguro. Espera-se que a companhia faça a temporada ate o fim, sem provocar o mais leve protesto.

Os bilhetes são caros, mas, que diabo! os artistas são bons, e a orchestra, dirigida pelo illustre Mascheroni, é incomparavel: — que mais quer o publico?...

As operas ate hoje cantadas tem sido: *Tannhäuser*, que foi um successo para o barytono Carrusson; *Mamou Lescaul*, que foi um successo para a orchestra; *Aida*, que foi um successo para o tenor Ceppi; *Mignon*, que foi um successo para a prima-dona Livia Berlendi, e *Carman*, que foi um grande successo para o tenor De Marchi.

Fizemos votos para que continue a serie dos successos.

No Lucinda tivemos uma comedia de Feydeau, o *Arava*, da qual não é heito tratar n'um periodico destinado ao bello sexo. E peça para homens.

A companhia Taveira det-nos, no Apollo, menos mal representada mas detestavelmente cantada, uma opereta, quasi uma opera-comica, de Lecocq, a *Modicidade de Ali Babá*.

A partitura tem numeros interessantes, mas decididamente Lecocq já não é o mesmo da *Madame Angot*, essa obra-prima que figurara na historia da musica franceza e mo o modelo de um genero.

O libretto de Bu-mael e Vanloo, que o extrahiram do *Alf-fish* dos irmãos Cogniard, tantas vezes representado no Rio de Janeiro, não é mal feito e tem graça.

O publico, entretanto, não mostrou grande entusiasmo pela peça, que já hoje será substituida por uma revista portugueza intitulada *Al... a preta*. O titulo e espiritoso.

A actriz Pepa reapareceu no Recreio, desempenhando os desoiito papeis do *Tim-tim por tim-tim*, e com ella reapareceram tambem os actores Machado e Brandão, o popularissimo.

O publico tem comparecido e applaudido. Preparam-se representações do *Rio Niú* e da *Capital Federal*.

X. Y. Z.

EXERCICIOS DE GRAMMATICA

Analyse Lexicologica e Syntactica

Um Amigo da Instrucção

Curso Primario — Livro do Discipulo... 2\$000
 Curso Secundario — Livro do Discipulo... 3\$500
 Curso Primario — Livro do Mestre... 8\$000
 Pelo correio mais 500 rs.

Rua dos Ourives, 7—Rio de Janeiro

ULTIMAS NOVIDADES MUSICAES

Grande estabelecimento de pianos e musica

Fertim de Vaseanellos, Morand & C.

147, Rua do Ouvidor, 147

- Polkas**
- Brincando, por H. Dias... 1,0 0
- Vai sabindo, por A. Keller... 1\$000
- Tangos**
- Só de mão, por E. Telles... 1\$0 0
- Ferrage, por E. Telles... 1\$ 00
- Tango do pianista, por Costa Junior... 1\$000
- Valsas**
- Tristeza d'alma, por Marius... 1\$0 0
- Dolente, por Carl S. Marquis... 1\$ 00
- Tragabalas com letra, por Costa Junior... 1\$ 00
- Amor que mata, por J. G. Christo... 1\$ 00
- Desprenciosa, por J. G. Christo... 1\$ 00
- Elegante, por A. Cavalcanti... 1\$ 00
- Licéa, por Evora Filho... 1\$ 00
- Meus oito annos, por O. Carneiro... 1\$ 00
- O teu olhar me seduz, por Evora Filho... 1\$ 00
- Schottisch**
- Alzira, por Campos Junior... 1\$000
- Guanabara, por I. Madeira... 1\$ 00
- Grinalda de noiva, por Evora Filho... 1\$000
- Primeiro Amor, por E. Telles... 1\$000
- Quadrilhas**
- Borb' letas, por E. Couto... 1\$ 00
- Recordações da infancia, por J. M. Lacerda... 1\$ 00

Remettem-se encomendas para o interior juntamente com o **brinde** mensal que a casa oferece.

147, RUA DO OUVIDOR, 147

PILULAS DE BLANCARD

APPROVADAS PELA ACADEMIA DE MEDICINA DE PARIS

Resumem todas as Propriedades do IODO e do FERRO.

40 Rua Bonaparte PARIS



Estas Pilulas são de uma efficacia maravilhosa contra a *Anemia*, *Chlorose* e todos os casos em q e se trata de combater a *Pobreza do Sangu*.

KAROPE DELABARRE (DENTIÇÃO)

Karope sem narcotico recommendado ha já 20 annos pelos medicos. Facilita a sahida dos dentes, evita as fezes, ossoes, os soffrimentos e todos os accidentes da primeira dentição.

Egija-se o **Carimbo official** e a assignatura Delabarre.

FUMOUEZ-ALBESPEYRES, 78, Faubourg Saint-Denis, Paris e em todas as pharmacias.

PAPEL E CIGARROS ANTI-ASTHMATICOS de B'n BARRAL

Recommandados pelas summidades medicas. Preparações muitissimo efficazes para a cura da **ASTHMA**, das **OPPRESSÕES**, das **ENXAQUECAS**, etc. 16 ANOS DE SUCCESSOS.

FUMOUEZ-ALBESPEYRES, 78, Faubourg Saint-Denis, Paris e em todas as pharmacias.

NUNCA APPLIQUE-SE UM VESICATORIO SEM SE TER O VESICATORIO DE ALBESPEYRES

o MAIS EFFICAZ e MENOS DOLOROSO de TODOS os VESICATORIOS. Egija-se a Assignatura **ALBESPEYRES** no LAUDO VERDE. FUMOUEZ-ALBESPEYRES, 78, Faub. St-Denis, PARIS e em todas as PHARMACIAS.



CRÈME SIMON

PARA **COISU VAR OU DAR ao rosto FRESCURA MACIEZA MOCIDADE.**

Para proteger a epiderme contra as influencias perniciosas da atmospheria, é indispensavel adoptar para a toilette diaria o **CRÈME SIMON**. Os **PÓZ** de Arroz **SIMON** e o **SABONETE** Crème Simon, preparados com glicyria, a sua acción benéfica e tão evidente que não ha ninguém que o use uma vez que não reconheça as suas grandes virtudes.

J. SIMON, 36, Rue de Provence, PARIS

PHARMACIAS, PERFUMERIAS e lojas de Cabelleiros.

Desconfiar das Imitações.

O duello de um pharmaceutico e um joven official

Um joven capitão em grande gala e aparentemente orgulhoso do seu uniforme, percorria vagamente as ruas d'uma cidade onde estava de guarnição.

Mas eis que, ao passar perto d'uma pharmacia, cahiu-lhe sobre a farda agalorada o resto d'uma bebida, que certamente não foi um calmante; pois, julgando-se insultado pelo fabricante de pilulas, enfureceu-se e pediu-lhe satisfação de seu atrevimento.

Por mais que se escusasse o desgraçado pharmaceutico, o joven e irascivel official a nada quiz attender. Fixou-se, pois, a hora para o dia seguinte de manhã e determinou-se o logar da entrevista.

No dia seguinte, antes das sete horas o official, acompanhado p'r suas testemunhas, ja estava no logar indicado; parecia preoccupado e preparava as armas. O pharmaceutico não tardou a apparecer; só trazia uma testemunha; seu semblante não revelava

nem temor nem commoção; esta impassibilidade perturbou um pouco o adversario. Quando os dois duellistas se avistaram, o official disse ao pharmaceutico:

— Então, senhor, deixo-vos a escolha das armas; a espada ou o revólver...

— Senhor capitão, responde o boticario, antes que um de nós passe d'esta vida á morte, vou fazer-vos uma observação.

— Fazei, escuto-vos.

— E'ia, senhor; sois muito leal, e sem d'vida não quereis assassinar um homem.

— Matar alguém em duello não é um assassinato, é a justa reparação d'uma offensa.

— Como quizerdes, replicou o pharmaceutico; e d'avia, não é menos verdade que antes de tudo, é preciso ser justo.

— Que queres dizer?

— Quero dizer que, em minha vida nunca peguei em outras armas senão nas minhas espátulas e nos pilões e almofarizes. Não seria mesmo um n'viço em manejar as armas. Vos, ao contrario tendes mão habil

e exercitadla; por conseguinte, nosso duello não seria com armas iguaes, e só com armas iguaes quero lutar comvosco; de outra maneira vos consideraria como um injusto assassino.

— Que quereis então fazer? disse o capitão impaciente.

O pharmaceutico tirou do bolso uma caixinha, dentro da qual havia duas pilulas; depois, mostrandolas ao joven official, disse-lhe:

— Aqui estão duas pilulas, feitas por mim mesmo: uma d'ellas contém um veneno tão violento que causará instantaneamente a morte a quem a tomar; a outra, pelo contrario, é completamente inoffensiva. Como vêdes, sou justo e as armas são iguaes; escolhei a que quizerdes.

A esta proposta tão extraordinaria e inesperada, o nosso joven capitão, que talvez jámais tivesse tremido n'uma batalha, perturbou-se; via a morte alli; n'aquella caixinha, terrivel, amecadora, inevitavel, e preferia-lha mil vezes á ponta da espada.

NINON DE LENCLOS

escurneio da ruga, que jamais ousou manchar-lhe a epiderme. Já passava dos 80 annos e conservava-se joven e bella, attribuindo sempre os peducos da sua certidão de baptismo que possuía curado de Turquia, cuja fante emboutava-se sobre seu encunadoro obsequioso, seu que nunca deixasse o menor traço. Muito veridicaesl via-se obrigada a dizer o velho ralugento, como a rapazada Lafontaine dizia das avas. Este segredo, que elle lhe e agoisim faveira jamais confiaria a quem quer que fosse das pessoas d'aquella época, desentrou-o o Dr. Lemonte entreus todos e um volume de *L'Histoire amoureuse des gaules*, de Bussy-Rabutin, que fez parte da bibliotheca de Voltaire e é actualmente propriedade exclusiva da **PARFUMERIE NINON, MAISON FONDÉE, Rue du 4-Septembre, 35 à Paris.**

Esta casa tem-se á disposiçao das senhoras elegantes, sob o nome de **LE RETAILLE, EAU DE NINON**, assim como as receitas que ella fornece, por exemplo, n

BEVET DE NINON

pó de arroz especial e refrigerante;

Le Savon Crème de Ninon

especial para o rosto, que limpa perfeitamente a epiderme mais delicada sem alteral-a.

LAIT DE NINON

que dá alvura e humbrante ao pescoço e aos humbrás. Entre os productos mais bellos e apreciados da **PARFUMERIE NINON** conta-se:

LA POUDERE CAPILLUS

que faz voltar os cabellos brancos á cor natural e existe em 12 cores;

SEVE SOURCILLIÈRE

que augmenta, enchem e firmo as posturas e ressurcillies, no mesmo tempo que dá vivacidade ao olhar.

LA PATE ET LA POUDERE MANDORALE DE NINON

para unha, alvura brilhante das mãos, etc., etc.

Conveniente estar o verificar o nome da casa e o endereço sobre o rotulo por evitar imitações e falsificações

PARFUMERIE EXOTIQUE
E. SENET
35, Rue du 4-Septembre, 35, PARIS

MÃO DE PAPA do duque, de príncipe, por meio da **Pâte des Prélats**, que embranquece, alisa, asseteia a epiderme, impede e destrói as frestas e as rachas.

UM NARIZ PICADO de pegganas e borboilhas ou com crava torna-se a respirar sua brançura prevenida e suas côres lisas por meio do **Anti-Bolbos**, producto sem igual e muito contrafeto.

CUIDADO COM AS CONTRAFAÇÕES

Para ser bella, encantar todos os olhos deve-se servir da Fleur de Pêche pó de arroz feito com frutos exóticos.

POUCOS CABELLOS

Fazem-se crescer e corrallos empregando-se **L'Extrait Capillaire des Benedictins du Mont-Majella**, que tambem impede que caíam e que fiquem brancos.

E. SENET, Administrateur, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

NÃO ARRANQUEM MAIS

os dentes e esta epiderme, quando os arranque-os com **L'Elixir dentifrice des Benedictins du Mont-Majella.**

E. SENET, Administrateur, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

Racahout
DELANGRENIER

Alimento Completo
agradavel, leve e facilmente assimilavel



O verdadeiro **RACAHOUT** dos **ARABES** Delangrenier é o **Melhor alimento das Crianças** desde a idade de 7 a 8 mezes, e principalmente no periodo do desmamar.

TAMBEM é recommendado ás mães quando dão de mamar, aos convalescentes, aos anemicos, aos velhos; em resumo, todos os que precisam de fortificantes.

Exigir a marca verdadeira
DELANGRENIER-PARIS

É encontrado em todas as PHARMACIAS

Perfumaria extrafina

L.T. PIVER

PARIS

Corylopsis do Japão
Evitar as Imitações e Falsificações

Le Trefle Incarnat
Parfume de Mouta

Rosiris

Senteur des Prairies

Violettes de Parme

Dentifricios Mao-Tcha
PÓ, PASTA e ELIXIR

CALLIFLORE

FLOR DE BELLEZA
Pós adherentes e invisiveis

Grças ao novo modo porque se empregam estes pós communciam ao rosto uma maravilhosa e delicada belleza e deixam um perfume de exquisita suavidade. Alem dos brancos, de notavel pureza, ha outros de quatro matizes diferentes, Rachel e Rosa, desde o mais pallido ate ao mais colorido. Poderá pois, cada pessoa escolher a cor que mais lhe convercha ao rosto.

PATE AGNEL

Amygdalina e Glycerina

Este excellento Cosmetico branquea e amacia a pelle, preserva-a ao Cleiro. Irritações e Comichões tornando-a avelludada; pelo que respeta as mãos, dá solidez e transparencia ás unhas.

AGNEL, Fabricante de Perfumes,
16, Avenue de l'Opéra, Paris.

En todas as boas Casas ha vendida por meio dos Pequenos mais Bellos de Paris.

HOUBIGANT

PERFUMISTA
da **RAINHA d'INGLATERRA** e da **CORTE da RUSSIA**

PARIS

AGUA HOUBIGANT

SEM RIVAL PARA O TOUCADOR

AGUA de TOUCADOR Royal Houbigant.
AGUA de COLONIA Imperiale Russe.

EXTRACTOS PARA LENÇOS: Violette Ideale, Royal Houbigant, Peau d'Espagne, Moskari, Iris blanc, Le Parfum Imperial, Musk, Muguet, Oillet Reine, Imperial Russe, Lilas blanc, Heliotrope blanc, Fougere Royale, Gloxina, Jasmim d'Espagne, Cuir de Russie, Girofle, Corydalis, Bouton d'Or, Sunrise, Rarocoo.

SABONETES: Ophelia, Peau d'Espagne, Violette ideale, Fougere Royale, Lait de Thiriac, Royal Houbigant.

PÓS OPHELIA, Talisman de Belleza.
PÓS PEAU D'ESPAGNE.
LOÇÃO VEGETAL, para os Cabellos.
PÓS ROYAL HOUBIGANT.

PERFUMARIA ESPECIAL MOSKARI



A PONTE PONTLATZER NO TYROL

— Estão, repete o boticario, estou a preparar a cápsula.

A este conselho, receando, feito de um modo tão inimitavel, o pobre capião sentiu calafrios por todo o corpo, um suor frio gotejava-lhe da fronte; tem medo.

Estava com muito receio, e o preparador de bebidas, com a sua conhecida humilhação, a palavra que vos offerece. Entretanto, algumas outras já cogitavam o mesmo.

Ao chegar ao templo, havia já alguns polvereiros em movimento, afinal diz:

— Esta noite, amigos, não tratemos mais d'isto. Esqueço o passado.

— Sejamos bens amigos, disse o pharmaceutico, e para assegurar para sempre a nossa amizade, tomamos as duas cápsulas.

O que fez logo em presença do seu adversario, um pouco perturbado, porque essa droga não lhe causou mal nenhum, e viveu novamente.

Uma parte doctos que todos os doctos tiveram a mesma conclusão.

NOVA

AS NOSSAS GRAVURAS

A ponte Pontatzer em 1841

ALVARO DE ALMEIDA FERREIRA

A ponte Pontatzer atravessa o rio Inn que pertencendo a Landeck. E' bem conhecida pela beleza da sua posição pittoresca e além disso traz reminiscencias de dois tempos guerreiros: o tempo das cruzadas e o tempo da guerra de 1809 e 1810 que ficou na historia da Terceira guerra sempre lembrada.

Quando em 1809 os francezes e os bavaros invadiram a Tyrol, francezes e granadeiros bavaros se instalaram no castello de Landeck.

Enquanto os francezes successos se divertiam e tinham festas a mais o vitorioso da aldeia os doctos se preparavam a partir de Pontatzer para o castello.

Uma noite de tempestade os inimigos se aproximaram das duas montanhas e quando os inimigos haviam passado a ponte elles atrairam do alto uma enorme pedra sobre os bavaros, a qual não só matou um grande numero de soldados, como tambem fez cair sobre um dos seus canhões e um carro carregado de pólvora.

Ao mesmo tempo elles cercaram o inimigo por todos os lados, obrigando-o a render-se. Falleceram duzentos homens e foram aprisionados setecentos pelos tyrolezes, só conseguindo salvar-se um trezentos pela fuga.

O combate entre os doctos e os bavaros em 1809 foi muito sangrento. O preparador de Andria

Hofer, M. Fritler procurava sublevar os camponezes de Prutz, encontrando porém poucos adeptos da revolta.

Quando se sabe que os camponezes se aproximavam, todas as villas tocaram o rebato e todos pegaram em armas. Um certo numero de combates se dirigio para a ponte de Pontatzer e guar-



A PRECE

dezen as alturas das montanhas e quando os inimigos haviam passado a ponte elles atrairam do alto uma enorme pedra sobre os bavaros, a qual não só matou um grande numero de soldados, como tambem fez cair sobre um dos seus canhões e um carro carregado de pólvora.

Ao mesmo tempo elles cercaram o inimigo por todos os lados, obrigando-o a render-se. Falleceram duzentos homens e foram aprisionados setecentos pelos tyrolezes, só conseguindo salvar-se um trezentos pela fuga.

A PRECE

(QUADRO DE R. FALKENBERG)

Quanto fervor, que grande somma de fé se notam nos traços physiognomicos da figura no nosso quadro? O que estará ella pedindo ao Todo Poderoso? Que que se compadeca de sua alma lhe de vida e saude e após o eterno tributo que pagamos a natureza,

Mysterio! So ella e Deus o sabem! So a Elle ella se dirige pois so a Elle assiste o direito de proteger os seus filhos, dando a bemaventurança aos que n'Elle creem.

So Elle nos pode dar o seu reino como nos dá o pão nosso de cada dia e nos perdoa as nossas dividas. E' justo pois que a Elle nos deixamos pedindo-lhe que nos perdoe e que nos tenha na sua santa guarda Glorio in excelsis Deo.

Diamante historico

O Tribunal Supremo da Inglaterra recusou dar licença a Lord Francisco Hope, irmão e herdeiro presumptivo do Duque de Newcastle, para vender certo diamante azul, diamante famoso, que em testamento lhe tinha legado sua avó, a Sra. Anna Adelia Hope, com a clausula de conservá-lo como joia de familia. Esse diamante tem historia sua.

Levado da India para Paris pelo viajante Tancherier, foi comprado por Luiz XIV pela quantia de 220.000 libras e incluído nas joias da Coroa. Mais tarde o custoso diamante foi engastado, com o celebre rubi chamado «Corte de Bretanha» na placa do Tosão de Ouro usado pelo Rei. Em 1792, quando as joias da casa real foram roubadas, pôlhou esse Tosão de Ouro Furo Guillard que o levou para Londres onde o vendeu.

A admiravel gemma foi então contada em duas partes, sendo a maior comprada pelo opulento banqueiro Hope Lord Francis Hope, que está arruinado e desejava juntar algumas libras mais ás suas actuaes

1.000 libras de renda quiz vender o diamante por lb. 14.000, importando para isso a indispensavel licença do Tribunal, pois tratava-se de um legado condicional.

Conforme o perito nomeado pelos Juizes o diamante de Lord Hope não pôde valer mais de lb. 4.000, porque existem actualmente dous da mesma agua e da mesma cor, muito maiores do que aucte.

Romeu e Julieta

— Adeus! (disse uma voz ao meu ouvido...)
Tudo acabou para nós dois agora!
— Adeus, adeus, minha celeste aurora!
(Soluçaram meus labios n'um gemido...)

— Sofri sem treguas por te haver seguido
O' noivo meu! nas illusões de outr'ora...
Têm piedade do mal que me devora!
Mata-me à luz do teu olhar querido!

Ah! palavras da morte! atroz saudade
D'aquella que atravessa a eternidade
Levando por mortalha o meu confort!...

Dai vida ao luto das miserlas minhas!
Vinde ao meu coração como andorinhas!
Batei as azas n'este ninho morto!

Rio de Janeiro 1900.

LUIZ GUIMARÃES (FILHO).

As nossas Gravuras

Curiosidade

(QUADRO DE JULIUS ADAM)

Julius Adam, o bem conhecido «Raphael dos Sapos de Muenchen, conhece como nenhum outro pintor de animaes a vida e os movimentos dos gatos. Pode-se com o Sardo ou Zola ser um amigo *curagé* de gatos ou não, mas o que é certo é que em toda a collecção de animaes não ha um só que seja mais gracioso do que este animal ao qual mui injustamente classificarei como falso.

Os gatinhos então, cujos saltos e brinquedos soem fazer sorrir os homens mais serios, pertencem aos modelos mais gratos que um artista pode desejar.

Julius Adam, cujo album «dos Satinhos» merece as honras de ser um ornato das mezas dos salões e um mestre na sua inesgotavel variedade do seo thema predilecto.

Ora elle nos mostra uma familia de gatos bebendo leite em uma vasilha, ora dois gatinhos rolando no chão brincando, outras vezes um destes animaes aquecendo o seo bello pello ao sol ou ainda uma Angora com as orelhas em pé observando attentamente pela primeira vez na sua vida uma linda borboleta que esvoaça nas suas proximidades.

Em todos es seos trabalhos o artista nos apparece como bom humorista e agudo observador, cujo pincel em primeiro logar se conserva fiel na reprodução da natureza. O nosso quadro é um valioso e artistico «Adam» e si aqui elle não tem as bellezas do colorido, não obstante elle prende a attenção do observador pela sua frescura e a sua disposição.

Casa de Banhos em Lido

(QUADRO DE E. ROSENSTAND)

Nos mezes do estio na Italia a grande maioria dos ricos se dirigem h je em dia para os estabelecimentos balneares e mui especialmente para Lido e Livorno porque em toda a Europa não ha um mar tão bello

Pastilhas e Xarope de Nafé

DELANGRENIER

excellentes peitoraes contra

„TOSSE „DEFLUXO „BRONCHITE

As Pastilhas de Nafé são verdadeiros confeitos peitoraes de um gosto delicioso. Acalmam as irritações da garganta e do peito.

O Xarope de Nafé, misturado com uma infusão ou com leite quente, forma uma tisana muito calmante e muito agradável.

Esses peitoraes não contém substancia toxica e podem ser administrados com toda a segurança ás CRIANÇAS e muito particularmente contra a COQUELUCHE.

Esqija a marca verdadeira: Delangrenier-Paris

São encontrados em todas as Pharmacias

XAROPE DELABARRE (DENTIÇÃO)

Xarope sem narcotico *recomendado* ha ja 20 annos pelas medicos. Facilita a sahida dos dentes, evita ou faz cessar os soffrimentos e todos os accidentes da primeira dentição.

Esqija-se o Carimbo official e a assignatura Delabarre.

FUMOUZE-ALBESPEYRES, 78, Faubourg Saint-Denis, Pariz e em todas as pharmacias

PAPEL E CIGARROS ANTI-ASTHMATICOS de Bin BARRAL

Recomendados pelas summidades medicas. Preparações muitissimo efficazes para a cura da ASTHMA, das OPPRESSÕES, das ENXAQUECAS, etc. 16 ANNOS DE SUCESSOS.

FUMOUZE-ALBESPEYRES, 78, Faubourg Saint-Denis, Pariz e em todas as pharmacias.

NUNCA APPLIQUE-SE UM VESICATORIO SEM SE TER O VESICATORIO DE ALBESPEYRES

o MAIS EFFICAZ e o MENOS DOLOROSO de TODOS os VESICATORIOS. Esqija a Assignatura ALBESPEYRES no LADO VERDE. FUMOUZE-ALBESPEYRES, 78, Faub. St-Denis, PARIS e em todas as PHARMACIAS.

NINON DE LENCLOS

escarceou da ruga, que jamais ousou macular-lhe a epiderme. Já passava dos 80 annos conservava-se joren e bella, airando sempre os pedacos da sua certidão de baptismo que rasgava á carada Tempo, cuja foice embotava-se sobre sua encantadora physionomia, sem que nunca deixasse o menor traço. «Muito verde ainda!» via-se obrigando a dizer o velho rubugento, como a raposa de Lafontaine dizia das nvas. Este segredo, que en celebre e egoista faceira jamais confiara a quem quer que fosse das pessoas daquelle epoch, descobrio-o o Dr. Leconte entre as folhas de um volume de *L'Histoire anecdotique des gaves*, de Bussy-Rabutin, que fez parte da bibliotheca de Voltaire e é actualmente propriedade exclusiva da PARFUMERIE NINON, MAISON LECONTE, Rue du 4-Septembre, 35, Paris. Esta casa tem-na á disposição das nossas elegantes, sob o nome de VERITABLE EAU DE NINON, assim como as receitas que d'ella provém, por exemplo, o

DUVET DE NINON

pó de arroz especial e refrigerante;

Le Savon Crème de Ninon

especial para o rosto que limpa perfeitamente a epiderme mais delicada sem alteral-a.

LAIT DE NINON

que dá alvura deslumbrante ao pescoço e aos hombros.

Entre os productos conhecidos e apreciados da PARFUMERIE NINON contam-se:

LA POUDRE CAPILLUS

que faz voltar os cabellos brancos á cor natural e existe em 12 cores;

SEVE SOURCILIERE

que augmenta, engrossa e brune as pestanas e os supercilios, ao mesmo tempo que dá vivacidade ao olhar.

LA PATE ET LA POUDRE MANDERMALE DE NINON para finura, alvura brilhante das mãos, etc., etc.

Convem esqija e verificar o nome da casa e o endereço sobre o rotulo para evitar as embaixões e falsificações

PARFUMERIE EXOTIQUE E. SENET

35, Rue du 4-Septembre, 35, PARIS

MÃO DE PAPA de duque, de principe, por meio da Pâte des Prélats, que embranquece, alisa, suaviza a epiderme, impede e destrõe as frieiras e os rachos.

UM NARIZ PICADO de pequenas borbulhas ou com cravos torna a recuperar sua brancura primitiva e sua côrce lissa por meio do Anti-Bolbos, producto sem igual e muito contrafeito.

CUIDADO COM AS CONTRAFACÇÕES

Para ser bella, encantar todos os olhos deve-se servir da Fleur de Pêche pó do arroz feito com fructos exóticos.

POUCOS CABELLOS

Fazem-se crescer e corrallos empregando-se o *Extrait Capillaire des Benedictins du Mont-Majella*, que tambem impede que caíam e que ficam brancos.

E. SENET, Administrateur, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

NÃO ARRANQUEM MAIS

Os dentes castigados, amarellos e branqueie-os com o *Elixir dentifrice des Benedictins du Mont-Majella*.

E. SENET, Administrateur, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

SUAVIDADE — FRAGRANCIA — DELICADEZA
NOVO PERFUME

LE REFLE Incarnat

CAUTELA COM AS IMITACÇÕES

LE PIVER

PARIS



PILULAS DE BLANCARD

APPROVADAS PELA ACADEMIA DE MEDICINA DE PARIS

Resumem todas as Propriedades do IODO e do FERRO.

40

Rua Bonaparte PARIS



Estas Pilulas são de uma efficacia maravelhosa contra a Anemia, Chlorose e todos os casos em que se trata de combater a Pobreza do Sangue.

como o Mediterraneo, com as suas costas pittorescas.

O Lido entre todos os estabelecimentos desta ordem na Italia é o que decerto *esta na ponta* não só pela sua posição como tambem por estar perto de Venezia, esta perola do Adria. Ir a Lido equivale a dizer fazer uma visita a Venezia. Pode-se residir na velha cidade dos Doges e tomar banho em Lido, pois entre Venezia e Lido ha fazer apenas alguns minutos de viagem em estrada de ferro.

Nas noites de luar todos correm para os canaes afim de passearem de gondola e os gondoleiros são mudos como os peixes e por alguns cobres elles nada vêem e nada ouvem.

Da collecção - Vergel

Sigam s este rumo . . . Ali, na gruta,
Entre raizes e lostões de inhamo,
Das boiz letas ao festivo euxame,
Um fio de agua, christelino, brilha.
E enquanto, perto, o Parahyba brame,
Inadornavel na intrepida derrota,
Ollia esta varzea, . . . aquelle azul, . . . e nota
D'esta florzinha o pequenino estame.
E já que a Natureza canta em festa,
Desde o arbutto florido a estrella d'alva,
Desde o luar a grimpá da floresta,
Interpretemos o rugir do vento,
A voz das aguas, a montanha calva,
E a poesia immortal do firmamento.

«Das visionarias.»

JANUAS LORETT.

Mosaico

Um estroina, que procura em um casamento rico o meio de libertar-se dos credores, faz a corte á filha de um negociante millionario.

— Ah! diz elle á moça, tomando-lhe a mão; como esta mãozinha poderia fazer tantas pessoas felizes!

— Tantas? perguntou ella admirada: suppunha ser uma só.

— Ora essa, e os meus credores?!

✻

Os defeitos dos grandes são como sua sombra: parecem diminuir ou crescer conforme o sol de sua fortuna sobe ou desce — *l'alloué*.

✻

Exame de litteria:

— Que sabe o senhor a respeito de Bruto?



CURIOSIDADE

Um sonho

Sonhei . — vi realisada a nossa esperanza!
Na luz immerso o templo era brilhante.
Entramos; de prazer as radiante
E eu tímido e medroso qual criança! . . .

Paramos n'um altar, um padre avança
Para nós e detem-se a um passo adiante,
Unindo a minha mão felicitante
A' tua dextra faz nossa alliança.

A Deus alou-se então contracta prece
Para que nosso eulace bendiscesse,
E voltamos, áltivos e arrastados! . . .

Como um casal de pombos arrullhantes,
Vimos n'um *couff* um do outro ao lado,
E terminou-se assim nosso noivado!

Rio 20-1-00.

WALTER PEREIRA.

Não ha necessidade de mostrar as vantagens deste ou daquelle estabelecimento balnear, na Italia e no Mar do Norte, de ver qual das agoas contem mais sal ou qual a mais batida. Isto pouco importa aos banhistas. Um escriptor francez diz — *car les bains de mer ne sont qu'un frêreux; ils sont le rendez-vous des malades qui se portent bien*. E' bem verdade. Os doentes não vão tomar banhos e quando teem ordem de lá ir é porque já estão em convalescencia.

Ahi vão então, afim de se fortalecerem, afim de que os bons ares do mar, o *rien faire*, os banhos, as occupações, os entretenimentos e o afastamento das occupações diarias lhes restitua toda a força.

Estes convalescentes formam a maioria dos banhistas, a grande maioria é formada pelos sadios, pelos que procuram diversões e os que constituem o high-life endinheirado e para se verificar isto basta dar-se um passeio até qualquer estabelecimento desta especie.

— Que foi o homem mais barbaro de sua época, porque mandou matar os proprios filhos.

— E que diz a mythologia de Prometheu?

— Era um homem que pr mettia; porém o abutre que lhe arrancou as entranhas não lhe deixou cumprir as promessas.

— Perfeitamente! E que me pode dizer relativamente a Fernando Peres de Oliveira?

— Foi um escriptor que, apezar do nome, deu pouco azelle.

— E de Nuno Alvares Pereira diz alguma coisa a historia?

— Que apreciava muito as peras.

— E que foi que se passou de celebre na villa de Agua Quente?

— A população revoltou-se por só gostar de banhos frios.

— Uma ultima pergunta: sabe alguma coisa de notavel sobre o juriseultto Sala?

— Sei que morreu na alcova.

Depois de uma gloriosa ovação de gargalhadas, o estudante foi unanimente . . . reprovado.

✻

Entre dois individuos:

— Oh! o senhor por aqui?!



CASA DE BANHOS EM LIDO

— É verdade...
 Como está sua exma. esposa?
 — Bem, obrigado.
 — E seu filhinho mais novo?
 — Também sem novidade.
 — E seu filhinho mais velho?
 — Está de saude.
 — É a pequerrucha?
 — Está boa.
 — E o seu sobrinho?
 — Também.
 — E a sua sobrinha?
 — Também.
 — E o senhor?
 — Eu? Eu não estou disposto aatural o.



Em casa de um barbeiro:
 — Este cachorro é seu? inquire o Gaspar.
 — Sim senhor, diz o barbeiro.
 Elle parece gostar muito de ver cortar o cabelo.
 — Não é isso, senhor. mas é que eu, ás vezes, me engano, e tiro um pedaço da orelha do freguez...



Dois philosophos discutem o assumpto — casamento.
 — Deploravel instituição! diz um.
 — Concordo.
 — Com o andar dos tempos o amor desaparece... e a mulher fica.



— O senhor colloca esta chapasinha na boca e pôde assim imitar qualquer voz.
 — E si eu engoli-la!
 — Não ha perigo. Esta mesma eu já engoli uma porção de vezes.



Depois da primeira noite de nupcias levanta-se o marido, ao raiar da aurora, accende o lume e faz o café, de que serve uma chavena á esposa, que continúa deitada.
 — Como sou feliz! exclama esta.
 — Reparaste bem no que fiz?
 — Reparei.
 — Pois hem; isto não é mais do que um exempl para que saibas o que tens a fazer commigo todas as manhãs...



Da duvida o denso véo
 Te não empane o sorriso:
 São teus olhos o meu céu,
 Teus labios meu paraíso.



BLUSA A' MARINHEIRA

Essa blusa, Sinhá, á marinheira
 Realça tanto o teu primor e encanto,
 Que fez de mim teu servo e a tia, faceira,
 Sugerindo-me o amor, que agora canto.
 Não buejas mal á tua companheira...
 E o riso á bocca, afugentando o pranto,
 Eu quero ver-te, como a flor do acancho,
 Perfumada, vivaz e prazenteira

Em mais ninguém tu creias, que eu sómente,
 O meu ideal, oh flor que não se find.
 Sei bem o quanto te amo ardentemente!...

Veste a boje, agora sempre, oh minha musa!
 Que, se és tão pulchra e bella, mais ainda
 És bella e pulchra, e m tão linda blusa.

Perpetua 5 de novembro de 1899.

L. LEU.

CHRONIQUETA

Rio, 18 de Setembro de 1900

Depois da minha ultima chroniqueta, houve o diabo nesta muito ex heroica e leal Sebastianopolis: a grande casa da rua da Alfandega, esquina da rua da Candelaria, que ha alguns annos deixara de ser o Banco do Brasil, e ha alguns mezes se divorciara completamente da tutela governamental, — suspendeu pagamentos!...

A extraordinaria sensação que o facto produziu, o profundo abalo que causou a outros estabelecimentos de credito, as discussões a que deu logar o emplastro applicado no enfermo com uma emissão de apolices do Estado, os artigos da imprensa, etc. — tudo isso já tem sido tão longamente contado, de tudo já se tem fado tanto, que seria de máo gosto repetil-o neste periodico de senhoras.

O Banco da Republica do Brasil — que uns se obstinam em chamar Banco do Brasil e outros Banco da Republica — ha muito tempo estava arrebatado, se é certo o que dizem individuos que me parecem de certa autoridade no assumpto; recebem, porém, o tiro de honra com aquella subida inesperada e vertiginosa do cambio, que no mez transacto passou em cinco ou seis dias de 9 a 14, com grande alegria do cativa, que nisso via um signal de renascimento da fortuna...

Muita gente, que tinha papel no Banco, tratou de retirar o n'aquelle occasião, para convertel-o em ouro, materia mais solida, e o resultado foi o que se viu, ou antes, o que se está vendo.

Alem desta e de outras causas naturaes e legittimas, que concorriam para o desastre, parece que as directores do Banco nem sempre foram escrupulosos no tocante a emprestinos, e confiavam com muita facilidade aos amigos o dinheiro... dos outros.
 Se é certo o que a esse respeito por ahí se conta, direi apenas como o rei B. beche no *Barba Azul*:
 — Ao menos me convidassem!

Por outro lado, os accionistas do Banco são também culpados do que se passa, e, em parte, não têm que se queixar senão da sua incuria. A' ultima assemblea geral (antes do desastre) compareceram apenas vinte accionistas. — e nessa assemblea geral, ou antes, nessa reunião de bons camaradas, votou-se um fabuloso augmento de vencimentos da directoria!

Nós somos infelizmente uma geração de preguiçosos; deixamos os nossos mais caros interesses á revelia; esperamos que nos venham trazer a comida á bocca. Esta e outras desgraças nos ensinaram a viver com ordem e a zelar o que é nosso e da nossa prole. Nenhum povo foi feliz sem passar primeiro pelo cadinho de todas as amarguras



Eu não queia falar de assumpos financeiros, mas vão lá fugir aos arrastamentos da penna!
 Por causa da crise bancaria iam sendo as leituras privadas do theatro lyrico... O empresario Sanzone viu-se em palpos de aranha, mas tudo se remediou.



Ha dias, entrando na casa Lombaerts, vi que o meu amigo Lavignasse teve a boa idea de pôr ao balcão uma senhora, incumbida especialmente de se entender com as formosas freguezas da *Estação*.

Sendo a loja ordinariamente frequentada por inumeras damas que vão assignar ou comprar um numero deste periodico, e de outros jornaes de modas, eu adquirir um exemplar dos *Trabalhos de agulha*, etc., é conveniente, na realidade, que encontrem uma senhora habituada a dar-lhes quaesquer informações que desejarem sobre tal ou qual figurino.

E o caso é que depois que ali se achava aquella gentil empregada, a freguezia do bello sexo tem augmentado consideravelmente.

Parabens ao amigo Lavignasse.

ELOY, O HERÓE.



Só de tua lembrança eu vivo, amiga!
 Ella é que me amenisa, hora por hora,
 Os dias em que a magna me devora
 E sinto o espinho de uma dor antiga.

Por isso, aqui — surdo ao que vai lá fora
 Na multidão tão perfida e fainiga,
 Escrever-te me apraz e — dá que o diga,
 Doces instantes recordar agora.

Vejo-te á luz da sala... oh! si um momento
 A sos ali ficassemos, diria
 Tudo quanto me vai no pensamento!
 Nada-te o olhar n'um fluido e suavidade...
 Vejo-te... Ai! de minh'alma que morria,
 Si a pudesse matar uma saudade!

ALBERTO DE OLIVEIRA.

THEATROS

Rio, 26 de Setembro de 1900.

Teria continuado a serie dos successos da companhia Sanzone se não fóra uma desastrada *Cavallaria rusticana*.

A *Tosca*, de Puccini, se não foi um successo como opera, foi, pelo menos, um successo de representação; mas raras vezes o publico tem-se enfastiado tanto. A musica é muito bonita e muito bem feita, mas luta com o *libretto*, que nada tem de musical.

A companhia esteve para interromper os seus espectaculos, porque alguns artistas exigiam pagamento adiantado e não havia dinheiro para taes adiantamentos; mas intervieram alguns amigos da empresa, que conseguiram accommodar os animos: hoje canta-se o *Lohengrin*, que devia ter sido cantado ha quatro dias.

Attribuem-se os desastres da companhia á crise dos bancs. Não creiam tal; se não houvesse crise, seria a mesma coisa. O motivo do desastre é a Inobservancia daquelle sabio rito: Quem não pôde com o tempo não inventa modas.



No theatro Sant'Anna trabalhou até ante-hontem uma companhia de zarzuela, a cujos espectaculos não assistim-s.

Parah ntem estava annunciado *El rey que robó*, mas não houve espectaculo porque os artistas declararam que sem dinheiro não trabalhavam. Pelos modus não havia dinheiro, nem isso é coisa que nesta época se encontre do pe para a mão.



A empresaista sra. Concepcion Aranas, declara nos jornaes que se transfere para o theatro Lucinda, mas... com quem?



No Apollo tivemos uma *refrize* pouco interessante da *Mulher do castanho*; continuá em scena a revista *Ah... a' p'ra*, a que de vez em quando addicionam um quadro novo.



No Recreio proseguem os ensaios da *Imagem de Suzette*.

N. Y. Z.

Anniversarios

No dia 17 festejão o seu 7º anniversario o sympathico e interessante jornal da tarde «A Noticia», que sempre tão gentil e attenciosa tem sido para com nossa folha; temos sincera satisfação em continuar a ver o augmento de sua circulação.

Tambem no dia 13 contou mais um anno de aprovada existencia o nosso distincto amigo e assiduo collaborador, Alfredo Azamor, á quem felicitamos desejando-lhe longa e risonha existencia, cabendo nos mais ninn vez agradecer-lhe a sua valiosa cooperação para o engrandecimento da «A Estação».

ULTIMAS NOVIDADES MUSICAES

Grande estabelecimento de pianos e musicas

DE

Fertim de Vasconcellos, Moran & C.

147, Rua do Ouvidor, 147

Folkas

Brincando, por H. Dias... 140 0
 Vai sahindo, por A. Keller... 150 0

Tangos

Só de mão, por E. Telles... 150 0
 Ferruge, por E. Telles... 150 0
 Tango do pianista, por Costa Junior... 160 0

Valsas

Tristeza d'alma, por Marus... 150 0
 Dolente, por Carl s. Marques... 150 0
 Tragabalas com letra, por Costa Junior... 150 0
 Amor que mata, por J. G. Christo... 150 0
 Despretenciosa, por J. G. Christo... 150 0
 Elegante, por A. Cavalcanti... 150 0
 Juracy, por A. Nunes... 150 0
 Licéa, por Evora Filho... 150 0
 Mens oito annos, por O. Carneiro... 150 0
 O teu olhar me seduz, por Evora Filho... 150 0

Schottisch

Alzira, por Campos Juni... 150 0
 Guanabara, por L. Madeira... 150 0
 Grinalda de nuiva, por Evora Filho... 150 0
 Pinheiro Amor, por E. Telles... 150 0

Quadrilhas

Rorb letas, por E. Couto... 150 0
 Recordações da infancia por J. M. Lacerda... 150 0

Remetem-se encomendas para o interior juntamente com o **brinde** mensal que a casa offerece.

147, RUA DO OUVIDOR, 147

PROPHECIA

Si o rei dos deuses, o patente Jove, precisasse de louças algum dia, oh! com toda a certeza as compraria na rua Larga, cento e vinte nove.

MARIA JULIA.



CRÈME SIMON
 PARA
 conso var ou dar
 ao rosto
**FRESCURA
 MACIEZA
 MOCIDADE.**

Para proteger a epiderme contra as influencias perniciosas da atmosphera, é indispensavel adoptar para a toilette diari o **CRÈME SIMON**.

Os **PÓS** de Arroz **SIMON** e o **SABONETE** Crème Simon, preparados com glicerina, a sua acção benéfica é tão evidente que não ha ninguém que o use uma vez que não reconheça as suas grandes virtudes.

J. SIMON, 36, Rue du Provence, PARIS
 PHARMACIAS, PERFUMERIAS
 e lojas de Cabelleiros.
 Desconfiar das Imitações.

A TERRA SANTA

Essa é a minha Patria minha amada.

CANÇÕES.

Alto mar. Sob o céu azul tinto e nevoento,
sobre o revoltado mar de coleras extranhas,
a frota de Cabral veleja. Ruge o vento,
Erguem-se vagalhões — altos como montanhas.
Mar e céu... Céu e mar — e em ambos um só grito!
Dia — fulgura o sol; noite — fulge o luar,
e o infinito por tudo, e por tudo o infinito:
— o infinito do céu, e o infinito do mar!

Longe, atrás, para além do horizonte, abysmou-se
o formoso terrão da patria estremeçada,
e, com elle, a distancia, em brumas afundou-se
a doçura do lar — que é a doçura da vida...

Longe, além, para traz das ondas assanhadas,
tudo, tudo ficou: Família e e raça,
os rebanhos pasceudo, as vinhas caregadas,
os maduros tugaes, o conforto e a oração...

Longe, na terra amada, onde o linho floresce,
e ha rosa nos rosaeas, e ha vinho nos lugares,
tudo, tudo ficou, e allem desaparece
no horizonte seu fim, na vastidão dos mares...

Tudo, tudo ficou em mundos afastados;
a lareira que os viu gozar e os viu soffrer,
o tumulo que encerra os seus antepassados,
e o berço virginal que um dia os viu nascer...

Tudo perdeu-se além nas nuvens e nas brumas...
Ha no mar e no vento um rugido de magoas,
e sob um céu de fogo e sobre um mar de espumas,
a frota de Cabral rasga o seio das aguas!

Veleja a todo o panno, e erguendo a alliva fronte,
de pé, no tombadilho — estatua do desdem,
o forte capitão mergulha no horizonte
o demorado olhar para além... para além...

E o seu olhar se perde entre nuvens sombrias,
e elle, sentindo perto, a maruja tristonha,
para o Deus de bondade estremeendo as mãos trias
fita o curvo horizonte e espera em Deus e sonha:

E sonha nessa Terra encantada e distante,
nessa Terra de luz fantastica, ideal,
que encerra rios de ouro e grutas de diamantes,
montanhas de esmeralda e lagos de crystal!

Nessa Terra risonha onde tudo é risonho:
Terra virgem que occulta as riquezas mais raras,
Terra divina da Chimera e do Sonho,
das florestas sem fim, das ridentes searas!

Nessa Terra onde tudo é bello e magestoso:
o verme que rasteja, o jaguar e o condor,
o tranquillo regato e o rio caudaloso,
a palmeira frondosa, o roble adusto e a flor!

Nessa Terra de lenda onde ha lyrios de prata,
e ha papoulas de sangue e ha tulipas divinas,
Terra da tribu nua e quedas de cascata,
dos lagos de saphira e das verdes colinas!

E tão longe... e tão longe... e talvez nem exista...
e talvez seja um sonho, uma allucinação
essa Terra longinqua, apenas entrevista
entre nevoas, perdida em remota região!...

E as caravellas vão, à flor das aguas, leves,
sulcando o mar revoltado, as velas enfanadas,
e passam sobre o mar dias e noites breves,
— dias cheios de sol, noites enluaradas

E a maruja tristonha invade a nostalgia
da Família, da Patria e da sandade do Lar...
Fulge o luar — e a noite; a sorna do sol — é dia,
e sempre o mar e o céu, e sempre o céu e o mar!

Subit, além, além no horizonte, nua escuma
mancha tromepe da espuma, e o denso ven descerra
de nevoa que a sequilla, e entre nevoas lulsura...
— Terra! gitta a maruja alegre! — Terra! Terra!

— Terra! — e este grito vae de galera em galera,
ateando em cada olhar um rutilo arrebol,
e vae de bocca em bocca, e vae de esphera a esphera,
das coleras do mar a os fulgores do sol!

— Terra! — e agora o perfil dos montes se desliza,
e das montanhas surge o sereno contorno,
e surgem, de entre a espuma, ilhas e de neve,
aves de toda a cor, surgem das nuaes em torço!

— Terra! — e tudo fulgura, e tudo exulta, e canta!
Joelhos no convez a maruja ergue as mãos
para os tranquillos ceus, e a voz aos ceus levanta
e rende graça ao Deus piedoso dos Christãos!

Por que não fora um sonho a Terra Desejada,
não fora uma visão esquiva e vaporosa:
Eil-a! — virgem para mais bella que a alvorada,
eil-a! — a Terra da Luz, mais do que a luz formosa!

Eil-a, cheia de rios, de florestas brilhantes,
de grutas de marfim, de aves de toda a cor,
de veios de ouro puro, e de marmore e diamantes!...
Eil-a a Patria do Sonho! Eil-a a Patria do Amor!

Eil-a que se ergue agora, e entre a nevoa desfeita,
a pouco e pouco surge e inteira se desvenda,
vaporosa e subtil, disaphanica e perfeita,
como uma apparição fantastica de lenda!...

Paraiso Terreal, eil-a, formosa Omphale,
com pulverisações prismaticas de luz,
e onde de sol a sol, erra de valle em valle,
de montanha em montanha a horda dos indios nus,

Terra de Santa Cruz, assim surge: aos ares
os braços levantaste e o alvo manto de brumas,
e, risonha, surgiste assim a flor dos mares
como a Venus para do seio das espumas!

Salve Terra Christa! Salve Terra Querida!
Rezaço maternal, berço de todos nós!
Salve, Terra do Sol! vila que nos dá a vida,
e por quem temos alma e por quem temos voz!

Mãe, que um dia não ha que não nos apparece,
suprema encarnação da suprema belleza,
e que um dia não ha que o seu olhar não desça
sobre nós, como um véu de doçura e pureza!

Tudo que é nosso é seu, e tudo que queremos
é vel-a sempre grande, entre sóes a fugir,
e nos basta saber que a amamos e que temos
lábios para a cantar, braços para a servir!

Salve, Patria Formosa! Aqui alliva e impellua
eterna viverás no marmore e na historia,
que cada filho teu é um gigante na lucta
pelo teu esplendor e pela tua gloria?

ZERENO BRAZIL.

O somno d'um anjo

Quando ella dorme com a dorme a estrella
Nos vapores da timida alvorada,
E a sua doce fronte estendida
Mais perfeita que um lyrio e tão singela.

Tão serena, tão lucida tão bella
Como dos anjos a cabeça allada,
Repousa na cambraia perfumada,
Em vel o absorto o casto somno d'ella.

E rogo a Deus enquanto a estrella brilha,
Deus que protege a planta e a flor obscurea
E nos indica da futura a trilha.

Deus por quem toda a criação se humilha,
Que tenha pena d'essa creatura,
D'esse botão de flor — que é minha filha.

LEIZ GUIMARÃES.

PROCESSO DE CASAR

Ha tempos a esta parte apparecem nos jornaes,
especialmente no *Diario* e *Novas*, annuncios estere-
ceudo maridos pechinchas a quem d'elles precisar.

Não são ainda tão raras estas annunci-
ações como os de cidades de servir e umas de leite, mas ja
não são tão raras, que o mesmo numero d'aquelle
jornal, o de sabbado, não publicasse dois, a que me
vou referir.

Um d'elles, que sahio na 3.ª pagina, tinha a epi-
graphie *Casado*, palavra finta, de boa sociedade,
certamente esse lida de propozito pila não destina
da superior qualidade do objecto em annuncio.

...ante, saudavel, honesto, educado, de fin trato,
sem familia, possue a fortuna, deseja con-
trahir casamento com senhora respeitavel, de senti-
mentos moraes exemplares e que possua fortuna.

O outro, publicado na 4.ª pagina, intitulava-se
Casamento, em harmonia com o tom larguez da sua
redacção:

« Cavalheiro viuvo, de 45 annos, saudavel, inde-
pendente, muito serio, bom chefe de familia, com
fortuna regular, deseja senhora sã, leira ou viuva, que
esteja em eguaes circumstancias. »

Em qualquer dos casos — duas pechinchas: um
cavalheiro de 34 annos, bom posto, sadio, de
fallas doces, com miolera e alguma baga; outro
cavalheiro, de 40 annos, em segundã mã, mas são
como um peço, sem ligação, sensível, já com tino
de chefe de familia e possuidor de massa regular.

Ao parece impassivel que neste paiz onde a
fama de maridos é a principal preocupação de
todas as mulheres, surta um dia duas *offerlas* tão
vantajosas e tão espontaneas, sem que Mercurio ou
Cupido as tivesse farejado ainda!

Não chego a perceber como estes dois maridos
pechinchas se escaparam até hoje a perspicacia namora-
dora das lindas meninas, mais ou menos agrifadas,
que todas os domingos põem o chapéo na cabeça e o
carmin na face e largam a correr para a Avenida á
peçura de um marido tiberuloso ou sadio, rico ou
pobre, fino ou grosso, analfabeto ou illustrado.

Nesta atmosphera de amor, que por toda a parte
nos rodeia e que é tradicional no nosso paiz, não
parece menos incomprehensivel que dois cavalheiros,
um de 34 annos e outro de 40, deixassem até hoje de
converter-se em paliteiros de ternos olhares que os
atravessem de lado a lado, independentemente das
boas camilhões de bagalhoça e saude que os referidos
cavalheiros em si mesmo apregoam.

Os annuncios de casamento são vulgares nos jor-
naes do Estado Unidos do Norte, onde tudo é negocio
incluindo o casamento. Ahí, a mercaderia pode servir
ou não, e, portanto, a transacção convir ou deixar
de convir.

Mas, em Portugal, paiz de gente nam rada, é o
amor que prevalece ao casamento, e qualquer menina
da capital fecha os olhos para se entregar cegamente
nos braços de um salgado aspirante ou de um ama-
moso da Junta do Credito Publico.

Todos nós estamos habituados a contemplar a
penitencia de dois noivos que vão passando n'um esforço
de luxo para: elle de chapéo branco e vestidinho
em que a costuraria quasi não teve pauno para mangas;
elle de chapéo alto e sobrecasaca barata, talhada
com muito olho de economia.

Mas acabou-se; estas duas pessoas, que passam
encantadas na sua lua de mel, representam o penul-
timo capitulo de um romance de amor, que durou
dois annos de garçagens e constipações.

O ultimo capitulo tardará apenas alguns mezes: é
o nênetre ha de vir da França, para choramigar toda
a noite sem deixar dormir o pai e que ha de beber o
leite da mãe deixando a mãe e a mãe do que não fuso.

Mas acabou-se foi o amor que unio essas duas
creaturas; fô a paixão que as aproximou, e o dia
d'uma lã sei o que Deus quizer. Amen.

Em geral, os casamentos portuguezes, tendo por
base o amor, são feitos em precarias circumstancias.
E como se a este o costume da terra, chega a gente a
de confiar da veracidade dos annuncios que promettem
maridos excellentes, com panno excoim que a noiva
tenha alguma coisa de seu — além do palmo da cara.

Eu então desconfio mais do que nunca, por uma
razão que se affirma — fô um operário pessoal, que
trabalha de casar, mas que não annuncio como
alora.

Segundo o modo de ver, o incluir marido...
peior.

O outro lembra do marido temido ensinava que
o noivo que chega ao altar com um castrocinho de
extravagancia venha se a um milhão de lã, pacato
e modesto, transigente com a mulher e a segre —
o que constitue um verdadeiro cumulo de bondade
conjugal.

O moivo que se inclua impeccavel, malmente vaccinado, com horror instinctivo ao vicio, desata a fazer asneiras pela vida fora, como um fedelho que sahisse do collegio para ir passar as ferias n'um lar domestico.

Nem as criadas lhe escapam.

Tavia ali para os lados do Rato um marido chronometico, de horas certas e habitos certissimos, que na chegou a annunciar-se como pechincha, porque n'esse temp. não se tinha implantado ainda entre nós os annuncios de casamento.

Mas fido como n'um achado, que desabou do ceu aos trambulões. Vinte familias o invejaram e outras tantas mentiras mordiam de raiva o ludo beicinho, quando elle escolheu outra que não era mais rica nem mais gentil do que ellas.

Dando o primeiro dia começou a ter uma vida methodica e regular. Sahia do seu emprego na Baixa ás tres horas da tarde. Como n'esse tempo não havia ascensores e americanos, gastava uma hora de caminho; as quatro em ponto entrava em casa, sorridente, amavel e não tornava a sahir senão no dia seguinte, para recommear a vida da vespera.

A sua «querida mulhersinha» estava segura da boa fé d'aquelle dedicado monstro de fidelidade conjugal.

A sogra olhava para o relógio ás quatro horas da tarde e dizia para a criadilla, como a queixar-se de que o marido ainda tardaria muito:

— A esta hora já o meu genro está em casa. Assim fossem todos!

O que não a impedia de baplicar á vezes com elle, extranhando lhe que sendo vigoroso, gastasse uma hora desde a Baixa até a Rato.

N'aquelle doce paz conjugal, que esse bom marido mantinha inalteravelmente, foram passando os annos: vieram trez filhas, que chegaram a idade de se aturar de cabeça á procura de noivo.

A mãe dizia lhe ás vezes:

— Como vesso pai, não ha outro; escusais de pensar n'isso.

Ora ellas não eram precisamente da mesma opinião, porque a regularidade dos habitos paternos as incommodava muito.

Era antes de jantar, enjuncto o pai estava ausente, qua os seus namorados passavam e que ellas tinham occasião de vel-os.

Mas succedia de tempos a tempos que algum dos namorados se atrazava e passava cinco minutos depois das quatro horas.

Já as janellas estavam fechadas, porque o papá havia entrado as quatro horas em ponto.

O papá não se atrazava nunca.

E logo depois do jantar era elle que vinha para a janella, de barrete na cabeça, charuto na bocca, n'uma innocencia de costumes verdadeiramente patriarcal, gosar as doçuras ao matrimonio sem mancha.

Nem certo dia o «bom marido» a cada chegou mais cedo do que o costume vinha de trem, com uma gestão de óis das quatro da tarde.

Dias depois, a viuva diz ás pessoas que lhe falam os pesares:

— Tenho em que viver, é certo, mas perdi o hor marido que se podia imaginar.

Mais alguns dias depois foi procurada por uma «ra vestida de luto», que lhe apresentou duas noças, tambem vestidas de preto.

— Minha senhora, disse lhe essa mysteriosa dama amor d'estas creanças vejo-me forçada a confessar a minha culpa. V. Ex. tem meios do fortuna, e estas creanças, que são filhas de seu marido, como as feições testemunham, não tem que temer. Vendo pedir lhe para ellas a possivel protecção.

— Tinha do meu marido! exclamou, supprime a dita, a viuva. A que hora?

E a outra, com um suspiro profundo;

— Antes das quatro, minha senhora.

— Ora esta! So sendo assim!... E logo duas creanças!

E a outra temendo pé na desventura:

— Fellemente que não foram mais... por falta de tempo.

Tal era esse impeccavel marido, que fazia sentinella no seu lar conjugal, inalteravelmente, desde as quatro horas da tarde até as nove horas do dia seguinte.

Eu não quero prejudicar os interesses dos jornales e annuncios afastando lhes annunciantes, nem tão pouco lançar suspeitas sobre os dois cavalheiros que se annunciam a «o réis a linha como sendo» a nata dos maridos pechinchas.

Mas, francamente, fico de pé atrás com elles, porque, sedados, enluheirados, activos, sadios e intelligentes, me parecem... bom de mais.

Preferiria que tivessem algum defeito... para serem perfectos.

(de Lisboa).

ALBERTO PIMENTEL.

O BEIJO

O beijo depende da bocca que o dá e da pessoa que o recebe. E d'aqui nasce immediatamente uma divisão em beijos limpos e beijos sujos, conforme o estado de asseio ou de porcaria em que se encontra a bocca.

Entre estes dois grandes grupos de beijos ha intermeditarios que estabelecem a passagem de um a outro, e como termo medio vem a achar-se um beijo que sae de uma bocca modesta em limpeza, isto é, medianamente suja, tendo se dentes livrados uma vez por dia e palitões depois das refeições. Este beijo é o mais vulgar, sabe a tabaco, traz um vaporsinho de vinho e um aroma de fructas, comidas á sobremesa.

É um beijo-familia, dado no fim do jantar, aos parentes e pessoas de amizade. D'antes foi moda lavar-se a bocca quando se acabava de comer; mas depois, outra moda destronou esta e o beijo familiar, de limpinho que era, tornou-se algo sujo. O remedio está na mão de todos: lavar primeiro, dar o beijo depois.

A bocca mais limpinha que se conhece é, sem duvida, a boquinha de um bebé de mamãe. Rosada, enrubescida, cheirando a leite, faz desejos de beijal-a e muita gente ignorando o mal que d'ahi pode vir, fada no ríbio «o meu filhinho beija minha bocca adocada», vai deixando beijar os filhos, com a intima satisfação de os ver adorados.

Nada mais facil do que a transmissão de doenças graves mas por um d'esses beijos. Deve banir-se absolutamente esse pessimo costume das praticas sociaes. Em França, é delezno beijar a creança que se e contra a passear nas ruas, mas na nossa terra acha-se encantador o beijo dado em creanças que nem se conhecem.

É por demais conhecida a fórmula do—ai! que lindo menino!—, e zaz beijninho!... E logo a mamãe do pequerrucho:— anda, bebé, dá um beijo a essa senhora com a tua boquinha!— e bebe lá da um beijo. As damas cumprimentam-se e cada uma vai para seu lado, sem mais desculpas, nem reparos.

Se soubessem o veneno que pode ir nesse beijo, nem o davam, nem o deixavam dar.

Este mal que pode vir do beijo applica-se a todas as creaturas grandes e pequenas; principalmente quando é recebido na bocca. E não me parece preciso estar aqui a desenrolar o mecanismo da transmissão de doenças pelo beijo.

Basta que fiquem sabendo o facto e que procurem evital-o, recebendo o menor numero de beijos possivel. A vontade só deverão beijar-se creaturas que tenham uma cuidadosa hygiene buccal e não sejam de doenças contagiosas. Assim, da hygiene da bocca, do seu perfeito estado de saude e de limpeza, nascem a hygiene do beijo. E esse beijo limpo, jetumado, são, ha de conter todas as delicias d'aquelle que Roustand define no «Cyrano»:

C'est peut-être qu'en met sur la du verbe aimer.

✽

É curioso de ver, entre damas que se encontram o modo como se beijam e é bom de ouvir o que dizem umas das outras, quando se afastam. Grande effusão, alegria enorme, beijos dados a um e outro lado por causa das abas dos chapéus e depois, começa a trovoada. Tratam-se de tolas para cima, desatam-se escandalos, trocam-se vidas e quem as visse aos beijos nem por sombra as acreditaria. E o terrivel leno de Judas que não acaba. Ah! essas bocças são tanto para evitar como as outras portadoras de enfermidades. Fazem bem as damas em usar véo; a balia chega menos a pelle. Pela bocca ainda se conhece neste caso a sinceridade ou a mentira do beijo. Esboçamos umas creaturinhas.

Mulher alta, anemica, preciosa, magra mortalhada em velludos caros, chapéu modelo véo branco escondendo o cabelo rívo: fugir della a sete pés! A bocca e confrangida, apertada faz mal aos nervos, a bocca chamada «em b'ção de rosa». O beijo d'essa bocca é aspero como lixa e frio como gello. Dado, o beijo vem praga...

Outra. Ares de grande dama, andar quebrado, linha decorativa, gestos á Duse: bocca apressa, quero e mando, beijos delgados e sem cor, torcida um pouco, mordaz e cruel. O beijo é por favor, desdeñoso, pe... rabeca.

Agora, a bocca de riso amarello, nem doce nem salgado. Indifferente a todos e a tudo. Beija nem bem nem mal; acha aborrecido, eucolle os hombros. É beijo de memna apaixonada, quer entrar n'um convento.

Outra menina. Quinze annos, educada em provincia; ingenua, virginal nos olhos, uma grande alegria, é uma grande paz; bocca simples, vulgar, bonita; beijo sinuero. Depois do beijo não diz mal, fica admirada de ouvir dizer.

Uma bocca original.—H, vive alegre, é vermelha sem pinturas e cheia de humorismo sem crueldades. É a bocca de ironia, a bocca trocista. O beijo é dado com vigor e estala na face. Se diz alguma coisa é frente a frente.

Beijos levadinhos da bréca, são os das bocças sensuaes. Bocças que imitam letras do alphabeto. Aparecem em desenhos de Léandre e de Metivet, com as formas de um O e ás vezes de um V invertido. É a bocca fim de seculo, fina, degenerada e má; o beijo é terrivel, deixa manchas de vermelhão, e como a lingua é muito depravada a critica é depravadissima. São beijos para dias de peccado.

Outro beijo que se deve evitar é o da bocca feia; poncos dentes, encarquilhada, vestigia de buço... Horror! Nem é preciso saber o que dirá.

Mas ha um beijo cheio de pureza e de frescura, é o da reconciliação. Entre noivos, houve um pequenino nada que chegou a parecer uma nuvem negra. A noiva fez beicinho, ficou-se para um canto amuada, a chorar. Elle então, veiu pé ante pé, sentou-se junto d'ella, pediu-lhe perdão, beijou-lhe as mãos, a testa, os olhos e per fim, as bocças uniram-se num hudo beijo de amor. E tudo voltou á paz dos antigos idyllios, e uma nova felicidade começou a florescer em beijos. Esse é o unico beijo luminoso que existe sobre a terra. Felizes dos que o encontram e o transformam num bello filho cheio de bondade e de saude.

✽

Ao lado de muita bocca que não merece dar beijos, ha muita cara que os não deve receber, e em resumo, pode-se applicar ás caras tudo quanto deixei dito para as bocças. Mas o caso aqui complica-se; ha gente que não se limita a beijar caras. Ha quem beije reliquias, santos, pedras d'altar, em logares onde todo o fiel cuidadoso põe os beijos. São costumes trazidos do oriente onde se beijavam as divindades, costumes que os imperadores romanos tomaram para seu uso e que mais tarde os Papas adoptaram. Hoje ainda quem é admitido a presença de Sua Santidade, beija-lhe os pés, á entrada e á saída. Ora, esta fórmula pode ser perigosa, porque, — cá temos a eterna historia do contagio, — pelas sandalias do Papa podem transmittir-se de doenças graves. E entrando mais pelos usos da minha terra, vejo em Lisboa beijar-se o pe do Senhor des Passos que, apesar de toda a santificação que tem — é de temer sob o meu ponto de vista. Imaginem, (olhem que já tem succedido), um devoto, com uma doença que traga manifestações á bocca e por cumprir alguma promessa vae á Graça e beija o pé ao Senhor dos Passos. No beijo foi um pouco de saliva contaminada, e logo a traz, uma senhora bejou o pé no mesmo sitio. Tinha uma feidasinha num beijo, os labios um pouco gretados e a coisa peg u... Que fará o marido lá pobre senhora quando o medico lhe disser o que ella tem, e que difficuldades para a etiologia do caso! Ora casos d'estes têm ja acotlecido em pés de Senhores e em cabeças e mãos de muitos santos e santas de devoção. Todo o cuidado é pouco e não é por beijar ou não beijar um santo que a oração perde o seu valor. E se isto não é assim, empurrem as penas do inferno para cima de tão mau conselheiro...

MANOEL PENTEADO.

MOLDES



Temos a satisfação de communicar ás nossas gentis assignantes e leit ras que, apesar de nosso silencio, continuamos com o nosso serviço de moldes tanto d'A Estação, como de qualquer outro jornal, para esta cidade e para o interior da Republica. Ha uns bons trinta annos temos nos incumbido desse serviço, confiando o sempre a pericia de verdadeiras artistas em materia de cortes.

Agora mesmo as senhoras a quem confiamos esse trabalho, são das mais habilitadas mestras no assumpto, no qual não temem confiamos.

Nunca recebemos reclamações contra o serviço da casa e com ufania podemos assegurar que estamos habilitados a satisfazer a frequencia mais exigente, sem que tenhamos receio de que nos veuham dar lições de apuro e bom gosto, nem na indelicade de nossos preços.

Para o presente numero offerecemos:

N. 35—Saia de noiva.....	22500
N. 6—Saia.....	15500

Os recados são recebidos no escriptorio desta folha, bem como, a importancia que deve acompanhar o pedido.

Pelo correto mais 300 para o primeiro e 200 reis para cada um dos que se seguirem.

O progresso da homeopallia no mundo

O Dr. Javier de Benavent, occupando-se do tratamento da diabetes, enfermidade essa infelizmente tão introduzida entre nós, após um estudo acurado e segundo a opinião de variis collegas, garante a cura de semelhante molestia, vindo provar dessa fórma o quanto a homeopathia tem progredido, apesar da guerra mesquinha que lhe movem os seus inimigos. Cedamos portanto a palavra ao illustre Dr. J. Benavent: Recebi, não ha muito tempo, um prospecto que recommendava o *vinho uranado*, como remedio infallivel para a cura da diabetes.

Entre os diversos paragraphos, deparei com um que diz o seguinte :

« Fui eu quem descobriu esse remedio á força de largas e penosas experiencias, pois estando eu diabe-

tico e tendo usado um sem numero de palliativos ordinarios, sem o menor resultado, só obtive a cura radical com o *vinho uranado*.

Ante tão surpreendente resultado me aconselharam varios medicos que fizesse repetidas experiencias, alcançando assim curas admiraveis. »

Seguia-se uma lista bastante extensa de curas de semelhante molestia, levando a uma generosidade a incluir a formula do seu especifico miraculoso, que é o seguinte: Vinho vellos de Bordeaux, nitrato de uranio, bromuro de litio, pepina, quina, glicyrrina e outros productos apropriados.

Observe o leitor, que a generosidade do inventor desse especifico, mostra-se em sua formula um tanto reservado e mysterioso, pois que deixa no olvido os outros productos apropriados, assim como as dosagens de cada producto de que se compõe a sua formula.

Não resta duvida (que isso é logico debaixo do ponto de vista mercantil não sendo, porém, philantropico.

O que se admira sobretudo é o talento privilegiado do inventor, distaçando por meio de outros productos o unico remedio capaz de curar a diabetes e afirmando que descobriu o *urano nitrato*, isso no anno de 1857.

Permittam os leitores, que eu faça um pequeno historico medico: o Dr. Ricardo Hugues em um manual publicado em 1888, em sua terceira edição diz: *L'uranium* — geralmente se emprega o *nitrato*, cuja preparação é mais propria para ser usada em solução liquida de preferencia a trituração.

O Dr. Edward Bleke nos apresenta experiencias feitas em pessoas sadias, com o *nitrato de uranium*.

Lecompte, em 1858, chama a attenção desse notavel anti-diabetico, em um escripto publicado no *British and Foreign Medical Chirurgical Review*.

O Dr. Brandford foi o primeiro que reconheceu a sua importancia, em um volume, em oitavo do *North American Journal of Homeopathig*.

NINON DE LENCLOS

escurecia da ruga, que jamais onson macular-lhe a epiderme. Já passava dos 80 annos e conservava-se joven e bella, tirando sempre os pedacos da sua certidão de baptismo que rasgava á carada Tempo, cuja fôrme embotava-se sobre sua countadoro physiognomia, sem que nunca deixasse o menor traço. Muito se admirava a viu-se obrigada a dizer o velho rabugento, como a raposada Lafontaine dizia dar novas. Este segredo, que a celebre egoista faceria jamais confôr a quem quer que fosse das passons daquella época, descobrio-o o Dr. Lecoq entre as folhas de um volume de *L'Histoire amoureuse des gaules*, de Busy-Babutin, que fez parte da bibliotheca de Voltaire e é actualmente propriedade exclusiva da **PARFUMERIE NINON, NAISON LECOQ, Rue du 4-Septembre, 31 à Paris.**

Esta casa tem-o á disposição das nossas elegantes, sob o nome de *L'ERITABLE EAU DE NINON*, assim como as receitas que d'ella provém, por exemplo, o

DUVET DE NINON
pó de arroz especial e refrigerante;

Le Savon Crème de Ninon
especial para o rosto que limpa perfectamente a epiderme mais delicada sem alteral-a.

LAIT DE NINON
que dá alvura deslumbrante ao pescoço e aos hombros. Entre os productos conhecidos e apreciados da **PARFUMERIE NINON** contam-se:

LA POUDE CAPILLUS
que faz voltar os cabellos brancos á cor natural e existe em 12 cores;

SEVE SOURCILLIERE
que augmenta, engrossa e bruna as pestanas e os supercilios, ao mesmo tempo que dá vivacidade ao olhar.

LA PATE ET LA POUDE MANOÈREMALE DE NINON
para finura, alvura brilhante dos mãos, etc., etc.

Convenha exigir e verificar o nome da casa e o endereço sobre o rotulo para evitar as emittições e falsificações

PARFUMERIE EXOTIQUE
E. SENET
35, Rue du 4-Septembre, 35, PARIS

MÃO DE PAPA do duque, de príncipe, por meio da **Pâte des Prêlats**, que embranquece, alisa, acetina a epiderme, impede e destrói as **frías** e as **rechas**.

UM NARIZ PICADO de pequenas borbulhas ou com cravos torna a recuperar sua branca primitiva e suas côres lisas por meio do **Anti-Bolbos**, producto sem igual e muito contrafeito.

CUIDADO COM AS CONTRAFAÇÔES
Para ser bella e encantar todos os olhos deve-se servir da **Fleur de Pêche** pó de arroz feito com fructos exóticos.

POUCOS CABELLOS
Fazem-se crescer e cerrados empregando-se o **l'Extrait Capillaire des Bénédictins de Mont-Majella**, que tambem impede que caiam e que fiquem brancos.

E. SENET, Administrateur, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

NÃO ARRANQUEM MAIS
os dentes estragados, sane-os e branque-os com o **l'Elixir dentifrice des Bénédictins de Mont-Majella**.

E. SENET, Administrateur, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

Racahout
DELANGRENIER

Alimento Completo
agradavel, leve e facilmente assimilavel

O verdadeiro **RACAHOUT** dos **ARABES Delangrenier** é o **Melhor alimento da Criança**

desde a idade de 7 a 8 mezes, e principalmente no periodo do desmamar.

TAMBEM é recommendado ás mães quando dão de mamar, aos **convalescentes**, aos **anemicos**, aos **velhos**; em resumo, todos os que precisam de fortificantes.

Exigir a marca verdadeira **DELANGRENIER-PARIS**

É encontrado em todas as **PHARMACIAS**

Perfumaria extrafina

L.T. PIVER

PARIS

Corylopsis do Japão
Evitar as Imitações e Falsificações

Le Trêfle Incarnat
Parfume de Moda

Rosiris

Senteur des Prairies

Violettes de Parme

Dentifricios Mao-Tcha
PÓ, PASTA E ELIXIR

CALLIFLORE
FLOR DE BELLEZA
Pós adherentes e invisiveis

Graças ao novo modo porque se empregam estes pós communcam ao rosto uma maravilhosa e delicada belleza e deixam um perfume de exquisita suavidade. Alem dos brancos, de notavel pureza, ha outros de quatro matizes diferentes, **Rubral e Rosa**, desde o mais pallido até ao mais colorido. Poderá pois, cada pessoa escolher a cor que mais lhe convenha ao rosto.

PATE AGNEL
Amygdalina e Glycerina

Este excellento Cosmetico branca e amacia a pelle, preserva-a do Cieiro. Irritações e Comichões tornando-a **velludada**; pelo que **respeita as mãos, dá solidez e transparencia ás unhas.**

AGNEL, Fabricante de Perfumes,
16, Avenue de l'Opéra, Paris.

HOUBIGANT
PERFUMISTA
da **RAINHA d'INGLATERRA** e da **CORTE da RUSSIA**
PARIS

AGUA HOUBIGANT
SEM RIVAL PARA O TOUCADOR

AGUA de TOUCADOR Royal Houbigant.
AGUA de COLONIA Imperiale Russe.

EXTRACTOS PARA LENÇOS : **Violette Idéale**, **Royal Houbigant**, **Peau d'Espagne**, **Muskari**, **Iris blanc**, **La Parfums Impérial**, **Mokki**, **Mignon**, **Éclair Reine**, **Impérial Russe**, **Lilas blanc**, **Heliotrope blanc**, **Fougère Royale**, **Gloxinia**, **Jasmin d'Espagne**, **Cor de Russie**, **Girofle**, **Corydalis**, **Bouton d'Or**, **Sourire**, **Itococo**.

SABONETES : **Ophelia**, **Peau d'Espagne**, **Violette idéale**, **Fougère Royale**, **Lait de Thibade**, **Royal Houbigant**.

PÓS OPHELIA, **Talisman de Belleza**.
PÓS PEAU D'ESPAGNE.
LOÇÃO VEGETAL, para os Cabellos.
PÓS ROYAL HOUBIGANT.

PERFUMARIA ESPECIAL MOSKARI

O Dr. Hulo occupa-se tambem desse medicamento, assim como os Drs. Lovoder, Curie, Jousset, Haar, Dejudale, etc., etc.

O Dr. Carex, no periodico *La Lanee*, em Junho de 1874, cita casos felicissimos do *nitrate de uranium*.

Posteriormente e com toda attenção, tratei de colher informações dos resultados obtidos pelo *vinho uranado*, e pessoas diabeticas que merecem inteiro credito, me affirmaram ser verdade o que diz o seu inventor com respeito a diminuição e desaparição do assucar nas urinas, por em, quando se julgam curados e deixam de tomar o vinho, voltam as urinas ao seu estado precedente, até que aborrecidas depois de

seja miuha intenção prejudicar a sua fama e nem seu negocio.

Meu desejo ao escrever estas linhas é fazer-lhe comprehender que o unico preparado de sua formula, capaz de curar a diabetes, o unico que levou o seu entusiasmo ao ver se curado de tão pertinaz doença é o *nitrate de uranium*, medicamento descoberto não por elle, e ainda pelos homeopathas.

O nosso publico, felizmente, começa a comprehender que a homeopathia cada vez mais impõe-se, apresentando diariamente curas admiraveis, conseguidas por distinctos clinicos que attentamente acompanham o progresso dessa sciencia.

Tissot.

E' impossivel dizer como te adoro,
Impossivel com a penna idea exteta
Dai da longa saudade que me mata,
Neste crmo quasi, onde, pensando, móro.

Si o ouvido applico ao corredor, sonoro
Ouço te o passo e a voz tão doce e graú ;
A' saudade nas azas me arrebatá,
Tenho vontade de chorar... e choro.

Fin que ancia o travesseiro ao rosto apéto,
O aijo lembrando, a apparição revendo
Que aqui tive a meu lado, aqui... tão perto !

Dolor esa Saudade! ausencia crua,
Que me faz morto erer-me ajud, - vivendo
Como ahí vivo, na existencia tua !

ALBERTO DE OLIVEIRA.



DANSA DA RODA

longos mezes de tratamento, tinham resolvido o importante semelhante processo de cura.

Porventura chama-se a isso cura?

Muito me occorre acrescentar ao relatar fielmente este medicamento, descoberto em 1837, porém julgo já ter dito o sufficiente para livrar o publico dessa charlatanice.

Saibam, sim, que nos, os homeopathas administramos o *uranium*, *nitricum* e o *muraticum*, já ha muito tempo e com grandes resultados.

Na diabetes, nas ulceras do epigastro, estomago etc., esse precioso remedio como todos os nossos medicamentos, foram bem estudados e experimentados, tanto no homem como em animaes, em estado physiologico, prova que a divisa de Hanemann: *Similia, similibus, curantur*, é uma verdade incontestavel.

Não supponha o inventor do *vinho uranado*, que

Paz! Coração...

Ao EMILO KEMP.

Paz, coração! Que insensatez é esta?
Dá-me teu prompto auxilio, o razão fria!
De que serve a mais sauta idolatria
Si é, mesmo assim, uma paixão funesta?

N'alma da virgem pura, meiga, leonesta,
D'um doído olhar a chamma que incendia
E' blasphemia, é torpeza, é vilania
Que o odio busca, que ao desdem se apegata.

Paz, coração! Os estos amordaça:
O amor é como o fogo que illumina
Mas tudo invade, queima e despedaça!

Paz, coração! Do teu viver foi — sina —
Ao palpite de amor collar desgraça
Ser do tempo atravez negra ruina!

Niteroy: 1900.

A. AFAMOR.

Da collecção -Vergel-

Das esperanças ao rosado bando,
Das illusões á tejada balagem,
Pelas estradas do Ideial passando,
A alma se me enche sempre de coragem.

Com o teu convívio vai se transformando
O meu caracter aspero e selvagem,
Como um leão que se tornasse brando,
Diante de pura e virginal imagem...

Porque descubro agora mais frescura
Na rosa branca, de petalas macias,
E na vaga que flue, chorosa e pura?

E' que povóas t da a Natureza,
Desde as nuvens do ceo ás aguas frías,
Desde o sol do levante á estrella accessa!

(Visionario)

JARBAS LOBITI.

Desdenhosa

Louvo-te a Graça e louvo-te em vado,
Flor dos salões, se nos salões te ostentas;
Tudo que é *fin* e que é soberbo inventas.
N'um lyrismo de goso e de peccado...

Falas e mesmo no fallar tentas
Ver a teus pés o mundo sulcagado,
Tens no sorriso um céu illuminado,
Ao passo que um desden mortal tentas...

Louvo-te a Graça exalta de ranha
Essa *pose* com que passas sóbria,
Salto o cabelo e riso á flor da bocca...

Louvo-te a Graça, oh! Flor, com que me encantas,
E louvo-te o desden com que supplantas
A multidão que passa ardente e louca...

1900.

MAYRA DUARTE.

As nossas Gravuras

Dança da roda

Quem, ao contemplar este quadrinho, não evocará scena da sua passada infancia! Na cidade ou no campo, o círculo de mãos dadas era um dos nossos costumes brincados de creança, variando sómente de nome e na letra da canção que a acompanhava.

Vós que, hoje, levantaias com difficuldade as tropegas pernas, oh! miseraveis auciões! revide vos naquelle banho de arruldas creanças e deitae que a saudade do passado venha acafeiar a fronte encarnecida enquanto os vossos netinhos ali — no jardim — com as lourascabezinhas illuminadas pelas rastros do sol se coam pelo vergel do caramanchão, brincam como brincaesteis outrora.

Saudação matinal

O quadro de F. Vinca — saudação matinal — de feliz concepção e primorosamente executado, pertence á serie das pinturas que causas sempre prazer aos amadores do genero alegre; na actualidade, quer na poesia, quer na pintura e ainda nos outros ramos das bellas artes, predomina a dôr, comprazem-se os poetas no dedilhar a lyra envolta em crepe; os esculptores buscam no estudo das miserias do povo os modelos para as suas produções e os pintores só tem na sua palheta as cores sombrias da tristeza e do lucto; todos enfim, á porfia, procuram despertar a sensibilidade humana já um tanto embotada pelas crescentes difficuldades da lucta pela vida, com themes de uma realidade, brutal muitas vezes, inspirados por um episodio banal mas que, revestido com sciencia e arte e de novos detalhes, adquirem aspecto tragico.

Por isso, quando vemos um quadrinho como este em que a unica preocupação do artista foi o tornar-o o mais sorridente possível, fazendo desabrochar o sorriso nos labios da graciosa rapariga, cercand-a de floras primaveraes e completando-o com aquelle pombinho a voitar, trefego, em busca da caricia costumada, admiramo-nos da coragem do artista que se afasta da homlierna orientação dos artistas.

ORANDO

Quando ella á igreja vai e na discreta
Prece deixa voar a alma piedosa,
No seu livro de missa uma violeta
E' que lhe marca as folhas cor de rosa.

Talvez exista n'esta flor mimosa,
— Prenda amada e gentil de algum poeta —
O fio de uma historia dolorosa
O doce fel de uma paixão secreta.

Contam que a virgem quando orava um dia
Benzia a quella planta sacrosanta,
Que no seu livro de orações lizia.

E presa, então, da mais profunda magia,
Tinha nas faces um padecor de santo
E os negros olhos arrastados d'aqui.

WILHELM ANTON GÖTTSCHEW

Marinoria

Minha adorada Marinoria, tu, que és a luz dos meus olhos, a creança da minha vida, o norte que ha muito en fito; tu, que és o guia de minh'alma, alma que mais eu amo, estrella que me acompanha, doce visão que nos sorri e en vejo sempre a meu lado; tu, que encerras, enfim, todas as creanças que eu tenho, que és a ambição que me domina, belleza que me arrebatá e gloria que mais desejo; tu, que me arrastas nos raios dos teus olhares, olhares de cujo brilho recebo a vida que tenho; tu, que encerras nos teus labios, tão fin s e nacarados, os segredos da meiguice, meiguice que captiva; tu, que nas faces coradas encerras toda a belleza que a este mundo foi dada e á qual, confesso, meu anjo, que loucamente me prendo; tu, que concentras no pé pequeno e mimoso um mundo cheio de graças, cada qual mais seductora; tu, cuja cintura delgada é um mimo de perfeição, tal a fôrma graciosa e chic com que se ostenta; tu, que possues no sorriso um céu azul de

promessas, promessas que constituem todo o meu sonho dourado; por que é que has de ser ingrata!

Ah! Marin-ria, se acaso julgares que te importo, não me queiras mal, eu peço!

Não sei se sabes, mas vivo como um louco desvairado! É um louco, tu comprehendes, merece ser perdoado, pois que é um barco que vaga... que vaga e vaga sem rumo nos mares do desespero!

E tu possues, en bem vejo, no coração delicado, um r. seo céu de bondade!

Deixa que saia do intimo desta minh'alma infeliz, em torrente impetuosa, todas as minhas lamurias, pois ellas todas são filhas muito verdadeiras dos sentimentos que nutro.

Eu quero, sim, Marinoria, ver mais brando esse teu peito, mais meigo teu coração! Quero que tu me conserves como o teu fiel escravo, deixando-me, allucinado, ir seguindo eternamente teus passos, preso, tal como me encontro, aos raios dos teus olhares!

N.



DEUS

Continuação

Quanto se diz de mais de *sim - sim, não - não*, procede do mal, e pode fazer-te peccar. (S. Mat. 5.)

Não obstante se a autoridade legitima t'o mandar, deves jurar; porém sempre com discernimento, justiça e verdade. (Jerem. 4). Nunca jurarás em vão; porque a casa, do que jura em vão, será cheia de iniquidade, e della jamais se apartará o flagello. Se o homem não fizer o que prometeu com juramento, o seu peccado será sobre elle; e se faltar a isso por desprezo, pecca em dobro. (Ecc. 23).

Se a sabedoria reside no teu coração, conhecerás, filho meu, tudo que necessitas saber; te dirigirás pelos bons conselhos, e te apartarás do homem perverso, e da mulher corrompida; esta sabedoria regulará a tua conducta, e te tirará do pernicioso caminho dos vícios, que as trevas occultam; conduzido pela sabedoria jamais seguirás as pisadas dos ímpios, que se alimentam de iniquidades, e bebem como agua a maldade, e não descansam enquanto não têm sacrificado a sua victima; mas tu, filho meu, compreenderás o caminho do justo, e alumiado de uma luz suave, caminharás com passo firme, sem tropeçares em algum escolho. Porque o Senhor, elle mesmo, endireitará as tua carreiras, e guiando prolongará em paz os teus caminhos. (Prov. 4)

Ha justos e sabios sobre a terra: as suas obras estão nas mãos de Deus, e o homem ignora se é digno de amor ou de odio. (Ecc. 9). Vive sempre temeroso ainda da culpa perdoada. (Ecc. 5), porque qual o homem, que possa dizer: — *O meu coração está puro, e eu livre do peccado?* (Prov. 20). Não ha homem tão justo sobre a terra, que obre constantemente o bem, e nunca peque. Aquelle que diz que não tem peccado, ergana-se, e não falla a verdade. (Ecc. 7. Epist. de S. João).

Conserva, filho meu, o teu coração immaculado, porque disso dependem os teus dias, captiva os teus olhos, dirige-os para o bem, e aparta os teus passos do caminho da maldade. O Senhor olha actualmente para os caminhos do homem, e considera todos os seus passos. O ímpio meretriz, porque não admittio a correccção, e se achará enganado pelo excesso da sua loucura. (Prov. 5).

O que ama a iniquidade tem odio á sua alma. (Psalm. 10)

Aparta as tuas visias das mulheres ataviadas com muito artificio. Foge do trato dellas, porque muitas vezes tem sido o escolho da innocencia. (Eccl. 9.) Não te deixes seduzir pela falaz formosura da mulher; porque os labios da prostituta são como o favo, donde corre o mel, e a sua garganta é mais lustrosa do que o azeite; mas o seu fim é amargoso como o absintio, e tilhante como a espada de dois gumes. Os seus pés descem á morte, e os seus passos baixão até os infernos. Ouve-me, filho meu, alonga della o teu caminho, e não chegues á porta de sua casa. Não des a tua honra ás alheias, nem os teus annos á cruel; para que não gemas afinal quando tiveres consumido as tuas carnes, e o teu corpo, e não digas: eu detestei a disciplina, e o meu coração não cedeu ás reprehensões. (Prov. 5).

Evita, filho meu, tão perigosas rôdes, e não te demande o teu coração tão finosamente. Se desprezas os meus conselhos te arrependerás algum dia de haverlos desprezado, te lamentarás da tua fragilidade, que enfraquecendo o teu vigor te cobria de opprobrio, e te causará a afflicção. (Prov. 7 e 18). Ordena os teus affectos de maneira que sejam puros e legitimos. Para que fim alimentas no teu seio chammias impuras, e deixar te levar de objectos tão indig'os do teu amor? (Hi).

Escolhe uma esposa segundo Deus, e goza com ella das doçuras de uma sa'a a mão. Porém para fazer este enlace deves estar animado de temor de Deus e preservar a tua alma de uma cincepitação desordenada, reprimindo em ti a sensualidade, outro não deve ser o fim da tua união, senão o de reviveres na tua posteridade. (Job. 3 e 8).

O que acha uma boa esposa, acha um thezouro, e uma felicidade inexplicavel. Deus a concede ao homem justo. (Prov. 18).

Olha com horror, filho meu, para o adulterio, o furto não é tão grave delicto, especialmente quando a fome e a necessidade obrigam ao homem, porque então furta para saciar a sua alma esfaimada. Tambem depois collido ás mãos pagará sete vezes em dobro. Porém o que é adulterio perdera sua alma por causa da loucura do seu coração; elle ajunta para si a infamia e ignominia, o seu opprobrio não se apagará nunca; porque o riuime e o furor do mundo não lhe perdoarão no dia da vingança. (Prov. 5).

O que olha para a mulher casada com olhos obcenos e adulteros é já de facio rei de adulterio. (S. Mat. 5)

EPSEDIO

POR OCCASÃO DA MORTE DE CRUZ E SOUZA

RECITADA EM SESSÃO SOLEMNE

Silencio! o turbulo falla,
A dôr se veste de gala
N'este recinto funzrio!
Eu venho saudar agora
Das lyras a mais sonora
Que hoje habita o cemiterio!

Silencio! — inarrnura a amplidão
E en sinto no coração
Um enthusiasmo inandito;
Mas, venho saudar submerso
O Apostolo do verso
Que se evolou ao infinito!

Ha nas roupagens inarmonicas
Das brancas longas, historias
Que definir não sabemos,
Dos mysterios sacrosantos
N'aquelles lugubres mantos
Que interrogar não podemos!

Cavernas! abysmos fundos
Ouvem se alli outros mundos
Silenciosos invisiveis, . . .
— Espectros desencantades
Corpes podres veimuidos
Cyprestes negros horriveis.

Quão tristes são as balladas
N'aquellas brancas onisadas
Que es ventos passam cantando;
O' que paesagens sinistras
Levantam-se ás nossas vistas
Dos fogos fatuos vando!

Pois bem! — parece impossivel
E' n'essa tela terrivel
Que doime Cruz e Souza
E' n'esse quadro, medonho
Que eu li tremendo tristonho
Sem nome na branca louza!

Tremi! tremi porque o via
E como eu, quem não tremia
Ao vêr assim tanto horror! . . .
Ao vêr cadaver, sepulho
Aquelle intrepido vulto
— O grande atleta da amor!

Lembrei-me então de momento
Fitando no firmamento
A lua serena e calma:
Qual seria aquella estrella
Que mais brillhasse, mais bella
Que residisse em sua alma?

Li que eu não tinha conforto
Ao vêr teu corpo já morto
Des poetas, o poeta!
— Ficeste vero, uma seita
A religião mais eleita
Em que tu foste o propheta!

Não fora mister me teres
Para os tormentos saberes
N'esses abysmos tristonhos, . . .
Tu, já sabias na terra
Beibir a palmeira «Guorra»
Aos pesadellos dos sonhos!

Não fora mister a morte
Para elevares a coborte
Das muralhas dos infernos,
Ha muito que já vivias
Na patria das utopias
Na terra dos madrigaes!

Em vida tu já cantavas
Pra não dizer que sonhavas,
Como ninguém já sonha
— Aquelles brancos luars
Que viaham beijar os mares
Ninguem jámais decantou!

Silencio! As lyras soluçam
E os corações?!

Se debruçam
Em torno d'um mausoleo! . . .
Não vês um vulto que passa?
E' Cruz e Souza! . . .

— Evança
A conquistar outro céu! . . .

HOLLANDA CUNHA.

A CIGARRA

Nunca me parecem que as fabulas fossem um proveitoso meio de educação.

Quando a gente as lê na infancia, não as encara senão pela graça que possam ter no exterior; não attinge a philosophia de que possam estar recheiadas. Adeantada a vida, não são precisas fabulas, porque sobejam como ligão as realidades.

A mais popular de todas as fabulas, a que certamente mais dá no godo das creanças, é a da cigarra e a formiga. Pois bem! considero a perigosa para a infancia, em vez de ser moralisadora.

Deixa no espirito dos pequenos um certo encanto pela vida bohemica da cigarra, vadia e palmeira, que não trabalha e passa o tempo cantando sem cuidados.

Essa agradável impressão fica na memoria como a combater o aborrecimento da vida real, em que o trabalho é lei. Tem o valor de uma iguaria fina que apparecesse n'um jantar de S. Marta, cujo menu diario era apenas o caldo negro. Tem a gente vontade de se atirar á iguaria e de deitar pela janella fóra o caldo negro.

E quando já se passou o meio dia da vida e ouvimos cantar a cigarra na copa de uma arvore, quando já estamos fartos de trabalhar, cansados de viver arrastando migalhas para o celloiro, folga a gente de encontrar essa velha cigarra sempre moça, cantante e bohemica, que não tomou nunca a vida a serio e contudo vai vivendo sempre.

A formiga faz-nos então lembrar um agiota, que facilmente se teria entendido e em a cigarra, se chegassem a entrar definitivamente n'um ajustesinho de dez por cento ao mez.

A desgraça da cigarra veio de não ter offerecido juro taludo á formiga, porque logo obteria o emprestimo que desejava. Desgraça! qual desgraça! A cigarra continuou a cantar a par do agiota, sem se importar muito com a recusa, e li se foi governando de modo que nem ella, nem os seus descendentes morretam de fome.

N'um dia d'esta semana envi muitas vezes a cigarra e confesso francamente que senti uma agradável impressão, semelhante á de ter encontrado um velho bohemio inextinguivel, que eu conheci na minha infancia, e que continuava a ser ainda tão alegre como eu proprio era então.

Comeei a envil-a nas quintas do Lumlau. As sete horas da manhã, e confesso que atirei para traz das costas os cuidados da vida para me envolver n'um

canto estridente e arte, que parece dar a convicção de que se não pode cantar assim, sem ser feliz.

Quando o trem descia a calçada de Carriço, pareceu-me que uma cigarra me dizia do alto de uma árvore junto à estrada: «O! lá! és tu! Como estás velho! Tens então trabalhado muito, pateta. Tens saúde? Não. Estás rico? Também não. O que lucraste em maçar-te? Eu estou nova e contente, continuo a ser feliz, a despeito da realidade do Sr. Lafontaine e quejandos fabulistas. Manda os á tava e canta como eu, se queres passar o resto da vida alegremente.

Senti, é certo, uma tal ou qual inveja d'essa cigarra toicista, que dava piparotes na memória de Lafontaine, e respondi-lhe com Anacreonte cantando por minha vez:

Feliz cigarra, inveja-te!
Pousada lá nos pinheiros
d'estas folhudas arveres,
Que bem que te has de estar!

Gotta de orvalho mimima
te sobra de Castalia,
que do Parnaso aos canticos
desbanca o teu cantar.

Por associação de ideias lembrou-me o velho Castilho, que traduzia do grego estes versos e que, tendo trabalhado afanosamente durante muitos annos, acabou por dar ouvidos à cigarra, cujo canto lhe aligeirava os fastios da vida, as desillusões e achaques da velhice.

Em 1873, Castilho recommendava o trabalho, como sendo a maxima felicidade do homem: até lhe consagrou um hymno, como se o fizera a qualquer divindade:

Trabalhar, meus irmãos, que o trabalho
é riqueza, é virtude, é vigor.
D'entre a orquestra da serra e do malho
brotam vida, cidades, amor.

Em 1894, quando já estava ralado de canceiras e desgostos, deliciava-se em ouvir cantar, n'um meio dia de julho, a primeira cigarra de Anacreonte na coxa da sua olaia.

Quer dizer: tinha regressado em espirito à infancia, como eu, como todos os que se sentem fatigados de trabalhar, melhor ou peor.

E Lafontaine havia perdido o seu tempo como moralista.

Na Povoia de Santo Adrião, logarejo fértil e gracioso que constitue uma freguezia do conselho de Loures, ia eu lendo um jornal, que vi-a ensombrado de aprel' ensões sobre a peste bubonica.

— Safa! commentava eu. Morrer como um devasso, que se estraga n'pr'aloucos, deve ser a maior das sensaborias, porque a menor é decerto a morte sem bubões.

E, de repente, no arvoredo de uma quinta, respondeu-me uma cigarra cantando:

— Não leias jornaes, meu tonto. Eu não os leio nunca, e sou contente. Fez-me um grande favor a a formiga em me recusar o emprestimo que lhe pedi, porque se m'o tivesse feito, talvez eu agora estivesse rica e cahisse todos os dias com os meus dez réisinho para ler qualquer jornal, que sempre vem descon-solar a gente com a noticia de alguma desgraça. Assim, não leio e não me ralo. Pobrete, alegrete.

Fez-me bem o conselho. Atirei o jornal pela portinhola do trem e não tornei a pensar em peste bubonica.

Quando cheguei a Loures, villa cheia de lojas, onde deve haver muita gente que compre, visto haver tanta gente que vende, parou o trem para dar descaupo aos cavallos, e apeei-me por um momento no meio daquelle vasto empoio sabio, que envergonha toda as villorias dos arredores de Lisboa.

Não ouvi cantar cigarra nenhuma, mas encontrei um lojista a ler a *Palma* da vespera.

— O senhor vem de Lisboa? perguntou-me elle parecendo n'um pouco preocupado.

— Agora me mo.

— Já lá está a peste bubonica?

— Não, senhor. Está no Porto. Tem-lhe medo?

— A fallar verdade tenho algum, porque as epidemias são redes de aranha.

— Olhe, respondi-lhe em pagando uma caixa de phosphoros, disse-me ali uma cigarra que o melhor era não querer saber de coisas tristes.

O tendeiro de Loures ficou a olhar para mim, estupefacto, julgando talvez que eu não estava em perfeito juizo.

Metti-me no trem, mandei bater, e todo o meu desejo era tornar a ouvir a cigarra, que, effectivamente, parece ensinar a gente que não vale a pena ralarmo-nos com coisas tristes.

Mas a civilisação de Loures tem uma dilatada area de acção, que afugenta as cigarras e admite os jornaes.

So quando avistei o Zambujal, lindo grupo de casas e arvores reclinado n'uma encosta, foi que tornei a ouvir cantar a cigarra, e alegrei-me.

Estavam lavando n'um riacho algumas lavadeiras, que não me pediram noticias da peste bubonica.

Davam ouvidos à cigarra, que as ia divertindo, e não queriam saber de desgraças.

O Sr. de Lafontaine mordida o beijo despeitado, quando cheguei à Bucellas, terra de bom vinho, já cahia muita calma. Eran dez horas da manhã. Não ouvi cigarra nenhuma. Atravesseti rapidamente a villa, onde notei um coéto para musica levantado n'um vasto rocio.

— Ha aqui, disse-lhe eu, uma philharmonica, motivo por que as cigarras fogem de Bucellas.

Uma senhora de sombrinha branca ia em passeio. Disseram-me que era de Lisboa e estava a ares.

Adquiri então a convicção de que Bucellas, em virtude do seu contacto com a civilisação alfaiubna, era menos feliz do que as povoações que apenas gozam no verão da musica das cigarras.

— Não tarda alguém a perguntar-me pela peste bubonica, disse eu com os meus botões.

Fui almoçar, regando um frango assado com o bello vinho branco da localidade.

Foi a primeira vez que o bebi... na origem.

— Ora então, disse-me alguém na casa de jantar como o senhor vem de Lisboa, ha de saber alguma coisa da peste bubonica...

— Ah! sim, sabia, mas já me esqueceu. Uma cigarra disse-me no caminho que me não ralasse e m'isso.

— Quem!?

— Uma cigarra. Não foi uma; foram duas. Não foram duas; foram muitas.

— O senhor está graçaando!

— Não estou. Pois já lhe constou que as cigarras deixassem de cantar para querearem saber o que vai pelo mundo? Bem fazem ellas!

— Mas o peor foi quando a cigarra quiz comer no inverno e a formiga não lh'o emprestou.

— Sabe se a cigarra morreu de fome?

— Isso não sei.

— Nem eu, mas creio que não, porque se lhe tivesse acontecido essa desgraça, as cigarras que lhe succederam não teriam vontade de cantar.

Quando eu vinha de retorno para Lisboa, fumando um cigarro, tornei a ouvir a cigarra. Apesar da calma, achei que a vida não era de todo má entre uma cigarra e um cigarro, porque ambos convidam ao sonho, e a realidade da existencia não presta para nada.

Segundo uma superstição popular, a cigarra nasce da saliva do euea; quer dizer, o estio succede á primavera. Um fio de baba prende uma a outra as illas estações mais alegres do anno. Prisão tenuissima, que o menor sopro de vento pode quebrar.

Tão fragil é a alegria na terra!

A cigarra tem carradas de razão para não tomar a vida a sério.

ALBERTO PINTEL

As cartas

Tu mandaste pedir que eu devolvesse as tuas cartas, recebendo as minhas.

— Essa exigencia singular esquece; peço em nome do amor que tu me faças

«Julguesi que por mais tempo se estendesse esta nossa amizade... em breves linhas assim me escreves, como se eu tivesse culpa de tudo, excelsa das rainhas!

Ah! se tudo morreu, como tu dizes, deixa-me ao menos por lembrança amena dos nossos dias calmos e felizes,

Já que pra sempre tu de mim te apartas, essas, escriptas pela tua pena, de amor repletas, venerablas cartas!

LAFONTAINE SILVA.



REGRAS PARA BEM VIVER

- I Não pedir favor por mais insignificante que seja.
- II Fazer aos outros todos os favores que puder.
- III Não incomodar os vizinhos.
- IV Sair de casa o menor numero de vezes possível.
- V Não demorar em fazer as visitas que receber e reduzir o mais possível o tempo de sua duração.
- VI Contar só a dinheiro e jamais dever um real sequer.
- VII Remunerar generosamente qualquer serviço que se lhe preste.
- VIII Quando receber um, dar dois.
- IX Jamais faltar a palavra.
- X Evitar e desprezar até as más companhias.
- XI Não conversar sobre pressas e muito menos dizer mal dellas.
- XII Mostrar-se sempre satisfeito com a sorte.

TRANSES

A LEAL DE SOUZA

Quando se vota uma affeição cumprida, d'essas que brotam lá no fundo d'alma, não se pôde viver em plena calma sem que nos queira a nossa bem-querida...

Quando se quer e se é querido, a palma victoriosa do amor tem-se na vida; a existencia nos corre enfiorecida e as nossas dores a alegria empalmana...

Mas, quem escuta as festivas fanfarras cantando a graça, o riso, a festa, o gozo, acorrendo do desprezo ás garias, tombando, um dia, sem calor, exangue, vê se findar um sonho tormentoso rendilhado de lagrimas de sangue!

ARMANDO FARIA.

MOLDES



Temos a satisfação de communicar ás nossas gentis assignantes e leit'ras que, apesar de nosso silencio, continuamos com o nosso serviço de moldes tanto d'a Estação, como de qualquer outro jornal, para esta cidade e para o interior da Republica.

Ha uns bons trinta annos temos nos incumbido desse serviço, confiando o sempre a pericia de verdadeiras artistas em materia de costes.

Agora mesmo as senhoras a quem confiamos e o trabalho, são das mais habilidadas moças no assumpto, a qual não temem confronto.

Nunca recebemos reclamações contra o serviço da casa e com ufania podemos assegurar que estamos habilitados a satisfazer a freguezia mais exigente, sem que tenhamos receio de que nos venham dar lições de apuro e bom gosto, nem na m'udicidade de nossos preços.

Para o presente numero offerecemos:

N. 13 Sãa prôqueada..... 2.000

N. 14-15 Sãa moderna..... 1.800

N. 16-18 Sãa... .. 1.800

N. 19 Sãa... .. 1.800

Os recidos são recebidos no escritório desta folha, bem como, a importancia que deve acompanhar o pedido.

Pelo correio mais 300 para o primeiro e 200 reis para cada um dos que se seguem.

Conselhos ás mães

Os colchões para crianças devem ser froucos e um tanto duros. É preferivel o enchimento de crina.

As camas devem ser diariamente limpas e sacudidas, e os colchões virados e expostos ao ar por algum tempo.

As camas de ferro são as mais convenientes ás crianças.

O Dr. Publ. de Mello apresentou á Academia de Medicina do Rio de Janeiro uma memoria sobre a alimentação das crianças.

Nesse trabalho manifesta-se o distincto clinico intransigente adversario do aleitamento mercenario, pelas funestas consequencias que de modo inevitavel produz, não só no phisico como no moral da criança e bem assim do aleitamento com o leite de diferentes animaes, aconselhando o aleitamento artificial com o

leite condensado todas as vezes que não possa ter logar o aleitamento materno.

Para facilitar a dentição das crianças não se devem empregar argolas de marfim nem quaesquer outros objectos de substancia dura, porque tem o inconveniente de emollicear as gengivas e as tornar callosas.

Deve dar-se lhes um pedaço de raiz de althea, que além de ser muito agradável, produz uma macilagem emoliente, cuja acção é essencialmente benéfica.

As crianças, como são geralmente gulosas, e não sabem exhibir-se, depois de satisfizerem o appetite, andam frequentemente expostas ás indigestões e á diarrhéa.

Por este ou por outro modo a gulodice mata in numeras crianças.

Para prevenir taes accidentes o melhor meio, diz uma revista de medicina, será regular-lhes a alimentação, dar-lhes alimentos escolhidos, e principalmente não as deixar atulhar-se de biscoitos e doces, que se háo de reputar sempre muito prejudiciaes.

A'quellas a quem faltar vigor e robustez deem-se alimentos leves, antes animaes que vegetaes: carne assada, ovos, leite fresco, conservas de fructas, vinho bom misturado com agua gazosa, etc.

Não se lhes dê, porém, vinho puro, liciares, chá ou café.

A alimentação excessiva ou insufficiente na qualidade, tudo o que enfraquece o aparelho digestivo, contribue para gerar os vermes intestinaes.

Os signaes desta doenca são palidez do rosto, lingua ponteadá de vermelho, prurido na garganta de ferções demasiadamente fetidas com mucosidades e vermes.

A diarrhéa infantil é um dos mais graves flagellos, sobretudo quando se apresenta esverdeada.

Nas crianças superiores a 1 anno deve-se dar de hora em hora uma colherinha da seguinte solução: agua 120 grammas, acido lactico 1 grammá. Se o doentinho tiver menos de 1 anno, tomará da mesma poção 1 colherinha de 2 em 2 horas.

NINON DE LENCLOS

escurrecia da ruga, que já não osou macular-lhe a epiderme. Já passava dos 80 annos conservava-se jovial e bella, atrahindo sempre os pedregos da sociedade de baptismo que rasgava a carada Tempo, cuja felice emboracava-se sobre sua encantadora physionomia, sem que nunca a deixasse o humor triste. «Muito verdadeinda» via-se obrigando a dizer o velho ralongento, com a raposa de Lafontaine dizia das avas. Este segredo, que a celebre e agosta facerá já mais escurar a quem quer que fosse das possuas daquelle época, desvelou-o o Dr. Lecoq entre as folhas de um volume de *L'Histoire anecdotique des grandes, de Bussy-Rabutin, que fez parte da bibliophila de Voltaire* e actualmente propriedade exclusiva da **PARFUMERIE NINON, MAISON LEONORE, Rue du 4-Septembre, 35, o Paris.**

Esta casa tem-o á disposição das nossas elegantas, sob o nome de **VERTABLE KAUC DE NINON**, assim como as receitas que d'ella provém, por exemplo, o

DUVET DE NINON
pó de arroz especial e refrigerante;

Le Savon Crème de Ninon
especial para o rosto que limpa perfeitamente a epiderme mais deliciada sem alteral-a.

LAIT DE NINON
que dá alvura deslumbrante ao pescoço e aos hombros. Entre os productos embelezados e apreciados da **PARFUMERIE NINON** contam-se:

LA POUDRE CAPILLUS
que faz voltar os cabellos brancos á cor natural e existe em 12 cores;

SEVE SOURCILIERE
que augmenta, engrossa e brime as pestanas e os supercilios, ao mesmo tempo que dá vivacidade ao olhar.

LA PATE ET LA POUDRE MANDERMALE DE NINON
para finura, alvura brilhante das mãos, etc., etc.

Devem exigir e verificar o nome da casa e o endereço sobre o rosto lo para evitar as imitações e falsificações

PARFUMERIE EXOTIQUE E. SENET
35, Rue du 4-Septembre, 35, PARIS

MÃO DE PAPA de duque, do príncipe, por meio da **Pâte des Prélats**, que embranquece, alisa, a-sectina a epiderme, impede e destrúe as freieiras e as trechas.

UM NARIZ PICADO de pequena herbolha ou com travas torna a recuperar sua branura primitiva e suas cores lisas por meio do **Anti-Bolbos**, producto sem igual e muito contrafeito.

CUIDADO COM AS CONTRAFAÇÕES

Para ser bella encantar todos os olhos deve-se servir da **Fleur de Pêche** pó de arroz feito com fructos exóticos.

POUCOS CABELLOS
Fazem-se raras e raras empregando-se no **l'Extrait Capillaire des Benedictins du Mont-Majella**, que também impede que caiam e que fiquem brancos.

E. SENET, Administrador, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

NÃO ARRANQUEM MAIS
34 dentes estranhos e raras empregando-se no **l'Elixir dentifrice des Benedictins du Mont-Majella**.

E. SENET, Administrador, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

Pastilhas e Xarope de Nafé

DELANGRENIER
excellente peitoraes contra

TOSSE, DEFLUXO, BRONCHITE

As **Pastilhas de Nafé** são verdadeiros confeitos peitoraes de um gosto delicioso. Acalmam as irritações da garganta e do peito.

O **Xarope de Nafé**, misturado com uma infusão ou com leite quente, forma uma tisana muito calmante e muito agradável.

Esses peitoraes não contém substancia toxica e podem ser administrados com toda a segurança ás **CRIANÇAS** e muito particularmente contra a **COQUELUCHE**.

Esgrir a marca verdadeira: Delangrenier-Paris

São encontrados em todas as Pharmacias

SUAVIDADE — FRAGRANCIA — DELICADEZA
NOVO PERFUME

LE TREFIE Incarnat

CAUTELA COM AS IMITAÇÕES

U. Piver PARIS



DESCONFIAR DAS FALSIFICAÇÕES

Por sua notavel concentração das plantas as mais uteis e as mais salutaris, a

AGUA DE MÉLISSE

BOYER CARMELITAS BOYER

Unico Successor dos Carmelitas

obra de um modo prompto e absoluto nos casos de **Ataques de Nervos, Apoplexia, Paralysis, os Vertigens, as Syncope, as Indigestões; nos tempos de Epidemia, Dysenteria, Cholera-Morbo, Febres, etc.**

Uma pequena colherada pura ou sobre um pedaço de assucar.

DESCONFIAR DAS FALSIFICAÇÕES





IDYLIO BALNEAR



A CASA DO «SOLDO»



CANTO DOS PINTORES

OS DOIS LORDS

A Exma. Sra. D. Marianinha Cardoso

A herona do caso que eu conto
Loura e alva, era ingleza de raça;
Em seu rosto brilhava a lindeza
E em seu porte flexivel a graça.
A um rumor... si era a filha que entrava,
Occuava-se a pobre mocinha
Do commercio de flores na praça.

Sua mãe, pobre velha entevada
Em angustias, de noite a esperava;
Não dormia, a coitada, espreitando
A um rumor... si era a filha que entrava,
Porque a ceia, o sorriso e o abraço
So na volta da filha gozava

Como é facil de ver, certo dia,
O seu rosto alegre e formoso,
Deo na vista de um pagem bonito
Que servia a um senhor dinheiroso,
Era um Lord esse amo exquisito
Amador de um bouquet perfumoso!

Tantas vezes o pagem cruzava
Seu olhar com o olhar da mocinha
Que este sente em sua alma toda casta
Que este olhar a seduzia e fascinava,
D'uma vez que os seus olhos se encontraram
Sua face se fez purpurina...

Duas almas do vicio poupadas,
Duas almas isentas de máfia,
Bem depressa se conheceram, se querem...
Bem depressa de amor fazem ligam...
Mas... si ha mal n'um amor de dois pobres
Corações... o diabo que o diga!

Eis que em frente a gentil vendedora
Esse assiduo freguez, certo dia,
Chega tímido, a voz perturbada,
Carta empunha na mão que tremia...
Uma lagrima pura em seus olhos
Tempestades de amor traduzia...

Abre a linda miçiva doirada
Tambem tremula a jovem... medrosa...
E ás primeiras palavras que entende
Sente o seio a pular, ansiosa;
Diz-lhe a Mãe: «sou feliz, minha Helena,
«Ja és noiva: vaes ser bem ditosa!

«Prometti tua mão! Mas não cuides
Que a ambição apagou-me a ternura...
É gentil o teu noivo... e educado...
Dar-te-a doce... talita ventura!
Vem: não tardes: meu beijo te espera
E' teu «sim» a opulencia futura!

Quando a voz da gentil vendedora
A leitura findou mitta esquivava
A um olhar, de relance, arriscou-se
A gentil portador da missiva...
N'esse olhar viu tal fogo incendido
Que seu rosto tingiu cor mais viva...

«Não sabem? balbucna tremendo
Quem é este, talvez por vaidade,
Que gentil, educado e opulento
Doce amor vem pedir a humilhação
Quem a humilhação libta do povo
Pode amar com paixão e verdade!

Soluçante a resposta-lhe tomara:
— Eu, de cert., que assaz vos amara,
Com paixão, com verdade provada!
(Nisto o pagem a mão lhe tomara)
«Ai! da sorte este golpe tremendo
De um Deus justo jamais esperara!—

«Quem quer dar vos o nome d'esposo
E colmar vosso lar de ventura
É a nobreza e a fortuna e o deleite
Dar em troco de vossos ternura...
E' Senhor poderoso da terra...
Lord Riches!... Infanda turtura!...

Nunca o ceu no momento de Aurora
Fulgurante de lyno e de rosa
Teve encanto maior que esse dia
Brillou mais que essa face nimesa,
Sua voz que a emoção embargava
Explodio a vibrar carinhosa:

— «Pois dizei-lhe que eu, pobre, recuo,
O seu nome, de nobres, ativo
Porque est' alma de amor so tem rede
É que eu vivo feliz, como vivo;
Que meu peito... do amor verdadeiro
D'outro Lord ha mais tempo amovivo!»

— «D'outro Lord!... dizei-me o seu nome!...
Diz o joven, joelhos vergados;
A sentença de morte pendente
Vê dos labios formosos e amados,
— «LORD LOVE!» e apertando seu seio
Mostra a joven seus olhos carinhados!

Dize alguém que esse joven turbado
Por tal teria resposta, perdido,
Deo tal beijo nos labios da joven
Benjo ardente logo, atrevido
Que ella, enfim, desse dia em diante
Terna e doce o chamou: «meu marido!»

Niteroy, 1900.

A. AZAMOR

«Em Inglez = Riches quer dizer opulencia e Love quer dizer Amor.

O lobo

O lobo commum é do tamanho de um cão grande, muito parecido com elle; tem a cauda e as orelhas erectas e o pelo pardo, arriuvado.

Ordinariamente solitario, retira-se de dia para os bosques, donde só à noite sae em busca de preza; com tanto se acautele muito, é cobardo e só lucha quando o cercam ou atacam. Às vezes, impellido pela fome reúne-se a outros individuos da mesma especie, percorre os campos, ataca todos os annuaes, apparece-se nos rebanhos, e com medo aos cães nem aos pastores, guarda um carneiro e leva-o sem custo e não ataca o homem.

Não lida, mas vive, não gosta de musica e foge quando ouve os sons de uma rabeca. Conta-se que na Rússia um pobre rebequista que voltava de uma festa dada por uns noivos, foi atacado de noite pelos lobos e salvou-se tocando rabeca até chegar a casa.

O lobo pode domesticar-se, chegando até, como o cão, a attornar-se ao dono.

Encontra-se o lobo commum desde o Egypto até a Laponia; nas regiões do norte a pelagem torna-se branca no inverno.

O QUE ME ESPERA

Sonhei que me esperavas. E, sonhando, Sabei, ansioso por te ver: corria...

E tudo, a o ver-me tão depressa andando, Sonhei logo o lugar para onde eu ia.

E tudo me faltou, tudo! Escutando Mens passos, através da ramaria

Dos despertados passaros o bando: «—Vac mais depressa! Parabens! —» Dizia.

Disse o luar: «Espera! que eu te sirvo: Quero tambem beijar as faces d'ella! —»

E disse o aroma: — «Vac, que eu vou contigo!»

E cheguei. E, ao chegar, disse uma estrella: «—Como es feliz! como es feliz, amigo, Que de tão perto vae ouvir a e vel-a!

OLAVO BILAC

Canarios exilados

Os meus canarios, quando vem surgindo A luz da aurora que os jardins consola, As finas azas de ouro sacudindo Vestem de sol as grades da gaiola!

E a voz das aves para o azul subindo E a saudade do ninho que se evola! O adeus eterno ao laranjal infindo! A voz pungente de quem pede esmola!

Ah! como é triste ouvir-vos, passarinh's, Longe d's vossos perfumados ninhos, Longe das vossas transparentes...

Tambem ao som d'essa harmonia calma, Eu ouço-a — a ella! a ella! dentro d'alma... Cantai! cantai! o trovadoras de azas!

LIZ GUIMARÃES (filho).

As nossas gravuras

Dos banhos de mar de Italia

(DESENHOS DE ROSENTRAND)

A grande nomeada que o clima da bella Italia tem nos paizes septentrionaes da Europa é devido aos bellos mezes do Outono e da primavera. O inverno, porém, que nesses paizes cobre o solo de neve e de gelo, tambem deixa muito a desejar na Italia e quando entra o verão, não só os estrangeiros evitam as cidades centrais da península transalpina, como tambem todos os italianos cujos meios lhe facultam, correm para os estabelecimentos balnearios pois nos ultimos annos os banhos de mar ficaram muito em moda na Italia e não se pode imaginar que quantidade de encantadores e divertidos estabelecimentos de banhos se acham presentemente semeados pelo continente da península. O que admira e que os banhos fossem creados pelos francezes e belgas e não pelos italianos. E foram felizes porque onde, na Europa, haverá um segundo mar tão magesto como o Mediterraneo, onde haverá costas tão pitorescas e tão apreo-

priadas ao carnaval de estio *fashionable* como as da Liguria e da Toscana. Mas não é a Italia que dá o tom à moda; a curiosa e encantadora princeza Modas ali vae no outo e na primavera, por outros tempos ella reside com a sua côrte que abrange todos os nobres, os ricos e as bellas de todo o mundo em latitudes mais altas, e onde a Moda estabelece a sua côrte, ali se acham todos os que lhe rendem culto.

A sua residencia predilecta tem sempre sido Pariz e quando ella ali sente muito calor, ella vae para Trouville, Biarritz ou Ostende para ali se metter em tentadores vestuarios de banhos e deste modo obter o culto dos deos dos mares. Ultimamente, porém, a Italia se lembrou de preparar luxuosas residencias para ella e de convidal-a para ali passar tambem alguns tempos. O estabelecimento de Lido e um dos mais importantes e foi ali que o auctor dos nossos quadrinhos se inspirou para produzil-os.

Sala de jantar

A nossa gravura representa uma sala de jantar moderna como ella soem ser presentemente ornamentadas e guarnecidas em Vienna d'Austria; um estylo entre inglez-antigo e moderno, tendendo mais para o primeiro. É certamente um aposento em que se deve fazer as refeições com a maior satisfação. Os moveis são de jacarandá, embutidos e com altos relevos; o tapete é um verdadeiro persa, achando-se nelle tecidas as mais bellas flores silvestres. As cadeiras de braços e espreguiçadeiras confortaveis de diversos feitios e matizes, predominando o verde-claro e o castanho-vermelho, o acolchoado das paredes guarnecido de rendas brancas, formam um harmonioso conjunto. O lustre pretencioso se acha abolido, tendo sido substituido por grandes focos de luz electrica os quaes elevam ainda mais o grão de conforto dos que ali se acham.

Regras da alimentação

Logo depois da comida deve se evitar qualquer trabalho intellectual,abalos violentos e exercicios, porque o estomago reclama toda as suas forças nervosas e musculares para operar a digestão, que dellas se torna privada se fossem distrahidas para outro qualquer orgão.

É, pois, de bom conselho intermeiar pelo menos tres quartos ou uma hora entre a comida e o principamento do trabalho.

O prazer, as distrações agradaveis, a conversação amena tudo, enfim, quanto alegre o espirito, é altamente favoravel à digestão.

A educação

A melhor parte da vida do filho são os primeiros tempos boas lições e maos exemplos, estes dão os fructos de preferencia.

HENRIQUE BERNARDI.



SALA DE JANTAR

A mulher brasileira

(ENCONTRO)

N'aquella fertilidade do solo concorre em nobre cooperação, para não dizer rivalidade, a fecunda beleza da mulher brasileira.

Como a de nenhuma outra raça, ella é a pura essência da paixão, e, no seu seio forte, a religião do Amor guarda todo o prestigio inteiro d'um culto.

O seu typo original, que é com a concertante dos traços mais bellos de todas as outras, fez — já na segunda metade do século XVIII, — o desespero d'um dos maiores lyricos portuguezes, a quem todavia um excepcional amor servia os inspirativos engulhos da divina flamma; tanto que ao invocar a sua formosura exuberante, feita de estontantes voluptuosidades e redemptoras consolações, a penna cahiu nos ante a sua soberana realza, e estes eccos, que uma lyra deixou em eterna vibração, ascendem aos labios tremulando: «Vou retratar a Marília, a Marília dos meus sonhos.»

E venho nos com esse poeta, que muito soffreu quando amou e que muito amou mesmo quando soffreu, andar de porta em porta inebriando do eco, dos mares, do amor, da desdita e da saudade as suas tintas mais ricas e mais raras, para ao cabo nos rendermos ao desalento de em vão comparar a intraduzivel belleza da mulher brasileira.

Marília era uma respiciencia d'aquelle sol de Ouro Preto, um pedaço do céu da manhã sanctificada de Minas. Mas, que fosse o céu do Ceará, dos prados do Rio Grande ou dos pedregos da Mantiqueira o céu que colmisse o tugurio de Marília, seria sempre bem uma mulher brasileira, e isso bastava para trazer o cubito vago — proprio ás coisas divinas — d'essa raça, cujas mulheres, embora se vejam muitas vezes e se saibam de cor, nunca se podem contar, nunca se descrevem; e no entanto, vel-as uma so vez basta para que não se esqueçam mais.

Depois, descrever é preferir um modelo e isso importa buscar um typ. Mas, qual? Meu Deus! se elles são tão diversos e todos tão gloriosos como a paisagem alagada de flagrantés cores, se cada talhada de terrenos parece ter caprichado na escolha do exemplar da sua raça, como ao escolher o perfume e o sabor extranho dos fructos, a diffusão das suas bahias, o talho dos seus mórtes, a esculpatura das suas arvores. Em cada pedaço do céu, dir-se-hia que o sol tem uma alchimia differente, para que no mesmo patz, a par das estações contradictorias da natureza, assim nos de ali uma mulher inaequiva com vassalagens seductoras no olhar negro, acella uma nappalla negra de olhos azues, de subidas espaldas, que nem andando habituadas ao carregado das preciosas amphiotas.

Esta é a subtil filha do olympico Rio Grande, Conserva no olhar do onda desbotada luminoso, a frescura suave e aromatica do nectar do Rheno. Mas, os seus cabellos, nem sempre evitam que os crespe o sol que o pampeiro, passando no seu furacão revoltado, os que e crespe.

Outras vezes, a sua cabeçita languida, como um fructo que pende sacudido de luz, segura ainda o aureo resplendor, mas os olhos, talvez de tanto fixarem aquellas inesses eternas diágnos para a cor ineflavavel do mel. Assim, ella e o fructo divino de uma bizzarra exortia, o equilibrio sublime da flaccid' das raras hybernaes com a excessiva impetuosidade das gentes dos tropicos, a paz admiravel entre os povos do polo areico dos filhos do sol ardente. Por isso tambem a sua figura soberba, que apresenta a eterna fragilidade das deusas immortaes e alembra as virgens loiras das estampas, que é todavia a melancholica expressão da femineidade imperfecta, porque sob o seu corpo de neve o sangue injeitado do gauchio refluxo agitando-a, arremessando-a ás empezas heroficas. Ella, então, arrebatada pela potencia impetuosa, estremeccendo de intrepidez e de rosa a cada verpastada do pampeiro nas suas faces veludinosas, onde o sangue transparece como as manehãs rosadas d'um fructo amadurecido. E, e rrendo ao estirpe pelas naves immensas da campanha, ella dispõe da mesma triumphante perfeição e da mesma graça, com que nos offerece a trabalhada caia do male clieuro e acõechea aos seios fortes de mulher amplamente fecunda o futuro guerreiro desabrido, embalando-o ao rythmo da sua voz de fada, arfando em languorosas cadencias, que vem bater na nossa alma d'um grande mar de leite tepido a espuma fulgurante e magnifica.

E essa doçura no fallar e o traço de união lavrada a aliança de todas aquellas dissidencias da raça que surge differente em cada cantão de differente natureza.

Nos labios da mulher brasileira, em perpetua puzca de beijos, essa pronuncia alada, embelhada de silavel harmonia, ressende a uma voluptuosa suavidade, a uma harmonia ebulliente que susurra, mais brande e mais lasciva, que os murmurios amaciados dos fillos d'agua faiscante, que o marulhar das aguas notivando nos caules adormidos. E uma balada de orlas adonizadas, com sonhos ditosos, um leite de jaspe, um lavrado maravilhoso fiado por fuz' d'oiro, essencias que voltam de conchas de marcar fumegando voluptas; fala-nos de preguicas de sonhos fulvos, de desejos frementes, de sandades acartica nos com petalas de seda, transporta-nos a um reinado da graça, onde o amor se mantevesse inviolado na espiritalizante condensação da gubonteria. E a rigida lingua portugueza rejuvenesce mod-elada n'uma gracilidade esculpural, daticificada pelo hausto sensual d'aquella natureza libica, exprimindo agora as cores subtilissimas dos gos e das paixões e deixando sempre no ouvido a sensuosa ineflavavel d'uma symphonia de quebrantos.

Providencialmente decerto, foi dado à mulher brasileira esse canto da sereia, para que ella tivesse o poder de acalmar a rivalidade do clima com o homem, delatando nos, adormecendo-nos, fazendo-nos esquecer tud' o mais com aquellas fallas translucidas e doces, como abelhas adejantes, que nos trazem a alma lagrimas e choradas e gozos ja promptos.

Pela pronuncia ainda, te n' ella o condão magico de se transformar n'uma rainha altiva, n'uma senhora feudal habituada a ser obedecida por escravos ou n'uma gatinha blaclicosa, alongando o corpo n'umf-preguicamento lento, as fibullas escuras interiguicas de amor retinind'ose ao afago da luz, e das reiguivas vermelhas os dentinhos resmido gulosos. Mais curiosa, mais meiga que a mulher portugueza, ella resume toda a doçura da allacinha derretida ao sol dos tropicos. Oh! esse me de nos labios da fluminense! Elle evoca, como uma brisa de perfumes, uma hora inteira, todo um dia vivido, e, a travez o afastamento no tempo ou no espaço, é enlevadora impressão fina para sempre.

... A' hora da manhã, o vice-presidente retirava-se d'palacio do Catete, inaugurando n'essa noite, depois de ter conversado com os diplomatas estrangeiros e com os homens de letras brasileiros que — mais considerados do que nós em Portugal — são e sempre foram convidados para todas as grandes solemidades officias do seu paiz. Quando elle descia a escadaria, as damas correram a buscar as suas *sorties*, ao vestuario.

Ouvjam-se na rua vozes de commando, bater de aços e de coronhas. Soava estridente um clarim, atirando na noite uma mancha rubra.

As senhoras voltaram as varandas do palacio presidencial, ainda a tempo de ver o dr. Manuel Victorino romper por entre as alas dos aspirantes d'armada e corpo de marulheiro, que formavam uma guarda de honra, desde o portão ao coche de oito molas, para o qual crescia o povo dehrante.

Mal a multidão o viu de pé, na carruagem, um viva à Republica estridulou unisono, que me disse quanto aquelle povo sentia já o orgulho da sua constituição livre. O vice-presidente, descoberto, agradeceu. Dos terraços agitavam lençóis. As charangas levavam o bynno brasileiro.

Uma dama passou-me a sua *sortie*, para se a chegar ao parapeto.

Coberto de flores, o coche rodava vagarosamente, pesado de triunho, parecendo empurrado pelo povo. Viam-se no ar mãos convulsionadas agitando chapéus, lençóis e um clamor de entusiasmo batia-se com o estridor dos metais.

Já se haviam sumido no longe as flummas escarlates dos lanceiros, que ladeavam o coche, seguido por uma onda volumosa de virgins que ficaram ainda durante minutos ressoando um fermito geral.

Assistindo aquella poderosa manifestação da consciencia nacional ao symbolo da sua democracia recentnata, fiquei aberto, pensando no jubilo que deve banhar a alma d'um povo ao eleger um chefe da sua equalha...

Despertou-me d'esse somno embalador, uma voz hemedecida de ternuras:

— «Mi da a minha capa, mi dá!...»

Ou fosse o contraste d'aquella voz de anjo com o esfuziar d'uma multidão vibrante de civismo ou fosse que ella tivesse, realmente, uma b'ca de neneida que enchea de lysismo o coração, as suas fallas tiveram nesse momento authentic' eccos de effluvis ethereos, que embetiam a alma d'uma espiritual volupta.

Ella congraçava todas as essencias d'esse typo ideal de mulher, que é a fluminense. A fluminense! Modelação est' nicante, que tem a espiritalizada lippidez d'uma esphelhada ribeira, cujas aguas se encrespam sensualmente d'onda a onda, tocadas d'uma brisa de voluptas que vem do Sol as espargeladas decalar e de luz? Pequeninna, o seu busto preguicoso alembra as petalas das gardenias cantando a gloria da carne perfumada. O corpo flexivel abrange mansamente n'uma linba ondulante e graciosa, que se espraia numa cheia de amor pelos seis poderosos, projectando a gloria de fecundidades sãs, resvalando pelo declive lento dos fiancos num contorno macio e harmorioso e adelgaçando se depois como a haste de um lyrio, até ir expirar no baluciar de um pé.

D'uma nuca provocante, feita para escripto de beijos, cabello negro sobem a corar-lhe uma cabeçinha artistica de boneca; e dois olhos orvalhados, muito grandes e inquietos sempre, na constante preocupação de se libertarem d'aquellas palpebras de velludo alagado de luar, uma fronte hellemica.

Numa bocca puzosa e d'uns dentes lactescentes vem rizando a manhã d'um sorriso perpetuo. Creatura de seducção, possui todos os motivos para o *andante do gozo* e todas as subtilidades da Pureza para a raposida do Amor.

Se a vemos na uni, deixa-nos a impressão de que passou por nos uma parisiense, tão *coquet* ella vai, mostrando logo nos os vestidos leves de seda ou de cassa, quanto e nella instinctiva toda essa complexada sciencia femina da elegancia e da graça.

E toda a sua figura de mulher robusta, esculpida para ser mãe e ao mesmo tempo com a flexibilidade d'um idolo de deluios magneticos, sac invocada mentalmente d'uma redoma de perfumes, que as mãos lo gas e finas parecem distillar, perfumes penetrantes e exquisitos; ta'nto que criam a suspeita de serem quintessencias de ervas virtuosas para ella colhidas nas matas virgens do sertão. Um demonisinho? uma Rainha!

(Da obra: *Do civismo e da arte do Brasil*, por Joaquim Leão.)

SARA

(SILVETRE DE LIMA)

Do nosso amor era o primeiro fructo
essa que vejo neste mundo, neste
triste valle de lagrimas e luto,
como preciosa ladiva celeste

Sol que expira num raio de alvorada,
cadente estrella que um momento brilha,
si tinhas de morrer, filha adorada,
para que foi que tu nascestes, ó filha?

Terra flor em botão, mal começavas
a embalsamar a minha vida, logo
perdida a dôr te envolve em cinza e lavas
como um cyclone subito de fogo.

E não valeu, para o donar, que eu desse
tudo e, curvado sobre a tua face,
rios de pranto sobre ti vertesse,
tão copiosas lagrimas: chorasse!

Nada pôde impedir que, emfim te fosses...
ave, devias, na verdade, apenas
em bojos de azas, rapidos e doces,
por esta terra vir roçar as pennas...

Mosaico

Authentico:

O conselheiro municipal de uma communa importante de um departamento, na França, mandou construir um belobouro para os animaes e para que não se ignorasse que os louros desta construção lhe pertenciam inteiramente, mandou gravar estas palavras:

Bebedouro do Conselho Municipal.

Um empregado do ministro da fazenda chegou uma segunda-feira ao meio-dia, na sua secretaria.

— Agora é que chega? perguntou o chefe; por que motivo demora-se tanto?

— Peço-lhe mil desculpas... hontem eu fui as corridas...

— Pois saiba, meu caro que os empregados não são pagos por corridas, mas sim por hora.

Na ilha de Java contava um viajante, não é preciso que seja algum nababo, para que se tenha uma centena de creados.

— Assin, dizia elle, só em tinha sessenta e não era muito, porque ainda precisava de quatro para o grog.

— Como! quatro creados para preparar um copo de grog! exclamou um ouvinte.

— Pois então? Um preparava a agua quente, o segundo deixava o assucar, o terceiro batava o rum e o quart' bebia tudo porque eu detesto os grogs.

A hygiene antes de tudo.

— Senhora! Senhora!... Júp acaba de morder um homem na rua.

— Um homem! de que especie era elle?

— Um pobre diabo, miseravelmente vestido.

— Pobre animalinho! Lava-lhe a guela já e já com agua avinagrada.

MOLDES



Temos a satisfação de communicar ás nossas gentis assignantes e leit'ras que, apezar de nosso silencio, continuamos com o nosso serviço de moldes tanto d'A Estação, como de qualquer outro jornal, para esta cidade e para o interior da Republica.

Ha uns bons trinta annos temos nos incumbido desse serviço, cuidando o sempre a pericia de verdadeiras artistas em materia de cortes.

Agora mesmo as senhoras a quem confiamos esse trabalho, são das mais habilitadas mestras no assumpto, no qual não temem confronto.

Nunca recebemos reclamações contra o serviço da casa e com tanta podemoz assegurar que estamos habilitados a satisfazer a frequencia mais exigente sem que tenhamos receio de que nos venham dar lições de apuro e bom gosto, nem na a utilidade de nossos preços.

Para o presente numero offerecemos:

N. 8 — Matinée.....	18000
N. 3 — Seta em pregas.....	25000
N. 4 — Vestido genero alfaiate, saia	
18500, corpo.....	18500

Os recibos são recebidos no escriptorio desta folha, bem como, a importancia que deve acompanhar o pedido.

Pelo correio mais 300 para o primeiro e 200 reos para cada um dos seguintes.

FADINHA

N'uma pequena casa do Engenho Novo habitava em companhia dos paes, uma das moças mais formosas do Rio de Janeiro.

Como houvesse nascido a 2 de Maio, e a mãe fosse muito amiga dos santos, recebera na pia baptismal, por simples indicação da fadinha, o nome de Mafalda; entretanto, ninguém a conhecia por esse nome, pois desde o berço começaram todos de casa a chamar-lhe Fadinha, corruptela e diminutivo de Mafalda.

E bem lhe assentavam aquellas tres syllabas, porque a moça, aos 18 annos, possuia todos os encantos que têm no devem ter as faulas, e na sua belleza extraordinaria havia, realmente, qualquer coisa de sobrenatural e phantastico.

Morena, desse moreno fluido que só Murillo encontrou na sua maravilhosa palheta, — de olhos negros e humidos narinas dilatadas, labios grossos mas graciosamente, contornados, abriandose — de vez em quando para mostrar os mais bellos dentes, — cabelos negros como os olhos, abundantes, ligeiramente ondados, apanhados sempre com um desalinho esthetico, deixando ver duas orelhas de um desenho tão impecavel que fora cime cobillias, — e todas essas partes completando-se umas ás outras no oval harmonioso do rosto, Fadinha, por unanime deliberação d)

jury mais rigoroso, ganharia com toda a certeza o primeiro premio, se naquella epica (1875) se lembrassem de abrir no Rio de Janeiro um concurso de belleza feminina.

Todo o corpo se compadecia com a cabeça; era esvelta sem ser alta, robusta sem ser gorda, e as suas formas apresentavam uma extraordinaria correção de linhas, não falando nas mãos e nos pés, que eram modelos.

Exagerado pareceria, talvez, dizer-se que Fadinha reunia a esses dotes materiaes as mais bellas qualidades da alma; entretanto, a verdade é que era boa, affectuosa, submissa e compassiva. Tinha a sua ponta de vaidade, mas que outra mulher não a teria se fosse tão bella assim?

Dois coisas a desgostavam: ter nascido a 2 de Maio e chamar-se Mafalda, quando poderia nascer a 10 de julho e se chamar Amelia, — e não ser rica, muito rica, para fazer valer ainda mais a sua formosura. Entretanto, confirmava-se alegremente com a precaria condição de filha de um empregado publico subalterno e pauperrimo.

Pauperrimo, sim, porque o Raposo chegara aos cincoenta annos simples official de secretario, sendo obrigado, para aguentar a vida, a empregar os seus luzeres escripturando livros commerciaes, n'uma palmaria, ora n'uma venda, ora n'uma casa de pehonhos.

Fadinha não era filha unica; tinha dois irmãos mais velhos, arrumados no commercio, e outro, ainda

muito novo, que estudava para doutor, porque o pai o considerava o «talento da familia.»

A mãe era uma senhora de quarenta e cinco annos que não se parecia absolutamente com a filha. Não sei porque phenomeno physiologico de um casal tão feio (porque o Raposo, cedido) era outro desfavoravel da natureza; sabia aquelle espidido producto, a quella eitura escriptural, a quella belleza inverosimil!

Nota-se que os tres rapazes tambem eram feios, principalmente o ultimo o futuro doutor, — narigudo, orelhudo, enfadado, anemico, insignificante.

Não contente de levar parte da existencia ás voltas com os santos do seu oratori particular, D. Firmina — assim se chamava a mãe de Fadinha — andava constantemente pelas igrejas, adorando os de fora.

No seu fóro intimo invejava a filha, revoltando-se contra o singular monopólio que a moça recebera da natureza como uma d'adiva escandalosa; entretanto, Fadinha era toda a sua ambição de fortuna, toda a sua esperanza de melhores tempos. O seu sonho era ser sogra de um argentario, pois que o não poderia ser de um principe.

Se o Raposo não fosse um chefe de familia ás direitas, essa mulher tel o ia dominado, usurpando toda a autoridade no lar; felizmente elle batia-lhe o pé, e não consentia nada que lhe não agradasse.

Mas a nossa bella Fadinha tem um namorado. E' tempo de aresental o ao leitor.

A. A.
(Cont'ha)

+ + + + +

NINON DE LENCLOS

escarcencia da ruga, que jamais ousou macular-lhe a epiderme. Já passava dos 80 annos conservando-se joven e bella, atrahendo sempre os peolhos da sociedade baptismo que rasgava á carada Tempo, cujo foice enlutava-se sobre sua epidermologia physionomica, sem que nunca deixasse o melhor traço. Muito verde ainda! viu-se obrigado a dizer a velho falante, como a raposa de Lafontaine dizia ás uvas. Este segredo, que a celebre epistola francezissima confidava a quem quer que fosse das pessoas daquelle época, descobriu-o o Dr. Lecote entre as folhas de um volume de *L'Histoire amoureuse des villes*, de Bussy-Rabutin, que fez parte da bibliotheca de Voltair e é actualmente propriedade exclusiva da **PARFUMERIE NINON, MAISON LECOTE, Rue du 4-Septembre, 11 à Paris.**

Esta casa tem-n'o á disposiçao das nossas elegantes, sob o nome de **VERTABLE EAU DE NINON**, assim como as receitas que d'ella provem, por exemplo, o

DUVET DE NINON

pó de arroz especial e refrigerante;

Le Savon Crème de Ninon

especial para o rosto que limpa perfeitamente a epiderme mais delicada sem alteral-a.

LAIT DE NINON

que dá alvura deslumbrante ao pescoço e aos hombros.

Entre os productos conhecidos e apreciados da **PARFUMERIE NINON** contam-se:

LA POUDE CAPILLES

que faz voltar os cabellos brancos á cor natural e existe em 12 cores;

SEVE SOURCILIERE

que augmenta, engrossa e firma as pestanas e os supercilios, ao mesmo tempo que dá vivacidade ao olhar.

LA PATE ET LA POUDE MANOERMALE DE NINON

para ahuara, alvura brilhante das mãos, etc., etc.

avem exigir e verificar o nome da casa e o endereço sobre o rotulo para evitar as emulções e falsificações.

PARFUMERIE EXOTIQUE E. SENET

35, Rue du 4-Septembre, 35, PARIS

MÃO DE PAPA de duque, de principe, por meio da *l'âte des Prélats*, que embranquece, elisa a setina a epiderme, impede e destrói as frieiras e os taches.

UM NARIZ PICADO de pequenas feridas horrificas ou com cravos torna a face para a liberdade primitiva e sua cores lisas por meio do *Anti-Bolbos*, producto sem igual e muito contrahido.

CUIDADO COM AS CONTRAFACÇÕES

Para ser bella, encantar todos os olhos deve-se servir da Fleur de Pêche pó de arroz feito com fructos exóticos.

POUCOS CABELLOS

Fazem-se crescer e cernirlos empregando-se *l'Extrait Capillaire des Beneactins du Mant-Majella*, que tambem impede que caíam e que ficam brancos.

E. SENET, Administrateur, 35, R. du 4-Septembre, Paris

NÃO ARRANQUEM MAIS

os dentes estragados, e ahi se o branqueia-os com *l'Elixir dentifrice des Benédicins du Mant-Majella.*

E. SENET, Administrateur, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

Racahout

DELANGRENIER

Alimento Completo

agradavel, leve e facilmente assimilavel

O verdadeiro RACAHOUT dos ARABES Delangrenier é o

Meior alimento das Crianças

desde a idade de 7 a 8 mezes, e principalmente no periodo do desmamar.

Tambem é recommendado ás mães quando dão de mamar, aos convalescentes, aos anemicos, aos velhos; em resumo, todos os que precisam de fortificantes.

Exigir a marca verdadeira
DELANGRENIER-PARIS

É encontrado em todas as PHARMACIAS

Perfumaria extrafina

L.T. PIVER

PARIS

Corylopsis do Japão

Evitar as Imitações e Falsificações

Le Tréfle Incarnat
Parfume de Moita

Rosiris

Senteur des Prairies

Violettes do Parme

Dentifricios Mao-Tcha
PÓ, PASTA e ELIXIR

CALLIFLORE

FLOR DE BELLEZA

Pós adherentes e invisiveis

Graças ao novo modo porque se empregam estes pós communmente ao rosto uma maravilhosa e delgada belleza e deixam um perfume de exquisita suavidade. Alem dos brancos, de inatável pureza, ha outros de quatro matizes diferentes, Rosal e Rosa, desde o mais pallido até ao mais colorido. Poderá pois, cada pessoa escolher a cor que mais lhe convieria ao rosto.

PATE AGNEL

Amygdalina e Glycerina

Este excellente Cosmetico branquea e amacia a pelle, preserva-a do Cierro, Irritações e Comichões tornando-a avelludada; pelo que respecta ás mãos, dá solidez e transparencia ás unhas.

AGNEL, Fabricante de Perfumes,
16, Avenue de l'Opéra, Paris.

É nas suas tres lojas de venda que mais se vendeu, mais se vendeu, mais se vendeu de Paris.

HOUBIGANT

PERFUMISTA

da RAINHA D'INGLATERRA e da CORTE da RUSSIA

+ + PARIS + +

AGUA HOUBIGANT

SEM RIVAL PARA O FABRICADOR

AGUA de TOUCADOR Royal Houbigant.
AGUA de COLONIA Imperial Russa.

EXTRACTOS PARA LENÇOS: *Violette Indole, Royal Houbigant, Peau d'Espagne, Moskari, Iris Blanc, Le Parfum Imperial, Alois, Muguet, Fiolet Rone, Imperial Russe, Lakes Blanc, Heliotrop Blanc, Fougere Royale, Givonia, Jasmin d'Espagne, Eau de Russie, Carotte, Corydalis, Bamber d'Or, Sarrise, Roseira.*

SABONETES: *Ophelia, Peau d'Espagne, Violette Indole, Fougere Royale, Eau de Boudoir, Royal Houbigant.*

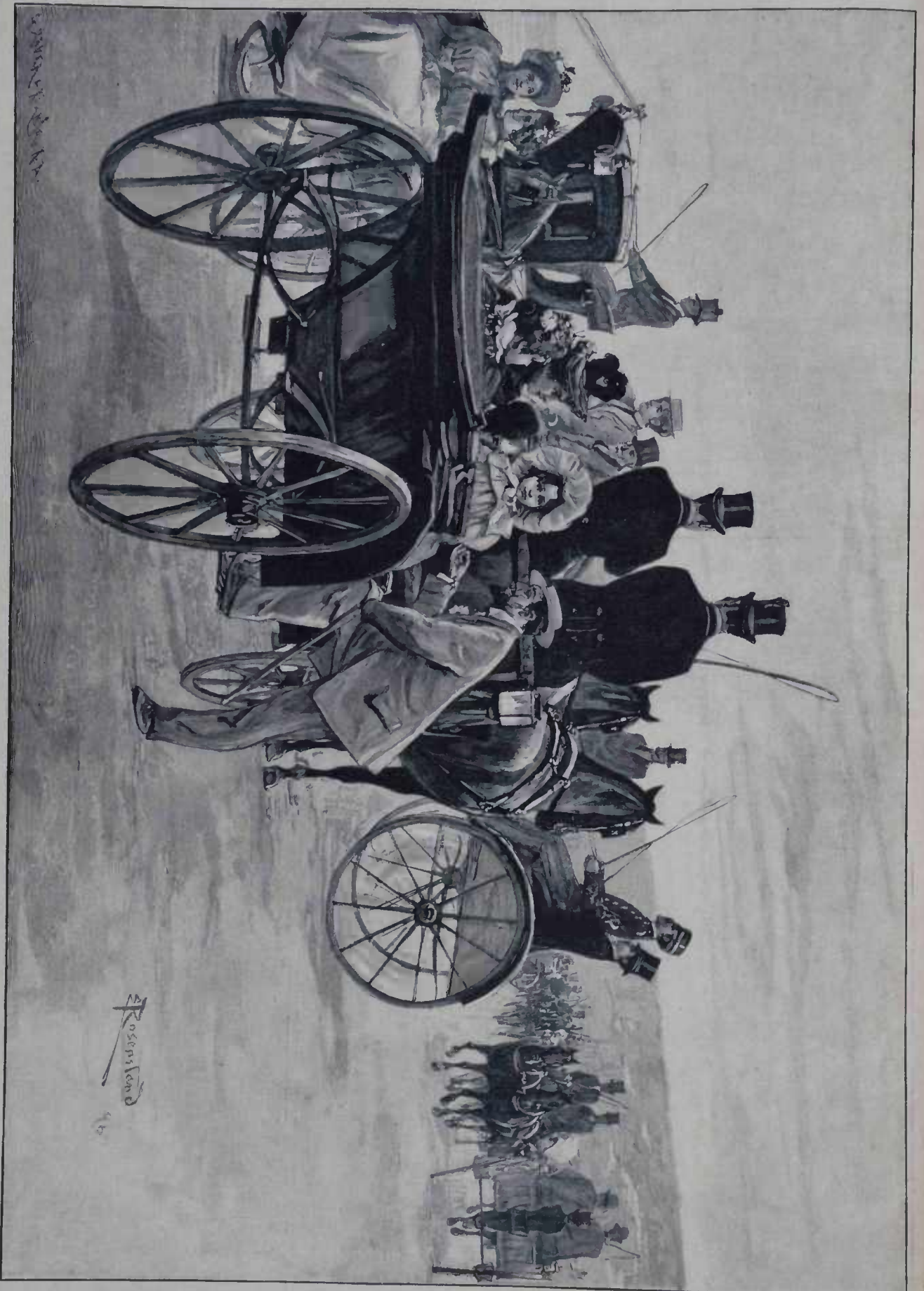
PÓS *OPHELIA, Talisman de Belleza.*

PÓS *PEAU D'ESPAGNE.*

LOÇÃO *VEGETAL, pó de Boudoir.*

PÓS *ROYAL HOUBIGANT.*

PERFUMARIA ESPECIAL MOSKARI



CORSO EM LIVORNO

As nossas gravuras

Dos banhos de mar na Italia

O que o Lido na beira do Adria é para Veneza, Trieste e outras cidades da Italia septentrional, Livorno e Viareggio são para o sul da mesma e mais especialmente para o mundo da moda de Florença, Roma e Napolis, não obstante haver ali grande somma de estabelecimentos balnearios. Livorno tem, além da vantagem de suas soberbas praias, a da proximidade da grande cidade e as da facilidade de condução o que não acontece em Lido onde a não ser o *transray* os outros vehiculos são desconhecidos.

Livorno além disso possui o «Grand-Hotels», o famoso palacio Fabricotti, um dos melhores hotéis da Italia. Construido á beira mar e afastado da cidade apenas alguns minutos, elle é o *rendez-vous* dos banhistas, dos homens mais elegantes e interessantes e ao mesmo o mais attraente *sejour* durante o dia na quadra dos banhos, bem como á noite em que os seus grandes salões se enchem de pares dançantes e quando as bellas condessas italianas, ao som de uma magnifica orchestra e nos braços de seus elegantes cavalheiros dançam apaixonadamente a valsa. Em geral o tempo ali é gasto em um pouco de *coquetterie* na dança, na maioria de se enleitar, em travar relações interessantes e talvez tambem a se captivarem com grilhões mais doces e mais delicados. No espaço que decorre entre os banhos de manhã e a dança á noite, ha os grandes passeios no bello parque que se estende ao longo da costa, passeios de carro, excursões para o bello Pisa, para Florença e as bonitas montanhas da Toscana. Nenhuma sociedade europeia se tornou tão internacional como a da Italia. Em nenhuma outra aristocracia ha tão grande numero de condessas e fidalgas estrangeiras. Em um banho da Italia ainda ninguem morreu afogado não se sabendo ao certo se isto é devido á humanidade ou ao desejo de se obter uma medalha humanitaria que fazem com que os senhores da moda tomarem grande interesse na salvação da vida do proximo. Não longe de Livorno, um pouco mais ao norte, existe ao longo da costa pouco ingreme e arenosa, uma grande floresta de pinheiros e no centro desta jaz a encantadora Viareggio, talvez a mais procurada na estação balnear. Torna-se ella notavel pelos seus bellos passeios. É um querido *buen retiro* dos Bourbons italianos e ainda hoje D. Carlos tem ali uma esplendida vivenda, cujos grandes parques são periodicamente franqueados aos banhistas. O que torna agradabilissima a permanencia em Viareggio, são além dos banhos, os bellos e sombreados passeios, os passeios de carros no Corso e as excursões aos campos. Em parte alguma da Italia o corso na Italia é tão animado, tem elle tantas carruagens de 1.ª ordem, toilettes tão ricas e uma sociedade tão escolhida. Isto faz com que

cada anno o numero dos seus visitantes se torne maior e muy poucos dos que alli vão uma vez, deixam de lá voltar annualmente.

O PIANO

Febril, nervosa, exausta, ella cosia
Ferindo os dedos no trabalho insano;
Tinha só um desejo : era um piano;
Por isso a pobre nem siquer dormia.

Ganhou chorando a insolita quantia.
Depois de dias longos como um anno.
Que lhe exigiu a usura de um tyranno
Judeu que nessas illusões não cria.

Quando afinal á escura agua-furtada
Veio adornar o mimo cubijado,
Como a rosa n'um tunulo plantada,

Com o seio ardente, o rosto desmaiado,
Ella pousou-lhe a mão enregelada
E morreu a sorrir sobre o teclado.

GUIMARÃES JUNIOR.

O anel e o dedal

O anel disse ao dedal :

— Tu nunca vais ás salas ;
de inveja, com razão, do meu valor te ralas :
compra te prego vil, mesquinho é o papel,
que fazes junto a mim — car., brilhante anel,
— Traste de luxo vão, do teu valor não falles,
(o dedal responde) pois tudo quanto vales
nunca valerás, si eu e, agulha minha irmã
levassemos tambem vida ociosa e vã. —
O anel não replicou. Pura verdade ouvira.
Toma pois um dedal, em vez de anel, Elvira.
Fal-o beijar a irmã de dia e ao serão,
verás quantos aneis taes beijos te darão.

BRUNO STARBU.

DAMIASCENO VIEIRA.

O SOMNO

O somno restaura as forças, imprime-lhes nova energia e reanima a actividade do cerebro e dos sentidos.

Quanto maior tem sido a fadiga, maior é a necessidade do repouso; e o somno insufficientemente abate e esgota as forças ; mas tambem, quando é excessivamente prolongado, entorpece o corpo e embota e espirito.

A duração do somno deve ser regulada segundo a idade, o temperamento, o sexo, o genero de vida, etc. Sem que possa formular-se regra absoluta, é certo que em geral convém : 10 a 12 horas de somno ás crianças pequenas ; 11 a segunda infancia ; 8 aos adolescentes ; 7 aos adultos. Os velhos farão bem se dormirem menos que 7 horas.

O somno da noite é muito mais util e reparador do que o do dia.

Supplicio

Como Sisypho, a victima da lenda,
A rolar o rochedo da montanha ;
Tendo escripta nas faces a legenda
Da existencia infernal, escura, estranha ;

Entregue á lucta colossal, tremenda,
Que de sangue vivaz as mãos lhe banha,
Erguendo o fardo á alcantilada senda,
Sem nunca interromper lida tamanha ;

Assim, por entre os cardos da existencia,
Ergo offegante, a rispida eminencia,
Como um supplicio atroz, duro rochedo :

Um grande amor. Abranda te minh'alma !
Cessa, douda illusão ! Oh, dor, acalma !
Coração, não reveles o segredo !



SCENA DE BANHIOS NO LIDO



SCENA A BEIRA MAR NO ADRIA

(Do «Espiritismo e os sábios»)

Et l'on peut dire son tomber dans le paradoxe, que l'espiritisme n'est que le matérialisme ésotérique à l'air libre. (1)

Em presença do incógnito orientalista, a experiança do qual aventurei as idéas primordiaes do capítulo precedente, um laki em situação que afasta a possibilidade de fraude, applicou a extremidade de uma penna de ave á concha de uma balança, fazendo tender para o solo, enquanto que a outra era occupada por um peso de oitenta kilogrammas.

Depois, sem ponto de apoio, ergueu-se para mais de vinte e cinco centímetros acima dos batentes da porta.

Repugna acreditar, mas é lorgoso, permaneceu por algum tempo (dez minutos) na posição, que apparentemente contrasta com a seriedade das leis do equilibrio.

Muito de industria escrevi o adverbio em italico. Considerando como termos da pr posição suspeita de falsidade, exclusivamente os dois factos da ascensão do sujeito e da sua permanencia em equilibrio relativo, têm razão os que a desdenham por antihética dos ensinamentos da mechnica.

Si menos impregnados de preconceitos, approfundarem o caso, podem trocar de parecer.

Considera aquella sciencia os corpos em estado ficticio de passividade ou inercia, contrario á sua verdadeira constituição.

O mesmo não faz a physica, tomada esta palavra em sua mais ampla acecção.

Os corpos, animados ou inanimados são essencialmente dotados de actividade espontinea, e a sciencia que estuda as leis do movimento e do equilibrio jamais levou em conta as propriedades plasticas, chimicas e muito menos as physico logicas dos moveis.

Sentindo-se embaraçada para avaliar os effeitos da gravidade, a propriedade natural e geral dos corpos, quando aquelles coincidem com a natureza fluida dos segundos, que não succederia se alimentasse a veleidade de abranger todas as outras?

A mechnica não estabelece os seus calculos sobre a força facultativa do motor, mas tão somente sobre a força efectiva que elle desprende ou o movimento que imprime. (1)

Essa é a linguagem dos collindos mestres, com a qual não é de bom aviso comparar a expressão do saber asiz problematico de tantos que se moram nas fidalguias de salão e de philosopho.

Nem sempre o corpo se conserva no espaço, sem ponto de apoio, ha transgressão ás leis scientificas, recohecidas por tal.

Simão, vejamos. Os gazes e os vapores, actiuados pela força expressiva inherente á sua constituição molecular, solem em atmosphera mais densas do que ella, percorren lo a em todos os sentidos. Atravez de um facto tão irrefragavel, ninguém diviuiu até o presente, uma contradicção com a lei da gravidade terrestre.

O porque está incluída na explicação mesma do phenomeno, e não remonta a tempos immemoriaes a sua descoberta.

Tanto se poderá dizer do falha, si, num lance radicalmente logico, se admite que elle tenha o segredo de modificar por combinações psychophysicologicas essas forças interiores e desconhecidas, que produzem a actividade dos corpos. (1)

O que foi dito para o seu caso, e applicavel, muitas vezes, aos cuitos mediuins da segunda parte deste littero.

(1) P. Gilbois. — Le spiritisme en Palestine et en Orientale (p. 7).

(2) Carnot.

(3) Charles-ter. Dehalle, num estudo publicado pela Academia Real da Belgica, recorre á repulção electrica entre o solo e o corpo do mediuim, cuja densidade era dimiuida pela dissensão hysterica do abdomen, alterada ainda outros fundamentos á sua hypothese. Intencionalmente repellido pelo côdico Com. tel A. da Rocha.

Ponhamo-me á que apalem de pueril o racionado, pira genese do qual contaminou, em grande parte, a sabedoria humana de um genio.

Certo haverá mais de um leitor de sentimentos conformes ao meu; outros, porém, considerá-la como uma.

Si ha mister de subtil na metaphysica para explicar, em seu mechnismo as suas forças, isto não obsta que a sciencia leve á conclusão dos que Hles e noeden e justifcam a existência.

E, para que se me não averbe de justificador, accentuo-me el de um parágrafo de A. Coale.

Inutili alographa si, si escrevesse para os homens de sciencia, muito mais do que em familiarizadas com as obras do extimo pensador.

Sendo de opinião que a natureza nos apresenta evidentemente uma actividade espontanea muito variada, da qual não é mais possivel concebê-la inteiramente privada, no estado de avanço dos nossos conhecimentos, escrevo e publico alem:

« Os corpos vivos oferecem realmente, sob este ponto de vista, o caracter particular da manifestação de todas essas gemaes de actividade, hem como outras que Hles são proprias ».

Seja como for, é incontestavel que o estado de pura passividade ou inercia dos corpos concebíveis pela mechnica racional, mostra, sob o ponto de vista physico, verdadeiro absurdo.

Substanciando o seu pensamento e o de outras sabios, direi: ha forças das quaes a sciencia faz abstracção por commodidade ou porque as desvotou.

Que sabemos nós da physica da vida? Em comparação do muito que nos resta conhecer é quasi nada o que ja se descobriu.

Por isso, tem toda a força de uma realidade inseparavel o grado expressivo de um philosopho actual: somos astrologos em physiologia. (1)

Razões da maior efficacia têm contribuido para que o «nosce te ipsum», não possa ainda ser substituido por affirmacção scientifica expressa, com o mesmo verho no presente do indicativo.

E quando lá cheiramos nós?

Na antevidencia optimista de alguns, está proximo o termo da perigunção da inacidavel inteligencia humana.

Como quer que seja, não é preciso esse augurio da presciencia, para repetir o que todos sabem.

Ninguém demonstra que o animal não pode ser não heuve ainda dynamometro adequado.

Cloreando a intelligencia typica de um conhecimento de mo a tempo, com os assombrosos resultados que a sciencia cobrou noutra direcção, grande parte das que presentemente escrevem sobre o thema, insinuam que tudo está bem explorado.

Os olhos desta gente devem de ser da mesma cor dos seus desejos. Ve n sciintillações nas entenebrecidas e impalpaveis dobras de um enigma.

Afortunados! São dignos de inveja.

Parecerá, quiza, producto exótico de imaginações vagabundas, o que nos conta Jaccoliot da habilidade fabriliana, a estudar mais detalhadamente nos dois capitulos subtequentes.

A equipendencia de seu corpo, nas condições racionomencladas, sera por ventura o mais extracurricular, posto que seja o menos exacto.

Não ha razão plausivel para suspeitar da lisura do conspicio elevador, que tanto esmero pôe na fidelidade de sua narração, reliquiada tempos depois por outros investigadores, máe ciosos ainda da sua nomeada.

Le o argumento corriqueiro de que elle poderia ter sido o joueto de uma suggestão, tambem não dá muito de si.

Phenomeno igualmente exposito e obscuro são, hoje em dia, — yronico e bom — registado pela paca phototypica, semivel á luz quanto á susceptivel de erros, vícios e illudinaçãoes.

O que não endossam as deliracões do meticiloso observador, num ponto se mistam a motivos scientificos para reputada.

(1) E. de Robert.

Muito ha que fazer a sciencia para agrida de faladade, embute, ou superstiça vulgar.

Na occação propicia, muitos de methodo, apresentado de facto a que as ultimas palavras se referem, alem de que sera mais ampla a discussão.

Então veremos que Jaccoliot com encarecer as applicações e excepções do multivacacose a de oriente, não arreou um passo da realidade farramente demantada em poucos dias.

Ao despedir-me deste capitulo, arralta-me o desejo de ministiar vos um conselho, jovem leitor, para quem de preferencia escrevo: está cheio dos que injuntem á negação systematica, o cunho do mais seguro expediente para opulentar os meios empregados no descobrimento das leis.

Si sois um amoroso da liberdade, guardai vos de confiar Hles o segredo de vossas convicções.

A idea tenaz e obsessiva de uma incredulidade norte, mais facilmente cederia á mudança de clima, alimentação e habitis, do que se deixa influenciar pelos argumentos solidos, e pela mesma evidencia.

Nada lhes arregaça mais o pendor á negação, do que a palavra normalmente persuasoria.

O fanático e o incredulo de alguns que tenho a honra de apreciar, relacionam se, a mais de um respeito, com as larvas: a exuberancia de carnos supple Hles á mingua de espirito; oscillam entre a matéria e a intelligencia comprimida num pequeno «cerebro e dorde não ha que tirar faisca de entendoimento.»

J. A. Pires.

Chapéos de senhora

Diz o Regulamento policial das casas de espectaculo:

O espectadores são obrigados: — A conservar a cabeça descoberta e os que tomam logar nas tribas e camarotes, e, emquanto o panno estiver visível, os que occuparem outros logares.

Nesta disposição ficam comprehendidas as senhoras que occuparem legares de platéa, balcones e galeria (Vid. cap. II, art. 10, n.º 2).

Ha muito tempo que o Diário do Governo não traz coisa tão interessante. A gente lê e não acredita! Pois ha um homem, embora conselheiro, embora medico, muito embora governador civil, que se atreve a arrostar com as raivas, as imprecacões e os rancores de milhares de creaturas?! Ha um homem sufficientemente energico e forte, ativo e impassivo, que não teme a tentadora voluptu de um pedido feminino ou a tempustuco desalar dum capricho que corre as gannas, lambrentos do chiaro, desde a lagrima pelo leu e saltaria a estremecer nas pastanas, até ao convulsivo arranço dos selgoes «rabbermann-descos, com tismos de musculos, arrepelammos de madeiras, rancões de sedas e mais attributos epileptoides...?

Ha, sim, meus senhores? Sabem quem é? É o sr. conselheiro Jose d'Azvedo, — e nunca as mãos lhe doam pelo Bem que acaba de fazer á nossa terra!

A prohibição de chapéos de senhora nas casas de espectaculo de Lisboa, vai dividir a a opinião publica em dois grandes partidos. Dum lado, os espectadores agradecidos pelo excellente medida que os deixará, d'ora avante, gozar o que se passa no tablado. Do outro, as damas, enfunecidas e indimittadas, rogando prargos ao regulamento que as priva do melior e mais artistico trecho de embelleam mo duma toilette.

Podirão competir os dois? Não sei. Eu, ja uma vez, entrei para um theatro, em noite de peça nova, com a esperanza de ver representada. Aconhegi-me a uma esplendida calceira, a meio da sala, limpei as lãbas e puz-me esperando a subida do panno. Ha em começo a primeira scena quando á porta da primeira a minha, apparece uma creatura alta, elegante, rasmalhando sedas e filando felboques. Houve o costumado suscitro das pernas que se levantam, do zabeltas que estalam no bater das mãos e do pé que se arrastam...

Quando a filha de genio tornou a ventar-se, com grande «schiss» do gallinhão e lá de mais, eu trizo na minha frente a tal creatura e removeu-se a levantar-se, a sentar-se, a levantar-se, a dobrar a cabeça e os pés do corpo, mostrando a dobral a nos cusos da calceira, abrindo o espelho e Hles dos miolos, com meneos d'homens, ondeaseco do pes-

coco, gestos elegantes, alados, de mão cor-de-rosa como um pente, atirando as pontas curvas do cabelo para traz das orelhas... Depois, com o meco a calcando uma grande luva que trazia a um sacco de vellado, e os berloques das pulseiras para lago incitaram um repique de festa... A certa altura, a dama virou-se para o cavalheiro do lado e, em voz alta, que se ouvia em toda a sala, perguntou:

— O senhor tem anhas?

E entendendo-lhe a mão da luva para o sujeito grande e verme-llo abotoar. O pobre homem encolheu a bengala nas pernas, pisou o chapéo ao visinho e agitou-se, dobrou-se, fez força, partiu a unha... e nada! Até que ella, nervosa, levando a mão ao cabelo, lembrou:

— Espere! talvez um ganchão...

Nestes successivas movimentações, acotcheou com a capa para o meu lado.

Apanhada, torceu a dobradia e quando já depor na cadeira, ella teve um pequenino susto; deixou escapar um ai!, e virando-se num salto, disse-me:

— Podia prevenir.

Por fim atoccegon-se... e em olhei para o palco. Mas diante de mim, o scenario mudara. Em vez de um elegante salão Luiz XV, com móveis dourados, e actores de casaca, eu tinha agora uma floresta de plumas enroladas, crispas frisadas, descrevendo espiras oscilantes, voltas caprichosas, penachos indefiníveis... Era um chapéo enorme, colossal, fobas reviradas vermelhas e copa negra, com gallos polychromaticos á sombra de laçadas de setim e rólãs d'azas abertas e bico pontegudo picando gnjis.

Tinha de tudo. A horta, os gallinacos, as fitas e as plumas, tudo, civiado de grandes alinetes de cabeças phantasticas com olhos de pedras preciosas... E a pouco e pouco pela influencia da peça que eu ouvia, mas não conseguia ver, aquelles animaes, aquelles alinetes e aquellas plumas foram-se animando, mexendo e contorcendo, a ponto de tomarem vida ante os meus olhos esbugalhados... O gallo erguia-se, espreguicando as azas, e tendendo as pennas e começava uma scena d'amor com a tola, ingenita da peça, que falava tal e qual como a Sra. Rosa Damasceno... O gallo, esse, tinha cocorocos phreneticos do Brazão, crises de nervos em que eu o via eriçar o rabo a debicar as plumas...

Ao fim do acto, queixando-me eu do terrivel tapa-olhos que a sorie me puzera em frente, a dama irada voltou-se e exclamou:

— Olhe: custou sete libras e já está pago!

Eu mudei de logar porque a nuca não era de molde a fazer me trocar o espectaculo...

Tenha o Sr. governador civil muito cuidado! Essas creaturinhas, avidas de exhibicionismo e de decorativo, podem muito bem achar meios de sophismar o artigo...

Vamos a um exemplo... Sem ir mais longe, poderi' ditiar-se o que seja o chapéo de senhora? Não, o chapéo da mulher é um mytho... Já o bom professor Souza Martins o dizia! Uma flor, um trapo numa configuração rara, uma aza de pomba, uma lita em laço, podem passar á categoria de chapéus mediante a convenção da moda. Por outro lado, essas mesmas trapalhadas e muitas mais, espeladas artisticamente nos cabellos de uma senhora podem fazer parte do tocado... De modo que, como precisar onde começa e onde acaba o chapéo feminino?... Ah! se o caprichosinho desperta nesses cerebros leves, arranjamos para ahí, novamente, essas cabeleiras de monete e tres andares, dos tempos preciosos, com remates de conchas e navios...

Ha meio de remediar tudo, simplesmente, facilmente!

O que diz o regulamento: «obrigados a conservar a cabeça descoberta, e nesta posição ficam comprehendidas as senhoras enquanto o panno estiver subido...»

Pois bem! Enquanto o panno estiver subido põem os chapéus nos olhos, e quando elle descer... chapéus á cabeça!

Faz-se a vontade do Sr. governador civil e as damas ficam satisfeitas, porque poderão exhibir os mais mirabolantes chapéus... durante os intervallos.

MARTELL PENTUADO.

(Do Journal do Commercio de Lisboa.)

A ANECDOTA

Um vento desabrido, a que talvez se podesse chamar o «mistral de Cascaes», saenida violentamente o toldo do Cassino.

Dois lunpões, apenas, illuminavam escusamente a grande varanda de pedra, onde cuit'era a ro-

leta afinava deliciosamente as serenatas de um sex-teto.

Agora, só o vento, sempre o vento, ceima funebre agitando o toldo, e uma tristeza lunda, em face do mar escuro e vasto, ao som de longos rivos edolicos, parecia invadir os espiritos enchendo os de aborrecimento e tveva.

Oito horas da noite. Não se podendo reagir contra o vento, era preciso deixar de algum modo contra o aborrecimento, que não tardava a fazer cabeceira do somno.

— É preciso entretarmo-nos com alguma coisa.

— Não ha meio nenhum.

— Talvez haja.

— Qual?

— A anecdotas.

Não falla nunca este bom medico mundano e jovial, que se chama — anecdotas. Não receita, mas converseira — a medicina mais eficaz que se conhece.

— Diga uma anecdotas quem souber.

— So se for a do meu...

— Foi vent'essa.

— Outro dia, no Estaril, uma familia inteira esperava na estação o comboio, que devia partir para Lisboa. Carruagens cheias; apenas d'ouros tres trinta e seis viasos.

Entra toda essa familia; varias senhoras, algumas crianças, uma criada e um tolo.

Uma das senhoras quer sentar-se, mas, sobre o logar que as outras lhe indicam, encontra um jacote volumoso, ao lado de um inglez que fama tranquillamente olhando o mar.

— Faz favor de tirar isto, diz a senhora ao inglez.

— Não obteve resposta.

— Tem a bondade de tirar isto?

O inglez encucou serenamente a dama, voltou a cara e continuou a olhar para o mar placidamente.

— Sr. revisor, faça favor de mandar tirar isto d'aqui.

E já as outras senhoras tinham exclamações pouco amaveis para o impassivel inglez, que não se mostrava disposto a incommodar-se.

Entra em scena o revisor, que vem da extremidade da carruagem obedecendo ao chamamento.

— É para mandar tirar isto d'aqui.

O revisor dirige-se ao inglez, dizendo-lhe urbanamente:

— Peça o favor de retirar isto.

E o inglez, sempre tranquillo, olha para o revisor, olha para a dama, e responde:

— Mas isto não é meu.

E e min'ira a fumar tranquillamente.

Esta anecdotas vale o retrato de uma raça: fiavel pouco e só quando é preciso e seguramente, uma das caracteristicas dos rios homens do norte, tão oppositos a nos outros, os do sul, que fallamos muito — e de mais.

O vento continuava a assobiar no toldo como nas enxarcias de um navio.

Oito horas e um quarto.

Se não saltasse logo outra anecdotas, apenas restaria um dilemma: ir ver jogar a bluff ou ir dormir para casa.

O vento continua ululando no toldo. São oito horas e meio. Os do grupo quem se achar no escuro para duas eternidades tremendo a do mar e a do tempo. Ouve-se o silvo de um comboio que chega e todos preferiram ouvir, em vez de um silvo, uma anecdotas.

— Ora então...

— Viva lá! E estava tão calado!

— Coisa pouca.

— Não! não! Fale o mais que puder: é o vento que nos dá o exemplo.

— Outro dia, uma salaia foi ali no correio ver se lhe tinha vindo carta do Brazil. Tinha. Ficou toda contente e, como era natural, ansiosa de saber o que a carta dizia. Mas no correio não havia tempo para lh'a lerem.

— Poderia? Um movimento de cinquenta telegrammas por dia, alem da expedição das malas, que não são poucas!

— Descem a mulher a escada com a carta na mão. Via encostada á esquina um soldado da guarda fiscal e dirigiu-se logo a elle.

O orador interrompeu-se, porque um repellão de vento quasi arrebatava o toldo do Casino.

— Mas depois?

— Vocemecé faz-me o favor de ler esta carta, que é de um meu filho que está no Brazil? O soldado, medita. De repente volta-se para a mulher e diz e com desdem: «Olhe, filha, en com letra peisana não me entendo.»

E a sabia, cabião em si, respondeu-lhe humildemente:

— Perloará. Não me lembrava que vocemecé era militar.

Oito horas e quarenta minutos. Algum somno muito vento.

— Hoje patou-se admiravelmente!

— Admiravelmente. Boa noite.

ALBERTO PINHEIRO.

Bondade infinita

Reconheço Bem Pae, que tenho estado
Vezes muitas a vossa Lei falando.
E que, do bon e cambio me as estando,
De vos me tenho asias dilatando;

Mas nem assim, Bem Pae, abandonado
Eu jamais fui p' vos! e, nem meen que não,
No que nos homens agradi se pensando
Olvidei tudo o que é da vossa agrada.

Por isso agora da miseria humana,
Sentindo a provação que me tortura,
Pra vos me volvo com minh'alma e cura.

E por tal provação que pouco dura,
(Como infinito é o Bem que de vos mana)
Me preparas para eterna ventura!

VICTOR A. VIEIRA

Mosaico

Um frade por veneno no mel para acabar com as moscas.

A mosca morreram e a barata comed; morreu a barata e o sapo comed; morreu o sapo e a cobra comed; morreu a cobra e o porco comed; morreu o porco e o frade comed; morreu o frade e o diabo comed; morreu o diabo e a sogra comed.

A sogra, porém, não morreu!

•••••

Um usurario acalava-se com o seu amigo em occasião que tinha a mesa cheia de dinheiro, e tendo necessidade de passar a um gabinete contiguo disse:

— Meu amigo tenha a bondade de bater palmas até que eu venha.

•••••

Entre dever e a credor.

— Senhor, a sua conducta é de um homem que não tem sombra de delicadeza!

— Não tem razão! Diga antes que é conducta de um homem que não tem sombra de dinheiro.

•••••

Um politico é inagudo num interview por o seu amigo muito baixo e muito impertinente que não se cansa de tomar apontamentos. Ao retirar-se, o maçador esquece-se do lapis em cima da mesa.

— O senhor, olhe que deixa cá ficar a bengala.

•••••

O dr. vai visitar o commendador Pandorgas enfermo. Receita e explica:

— Venha este remedio e tome uma colher de sopa de duas em duas horas.

Pandorgas (tauto attent) — E de que ha de ser a sopa, doutor?

Tristeza finda

Pallido e triste andei, de canto em canto,
De mim em mimho, em busca de ventura,
Como no bosque o passiro em procura
De um novo ninho p'ra soltar seu canto.

Ninguém, ninguém, de olhar piedoso e santo
Concedeu-me um so gesto de ternura:
Só tu, pomba peregrina e pura,
Comprehendeste a amargura do meu pranto!

Tu, só tu comprehendeste o meu afflicto,
A ternura desta alma desolada
E o meu pezar rec'ndito, secret'...

Deus te abençoe, ó lucida chimera,
— Tu que dest'alma — noute malhada —
Fizeste uma manhá de primavera!

S. Pedro, 2-1-1900 GUSTAVO TEIXEIRA.

MOLDES



Temos a satisfação de communicar ás nossas gentes assistentes e leit'ras que, apesar de nosso silencio, continuamos com o nosso serviço de moldes tanto d'Estação, como de qualquer outro jornal.

Ha uns bons trinta annos temos nos incumbido desse serviço, confiando o sempre a pericia de verdadeiras artífices em materia de contos.

Agora mesmo as senhoras a quem confiamos esse trabalho, são das mais habilitadas mestras no assumpto, a qual não temem confronto.

Nunca recebemos reclamações contra o serviço da casa e com affama podemos assegurar que estamos habilitados a satisfazer a freguezia mais exigente, sem que tenhamos receio de que nos venham dar lições de apuro e bom gosto, nem na maleficencia de nossos preços.

Para o presente numero offerecemos:

Table with 2 columns: Price and Item. N. 40 - Sala... 1\$00, N. 41 - Sala... 1\$00

Os recados são recebidos no escriptorio desta folha, bem como, a importancia que deve acompanhar o pedido.

Pelo correio mais 300 para o primeiro e 200 reis para cada um dos que se seguitorem.

FADINHA

11

Linda como era, não lhe faltavam adoradores de todas as edades e categorias. Muitos homens se abalavam da cidade até o Engenho Novo para ter a satisfação de contemplal-a, delles conduzidos pela simples curiosidade, delles instigados pela vaga esperança de uma promessa envolvida n'um sorriso ou n'um olhar. Pode-se dizer que durante muito tempo a formosura celebre de Fadinha contribuiu para o augmento da receita dos trens dos suburbios, e para a animação do bairro, que naquelle tempo não tinha a povoação de hoje.

Muitos dos adoradores da moça chegaram á fala, declarando-se animados das intenções mais puras, e entre elles alguns havia realmente dignos da singular ventura de casar com Fadinha; ella, porém, a todos repelliu com a maior delicadeza e compostura.

Um dia, o Raposo e arribou para jantar em sua casa o Remigio, um bom rapaz, amanuense da mesma secretaria em que elle exercia as suas velhas e monotonas funções de official. Esse Remigio era uma das perolas da repartição, um homem de zelo, intelligencia e assiduidade, um empregado «de muito futuro», como diziam todos; mas não era bonito, nem elegante, nem primava, digamol-o francamente, pela distincção de maneiras.

Entretanto, de todos quantos passaram diante dos formosos olhos de Fadinha, foi esse o unico homem que lhe mereceu attenção, Negociantes acreditados e dinheirosos, funcionarios bem collocados, politicos destinados ás mais brilhantes posições, advogados, medicos, officiaes do exercito e da armada, etc., tiveram todos que ceder logar, no coração de Fadinha, a esse amanuense pallido, desageitado, mal vestido, que ganhava apenas 100\$ 60 mensaes.

A moça parecia ansiosa, por que o seu coração se man festasse: immediatamente deu a entender a Remigio que elle seria vencedor entre os numerosos candidatos á sua mão. O amanuense, que era modesto por natureza e nem mesmo em sonhos imaginaria esposar algum dia a moça mais bonita do Rio de Janeiro, ficou lestravado com uma preferencia que nem mesma solicitara, e apaixonou-se deveras por Fadinha.

Logo que se manifestaram claramente os primeiros symptomas daquelle amor, houve um sobresalto na familia. D. Firmina viu approximar-se o peigo, e um dia, depois do almoço, quando o marido se dispunha a sair de casa, communicou-lhe os seus receios; mas o Raposo, que tinha pelo Remigio uma affeição paternal, e não via com maos olhos a perspectiva do seu casamento com Fadinha, limitou-se a sorrir, dizendo:

— E' muito natural que elles gostem um do outro e que se casem.

— Vou está falando serio?
 — Ora esta! Muito serio! Por ventura o Remigio não é digno da pequena?
 — Um simples amanuense?
 — E em que sou?... que era eu quando fomos á igreja?... Fadinha se casara conforme o seu agrado; se gosta de um amanuense e não de um ministro, paciencia! Não quer ser rica: faz bem, porque a felicidade não está no dinheiro. De mais, o Remigio não é para ahi nenhum pobre diabo carregado de estereiras velhas: o pai deixou-lhe alguma coisa: tem duas ou tres casinhas algumas apolices e muito juizo, que é o essencial. Estimado como é na secretaria, não lhe dou cinco annos para estar chefe de secção. Accenda você a lanterna de Diogenes, que não encontrará genro mais ao piar.

— Deixe-se disso! Nossa filha é muito bonita e...
 — Ahi vem você com a boniteza! Isso não vale nada, absolutamente nada! E' muito bonita, é mas não te vintem, — e se casasse á força com algum ricoço, o casamento me pareceria mais um negocio que outra coisa. Demais, seria uma humilhação para a nossa familia, que é pauperrima. Que diabo! não quero explorar a belleza de minha filha, nem contrariar os seus sentimentos, oppondo-me á sua ventura. Você, que é tão religioso, devia pensar como eu.
 — Mas nós poderiamos fazer ver a Fadinha que...
 — Basta! Já vejo que não nos entendemos neste particular. Na minha opinião, o Remigio é um excel

NINON DE LENCLOS

escarifica da ruga, que jamais ousou macular-lhe a epiderme. Já passava dos 80 annos conservava-se jovem e bella, não dando saque os pedacos da sua certidão de baptismo que riscava a cada tempo, e já fôra quinhentava-se sobre sua contadoura physiologica, sem que nunca deixasse o menor traço. «Muito verde minha via-se obrigado a dizer o velho rabinista, como a raposa de Lafontaine dizia das uvas. Este segredo, que a celebre egipcia faceira jamais confiou a quem quer que fosse das pessoas daquelle epocha, descobrio-o o Dr. Leconte entre as folhas de um volume de *L'Histoire amoureuse des gaules*, de Bussy-Rabutin, que fez parte da bibliotheca de Voltuire e é actualmente propriedade exclusiva da **PARFUMERIE NINON, MAISON LECONTE, Rue du 4-Septembre, 31, Paris.**

Esta casa tem-nos á disposição das nossas elegantes, sob o nome de **VERTABLE EAU DE NINON**, assim como as receitas que d'ella provêm, por exemplo, o

DUVET DE NINON

pó de arroz especial e refrigerante;
Le Savon Crème de Ninon especial para o rosto que limpa perfeitamente a epiderme mais delicada sem alteral-a.

LAIT DE NINON

que dá alvura deslumbrante ao psoço e aos hombros. Entre os productos conhecidos e apreciados da **PARFUMERIE NINON** contam-se:

LA POUDRE CAPILLIS

que faz voltar os cabellos brancos á cor natural e existe em 12 cores;

SEVE SOURCILIERE

que augmenta, engrossa e brinca as pestanas e o suor erictos, ao mesmo tempo que dá vivacidade ao olhar.

LA PATE ET LA POUDRE MANOERMALE DE NINON

para finura, alvura brilhante das mãos, etc., etc.

Convem exigir e verificar o nome da casa e o endereço sobre o rotulo para evitar as imitações e falsificações

PARFUMERIE EXOTIQUE E. SENET

35, Rue du 4-Septembre, 35, PARIS

MÃO DE PAPA do duque, de príncipe, por meio da **Pâte des Prélats**, que embrapaço, elia, assetina a epiderme, impede e destrúe as freiras e as rachas.

UM NARIZ PICADO de pequenas borbulhas ou com cravos torna a recuperar sua branura primitiva e suas cores lisas por meio do **Anti-Bolbos**, producto sem igual e muito contrafeito.

CUIDADO COM AS CONTRAFACÇÕES

Para ser bella e encantar todos os olhos deve-se servir do **Fleur de Pêche** pó do arroz feito com frutos exóticos.

POUCOS CABELLOS

fazem-se crescer e corralas empingando-se **l'Extrait Capillaire des Benedictins du Mont-Majella**, que também impede que caíam e que liquem brancos.

E. SENET, Administrador, 35, R. do 4-Septembre, Paris.

NÃO ARRANQUEM MAIS

os dentes estragados, usando o **Extrait dentifrice des Benedictins du Mont-Majella**.

E. SENET, Administrador, 35, R. do 4-Septembre, Paris.

Pastilhas e Xarope de Nafé

DELANGRENIER

excellentes peitoraes contra

TOSSE, DEFLUXO, BRONCHITE

As **Pastilhas de Nafé** são verdadeiros confeitos peitoraes de um gosto delicioso. Acalmam as irritações da garganta e do peito.

O **Xarope de Nafé**, misturado com uma infusão ou com leite quente, forma uma tisana muito calmante e muito agradável.

Esses peitoraes não contém substancia toxica e podem ser administrados com toda a segurança ás **CRIANÇAS** e muito particularmente contra a **COQUELUCHE**.

Exigir a marca verdadeira: Delangrenier-Paris

São encontrados em todas as Pharmacias

SUAVIDADE — FRAGRANCIA — DELICADEZA

NOVO PERFUME

LE REFLE

Incarnat

CAUTELA COM AS IMITAÇÕES

U. Piver

PARIS



VINHO DE CHASSAING

HI-DIGESTIVO

Recellado ha 30 annos

CONTRA AS AFFECÇÕES DAS VIAS DIGESTIVAS

Paris, Avenue Victoria n.º 6.



HA "PHOSPHATINA FALIÈRES" é o mais saboroso e o mais recomendado alimento para crianças desde a idade de 6 a 7 mezes, principalmente quando começam a ser desmamadas e no periodo de crescimento. Facilita a dentição e concorre para boa formação dos ossos.

PARIS, AVENUE VICTORIA N.º 6 E NAS PHARMACIAS

PRISÃO DE VENTRE

Pó Laxativo de Vichy

de D. SOULIGOUX

PILULAS DE BLANCARD

APPROVADAS PELA ACADEMIA DE MEDICINA DE PARIS

Resumem todas as Propriedades do IODO e do FERRO.

40 Rua Bonaparte PARIS



Estas Pilulas são de uma efficacia maravilhosa contra a Anemia, Chlorose e outros os casos em que se trata de combater a Pobreza do Sangu.

lente partido, e não vejo porque razão a pequena deva aspirar a outro!

— Mas...

— Não ha *mas* nem meio *mas*! Ella que decida, porque — e peço-lhe que tome em consideração as minhas palavras — Fadinha não se casará com quem você ou eu quizermos que se case, mas com o noivo que escolher por sua livre vontade, seja amannense, quaticante, czar da Russia ou schahi da Persia!...

— Eu...

— Nem mais uma palavra, Firmina! Você bem sabe que isto aqui não é casa de Gonçalo! Não admitto que debaixo destas telhas nenhuma voz se erga mais alto que a minha!

— Mas o que você está dizendo é uma asneira!

— Uma asneira!... uma asneira!... é a mim que a senhora diz isso?!...

— Sim, sim... é ao senhor!... Estou farta de representar nesta casa um papel tão subalterno!

Vacuo

Quantos sonhos gentis me despertaste,
Quantos sonhos tu mesma destruíste;
Depois que o coração me escravizaste
Meu coração escravo rejeitaste.

Entretanto bem vês que te enganaste
Julgando me enganar, porque bem viste
Que apesar do despezo que tentaste
Meu coração de amar-te não desiste.

Has de sentil-o sempre no teu peito
A debater-se na desesperança,
Ou esperando ainda uma illusão.

Despreza-o ou por vingança ou por despeito,
Ou guarda-o por despeito ou por vingança
Que eu não preciso mais de coração.

ANTONIO DE LIMA.

BEIJOS

A' MINHA FILHINHA ZULMIRA

Nem imaginas, queridinha, a acção benéfica, nem a força alentadora desse nada — o beijo matinal dos teus treze annos mimosamente cuidados!

Como quando vamos pela estrada deserta em fóra, despida d'árvores, sob o sol mordente, e nos vein, ex-riante de uma moita de matto, acaso crescida á beira do correjo, na bafagem fresca da viração, o aroma do mauacá sylvestre... não! não ha carícia de flôr cheirosa, querida, nem beijo perfumoso de brisa, que valha o beijo filial dos teus treze annos, desabrochado entre sorrisos na corola vermelha da tua boquinha ainda sanctificada pelo balbuciar recente da reza matutina: *Ave! Maria! Cheia de graça...*



PATEO DA EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL ALLEMÀ EM PARIS

— Nesse caso, vista as minhas calças e passe para cá as saias! Ora não seja tola! Hoje mesmo vou dizer ao Remigio que a pequena é delle!...

— Pois não ha de ser, digo-lhe eu! Quero fazer a felicidade da minha filha!

— Não minha!... A senhora quer fazer a sua propria felicidade e não a della! Não me obrigue a falar, porque se falô, temos escandalo, e escandalo grosso!

E o Raposo contraziava-se, abaixando a voz, para não ser ouvido pelos demais de casa.

— A senhora nunca a esfimou como levava; nunca lhe teve amor de mãe, de verdadeira mãe!... E agora quer vendê-la!... Boas!... Hoje mesmo falo ao Remigio!...

— O senhor é um infamo! Pois saiba que é tão pae della como o bispo!...

— Hein?... que é isso?...

O Raposo cresceu para D. Firmina; mas uma onda de sangue lhe subiu á cabeça; elle abriu desmesuradamente os olhos e a bocca, agitou os braços ao ar, e cahiu fulminado pela apoplexia.

Quando chegou um medico da vizinhança, chamado a toda a pressa, encontrou-o morto.

A. A.

(Continua.)

Coração enfermo

Dizes que tens o coração fechado
Como si fuisse um tumulo sombrio,
Onde dormisse muito calmo e frio,
Um cadaver de poeta amortalhado.

Que o tempo já se foi do desvario:
Que olhas agora com olhar cansado,
Para os dias risonhos do passado
Venturoso, mas breve e fugidio.

Moça e formosa em plena primavera,
Quando a vida inda é fulgida chimera
Porque desesperaste da existencia?

Ama outra vez que has de sentir cantando
De novo o coração desabrochando,
Tal uma rosa em plena florescencia...

TURTONIO DE OLIVEIRA.

Acredita.

Ah! se Deus permittisse que toda a vida, toda, toda, tu fosses a compensação destes espinhos, o enoio deste rosal; e todas as manhãs, todas, todas, pelo tempo a fora, até eu morrer, visse pousar-me sobre a face a caricia perfumosa do teu beijo e a azeda leve do teu sorriso; se Deus permittisse!...

Mas não permittira!

E tu irás um dia, numa primavera qualquer, quando a frieza de mais invernos me pezar n'alma, pousar a caricia do teu beijo mimoso n'outra face que não a minha.

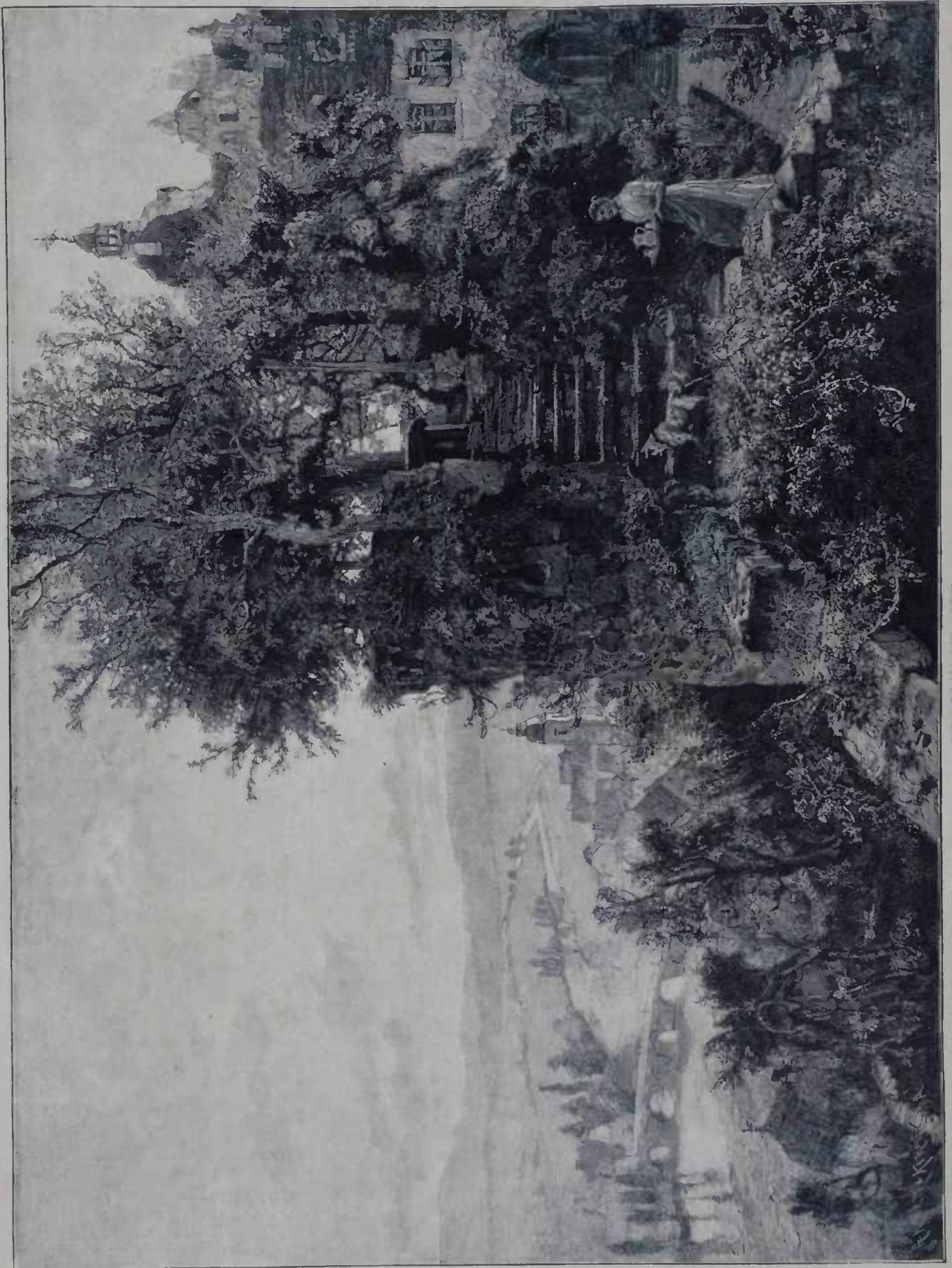
Permitta Deus que os teus labios possam, então, desabrochar como agora neste mesmo sorriso, que é a rosa da roseira da vida, tão cheia de espinhos!

✻

Perdoa, filha, esta mein tristeza que nasce n'alma de pensar em ti, ao adejar-me na face a caricia sorridora do teu beijo infantil, todo perfumado ainda do balbuciar na reza matutina: *Ave! Maria! Cheia de graça...*

Deus te abençõe!

EUZEBIO FREIRE.



A TARDE NO RIO MOSEL

Dormindo

Dorme. Observo-a. Chego-me, de manso;
 Quedo me a contemplar-a extasiado:
 Co's mãos o lindo seio immaculado
 Defende. De a-loral a me não causo.

Com febre que me grêta, o labio avança
 E da face no lyrio desbotado
 Lhu deixo um frio osculo sagrado...
 Tão leve que nem turba lhe o remanso!

De subito, o seu labio entristecido
 Ao gelo d'esse beijo um raso enflora
 Que de terror me deixa, então, transido...

Perdoa, o anjo aquelle que te adora!
 Meu beijo de ninguém será sabido:
 Não fere o mundo Amor que o mundo ignora!

Niteroy 1900. A. AZAMOR.

CHRONIQUETA

Rio, 22 de Novembro de 1900.

A nota do dia é o processo a que respondem, no tribunal do jury, por crime de conspiração contra as instituições republicanas, o velho conselheiro Andrade Figueira e outros *seigneurs sans importance* como se diz nos *Brigands*.

Causa lastima ver esse homem digno de respeito, na idade em que, mesmo em politica, se deve ter juizo, cercar-se, para conspirar, de um pessoal tão... exquisto.

Que elle conspirasse, vá; o seu ideal é o throno, a escravidão, a tyrania, e não tenho a pretensão de lutar contra o ideal de ninguém; o que não lhe perdoo é essa alcaetia de que se cercou, tropa fandangá de má morte, pela qual se deixou conduzir como uma criança tola.

Espero que a lição aproveite; espero que, de hoje em diante, qualquer medalhão do antigo regimen, quando se metta a conspirar, escolha com mais acerto os companheiros com quem tenha de cantar, como na *Madame l'Archiduc*:

Nous venons pour la grande Alliance.

Já é a segunda vez que neste artigo cito operetas de Offenbach; mas... que querem?... tivemos uma quinzena realmente burlesca.

Appareceu na Caixa da Amortização um desfalque de 250 contos. Quem é o auctor indigitado dessa ladroçeira? Um mocinho de 20 annos, que foi nomeado fiel do thesoureiro daquelle estabelecimento quando apenas contava 17 primaveiras, prestando uma fiança de 10 contos de réis.

Nomear uma criança para cargo de tanta responsabilidade, e exigir 10 contos de fiança a um empregado que pode facilmente desviar 250, são actos que estão mesmo a pedir musica de Offenbach.

Que interessantes *couplets* dariam as revelações do Sr. Fausto Cardoso!

Este deputado declarou alto e bom som, na Camara, que o Sr. Quintino Bocayua receberá do governo 50 contos como ajuda de custo para acompanhar a Buenos-Aires o Presidente da Republica. O Sr. Quintino protestou, e o Sr. Fausto voltou á carga, declarando que os 50 contos tinham sido dados, não pelo Dr. Campos Salles, mas pelo general Rocca.

Diante da insensatez ofenbaquiãna dessa pilheria, toda a gente se poz a rir, e acabou-se a historia.

No obituario figuram o nome de dois distinctos officiaes superiores da marinha brasileira, os almirantes Eliezer Tavares e Carneiro da Rocha.

Tambem falleceu o Dr. Achilles Varejão, velho litterato e jornalista, que ha muito tempo arrastava, entre as quatro paredes de um quarto, no Huel da Vista Alegre, uma existencia penosa, soffrendo e padecendo horrores.

Pobre Varejão! quem o conheceu tão cbeio de vida e de talento!...

ELOY, o HERÓE.

Nem tudo morre

— « Tudo se acaba! » exclama
 Um fatuo coração;
 Mas não o que ama, o que ama
 Responde? — « Não!
 No tumido desaba
 Tudo, prazer e dor,
 Tudo se acaba, acaba,
 Excepto o amor! »

ALBERTO DE OLIVEIRA.

THEATROS

Rio, 22 de Novembro de 1900.

Nada temos que acrescentar á nossa ultima chronica: a companhia Taveira dá os seus ultimos esj ectaculos no Apollo, e no Recreio a companhia Pepa se transformou em associação, o que é máo signal. Ainda não houve nesta capital uma associação desse genero que viuggasse.

Recebemos de Lisboa, com intervalo de poucos dias, a noticia do fallecimento de dous artistas que foram muito amigos um do outro, e trabalharam juntos durante muito tempo: o actor Guilherme da Silveira e o compositor Cyriaco de Cardoso, conhecidissimos ambos nesta capital.

Cyriaco era o festejado auctor do *Solar dos harrissos do Burro do Sr. Alcaide* e de outras composições graciosas, que ficaram, e Guilherme, depois de haver enriquecido no Brazil como emprezario, foi para Lisboa, onde construiu, associado a outros capitalistas, o theatro D. Amelia.

Seria mais justo que esse theatro fosse construido, não em Lisboa, mas no Rio de Janeiro. Ha havia alguns bons theatros, e aqui... é o que se vê...

Felizmente ouvimos ragnar e, ao que parece, com fundamento, que o prefeito do districto federal cogita em adquirir para a Municipalidade o S. Pedro de Alcantara, que é, por bem dizer, o nosso unico theatro, e será um monumento digno desta capital desde que soffra certas modificações imprescindiveis.

Salve-se o S. Pedro! X. Y. Z.

BIBLIOTHECA CIRCULANTE OURIVES 30

Empresta livros por 2\$ mensaes.
 Encarrega-se da entrega a domicilio.
 Furnece catalogos. Não exige deposito.

Recordação

Aquella fina jarra que me deste
 — lembro-me ainda e isso me commove —
 Tu mesma é que a compraste e que a trouxeste da rua Larga, cento e vinte e nove.

MARIA ANTONIETTA

Correspondencia

Pedimos á todos que se dirigirem á nossa casa por carta, para pedidos de informações, o obsequio de incluir um sello de 200 reis para a devida resposta.



CRÈME SIMON
 PARA
 CORSO VAR OU DAR
 ao rosto
**FRESCURA
 MACIEZA
 MOCIDADE.**

Para proteger a epiderme contra as influencias perniciosas da atmospherá, é indispensavel adoptar para a toilette diaria o **CRÈME SIMON**.

Os **PÓS de Arroz SIMON** e o **SABONETE Crème Simon**, preparados com glicerina, a sua acção benéfica é tão evidente que não ha ninguém que o use uma vez que não reconheça as suas grandes virtudes.

J. SIMON, 36, Rue de Provence, PARIS
 PHARMACIAS, PERFUMERIAS
 e lojas de Castelletes.

Desconfiar das Imitações.

Dr. Campos Salles

Illustracion Sul Americana periódico illustrado, numero especial em referéncia aos acontecimentos durante o estado do nosso presidente em Buenos-Aires. Preço para a Capital Rs. 5\$000; pelo correio registrado Ra. 6\$000.

Bilhetes postaes argentinos com os retratos dos dous presidentes Campos Salles e Rocca Preço para a Capital 500 reis, pelo correio registrado 800 reis.

ULTIMAS NOVIDADES MUSICAES

Grande estabelecimento de pianos e musicas DE

Fertim de Vasconcellos, Morand & C.

147, Rua do Ouvidor, 147

- Polkas**
 Brincando, por H. Dias 1200
 Vai saindo, por A. Keller 1300
- Tangos**
 Sô de mão, por E. Telles 1300
 Ferruge, por E. Telles 1300
 Tango do pianista, por Costa Junior 1300
- Valsas**
 Tristeza d'alma, por Marius 1300
 Dolente, por Carl's Marques 1300
 Tragabalas (com letra), por Costa Junior 1300
 Amor que mata, por J. G. Christo 1300
 Desprenciosa, por J. G. Christo 1300
 Elegante, por A. Cavalcanti 1300
 Juracy, por A. Nunes 1300
 Lica, por Evora Filho 1300
 Meus oito annos, por O. Carneiro 1300
 O teu olhar me seduz, por Evora Filho 1300
- Schottisch**
 Alzira, por Campos Junior 1300
 Guanabara, por I. Madeira 1300
 Grinalda de noiva, por Evora Filho 1300
 Primeiro Amor, por E. Telles 1300

- Quadrilhas**
 Borb letas, por E. Couto 1300
 Recordações da infancia, por J. M. Lacerda 1300

Remettem-se encomendas para o interior juntamente com o **brinde** mensal que a casa offerece.

147, RUA DO OUVIDOR, 147

KAROEPE DELABARRE (DENTIÇÃO)

Karope sem narcotico recommndado ha ja 20 annos pelos melhores. Facilita a sahida dos dentes, evita ou faz cessar os soffrimentos e todos os accidentes da primeira dentição.

Egija-se o Carimbo official e a assignatura Delabarre.

FUMOZE-ALBESPEYRES, 78, Faubourg Saint-Denis, Pariz e em todas as pharmacies.

PAPEL E CIGARROS ANTI-ASTHMATICOS de Bⁱⁿ BARRAL

Recommndados pelas summidades medicas. Preparações muitissimo efficazes para a cura da **ASTHMA**, das **OPPRESSOES**, das **ENXAQUECAS**, etc. 16 ANOS DE SUCESSOS.

FUMOZE-ALBESPEYRES, 78, Faubourg Saint-Denis, Pariz e em todas as pharmacies.

NUNCA APPLIQUE-SE UM VESICATORIO SEM SE TER O

VESICATORIO DE ALBESPEYRES

o MAIS EFFICAZ e o MENOS DOLOROSO de TODOS os VESICATORIOS. Evita-se a applicação de ALBESPEYRES ao LADO VERDE FUMOZE-ALBESPEYRES, 78, Faubourg Saint-Denis, PARIS e em todas as pharmacies.

DEUS

Continuação

Não seas hypocrita diante dos homens; porque com o tempo manifestará Deus a tua hypocrisia, e ficarás coberto de vergonha e confusão; além disto o hypocrita acia na mesma hypocrisia motivo de novas rechadidas (Ecc. 1 e 31).

Se animado de uma fé viva e constante te mostrares na presença dos homens verdadeiro discipulo de Jesus Christo, elle te reconhecerá diante de Seu Pae, e te concederá a sua gloria; mas se covarde e pusillanime te envergonhares de parecer Christo, Jesus Christo te desconhecerá, e seu Pae não verá em ti senão um servo perfido, e digno de reprovação. (S. Math. 10).

Se á fé ajuntares a pratica das virtudes, a instrução, a sobriedade, a paciencia, a piedade e o amor de Deus e do proximo, não será a tua fé infructuosa. (Epist. S. Jacob. 2).

Exorça te pois, filho meu, em confirmar a tua eleição com o exercicio das boas obras, sem as quaes a tua fé será morta; porque o homem não só é fortificado pela fé, senão também pelas obras, e deste modo alcançarás o reino dos Ceus. (Epist. S. Jacob. 2).

As victimas dos impios são abominaveis ao Senhor, os votos dos justos o aplacam. O caminho do impio é abominação para o Senhor, o que segue a justiça é amado d'elle. A doutrina é má para o que deixa o caminho da vida; o que aborrece a reprehensão morrerá. (Prov. 15).

A iniquidade teme-se pela misericordia e pela verdade; e o mal evita-se pelo temor do Senhor. (Prov. 16).

O temor do Senhor é a disciplina da sabedoria, e a humildade precede á gloria. (Ibid. 15).

A erudição do que a possue é uma fonte de vida; a doutrina do insensato é fatuidade.

O coração do sabio instruirá a sua bocca, e acrescentará graça aos seus labios. O varão impio cava o mal, e nos labios se vai atendo o fogo. A coroa de dignidade é a velhice, a qual se achará nos caminhos da justiça. (Prov. 10).

Se o impio faz penitencia pelos peccados passados, se observa os preceitos do Altissimo Deus não se lembrará mais de suas antigas iniquidades; pois não quer a morte do peccador, senão a sua conversão e vida. Se o peccador pervertido perseverar no caminho da justiça, viverá eternamente. (Ezequiel 18).

Desventurado de ti, filho meu, se depois de haveres abandonado o mundo, e reconciliado com Deus, voltas-te para a perversidade das tuas primeiras inclinações. (Epist. S. Pedro 2), porque Deus não se recordará das tuas virtudes. (Ezeq. 3); e o estado de tua alma será peor do que o primeiro. (Epist. 2^a S. Pedro 2), e morrerás no teu peccado. (Ezeq. 3).

Os que depois de haverem conhecido a justiça de Deus não o glorificam, nem lhe dão ações de graças, senão, que se entregam a vão raciocínio, obscurecem a luz que os illumina, e se dizem salvos, não sendo mais do que verdadeiros impios, Deus os abandona á insipientia de seu proprio coração, e submergidos no abysmo dos mais monstruosos vicios, morrem contumazes, impederidos e impenitentes, na iniquidade. (Epist. aos Rom. 1).

O perverso difficilmente se corrige. (Ecc. 1).

Pelo que teme, filho meu, a ira de Deus, não acrescentes peccados sobre peccados, nem digas — a sua misericordia é grande e me perdoará. Pode entre tanto chegar o dia das vinganças e perder-te. (Ecc. 6). O Senhor é paciente e misericordioso, mas também é justo. A sua indignação é tão prompta como a sua misericordia. (Ecc. 6).

Dá-me, filho meu, o teu coração; e os teus olhos guardem os meus caminhos. (Prov. 23). Não dilates a tua conversão, (Ezeq. 18). Evita o mal, obra o bem. (Psalm. 15) Não diliras de um dia para outro dia o converter-te para o Senhor. (Ecc. 5). Porque ignoramos o que será para nós o dia de amanhã; a vida é um ligeiro vapor, que se dissipa, tão depressa como se levanta. (Ep. S. Jac.) é como a planta que floresce

ao amanhecer, e de tarde murcha se, seca-se, e cae. (Psalm. 8).

A' cada instante nos vamos chegando para a sepultura. O homem ignora a sua ultima hora, e cae na rede varredoura da morte, como os peixes na do pescador, e as aves na do caçador. Ai! Faze quanto ntes, filho meu, todo o bem que possas; porque depois da morte já não estará na tua mão obrar o bem, nem fazer uso do teu entendimento, nem converter em utilidade tua a sciencia e a sabedoria. (Ecc. 9).

A noite está já muito adiantada, e o dia da eternidade bem depressa amanhecerá para nós. (Ep. aos Rom. 18).

A memoria da morte não seja para ti objecto de horror. Os que viveram antes de ti, já morreram, e os que nascerem, igualmente morrerão. É uma sentença que o Arbitro Supremo dos destinos humanos, pronunciou contra todos os homens. Tem pois presente que assim é a vontade do Ser Snpremo, e que nada acontece, nem pode acontecer, que não seja do agrado de Deus. (Ecc. 11).

Figura te aquella dia, em que o Filho do Homem á maneira do relampago que parte do Oriente, virá com magestade cheio de resplendor e de gloria, rodeado de todos os anjos, a julgar a cada um segundo as suas obras; e faze hoje o que então desejarás ter feito. (S. Mat. 24).

(Continua)

Paixão

Tom u dois g'les d'absintho e, cerrando as palpebras n'um movimento lento, disse-me com mysterio:

—... P'is eu lhe conto... Esse homemsinho que você viu, é o Antonio da Conceição; o Antoninho, como toda a gente lhe chama. Sabe quantos annos ali vão?... Calcule; não lhe dá mais de trinta... Pois, sabe quantos ali vão?... Calcule... Isso... Confesse: não lhe dá mais de trinta... Pois, sabe quantos? P'onha lhe outros tantos!... Ai, ai... Sessenta e pic's... Aquelle cara de lua cheia, e verdade... Nem rugas, nem pés de gallinha... Rolloço, perfeito, com cada bochecha, que é um Livar a Deus... Um nadinha careca... Mas nem uma branca do bigode... Percebo o que você vai dizer... Pois, não se pinta, não senhor! Aquillo é o que a natureza deu! Forte, rijo, alegre, bom estomago, excellent coração e nada de rheumatisinos, nem de figado... Nós cá, o que você vê... Velhos, tropeços e sem vontade nenhuma... Outra tempera!

A primeira vez que en encontrei este Antoninho, foi na feira da lavra. Ainda era no campo de Sant'Anna... Onde hoje estão os tapumes da Escola Medica, estavam aos tapumes vermelhos da praça de touros... Ah! meu amigo, isso é que foi praça!... Que tardes, que touros e que toureadas!... O Manuel Mourisca, d'uma vez, com o coração!... Caranba! Jinda me ferve o sangue só de parecer que o vejo!... Bons tempos, bons tempos... Onde ia eu? Ah! a feira... Pois, a feira, estendia-se por ali fóra desde a praça, pelo largo adiante, ate para ahi a meio do terreiro... Era no chão e havia de tudo graças a Deus, como na botica... Você já viu uma gaveta de sapateiro? Pois aquillo, mal comparado, era uma gaveta de sapateiro em grande... Havia de tudo, grão e miúdo... Calçado em fêliras, desde as botas altas, as Frederico, até ao tamanho de sola de pau e a babucha d'ourela... Espaldas velhas, retratos a oleo e gravuras de reis t'as machadas d'humidade e roidas de traça; commodas antigas e modernas; contadores partidos, tremos equilibrados em tres pernas; fardas ensebadas de militares; castiças moid's de ferragem... Eu sei cá!... o diabo, meu amigo, o diabo!...

Mas vinha á isto a proposito de... Ah! já sei!... do Antoninho!

É verdade, foi lá que eu o encontrei... Estava eu, volta não volta, com um feirante, cá por causa de uma cadeira de bacalhau, quando senti que me tocavam nas costas...

Voltei-me: era este magico!

É tal, etc... cumprimentos do estylo, e vai elle p'xou-me de banda e disse-me assim:

«Vossa senhoria, vai fazer-me uma grande fineza... Vac, pois não vac?

Ceda-me essa cadeirinha... sim! É que, vossa senhoria, não imagina talvez... mas, ando e em ella de olho ha tres semanas... Faz-me arranjo por causa da symetria... E a symetria, é tudo!

Tenho uma igmishinha, igmishinha... Fica uma de cá, e em tendo esta, ponho a de lá! Hein? está vendo?... Lindo, lindo! Agradedico, a vossa senhoria!... Cumprimentou-me, deu uma revista volta rapida e compron a cadeira sem esperar resposta minha... Fiquê atentos! Só quando vi tr'se de cadeira ás costas, me lembrei de protestar... Mas o vendedor, muito risinho, agarron me de maninho, e convenceu-me a ficar: «Não faça caso; tem telha... Olhe, ha aqui outra cadeirinha de bacalhau e talvez lhe sirva...» — Fui ver a cadeira e realmente era boa... Homem, lembro-me perfectamente que a comprei por dez tor-

ões... É aquella, que está na casa de jantar, você sabe, ao pé da gniola do pajagato...

✱

Tomou outros goles e continuou:

— O homem ficou-me sempre cumprimentando e um dia levou-me a casa. Era um quirtinho alagado a umas velhas manas do Figueiredo miguelista, que tinham ficado á dependura, quando o mano morreu.

O quarto tinha uma janella para o telhado e cortina de cassa nas vidraças. Explicou-me o Antoninho, que a cortina não era antiga, mas completava a janella e adoçava a luz. «Era a gravatinha da janella, dizia-me elle, biboso, encantado, sentindo-se n'uma aureola de luz artistica a envolvê-lo...»

Estou falando bem, não estou? Você, não faça caso! É do absintho! Fui a s vidros e levantei a cortina. De fóra, sobre o beiral do telhado, havia um renque de craveiros e amores perfeitos, em vasos de barro... Avistava-se o Tejo, ao longo... Era bonita, o dem nio da vista!... Mas o Antoninho, levou-me a ver a sua joia, a perola de tudo o seu *bric-abrac*... E poz-se de joelhos para me mostrar melhor... Era um buffete, pequinino, maneirinho, estylo renascentça, bem conservado e perfeito... Era um bom buffete, o demnio!... Puz-me a vel-o, a olhal o bem; agachei-me para o analysar melhor e de coracos eu, e elle, de joelhos, pozem-nos a acaricial-o nos arabescos, com enternecimento, como dois verdadeiros amadores... Elle tinha attitudes biblicas... Prostrado, erguendo as mãos ao ar, enclavinando os dedos e, pondo na bocca pequenos gritos, dobrava-se, roçava a face pela madeira, beijava as figurinhas, aspirava-as com soffreguido... E, batendo-me palmadinhas no hombro, exclamava, n'um goso de mystico:

«Ah! filho! que volupia de cinzel! que delicadeza tão preciosa!...»

E levantando-se, com uma lagrima ao canto do olho, poz-se a cantar:

«Foi este buffete que me salvou do suicidio... Devo lhe a vida!... Sim, menino, a vida!... Eu morrava n'esse tempo para os lados de S. Bento, e andava todo d'amore por uma creaturinha da rua das Flores... Costureirinha ou coisa que o valha... Nunca tentei averiguar... Passava eu e ella levantava a cortina da janellinha do rez do c'ão para me ver passar... Era morenita, bexigosa... mas, dava-lhe graça, menino! É, que olhos, que olhos! Um pouco vesga... mas, dava-lhe graça, menino! Muita graça! Pois bem, nunca passou so de eu passar, e d'ella me ver passar... Ollhadellas, sorrisos, e... um dia, vistel-a! Casou com outro ou coisa que o valha... Também, nunca tentei averiguar...»

Mas, que raiva! que coisas cá por dentro; que vontade de bater com a cabeça n'uma parede!... Apaixonado, menino, tal e qual! Com uma vontade de morrer, que nem imagina!... Vae eu, vinha aos tombo, por ali fóra, quando ao Moinho de Vento deparo com este amorinho de buffete, á porta d'um *braca-branquista*... Ah! filho! aqui é que foi... o vel-o e amal-o obra d'um momento! Todo o amor que eu trazia ao demnio da cabra, passou-me por obra magica para a lindeza do buffete...

E todo o dinheiro que eu já andava juntando para pôr casa á rapariga, co necel d'ajuntal-o para esta devoção... E cá está elle...»

— D'sde entao, o Antoninho, não teve maguas na vida. Morre lhe um parente... pouco dinheiro... as coisas correm-lhe mal... Vae, o meu amigo Antoninho, pôe-se em frente do seu buffete, beija-o, faz-lhe festas abre o, e a coisa... passa-lhe... Se ha femetade de maior, faz mudança no quarto... O buffete, quem está da direita, passa para a parede da esquerda; o retratinho a oleo, com moldura gothica, muda de poiso; as cadeiras, vão de cá para lá, n'um rodopio, e, ao fim, o Antoninho vai á cosinha, chamar uma das velhotas, e pergunta:

«Então, D. Rutinha, está melhor, pois não está?»

E a velha, com o queixo recurvo de polichinello, e o nariz também recurvo a tocar no queixo, mastiga uma risadinha concordante...

É, aqui tem você, quem é tal Antoninho... — Hi esperei que elle acabasse de esvasiar o copo d'absintho, e, sabendo lhe a guloseima de antiguidade que lhe ia la por dentro, interpeleio-o:

— E você, nunca tentou apazhar lhe o buffete?

— Ora! se tentei! Mas o melro não cahiu... E olhe, que lhe cheguei a propor a traça por uma cama de bilros, uma espada seculo XVII e um prato da India...

— E, elle não quiz?

— Não. Virou-se para mim e gritou-me: «Issoz nem que o Antonio tivesse fome!» —

MANUEL PENFLEADO.

A orelha

(JEAN RICHEPIN)

Agora que Mr. Birignot morreu e levou os seus trezentos e quarenta mil francos ao meu amigo Andre, posso contar sem inconveniente algum para elle, a historia da sua orelha.

Antes não era possivel, porque o meu amigo corria o risco de perder a herança, e talvez a modesta pensão de cento e cincoenta francos mensaes que sentio lhe dava.

Mr. Birignot, com effeito, tinha o costume de dizer a seu sobrinho:

- Faz o que quizeres - Dedica-te á pintura, já que tanto te agrada essa arte, e diverte-te a vontade. Mas não me enganes, porque se tal caso se desse, desherdaria-te.

Mercê de boas influencias, o meu amigo André obteve uma commissão em Constantinopla, com viagens pagas.

Mas isto nada tem que ver com a historia da sua orelha.

Havia tres semanas que André se achava na capital da Turquia, quando Mr. Birugnot recebeu a seguinte carta:

«Meu querido tio: Sou victima de uma horrivel desventura, que pôde ter para mim um tragico desenlace se o tio não acode em meu auxilio. Salu ha diellas para a costa da Asia e fui capturado por uns bandidos, que só me restituirão á liberdade mediante um resgate de dez mil francos. Estes dez mil francos devem ser enviados telegraphicamente ao meu nome por meio do Credit Lyonnais.

A menor tentativa de denuncia contra os meus sequestradores equivaleria para mim a uma sentença de morte. Um atraso de 24 horas na remessa condemnar-me-ia a uma mutilação, cuja prova o tio receberia no primeiro correo.

Essa mutilação premonitoria seria seguida de outras mais graves se se accentuasse o atraso. Se os meus sequestradores se convencessem de que o resgate não vinha, degolar-me-iam sem piedade. Tal é a espantosa situação em que me encontro e o tio pôde imaginar com que angustia estou esperando a ordem telegraphica, cuja realisação se verificará por certos processos conhecidos dos meus veruzes.

C não no muito affecto do tio e acredite que nunca esquecerei este novo sacrificio o seu pobre sobrinho, a quem o tio salvará a vida,

André Birugnot.

Francamente, André não era capaz de enganar seu tio de um modo tão monstruoso, Mr. Birugnot estava capacitado d'isso. No entanto, dez mil francos é uma quantia importante, de que se não pôde dispôr facilmente.

O tio vacillou e deixou passar 24 horas. A fim de dois dias, Mr. Birugnot recebeu pelo correo uma caixinha procedente de Constantinopla, sobre a qual se lia a palavra - amostra. Aberta a caixa, Birugnot horrorizado encontrou, em sal, uma orelha.

Ao cabo de dez minutos expedira para Constantinopla os dez mil francos.

Os senhores já perceberam que a orelha em questão não era do meu amigo André. Pois não era, não. O sobrinho tinha enganado pela primeira vez seu tio, enviando-lhe uma prova do captivo de que não era victima. Para tal fim comprara no hospital grego uma orelha de defuncto. Não era engenhoso o estratagemas? Sem duvida tinha plheria. Mas, e as consequencias da mentira! Pensaria n'isso o meu amigo André?

Estava enamorado doidamente - dizia-me André ao referir-me a historia, - da mulher mais formosa que pôdes imaginar, de um verdadeiro encanto, de um sonho das Mil e uma noites. Uma georgiana de dezesseis annos! Estava á ventura como escrava e pediam-me por ella dez mil francos. Pôe-te no meu lugar. Terias sido capaz de roubar esse dinheiro para possuires tal mulher.

André comprou a escrava, que era estúpida como um papagaio, aborreceu-a ao cab de oito dias e tornou-a a vender ao seu primitivo dono por 500 francos.

Então comprehendeu a enormidade da falta commettida e pensou nas consequencias da intrujice que fizera ao sr. seu tio. André tinha que regressar a Paris e apresentar-se a Mr. Birugnot, que ao vel-o com as suas duas orelhas, não podia deixar de dizer-lhe com voz de trovão:

- Enganaste-me indignamente e... desherdote! E não se expunha a perder sómente a herança, mas tambem a pensão de cento e cincoenta francos mensaes com que occorria ás mais urgentes necessidades, visto que as suas telas se vendiam a 40 francos.

- Não era possivel levar o caso de brincadeira, dizia-me André. Se Paris valia bem uma missa para Henrique IV, para mim a herança de meu tio valia uma orelha. Portanto, antes do meu regresso, e para acabar de enganar Mr. Birugnot, dei-xei a orelha esquerda no consultorio do meu clurgião.

E a isto se deve que o meu amigo André se pentei á Boticelli para occultar uma parte do resto.

E já que Mr. Birugnot morreu e legou a André os seus trezentos e quarenta mil francos, posso referir, sem perigo algum para o meu amigo, a veridica historia da sua orelha esquerda.

Trad.

CAMARA LIMA.

Contos pequenos

Vem cá, Pedro; baloça-me. E deitava-se na rede, onde toda se apinhava, os olhos meio cerrados, a ouvir chilrear os pardaes na espessura mysteriosa dos ramos. Era creoula e vivia a morgada de cilios negros, pestanas ramudas, tez morena afoqueada e labios humidos como polpas de ginja cortada. A morgada, todas as tardes, ao fugir da calma, e quando principiava a viração do mar, vinha reclinar-se na rede: e ali ficava ás vezes até tarde a escutar no silencio esses mil indistinctos rumôres que salpicavam as solidões. Era o Pedro que a baloçava sempre. Depois se a via adormecida desviava-se cautelosamente para

junto do lago dos Cysnes, onde se punha a scismar numas coisas intangíveis e vagas como os sonhos mal detalhados. Em que pensaria o Pedro? nem elle o sabia, coitado! aspirações sem norte, desejos confusos, extases que vibravam no fundo de sua alma atirada, projectas sem corpo, todas essas ignorancias ingenuas que não despertaram ainda quando se tem quinze annos so vivido no ambiente puro dos campos.

Ninguém lhe conhecera os paes, ao engeitado. So a governante da morgada ao vel-o passar, cajado ao habro, caminho da matta, dizia: «aquillo é filho de prin ipe... não se me tira da cabeça...» E talvez que a velha Dyonisia tivesse razão. Se elle era tão distincto, o diacho do rapaz, mesmo com aquellas vestes grosseiras! O que á tia Dyonisia dava que fazer era a sua cabelleira loira ondeada e os seus olhos uzas e tristes:

- Não ha que ver, aquillo é filho de gente fina... Aoz dez annos fizeram no guardador de cabras; depois foi ajudante de jardineiro; e um dia, quando o velho matteiro deu a alma ao vento, o morgado - que Deus tenha - deu-lhe o logar do morto. O Pedro logo n'essa tarde tomou posse da cabana molesta, na orla da matta quasi ao pé do lago dos Cysnes, e a dois passos do carvalho a que se prendia a rede da creoula.

Este isolamento tornou-o mais melancolico, mais arredado, mais concentrado, mais pensativo; e muitas vezes o surprenderam, á beira do lago, braços cruzados, com as lágrimas nos olhos, ou a cantar amas estrophes em que havia s liços e ais. Viu-o assim a morgada, e desde então sentiu-se tocada pela simplicidade dos queixumes doridos que achavam echo no intimo do seu ser.

Desde então, quando se aninhava na rede, e lhe dizia - vem cá Pedro, baloça-me... - a sua voz tinha modulações cariciosas, humildes, mansas, supplicas expressas a medo, como de quem só espera a confidencia de maguas secretas para deixar cahir o balsamo de uma consolação.

- Vem cá, Pedro, baloça-me... O pinhal deixará de arfar que a viração cahira de todo; os pardaes nem já davam signal de vida na espessura mysteriosa dos ramos; a matta escurcia mais e mais; e apenas o chaxar rouco de uma ra solitaria rompia o silencio dormente da natureza, ao passo que á rede fazia as pormadas do carvalho. - Vem cá, Pedro... deixa-te estar ali... aqui... mais perto... baloça-me de vagar, muito de vagar... assim...

E toda aninhada, penlente o braço torneado e rijo, os pesitos emergindo de entre um tufo de alvas fimbrias, a cabeça rolando ao vae-vem da rede, os labios entre-abertos num suspiro, a morgada baixou os olhos desde os ramos mysteriosos, cerrou os um quasi nada sobre a cabelleira loira do matteiro, e ficou-se imóvel, absorta, a pairar no vago.

NO MAR

(AUGUSTO LIMA)

Em verde negro, esconso lenho discurro o mar, de além a além... O céu me pede o que eu não tenho, o mar me nega o que elle tem. O céu me pede a crença e o pranto, Matarme a sede o mar cão quer. Mesmo com o mar posso eu, no entanto, de minha magua o céu encher? Quem me mandou a esta viagem? L'onde parti? Quando embarquei? Qual o roteiro? A que paragem? Levo voltar? Não sei, não sei.

Que extranha voz... rumor das vagas, sombras além... nevoa, talvez... Quem sabe? Estão proximas plagas onde aportar por uma vez. Não tem a nevoa essa figura. O mar não falla. É uma illusão. Pensar em praia é uma loucura, aves não ha n'esta amplitude. Desmaia a luz... o vento esfria na agua dormente, a respirar... Porque o tremor, que me arripia, fitando o céu, fitando o mar? Cae sobre mim a Noite immensa. Que ella confunda em seu negror as sombras vãs da minha crença, a rouca voz do meu pavor? Mudez e treva, olvido e nada... Melhor. Não sinto o espectro meu. No berço esquece a alma encerrada, pedta, talvez, que já morreu!

Os dois caminhos

A GEORGINA FERREIRA

Havia ali dois caminhos: um levava ao cimo da montanha - e criante do firmamento que a os hombros lhe péa. De lá, a vista de sol, os poentes afoqueados, o nascer das estrellas.

E o Amor disse ao pobre Everard, hesitante e abysmado em profunda contemplação: - Sobre por este caminho; verás d'aquellas alturas a casa de Benny, mettida no longe na planicie, com o seu telhado escuro salpicado de pombos...

O outro caminho levava ao abysmo, e era negro, povoado aqui e ali de espectros que riem na sombra, - sorte de desfiliado do inferno - garganta de assombros. A agua tomba lá em batão, desgalgando pedredos, riem grandes moles de barro e lama, silvam as cobras, coaxam os sapôs, zumbam atarantadas legiões de morcegos...

E a Dêr fadou assim ao pobre Everard, hesitante ainda e abysmado em profunda meditação:

- E' este o caminho que te aponta o meu dedo de ferro, vamos lá! Desce depressa, emquanto não te amarro á loucura ou te faço saltar os miolos!

ALBERTO DE OLIVEIRA.



Dolores..

Ja-me'n'alma uma subtil tristeza, Um não sei que de vago e de magoado... Toda de branco, estavas a meu lado; Estava em luar a immensidade accessa.

Nuvens negras na larga correnteza Da luz iam descendo... O contrastado Olhar teu me fiava demorado...

- Tiinhas no labio uma pergunta presa.

- Que tens? - disseste. Estremecei, Teu collo Da eôr dos gelos virgineas do Polo, Tremia, arfava em languidos arquesos...

E se eu não disse porque então soffria, E' que essa historia ardente eu só podia, Só podia contal a ao som de beijos!

ANTONIO SALLES.

Mosaico

No jury: - Confessa então que abriu com uma gazeta a loja de fazendas onde foi encontrado? - Sim, Sr. juiz. Não quiz morrer sem cumprir a vontade de meu pae... - Que vontade era esta?... - Que eu abrisse uma loja de fazendas.

Vinha um soldado de tirar um dente, e o sargento diz-lhe: - O' bruto, pois tiram-te um dente são e deixam-te no ruim, e não dizes nada, não te queixas? - Mas, meu sargento é que m'o tiraram de graça. - Ah! isso é outro caso.

Um tenente coronel da roça passava revista ao battalhão: - Você já viu, seu pelintra, um soldado usar lunetas? - Mas coronel, eu sou myope. - Maul Mau! Como é que me disseram que você era cearense?

Um creado de «restaurant» limpava os copos ao lenço, quando um freguez, indignado o interpeilla: - Então V. está limpando os copos ao lenço? Não faz mal: o lenço já está sujo.



MOLDES

Temos a satisfação de communicar ás nossas gentis assignantes e leitoras que, apesar de nosso silencio, continuamos com o nosso serviço de moldes tanto d'A Estação, como de qualquer outro jornal, para esta cidade e para o interior da Republica. Ha uns bons trinta annos temos nos incumbido desse serviço, confiando o sempre a pericia de verdadeiras artistas em materia de cortes. Agora mesmo as senhoras a quem confiamos esse trabalho, são das mais habilitadas mestras no assumpto, no qual não temem confronto. Nunca recebemos reclamações contra o serviço da casa e com infancia podemos assegurar que estamos habilitados a satisfazer a frequencia mais exigente, sem que tenhamos receio de que nos venham dar lições de apuro e bom gosto, nem na modicidade de nossos preços.

Para o presente numero offerecemos: R\$. 27 - Bolerô Collectinho..... 1\$000 N. 27 - Saita..... 1\$800

Os recados são recebidos no escriptorio desta folha, bem como, a importancia que deve acompanhar o pedido.

Pelo correlo mais 300 réis para o primeiro molde e 200 réis para cada um dos que se seguitron.

FADINHA

111

Naquelle afflicta situação, Remigio m'strou-se verdadeiro amigo: pediu a D. Firmina licença para tratar do enterro e nem a viuva nem os filhos conheceram até hoje a importância das respectivas despesas.

Esta solicitude e as lagrimas acerbas que o moço derramara sobre o cadaver do seu velho collega, acrescentara os sentimentos de Fadinha a seu respeito; agora não era somente o affecto, era tambem a gratidão que approximava aquellos dous corações. Com a morte do Raposo amb's se sentiram orphãos e esta identidade de situações cimentava ainda mais a mutua sympathia que os dominava.

Foi ainda Remigio quem tratou da missa do setimo dia, redigindo e publicando os convites, contractando o padre e o organista, alugando um carro fechado para conduzir a familia do morto até a porta da igreja e reconduzila á casa.

Não teve D. Firmina uma palavra de agradecimento para taes labores, e, mentalmente, Remigio attribuiu essa falta á dor violenta que a viuva mani-festava, a todos os momentos, com lagrimas e gritos.

Na occasião do enterro foram necessarios tres homens para arrancar-a de cima do caixão, e, termi-

nada a missa, na sachistia, elle teve um ataque de nervos tão violento, que parecia ter chegado a sua ultima hora.

Os tres filhos do Raposo, tanto o estudante, o «talento da familia», como os dous empregados no commercio, tambem não agradeceram ao Remigio o enterro e a missa; dir-se-ia que todos de casa consideravam a pulla como uma obrigação.

Todos, não: Fadinha volta e meia falava da generosidade do moço, e as suas palavras, a que ninguém respondia, eram ouvidas com indifferença pela mãe e pelos irmãos.

Um destes, o Alexandre, rapaz de 22 annos, empregado na casa commercial do barão de Moreira, estava muito lisongeado pelo facto de haver o patrão se dignado assistir pessoalmente á missa. Elle não queria acreditar no que via quando, no corredor da igreja, encontrou o barão, parado, segurando o chapéo alto com a mão atraz das costas, de cabeça erguida, a examinar atentamente o retrato de um membro influente da irmandade, pintado pelo Frago-

A principio suppoz que o barão viesse a outra missa, mas, não obstante a sua tristeza, ficou jubilosissimo quando viu que, ao começar a cerimonia, o titular tomava logar entre os que tinham vindo prestar a derradeira homenagem ao velho Raposo.

Acabada a missa, quando o padre, acompanhado do sachristão, desceu do altar, e voltou para a sa-

christia dobrando o joelho diante de cada altar, o barão foi o primeiro a abraçar o Alexandre, que estava perto da mãe e dos irmãos.

— Seja homem. Nós todos passamos por estes dissabores. O mundo é isto mesmo.

— Obrigado, Sr. barão.

— Não conheço a familia. Peço-lhe que me apresente sua mãe e sua irmã.

A viuva não pôde ser apresentada, porque chorava um oceano de lagrimas, e não tinha attenção para nada mais além da sua enfiada dor; mas o barão, pasmado diante da belleza de Fadinha, deu-lhe um longo aperto de mão, e disse-lhe:

— Minha senhora, seu irmão é empregado de minha casa e eu sou muito amigo de quantos me servem bem. Peço-lhe que diga a sua mãe que o barão de Moreira está á sua disposição para tudo em que ella o quizer occupar, seja o que fór.

— Muito obrigada, Sr. barão.

Este offerecimento surpreendeu o Alexandre, que não estava habituado ás amabilidades do patrão, homem ainda novo, mas secco, autoritario, frio, orgulhoso da sua educação, da sua elegancia e dos seus contos de réis; na sua humildade de empregado subalterno, elle imaginava até que, se o barão o encontrasse na rua, não o reconheceria. Admirava-se de que esse ricaço commodista se tivesse abalado do largo dos Leões para vir á igreja de S. Francisco

NINON DE LENCLÓS

esclarecia a ranga, que jamais ousou macular-lhe a epiderme. Já passava dos 80 annos e conservava-se jovem e bella, atirando sempre os pedregalhos da sua certidão de baptismo que rasgava á carada Tempo, cuja fuice embotava-se sobre sua exaustadora physionomia, sem que nunca deixasse o melhor traço. «Muito verdezinha!» via-se obrigado a dizer o velho rubugento, como a raposa de Lafontaine dizia das nuvas. Este segredo, que o celebre egoista faceira jamais confiara a quem quizer que fosse das pessoas daquelle época, descobrio-o o Dr. Lecointre entre as folhas de um volume de *L'Histoire amoureuse des gaules*, de Bussy-Labruin, que fez parte da Bibliotheca de Voltaire e é actualmente propriedade exclusiva da **PARFUMERIE NINON, MAISON LECOINTE, Rue St. 4-Septembre, 21 à Paris.**

Esta casa tem-nu á disposição das nossas elegantes, sob o nome de **ERITABLE EAU DE NINON**, assim como as receitas que d'ella provêm, por exemplo, o

DUVET DE NINON

pó de arroz especial e refrigerante;

Le Savon Crème de Ninon

especial para o rosto que limpa perfeitamente a epiderme mais delicada sem altrial-a.

LAIT DE NINON

que dá alvura deslumbrante ao pescoço e aos hombros. Entre os productos conhecidos e apreciados da **PARFUMERIE NINON** contam-se:

LA POUDRE OAPILLUS

que faz voltar os cabellos brancos á cor natural existe em 12 cores;

SEVE SOURCILIERE

que augmenta, engrassa e brinca as pestanas e os supercillios, ao mesmo tempo que dá vivacidade ao olhar

LA PATE ET LA POUDRE MANDERMALE DE NINON

para buura, alvura brilhante das mãos, etc., etc.

Cavem exigir e verificar o nome da casa e o endereço sobre o rotulo para evitar as emulções e falsificações

PARFUMERIE EXOTIQUE E. SENET

35, Rue du 4-Septembre, 35, PARIS

MÃO DE PAPA do Duque, de príncipe, por meio da

Pâte des Prélats, que embranhece, alisa a setina a epilarme, impede e destrói as freiras e as rachas.

UM NARIZ PICADO de pequenas borbulhas ou comarvas torna a recuperar sua branura primitiva e suas cores lisas por meio do **Anti-Bolbos**, producto sem igual e muito contrafeito.

CUIDADO COM AS CONTINUAÇÕES

Para ser bella e encantar todos, olhos deve-se servir da **Fleur de Pêche** pó do arroz feito com frutas exóticas.

POUCOS CABELLOS

Fazem-se crescer e cerrados empregando o **Extrait Capillaire des Benedictins** da **Mont-Majella**, que tambem impede que caíam e que ficam brancos.

E. SENET, Administrateur, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

NÃO ARRANQUEM MAIS

os dentes estagnados e os dentes brancos com o **Elixir dentifrice des Benedictins** da **Mont-Majella**.

E. SENET, Administrateur, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

Racahout DELANGRENIER

Alimento Completo

agradavel, leve e facilmente assimilavel



O verdadeiro RACAHOUT dos ARABES Delangrenier é o

Meiior alimento das Crianças

desde a idade de 7 a 8 mezes, e principalmente no periodo do desmamar.

TAMBÉM é recommendado ás mães quando dão de mamar, aos convalescentes, aos anemicos, aos velhos; em resumo, todos os que precisam de fortificantes.

Exigir a marca verdadeira

DELANGRENIER-PARIS

É encontrado em todas as PHARMACIAS

Perfumaria extrafina

L.T. PIVER

PARIS

Corylopsis do Japão

Evitar as Imitações e Falsificações

Le Tréfle Incarnat

Perfume de Moda

Rosiris

Senteur des Prairies

Violettes de Parme

Dentifricios Mao-Tcha

PÓ, PASTA E ELIXIR

CALLIFLORE

FLOR DE BELLEZA

Pós adherentes e invisiveis

Graças ao novo modo porque se empregam estes pós commuicam ao rosto uma maravilhosa e delicada belleza e deixam um perfume de exquisita suavidade. Além dos brancos, de notavel pureza, ha outros de quatro matizes diferentes, Rachel e Bost, desde a mais pallido até ao mais colorido. Poderá pois, cada pessoa escolher a cor que mais lhe convierha ao rosto.

PATE AGNEL

Amygdalina e Glycerina

Este excellente Cosmético branquea e amacia a pelle, preserva-a do Cieiro. Irritações e Comichões tornando-a avelludada; pelo que respecta ás mãos, dá saúde e transparencia ás unhas.

AGNEL, Fabricante de Perfumes, 16, Avenue de l'Opéra, Paris.

En sus sucursales de venta por minor al por mayor en las principales ciudades de España.

HOUBIGANT

PERFUMISTA

da RAINHA d'INGLATERRA e da CORTE da RUSSIA

PARIS

AGUA HOUBIGANT

SEM RIVAL NADA O EDUCADOR

AGUA de TOUCADOR Royal Houbigant. AGUA de COLONIA Imperial Russe.

EXTRACTOS PARA LENÇOS: Violette Ideale, Royal Houbigant, Peau d'Espagne, Moskari, Iris blanc, Le Parfum Imperial, Mouki, Muguet, l'Éillet Rose, Imperial Russe, Lilas blanc, Heliotrope blanc, Fougère Royale, Glorina, Jasmín d'Espagne, Cur de Russie, Giroflee, Corydalis, Bouton d'Or, Saubise, Rucoeo.

SABONETES: Ophelia, Peau d'Espagne, Violette ideale, Fougère Royale, Lait de Thiridace, Royal Houbigant.

PÓS OPHELIA, Talisman de Belleza.

PÓS PEAU D'ESPAGNE.

LOÇÃO VEGETAL, para os Cabellos.

PÓS ROYAL HOUBIGANT.

PERFUMARIA ESPECIAL MOSKARI

assistir a missa por alma de um pobre velho obscuro e tão interessado se mostrasse pela familia.

No proximo capitulo tera o leitor a explicação desse phenomeno.

Quando todos os convidados se retiraram, e a viua e os filhos do Raposo ficaram sos na sachristia, os rapazes despediram-se da mãe e da irmã: os mais velhos iam para as casas em que eram empregados e onde almoçavam, e o mais novo para a Escola de Medicina. Estavam proximos os exames e não convinha faltar por mais tempo; almoçaria no Rucher de Cancaille, à travessa do Ouvidor.

Remigio offereceu-se para acompanhar D. Firmina e Fadinha até o Engenho Novo; mas a viua, que já não parecia a mesma dos ataques de ainda agora, recusou tristemente:

— Não senhor, não quero que se dê a esse trabalho; o senhor precisa ir tambem para a sua repartição.

Fadinha interveio:

— Um dia não são dias. Venha, seu Remigio; almoçarei comosco.

— Já disse que não!

Remigio curvou a cabeça, e levou as duas senhoras até o carro: fel-as entrar e fechou a portinhola.

— Apareça, disse Fadinha tristemente, e agitou os dedos, dizendo adeus.

D. Firmina, essa não articulou uma palavra; mas quando o carro se afastou, t mandou a direcção da rua do Theatro, ella vociferou, com uma indizível expressão de colera no olhar:

— Trata de te esqueceres deste sujeitinho! Agora não tens o pae toleirão que tinhas! Quem manda sou eu, estás ouvindo?!...

(Continua).

A. A.

MARTHA LAVIGNASSE

O coração do nosso prezado amigo e um dos proprietarios desta folha, Sr. Alexandre Lavignasse Filho, foi fundamente golpeado com o passamento de sua gentil filha, a senhorita Martha Lavignasse.

A graciosa menina morreu, quando desabrochava para a vida de moça, como mimoso botão que se abre em flor perfumosa.

Ja fazer os seus treze annos quando a morte implacavel descorou o nacar de seus labios virginaes que se illuminavam em sorrisos de doce ternura para seu extremo pae.

Desappareceu aquelle corpo esvelto, na profundidade do tumulo; mas aquella alma de luz purissima, candida e innocente voou, desfeitos os laços terrosos para a região dos Anjos a cujas legioes se renuiu, na esplendida victoria da Verdade.

Gemem seus desolados paes emporgados pela mais acerba saudade; mas quando o tempo lhes mitigar o agudo do sofrimento, quando a imagem querida tiver occupado o logar definitivo no coração menos dorido, quando já não for tão sombrio o martyrio, poderão ter a certeza de que junto do throno do Omnipotente roga por elles.

O. S.
(OLIVEIRA E SILVA)

No cemiterio

O carro ia abarrotado de gente. Na minha frente, quatro senhoras velhas, monumentaes, tratando-se por *manas*, de papelaria e bochechas luzidias, entrechocavam-se em movimentos pendulares de cabeça, á cada balanço intempestivo da carrinhola.

Ao lado, um velhote, muito magro e de marfim antigo na cor apergaminhada da pelle, abraçava cheio de cuidados, sobre os joelhos, um grande cavallo de papelão. Ao pé de mim, sentavam-se creaturas de negro, de quem eu mal via os perfis silenciosos, nas esguelhas d'olhos que lhe d'itava... Algumas levavam flores, cingidas n'esses asphyxiados ramos da Praça, que lembram vassouras de corol, pétalas e muita, confeccionadas por uma certa classe de vassoureiros com epithetos de floristas.

Eu ia tambem n'essa piedosa romagem ao cemiterio, e tinha collido uns poucos de chrysantos roxos, para flirir os sete palmos de marmore onde dormia um morto querido.

No carro, nenhum dos passageiros falava. De quando em quando, o cocheiro, chicoteando as mulas, tinha balbuciosos de pragas intervalados com phrases ternas... A calçada dos Anjos era custosa de trepar. Volta não volta, as animaes escorregavam, punham o joelho em terra, arfavam de cabeça baixa esticando os tirantes, resvalavam nas calhas, ferindo lume com as ferraduras puidas...

Era necessario que o conductor se apasse e viesse gritar-lhes perto, levando-os pelo bridaço, de fochinho no ar e pescoco erecto. Mais um arranco, mais um grito e uma vorgastada mais a tempo, e a ladeira estava galegada. Depois, quasi tudo, era caminho direito até ao cemiterio, passando as portas, pela azinhaga estreita, tendo d'uma banda o muro velho da circumvalação, e do outro os verde chloroticos das hortas, com taboleiros dourados de cera a branquear ao sol...

✽

O cemiterio tinha um aspecto extravagante. Raro o jazigo, raro o bocado de terra onde uma cruz abrisse braços, que não estivesse sombreado por alguma figura de negro, religiosamente orando... Eu entrei na igreja, severa e fria, quasi banal, pobre, com a eça armada a meio. Depois, desci um arruamento de jazigos e fui ter ao logar onde mora o meu morto. Sentei-me n'um degrau, á sombra, e puz-me a descansar... Havia uma grande paz, serena e magestosa, no ceo intensamente azul. O sol alorava o marmore libido das sepulturas, enchia de scintillações a areia das ruas, arrendava em luz d'ouro as ramagens delicadas dos cyprestes... E a herva rompia da terra, alta e forte, respirando aquelle bom ar humido e morno, sugando com avidéz a riqueza d'aquelle semeado de mortos...

E eu puz-me a pensar como estaria o meu querido morto. Havia tres annos que eu ali o trouxera, n'um caixão pobre, com um padre velhinho a resmungar latim, e um sachristão ainda mais velhinho, segurando nas mãos encordoadas o caldeirão e o hyssope de cobre esverdinhado...

E desde então, nunca mais phantasiara a expressão do morto. Aquella face pallida, verdosa, de olhos negros, luminosos de febre e macerados de oheiras; aquelle nariz delgado e fino de aristocrata e a bocca sensual e ironica, debruada d'um pequenino, avelludado, e aquelle cabello negro lustroso como hulha, e aquelle manto arredondado e energico de romano, —

como estaria isso tudo, na lenta demorganação da morte, levado, hora a hora, na fermentação do transtorno, na complicada serie de transformações, na roslora voracidade da terra esfomeada?... Para ali um craneo e uma face, esqueléticos, a desconjuntar-se na mandíbula e a despegar-se das vertebraes...

Pobre morto, pobre poeta!

E mentalmente, comecei a lembrar-me do soneto que elle fizera, já doente de febre...

Devagar, coração, não corras tanto!
Caminheiro d'amor, devagarinho...
Olha, não vás ficar pelo caminho,
Como um pobre, atirado para um canto.

Cuidado, — que ninguem te de quebranto!
Foge ao prazer: o riso é mau visinho;
Lembra-te bem de que és um pobresinho
E guarda sempre a esmola do teu pranto.

Sê puro, verdadeiro, simples, casto;
Se gostares d'algum sinceramente,
Segue sinceramente o doce pasto...

E espera, e vê, se o lindo amor não mente,
Até que um dia pares de repente,
Quebrado, morto, apodrecido, gasto.

✽

Espalhei os chrysantos roxos sobre o marmore e vlti a subir o arruamento. N'um jazigo, perto, uma rapariga nova e loira chorava, de pé, junto a grade. Para dentro, no campo d'herva, espetado de cruces humildes de madeira, outra rapariga beijava o chão, piedosamente... E além, vultos prostrados, mulheres cahidas, homens de joelhos, rezavam na mesma aspiração de bemaventurança para os lindos defunctos lá no ceo... A mesma tristeza dobrava essas creaturas para a terra santa, onde a mesma destruição pulverizava os corpos amados; a mesma oração, cortada de lagrimas voava como um uexume magoado ao mesmo Deus, implorando a mesma misericordia, e toda a saudade, mysteriosa e intima, desabrochava ali, ao lado d'outra saudade, intima e mysteriosa... Não havia um grito, nem um ai de revolta, nem um soluço de desespero... Era a dôr, quieta e mórtia: a dôr, sem crises nem estremeções; a dôr profunda e sentida d'um coração; cadenciada, chronica, terna, couvalescente...

E, só para um canto do cemiterio, soavam como gargalhadas e phrases alegres do dialogo... Quem sabe? talvez um doído... De repente, no cemiterio... quem sabe?

Fui-me a ver. Espreitei de longe. E fiquei n'um espanto, quando vi o velhote magro, de marfim antigo na cor da face, o meu velhote companheiro de carro, a rir e a bater as palmas junto a um torço de ferro, pequenino e pobre...

Approximei-me. O grande cavallo de papelão estava mettido dentro das grades, e o velho perguntava, olhando a terra:

— Hein? gostas, Luiz, gostas?

Toquei-lhe no hombro, e o velhote olhou-me pasmado. Depois, vieram-lhe as lagrimas aos olhos, escorregaram-lhe, duas a duas pelas faces encovaladas e n'um grande soluço, poz-se a dizer:

— E' o meu neto... morreu com tres annos... tinha-lhe promettido um cavallinho... vim trazer-lho hoje...

MANUEL PENTADO.

A luz e as trevas

A cor da superficie em que a luz se reflecte tem uma grande importancia para a vista. O azul e o verde são bem supportados; o amarelo, o cor de laranja e o vermelho são n'ó menos. E' o branco que tem effeito mais nocivo; os corpos brancos com effeito, reflectem toda a luz que recebem. E esta reverberação da luz branca e tanto mais prejudicial quanto é mais brusca.

De Dyoniso, o Tyranno, se conta que mandava metter n'uma casa de paredes caiadas e fortemente illuminadas presos que haviam estado encerrados, durante muito tempo, em escuras enxovias. Esta rapida transição bastava para os tornar cegos.

A reflectão da luz no gelo produz ophthalmias e pôde chegar a causar a anaurose (gotta senaria).

O MUNDO

O mundo é o mar onde a galera e a vida, o tempo e o piloto, a esperança o norte, a fortuna o vento, a inveja a tempestade, e o homem o forçado que se tem um porto — a morte.



CONVENTO BENEDICTINO GOTTSWEICH

ESCALA DE RESPEITO

Na primeira saudação
 Todo o meu respeito vai:
 — « Deus lhe dê muito bom dia!
 Sua benção, meu Papae! »
 Mais travessa, na segunda,
 S'expande a ventura minha:
 — « Dae-me com um terno abraço
 Vossa benção, Mamãezinha! »
 Mas não ha derradeira
 Respeito; é carinho só:
 — « Vovó: toma lá teu beijo,
 Dá cá meus beijos, Vovó! »

A. AZAMOR.

Niteroy, 1900.

O que devemos a nossas filhas?

Eis o que um jornal americano responde:
 « Dae-lhes uma instrucção elemental. Ensinae-as a preparar alimentos substanciosos, a lavar, engommar, remendar meias e a fazer sua propria roupa.
 Ensinae-as a fazer pão e explicae-lhes que uma boa cozinha tira muito dinheiro da botica.
 Fazei-as bem entender que um mil réis é um mil réis e que só sabe economisar quem gasta menos do que ganha.
 Mostrae-lhes que um vestido de chita, que se pagou, assenta melhor do que um de seda fiado.
 Informae-as de que o rosto são e cheio vale mais do que cincuenta bellezas languidas e cançadas de bailes e theatros.
 Deixae-as fazer suas compras e averiguar se o debito corresponde ao credito.
 Educae-as independentes, briosas, activas e verdadeiras.

Convençae-as, no tempo proprio de que o melhor um operario honrado, sem fortuna e com sua roupa de burel, do que o elegante e nobre caloteiro.

Fazei-as trabalhar no quintal e conhecer os segredos da natureza.

Se pudeses comportar as despesas, deixae-as aprender musica, pintura e outras bellas artes, porém de menor importancia.

Ensinae-lhes que um passeio a pé é muito mais saudavel do que de carro, e que as flores do campo e da floresta têm seus encantos para não serem desprezadas.

Ensinae-as a desconfiar das apparencias e bem cumprir suas palavras e promessas.

Convençae-as de que a felicidade no matrimonio não depende de luxo, nem de fortuna, porém do respeito e da confiança que os esposos devem ter um para com outro; pois isso envolve o prazer e o contentamento do lar.

Se tudo isso ensinardes ás vossas filhas e as fizerdes bem comprehender, podeis sem receio deixal-as no mundo, certos de que levarão uma vida modesta, proba e honrada »

ODIO E AMOR

Odio e amor. Eis as duas sentinellas
 Da minha vida. Quando, outr'ora, eu tive
 A alma povoada de illusões singellas,
 Morre! — dizia-me a primeira dellas,
 Mas a segunda me dizia: — Vive!

Hoje estão ambas mudas. Ah! se, um dia,
 Não me corresse ás veias, como corrie,
 Sangue honrado, mas lama e cobardia;
 Vivi! — O Odio, então com jubilo diria,
 E o Amor diria, soluçando: — Morre!

RAYMUNDO CORREIA.

SONETO

(AO 4º CENTENARIO DO BRASIL)

Mar, tu, risonha praia americana,
 Ninho de amor nos mares do mysterio,
 Durmias a sorrir.

FAGUNDES VARELLA.

Altivas lusas naus, n'um marche — marche ousado,
 Bipartem do oceano o pleno verde-prata:
 Uma espumosa esteira immensa lhes retrata
 O branco do velame aos ventos desfaldado.

A marinheira audaz contempla a terra grata.
 Que a curva pròa esguia atraz já tem deixado,
 Sentindo palpitar no peito requemado,
 Affeito coração á gloria n'elle innata.

E vão-se mais e mais as naus, triumphalmente,
 Em busca da riqueza enorme do Oriente
 Que ao throno portuguez tornasse mais viril,

Quando subita luz, formosissima, esplende,
 Banhando de fulgor a Deus que os ares fende,
 Magestoso, mostrando o rumo do Brasil.

FIRMINO PEREIRA.

Caravellas, Maio de 1900.

CHRONIQUETA

Rio, 12 de Dezembro de 1900.

O grande acontecimento destes ultimos dias foi a victoria alcançada pelo Brasil na questão do Amapá. Pode-se dizer que vencemos uma grande batalha sem dar um tiro, sem derramar uma gota de sangue, e vencemos contra uma das nações mais poderosas da Europa e do mundo, — contra a França.

Devemos esse resultado á perfeição dos velhos documentos em que o nosso direito estava claramente demonstrado pelos grandes portuguezes do seculo XVI. — dev-mol-o á probidade do governo suizo, que não se deixou influenciar pela grandeza da França, — dev-mol-o, principalmente, aos esforços perseverantes e ao talento diplomatico do barão do Rio Branco, a quem já deviamos igual servico na questão do territorio das Missões. Esse brasileiro mostrou-se digno, muito digno de ser filho de José Maria da Silva Paranhos, e de ter o mesmo nome que o pae.



O PERTURBADOR DA PAZ

DEUS

Conclusão

As almas dos justos estão na mão do Senhor que as preservará do tormento da morte. Parecerão aos olhos dos insensatos que elles morriam e se, anniquilavam; mas elles estão em paz. (Sab. 3) Porém quantos males não estão reservados para aquelle, que tem abandonado a lei do Senhor? (Ecc. 4. Tristes delles! Nada lhes fica que esperar: porque todas as suas obras são vans, e os seus trabalhos infructiferos. (Sab. 3).

Sim, filhos meus, a morte mais terrivel e pessima é a dos impios peccadores. (Psal. 31).

A dos justos é preciosa aos olhos do Senhor. (Psal. 115).

Ainda que a morte de improviso caia sobre elles, o justo gosará do descanso eterno. (Sab. 4). O justo morto condemna os impios vivos, e a mocidade consumada em breve alarga a vida do injusto. (Ibid.)

Suspira pois pelo céo, com a mesma ancia, que um cervo sequioso deseja a fonte de agua viva; tem sede de ver a Deus forte e vivo; não cesse de suspirar a tua alma, desterrada em uma terra sem agua e deserta, pela imponderavel felicidade de habitar na casa do Senhor, e de contemplar no meio de inefaveis delicias o seu poder e a sua gloria por seculos sem fim (Psal. 26 41 e 62).

Hci-te exposto, filho meu, todas as obrigações que a Religião Christã te impõe, para com Deus, para com o proximo, e para com nosco mesmo; mas se não refreias a tua lingua; se não consolas no seu desamparo o orphão e a viuva; se não te conservas puro no meio da corrupção deste seculo, a tua Religião será falsa, e vã a tua piedade. (Ep. S. Jacob. 1).

Aprende tambem em que consiste a verdadeira felicidade e quaes são aquelles de quem é o Reino dos Céos, Jesus Christo mesmo foi o mestre que nos ensinou tão consoladoras verdades, no grande e divino Sermão do Monte, no qual abrindo a sua bocca disse aos seus Discipulos:

« Bem aventurados são os pobres de espirito e de coração; aquelles, que no meio das riquezas são pobres; porque se servem menos dellas para si mesmos, do que para os outros; porque delles é o reino dos céos.

« Bemaventurados os pacíficos e mansos de coração; porque elles possuiram a terra, a verdadeira terra da promessa da vida immortal.

« Bemaventurados os que choram, e vivem na afflicção neste mundo, bendizendo sempre a Deus com paciência e resignação nos seus trabalhos; porque elles serão consolados no outro, participando das delicias eternas.

« Bemaventurados os que têm fome e sede de justiça; porque elles serão fartos, e receberão de Deus todos os bens e graças na vida futura, na qual todos os seus desejos serão plenamente satisfeitos.

« Bemaventurados os misericordiosos cujo compassivo coração se abre de par em par aos males alheios, e os allivia; porque elles alcançarão misericordia de Deus, no dia da retribuição.

« Bemaventurados os que possuem uma alma pura e sem mancha, e um coração izento da corrupção do seculo; porque elles no celestial mundo verão a Deus intuitivamente com os Anjos.

« Bemaventurados os pacíficos que procuram propagar a paz entre os homens; serão chamados filhos de Deus, de quem são perfectos imitadores.

« Bemaventurados os que padecem perseguição por amor da Justiça, excitando no coração dos maos odio, a calumnia, padecendo a mesma morte sem a minima culpa de seus deveres; porque delles é o reino dos céos, que o Senhor lhe ha de dar em indemnização dos bens que perderam, e dos males que soffreram pelo seu amor.

Sim, diz Jesus Christo, bemaventurados sós quando vos injuriarem, e vos perseguirem, e disserem contra vós mentindo toda sorte de mal por meu respeito. Folgae e exultae, porque o vosso galardão é copioso nos céos. (S. Mat. 5).

Filho meu, estes meios que nos conduzem para a felicidade eterna, nos foram impostos de presente. Aquelles que quebrar um só d'elles, será o menor no reino dos céos, e os que observar todos á risca, esse será o maior, muito principalmente quando os ensinar aos outros a praticalos. Mas se a tua justiça não exceder a dos Escribas e Phariseus, serás indigno de entrar no consorcio dos Santos Discipulos de Jesus Christo, e de participar da sua gloria (Mat. 5).

Sim, filho meu, rogo te encarecidamente que prestes toda a tua attenção ás lições de um Pai, que te ama. (Prov. 4). Deus te concederá a sua graça para os seguir, e praticar facilmente. (Ecc. 6).

Não es percas mais de vista, procura que a prudencia e a sabedoria reinem no teu coração: (Prov. 4). para que ends filho de Deus vivo irreprehensível e sem mancha no meio deste mundo corrompido, e nelle brilhes como brillam os astros luminosos no firmamento dos céos, (Ep. aos Phip. 2). Persevera até o fim, para que sejas salvo. (S. Mat. 24) Nem as penas, nem as infelicidades, nem a nudez, nem a fome, nem a perseguição, nem a espada em summa, nada possa separar-te da caridade de Jesus Christo. (Ep. aos Rom.) A gloria será a tua herança, e alcançarás as graças do Altissimo, que cingirá a tua fronte com a coroa immortal, e incorruptivel. (Prov. 4).

A Deus, que só é sabio, a elle por meio de Jesus Christo seja tributada honra e gloria, por todos os seculos. Amen (Ep. aos Rom. 16).

FIM.

Tuberculosa

A JOSE' BARBOSA.

I

O doutor Ariosto tomára conhecimento com a formosa Helena, por um simples acaso.

Médico de alguma notabilidade apesar de joven ainda, fora chamado á casa do commendador Zeferino, bom velhete, que muito prezava a sua commenda da ordem da Rosa, posta em seu peito em certo dia solemne, pelas augustas mãos de S. M. Dom Pedro de Alcantara, ex-imperador constitucional e perpetuo do Brasil. Era um homem ás direitas ás direitas o honrado progenitor de Helena. Bom catholico, não perdia a missa dos Passos, ás sextas feiras; jejuasse conforme manda a Santa Madre Igreja (e seguuido diziam) não desejava a mulher do seu proximo.

Vícios — dizia elle, só tenho dois — jogo xadrez e fumo charutos. Dois vícios leves, não ha duvida, e, que certamente, serão levados pela suprema Providencia em desconto dos seus peccados. Mas... vamos ao caso que forma o assumpto do pallido conto que traçamos.

O doutor Ariosto não se fez de rogado ao chamado do commendador, pois era um homem apatacado, na expressão dos agiotas de então, (o medico tem sempre um sorriso terno, esperança mesmo, quando um bilhete de pessoa rica sollicita os seus serviços profissionais).

O poder do ouro é um dom precioso e isto já diziam os nossos carissimos bisavós.

O commendador Zeferino, anciso, recebeu o joven facultativo.

— Doutor, disse o velho, abamei-o para examinar minha filha. Ella soffre, coitadinha, é tão fraca.

Não hade ser nada, não doutor?

— Cossa alguma posso dizer, senhor, sem que veja a doente.

— E' verdade, vinhos, ella está no seu quart.

II

Helena contava 30 primaveras. Possuia uma belleza francamente seductora. Era clara e tinha os olhos pretos, pretos e bellos como duas perolas ideaes!

Uma vez, n'um baile a moça se constipára.

Isso não é nada, lhe disse o pae, constipação é doença de menina bonita.

Helena não se curou. Novidades tristes appareciam dia a dia annunciando um desenlace fatal.

Tosse secca, febre em horas certas, suores frios, impertinencia sem causa, e outros symptomas por certo bem importunos, symptomas da terrivel tuberculose, procuravam destruir as carnes d'aquelle corpo de vino.

Um dia Helena, n'um terrivel accesso de tosse deitou algumas golfadas de sangue.

Coitada! Olhou tristemente para aquella poça vermelha que ensanguentava um pedaço de assancho de seu quarto, e resignada como uma santa, ponde balbuciar — estou n'ra!...

O desanimo povoava aquelle corpo de virgem. Depois do desastre do hemoptise, Helena pouco caso fazia das cousas d'este mundo.

A' noite, não pudéra dormir. Via por todos os lados, na parede, no tecto, na cama, no traversero — o sangue, o maldadado sangue, que tivera o mau gosto

de evadir-se d'um corpo celeste de virgem, para luctuar um pedaço de chao e para magoar de um modo inexprimivel o coração ingenuo de uma donzella nobre!

Ah! sangue traidor! Porque abandonaste cruel, o fragil corpinho de tua ama?!

Durante alguns minutos ella conseguia dormir levemente. Mas horrivel era esse somno!

A virgem, pela sua imaginação febril e nevrotica, via caixões mortuorios, pannos funebres, caveiras, tumulos, cemiterios, enfim tudo o que tem relações com o silencio e calmo paz dos mortos! Outras vezes se deparava no centro de uma sala toda forrada de luto, um esquiife. Dentro, ella via o seu proprio cadaver!

E, cousas de sonho, Helena chorava, beijando o seu corpo inteirado, que se quedava solememente sobre o caixão azul estrellejado!...

Passando assim, noites e noites de verdadeiro martyrio, foi que ella se resolveu a chamar um apostolo da sciencia medica.

O Dr. Ariosto foi o escolhido.

III

Reclinada sobre uma poltrona estava a formosa Helena. Uma idea divagara. Soara-lhe aos ouvidos uma especie de dobre a finados.

Assim, poetica e linda, tendo nos labios um sorriso funereo, se conservava a virgem, quando o commendador e o medico entravam pelo quarto. — Minha filha articulava o velho, aqui está o Dr. Ariosto, que toda a tua confiança. Doente e clinico ficaram sós.

O doutor sentiu extraordinaria impressão ao mirar a joven.

Como é formosa — mentalmente, disséra.

N'um relancear d'olhos, porém, elle vira que o mal era adiantado e incuravel.

Depois de examinal-a durante alguns minutos, elle, para consolar a enferma, fallara que não era grave o seu estado.

— Mas doutor, eu cheguei a lançar sangue e fiquei com isso excessivamente nervosa!

— Não ha razão para tal minha senhora, actualmente está mais que provado que o vomito ou escarro de sangue, não tem gravidade alguma.

Eu, medico, já escarrei sangue, e aqui estou, forte e vigoroso.

Assim, usando de um direito natural, o facultativo procurava incutir calma, esperança no animo torturado da donzella.

Nesse dia Helena readquiriu uma tranquillidade relativa. Alagres da animação.

IV

O Dr. Ariosto continuou durante mezes a tratar de Helena.

As vezes, dizia desesperadamente: — Tudo perdido! Não consigo salvar-a!

Medicinal! Medicina, para que serves tu?

Para curar doenças curaveis!...

Ah! e sou notavel, sou extraordinario mesmo, segundo escreveu certo jornalista, que por mim foi curado de uma influenza!...

No entanto Helena morre aos poucos, agonisa lentamente, e eu, que a amo que a venero, que por ella daria a propria vida, não a posso salvar!

Tisica — es horrivel, es má, es cruel mas... tiveste o dom de dar á Helena uma formosura ideal, uma belleza de anjo uma forma seductora que me enche o cerebro de impressões suaves, ternas e doces, como até ha pouco eu nunca as havia sentido!...

V

Dia lugubre e ennevoado, Helena, tem emmagrecido, porém formosa ainda, tinha a respiração curtissima. Seu nariz de perfeição grega parecia mais afilado. Junto ao leito, estavam o commendador, sua esposa, o medico e duas moças, amigas intimas da enferma.

O silencio era profundo, e, somente o esvoaçar indiscreto de algumas moscas, ia perturbar a monotonia daquelle quadro de intensa dor de profundissimo sentimento!

De repente a enferma procurou falar... mas a palavra não lhe sahiria dos labios, e uma golfada de sangue se evadira pela segunda vez d'aquelle corpo.

A hemoptise asphyxiara a virgem.

VI

O enterro de Helena realisou-se no dia seguinte ás 5 horas da tarde.

O Dr. Ariosto acompanhou o feretro.

Na capella mortuaria, elle, ficando só com o corpo da donzella, dissera beijando o rosto do cadaver: — Meita, mais formosa ainda! doença maldicta! Maldicta doença! Sim, maldicta porque a matou!

Mas, que tivera o dom de fazer de Helena a virgem mais formosa, mais poetica deste paraíso ou inferno que se chama mundo!...

ARTUR GOUART,

S. Paulo, 1900.

UMA VIUEZ DE ROLA

Paris inteiro tem presente ainda a dor de Mme. Sora, quando perdeu o marido. Atraz dessa porta tapada de preto, desse luto parisiense, numerado, braxado, houve um desespero terrível de hespanhola, todas as exagerações demonstrativas desses paizes, pagãos á força de serem catholicos, onde adoram-se os christãos ensanguentados e as virgens de coração crivado de gladios. A princeza cortou os cabellos, recolheu-se á seus aposentos, não quiz mais ver pessoa alguma. Com a vestimenta preta, a cabeça rosada, tinha o ar d'uma noiva, no seu palacio transformado em claustro. Passava dias inteiros diante do retrato do marido e pautava solitariamente na grande sala onde punham-se todas as tardes dois talheres. A bengala e o chapéo do príncipe estavam collocados no seu lugar habitual como se o dono, partido para sempre, acabasse de entrar em casa. E essa recordação ligada ás cousas exteriores vivia á desesperação da pobre mulher e tornava-lhe ainda maiores os vancios da ausencia.

De todo esse turbilhão de visitas, bailes, recepções, concertos, onde se tinham encontrado e amado, e que emoldurava a sua felicidade num quadro mundano e elegante, só tinha ella conservado uma unica amiga, a baroneza Ancelina, uma cantora de salões, que devia a sua bella voz ter ficado a intima da princeza.

Esta grande dor, inconsolavel e ruidosa, irritava-se com toda sorte de palestra, porém comprazia-se em ouvir cantar no pé. Isso ajudava a chorar.

Assim decorreram dez annos. A viuvez era a mesma; dolorosa, austera. Unicamente os cabellos renasciam unidos, finos, com revoltas de vida, de fris, de ondulações. Oluto estava clarificado, aliviado e não parecia mais que um capricho de elegancia. Foi então que o sobrinho de Mme. Ancelina, encontrando a princeza em casa da tia, apaixonou-se perdidamente por ella e por ella souou desposalar.

A primeira palavra que ensaiaram dizer-lhe a viuva indignou-se. Para ella o príncipe vivia ainda e essa proposta parecia-lhe uma injuria, uma requista de infidelidade. Por algum tempo não tornou a ver a amiga. O moço partiu, tentou esquecer, voltou e mostrou tanto amor e desespero que Mme. Ancelina apiedou-se e resolveu vencer os escrúpulos da princeza. Mas como persuadir essa natureza singular que nunca raciocinava e só vivia de ímpetos e de enthusiasmos?

Pensou que uma paixão tão exclusiva devia forçosamente ser ciumenta e tratou de procurar cartas antigas do príncipe. Não era muito difficil. O senhor de Sora escrevera muito antes de casar-se e disseminara suas garantias numa multidão de pequenos cofres e de pequenas gavetas fechadas á chave, tão bem occultas umas das outras, que cada uma podia factarse de possuir exclusivamente o brasão perfumado do grande senhor.

Para levar algumas folhas desse romance banal e sem data Mme. Ancelina teve a coragem de transpor os humbraes desse palacio, que era uma especie de tumulo de morto, um tumulo florido, onde chorava noite e dia uma estatua viva, e de mostrar essas cartas á viuva.

Não foi uma dor, foi um desmoronamento. Pobre princezinha! Seus annos de ventura, o tempo da viuvez, tudo rolou, desapareceu no mesmo abysmo de colera. Nada mais ficou-lhe que um desejo immenso de vingar-se. O retrato do morto foi exilado dos seus aposentos. Fez retirar o segundo talher, desse logar conservado e vazio, que impedia a de estar só. E na antecâmara atravancada, outra aberta ás visitas e os passeios, não se viu mais a bengala, nem o chapéo que tanto tempo tinham permanecido alli.

Houve festas no palacio Sora, bailes, ceias. Assim como um céu variavel que se livra duma noite muito longa, a princeza voltou ao seu esplendor primitivo, vestida de pardo, de lilaz, de cor de rosa, de azul. Depois, passeando uma tarde na pequena esufa, disse ao sobrinho de Mme. Ancelina, que a seguia como uma sombra triste, desde que ella reapareceu ao Sol:

— Agora, quando quizer, serei sua esposa.

Pouco tempo depois estavam casados, felizes, ella com uma especie de raiva, elle, confuso, espantado dessa paixão rapida, gosando porém sua felicidade sem tentar analysala. Fallou-se muito nos salões desse consorcio. A baroneza Ancelina, habituada ás phases desses romances, teve a proposito um dito encantador:

— Vejam, essa princeza! Quando pensava-se que ella chorava, simplesmente arrulhava... Era uma viuvez de rola.

Passaram seis mezes. Os recém casados estavam no campo, num castello dos arredores de Paris. Foi lá que a amiga veio encontral-os. Vendo-os passejar tranquillamente a sua felicidade entre a relva unida e os arbustos silenciosamente, essa encantadora baroneza, que nunca via o passado, tendo sempre os olhos fitos no momento presente, disse-lhes a que ma roupa.

— Fui eu quem vos fiz felizes. Vamos lá! não me arrependo da minha mentira.

A princeza teve um movimento brusco.

— Como!... Que mentira?

— Oh! sim, minha querida, posso dizer-te agora tudo... Esse pobre príncipe não era tão negro como o pintei. Aquellas fimosas cartas datavam de cinco annos. Vocês não eram então casados.

— Tu fizeste me isso? disse a princeza. E fitava ambos com olhares fixos.

O príncipe motto, espedido, de quem não trazia mais o nome, acabava de retornar inteiramente o seu logar. O marido vinha bem ao certo que ella teve para se afastar delle. Tudo estava acabado entre elles, sem explicações. Ella encerrou-se em casa e numa agonia que durou oito dias, entregou-se á todos os remorsos que a atormentavam. A infeliz mulher tinha-se tornado a casar sem amor, por vingança, e não tendo existido a falta do príncipe, julgava-se criminosa para com elle, envergonhada de si propria.

Que piedade por essa recordação expellida tão brutalmente e que voltava com a mesma violencia! O pobre apaixonado rousejava-se á parte, bem sabendo que tudo estava acabado por elle e que a antiga paixão voltando tão viva, matava a outra dum golpe. Ella fallou-lhe tristemente, como a um estranho assecurou-lhe o seu perdão, convencida que elle não fóra culpavel... No ultimo momento, estando Mme. Ancelina a chorar perto della, tomada de remorsos sem comprehender bem a sua falta, a princeza inclinou-se para essa alma ligeira que viera borboletar sobre o seu caminho tão severo e tão recto e disse-lhe em seguida numa voz franca para que a queixa se assemelhasse á uma censura:

— Tu vês, eu não arrulho, eu morro!
E era exacto.

ALPH. DAUBLET.

(Do Nouveau Decameron.)

A fazenda

(Excerpto da «Seren», trecho do «Povo de Maio».)

Aqui neste terreiro outrora o gado vinha Na doce placidez do viver do sertão...
Turbava o céu azul, talvez, uma andorinha,
Negra pomba que traz as noites de verão.

Depois o sol se escondia
Por detraz d'aquelle outeiro...
O gado, ao longe, mugia,
Ficava o céu n'um brazeiro...

Como é grato ao fim do dia
Ouvir-se a voz do vaqueiro!...

Quando em Maio a chuva tece
Um fino véo de crystal,
Por encanto a alfombra cresce,
Niveo «boa-noite» apparece
Entre os mourões do curral.

O vento zune na telha...
Pelo campo vóa a abelha...
Rijo touro escarva o chão...
O jasmim alba a corolla...
(Geme de tarde a viola...
Eis o viver do sertão.

Entanto, oh solidão, a casa se esboroa...
O curral se derrue... e das saudades mortas
Sai o bando espectral, vagando a toa... a toa
No vento que regouga escancarando as portas!

RODRIGUES DE CARVALHO.

Ceará, outubro de 1900.

NOTAS DE VIAGEM

O VIAJAR

Viajar é bom. Dá-nos a conhecer aspectos novos da vida, costumes, raças, paisagens, formas de trabalho, productos variados da actividade humana, manifestações da sua consciencia, tudo, enfim, que so visto e analysado de perto pode constituir;—ou recreio dos sentidos, ou educação do espirito.

Mas o viajar exige condições especiaes de conforto, de facilidade, de alegria, que só se encontram quando se viaja com dinheiro que sobre, e com um bem estar de alma, que não escasseie.

Em todo o caso, o viajar é uma lição. Tenho mesmo a theoria de que a todo homem que seja brigado, por qualquer forma, a intervira nas coisas publicas, — na imprensa, no parlamento, nos altos cargos do Estado, nas elevadas funções das artes, das industrias, do commercio —, é absolutamente indispensavel o viajar.

Nos livros aprende-se muito; porém nada ensina tanto como lição directa das coisas.

Estou que o espirito estreito que alguns dos homens publicos ás vezes apresentam provém de não terem viajado, de não terem visto, com os seus olhos o que se passa nos paizes verdadeiramente civilizados.

E' verdade que esses estadistas tambem não têm; e se não tem ideias, tambem ideias não tem.

A algumas pessoas o viajar é prejudicial; porque, olhando para as coisas superficialmente, sem critério, sem cultura, ou sem observação, digerem mal o que veem; e isso lhes produz ou assomos de impostura ou habitos de frialdade; mesmo a essas algumas coisa ensinam as viagens.

O grande papel civilizador da Renascença tornar conhecida a humanidade. Até então cada ou cada povoado, vivia no isolamento das suas ilhas, e tudo que estava fora d'ellas era estrangeiro que nesse tempo queria dizer inimigo.

A pouco e pouco, os povos foram-se conhecendo unificando-se sob a acção do trabalho commum e do commum interesse.

As cruzadas tiveram a grande missão, não só de começar a destruir o feudalismo, destruindo as vidas e os haveres dos senhores feudales, mas a tornar conhecido dos christãos da Europa central o povo por elles tido por barbaro e cruel, mas que era verdadeiro representante das bellas tradições da romana, no que respeitava á philosophia, ás sciencias, ás letras, ás artes; ao mesmo tempo que do Oriente trazia o que elle produzia de mais graciosos, originaes e bello. Foi deffrontando-se com a civilização grega e d'ella recebendo novos e poderosos influxos, que os europeus realizam a grande obra dos seculos XV e XVI.

Os descobrimentos e as conquistas identificaram a humanidade, e fizeram com que os povos de cada que continente que elles fossem, conhecessem as suas origens communs, e concorressem todos para a realisação do seu commum destino.

Com a facilidade de communicações que hoje existem, para as mais afastadas regiões do globo, a humanidade pode considerar-se uma grande familia, que cada vez mais se vaee nivelando na sua materia de ser, de pensar e de sentir.

As mesmas differençações que nella se notam e que substituirão sempre, porque são os traços physicos e nomicos característicos de cada povo —, esses marcos são a variedade tornando mais atrahente a unidade, que de outro modo seria monotona.

A função da unificação dos povos coube nos primitivos tempos aos mercados e ás feiras, que eram locais, ou regionaes, e ali attrahiam, nos mercados, interesses e aos mesmos gosos, as povoações circunvisinhas. A grande feira de Ocaz fez a unificação dos povos da Arabia.

Hoje essas feiras já não são nem locais nem regionaes, nem mesmo nacionaes, mas sim universaes, e tem o nome de *exposições*, nome que ellas esta bem longe de significar tudo o alcance de tão imponentes certames, onde as nações concorrem com o que de mais adiantado conseguiram no caminho da sua actividade.

Mas as exposições, conquanto permitam uma summaria revista do que o paiz conseguiu augmentar no cabedal dos seus progressos materiaes e moraes, não nos deixam ver o que de mais educativo e interessante nos pode offerecer a actividade humana, isto é, o proprio homem em acção, na plena manifestação das suas qualidades e dos seus defeitos, dos seus vícios e das suas virtudes.

E' viajando, é vendo, que aprendemos a conhecer o que a natureza humana, qualquer que seja o clima em que a natureza habite, constitue no bem e no mal, uma porção irreductivel, fatal nas suas consequencias, e que para todo homem a sua grandeza ou a sua miseria; e ao mesmo tempo a apreciar aquillo que no homem pode-se e deve-se modificar, numa aspiração constante ao melhoramento, pela acção da vontade, da intelligencia e do trabalho!

E' por isso que o viajar é uma lição, para aqueles que d'ella sabem tirar proveito, aprendendo o que a experiencia e a actividade dos outros conseguiu, no sentido da perfeição, esse luminoso ideal que, se não está na realidade, deve contudo estar na consciencia de todo o ser pensante!

CAM.

MOLDES



Temos a satisfação de communicar ás nossas gentis assignantes e leitoras que, apesar de nosso silencio, continuamos com o nosso serviço de moldes tanto da Estação, como de qualquer outro jornal, para esta cidade e para o interior da Republica.

Ha uns bons trinta annos temos nos incumbido desse serviço, confiando-o sempre a pericia de verdadeiras artistas em materia de cortes.

Agora mesmo as senhoras a quem confiamos esse trabalho, são das mais habilitadas mestras no assumpto, no qual não temem confronto.

Nunca recebemos reclamações contra o serviço da casa e com ufania podemos assegurar que estamos habilitados a satisfazer a freguezia mais exigente, sem que tenhamos receio de que nos venham dar lições de apuro e bom gosto, nem na modicidade de nossos preços.

Para o presente numero offerecemos:

N. 14 — Saia.....	1\$500
N. 15 — Saia.....	1\$800
N. 16 — Saia.....	1\$500
N. 21 — Jaqueta.....	1\$500

Os recados são recebidos no escriptorio desta folha, bem como, a importancia que deve acompanhar o pedido.

Pelo correto mais 300 réis para o primeiro molde e 200 réis para cada um dos que se seguirem.

SAUDAÇÕES

A Estação saúda respeitosamente suas innumeradas leitoras pela entrada do anno do seculo novo.

Estamos em pleno seculo XX, mas um centenário se escoou na eternidade.

Embora, porém, já sejamos do seculo passado, não podemos dizer que não confiemos no futuro e por isso a todas as nossas leitoras desejamos tantas felicidades quantas são as esperanças que as annunciam.



FADINHA

IV

O barão de Moreira tinha vindo para o escriptorio mais cedo que nos outros dias, e entretilha-se a conversar com o seu amigo Pimenta, que de vez em quando o procurava para palestrar com elle, recor-

dando juntos os bons tempos em que ambas frequentavam o collegio Victorio.

O Pimenta abraçava tambem a carreira commercial, mas não foi tão feliz como o seu condiscipulo. Percorreu, durante muitos annos, um grande numero de casas, e em nenhuma encontrou a fortuna a que lhe dava direito a sua maravilhosa actividade. Aos trinta e tantos annos ainda não tinha conseguido uma posição deônilha, mas, enfim, sempre se arranjava com o correr de inerratorias, cujas vendas, feitas por seu intermedio, lhe deixavam pingues percentagens.

A sua longa passagem por um grande armario da rua do Ouvidor, d'onde, ao cabo de quinze annos de sonhos e esperanças, sahira irritado contra os patrios e com uma mão atraz e outra aliante, lhe valdeu dadas qualidades exceptionaes; conhecer como ninguem aquelle genero e ser a chronica viva de toda a população fluminense. Não havia facto, scandaloso ou não, que o Pimenta não armazenasse na memoria, e não glosasse no momento opportuno.

Fra má lingua, e sem esse defeito estaria talvez rico e independentemente como o barão de Moreira, escutando de andar acima e abaixo, de porta em porta sendo aos estopinhos, mutado de amostras, facturas e conhecimentos.

Uns diziam: «O Pimenta não é máo sujeito, máo tem uma lingua que o perde», e outros: — E'

muito vivo, muito esperto, mas não ha máo carpo!»

Entretanto, como o Pimenta se conservava solteiro, e não tinha obrigações de familia, supportava alegremente o seu celibato, e ganhava o proffito para viver sem incommodar a ninguém.

Naquelle dia elle entrara, como já dissemos, no escriptorio do barão de Moreira para dois áedos de palestra ao amigo de infancia e talvez poupar-lhe o almoço.

Conversavam ambo, quando o Alexandre entrou no escriptorio para participar ao barão ter recebido aquelle instante a noticia de que seu paé fallecera repentinamente, e pediu-lhe alguns dias de dispensa.

O barão, que era muito secco para com os empregados da sua casa, observou, sem levantar os olhos: — Isso é com osi. Motta, já lhe falou?

— O sr. Motta não está!

— Pois pode ir.

E o Alexandre saiu sem receber uma palavra de condolencia.

— Conheces este teu caixeiro? perguntou o Pimenta ao barão.

— Não; quem o admittiu foi o meu socio, o Motta; creio ser esta a primeira vez que lhe falo; tambem sabes que o meu systema ligar p' uca importancia aos empregados,...

— Sei, foi por isso que te perguntei se o conhecias.

NINON DE LENCIOS

escuram o dermaga, que jamais osou manchar-lhe a epiderme, já passava dos 80 annos e consorçava-se jovem e bella, atrahindo sempre os pedagogos da sua vertida de baptismo que resguarda o arado Tempo, cuja foibe embotava-se sobre sua encantadora physionomia, sem que nunca deixasse o menor traço, «Muito verdadeiramente», não se obrigou a dizer o velho rubicundo, como a esposa de Lafontaine dizia das nvas. Este segredo, que a celebre egasta nunca mais confiou a quem quer que fosse, desposou a daquella época, descebrando o Dr. Lacouture as folhas de um volume de *L'Histoire amoureuse des gantos*, de Bossy-Rabutin, que fez parte da bibliotheca de Voltaire e é actualmente propriedade exclusiva da **PARFUMERIE NINON, MAISON LEGOSNE, Rue du 4-Septembre, 35 à Paris.**

Esta casa deu-nos a disposição das nossas elegantes, sob o nome de **L'IRITABLE EAU DE NINON**, assim como as receitas que d'ella provêm, por exemplo, o

DUVET DE NINON

pó de arroz especial e refrigerante

Le Savon Crème de Ninon

especial para o rosto que limpa perfeitamente a epiderme mais delicada sem alteral-a.

LAIT DE NINON

que dá alguma deslumbrante ao pescoço e aos hombros

Entre os productos conhecidos e apreciados da **PARFUMERIE NINON** contam-se:

LA POWDRE CAPILLUS

que faz voltar os cabellos brancos á cor natural existe em 12 cores;

SEVE SOURCILIERE

que magenta, engrissa e bruma as pestanas e escurer ellas, no mesmo tempo que lhe vivandiza o olhar

LA PATE ET LA POWDRE MANDORLINES DE NINON

para finnar, alvura brilhante das mãos, etc., etc.

Cavem estigir e verifficar o nome da casa e o endereço sobre o roloiro para evitar as emittações e falsificações

PARFUMERIE EXOTIQUE E. SENET

35, Rue du 4-Septembre, 35, PARIS

MÃO DE PAPA do duque, de príncipe, por meio da **Pâte des Prélats**, que embranquece, alisa, assatina a epiderme, impede e destrúe as frieiras e as rachas.

UM NARIZ PICADO de pequenas borbulhas ou com cravos torna a recuperar sua brançura primitiva e suas côres lisas por meio do **Anti-Holbos**, producto sem igual e muito contrafeito.

CUIDADO COM AS CONTRAFACÇÕES

Para ser bella, encantar todos, olhos deve-se servir da Fleur de Pêche pó do arroz feito com fructos exóticos.

POUCOS CABELLOS

Fazem-se cair e cerrados empregando-se **L'Extrait Capillaire des Benedictins du Mont-Majella**, que tambem impede que caiam e que liquem brancos.

E. SENET, Administrador, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

NÃO ARRANQUEM MAIS

os dentes estragados, sãe-os e branqueie-os com **L'Exir dentifrice des Benedictins du Mont-Majella.**

E. SENET, Administrador, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

Pastilhas e Xarope de Nafé

DELANGRENIER

excellentes peitoraes contra

TOSSÉ, DEFLUXO, BRONCHITE

As Pastilhas de Nafé são verdadeiros confeitos peitoraes de um gosto delicioso. Acalmam as irritações da garganta e do peito.

O Xarope de Nafé, misturado com uma infusão ou com leite quente, forma uma tisana muito calmante e muito agradável.

Esses peitoraes não contém substancia toxica e podem ser administrados com toda a segurança ás CRIANÇAS e muito particularmente contra a COQUELUCHE.

Exigir a marca verdadeira Delangrenier-Paris

São encontrados em todas as Pharmacias

SUAVIDADE — FRAGRANCIA — DELICADEZA

NOVO PERFUME

LE REFLE

Incarnat

CAUTELA COM AS IMITACÇÕES

L. Piver

PARIS

DESCONFIAR DAS FALSIFICAÇÕES

ST JEAN DE LA CROIX

Por sua notavel concentração das plantas as mais uteis e as mais salutarias, a

AGUA

DE

MÉLISSE

OOO

BOYER

SAINTE THERESE

BOYER CARMELITAS BOYER

Unico Successor dos Carmelitas

obra de um modo prompto e absoluto nos casos de **Ataques de Nervos, Apoplexia, Paralysis, os Vertigens, as Syncopes, as Indigestoes; nos tempos de Epidemia, Dysenteria, Cholera-Morbo, Febres, etc.**

Uma pequena colherada pura ou sobre um pedaço de assucar.

DESCONFIAR DAS FALSIFICAÇÕES

— E' este o melhor meio de ser muito bem servido
 — Não conhecias então o pae, o Raposo, esse velho que acaba de fallecer repentinamente?
 — Não.
 — E não sabes que o teu caixeiro é irmão da rapariga mais bonita do Rio de Janeiro?
 — Não!
 — E' singular! — Nunca ouviste falar da Fadinha do Engenho Novo?
 — Tenho uma idea vaga.
 — Pois é ella!
 — E é realmente bonita?
 — Se é bonita! E' linda como os amores! Não ha reputação mais merecida!
 — Que diabo! estás me aguçando a curiosidade! Como poderei vel-a?
 — Muito simplesmente: vai á missa do sétimo dia. Como o irmão é empregado em tua casa, procura esse pretexto para offerecer, mesmo na igreja, os teus serviços á familia, e terás occasião de vel-a bem de perto.
 — Lembras bem. So assim é que eu iria á missa do pae do Sr... Como se chama o rapaz?
 — Alexandre.
 E ahí está porque o barão de Moreira compareceu á missa: mera curiosidade...
 Quando o titular voltou da igreja encontrou o Pimenta no escriptorio, á sua espera

liçoso périto, o ullhado de ser o escrínio daquelle travesso primor.
 Não havia sonhar donzella mais pura.
 Os contornos da mulher palpitavam bellos nas roupagens da virgem, parecia que as formas femininas etherisavam as vestes de seraphim.
 No bando das formosas mentmas, Cecil destacava o perfil de Madona como as que a etto debuxava o pincel do sevilhano pintor.
 A nevoa redolente do incenso envolvia, idealizando o, todo o grupo, enchendo o templo de mysticos efluvios. Os polvilhava d'ouro os flôres das janellas, onde nas vidraças coloridas se desenhava o busto angelico de celicas martyres.
 Sentia-se que as illusões da infancia iam deixar Cecilia, ao horror da vida seus olhos se abriam. Não seria sempre seu anjo da guarda quem lhe velasse o casto somno, as horas da existencia não seriam totalmente consagradas a s brincos descuidosos. E tanto era assim que, quando ella passava por entre a nuvem de véos vaporentos das commungantes, se advinhava bem no rugeruge das roupagens da donzella o roçar do nupcial vestido das virgineas noivas...
 ESCRIGNOLLE DORIA.

Com perseverança tem preparado o governo por medidas convenientes este resultado com relação ao danoso costume do brinquedo do carnaval, nos tres dias previos á quarta-feira de cinzas, e considerando:
 Que esta preparação indispensavel tem sido eficaz para os progressos do paiz em illustração e moralidade;
 Que semelhante costume é inconveniente a hábitos de um povo laborioso e illustrado;
 Que o thesouro do Estado é gravado e são prejudicados os trabalhos publicos;
 Que a industria, as artes e elaborações em todos os sentidos soffrem por esta perda de tempo as dições prejudiciaes;
 Que redundam notaveis prejuizos para o agricultor e muito assignaladamente para a ceifa dos trigos;
 Que se prejudicam as fortunas particulares e se deterioram e sujam os edificios das cidades pelo brinquedo nas soteas, portas e janellas.
 Que a hygiene publica se oppõe a um passatempo de que soem resultar enfermidades;
 Que as familias sentem outros males pelo extraviio indiscreto de seus filhos, dependentes ou creados.



DUERNSTEIN A' MARGEM DO DANUBIO

— Então, que tal?
 — Meu amigo, aquella não é a moça mais bonita do Rio de Janeiro? É a mulher mais bella do mundo.
 (Continúa).

A. A.

CECILIA

A' MINHA IRMÁ

Nada existe de mais singelo, de mais commovedor, do que a cerimonia christã da primeira communhão.
 Rumoreja a massa dos fieis, ao choro do organ, estende-se ao longo da symbolica mesa a fila alvissima das meninas que commungam, todas de branco, curvadas as pequenas cabeças numa nuvem de vé s vaporentos.

Como estava linda a gentil Cecilia com a nivea roupa de commungante! Tudo lhe assentava tão bem! Com que graça lhe cahia sobre os hombros marmoreos a coma luzidia! Ao segurar do livrinho de missa por dedinhos de fada, quem não l'hos beijara como se osculam reliquias? Quem não a creta santa e em extase não a adorára? O alvo sapatinho apertava bu-

MORTA

Ah! porque não fiquei na sepultura envolto em meu sudario apodrecendo. Eu que me vi feliz, quando morrendo Suppuz findar-se a minha desventura!...

Lá na camara funerea, fria, escura. Entre os vermes que iriam carcomendo Meu corpo, não estaria ora soffrendo Este inferno de amor, sem ter ventura!

E o Rabbi me chamou de novo á vida Julgando me outorgar a flicidade Quando ella para mim está perdida!

Deu-me a vida, mas não tranquillidade, Minh'alma não ergueu, deixou cahida, Nas garras de mulher sem piedade!

Rosas e o carnaval

A titulo de curiosidade publicamos o famoso decreto do tyranno Rosas «abolindo para sempre» o brinquedo do carnaval na cidade e campanha de Buenos Aires:

«Buenos-Aires, fevereiro 13 de 1844 — Os costumes oppostos á cultura social pertencem a todos os povos cu epochas. A autoridade publica pertence designar-lhes prudentemente seu termo.

Por todas estas considerações o governo accordou e decreta:

Art. 1.º Fica abolido e prohibido para sempre o folguedo do carnaval.

Art. 2.º Os entuventores soffrerã a pena de tres annos destinados aos trabalhos publicos do Estado e se forem empregados publicos cetero além d'isso privados de seus empregos.

Art. 3.º Communique-se, publique-se e insira-se no Registro official. — Rosas. — Agustin. — Garrigos. — Sonho dos tyrannos, julgam se eternos! Rosas e os outros lá se foram e os costumes ficaram.

Ao Kananga

Ha neste campo nu, quasi funereo. Um celico mysterio. Um dia este silencio e esta tristeza Estavam adornados

Do mais formosos lyrios perfumados. Só nente a dor o Bem Supremo alcança: Vem, que males soffreis, tende Esperança!

Niterov, 1900.

A. AZAMOR.

SECULO VINTE

Do luxo em bello requinte
E sem rivaes na edição
Entrar no seculo vinte
A gloriosa ESTAÇÃO!

Dizem as velhas discretas :
«A experiencia é lição,
Sigam, pois, queridas netas
Os conselhos da ESTAÇÃO.»

Dizem jovens ao espelho
A tir de satisfação :
«Como é util o conselho
Que colhemos na ESTAÇÃO!»

Saber vestir se é sciencia
Que exige muita attenção :
Jovem linda — em consciencia —
Só segue á risca a ESTAÇÃO!

Quem conservar formosura
Quem vestir com correcção
Não dispense a assignatura
Da popular ESTAÇÃO!

Entre alegrias honestas
E gosos de coração
Tenham muito boas festas
Os leitores da ESTAÇÃO!

Niteroy, 31-12-1900.

A. AZAMOR.

* CHRONIQUETA *

Rio, 12 de Dezembro de 1901.

A heroína destes ultimos dias tem sido a policia, a famosa policia fluminense, que continua a manter os seus velhos creditos de perigosa e brutal.

Dizer que ella fuzilou um homem em plena rua do ouvidor e brutalizou uma fraca mulher indefesa até mata-la, e dizer a verdade, — a verdade que nos envergonha, que nos avilta, que protesta contra os nossos fóros de paiz civilizado, igualando-nos á Costa d'África, se é que na Costa d'África ainda se praticam taes selvagerias.

E' bem triste, na verdade, pagar tão caro a uma policia que não faz senão desmoralizar nos, e que, apesar de todas as suas violencias, é impotente contra o jogo, esse cancro da sociedade fluminense, causa fundamental, senão unica, de todos os males que supportamos com tanta resignação.

✻

Pondo de lado os desmandos policiaes, a nota do minante do dia tem sido o calor, um calor quasi tão violento como a policia. Andamos todos por essas ruas de bocca aberta, pedindo de balde ao céu que nos mande uma boa carga d'agua. Mas o céu é implacavel: não nos attende, e nós desfazemo nos em queixas... e suor.

Feliz, tres vezes feliz a formosa leitora, se conseguír, apesar de andarem os tempos tão bicudos, veraneiar em Petropolis ou Friburgo, longe da rua do Ouvidor!

Da rua do Ouvidor que, pelos modos, vaee passar por uma transformação, devido á iniciativa particular,

isto é, vaee ser convenientemente calçada e illuminada a luz electrica.

O calçamento será feito á custa da municipalidade, mas a illuminação e o revestimento dos passeios — um bello revestimento de mosaico — correrão por conta dos negociantes ahi estabelecidos.

Na verdade é urgente levantar os creditos da rua do Ouvidor. A «grande arteria» tem perdido a sua phisionomia de outrora; já não é a rua do Ouvidor que foi! já não tem o movimento, a graça, o encanto, o *chic* que teve n'outros tempos. Salvemol-a enquanto é tempo!

✻

Sendo esta a ultima chroniqueta que escrevo este anno, e mesmo este seculo, cabe-me apresentar ás leitoras os meus sinceros votos para que Deus lhes conceda todas as venturas de que são dignas, e os meus agradecimentos pela paciencia e gentileza com que me têm aturado.

ELOY, O HERÓE.

THEATROS

Rio, 22 de Dezembro de 1900.

Não melhorou, depois da nossa ultima chronica, o estado mais que desanimador dos theatros desta infeliz capital, tão digna do melhor sorte.

Pôde-se mesmo dizer que não houve espectaculos rainaticos.

Felizmente annuncia-se para hoie em beneficio de Lucinda Simões, uma peça nova, em 1 acto, de Coelho Netto, intitulada *Fim de Raça*.

Valha-nos isso!

✻

O S. Pedro de Alcantara, o nosso unico theatro



PISCA A REDE NO LAGO TIHM

o foco das nossas mais queridas tradições artisticas, está outra vez occupado por uma companhia eques- tre e acrobatica, Patiencia...

Entretanto, os proprios cavallinhos não fazem negocio, e tanto o jardim da Guarda Velha como o Alcazar Parque vão a pouco e pouco perdendo a in- fluencia das primeiras noites. E' verdade que o calor tem sido excepcional.

« Todavia o pobre Variedades foi transformado em *Moulin Rouge* por um empresario que espera, natu- ralmente, supplantar a todos os seus collegas. Veremos.

X. Y. Z.

Almanach Hachette 1901

Preço para a Capital 3:000, pelo correio registrado 3\$500

ROMANCES DE ACTUALIDADE

- Sein Kiewigz — Quo Vadis
 En Van.
 Par le ter et par le feu.
 Sans Dogme.
- Rostand — L'Agilon.
 Ohnet — La Tenebreux.
 Daudet — Premier Voyage premier mensonge.
 Prevost — L'heureux Menage
 Montifaud — La Chair qui aime, la Chair qui tue.
 Balzac — La Cousine Bette.
 " Le Lys dans la Vallée.
 Murebeau — Journal d'une femme de Chambre.
 Pourget — Un Homme d'affaires.

Preço de cada um para a Capital 5\$000
 Registrado pelo correio 5\$500

A' venda na CASA LOMBAERTS

7 Rua dos Ourives 7
 RIO DE JANEIRO

Correspondencia

Pedimos á todos que se dirigirem á nossa casa por carta, para pedidos de in- formação, o obsequio de incluir um sello de 200 reis para a devida resposta.

Juramento Sagrado

Que minha face empallideca e encove, si eu minto, quando digo a toda a gente que só se compra louça de patente na rua Larga, cento e vinte e nove.

MARIA THEREZA.

Exercicio de Grammatica Analyse Lexicologica e Syntactica

POR
 Um Amigo da Instrução

Curso Primario — Livro do Discipulo... 2\$000
 Curso Secundario — Livro do Discipulo... 2\$500
 Curso Primario — Livro do Mestre... 8\$000

Pelo correio mais 500 rs.

Rua dos Ourives, 7 — Rio de Janeiro

PILULAS DE BLANCARD

APPROVADAS PELA
 ACADEMIA DE MEDICINA
 DE PARIS

Resumem todas as
 Propriedades
 do IODO
 e do FERRO.

40
 Rua Bonaparte
 PARIS

Estas Pilulas são de uma efficacia maravi- lhososa contra a *Anemia*, *Chlorose* e todos os casos em que se trata de combater a *Pobreza do Sangu*.



Dr. Campos Salles

Illustracion Sul Americana periodico illustrado, dous numeros especiaes em refe- rencia aos acontecimentos durante o estado do nosso presidente em Buenos-Aires. Preço para a Capital Rs. 5\$000; pelo cor- reio registrado Rs. 6\$000, para cada um.

Bilhetes postaes argentinos com os re- tratos dos dous presidentes Campos Salles e Rocca. Preço para a Capital 500 reis, pelo correio registrado 800 reis.

ULTIMAS NOVIDADES MUSICAES

Grande estabelecimento de pianos e musicas DE

Fertim de Vasconcellos, Morand & C.

147, Rua do Ouvidor, 147

- Folkas
 Brincando, por H. Dias... 1\$000
 Vai sabindo, por A. Keller... 1\$000
- Tangos
 Só de mão, por E. Telles... 1\$000
 Ferruge, por E. Telles... 1\$000
 Tango do pianista, por Costa Junior... 1\$000
- Valsas
 Tristeza d'alma, por Martins... 1\$000
 Dolente, por Carlos Marques... 1\$000
 Tragabalas com letra, por Costa Junior... 1\$000
 Amor que mata, por J. G. Christo... 1\$000
 Desprerenciosa, por J. G. Christo... 1\$500
 Elegante, por A. Cavalcanti... 1\$500
 Juracy, por A. Nunes... 1\$500
 Licea, por Evora Filho... 1\$500
 Meus oito annos, por O. Carneiro... 1\$500
 O teu olhar me seduz, por Evora Filho... 1\$500

Schottisch
 Alzira, por Campos Junior... 1\$000
 Guanabara, por I. Madeira... 1\$000
 Grimalda de noiva, por Evora Filho... 1\$000
 Primeiro Amor, por E. Telles... 1\$000

Quadrilhas
 Borb letas, por E. Couto... 1\$000
 Recordações da infancia, por J. M. La- cerda... 1\$000

Remettem-se encomendas para o int- rior juntamente com o **brinde** mensal que a casa offerece.
 147, RUA DO OUVIDOR, 147

VINHO DE CHASSAING
 BI-DESTIVADO
 Recetado ha 30 annos
 CONTRA AS AFFECÇÕES DAS VIAS DIGESTIVAS
 Paris, Avenue Victoria nº 6.



A "PHOSPHATINA FALIÈRES" é o mais saporoso e o mais recommendado alimento para crianças desde a idade de 6 a 7 mezes, principalmente quando começam a ser desmamadas e no periodo de crescimento. Facilita a dentição e concorre para boa formação dos ossos.
 PARIS, AVENUE VICTORIA Nº 6 R. NAS PHARMACIAS

PRISÃO DE VENTRE
 e Viciaes
 Pó Laxativo de Vichy
 O. SOULIGOUX
 125, rue de Valenciennes, PARIS

CRÈME SIMON
 PARA
 CONSOVAR ou dar ao rosto
 FRESCURA
 MACIEZA
 MOCIDADE.

Para proteger a epiderme contra as influencias perniciosas da atmosfera, é indispensavel adoptar para a toilette diaria o CRÈME SIMON.

Os PÓS de Arroz SIMON e o SABONETE Crème Simon, preparados com gliceria, a sua acção benéfica é tão evidente que não ha ninguém que o use uma vez que não reconheça as suas grandes virtudes.

J. SIMON, 36, Rue du Provençe, PARIS
 PHARMACIAS, PERFUMARIAS e lojas de Cabaretiers.

Desconfiar das Imitações.

KAROPE DELABARRE
 (DENTICÃO)
 Karope sem narcotico...
 Egija se o Carimbo official e a assignatura Delabarre.
 FUMOZE-ALBESPEYRES, 78, Faubourg Saint Denis, Paris

L'APPEL E CIGARROS
 ANTI-ASTHMATICOS
 de Bin BARRAL
 Recomendação...
 FUMOZE-ALBESPEYRES, 78, Faubourg Saint Denis, Paris

NUNCA APPLIQUE-SE UM
 VESICATORIO SEM SE TER O
 VESICATORIO DE ALBESPEYRES
 FUMOZE-ALBESPEYRES, 78, Faubourg Saint Denis, Paris

Assumpção

Este anno, como no de 1885, o dia 15 de agosto cahiu á terça-feira.

Foi na vespera da Assumpção que se feriu entre portuguezes e castelhanos a batalha de Aljubarrota.

Lá o diz Fernão Lopez: «A' segunda-feira, ante manhã, vespera da Virgem Maria, bem cedo de madrugada, mandou o conde dar ás trombetas. e... logo como foi de dia, partiu d'alli (Porto de Mós) toda a hoste e foram caminho daquelle campo, onde depois foi a batalha, que é d'ahi uma pequena legua.

Aos portuguezesurgia cortar a projectada marcha dos castelhanos sobre Lisboa, tanto mais que já estava no Tejo a armada de Castella.

Em momento assim decisivo para a independencia de Portugal, pois que no mesmo lance se jogava a sorte do rei e do povo, o destino da nação inteira, e poucos momentos antes do choque de dois exercitos desiguales em numero, pois que o de Castella se avantajava a nosso, em grandeza, não em valor, natural era que ao espirito dos combatentes, uns e outros catholicos romanos, acudisse a lembrança de invocar a Mãe de Deus, cujo transito para a gloria eterna a Igreja ia commemorar dentro de poucas horas.

Dos portuguezes sabemos nós que, a exemplo do seu novo rei, confiavam do auxilio divino a victoria que sem tamanha fé parecia improvavel.

Muitos delles guardavam o jejum da vigilia da Assumpção. Sem comer nem beber, *for ser vespera de tal festa*, formados em batalha desde sol dado, com o rosto ao sol, aguentando até ao meio dia o calor de uma ardente manhã de agosto, mostravam-se alegres e despreocupados, depois de terem confiado o seu destino á Virgem Santa Maria, protectora dos portuguezes, a quem jámais desamparara.

Um cavalleiro gascão, nicoer João de Montferrat, que já tinha corrido aventuras em sete batalhas, prophetisara a victoria, porque, dizia elle, jámais vira soldados tão ledos na hora do combater.

O rei, firme na sua ré, com o pensamento em Nossa Senhora, cuja festa se aproximava, respondeu-lhe n'um tom que inspirava animo:

— Essa fuza (confiança) tenho eu em Deus e na Virgem Maria, que assim será como vós dizeis, e eu vos prometto muito boa alviçara de vossa boa prophacia.

Ouvindo estas palavras, que davam coragem, alguns dos mais jovens guerreiros fizeram audaciosos votos a que então se chamava «denodamentos». Vasco Martins de Mello, o moço, prometteu prender o rei de Castella ou ser o primeiro a por-lhe as mãos Gonçal) Annes de Castel Vide jurou que a primeira lançada a jogaria elle contra os castelhanos.

O rei conhecia e pesava o valor de seus homens d'armas, mas conhecia ainda melhor o auxilio com que a Mãe de Deus sempre lhe tinha acudido na sua aventureosa vida de bastardo que chega a conquistar um throno.

Fazia secretamente, no fundo da sua alma, votos á Divina Protectora, que jámais lhe havia faltado. Parecia-lhe designio celeste que se agitasse o dia da batalha na vespera da Assumpção, fim e corôa da vida de Maria Santissima, que *tôra exaltada ao céu exallata est sancta Dei genetrix*, onde eternamente havia de permanecer em gloria perene.

Promettia mandar erigir um mosteiro a Nossa Senhora no logar em que ia dar-se a batalha, se a vencesse.

Dil o no testamento com que falleceu: «Porque n'os promettemos, no dia da batalha, que houvesmos com el-rei de Castella, de que Nosso Senhor Deus nos deu victoria, de mandar nos fazer a honra da dita Nossa Senhora Santa Maria, cuja vespera então era, ali cerca d'onde ella foi, um mosteiro.

Promettia uma romagem a Nossa Senhora da Oliveira em Guimarães, santuario que lhe não inspirava menor fé que a ermida da Escada em Lisboa, tantas vezes por elle devotamente visitada.

O mysterio da Assumpção, que n'os decurso dos tempos inspirou os maiores pintores do mundo, Ti-

tao, Corregio, Julio Romão, Murillo, Leos e Poussin, inspirou ao rei de Portugal uma tela mais grandiosa e bella, mais viva, do que todas as outras, porque a pedra é eterna como o tempo, e a «Batalha nasceu da victoria de Aljubarrota.

O condestavel D. Nuno, a cavallo, o escudo no braço para apurar os primeiros virotões castelhanos, que vinham pelo ar como carteis de desafio, estimulava o brio da vanguarda, correndo de uma ala a outra, lembrando a todos, que a Madre de Deus, cuja vespera entones era, seria avogada por elles.

El-rei, na resguarda onde estava, rectaguarda dizemos hoje, animava os seus companheiros d'armas gritando: «Em nome de Deus e da Virgem Maria, cujo dia de amanhã é, sejamos todos fortes e prestes.»

A batalha foi um choque tremendo, rapido e decisivo.

No primeiro impeto, os castelhanos, bandeira tendida romperam a vanguarda portugueza. D. João I, para conjurar o perigo imminente, abala do seu logar, anima a hoste gritando: — S. Jorge! Portugal! S. Jorge! Portugal! — empenha-se no combate, a coragem renasce com o seu exemplo, e um momento depois, quasi um milagre, os castelhanos recuam, desmantelam-se, debandam ao som da grita dos nossos, que bradam — Já fogem! já fogem!

O proprio rei de Castella toma um cavallo posante, com que os seus lhe acodem, e solta as rédeas na direcção de Santarem.

Vasco Martins de Mello, querendo cumprir o seu denodamento, lança-se no encalço do rei fugitivo. Quer tocar-lhe com as mãos, se não puder prendel-o. A cruz de S. Jorge denuncia-o. Conhecem-no como portuguez. Paga com a vida o esforço da sua coragem.

Como foi que á mesma hora da batalha ou pouco depois, constou em Lisboa a victoria dos portuguezes?

O povo que desde que os castelhanos entraram a fronteira, entoava em altas vozes, de igreja em igreja, a *Salve Rainha*, e por vespera da Assumpção especialmente solemnisava com hymnos e canticos a vigilia de tamanha festa, alvorçou-se fedamente com a boa nova, que não sabia como chegára, nem como tinha vindo.

Queria explicar se o facto, mas enlabyrinthava-se ainda em maior mysterio.

Contam-se de Aljubarrota a Lisboa vinte e duas leguas; não podia haver corcel que as vencesse em tão escasso tempo, porque já depois do meio dia tinha começado a batalha.

— Quem dissera aquillo? perguntavam os grupos de uns a outros.

— Um homem vestido de roupas vermelhas, respondiam vagamente.

— Quem o viu? Onde pousa?

— Em tal casa.

Corriam ao logar indicado, e de semelhante homem ninguem sabia dar melhor noticia.

Mas a atoarda da victoria passava de bocca em bocca, com a rapidez de um relampago, que tivesse brilhado no céu.

Na fé que a boa nova era certa, sem d'ella haver maior certeza, foi-se o povo a suas pousadas, e no dia seguinte, que era o da Assumpção, logo de manhã começou a correr á Sé em cujo throno a imagem de Santa Maria era fervorosamente adorada desde o tempo de Afonso Henriques.

Passára-se o dia na commoção da boa nova, que tão mysteriosamente se espalhára, e na esperança, que todos nutriam, de que a Mãe de Deus, no anniversario solemne da sua exaltação ao céu se dignaria confirmal-a.

Era posto o sol, bem tarde, diz o chronicista, e já chegando a piedosa turba que entoava a *Salve Rainha* n'um coro de muitas vozes.

A calma de um dia canicular de agosto tinha declinado docemente, refrescada pela aragem da noite, que principiava a soprar benigna. O clarão dos citios incandava de reflexos purpuros as paredes negras da Sé. E as vozes afinadas de centenas de pessoas ondulavam como uma nuvem de humo de alando-se para o céu n'uma audição fervorosa de fé e gratidão.

... e a turba, que se reunia em volta da igreja dentro afastando a turba.

Fôra enviado por João Mathias, escudeiro de Alenquer.

— E' ganha a batalha! exclamára elle.

— Quem volo disse, moço?!

— E' ganha a batalha! e ganha o mancebo, como se viera de Aljubarrota por ganhar alviçaras.

Suspenderam-se as vozes n'um pasmo de surpresa alegre, para melhor ouvir o moço, que repetia:

— E' ganha a batalha! e ganha a batalha!

E então, obedecendo a uma batuta invisivel, o coro rompeu mais alto e melodioso, continuando a *Salve Rainha*, como um olho d'agua que, reprimido um momento, gahasse maior impulso para subir a vertiginosa altura.

No texto da oração o pensamento dos fieis certamente intercallava, com devoção profunda, as palavras do moço alviçareiro: «E' ganha a batalha!»

No dia seguinte, e á quarta-feira pela manhã muito cedo) chegou de Oeiras um homem, de nome Martin Mealha, que trouxe a confirmação da boa nova.

Era um captivo dos castelhanos, que estava a bordo da nau de Pêro Afam, no Tejo, quando lá chegou desbaratado, vindo de Santarem o rei de Castella. No envorilho, que vale tanto como dizer— reboliço— pudera fugir e não tivera outra ideia senão ganhar a nado a praia de Oeiras com a mensagem da victoria.

Tamanha confiança merecia o testemunho do mensageiro, que logo se ordenou uma procissão á ermida de Santa Maria da Escada, junto ao rocio.

Mulheres, homens, frades, clérigos, todos descalços, acompanhando a imagem de S. Jorge, pozeram-se a caminhar cantando. Um bello sol de agosto, derramando uma luz de ouro n'um céu azul bem portuguez, dava a esse espectáculo religioso um brilho phantastico. E nos corações e nos labios dos fieis afervorava-se a crença, em pulsações e palavras, de que Santa Maria, mãe de Christo, quizera assignalar com esta victoria o dia em que subira até Deus depois de Deus ter descido até Ella.

ALBERTO PIMENTEL.

(De Lisboa.)



N'outro tempo...

Nas *Memórias* do duque de Gloucester, — livro interessantissimo, cuja leitura aconselhamos aos que soffrem... do fígado, — encontra-se a alegre narrativa de um episodio galante, que promoveu grande hilaridade na corte e em todo Londres, por serem os protagonistas pessoas muito conhecidas.

Havia poucos mezes que debutára no theatro Drury Lane uma joven artista que desde a sua apparição excitára vivissimo enthusiasmo, tanto pelas suas privilegiadas qualidades de comediante, como pela formosura excepcional. Muito applaudida no desempenho d'alguns papeis secundarios, alviçara, no dia em que substituiu a primeira actriz, interpretando o de *Lady Macbeth*, um triumpho, e desde esse momento ficou a sua fama...

Os principaes senhores da corte, pretendendo, á força de ricos brindes e de tributaes offertas, afastal-a do bom caminho em que se resolveva a seguir, Miss Kate Lindsay, não se deixou, nas apaixonadas declarações dos seus adoradores, mas sem se reuider; se acceptava o dilecto de flores que chovia no seu camarim, não se permitia receber as villosas joias e ouvia as esplenidas proposições como quem ouve chover em noite de verão, seguindo com este procedimento, não se deixou levar n'aquella epoca entre as senhoras de theatro, a tomar a estimação do publico e as ancias dos seus adeptos, tanto mais obstinados e ena... mais difficil viam a realiação das suas ambições.

D'elles, o que mais inflammado se... lord Hamilton, em quem parecia que... ella os desdenos de Kate, nem a temer... repulsva as dádvas mais tentador... lord algo rapaz, pois se creceava dos... servava ainda alguns restos de valor...

em seus bons tempos lhe conquistara o favor do sexo debil; mulherengo sempre e julgando-se irresistivel, andava continuamente metido em empresas amorosas, substituindo os prestigios da mocidade perdida e de um physico escalabrado, com as artes de uma experiencia consumada e sobretudo com as seducções d'uma fortuna immensa.

Incomprehensivel deveria parecer ao maduro Lovelace que uma comediante exaggerasse o recato até o ponto de desalar, durante semanas e mezes, um homem como elle. Baldamente multiplicou efferecimentos: quanto mais deslumbrantes eram estes, mais espiava se mostrava a impráxis desesperante. Lord Gloucester conta que Hamilton, vendo falhar todas as suas tentativas, teve a pouca feliz ideia de appellar para o sentimentalismo, e que uma noite jurou ao seu adorado tormento que, se lhe não dava a palavra de responder-lhe dentro de vinte e quatro horas, — na vigéssima quinta se suicidaria.

— Pois não sera pouca a alegria de seu sobrinho sir James quando li'o disser... replicou maliciosamente a artista.

Furioso e procre, resolveu obter pela força o que de bom grado não podia alcançar, e certa noite d'inverno dispôz que uma carruagem se situasse junto da porta do theatro por onde sahiam os actores, terminado o espectáculo. Quando Kate Lindsay se retirava, acompanhada da camareira, saltaram simultaneamente da boléa e da traseira do coche tres robustos laçaios que, apoderando-se da dama e sem lhe dar tempo para volver do assombro do ataque, a metteram no interior do vehiculo, onde penetrou tambem um dos raptores para a impedir de gritar. Logo partiram os cavallos a galope, enquanto a companheira da raptada ficava muda e attonita no meio da rua, sem acertar a preferir um grito.

A carruagem seguiu em veloz carreira, não parando em toda a noite senão para mudar de parrelha, e era já pleno dia quando se deteve em frente do castello senhorial que lord Hamilton possuia a cincoenta ou sessenta milhas de Londres. O pouco escrupuloso magnate, julgando com esse acto de violencia precipitar o desenlace da sua amorosa empresa, ordenára que a installação da actriz se fizesse com todo o luxo imaginavel, e a tratassem com os respeito devidos a uma rainha. Deu-lhe tempo para descansar, para refazer-se d'alimentação, para discorrer sobre circumstancias do caso, e ao cair da tarde, entendendo ser chegado o momento psychologico, apresentou-se sorridente no carcere da sua prisioneira. Mas ao primeiro olhar que fitou na captiva avésinha, quedou se gelado de pasmo: em vez de ter a formosa actriz, tinha a donzella do seu serviço, respeitavel donzella de sessenta annos de contornos virginaes, seja, mas sufficiente mente bella. Os gentes do aristocratico raptor tinham sido enganados e desmoralizados.

Explicou-lhe o narrador explica dizendo que, para enganar a Kate Lindsay burlar os galãs que a esperavam á subida do theatro e a capturar-lhe em galanteios, trocava com ella o seu rosto. A actriz envolvia pelo modesto chaile a sua verdadeira face. Cobria-se esta com o da ama, e a ama cobria-se com a da actriz. A actriz deliciava-se immenso com a peça de teatro que seus adoradores. Iludidos, como toda a gente, tinham creído em suas apparencias, os laçaios de lord Hamilton foram enganados e desmoralizados.

Accusou lord Gloucester que o burlado Tenorio se enganou a criada para guardar segredo e que os raptadores, cavallos, correram a Londres para lançar a culpa sobre Kate, a pedir-lhe humilde perdão e que, quando se divulgasse uma aventura grotesca da actriz, elle se punha em ridiculo. Mas chegou a noticia de que a actriz participara ao sheriff a occorrença e elle, embora judicialmente se enterrasse o segredo, não pôde evitar de custar muito caro ao autor da fraude. A actriz expoz de ironicos ditchos que elle se punha a viagem por França e Italia para se divertir e os graciosos; e quatro annos depois de ter chegado a Inglaterra, teve a satisfação de

ver o seu antigo idolo casado com o primogenito de lord Macdonald, um dos maiores e mais pupilentos senhores da Escocia.

FRANCISCO MYSTERIO.

HIERATICO

Oh pallido Jesus, oh Ser Divino!
Tu que foste tão cheio de bondade,
Porque vives na Eterna claridade,
Quando é negro e cruel o meu destino?

Ante os olhos de vaga escuridade,
Tudo passa rasteiro, pequenino;
Pois não vejo no Azul da immensidade
Esse Amor que nos faz perder o tino!

Estende-me, Senhor, esses teus braços,
Visio que foste o árbitro do Mundo,
Rei supremo da terra e dos espaços.
Seja, embora cruel a minha Sorte,
Que seja meu pesar o mais profundo,
Hei de abalar o carcere da morte!

(Dos *Fluctuantes*).

JOSE VELLO.

Phantasias

ASPECTOS

Quinta feira.

Passa sobre as nossas cabeças uma brisa ligeira e perfumada, que n'um ciclar branlo, vai agitar vagarosamente as folhas dos arvoredos adormecidos.

A escuridão, ainda completa, impede que a vista se alongue além de um pequeno circulo e em torno de nós, envoltas no véo d'uma neblina fria, as arvores tomam um aspecto extranho, assemelhando-se a phantasticos entes surpreendidos na sua quietação somnolenta.

No negrume do céu, as estrellas brilham com fulgor extraordinario e em rapidas scintillações vêm remirar-se cheias de valdade, no espelho do mar, que tambem parece dormir.

Reina um silencio quasi que absoluto, porém um d'estes silencias sublimes e magistraes, em que parece que se pôde ouvir a germinação dos seres e o desenvolvimento das cedula da vida. Ha na natureza silencias tão grandes, tão profundos, que aos nossos ouvidos chega distinctamente o murmuro do sangue, correudo nas nossas proprias veias!

Mais nitidamente vai-se destacando da massa uniforme e negra que se fechava o horizonte, a linha e os contornos das montanhas ao longe e a neblina que cobria os camin os vai-se adelgaçando, despindo as arvores da unica phantastica de que se revestiam.

Agora, no interior da materia, ouve-se um piar constante dos passaros que, n'um accordar alegre, preparam-se para entoar o grande hymno da madrugada, e de longe em longe destaca-se um arrular prolongado e plangente, que quebra o silencio como um suspiro da floresta.

As estrellas scintillam ainda mais, parecendo-se com os olhares dos amantes no momento da despedida; a brisa passa intermitente e branda e repentinamente a desenha-se no céu, do lado do nascente, uns leves pontos roseos, que aos poucos vão-se avivando.

A claridade accentua-se, o roseo pallido que cobria as nuvens colora-se mais fortemente, o cimo das montanhas, já então perfeitamente visiveis, vão cobrindo-se d'uma nuance azulada, enquanto que o mar, levemente encrespado pela brisa e d'uma cor indecisa, composta das sete cores do prisma, vem preciosamente espriar-se nas areias brancas.

Mudaram-se as cores. Agora é um vermelho purpureo que vem inundar de um só jacto todo o céu, junto a superficie do mar, e aos poucos vai-se esbaltando em nuances menos vivas, á proporção que affasta-se, até apagar-se completamente de encontra as nuvens brancas, que parecem paradas no alto.

Avivam-se as tonalidades rubras que cobrem o céu e de repente surge, mesmo á flor d'agua, como que sahido do proprio mar, e ainda humido, um segmento de ouro reluzente, que distende pela superficie do oceano um reflexo brilhante e fascinador.

O ouro impera agora e o mar parece coberto d'uma camada faiscante d'este metal diluido, e enquanto que as nuvens, envoltas em uma tinta mixta de branco, rubro e dourado, vão se affastando para os lados, como para formarem alas á passagem radiosa do sol, que vem surgindo.

Na mania, a musica dos cantores alados enche de encantos a floresta e os mil rumores dos seres vivos despertam ao serem trocados pela vara magica dos raios do rei dos astros.

A brisa que cubia ha pouco volta de novo leva de envolta com seus ultimos baleios, para traz das montanhas, as ultimas dobras do véo escuro da noite. Amanheceu!

Tudo acorda e vive, e n'este momento, o mais sublime do dia, todos os seres, desde os infusorios perdidos no fundo do mar, até as aguias que adejam,

procurando tocar no grande azul, elevam um hymno de gratidão ao Creador!

Foi tambem muito bella a aurora do nosso a eu, que seguia, cabeça baixa, pela estrada da erguendo a um dia e fitando-te, senti que em n'alma renascia uma vida nova, pois teu olhar foi que affugentou a noite de meus tormentos, oh amada!

Rio novembro, 1900.

IBERE.

Mosaico

O professor Malgaigne tinha quasi sempre um certo riso de mofa e era muito ironico.

Um dia, em um exame, elle poz-se a argumentar a respeito de alguns trechos de uma these: o infeliz candidato tinha perdido a tramontana e respondia a torto e a direito.

— Emfim, exclamou o examinador já perdendo a paciencia, é necessario que o senhor me dê pelo menos uma boa resposta!... Poderá dizer-me o que seja crear?

— Crear? ballucia o rapaz já fonto, é lazer de nada alguma cousa.

— Pois então, saiba que vamos crear o doutor.

✱

No salão de pintura perguntam a uma menina, que quer passar por ingenua, mostrando-lhe uma estatueta:

— E' rapaz ou rapariga?

A menina muito ingenua:

— Não posso saber... porque está vestida.

✱

Um sujeito vem da Italia e conta que viu lá nadadores extraordinarios. Deitava-se ao mar uma moeda de ouro, elles, mergulhando, iam buscála ao fundo e traziam-na nos dentes.

— Ora! forte admiração! diz um marsehelz; na minha terra ainda fazem mais os nadadores. Atira-se-lhes uma moeda de ouro; elles mergulham e trazem-na nos dentes, trocada em miudo.

✱

Em um club de uma cidade elegante:

— V. ex. concede-me a honra desta contradansa?

— Vou perguntar a papae.

Vem o pae e, depois de examinar o candidato, concede a licença pedida.

No fim da contradansa:

Elle — Quer vir amanhã connosco a uma pescaria?

Elle — (pudibundo) — Vou perguntar a mamãe.

✱

Depois de uma violenta discussão Calino é apotrochado pelo seu contendor com o epitheto de porco espinho.

— Retire immediatamente a expressão, diz o homem no auge da indignação.

— Nunca.

— Tem de dar-me uma satisfação.

— Como quizer.

— Calino com brandura.

— Vamos, o senhor retira alguma cousa.

Seja. disse o contendor, retiro o espinho.

MOLDES



Temos a satisfação de communicar ás nossas gentis assignantes e leitoras que, apesar de nosso silencio, continuamos com o nosso serviço de moldes tanto d'1.ª Estação, como de qualquer outro jornal, para esta cidade e para o interior da Republica.

Ha uns bons trinta annos temos nos incumbido desse serviço, confiando o sempre a pericia de verdadeiras artistas em materia de cortes.

Agora mesmo as senhoras a quem confiamos esse trabalho, são das mais habilitadas mestras no assumpto, no qual não temem confronto.

Nunca recebemos reclamações contra o serviço da casa e com unanidade podemos assegurar que estamos habilitados a satisfazer a frequencia mais exigente, sem que tenhamos receio de que nos venham dar lições de apuro e bom gosto, nem na maldicidia de nossos preçós.

Para o presente numero offerecemos:

N. 64 — Saia de canudos..... 1500

N. 26 — Manga..... 1500

Os recados são recebidos no escriptorio desta folha, bem como, a importancia que deve acompanhar o pedido.

Pelo correio mais 300 réis para o primeiro molde e 200 réis para cada um dos que se seguiu.

A ESTACÃO

PARTE LITTERARIA

FADINHA

v

Se Alexandre se admirava de que o barão de Morais houvesse renunciado à carreira, mais admirado ficou quando que o velho, depois de um instante, começou a tratá-lo como uma pessoa a quem a atenção que em pouco tempo se transformavam em familiaridade.

Chamava-o para o auxiliar em todos os trabalhos do escritório, confiando-lhe serviços de certa responsabilidade,

incumbia-o de receber grandes sommas ou levá-las ao banco, e um dia, estando o moço a passar uma carta a limpa, uma carta confidencial, de muita importancia, o patrão offereceu-lhe um dos seus magnificos huyanos de 300 réis, dizendo-lhe: — Fume, Alexandre.

Motta, o socio do barão, que era a antithese deste, bonacheirão e amavel, amigo dos seus empregados, estava estupefacto e não sabia a que attribuir aquelle favoritismo: não guardava livros, porém, e os demais calceiros, já encimados, e talvez instruídos pelas perversas insinuações do linguado Pimenta, murmuravam: — Não ha nada assim ter irmã bonita!

O barão pedia constantemente a Alexandre noticias da familia, interessando-se pela viviva, e repetindo, quasi todos os dias, o offercimento dos seus serviços e da sua assistência para prevenir, renovar ou sanar qualquer difficuldade que surgisse pelo subito fallecimento do velho Rapos. O rapaz desconfiava-se em agradecimentos, e, chegando á casa, cantava á mãe todas as attentões e finezas que merecia ao patrão.

D. Firmião, que era pescieuz e manhoso, desconfiou, naturalmente, que o barão, impressionado pela belleza de Fadinha, procurasse meios e meios de se aproximar, e um dia pediu ao filho a que lhe offerecesse a casa, dizendo-lhe que

NINON DE LENCLOS

escrevem a dar-nos, que jamais os seus macular-lhe a epiderme. Da passiva dos 80 annos conservava-se jovem e bella, atrahido sempre os profundos um certinho de bapuzismo que rasgava á curulo Tempo, cujo foice embotava-se sobre sua encantadora physiognomia, sem que nunca deixasse o menor traço. «Muito verdadeiramente» via-se obrigado a dizer o velho rubicundo, como a raposa de Lafontaine dizia das nuvas. Este segredo, que o celebre e egoista fazeira jamais confidaria quem quer que fosse das posses daquella época, descobriu-o o Dr. Lesante entre as folhas de um volume de *L'Histoire anecdotique des modes*, de Bussy-Rabutin, que fez parte da bibliotheca de Voltaire e é actualmente propriedade exclusiva da **PARFUMERIE NINON**, *Maison Laidoux, Rue du 4-Septembre, 35 à Paris*.

Esta mesma tenacidade á disposição das missas elegantes, sob o nome de **VERTABLEE EAU DE NINON**, assim como as receitas que d'ella provêm, por exemplo, o

DUVET DE NINON

pó de arroz especial e refrigerante;

Le Savon Crème de Ninon

especial para o rosto que limpa perfectamente a epiderme mais delicada sem altera-la.

LAIT DE NINON

que dá alvura deslumbrante ao pescoço e aos hombros. Entre os productos conhecidos e apreciados da **PARFUMERIE NINON**, contam-se:

LA POUDRE CAPILLUS

que faz voltar os cabellos brancos á cor natural existe em 12 cores;

SEVE SOURCILIERE

que augmenta, engrassa e brinca as pestanas e os supercillos, ao mesmo tempo que dá vivacidade ao olhar.

LA PATE ET LA POUERE MANODERMALE DE NINON

para ahuara, alvura brilhante das mãos, etc., etc.

Corem exigir e verificar o nome da casa e o endereço sobre o rotulo para evitar as imitações e falsificações

PARFUMERIE EXOTIQUE
E. SENET
35, Rue du 4-Septembre, 35, PARIS

MÃO DE PAPA do duque, de principe, por meio da **Pâte des Prélats**, que embranquece, tiza, a-acetina a epiderme, impede e destrõe as freiras e as rachas.

UM NARIZ PICADO de pequenas borbulhas ou com cravos tortos a recuperar sua brancura primitiva e suas côres lisas por meio do **Anti-Bolbos**, producto sem igual e muito contrafeito.

ARMADO COM AS CONTRAFACÇÕES

Para ser bella e encantar todos os olhos deve-se servir da Fleur de Pêche pó de arroz feito com fructos exóticos.

POUCOS CABELLOS

Fazem-se crescer e cerrados empregando-se o **Extrait Capillaire des Bénédictins du Mont-Majella**, que tambem impede que caíam e que fiquem brancos.

E. SENET, Administrateur, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

NÃO ARRANQUEM MAIS

os dentes estragados, as freiras e brancos com o **Elixir dentifrice des Bénédictins du Mont-Majella**.

E. SENET, Administrateur, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

CALLIFLORE
FLOR DE BELLEZA
Pós adherentes e invisiveis

Grças ao novo modo porque se empregam estes pós communicam ao rosto uma maravilhosa e delicada belleza e deixam um perfume de exquisita suavidade. Alem dos brancos, de notavel pureza, ha outros de quatro matizes diferentes, Rachel e Rosa, desde o mais pallido até ao mais colorido. Poderá pois, cada pessoa escolher a cor que mais lhe convenha ao rosto.

PATE AGNEL
Amygdalina e Glycerina

Este excellento Cosmetico branquea e amacia a pelle, preserva-a do Cieiro, Irritações e Comichões tornando-a aquelludada; pelo que respeita as mãos, dá solidez e transparencia ás unhas.

AGNEL, Fabricante de Perfumes,
16, Avenue de l'Opéra, Paris.

E ha suas seis Casas de venda por miudo nos bairros mais ricos de Paris.

Perfumaria extrafina

L.T. PIVER

PARIS

Corylopsis do Japão
Evitar as Imitações e Falsificações

Le Trèfle Incarnat
Parfume de Moda

Rosiris

Senteur des Prairies

Violettes de Parme

Dentifricios Mao-Tcha
PÓ, PASTA & ELIXIR

Almanach Hachette 1901

Preço para a Capital 3\$000, pelo correio registado 3\$500

ROMANCES DE ACTUALIDADE

H. Stokilovitch — Sans Dogme.
Rostand — L'Anglon.
Ollivier — La Tenebreuse.
Daudet — Premier Voyage premier mensonge.
Prevost — L'heureux Menage
Montfaucon — La Chair qui aime, la Chair qui tue
Balzac — La Cousine Bette.
" — Le Lys dans la Vallée.
Micheaux — Journal d'une femme de Chambre
Bourget — Un Homme d'affaires.

Preço de cada um para a Capital 5\$000

Registado pelo numero 1500

A venda na **CASA LOMBAERTS**
7 Rua dos Ourives 7
RIO DE JANEIRO

HOUBIGANT
PERFUMISTA
da RAINHA d'INGLATERRA e da CORTE da RUSSIA
PARIS

AGUA HOUBIGANT
SEN RIVAL PAHA O TERNADOR

AGUA de TOUCADOR Royal Houbigant.
AGUA de COLONIA Imperiale Russe.

EXTRACTOS PARA LENÇOS: Violette Idéale, Royal Houbigant, Peau d'Espagne, Moskari, Iris Blane, Le Parfum Imperial, Mokka, Muguet, Ollivier Reane, Imperial Russe, Lilas blanc, Heliotrope blanc, Fougere Royale, Gloxinia, Jasmin d'Espagne, Cuir de Russie, Giroflee, Corydalis, Bantou d'Or, Sunrise, Ivoire.

SABONETES: Ophelia, Peau d'Espagne, Violette Idéale, Fougere Royale, Lait de Thibode, Royal Houbigant.

PÓS OPHELIA, Talisman de B. Reane.
PÓS PEAU D'ESPAGNE.
LOÇÃO VEGETAL, para os Cabellos.
PÓS HOUBIGANT.

PERFUMARIA ESPECIAL MOSKARI

ella, D. Firmina, muito reconhecida a todos os favores do titular, tinha muita satisfação em lhe agradecer pessoalmente.

Se D. Firmina bem o disse, Alexandre melhor o fez, e o barão de Moreira, já se vê, não deixou fugir uma occasião que havia já dois mezes procurava.

Um bello domingo dignou-se almoçar no Engenho Novo, em casa de D. Firmina, que, para dar maior solemnidade à visita, foi esperal-o na estação, acompanhada pelos rapazes e pelos rapazes, porque Fadinha, sabendo da vinda do barão, fechou-se na alcova, pretextando uma violenta enxaqueca, e não houve supplicium nem ralhos que a fizessem sair.

A moça estava desesperada; há mais de um mez que não via o seu querido Remigio. Foram tantas as grosserias de D. Firmina e dos rapazes, que o namorado, comprehendendo que o queriam afastar, e vendo que era impossivel affrontar a pé firme aquella suavia de ingratos, fez-lhes a vontade, sem, contudo, dar de mão aos seus projectos de casamento, porque Fadinha continuava a ser a mesma, e elle considerava-a digna, por todos os respeito, do seu affecto e da sua constancia.

do Engenho Novo, esse o seu terno de pimenta-d'ana, o seu chapéo de palha branco, a sua gravata púrpura, o seu alfinete de brilhantes e a rosa enorme que trazia ao peito, contrastava com o aspecto daquella matrona e daquelles tres rapazes vestidos de luto, luto fechado, em que eram pretos até os punhos e collarinhos.

(Continua)

A. A.



CORRESPONDENCIA — *Pede se toda a clareza no nome das pessoas que se dirigirem à nossa casa por correspondencia, assim como indicar por extenso o lugar de residencia e nome do Estado.*

Os pedidos d'informações devem vir sempre acompanhados de um selto de 200 réis para a devida resposta.

O coração do lyrio

NO ALBUM DE UMA SENHORA

As flores falam, doces companheiras,
Sinceras amigas, sabias conselheiras
Com quem não me dou mal,
Tendo aqui de escrever um pensamento,
Pedi-lhes um conselho, num momento,
Formou-se o tribunal.

Coube ao lyrio gentil dar a sentença,
E elle com ar altivo e a voz intensa,
Pronunciou-se assim:
— A D. Adelia de meu coração,
Pois que o d'ella parece ser irmão,
Dos lyrios do jardim!

Elle tinha razão sobejamente,
E por isso cumprir venho contente
A minha commissão:
— Permitti pois, que lhe offerta nesta solva,
Formada desta folha pura e alva
Do lyrio o coração!

J. B. P. L.



CASTELLO SCHONBICHL NÓ DONAU

— Façam o que fizerem, seréi tua só tra. Não te peço pelo alma de meu pai. Quanto mais me opprimirem, quanto mais te offenderem, mais crescerá, se é possível, o ardente amor que te consagro! Sou tua noiva!

Animado por essas palavras de fogo, em que Fadinha puzera toda a sinceridade do seu coração, Remigio esperava resignadamente a occasião de fazer valer os direitos do seu amor, mas—diziam o—o seu espirito vacillante e timorato não tinha forças para a luta a que o incitavam. Elle amava de véras, mas começava a malhizer intimamente aquella singular formosura, que fazia de Fadinha um objecto de tribuição, uma esperança de fortuna, uma especie do segredo de vida de uma familia inteira.

Não obstante a ultima vontade, o desejo extremo e sagrado do venerando Raposo, receava Remigio que a sua insistencia accusasse a desunião e a desconfiança da familia. Entretanto Fadinha, todas as vezes que, illudindo a vigilancia materna, lhe podia escrever, escrevia repetindo vehementes protestos de fidelidade.

Mas voltemos ao barão de Moreira, que, na estação

Sagrada herança

Viute vezes em annos tem corrido
Dês que se ouviu do Christo a phrase mansa,
E o sabio, o velho, o pastor e a criança
Tem seu bendito nome repetido.

Deuses pagãos sumiram-se no olvidado;
Dos idolos sems nem ha lembrança;
Mas Jesus vive em nos, n'essa esperanca
He um Deus, premio de todo o mal soffrido.

Que conselho me dá, que alma doçura,
A herança de que a morte nos melhora
E deus nos'alma no pezar depura!

Quando soar-me a derradeira hora,
Meigo e doce Jesus! De me a venturosa
De te reter no ullar de quem me adora!

A. A. G.

Niterói, 17 de...

A FAMILIA MINEIRA — Sempre que se falla n'esta familia d'importantes do bello sexo, nos lembramos do que ha de mais delizioso em biscoitos de varias qualidades, o que ainda aconteceu com um prato dos ditos, artisticamente combinado, que nos mandarão de festas e que com muito gosto agradecemos.

Communicarão nos que para mais facilidade dos apreciadores, abrião um deposito na rua da Uruguaiana, 90 C.

SOB O SOL

Do solhe de terra não temo, e não me dá a vida a fugir,
Aus olhos do meu dia, e não o pessoal malheiro,
Sobre a terra penso, Não me escorria o dia inteiro,
Vai se aquitar o segario, Aus raios do sol a fugir!

Albuquerque, 17 de...

AS TROVOADAS

As trovoadas, outr'ora consideradas como manifestações da ira divina, têm sobre a atmosphera uma benéfica influencia.

Se accidentalmente há a lamentar algumas victimas fulminadas pelo raio, em compensação grandes são os resultados que a favor da agricultura e da hygiene produzem essas manifestações da electricidade.

Os raios que simplesmente misturados formam o ar atmosphérico, em presença das faiscas electricas, combinam-se, dando origem a novas substancias que depois se acham na agua da chuva e fornecem a vegetação fecundos principios de vida.

Depois de uma trovoadas as folhas e as flores adquirem nova frescura e vigor.

A descarga electrica purifica a atmosphera; pela sua acção o gaz oxygenio adquire uma excepcional energia, transformando-se em ozone que destroe eficazmente os miasmas que infestam o ar, tornando-o proprio para a respiração.

A admiração

Dizem os philosophos que a admiração é filha da ignorancia e mãe da sciencia. Filha da ignorancia, porque ninguem se admira senão das coisas que ignora, principalmente se são grandes; e mãe da sciencia, porque, admirados os homens das cruzas que ignoram, inquiram e investigam as causas del'las até as alcançar, e isto é o que se chama sciencia.

PADRE ANTONIO VIEIRA



S. MIGUEL NO DONAU

Propriedade de algumas plantas do Brazil

CUBO CUCURBITO.—O succo, espremido de fresco, é resolvente, anti-phlogístico, e eficaz contra as hemptyses, esquinencias, rouquidão e mesmo contra abcessos internos, e vomicas hepaticas. O cosimento é empregado contra a ictericia. Posto em infusão em vinho branco, bebendo se todos os dias um calice, cura os arrotos chocos. O pó, lançado sobre as feridas, as seca em pouco tempo.

JANUARANDIVA.—A casca da raiz tem acção iniciativa e resolvente sobre o figado e glandulas mesentericas. As folhas, contusas e applicadas aos hypocondrios, resolvem a dureza do figado, e amadurecem as chagas.

S. CAETANO.—O chá das folhas desta herva é um verdadeiro especifico da influenza.

JOAZ BRAYO.—O sumo das fructas, pingado nos olhos e bebido, cura as inflamações das palpebras; as fructas machucadas e postas sobre os tumores, aceleram a formação do pus.

SINO SINA, PERIGALIA.—A raiz deste arbusto é elogiada entre os melhores purgantes e emeticos, principalmente nas molestias exanthematicas (erysipelas e outras), com o fim de derivar, de abrir e de expectorar. Na tosse convulsiva das crianças convem em pequenas doses. Tambem se costuma applicar em cataplasmas sobre as faridas.

LOINA.—Em pequenas doses é tonica e estomachica, e estimulante grande em doses; emprega se como febrífuga, vermífuga e emenagoga, e nas affecções atonicas do canal intestinal.

SETE SANDEIAS.—O chá é usado tanto nas maleitas e febres, como nas dores interiores produzidas por que-las ou machucaduras.

VILFIANA.—A raiz, tomada em infusão ou em pó, em pequenas doses, allivia a dor de cabeça e combate os ataques espasmodicos tal qual a arruda.

O CAMELLO

O camello comprehende duas especies: o camello propriamente dito, e o dromedario ou camello de uma montanha.

Abita no deserto do Sihara, nos paizes no norte da Arabia, no Egypto, na Persia e na Tartaria Meridional.

Tem a rapidez do cavallo á sobriedade e paciencia do burro e a gordura como a vacca, um leite nutritivo e abundante.

Para muitos paizes da Asia, o camello é tudo que lhes é necessario. Consideram-no um brinde do ceo, um thesouro sagrado, sem cujo auxilio não poderiam viver, nem fazer negocios. Este navio do deserto, como os arabes com muita razão o appellidam, é o animal mais proprio para transportar o homem e grandes cargas atravez dos areaes.

Com uma carga de 50 arrabas e mais percorre regularmente 12 a 16 leguas por dia; é capaz, porém de caminhar 35 a 40 leguas, se lhe dão no dia seguinte o tempo necessario para descansar. Passa oito ou mais dias sem beber, conservando no reservatorio que tem no estomago uma provisão d'agua sufficiente para todo esse tempo. Alimenta se apenas de hervas seccas e arbustos espinhosos que encontra no caminho.

É um animal naturalmente docil, facil de governar, soffredor e manso. O bom tratamento e principalmente a musica e o canto excitam-no a empregar todos os esforços para contentar o seu dono. Torna-se, porém, teimoso e intratavel quando é castigado brutalmente, e allina-se que é difficil evitar a sua vingança.



CONVENTO MOKK NO DONAU

A demolição de um heróe

Não é só a França que tem o privilegio de demolir de tempos a tempos os seus grandes homens. A Inglaterra também procede de vez em quando á revisão dos julgamentos mais ou menos fundamentados com que gerações que os precederam sagraram certas reputações impondrâs ao nosso cult.

Se havia na historia inglesa um nome que parecia dever atravessar os seculos envolto n'um limbo de gloria, era por certo o de Wellington, o Themistocles moderno que salvou a Europa do despotismo napoleónico. Pois acaba de publicar o "Quarterly Review" um artigo em que o vencedor de Waterloo nos é apresentado sob diversos aspectos que nada tem de heroico, antes nos deixam, como impressão resultante, a idéa de que esse homem de guerra era um triste caracter. O autor tomou como texto do seu estudo uma observação bem característica de lord Roberts, o actual commandante em chefe das forças inglezas no Transvaal, o qual, referindo-se a Wellington, não hesitou em escrever o seguinte:

"Quanto mais se estuda a vida do duque por mimdo, maior é o respeito que se sente pelo general e menor a estima que se sente pelo homem."

Nem como politico, nem como amigo, nem como esposo, nem como pai, nem como irmão se recomenda, com effeito, á admiração dos posteros o vencedor de Bonaparte.

De um modo geral, pôde-se dizer, escreve o collaborador do "Quarterly Review", que o duque não tinha amigos. Nunca manifestou o minimo sentimento de consideração especial por nenhum dos velhos officaes da campanha peninsular, que tão fielmente o serviram.

Sempre disposto a considerar como actos de indisciplina quaisquer criticas do seu modo de ver, era quasi impossivel servir debaixo das suas ordens sem incorrer no seu desagrado.

A vida intima de Wellington também nenhuma sympathia inspira.

Fizera elle um casamento pouco sensato com uma joven bonita mas frívola e estouvada, que, embora lhe tivesse afeição, era incapaz de o comprehender e de o auxiliar.

Não achava Wellington consolo para a sua infelicidade conjugal na sympathia e carinho dos seus filhos. Não ha o menor indicio de que seus filhos lhe merecessem solicitude especial; antes tudo leva a crer que sempre os deixou entregues a sua mãe ou ás suas naturaes tendências.

Se havia um membro da sua familia em quem se poderia esperar que Wellington tivesse vivido em termos de constante e cordel affeição, era por certo seu irmão Ricardo, o grande governador geral da India. Ao patrocínio d'esse irmão mais velho deveu Wellington toda a sua carreira militar. É lamentavel, porém, achar se Wellington na sua segunda metade da sua vida indispõe tão gravemente com esse irmão que durante longo periodo de annos se recusou a vê-lo. Só em 1830 é que se reconciliaram, realisando-se entre os dois irmãos uma entrevista que foi acórdel mas com explicações, escreve no seu jornal Lady Salisbury, a confidente do duque.

Mas verdadeira pedra de toque do caracter de um homem são as suas relações com o outro sexo: Nisto ainda a reputação do velho general não sahe inclinar de um exame attento da sua conducta.

Com um caracter como o de Wellington não é para admirar que um observador saez tivesse escrito que "Apsley House" (a residência do duque) não era um «home». Poder-se-ia fazer muita rhetorica, falando a vida solitaria do grande homem na mansão fria e sem attractivos que escolhera, sem amigos, sem mesmo a affeição da sua propria familia; mas e nem descontar da tristeza da situação o facto de que Wellington procurava consolações em outros lugares. Em muitos aspectos do seu caracter era Wellington um homem do século XVII; e as suas relações com o bello sexo, escreve sir Herbert Maxwell, foram a sumpto de intermináveis meseriques. Deve-se reconhecer que eram de um genero em que havia provento em inventar

O mesmo sir Herbert Maxwell acrescenta:

Diferente nisto de muitos homens que representaram grande papel na historia do mundo, Wellington nunca submetten a sua vontade á de uma mulher; quantão fosse muito sensível á influencia da belleza e do espirito, sempre tratou as mulheres apenas como agradaveis companheiras ou como meros brinquedos. Nunca lhes permitiu a menor negligencia nos seus actos, nem, salvo ainda duas excepções, experimentou grande desgosto quando a morte ou outra qualquer circumstancia poz termo a intimidades dessa natureza.

Não faltará quem observe, em opposição ao parecer de sir H. Maxwell, que os grandes homens de Estado nunca se deixaram dominar por influencias femininas e que a resistência ao encanto de Eva é quasi um indicio de superioridade. Vide Napoleão, para quem as mulheres nunca foram senão instrumentos de prazer e nada mais.

Ainda sob outro ponto de vista se nos mostra Wellington profundamente antipathico: a sua ingratição para os officaes e soldados, aos quaes elle deveu todas as suas victorias. Ha phrases d'elle imperdoaveis por haverem sido proferidas, não no ardor e excitação de uma batalha, mas na tranquillidade em que viveu os seus ultimos annos. Eis uma das suas observações recolhidas por lord Stauhoffé, nas suas «Conversações com o duque de Wellington»:

«Os soldados inglezes são a escuma da terra; não se alistam senão para beber.»

E repetidas vezes esta accusação de intemperança reaparece formulada nos termos mais duros e mais destituidos de toda aquella affeição que liga geralmente o chefe aos obscuros auxiliares a quem deve toda a sua gloria.

(Estr.)

Tentação de Santo Antonio

A Alfredo Lisboa

Profunda solidão. No ar pesado e soturno como a sombra feral de um fantasma nocturno, paira um grande silencio, um silencio de nave, e, a pouco e pouco, o sol, melancolico e grave, desce o acceso horizonte em chaminas abrazado, e, entre nuvens de fogo, o poente ensanamento surge sobre a floresta escura e pensativa.

Negra, as nuvens roçando — uma aguilha passa, altiva e serena, na doce e languida agonia da tarde... Immensa, e vasta e ideal melancolia... Nem um sopro de vento. Uma estranha tristeza cae do céu, como um crepe, e envolve a natureza...

Só, na escura cabana, a sombra feticheira de uma esquinha, comprida e tetrica palmeira, o santo anachoreta, em attitude austera, medita, a longa barba, espalhada e severa, caindo sobre o ventre inculca, e as mãos no peito um, que, um, tem o Santo apenas um estreito cinto, e, ao goito de tanga, uma pelle de hyena... Preto, negro e solenne, abre os braços, serena, uma cruz, e, do lado, escarvalho e sombrio, occulto, Satanaz mostra e perfil e aguilho, a rir e a olhar de esguelha o Santo, que medita longe da lama vil que a Humanidade habita.

Desce o sol. Tudo é calma. A tristeza anda em tudo... e um silencio de nave, enregelado e mudo, paira, num frio horror, no ar pesado e soturno, como a sombra feral de um fantasma nocturno...

✽

De subito, uma leve harmonia, mais leve que o leve som do vento, o espaço acorda, e em breve, todo o espaço se anima, e logo, o alado coro dos anjos desce e canta, harpas e lyras de ouro tangendo, e desfilando a passo e passo; e o Santo, em extase medita, nos pontos, lento e lento, subindo para o céu, foge na aza do vento.

E de novo o silencio... A noite vem tumbando...

É, na fila cadente, agora, um raio branco de luz, vai clarão no cometo, acentuando viva chamma depois, nuvem de ouro em se nida,

sobe (Satanaz!) sobe, e della, sorrindo, uma branca vulto aos pontos vai sumindo, vai surgindo e irradiando, encantada e fútil, na ampla tunica azul de nevoa vaporosa; e, logo, outra apparece, em erjasmas de reuda, e subito, visões fantasticas de lenda enchem toda a cabana; uma por uma assoma, diaphanica e subtil, uma espiral de aroma... E de novo, do espaço em luz, o alado coro dos anjos vem tangendo harpas e lyras de ouro. A cabana fulurea, e ante a pasma pupilla do Santo, em fina nevoa, o cortejo desfila das formosas visões de pés e mãos de prata. Esta avança e recua e um riso astral desata, outra beijos envia; aquella estende os braços para o Santo e o estreita; uma desfaz os laços da tunica e tisonha assim num adejo de ave, e tenta, e o envolve, e o enlaça, e sem desejo, elle, rude e solenne, emtanto, alheio a tudo, medita, as mãos no peito, impassivel e mudo, e impassivel vô, sem pena de perdê-las, longe, na noite clara, entre as claras estrellas, as formosas visões, sob o luar que assoma, subindo para o céu, numa espiral de aroma...

ZELINO DE AL.

BOY

Ha tres dias que a encontro nervosa, quando von vital-a. É uma solteirona, angulosa e brusca nas attitudes, pintada nas mãos, na cara e nos cabellos, arastando tunicas de sedas e rendas pelos tapetes. Vive entre perfumes d'iris, n'uma atmosphera mórna, illuminada a cor de rosa, de dia e de noite...

O salãoinho onde recebe visitas tem a forma de um hexagono. É decorado a lyrios brancos em fundo de prata e a mobilia repete em estylismos o motivo das paredes e do chão. N'um dos angulos ha um pequeno orgão onde pouxa uma melodia de Saint Saens. Fronteiro ao orgão, um estrado de tapeçaria, e um montão d'almofadas de todos os tamanhos e de todos os fetios, onde ella se estende para conversar.

Dali, assiste immovel e fria ás discussões d'arte, bebendo chá aos goles e fumando cigarrilhas aromaticas... O ultimo livro estrangeiro, a musica da ultima semana, o pintor do successo mais recente, são autopsias cruelmente, ferozmente... As vezes, o assumpto muda, porque a Rosinha, uma gordinha, baixinha, d'olhos negros e cabellos negros, permite-se entrar n'aquelle mysterioso recanto e quebra em duas gargalhadas a austeridade do critico mais severo. É a unica crehura feminina admitida, como visita, n'aquella casa. Dás como ella fariam a maior desordem ali dentro... Eram capazes de partir cadeiras, em humar os homems, entornar as jarras de rosas e tocar alguma valsa para dansa n'aquelle orgão de embutidos a madrepérola... Seria o inferno!

Uma soré bastante. Já ri, já lula e revoluciona por todas as mulheres da terra. Mas a outra, a complicada, a que não é homem nem mulher, olha a com enternecimento e franze as commissuras da bocca n'um sorriso d'ironia, quasi imperceptivel... La jurar que lhe ouvira, um dia, uma phrase como esta:

— Que inferior!

Rosinha não se desconcerta. Ri do mesmo modo, pendura o bicho que traz ao pescoço no braço de uma estatueta, põe a sombrinha no fecludo, deita o regalo para cima d'um tremó, as luvas pendura as n'um candieiro e, para cumulo, traz um cão!

✽

Hontem, a Rosinha vinha furiosa.

O tempo, a chuva bala-lhe com os nervos... A outra, tambem se queixara dos nervos... Era d'aquelle tempo fútil, parafento, viscoso. A enxaqueca pregara-se-lhe ha tres dias a advinhar-lhe as sutilezas do co... Mas a Rosinha não pôde viver assim. Descharra o para que se vissem o envite do ven cado não se admirarem... Por que ella possuía... morria com certeza!

Estava um tempo bom para quem tivesse grandes rendimentos e tem a porta aberta e deixa chegar... Mas ella, mas ella, uma pelutira, com com mil réis, por mes, que lhe mandava um tio do Brazil, o mais a que podia aspirar era a americana...

— Mas porque não faz a D. Rosinha uma sociedade anonima com al-gum tio que esteja em Portugal? — perguntou de repente um poeta de melens e solteiraco.

— Conhece algum?

— Talvez...

— De capitães?

— Um unico capital e o trabalho...

— Já sei, já sei! Não ponha mais... O trabalho intellectual... E o senhor, não é?

— E porque não?

— Está doido! O sr. imagina que me sustenta a rimas... O amor e uma calana, passaram. Hoje o melhor soneto e o de cem mil réis, assignado Banco de Portugal...

— E, e o meu cão está nas mesmas idéas. Não é verdade, não?

Boz, o cão, poz-se a ganhar irritado e inquieto.

— Vá? — e logo radiante, virando se para o cão:

— *Vá, meu febo! vá, meu, meu amado! Dê-me um abraço ao meu tio...* *Jo. Calvário, de Calvaria...*

N'um salto, o cão trepou-lhe ao collo, puz-lhe as patitas nos hombros e começou a lambê-lo a cara...



Foi então, depois d'elle sococar, que a Rosinha cantou a ultima gracinha do animal, porque o Boz era muito engraçado... Achavam no boz com aquelle pelo hirsuto e amarelado, aquella perna tolhida de rheumatismo, aquelles olhos charcos e esverdeados, mas não sabiam a graça e a intelligencia que ali estavam, dentro d'aquelle corpinho festivo e tremulo de fio...

Era um portento! Fallava-lhe fallar, mas percozia tudo. De manhã, quando ouvia as nove horas, vinha á cama accordal-a. Na rua, defendia se algum atrevido lhe botava dit' insolente. Era um animal que não se pagava com todo o outro da terra.

Mas a ultima gracinha era a melhor. Desde muito tempo que ella o habituara, quando ia a loja de modas, a levá-lo, perto, ao Ferrar, onde lhe comprava um bolo.

Pouco a pouco, foi-o acostumando a levar o vintem entre os dentes para o largar em troco do bolo... Por fim, mesmo da loja de modas, já lhe entregava o vintem, deixa-o ir, e d'ahi a pouco, o excellent Boz voltava com o bol na bocca...

Esta habilidade era o espanto e o enlevo dos calaceiros...

— Outro dia, o Marques, que é o rapazinho que me serve, disse-me assim: «O' D. Rosinha dá o vintem ao cão para esta senhora ver o que elle faz!» Olhei, era uma duma gorda, que contemplava o meu Boz com um ar de pessoa entendiada.

Cumpriamto-nos de calaca, e eu, toda orgulhosa, puz-lhe o vintem, puz-lhe entre os dentes e disse-lhe com toda a seriedade: «Vá já buscar um bolo e traga-o aqui!» O cão partiu a galope e eu fiquei escolhendo uma cala. Demorei-me, demorei-me e nada de Boz... Conhecer a inquietar-me! Assustei-me... Teia calado a calaca? Já a porta, e... qual cão nem moço cão — não o via!... O Marques, em presencha a minha excitação, offereceu se para ir em busca do animal. Eu sequei também, lavada em lagrimas... Fomos ao Ferrar, não estava lá... Volta-mos... N'isto sinto um gaizor... Olho, e que hei de ver? O meu doido Boz p'uma escada. O cão me enganara.

ALBERTO PEREIRA.

Será delirio?

Não é de creença que me fere e esmaga, porque minha alma ainda resá e cre... mas sinto que o meu ser é como a vida que estufa e chora sem saber porque.

O que me prova, para e, me truca, não sei... não quero entender de religião... Mas não temo, não vivo e a, queida, que tudo esqueço, quando penso em ti.

Mas quando villo nos florestas hortos do meu passivo, abandonado em vão, choro os castellos transformados, mortos, que rotam em estalão pelo chão.

Excepto e livido e al-negado espectro de um corpo e humito, que no suster-se em pé, estendo as mãos aos céos, implora um sceptro, mendiga luzes e supplica fé.

Qual pallido Jesus subo ao Calvario, indifferente, revoltado e só; desprezo o mundo, porque tudo é vario, sem fim e choro, porque tudo é pó.

Então meço, prosta-me o consaço; já tenho os hombros descarnados, nus, porque sinto pezar-me em cada braço ta-lo maior que o dia lendaria cruz.

E a nuvem cruel do desalento que, me envolvente sob espesso véo, faz-me soltar, num tetrico lamento, sarcasticas blasphemias contra o céu.

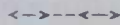
Assim, meu bem, perdoa si maguei-te, narrando, sem querer, a dubia dôr; mas tudo transfigura se em delente, porque me embalsa num sorriso de amor.

Mas não zangues. A's vezes... que loucura! affronto o místico poder de Deus; descreio de mim mesmo, da ternura de teus olhos — até dos mimos teus.

Por isso, qual Jesus subo ao Calvario, indifferente, revoltado e só; desprezo o mundo, porque tudo é vario, sem fim e choro, porque tudo é pó.

ALBERTO PEREIRA PORTO ALEGRE.

Porto Alegre, Novembro 1900.



Estudemos!

A'S MIMAS COLLEGIAS DO S. AEREO DA ESCOLA SERVIAL.

Se a fraqueza feminina Não nos deixa dar a vida Pela patria idolatrada, Quando ella pede a seus filhos Contra o feroz inimigo, A lança de sua espada;

Se nos impede servir a No vasto campo da vida, Nos altos cargos do Estado, Não nos exime, contuda, O dever de tributar-lhe Amor santo e acrisolado.

Nem foi dado só ao homem, Por ser o mais forte e sábio, Servir a patria!... Isso não!... E a tre nos que o nosso animo Também pode e concourer Para a gloria do mundo.

Sim! Não somos tão mestiçus, Que nos tiras em o caso De amar a patria também! Creem alar sacrosanto, E, estante, nunciamos e mo ella Lugar para todos teus!

Deixem, pois, o nos homens O rumor, a fama, o brilho Dos esplendores da gloria; Deixem nos que já somos firmes Firmes nas nossas follas, Do grande livro da historia.

Trabalhem no silencio Da nossa escrividade, Mas trabalhemos com fé, Trabalhem a firme creença Que o nosso trabalho a patria De todo inutil não é.

Do magistério a carreira, Tão elevada e tão n'bre; Pois bem, instruemos com animo, Queremos todos seguir; Para instruir no a ora; Vamos nos todos instruir.

Teremos mestres da infancia, Da mocidade futura, Da esperança da nação! E' muito! Que mais queremos? Podemos servir a patria Com toda dedicacão.

E allora, se bem preencher nos Nossos futuros deveres Na santa missão do ensino, A patria vera o a carne Da nossa fraco concenno No seu futuro destino.

Mas é preciso instruemos, Tudo a extensão do ensino, Que nos queremos tomar, Teremos logo a bastantes Para zelar o thezouro, Que nos lio de ensinar.

Meditemos a influencia Que teremos nos destinos Das nossas crianças? E' grande!... e pois não deve nos Cuidar demasiada Nas nossas forças mesquinhas.

Se nos sentirmos sem forças, Nutrido o justo receio De na lucta esmerecer, Sem a trahir a patria, A evitar esse legado Que nos vai offerecer.

Luctemos, pois: é preciso Robustecer nos no estudo, Para vencer a jornada A'vante! amigos! Busquemos De nossa missão sagrada!

ANNA AURORA.

Porto Alegre, novembro — 1881.



Mosaico

— Quem é este pequeno? E' um amigo meu, do collegio; o papa d'elle é general... — Oh! oh!... Pois saiba, meu menino, que é magnifico, na sua idade, ser já filho de um general!...



Um fiscal, a moça redonda de um hotel, olhando para um padre, sentado ao lado opposto: — Si en tivesse um filho idiota, havia de fazel o padre! O padre serenamente: — Já seu paé não era da mesma opinião.



Um lonceo do hospital de Kilhafoles, em palestra com um visitante, foi de esta opinião: — Isto aqui é um quartel, mas o regimento anda lá por fora.



Uma senhora acaba de expôr as condições com que poderia admitir uma criada. — Além do que sei fazer — diz a creada — si a senhora me tomar ao seu serviço, terá a casa segura contra os ladrões. — Porque? — Porque nunca lhe faltará um policia á porta.



No patibulo: — O custodiado: Tenho uma horrivel dôr de cabeça! O carcereiro: — Isso joga de pompo... Dentro de dez minutos, já não lhe doe nada.

MOLDES



Temo a satisfação de communicar as nossas reun assienmas e leituras que, apesar de nosso silencio, continuamos com o nosso serviço de molde tanto d'1 *Revista*, como de qualquer outro jornal, para esta cidade e para o interior da Republica. Ha-nos mais trinta annos temos nos incumbido de se serviço, com o lio sempre a pericia de verdadeiras attinas em materia de cortes.

Agora nunciamos as senhoras a quem confiamos esse trabalho, são das mais habilitadas mestras no assumpto, no qual não temos contrito.

Nunciamos recelamos recelamos contra o serviço da casa e com ulmas pidedimos assegurar que estamos habilitados a satisfazer a frequência mais exigente, sem que tenhamos receio de que nos venham dar lições de apuro e bom gosto, no a na indelicadeza de nossos preços.

Para o presente numero offerecemos:

N. 1 — Seta	18000
N. 2 — Seta	12500
N. 20 — Manga	18000
N. 12 — Blixa	18500

Os tecidos são recebidos no escriptorio desta folha, bem como, a importância que deve acompanhar o pedido.

Para correto mais 300 réis para o primeiro mailing e 200 réis para cada um dos que se seguem.

CORRESPONDENCIA — *Pede-se toda a clareza no nome das pessoas que se dirigirem á nossa casa por correspondencia, assim como indicar por extenso o lugar de residencia e nome do Estado.*

Os pedidos d'informações devem vir sempre acompanhados de um sello de 200 réis para a devida resposta.

A volta do mundo em uma lanchar

O capitão Jhson Glocerne que, em um debil barquinho fez a volta do mundo, sahido de Boston em 24 de Abril de 1895 e voltando ao porto de sahida em 4 de Julho de 1898, publicou um livro contendo interessante descripção da sua viagem.

NINON DE LENCLOS

escurieia da ruca, que jamais ousou macular-lhe a epiderme. Já passava dos 80 annos conservava-se jovem e bella, afirmando sempre os peilhosda sua certidão de baptismo que rasgava á cura do Tempo, cuja febre embotava-se sobre sua emmentadora physionomia, sem que nunca deixasse o menor traço. «Muito verdejando» via-se obrigado a dizer o velho rubugento, como a raposa de Lafontaine dizia das uvas. Este segredo, que celebre e egoista freira jamais confiou a quem quer que fosse das pessoas daquelle época, descobrio-o o Dr. Leonet entre as folhas de um volume de *L'Histoire amoureuse des gaules*, de Bussy-Rabutin, que fez partida bibliophila de Voltaire e é actualmente a propriedade exclusiva da **PARFUMERIE NINON, MAISON LECOSTER, Rue du 4-Septembre, 35 à Paris.** Esta casa tem-na á disposição das nossas elegantes, sob o nome de **HERITABLE EAU DE NINON**, assim como as receitas que d'elle provém, por exemplo, o

DUVET DE NINON

pó de arroz especial e refrigerante;
Le Savon Crème de Ninon

especial para o rosto que limpa perfeitamente a epiderme mais deliciada sem alteral-a.

LAIT DE NINON

que dá alvura deslumbrante ao pescoço e aos hombros. Entre os productos conhecidos e apreciados da **PARFUMERIE NINON** continhe-se:

LA POUDE CAPILLUS

que faz voltar os cabellos brancos á cor natural existe em 12 cores;

SEVE SOURCILIERE

que augmenta, engrossa e brinca os pestanos e os supercilios, ao mesmo tempo que dá vivacidade no olhar

LA PATE ET LA POUDE MANODERMALE DE NINON

para finura, alvura brilhante das mãos, etc., etc.

Cavem exigir e verificar o nome da casa e o endereço sobre o rotulo para evitar as imitações e falsificações

Amarrado na costa do Fair Haven, na Nova Escocia, estava, o que sete annos tinha sido a baleeira *Spray*.

A gente do logar acabou a consciencia que aquillo que tinha sido um barco, nunca mais voltaria a sulcar as ondas, quando um bello dia o proprietario daquelle ruina, capitão Eben Purce, baleeiro retirado, que vivia perto do povoado, parece com um estrangeiro, que se dirigiram para o *Spray*.

Um curioso, approximando-se, entrou na conversação.

« Então? projectais desmanchar a ossamenta velha? »

Não lhe responderam.

A obra custou 110 libras esterlinas e treze mezes de trabalho ao capitão Glocerne só, pois não quiz que ninguém o ajudasse.

No fim do trabalho era difficil conhecer onde acabava o velho onde começava o novo *Spray*.

E o proprietario deliberára não mudar-lhe o nome.

Prompto o barco, carregou-o das provisões que

julgo necessárias para a sua aventureira viagem e fez-se ao mar.

Quando o tempo era de tormenta, dizia o marinheiro, não tinha ensejo de sentir a minima solidão: o bom tempo para mim affectava um pouco mudado, lembrando-me de que me haviam advertido de que, á força de não fallar, perderia o uso da plavra.

Dirigia vozes de commando a imaginarios marinheiros e ás vezes interrogava, naturalmente não recebia resposta e isto me entristecia um pouco.

Então recordei-me: quando moço costumava cantar e ainda que minhas aptidões musicas nunca despertassem inveja dos que me ouviam, pensei que estando só não incommodaria ninguém e punha-me então a cantar.

Era de ver o desenvolvimento do sentido musical nos peixes e tarlugas que me ouviam: demonstravam a sua satisfação com saltos e reviravoltas.

Um dia pesquei uma tartaruga: custou-me muito trabalho mettel-a a bordo o consegui, e nesse dia o cardapio do meu jantar foi o seguinte: bife de tarla-

PARFUMERIE EXOTIQUE E. SENET
35, Rue du 4-Septembre, 35, PARIS
MÃO DE PAPA de duque, de príncipe, por meio da **Pâte des Prélats**, que embrunhece, elia, asseta a epiderme, impede e destrói as freiras e os radica.
UM NARIZ PICADO de pequenas borbulhas ou com cravos torna a recuperar sua brançura primitiva e suas cores lisas por meio do **Anti-Bolbos**, producto sem igual e muito contrafeito.
CUIDADO COM AS CONTRAFEITÕES
Para ser bella e cantar todos os olhos deve-se servir da **Fleur de Pêche** pó de arroz feito com frutos exóticos.

POUCOS CABELLOS
Fazem-se crescer e cerrados empregando-se o **Extrait Capillaire des Benedictins** da **Mont-Majella**, que tambem impede que caiam e que liquem brancos.
E. SENET, Administrateur, 35, R. du 4-Septembre, Paris.
NÃO ARRANQUEM MAIS os dentes estragados, substitua-os em brançeos com o **Elixir dentifrice des Benedictins** da **Mont-Majella**.
E. SENET, Administrateur, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

XAROPE DELABARRE (DENTIÇÃO)
Xarope sem narcotico recommandado ha jri 20 annos pelos medicos. Facilita a sahida dos dentes, evita um fuz cessar os soffrimentos e todos os accidentes da primeira dentição.
Egija-se o **Carimbo official e assignatura Delabarre.**
FUMOZE-ALBESPEYRES, 78, Faubourg Saint-Denis, Paris e em todas as pharmacies

PAPEL E CIGARROS ANTI-ASTHMATICOS de Bin BARRAL
Recommandados pelas summidades medicas. Preparações muitissimo efficazes para a cura da **ASTHMA**, das **OPRESSÕES**, das **ENXAQUECAS**, etc. 16 ANOS DE SUCESSOS.
FUMOZE-ALBESPEYRES, 78, Faubourg Saint-Denis, Paris e em todas as pharmacies.

NUNCA APPLIQUE-SE UM VESICATORIO SEM SE TER O VESICATORIO DE ALBESPEYRES
o MAIS EFFICAZ e o MENOS DOLOROSO de TODOS os VESICATORIOS
Egija-se a Assignatura **ALBESPEYRES** no LADO VERDE
FUMOZE-ALBESPEYRES, 78, Faubourg Saint-Denis, Paris e em todas as pharmacies.

VINHO DE CHASSAING IN-DIGESTIVO
Recetado ha 30 annos
CONTRA AS AFEIÇÕES NAS VIAS DIGESTIVAS
Paris, Avenue Victoria n.º 6.

A "**PHOSPHATINE FALIÈRES**" é o mais saboroso e o mais recommandado alimento para crianças desde a idade de 6 a 7 mezes, principalmente quando começam a ser desmamadas e no periodo do crescimento. Facilita a dentição e concorre para boa formação dos ossos.
PARIS, AVENUE VICTORIA N.º 6 E NAS PHARMACIAS

LE REFLE Incarnat
NOVO PERFUME
CAUTELA COM AS IMITAÇÕES
IPIVER PARIS
SUAVIDADE — FRAGRANCIA — DELICADEZA


PILULAS DE BLANCARD
APPROVADAS PELA ACADEMIA DE MEDICINA DE PARIS
Resumem todas as Propriedades do IODI e do FERRO.
40
Roa Bonaparte PARIS

Estas Pilulas são de uma efficacia maravilhosa contra a **Anemia**, **Chlorose** e todos os casos em que se trata de combater a **Pobreza do Sangue**.

PRISAÇÃO DE VENTRE
6 horas de cura
verdadeiro
Pó Laxativo de Vichy
de SOULIGOUX
Laxante certo, agradável ao paladar, facil de se tomar
O frasco de cor de 25 cunhas: 25 fr. - 1/2
PARIS, AVENUE VICTORIA, N.º 6 E NAS PHARMACIAS.



Moça do Cantão Appensell na Suissa indo á igreja da aldeia. A igreja está 4615 pés acima do nivel do mar.

ruça, chá, torradas, papas, cebolas guisadas, peras em compotas e creme.

Depois de quarenta dias de viagem cheguei a Gibraltar, onde fui admiravelmente acolhido.

Uma manhã ouvi a buzina:

— O' de bordo de *Sprays*! Oh!

O commandante Reynaldo o manda sondar, e diz que o espera para pantar a bordo do *Callywood*, ás tres e meia da tarde, mas que não chegue mais tarde.

— Estou sem roupa, como hei de ir?

— Venha em camisa.

Trataram-me tambem como se estivesse vestido no grande tom.

Pensei seguir a minha viagem pelo Mediterraneo, mas advertiram-me que como tinha de ir cesteando muitas vezes, não me convinha seguir essa rota porque provavelmente seria atacado pelos piratas.

Retrocedi, atravessando de novo o Atlantico e no fim de quarenta dias vi costa, pela primeira vez no Brazil.

Nessa viagem fallei com o *Schnouer Nudascal* que ia de Bost n para o Rio da Prata.

Um golphinho ferido seguiu o *Spray* por mais de mil milhas, porfim acostumei-me com elle.

Um dia desapareceu; extranhei pouco depois voltou com tres amigos que soboreavam os restos da minha comida.

Os tubarões davam-lhes caça e os interrompiam quando comiam, mas os golphinhos, quando sentiram sua aproximação fugiram cada um para o seu rumo, o que fazia vacillar o tubarão que não sabia qual apresa mais facil.

Geralmente eu intervinha, atirando ao mar uma lata vasta, que o tubarão se propunha a engolir, confundindo o seu reflexo com o da escama de um peixe; eu esperava o momento em que aquelle se punha de costas para apanhar a presa, então sua garganta branca offerencia ao meu rifle um alvo que nunca errei.

O capitão Ilcoine seguiu do Brazil ate Montevideo e Buenos Ayres, fazendo ali algumas reparações no seu barquinho, tendo posto um gurupés novo.

Dobrou o cabo de Oorn, do Chile, atravessou o Pacifico, tocando em portos australianos, em que foi muito bem recebido.

Na Costa d'Africa desembarcou, internando-se no Transwal, onde foi entrevistado por alguns personagens boers, que sustentaram que era impossivel dar a volta á roda do mundo pela simples razão de que este não era redondo.

Consultando o presidente Kruger, com quem tambem conversou, este confirmou a opinião de seus compatriotas e citou um seu apio a Billia.

Foi atacado varias vezes por piratas negros, alguns dos quaes pôde conter com estratagemas, vestindo se com os tres unicos trajes do seu guarda-roupa, e mudando mesmo duas vezes de camisa, o que fazia parecer que a tripulação sa compunha de varios homens.

Este estratagema e o rifle manejado a tempo o livrou dos piratas.

A' noite, porém, enquanto dormia, a vigilancia era difficil: uma noite foi assaltado o barco enquanto elle dormia, porém o primeiro negro que poz o pé a bordo deu um grito terrivel ao pisar a ponta de um dos pregos, que collocara no barco.

Slocun sáhiu para vér o negro saltar de bordo e voltar para a sua canôa. Tres ou quatro tiros afastaram a canôa do *Spray*.

O capitão Slocun precedeu seu livro da seguinte eloquente dèdicatoria:

« Ao unico homem que disse que o *Spray* estaria ao porto de sua sahida, o capitão Slocun »

A FLOR

A ELYSIO DE CARVALHO

— Rosa de minha alma— eu sei que morro! estou moribundo. Amei-te muito e levarei para o tumulo esse amor purissimo que tanto me fez feliz.

Ao morrer, meu amor, quero deixar-te uma recordação modesta de minha idolatria por ti— ella: é uma flor, esta quasi murcha!

II

Bellinha, chorando copiosamente, arranca a flor, um



Moça de Zischgeli no traje nacional.

cravo viçoso, das mãos do agonizante e beija-o cem vezes!

Minutos depois, o amante morria sorrindo, doce a sua morte, porque ao exhaliar o ultimo alento de vida, tinha diante de sua alma a imagem ternissima da mulher querida!

III

Um anno era passado. Bellinha, no seu quarto mirava uma photographia. Representava esta uma flor, um cravo. Era o mimo do moço enamorado, do jovem, que morrera amando-a!

Assim, photographado, o cravo jamais murcho! Estaria sempre bello e perfeito. Aquella flor symbolizava o purissimo amor da virgem. Nella ouvia a alma do morto idolatrado, d'aquelle que apesar de inerte era ainda o seu primeiro e ultimo amor!

S. Paulo—1901.

ARTHUR GOULART.

A LARVA

(LUIZ GUIMARÃES)

Não, não perturbes a alligação eruenta que me retalha o peito, noite e dia: Eu vivo apenas dessa dor sombria, deste amargo pão, que me alimenta.

Os rosos vão, a ephemera alegria já não me cegam, nada mais me tenta. É vou sorrendo esta amargura lenta que me esmaga, me encanta e me inebria.

Deixa-me, pois, soffrer... Rios e mares menos revoltos são que os meus pezares e as negras ondas que a minha alma chora.

E, como a flor no calice de prata sustenta a larva, que a destroe e mata, ou vou nutrindo a dor que me devora.



Vaqueira nos Alpes.



Moça de Appensell de Rhodou Interior no seu vestimento domingueiro.

Intelligencia de um cão

A seguinte narração, leida em carta dirigida a uma folha da cidade do Rio Grande em 5 de fevereiro de 1890 pelo sr. capitão Ambrosio Taveira, é um eloquente atestado do grau de intelligencia e dedicação a que pôde atingir este nobre animal.

« Chiquito é o nome de um cãozinho, meu verdadeiro amigo. Ninguém daria nada por elle, porque só tem dois prestimos: o do instincto da conservação da propria existencia e a grande amizade que me tem.

Embarcando em Jaguarão, no vapor *Mirim*, a 4 do mez findo, com destino a Matto Grosso, não qui trazer o, não só por causa da despesa, como pelo incommodo de leido, quando effectuei o meu embarque.

Chegado aqui, recebi cartas de minha familia dizendo que o cãozinho nos primeiros dias só ia a casa para comer, passando a maior parte do tempo no caes e *chorando*, talvez à espera de que eu voltasse.

Perdendo, porém a esperança, creio, tomou o alvite de embarcar por conta propria, vindo aqui ter commigo no dia 3 d'este mez, no quartel do 3.º batalhão de artilheria, aonde me achava de serviço, e tanta alegria manifestou o fiel animalzinho que me consternou. O que é mais de admirar é que o meu *Chiquinho*,

nunca tendo salido de Jaguarão, sua terra natal, embarcasse, e, julgando que o fizessem desembarcar, se occultasse tão bem, que a bordo me garantiram que ninguém o viu »



Uma casa erigida numa cova nas montanhas dos Alpes.

Proverbios persas

Cuidado que a lingua te não corte a cabeça.
Lingua comprida faz a vida curta.
Setta despedida não volta ao arco.
Um arratel de saber para ser util necessita de dez toneladas de bom senso.
Quem só quer um cavallo sem defeito tem de andar a pé.

LONGE...

Longe de ti que amarga solidade!
Que desgraçadas horas de tristeza!
E' minh'alma um soluço de saudade
Longe de ti Thereza!

Ver-te foi ver com um deblumramento
Surgir clareando toda a redondeza;
Estrelas da manhã no firmamento
São teus olhos Thereza.

Longe de ti o veu da desventura
Descerra se por toda a Natureza!
E's tu a minha aspiração mais pura
Angelica Thereza.

Quero-te muito, ai como a tua imagem
Hoje por sobre meu destino pesa!
E's tu somente que me das cotagem
Oh! candida Thereza!

Que hora sombria! que pezar e que ancia
Tenho a saudade na minh'alma preza
Sysara-nos o vacuo de distancia
Que desgraça Thereza!

Entanto a tua imagem me acompanha
Tão clara em sua angelica belleza
Que o meu destino alegremente banha,
De tua luz Thereza!

Longe de ti na agrura dos escolhos
Vejo teus olhos cheios de tristeza
E o teu semblante não me sae dos olhos
Longe de ti Thereza!

5-1-1901

R. CAVALCANTI.

O leão

O leão, celebre pela sua força, valor e generosidade, chegou a ser appellidado o *rei dos animais*, e é geralmente considerado como o nosso gato domesticado, differindo unicamente pelo tamanho, e o uniforme alaranjado, crina ou juba espessa, que orná o petto e o macho, e um grosso panel de pelos na extremidade da cauda.

Os leões, segundo Herodoto, Aristoteles e Pausanias, eram vulgares em seu tempo na Thracia, Macedonia e Thessalia; actualmente não os ha nelleas regiões. Havia os tambem na antiguidade na Syria e na Asia Menor; hoje só se encontram na Africa, em alguns raros districts da Arabia, e certas regiões da India e da Persia. Diminuiu, portanto, enormemente a especie e pôde dizer-se que está ameaçada de destruição completa. Na mesma Africa são hoje muito menos numerosos do que o eram no tempo dos Romanos; estes nos jogos e combates do circo empregavam os leões em quantidade tão prodigiosa que, se o uso destes espectaculos se prolongasse por mais alguns seculos, a especie já estaria totalmente annihilada.

O leão nutre-se dos animais que apanha vivos e não ataca o homem senão quando é por elle atacado,

ou lhe presente nos gestos mede ou receio. E' reconhecido aos benefícios e implacavel na vingança; pode domesticar-se na prisão e é susceptivel de affecto, tanto para com o homem, como para com os outros animais com que é creado.

A arte de domesticar os leões foi conhecida dos antigos; Hunnon, cartaginês, foi exilado pelos seus concidadãos sob o pretexto de que quem, como elle, tinha o poder de domar os leões, tambem podia conceber o projecto de subjugar os seus concidadãos.

No anno 46 antes de Christo, Marco Antonio mostrou e aos romanos em um carro tirado por leões. Nos nossos tempos, varios eliminadores celebres tem exhibido em espectáculo publico leões domesticados que executam varios exercicios, notavelmente por mostrarem o quanto sobre a força bruta e nativa braveza das feras pôde a intelligencia do homem.

DESCANSO

O temporal violento enfim cessara
O sol iriando o orvalho do arvoredo
E a verde frança atravessando o cedo,
Um doce raio ao ninho desfechára.

A pobre mãe as alas apartara
Cobrindo a prole, trémula de medo!
Terrores dera o ceu, sombrio e tredo
N'um horrído bramido que a telara!

Fazião suas pennas arqueadas
Um protector escudo sobre o ninho
Onde dormião filhas adoradas

E só lhes vendo um riso no olharinho
Pôde fechar as azas tão cansadas!...
Ah! Nada igual a maternal carinho!

Niteroy: 1901

A. AZEVEDO.

Meio facil de obter sapatos

Na *Constituinte* que em 1891 se testamos contra a Republica do Uruguay, um imperial maranhense matou um *leão*, e, considerando ás 11 h. que a diuita em terras as direções, representou e do m. jho, atralhe as botas e, cobrando de, disse ao colto: para obter p...
— Quem quer as botas e o leão, vá com os...

Almanac Brazilero.

Dr. Moreira de Alencar.



A moda de hoje no ange de exagero!!

CHRONIQUETA

Rio, 23 de Janeiro de 1901.

O seculo e meoço mal. O proprio Dr. Plaugloss não seria capaz de afirmar o contrario.

Já tivemos as guerras do Acre, bella porção de terra que uns dizem ser brasileira e outros boliviana, e aqui na capital federal só tem havido tristezas.

Uma greve dos empregados da limpeza publica ameaçou terrivelmente a população, e desta vez não se pode dizer que a razão não estivesse do lado dos grevistas, que ha muito tempo não eram pagos.

O prefeito do districto federal foi bater a porta do ministro da fazenda, e a mãe Joanna da rua do Sacramento mais uma vez salvou a situação: foi removido para a Sapucaia o lixo que, em montanhas, nas ruas ameaçava infeccionar a velha Sebastianopolis.

✽

Cotizada da ex-heroica e leal! Logo depois dessa provação, sabido passado, as oito horas da noite, pouco mais ou menos, desabou sobre ella um tremendo temporal, que em muitos pontos deixou medonhamente assignalados os seus vestigios. Parecia que vinha o mundo abaixo! Os relampagos, trovões, raios e coriscos eram um Deus nos accuda, e choveu a cantaros,—chuva de atolar, de inundar, de destruir, de apavorar!

Mas como tudo nesta vida tem compensações, mesmo quando os elementos se desencadeiam contra a fragilidade das coisas humanas, os fluminenses, graças a esse turumbamba celeste, estão, em pleno janeiro, gozando uma temperatura agradável, livres da impertuna hospede que i dos annos os visita por essa época.

Dizem — e eu acredito — que a ausencia da febre amarella é tambem devida ás rigorosas providencias sanitarias que se deram para combater a peste bubonica, — de onde se infere que com um pouco de cuidado se evitam as epidemias.

✽

O que não se evita são os assassinatos e suicidios. Ainda lentem traziam os jornaes a noticia de um moço, que se matou por estar doente, e de outro que fez saltar os miolos por ter sido lesado em goos, quantia que não paga, me parece, uma existencia de homem.

Entretanto, o caso mais triste destes ultimos dias foi o assassinato de um pae de familia, que, apesar de casado e com filhos, era membro do Club dos Celibatarios.

O infeliz foi esfaqueado ás cinco horas da manhã, depois de um forrobido carnavalesco, por causa de uma mulher perdida a quem puzeram á expressiva alcunha de *Perna machada*.

Lima Rosa tinha se opposto a que essa mulher entrasse no Club, e um vagaburdo conhecido pela alcunha não menos suggestiva, de *Bôde*, assassinou-o, para vingal-a.

E ahí tem as leitoras como e porque morre um chefe de familia, que passa a noite n'um club carnavalesco!

✽

Mercec não ser esquecido nesta columna o conde de Antonelli, esse fino diplomata que conquistou a sympathia dos brasileiros, e acaba de fallecer em viagem do Brazil para a Italia, — o bello e glorioso paiz que neste momento se acha sob a terrivel pressão de uma desgraça imminente,—a morte do divino Verdi, cuja figura colossal não cabe nesta chroniqueta.

Outra morte a da rainha Victoria, o grande modelo dos soberanos e, o que mais é, o exemplo da piedade conjugal e do carinho materno, — uma figura de mulher que encheu um seculo e occupará um logar proeminente na historia das nações. Ella mereceu o nome com que a baptisaram, porque o seu longo reinado foi uma longa victoria.

Dizem que foi o Transwall que a matou, e eu acredito: não é possivel que tão boa esposa e tão boa mãe visse — sem morrer — o sacrificio de tantos maridos e de tantos filhos.

✽

Para não fechar a chroniqueta com assumptos de tristeza e morte, registremos o apparecimento de dois bons livros, um em prosa e outro em verso, editados ambos pela casa Laemmert: *Ave Maria*, de Luiz Guimarães Filho, o deliado poeta, e *Por que me usano de ser brasileiro*, paginas escriptas por Affonso Celso com um patriotismo puro, intenso e communicativo.

ELOY, O HERÓE.

THEATROS

Rio, 22 de Janeiro de 1901.

Abiram-se, friamente, dois theatros: o Recreio-onde tivemos a primeira representação da *Juana*, a nova revista de Moreira Sampaio, e o Lucinda, onde se estreou, com o drama *João José*, uma nova companhia dramatica sob a direcção do actor Ferreira de Souza.

Desse drama nada diremos, por ser assás conhecido, e da *Juana* diremos que é uma revista engraçada, bem feita, com boa musica, menos mal representada, e posta em scena com luxo.

As honras da noite da primeira representação couberam ao scenographo Carrancini, que recebeu

uma ovação pela bella apothose com que termina o 2º acto; entretanto, Coliva não se deixou vencer pelo collega, e apresentou um esplendido trabalho na apothose fin l, comemorando a visita do presidente da Republica a Buenos Ayres.

O publico applaudiu bastante, e é de presuahir que, não obstante a crise, a *Juana* de um bom numero de representações fructuosas.

X. Y. Z.

Dr. Campos Salles

Illustracion Sul Americana periodico illustrado, dous numeros especiaes em referencia aos acontecimentos durante o estado do nosso presidente em Buenos-Aires. Preço para a Capital Rs. 5\$000; pelo correio registrado Rs. 6\$000, para cada um.

Bilhetes postaes argentinos com os retratos dos dous presidentes Campos Salles e Rocca. Preço para a Capital 500 reis, pelo correio registrado 800 reis.

ALMANACHS 1901

Hachette, edição simples brochada.....	3\$500
" " " cartonada.....	5\$000
" " " encadernada.....	6\$500
" " " completa cartonada.....	7\$500
" " " encadernada.....	10\$000
Drapeau " encadernada.....	6\$300
Illustration Espanola.....	5\$800
Gotha.....	11\$500
Brazil Portugal.....	3\$000

Remette-se para o interior aos preços acima

CASA LOMBAERTS

Livraria A. Lavignasse F.º & C.

7 Rua dos Ourives 7

«Lecture Pour Tous» edição da casa Hachette de Paris — publicação mensal illustrada, remette-se para o interior ao preço de rs. 1\$500 cada fasciculo muito interessante.

Almanach Hachette 1901

Preço para a Capital 3\$000, pelo correio registrado 3\$500

ROMANCES DE ACTUALIDADE

H. Stenkienvicz — Sans Dogme.
Rostand — L'Aiglon.
Ohnet — La Tenebreuse.
Daudet — Premier Voyage premier mensonge.
Prevost — L'heureux Menage
Montfauud — La Chair qui aime, la Chair qui tue.
Balzac — La Cousine Bette.
" Le Lys dans la Vallée.
Mirebeau — Journal d'une femme de Chambre.
Bourget — Un Homme d'affaires.
Maupassant — Les Dimanches d'un Bourgeois de Paris.

Preço de cada um para a Capital 5\$000

Registrado pelo correio 5\$500

A venda na CASA LOMBAERTS

7, Rua dos Ourives, 7

RIO DE JANEIRO

Aguas de Vichy

Garantidas, NOVAS

e LEGITIMAS das seguintes fontes

Celestins. }
Hauterive Pres. } Preço da caixa
Grande Grille. } com 50 garrafas
Hôpital. } Rs. 6\$000

A venda CASA LOMBAERTS

7, Rua dos Ourives, 7

N. B. — Remette-se para o interior accrescentando-se ao preço acima as despezas de frete.

ULTIMAS NOVIDADES MUSICAES

Grande estabelecimento de pianos e musicas

DE

Fertim de Vasconcellos, Moranl & C.

147, Rua do Ouvidor, 147

Polkas

Brincando, por H. Dias..... 1\$000
Vai sahindo, por A. Keller..... 1\$000

Tangos

Só de mão, por E. Telles..... 1\$000
Ferruge, por E. Telles..... 1\$000
Tango do pianista, por Costa Junior..... 1\$000

Valsas

Tristeza d'alma, por Martins..... 1\$000
Dolente, por Carlos Marques..... 1\$000
Tragabalas (com letra), por Costa Junior..... 1\$000
Amor que mata, por J. G. Christo..... 1\$000
Despretenciosa, por J. G. Christo..... 1\$000
Elegante, por A. Cavalcanti..... 1\$000
Juracy, por A. Nunes..... 1\$000
Licéa, por Evora Filho..... 1\$000
Meus oito annos, por O. Carneiro..... 1\$000
O teu olhar me seduz, por Evora Filho..... 1\$000

Schottisch

Alzira, por Campos Junior..... 1\$000
Guanabara, por I. Madeira..... 1\$000
Grinalda de noiva, por Evora Filho..... 1\$000
Primeiro Amor, por E. Telles..... 1\$000

Quadrilhas

Borb'letas, por E. Couto..... 1\$000
Recordações da infancia, por J. M. Lacerda..... 1\$000

Remettem-se encomendas para o interior juntamente com o brinde mensal que a casa offerece.

147, RUA DO OUVIDOR, 147



CRÈME SIMON
PARA
conservar ou dar
ao rosto
**FRESCURA
MACIEZA
MOCIDADE.**

Para proteger a epiderme contra as influencias perniciosas da atmosphora, é indispensavel adoptar para a toilette diaria o **CRÈME SIMON**.

Os **PÓS** de Arroz **SIMON** e o **SABONETE** Crème Simon, preparados com glicerina, a sua acção benéfica é tão evidente que não ha ninguém que o use uma vez que não reconheça as suas grandes virtudes.

J. SIMON, 36, Rue de Provence, PARIS
PHARMACIAS, PERFUMERIAS
e lojas de Galletierros.
Desconfiar das Imitações.

LENDA

Poty, o mais feroz na guerra, diante de quem as hostes inimigas recuavam temendo o poder invencível do seu tacape, que cahia com a mesma rapidez dos raios com que Tupam fere aos gigantes jiquitibás nos dias de tormenta, sentio-se um dia domado e preso.

Quando a lua surgindo por cima do arvoredor illuminava com o palor tristonho, os campos de combate e os bailados delirantes dos vencedores, inebriados pelo triumpho, Poty já não vinha como outrora ao ruido das azagaías, soprar cheio de alegria no bore de guerra, os hymnos de victoria.

Fundo o combate, apoiado no arco vencedor e com a cabeça enfeitada com as pennas do cocar, tombada sobre o peito, Poty sismava e as vezes, alongava um olhar cheio de saudade para o lado da floresta que encobria a taba amiga.

Lá, atraz da palissada que rodeia protectora as cabanas dos habitantes das selvas, vivia a dona do olhar cheio de meiguice, que apenas n'um volver carinhoso, manietara completamente, todas as resistencias bravias do guerreiro.

E o indio pensava em voltar cheio de tropeheus tomados aos inimigos, festejado pelos seus e muitas vezes, via em sonhos a figura encantadora de Inhaa, a sorrir-lhe da porta da cabana, tendo na mão o cachimbo dos dias de descanso, como o symbolo da alliança.

Voitava a tribu victoriosamente a taba e casando e m os rugidos do tigre que bramava nas serranias, os gritos dos guerreiros annunciavam ao longe a victoria de suas armas.

Poty, distanciando-se dos companheiros, corria veloz como o gamo, em direcção do sitio querido, elle queria ver ao menos de longe, elevar-se o fumo annunciador do lar amigo. Subito o guerreiro estaca, e a seus ouvidos chega o murmuro de uma voz, que muitas vezes falara-lhe ternamente a alma. Era como que uma melodia de todas as doees harmonias que a natureza p' seue, era um mixto do cantar sonoro dos passaros e do sissiar dos regatos mansos da floresta.

Poty contendo a respiração avançou mais, e vio Inhaa, a senhora do seu ser, recostada amorosamente ao hombro de Guandú, um guerreiro da tribu!

Todos os odios aninhados na alma humana revoltaram-se de subito e o indio tornando-se em animal bravo, de um salto derriba o rival e aponta-lhe para o peito a flecha vingadora.

O arco arqueando-se pela pressão possante da mão do guerreiro, vai deixar partir o dardo da morte e pelo ar já paira o tom sinistro do lucto.

Poty vai ferir, mas levantando a vista, viu que des olhos formosos de Inhaa, correm dois fios de perlas purissimas, tremem-lhe a mão e a flecha, arremessada com raiva, foi cravar-se tremulante á poucos passos adiante. Poty recou e fala:

— E' porque Guandú vai morrer que choras, Inhaa?

— Sim, elle é senhor de minha alma, disse a jovem, foi para elle que teei a rede do descanso durante os dias da guerra, e se tu Poty, mata á Guandú, nunca mais meus olhos verão a luz do sol!

Poty tremou, e elle que era forte, que era bravo e que subjugava brincando tigre da floresta, sentio-se acobardado enfrente aquella fraqueza que chorava!

— Pois bem, não morrerá Inhaa, e que Guandú vá e espere-me na floresta negra.

Guandú partiu tristonho e envergonhado e quando os dois ficaram sós, Poty disse:

— Inhaa, perdoa-me ter feito teus olhos derramarem lagrimas, eu vou partir para nunca mais voltar, mas antes, queria pedir-te como lembrança uns fios de teus cabellos...

A jovem acceden ao pedido do misero, e levando ao niveo colar dos alvissimos dentes, os bastos e sedosos cabellos, coitou numa madeixa que entregou ao pobre indio

E'noite, enquanto os guerreiros em torno das fogueiras do lar, contam aos velhos e as mulheres as peripecias da guerra e os pagés invocam as suas divindades, para agradecer a victoria, Inhaa espreita no eseu, por traz da palissada a volta de Guandú.

Já o bacurão o passaro da noite, voou tres vezes diante seus vacillantes passos e no coração de Inhaa, os mios presagios Imperam dolorosamente.

Um piar monotono e interrompido como o do mocho, avisa a jovem a chegada de Guandú e momentos mais, destaca-se da sombra da floresta a figura do indio, vacillante e tristonho.

Inhaa sentiu em um segundo dissiparem-se todas as apprehensões e a visão do ente amado, fella esquecer egoisticamente o resto do mundo.

Mas Guandú está silencioso e com o olhar perdido no chão.

— Porque tardaste tanto, diz Inhaa: o que é feito de Poty, sabes?

Guandú levantou tristemente a cabeça e disse:

— Esperei Poty na floresta negra, quando o sol sumio por traz do grande morro elle chegou com a visão carregada, como nos dias de combate, trazia fogo nos olhos e sangue na bocca, tremi ao vel-o, e eu sou valente.

Poty disse-me então:

«Roubaste-me a vida, tirando-me o amor de Inhaa; não tenho mais a quem dar os enfeites de pedras brillantes que arranquei com o risco da minha propria vida, dos pulsos do chefe inimigo, nem com quem repartir os triumphos que ganhei na guerra, por isso Guandú, eu venho aqui com a sombra da morte!»

— «Toma o meu arco e dá-me o teu, vê que elle é forte e pôde bem atirar uma flecha que dê a morte; quando eu soltar o grito do gavião, fere-me, porque se eu não cahir és um guerreiro morto.»

Disse e se affastou de mim.

Tremi por minha vida e pensei que se não derubasse á Poty, seria eu o morto e que nunca mais veria o teu olhar, Inhaa.

Elle soltou o grito do gavião, destendi o arco, a flecha partio e vi o vulto de Poty tombar, tinha morrido o maior guerreiro da tribu...

Assim fallou Guandú e terminando, estendeu o arco que trazia:

— Eis aqui o arco de Poty e perdoa-me Inhaa.

A jovem tomou silenciosamente o arco e como uma sombra voltou para a cabana.

Quando a luz do brazeiro que preparava a ceia do velho Pagé seu pai, quiz examinar a arma que produzira a morte ao grande dedicado, o arco cahio-lhe das mãos e um prolongado pranto agitou-lhe o seio.

Inhaa reconhecera na urdidura da corda que impelira a flecha mortal, os fios do seu sedoso cabelo, entregues a Poty no momento da despedida.

Como era grande aquelle amor do indio, mas amor assim, só pôde nascer no coração dos simples. Paquetá, Janeiro de 1901.

ALVARO PAES LEME.

IGNOTA

Eu não posso ser teu, tu não pôdes ser minha...

LUIZ MURAT

Busco embalde varrer d'alma e do pensamento tua imagem querida, e cada vez mais forte, como ideia cruel que não n'á apaga a morte, elle chega a tirar-me o proprio entendimento.

Nem um instante só, nem sequer um momento abandonas minh'alma e tanto em minha sorte tens exercido imperio e tal poder que a morte não poderá quebral-o, no seu fatal tormento!

Arrasta-me beijando a terra humida e fria!... A dor dá-me prazer maior do que a alegria, e só vivo feliz soffrendo, enquanto gosns.

A minha estrada é longa, e são os teus carinhos para mim tão cruéis como um milhão d'espinhos que os labios nos recorta, indo beijar as rosas!

AS QUARENTONAS

A boda do rei Alexandre da Servia com uma dama de honra da rainha, Nathalia — a senhora Daga-Masclin — viuva de um bargez qualquer, de trinta e seis annos, segundo uns, e segundo outros de quarenta e dois, traz-nos á memoria a recordação de mulheres celebres e illustres que, já quarentonas, exorceram influencias preponderantes nos destinos dos grandes povos, na alma de poderosissimos soberanos.

Proclama o a historia de todos os tempos.

Os encantos da mulher que passa dos trinta annos a sua sciencia da vida, o seu conhecimento do mundo adquiriram mais conquistas do que a belleza e os attractivos das jovens donzellas sem experiencia e sem a arte suprema do imperio sobre os homens.

Na antiguidade, os exemplos são famosos. Cleopatra empunha o sceptro da formosura e do amor no mundo, accendia a paixão cega de Antonio, fazendo rebentar uma guerra tremenda no vasto imperio de Roma; detinha o curso dos acontecimentos humanos quando á o sol tinha beijado a sua fronte, durante varias primaveras.

Agrippina, mãe de Nero, era, no advento deste ao throno, viuva de tres maridos, sendo o ultimo o imperador Claudio, a quem fez adoptar como successor, e em prejuizo de Britanie, a Domicio Nero que lhe pagou com a morte a sua elevação a Cesar, depois de commettidos tantos esforços titanicos e tantos crimes horrosos.

E Agrippina era, apesar da sua idade já bastante provecia, pois andava pelos quarenta, a mulher mais formosa da Cidade Eterna.

Popéa Sabina, a segunda mulher de Nero, era já divorciada de Othou, quando Cesar repudiava Octavia, e abandonava Acté, casando-se com ella e erigindo-lhe um templo, como si fosse uma deusa, ao lado de Venus, de Ceres e de Vesta.

Verdade seja que Popéa Sabina conservava a sua juventude e belleza inalteravel, graças ao banho que todos os dias tomava com o leite de 300 jumentas.

Mas não é preciso recorrer a tão remotos casos historicos; em Hespanha e França ha alguns mais proximos de nós, brillantes e de tanto esplendor como aquelles.

Haja visto o que aconteceu com a famosa princeza de Eboli, que tão soberano e doce imperio exerceu sobre o duro coração do estadista e politico Philippe II.

A princeza de Eboli, nascida em 1540, casada aos doze annos e morta em 1560, exerceu uma influencia tão avassaladora no animo daquelle ferreo monarca, que conseguiu dispor dos destinos d'uma das maiores monarchias da terra na idade de trinta e oito annos.

E então, e desta epoca até quasi á sua morte, o seu poder não conheceu rival, dispondo a seu livre alvedrio daquelle a quem lhe prestavam bomenagem as potestades da terra.

As duas figuras principaes de maior periodo historico da Hespanha, Philippe II e Antonio Perez compartilharam os favores de sua alma e belleza singulares. A desgraça de Antonio Perez e com elle a ruina das liberdades de Aragão, vão enlaçadas á historia da princeza de Eboli, demonstrando assim o decisivo influxo de numerosas matronas, de illustres durasias, na sorte dos povos.

A formosura desta princeza foi cantada por poetas gregos, não obstante ser cega de um olho.

E nada diremos da magna, da indiscutivel soberania que no reinado de Philippe V, até que chegou a Hespanha Isabel de Farnesio, teve a memoravel princeza dos Ursinos.

Sessenta annos contava já a grande dama, quando principiou a reinar o duque de Anjou, e estava ainda tão conservada que lhe permitiam, não só dominar o rei com os attractivos da sua belleza historica, mas despachar por si mesma os mais graves e intrincados negocios de estado.

Educada na corte do rei sol, emula de Montespan, discipula de Maintenon, mulher dotada de privilegiado talento, a princeza dos Ursinos enveredou a politica do primeiro Bourbon pelo rumo que tão favoravel foi á nossa patria.

Ha, pois, dois exemplos notaveis na historia da visinha França, que assignalam o declinar esplendoroso do regimen antigo e a aurora do moderno regimen.

Luiz XVI e Napoleão Bonaparte são os arbitros do mundo, pela influencia de duas mulheres para sempre illustres, madame Maintenon e Josephina Beauharnais.

A marquez d'Aubigné, franceza — conhecida pelo nome de madame de Maintenon — nasceu em Niort em 27 de novembro de 1635, viveu oitenta e quatro annos, e a sua vida é uma novella, tão cheia foi de peripecias, que attinge o phantastico. Viuva de Scarron, dama da corte, começou as suas relações com Luiz XIV em 1680, aos quarenta e cinco annos. A influencia de Maintenon no animo do rei chegou ao apogeu da sua grandeza em 1683, aos quarenta e oito annos. E já contava cincoenta quando contrahiu casamento secreto com o soberano da França.

Aquelle que disse *«Estado sou eu»*, aquelle que se não tinha deante de nada, nem de ninguém para a execução dos seus propositos; aquelle que escurisou a Europa, venceu a Inglaterra e deu um rei a Hespanha, tremia, não obstante, pelo menor enfado da dama dos seus pensamentos, que tinha cincoenta annos. Prodigio esse de uma immortal juventude e belleza.

Mademoiselle Taschet de La Paigne, depois mulher do visconde de Beauharnais, ao ficar viuva, tor-

noas successivamente, a *Madame Bonaparte, a mulher do primeiro consul, a imperatriz Josephina*. Sem ella, provavelmente, não teria sido Napoleão o que foi. Como deuen a Josephina a protecção de Brittas, o commoio de Paris o exercito de Italia as sympathias da velha e aristocratica cidade franceza. A estrella do capitão do seculo começou a eclipsar-se quando repudiou Josephina e casou com Maria Luiza. Desde então tomou a fanesta guerra de Hespanha, de desastrosa campanha da Russia, etc.

Pois bem: a 9 de março de 1900 (o venturoso anno IV celebrava-se a administração do segundo bairro de Paris o matrimonio de Maria Josephina Rossi de Tacheer, por outro nome, madame de Bauharnais, com Napoleão Bonaparte. Para que não fosse notada uma tão grande disparidade de annos entre os dois contrahentes, foi preciso falsificar os certidões de baptismo de ambos. A Bonaparte deram na acta de casamento dezoito mezes a mais do que tinha e sua mulher seis annos menos do que os que realmente contava. Josephina teria nascido em 13, Napoleão em 19. O esposo, como agora Alexandre da Servia, ainda não tinha completado os vinte e cinco annos e a esposa andava pelos trinta e quatro. Quarenta tinha a incomparavel Josephina quando o vencedor das Pyramides depositava a seus pés os louros de tantos triumphos, os maiores talvez que a humanidade registra.

Balzac, na sua famosa novella, *A mulher dos trinta annos*, expôz com o seu talento, com o genio de que era dotado para a observação psychologica, o segredo do riso que a primeira vista parece singular e estranho. A mulher, enquanto não passa dos trinta não chega ao pleno desenvolvimento da sua personalidade mental e moral, e a belleza adquire então os caracteres do fructosazonado, de irresistiveis encantos.

Quarentonas illustres — para que citas as si estão na memoria de todo o mundo — têm havido nos tempos contemporaneos em Hespanha. Têm empunhado o sceptro da elegancia, da lornosura e do poder. A sua arte não tem tido rival para conduzir os destinos da nossa historia tão turbulenta e accidentalmente mas tambem tão brilhante.

A divindade que inspirou a influencia de Cleopatra, Agrippina, Popéa da princeza d'Eboli, e da princeza dos Ursinos, e de mine, de Maintenon e Josephina Bauharnais, ainda se não dissipou ainda faz milagres na corte da Servia. E' a musa da eterna juventude de uma mulher formosa.

Do *Diario Popular*, de Funchal.



Teus olhos

Fujo da luz dos teus serenos olhos, porque são esses olhos como a vida, que nos atrahie, abraça, beija e abraça, e que depois nos lança sobre escolhos.

Tanta meiguice, tanta luz reparte o teu olhar, que me magoa e pisa! A gente o encontra e torna-se indecisa: si ha de cahir-te aos pés, si ha de evitar-te.

Ausente, inspiras prímabios desejos, culpas de que, contrito, me envergonho: Vivo embalado pelo doce sonho de apagar-te o fulgor do olhar a beijos.

Fitas-me, e a culpa que n'est'alma aninho cede agora lugar a outros impulsos, como si a quem, me agulhoando os pulsos, ordenasse: — Ajoelha-te, mesquinho!

Que o teu olhar evoca-me o futuro, e obriga-me a lembrar todo o passado; faz-me crer que tu sempre um desgraçado, e dá-me alento de ser bom, ser puro.

E sempre que derramas, docemente, sobre os meus olhos os teus olhos magos, eu penso, cheio de temores vagos, ser o céo que desaba sobre a gente.

MARCELINO GAMA.

A MAROMBA

Damos em seguida, transcripto da *Gazeta das Aldeias*, o primeiro artigo de Guerra Junqueiro, acerca da maromba:

A primeira invasão da maromba na minha quinta, dei por ella o anno passado, em ultimo de maio. O tratamento fez-se achando me eu ausente. Nem assisti á applicação do remedio. Nem tambem lhe verifiquei os seus effectos immediatos.

Mandi cortar as extremidades das varas indunas! pulverisando em seguida toda a parreira com enxofre enpico. Houve melhoras, ainda que leves, segundo informações do meu feitor. Ponderel então: se o enxofre, cobrindo só algumas folhas durante poucas horas attenuou a doença; multissimo mais a deveria attenuar, fixando bem e por largo tempo em todas as folhas marombadas. Ordenel, em consequencia, que pulverisassem primeiro a agua e sabão, enxofrando depois immediatamente. O resultado foi bom, quasi curativo. Desenvolveram-se outras manchas epidemicas e recetei enxofre e cal, em vez de enxofre cuprico, com tres applicações successivas de quatro em quatro dias. Assim, foi mais suportavel a in-

da: curou de todo. Em outras manchas, que ainda depois se mantiveram, usei unicamente de cal e com identico beneficio.

Este anno a entrada de maio, notei eu que alguns enxertos rachiticos, por uma affluencia entre o garfo e o cavallo, apresentavam signes de maromba, desenvolvendo-se nas folhas uma chlorose raiada, inteiramente caracteristica. Chamei varios praticos, nada menos de tres, acordando elles unanimemente em que não era maromba a doença dos enxertos. Fiquei em duvida, e puz-me a observar o caso dia a dia, com toda a vigilancia. E realmente a chlorose suspeita só aos taes enxertos a ia venho propagar-se. Corria valdões interiores, pouando as cepas bem adaptadas, que ficaram indemnes. Em alguns americanos, ainda por enxertar, desd'hi depois a mesma chlorose. Arruquei-os, e em todos elles eu encontrei um deficit accidental ou organico que hypotheticamente justificava a anomalia da chlorose. Ao cabo porém de duas semanas a invasão da doença estancou e as plantas bem adaptadas e robustas; quer estivessem ou não por enxertar. Abri os olhos, para a maromba. A principio installara-se nos organismos lebeis, menos resistentes, atacando depois com velocidade destruidora os mais vigorosos e sãos. Contavam-se já muitos milhares de parreiras com maromba, em focos diferentes, disseminados por toda a quinta. Assombrou-me n'esse momento, declaro-o, uma noite de panico. D'aquella vinha verlegante restava em breve um cemiterio sinistro, na minha montanha lugubre de penedias revoltas e calcinadas.

N'o entanto recobrava o animo e dizia comigo: Mãos á obra, lutar! E durante dois mezes eu fui na realidade o medico, o cirurgião, o boticario e o enfermeiro da minha vinha moribunda. E salveia. Como? E' o que vou explicar detidamente, visto a cultura da vinha em Portugal e sobretudo no Douro, estar hoje ameaçada pela terrivel cacteria da maromba.

O primeiro tratamento que me lembrou foi o que empregara em 1895; mas, valha a verdade, não depositava n'elle uma absoluta confiança. Correria exclusivamente pelos olhos e mãos do meu feitor. D'ahi as minhas duvidas. Mas o caso era urgente, não admittia hesitações. Mandei pulverisar as cepas atacadas com agua e sabão a um por cento e enxofrar depois, abundantemente, a enxofre cuprico rejeitando-se d'ahi a dias o mesmo tratamento. Ao cabo de duas semanas, as videiras, cuja infecção era recente, estavam curadas e as outras com melhoras indiscutiveis e notabilissimas. Dia a dia, contudo, iam surgindo novos focos de maromba. Substitui o enxofre cuprico por enxofre e cal em cal unicamente, como nas experiencias de 1898. Exito completo.

N'esse momento recebi o numero da *Revue de Viticulture* com o optimo artigo do sr. Viala sobre a maromba, em que elle affirmava ser a doença produzida por uma bacteria com extraordinarias qualidades de adaptação ás plantas e até aos animaes (1). Um detalhe, porém, me surpreendeu. O sr. Viala não pôde maromba uma certa planta, sendo tratando-a previamente pela cal (2). Isto é, a bacteria da maromba desenvolve-se nos meios alcalinos e soffre ou succumbe nos meios acidos. E então reflecti: entre este facto e as minhas experiencias ha contradicção inevitavel. Pois eu destruo a maromba com a cal, e exactamente na cal que a maromba prospera e se dá bem!! Que antinomia é esta? De que maneira resolveu a?

E' recentemente lembrei-me da acção da luz sobre as bacterias. Era possivel, porque não? E abriu-se aos meus olhos um horizonte novo, immenso, illimitado.

Sim, era possivel que a relativa transparencia da cal aos raios luminosos fosse a origem da sua virtude contra a bacteria da maromba.

E, entrando n'este caminho, fiz um grande numero de experiencias que vou abreviadamente relatar.

Primeiro ensaiei a cor negra, que absorve todos os raios luminosos; empreguei a ulha, a terra preta, o negro de fumo e o negro da cortiça. E curei ou attenuel a maromba, sendo os effectos tanto mais energicos e mais rapidos, quanto mais leves e finas eram as poeiras. Comprehendesse: as camadas densas absorviam a luz, não a deixando attingir a superficie das folhas marombadas.

As poeiras brancas, menos opacas aos raios luminosos, deviam actuar melhor.

Não me enganel. A cal e o talco deram-me resultados peremptorios. Com uma só enxofradella, o maximo duas, debellel a doença. Quando esta era de invasão recente, não deixava nas folhas o minimo vestigio. Quando o ataque, porém, vinha de longe, de semanas, as filhas encarquilhadas e chloroticas, conservavam os estigmas indeleveis da molestia, mas os rebentos saiam todos frescos, verdes e vigorosos. A planta estava curada. E se ao redor d'ella existiam outras ainda sem maromba, já não havia contaggio. Prova ceita de que a bacteria morrera.

De cinza e sulfureto de calcio colhi resultados excellentes.

Quiz experimentar a cal e o talco em diversas cores, desde o vermelho ao violeta, mas quando me chegaram á Barca d'Alva já não tinha maromba onde as applicasse.

Combinações da hulha com o enxofre e cal produziram effectos similares. Crestavam, porém, e muito mais do que a hulha simples, as folhas tenras e immozas, o que deve attribuir-se, calculo eu, ao desenvolvimento, embora em pequenas doses, do sulfureto de carb me.

Mas a sim-les acção mechanica de todas estas poeiras, adherentes ás folhas quizee-lhas, meditandolhes intimamente as funcções chlorophyllianas e respiratorias, não explicava talvez a morte da bacteria,

Para averiguar, e, como não dispunha ali de campainhas de vidros de varias cores, servi-me de papeis translucidos branco, negro, vermelho, azul, verde, amarello e violeta, que appliquei em lornas de cartucho nos ramos ou sarmentos das plantas marombadas. O negro melhorou ou abollu a doença, crestando por vezes as folhas tenras dos rebentos, phenomeno que já antes eu observara com as poeiras da mesma cor. O vermelho não teve acção. Do verde e do azul não colhi esclarecimentos definitivos, porque o sol varcia logo a tinta dos papeis. O effecto do branco, admiravel e o violeta o mais energico de todos.

Estava demonstrado, julgo eu, que a acção inebitante das poeiras não inflaira sobre a maromba, e que a destruição da bacteria devia ter como causa ou os raios chumicos, ou os luminosos ou os cal rifeiros invisiveis. Mas estes ultimos não, visto que o papel amarello, branco e violeta das minhas experiencias determinavam a mesma ou quasi a mesma temperatura, sendo, apesar disso, inerte contra a maromba o papel amarello e extraordinariamente efficazes o papel violeta ou o papel branco.

Creio, pois que a acção therapeuticia vem dos raios luminosos ou dos raios chumicos. E naturalmente d'aquelles, pois que são, em geral, os mais inimigos das bacterias.

Do que estou bem certo é de que a pathologia vegetal, por este caminho novo, desc'brira verdades locundas e imprevistas. Sujetei-se os diversos sporos e bacterias, que originam as enfermidades das plantas, aos raios calbriles, aos luminosos e aos raios chumicos da luz. E quando, por exemplo, se demonstre que tal raio lumino so é inimigo de tal bacteria, facilissim sera por meio de callas ou de poeiras levat-o ás folhas e aos fructos de todas as plantas atacadas.

O mesmo principio na therapeuticia humana esta obrando maravilhas. Os raios X curam o cancer ou modificam-no, segundo dizem. Cura-se a variola de peor caracter com os raios de diversas cores. Chagas e feridas de má indole cicatrizam rapidamente pelo mesmo processo.

Não me admiro, pois, de que no sol estejo o remedio effcaz e gratuito das doenças parasitarias vegetaes. Sobre o caso especial da maromba e d'outras enfermidades da vinha, tal o milio e black rot, poderão os nossos professores, bacteriologos distinctos, como os Srs. Camara Pestana e Verissimo d'Almeida, indagar desde ja o que existe de verdade ou de illusão nas minhas molestas experiencias, effectivas sem o rigor de experiencias definitivas e conclusivas. Mas se o problema theorico fica duvidoso, o problema pratico, sinceramente, julgo o resolvido. Cura-se a maromba, e o tratamento é facil, é simples e é economico.

E, como é esta a face da questão que mais interessa os lavradores, indicarei com nitidez os meios que devem usar-se para debellar a doença. O meu proximo artigo sera um guia detalhado e claro do tratamento da maromba. E, se algum duvidar da plena efficaçia dos remedios, que vão á minha quinta da Barca d'Alva, A prova indiscutivel encontra-se lá bem franca e bem patente.

(1) Na minha quinta observei este anno, oliveiras, amendoeiras e nespereiras atacadas, sem duvida alguma, de maromba. Appliquei-lhes, com igual efficaçia, um tratamento identico ao da vinha.

(2) Na minha propriedade ha varias manchas de cal, e n'ellas se desenvolveram os primitivos focos de maromba. A doença ali foi muito mais grave e mais rebelde ao tratamento.

GUERRA JUNQUEIRO.

MOLDES



Temos a satisfação de communicar ás nossas gentis assignantes e leitoras que, apesar de nosso silencio, continuamos com o nosso serviço de moldes tanto d'ella, quanto de qualquer outro jornal, para esta cidade e para o interior da Republica.

Ha uns bons trinta annos temos nos incumbido desse serviço, confiando o sempre a pericia de verdadeiras artistas em materia de cortes.

Agora mesmo as senhoras a quem confiamos esse trabalho, são das mais habilitadas mestras no assumpto, no qual não temem confronto.

Nunca recebemos reclamações contra o serviço da casa e com fiducia podemos assegurar que estamos habilitados a satisfazer a frequencia mais exigente, sem que tenhamos receio de que nos vejam dar lições de apuro e bom gosto, nem na indecidez de nossos preços.

Para o presente numero offerecemos:

N. 31—Corpinho.....	1500
N. 33—Sala.....	1500
N. 32—Sala.....	2500

Os recados são recebidos no escriptorio desta folha bem como a importancia que deve acompanhar o pedido.

Pelo correio mais 100 reis para o primeiro molde e 200 reis para cada um dos que se seguitem.

CORRESPONDENCIA — *Pede-se toda a clareza no nome das pessoas que se dirigirem á nossa casa por correspondencia, assim como indicar por extenso o lugar de residencia e nome do Estado.*

Os pedidos d'informações devem vir sempre acompanhados de um sello de 200 réis para a devida resposta.

FADINHA

IV

No dia seguinte, o Pimenta, entrando no escriptorio do barão, encontrou-o de máo humor.

- Então? Foste?
- Fui. Fui a Roma e não vi o papa.
- Não entendo.

— Roma é o Engenho-Novo e o papa é a Fadinha.

— Não a viste?

— Já te disse que não. Pretextou uma doença e não me appareceu.

— Deverás?

— Imagina tu que estupidez almoçar com a D. Firmina e os filhos, e vel-a por um oculo! Almoçar é um modo de dizer, porque eu não comi nada! Fiquei desesperado!

— E que te disse a velha?

— A velha estava ainda mais contrariada que eu. Era uma coisa que entrava pelos olhos. Perdi-me muitas desculpas pela ausencia da filha, e disse-me—sem nenhuma convicção, aliás—que realmente ella estava muito incommodada.

- Não creias.
- Está visto que não creio.
- Tu tens um rival.

— Deverás?

— É o que te digo!

— Já desconfiava disso.

— Um concorrente serio. Houve quem me informasse de tudo hoje pela manhan.

E o pimenta contou ao barão o que os leitores já sabem : os amores de Remigio e Fadinha, a ultima vontade do velho Raposo, os obsequios prestados á familia, a opposição de D. Firmina e dos Filhos, o afastamento de Remigio,—e acrescentou :

- A pequena desconfiou que lhe queriam importe para marido, e fechou-se no quarto. Ah! tens—porque foste a Roma e não viste o papa.
- Que me aconselhas tu?
- Para responder a essa pergunta, preciso primeiramente saber quaes são as tuas intenções. Houve um longo silencio.
- Gostas della?

NINON DE LENCLOS

escrevecia da ruiga, que jamais ousou mascarar-lhe a epiderme. Já passava dos 80 annos e conservava-se jovem e bella, atrahido sempre os pedagos da sua certidão de baptismo que esmagava á cara do Tempo, cuja foice embotava-se sobre sua envidalhada physionomia, sem que nunca deixasse o menor trago. Muito verdemial-vin-seobrigido a dizer o velho rabugento, como a rapazada Lafontaine dizia das nvas. Este segredo, que a celebre e egoista facieira jamais confitaria a quem que fosse das pessoas daquelle época, descobrio-o o Dr. Leconte entre as folhas de um volume de *L'Histoire amoureuse des gaules*, de Bussy-Rabutin, que fez parte da bibliotheca de Voltaire e é actualmente propriedade exclusiva da **PARFUMERIE NINON, MAISON LECONTE, Rue du 4-Septembre, 35 à Paris.**

Esta casa tem-no á disposição das nossas elegantes, sob o nome de **VERIFIABLE EAU DE NINON**, assim como as receitas que d'ella provém, por exemplo, o

DUVET DE NINON

pó de arroz especial e refrigerante ;

Le Savon Crème de Ninon

especial para o rosto que limpa perfeitament e epiderme mais delicada sem alteral-a.

LAIT DE NINON

que dá alvura deslumbrante ao pescoço e aos hombros

Entre os productos conhecidos e apreciados da **PARFUMERIE NINON** contam-se :

LA POUDRE CAPILLUS

que faz voltar os cabellos brancos á cor natural e existe em 12 cores ;

SEVE SOURCILIERE

que augmenta, engrossa e brune as pestanas e os supercilios, ao mesmo tempo que dá vivacidade ao olhar

LA PATE ET LA POUDRE MANDORALE DE NINON

para finura, alvura brilhante das mãos, etc., etc.

Cavem exigir o verdadeiro nome da Casa e o endereço sobre o rotulo para evitar as emulções e falsificações

PARFUMERIE EXOTIQUE E. SENET

35, Rue du 4-Septembre, 35, PARIS

MÃO DE PAPA do duque, de príncipe, por meio da **Pâte des Prélats**, que embranquece, elisa, anetina a epiderme, impede e destróe as freiras e as racha.

UM NARIZ PICADO de pequenas borbullas ou com cravos torna a recuperar sua brançura primitiva e suas côrca lisas por meio do **Anti-Bolbos**, producto seu igual e muito contrafeio.

CUIDADO COM AS CONTRAFACÇÕES

Para ser bella, encantar todos, olhos deve-se servir da Fleur de Pêche pó de arroz feito com fructos exóticos.

POUCOS CABELLOS

Fazem-se crescer e cerrados empregando-se o **l'Extrait Capillaire des Bénédictins du Mont-Majella**, que tambem impede que caian e que fiquem brancos.

E. SENET, Administrator, 35, R. do 4-Septembre, Paris.

NÃO ARRANQUEM MAIS

os dentes estragados, sarde-os e branque-os com **l'Elixir dentifrice des Bénédictins du Mont-Majella.**

E. SENET, Administrator, 35, R. do 4-Septembre, c. Paris.

CALLIFLORE

FLOR DE BELLEZA

Pòs adherentes e invisiveis

Graças ao novo modo porque se empregam estes pòs communciam ao rosto uma maravilhosa e delicada belleza e deixam um perfume de exquisita suavidade. Alem dos brancos, de notavel pureza, ha outros de quatro matizes diferentes, Rachel e Rosa, desde o mais pallido até ao mais colorido. Poderá pois, cada pessoa escolher a côr que mais lhe convenha ao rosto.

PATE AGNEL

Amygdalina e Glycerina

Este excellente Cosmetico branquea e amacia a pelle, preserva-a do Cieiro, Irritações e Comichões tornando-a avelludada; pelo que respeita as mãos, dá saludez e transparencia ás unhas.

AGNEL, Fabricante de Perfumes, 16, Avenue de l'Opéra, Paris.

Em suas seis Casas de venda por miudo nos bairros mais ricos de Paris.

Perfumaria extrafina

L.T. PIVER

PARIS

Corylopsis do Japão

Evitar as Imitações e Falsificações

Le Tréfle Incarnat

Parfume de Moda

Rosiris

Senteur des Prairies

Violettes de Parme

Dentifricios Mao-Tcha

PÓ, PASTA E ELIXIR

Almanach Hachette 1901

Preço para a Capital 3\$000, pelo correio registrado 3\$500

ROMANCES DE ACTUALIDADE

H. Sienkienvicz — Sans Dogme.

Rostand — L'Aiglon.

Ohnet — La Tenebreuse.

Daudet — Premier Voyage premier mensonge.

Prevost — L'heureux Menage

Montifaud — La Chair qui aime, la Chair qui tue.

Balzac — La Cousine Bette.

 " Le Lys dans la Vallée.

Mirebeau — Journal d'une femme de Chambre.

Bourget — Un Homme d'affaires.

Maupassant — Les Dimanches d'un Bourgeois de Paris.

Preço de cada um para a Capital 5\$000

Registrado pelo correio 3\$500

A' venda na **CASA LOMBAERTS**

7, Rua dos Ourives, 7

RIO DE JANEIRO

HOUBIGANT

PERFUMISTA

da **RAINHA d'INGLATERRA** e da **CORTE da RUSSIA**

— PARIS —

AGUA HOUBIGANT

SEM RIVAL PARA O TOUCADOR

AGUA de TOUCADOR Royal Houbigant.

AGUA de COLONIA Imperiale Russe.

EXTRACTOS PARA LENÇOS : Violette Idéale, Royal Houbigant, Peau d'Espagne, Moskari, Iris Blanc, Le Parfum Imperial, Moika, Anguel, Oillet Rouge, Imperial Russe, Lilas Blanc, Héliofoje Blanc, Fougère Royale, Gloxinia, Jasmim d'Espagne, Cuir de Russie, Giroflee, Corydalis, Bouton d'Or, Saunrise, Hocoee.

SABONETES : Ophelia, Peau d'Espagne, Violette Idéale, Fougère Royale, Eau de Thiridace, Royal Houbigant

PÒS OPHELIA, Talisman de Belleza.

PÒS PEAU D'ESPAGNE.

LOÇÃO VEGETAL, para os Cabellos.

PÒS ROYAL HOUBIGANT.

PERFUMARIA ESPECIAL MOSKARI

Subindo a Serra

(EM PETROPOLIS)

Que lindo era o subir ! O trem serpenteava
 Por entre os alcantis e montes escarpados ;
 Aqui montas gazis de lyrios perfumados...
 Alli... o estremecer de uma roseira brava...
 Begonia rosicler o piucar adonava ;
 Vergava alvo ribeiro os fetos recortados ;
 E longe, á revolver se, em tons angustiados
 O mar, queixosamente, as ondas levantara l
 Feral me apparecia, inteira, a Natureza ;
 E eu não pude sorrir ; e á nada se prendia
 Minh'alma pois em ti somente estava presa !
 E' que eu... somente anciava... é que eu somente via
 Sobre bellezas taes tua immortal belleza
 E sobre o mundo inteiro, o teu sorrir. Maria !

Niteroy : 1901.

A AZAMOR.

Ficou assim traçada, por mão de Alfonso Henriques, o caminho predilecto da nossa devoção : desde o campo da batalha até ao altar da Virgem Santíssima.

Algumas vezes, depois d'estes factos, esteve abalada ou perdida a independencia de Portugal.

Em Aljubarrota os portuguezes infamam-se de ter vencido com o auxilio da divina Protectora do reino, D. João I, em testemunho de gratidão, emprehendo o templo da Batalha ; o condestavel D. Nuno glorifica Nossa Senhora na igreja do Carmo em Lisboa.

Defendida a nossa independencia em Aljubarrota, decorre largo tempo, e ella, não já abalada, mas completamente perdida em Alcantara, consequencia terrivel do desbarate monstruoso de Alcaer-juibir.

Depois, em pleno seculo XVII, a cidade de Lisboa, anciosa da reurrecção da patria abatida, volve os olhos supplicantes para a Mãe de Deus e do reino, unica estrella de guia a brilhar no ceo malignoso da longa dominação castelhana.

O senado da camara requer ao rei estrangeiro licença para mandar por nas portas principaes na cidade letreiros que declaram e confirmem o mysterio da Conceição de Maria.

E, deferida a petição, tolos os que entram ou sahem as portas de Lisboa entregam o seu pensamento

— Muito. Já gostava, e depois do maldito almoço, fiquei gostando ainda mais.

— Estás disposto a ser seu marido ?

Houve outro silencio, ainda mais longo que o primeiro.

— Se não são boas as tuas intenções, redarguiu o Pimenta, esquece-te da pequena. Que diabo ! ella pôde ser feliz com o tal Remigio, que é moço honesto e encaminhado.

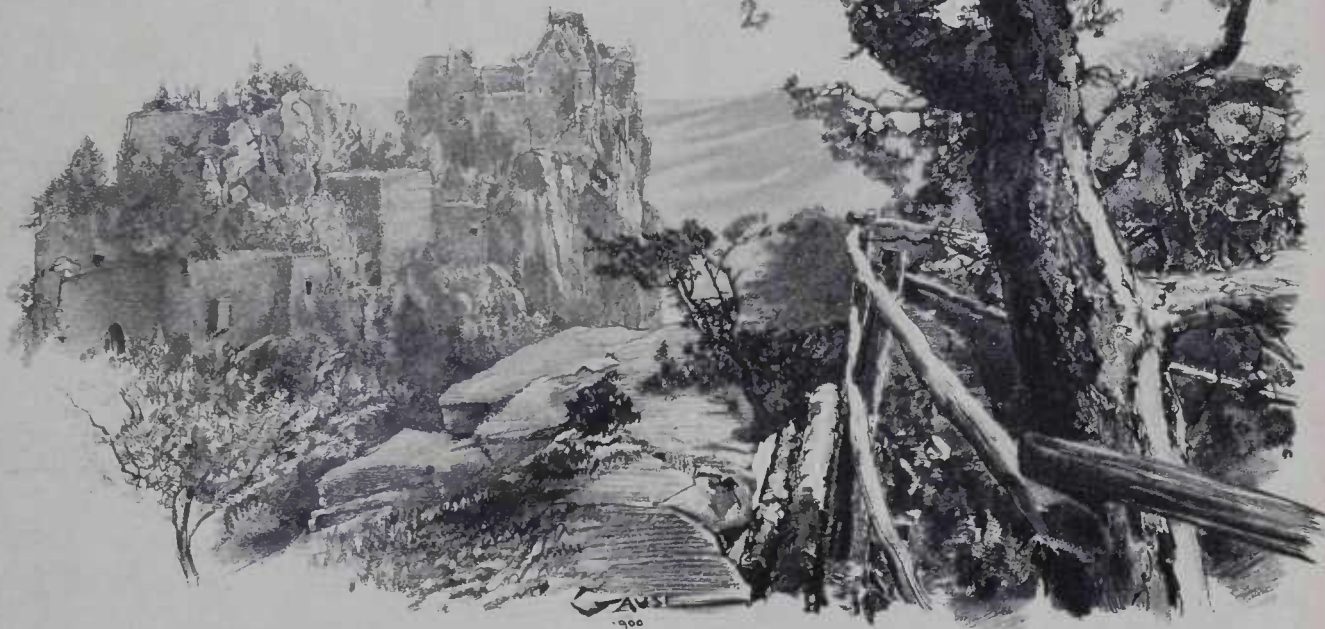
— Mas quem te disse que as minhas intenções não são boas ?

— Tu ficaste calado...

— Fiquei, porque o casamento me apavora. É tão deliciosa e tão completa a minha liberdade ! Sim, confesso-te que o matrimonio jamaiz figurou no meu programma de vida, mas se for preciso...

— Como « se for preciso » ? Pois entrou-te na cabeça que Fadinha poderia ser tua, independentemente da intervenção do padre e do pretor ? Ella pertence a uma familia tão honrada como a tua ! Se queres ser seu marido, luta, e vencerás, talvez ; se pensaste em ser seu amante, não voltes lá e desiste de uma idea que é indigna de ti.

O barão ouviu muito tempo para o charuto que tinha entre os dedos, deixou cair a cinza numa escarradeira, meteu o charuto na bocca, levantou-se, e disse resolutamente, numa baforada de fumo :



A ruina Aggstein no Rio Danubio, celebre pelas historias de bruchas, em tempos antigos

— Lutarei !

Quando o Pimenta sahio do escriptorio, encontrou no armazem o Alexandre, e disse-lhe rapidamente, á meia voz :

— O homem casa.

A. A.

[Continua]

Carta aberta

Deixa abrigar-me á viva luz celeste de teu olhar, minha vida agradece. Da-me repouso no teu seio quente, tu, que a meu peito o amor voltar fizeste.

Ouve ! Tornaste doze sendo acedente minha existencia, minha vida agradece, e hoje me alenta um so desejo, é este viver por ti, para te amar somente.

Sorris minh'alma de alegria immensa quando te vejo... e até me embalsa a creença de que no mundo haver não pode abrolhos,

quando meus olhos — erpitante ceryto fitam teu rosto, que brilhante empyreo com mais de um sol, pois são dois aos teus olhos !

GERBIA JUCA.

AVE MARIA

Esta nossa boa terra de Portugal, que desde todo o seu principio sempre tumbrou de religiosa, especialmente se tem devotado ao culto da Virgem Santissima com um ardor e uma fe não excedidos ainda, nem já-mais, por nenhum outro povo do mundo catholico.

Affonso Henriques, fundando um throno e um reino, collocou um e outro sob a protecção de Nossa Senhora, obrigando-se a pagar-lhe tolos os annos, em modo de feudo e vassallagem, por si e seus successores, cincoenta maravedis de ouro bom.

Na lide que sustentou contra os mouros para dilatar a monarchia nascente, pendurou no pilar da Virgem Santissima um tropheu gueiteiro por cada victoria obtida.

Alcobaça representa o voto religioso feito na aspera jornada de Santarem, investido contra a alcova de Lisboa, Alfonso Henriques, que sempre trouxera consigo, para o auxiliar nos triumphos, certa imagem da Rainha do ceo, logo que realisa a difficil empreza feuda ao occidente da cidade a primeira parochia sob a invocação de Nossa Senhora dos Martyres

á meditação da lapide que lhes lembra ter sido a Mãe de Deus concebida sem macula de peccado original.

O culto marial alevora-se com as desventuras da patria.

O povo da capital acede em chusma ao Terço do Rosario, que o padre João de Vasconcellos promove na igreja de S. Domingos, para fazer subir ao throno a Rainha do Ceo e acorde angustioso de muitas vezes afflicta.

Mas decorre o anno de 1643, amanhece o dia de Dezembro, um sabado, dia especialmente consagrado á veneração de Nossa Senhora, e a revolução patriótica realisa-se em poucas horas com uma rapidez e felicidade que chegam a parecer milagrosas.

Acclamado D. João I, suggerem-lhe os frades franciscanos a idea de jurar e fazer jurar pelos tres estados do reino o mysterio da Conceição.

Em 5 de Março de 1649, o novo rei de Portugal, tão portuguez como os seus vassallos, sanciona a deliberação das cortes elegendo Nossa Senhora da Conceição por Padroeira do reino e jurando confessar e defender o sagrado mysterio da Conceição Immaculada.

Nas portas das cidades e villas manda gravar uma inscripção commemoativa deste facto e, tambem para o lembrar, ordena a cunhagem de uma medalha de ouro e prata, que depois obtem curso legal como moeda corrente.

De novo, como Afonso Henriques havia feito, declara D. João IV a corôa de Portugal feudataria de Maria Santissima, obrigando-se, e aos seus successores, a fazer todos os annos a offerta de 2,500 réis a Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa.

E no seculo XVII, depois d'esta renascença gloriosa de devoção a Virgem Santissima, que se accentua e completa entre nos o typo das cidades santas, onde cada pedra se converte n'um altar consagrado ao culto e gloria da Rainha do céu e da terra.

Tudo o paiz estava, é certo, desde seculos antes, povoado de templos dedicados à Mãe de Deus; todas as sés a haviam adoptado como orago no mysterio da Assumpção; em muitas terras havia Terço e Novenas, Ladainha e Procissões; mas, « a cidade marial », o typo da cidade religiosa, especialmente devota e glorificadora de Maria Santissima, deve ir procurar-se na sua maior evidencia à segunda metade do seculo XVII, entre nós.

E, como não possamos descrever todas as cidades do reino, por que faltaria o tempo e o espaço, fixemos como demonstração uma so, a principal, Lisboa, que bastaria para exemplar.

Ora, n'uma cidade antiga, o que primeiro havia a considerar era a sua muralha, especie de escudo de pedra, que servia de limite e defesa.

Pois na primitiva muralha, que datava do tempo dos mouros, tinham os christãos de Lisboa estabelecido o culto de Nossa Senhora, reservando-lhe edículas ou nichos sobre algumas das portas da cidade: na de *Terra*, que correspondia ao útero da Sê, estava collocada a imagem de Nossa Senhora da Consolação, perante a qual ouviam missa os padecentes de pena capital; na de *Alfama*, que ficava em frente a igreja de S. Pedro no bairro d'aquelle nome, por onde se diz que Afonso Henriques entrara na cidade quando a conquistou, havia um painel, depois substituído por um oratorio, com a imagem de Nossa Senhora da Victoria, talvez como perpetua recordação historica; finalmente, na porta do *Sol*, junto à igreja de S. Braz, outro painel de Nossa Senhora da Graça, imagem de muita devoção, sempre com sua lampada acesa.

Na segunda muralha, do tempo de D. Fernando, havia sobre a *Porta da rua da Palma* uma capella da invocação da Senhora do Rosario; na de *Santo Antão*, junta à igreja de S. Luiz dos francezes, a imagem de Nossa Senhora da Conceição; na de *Santa Catharina* (largo das Duas Igrejas) a imagem de Nossa Senhora do Loreto; na de *Porta em Terreiro do Paço* um oratorio de Nossa Senhora do Rosario; na de *Judaria ou Rosario* (vindo da igreja de S. Pedro à rua direita do mar) uma senhora da mesma invocação.

A partir do tempo da dominação castelhana tinha sido afixado em algumas portas de Lisboa, como ja sabemos, um letreiro que dizia: *A Virgem Maria Nossa Senhora foi concebida sem peccado original*. Succedia isto na *Mouraria*, na *dos Cubertos* (perto do Corpo Santo), na *do Chafariz dos Cavallos* (proximo do Chafariz de Dentro) na *da Cruz* (frente à igreja do Paraíso) e na de *Santo Andre*.

Restaurada no seculo XVII a independencia de Portugal e reconhecida e jurada em 1640 Nossa Senhora da Conceição como padroeira do reino, mandou D. João IV compor uma inscripção que memorava este facto, e que, redigida por Antonio de Sousa de Macedo, foi collocada nas portas de todas as cidades e villas da monarchia.

Assim, pois, quem por ellas entrava ou sahia podia não só venerar Nossa Senhora em imagem, mas tambem reparar nos letreiros que proclamavam a Conceição Immaculada e testemunharem que sob esta invocação fora a mãe de Deus declarada padroeira do reino, sempre premta a defendel-a na excellencia d'aquelle mysterio.

Nas salas dos tribunaes e do paço do concelho foi collocado o painel da Senhora da Conceição, a datar de D. João IV.

Na fachada de muitos predios particulares havia retabulos em azulejo (de que ainda hoje restam vestigios) ou oratorios com a imagem de Nossa Senhora, e todas as noites ardia uma lampada devotamente deante do painel ou do nicho.

No interior das habitações, sobre todas as portas, eram collocadas tiras de papel com letreiros que diziam: «O' Maria concebida sem peccado», invocação permanente a padroeira do reino como inspiradora dos pensamentos de cada dia e protectora dos negocios domesticos de cada familia.

Este piedoso costume derivára das portas das cidades para as dos predios, tanto no exterior como no interior de todos elles ou da sua grande maioria.

Em determinados dias e horas sabiam os habitantes a rezar o Terço de Nossa Senhora pelas tuas ou de janella para janella e rezavam dentro de um mesmo arruamento.

A cada instante se ouvia pronunciar o nome de Maria, porque nenhum outro era mais gerido nem mais estimado, entre as mulheres portuguezas, e mo lembria ainda a trova popular.

A rosa para ser rosa
Deve ser de Alexandria;
A dama para ser dama
Deve chamar-se Maria.

Quando se esperavam acontecimentos temerosos ou na occasião de grandes calamidades publicas, fome, peste e guerra dirigia-se

o povo, cantando em côro a ladainha, para algum dos mais notaveis santuarios da Virgem, a implorar o seu auxilio.

E todos os dias, ao nascer do sol, ao meio dia e ao cahir da noite, quando sozavam as badaladas do *Angelus*, cada cidadão rezava, em casa ou na rua, em voz alta ou em voz baixa, a oração que principia dizendo: «O Anjo do Senhor annunciou a Maria.»

Escolhida para madrinha das creanças recém-nascidas, glorificada dentro de cada casa no culto domestico ou nas portas e templos da cidade como patenie homenagem, saudada nos campanarios tres vezes ao dia, invocada pelos magistrados nos tribunaes como eterna reguladora da verdade e da justiça ou pelos representantes do povo como inspiradora do acerto de suas deliberações camararias; chamada pelos enfermos e encarcerados para lhes restituir a saude e a liberdade perdidas; pintada na bandeira da Misericórdia como generosa mãe dos miseros que a sociedade repelia; abençoado nos canticos do povo e dos sacerdotes nas ruas e nas igrejas; appellidada pelos navegantes nos perigos do mar e pelos peoneiros no risco das travessias sertanejas; a Virgem Santissima Nossa Senhora era a protectora de cada cidadão em especial, e de cada arruamento, cada bairro, cada villa ou cidade no conjunto do paiz inteiro, tão seu afeiçoado e devoto.

Quando o seculo XVII expirava, o culto da mãe de Deus renacia, e as grandes povoações do nosso pequeno paiz, com suas torres e letreiros, suas offerendas e votos, suas novenas e terços, suas procissões e ladainhas, eram vastos altares onde cada cidadão livre celebrava, sustentava e glorificava o culto de Maria Santissima de dia ou de noite, no lar domestico ou na praça publica.

E nas paginas da historia patria, mais duradouras do que as muralhas e os disticos, ficou para sem

pre gravado em letas de ouro o voto solemne das côrtes e do rei, feito no seculo XVII, ha mais de duzentos annos, e ain la acutado e cumprido no dia 8 de dezembro de cada anno ao som de canticos liturgicos, repiques de sinos e salvas de artilheria.

Toda a cidade de Lisboa, como outras do reino, já menos afervorada em nosso tempo nas demonstrações de seu culto publico, mas ainda crente e devota, parecia entoar n'aquelle dia um hymn que vibrava dentro das almas pedrosas: «Ave Maria! Ave Maria!»

ALBERTO PIMENTEL

Riscos a lapis

I

Hontem eu fui a tua casa
Fui te fazer uma visita,
E te encontrei, ai que bonita
Estavas tu quando te vi!
N'aquelle instante, ai que sublime
Nem ti direi o meu sentir...
Sinto não vel-o repetir
Mais uma vez junto de ti...

Como ficamos acanhados
Nem sei o que houve entre nós dois,
Promoças mil para depois...
Feitas de olhares... nada mais...
Nossa palestra foi pequena
Porém se os labios não fallaram
Os olhos teus tagarellaram
Coisinhas mil maior fataes...

Voltei porém, ai que tritura
Oh! pezar! oh! que desgosto,
Mas não sei como é que teu rosto
Velo em minha imaginação...
Mas de uma vez hei decidido
Não mais tal crime commetter
Ou então deixar até mais ver
Junto de ti meu coração...

R. CAVALCANTI



«Lour fixe» A Senhora Conselheira discute sobre a emancipação das mulheres

A missão do século XX segundo Berthelot

Concedeu mr. Berthelot uma entrevista a redactor do «Tempo», e então expoz a este a sua opinião sobre o que fará o século, ora começado.

Disse por essa occasião o sábio chimico francez: «As objecções levantadas contra a theoria da alimentação chimica não me parecem sérias.

No dia em que se conseguir a introdução directa dos alimentos fabricados, seguir-se-ha a atrophia progressiva do systema digestivo; e eis tudo. O pão compõe-se de fecula e gluten... nós os fabricaremos! Daremos tambem carne artificial. Ha 40 annos fiz a synthese dos corpos gordos.

Nós vos forneceremos igualmente assucar de nossa lavra, e materias azotadas, taes como a albumina e a fibrina dos musculos. Resolvido o problema de fabricar vossas comidas mais economicamente, do que a natureza, não tereis necessidade nem do trigo, nem de rezes: os costumes e a humanidade adoçar-se-hão: não haverá necessidade de matar os animaes domesticos: seguir-se-á, enfim, a idade de ouro, já fazemos economicamente materias colorantes, a «garancera» por exemplo, e perfumes com a baunilha.

No commercio já se renunciou ao emprego da baunilha natural. Pelo que diz respeito à medicina e à therapeutica, qualquer dia fabricar-se-hão os principaes alcalis: a cultura da quinina e das dormideiras será então pura fantasia. A proposito consolaes os gastronomos: o paladar dos nossos productis será inteiramente identico ao dos productis naturaes. Serão para nós cousa divertida, dar aos alices chimicos os aromas mais deliciosos.

Ha-vemos de trazer novidades à arte culinaria! Em resumo, a synthese chimica modificará e revolucionará, pouco a pouco, toda a civilisação.

Lembraí a vossos leitores o quadro do anno 2000 por mim descripto no meu volume — «Sciencia e Arte». Transformaremos a terra em um jardim. Toda a gente será feliz. Não de ser os sabios, e não os politicos, que realizarão a «Salente» do propheta Cambrái!

Lavoisier renovou outr'ora a nossa sciencia e nos seus methodos. Actualmente opera-se um trabalho tão profundo e radical; a synthese chimica e a transformação das ferças pela electricidade estão com via de revolucionar a chimica e a sociedade humana. Apenas principiam, mas os resultados multiplicam-se, e augmentam de dia para dia.

Os dominios da chimica e da physiologia manter-se-hão separados. O chimico não pôde fazer um orgão.

Até hoje, tem sido infructiferos os ensaios da fundação artificial. A sciencia não está ainda sufficientemente adiantada, para obter isso. Mas não é contra a razão reservar a este respeito as possibilidades do futuro...

Eis agora uma prophesia!

Dentro de 20 annos não haverá mais locomotivas a vapor. Os trens serão impellidos por machinas a petroleo, por exemplo. A machina a vapor e um destestavel agente de transformação da força. Repareo no que se passa com a pequena tricycla movida a petroleo. Se não fosse a caixa de Pandora, ella marcharia como um raio. A machina a vapor está destinada a desaparecer em breve tempo; machinas a petroleo, ou a gaz, a substituirão.

A electricidade, que não produz força, mas que é um admiravel e universal agente de transformação, será, talvez empregado n'esta qualidade.

Meu collega, mr. Janssem, nos tem contado a gloria dos balões dirigiveis e dos navios-aves; tem muita razão. Eis ainda uma descoberta, que revolucionará o mundo. Que cara farão os proteccionistas? A parte isto, não temos muita fé nas prophcias. Em 1788, mesmo na vespera da grande explosão guerreira da França, um inglez celebre escrevia esta linha: «Audivimus Gallias olim in bellis floruisse...» Actualmente parece que a Alemanha está adiante das mais nações: este phenomeno durará, ou os allemães voltarão, pouco a pouco, ao nivel commum?

Espero que teremos os Estados Unidos da Europa, ou cousa analoga, mas antes d'isso haverá talvez, guerras e commoções diversas. A França conte com isso, será a promotora: a Alemanha no seculo XVI foi victima da Reforma, idéa incompleta: a França, no seculo XVIII, tudo ampliou, e tudo completou: e concebeu um verdadeiro ideal. Prosigamos n'essa obra.

N'este momento invadiu o gabinete do sábio francez um activo cheiro de alho. Com sorriso triumphante mr. Berthelot exclamou: «Não se sente um cheiro a alho? São novos productos, que estamos a estudar.»

O perfume e a realeza

O jornal inglez *Woman's Life* dá as seguintes informações sobre as perfumarias favoritas das rainhas do nosso tempo:

«A rainha Victoria gosta dos perfumes simples. Ella dá preferencia ao *fatschuli*, que ficou na moda com a introdução dos chales da India, na Europa. Para a roupa branca, a rainha usou do antigo *Lavander* inglez e agora usa *alcazema*, muito aceito em todas as classes da sociedade ingleza.

Em opposição à rainha, a princeza de Galles possui um olphato ultramoderno. Os perfumes antigos não a satisfazem e não se produz invenção nova na materia, que ella não examine e adopte sem demora.

A rainha Guilhermina, da Hollanda, tem especial confiança nas virtudes da *Agua de Colonia*, de que faz grande consumo. Todas as manhãs despeja um frasco della no seu banho, depois de verificar a sua qualidade. Para o sabão é menos exclusiva; usa de um sabão inglez levemente perfumado e de um outro, conhecido por *sabão heliotrope branco*. Trez vezes por dia, quando lava o rosto, junta perfume de rosa branca a agua.

A imperatriz da Russia muito gosta de perfumes e dá decidida preferencia aos fabricantes francezes. Seus aposentos, até os corredores são esparcidos com essencias de *lavandula*, *jasmin*, *franchin*, *moietas*, etc. O seu sabão favorito e o *sabon extrafin à la fleur d'Espagne*. Para a pelle usa de *crème Duchesse* e de *eau de levandula Romaine*, para o banho. Seu marido, o czar, tambem tem fraqueza para as perfumarias.

A actual imperatriz d'Allemanha prefere o perfume chamado *flor fraichement et upé*, e nos aposentos usa agua de Colonia. *Spermaeli* e o seu sabão favorito, que tambem usa para os filhos.

A rainha viuva Margherita, da Italia, gosta de *sabão de Palermo*: no seu tocador encontra-se a *crème romaine aux fleurs d'Italia* para a pelle, pó dentifício de quinino para os dentes, agua arabe para a bocca e agua de colonia para o lenço.

Os unicos perfumes usados pela imperatriz viuva Frederica são os de *lirio dos couvelles* e agua de Colonia.

Um muito desenvolvido olfacto para os perfumes distingue a princeza herdeira da Roumania. Usa de *agua de roseas* e de uma tintura tónica vegetal para o rosto e jasmim para o lenço. Os armarios, onde guarda a roupa branca, são todos forrados com couro da Russia, e perfumados com *heliotrope branco*.

Muito curioso!

Tivemos occasião de apreciar, ha dias, em casa de um respeitavel cavalheiro aqui residente, um phenomeno realmente muito extranho.

Na terra reunida numa pequena lata foi mergulhado o insecto vulgarmente conhecido pela denominação de *bicho de pau*. Apresentava então todos os signaes de vida, com regular descriminação de todos os orgãos que o constituem.

No fim de certo tempo a flor da terra surgia uma... raiz, que é origem da arvore chamada *Molho*, e muito conhecida no Estado. Nasceria do *bicho de pau*. O animal gerara o vegetal...

O cavalheiro a que nos referimos tinha informações de pessoas residentes na campanha deste facto mas quiz, pessoalmente, contactal-o, e observou em toda a sua singular evidencia.

Ahi está o caso a suscitar explicação completa dos competentes.

Cabe a elle desvendar «que segredos são estes da natureza!»

Papas portuguezes

Na relação dos sacerdotes que têm occupado a cadeira de S. Pedro encontram-se dois portuguezes.

O primeiro foi S. Damaso, filho das «estirpadas de Guimarães, e que viveu lá pelo seculo IV. E' o 39 na série dos papas». Tinha mais de 60 annos quando foi elevado à cadeira pontificia: contra elle houve se violenta opposição que sagrou Paulo bispo de Tioli.

Este papa, porém, foi deposto, assim como os seus principaes adeptos.

S. Damaso teve que combater os mancedonios, os arianistas, os apolloniaristas e outros seismaticos que inquietavam a egreja. Foi no seu pontificado que se realisou o segundo concilio ecumenico de Constantinopla. S. Jeronymo, exerceu o cargo de seu secretario, sendo contemporaneo de Santo Ambrosio, Santo Agostinho, S. Basilio Magno, S. Cyrilo e S. Gregorio Nazarenno. Escrevea alguns opusculos e uns quarenta epigrammas. Falleceu aos 11 de dezembro.

O segundo pontifice portuguez foi mestre de Pedro Hispano, natural de Lisboa, freguezia de S. Julião.

Elevaram-no ao solio pontificio em setembro de 1276. Succedeu a Adriano V e tomou o nome de João XX, ou XXI como querem alguns. Pouco tempo exerceu pontificado, fallando sob os escombros de um quarto recentemente construido, e que desbarara ao penetrar dentro d'elle.

Era muito versado nas letras sagradas e profanas e escreveu diversas obras. Foi contemporaneo do monarcha portuguez D. Afonso III.

O trabalho da mulher

Das columnas de um dos mais importantes jornaes americanos do norte passamos para as nossas a seguinte noticia:

«Passaram-se os tempos para os collegios do sexo feminino que se encarregavam de educar a mulher, de modo completamente inutil, em relação ao fim social que lhes traçaram as grandes leis divinas e biologicas. A capacidade para conquistarem posições entre os mais notaveis de seus competidores, no sexo masculino, está hoje sendo demonstrada cabalmente. E note-se que a aptidão manifestada tem sido em todos os ramos dos conhecimentos humanos. Ha ainda no espirito feminino uma qualidade que lhe é quasi exclusiva: — as mães de familia receiam que, educando as filhas, illustrando-as, como exigem os tempos da actual civilisação, ponham os collegios de parte a educação domestica, a qual, sem duvida alguma, se torna necessario como complemento da primeira.

Assim pensando, foram levadas ao conhecimento das autoridades competentes as reflexões das mães de familia e, embora se reconheça como companheira, intellectualmente igual, do homem, tem-se resolvido, em muitos collegios, dar ás moças uma educação que respeita o modo de pensar de suas mães. Em Wellesley, abriu-se este anno, pela primeira vez, um curso de sciencias domesticas. E' assim que se inaugurou um laboratorio para mostrar ás alumnas os varios methodos culinarios, de accordo com as leis da hygiene e da physiologia. Atada ha lições sobre hygiene das habitações como sobre a arte de embellezalar-as.

E' professora a Sra. Cork, que, ha pouco, sahiu da Universidade de Syracuse. Este curso não é obrigatorio e simplesmente instituido para as alumnas que o quizerem frequentar.

O grande numero de discipulas que acompanham Miss Cork, demonstra o interesse que as jovens americanas ligam a essa aula. Quando este curso estiver completo, comprehenderá tambem lições de chimica e de economia domestica.

Ha muitos homens eminentes que não approvam esta innovação; desde que se pensa, porém, que se não pôde dar em uma academia de bachareis esses conhecimentos, como tambem não os podem adquirir nas escolas de engenharia, claro está que os devem ter antes de se matricularem nesses estabelecimentos superiores.

Muitos outros collegios estão adoptando em seu programma, esse curso sempre *ad libitum* das alumnas.

INTIMOS CONTRASTES

Como é triste seismar quando a alma chora!
Como é triste sorrir si o labio mente!
Pensar chorando, e sorrir dizendo que folga o coração!
Viver soffrendo, e morrer sorrindo: hypocrita irrisão!
—Embora ciraçã!—supporta e canta, fazendo a flux do labio ainda biotar o sorriso: mais doce, mais ameno, fingido, enganador!

crebro saltar lava cadente, em ondas de dentes lançadas pelo ar, pela amplitude, concertado harmoniosamente, o lugar onde passem remulantes, tão cheias de prazer; porém talaz!

Porque, porque o Deus. Tu que advinhas no intuito das moitais, deixas transparecer signaes na face, de alegria ou prazer; quando a alma geme, sentindo o coração ao palceor!

Antes o Deus clemente e bondadoso, dá-lhes em calma o como do repouso eterno, sem igual, onde todos dormiam mansamente, sem nunca despertar!

Fazeis assim um bem incomparavel a esses tristes viventes sem venturas, que pendendo as fontes as sepulturas, andam fingindo ir com a alma leda; quando o riso lhe vem hypocrita, mentido, so apparente!

Por isso o grande Deus varrei do mundo os intimos entranhas que elle tem, fazendo so sorrir quem tem prazeres; e fazendo chorar os padecentes o fel amargo em crystalinas gotas que tanto fazem bem!...

João Job.

Rio, 6 - 1901.

SONETO

Quem te dá a tua ausencia causa ovidio Al sapo amado.

F. MARRECO

So de tempos a tempos me appareces, So de tempos a tempos eu te vejo; E quanto mais ausente tu pareces, Mais avulta, mais cresce o meu desejo.

Procuo quasi sempre um doce ensejo Para de amor dizer-te novas preces; Mas em vão! Quanto mais ver te desejo, Quanto mais quero... menos me appareces.

Nesta ancia de te ver a cada instante E não te ver sinão de quando em quando, Passo de magoas vida turturante.

E no entanto bemdigo o meu tormento Porque elle vai assim me demonstrando Que ausente amor não causa esquecimento.

Rio, 13 de Julho de 890. OSCAR BALÇA. (Do Livro de Laide).

Romance telegraphico

I

Verem-se e... amarem-se foi cousa de um momento. Elle, era joven e tinha o porte dos fidalgos; ella, a belleza de Margarida e a pureza dos archanjos

II

E durou esse amor reciproco. Mas, por uma extraordinaria aberração, não se fallavam: mudos entre si, elles se entendiam pelo chilrear das andorinas, pelo fallalhar das chorizes e dos coqueiros, e principalmente pela facundia poderosa dos olhares.

III

Elle pediu-a em casamento por carta, e foi accedido; mas sempre que os e taciturnos, como as pyramides do Egypto.

IV

Casaram-se e foram para o quarto nupcial.

V

Abraçam-se e beijam-se com um phrenesi de 600 mil jacarés.

Mas... sempre mudos!

VI

Fis, senão quando, ella exclama:

— Falla, meu amor; tu és meu ideal, meu sonho, minha vida; falla, que tua voz será para mim tão doce como o canto do cygne nos lagos encantados da hium sa Allemanha; falla, meu querido, e completa o quadro ideal dos meus devaneios de amor.

VII

Elle abraçou-a, beijou-a nas faces rosadas, encostou a sua frente na testa marmorea da noiva e disse: — Minha mãe; a mim a mim fruito que hai no mal e mi de pau.

DR. ORENIO SARUNIA.

HOMEM DE PALAVRA

Um rapaz muito conhecido, que tem muito mais bom gosto que dinheiro, está na loja de um brie à brac, entusiasmado diante de um contador de pau santo com embutidos de metal.

- E' muito bonito movel.
— Compre-o.
— E' muito caro, com certeza.
— Não é.
— Quanto quer você, por elle?
— Vinte libras.
— E' muito caro.
— Não é, não senhor, porque vale muito mais.
— Pois bem: compro lh'o, mas com uma condição.
— Diga.
— Dou-lhe já doze libras e fico-lhe devendo o resto.
— Perfeitamente, de accordo.
— Está feito o negocio. E' seu o contador.
O rapaz mette a mão na algibeira, dá-lhe doze libras, manda dous homens pegarem no contador e levarem lh'o para casa.
Passados dous mezes o dono do brie à brac vac á casa do freguez do contador.
O rapaz recebe o muito bem, com toda amabilidade: offerece-lhe vinho do Porto, charutos...
O homem bebe, fuma, muito comprometido sem se atrever a dizer o motivo da sua visita.
— Então, o que o traz por cá, meu amigo? pergunta-lhe o freguez, vendo que o homem estava lá ha mais de uma hora, sem atar nem desatar.
— Eu vinha... balbucio o homem atrapalhado.
— Vinha... repete o freguez, animando-o a proseguir.
— Vinha... por causa do contador.
— Do contador? Ah! chegou cá perfeitamente. Mandei-o limpar; e está lindissimo.
— Ah! está? torna o outro desconcertado.
— Está e fica muito bem no meu gabinete de trabalho. Venha cá vel-o.
— Não senhor... sem incommodo.
— Não incommoda nada, venha, insiste o freguez levando-o ao seu gabinete de trabalho.
E, parando com elle defronte do contador, disse-lhe:
— Ah! o tem! Heim! Conheço-o?
— Sim, senhor, está muito bom.
— E' um lindo movel...
— E' é, eu bem lhe dizia...
— E não foi caro, francamente, não foi caro, confessa o freguez.
— Não foi, não senhor! ataca logo o homem do bazar, e é precisamente por causa disso que eu cá venho.
— Que? Querem ver que está arrependido de m'o ter vendido? Pois meu amigo esteja ou não esteja, o que está feito está feito.
— Não é isso, não estou arrependido, mas venho cá por causa da continha.
— Da continha?
— Sim, para ver si meu amigo me pôde pagar as oito libras que me ficou devendo.
— As oito libras? Mas então o senhor não se lembra do nosso contracto?
— Lembro-me perfeitamente.
— Que foi que eu lhe disse?
— Disse-me que me dava lago doze libras e que me ficava devendo o resto.
— Exactamente, e o senhor disse-me que sim.
— E' claro... accitei o contracto, mas o meu amigo ainda não me pagou o resto... e já lá vão dous mezes.
— Não paguei, nem pago!
— Não paga?
— Já se vê que não. Que ajustamos nós? Pagar-lhe doze libras e ficar-lhe devendo o resto, não é assim?
— Sim, senhor.
— Paguei-lhe as doze libras ou não paguei-lhe?
— Sim, senhor, mas o resto?
— O resto combinamos ficar lh'o eu a dever, e si lh'o pagasse não lh'o ficaria devendo e faltaria ao nosso contracto.

GERVASIO LUBATO.



TRES SEGAS

Unidas pela mesma desgraça, viviam tres cegas em intima camaradagem. O asylo era grande e o numero de cegas consideravel. No meio de tantas infelizes, que, não distinguia o dia da noite, as 13 cegas de nascença conversavam resignadamente em amistosa palestra.

— O mar batia de encontro ás paredes altas do rochedo.

— Sentadas no jardim do Asylo, que é em frente á praia, a primeira cega, disse tristemente:

— Minhas amigas, se nos fosse permitido ver a luz do dia por um instante apenas, se um anjo tivesse o condão encantado de nos tirar dos olhos esta noite medonha, por um minuto ao menos, que preferiam vocês conhecer? — a terra ou o céu?

— O mar, responde a segunda cega. E' um encanto para mim esse continuo ruido das ondas que se quebram na praia. A brisa suave que vem do oceano, o marulho das vagas e a delicia que sinto aqui ao pé deste grande colosso, me fazem adivinhar que o mar excede em belleza a tudo quanto Deus creou.

E a terceira cega, voltendo os olhos ao céu, como se pudesse ver alguma coisa, por entre um suspiro sincero, disse:

— Eu quizera ver o céu. Para lá é que vão meus queixumes. Deus, que fez as flores, a amizade, o amor, o perdão e tudo quanto é grande, devia ter feito para sua morada um lugar delicioso.

O céu, para mim, é um sonho. Se pudesse vel-o... por um instante ao menos... supportaria de joelhos, com mais resignação, esta coqueira cruel que me acompanha desde o dia em que nasci.

E a primeira cega, que attenta escutára a narração das amigas disse por fim:

— Peis en, nem ao mar, nem ao céu daria a preferencia. Na terra é que o meu sonho se havia de realizar. Que me poderia o céu mostrar de bello? Tudo isso — que eu nem se avaliar de certo — nada seria que se pudesse comparar ao meu desejo.

— E que querias então? exclamaram as outras cegas, admiradas.

— Ver o rosto de minha mãe!



Paysagem arabe

Pleno deserto. Ao triste e comprido Itamar das caravanas surdoente, Segue um arabe, e o sol fúcido e ardente Deixa o areal de todo illuminado.

Segue. Mas onde fica o desejado Porto, que elle proenra ansiosamente?... Tem a voz silencio lugubre, somente Fútil o sol de bronze, carregado.

A agua, o liquido puro que aviventa O ser humano, onde encontrá-la, onde, Si a secca tãto misera afugenta?...!

Segue o arabe, a noite se avizinha, Subito o sol na immensidade se esconde. E o camello monotonu caminha...

LUYSA SABOIA.

MOLDES



Temos a satisfação de comunicar ás nossas gentis assignantes e leitoras que, apezar de nosso silencio, continuamos com o nosso serviço de moldes tanto d'a Edição, como de qualquer outro jornal, para esta cidade e para o interior da Republica.

Ha uns bons trinta annos temos nos incumbido desse serviço, confiando o sempre a pericia de verdadeiras artistas em materia de cortes.

Agora mesmo as senhoras a quem confiamos esse trabalho, são das mais habilitadas mestras no assumpto, no qual não temem confronto.

Nunca recebemos reclamações contra o serviço da casa e com ufania podemos assegurar que estamos habilitados a satisfazer a freguezia mais exigente, sem que tenhamos receio de que nos venham dar lições de apuro e bom gosto, nem na indociedade de nossos preços.

Table with 2 columns: Price and Item. N. 2 - Saia... 28000, N. 3 - Saia... 18000, N. 3 - Corpinho... 18000

Os recados são recebidos no escriptorio desta fulha, bem como a importancia que deve acompanhar o pedido.

Pelo correio mais 300 réis para o primeiro molde e 200 réis para cada um dos que se seguirem.

GOFFINÉ

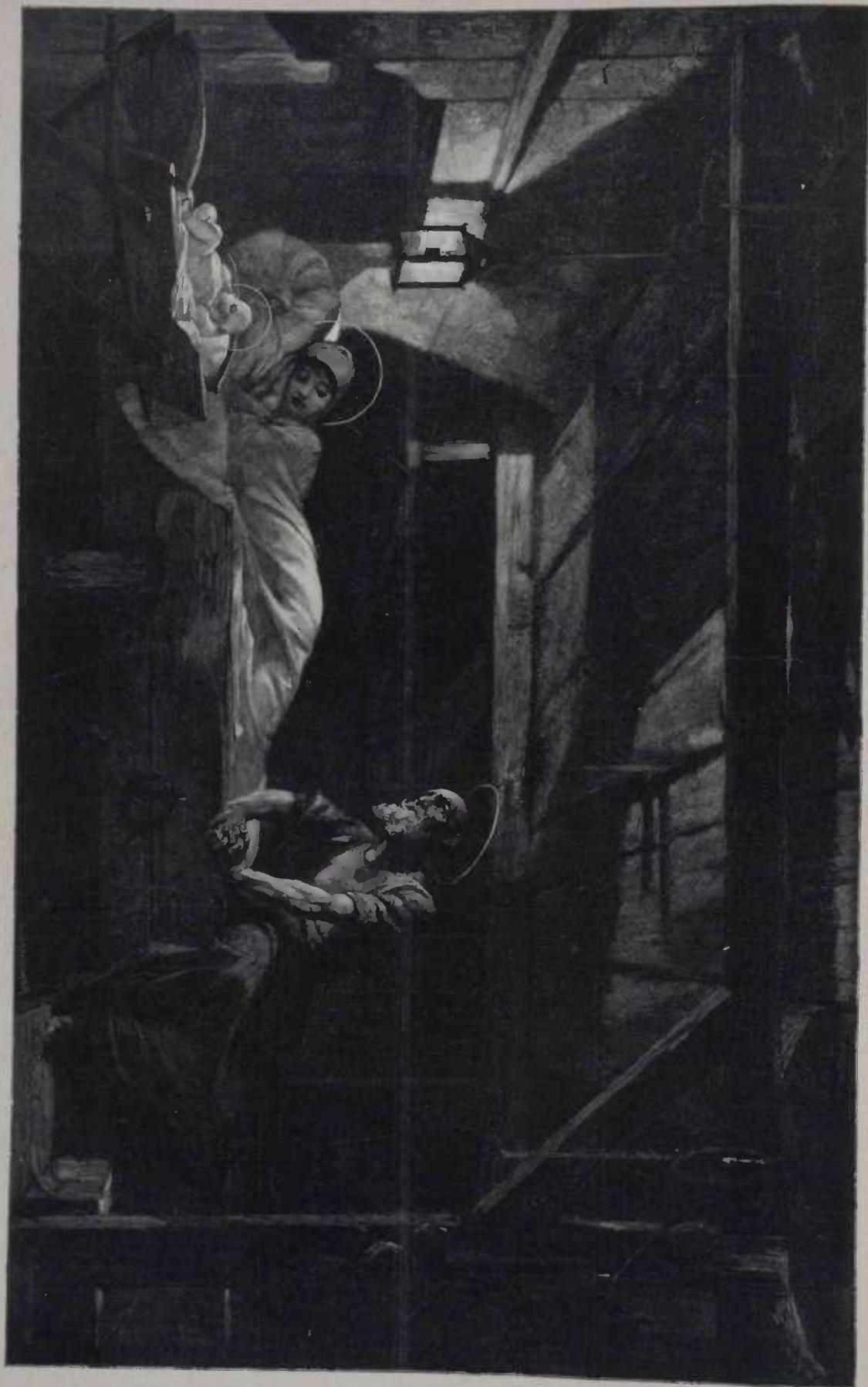
Manual do christão

Além d'um copioso Devocionario, contém uma explicação das epistolas e Evangelhos dos Domingos e mais dias Santos do Advento, Quaresma, etc., e um curso completo de instrucções moraes liturgicas e dogmaticas distribuidas em harmonia com os evangelhos do dia.

Traduzido da decima quarta Edição Franceza.

1 volume encadernado em chagrin tranche dorée... 68000, Pelo correio... 68500

7, RUA DOS OURIVES, 7 RIO DE JANEIRO



A NOITE SANTA

de tua familia, seria um escandalo, que a memoria sagrada de teu pae não me perdoaria.

Lamentei sempre a tua excepcional belleza como um obstaculo erguido á minha felicidade, e, como tua mãe e teus irmãos, penso que não tens o direito de locusar um titulo de baroneza e uma fortuna solida, para te lançares nos braços de um pobre funcionario publico.

Seria para mim motivo de eterna magoa não te poder dar o luxo, o conforto, o simples bem estar que não te faltará no palacete do barão de Moreira. Os teus parentes maldiriam o meu egoismo, e tu mesma — quem sabe? —, quando mais tarde passasse o que se chama lua de mel, te arrependerias de haver trocado um rico titular por um pobre diabo como eu.

Consente no consorcio que te propõe a tua familia; sefrierei muito, porque te adoro, mas me consolarei com a certeza de que serás mais feliz com esse homem do que o poderias ser commigo.»

Essa carta, que Remigio assignou com o mesmo sentimento com que assignaria a tua sentença de morte, produziu o desejado effeito.

Na noite em que a entregaram a Fadinha, o barão de Moreira estava na sala em companhia de D. Firmina e dos filhos. Era a terceira visita que o negociante fazia á familia.

Fadinha correu presurosa para o seu quarto, e abriu a carta. Leu-a, e segurou-se a um movel para não cahir, fulminada por engano de aquelle terrivel.

Teve uma crise de lagrimas, chorou abundantemente: mas veio logo a reacção, e, reanimada pelo despeito e pelo orgulho, enxugou os olhos, compoz o pentead e foi para a sala.

O barão de Moreira levantou-se e correu ao seu encontro. Ella estendeu-lhe a mão, dizendo:

— Eu sei que o Sr. barão deseja ser meu esposo. Poupo-lhe o trabalho de pedir a minha mão, aqui a têm. E' sua!

Estupefacção geral.

(Continua)

«E as tuas azas? tornou-lhe a rosa, tremulas; o passarinho, vóa; a flor... coitada!...

«Os corações que se amam não têm azas, respondeu o Bengali.

Desceu a noite. As estrellas do céu todas illuminaram os seus amores. E até ao romper da aurora, as brisas perfumadas embalsamaram docemente a rosa e o cantor.

Mas, aos primeiros raios da manhã... a rosa... expirou... O Bengali chorava.

«Genios do ar, balbuciava elle, tirai-me para sempre a doce voz que me haveis dado e fazei que a minha rosa branca dure um dia mais!»

«Não, murmurou a flor moribunda; canta Bengali. Tu me amas-te; não sou feliz?—Tantas flores na terra morrem sem ser amadas. Adeus, adeus, não te esqueças de mim.

Dois mil annos se passaram depois que a rosa morreu, e no espaço de dois mil annos, nunca mais o Bengali cantou nem amou.

Seu coração é uma Saudade.

Sua voz um gemido.

A. E. ZALUAR,

Aurora negra

Morrem no céu as ultimas estrellas
Annunciando o romper da madrugada.
Aves gorgiejam, aves cantam pelas
Verdes hortas os hymnos da alvorada.

Dos camponezes as canções singelas
Echoam na campina despertada;
E no leito sagrado das Jozellas
A aurora accorda a virgem namorada.

A natureza toda está em festa,
Tudo se alegra com os clarões da aurora,
Longe a magoa, o pezar que nos molesta...

No entanto a minha alma nesta hora
Sente-se triste—solitaria e mesta;
E'm vez de rir-se com pezares chora.

OSCAR D'ALVA.

Rio, 17—11—99.

A. A.

INCONTESTAVEL

(CANTO DE UM BANGAL)

Maldito o dia, sou! Maldito a hora
Em que febre de amor, — apollido, —
Eu arranquei do peito apaixonado
A doída phrase: «Eu amo vos, Senhora!»
O olhar que mata, o riso que apavora
Como premios de amor inegalado
Destes ao coração despedaçado
Que o meu sonho de amor perdido chora!

«Desdenhosa exclamais: — «A ninguém amo!...
— Meu coração, feliz, e livre e franco...
«Eu, em zambas de amor amais não inflamo!»
Impossivel, Senhora! Desvario!
Dos céos é sei que, impavido, proclamo:
— Não ha mulher de coração vazio!

A. AZARÉ

Niteroy.

○ BENGALI

(CONTOS POR ANDRÉ LEINOYENE)

Antigamente era bella a vez do Bengali.

A' tarde, na hora em que o sol tingia de púrpura o mar das Indias, o Bengali cantava

A's harmonias da sua voz, os rouquinos zelosos emulciant-se, as borboletas suspendiam-se attentas nos calices das rosas; entre-abriam-se de prazer as flores; e quando, lá das alturas do céu, uma andorinha peregrina escutava o melodioso cantor, a avesinha, maravilhada, descia, descia, esquecendo a sua viagem, esquecendo a sua patria.

O Bengali namorou-se de uma pequena rosa branca, da idade de um sol.

E cantou-lhe este canto:

Com accento, ora doce e triste como uma supplica, ora vivo e alegre como uma esperanza, o Bengali dizia:

Muitas flores combico em formosas, vermelhas, umas como as estrellas; muitas pendidas sobre o espelho das fontes, escondidas outras nas sombras dos bosques, florejando outras á beira do mar, e cujo perfume segue por dilatado tempo os marinheiros que se vão. Porém, a flor odorante que olha as ondas do mar, a mysteriosa que se aconta nas sombras das mattas, a presumida que se mira na fonte são menos bellas do que tu, minha pequena rosa branca. Amemo-nos, flor querida; sem o teu amor o Bengali não vive.



O hypnotismo e o Dr. Berillon

O *Main* publicou, ha tempos, uma interessante entrevista, que um dos seus redactores tivera com o Dr. Berillon, o director da *Revista de Hypnotismo*, e que por este processo tem feito innumerables curas. E' esse um dos phenomenos mais extraordinarios descobertos no presente seculo, o qual esta destinado a fazer completa revolução na physiologia, na moral, no direito criminal, na medicina, e até nas proprias letras. E' tão importante o que se passou na visita do collaborador do referido jornal ao illustre clinico, que não resistimos á tentação de transcrever hoje a parte mais instructiva da entrevista, afim de que os leitores cheguem a opinião d'aquelle clinico.

Eis uma parte da conversação:

— Será indiscrição perguntar quaes são os limites do vosso poder?
— Certamente não. De uma maneira geral, todas as affecções nervosas provem de nos mesmos, bem como o moral dos individuos, entende-se o moral com relação ao physico. A suggestão actua com muita felicidade sobre as paralyasias, as convulsões, as nevralgias, e sobretudo, certas phasies, e as mais graves, do hysterismo. Temos curado pessoas que sofriam do est mago desde muitos annos. Consegui curar de seus habitos de embriaguez um alcoolico.

— Deveras? Como foi isso?

— De uma maneira muito simples, disse o doutor rindo-se. Suggesti-lhe, a principio, que mal elle levasse o copo á bocca, não poderia deixar de sair aancia... Da ancia passava á nausea e da nausea vomito. Hoje não ha maneira de o fazer entrar em uma taverna.

— Admiravel!... Mas o poder que exercéis sobre vossos doentes?

— Limita-se exclusivamente á suggestão, que lhes pode ser bem util, tranquilisativa. Diz-se geralmente, que se deixar adormecer é entregar-se, de corpo e alma, ao medico hypnotizador.

Que erro! Recordar-vos do Donato, o celebre magnificador, e de Lucilia, que elle fazia adormecer todas as noites.

Um bello dia, Lucilia achava o Donato, já vé como é facil nos escaparem...

— Dizem que a suggestão vai muito bem com as creanças...

— Ah! as creanças! exclamou o Dr. Berillon entusiasmado. Não ha nada melhor para a cura do espirito e do corpo della! Qualquer creança, por mais viciosa que seja, cura-se; e a suggestão acaba por abolir todos os defectos proprios da idade... Na proporção de 1000 meninos, viciosos, ladrões, mequetruos, preguiçosos, indisciplinados, foram por mim convertidos em rapazes honestos, verdadeiros, submissos e trabalhadores... Se as mães submissem, qua facil é fazer desaparecer em seus filhos os terrores nocturnos, as manias ridiculas, o habito de torcer as unhas, por exemplo as pequenas fraquezas que se acham vinham, as desordens de caracter e o acobardamento!

— Pelo que vejo, indicai uma pedagogia nova.

— Tenho a intima convicção de que por meio da suggestão se pode obter uma educação systematica de força de vontade.

Pedagogia suggestiva, que bello titulo!

— E com os annos obtivesse resultados tão maravilhosos?... Os jornaes fallaram da eliminação do enjoo do mar por meio do hypnotismo.

O Dr. Berillon sorri-se.

— Eis a historia. Uma pianista de talento, Mlle. S., havia lo annos que não cessava de ser convidada, para ir á America e all dar alguns concertos. Recusava-se sempre por causa do enjoo. Uma travessia do Douvres até Calcutta levava á cama por idios mezes. Acensellaram-lhe que elle consultasse. Adoptou a suggestão, o somno é um grande agente de obras. Suggesti-lhe muitas vezes que o mar, a não fatigaria. Paffo nessa convicção. A travessia não podia ser peor. Mas (resultado imprevisto!) a minha cliente foi o unico passageiro que não sentiu o menor incommodo! Podéis imaginar o entusiasmo della.

— Imagino.

— Já vé que a suggestão se tornou uma coisa séria; o hypnotismo marca a entrada da medicina nas grandes vias philosophicas, abandonadas desde o seculo XVIII. A influencia do moral sobre o physico eis todo o segredo da suggestão. Será o hypnotismo que ha de reformar a medicina, e assegurar-lhe seu desenvolvimento definitivo... Estamos em vespéras de grandes descobertas... Vel-as-hemos?

« E' o que tambem pergunto. »
Não parece que o hypnotismo leve fatalmente a medicina para as theorias metaphysicas de Descartes, Leibnitz, Mallebranche, etc. Ao contrario, elle pode ser uma prova de influencia dos movimentos cerebraes sobre o organismo todo. Não é difficil reduzi-lo a um phenomeno puramente physico. Além disso, as vãs theorias philosophicas do seculo XVIII nada resolverá a questão do hypnotismo. São theorias estereis para a verdadeira sciencia. Outro é o caminho a seguir indicado pela sciencia contemporanea.

extrahida d'esse livro tão nobremente inspirado, uma pagina em que o grande romancista condensou admiravelmente a idéa que domina toda a sua obra, a idéa do dever.

E' um rico, ocioso e intelligente que falla traduzindo as inquietações, as oscillações do seu espirito sem norte:

Não posso deixar de confessar e de sentir que nós todos quanto pertencemos a certas camadas sociais não vivemos, em verdade, da vida real. Por cima de nós ha alguma coisa que se agita, fermenta e se produz. Luta-se por cada bocudo de pão; a vida real, tangivel, immensa, condemnada ao labor sem treguas cheia de appetites brutaes, de paixões, de esforços incessantes, rola e muge, semelhante ás ondas de um mar furioso, enquanto nos refestelamos nos nossos terraços, conversando de arte, de litteratura, de amor, de mulheres, estranhos a essa realidade, a mil leguas d'ella.

Eliminamos da semana os seis dias uteis, sem saber mesmo que tudo quanto satisfaz os nossos gostos, os nossos nervos, toda a nossa alma não serve senão para o domingo. Immersos no nosso dilettantismo como em um banho morno, vivemos como em um sonho, gastando a herança de nossos avos, a sua fortuna, a sua força muscular e nervosa. Por isso tambem perdemos pouca a pouca; a terra foge debaixo de nós e tornamo-nos semelhantes a esses cotões ligeiros que são o ludibrio de todas as brisas. E quando mesmo quisessemos crear raizes, a vida real repelle-nos e cedemos fatalmente o logar a outros porque não falta força para lutar.

Quantos moços por esse mundo poderiam recitar-se a si proprios este monologo!

Um trecho de 77

(SECCA DO CEARÁ)

Era no mez de agosto. O sol submeigido
N'uma fússão de ouro, agonisava lento,
Volvendo, em despedida, um longo olhar dorido,
Na serania ao longe, assim como um lamento...

Vinha calhndo a noite. Esplendida radiosa,
Sob a curva do azul, apresentando o rosto,
A lua appareceu, — transalvada e formosa,
Como costuma ser n'um bello mez de agosto.

Entanto eu caminhava... A branca luz da lua,
Coando-se atavés dos seccoos mutagaes,
Retratava fiel a Natureza nua
Sobre a tela do chão em formas espectraes!

Nenhum ligeiro som que denotasse vida!
Pezava sobre a terra uma misteza ingente!
De quando em vez se ouvia a musica sentida
Do vento a estuziar nos troncos, doilmente...

Sobre os campos, além, onde se via out'ora,
De ritos vegetaes um sumptuos imperio,
Tudo a noite ceilara, — apresentando agora
O aspect cruel de um vasto cemiterio!

Dos mansos animaes, que na expansão da vida,
A fome surprehendera, — stupida, melemente,
Por leuñança restava a ossada resejada,
Branquejando ao luar, astudadoramente!

E pensava comigo: — oh! tristes solidões!
Quêis onde eu busquei a sombra das palmeiras!
Vades os meus filhos? onde as lupuldas canções
Da passada alegria? as alvas cachueiras?

Tenho pena de ti, oh! magra Natureza!
Trocades, pobre louca, a verde *belébia*,
Que te emprestava assim uns ares de pinuceza
Pelas trapessuras de um vil 77!!...

Não te condemnou, não; eu sei que és innocente,
Esse sol que te queima e que em teu peito arde,
Desvel tu ao Destino, a elle tão sómente,
Que tudo te roubou e mo um ladrão covarde!

E enquanto triste e só, eu ia, pouco a pouco,
N'um transporte subtil voando a idealidade,
Um tetrico gemido angustiado e rouco
Chamou-me de improvisio a dura realidade!

N'um pequeno desvio, ao lado do caminho,
Erguia-se tristonho um miseravel rancho
E dentro agonisava um homem nu, sosinho,
Nas convulsões da dôr, magro como um garrancho!

Um raio de luar, esbranquiado e frio,
Qual mudo espectador, fitava longamente,
N'uma expansão de luz, o seu olhar sombrio,
Sobre o corpo angular do tragico doente!

E esse que a morte, em breve, a loba traçoqueira,
Levaria tambem nas suas garras fúrias,
Era o membro final de uma familia inteira,
Representada all n'um vil montão de ruinas!

Era a primeira vez que eu triste e commovido,
Vergando ao peso atroz da mais terrivel mágoa,
Via um homem morrer no ultimo gemido,
Entre as vassas da dôr pedindo pão e água!...

JULIO TAVARA.

No céu

Minha Amada onde está? p'ra doce briza,
Fui perguntei; mas ella se escondeu,
Minha Amada onde está? fallei á noite
E da noite a solidão não respondeu.

Minha Amada onde está?... e só o echo,
Respondia nas serras se quebrando,
Minha Amada onde está... e de echo em echo,
A pergunta no mundo foi passando,

E pelas brenhas do sertão afóra,
P'ascei e perguntei á noite, ao dia,
As arvores, a flor, ao mar, ao monte,
E só na serra o echo respondia.

Minha Amada onde está? para o cypreste,
Eu louco perguntei, Então um véo,
De neblina envolveu o cemiterio,
E uma voz me fallou — Está no ceo!

(S. Paulo, 1891).

ALFREDO E. P. ASSIS.

Das Flores Fundadas (inédito).

O trabalho da mulher

Transcrevemos de um dos mais importantes jornaes dos Estados Unidos a seguinte notícia:

Passaram-se os tempos para os collegios do sexo feminino que se encarregavam de educar a mulher, de modo completamente inutil, em relação ao fim social que lhes traçaram as grandes leis divinas e biologicas.

A capacidade para conquistarem posições entre os mais notaveis de seus competidores, no sexo masculino, está hoje sendo demonstrada cabalmente. E note-se que a aptidão manifestada tem sido em todos os ramos dos conhecimentos humanos. Ha ainda no espirito feminino uma qualidade que lhe é quasi exclusiva: — as mães de familia recebem que, educando as filhas, illustrando-as, como exigem os tempos da actual civilização, ponham os collegios de parte a educação domestica, a qual, sem duvida alguma, se torna necessaria como complemento da primeira.

Assim pensando, foram levadas ao conhecimento das autoridades competentes as reflexões das mães de familia e, embora se reconheça companheira, intellectualmente igual, do homem, tem-se resolvido, em muitos collegios, dar ás moças uma educação que respeita o mod' de pensar de suas mães. Em Wellesley, abriu-se este anno, pela primeira vez, um curso de sciencias domesticas.

E' assim que se inaugurou um laboratorio para mostrar as alumnas os varios methodos culinarios de accordo com as leis da hygiene e da physiologia. Ainda ha lições sobre hygiene das habitações como sobre a arte de embelezalas.

E' professora a Sra. Cork, que, ha pouco, sahio da Universidade de Syracuse.

Este curso não é obrigatorio e simplesmente instituido para as alumnas que o quizerem frequentar.

O grande numero de discipulas que acompanham miss Cork, demonstra o interesse que as jovens americanas ligam a essa aula. Quando este curso estiver completo, comprehenderá tambem lições de chimica e de economia domestica.

Ha muitos homens eminentes que não approvam esta innovação; diste que se pensa, porém, que se não pode dar em uma academia de bachareis esses conhecimentos, como tambem não os podem adquirir nas escolas de engenharia, claro está que os devem ter antes de se matricularem nesses estabelecimentos superiores.

Muitos outros collegios estão adoptando em seu programma, esse curso sempre *ad libitum* das alumnas.

SONETO DO NATAL

Laura e Raul tão bellos e innocentes,

— Elle tem cinco, ella quatro annos justos —
Brincam, hoje, Natal, meigos, contentes,
Ao chiffo sentados, recurvando os bustos.

Sobre os linhos subis, alvinitentes,

O pequenino protector dos justos,
— Um Jesus de bisent' anho, sem sustos,
Dorme em meio das rosas redolentes.

A piedosa vigília perturbando,

Laura interroga o irmão: « Natal passando,
O menino Jesus onde é que fica? »

Que faremos depois d'este innocente?»

Paul responde logo, gravemente:

« Depois?... Depois o gente o crucifica! »

LEOPOLDO BRILHO

Uma pagina de Scienkiewicz

Era extrahida do seu famoso romance «Sem dor, onde se colligam todas as vicissitudes, tormentos, incoherencias de uma alma moderna e que se poderia intitular romance da moralidade de hoje, etc.

No bosque

Grave, triste, melancolico
 (Si te não veja ha tres dias !)
 Busco o retrio bucolico
 Das alamedas sombrias,
 Olhar fixo, andar pausado,
 Como quem busca um segredo,
 Menestral amantado,
 Divago entre o alvoredo

E as aves, cheias de encanto,
 Ao ver me passar assim,
 Suspendendo o alegre canto
 Ficam-se a olhar para mim.

Na frondosa ramaria
 A toutinegra indiscreta
 Diz baixinho a cotovia
 Lá vai passando um poeta.

É a pipilar com malicia
 Espreita-me alegre bando
 Enquanto vai a noticia
 De bico em bico passando.

É um poeta que passa
 Murmuram, troçando, as aves
 É um poeta — tem graça ! —
 Como os poetas são graves !

Mas á multidão canora
 Segreda um parafuso
 — Não ficou barullo a ora
 Que vas compondo um soneto !

GENEVA J. S. S. S.



Notas scientificas

MODO DE COMBATER A SEDE

Escrevemos recentemente a proposito da sede, dizendo que em muitas occasoes bastava, para estancar a ou atenuar a humedecer a bocca com um liquido qualquer ou então apenas beber de longe em longe pequenos goles.

Absorver grandes massas d'agua, cerveja ou cidra de uma so vez, não so fatiga o estomago como apenas mui momentaneamente é que apasigua a sede. É sobretudo a sequeidão da bocca que convem combater.

Sobre este assumpto, recebemos uma carta do sr. dr. Desnoix, d'Ygrande, cujo conteúdo é este:

«Em vosso artigo escrevo o sr. Desnoix, pretendes do mesmo modo que os sabios, que é bastante humedecer ligeiramente as paredes bucaes para acalmar a sede. Para muitos casos, isto é exacto, mas, para outros, permittir-me-heis discordar da vossa opinião. Exemplo: o trabalho durante a colheita. Das 4 da manhã até ao meio dia; depois, das 2 da tarde até ás 9 horas da noite, o trabalhador rural corta trigo; sobre suas costas curvadas, o sol bate com força; o rosto inclinado, presta-se admiravelmente a recepção das ardentes emanções do solo e da palha. Não ar, nenhuma aragem, e, algumas vezes, sufficientes torrentes aereas produzidas pelos ventos leste ou sul. Como variante, o exercicio da manobra com o garfo de cafeixar o trigo, pesando de 15 a 20 kilos.

«E isto tudo durante umas tres semanas. Affirmo-vos que, em taes condições, não é possivel desulterar-se apenas refrescando a bocca com um simples gorgolejo.

É absolutamente indispensavel absorver, na media, cinco litros por dia, como qualquer de nós o faz nesta época do anno. E si se tiver a precaução de não tomar a agua demasiadamente fresca, mas juntandolhe um pouquinho de vinho, caté ou cognac, asseguro-vos que d'isso não advirá nenhum incommodo e a gente passará admiravelmente bem.»

O Sr. Desnoix tem razão, uma vez que admite que, na maior parte dos casos, basta humedecer a bocca para calmar a sede; quanto ao caso excepcional que nos cita, o de um trabalho exagerado em pleno sol, estamos de accordo Mas este, em geral, não é o caso do homem da cidade.

A questão differre. Não se trata somente de calmar a sede, no caso que elle apresenta: é necessario fazer reverter ao organismo, aos tecidos, ás diversas glandulas a quantidade de liquido sem a qual elle não poderia passar. Um exercicio, trabalho manual desenvolve calor, e o calor, por contra, desenvolve consideravel exsudação. É absolutamente preciso substituir a agua que se escapa do corpo, agua necessaria ao bom funcionamento da machina humana, e por seu turno tambem necessaria ao equilibrio, e á regularização da

hora, sobretudo depois da refeição, até 800 grammas de liquido. Nos mesmos temos leito a experiencia; a perda, sob as altas temperaturas, pode oscillar, na media, entre 55 e 450 grammas por hora.

N'um dia de 12 horas de trabalho, e de grandes calores, a perda media para um homem do peso de 70 kilos, pode attingir facilmente a mais de 5 kilos. Ora, o Sr. Desnoix reclama cinco litros de liquido por dia de trabalho exagerado e de calor excepcional! Ha perfeito accordo entre a theoria e a pratica.

Tudo depende das circunstancias em que se acha o individuo. Mas, no caso que elle suggerer, não é mais unicamente a sede; o que se precisa combater: é tambem o desperdicio dos liquidos da economia — desperdicio incompativel com as funcções do corpo.

DE PARVILLE.

Typos sociaes

O BARÃO

É gordo quasi sempre, e bruto como um urso;
 Usurario, cortez, hypocrita e glotão;
 Desde *commendador* já pensa no discurso
 Que hade fazer no dia em que sabir *barão*.

Manda o filho estudar n'alguma Academia,
 Para que *deputado* um dia venha a ser;
 Francez, musica, inglez e canto e geographia
 Manda ensinar á filha... á qual não sabe lér.

É *ella* o seu orguelho, o seu maior thesouro;
 Tem brincos de brilhantes e braceletes d'ouro
 E ha de ser mulher d'algum *commendador*.

Por cima do sofá, na sala, em seu sobradão,
 Tem o retrato grande, em quadro emoldurado,
 De... sua magestade o augusto imperador.

MARCO FERREIRA.

Um carvoeiro sabichão

PARA AS CRIANÇAS

Uma vez um rei que gostava muito de ir á caça, perdeu-se de sua gente, e encontrou-se só n'um grande bosque onde viu um carvoeiro que andava trabalhando.

O rei dirigiu-se a elle e perguntou-lhe:

— Com tanto trabalho que tens deves ganhar muito dinheiro?

— Eu, senhor, ganho doze vintens por dia. Quanto empresto-os, quatro são para pagar uma divida e os outros quatro para mim e minha mulher viver mos.

Ficou o rei muito admirado, e quiz saber como eram aquellas contas.

O carvoeiro explicou.

— O emprestimo é crear os filhos que depois trabalharão quando eu não puder. A divida é sustentar os meus paes que são já velhinhos e nada podem fazer. Os outros quatro vintens é para comermos nos dois.

Ficou o rei contente com a explicação e disse-lhe que não a desse a mais ninguem, sem ver a cara d'elle cem vezes.

O carvoeiro assim procedeu e o rei foi ter com a comitiva.

Mas, logo que chegou ao palacio mandou reunir todos os seus conselheiros, ministros e mais dignitarios da corte e disse que lhe explicassem como podia um homem com doze vintens pagar uma divida, fazer um emprestimo e sustentar-se a si e a mulher.

Accrescentou ainda: aquelle que decaísse o enigma ganharia a sua confiança e os outros seriam deterrados ou mortos, porque na sua corte não queria ignorantes nem briosos.

Ficaram os sabios afflictos e os que não eram sabios estulariam de noite e de dia, mas, por mais que matutassem, não podiam sabir d'aquelle.

O primeiro ministro, que era um velho muito esperto, andava triste por ver que de uma so vez perdia os seus bellos creditos.

Desce rogado de todo foi um dia passear para o bosque, onde se sentou a chorar.

D'ahi a pouco veio o carvoeiro e perguntou o que tinha s. exc. para estar assim triste.

Contou o ministro o que o rei tinha dito e o carvoeiro consou-o:

— Que lhe desse cem peças de ouro com a cara do rei, que elle lhe ensinava o que era.

O ministro, contentissimo, foi buscar as peças de ouro e deu as ao carvoeiro.

No dia em que o rei tinha mandado reunir o conselho perguntou a todos a resposta a sua pergunta, e ninguem a soube dar!

Então o primeiro ministro pediu licença e disse o que era, com grande admiración e inveja de toda a corte.

O rei ficou muito zangado e foi d'alli ter com o primeiro ministro e mandou matar por elle ter desobede-

cido ao seu conselho. Não teve medo, foi buscar as cem peças de ouro e deu-as ao rei, disse:

— Vossa Magestade ordenou-me que não desse a explicação sem ver a sua cara cem vezes, e como o seu ministro me deu estas cem peças que a tem, cumpro as suas ordens.

O rei riu-se muito e ficou contente com o carvoeiro.

INCREDULA

(Luz: Cumarães Filho)

Não crês?... Pois tu não crês no amor que mata e faz trazar as mãos para o impossivel? nesse mysterio, quasi inexpugnavel, que a vida e a morte dos martyros ata?

Pois tu não crês no fogo que arrebata? pois tu não crês no olhar irresistivel? nos gritos d'alma?... no ideal visivel? nessa loucura esplendida e insensata?

Julgas a vida um lago de alegria, um sorriso, um suspiro, uma harmonia, um astro de ouro que desponta e passa?

Ah! não sentiste ainda a ardente chamma que faz rolar dos olhos de quem ama as contas do rosario da desgraça!

Ascensão ao Corcovado

6 de Março

Dia de sol esplendido, acariciador e mornos raios!

As duas horas da tarde começo a fazer a subida ao grande Corcovado, levado por uma pequena, mas possante locomotiva que despejando fumo e vapor vai como que offegantemente empurrando o carro que conduz os passageiros!

A medida, porém, que o carro ia subindo e rompendo aquellas íngremes e fertilissimas terras, minhas impressões crescem e mudam-se alternativamente, ora contemplando extasiado a luxurriante vegetação, ora devisando através de uma clareira o bello e attraente panorama do Rio de Janeiro, ora inda a vista embeber-se ao longe, olhando o grande mar, lá fóra da bahia!

Que bellas paysagens, que bellos quadros para um pincel de mestre!

Oh! como eu quizera ter pensamentos tão grandes, idéas tão gigantes, como as colossaes e gigantescas arvores que se vão apresentando aos olhos do viajante, que arrebatado e em mitta contemplação as admira!

Ah! então pudera traçar mais amplamente, mais desafogadamente, as emocionantes impressões que senti, fazendo a ascensão ao bello Corcovado.

Mas... eis-nos chegado ao ponto terminal da linha ferrea; agora subimos ao alto do morro, indo em zig-zags por tortuosos caminhos e íngremes escadas. Estamos enfim no ponto desejado!

— Nuvensinhas que passam nos impedem de ver no momento o mais sobebo e bello panorama do mundo; porém para nos extasiar ainda mais, apresentando-nos, como surgido d'um sonho mystico, encantado, o quadro esplendoroso da cidade: quando o sol com seus raios dardantes dissipa momentaneamente as nuvensinhas, para deixar a vista sedenta penetrar prescruetadora devastando nas profundezas do abysmo, a incomparavel capital do Brasil!

Oh! não, se podem descrever as commoções que se sentem ao subir ao alto do Corcovado, por isso apenas em duas palavras quero significar a minha admiración: — Simplesmente maravilhoso!

Rio, 7-3-1901.

J. JO.

MOLDES



Temos a satisfação de communicar ás nossas gentes as novidades e melhoras que, apesar de nosso silencio, continuamos com o nosso serviço de moldes tanto d'Estação, como de qualquer outro jornal, para esta cidade e para o interior da Republica.

Ha uns bons trinta annos temos nos incumbido desse serviço, confiando-o sempre a pericia de verdadeiras artistas em materia de artes.

Agora mesmo as senhoras a quem confiamos esse trabalho, são das mais habilitadas mestras no assumpto, no qual não temem confronto.

Nunca recebemos reclamações contra o serviço da casa e com ufania podemos assegurar que estamos habilitados a satisfazer a freguezia mais exigente, sem que tenhamos receio de que nos vejam dar lições de apuro e bom gosto, nem na medianidade de nossos preços.

Para o presente numero offerecemos:

N.º 30 - Jaqueta alfaiate..... 15

Os recados são recebidos no escriptorio dest bem como, a importancia que deve acompanhar d'ido.

Pelo correio mais 300 reis para cada molde e 200 reis para cada um que se segurem.

FADINHA

—
—

O barão de Moreira não esperava que tão brusca- mente se decidisse a sua sorte; no fundo, contava sempre que uma circunstancia qualquer, atrahido-lhe Fadinha nos braços, o dispensasse das responsabilida- des do casamento; entretanto, o titular submetteu-se a tudo, resignando-se a perder a liberdade que era o maior encanto da sua vida de libertino.

D. Firmiça e os filhos estavam contentissimos. Ella tratava agora os vizinhos e mais pessoas do seu conhecimento com certo ar de protecção, e o Alexan- dre olhava para os companheiros do armazem e do escriptorio, e lhes falava como se já fossem caixeiros delle.

Ao proprio Sr. Volta, socio do barão, homem sympathico e generoso, já se não dirigia o rapaz com o respeito e a submissão de out'ora.

O Pimenta estava radiante, e, com os olhos na prometida lambagem, por todos os raios e modos estimulava o barão para que o casamento se reali- zasse quanto antes.

Marcou-se «o grande dia» em familia, a 1.º de Maio de 1901, durante o jantar com que se festejou o decimo nono anniversario natalicio de Fadinha, e o

barão, n'um brinde feito à noiva, ofereceu-lhe, com muita delicadeza, o enxoval, que mandaria vir da Europa.

O casamento se effectuaria em Outubro, com todo o luxo e apparato. O barão não mudaria de casa; apenas faria alguns reparos e modificações impres- cindiveis em certos compartimentos, e substituiria a sua mobilia de solteiro. O Pimenta foi logo encarre- gado de todas essas diligencias.

Fadinha dissimulava o mais que podia o seu des- gosto. Soffia muito, muito, porque, por mais que tentasse illudir-se a si mesma com a perspectiva de ser baroneza e abastada, não podia esquecer-se de Remigio.

Este, que sabia por pontos travessas de todos os incidentes acima relatados, soffia tanto como Fadi- nha; consolava-se, porém, com a idea de que ella seria neste mundo, nem mesmo o seu amor, porque elle continuaria a amar-a e amar-a-lhe sempre, embora casada, cheia de filhos, envelhecida, morta!

Entretanto, proseguiram os preparativos para o casamento. Chegou o enxoval, que era riquissimo, e o palacete do barão ficou que nem um brinco.

Os papeis estavam promptos. O Pimenta, que se incumbira tambem disso, não se esqueceu de coiza alguma, nem mesmo do bilhete de confissão comprado a um sacerdote pouco escrupuloso.

Na cidade, um dos assumptos obrigados de todas as conversas era o proximo enlace do barão de Moreira. Toda a gente o elogiava por se casar com moça pobre, e toda a gente o invejava porque essa moça era a mais bonita do Rio de Janeiro.

Fadinha tornou-se, mais que nunca, objecto de curiosidade publica, e mais que nunca o Engenho- Novo foi visitado por pessoas estranhas ao bairro.

Faltava um mez apenas para a celebração do casamento. Era em 15 de Agosto, D. Firmiça exigiu que Fadinha fosse com ella à ermida da Gloria levar uma vela a Virgem e pedir a protecção divina.

A moça aquiesceu. No largo da Gloria, no outeiro e na ermida a multidão era compacta. Só á custa de incalculaveis esforços conseguiram as duas senhoras levar a vela ao seu destino. Dentro da ermida Fadinha sentiu-se mal, respirando com dificuldade, queixando-se de dores de cabeça.

— Não ha de ser nada. Vamos para casa, que isso passa.

Metteram-se n'um carro. Quando chegaram ao Engenho-Novo, Fadinha ardia em febre. Foi immedi- atamente para a cama.

Estavam presentes, esperando as senhoras, o barão e o Pimenta, que se tomara intimo da casa. Este foi logo chamar um medico.

Depois que Fadinha se accommod u, o noivo

NINON DE LENCLOS

escrancia da ruga, que jamais ousou matar-lhe a epide- rmie. Já passava dos 80 annos e conservavase joven e bella, atrahido sempre os pedacos da sua certidão de baptis- tismo que rasgava a cada tempo, cuja foie embotava-se sobre sua encantadora physionomia, sem que nunca deixasse o menor traço. «Muito verde ainda!» vin-se obriga- do a dizer o velho ralhamento, como a raposa de Lafontaine dizia das uvas. Este segredo, que a celebre e egoista fazeira jamais confiou a quem quer que fosse das pessoas daquelle epocha, descobrio-o o Dr. Lecoq entre as folhas de um volume de *L'Hygiene des femmes des opales*, de Bussey-Rubatin, que fez parte da bibliotheca de Voltaire e é actualmente propriedade exclusiva da **PARFUMERIE NINON, MAISONS LECOQ, Rue de la 4-Septembre, 35, Paris.** Esta casa tem-n'o á disposiçao das senhoras elegantes, sob o nome de **VERITABLE EAU DE NINON**, resumendo as receitas que d'ella provem, por exemplo, o

DUVET DE NINON

pó de arroz especial e refrigerante;

Le Savon Crème de Ninon

especial para o rosto que limpa perfectamente a ep- dermie mais delicada sem alteral-a.

LAIT DE NINON

que dá alvura deslumbrante ao pescoço e nos hombro e Entre os productos conhecidos e apreciados da **PARFUMERIE NINON** contam-se:

LA POUDRE CAPILLIS

que faz voltar os cabellos brancos á cor natural e existe em 12 cores;

SEVE SOURCILIERE

que augmenta, engrossa e bruna as pestanas e os super- cilios, ao mesmo tempo que dá vivacidade ao olhar

LA PATE ET LA POUDRE MANODERMALE DE NINON

para finura, alvura brilhante das mãos, etc., etc.

Cavem exigir e verificar o nome da casa e o endereço sobre o rotulo para evitar as imitações e falsificações

PARFUMERIE EXOTIQUE E. SENET
35, Rue de la 4-Septembre, 35, PARIS

MAO DE PAPA de sapão, de príncipe, por meio da **Pâte des Prélats**, que embranquece, clia e acacia a cuticula, impede e destoa as frieiras e as rachas.

UM NARIZ PICADO de papouca, com cravos e urina a preparar-sez bem e a preserva e suas côres lisas por meio do **Anti-Bolhos**, producto sem igual e muito contrahido.

Para ser bella, encantar todos, e não leve-se servir da **Fleur de Pêche** pó de arroz feito com frutos exóticos.

POUCOS CABELLOS
Fazem-se a cada dia e para as senhoras e para os **l'Extrait Capillaire des Benedictins de Mont-Majella**, que tambem impede que caiam e que limpa os fios.

E. SENET, Administrateur, 35, Rue de la 4-Septembre, Paris

NÃO ARRANQUEM MAIS os dentes estragados e os dentes brancos com o **Elixir dentifrice des Benedictins de Mont-Majella**.

E. SENET, Administrateur, 35, Rue de la 4-Septembre, Paris

XAROPE DELABARRE (DENTIÇÃO)
Xarope sem narcotico e recommendado ha ja 20 annos pelos medicos. Facilita a sahida dos dentes, evita ou faz cessar os soffrimentos e todos os accidentes da primeira dentição.

Egja-se o Carimbo official e a assignatura Delabarre.

FUMOUGE-ALBESPEYRES, 78, Faubourg Saint-Denis, Paris e em todas as pharmacies

PAPPEL E CIGARROS ANTI-ASTHMATICOS
de Bin BARRAL

Recommandados pelas summidades medi- cas. Preparações muitissimo efficazes para a cura da **ASTHMA**, das **OPPRESSÕES**, das **ENXAQUECAS**, etc. 45 ANOS DE SUCCESOS.

FUMOUGE-ALBESPEYRES, 78, Faubourg Saint-Denis, Paris e em todas as pharmacies.

NUNCA APPLIQUE-SE UM VESICATORIO SEM SE TER O VESICATORIO DE ALBESPEYRES

o MAIS EFFICAZ e o MENOS DOLOROSO de TODOS os VESICATORIOS. Encomende a Assignatura **ALBESPEYRES** no LAOÙ VERDE FUMOUGE-ALBESPEYRES, 78, Faubourg Saint-Denis, PARIS e em todas as pharmacies

VINHO DE CHASSAING
BI-DIABASTIVO
Receitado ha 30 annos
CONTRA AS AFFECÇÕES DAS VIAS URINARIAS
Paris, Avenue Victoria nº 6.



A "**PHOSPHATINA FALIÈRES**" e o mais saboroso e o mais recommendado alimento para crianças desde a idade de 6 a 7 mezes, principalmente quando começam a ser desmamadas e no periodo de crescimento. Facilita a dentição e concorre para boa formação dos ossos.

PARIS, AVENUE VICTORIA Nº 6 E NAN PHARMACIAS

PRISAO DE VENTRE
a mais verdadeira
Pó Laxativo de Vichy
do D^o SOULIGOUX
Laxante certo, agradável ao paladar, facil de tomar
O vidro de cerâmica de 25 doses a 2 fr. 500
PARIS, 117, RUE DE LA HARPE, 117, PHARMACIA

PILULAS DE BLANCARD

APPROVADAS PELA ACADEMIA DE MEDICINA DE PARIS

Resumem todas as Propriedades do IODO e do FERRO.

40
Rua Bonaparte
PARIS

Estas Pilulas são de uma efficaça maravi- lhosas contra a **Anemia**, **Chlorose** e todos os casos em que se trata de combater a **Pobreza do Sangu**.

LE REFIE Incarnat
NOVO PERFUME
SUAVIDADE — FRAGRANCIA — DELICADEZA

CAUTELA COM AS IMITACÕES
PARIS

Le Piver

pediu licença para vela, e D. Firmiana introduziu-o no quarto.

A moça tinha os olhos fechados e offegava. O barão approximou-se della, e, tomando-lhe uma das mãos ardentes, perguntou-lhe com meiguice:

— Então? que e isso?...
— Padinha sorriu e murmurou:
— Remigio! meu Remigio!...
Delirava.

(Continúa).

A. A.

O enxoval

BALLADA DE CATULLY MENDÉS

No dia em que Isamberte veio ao mundo, seu pae e sua mãe tiveram um grande pezar. Não porque lhes desagrada-se a vinda daquelle bello anjo, com uns olhos verdadeiramente celestes e uns labios de flor; foi até grande a alegria que sentiram ao ouvir-se o primeiro vagido do recém-nascido em que se

Teria pois, a pequena Isamberte de dormir o primeiro somno em qualquer miseravel grabato, sem uma camistinha, nua como nascera? Por felicidade, a mãe lembrou-se de um farrapo de cambráia branca, que um dia achara n'uma porção de lixo, e do qual tinha feito uma cortina para a unica janella da cabana.

Fruca e abatida como ficara, e começou a arranjá-la cambráia, lavou-a, apropriou-a, coseu-a e Isamberte teve o seu enxoval, sendo com elle tão bonita como um anjo, com os seus olhos celestes e os seus labios de flor.

II

Quando Isamberte cresceu, tornou-se subitamente triste e deixou de rir e brincar com as outras crianças, na areia da praia.

A pobre criança lembrava-se de que não poderia fazer a sua primeira communhão, por um bello domingo cheio de sol, no meio de uma grande multidão alegre e festiva, na pequena igreja da aldeia.

Ella sabia o cathecismo como nenhuma outra, e o Sr. cura, entre o seu rebanho espirital, não tinha uma velha mais humilde e meritória.

Mas para a communhão era preciso um vestido branco, e os paes de Isamberte não eram dessas pessoas ricas que entram nas lojas com as algibeiras cheias de dinheiro, podendo escolher entre vinte qualidades de fazendas, todas magnificas e caras. Mais de uma vez a pobre criança foi encontrada chorando amargamente de frente das vitrines das lojas de modas.

Mas sua mãe disse: — «Não chores, minha querida.» E, tirando de um velho baú todas as peças do enxoval que em tempo fizera do pedaço de cambráia, juntou-as novamente, coseu-as, preparou-as e fez o melhor que pôde um vestido. No dia da primeira communhão, Isamberte apresentou-se na igreja com o seu vestidinho branco. O bom Deus que vê tudo, fingiu não ver os remendos do corpo do vestido e da saia, satisfeito com aquella pequenina alma intacta, e como Isamberte era a mais bonita, pareceu tambem a toda gente da aldeia que ella era a mais bem vestida.

III

Aos dezoito annos namorou-se de um bonito rapaz, tão pobre como ella. Adjustaram casar, não occultando que se amavam, abraçando-se quando se encontravam.

Um dia foram para a pesca, ella de pés nus, saltando de penedo em penedo, sobre algas escorregadias, elle segurando-a pela cintura para que não cahisse; se ella se voltava, encontrava junto de sua bocca outra bocca de que não fugia, e á volta, quando a maré subia, caminhavam tão proximos um do outro na vermelhidão do poente, que apenas via se ura sombra nos penedos da costa.

Emfim um vivo e sadio desejo de se possuirem, invadiu lhes o coração e os sentidos, e declararam que pretendiam casar sem demora.

Porém a mãe de Isamberte mostrou-se nisto afflicta. «Pensas em semelhante cousa, pequena?» disse ella a sua filha. «Como has de casar, sendo tu tão pobre e miseravel?»

Has de ir a igreja com esses farrapos que te dão o aspecto de uma mendiga, e como te atreverás a estar, ao lado daquelle que te ama, toda esfarrapada? Desta vez foi a filha quem consolou a mãe.

«Não receie respondeu ella. Vou procurar no velho baú o vestido da primeira communhão, que já me serviu de enxoval, e farei delle uma camisa para o dia de casamento.»

E assim fez. Na noite do casamento estava vestida com a velha cambráia do enxoval.

IV

Apezar desta pobreza, foram felizes na sua cabana, onde viveram muitos annos depois da morte dos velhos paes. A alegria de se verem juntos e de se amarem, consolava-os das mais amargas tristezas e não haviam mais lagrimas que seus beijos não secassem immediatamente.

Não tratavam de ganhar senão o estritamente necessario para não morrerem de fome.

Do seu tempo, que o amor desejava todo para si, davam algumas horas apenas ao trabalho indispensavel. Não se inquietavam com o dia de amanhã, porque antes delle havia a noite.

A sua alegria augmentava de dia para dia ao abriçarem-se na sua cabana, quando volavam do trabalho, e como não havia porta, podia ouvir-se ao longe, o echo das suas gargalhadas e das suas palavras ardentes. Muitos ricos tinham inveja da vida daquelles pobres que se amavam.

Um dia Isamberte adoeceu, na miseria a força de viver gasta-se mais depressa do que a força de amar. Agora a pobre rapariga ficava todo o dia deitada no grabato conjugal, com os labios desbotados e amorticados. Junto della o marido afflicto comprehendia que dentro em breve a sua companheira querida iria



O PRINCIPE CARNAVAL

O SEGREDO

Da vez primeira quando o sitio visitára
Eu vi lindo casal de pombos annegrados;
Buscavão seu sustento os ledos namorados
Mostrando, claramente, uma ventura rara.

E vel os desejando agora que eu voltára,
Só vi o pombo negro, em vóos desmarcados,
A colher com afan os grãos abandonados,
E a levar-os no bico á residência cara.

Ingrato! exclamei eu. Enviuvou, de certo
E já prepará á outra o sensual carinho
De peito, ás expansões de um novo amor, aberto!

Segui-o. Que surpresa! Á volta do caminho
A negra pomba vi, dois filhos tendo, perto,
Que não tinham sahido ainda do seu ninho!

Niteroy, 1901.

A. AZAMOR,

expande o espanto de viver; ha em todos os bomens e em todas as mulheres um echo, por muito tempo mudo, que só accorda a esse grito. Mas os paes de Isamberte não tinham podido arranjar o enxoval, a tal ponto eram pobres, os desgraçados!

Viviam perto da costa n'uma velha cabana de madeira carunchosa, sem porta, com o tecto quasi a desabar. Tinham lhes cedido por caridade essa habitação miseravel, onde o vento da noite penetrava até ao leito daquelle pobres, envolvendo-os n um coher tor de ar molhado e de gottas amargas. Quando o homem ia para o mar nem sempre trazia peixe. As redes eram tão velhas, que pelas malhas rotas e em vão concertadas, escapavam quasi sempre as tainhas e os salmões.

A mulher não encontrava que fazer na aldeia, porque os seus pobres andrajos cahiam-lhe aos pedaços, e isto escandalizava as pessoas honestas. Quando não se andá bem vestido, não é possível ganhar para vestir.

De maneira que os dois desgraçados nem sequer poderiam pensar em talhar e preparar pequenitos vestidos, os casaquinhos e as toucas, que tantas mulheres felizes enfeitam, sorrindo de orgulho, de fitas e de rendas,



A sala do Conselho de Augsburg, no Novo Museu Nacional da Baviera em Munich

para não voltar. Durante longas horas olbaram-se os dous, não se falando, com o receio de confessarem os tristes pensamentos. Mas cada qual bem adivinha o que outro estava pensando. Bem cedo iriam separar-se! E o marido de Isamberte tinha além da angustia de perdê-la, uma outra angustia que a pobre rapariga adivinhara:

— «Olha, disse-lhe ella na véspera do dia fatal, eu leio no teu pensamento! Não ha lençoes no nosso leito nem um pedaço de linho na nossa cabana, e tu não sabes como hus-de amortallar-me. Não te afflijas, meu pobre amigo! Procura no velho bahu a camisa do meu noivado que me servio tambem para a primeira communhão, e ella me servirá de mortalha!»

V

No dia seguinte, amortalhada na cambráia do seu noivado, a pobre rapariga dormia no cemiterio. Dous anjos nasceuram do céu num raio de luz.

Vinham buscal-a. Mas eram dous anjos muito pequenos, chegados ha pouco do paraiso e encarregados pela primeira vez da missão de irem á terra procurar os defuntos escolhidos para a felicidade eterna.

Quando afustaram a terra e levantaram a tampa do feretro, ficaram perplexos.

Debeis, como eram, não teriam forças para erguerem o corpo da morta e levalla ao throno do Senhor, porque esse throno era muito alto. Que haviam de fazer? De que meio se serviriam?

Desanimados, iam já voltar novamente ao céu, para pedirem conselho a um seraphim mais experiente, quando descobriram a mortalha de cambráia que a urisa fazia tremer.

Lembraram-se de fazer della umas azas para a morta. Foi um momento. A cambráia foi rasgada e adaptaram-se aos candidos hombros de Isamberte duas azas brancas e a pobre rapariga subio ao céu, quasi resuscitando com o auxilio dessas azas que tinham sido na terra o seu enxoval, o seu vestido da primeira cuminhão, a sua camisa de noivado e a sua mortalha.

Transcripto das folhinhas de algeibra.

Canções sem metro

I
HOJE

Cada pagina da historia é uma lapide e um epitaphio. Em baixo dessas inscrições dormem os séculos.

Poeira, poeira e recordações.

Todas as alegrias do dia de hontem e todas as lagrimas, e angustias, decepções louros e espulhas, apotheeses e martyrios, misérias e grandes azas, fortunas, maldições, tudo reverteu em nosso proveito. Passa u o tempo sobre o mundo; e para nós ficou o legado das cinzas.

Por nossa vida foram immoladas as gerações. Dos destroços dessas victimas, nos hoje, ferzes herdeiros, nos alimentamos como grelo egoista que vive da podridão do fructo que o gerou.

Dura necessidade: — viver das cinzas maternas!
Mas está servido o banquete. Os séculos foram sacrificados em holocausto aos vindouros. Vindouros somos nós. A' mesa!
Fartemo nos.

II AMANHÃ

Ha um porto no oceano que é o terror dos nautas. Um abysmo cavado nas aguas atravez do qual, como uma formidavel trombeta, assopra o genio devastador dos cataclysmas. As ondas, exercito selvagem de leões, debatem se doudamente, arqueiam o felino dorso, sacodem como alvissimas jubas a espumarada e rolam rugindo no baratro, devoradas pela vertigem.

A's vezes o redemoinho apanha a embarcação temeraria que ousou avisinhar-se do circo tremendo onde combatem os leões da tormenta...

Não ha mais fugir. A vertigem prende; e a garganta esfomeada do vertice reclama energeticamente a presa. Cumpre celear.

Semelhante ao barco surprehendido pela voragem, nós avançamos para o futuro.

A lei é — proseguir.

Maelstrom devora, o futuro absorve. Vingador escrupuloso do passado, vae viver de nós, como nos vivemos do dia de hontem.

Avante! Avante!

Lá vejo a aurora, a odiosa aurora escancarada no horizonte, como as fauces do monstro fabuloso emboscado no céu. Elle, ó avido futuro que nos espera, como uma hyena faminta de mortos!

RAUL POMÉA.

A GIRAFA

A girafa é o animal mais alto dos continentes. Tem 18 a 20 pés de altura, da fronte aos cascos, e só 7 pés de comprimento. O pescoço é demasiadamente comprido, os braços são mais altos que as pernas e as costas, por conseguinte, inclinadas. A principal cor do seu pello é amarellada alvadia, com grandes manchas amarellas de forma angulosa.

A patria de te animal singular é a Africa. Os antigos romanos e gregos já conheciam a girafa, e deram-lhe o nome de camelo-pardal, achando-lhe alguma semelhança com o camelo e com a panthera.

O macho, além dos dois chifres por cima do nariz, tem outro, porém menos alto que os primeiros. A estrutura deste animal é muito extraordinaria, e seu andar corresponde á forma do seu corpo. Não trita, mas tem um modo de andar semelhante ao furta passo do cavallo, isto é, avança ao mesmo tempo a mão e a perna do mesmo lado. Anda quasi sempre a galope, inclinando o pescoço para traz e para frente com o fim de manter o equilibrio do corpo; quando o animal vae depressa o pescoço limita os movimentos do mastro de uma embarcação. Parece andar de vagar e, todavia, um cavallo correndo muito, alcança-a difficilmente; é que cada um dos seus passos vence 12 a 16 pés de extensão. Custa-lhe algum tanto a subir as ladeiras.

Tem a lingua muito comprida e preta; pode estendel-a a uma distancia de 6 p' legadas, e com ella apanha a comida. Nutre-se principalmente das folhas e dos ramos de uma mimosa, *Acacia girafa*. Quando quer comer a herva que cresce no chão, vê se obrigado a curvar uma perna como os cavallos.

A girafa amansada é muito quieta; é facil dirigil-a, e nunca se oppõe á vontade do homem.

A carne dos pequenos sabe á vitela e os africanos comem n'a; seu sebo é estimado.



A sala — Renascença, no Novo Museu Nacional de Baviera em Munich

SONETO

Corria-me a insistencia descuidosa,
Toda risos, toda luz, toda alvoradas;
Minha alma ás regiões alcandoradas
Niveas azas bibrava esplendorosas;

Aninhava-se em meu peito dulçorosa
Caudissima esperança; e as mais sagradas,
Puras illusões dos céos baicadas
Traziam-me n'um sonhar côr de rosa.

Tudo, porém, desfez se; e apenas veio
Agora, quando busco, quando almejo
Novamente gosar do que bei gosado,

Tetrico vulto, dominando tudo,
Negro phantasma, horriavelmente mudo,
Me accusar das ruinas do passado!

Caravellas, 1899.

FIRMINO PEREIRA.

CHRONIQUETA

Rio, 22 de Março de 1901.

Estamos atravessando uma epoca terrivel. Todos os dias as folhas trazem noticias de suicidios, assassinatos, tentativas de suicidio e tentativas de assassinato. Se cumprindo rigorosamente o meu dever de chronista, quizesse eu registrar e commentar os acontecimentos da quinzena, teria que encher estas linhas de tenebrosas historias, e as leitoras ficariam borreiradas...

Acbo que o melhor é deixar em paz os que matam e os que se matam. e procurar outros assumptos mais alegres, ou antes, menos tristes, porque hoje em dia não temos absolutamente assumptos alegres. Vivemos n'uma atmospheria impregnada de melancolia e desconsoação. Creio até que o lumineuse esta perdendo o habito de rir, embora não contrahisse ainda o de chorar.

Pondo de parte as tristezas, onde encontrar materia para o meu artigo?

✱

E' verdade que muitas vezes a comedia está dentro do proprio drama.

Para exemplo ahi temos o caso daquella pobre moça que lia dias, adquirindo a cereza de que ja era casado um miseravel que a tinha pedido em casamento, resolveu matar-se, ingerindo uma dose de sal amargo, na convicção de que era sal de azedas.

O effeito foi ridiculo, mas providencial, e graças a esse energico derivativo, a moça entregou o patife a mercedo desprezo, e enjuro em pouco só se lembrará delle como de um sonho máo, que passou.

Esse facto, que deu ensanchas ao humorismo da imprensa, e forneceu largo assumpto aos grupos em que se fala da vida alheia, e um exemplo que não posso deixar de apontar ás minhas leitoras solteiras. Uma senhorita melindrosa e pura, desejando conservar o seu milindre e a sua pureza, não deve abrir o coração a um homem que não conheça, e do qual não tenha informações exactas e completas.

Mas quando, por ventura, enganada pelas apparencias, levada pela boa fé, apanagio das almas candidas, lhe acontecer o mesmo que succedeu áquella noiva illudida, não procure matar-se, pois se algum deveria pagar com a vida o seu erro, seria, não ella, mas o infame.

Casamento que por tal motivo se desfaz, desgosta, aborrece, mas não desmoralisa uma senhora. Não haverá razão para que mais tarde, passada a impressão d'esse desagradavel incidente da sua vida, ella não encontre um homem digno de ser seu esposo, substituindo por este o desalmado que a enganou.

Esse homem poderá fazel-a feliz, ceical-a de solitudine e de affecto, e preparar-lhe um futuro tranquiilo e reparador, e quando ella um dia amamentar o seu primeiro filhinho, e sentir a sua alma illuminada pelo sorriso d'essa criança, agradecerá mais uma vez á Providencia, que transformou o bixalato de potassa em sulfato de magnesia.

ELOY, O HEROI

THEATROS

A companhia lyrica do S. Pedro cantou detestavelmente a *Cavalleria Rusticana*; em compensação, cantou menos mal o *Rigoletto* e o *Barbiero de Sevilha*.

A primeira dessas operas foi dada em homenagem a Verdi.

✱

No Lucinda tivemos uma velha comedia do Dr. Castro Lopes, a *Emancação das mulheres*, refundida e modernisada pelo Sr. Domingos de Castro Lopes, filho do autor.

Não queremos, n um jornal de senhoras, dizer ban de uma peça que mette a ridiculo o feminismo. Limitamo-nos a dizer que a *Emancação das mulheres* fez rir e foi applaudida.

Quanto ao desempenho dos papeis, convem citar os artistas Lucilia Peres e Ferreira de Souza

✱

No Recreio fez se uma *reprise* do *Amor melhado*. O publico, que decididamente está fado de *reprises*, voltou as costas ao theatro, e fez muito bem.

✱

Falleceu em Pariz a grande actriz Croizette, que ha muito tempo abandonara a arte, casando-se com o millionario Sterne. Foi uma das figuras mais notaveis do pessoal da Casa de Moliere.

N. Y. Z.

—•X—X•—

A Virgem Santissima

N'um sonho tolo de incerteza,
De nocturna e indizivel anciedade,
Foi que eu vi teu olhar de piedade
E (mais que piedade) de tristeza.

Não era o vulgar brilho de belleza,
Nem o ardor banal da mocidade...
Era outra luz, era outra suavidade
Que até não sei si as ha na natureza.

Um mystico soffrer... uma ventura.
Feita só de perdão, só da ternura
E da paz da nossa hora derradeira.

O' visão, visão triste e piedosa
Fita-me assim calada, assim chorosa
E deixa-me sonhar a vida inteira.

ANTHER DE QUENTAL.

Mosaico

O conselheiro Zimphilio Barama deu agora para pintar, e apresenta uma *bota* medonha no exame de um dos nossos grandes artistas.

O *artista* (depois de examinar em todos os sentidos: — Isto é uma amostra d' que o senhor já sabe fazer?

O *conselheiro*. — E', sim, senhor.

O *artista*. — Mas... e que vem a ser? Não comprehendendo bem... Poderia explicar-m'o?

O *conselheiro*. — Isso... é... é... é um projecto de esboço!

✱

Um inglez chegado á capital federal dirigiu-se a um transeunte:

— Perdão mim, senhor, mas faz favor, a rua do meu hotel?

— Como se chama o seu hotel?

— Oh! uma bella hotel... mas eu esqueceu o nome da rua.

Embaraço do transeunte. O inglez continua:

— Um grande rua estreita...

— Mas é-me impossivel, meu amigo, adivinhar assim.

— Senhor não quer ensinar mim?

— E-me impossivel.

— Oh! senhor pouco delicada.

— Ora pilulas! Eu creio que você bem devia morar no hospicio...

Oh! yes, rua do Hospicio... Muito obrigada, senhor, diz o inglez contentissimo.

✱

Um pequeno entra numa botica e pede:
— Dê me tres vintens de agurante para minha mãe alcanphorada que torceu um pé nesta garrafa.

PRECES

Foi n'esta voz que tu já não conheces,
voz que soffica, tremula e dorida,
que en fiz as minhas derradeiras preces
no teu altar, querida!

E como o moribundo o olhar magoado
estende para os céos em agonia,
volvi o olhar para o teu vulto amado,
que ao longe, ao longe desaparecia...

JOSE HENRIQUE.

Aguas de Vichy

Garanlidas, NOVAS

e LEGITIMAS das seguintes fontes

Celestins. } Preço da caixa
Hanterive Pres. } com 50 garrafas
Grande Grille. } Rs. 68:000
Hôpital.

A venda CASA LOMBAERTS

7, Rua dos Ourives, 7

N. B. — Remette-se para o interior accrescentando-se ao preço acima as despesas de frete.

ULTIMAS NOVIDADES MUSICAES

Grande estabelecimento de pianos e musicas

DE

Fertim de Vasconellos, Morant & C.

147, Rua do Ouvidor, 147

Folkas

Brincando, por H. Dias..... 180 0

Vai sabindo, por A. Keller..... 18000

Tangos

Sô de mão, por E. Telles..... 180 0

Fernge, por E. Telles..... 18000

Tango do pianista, por Costa Junior..... 18000

Valsas

Tristeza d'alma, por Marius..... 18000

Dolente, por Carlos Marques..... 18000

Tragabalas com letra, por Costa Junior..... 180 0

Amor que mata, por J. G. Christo..... 180 0

Desprezenciosa, por J. G. Christo..... 18000

Elegante, por A. Cavalcanti..... 18000

Juracy, por A. Nunes..... 18000

Licéa, por Evora Filho..... 180 0

Mens oito annos, por O. Carneiro..... 18000

O teu olhar me seduz, por Evora Filho... 18000

Schottisch

Alzira, por Campos Junior..... 18000

Guanabara, por I. Madeira..... 18000

Grimalda de noiva, por Evora Filho..... 18000

Primeiro Amor, por E. Telles..... 18000

Quadrilhas

Borb letas, por E. Couto..... 18000

Recordações da infancia, por J. M. Lacerda..... 18000

147, RUA DO OUVIDOR, 147



CRÈME SIMON
PARA
conso var ou dar
ao rosto
**FRESCURA
MACIEZA
MOCIDADE.**

Para proteger a epiderme contra as influencias perniciosas da atmospheria, é indispensavel adoptar para a toilette diaria o **CRÈME SIMON**.

Os **PÓS de Arroz SIMON** e o **SABONETE Crème Simon**, preparados com glicerina, a sua acção benéfica é tão evidente que não ha muguem que o use uma vez que não reconheça as suas grandes virtudes.

J. SIMON, 36, Rue de Provence, PARIS

PHARMACIAS, PERFUMERIAS
e Lojas de Cabelleiros.

Desconfiar das Imitações.

UMA CONSULTA

Comedia representada pela primeira vez no Rio de Janeiro, no Theatro Recreio Dramatico, em 8 de Março de 1901

Personagens

Um doutor..... Sr. Eugenio de Magalhães.
Uma senhora..... D. Cecilia Porto.
A scena passa-se no Rio de Janeiro.

O theatro representa um consultorio de advogado.

SCENA PRIMEIRA

Levantada a porta o doutor está sentado a uma mesa cheia de papéis, examinando com muita attenção uns autos, consultando livros, etc. De repente entra um genio barbaudo de humo quebrado, um barulho que parece vir do tecto. O genio verga-se furioso.

O DOCTOR.

Isto é insupportavel! Não tenho licença de estudar!... Mora cá por cima um medico... um medico velho, que tem a mania da louca antiga. É um colleccionador. Quer pendurar enormes pratos e jarrele, tem a vista cansada, e de vez em quando é isto que se vê... quero dizer: que se cave! E eu preciso estudar tranquillamente o meu processo de amanhã. Trata-se do thesoureiro de uma repartição publica, que desfalcou o cofre confiado á sua guarda. O crime está provado e mais que provado, mas é indispensavel convencer o jury de que o homemsinho é puro como uma flor... e de que, longe de ter desfalcado o cofre, poz lá muitas vezes dinheiro do seu bolsinho... (*Novo barulho de louca quebrada*) Mas vou lá trabalhar com um visinho destes! Decididamente, preciso arranjar um interior... Na minha vida falta alguma coisa... Se eu tivesse a familia, pagava nestes autos e me metia em casa... Mas o meu isolamento aborrece-me... Estou aqui estorpeado, mas... com quem? (*Suspira. Batem a porta*) Peior! Entre quem é.

SCENA II

O DOCTOR, UMA SENHORA.

A senhora entra, e para ao entrar a mão, atemorizada.

O DOCTOR.

Queira sentar-se, minha senhora, e dizer o que ordena. (*Aparte.*) É bonita!

A SENHORA, sem se sentar.

Desculpe-me, doutor... estou surpresa... supponha encontrar...

O DOCTOR.

Esteja á vontade, minha senhora, e tenha toda a confiança em mim. Este consultorio é um confessorio.

A SENHORA.

Sim, mas é que eu julgava... (*Baixa os olhos.*)

O DOCTOR, *aparte.*

É linda! (*Alto.*) Aqui tem uma cadeira.

A SENHORA.

Estou perturbadissima... (*Senta-se.*) A vista da sua grande reputação, supuz que o doutor fosse mais velho...

O DOCTOR.

A supposição é lisonjeira para mim

A SENHORA.

Julguei encontrar aqui um homem de ededillos brancos e veneravel aspecto... Se o doutor tivesse sessenta annos, eu com certeza estaria mais senhora de mim...

O DOCTOR.

Infelizmente só tenho pouco mais de metade, e os meus cabellos estão ainda pretos. Quanto ao aspecto venerando, pode ser perfectamente substituido pela intenção honesta de pôr os meus serviços á disposição de V. Ex.

A SENHORA.

Devo parecer-lhe ridicula...

O DOCTOR.

Oh! minha senhora! (*Vae buscar uma cadeira e senta-se*)

A SENHORA.

O doutor não é culpado de ser tão moço, e...

O DOCTOR.

E...?

A SENHORA.

É verdade que, quando me indicaram o seu nome e me fizeram notar a bonita reputação que tem adquirido, não me disseram que o doutor fosse um senario; fui eu que o imaginei assim, como se a natureza fosse um auxiliar imprescindivel da sciencia. Pergo-lhe que me perdôe não ter sabido dominar a minha impressão.

O DOCTOR.

Mas por amor de Deus, minha senhora! Estou honradissimo!

A SENHORA.

Um dos meus delectos é não saber dissimular, a minha physiognomia é um livro aberto.

O DOCTOR.

Que é um defeito da qualidade.

A SENHORA.

Será, mas ás vezes bem perigosa. As impressões e os pensamentos, por mais innocentes que sejam, não devem transparecer nos olhos; infelizmente não aprendi a dissimular nem mesmo diante de meu marido.

O DOCTOR.

É casada?

A SENHORA.

Viuva.

O DOCTOR.

Tão nova?

A SENHORA.

Meu marido era muito... mas muito mais velho que eu. Vendo-me orphã aos 17 annos, offereceu-me a sua protecção. Era tão bom, tão paternal para mim! Por isso, tive um grande desgosto quando o perdi, depois de anno e meio de casados. A minha viuvez foi uma segunda orphanidade.

O DOCTOR.

Tem um filho?

A SENHORA.

Não, senhor. Estou sozinha no mundo como quando morreu meu paee... mas nessa occasião tive a felicidade de encontrar um amigo... e que amigo! Meu marido era todo desvellos e carinhos, para compensar, dizia elle, a penosa existencia a que me obrigava a sua idade madura.

O DOCTOR.

Naturalmente V. Ex. vivia mettida em casa.

A SENHORA.

Nunca foi a um baile

O DOCTOR.

Oh!

A SENHORA.

Mas vejo, doutor, que lhe estou fazendo perder tempo.

O DOCTOR.

De modo algum, minha senhora, V. Ex. vem consultar-me, não é assim? Pois bem, naturalmente comprehenderei melhor o motivo de sua consulta desde que estiver ao facto do seu character, dos seus habitos, do seu modo de vida...

A SENHORA.

Tem razão, doutor; as contrariedades exercem grande influencia sobre a saúde e o espirito. Tudo me aborrece. Sou muito nervosa.

O DOCTOR.

Sim?

A SENHORA.

Excessivamente nervosa!

O DOCTOR.

Deveras? Mas talvez... Continue, minha senhora.

A SENHORA.

Disse-lhe que nunca fui a um baile; entretanto, não ha nada tão salutar como o exercicio... Mas com quem hei de ir aos bailes? Um viuva moça não tem licença para nada. Suspiro pelos quarenta annos, para não ter que dar tão por mudo contas a sociedade.

O DOCTOR.

Oh! não digo isso, minha senhora... Aos vinte annos... V. Ex. tem vinte annos?

A SENHORA.

Pouco mais de meus.

O DOCTOR.

Pouco menos?

A SENHORA.

Pouco mais.

O DOCTOR.

É a mesma coisa. Nessa cidade a mulher e soberana... todas a admiram... todos os olhares lhe dizem que é bonita... todos os labios o repetem... Mas aos quarenta annos a soberana abdica... os olhares emudecem quando ella passa... e a pobresinha o melhor que tem a fazer é ficar em casa resando ou jogando a biseia em familia.

A SENHORA.

Não tive tempo de constituir a minha soberania, e já agora creio que jamais reinarei. Mas, ainda uma vez, doutor receio roubar-lhe tempo.

O DOCTOR.

Não, não, não, minha senhora! Ouvindo a, experimento um prazer que quizerá prolongar indefinidamente... Na minha vida são tão raros os momentos agradaveis... assisto de continuo a scenas tão dolorosas... tão repugnantes...

A SENHORA.

Mas quantos lhe deve a vida!

O DOCTOR.

Oh! minha senhora! agradeço muito a V. Ex. o conceito em que me tem.

A SENHORA.

Foi justamente esse conceito que me fez bater com tanta confiança á sua porta. O doutor ha de curar-me!

O DOCTOR.

Curar-a?!

A SENHORA.

Curar-me, sim! De que se admira? Pareço-lhe sadia?

O DOCTOR.

Certamente... com essas cores...

A SENHORA.

Pois saiba que estou bastante doente.

O DOCTOR, *aparte.*

Enganouse de porta. (*Apointa para o tecto.*)

A SENHORA.

Creio que tenho o coração affectado.

O DOCTOR.

Sim? (*Aparte.*) Devo desfazer o engano?

A SENHORA.

S firo de palpitações... (*Elle vae a interrompê-la.*) Sim, doutor de palpitações. Insomnias, pezadellos... Tudo isso provém, talvez, da vida aborrecida que passo.

O DOCTOR.

Que conta fazer?

A SENHORA.

O doutor m'o dirá. Não sei o que isto é alimento-bem, sou naturalmente alegre... mas... e exquisto: choro por da cá aquella palha, principalmente á noite, quando estou sozinha... na forma do costume. Deito-me, e as horas passam com uma lentidão!... Revolvo-me no leito sem conseguir conciliar o somno, accendo a vella, leio... e pela manhã levanto-me tão fatigada... tão fatigada... que nem animo tenho de pssar os olhos pelos jornaes.

O DOCTOR.

E ninguem que a distraia... que...?

A SENHORA.

Ninguem. A's vezes vou a ma do Ouvidor com a baroneza de Pecuman, que é minha amiga.

O DOCTOR.

Conheço a.

A SENHORA.

Mas a baroneza tem filhos, precisa cuidar dos arranjos de casa, e não pode estar todos os dias as minhas ordens. Foi ella quem me aconselhou que o consultasse.

O DOCTOR.

Minha senhora, o meu dever seria confessar-lhe que não sou digno da sua confiança... que não posso curar-a... que devo renunciar ao prazer de lhe ser util...

A SENHORA.

Meu Deus! estou assim tão mal? Já não ha esperanza de salvamento? Oh! eu sou tão moça ainda...

O DOCTOR.

Vinte annos... pouco mais ou menos.

A SENHORA.

Oh! salve-me, salve-me, doutor!...

O DOCTOR.

V. Ex. pede: não posso resistir. Salva-a hei! (*Sentase.*)

A SENHORA.

Aqui tem o meu pulso.

O DOCTOR.

Que lindo pulso!... e que mão!... Mas tão branca... tão branca... É um symptoma, sabe?

A SENHORA.

De que?

O DOCTOR.

De... de... de hematose...

A SENHORA.

Que vem a ser isso?

O DOCTOR.

Oh! a hematose... é tudo e não é nada... Um doente muito sujeito a vertigens... que tem? hematose! Outro, que padece neuralgias... outro que digere mal... outro que sente dores na espinha, e os pés frios, e o diabo!... que tem? hematose! Tudo isso é hematose!... (*Aparte.*) Nunca disse taxa a senhora!...

A SENHORA.

Que costuma reter-lhes?

O DOCTOR.

Costeletas e vinho do Porto.

A SENHORA.

É um remedio facilissimo de tomar.

O DOCTOR.

Sim, mas ha hematose e hematose. O tratamento da molestia depende muito do sexo, da idade, do organo atacado...

A SENHORA.

Em mim o organo atacado é o coração.

O DOCTOR.

Em mim tambem.

A SENHORA.

O doutor sofre do coração?

O DOCTOR.

Muito.

A SENHORA.
Ninguém o viu. Parece tão bem disposto!

O DOCTOR.
O mal atacou-me de repente... e creio que nunca mais me deixará!

A SENHORA.
Ob!... E eu?... ficarei boa?...

O DOCTOR.
Não sei. Preciso auscultá-la.

A SENHORA.
Pois se precisa...

O DOCTOR.
V. Ex. sabe... o coração está lá dentro muito escondidinho... não sabemos, não podemos saber como se comporta. Quem é a senhora? desse musculo impertinente e perverso, que ás vezes se põe aos altos, sem que se saiba como nem porque! Se visse como o meu está agitado... minha senhora!

A SENHORA.
Vamos, doutor... ausculte-me!

O DOCTOR.
Mas esta capa...

A SENHORA.
Quer que tire a capa?

O DOCTOR.
O ranger da seda não me deixaria observar. (Ella tira a capa.—*A parte.*) E' limitissima!...

A SENHORA.
Vamos?

O DOCTOR.
Veja como tremo!

A SENHORA.
Receta que a molestia estava muito adiantada, não é assim? Agradeço-lhe sinceramente o interesse que manifesta por mim. Terei a coragem precisa para morrer!

O DOCTOR.
Não falle em morrer!... Morrer, quando pôde espalhar a felicidade com um sorriso... com um simples olhar!... Mas... V. Ex. desculpe: a minha sensibilidade faz-me esquecer de que sou medico... Vejamos esse coração! (A senhora e o doutor ouvindo ao coração da senhora.)

A SENHORA.
Ouve?

O DOCTOR.
Ouço. Puderá!

A SENHORA.
Está agitado?

O DOCTOR.
Muito menos que o meu.

A SENHORA, depois de uma pausa.
Privanto?

O DOCTOR.
Ainda não. — Oh! como são felizes os medicos!...

A SENHORA, estendendo-se e afastando-se.
Senhor!...

O DOCTOR, estendendo-se.
Quero dizer: como são felizes os medicos quando podem curar os seus doentes!

A SENHORA.
Quer dizer com isso que me poderá salvar?

O DOCTOR.
Se V. Ex. quizer. — Dá-me a sua mão? Verifiquemos se o pulso acompanha os movimentos do coração.

A SENHORA.
Mas... afinal, qual é o diagnostico?

O DOCTOR.
O seu coração, minha senhora, sofre de uma molestia que poderemos designar pelo nome de inactividade. Não ha nada mais prejudicial que um musculo inerte. O seu coração funciona com muita irre-regularidade, ou por entre não funciona absolutamente. Dahi os aborrecimentos, as lagrimas, as insomnias, os ataques de melancolia...

A SENHORA.
É que remedio me recomenda? Diga, Dr.! costeletas e vinho do Porto?

O DOCTOR.
Não, não, não! Outra coisa... Ob! e preciso respirar se... Vou prescrever-lhe um medicamento, que, apesar de doce, poderia parecer-lhe muito amargo... quem sabe?...

A SENHORA.
Não importa!

O DOCTOR.
Antes de recetar, quero informar-me de alguns sintomas... Responda com franqueza: ha pouco, quando apertei a mão de V. Ex., o seu coração não batia um pouco mais apressado?

A SENHORA.
Não sei.

O DOCTOR.
Quando ainda agora estava a seus pés... doente, muito mais doente que V. Ex., não observou como

eu tremia?... Minha senhora, o seu mal é a inactividade!... Deixe-se amar por mim, e ficará completamente reabilitada!...

A SENHORA.
Senhor, essa linguagem me surpreende nos labios de um medico illustre, que eu suppunha digno da confiança de uma senhora honesta!...

O DOCTOR, resolutamente.
Eu não sou medico!

A SENHORA, fofa e a sapa.
Meu Deus!

O DOCTOR.
Sou advogado!

A SENHORA.
Oh! mas isto é uma infamia!

O DOCTOR.
Ouça por piedade!

A SENHORA.
Deixe-me sair, senhor!

O DOCTOR.
Oh! não! Os seus olhos perderam-me! Mal os vi atravessar aquella porta, a minha alma voou intencionalmente para elles! Quando percebi que tinha havido confusão de doutores, ja não era tempo de readquirir a minha coragem!

A SENHORA.
Era tempo de não abusar da minha confiança; era tempo de guardar o respeito que me é devido!

O DOCTOR.
Não lhe faltei com o respeito, minha senhora. E quem se atrevia a isso? V. Ex. é tão pura, é tão casta, que nenhum desalmado ousaria offendê-la com uma palavra... com um simples gesto!...

A SENHORA.
O senhor esquece-se de que me auscultou! Auscultar-me! Ja não poderei erguer a cabeça sem corar! Deus me livre de que se saiba que fui auscultada por um advogado!

O DOCTOR.
Quem o saberá?

A SENHORA.
Salve o senhor, e é quanto basta para a minha vergonha!...

O DOCTOR.
Entretanto, jamais esquecerei que senti bater o seu coração, e que o meu lhe correspondia febrilmente... apaixonadamente... Fui vencido pela sua belleza, e, sobretudo, pela sua ingenuidade. Não resisti!

A SENHORA.
Adens, senhor!

O DOCTOR.
Não saia ainda... ouça...

A SENHORA.
Nos não nos conhecemos.

O DOCTOR.
Oh! eu conheço-a, minha senhora! V. Ex. é a personificação do encanto. E se quer saber quem sou eu, dir-lhe-hei que sou um homem honrado que trabalha e, graças a Deus, consegue alguma coisa: chamo-me Santos Lima.

A SENHORA.
Santos Lima?

O DOCTOR.
Não tenho familia... Vivo so, como V. Ex. atacado deste mal, que se chama o isolamento. E agora então que a amo... e vou perdê-la!

A SENHORA.
O senhor foi o advogado da baroneza de Pécuman...?

O DOCTOR.
Tratei da questão do testamento do marido.

A SENHORA.
E não lhe levou nada por isso...?

O DOCTOR.
O barão era muito amigo de meu pai.

A SENHORA.
O senhor salvou a baroneza da miseria.

O DOCTOR.
Oh, minha senhora!

A SENHORA.
Ja sei quem é... e sei que tem muito valor, que é um advogado de futuro. O que eu não sabia é que fosse capaz de abusar da confiança de uma senhora!

O DOCTOR.
Bamague-me a seus pés, mas tenha alguma tolerancia por uma falta de que V. Ex. foi a principal culpada. Não me condemne sem appellação. Antes de vela, eu tinha ao menos o espirito!... agora, que vou perdê-la para sempre adens, adens, gloria!... Vá, minha senhora, vá, e leve esse despojo... a minha alma, o meu coração, a minha intelligencia!

A SENHORA.
E eu sem perceber que o senhor era advogado!

O DOCTOR.
Acha-me eloquente? Defendo a minha vida! E' o coração que fala! Se V. Ex. não lbe dá ouvidos, só me resta morrer!

A SENHORA.
Quer que vá chamar o visinho? (*Aponha para o leito.*)

O DOCTOR.
Não seja cruel.

A SENHORA.
Não sou cruel: sou leveana. Venho consultar um medico, entro em casa de um advogado, e fico meia hora a ouvir. Devo parecer-lhe um armazem de defectos.

O DOCTOR.
Se os tem — o que não creio — neutralize-os com uma unica virtude: a intelligencia.

A SENHORA.
Diga antes: a credulidade.

O DOCTOR.
Creia que o meu amor é sincero. Seja a minha medica: salve-me.

A SENHORA.
Sou advogada, mas tomarei conta da sua causa... Ajqqreça.

O DOCTOR.
Bravo! E o consultorio é...?

A SENHORA, estendendo-lhe a mão.
Rua das Laranjeiras, n. 180.

(O doutor bapta-lhe a mão e ella sai, depois de fazer a porta, um gesto affectuoso. Cue o piano.)

A. A.

A uma creança

Que alma intacta e delicada!
Que argila pura e mimosa!
E' a estrella d'alvorada
Dentro d'um botão de rosa!

Emquanto dormes tranquilla,
Vejo o divino esplendor
Da alma a sahir da argilla,
Da estrella a sahir da flor!

Anjos no azul innocente,
Sobre o teu halito leve,
Desdobram candidamente,
Em pallios, as azas de neve...

E eu, urze mãz das encostas,
Eu sinto o dever sagrado,
De te beijar de mãos postas!
De te abençoar, — ajoelhado!

GUERRA JUNQUEIRO

MOLDES



Temos a satisfação de communicar as nossas gentis assignantes e leitoras que, apesar de nosso silencio, continuamos com o nosso serviço de moldes tanto d'Estação, como de qualquer outro jornal, para esta cidade e para o interior da Republica.

Ha uns bons trinta annos temos nos incumbido desse serviço, confiando-o sempre a pericia de verdadeiras artistas em materia de côrtes.

Agora mesmo as senhoras a quem confiamos esse trabalho, são das mais habilitadas mestras no assumpto, no qual não temem confronto.

Nunca recebemos reclamações contra o serviço da casa e com affluia podemos assegurar que estamos habilitados a satisfazer a frequencia mais exigente, sem que tenhamos receio de que nos venham dar lições de ajuro e bom gosto, nem na modicidade de uossos preços.

Para o presente mimero offerecemos:

N. 50 - Sain de noiva..... 28\$000
41 - Vestido guarnecido com tiras saia 28000, corpinho..... 18\$000

Os recados são recebidos no escriptorio desta folha, bem como, a importancia que deve acompanhar o pedido.

Um homem ao mar

Promettera-nos o commandante que apontaríamos em Funchal, na Ilha da Madeira, dentro de umas quarenta e oito horas, e como os nossos vapores de hoje não são mais que bananas expressos, esperavamos tranquillamente o momento já indicado para o desembarque.

Fazia um tempo lindo de adiantado outono tropical, cujo calor talvez fosse excessivo se o não temperasse uma brisa fresca que muito agitava o oceano.

Era bello o espectáculo daquelle céu sem nuvens empaldecido pelos raios do sol inclemente que o abraçava, arredondando-se por cima do mar revolto, tumultuoso. As ondas corcavam-se de espuma de uma alvura deslumbrante.

Deviam ser quatro horas da tarde. Conversavamos alguns passageiros e eu sobre o convéz à popa esperando com tedio que alguma coisa viesse quebrar a monotonia da vida de bordo, mesmo que se não tratasse de incidente de maior vulto que o toque do sino para o jantar.

Estavamos estendidos preguiçosamente embalados pelo movimento do navio.

De repente ouvimos um grito agudo seguido de grande rumor e logo depois appareceu um official alvoraçado: — «Pressa, pressa, meus senhores, atirem os salva-vidas... Um homem ao mar!»

Levantamo-nos precipitadamente e sem demora jogamos cinco salva-vidas, que na esteira branca pareciam corôas mortuarias sobre um marmore tumular.

Dizia-se que alguém tinha visto um corpo emergir e segurar-se a um dos salva-vidas.

O paquete parou. Arriou-se uma embarcação. Era uma pequena baleeira pintada de branco em que Francisco, o 2.º mestre, dous marinheiros e um grumete tomaram logar.

— «Olha, Francisco, bradou o velho 1.º mestre, o pequeno está por boreste avante!»

Contou-nos então o medico que o naufragado era um aprendiz que trabalhava nas enxarcias e que por qualquer inexperiencia cahira ao mar.

— «Pecaire, accrescentou o mestre com forte accent marselez, quando se vae beber de tão bom grado na tijella de agua salgada, não se volta assim com tanta facilidade.»

Emquanto uos acercavamos do marinheiro travava-se perto de nós uma discussão sobre a posição da baleeira. Apezar dos oculos tinham perdido de vista.

Tambem no passado, o commandante e os officiaes gesticulavam, uns mostravam ao norte, outros ao sul.

O navio estremeceu com o movimento das machinas, correu sobre um bordo, virou de rumo, sulcou o mar em todas as direcções e... parou.

Não se encontrou nada.

Fitavamos o horizonte com auidade. Então a baleeira sossobrara? Nesse caso morriam em poucos instantes cinco dos nossos companheiros.

Mulheres choravam e resavam. Liam-se em todos os rostos a angustia e o desespero. Emigrantes na politana recitavam as preces pelos agonisantes. A vozzeria succedeu-se a bordo um silencio religioso. E ao senti o grande navio parado em pleno oceano, com aquella gente debullhada em lagrimas, tão triste que se não importava com os balanços bruscos e as quedas, ridiculas talvez em outra occasião, mas que agora ainda mais augmentavam o nosso horror porque escutavamos o bater surdo, dos vagalhões contra o casco e corria-nos pelas costas o calafrio bem conhecido de todos quantos ouviram o ruido oco da terra rolando sobre o calção de um amigo no fundo de uma cova; tinha-se uma impressão funebre de abandono, de morte lenta.

O commandante, um homem baixo de cabelos encanecidos, de pé no passado, terciu nervoso as suíças e horriavelmente pallido, teimava em prescrutar o horizonte com o oculo de alcance.

— «Pobre gente, coitados!»

Era um dos officiaes que fallava junto de mim com soluços na voz.

Elle tambem deixára, lá em algum pittoresco mas da sua *Provençe*, mulher e filhos, e ao ver aquelle rde marujo em prantos e as lagrimas a molharem o dolman azul que lhe cobria o robusto peito de atleta da *Camargue*, apertou-me o coração e lembrei-me de tantas terriveis angustias, das dedicações admiraveis dos pesados trabalhos que o mysterioso oceano exige dos que a elle se entregam tudo accetando com uma tão bella singeleza da alma.

O pequeno aprendiz já lá estava um pouco no esquecimento e mesmo quasi que lhe queriam mal por ter sido talvez a causa da morte de seus bravos companheiros.

Como ninguem podia affirmar ter visto o naufragio da baleeira não queria o commandante, que ainda conservava alguma esperanza, partir sem achar ao menos um dos salva-vidas por nós lançados ao mar, e mesmo caso isso nos não fosse possivel, ficariamos ainda assim a cruzar naquelle ponto durante tres dias.



Seis horas. O sol quedava-se enorme e vermelho, ensanguentando a espuma alvarenta das ondas e tingindo o céu de côres roseas que se apagavam em matizes sempre e sempre mais desvanecidos até que as tenebras assustadoras da noite tudo escurecessem.

Iluminámos em arco.

Passeando sobre o convés, o medico e eu longamente conversamos sobre magnetismo para que nos distrahissemos.

— Ainda um effeito da auto-suggestão, disse-me elle, estou a ouvir gritos.

— Qual, respondi-lhe, esses estão bem perdidos!

Cançado, enfim, retirei-me para o beliche.

Mal havia eu dado alguns passos o medico bradava:

— Oh lá do mar, quem falla?

Em dois pulos estava a seu lado.

— Olhe ali, affirmava elle, um ponto branco. São elles, são elles!

Tinhamos alarmado a tripulação. Os passageiros abraçavam-se rindo. Era uma algazarra infernal.

— Quantos sois, perguntavamos em côro?

— Quatro, respondeu o 2.º mestre para o pequeno de *prohondis!*

— Foi um tubarão, disse um marinheiro, so aquelle patife é capaz de engulir de uma só vez um grumete e um salva-vidas!

Mas as emoções tinham sido tão violentas durante aquellas horas terriveis que a morte do menino não despertava mais a mesma magoa.

— Ora, disse uma criada de bordo, o infeliz pequerucho era so no mundo!

Foi essa a sua oração funebre.

A pouco e pouco passageiros e tripulação acalmaram-se e adormeceram.

O navio poz-se em marcha e o helico entuscaando-se nas aguas frementes distanciava-nos sempre mais e mais do logar, onde o oceano se lechava sobre a sua victima.

Por cima de nos, ao redor de nos a serena immensidade oppoñdo a sua fria indifferença ás agitações febris dos homens. E seismando com os olhos mergulhados na esteira lactosa e phosphorescente, revivia rom melancolia no meu pensamento a vida atormentada d'esta humanidade soffredora, os dramas cruentos, as epopéas gloriosas, o comico doloroso das nossas luctas, dos nossos amores, das nossas ambições, dos nossos desesperos de pygmeus, toda a historia tragica da alma humana no correr dos seculos tão infima, tão mesquinha, quasi ridicula e grotesca para o seu scenario grandioso.

R. DE MAYRINE.

Bordo do *Aquilon*, Junho de 1899.

EMBALDE!

Que ludo o seu vestido azul! que casto e ludo!
O seu vestido o que é, é um jardim ambulante.
Exportado do Alem, de alguma estrella vindo,
Para — estrella maior — adornar a anhelante.

Por isso ha no seu todo aquelle odor infindo!
Meu coração ali se preccate e garante,
Contra o vicio, o impudor... E é vel-a sorrindo
Como espanca, afugenta o mal, branca e radiante!

Entanto, ella jámais me olhou... — taibe de bruma
Que importa a eu olbar o mal que me recuma,
A' suz alma, que importa a minha no hospital?

E embalde a busco, a anceo, essa timida ovelha!
Embalde ao seu passar minha rima se ajoelha,
Poi ventura adornando a aos olhos de um rival!

ADRIANO DE ABEU.

Simplificação da grammatica

Ainda não vae longe o tempo em que se ensinavam as creancinhas com barbaros castigos.

O mestre de escola, á falta de bons methodos, de ensino, queria que seus discipulos comprehendessem á força das correias e das varas de marmeheiro.

Applicava-lhes o castigo, de que só elle era merecedor, porque a falta estava nelle que não sabia ensinar. O tempo da vara, das correias e da palmatoria, felizmente vae desaparecendo. O corpo da creança folgoa, mas o espirito?

Podemos affirmar, sem receio de exagero, que os methodos de ensino actuaes flagellam a intelligencia da creança, tanto como antigamente as correias e a palmatoria lhe flagellavam o corpo.

O tormento principia logo com o bê a bê, he e bê, ome a ni, etc. A creança não percebe estes disparates? Palmatoria. Não estudou bem a lição!

A força obtida o que a razão não alcança.

No ensino da grammatica novo tormento para a intelligencia da creança.

Os compendios correspondem as verdadeiras torturas, tão barbaras e flagellantes para o espirito infantil, como dantes os castigos corporaes.

Causa assombro, que ainda exista grande numero de grammaticas baseadas no systema absurdo de definições.

Até hoje ainda ninguem conseguiu definir satisfactoriamente o substantivo, o adjectivo, o verbo etc.

E, comtudo, as grammaticas abundam em definições dessas palavras, ou em syntheses abstractas, que nem os seus proprios auctores são capazes de expicar cabalmente. E exige-se que a intelligencia, ainda debil, da creança as comprehenda!

Não sabe definir verbo e substantivo? Castigos e reprovação no exame final. Os professores punem implacavelmente os alumnos, que nenhuma culpa tem dos disparados methodos de ensino, e das faltas dos compendios de grammatica, a que se devia fazer auto de fe... concordando com esta ordem de ideas, o *Temps* publicou ha pouco, um excellento artigo, do qual extrahimos os pemedos seguintes:

«Corre o risco de passar por boocio quem se insurja contra o ensino da grammatica. E, no entanto, é elle bem duro para a creança que o recebe. As regras são sem conta, a muitas das quaes falta a clareza que as torne de facil comprehensão aos espiritos logicos, e nem mesmo tem justificação possivel. Por que? Porque a grammatica e uma escola de autoritarismo.»

Tem ainda outro inconveniente — o exprimir-se em termos dolorosamente abstratos... Mas tudo isto já está dito mil vezes; e não tocaria neste assumpto tão debatido, se não tivesse que assignalar uma iniciativa, que o torna da actualidade.

O representante dos professores de grammatica no Conselho Superior de Instrucção Publica, M. C.

tm. e o representante dos professores de letras, M. Bernes, acabou demittir parecer a favor da simplificação da syntaxe ensinada nas classes. Eis uma boa ideia e occasião de os grammaticos e litteratos pegarem em um machado e principiaem a cortar no esse pesso matto das complicações inúteis. Os autores deste parecer notão que entre as regras ensinadas actualmte algumas ha que tornão impossivel o emprego das expressões mais naturaes e a construcção correcta das phrases mais simples. Acrescentão que os auctores classicos e os bons escriptores dos nossos tempos ignorão essas regras, ou dellas não fazem caso. Por que ainda se conservão nas grammaticas?

Porque, em um momento dado, um personagem que tinha auctoridade as introduziu nellas. Esse personagem está hoje esquecido; as razões que lhe valteram out'ora a auctoridade, de que gozou; não nos tocam de perto. Mas as regras subsistem!

Acabemos com ellas, dizem M. M. Bernes e Clariv; tornaremos assim o estudo da syntaxe mais rapido; o tempo que nella se consume poderá ser applicado a leitura fecunda dos textos. Finalmente, consolaremos que não e para desprezar, os estrangeiros não terão tanta difficuldade de aprender a nossa lingua.

Os dous professores propozeram uma commissão para se encarregar dessa tarefa o mais breve possivel.

O *Temps* opina que, quanto mais numerosa for esta commissão, tanto mais risco corre de abortar. E tem razão. Acrescenta depois estas justas palavras:

« Mas como pensar sem melancolia nesses milhares de crianças que penam neste momento por causa de regras destinadas a ser em aboli-las dentro de seis meses? De uma extremidade a outra de França, nas escolas primarias e nos collegios professores e professoras estigmatizam os desgraçados, que tropeçam em uma dessas regras...

Não sabe grammatica!

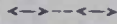
Para o cadafalho!

E quantas reprovacões não se tem dado aqui no Brazil, escreve o *Jornal do Commercio*, e em toda a parte, por causa de taes regras e das delicias das grammaticas?

Não ha ensino, que mereça mais ser a attenção dos pedagogos, por causa das difficuldades que lhe são inherentes. Em todas as nações urge uma reforma, quer no methodo do ensino da grammatica, quer nas regras desta, simplificando as. Muitas dellas, ou são convencionaes e filhas de uma determinada epocha, ou são arbitrarías e impostas auctoritaria e caprichosamente.

Os classicos, em geral, temem para attencios de linguagem, afastando se algumas vezes da indole natural e popular da lingua que cultivam.

As linguas « academicas » tem esse defeito, as linguas populares são mais simples, espontaneas e naturaes.



As creanças no theatro

Na *Catharina*, de Lavedan, agora em prospera carreira no theatro de D. Maria, apparece uma creança de 10 annos, que tem dado que seismar ao publico.

E com razão - porque sendo uma pequerrucha, toma tanto a serio o papel, que parece grande n'elle. Tendo apenas dez annos, ja tem uma historia e um repertorio: e como se ja houvesse chegado ao fim e, contudo, acaba de chegar apenas.

Chama-se Ilda Victoria.

Victoria! E' um bom nome para vencer. De mais a mais, corre nas veias d'essa creança o sangue de Napoleão. Parece que um conjunto de circunstancias felizes a predispoem para triumphar em todas as batalhas da vida. Napoleão acobou mal, ella começa bem. Eis talvez a unica differença que se da entre o grande capitão e a pequena actriz - ali eu deixo.

O pai de Ilda Victoria e' o dono d'aquella pequena lancha da travessa de S. Domingos, que esta cheia de peças de theatro. Demorar-se a gente ali um momento vale o mesmo que ficar conhecendo todos quantos amadores vivem dispersos por Lisboa.

Entra um e pede *O bruto boaz*. E' um operario que, se o encontrassemos em qualquer outro logar, julgariamos que não tinha visto jamais um theatro. Pois e' um actor nas horas vagas.

Entra outro e pede *O diabo atraz da porta*. E' talvez um moço de padeiro, que abandonou o cabaz para dar os seus pensamentos a arte - o pão do espirito. E' um Valle obscuro, que faz por ventura as delicias de uma plateia de padeiros.

Entra um sujeito grave, de sobrecasaca e gravata preta, que da a primeira vista a impresso de querer comprar o seu talamento do selo.

Abre a bocca e pede a meia voz *As duas heuras*. Uma das bengalas e para elle, amador desde a infancia, sempre disposto a alternar as difficuldades da vida com as glorias do presento. Se não l'esse isso, ja teria succumbido entalado entre cinco filhos relaxados e cinco deimas idem.

Pois ali e' aquella lancha que parece poder caber dentro de um dedal, e o grande estabelecimento de Napoleão da Victoria, editor de peças de theatro. Elle mesmo amador, e pai da pequenina actriz que temos visto agora em scena no theatro de D. Maria.

Fica assim provado que gira nas veias d'essa engraxada creaturinha o sangue de Napoleão.

Resta provar ainda que ella tem ja uma biographia e um repertorio.

Foi aos sete annos que se estreou n'uma recita particular desempenhando uma cançoneta. Applaudiram-na tanto, que tornou gosto para fazer outras cançonetas. *As esquadras*, *O berimbau*, *Sempre a andar*, *La la la*, e alguns monologos, entre os quaes *A mãe da boneca* que n'uma matineo do Gymnasio lhe valeu uma audiosa ovação.

Foi esse esse dia que ella adquiriu o direito de uzar, nas rugões da arte, o appellido de Victoria.

Ate ali era Ilda, apenas.

A actriz Adeliua Ruas, tendo-a visto representar, chamou-a para o theatro do Principe Real, onde ella entrou em todo o repertorio que mettia creança. Tem ali feito papelinhos na *Filha do mar*, nos *Piratas da Suezora*, na *Gulderia*, no *Do o Alceas*, na *Causa celebre*, no *Supplico do bruto boaz*, no *Serredo do Padre*, no *Velatorio de Cua*: um repertorio maior que ella!

E certo que algumas atrizes de notavel precocidade parece terem deixado a correr na infancia e cansado logo.

Diz-se ja que se lhes fatigou a cerebro, e parou. Mas a precocidade e, por via de regra, o prologo de um bello livro, que da o que promete.

Mannella Rey entrou no theatro aos cinco annos, aos oito fazia *O anito de Paris*.

Nunca ninguem nasceu artisticamente em peiores condicões do que ella - no meio de uma companhia ambulante, que vivia no Deus d'aria, de terra em terra.

E ainda não houve ingenua melhor do que ella, nem haverá, porque attingiu a meta de toda a idealidade artistica.

Estou a vel-a - para alguma coisa ha de servir o não ser a gente nenhuma creança - estou a vela loira como o sol, com uma doce physionomia angelica, com uma bocca de ouro que valonsiva todas as intencões e todas as palavras.

Era uma prodigiosa mulher essa. A Carlota Balassa tambem appareceu no theatro em pequenina. Tinha 6 annos quando representou no Porto *O namorado de Helena*.

Aninha Vieira logou entrar em scena pela mão da grande Ristori, que foi sua mãe... na *Melza*. Pouca ter apparecido ao collo que tinha tamanho papel isso. Mas entrou por seu pai, e com elegante firmesa, porque ja estava habituada aos bailados de S. Carlos, por onde começou.

A Floinda, da Trindade, foi de todas as actrizes portuguezas a que mais longos mais no theatro.

Appareceu em scena no berço, porque certa peça desse tempo o exigia. Tinha de chorar; chorava alguem entre scenas fingido que fosse ella. Pois n'uma das recitas chorou ella mesma, quando a rubrica o marcava. O publico, ouvindo a chorar, desatou a rir. Aos quatorze annos estreou-se no Gymnasio, como quem ja conhecia o palco de ter ali chorado no berço.

A Luz Velloso, a Delmira Mendes, a Jesuina Marques, a Maria das Dores, a Maria Peres, a Juliana Santos e mais algumas entraram no theatro de vestidos curtos; umas ja desappareceram do numero dos vivos, outras conservam-se ainda no theatro, para não perderem o direito de dizer que ali tem passado toda a sua vida.

Eu vi a Juliana Santos n'um papelinho de creança, que me ficou impresso na memoria: refiro-me ao *Supplico de uma mulher*, peça empolgante, em que o Tasso era grande - como em tudo.

Para ir ver esta peça segunda vez, tive de vender um livro que me haviam dado. Foi o primeiro sacrificio da minha vida litteraria. Era a *Chronica de Cister* por frei Bernardo de Brito. Deus lhe falle n'alma, a elle e a chronica.

A noite começava a descer: a hora do espectáculo approximava-se. Metti o livro debaixo do braço, para o ir levar a gualhotina. Custou-me isso muito, por que não tinha então outra chronica, e aquella dava para ler muito tempo. Entrei na ja de um ferro-velho, justei pelo prego de uma cadeira no theatro, e sabe Deus quanto custou a arrancar esse prego. Guardei o dinheiro, e sahi soltinho.

Logo ao theatro ja não havia bilhetes! Os contratadores pediam um dinheiro. Senti ruyas no coração, lagrimas nos olhos. Tinha perdido a chronica e o theatro. Se eu quizesse desfazer o negocio, o ferro velho pedir-me-ia o dobro ou o triplo pelo livro.

Encontrei o actor Tasso, contei-lhe tudo. Elle asseverou-me que eu não deixaria de ver o espectáculo, e tantas voltas dei, tanto parlamento com os contratadores, que me obteve uma cadeira pelo prego da casa.

Foi o primeiro triumpho que o Tasso conquistou nessa noite.

O segundo ganhou-o mais uma vez no desempenho do *Supplico de uma mulher*.

Que noite aquella de enthusiasmo, de ovação! Perdi de vista frei Bernardo de Brito; o Tasso era melhor do que elle. E Emilia Adelaide, então em todo o esplendor da sua mocidade, era melhor do que a *Chronica de Cister*.

Vi depois outra actriz, a Lihania, no *Requerio La-roque* em D. Maria, e fiquei encantado como tollos os espectadores. Mas esta actriz não chegou a attingir na scena portugueza a altura que a sua precocidade prometia. Está actualmte no Porto, creio eu.

Agora appareceu Ilda Victoria, com o raro privilegio de ser Victoria e ter sangue de Napoleão. Cuidi que vencerá. Os Napoleões, quando não são imperadores, são principes. O pai d'ella brilha entre os editores de theatro; a filha brilha já entre artistas de profissão, que a tratam carinhosamente por - sua collega.

Os empresarios rotam-lhe o valor, para o efeito da remuneracão, como se ella fosse uma actriz de maior idade.

E o publico, quando agora a ouve assobiar com um meiro em D. Maria e a ve apparecer com uma perna entrapada por ter cahido de uma arvore, quer por força saber quem aquella pequenina actriz, tanto a ficou estimando desde logo como actriz.

- De quem e filha pergunta.
- Filha de Napoleão.
- O que?
- Do Napoleão da travessa de S. Domingos.
- Ah!

Pois se fosse filha do outro Napoleão, o grande, seria quasi tão velha como a Se de Braga. E ella tem ainda pouco mais de tres palmos de altura - sem estar dobrada.

ALBERTO PIMENTEL.

Um inimigo de bigodes

Ha pouco deu-se em Paris o seguinte interessante facto:

Uma noite chamaram a attenção de dous guardas da paz, em serviço no boulevard de Belleville, em Paris, as maneiras singulares d'um individuo que andava vestido com uma commoda blusa branca, tendo na cabeça um chapéo de seda.

Approximava-se com infinita precaução dos bancos onde estavam a dormir os desgraçados vagabundos. Contemplava durante alguns momentos esses pobres diabos, e depois inclinava-se bruscamente para elles como para os beijar. Afastando-se em seguida, ia repetir a mesma manobra, mais longe.

Os guardas seguiram o estranho personagem e, examinando os dorminhocos diante dos quaes elle tinha parado, verificaram com espanto que todos tinham os bigodes cortados. No entanto, o homem continuava firmemente as suas operações. Já tinha trabalhado numa dezena de bancos, quando os guardas se resolveram a deitar-lhe a mão.

Elle parou com t da condescendencia e cumprimentou mysteriosamente os policias. Depois, mostrando-lhes umas thesouras que tinha na mão, disse-lhes, pousando um dedo nos labios:

- Chif! não acordem os «boxers». Foram mandados a Paris para assassinar Loubet, mas eu surpreendi o «complot» e vou-lhes pregar uma partida. Com estas thesouras corto lhes os bigodes e, quando tiver uma porção d'elles, faço uma corda para estrangular a imperatriz da China.

Inutil será dizer que se tratava d'um pobre doido. Mas, o mais engraçado foi a cara dos dorminhocos, quando os agentes da policia os preveniram de que lhes tinham sido cortado os bigodes.



MOLDES

Temos a satisfacão de communicar ás nossas gentis assignantes e leitoras que, appezar de nosso silencio, continuamos com o nosso serviço de moldes tanto d'1 Estação, como de qualquer outro jornal, para esta cidade e para o interior da Republica.

Ha uns bons trinta annos temos nos incumbido desse serviço, confiando o sempre a pericia de verdadeiras artistas em materia de cortes.

Agora mesmo as senhoras a quem confiamos esse trabalho, são das mais habitudadas mestras no assumpto, no qual não temem confronto.

Nunca recebemos reclamações contra o serviço da casa e com ufania podemos assegurar que estamos habilitadas a satisfazer a frequencia mais exigente, sem que tenhamos receio de que nos venham dar lições de apuro e bom gosto, nem na mocidade de nossos pregos.

Para o presente numero offeteccemos:

N. 85 - Romeira 1\$100
N. 48 - Saia 1\$300

Os recados são recebidos no escriptorio desta folha, bem como, a importancia que deve acompanhar o pedido.

Pelo correto mais 300 reis para o primeiro molde e 200 reis para cada um dos que se seguitom.

FADINHA

XII

« Remigio!... meu Remigio! » — estas palavras não sahião do espirito do barão, ferido por um sentimento amargo, que não sabia bem se era o ciúme ou o amor proprio offendido.

Elle interrogava todos os escaninhos da sua alma, e já lhe parecia que se transformara em verdadeiro amor o trivial capricho que o fizera noivo. Procurava illudir-se a si mesmo, buscava convencer-se de que o « Remigio!... meu Remigio! » era uma phrase inconsciente sem a maior importancia, mas a triste verdade apparecia-lhe em toda a sua nudez, e o negociante rememorava a noite em que Fadinha, n'um assomo de despeito produzido por circumstancias mysteriosas, lhe offerecera a mão de esposa, antes mesmo que elle lh'a pedisse.

Todavia est l'embrança dolorosa, em vez de o afastar da idea do casamento, mais o impellia para ella: o

seu orgulho, o seu prazer, a sua victoria seria conquistar, com o seu proprio merito, aquella bonita mulher que ia ser sua e o não amava; disputal-a ao pobre amanuense de secretaria indigno d'ella, exhibil-a aos olhos da sociedade como um trophéo glorioso, dar áquelle bello quadro a moldura de ouro que lhe convinha.

O misero deitou-se, mas não pôde conciliar o somno. Duas coisas o agitavam: a enfermidade de Fadinha que se apresentava com um caracter inquietador, e aquella phrase, proferida pelos seus labios em febre: « Remigio!... meu Remigio! »

Veio-lhe uma inveja profunda pelo seu rival, e uma dôr, ainda mais profunda, pela injustiça da preferencia da moça. Elle, o Remigio, não era honito, nem elegante, nem rico, nem talentoso, nem titular, — porque era tão preferido?...

E sentia pelo amanuense uma especie de odio. Tinha impetos de sahir para a rua áquelle hora, procurar-o em casa, estrangulal-o, assassinal-o, vingando

se daquella phrase terrivel: « Remigio!... meu Remigio! ».

Seriam tres horas da madrugada quando o barão afinal adormeceu; mas logo um pesadelo horrivel o despertou de novo.

Fadinha appareceu-lhe, mais formosa que nunca, nos braços de Remigio, lançando-lhe motejadores olhares, soltando gargalhadas ironicas. Remigio, que o barão não conhecia, tinha no sonho a figura de um gigante espadado e musculoso, contra o qual seria balpada qualquer violencia; entretanto, o noivo avançou para elle e offereceu-lhe combate. Remigio empurrou-o desdenhosamente com o pé, e pizou-o, como um elephante pizaria um cão. O titular sentia-se esmagar por aquelle pezo; nada lhe dôia, mas faltava-lhe a respiração e não podia gritar.

Despertou alagado em suor, oppresso, aniquillado de vergonha pela humilhação que passara, embora em sonho. Dirigiu-se ao confortavel banheiro de marmore e tomou um banho frio: depois do que, vestiu-se

NINON DE LENCLÓS

escurticia laruga, que jamais ousou macular-lhe a epiderme. Já passava dos 80 annos e conservava-se jovem e bella, atrahido sempre os pechos da sua certidão de baptismo que rasgara á carada Tempo, e um foice embotava-se sobre sua encurtadora physionomia, sem que nunca deixasse o menor traço. « Mito verde annal! » via-se obrigado a dizer o velho rabugento, como a raposa de Lafontaine dizia das uvas. Este segredo, que a celebre egoista faveira jamais contara a quem quer que fosse das pessoas daquelle época, descobrio-o o Dr. Leonte entre as folhas de um volume de *L'Histoire amoureuse des gaules*, de Bussy-Rabutin, que fez parte da bibliotheca de Voltaire e é actualmente propriedade exclusiva da **PARFUMERIE NINON, MARON LECOSTER, Rue du 4-Septembre, 35 à Paris**. Esta casa tem na á disposiçáo das noivas elegantes, sob o nome de **VERITABLE EAU DE NINON**, assim como as receitas que d'ella provém, por exemplo, o

DUFT DE NINON
já de arroz especial e refrigerante;
Le Savon Crème de Ninon
especial para o rosto que limpa perfeitamente a epiderme mais delicada sem alteral-a.

LAIT DE NINON
que dá alvura deslumbrante ao pescoço e aos hombros. Entre os productos cosméticos e especiados da **PARFUMERIE NINON** contam-se:

LA POUDRE CAPILLIS
que faz voltar os cabellos brancos á cor natural existe em 12 cores;

SEVE SOURCILIERE
que augmenta, engrossa e brinca as pestanas e os supercilios, ao mesmo tempo que dá vivacidade ao olhar

LA PATE ET LA POUDRE MANODERMALE DE NINON
para a unna, alvura brilhante das mãos, etc., etc.

Cavem exigir e verificar o nome da casa e o endereço sobre o rotulo para evitar as imitações e falsificações

PARFUMERIE EXOTIQUE E. SENET
35, Rue du 4-Septembre, 35, PARIS

MÃO DE PAPA de duque, de príncipe, por meio da **Pâte des Prélats**, que embranquece, alisa, assectina a epiderme, impede e destrói as freixas e as rchias.

UM NARIZ PICADO de pequenas borbulhas ou comaravostorna a recuperar sua brançura primitiva e suas côres lisas por meio do **Anti-Bolbos**, producto sem igual e muito contrafeito.

CUIDADO COM AS CONTRAFACÇÕES
Para ser bella, encantar todos os olhos deve-se servir da Fleur de Pêche pó de arroz feito com fructos exóticos.

POUCOS CABELLOS
Fazem-se crescer e curralha empregando-se o **Extrait Capillaire des Benedictins du Mont-Majella**, que tambem impede que caíam e que ficam brancos.

E. SENET, Administrateur, 35, R. du 4-Septembre, Paris

NÃO ARRANQUEM MAIS
os dentes estragados, sobre os brancos, com o **Elixir dentifrice des Benedictins du Mont-Majella**.

E. SENET, Administrateur, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

Pastilhas e Xarope de Nafé

DELANGRENIER
excellentes peitoraes contra

.TOSSE. DEFLUXO. BRONCHIITE

As Pastilhas de Nafé são verdadeiros confeitos peitoraes de um gosto delicioso. Acalmam as irritações da garganta e do peito.

O Xarope de Nafé, misturado com uma infusão ou com leite quente, forma uma tisana muito calmante e muito agradável.

Esses peitoraes não contém substancia toxica e podem ser administrados com toda a segurança ás CRIANÇAS e muito particularmente contra a COQUELUCHE.

Exigir a marca verdadeira Delangrenier-Paris

São encontrados em todas as Pharmacias

VINHO DE CHASSAINO
DE DIGESTÃO
Recetado há 30 annos
CONTRA AS AFFECÇÕES DAS VIAS DIGESTIVAS
Paris, Avenue Victoria n.º 6.



A "PHOSPHATINA FALIÈRES" é o mais saporoso e o mais recomendado alimento para crianças desde a idade de 6 a 7 mezes, principalmente quando começam a ser desmamadas e no periodo de crescimento. Facilita a digestão e concorre para boa formação dos ossos.

PARIS, AVENUE VICTORIA N.º 6 E NAS PHARMACIAS

PRISAO DE VENTRE
8 CHIFFRES 2011 U
REGIÃO 1775

Pó Laxativo de Vichy
do O' BOLLIGOUX

É a única sorte, que se prepara e prepara, faz de 1850
O viduo de cerca de 25 Jussé - 2 fr. 1041
PARIS, 1775 - TIREL - 1118 PHARMACIAS

DESCONFIAR DAS FALSIFICAÇÕES

Por sua notavel concentração das plantas as mais uteis e as mais salutaras, a

AGUA DE MÉLISSE
DOS

BOYER CARMELITAS BOYER

Unico Successor dos Carmelitas

obra de um modo prompto e absoluto nos casos de **Ataques de Nervos, Apoplexia, Paralysis, os Vertigens, as Syncopes, as Indigestões; nos tempos de Epidemia, Dysenteria, Cholera-Morbo, Febres, etc.**

Uma pequena colherada pura ou sobre um pedaço de assucar.

DESCONFIAR DAS FALSIFICAÇÕES





MARION LENBACH E EPHIGENIA GYSIS

e sabiu para a rua, errando ao acaso, até que deu comsigo na estação da estrada de ferro.

Sentia-se tomado de um desejo subito e imperioso de ver Fadinha, de estreital-a nos braços, de lhe dizer:

— Amo-te! quero que sejas minha, só minha, exclusivamente minha!...

Quando chegou á casa da noiva, encontrou de pé D. Firmina, que o recebeu de surpresa, por que já não contava com elle.

— Então?

— Passou muito mal a noite... queixando-se de muitas dores na garganta e nas cadeiras... muito agitada... muita nervosa...

— E a febre?

— Não diminuiu mas tambem não augmentou. D'ahi a iustantes entrava o medico.

— Então, doutor? perguntou-lhe D. Firmina depois que o velho clinico examinou a doente.

— Minha senhora, aquella febre tem todo o character de eruptiva.

— Eruptiva? exclamou o barão.

— Sim; podem ser sarampos... mas tambem podem ser bexigas... Ellas têm andado pelo bairro. Mas não se afflijam... Talvez sejam benignas... Não é nada... não ha de ser nada...

(Continua.)

A. A.

Uma opinião japoneza

O leitor não me acreditaria um só momento se eu lhe dissesse que os excerpitos que vai ler foram por mim transcriptos directamente de uma revista japoneza, e teria toda a razão. Confesso a minha com-

Eis outra amarga pílula que elle nos faz engulir: «Wur-Ting-Fang, o Ministro chinês em Washinton, disse um dia: «Quando leio a historia das perseguições religiosas na idade media tremo pelo porvir do meu paiz. Nunca tivemos nada de semelhante na China.

O nosso povo professava o judaismo, o islamis-

Recommendo-lhes esta delicada definição:

O christão moderno, que é na apparencia um bodhisatva (o homem que attingiu o mais alto grão no culto budhista), não passa na realidade de um yaska (um demónio). (Gemén nyo) (Bosatsu naishin nyo yask).

E o escriptor japonez conclue pedindo que se di



Retrato do General Kleber, medalhão de bronze de David d'Angers



Paulo Rattier, medalha de E. Frémiet

pleta ignorancia — e a isso se limitasse! — da lingua em que Mme. Chrysanthème costuma chilrear os seus pensamentos, ligeiros e saltitantes como o de um pintasilgo. Graças, porém, a uma traducção que outem se incumbiu, posso offerrecer aqui a opinião do periodico mensal japonez «Takio Maish Shins» sobre os paizes christãos. Já veem que o assumpto nos interessa directamente.

Essa opinião é muito singela. Paizes christãos... *no hay.*

Encontram-se aqui e acolá alguns individuos christãos, quiçá mesmo algumas familias christãs, povos christãos, temos conversado! E' cousa que nunca existiu e que nos nossos dias ainda menos existe que no passado.

Basta — diz o escriptor japonez — basta comparar as manobras diplomaticas dos paizes que se intitulam christãos com as dos paizes que estes consideram como pagãos, para se ver que valem tanto uns como os outros.

Os segundos valem mesmo alguma cousa mais ao ponto de vista da sua vida moral.

«Vejam o que se está passando na China. Os russos passam por christãos e nós, japonezes. Ora, os russos commettem crimes que enchem de indignação e fazem corar os japonezes. (Devem ser terribes esses crimes, para avermelharem a cutis de um japonez! «Mota d'Alter Ego».)

Em nome, pois, de uma religião e de uma civilização superior, commettem-se na China os crimes mais repugnantes. O' christandade! O' christandade! Ein que veste a dar nos tempos actuaes! Não lembram os christãos esses doidos que usam os sapatos na cabeça e mettem os pés no chapéu? Em presença das atrocidades que commetteis em nome do vosso salvador, como ousais agitar o siao de Sunegaday para convocar-nos a ouvir a vossa prece? Nos dizemos ao bispo Nicolau e aos seus acolytos: «Ide e empregue os recursos da vossa propaganda com os christãos que precisam de ser convertidos á religião do tino e da bondade.

Quando houverdes feito d'elles entes humanos, mas só então, voltai para junto de nós!»

O que dinn este adorador de ídolos se soubesse o que em nome da justiça divina e da doutrina do Evangelho, igualmente invocadas pelos dois campos inimigos, se está praticando na Africa Anstral?



Var do trabalhador, medalha de J. C. Chaplain



Os filhas do artista, medalha de J. C. Chaplain

me, o budhismo e os adeptos de todos estas creanças viviam amigavelmente entre si. Chegaram os missionarios á China e logo destruíram esta harmonia secular e o odio e a divisão medrará com violencia no meu paiz...

Nos outros, japonezes só podemos confirmar esta opinião.

minua o numero dos missionarios na China e que estes sejam objecto de cuidadosa selecção, confiando-se a propaganda sobretudo aos missionarios autchtones.

Risos e dores

A vibração suave da alegria
Passa no coração tão velozmente,
Quasi como o relampago fulgente,
Que corta rapido a amplidão sombria...
A dôr, que em transes vivos de agonia
Tortura o peito que profunda e sente,
A propria dôr, esvae-se lentamente...
Vae a gastando o tempo, dia a dia...

Ha um sentir, porém, que, mais duravel
Que o prazer e que a dôr, — acre e ineffavel —
Sobrevivendo a todos, a alma invade;
Esse sentir, que é como uma essencia
Das flores que nos murcham na existencia...
Morre connosco... e chama-se Saudade!
Açores — Portugal.

THELMEIRA SERPA.

O bufalo

O bufalo é um animal muito forte, mas tambem obstinado e temivel. Pela sua configuração e disposição, é muito semelhante ao boi, e, comtudo não se encontram dous quadrupes mais diferentes ou que se odeiem tanto.

E' originario da India e d'ahi espalhou se por todas as regiões quentes da Asia e mais tarde pelas da Africa Septentrional, França, Alemanha e Estados Unidos.

No estado selvagem corre com admiravel rapidez e atravessa os rios mais largos com a maior facilidade.

Se se consegue domesticalo, é o bufalo muito mais util e conveniente para carregar e puxar que o proprio boi. A sua força excede a de tres bois ou dois cavallos.

Comparada com a vacca, é a figura da bufala mais achavascaja, o seu ar muito mais selvagem, a carne menos saborosa e o leite menos nutritivo, ainda que bastante abundante.

O couro do bufalo é de grande valor, por ser muito macio, impenetravel e de grande duração, qualidades que o tornam excellente para arreios, etc.

CHRONIQUETA

Rio, 22 de abril de 1901.
Teve o governo a grande, a suprema habilidade de tornar sympathico o almirante Custodio José de Mello. Sympathico, pelo menos...

Ahi está no que deram as exaceradas medidas tomadas contra uma conspiração que se existiu na Imaginação enferma de um hilontra, o unico da tropa que devia ser ricorosamente castigado.

Pesa-me que um governo intelligente e avisado como o do Dr. Campos Salles, o qual, a custa, muito embora, de enormes sacrificios da collectividade, tem restabelecido no estrangeiro o credito nacional, cahisse tão desastrosamente d'esse cavallo magro, lembrando o general da opereta, que via o inimigo em toda a parte e a todo o instante.

Ponha o governo uma pedra — o Pão de Assucar, se for possível — em cima d'essa ineluz que-tão, quando rasgar a enorme papelada que naturalmente resultou dos seus ridiculos temores, e d'aqui por diante encolha os hombros todas as vezes que lhe vierem dizer que Fulano, Beltrano ou Sicrano conspiram contra a Republica.

O acontecimento artistico da quinzena foi a exposição dos ultimos trabalhos do nosso paizagista Parreiras, realisa da no salão do pavimento superior da confeitaria Paschoal.

Essa exposição revela grandes progressos na technica do pintor, e lhe tem valido unanimes applausos, a que com todo o prazer me associo.

Brevemente teremos outra exposição de pintura: Henrique Bernardelli regressa hoje da Europa, e, durante dois annos de ausencia trabalhou a valer no seu atelier de Paris.

Já tive occasião de admirar algumas telas que de lá mandou, como arautos encarregados de anunciar a sua volta; outros quadros, e ainda mais importantes, vem com o artista, e entre estes duas pinturas historicas de grande valor. O Atacadinho e O padre José Maurício.

O congresso americano, realizado em Montevideo, já produziu, pelo menos, um grande beneficio para o Brazil: a serie de artigos que o nosso eminente compatriota Dr. Manoel Victorino está publicando no Paris, sob o titulo Em viagem.

Esses artigos, escriptos como sabe escrever o illustre brasileiro, encerram lições que devemos aproveitar e agradecer. Buenos-Aires e a nossa vergonha.

A imprensa fluminense teve o seu grande luto com a morte inesperada de Henrique Blatter, redactor e director da Semana sportiva, redactor-secretario da Noticia, e collaborador do Pais.

Causou a mais dolorosa sensação o desaparecimento desse jornalista, que era um trabalhador esforçado e probo, um lutador modesto, um desses heróes obscuros, que não recebem da imprensa outro premio senão alguns adjectivos... depois que morrem. Bom, não da bondade convencional dos defuntos, mas daquella que não se aprende nem se ensina. Henrique Blatter deixa, quer como jornalista, quer como homem particular, a recordação saudosa de uma creatura interessante e meiga, perdida, como por acaso, n'um meio em que prepondera o egoismo, base de todas as paixões ruins.

ELOY, O HERÓE.

THEATROS

Rio, 23 de abril de 1901.

A Electra, de Peres Galdós, foi exhibida no Lucinda em melhores condições do que o tenha sido no S. Pedro, fugenio de Maranhães, Ferreira, Martins e outros artistas, de entre os quaes convém destacar em primeira linha Lucilia Peres, que tem apudões excepçoes, deram a peça um desempenho muito accetavel; entretanto, a Electra não nos pareceu agora melhor nem peor: decididamente é um drama vulgarissimo, em que apenas se notam algumas bellas phrases: esta, de Electra, por exemplo. — Como pesa sobre mim a consciencia alheia!

Entretanto, a companhia do Lucinda foi de bom aviso inaugurando os seus espectaculos com a peça hespanhola, porque as receitas têm sido optimas.

Conto que o mesmo resultado possa ella alcançar com o drama Forza per forza, de Jules Barbier, que se acha em ultimos ensaios, e ha 30 annos deixou de ser representado.

N. Y. Z.

VICHY-ÉTAT
VICHY-HOPITAL
Molestias do Estomago e do Intestino.
VICHY GRANDE-GRILLE
Molestias do Fígado e do Appareho bilioso.
VICHY-CELESTINS
Molestias dos Rins e da Bexiga, Gottas, Diabetes.
AO RECEITAR
ESPECIFIQUEM
BEM O NOME
PASTILLES VICHY-ÉTAT
COMPRIMÉS VICHY-ÉTAT

CORRESPONDENCIA — *Pede-se toda a clareza no nome das pessoas que se dirigirem a nossa casa por correspondencia, assim como indicar por extenso o lugar de residencia e nome do Estado. Os pedidos d'informações devem vir sempre acompanhados de um sello de 200 réis para a devida resposta.*

AVISO AS SENHORAS.
O'APIOL Dos Dôres
JORET-HOMOLLE
CURA
AS DÔRES, OS ATRASOS A SUPPRESSÃO DAS REGRAS
DEPOSITO GERAL,
PH. G. SÉGUIN, PARIS
165, Rue St-Honoré, 165
E EM TODAS PH^{as} E DROG^{as}

PILULAS DE BLANCARD
APPROVADAS PELA
ACADEMIA DE MEDICINA
DE PARIS
Resumem todas as
Propriedades
do IODO
e do FERRO.
40
Rua Bonaparte
PARIS
DE BLANCARD
Iodure Ferreux soluble
T. ACADEMIE DE MEDICINE
Paris le 12 Mars 1889
Estas Pilulas são de uma efficacia maravilhosa contra a Anemia, Chlorose e todos os casos em que se trata de combater a Pobreza do Sangu.

KAROPE DELABARRE
(DENTIÇÃO)
Karope sem narcotico recomandado ha ja 20 annos pelos medicos. Facilita a sahida dos dentes, evita ou faz cessar os soffrimentos e todos os accidentes da primeira dentição.
Esija-se o Carimbo official e a assignatura Delabarre.
FUMOZE-ALBESPEYRES, 78, Faubourg Saint-Denis, Paris e em todas as pharmacies

PAPEL E CIGARROS
ANTI-ASTHMATICOS
de Bin BARRAL
Recomandados pelas sumidades medicas. Preparações muitissimo efficazes para a cura do ASTHMA, das OPRESSÕES, das ENXAQUECAS, etc. 16 ANOS DE SUCESSOS.
FUMOZE-ALBESPEYRES, 78, Faubourg Saint Denis, Paris e em todas as pharmacies.

NUNCA APPLIQUE-SE UM VESICATORIO SEM SE TER O
VESICATORIO DE ALBESPEYRES
o MAIS EFFICAZ e o MENOS DOLOROSO de TODOS os VESICATORIOS
Esija-se a Assignatura ALBESPEYRES no LADO VERDE
FUMOZE-ALBESPEYRES, 78, Faub. St-Denis, PARIS e as PRINCIPAES PHARMACIAS

CRÈME SIMON
PARA
consuvar ou dar
ao rosto
FRESCURA
MACIEZA
MOCIDADE.
Para proteger a epiderme contra as influencias perniciosas da atmosfera, é indispensavel adoptar para a toilette diaria o CRÈME SIMON.
Os PÓS de Arroz SIMON e o SABONETE Crème Simon, preparados com glicymina, a sua acção benéfica é tão evidente que não ha mulher que o use uma vez que não reconheça as suas grandes virtudes.
J. SIMON, 36, Rue de Provence, PARIS
PHARMACIAS, PERFUMERIAS e lojas de Cabelleres etc.
Descançar das Imitações.

LE REFLE
NOVO PERFUME
Incarnat
CAUTELA COM AS IMITACÕES
Piver
PARIS
SUAVIDADE — FRAGRANCIA — DELICADEZA
LE REFLE
INCARNAT
PIVER

FADINHA

XIII

Não se enganava o doutor: era a variola.

Fadinha passou a quella dia angustiada, queixando-se de muitas dores, com o rosto enrubescido, tendo frequentes náuseas e vomitos, e na manhã seguinte todo o seu corpo estava salpicado de pequeninos pontos vermelhos, que se desenvolveram durante quatro dias, transmutando-se em horribes pustulas, cheias de um fluido amarello, rodeadas por um circulo negro.

A peregrina belleza da noiva desapareceu sob uma crosta repugnante e fetida.

Quando começou o periodo suppurativo, a doente já estava abandonada por todos, menos por D. Firmina, que se sacrificou, digamol-o, não por piedade materna, mas para guardar as conveniências e fingir sentimentos que não tinha.

O rapazes, esses foram os primeiros a fugir, e durante a molestia não houve noticia de nenhum dos tres no Engenho-Novo.

O barão de Moreira, logo que soube, pelo medico, da gravidade do caso, pois que se tratava, effectivamente, da peor especie de variola — a variola a negra, — nunca mais lá foi.

O Alexandre sentiu, pela maneira secca por que o patrão começou de então em diante a tratá-lo, que o casamento estava desfeito, e com elle toda a fortuna sonhada pela familia.

Vencendo a tibieza de caracter, teve o caixeiro uma explicação com o ex-luturo cunhado, e este, em termos que não admittiam replica, allegou brutalmente a visível paixão de Fadinha por outro homem. Vieram á bulha aquellas fatidicas palavras: «Remigio!... meu Remigio!...» pronunciadas no delirio da febre.

A posição esquerda em que o desventurado Alexandre ficou em casa do barão, onde perdera todas as sympathias e era apenas sustentado pela influencia indirecta da irmã, os sarcasmos, os risinhos mal disfarçados do pessoal do armazem e do escriptorio, deram com elle na rua, não obstante os generosos esforços que fez, para evitar o, a outro patrão, o sr. Motta, alma compassiva e boa, cuja bandeira de misericordia debalde tentou cubrir o ambicioso rapaz.

O proprio Pimenta desviou o rosto á primeira vez que encontrou o Alexandre depois que este sahio da casa do barão, e nunca mais lhe fallou.

D. Firmina ficou á cabeceira da enferma, sem outra pessoa senão uma viuva da vizinhança, amiga dedicada de Fadinha, muito boa senhora, a mesma que recebia e transmittia mysteriosamente a correspondencia de Remigio, e punha, epistolamente, o amanuense ao facto de tudo quanto se passava no Engenho-Novo.

Quando essa amiga lhe mandou dizer que Fadinha estava com bexigas, e que o caso era grave, Remigio ficou allicto, sobresaltado, desesperado; quando elle soube que o barão de Moreira não visitava a noiva, que os rapazes não appareciam em casa da mãe, e que esta, constringida a não abandonar o seu posto, chegava a ponto de maldizer a filha, não pensou em mais nada e, aconselhado unicamente pelo seu amor, correu para junto da enferma.

(Conclue.)

A. A.

NINON DE LENCLOS

escarnes da ruga, que jamais ousou manchar-lhe a epiderme. Já passava dos 80 annos conservava-se jovem e bella, atirando sempre os pedregallos da sua certidão de baptismo que rasgava á carão Tenipio, cuja foice ambotava-se sobre sua encantadora physiognomia, sem que nunca deixasse o menor traço. «Muito verde ainda!» via-se obrigado a dizer o velho tabacento, como a raposa de Lafontaine dizia das uvas. Este segredo, que a celebre e egoista faceira jamais confiou a quem quer que fosse das pessoas daquelle epocha, descobrio-o Dr. Leconte entre as folhas de um volume de *L'Histoire amoureuse des gaules*, de Bussy-Rabutin, que fez parte da bibliotheca de Voltaire e é actualmente propriedade exclusiva da **PARFUMERIE NINON, MAISON LECOCQ, Rue du 4-Septembre, 31 à Paris.** Esta casa tem no 4 disposição das novas elegantes, sob o nome de **VERITABLE EAU DE NINON**, assim como as receitas que d'ella provêm, por exemplo, o

DUVET DE NINON

pó de arroz especial e refrigerante;

Le Savon Crème de Ninon

especial para o rosto que limpa perfeitamente a epiderme mais delicada sem alterá-la.

LAIT DE NINON

que dá alvura deslumbrante ao pescoço e aos hombros. Entre os productos colleccionados e apreciados da **PARFUMERIE NINON** contem-se:

LA POUDE CAPILLIS

que faz voltar os cabellos brancos á cor natural e existe em 12 cores;

SEVE SOURCILIERE

que augmenta, engrassa e brunha as pestanas e os supercilios, ao mesmo tempo que dá vivacidade ao olhar

LA PATE ET LA POUDE MANOERMALE DE NINON

para ahuar, alvura brilhante das unhas, etc., etc.

Cavem exigir e verifiquem o nome da casa e o endereço sobre o rotulo para evitar as imitações e falsificações

PARFUMERIE EXOTIQUE
E. SENET

35, Rue du 4-Septembre, 35, PARIS

MÃO DE PAPA por meio da **Pâte des Prêlats**, que embranquece, alisa, acastanha a epiderme, impede a destruição das frías e as rachas.

UM NARIZ PICADO da pequena borbullia ou com cravos torça a recuperar sua branca primitiva a suas côres lisas por meio do **Anti-Bolbos**, producto sem igual e muito contrafeito.

CUIDADO COM AS CONTRAFACÇÕES. Para ser bella, encantar todos, o rosto deve servir da **Fleur de Pêche** pó da arroz feito com fructos exóticos.

POUCOS CABELLOS

Fazem-se crescer a cerrados empregando-se o **Extrait Capillaire des Bénédictins du Mont-Majella**, que tambem impede que caiam e que linquem brancos.

E. SENET, Administrateur, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

NÃO ARRANQUEM MAIS

os dentes entoados, sobre os e branqueios com o **Elixir dentifrice des Bénédictins du Mont-Majella**.

E. SENET, Administrateur, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

CALLIFLORE

FLOR DE BELLEZA

Pós adherentes e invisíveis

Gracias ao novo modo porque se empregam estes pós communemem ao rosto uma ultravilhosidade e delicada belleza e deixam um perfume de exquisita suavidade. Além dos brancos, de notavel pureza, ha outros de quatro matizes diferentes, Rachel e Rosa, desde o mais pallido até ao mais colorido. Poderá pois, cada pessoa escolher a cor que mais lhe convier na o rosto.

PATE AGNEL

Amygdalina e Glycerina

Este excellente Cosmetico branquea e amacia a pelle, preserva-a do Cieiro, Irritações e Comichões tornando-a **aveludada**; pelo que resscita as mãos, dá **saldéz e transparencia** ás rohas.

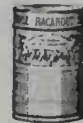
AGNEL, Fabricante de Perfumes,
16, Avenue de l'Opéra, Paris.

En 29 suas ser Casas de venda por mundo nos bairros mais ricos de Paris.

Racahout
DELANGRENIER

Alimento Completo

agradavel, leve e facilmente
assimilavel



O verdadeiro RACAHOUT
dos ARABES Delangrenier é o

Melhor alimento das Crianças

desde a idade de 7 a 8 mezes, e principalmente no periodo do desmamar.

TAMBEM é recommendado ás mães quando dão de mamar, aos convalescentes, aos anemicos, aos velhos; em resumo, todos os que precisam de fortificantes.

Exigir a marca verdadeira
DELANGRENIER-PARIS

É encontrado em todas as PHARMACIAS

Perfumaria extrafina

L.T. PIVER

PARIS

Corylopsis do Japão

Evitar as Imitações e Falsificações

Le Trèfle Incarnat

Parfume de Moda

Rosiris

Senteur des Prairies

Violettes de Parme

Dentifricios Mao-Tcha

PÓ, PASTA e ELIXIR

HOUBIGANT

PERFUMISTA

da RAINHA d'INGLATERRA e da CORTE da RUSSIA

PARIS

AGUA HOUBIGANT

SEM RIVAL PARA O TOUCADOR

AGUA de TOUCADOR Royal Houbigant.
AGUA de COLONIA Imperiale Russe.

EXTRACTOS PARA LENÇOS: Violette Ideale, Royal Houbigant, Peau d'Espagne, Moskari, Iris blanc, Le Parfum Impérial, Moika, Muguet, Chillet Reine, Impérial Russe, Lilas blanc, Héliotrope blanc, Fougère Royale, Glozima, Jasmin d'Espagne, Cuir de Russie, Giroflee, Corydalis, Bouton d'Or, Sunrise, Rococo.

SABONETES: Ophelia, Peau d'Espagne, Violette ideale, Fougère Royale, Lail de Thirade, Royal Houbigant.

PÓS OPHELIA, Talisman de Belleza.

PÓS PEAU D'ESPAGNE.

LOÇÃO VEGETAL, para os Cabellos.

PÓS ROYAL HOUBIGANT.

PERFUMARIA ESPECIAL MOSKARI

Parodia

(A' AMELIA A. PEREIRA DA COSTA)

Quando eu morrer não quero em minha campa
Lindas, mimosas, pequeninas flores;
Doitem dormir o somno derradeiro
Quem na vida somente teve dores.

Dispensio funeraes pompas na morte;
Quero ser a mais simples creatura;
Peço apenas e peço humildemente
Uma cruz sobre a minha sepultura...

Não quero junto a mim falsos affectos.
Sómente o pranto triste da amizade;
E que enfeite somente o meu jazigo
Uma simples e pobre saudade.

Eu sinto que me foge a triste vida,
Eu sinto-me tristonho fenecer;
Não sei que voz occulta me segreda
Que cedo, muito cedo, hei de morrer...

E tu mesma a quem amo eternamente
Se me visses na campa já tombado
Talvez que, chorosa, assim dissesses:
•Eil-o morto... findou se o desgraçado.

HENRIQUE C. M. WILDBLAGEN.

Rio, 20 de novembro de 1890.

O INFORTUNIO

O viver tormentoso que tiveram, presos sempre
por uma ultima esperança, exvaio-se emfim como
subtil perfume...

Sempre que a luz de novo dia penetrava pelas
frestas das janellas rudes, no interior da triste habi-
tação, mais um queixame lhe fugia d'alma espedaçada,
mais uma lagrima saudosa a nuviava-lhe o limpido
céo dos olhos tumidos! E ao vêr o, sol tão poetico e
brilhante dourar-lhe a lugubre mansard, recordavase
das quinze primaveras que tivera alegres, como um
brando sorriso...



A TOCADORA DE VIOLINO

Se fitava o céo tranquillo atufado de pequeninas
nuvens roseas, sentia voltar-lhe á mente, em revoadas
gentil, os sonhos pueris que lhe occularam a fronte;
sonhos cheios de amor e de innocencia, de crenças e
de saudades...

Se fitava o mar, o enorme e profundo espelho
liquido, via reflectirem-se nelle todo o seu passado e
presente, as alegrias de hontem e as magoas de hoje;
as ternas illusões que lhe encheram a cabecinha loura,
subjugadas pelo desengano... E, sempre que as
ondas, uma após outra, elevavam o dorso espuneo

para se espedaçarem na areia alvissima da praia, um
espectro horrivel enchia a sua imaginação ardente,
apontando-lhe a queda altiva que tivera...

E chorava, chorava por amor, chorava pelo es-



A MULHER DO ARTISTA

poso que a idolotrava, embora visse a miseria esten-
dend-lhe os braços esqueléticos, embora a morte es-
carnecesse d'elles...

E enquanto ella, triste e pensativa, desfazia com
as pontas dos rosados dedos as migalhas do pão da
ceia miserriima que tiveram, o esposo frio e taciturno
com a face apoiada na palma da mão callosa, buscava
descobrir o meio de furtal a fome que a ameaçava!

Mas, todos os seus calculos eram errados; fu-
gia-lhe os ultimos recursos e sempre as cruéis diffi-
culdades oppunham se ás emprezas que tentava...

Sonho ou realidade, elle sentia roçar lhe o corpo
as azas da desgraça e ferir lhe os ouvidos o pio fune-
bre de um córvo — o desalento!... Supplicio atroz
que as almas puras dilacerara, fantasma hediondo que
põe no coração o despeito e o rancor — deu-lhe um
beijo fatal o fero desengano.

Fugiu-lhe a ultima es-
perança e no abysmo de
sua alma não mais brilhou
a estrella vesper, o guia
do viajor errante... Treva
profunda envolvia-lhe a
imaginação sempre que os
seus labios assomava um
sorriso que era feito de dor
ou uma emdeiva saudosa
nascida do desespero!

Mas ainda assim, nunca
a esposa ouviu-lhe uma
recriminação; nunca o tédio
poude substituir o seu pri-
meiro affecto... e as la-
grimas uniam se-lhe nas
faces atugueadas quando,
enlaçando-a pela cintura
debil, depunha em sua fronte para o beijo casto
do immenso amor que lhe votava...

E mais apaixonados, mais firmes, sentindo se
ontros, resolutos, cheios de mascula abnegação, jo-
gavam-se á lide insana, enlaando de novo a alma na
finissima teia de uma esperança futil!

Mas nunca, não conseguiram nunca realisar os
seus intentos; nunca sorriu-lhes uma branda aurora,
nunca uma restea de luz illuminau as suas almas
tristes.

Houve um dia, porém, em que o infortunio teve

piedade delles, mas — oh suprema felicidade humana!
— nesse mesmo dia entrou-lhes em casa a morte!...

R. S.

LICÇÃO

(E. de la Barra)

Vi uma joven meiga e sensitiva,
Feroçissimo leão domar sorrindo,
Tu foste um gato dominar alveia,
E o gato te arranhou o rosto lúteo,
Tu empregaste a boça que subleava,
E ella o carinho que seduz e enleava.

Conhece as tuas armas
Debil mulher, e excita o coração
Nascido para serva
O amor como rainha te conserva;
Conhece as tuas armas,
Chora e sorri que domaras o leão.

OSCAR D'AVILA.

Rio, 1 de Novembro de 1900.

Crème de flor de laranja

Ferva se 1/2 litro de leite com 80 grammas de
assucar; deixe-se esfriar um pouco; fentem-se 3 gem-
mas de ovos e um ovo inteiro batido com uma ou
duas colheres de agua de flor de laranja, misture se
bem tudo e termine se como de costume.

Para servir este crème em botões pequenos,
devem cozer-se em banho-maria. Pode-se substituir a
agua de flor de laranja, por flor de laranja em pó ou
baunilha. As gemmas de ovos sem as claras produ-
zirão um verdadeiro crème liquido que deverá cozer
algum tempo mais do que aquelle que levar as claras.

Reflexão

A' E. MA. SRA. D. MARIA LOBO

Morreu! E o que é morrer? Acaso a morte
Almas que Amor prendeu desprende um dia?

Deus—fonte de piedade e de harmonia
Filhos pôde entregar ao nada e á sorte?

Não! Não! O exito é provação do fonte...
Deve as almas causar doce alegria;

Si mal parece, nelle a razão fria
Acha o bem, o resgate, a luz, o Norte.

Morreu... ventura é Deus aprontara
No soffimento a terreal feitura
Que inconsolavel Mãe pranteia e chora...

Tu—alma boa, illuminaada e pura
Tu ja sabes que a morte nos melhora
E—Deus—é o fim de toda a creatura.

A. A. AMOR.

Niteroy, 1901.

Viver do azul

No fundo azul do céo que tens nos olhos castos,
vive ainda immersa a esperança, como vive em
minh'alma um febreo...



SOBRE A MORTE DE SADI CARNOT

...vil das negras conjecturas, recenamos por arrimo o
braço do infortunio e para morte a tumensidão do
nada...

Por isso, tu que és tão bella ainda, deixes pender
a cabecinha loura e ammbas no alme recondito do
coração subline o desanimo e a saudade!

Sacode de tua alma o inverno da descrença e

deixa sorrir estes labios que recordam a cor e a maciez do cardo, enquanto meu pensamento tendo prezas as azas brancas nas finissimas teias de teus cabellos louras, compõe essa endeixa apaixonada e pura como os teus olhos, que lembram um cêo sorrindo na benção!

Não fosse a vida esse perenne soffrer que sabes hoje, esse accumuldo de magoas que a alma dilaceram; não tivesse ella gosos e desventuras, realidades e illusões e ás vezes a compensação de grandes dissabores e o que sena esta vida?... Como poderia julgar de ti, se te não visse soffrir tanto, esplendida vestal!...

O que traduziriam essas lagrimas de fogo, murmuros cristaes cahidos dessas fontes luppidas — os teus olhos — que me exalham o coração? Nada! abso lutamente nada!...

E choras, e tremes, quando em teus labios existem os sorrisos, — essas armas terríveis, capazes de fazer cahir a teus pés todos os soffrimentos e todas as horrores! Eorme poema que encerra em si as grandes sublimidades da vida; que nasce da dôr ou da ventura, mas que vive sempre terno, como o despontar da aurora!

Podesses tu sondar-me o coração sombrio como as frias abobadas de um claustro, mirrado pelo desalento e submisso á crueldade da sorte! Podesses tu conhecer todo o segredo desta existencia que te dei, conduzida pelos meus suspiros e presa pela innocencia dos teus beijos de fogo e então ditas si é possível morrer quando se ama!...

Assim, gosenos o que tu chamas um infortunio, disfructem da vida passageira, o prazer e as magoas! Que venham sonhos de puro amor afogar nos, enquanto os nossos beijos ardentes não se extinguem de vez.

Que viva sob o azul do cêo que tem nos olhos castos, onde scintilla a esperança, este que me vive na alma — fulgido sorriso,

A. L.

MOSAICO

A logica da creanças muitas vezes deixa pasmas as pessoas de idade:

— Paezinho, diz, quem faz chover?

— Deus, meu filho.

— Ah! e para que?

— Para que brotem as legumes, as fructas, as flores.

— Então por que chove no pátio?

O pae embatucou e calou.

Passados poucos dias era sotta feira da Paixão e chovia a pites. Estavam enlutadas as egreja.

— Diga me papae quem morreu!

— Deus, meu filho.

— E como pôde elle então fazer chover?
Pela segunda cala se o pae, sem saber o que responder.



O dono da casa queria que o quadro ficasse deplendurado á direita, a dona empenhava se para que ficasse antes á esquerda. Finalmente manda quem pôde que se colloque onde elle disse. Chega o José e enteria um prego á direita, porém logo em seguida enteria outro á esquerda.

— Para que serve este segundo prego, José diz o amo.

— E' para não ter que voltar com a escada... amanhã... quando o patrão fôr da opinião da patrão.



— Filho querido, não sabes quanto foi o meu prazer, o mez passado, vendo que tinhas tirado a primei-



SALA DE BILIAR DO CLUB DAS SENHORAS EM VIENNA

ra nota no collegio. Este mez porém baixaste.

— Veja, mãe-minha, foi para que outra mãe tivesse o mesmo prazer por sua vez.



— O teu maninho que morreu, Nêê, foi mais um anjo que subiu para a gloria.

— De modo mamãe, que quando Nosso Senhor precisa de anjos, não tem mais que escrever ao Dr. F'



O juiz dos casamentos. Lembrat-vos que o esposo deve protecção a sua esposa e que esta tem de seguir o seu marido onde quer que vá.

A noiva. Sr. juiz não se poderia modificar um pouco isso: olhe que meu marido é carteiro.



Animaes electricos

Entre os animaes que voluntariamente têm o poder de concentrar e descarregar a electricidade, distinguem se como mais notaveis os peixes denominados *torpilha* ou *torpedo* (arrara que se encontra nas costas francezas do departamento de Vendea), o *siluro* ou *malapteruro* (especie de enguia do Nilo) e o *gymnoto*, especie tambem de grande enguia, que abunda principalmente nas lagoas mirnas de Matto Grosso e Goyaz, chegando a ter d'um metros de comprimento.

O gymnoto usa da electricidade como meio de defesa contra quem o persegue e tambem como meio de ataque para de longe matar os pequenos peixes de que se nutre.

Tão grande é o poder das suas descargas que a anta, o touro, o cavallo, que vão beber nas lagoas em que o gymnoto habita, cahem por terra, e, quando o animal é menor, como um camoteiro, um veado, uma novilha, tomba como si fosse morto por um raio.



PANICO DOS ANIMAES

A surpreza causada pelo apparecimento de um objecto desconhecido degenera rapidamente em terror sobre tudo no cavallo. Tal emoção é eminentemente contagiosa, e quando os animaes estão reunidos em grande numero em um espaço limitado, os movimentos de terror praticados por um delles, soa a influencia de uma causa evidente, são na maioria dos casos imitados pelos vizinhos e esta agitação se transmite assim de um ao outro.

Ve-se então, ás vezes, um esquadrao inteiro, todo um regimento e mesmo mais, agitar se por se em de ordem; um rebanho completo deitar a fugir, todos os animaes de um campo de feira partir tambem loucamente, desorientados, so se detendo depois de percorrer enorme distancias, sem que haja eslorço que os possa conter.

Decix, Benjamin, Leçõs, (Soc. Cien. de med., veterinaria, 1870); Delorme, (Ist. de med., etc., 1871); Hughes, (Lect. F., 1882) tornaram conhecidos casos muito notaveis desse terror e panico.

O cavallo, de todos os animaes de trabalho, é o mais sujeito ao terror. Na raça pura principalmente, é o cavallo eminentemente impressionavel; o proprio de seu temperamento e tender com maxima facilidade tanto o avioo isto, se assim se pode dizer, e no estado de perturbacão de que se trata, o proprio de seu temperamento, tambem se manifesta com a maior facilidade para fugir a tanto, imaginario, sustendo themas algumas vezes, por não ver o objecto que se crêe diante d'elle.

O PRODIGE

O prodige está na creança inventa da macho creencia de bannas, bannos e bannos e a sua direccão da acção do homem sobre as coisas. — José Creyler.



NOVO ESTABELECIMENTO DE CAMPO, PARA EDUCACAO DE MOÇAS NO STOLPER, EM POTSDAM

O companheiro do cego

CONTO PARABOLICO

I

O dia amanheceria brumoso, e uma insistente chuvinha, como que peneirada da massa cinzenta das nuvens compactas, que fechavam completamente o espaço superior do círculo das cordilheiras que cercam a zona geographica em que está situada a cidade, tinha, no correr do dia, empapado de lama as ruas, e dado à atmosfera uma temperatura humida, que, sem ser gelida, nem por isso era menos incommodativa.

Cerca de dez horas da noite, um pobre velho cego caminhava frouto ao longo de uma rua suburbana, tactando em uma rustica bengala na mão direita o chão que ia pisando, e em a esquerda palpando a parede das casas para seguir direito ao porto a que se dirigia.

Chegado a certo lugar da rua, sentindo que a bengala não era no quer que fosse que lhe tomava o caminho, couvou-se um pouco a tactear com o mão esquerda, e, pelo tacto, verificou que era um corpo humano que alli estava accorado na seleta de uma porta, com a roupa molhada e trinuado de frio.

— Quem é que está aqui a tomar o caminho? interrogou.

Uma voz debil e tremula, de accento quasi infantil respondeu:

— Sou eu, o Grato.

O cego, assim instruido de que era o pequeno garoto vagabundo que, ás vezes, o baia e lhe puchava irracionalmente pela roupa, nem sequer se lembrando dessas parruças, mas só obedecendo a um generoso impulso de humanidade, tornou a interrogar.

— Que fazes tu aqui a esta hora, com este mão tempo, e assim molhado e resfriado? Por que não te recolhes a tua casa, que já não é mais hora de vadiar?

— Eu não tenho casa, disse o pequeno apertando mais os braços, que tinha crusados, e com uma tremura de frio.

— Não tens casa! Então onde é que habitas... ue passas as noites?

— Por ahí... por qualquer canto onde me possa metter ou abrigar...

— Mas a tua familia?

— Eu não tenho familia!... Sei lá quem é a minha familia! Desque vim para esta terra, não conheci mais familia... parentes, ninguém que olhe por mim!...

— Coitado? exclamou o cego com sincero sentimento de commiserção, e continuou:

— E de onde foi que tu vieste?

— Lá de longe... de um lugar que já me não lembra, porque vim pequeno... de seis annos.

E como o frio e a fraqueza que estava sentindo o obrigavam a fazer esforço para fallar, querendo pôr um termo ao interrogatorio do cego, voltou-lhe com enfado, encolhendo as pernas para facilitar-lhe a passagem:

— Mas vá seguindo!... vá seguindo!... não me amole, que me custa estar a responder-lhe, pois estou com muito frio... e com fome!...

— Com fome!... Pois não comeste hoje?

— Nada!... nem uma bucha de pão?...

— Ob pobre rapaz! tornou a exclamar, com mais dôr ainda, o compadecido velho, E, com um modo de generosidade e resoluta intimativa, puchando-o pela parte superior do braço que lhe ficou ao alcance da mão, disse-lhe:

— Pois vem commigo! Eu te darei de comer e abrigo para esta noite. Levanta-te!... anda!

Ouvindo tal promessa, o pequeno garoto não hesitou. Levantou-se, segurou a mão que o velho lhe offerecia e indagou:

— Para onde me leva?

— Para minha casa

— Pois voce me cê tem casa!! perguntou admirado o rapazote vagabundo.

— Tenho... vaes ver! Ajuda-me a andar mais depressa.

Guiado pela vista de Grato, o cego poz-se a andar mais com affoiteza, seguiu até ao fim da rua, e d'ella para outra que pelo tino conhecia, chegando, finalmente, a um velho pardião abandonado, que ficava ao canto de um terreno baldio.

Entrando ahí por uma porta, que abriu por um meio, do qual só elle conhecia o segredo, foi, sempre pelo tino, directo a um lugar onde tinha com que fazer luz, e não tardou em pôr diante do seu hospede uma candeia de kerossim, accessa.

Assim illuminada a casa, pôde Grato ver que se achava em um quarto de regular tamanho, unico e humpartimento habitavel de um prédio abandonado em ruina.

Per molhada havia ali uma velha cama de ferro com o lão, mas com uma esteira sobre tiz taboas paralellas que lhe cobriam o xadrez de ferro enfiado; um velho camapé de assento de madeira, um pequeno mesa um tanto desconjuntada encostada à

parede e um pote de barro com agua, cuja estreita bocca era tampada por uma lata que fóra de banha, e servia de bebedouro.

— Aqui está a minha casa, disse em tom de jovial satisfação o velho cego. Vaes dormir hoje aqui na minha companhia, e não soffrerás tanto frio e mo lá fóra pelas ruas!

E tirando o alfoje, que trazia a tiracolo, accrescentou solicito:

— E como estás com fome, vou repartir commigo este pote e este bocado de carne, que uma benfiteira me deu agora de noite para eu jantar.

Sentando-se, então, no camapé tirou do alfoje o pão e o pedaço de carne, e os repartiu com o pequeno garoto, que, sentado a seu lado, devorou com avidéz a parte que recebeu.

Assim confortados, tendo bebido agua do pote pela lata que o tampava, o pequeno começou a bocejar com muito boa disposição para dormir.

— Estás com esta roupa molhada pela chuva, disse o bom velho com pesar, palpando o seu hospede. E não tenho outra que te dá para a mudares!

— Não faz falta, respondeu Grato, e em voz mais timbrada e firme. Dormirei assim mesmo, que me não faz mal: já estou acostumado.

E foi se estendendo sobre o camapé ao vér que o cego se dirigia para a cama de ferro, e não tardou em fechar os olhos e a resonar.

Quando assim o sentiu adormecido, o velho cego soprou a candeia que estava sobre a mesa á cabeceira da cama, e a treva da noite os envolveu na sua escuridão.

II

Quando, ao amanhecer do dia seguinte, os primeiros raios do sol entravam pelas fendas da parede gretada do pardião do cego, e o rumor externo de carruagens e mais vehiculos que se movimentavam na sua visinhança o advertio que já era dia, o bom velho levantou-se e foi, apalpando, verificar se o seu hospede ainda dormia.

O tactear do cego sobre o seu rosto despertou Grato, que, abrindo os olhos e vendo junto de si o seu hospedeiro, ergueu o tronco ficando sentado no camapé e murmurou ainda um tanto estremunhado:

— Bom dia, tio Antonio.

— Bom dia, pequeno. Então, dormiste bem?

— Ora! nem se pergunta! respondeu o vagabundo espreguichando se satisfeito. Aqui... agasalhado neste quarto... sem o sereno da noite e o orvalho da madrugada... Que bom!

— E a tua roupa... já está enchuta? accrescentou carinhosamente o cego apalpando-lhe as mangas e as frentes do paletot de casimira desbotada que o pequeno vestia—dávada de um carroceiro da Limpeza Pública, que o apanhara no lixo de um colégio.

— Como se tivesse ficado um dia inteiro ao sol!... E' sempre assim! Quando eu me deito e durmo com a roupa molhada, acordo com ella secca desta maneira.

— E não ficas doente?

— Qual d'ente! Eu já estou acostumado.

— Bem, bem, meu rapaz; és creança... tens o sangue quente... Depois... a Providencia, que dá sempre o frio conforme a roupa! Oh! a Providencia! a Providencia Divina!... Como ella é justa e como é misericordiosa!... O que seria de mim, sem ella!

— O que é que ella lhe dá, tio Antonio? interrogou em tom de insipiente chasco o garoto.

— Dá-me mais do que eu mereço, meu filho! disse em profunda e humilde convicção o piedoso cego. Dá-me saúde... dá-me resignação na minha cegueira, e nunca me faltou com o pão de cada dia.

— Então voce me cê tem sempre que comer?

— Graças á caridade que ella desperta no coração dos que me favorecem pelo amor de Deus. Mas isto é o menos... Muito mais e o thesouro que ella me concedeu, e que vale mais que todas as riquezas e grandezas do mundo!

— E que é d'elle?... Aonde está, inquiriu o garoto lançando um olhar indagador para os quatro cantos do quarto.

— Está aqui! informou o bom velho pondo as mãos sobre o peito. Está aqui dentro do meu coração, limpo de todos os máis sentimentos! está na paz da minha alma!

— Ora! muxou o rapaz em um tom, que o cego bem interpretou, porque accrescentou:

— Tu não comprehendes isto! E'á ainda um insipiente... Que edade tens, tu?

— Doze para treze annos, penso eu.

— E's uma creança!... Não sabes nada! talvez até nem saibas ler.

— Mas conheço todas as letras... até as de conta.

— Mas não sabes juntar-as... fumar n'os...

— Sou muito capaz de saber se houver quem me explique... quem me ensine.

— Ah! certamente!... se tens boa vontade... Com boa vontade tudo se consegue... Pois...

— Porém o que

— Já que estás aqui, vamos tomar café com um bocadinho de pão. Apesar de o dia de hontem ter sido chuvoso, se pre encontrei quem me favorecesse com alguns vintens.

E mettendo a mão no bolso tirou d'elle algumas moedas de cobre e poz-se a contar-as.

Grato, com olhar avido, acompanhava a contagem das moedas, enumerando as á medida que ellas iam passando de uma para a outra mão do cego.

Tendo contado até quinze, exclamou:

— Tres tostões!

— T ma-os lá, disse o tio Antonio, entregando-lhas. Vae ao kiosque comprar dous tostões de café, e á padaria um pão de tostão. Comeremos metade cada um.

Ogaroto, apanhando o dinheiro, deu um salto para e meio do quarto e foi tomar a lata que tampava o pote da agua.

O cego, indo tirar da gaveta da mesa uma outra lata semelhante, ia para fallar, mas o rapaz exclamou:

— Ah! tem outra! Assim separado é melhor! Com prando junto, o homem do kiosque sempre dá menos.

— Como outra! admirou o cego. Qual é a outra?

— E' a de beber agua, que eu já tenho aqui na mão.

— Então vaes comprar café n'ella!

— Não faz mal... lava se depois bem lavada!

E, dirigindo-se para a porta, sahio correndo.

Quando comprehendeu que estava só, o piedoso cego sentou-se em dos cantos do camapé recostando se n'elle, cruzou as mãos abertas sobre o peito, baixou a fronte como se a curvasse diante de objecto da maior veneração e ficou em profunda concentração por todo o tempo que se sentio a só.

D'este estado veio arrancar o o garoto ao cabo de um quarto de hora, mais ou menos, entrando a assobiar alegremente, com uma lata meitada de café em cada mão, e o pão, embrulhado em um pedaço de jornal, de baixo do braço.

— Prompto, tio Antonio! brandou elle pondo as latas e o pão sobre a mesa.

E voltando-se para o cego, accrescentou:

— Toca a almoçar!

O velho levantou-se, foi a mesa, desembalhou o pão que o rapaz lhe metto na mão, e partindo o pelo meio, deu a Grato uma das metades.

E entretanto que o pequeno vagabundo, com manifesta satisfação, em pé junto da mesa formando com as pernas um 4, ia molhando no café e comendo a sua parte do pão; o cego, sentado na sua cama de ferro, mastigava silenciosamente aos poucos o seu pedaço, humedecendo o com frequentes goles do conteúdo na lata que na mão sustentava.

III

A delicia com que o faminto garoto saboreava o pão molhado no café que a caridade do pauperrimo cego lhe proporcionava, dilatou-lhe a alma n'uma expansão de franqueza agradecida, e por isso, sem interromper a comestiva, articulou:

— Tio Antonio, vou-lhe confessar uma cousa.

— Falla, meu filho, disse affectuosamente o cego.

— Quando eu sahi com os tres tostões que voce me cê deu para comprar o café e o pão, eu... quasi que estive para fugir com o dinheiro e não voltar mais!

— Ob!... exclamou o velho com lastimosa admiração.

— Estive, mas... pensei um pouco... e... achei que era melhor não fugir e trazer o pão e o café para tomarmos juntos.

— Fizeste bem! approvou o bondoso cego em tom de compassiva satisfação. Não é por mim que te applaudo por teres voltado, mas por ti, pobre insipiente! Se tivesses fugido, privar-me-hias, é certo, d'esta pobre refeição; mas isso era o menos. O peor seria tu ficares privado, por imposição da tua propria consciencia, de a mim recorrerés quando de mim tivesses necessidade para te socorrer no que eu podesse, porque pensarias lá na tua erronea comprehensão que eu te repelliria incardiosamente.

— Não foi por isso, não, tio Antonio; foi cá por uma cousa que eu lhe quero propor.

— O que é?

— E' ficar aqui morando na sua companhia.

— Mas... morando, como? Vives aqui dormir todas as noites?

— Sim, senhor; e andar de dia com voce me cê a guita, pelas ruas, e comer do que voce me cê comesse.

— Pois tu queres ser companheiro de um cego, que vive da caridade de algumas almas bemfazejas? interrogou admirado o cego.

— Sempre é melhor, explicou o garoto, do que andar por ahí á tola!... tu garotagem... sem ter onde comer nem onde dormir!... assim, com um pão sem dono...

— Isso é! E' assim pensando, pensa bem! E' sempre melhor fazer alguma cousa atil... e boa!

É essa de queres guiar e acompanhar a vida de um pobre cego, é uma obra de caridade que só pode praticar quem tem bom coração.

E como este pensamento hastante o commovesse, o tio Antonio calou-se para domiar a commoção que quasi lhe ia fazendo tremar a voz.

Vendo-o calado, o pequeno varabundo interroga:

— Então, aceita?

O cego hesitou em responder.

Na sua consciencia debata-se o quer que fosse de escrupuloso que o tollia de decidir-se pela accettazione ou recusa da proposta que lhe era feita.

Não comprehendendo a causa d'esse silencio, o garoto poz-lhe a mão no hombro e, sacudindo-o, insistiu:

— Então, não responde? Quer ou não quer que eu seja seu companheiro?

Ainda irresoluto, o tio Antonio respondeu:

— Olha, meu filho; se eu fosse, como o geral dos homens, um egoista, pensando somente na minha conveniencia, não hesitaria em aceitar o teu offercimento. Mas pendero a responsabilidade que me cabe de tomar-te à minha conta para uma função que de alguma forma te pode inutilisar, ou pelo menos incompatibilisar para qualquer profissão lucrativa que por ventura o acaso te deparar para assegurar-te um bom futuro.

É's uma creanga abandonada, vivendo ao Deus dará por essas ruas, fazendo garotices e essas mesmas garotices te podem abrir a porta a uma carreira que só Deus pode prever donde te levará! pois, apunhado pela policia, poderias ser mandado para um asylo, um estabelecimento publico de educação e instrução no qual poderias adquirir um desenvolvimento intellectual e moral que te torne um homem útil... e que sei eu!

Dedicando-te porém, a caridosa função de companheiro de um cego indigente, a policia te deixara commigo em paz, e qual p'dera então, ser o teu futuro?

Aproveitando a tua boa vontade de aprender, e o conhecimento que dizes já ter do alfabeto e dos algarismos, eu, não obstante ser cego, poderei ensinar-te a ler e escrever e contar, instruir-te no que tenho aprendido na minha experiencia da minha avariedade e no conhecimento das verdades que adquire na leitura do Evangelho quando anda eu tuos olhos que viam, e assim poderei moralisar-te e habituar-te para seres um homem bom; mas sem uma profissão lucrativa que te assegure um futuro. Devo ainda ponderar-te que a circumstancia de ficares conhecido como companheiro de um cego mendigo é, em presença dos perconceitos que a sociedade acata, uma pecha que te incompatibilisar para qualquer aspiração que ambicionas.

Em conclusão: além do parco alimento que a minha pobreza te podera repartir, e do acasalho deste pardiheiro que a caridade da sua proprietaria por esmola me concede, eu só poderei dar a tua alma vivente luz e paz de consciencia, se bem aproveitares a semente que a dedicacão da minha boa vontade n'ella lançarei. Mas não te posso dar nem prometter. Pensa, por tanto, bem em tudo quanto com toda a sinceridade e isenção de egoismo te declaro, e, depois de bem reflectires resolve tu mesmo se ficas ou não commigo.

— E se eu ficar, propoz com vivacidade o rapaz, o tio Antonio da-me sempre de comer e aquella camajé para eu dormir?

— O camajé será sempre o teu leito toda a vez que aqui quizeres ficar, e a comida que eu viver será firmemente repartida commigo.

— E roupa, e verdade! e roupa para eu vestir quando esta ficar rota e não prestar mais?

— Pedir a-hei de muito boa vontade aos meus beneficentes que tu e os meus filhos ou teu tamarbo.

— Então fico! exclamou Grato com resoluçào; e já o não largo mais!

— Não seas precipitado, pequeno! Pensa bem, e com tempo, em tudo que te expuz e resolve com sincera vontade o que melhor convier a tua vida e aos teus sentimentos, para que não succeda mais tarde arrependeres-te, e me abandones depois de eu commigo me habituar e te ganhar afficção, e assim tornes, como o teu abandonado, a minha velhice ainda mais infortunada do que ja é!

— Não tenho que pensar, teimou o rapaz. Fico com vobocedê, esta dito. E como o dia esta bom e de sol, se o tio Antonio quer sair, eu vou ja na sua companhia!

— Por certo que vou sair, declarou o cego, que eu preciso ir pelas casas dos que me favorecem para arrearçar o que comer.

— Pois então vamos lá!

— Vamos, vamos se assim o queres, concordou o tio Antonio, pondo na cabeça o seu velho chapéu e apunhando a sua rustica bengala. Mas olha lá... pensa! reflecte até ámanhã... até depois, e então decide.

— Já decidi; vamos! concluiu o garoto tomando-lhe a mão e guiando-o para a rua.

E desde esse dia começou Grato a ser o companheiro do cego.

IV

Para não fatigar a attenção do leitor desta verdadeira historia, que considero parabólica pela grande lição que encerra, não me detenho a descrever minuciosamente os meios e os modos empregados pela bondade e sabedoria do tio Antonio para conseguir fazer, ao cabo de tres annos, do garoto vagalundo um rapaz limpo, sadio e relativamente instruido, de modo a fazer o sympathico e estimado das pessoas que ao velho cego favorciam.

Desde que abandonara a malandrice das ruas pela occupação de companheiro do cego, e entrou a alienar-se com mais e com regularidade todos os dias, passando as noites no agasalho, ainda que pobre, da habitacão do seu dedicado companheiro e mestre, Grato fora peidando a maneira inculcanta em que a vagabundagem o mantivera; e obrigado pelo tio Antonio, já por conselhos amigaveis, já pelos bons habitos de que lhe dava exemplo no seu proprio tracto, a tornar-se accorde e em tudo commedido, as suas carnes foram-se reconstruindo de bom sangue, os seus membros desenvolvendo-se e os seus gestos e maneiras corrigindo-se.

Aos 15 annos era, pois, um rapazote nutrido, corado e até bonito.

Todas as noites lisonjado pelo bom velho, que lhe explicava pacientemente o som e o valor das letras do alfabeto, a ligacão de umas com outras para formar syllabas, e a reunio destas para formar nomes ou palavras, o intelligente pequeno foi pouco a pouco aprendendo a ler e a escrever.

Não menos paciente e zeloso foi o tio Antonio em procurar edificar-lhe os sentimentos e o character por meio de conselhos que amorosamente lhe dava, de historias que lhe referia e de exemplos que lhe citava ou figurava, afim de o fazer comprehender a vantagem de ser bom, verdadeiro e justo.

Mais cuidadoso com elle do que com outro proprio, o generoso mendigo, pella, aquelles dos seus beneficentes que tinham filhos da idade do seu companheiro, as roupas usadas que deixavam de parte, e por este meio conseguia trazê-lo sempre bem abastecido de roupa.

Emfim, Grato tornára-se a principal a unica preocupação do esclarecido espirito e do magnanimo coração do tio Antonio, que se sentia feliz na sua cegueira e intelligencia como o amor que lhe votava e a companhia que elle lhe fazia.

Pela sua parte, o rapaz, suferindo dessa sollicita preocupação os beneficios que tão bem o nem transformando, mostrava-se reconhecido e tratava affectuosamente o excellente amigo que lhos proporcionava.

Mas...

A má fortuna, sempre empenhada em submitter a duras provas a superotondade espiritual do herico luctador que produzira a indigencia e a cegueira sem todavia conseguir abater-lhe a alma energica e lucida de Fé, de Esperança e de Caridade, vendo-o deslizar assim em tão doce tranquillidade na ultima phase da sua existencia, quiz tentar ainda uma derradeira prova da sua inquebrantavel robustez.

A grande crise economica que affectou todas as classes sociais, tambem se fez sentir ao velho mendigo na progressiva mengua dos recursos que a generosidade dos seus beneficentes lhe proporcionava.

E essa mengua cresceu a ponto de ás vezes deixal-o sem um pão para repartir com o seu companheiro!

Para occultar a este o sacrificio que o seu grande amor lhe fazia, houve dias em que exigiu que o deixasse sahir-se, a tapetar o chão que pisava com a sua rustica bengala para melhor commover o coração daquelles a quem estendia a destra; e quando obtinha a moeda com que podesse comprar pão ou outro melhor alimento, voltava contente para o seu pardiheiro e dava-o a comer ao seu amado pequen, enganando-o com a affirmativa de que já tinha o mido, e a deitar-se satisfeito e com fome na sua cama de feiro!

Esta situação afflictiva, ainda que mal lhe c'nhecesse a extensão, começou a desestorar e a aborrecer o rapaz, diminuindo-lhe seu animo a vontade de participar-lhe por fidelidade ao seu velho amigo e mestre.

Pensou pois, em ceder de si, e cogitava o meio de deixar o cego entregue a sua adversidade.

Uma em tme fraqueza, consequente dos sacrificios que fazia, acabou por prestar o pobre velho a ponto de não poder sahir a rua.

Grato, vendo-o em tal estado, sahio do pardiheiro dizendo que lá arranjar algum recurso.

Sahiu... e em vão o misero cego esperou a sua volta!

Passou-se o dia... e a noite... e o dia seguinte... e Grato sem apparecer ao afflicto velho, que em uma ancia indisciplinavel o esperava!

A sua afflictão era peor do que a agonia de um moribundo!

Não era a fome que o torturava!

Não a sentia; já não a tinha!

Era a ausencia sem explicação, horrivelmente inquietadora, do seu querido companheiro, que o angustiava!

Que elle lhe apparecesse de repente e lhe dissesse:

— Aqui estou, tio Antonio! Não o abandonei! Estas palavras o alimentariam e o fortaleciam melhor que o mais luto banquete deste mundo!

E a segunda noite, como a primeira, passou a o cego naquelle crescente e horrida afflictão.

Pela manhã, porém, quando essa afflictão já tocava o grau de um verdadeiro paroxismo, Grato appareceu.

(Continúa)

-x-xx-x-

A VAGA

Ella que vem... Simplez esboço apenas perceptivel no horizonte, agora treme, bamboleia, ondula, como se ebullição interna movesse o seu degrão crystallino.

Preludios do teu amor... Nascendo n'um bosque desmaiado, pequenino, manso, de uma forma indizêisa, vacillante e tímido como a longiqua vaga.

Ella que augmenta... Vertiginosamente dobra, desdobra as rendas peroladas, liquidas, e rebrilha ao sol os flocos alviantes como o rebanho de cordeiros brancos que desciam dos montes de Galaad.

E cresce e cresce. Já passa o nivel commun accentuase, espadana, fluctua, e alterosa ergue-se entre tolas a mais bella, a mais poderosa, a mais bravia.

E corre e corre... Abaixa-se submissa, molle, lassa... Encontra um paradeiro, o desanimo quebra-lhe a força. Que importa o obstaculo? Que valem penhascos a rasgarem-lhe os seios? O mar é como a vida, e a vida sem tropeços é destituida de encantos...

De repente guapafana, sentindo que disso depende o seu destino, recupera o valor, esbate-se, banha o negro penhasco, levanta o dorso herculeo, encrespa a flamea cabelleira e sacudindo a como trophéo plumoso transpõe o escolho que a fazia vacillar.

Adianta-se valerosa... Brita, espedaça o que se lhe oppõe, attrac e fascina.

Vem a mim, fulgurante! vem a mim querida!

Chega-se mais e mais Debruça-se e rola. Resda a meus ouvidos n'um embate forussimo a celeguma da chegada como um hymno de victoria.

Esprata-se, sobe, beija-me. Tenho frio, cruos os braços e adevinho que o seu recuar deve ser terrivel. E não posso fugir, que essa carcia gelando-me o sangue, estatifica-me de susto.

Ella que volta! Arrasta-me, envolve-me, e n'um soffrimento delicioso, sinto-me morrer aspirada, premda, nesses braços immensos como o teu amor, esmagadores com os mais duros ciumes, fortes como os indissoluveis laços que prendem á tua a minha alma infinitamente apaixonada.

V. DE LARA.

MOLDES



Temos a satisfacão de communicar ás nossas gentis assignantes e leit'ras que, apesar de nosso silencio, continuamos como o nosso servico de moldes tanto d'El Estadio, como de qualquer outro jornal, para esta cidade e para o interior da Republica.

Ha uns bons trinta annos temos nos incumbido desse servico, contando-o sempre a pericia de verdadeiras artistas em materia de cortes.

Agora mesmo as senhoras a quem confiamos esse trabalho, são das mais habilitadas inestras ou assumpto, no qual não temem confronto.

Nunca recebemos reclamações contra o servico da casa e com ufania podemos assegurar que estamos habilitados a satisfazer a freguezia mais exigente, sem que tenhamos receio de que nos venham dar l'ções de apuro e bom gosto, nem na multiplicidade de nossos preços.

Para o presente numero offerecemos:

N. 37—Sala...	1\$00
N. 38—Jaqueta...	1\$00
N. 73—Sala...	1\$00
N. 74—Boleto...	1\$00

Os recibos são recebidos no escriptorio desta folha, bem como, a importância que deve acompanhar o pedido.

Pelo correio mais 300 réis para o primeiro molde e 200 réis para cada um dos que se seguem.



Preamar procellosa no pé do velho castello de Rapallo.

— Ora! — respondeu mais de um leitor, ao dar com esta pergunta — É' simplissimo e se a minha opinião valesse de alguma cousa, aconselhal-o-ia, e ninguém pederia, por isso, chamar-me egoista, que expedisse cheques de vinte libras stelinas cada um em favor de dois milhões de pessoas.

— É sabe o leitor — redarguir-lhe-tamos nós — de quanto tempo necessitaria Carnegie para assignar esses cheques, se para assignal-os sem largar da penna um segundo? Nem mais nem menos do que 115 dias, ou seja 16 semanas e pico?

— N'esse caso — dar-se-á o leitor pressa em lembrar — que assigne um só, em meu favor, e acabaram-se-lhe as difficuldades... a elle e a mim...

— Perfeitamente... Mas... o *quid* da questão está em nós ignorarmos onde Carnegie reside, sem falar em que de propostas do mesmo teor já elle deve, a estas horas, estar cheio até aos cabellos...

NEMO.

Despedida

(VOLNY)

Bem sei que vais partir e vais dizer-me adeus.
Que sejas tão feliz quanto en quizera ser.
Que Deus, o Deus tão bom, te faça conhecer
Sómente a que há de bello em baixo destes céus.

Em breve irás olhar em torno nos olhos teus
Do mar a vastidão irrom, a se estorcer:
É a teu sereno olhar, que e-tou agora a ver,
O pranto vai tuezar, turvando os olhos meus.

Para afastar de ti as dores da saudade,
Suppõe-te junto aos teus, em troços de amizade,
Suppõe ouvir de mãe a doce voz que elia diz:

Recorda tudo mais: a límpida corrente,
As flores do jardim, a musca transparente,
Mas não esqueças nunca aquella que mais amas.

Caravellas - 1901.

FIRMINO PEREIRA.

Secção Musical da

A ESTAÇÃO

Com o próximo numero, teremos a satisfação de oferecer aos leitores da A Estação, mais um supplemento musical, a polka **Nonora**, delicada composição do maestro Antonio Gomes Araújo; temos plena certeza que terá geral acceitação.

A REDACÇÃO.

Conselho

Nas dyspepsias rebeldes, digestões difficis com sensação de peso no estomago, gastrites chronicas, atonia gastrica, vomitos rebeldes da gravidez e na diarrheia das crianças, observam-se resultados verdadeiramente maravilhosos após o emprego da *Papaina do Dr. Nibbey*. Este medicamento deve ser tomado ás colheres das de chá, diluidas em meio calix d'agua, no meio das refeições, de preferencia a qualquer outra intervenção medica. Nos vomitos da prenhez a *Papaina do Dr. Nibbey* deve ser tomado amudadas vezes até que cessem.

-X---<-->--X-

INVOCAÇÃO

(A QUE DE AMAR COMO SE AMA UMA SÓ VEZ NA VIDA)

Sedifras, esmeraldas, diamantes,
Margaridas, moeninas e rosas,
Perolas, rubis—gemmas preciosas,
Jasmims, violetas—flores adoradas;

Reflexos de luar clarificantes,
Hypnoticos de sid, esplendores;
Fogos sidericos—astros rhamarjantes,
Que brillam nas espheras luminosas;

Cantos, perfumes, luzes estellares,
Emanações dulcificas das auras,
Perfuma, coleri, smu ranteses

Ao santo amor que meu amor prezenta,
A mais bella de todas as mulheres,
De todas as mulheres a mais pura!

Marmulão, 15 - 8 - 95.

OPERA ALVA.

(Das «Preludios».)

Amor que é vario...

(CONDOR DE RESSGUEIRA)

Propalou munitos
Que o amor é vario,
e en acto o ensu
extraordinario

A voraz chamaca,
sempre accendida,
vive, se inflamma,
e quem ama, amor
por toda a vida.

Amor que é vario,
jura-te, flor,
póde ser tudo
— menos amor

Minas, MIM.

BELMIRO BRAGA.

PETALAS

Dias felizes, risinhos
São pet'las de nossa vida
Que se desprendem em sonhos;
E na rapida cauida
Não podemoz-os gosar!
Dias felizes, risinhos!

Dias amargos, tristonhos
São pet'las da mesma flôr;
Dias mais longos, em sonhos
Dão mais soffrer e mais dôr!
E quanto custam passar
Dias amargos, tristonhos!

RIO, 12 DE MAIO DE 1901.

J. JOB.



Mãe e filho.

CHRONIQUETA

Rio, 21 de Maio de 1901.

Felizmente a quinzena deitou um pouco da tristeza destes ultimos tempos; não houve assassinatos, nem suicidios, e a temperatura se conservou deliciosa e amena, pelo que julgo (não sei se a observação é exacta) que a paz dos homens depende do estado da atmosphera.

Não fallaram factos com que encher, não digo uma chroniqueta, mas uma chronica, uma grande chronica, desde as almas do outro mundo, que appareceram no palacio de Itamaraty até a publicação das Poesias completas do nosso Machado de Assis.

Este, em que peze á discussão da lei sobre fallencias e á questão Biata Ribeiro, foi o facto prominentemente da quinzena, porque tud'ha de passar, como passam as nuvens, como passou o cometa (onde ira elle?), e esse livro hade ficar, ao lado do *Braz Cubas*, *Dom Casimiro* e dos demais volumes do nosso primeiro homem de letras.

As *Poesias completas* comprehendem as *Crysalidas*, as *Phalenas*, as *Americanas* e as *Occidentales*, encendo esta ultima parte os versos que o mestre tinha esparso; ou conserva ineditos. Das tres primeiras ali, u' elle o que, no seu modo de ver e de sentir, deveria naturalmente ser aliado, de modo que esta é a edição definitiva da obra poetica do auctor da *Pallida Elvira*, a demonstração curiosa, interessantissima da evolução do seu talento e da sua mestria.

E' preciso notar que os versos desdenhados por Machado de Assis, e entre estes os humoristicos, daniam, talvez, quinhentas paginas; mas elle organisou assim o seu livro, e a sua vontade deve ser respeitada.

Infelizmente não posso falar com o mesmo entusiasmo das obras litterarias de Bithencourt da Silva, publica Jas em volume, por alguns amigos, que desse modo commemoraram o 70º anniversario natalicio do grande brasileiro.

A obra de Bithencourt da Silva é o Lyceu de Artes e Officirs. Deixassem esses versos e essas criticas onde estavam, que estavam bem. Para a eterna gloria daquelle homem basta o grande estabelecimento de educação popular, que representa o maior e o mais nobre esforço de que ha noticia na sociedade brasileira.

Tamhem para José do Patrocinio basta — *el hour cause* — a libertação dos escravos; entretanto, o grande agitador descobriu, ao que parece, a direcção dos balões, e a exposição do seu aerostat' constituiu uma das festas commemorativas do 13 de Maio, que este anno estiveram mais animadas do costume.

Se effectivamente José do Patrocinio resolveu o grande problema, que a tantos tem dado agua pela barba, não sei como poderá elle supportar o peso de tanta gloria!

ELOY, O HERÓE.

THEATROS

Rio, 21 de Maio de 1901.

A companhia dramatica dirigida, no Apollo, pelo actor Christiano de Souza, deu nos a *Zaza*, interessante comedia de Bertin, que tinha sido aqui muito bem representada, ha dous annos, pela companhia de Clara della Guardia.

No papel da protagonista Lucida Simões esteve, naturalmente, a quem da actriz italiana, mas teve scenas muito felizes, principalmente no 3º e 4º actos, e foi enthu-asticamente applaudida.

Os demais papeis nenhum relevo tiveram.

Para hoje annuncia se a comedia *Coralie e Comp.*

✱

Os esforços dos artistas que, abandonados, é termo, pelo publico, conseguem manter no Lucinda uma companhia dramatica, sabe Deus com que sacrificios, representaram um drama *A culpa dos pais* e a comedia *Os tres cois*, sem conseguir mover o bruto.

Nem a comedia nem o drama foram sacrificados; os raros espectadores que assistiram ás representações ficaram satisfeitos e applaudiram.

A companhia trata, entretanto, de pôr quanto antes em scena outra peça, um drama, *A freira*, traduzido do allemão.

✱

No Recreio revestam se os espectaculos com o *Tim tau por tim* e o *Amor molhado*. Sempre a mesma coisa! E querem publico! Que diabo faz aquella gente que não ensaia alguma coisa nova?

✱

No S. Pedro estão a exhibir scenas da vida de Christo n'um cinematographo.

✱

E mais não disse.

N. Y. Z.

Correspondencia

Muita attenção — Aos assignantes de publicações estrangeiras tão somente, temos o prazer de avisar que soffrerão grande abatimento por causa das melhoras do cambio, as assignaturas de *Jornaes*, *Revistas*, *Gazetas* e *Illustrações*, etc., etc.

Pode se toda a claridade no nome das pessoas que se dirigirem á nossa casa por correspondencia, assim como indicar por extenso o lugar de residencia e nome do Estado.

Os pedidos de informações deviam vir sempre acompanhados de um sello de 200 réis para a devida resposta.

A. Lavignasse Filho & C.

ULTIMAS NOVIDADES MUSICAES

Grande estabelecimento de pianos e musicas

DE FERTIM DE VASCONCELOS, MIRAL & C.

147, Rua do Ouvidor, 147

Folkas

Brincando, por H. Dias, 1000

Vai saindo, por A. Keller, 13000

Tangos

Só de mão, por E. Telles, 1500

Ferruge, por E. Telles, 1800

Tango do pianista, por Costa Junior, 18000

Valsas

Tristeza d'alma, por Marius, 18000

Dulente, por Carl's Marques, 18000

Tragabalas (com letra), por Costa Junior, 1800

Amor que mata, por J. G. Christo, 1800

Desprezenciosa, por J. G. Christo, 18000

Elegante, por A. Cavalcanti, 18000

Juracy, por A. Nunes, 1800

Licea, por Evora Filho, 1800

Meus oito annos, por O. Carneiro, 18000

O teu olhar me seduz, por Evora Filho, 18000

Schottisch

Alzira, por Campos Junior, 18000

Guanabara, por I. Madeira, 18000

Grinalda de noiva, por Evora Filho, 18000

Primeiro Amor, por E. Telles, 18000

Quadrilhas

Borb letas, por E. Couto, 18000

Recordações da infancia, por J. M. Lacerda, 18000

Remettem-se encomendas para o interior juntamente com o brinde mensal que a casa offerece.

147, RUA DO OUVIDOR, 147

AVISO ÀS SENHORAS.



O'APIOL Dos Drs JORET e HOMOLLE

CURA AS DORES, OS ATRASOS A SUPRESSÃO DE REGRAS

DEPOSITO GERAL Ph. G. SÉGUIN, PARIS 165, Rue St-Honoré, 165 E EM TODAS PHIAS E DROGAS

KAROPE DELABARRE (DENTIÇÃO)

Karope sem narcotico recommandado ha ja 20 annos pelos melhores. Facilita a sahida dos dentes, evita a febre e evita os soffrimentos e todos os accidentes da primeira dentição.

Egija se o Carimbo official e a assignatura Delabarre.

FUMOZE-ALBESPEYRES, 78, Faubourg Saint-Henri, Pariz e em todas as pharmacias.

P'APEL E CIGARROS ANTI-ASTHMATICOS de Bⁱⁿ BARRAL

Recommandados pelas summidades medicas. Preparações muitissimo efficazes para a cura da ASTHMA, das OPPRESSÕES, das ENXAQUECAS, etc. 15 ANNOS DE SUCESSOS.

FUMOZE-ALBESPEYRES, 78, Faubourg Saint-Denis, Pariz e em todas as pharmacias.

NUNCA APPLIQUE-SE UM VESICATORIO SEM SE LER O VESICATORIO DE ALBESPEYRES

o MAIS EFFICAZ e o MENOS DOLOROSO de TODOS os VESICATORIOS

Egija se a Assignatura **LEBEN-PEYRES** no LADO VERDE

FUMOZE-ALBESPEYRES, 78 Faub. St-Denis, PARIS e em todas as PHARMACIAS.

CRÈME SIMON

PARA CONSOVAR ou dar ao rosto FRESCURA MACIEZA MOCIDADE.



Para proteger a epiderme contra as influencias perniciosas da atmosphera, é indispensavel adoptar para a toilette diaria o CRÈME SIMON.

Os PÓZ de Arroz SIMON e o SABONETE Crème Simon, preparados com glicerina, a sua acção benéfica é tão evidente que não ha minguem que o use uma vez que não reconheça as suas grandes virtudes.

J. SIMON, 36, Rue de Provence, PARIS

PHARMACIAS, PERFUMERIAS e lojas de cosméticos.

Desconfiar das Imitações.

SUAVIDADE — FRAGRANCIA — DELICADEZA

NOVO PERFUME

LE TREFFLE

Incarnat

CAUTELA COM AS IMITACÕES

PARIS

W. Piver



O companheiro do cego

CONTO PARABOLICO

V

Sim! Apareceu!... mas melhor fóra que não mais tivesse apparecido ao infeliz!

Elle teria succumbido áquella immensa angustia, e tudo ficaria terminado para elle n'este mundo.

A má fortuna, porém, não lhe permittiu ainda esse repouso!

Quiz levar a prova ate ao maximo extremo da sua violencia!

A' commovente expansão de amor com que o seu delicadissimo amigo lhe abria os braços, correspondeu a alma gelida d'aquelle rapaz com a mais cruel indifferença!

Foi em tom aspero e quasi desabrido que o ex-garoto então se dirigiu áquelle que só com brandura e carinho sempre lhe fallou:

— Eu não volto para a sua companhia como vossemecê pensa. Venho só para lhe dizer que me empreguei como servente de um quintadeiro, com a obrigação de não pôr os pés fóra da quitanda se não lá quando elle me der licença. Por isso, não conte mais commigo nem mesmo para o vir ver lá uma vez ou outra.

A tão brutal declaração, o torturado cego só teve gemidos para responder.

Na dureza granitica do seu coração e na obscuridade tenebrosa do seu raciocinio, Grato, desconhecendo em absoluto o sentimento da caridade que conforta, e só cuidando de procurar justificar a enormidade da sua ingratiidão, tentou ainda confundir o seu bemfeitor dizendo lhe:

— Vossemecê disse-me que não era egoista e aconselhava-me que o não fosse, e, no entanto teve-me preso á sua cegueira pelo tempo de tres annos! E agora, que nem me pôde dar de comer, queria que eu permanecesse na mesma prisão? Ora isso é querer a minha desgraça; mas d'essa desgraça salvou-me quem me aconselhou que o deixasse e me empregou na quitanda em que vou ganhar a minha vida. Ora ahí está!

Fazendo um supremo esforço em sua propria alma, o martyrisado cego, elevando-se acima do martyrio do seu espesinhado coração, respondeu a injuria com que a rudeza moral do seu companheiro procurou vilipendial-o:

— Vac, desgraçado inconsciente de ti mesmo! Terreno árido em que a semente do bem se esterilizou! Vai! E quando a brutalidade despotica do quitadeiro, que te attraiu como seu fim, te fizer deluir com as tuas lagrimas a materia que assim te cegou os olhos da alma e com justiça me poderes ver, vem procurar no meu coração o conforto que a tua incaridade me não sabe dar! Vai! que a minha alma te fará ainda o sacrificio de se deixar agarrada a este miseravel corpo á espera que te volte a pedir-me o soccorro d'essa lição que te illucide no bem que ainda não conheces.

CONCLUSÃO

Submettida a esta durissima prova, a boa alma do tio Antonio, como a lamina metalica á qual o fogo abrazador da forja redobra a tempera, deu-lhe ao velho corpo, até alli alquebrado pela fome, e ainda mais pelo profundo desgosto do seu coração, uma como que robustez galvanica que lhe permittiu mover-se com tanta ou mais facilidade como no tempo em que recolheu a sua pobrissima habitação o esfomeado e frigidito garoto.

Comprehendendo, pelo ruido dos passos apressados que se affastava e em poucos instantes cessou de ouvir, que o endurecido rapaz o abandonara definitivamente ao isolamento do seu pardieiro, o pobre cego foi sentar-se ao canto do campê, e, cruzando os braços, ficou por mais de uma hora em concentrada meditação.

A sua testa, ao principio franzida por duas rugas verticaes que exprimiam a dor que lhe ia n'alma, foi-se, pouco a pouco, restabelecendo na lisura que lhe

era habitual, dando lugar a uma crescente expressão de piedade que bem se poderia chamar angelica.

Por fim, como que explodindo lhe do coração generoso, onde o amor negava accesso a outro sentimento que não fosse o da saudade, uma exclamação compassiva estrebuiu-lhe os labios e momentaneamente quebrou o silencio que no pardieiro reinava.

— Coitado! Com esta ainda obscurecido aquelle entendimento!

Esta exclamação era, na verdade, o veridictum do julgamento a que no tribunal da sua esclarecida consciencia submittera a ingratiidão do seu ex-companheiro o discipulo.

E levantando-se com a facilidade natural da sua organisatio sábia, disse ainda:

— Vamos! São horas de ir cuidar da minha alienação.

Poz na cabeça o velho chapéu, e, apanhando do canto da cama de ferro a sua rustica bengala, sahio do pardieiro, fechando a porta pelo processo mysterioso que só elle conhecia.

E foi percorrer as casas dos seus bemfeitores, caminhando a tactear com a bengala o solo que pisava.

A' noite voltou para a sua habitação, onde, depois de comer o pouco alimento que mendigara durante o dia, antes de buscar o somno no seu pobre leito, sentou-se ao canto habitual do canapé, concentrando-se no sentimento da profunda saudade que lhe enroxeira o coração.

Quem o pudesse contemplar n'aquella muda e concentrada attitude, veria na bacidez dos seus olhos ir-se destilando uma humididade crescente que se tornava em um liquido opalino e das palpebras se lhe desprendia em forma de transparentes aljofares que lhe rolavam lentamente pelas faces indo sumir-se no emmarcabado da barba grisalha quasi branca.

Deixemol-o durante alguns mezes deslizar na triste serenidade deste inalteravel viver, e saibamos o que succedeu áquelle que n'essa soledade o abandonára.

Hemem rude e analfabeto, de genio autoritario e nada paciente; não vendo nos seus semelhantes, que o destino collocava á sombra do seu tecto, senão creaturas inferiores da sua personalidade ignorante e despotica, o quitadeiro começou por não permittir a Grato outras relações que não fossem a da sua pessoa e a das que com elle habitavam, prohibindo o de sair á rua para que ninguém o desencaminhasse do destino que só elle queria impor-lhe.

Entendendo que, desde que o tomava para seu servente, assistia-lhe o direito de tirar todo o proveito possivel da sua actividade, não lhe permittia o menor repouso durante o dia occupando-o, desde que acordava de madrugada até á hora da noite em que o mandava dormir, em todo o serviço industrial ou domestico que ao seu interesse convinha.

Os modos de brandura e os habitos de acao que com a convivencia do tio Antonio o rapaz adquirira, irritavam-no, aborreciam-lhe, e era com grosseira zombaria, senão com bruscos arremessos que lh'os explorava ou prohibia.

Sendo analfabeto, não soffria que, quem era seu servo, lhe levasse vantagem alguma, e por isso, quando Grato, apanhando qual quer pedaço de jornal que na quitanda entrava como papel de embrulho, se punha a lê-lo, arrancava lh'o cholericamente da mão para o mandar fazer algum serviço, escarnecendo o em seguida com os titulos de doutor ou de sabião de borra!

Emfim, na rudeza material da sua inculta animalidade, Grato não era para elle uma pessoa, mas uma coisa; não era um ser pensante com sentimento e razão; mas uma machina semovente sem consciencia, posta pelo capricho da fortuna sob o seu dominio para servir-o em tudo que aproveesse ao seu egoismo, á sua estulta presumpção de superioridade de amo.

Tolhido, assim, na sua liberdade, violentado deshumanamente na sua actividade, e humilhado estupidamente nos seus sentimentos e nas suas faculdades espirituas, o discipulo quando do caridoso tio

loio perdendo com a saude da alma a saude do corpo, e não tardou que á falta de asseio e de hygiene se juntasse a falta de tranquillidade physica e moral, que tão bem desfructava no pardieiro do mendigo.

O phraseado grosseiro, os gestos bruscos e o empacamento frequente com que o quitadeiro contrastava o amoroso carinho, o cuidado affectuoso e o conselho instructivo e edificante do tio Antonio, faziam-no diariamente derramar aquellas lagrimas que o presciente cego lhe dissera que haviam de deluir-lhe nos olhos da alma a materia que lh'os cegava para a justiça com que o deviam ver.

E deluio lh'a, com effeito!

E elle ponde, emfim, vel-o atravez das suas lagrimas, a chama! com o gesto compassivo do seu amor indulgente e caridoso!

E a sua razão, assim esclarecida pelo sentimento da justiça, entrou a eliminar na sua alma a afinidade material que o arrastara para o quitadeiro e a desenvolver progressivamente a afinidade moral que impellia para o seu velho e dedicado amigo e mestre.

Attrabido, pois, por esta afinidade, sentiu-se cheio de resolução, e um dia, ao romper da aurora abandonou a quitanda e correu para o pardieiro do cego.

Como era de madrugada acreditava que o pobre velho ainda gosava o repouso do seu leito, e por isso bateu á porta para o acordar.

Mas nenhuma voz lhe respondeu, nem nenhum rumor lhe denunciou que fóra ouvido.

Bateu então mais forte... e mais forte!... e mais forte!

Sempre o mesmo silencio!

Com o espirito inquieto, metteu com violencia o hombro á porta e de um repellão escancarou-a.

O pardieiro estava vazio!

Do doloroso pasmo que esse inesperado espectáculo lhe causou, tirou-o a presença de um homem que morava alli perto, e accudira ao barulho feito com o arrombamento da porta.

— Que é feito do tio, Antonio, interrogou?

— Está no Hospital da Misericordia, respondeu o homem, a tempestade da semana passada apanhou-o de noite na rua, e o pobre velho deu uma grande queda que o pôz em estado de policia o mandar para a Santa Casa.

Grato correu ao hospital.

Por felicidade, era um d'esses dias em que a visita aos enfermos é facilitada.

Quando está junto do leito do cego, Grato, reconhecel-o, sentiu que a commoção lhe embarçava a voz, e, em soluços, debruçou-se sobre o peito do velho, abraçando-o n'uma effusão de dor e de affecto.

— Grato! exclamou o cego n'um grito de alegria ao sentir o, e cingindo-o n'um abraço convulso.

— Como advinhou que era eu? pôde emfim o rapaz articular com voz chorosa.

— Disse-m'o... o... o... coração! respondeu en-gasgado o tio Antonio, esboçando um meigo sorriso que lhe ficou fixado no semblante.

E não disse mais nada e mais nenhum movimento fez, porque a sua boa alma, dando-lhe n'essa resposta a ultima lição prometida, desagarrou-se d'aquelle miseravel corpo em que promettera esperal-o para lh'a dar.

FIM

VICTOR ANTONIO VIEIRA.

A ONDINA

Rente ao mar que soluça e lambe a praia, a Ondina, Solto, ás brizas da noite, o aureo cabello, nua, Pela praia passeia. A opalica neblina Teve reflexos de prata á refracção da lua.

Uma velha goleta encalhada, a bolina Róta, poupeia no ar a vela, que fluctua.

E, de onda em onda, o mar, soluçando em surdina, Empola-se espumante, á praia vem, recua.

E, surdindo da treva, um monstro negro, fito O olhar na Ondina, avança, embargando-lhe o passo. Ella tenta fugir, soffoca o choro, o grito...

Mas o mar que, espreitando-a, as ondas avoluma. Roia-se aos pés da Ondina e esconde a no regaço, Envolvendo-lhe o corpo em turbilhões de espuma.

Marmes

AMORES POLYGLOTAS

Pergunta-me uma leitora si julgo possivel o amor entre duas pessoas de linguas differentes, isto é, si uma brasileira pode ter paixão séria por um inglez, por um francez, por um italiano, ou vice versa.

Penso que será difficil existir amor sério entre pessoas que não fallam o mesmo, pois que a lingua representa papel muito importante em assumptos ternos.

Imaginemos, por exemplo, este colloquio amoroso entre um inglez e uma brasileira :

Ella:— Você gosta muito de mim, seu John?

Elle:— O' Mârriquin, mim tem rabicha você, mim está sua negro... O'yes!

Ella:— (derrigando-se toda)— O' xente, xente!

Elle:— (impertinguando-se e fuxando as suissas)— Dá mim boquin, mim compra cousa bonite, dá você.

Ella:— (com laxos)— Uê! Qui graça!

Agora vejamos o dialogo com um allemão :

Ella:— Então me acha bonita?

Elle:— Ponida gomo um anxo!,... ô jarr... Deus capellos bredos e deus olhos prilhantes me vazem vter a gapeça...

Ella:— Ora veja!

Elle:— Si eu não gazar gondiga, tou um tiro nos ouftos...

Ella:— Ora que tolce!

Pode-se tomar a sério uma paixão expressa em semelhante algaravio?

Até mesmo nos que fallam o mesmo idioma, o sotaque especifico tem influencia sobre o amor.

Entre uma paraoise que não gusta de tucinho, e um caipira paulista que gosta de tócinho, não pode haver muita união. Porquanto, para irritar os animos e dar logar a desgajizados domesticos, basta a differença das pronuncias.

Chega o caipira à casa azangado da vida, vai jantar e sente o cheiro de bispo no arroz.

— Sinhá dona, este arrôz está queimado...

— E' arruz de forno, seu Peixuto...

— Qual forno, nem Peixuto!... aprenda a fallar comô gentê, mulher!

— Estú fallando direito... Vucê é que é um iduula (arremedando-o)... seu compãdre visncez comô está?!

D'ahi os dous se pegam.

Já fui visinho de um casal luso-brazileiro, cujas discussões muito me divertiam, pela differença dos sotaques.

Ella chamava-o seu *Perçira* e elle dizia *sôra Ad'laïd'*.

Não pareciam viver mal, porque os taverneiros tem geito para maridos.

Mas, de vez em quando, havia um bate-boca, inevitavel entre casados.

E chegaram-me aos ouvidos trechos de dialogo n'este gosto:

Ella:— Mi faça o favô de dizê porque honte o senhô voltou tão tarde...

Elle:— Ora, sôra Ad'laïd', quaira ter a bundad'e de nan mi estar a amullari!...

Ella:— Amollá! Amollá! E' só o que elle sabe dizê! Leva a pintá o simão, despôis não qué que a gente leve... T'esconjuro!

— Olha, desengana-te, m'nina! cá no P'reira, nan hai mulheri que lhe ponha cavresto!

Qui bôbo! você não passa de um Mauê de Soiza!

— Sôra Ad'laïd'.

— seu P'reira!

URBANO DUARTE.

PLANOS DE AMOR

Faz-se mister que inda outros planos urdas, Lucia... Vê bem que me desassocegas! E' preciso que além dos que hoje empregas Que outros empregues e que não te aturdas.

Faze com quantas mil razões allegas Que inda às nossas caricias mais absurdas, Sintam-se todas as pessoas surdas, Vejam-se todas as pessoas côgas.

Ha muito quem a tudo quanto dizes Junta o fogo de todo o amor em que ardes E o sentido das proprias phrases trunca...

Vê bem! P'ra que possamos ser felizes Faz-se mister que esta sentença guardes: Amor não quer que se o descubra nunca!

P. RABELLO.

Um espectáculo

Nunca me diverti tanto como n'aquelle dia! Era a inauguração de um theatrinho particular de amadores, sito em remoto suburbio, lá, onde Judas perdeu as botas.

Para alli se chegar, que complicação! Primeiro tive de tomar um bondinho de tostão. Apeando-me d'este, baldeci-me para outro de dois muares.

Depois andei a pé um pedacinho, afim de embarcar em novo bond. Saltei, caminhei um bocado e tomei o trem suburbano.

Sahindo do trem, bati uns 3no metros no calcanete, afim de apanhar outro bondinho, que me conduziu á porta do Gremio Dramatico Familiar Musical Dançante e Recreativo, cuja primeira recita se dava n'aquelle noite.

Tendo partido de casa ás 5 horas lá oheguei ás 7 e meia, havendo portanto despendido 2 horas e meia na viagem.

A salinha estava repleta, transbordante. O mulherio do hairro, refulgente de alegria, aguardava ansioso o erguer do panno.

Amas de leite com criações a choramingar; mucas roliças com ares espantados de quem vae pela primeira vez a um theatro; velhos burgueses cheirando á roça, embrulhados em amplas sobresacas amarranhadas e poeirentas; moças eucalistradas, trajando vestidos de mousseline á moda de 1880; marmanhos de gravatas claras e flor ao peito, mostrando ao moçaimo os seus bigodes conquistadores, pesadas matronas cercadas de mulatinhas e negrinhas vestidas de branco, com topes de fita á cintura — em summa, todo o pessoal anti diluviano de um suburbio esconso sobre o qual a luz da civilisação projecta apenas pallidos reflexos.

Mas por isso mesmo, gostei muito.

Havia originalidade, côr local, sabor nativo.

Um painel á França Junior.

Sentei-me e esperci.

O espectáculo estava anunciado para ás 8 horas em ponto, afim de concluir ás 11, de sorte que os convidados não perdessem a condução — assás complicada, como viram acima.

A's 8 em ponto começõ a tocar a musica, composta de um piston, um trombone, um flautim, um ophcleide, uma flauta e um tambor.

Parece que esses instrumentos *hurraient de se trouver ensemble*, porquanto o piston nunca podia andar no compasso do trombone, nem o flautim no do ophcleide.

O regente da charanga, um pretinho de gravata e roupa preta, batia desesperadamente com a batuta na estante para acertar o compasso, mas em vão.

Final resignou-se e deixou correr a musica á revella.

Estabelceu-se então entre o flautim e a trompa, um duello ensurdecedor.

Algumas pessoas taparam os ouvidos. Eu ria-me douadamente. Oito e meia. Pára a orchestra. A platêa remexeu-se num zum-zum de curiosidade. Todos aguardavam o apito do contra-regra. Nada de apito. Outro signal para continuar a musica... E recomeça o atordoante duello entre o flautim e a trompa. O mestre pretinho largou a batuta e cruzou os braços.

A's 9 horas, estafados, os musicos estacaram, sendo aliás necessario, para cessar o impertinente flautim, que o pretinho decesse do pulpito e desse um beliscão no tocador.

Novo e um quarto...

Novo e meia...

Nada de apito.

Era visivel a impaciencia.

Eis sinão quando, outro signal para a orchestra. Entrou novamente em funcções a infame charanga.

Mas no meio da cousa, deram dos bastidores tres pancadas...

— Para a musica!

Fez-se silencio sepulchral.

Levanta-se o panno.

Ninguem em scena!

Cinco longos minutos de perplexidade.

Ninguem!

Outros cinco minutos.

Ainda ninguem!

Por fim erguera-se dos bastidores um sujeito de casaca e luvas, entra vexadissimo em scena e com voz alterada por profunda emoção profere as seguintes palavras:

— Nobres damas! Illustres cavalheiros! *(Pausa. Engole saliva)*. Tenho a honra... digo... tenho o desgosto de vos participar... que o espectáculo de hoje... ficou sem effeito... por ter adoecido o homem que fazia de mulher.

So Deus e os meus côs sabem quanto me ri...

Para regressar á casa tive que retomar quatro bonds e uma estrada de ferro, chegando ás 2 da madrugada.

Ma valeu a pena.

Nunca me diverti tanto!

URBANO DUARTE.

MOLDES



Temos a satisfação de communicar ás nossas gentis assignantes e leitoras que, apesar de nosso silencio, continuamos com o nosso serviço de moldes tanto d'a Estação, como de qualquer outro jornal, para esta cidade e para o interior da Republica.

Ha uns bons trinta annos temos nos incumbido desse serviço, confiando sempre a pericia de verdadeiras artistas em materia de cortes.

Agora mesmo as senhoras a quem confiamos esse trabalho, são das mais habilitadas mestras no assumpto, no qual não temem confronto.

Nunca recebemos reclamações contra o serviço da casa e com ulania podemos assegurar que estamos habilitados a satisfazer a frequencia mais exigente, sem que tenhamos receio de que nos venham dar lições de apuro e bom gosto, nem na modicidade de nossos preços.

Para o presente numero offerecemos:

- N. 45—Saia..... 1\$500
- N. 32—Saia..... 1\$500

Os recados são recebidos no escriptorio desta folha, bem como, a importancia que deve acompanhar o pedido.

Pelo correlo mais 300 réis para o primeiro molde e 200 réis para cada um dos que se seguirem.

FADINHA

(CONCLUSAO)

O moço foi bem recebido por D. Firmina, não porque despertasse no coração desta senhora nenhuma nuga de gratidão, mas porque ia auxiliar a no penoso trabalho de assistir a enferma.

E, realmente, nunca houve enfermeiro tão dedicado nem tão vigilante.

A molesta conservou durante muitos dias—dias angustiosos e terríveis—um caracter de excessiva gravidade; durante longo tempo, Fadinha, que estava com todo o corpo cruelmente invadido pela medonha erupção, teve a existência por um fio.

O velho medico desanimara completamente, e era por habito, só por habito que repetia o fatigado estribilho: «Não e nada... não ha de ser nada...»

Entretanto, os cuidados da sciencia e a sciencia dos cuidados triumpharam do mal, e Fadinha ficou boa, completamente boa, depois de estar suspensa entre a vida e a morte.

Ficou boa, mas desfigurada. A moça mais bonita do Rio de Janeiro transformara-se n'um monstro. Aquelle rosto entumescido e esburacado não conservava nada, absolutamente nada da belleza celebre de outr'ora.

Ella, que tinha, aliás, o direito de ser vaidosa, consolou-se, vendo que o amor do Remigio, longe de enfraquecer, crescerá, fortalecido pelo espectáculo do seu martyrio.

A mãe, comquanto insensível aos bons sentimentos, não pôde disfarçar a admiração e o prazer que o moço lhe causou no dia em que lhe pediu a filha em casamento, dizendo:

— Só havia um obstáculo á nossa felicidade era a formosura de Fadinha. Agora, que esse obstáculo desapareceu, espero que a sua, não se opponha a um casamento que era o desejo do seu marido.

Realizou-se o casamento. D. Firmina, desprovida sempre de todo o senso moral, entendeu que devia ser aproveitado o rico enxoval oferecido pelo primeiro noivo; Remigio, porém, teve o cuidado de fazer com que o restituisse ao barão de Moreira.

A cerimonia effectuou-se, com toda a simplicidade, na matriz do Engenho-Novo.

Um anno depois do casamento, Fadinha estava outra vez bonita, não da boniteza irradiante e espectacular de outr'ora, mas, enfim, com um semblante agradável, o quanto basta para regalar dos olhos enamorados do esposo. Remigio a todo o momento dizia que a achava mais bella assim, e que os signaes das hezugas lhe davam até certa graça, que d'antes lhe faltava.

Minha mulher não e bella que me inquiete nem feia que me repugne. E que o fosse! — quem o feio ama, bonito lhe parece. Era assim que eu a desejava.

O caso é que foram ambos muito felizes. Ainda vivem. Remigio é actualmente um alto funcionario, pai de cinco filhos perfeitamente educados.

O Alexandre, que teve sempre a protecção do cunhado, foi ao Amazonas procurar fortuna e lá ficou. O talento da

família formou-se e urrasta melancolicamente por esse ruio a sua medioeridade e o seu pergaminho. O outro filho de D. Firmina ainda hoje é caixeiro.

A velha falleceu ha 15 annos, sem deixar saudades a ninguém, e se os leitores têm curiosidade em saber do paradeiro dos demais figurantes desta verdadeira historia, acrescentarei que o barão de Moreira também morreu, solteiro, sem ter aproveitado o enxoval que mandou buscar para Fadinha, e que o Pimenta, depois de ter adquirido, no famoso Encilhamento, uma riqueza que os amigos calculavam em milhares de contos de réis, perdeu tudo e fez-se outra vez bohemio, vivendo, como d'antes, de expedientes. Esta velha e deu para beber.

A. A.

VERSÃO

(Julio Valdelomar)

Das minhas horas tranquillas
Consiste o supremo gozo
Renovar o cêo formoso
das tuas negras pupilas.

Nada me pôde causar
Tão grande ventura, flor,
Como o tepido calor
Que me vem do teu olhar.

Minas—Maio—1901.

BELMIRO DEAGUA.

NINON DE LENCLOS

escurneia da ruga, que jamais ousou manchar-lhe a epiderme. Já passava dos 80 annos conservava-se jovem e q'ella, atirando sempre os pedregos da sua certidão de baptismo que riscava á carão Tempo, cuja foibe embotava-se sobre sua oncentuladora physionomia, sem que nunca deixasse o menor traço. Muito verdeiramente vin-se obrigado a dizer o velho rubingento, como a raposa de Lafontaine diziu das avas. Este segredo, que a celebre egoista ficiera jamais confiara a quem quer que fosse das pessoas daquelle época, descobriu-o o Dr. Leconte entre as folhas de um volume de *L'Histoire amoureuse des Angles*, de Bussey-Falatin, que fez parte da bibliotheca de Voltaire e é actualmente propriedade exclusiva da **PARFUMERIE NINON, MAISON LAFONTRE, Rue du 4-Septembre, 17A Paris.**

Esta casa tem-na á disposição das nossas elegantes, sob o nome de **VERITABLE EAU DE NINON**, assim como as receitas que d'ella provêm, por exemplo, o

DUVET DE NINON

pó de arroz especiál e refrigerante;

Le Savon Crème de Ninon

especial para o rosto que limpa perfeitamente a epiderme mais delicada sem alteral-a.

LAIT DE NINON

que dá alvura deslumbrante ao pescoço e aos hombros
Entre os productos conhecidos e apreciados da **PARFUMERIE NINON** contam-se:

LA POUDRE CAPILLUS

que faz voltar os cabellos brancos á cor natural
existe em 12 cores;

SEVE SOURCILIERE

que augmenta, engrossa e brime as pestanas e os supercillios, ao mesmo tempo que dá vivacidade ao olhar

LA PATE ET LA POUDRE MANDERMALE DE NINON

para finura, alvura brilhante das mãos, etc., etc.

Cavem exigir o verficar o nome da casa e o endereço sobre o rotulo para evitar as emittações e falsificações

PARFUMERIE EXOTIQUE E. SENET

35, Rue du 4-Septembre, 35, PARIS

MÃO DE PAPA

de duque, de príncipe,
por meio da
Pâte des Prélats, que embranquece, alisa,
asseta a epiderme, impede e destrói as frieiras
e as rachas.

UM NARIZ PICADO

de pequenas
borbulhas ou
com travos torna a recuperar sua brançura primitiva
e suas côres lisas por meio do **Anti-Bolhos**,
producto sem igual e muito contrafeito.

CUIDADO COM AS CONTRAFAÇÕES

Para ser bella, encantar todos, o rosto
leve-se servir da **Fleur de Pêche** pó de
arroz feito com fructos exóticos.

POUCOS CABELLOS

Fazem-se crescer e corrallos empregando-se
o **Extrait Capillaire des Benedictins**
da **Mont-Majella**, que também impede
que caíam e que ficam brancos.

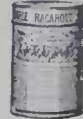
E. SENET, Administrador, 35, Rue du 4-Septembre, Paris.

NÃO ARRANQUEM MAIS

os dentes estragados e os dentes estragados
com o **Elixir dentifrice** da **Benedictins**
da **Mont-Majella**.

E. SENET, Administrador, 35, Rue du 4-Septembre, Paris.

Racahout DELANGRENIER



Alimento Completo

agradavel, leve e facilmente
assimilavel

O verdadeiro RACAHOUT
dos ARABES Delangrenier é o

Melhor alimento das Crianças

desde a idade de 7 à 8 mezes, e principalmente no periodo do desmamar.

TAMBÉM é recommendado ás mães quando
dão de mamar, aos convalescentes,
aos anemicos, aos velhos; em resumo,
todos os que precisam de fortificantes.

Exigir a marca verdadeira

DELANGRENIER-PARIS

É encontrado em todas as PHARMACIAS

Perfumaria extrafina

L.T. PIVER

PARIS

Corylopsis do Japão

Evitar as Imitações e Falsificações

Le Tréfle Incarnat

Perfume do Modas

Rosiris

Senteur des Prairies

Violettes de Parme

Dentifricios Mao-Tcha

PÓ, PASTA & ELIXIR

CALLIFLORE

FLOR DE BELLEZA

Pós adherentes e invisiveis

Graças ao novo modo porque se empregam
estes pós committam ao rosto uma macar-
vilhosa e delicada belleza e deixam um
perfume de exquisita suavidade. Alem dos
brancos, de notavel pureza, ha outros de
quatro matizes diferentes, Rachel e Rosa,
desde o mais pallido até ao mais colorido.
Poderá pois, cada pessoa escolher a cor que
mais lhe converha ao rosto.

PATE AGNEL

Amygdalina e Glicerina

Este excellento Cosmético branquea e
amacia a pelle, preserva-a do Cleiro. Irrita-
ções e Comichões tornando-a apelludada;
pelo que respecta as mãos, dá salde e
transparencia ás unhas.

AGNEL, Fabricante de Perfumes,
16, Avenue de l'Opéra, Paris.

En suas lojas e lojas de venda por muito mais baratos mais ricos de Paris

HOUBIGANT

PERFUMISTA

da RAINHA d'INGLATERRA e da CORTE da RUSSIA

PARIS

AGUA HOUBIGANT

SEM RIVAL PARA O TOUCADOR

AGUA de TOUCADOR Royal Houbigant.
AGUA de COLONIA Imperiale Russe.

EXTRACTOS PARA LENÇOS: Violette Ideale,
Royal Houbigant, Penn d'Espagne, Moskari, Iris blanc,
Le Parfum Imperial, Noix, Muguet, Clail Rose,
Imperial Russe, Lilas blanc, Heliotrope blanc, Fougere
Royale, Gloxina, Jasmim d'Espagne, Cam de Russie,
Giroflée, Corydalis, Bouton d'Or, Sunrise, Rucova.

SABONETES: Ophelia, Penn d'Espagne, Violette ideale,
Fougere Royale, Lait de Thridaer, Royal Houbigant.

PÓS OPHELIA, Talisman de Belleza.

PÓS PEAU D'ESPAGNE.

LOÇÃO VEGETAL, para os Cabellos.

PÓS ROYAL HOUBIGANT.

PERFUMARIA ESPECIAL MOSKARI



Crepusculo.

Calder

Secção Musical da

A ESTAÇÃO

Conforme avisamos aos nossos prezados assinantes e leitores na *A Estação* de 31 de Maio proximo passado, temos o prazer de offercer-lhes com o presente numero a bonita polka, para piano **Nonora**; esperamos que á todos agradará.

A REDACÇÃO.



HENRIQUE LOMBAERTS

No dia 9 do corrente completaram-se 4 annos que desapareceu, ferido pela morte, o grande amigo, o saudoso chefe, cujo nome serve de epigraphe a estas linhas, e figura ainda na tableta desia casa como um labaro de estímulo e de honra.

Cada anno que corre sobre tão doloroso luto, longe de apagar, avigora e fortalece em nossos corações a memoria sagrada do fundador da *Estação*, em cujo exemplo procuramos ainda hoje a norma que nos conduz na ardua tarefa de conservar e accrescentar a sua obra.

HENRIQUE LOMBAERTS é um nome que vale uma divisa.

A. LAVIGNASSE FILHO & C

15 de Junho de 1901.



Recordações

A MINHA TERRA

Minha terra é alem, banha se ufana nas aguas do Uruguay.

Vogae, vogae p'ra o sul, passae alem do Prata, subi as azuladas e serenas aguas do famoso Uruguay, e lá en-

contrareis a sentinella avançada da defeza patria: a bella Uruguayana!

Pedaço da legendaria terra dos Farrapos, ella representa a praça de guerra da vanguarda daquelle torraõ querido, vigiando sempre no mesmo tempo as duas republicas do Prata: Uruguay e Argentina!

Situada poeticamente sobre uma verdejante collina, ella assenta graciosa á beira das tranquillas aguas que deslisando manso e brando, vão beijar-lhe a praia.

Lá o horizonte é sempre vasto, dilata-se, té onde a vista alcança!

Suas noites de luar têm meigo encanto: serenas e praleadas, trazem á alma um bem estar estranho, contemplativo, que arrebata!

A cidade formada quasi que em quadrado, apresenta as suas hndas e largas ruas paralelas desafogadamente aos caminhantes.

Pois lá naquelle recanto do Rio Grande foi meu berço nativo que agora estou-o revendo com saudade, com os olhos da imaginação que nem distancia nem tempo os cegar podem!

O' terra do meu berço, d'aqui d'estas paragens tão longiquas ouve minhas vozes que te leva o vento; ouve e as escuta attentamente, são brados de nostalgicos queixumes dispersos pelo ar, feitos saudades!

J. JACOB.

Rio, 27 5-1901.



A flor azul

A flor azul pendia murcha: e agora

Eil-a outra vez erguida

Na haste, a sorrir, cheirosa e fresca e bella.

Que nume, com o aroma e a cor, a vida

Lhe deu, de novo? A aurora?

A brisa? O orvalho? A luz?

— Não! Foi aquella

Pallida nympha, cujo olhar choroso

Na flor pousara, ha pouco;— da saphira

D'esse olhar, na do calice oloroso,

Uma lagrima tremula cahira. .

R. CORREIA

DUAS EPOCHAS

Amava-a muito, e a perfida sorria
Zombando desse amor immaculado,
Que n'alma do poeta enamorado
Era um conforto á sua dôr sombria.

Com a lamina pungente da ironia,
Ou cuspidno um ultraje meditado,
Lhe torturava o coração, erivado
De myriades de setlas de agonia.

Porém o tempo passa. Morre o amor
Do poeta; aquelle affecto puro, ardente,
Cresta-se ao sol mortifero da dor.

No entanto ella mudou. Ama-o agora
Mas elle desse amor zomba contente,
Emquanto triste - ella soluça e chora.

(Das «Libellulas»)

OSCAR D'ALVA.



Conservação do peixe

Na Hollanda e na Allemanha empregam-se, para conservar o peixe as precauções seguintes: Sangra-se o peixe logo depois de o pescar. Corta-se-lhe a arteria que conduz o sangue as guelras, arrancam se lhe estas e depois lava se e raspa se-lhe muito bem a pelle para lhe tirar todo o humor viscoso que a cobre. Está demonstrado que o sangue e este humor são os dous principaes agentes que determinam a corrupção da carne do peixe. Assim tratado o peixe ficará com uma carne branca e saborosa que se conserva duas vezes mais tempo que a dos peixes que não hajam, sido sangrados e lavados. É a esta preparação que os arenques de Empdem devem a reputação de que gosam entre os gastronomos. Com estas precauções pode-se conservar o peixe em bom estado durante muitos dias. Mas sendo calido o clima no norte, do Brazil, os resultados só serão proveitosos nos Estados de S. Paulo, Paraná, Santa Catharina, e Rio Grande do Sul.



Familia de cães rasteiros.

A CASACA

— —

Abriu S. Carlos e, desde que aconteceu isso, toda a gente se julga mais elegante.

Que, a bem dizer, a elegancia não é outra coisa senão um snob de vaidade individual.

Tal julga-se bello, gentil, distincto.

Vão lá dizer-lhe o que os outros pensam a seu respeito que parece um carrapato a andar!

Não os acreditará.

Aquell'outro tem a illusão de que, não sendo bonito, é sympathico e que, principalmente, ninguém o poderá exceder jamais em dizer ás damas coisas galantes.

Chamem-lhe tolo, porque é de nascença, e verão que reponta.

Alguma dama presume-se o *non plus ultra* da belleza—sobretudo depois de pintada.

Seus labios de coral, suas faces leite e rosa, seus negros supercilios, seus braços de jaspe chegam deante do espelho, a dar-lhe a impressão de serem realmente verdadeiros.

Toda a gente es engulirá, julga ella.

Entra em S. Carlos, espalha o aroma de suas finas tintas, deixa cair sobre a platéa um olhar altivo de Cambourgnac victorioso, e logo toda a gente começa a pensar que aquella linda dama acaba de chegar do estrangeiro.

Outra, de certo, deverá existir, reconhece ter o segredo de saber conversar nos intervallos. Enfia missangas de espirito, alimenta o dialogo, e cultiva o *fini*.

Devem passar-se na sua presença uns momentos deliciosos.

Mas, á sahida do camarote, veem dizendo os que lá posaram em visita. Está cada vez mais secante!

Ha um codigo de civilidade; não o ha nem pôde haver, de elegancia.

E, á falta de principios e preceitos que regulem a materia, cada qual vae phantasiando ser elegante a seu modo.

Não se aprende, não se estuda, não se chega a ser distincto por tirocinio—como na vida militar.

Se se não nasceu fadado para o ser, attinge-se o ridiculo da caricatura. Ser ou não ser: eis a questão. O Manoel Brown, de sobrecasaca preta e calças á hussard, mettia n'um chinello todas as casacas do seu tempo.

Que, diga-se a verdade, as casacas estão sendo nos espectaculos uma convenção para disfarçar a carencia de distincção pessoal.

Os grandes *dilettanti* de S. Carlos, que deixaram lenda, jamais vestiram casaca para ir ao theatro: nem o marquez de Niza, nem o Vaz de Carvalho, nem os outros de igual cotação.

Piavam de si mesmos, do seu bom ar, do seu aprumo correcto, para se imporem aos espectadores e aos artistas.

Agora, cada um que deseja ser elegante—pelo menos parecer-o—carrega a mão nos trunfos: casaca, monoculo, flor.

E ahí vae elle, ahí entra elle, ahí olha elle parecendo dizer *urbi et orbi*: «Sou um homem distincto».

Pois fizeram-se com menos fogo, e assentaram vasa os *leites* d'outro tempo.

A casaca era então a ultima palavra da solemnidade na vida social. Para chegar á presença de Deus, na mesa da communhão, no lausperenne das Endoçças e na viagem da eternidade, era indispensavel vestil a.

Reservava-se para as quatro festas do anno e para o primeiro passeio, *jos mortem*, pelos Campos Elyseos.

Os actores viam-na a pouco e não sabiam, por isso, copiar as.

So um, dos grandes que tivemos, a soube vestil por instincto: era o Tasso.

A rainha D. Maria II achava-o tão distincto, talvez por isso mesmo, que costumava dizer quando se fallava de actores portuguezes:

— Como o meu Tasso não ha outro.

Está ainda vivo o bom velho que tantas vezes me tem repetido isto.

Vinham actores estrangeiros, amados em celebridades, e sua magestade a rainha voltava do theatro sem grandes entusiasmos.

— Então, minha senhora, vossa magestade gostou?

— Não desbanca o meu Tasso, respondia a rainha.

E morreu a Sra. D. Maria II nesta fé de rainha portugueza: que não havia actor mais distincto, em parte alguma, do que o seu o nosso Tasso.

Nem houve,

Estou a vel o, distincto de casaca ou sem ella, indifferentemente, porque era sempre distincto.

Sua *loiselle* habitual era de preto, sobrecasaca e calça mais estreita do que larga, chapéo alto muito lustroso, bota de polimento, *falelet* alvadio, luva cor de garrafa.

Perguntava-se na rua, ao vel o: «Quem é este homem?»

Uma vez, sendo eu estudante, foi ao Porto a companhia do Theatro Normal, que era nesse tempo um viveiro de celebridades, masculinas e femininas.

Havia o Tasso, o Santos Pitorra, o Rosa pai, o Sargedas, o Theodorico, a Manueli Rei, a Emilia Adelaide e não sei quem mais.

— Mas não era preciso mais ninguém.

O publico do Porto, pouco habituado a theatro de declamação, ficou como estonteado, no primeiro momento, deante da sobriedade artistica do Tasso.

Não o comprehendeu, nem gostou muito.

No *jornal do Porto*, onde eu fiz as minhas primeiras armas jornalisticas, atiraram-me, talvez para experientiar-me, á ardua tarefa de escrever uma noticia sobre a estrêa da companhia.

Vim doido de enthusiasmo pelo Tasso e pelo Santos, que depois foram meus amigos emquanto viveram.

Disse no jornal, com aquella exuberancia de estylo com que os novos costumam dizer tudo.

Mas fiquei dolorosamente surprehendido ao vêr que todos os outros jornaes punham restricções no seu applauso ao Tasso.

Hoje ficaria contente.

Uma vez disse me Camillo:

— Eu d'antes, quando não entendi o que estava lendo, julgava que o tolo era eu.

— E agora? perguntei.

— Agora julgo que o tolo é o que escreveu.

Adoptei este principio, e tenho-me dado bem com elle: ainda não me fallou.

Agora tambem eu ficaria capacitado de ser o unico que desde logo dissera toda a verdade a respeito do Tasso.

Mas n'aquelle tempo não me aconteceu isso.

Por volta das duas horas da tarde do dia seguinte estava o dono do jornal, Antonio Rodrigues da Cruz Coutinho, bom burguez da rua dos Caldeireiros, sentado á banca da redacção. Eu trabalhava a seu lado, abafando no desgosto de ter errado a respeito do Tasso.

Ouviram-se ranger umas botas na escada. D'ali a nada assomou á porta um homem alto, desempenado, de *falelet* alvadio.

Cruz Coutinho, que não era homem de theatros, não o conheceu.

Ficou perplexo, sem saber se estava fallando a um principe ou a um actor.

— Venho aqui, disse Tasso, agradecer as palavras amaveis que este jornal me dirigiu hoje, tanto mais que nem todos os jornaes do Porto me trataram com igual benevolencia. Desejaria poder apertar a mão ao auctor da noticia.

Cruz Coutinho, mais reposto da primeira surpresa indicou-me dizendo:

— Aqui está o auctor da noticia.

Tasso sacudi a cabeça, afirmou o olhar, estendeu-me a mão sem allizez nem baixosa e exclamou:

— Não esperava encontrar uma criança. Dou-me bem com os moços...

E, suspendendo-se, por ter certamente feito maior

reparo nos cabellos brancos de Cruz Coutinho, accrescentou gentilmente: ... Quando elles trabalham ao lado dos vellos.

O que é certo é que o Tasso, como elle me contou mais tarde, tinha passado um dia muito aborrecido por causa das criticas dos jornaes.

Era sensibilissimo ás durezas de qualquer noticia a seu respeito.

Corria os botequinhos, pegava no jornal que o maltratava, disfarçadamente o mettia na algebeira, dizendo com os seus botões, n'um monologo muito intimo:

— E' menos um.

Pois o Tasso, apesar de se chamar Joaquim José—que é tudo o que ha de mais pitto em nomes—foi um grande actor, tão completo—que até sabia vestil uma casaca.

Hoje toda a gente presume saber vestil-a e deitar a elegancia, que cada um julga ter, nas noites de S. Carlos.

Na manhã seguinte lá vão correndo para o emprego, para a repartição ou para o escriptorio, sem que da casaca da vespera fique a menor recordação—para elles ou para os outros.

S. Carlos: um inverno de casaca; mais nada.

Nem os grandes cantores, nem os grandes *leões*, nem os grandes *partidos* d'outros tempos.

A casaca, apenas. E é tão pouco! Se até a vestem os criados por convenção...

ALBERTO PIMENTEL.

DOLOROSA

Eil os que ahí vem vagarosamente pela tortuca estrada que alveja aos poucos, pela montanha fora. Rostos curiosos espreitam pelas portas e pelas janelas dos cascos, todos com um ar de festa.

São já conhecidos na aldeia elle é um pobre cego, ella uma mulher ainda na flor da idade. Como n'á mais annos, quando o inverno chega, elle traz um lenço atado na cabeça sob um velbo e remendado chapéo. A sua capa—a individavel companheira d'aquelle velhice infeliz, ainda é a mesma e vem toda branquinha como neve que vem cahindo ha dias; ella, o facto dos mais annos remendado e limpo...

✱

Aquelles dois artistas vem chorando nos seus instrumentos o maior grito de dor, o maior rosario de lagrimas que o bom povo portuguez tem inventado—o Fado.

Que dulcissima musica aquella!... Umaz vezes, corre serena e mansa, com uma ingenua loz rezada em tardes de maio; outras como desmoronar de um castello de illusões, musica que entra na alma e fica como as reminiscencias de uma peregrina ballada que se ouviu quando n'ella tudo eram rosas a florir sob o luar doce e nostalgico de um sonho encantado...

Põe-me lagrimas nos olhos essa musica, e é com sentida magua que lembro que este heroico povo, que escreveu os *Lusiadas* declina no tumulto chorando seu Fado.

Triste destino este!

✱

O par vem andando, estrada abaixo. Todas as portas risinhosamente se lhe abrem neste maguado dia, que vagamente, nos traz a lembrança dessas tardes hilandezas com o seu sol pallido a illuminar os melancholicos lagos, emquanto, nas collinas, os rebanhos pastam e as pastoras—ingenuas como uma sonata desse doce scandinavo Griég—cantam em ternecedoras canções de amor...

Todas as portas que se lhe abrem num terno beijo de luz e o pobre velho ea paga faz com que a sua tabeca lhes diga quanta a infelicidade de um pae e de uma filha, que, como ellas num tempo que já vae longe e naquelle dia, num lar, feliz como poucos se reuniam a lazeira á lembrar uma meiga eriança a que, tradicionalmente davam o doce nome de Jesus.

✱

Param á minha porta. Aquelles dois entes attrahem-me. Ha muito ja num velbo e pergaminhoso *Flus Sacerdotum*, li que «infelizes com infelizes», e assim é. E quedo-me a ouvir toda aquella tocante epopeia de lagrimas que o infeliz velho faz chorar a sua tabeca. O arco mança-o elle febrilmente, nervosamente... Nas orbitas dos olhos fazem apagaos. De tempos a tempos estremeem, e lagrimas attentuosas sulcam aquella veneranda face estigma tassada pela desventura.

Choro com o pobre velho e pergunto-lhe a intima causa d'aquellas lagrimas e, enquanto a sua companheira foi buscar a cachaça que do outro lado da estrada lhe davam, contou-me elle que, num outro tempo tambem tivera um lar feliz e que naquelle santo dia ninguém passara pela sua porta que não

partilhasse da felicidade daquelle lar. Mas que, de pressa, como o dizem as paginas biblicas, tudo desaparecera como os vapores fumos de um solho: e a sua felicidade juntamente com a sua saudosa companheira sumira n'uma sepultura que ainda hoje existe n'uma aldeia ignorada e distante... e que, para esquecer toda aquella desgraça fazendo-se acompanhar da filha que era ainda pequinina errava de terra em terra a chorar um bem perdido que nunca mais, oh! nunca mais!... tornaria a achar...

E o par muito unido por causa do frio que faz neste crepusculojar de Dezembro, já vai.

... E o ancio, com uns tristes presagios na mente, diz adeus a todos, aos bons velhos, ás creanças e ao santo velhinho do prior—adeus que é uma bênção... e, pela estrada abaixo, num lacrimoso adeus, faz com que a sua velha rabeca nos diga quanta a felicidade de um bem perdido que se procura sem nunca se encontrar...

GONCALVES DIAS.

As tres filhas

A ventura verdadeira
Vive a sombra hospitaleira
Da casinha de sapo.

PAGUNDES VARELLA.

I

O commendador Guilherme de Macedo enriquecera no commercio de assucar e aguardente e, como todos os mediocres un dia apatacados, imaginou que tinha o rei na barriça.

Suas tres filhas, medianamente instruidas, seduziam, na verdade, os rapazes, mais por sua formosura e mocidade do que pela sua fortuna; mas os pretendentes, na maioria estudantes e empregados do commercio, eram repellidos pelo velho como as aranhas pela vassoura de uma boa dona de casa.

Amelia, a mais velha, agradou a um engenheiro formado, filho de fazendeiro paulista, casou-se logo e o commendador não discutiu despezas. Fez tudo com luxo e esplendor.

Amelia e seu marido foram habitar uma bella chacara no Andaraby.

Theodora, a mais franzina e a mais elegante das tres irmãs subjugou um medico muito bonito de rosto, inuito correcto de vestuario e em muito bom principio de clinica.

Foi habitar o Cattete e viver a mais ruidosa das existencias. So o seu enxoval custou na Notre-Dame dez contos de réis, que o commendador pagou a vista.

Helena tinha ficado so e sendo a mais formosa das tres não se pôde queixar da sorte.

Foi pretendida por um advogado, doutor de bórta e capello; depois por um commedante de fazendas por atacado, depois por um estudante de medicina; e finalmente por um guarda livros honrado, raridade bem preciosa.

A todos recusou, fazendo o desespero de seu pae. — Então, com todos os diabos lhe dizia o commendador, queres morrer tia? Não amas ninguém no mundo?

— E' porque eu amo alguém que tenho recusado a esses—disse a formosa morena.

— Amas! A quem?

— A um operario, meu pae. E como sei que o desgosto, prefiro soffrer.

— Um operario, tu! Nem me tornes a fallar nisso!

Doas lagrimas responderam á sentença e Helena retirou-se para meditar na solidão de sua alcova.

II

— Que me quer o senhor? Quem é o senhor? perguntava o commendador dias depois a um importuno visitante.

— Sr. commendador! Eu venho pedir a V. Ex. a mão de sua filha Helena. Sou um pobre operario mas posso garantir-lhe que muito dignamente...

— Tá... tá... tá! Não perca tempo... ponha se já na rua...

— V. Ex. não tem razão em insultar me...

— Estou em minha casa; não tenho que lhe dar satisfações!

III

Algun tempo depois era o commendador citado para dar as razões porque se oppunha ao casamento da filha; e vendo que no terreno judicial nada alcançaria a seu favor, cedeu.

— Está bem, filha desnaturna. Queres ser feliz ao prego da felicidade de teu pae. Seja. Segue o teu destino. Quando a desgraça e a miseria se sentarem á porta do teu lar, lembra-te bem do soffrimento que me causas agora. O que tens a esperar? A grosseira — dos costumes, o pão negro, a filharada nua, o marido na taberna, a syphilis a desgraça emfim. Mas vá, vá, que assim o quizeses!

O casamento de Helena se fez sem pompa. Um jantar modesto foi a homenagem do commendador a sua riqueza para evitar murmuragões.

Mas farioso com tal casamento e vendo-se só, foi para a Europa com o fim de passar em Paris alguns annos de vida mundana em completa liberdade.

IV

Para quem já foi pae fica sempre existindo no coração uma fibra amorosa, ainda que a brutalidade, coroa dourada da ignorancia, tenha extinto todos os seus sentimentos delicados.

No fim de um quinquennio, o commendador sentiu o cansaço produzido pelo gozo intelligente e teve o delirioso punjer de verberar espirito como Almeida Garret chamou a sanidade.

Voltou pois ao Rio de Janeiro a procurar as suas duas filhas obedientes.

Na chacara do Andaraby não encontrou Amelia, a linda Amelia, mas o aspecto de Amelia, livida, de olhos encovados e cheios de lagrimas.

— Estas doente? Que tens? Que é de teu marido?

— Não estou doente; soffro. Meu marido abandonou me por uma cantora italiana. Deve estar agora em Florença.

— Rapaziada! atreveu-se a dizer o commendador mas sem amargurado vendo verdadeira desgraça onde elle suscitava perpetua ventura.

Foi procurar a Theodora, a elegante, Não a encontrou.

Abandonara o lar onde deixara duas filhas e fugira para Paris com um medico, seu amante.

O commendador ficou estupefacto.

As suas duas filhas! Tão bem casadas! Tão desgraçadas!

Talvez era procurar a terceira: a desgraça, com certeza, já devia t-la colhido em suas redés.

Comtudo, arrastado por desconhecido impulso, foi procurá-la.

Helena morava em uma casinha de porta e janella, em uma rua de um dos arrabaldes longínquos.

Ao aproximar-se de um predio cujo numero lhe haviam designado viu um jardimzinho lindamente tratado e ouviu um toque de flauta.

— Não; aqui não pode ser, disse elle. Mas a exactidão do numero protestava. Chegou-se mais e bateu.

A flauta calou-se.

O flautista veio abrir trazendo ainda o instrumento na mão.

Um lampejo de kerosene com a sua luz forte esclarecia esta scena:

Helena tinha unido ao seio o rostinho moreno de uma plúda filha que sugava com valentia es elementos da vida, levantando a perninha cheia de vincos nos tecidos gordos para poder agarrar o pé com a mão que lhe ficava livre.

Ao pé, um filho seu, de tres annos de idade, sentado em uma cadeirinha alta, garatujava com um lapis—fazia os retratos da familia—soltando alegres risadinhas que lhe faziam mais tantas as covinhas das faces.

Diante de si tinha Helena aberto Paulo e Virginia esse eterno poema de amor puro.

Movels pobres e assediados davam á sala um aspecto de repouso e de felicidade que era de immediata applicação.

O commendador, já roído pelo remorso e convencido d'aquella real ventura traduzida nessa paz respeitosa que so pode reinar onde existem corações que se amam, apellou no fimiar.

— Perdão, minha Helena!

O operario e sua esposa ajudaram-no a levantar-se, abraçaram-no, beijaram-no em ambas as faces, fizeram-no sentar em uma cadeira e puzeram-lhe u s braços a netinha e entre os joelhos o louro neto.

Chorando pela primeira vez sinceramente porque o seu coração estava cheio de maguas, soluçou abraçado aos netos, recebendo a mais proveitosa lição para os seus preconceitos sociais.

E foi á custa de muitos beijos e caricias que elle deixou por fim de murmurar n'aquelle pobre unlio de amor e de ventura:

— Perdão, minha Helena!

Niteroy, 1901.

A. AZAMOR.

Parabula

Havia um homem a quem uma dolorosa chaga, que tinha em uma das suas pernas, o trazia em grande tristeza e desgosto da vida.

E tal era o estado d'essa chaga que elle nem já a occultava a vista dos outros.

Havia tambem um miseravel e humilde cão abandonado, que por ser demasiado inauso e destituido de garbo e elegancia, ninguém o acolhia, antes todos o repelliam quando elle amorosamente se aproximava a offerecer o seu carinhão.

Um dia em que o homem chagado expunha ao ar a sua chaga, aconteceu aproximar-se d'elle o pobre cão, e com a sua habitual humildade amorosa, como que se lhe offereceu para lhe lambor a ferida.

Não ignorando que a saliva des cães tem virtude curativa de ulceras rebeldes ao tratamento therapeutico, o homem deixou que o miseravel cão lhe limpasse a chaga com a humidade da sua lingua caridosa.

Sentindo-se refrigerado na sua dor, então o chagado fez com a mão um reconhecido affeio ao pobre cão, que no ver-se assim acariciado, cheio de gratidão, redobrou de boa vontade na limpeza da ferida que assim o fizera alcançar a esmolta de um affeio.

O grande affeio que o chagado recebeu do bemfazejo animal, tornou-o tolerante para com este, e no interesse de ser emfim curado, consentiu que o miseravel cão se deitasse a seu lado, e o abrigava para que elle se não ausentasse.

O desventurado animalajo, crendo ter, afinal, encontrado uma creatura bondosa que, compadecida da sua humildade, o acolhia e utilisava com boa vontade, cada vez mais grato e amoroso lhe limpava a ferida, sentindo-se feliz por lhe prestar o bom serviço de lhe curar.

E a tanto chegou o amor que sentiu pelo seu affagador, que a chaga desapareceu sob o solícito tratamento da lingua caridosa do pobre cão.

Mas nem por isso o seu amor pelo homem a quem tinha curado era menos commovido e solícito. E se já não tinha vergonha para lhe limpar, mostrava-lhe o seu affeio lambendo-lhe os sapatos.

Vendo-se, pois, completamente liberto do mal que o entristecia e o desgostava da vida, pareceu então ao ex-chagado desnecessaria e até impertinente a amorosa solícitude do miseravel cão, e, por isso, para se desembaraçar do enfado que elle lhe causava, entrou a repellir-o com a mesma perna que lhe havia curado.

Em vão o inditoso animal, ao ver-se assim escuraçado, se punha a respeitosa distancia da perna curada, que já o repellia, a olhar lacrimoso para o dono d'essa perna como a supplicar-lhe a caridade de o deixar approximar-se-lhe.

Esta eloquencia amorosa do bemfazejo irracional, ainda mais irritava a ingratidão do beneficiado racional, que, não o pedendo já alcançar com a perna beneficiada, buscava com a mão desagradecida uma pedra para lhe arremegar!

E o miseravel e desventurado animalajo voltou á sua fatidica condição de cão abandonado e repellido!

A justiça inevitavel da Morte, porém, tão compassiva, afinal, se mostrou para com o desafortunado bemfazejo, como implacavel para com o afortunado ingrato.

E quando a consciencia d'este desperton da lethargia material do seu passamento para ver—a luz da Verdade eterna—a realidade das coisas da vida terrena, sua consciencia viu o cadaver enclenchado do miseravel cão desdobrar-se em uma alva bomba de niveas azas que abriu o voo levando no bico cor de roza um galhinho de oliveira e o foi largar sobre a cova de um cemiterio, no fundo da qual tambem viu o seu corpo ar direcção, e cujo coração se desdobrava em um negro e medonho morcego, que esvoaçava raioso na treva espessa do osseo peito que o retinha como umagaioia de que não podia escapar-se!

E foi immenso o seu horror ao contemplar esse sinistro producto sobrevivente do seu cersão ingrato!

VICTOR A. VIEIRA.

MOLDES



Temos a satisfação de comunicar as nossas gentis assignantes e let's ras que, apesar de nosso silencio, continuamos com o nosso serviço de moldes tanto d'l Estação, como de qualquer outro jornal, para esta cidade e para o interior da Republica.

Ha uns bons trinta annos temos nos incumbido desse serviço, confiando o sempre a pericia de verdadeiras artistas em materia de córies.

Agora mesmo as senhoras a quem confiamos esse trabalho, são das mais habilidadas mestras no assumpto, no qual não temem confronto.

Nunca recebemos reclamações contra o serviço da casa e com ufania podemos assegurar que estamos habilitados a satisfazer a frequencia mais exigente, sem que tenhamos receio de que nos venham dar lições de apuro e bom gosto, nem na modicidade de nossos preços.

Para o presente numero offerecemos:

N. 33 - Costume com jaqueta curta,	
Sala	15500
Jaqueta	12500
N. 1 - Vestido guarnecido e em renda Guipure, Sala	13500

Os recados são recebidos no escriptorio desta folha, bem como a importancia que deve acompanhar o pedido.

Pelo correio mais 100 réis para o primeiro molde e 200 réis para cada um dos que se registrou.

A MONJA

Via no claustro.
Era a superiora de um recolhimento da villa de... seguia um pequeno atalho sinuoso, cercado de uma sehe viva e ia atravessar a ponte rustica do regato que alimentava o lago do hortejo, e que dava acesso ao parlatorio.

Andava a respirar o ar livre.
Apercebendo-se que olhares profanos a observavam, teve um estrechimento e, occultou-se por entre a ramalha do arvoredo, entrando na porta estreita e coberta de herva, subindo rapidamente os degraus e desaparecendo na penumbra escura. Não me enganára era effectivamente soror Lucia!

Possuira um bello rosto emoldurado em densos e sybilinos cabellos castanhos; fóra de uma belleza assombrosa fascinadora.
Os seus labios tumidos e rubros jamais sentiram a sensação de um beijo.
Passava horas e horas fitando os mysticos cirrus que branqueavam o espaço, e niemprativa, procurando descortinar mysterios das nuvens nebulosas, seguindo o vago itinerario dos astros errantes, num soroço indefinível, alando o espirito a regiões ignotas; querendo sondar a immensidade etherea; deixando correr, insensivelmente, lagrimas que se lhe iam in-

filtrar na epiderme alva do seio; hes de alfojar que se iam occultar no escriptorio, no recesso intimo do seu coração roseo.

E quedava-se melancolica a ver passar os insectos, as aves felizes, a beijarem-se; seguir-aos com o olhar, atembrenharem-se na atmospheria annilada, perderem-se...

Impedidos! Para que iam perturbar a doce e serena paz dos que viviam lá, além; tental-os!... Sentia um tremto percorrer-lhe o corpo; uma temperatura calida agital a.

Nunca ninguém a beijára! Tivera a allucinação do primeiro beijo.

Aquelles pequeninos seres foram os mensageiros do peccado; descortinaram-lhe o desconhecido; fizeram desaparecer a placidez do espirito candido daquella creança.

Até então, somente sen pae a oscular na fronte...

Pareceu-lhe que o seu destino o seu futuro, estavam nas azas tenues das aves, dos insectos, que se perderam no azul, devassando mundos, perigrinando amores, bafejados pela aragem tepida.

Ficara muito tempo entorpecida, muda...

Ao despertar, tornou-se-lhe a vista como se tivesse revelado num emaranhado abysmo; sentiu perturbada a sua tranquillidade, arrebatada as suas illusões.

Obedecera aos incentivos, ora brandos, ora energicos; ás prescripções fataes da natureza.

Metamorphosara-se e, os seus labios tumidos e rubros confrangeram-se em anclas de beijos prolongados, beijos como os que a despertaram, impiedosos, dados livremente.

Era captiva do peccado!
Cherou e orou; fez preces pelas almas dos lyrios, das aves, dos insectos amantes; leu e releu as suas orações, até sumir-se a ultima restea de luz crepuscular e adormeceu.

Sonhára palacios luxuosos, soberbs edificios, pedrarias, gemmas, rubis sanguineos, perolas preciosas.

Era formosa, encantadora; teria a villa triumphal, arrebatada nos deslumbramentos do luxo; no viver aprazivel; voando como as mariposas celeses, sem destino, num vago itinerario, gosando livremente.

Não se anniquilaria.

Sentia uma lava a dente estuar lhe os seios. La ser feliz; viver para as expansões; experimentar as petipicias dos romances epaixonados; ter o prazer das aventuras ephemeras, num tumultuoso boiborinlio, numa atmospheria comburente de almiscaras, no scintillar de luzes, de crystaes facetados, onde a sua belleza esculptural tivesse maior realce.

Presa, emolgada, persistia naquelle sonho, como

NINON DE LENCLOS
esmeralda d'aranga, que jamais osou macular-lhe a epiderme. Já passava dos 80 annos conservava-se jovem e bella, atrahendo sempre os pedagos da sua certidão de baptismo que rasgava á carada Tempo, cuja foice embotava-se sobre sua encantadora physionomia, sem que nunca deixasse o menor traço. Muito verdadeiramente scilicet-scilicet-golo a dizer o velho rubicundo, como a raposa de La Fontaine fazia nunca confiar a quem quizesse que fosse das pessoas daquella época, descolrio-o Dr. Lecoute entre as folhas de um volume de *L'Histoire amoureuse des gaules*, de Bussy-Rabutin, que fez parte da bibliotheca de Voltaire e é actualmente propriedade exclusiva da **PARFUMERIE NINON, MAISON LECONTE, Rue du 4-Septembre, 31 à Paris.**
Esta casa tem-não á disposição das nossas elegantes, sob o nome de **HERITABLE EAU DE NINON**, assim como as receitas que d'ella provém, por exemplo, o

DUVET DE NINON
pó de arroz especial e refrigerante;
Le Savon Crème de Ninon
especial para o rosto que limpa perfectamente a epiderme mais delicada sem alteral-a.

LAIT DE NINON
que dá alvura deslumbrante no pescoço e aos hombros
Entre os productos conhecidos e apreciados da **PARFUMERIE NINON** contam-se:

LA POUDRE CAPILLUS
que faz voltar á enbellis brancos á cor natural
existe em 12 cores;

SEVE SOURCILIÈRE
que augmenta, engrassa e brunce as pestanas e os supercillos, ao mesmo tempo que dá vivacidade ao olhar

LA PATE ET LA POUDRE MANODERALE DE NINON
para finura, alvura brilhante das mãos, etc., etc.

Cumpre esgizer e verificar o nome da Casa e o endereço sobre o rotulo para evitar as emulções e falsificações

PARFUMERIE EXOTIQUE E. SENET
35, Rue du 4-Septembre, 35, PARIS

MÃO DE PAPA de duque, de príncipe, por meio da **Pâte des Prélats**, que embranpõe, elixa, asseina a epiderme, impede e destrói as freiras e as rachas.

UM NARIZ PICADO de pequenas herbilhas ou com cravos para a recuperar a brancura primitiva e suas côres lisas por meio do **Anti-Rolhas**, prohibo seu igual e muito contrafeito.

CUIDADO COM AS CONTRAFACÇÕES
Para ser bella e encantar todos os olhos
leve-se servir da **Fleur de Pêche** pó do arroz frito com frutos exóticos.

POUCOS CABELLOS
Fazem-se crescer e cerrallos empregando-se o **Extrait Capillaire des Benedictins du Mont-Majella**, que tambem impede que caiam e que liquem brancos.

E. SENET, Administrateur, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

NÃO ARRANQUEM MAIS
da dentna estragada e do cabelo branco e do com o **Elixir dentifrice des Benedictins du Mont-Majella.**

E. SENET, Administrateur, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

Pastilhas e Xarope de Nafé
DELANGRENIER
excellentes peitoraes contra **TOSSE, DEFLUXO, BRONCHIITE**

As Pastilhas de Nafé são verdadeiros confeitos peitoraes de um gosto delicioso. Acalmam as irritações da garganta e do peito.

O Xarope de Nafé, misturado com uma infusão ou com leite quente, forma uma tisana muito calmante e muito agradável.

Esses peitoraes não contém substancia toxica e podem ser administrados com toda a segurança ás CRIANÇAS e muito particularmente contra a COQUELUCHE

Fazer a compra na loja Delangrenier Paris
São encontradas em todas as Pharmacias

VINHO DE CHASSAINO
BIBICATIVO
Recetado ha 30 annos
CONTRA AS AFFECÇÕES DAS VIAS URINARIAS
Paris, Avenue Victoria nº 6.



A "PHOSPHATINE" FALIÈRES
é o mais recomendado alimento para crianças desde a idade de 7 annos, principalmente quando começam a ser desmamadas e no periodo de crescimento. Facilita a digestão e concorre para boa formação dos ossos.
PARIS, AVENUE VICTORIA Nº 6 E NAS PHARMACIAS

PRISAO DE VENTRE
verdadeira
Pó Laxativo de Vichy
do Dr. SOULIGOUX
FRANCO PORTO

DESCONFIAR DAS FALSIFICAÇÕES

Por sua notavel concentração das plantas as mais uteis e as mais salutaras, a

AGUA DE MÉLISSE
DOS **BOYER CARMELITAS BOYER**

Unico Succesor dos Carmelitas

obra de um modo prompto e absoluto nos casos de **Ataques de Nervos, Apoplexia, Paralysis, as Vertigens, as Syncopes, as Indigestões; nos tempos de Epidemia, Dysenteria, Cholera-Morbo, Febres, etc.**

Uma pequena colherada para ou sobre um pedaço de assucar.

DESCONFIAR DAS FALSIFICAÇÕES

A ESTAÇÃO (supplemento litterario)

havia persistido nos seus sonhos de innocencia, quando vira passar as aves, os insectos doirados pela lamina de um raio de sol.

Foram elles que a despertaram e fizeram-na escrava do peccado...

Impiedosos! Vieram toldar o horizonte fulvo da sua vida; e parecia approximar-se uma nuvem espessa e sombria; acommettiam-na vertigens; parecia-lhe que nos seus labios crom libados beijos venturosos, provocantes.

Fecerrava as palpebras, mergulhada, immersa no prazer, cheia de languor e ternura, parecendo colher os fructos do amor.

Via afastar-se o seu herço de innocencia, a sua infancia, para muito distante, muito...

Pensava em possuir salas orientaes de paredes forradas a pedras estofos, ante camaras perfumadas; aposentos tapeçados, respirando essencias meridionaes, violentas e excitantes; um paladio de ostentação, de alegrias sem conta, onde tivesse scenas amorosas dignas do pincel do mais correcto artista; onde os seus olhos negros tivessem mais fulgor; onde não fossem annuados o seu bello semblante, a sua mocidade e a sua graça.

E ia numá phase crescente de desvario; não dominava os impetos da sua organização vibratil e delicada, parecendo ceder a caricias blandiciosas, embebedas na peçonha amara a encantos fugazes.

Ouvia madrigaes, idylls, scenas de melodramas, entre risos e lagrimas abafados nos seus aposentos; ouvia galanteios, era atrahida pelo crepitar de luzes; sentia palpações, ancias...

Quando despertava, sentia o cansaço, empallidecia, descorava como as rosas batidas pelas nortadas, invadia-lhe a saudade e volvia o pensamento ao passado, querendo furtar-se áquellas tentações que a embriagavam como os licores captivos, como os vinhos espumantes.

E ficava hesitante... Nada! Almejava outro vive! Se pudesse ter um amante espirital!...

Iria viver em retiro, contrita, cheia de unção e fé orando, ao crepitar dos cirios, entre espiraes de insenso, penitenciar-se-ia, fervorosamente: seria sua serva, contanto que lesse no seu olhar cheio de doçura e bondade, o perdão dos seus erros.

Isso, sim: é que ella almejava! Quizera percorrer a via dolorosa do amor, não pelo peccado, mas pela fé, e merecer a graça infinita. Seria monja!

Vi-a no claustro. Era ainda da mesma belleza assombrosa e fascinadora; a pallidez dava maior realce aos seus encantos; os seus olhos negros tinham o mesmo fulgor.

Sr.ª Lucia andava respirando o ar livre; seguia o pequeno atalho, sinuoso cercado de uma sebe viva, e ia atravessar a ponte rustica do regato que alimentava o lag. do hortejo e dava accesso ao parlatorio.

Ocultara-se entre a ramaria das arvores para que não a vissem olhares profanos e entrara pela porta estreita coberta de hera, desapparecendo na penumbra. Era a melancolica serva do Senhor; habitava uma cella escura, triste, da qual contemplava as nuvens nebulosas; seguia o vago itinerari dos astros errantes; fitava os mysticos cirrus que branqueavam o espaço, deixando correr lagrimas, insensivelmente, lagrimas crystallinas, foz de alfojar que se lhe iam infiltrar na epiderme alva dos seios e se iam occultar no escripto do seu coração roseo.

Conservara-se pura, envolto no habito de estamenha; tendo os mi-moscos rosados, nu, em aparçagas glosseiras, espicera os seus sonhos de opulencia, as peripecias

das aventuras ephemerias; as caricias blandiciosas embebedas na peçonha amara.

Tudo fóra uma chimera!

Era feliz. Alli tambem passavam insectos impiedosos, aves que se beijavam, papelando, gazis, e que se perdiam na atmosphaera annilada, mas não a tentavam; não perturbavam a doce e serena paz em que vivia.

Era esposa de Jesus Christo; era serva do Senhor, a quem adorava; fizera-se monja, fugindo ás tentações do peccado e chamavam no Sr.ª Lucia.

Rasgara as primeiras paginas do romance da sua vida; procurava suffocar as ancias de beijos que lhe fizeram confranger os labios tumidos e rubros; entregara-se á fé e á caridade, cheia de unção e creença.

Era monja!

27-3-1901. C. MACEDO.

Soneto (*)

Corria-me a existencia descuidosa, Toda riso, toda luz, toda alvorada; Minh'alma ás regiões aland'radas Niveas azas livrava esplendorosa.

Aninhava-se em meu peito dulcorosa, Candidissima esperanza; e as mais sagradas, Puras illusões dos céos baixadas Traziam-me n'um sonho cor de rosa.

Tudo, porem, desfz-se! Apenas vejo Agora, quando busco, quando almejo Novamente gosar do que hei gosado.

Tetrico vulto, dominando tudo, Negro phantasma, horrivelmente mudo, Me acenar das ruinas do Passado!

FERNINO FERREIRA.

(*) Reproduzimos este soneto por haver subido com grande incorreção a n'um numero atrazado.

Estrellas e Flores

No céo ha flores brilhantes Na terra estrellas cheirosas; De petalas de diamantes, O céo repeta-se em rosas!

Na terra brillam as flores, São estrellas terrenaes! Sentim luz de mil céos As rosas nos seus rosas!

No céo ha lyrios tão grandes Esparsos pela extensão, Que murcham aroma nas Andes Nos raios da luz que dão!

Ha na terra pequeninas Estrellas de magos lumes, Que desprendem das boninas Seus raios feitos perfumes!

E assim as flores do céo E as estrellas terrenaes Unidas, em lindo véo Distendem sobre os mortaes!

J. JON.

Rio, 24-5-1901

TELA NEGRA

(AO MARCELO ARNAUD)

Morta pra sempre Para sempre morta J. TAPALUZ.

— E' mentira! — Bradei n'um grito rouco. E todos soluçavam tristemente De olhos fitos na morta; e eu, como um louco, Via a mui branca no ataudé ardente.

Mentira! e a minha dolorida falli Vibrava pelo espaço em sons sentidos, Ah! eu sonhava agora despertal a Naquelle grito cheio de gemidos.

Mentira! e a minha bocca então se unia A' sua casta bocca que sorria Sentindo ainda talvez a morte avara

Mais ai! recuei, o corpo apodrecido, Cheirava mal; só então fui convencido Só então chorei a morta que eu amára!

N. ABREGA JUNIOR.

103.

CURIOSIDADE INGLEZA

E' sabido que os viajantes Ingleses, são como verdadeiras traças que atacam os monumentos que encontram por esse mundo afora e delles tiram reliquias que vão figurar depois nos seus museus particulares. Até hoje contentavam-se com levar consigo pequenas recordações dos monumentos por elles visitados. Eis, porem, que «Menestrel» nos dá agora noticia de que um amator acaba de hirar do cemiterio S. Marx, de Vienne... a pedra tumular, que indicava o sitio provavel, em que jaz o grande compositor Mozart!

Accrescenta o mesmo jornal, que se desconfia de que tenha sido algum viajante inglez, colleccionador de antiguidades!

Esta só acudia a um excentrico britânico! Mas porque artes se pode tirar de um cemiterio uma pedra tumular; leva a para fora, sem que os guardas dessem por isso? Teriam sido comprados? Neste caso o facto mostra o grande empenho que teve o supposto amator de curiosidade de possuir semelhante monumento. Mas se assim é, se julgou que elle indicava o verdadeiro sitio, em que encontram os restos mortaes do insigne compositor, perdeu seu tempo, trabalho e dinheiro. Até hoje igoorase onde Mozart fora sepultado. Tambem se pode dar a hypothese de que o supposto excentrico inglez quizesse tirar a pedra do seu logar, visto que ella nada significava ou não satisfazia á curiosidade do publico e do viajante.



Mulheres e crianças chinezas em trajos de primavera.

Doce de goiaba inteira recheada

A goiaba não ha-de ser verde, nem muito madura, descanse-se, faz-se uma roda no fundo com um canivete, tiram-se os caroços todos com um pausinho, lava-se com o dedo por dentro para se extrahir algum agonia, deita-se logo na calda e ferve-se; no dia seguinte tira-se a mexa e no outro dia ferve-se e deita-se a escorrer em uma peneira, prepara-se calda nova e põe-se em meio ponto de pingar, isto é, depois de pasta alta. Note-se que esta fructa não se mexe com a escumadeira, balança-se com o tacto, guarda-se até encandilar, depois secca-se, prepa-

vida campezina, sinto-me preso da maior das angustias e arrependo-me de ter sido assim cruel...
A borrasca passou, e no céu luminoso o arco da allançã explende.

Voltasse eu hoje a essa morada risonha que o teu vulto gracil enflora e alegre e, tu, Julia, (pelos teus cabellos perfumados!) havias de me ver aos teus pés rendido, pedindo-te perdão pela tortura que te causou a rudeza das minhas palavras de honlem.

todas as minhas leitoras, que tenham filhos, recomendo o Colunay como um complemento indispensavel da educação physica e moral das crianças. Não se imaginam os benefícios que para ellas resultam dessas festas que se



Scena no mercado de Changhai.

Versos

Luminoso o sol explende
no céu-rutilante umbrella.
Minha alma é feliz! Comprehenho
que outra alma se lembra della.

Penso em ti, pensas em mim,
D'abi os nossos pensares
v am, pelo céu sem fim,
encbendo os ares.

Do peito, quebrando as grades,
voam, como o pensamento,
nossos beijos e saudades,
n'aza do vento.

Vão saudades! Bando exul
à terra toda encmbrando,
vaando de norte ao sul,
do sul ao norte voando.

E o sol de argenteos lampejos
não nos deslumbra,
que a nivem dos nossos beijos
o sol obumbra.

Milras, 1901.

BELMIRO BRAGA.

Cartas á Julia

Honlem o dia da nossa reconciliação.
Confessaste-me tudo, e a cada phrase dos teus purpuros labios descaia sobre tua cabeça o meu perdão.

E, agora, ao imaginar-te docil, recompondo-me—facto por facto toda a litoria de um amor que te alegras em tempos idos os dias monotonos dessa tua

Ah! feliz, muito feliz o que nunca teve o coração
alanceado pela suspeita de que Aquella por quem
vive e por quem morre conserva no pact. vivissima
ainda a lembrança de um fugitivo amor e que pode
um dia vir a enflorar se e a florir!...

Julia, era essa suspeita a causa de todo o meu pa-
decer; e, agora, ao devolver-te esses versos—tão nefandos
bontem e hoje tão castos—deixa que eu depositena
símbrã do teu vestido branco o mais innocente dos
beijos; e que o nosso amor—como um rio que asso-
berbado pela cheia sahisse fóra do seu alveo e alaga-
sse campos e campos—volte ao leito prmitivo e des-
lize—margens floridas sempre—sem o mínimo rumor,
até desaguar muito longe nesse negro e tormentoso
mar—a Morte...

1901

RAPHAEL.

CHRONIQUETA

Rio, 24 de Junho de 1901.

Escrevo este artigo ainda sob a impressão das
suas mais selvagens que tenho presenciado desde
que conheço esta infeliz cidade, tão digna de melhor
sorte.

O povo fluminense foi barbaramente e covardemente balen-
do pela policia; eadram nesses riuas homens innocuos,
assustados ou feridos pela soldadesca da rua dos Bar-
bôjos, no mundo de officiaes inconscientes ou estupidos,
malucos ou sanguinarios.

E tudo isso porque o povo, ou antes uma parte do
povo, num justo movimento de indignação, protestou con-
tra o augmento das passagens nos bondes da Companhia
S. Christovão,—reclamação tão legitima que foi attendida
por aquella empresa, que, aliás, não tinha melhor deli-
beração a tomar.

Não occupemos, porém, a attenção das aasas fermo-
sas leitoras com tão dolorosos assumptos, e esperemos,
votando, pelo «resonoso Inquerito» que sobre os desman-
chos da policia o governo mandou abrir... pela propria
policia.

Se alguma coisa me p ude consolar da tristeza cau-
sada pelos excessos policiaes, foi a segunda festa do Co-
lunay Club, realisada hontem no Jardim Botânico.

Não ha rhetorica sufficiente para esbocear a noticia
dessas bellas festas infantis, que vieram ta o caso de
empregar a chapul prelenheir uma possível lacuna. A

realisou todas as vezes, ora aqui, ora ali, no Parque
Fluminense, no Jardim Botânico, nas florestas das Pa-
mouras e da Tiquea, no formoso e ignorado Jacarepaguá,
no Jardim Zoologico, etc., sempre ao ar livre, sempre ao
sol,—o sol, esse grande amigo das flores e das crian-
ças.

No obituario destes ultimos dias figurou o nome do
Dr. Carlos Feldhagen, um fluminense distinctissimo, me-
dico de grande competencia, cidadão que primava pela
elevação do caracter e por uma educação que lhe dava o
verdadeiro tipo do gentleman.

A noticia do seu fallecimento passou quasi desperce-
bida, soffrida, como foi, pelo barulho da cavalleria dep-
hecal, e o seu cadaver baixou á sepultura como um ca-
daver anonymo.

Isso não impede que o Dr. Carlos Feldhagen seja
prezado por numerosas familias que o consideravam a
providencia do lar, e guardarão religiosamente a sua
memoria como a de um homem de bem, verdadeiro apos-
tolo da sciencia, para empregar aqui um termo que tantas
vezes tem sido mal applicado.

ELOY, O HERÓE.

THEATROS

Rio, 20 de Junho de 1901.

Estreou-se no Apollo a companhia Souza Bastos com
a opereta a *Beneza*, de Andrau, fazendo o papel da pro-
tagonista a actriz Palmira Bastos, esposa do empresario,
que é realmente graciosa. Não lhe faltaram applausos.

Seguiu-se a opereta *Giroffé e Giroffá*, um das parti-
turas mais sulitantes de Lecocy. Ah! o heróe da noite
foi o eximio actor comico Alfredo de Carvalho no papel
de Bolero de Alexandre.

Os artistas do Lucinda, que parece terem prodilecto
pelas velhas peças, fizeram uma reprise, aliás pouco in-
teressante, da *Filha do Rei*.

Pelos modos, a companhia do Recreio está desmanta-
lada, poucas vezes ligura agora nos annuncios, e, segundo
se diz, alguns artistas dessa companhia vão dar especta-
culos em Helle-Horizonte, capitaneados pelo actor Colias.
Temos notado que todas as companhias de que faz parte
este artista se desmantelam.

O publico fluminense continua a preferir a tudo o
Moulu-Rouge, o Cassino Nacional e o Jardim da Guarda
Velha.

Sua alma, sua patria.

X X X

NOVIDADES MUSICAES

Recebemos e agradecemos.

Do Sr. Manoel Antonio Guimarães, Machuca, cançõeta, letra do Patrocínio Filho e musica de Francisca Gonzaga; Gostoso, tango por D. do Sacramento; Preciso fallar te, tango por Amilto Sans; Rio Grandense, schottisch de J. M. de Azevedo Lenos; Ouvidoriana, polka militar de F. de Carvalho; Encantadora schottisch de J. C. Christo; Revoalhas, schottisch de Ernesto de Souza; Me Compra Yoyo, cançõeta de Eroesto de Souza; Aurea, polka de Alfredo Castro.

Das Srs. E. Bevilacqua & C.

Sur les bords du Tieté, barcarolle, musica de G. Foschini; Ora Mistica, melodia por canto, poesia de A. Bignotti e musica de G. Dufriche; La Tarfalla, valsa de E. Gelli; Pagã, valsa de G. R. Brilo Fernandes.

Das Srs. Fernin de Vasconcellos, Morand & C.

Quadrilha dos Solteiros, musica de Costa Junior; Meus Olhos, cançõeta, musica e letra Julio de Freitas Junior; Não Comi, polka de Luiz Martins Corrêa.

Correspondencia

Muita attenção—Aos assignantes de publicações estrangeiras tão somente, temos o prazer de avisar que sofrerão grande abatimento por causa das melhoras do cambio, as assignaturas de Jornaes, Revistas, Gazetas e Illustrações, etc., etc.

Pede-se toda a clareza no nome das pessoas que se dirigirem á nossa casa por correspondencia, assim como indicar por extenso o lugar de residencia e nome do Estado.

Os pedidos de informações devem vir sempre acompanhados de um selo de 200 réis para a devida resposta.

A. Lavignasse Filho & C.

AVISO ÀS SENHORAS.



O'APIOL Dos Drs **JORET e HOMOLLE**

CURA **AS DORES, OS ATRASOS A SUPPRESSÃO REGRAS**

DEPOSEMOS GERAL

Ph. G. SÉGUIN, PARIS
165, Rue St-Honoré, 165
E EM TODAS PH'S E DROGS

PROPHECIA

Si o rei dos deuses, o patente Jove, precisasse de louças algum dia, oh! com toda a certeza as compraria na rua Larga, cento e vinte e nove.

MARIA JULIA

XAROPE DELABARRE (DENTIÇÃO)

Xarope sem narcotico recommandado ha ja 20 annos pelos medicos. Facilita a sahida dos dentes, evita ou faz cessar os soffrimentos e todos os accidentes da primeira dentição.

Egija-se o Carimbo official e a assignatura Delabarre.

FUMOUCZE-ALBESPEYRES, 78, Faubourg Saint-Henis, Paris e em todas as pharmacies

PAPEL E CIGARROS ANTI-ASTHMATICOS de Bⁱⁿ BARRAL

Recommandados pelas summidades medicas. Preparações muitissimo efficazes para a cura da ASTHMA, das OPPRESSOES, das ENXAQUECAS, etc. 16 ANOS DE SUCCESOS.

FUMOUCZE-ALBESPEYRES, 78, Faubourg Saint-Henis, Paris e em todas as pharmacies.

NUNCA APPLIQUE-SE UM VESICATORIO SEM SE TER O VESICATORIO DE ALBESPEYRES

o MAIS EFFICAZ e o MENOS DOLOROSO de TODOS os VESICATORIOS. Egija-se a Assignatura **ALBESPEYRES** no LADO VERDE. FUMOUCZE-ALBESPEYRES, 78, Faub^o St-Denis, PARIS e AS PRINCIPAES PHARMACIAS.



DR. PIVER PARIS

REFLE incarnat

NOTO PERFUME

SUAVIDADE — FRAGRANCIA — DELICADEZA

CAUTELA COM AS IMITACÕES

O DENTARIUM

É DIRIGIDO PELO CIRURGIÃO DENTISTA **PAUL KIEFFER DE PARIZ**

LAUREADO COM DISTINÇÕES PELA FACULDADE E DE MEDICINA

A tabella adoptada pelo O DENTARIUM e que esta sendo diariamente publicada nos principaes jornaes, não fô estabelecida com o fim de fazer affluir a clientela para depois cingir-a a acceptar preços differentes dos publicados.

CONSULTAS GRATUITAS

Extracções de dentes ou raizes.....	20000
Anesthesia local (com cocaine ou nervalina).....	25000
Limpeza geral dos dentes.....	50000
Obturar (vulgo chumbar) á platina, prata, esmalte, osso artificial, cimento, isonandra, porcellana, etc.....	50000
Obturar a ouro (vulgo chumbar) de 105 a.....	300000
Remoção de polpas e tratamento dos canaes de dentes mortos (contando a parte a obturatura da coroa do mesmo).....	30000
Dentaluras de vulcanite, cada dente seja qual for o numero.....	50000
Idem, cada dente chapeado eu ouro de lei, seja qual for o numero.....	100000
Dentalura de ouro de lei, cada dente seja qual for o numero.....	150000
Idem, sem chapas, sem grampos ou colchetes, sem molas (este processo é o chamado "travali á pont) cada dente.....	350000
Dentes e coroas de ouro de lei garantidos (sem solda).....	250000
Dentes á pivot (de accordo com os modelos que apresentaremos aos nossos clientes) 105, 205, 305 e.....	400000

PRESTAÇÕES

Finalmente, devolve-se a importancia dos trabalhos protheticos que por qualquer motivo não estiverem a gosto do cliente.

12 RUA DOS OURIVES 12
das 7 horas da manhã ás 8 da noite

VICHY-ÉTAT

VICHY-HOPITAL
Molestias do Estomago e do Intestino.

VICHY GRANDE-GRILLE
Molestias do Fígado e do Appareho bilioso.

VICHY-CELESTINS
Molestias dos Rins e da Bexiga, Gattas, Diabetes.

AO RECEITAR ESPECIFIQUEM BEM O NOME

PASTILLES VICHY-ÉTAT
COMPRIMÉS VICHY-ÉTAT

CRÈME SIMON

PARA **CONSOVAR** ou **DAR** ao rosto **FRESCURA MACIEZA MOCIDADE.**



Para proteger a epiderme contra as influencias perniciosas da atmosphera, e indispensavel adoptar para a toilette diaria o **CRÈME SIMON.**

Os **PÓZ** de Arroz **SIMON** e o **SABONETE** Crème Simon, preparados com glicerina, a sua acção benéfica é tão evidente que não ha ninguém que o use uma vez que não reconheça as suas grandes virtudes.

J. SIMON, 36, Rue de Provence, PARIS
PHARMACIAS, PERFUMERIAS e lojas de Cabellereiros.

Desconfiar das Imitações.

PILULAS DE BLANCARD

APPROVADAS PELA ACADEMIA DE MEDICINA DE PARIS

Resumem todas as Propriedades do **IODO** e do **FERRO.**

40 Rua Bonaparte PARIS



Estas Pilulas são de uma efficacia maravilhosa contra a **Anemia, Chlorose** e todos os casos em que se trata de combater a **Pobreza do Sangu.**

A felicidade pelo casamento

Uma das minhas intelligentes leitoras brasileiras escreveu-me uma carta encantadora, em que me dá a honra de pedir-me alguns conselhos praticos para a vida do seu «ménage» insipiente.

Com uma percepção finissima dos mil deveres complexos da sua nova existencia, peço-me ella algumas notas, que a experiencia por ventura me forneça acerca de uma questão tão suprema — a felicidade pelo casamento!

Longe de ter a noção falsa, perigosa, sentimental de que a felicidade do nestado é uma planta que medra espontaneamente sem cuidado de cultura metuclosa e intelligente, ella sabe, não porque a vida lhe ensinasse mas porque é sagaz e observadora, que não ha planta de estufa mais delicada, mais difficil de cultivar e de conservar se não a vida. sempre opulenta de colorido e de seiva do que essa planta que parece vir d'um clima estranho tal é a individualidade com que se habitua a viver entre nós.

Não basta amar, não, minha pobre e gentil noiva de vinte annos; é necessario *saber amar*.

E que arte complicada, exigente, feita de pequeninos mais indispensaveis detalhes!

O que mata em flor a felicidade de quasi todos os casaes é a falsa idéa em que se tem estado até hoje, de que o amor existe por si só; como Deus, e não precisa de condições de desenvolvimento além daquellas que lhe são immanentes. E as mulheres e os homens, seduzidos pela attracção instinctiva que os arrasta uns para os outros e á qual dá o nome de amor, julgam que essa sensação momentanea durará toda a vida, e bastará para enchel-a de gosos e de alegrias intimas, perduraveis e immortaes.

Amar então com todas as imperfeições de sua indole, com todas as exigencias do egoismo, com todas as levandades do seu temperamento, com todas as coleras ou todas as impaciencias do seu genio e ficam desolados ao perceberem que em pouco tempo deram fim ao que lhes parecia eterno, destruíram com inexperiencia infantil o que lhes parecera durar sempre.

Que culpa tem o amor das culpas humanas?

Não o maldigamos. Elle é o grande consolador das nossas agonias, elle é o sentimento que mais de perto nos faz comprehender o sonho ambicioso de uma felicidade infinita.

Quantas vezes elle mente ás suas promessas, por culpas que são nossas, e que não nos atrevemos a confessar.

Tenho visto mulheres desfazerem pelas suas proprias mãos a felicidade da casa; tenho visto tambem pobres e obscuras martyres luctarem pela conservação da paz interna, do alinhamento domestico, da organização da familia e nada mais conseguirem senão... morrer exauridas de força!

De resto, estas cousas são tão contingentes, prestam-se tão pouco a que a respeito d'ellas se formule uma lei geral!...

O que no entanto é fóra de duvida é que sem esforço não ha bem algum terrestre digno de merecer o nosso apreço de creaturas pensantes, de organizações superiores.

Fazem-me sempre rir os *amores* deste mundo. Em cem sentimentos que se intitulam assim, muitas vezes nenhum merece o nome sagrado que roubou!

E admiram-se depois que a felicidade seja tão rara!

Sob o nome generico de *amor* quantas variedades de instincto, quantas explosões de temperamento, quantas satisfações de vaidade!

E no entanto poucas são dignas de sofrer!

Nunca houve sentimento mais nobre, mais raro e mais... profanado!

Amor é tudo! Como se o amor não fesse uma intecção lenta qual a alma se vai elevando á contemplação do infinito.

Sabia amar aquelle que disse esta phrase profunda e triste: *Tout ce qui doit mourir est court!*

— E contudo qual é o amor que preenche uma curta vida de homem? Nenhuma.

E' que poucas almas sabem supportar as amargas e profundas delicias d'este sentimento, pelo qual o homem afirma a sua ascendencia superior

E' necessario ter a capacidade de sofrer muito, para se saber amar muito.

Ninguém compra a posse d'esse *dom* sagrado senão com muitas lagrimas!

Provavelmente, minha querida senhora, deixei-a em uma incerteza igual a quella em que estava antes de me haver consultado.

Que quer?

Para cousas d'estas não ha preceitos sem axiomas dogmaticos.

Se se sentir capaz de abdicar de si a ponto de fazer a sua felicidade da felicidade que dêr a seu companheiro de vida, estou certa que atingirá a elevação sagrada a que aspiram as que amam!

Se quizer achar no amor a satisfação das suas vaidades juvenis, dos seus caprichos de mimosos, de suas graças de *coquetterie* innocente, não tente mesmo a experiencia — ha de sahir-se d'ella cruelmente para si.

A felicidade pelo amor é o preço d'um esforço sublime, d'uma aspiração divina!

E' por elle custar tanto a atingir que merece o valor que lhe damos!

Para a creatura nobremente imbuída da idéa do seu destino, só tem merecimento o que include o trabalho esforço, lucta e aspiração racional!

Não se entregue passivamente á vida que desenrola diante de seus olhos. Combata para alcançar a felicidade, e verá que doce ella lhe vai ser, quando a vir como o premio legitimo do seu legitimo e nobre esforço moral.

MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO.

Lamento

Um diluvio de luz cae da montanha:

Eis o dia! eis o sol! o esposo amado!

Onde ha por toda a terra um só cuidado

Que não dissipe a luz que o mundo banha?

Flora casto medrada em crua penha,

Revolto mar ou golfo congelado,

Aonde ha ser de Deus tão olvidado

Para quem paz e alivio o céo não tenha?

Deus é Pae! Pae de toda a creatura:

E a todo o ser o seu amor assiste:

De seus filhos o mal sempre é lembrado...

Ah! se Deus a seus filhos dá ventura

A esta hora santa... e eu só posso ser triste...

Serei filho, mas filho abandonado!

ANTHERO DE QUENT L.

O maior navio

No principio do mez passado, diz a *Shipping Gazette*, foi lançado ao mar em Belfast o primeiro navio de 20.000 toneladas de que ha memoria no mundo.

Sem o menor embaraço, e com pouca cerimonia, mas entre os applausos entusiasticos de muitos milhares de espectadores o enorme leviathan, o *Celtic*, sahlu das carretas onde estava ha dois annos desde que começou a sua construcção. Certamente o lançamento ao mar de um navio desse genero não é um máo começo de seculo, tanto para os seus proprietarios como para os seus constructores.

A White Star Line e os Srs. Harland & Wolff desde ha muito tempo cooperam para o desenvolvimento da navegação oceanica e de combinação muito tem feito para apressar esse desenvolvimento.

O *Celtic*, derradeiro producto dos seus esforços combinados, é, e por grande differença, o maior navio jámais construido em todo o mundo

Quando estiver prompto para se fazer ao mar poderá dar moradia a um numero de pessoas duplo daquelle que o maior hotel da terra pôde accommodar.

Terá além d'isso um pessoal de bordo, cujo numero não será inferior a 350 homens.

Grande como é, porém tidas em conta as actuaes exigencias do serviço atlantico, não é absolutamente importuna a sua construcção.

A unica tristeza que empanou a alegria do auspicioso acontecimento do dia foi a recordação de que a sorte não permittiu ao Sr. T. H. Ismay assistir ao lançamento deste navio, cuja construcção fóra a ultima de suas ordens e cujo acabamento propcionava á navegação ingleza e ao commercio inglez mais um passo na grande trilha da civilisação, que em grande parte se lhe deve.

O *Celtic* tem 700 pés de comprimento, 75 pés de largo e 41 pés de profundidade, com uma tonelagem de 20.830 e um deslocamento de 37.700 toneladas, quando carregado.

O famoso vapor *Oceanic* da Linha Star Line, lançado ao mar no principio do anno de 1895, é até hoje o maior navio que fluctua sobre os mares: o *Celtic* é, entretanto, 3.600 toneladas maior. A tonelagem de deslocamento do *Celtic* é quasi dupla a do *Kaiser Wilhelm der Grosse*, e 10.000 toneladas maior do que a do *Great Eastern*. Ao seu lado os couraçados e cruzadores modernos são quasi pigmeus. O couraçado mais moderno tem necessariamente o seu calado e a sua largura, mas o *Celtic* é mais de 300 pés mais comprido e o seu deslocamento é muito superior ao do bordo do deslocamento dos referidos couraçados.

Realizado o lançamento, os espectadores tiveram occasião de admirar as nobres linhas do novo vapor, quando elle já fluctuava no rio, dominando como um gigante tudo quanto lhe estava em torno. Os rebocadores que estavam ao pé delle pareciam verdadeiros brinquedos.

Belfast estava justa e perdoavelmente orgulhosa da sua derradeira produção, o maior triumpho da sciencia da construcção naval a que a humanidade jámais assistiu.

Diz-se que antes do mez de Julho o *Celtic* estará completo e prompto para fazer o serviço do commercio transatlantico.

BIMAS

AO TENENTE VIDAL

Qual penna que o vento leva,
A mulher sempre varia!
Ai! bem tolo quem se fia
Nas loucas promessas de Eva!

V. Hugo.

Quando a lyra da tristeza
Num canto idealisa amores,
O coração em tremores
Pede á corola das flôres
Balsamos da natureza —
— Oh! triste fado e destinos,
Ai, que tristes desatinos!

II

O' tu galhardo vade do ideal,
O' tu que como Dante, ou qual Petrarca,
Ou qual Tasso immortal hoje te altelas,
— Poeta! — se o coração! hoje te abate,
— Conder! afoga essa paixão que bate!

III

O vento que sibila, o raio que fulmina
Ai! não têm o poder do teu sorriso vão,
O' mulher — O' mulher! estrela peregrina,
Na luz do teu olhar queimei o coração!
E procurei na dor um laivo de esperança
Mas apenas achei a minha viltar dança
E chorei... e chorei aos gritos da paixão!

ASHAVERAS

Mundo em ruínas

Cantar, si o coração suspira ? !
Deixal-o, ao menos, suspirar
E possa, agora, a voz da lyra
As suas maguaes embalar.

Ai, vem-me d'alma esta saudade,
Desesperado e torvo mar
Que estoura, ao longe, a claridade
De algum extranho e doce luar.

Porque desperto, a noite em meio,
E fico, tremulo, a escutar
Os vagalhões dentro em meu seio:
Desillusões, luto, pezar ?

Em certas vezes, no alvo rio
Queixoso e lento, a murmurar,
Me julgo, sob um céu de estio,
Vendo o meu sonho deslisar.

Tomam-me, então, visões de outra ora:
Oh, como é doce o recordar !
Mas logo o tédio me apavora
E, dentro em mim, ouço dobrar,

O tempo, creio, tangi o sino ;
Porém que triste badalar !
Talvez que o tanja o meu destino
E a noiva levem-me a enterrar.

E estou distante ! Quem me dêra
Cortando o espaço, voar, voar,
E as suas palpebras—chimera !
Piedoso e tenro, então fechar !

Poder também na sepultura
Contrictamente ajoelhar
E nessa terra, sacra e pura,
Algumas rosas desfolhar !

Embalde, embalde ! a noite desce :
— Presentimentos, dôr, penar.
Si azas tivêra a minha prece
Fôra em seu tunulo posar !

E' morta, diz-me o pensamento ;
E como, em furia, o velho mar
Explode, irrompe o meu tormento,
E o coraçãopode chorar ?

CARVALHO ARANHA.

As façanhas de Dewet

O capitão inglez Corballis, que foi feito prisioneiro pelo general Dewet, com todo o comboio que escoltava, publicou no *Daily Mail* curiosos pormenores das campanhas de Chistiano Dewet, o heroe boer, cuja historia será no futuro considerada como uma lenda.

Na marcha que empreendeu a oeste de Pretoria para se reunir ao general Botha, os inglezes obrigaram-no a parar no caminho de Rustenburg.

Estavam muito descansados os soldados de Lord Roberts ; agora sim, era certo ; tinham-no finalmente agarrado : ao norte, forças inglezas ; mais inglezes do Sul ; a oeste, Preteria ; e a este o deserto.

Dewet não teria remedio senão aceitar a batalha, para depois se render.

Era escura a noite, e, enquanto esperavam pelo dia, os inglezes ouviram constantemente o barulho de carros, vozes de commando, o ruido d'um exercito que toma posições.

Indubitavelmente os boers estavam preparando o campo de batalha.

Ao romper da aurora, a vanguarda ingleza avançou e viu aquillo que suppunham ser o acampamento boer : eram trinta ou quarenta carroças desconjunctadas e vasias, duntas voltas, puxadas por bois escanifrados, tísicos, marcando passo na pista d'uma especie de circo grotesco.

Os inglezes, embatucados, prenderam os conductores, seis brancos e vinte pretos, mataram os bois que já não podiam com os ossos, e retrocederam, enquanto o general Dewet, a frente de 3.000 homens, outros tantos heroes, atravessava de novo o rio Vaal e enfurecia o estado maior inglez.

Outra occasião, entre Natal, Spruit e Standerio, Dewet, perseguido, acompanhado de um comboio de munições e mantimentos, foi esbarrar a um acampamento inglez.

Não hesitou um momento ; seguiu pelo meio do caminho e avançou descaradamente. A primeira guarda avançada, um grupo de soldados que encontraram perguntou-lhe onde estava um destacamento inglez, pois tinha certeza de que lhe ia a vanguarda. Um sargento respondeu-lhe com toda a affabilidade.

O comboio seguiu como se fosse inglez por entre duas filas de barracas de campanha.

Os officiaes, que comiam ao ar livre agrupados á frente da barraca do commandante, tapavam a bocca ; — « Maldito comboio ! Que raio de poeira que levanta ! »

E o audaz guerrilheiro não encontrou mais obstaculos.

Outra occasião, como nos romances, surpreendeu uma sentinella ingleza e de revolver em punho impediu que ella desse a voz de alarme.

Passaram os seus 3.000 homens e o comboio ; e durante tres horas e meia a sentinella não pôde respirar.

Dewet veste os seus soldados com os uniformes novos dos inglezes que vae encontrando nos comboios que aprisiona.

Respeita rigorosamente a propriedade particular. Quando os seus soldados se permitiram agarrar em um sacco de cartas inglezas e começaram a abri-las, Dewet fez lhes abandonar a presa. Algumas semanas depois, os inglezes encontraram as cartas com todas as notas do banco e valores que continham.

Nos centros e clubs militares de Inglaterra admira-se a bravura, a intrepidez, o caracter e a tactica do heroe boer.

— x — x —

Maio e Junho

Maio expira...

As flores — tristes perguntam, das muchas bastes,
— Maio, porque vos partistes ?
— Maria, por que o levastes ?

E a gente, qual num desmaio, repete, com a alma sombria :
— Por que te partiste, Maio ?
Por que o levaste, Maria ?

Aves, na Terra, estonteadas, andam... morrem nos caminhos ; não na luz pelas estradas, nem ha gorgeios nos ninhos,
No céu, a lucida estrella que tremeluz, que scintilla, talvez para ninguem velar, tímida, fecha a pupilla.

E Maio é morto. Entretanto, reviverá dentro em breve...
— Oh ! mez de Supremo Encanto, que Deus, *in face*, te leve,

Já que Amor, que o Frio adora, feliz, de arco e flecha em ponto, lá do Palacio da Aurora,
— sauda a entrada de Junho !

II

Junho nasce...

As serranias, como que envolve se o gelo :
— As bambãs tornam-se frias, e as noites — um pesadelo !

O Inverno, demonio horrivel, que Deus largou sobre o Mundo, como o gardingo terrivel, tudo veigasta, iracundo !

Sobe aos Céus, e o Sol embaça nem veu de brumas espessas ; desce á Terra, e se debruça por sobre as nossas cabeças !

A todos, rapido, ataca...
Traz nos, a todos, de trote, cortando como uma face, vibrando como um chicote !

As flores cresta. Congela tudo, enfim, como um perverso, desde o seio da donzella, a mão que traça este verso !

E, pelos Céus azulados, ligeiros, bem como um raio, lá vão dois pompos doirados, levando o esquife de Maio.

LUIZ PISTAR

O rico e o pobre

Martinho era um rapazito, que ganhava a sua vida a fazer recados ; um dia, voltando de uma aldeia muito distante da sua, acabando-se cansado deitou-se de baixo de uma arvore, á porta de uma estalagem junto da estrada.

Estava comendo um bocado de pão que tinha trazido para jantar, quando chegou uma bella carruagem em que vinha um fidalguinho, com o seu preceptor.

O estalajadeiro correu immediatamente e perguntou aos viajantes se queriam aprear-se, mas responderam-lhe que lhes trouxessem um frango assado e uma garrafa de vinho.

Martinho estava pasmado, a olhar para elles ; olhou depois para a sua couda de pão, para sua velha jaqueta, para o seu chapéu do roto, e suspirando baixinho :

— Ora se fosse aquelle menino tão rico, em vez do desgraçado Martinho ! que fortuna se elle estivesse aqui e eu dentro daquella carruagem !

O preceptor ouviu casualmente o que dizia Martinho e chamou o seu alumno que, lançando a cabeça fora da carruagem, chamou Martinho com a mão :

— Ficarias muito contente, não é verdade, meu rapaz, podendo trocar a minha sorte pela tua ?

— Peço que me desculpe Sr. . . replicou Martinho, chorando, o que em disse não foi para mal.

— Não, estou zangado contigo, replicou o fidalguinho, pelo contrario desejo fazer a troca.

— Oh ! está a adivertir-se commigo ! tornou Martinho, ninguem quereria estar em meu lugar quanto mais um bello e rico menino como o senhor.

« Ando muitas loguas por dia e como pão secco e batatas, enquanto que o senhor anda em uma carruagem, pode comer frangos e beber vinho.

— Pois bem, voltou o fidalguinho, sime quizeres dar tudo aquillo que tens e eu não tenho, doate em troca, de boa vontade, o que possuo.

Martinho ficou com os olhos espantados, sem saber o que havia de dizer, mas o preceptor continuou :

— Aceita a troca ?

— Ora essa ! exclamou Martinho, ainda m'o pergunta ? Oh ! como a gente da aldeia vai ficar assombrada de me ver entrar nesta bella carruagem !

E Martinho desatou a rir com a ideia da entrada triumphante na sua aldeia.

O fidalguinho chamou os criados que abriram a portinha e o ajudaram a descer. Mas qual foi a surpresa de Martinho, vendo que elle tinha uma perna de pão e que a outra era tão fraca que se via obrigado a andar em duas muletas ; depois, olhando para elle, de mais perto, Martinho observou que era muito pallido e que tinha cara de doente.

Sorriu para o rapazito com ar benevolo, e disse-lhe :

— Então sempre desejas trocar ?
Querias por ventura, si pudeses deixar as tuas pernas valentes e as tuas faces coradas, pelo prazer de teres uma carruagem e andar bem vestido ?

— Oh ! não, por e isa nenhuma ! replicou Martinho.

— Eu, disse o fidalguinho, de boa vontade seria pobre se tivesse saude. Mas, como Deus quiz que eu fosse alejado e doente soffro os meus males com paciencia e faço por ser alegre, dando graças a Deus pelos bens que me concedeu na sua infinita misericordia. Faz o mesmo, meu amiguinho e si comes mal, tens força e saude, coisas que valem mais que uma carruagem e que não se podem comprar com dinheiro.

GUEBRA J. SOEIRA.

Saudade mensageira

A' ENMA, JOVEN J. V.

Minha saudade intensa, companheira
Das agruras que soffro neste exilio
Vae, n'um remigio d'ave, alvigeira,
Pousar de minha Amada sobre o cilio...

N'uma linguagem doce e prasenteira
Diz-lhe que vivo a suspirar, o idyllo
Anteg'sando, até que a vez primeira
Habitemos os dois um domicilio...

F lla-lhe d'este Amor que, puro, vês
N'um crescendo continuo e ininterrupto,
E diz-lhe o que eu d'ria se la fóra ;

Mas não te olvi tes que de cada vez
Que fallo n' o seu nome, o olhar enxuto
De subito de lagrimas se enflora.

EMILIO DE CAMPOS.

Taquara, 25 de Maio de 1901.

MOLDES



Temos a satisfação de communicar as nossas gentis assignantes e leitoras que, apesar de nosso silencio, continuamos com o nosso serviço de moldes tanto d' *Estação*, como de qualquer outro jornal, para esta cidade e para o interior da Republica.

Ha uns bons trinta annos temos nos incumbido desse serviço, confiando-o sempre a pericia de verdadeiros artistas em materia de côrtes.

Agora mesmo as senhoras a quem confiamos esse trabalho, são das mais habilitadas mestras do assumpto, no qual não temem confronto.

Nunca recebemos reclamações contra o serviço da casa e com affirma podemos assegurar que estamos habilitados a satisfazer a fleguezia mais exigente, sem que tenhamos receio de que nos venham dar lições de apuro e bom gosto, nem uma modicidade de nossos preços.

Para o presente numero offerecemos :

N. 15 — Saia,	18 50
N. 30 — Saia com f. lho.	18 00
N. 7 — Saia	18 00

Os recados são recebidos no escriptorio desta folha, bem como, a importancia que deve acompanhar o pedido.

Pelo correto mais 100 réis para o primeiro molde e 200 réis para cada um dos que se seguirem.

Telfon - Hismond

Esta vez a crise não vem dos Estados Unidos. Os habitantes de Budapest deixaram muito para trás os yankees.

Na forma e celta cidade que o Danubio abraçava, existe, com effeito, ha oito annos, um jornal como não ha outro igual no mundo.

É um jornal que não tem typographia, que não emprega papel, que não tem distribuidores nem vendedores. E, contudo, dá duas edições especiais aos domingos e diversas diarias pelos dias da semana fora. Gosa de grande favor dos annunciantes, porque queira ou não, o assignante ha de forçosamente ler conhecimento dos annuncios de tão extraordinaria publicação.

Em taes circumstancias não é de extranhar que o jornal de que se trata tenha tido um exito economico e que os 20 contos de capital nelle empregados produzam um juro avultado.

O pessoal da redacção compõe-se d'um director, quatro redactores, nove noticiarios e quatro redactores, e o extraordinario do caso é que não se trata de um jornal impresso, mas sim do jornal fallado.

As noticias são adquiridas pelo pessoal affecto a este serviço, como é de uso em todas as partes; são depois escriptas concisamente numa folha de papel e entregues aos redactores, que corrigem a forma, se entenderem necessario. Passam depois

para o director que as lê e põe o visto, se entende que são boas e as dá para o recitador, que é o encarregado de as fazer chegar aos assignantes.

Estes são actualmente em numero de seis mil e duzentos em Budapest. A hora fixa, cada assignante recebe em sua casa, com toda a commodidade, as noticias do dia frescas a saltar, communicadas pelo recitador.

Mas é esse individuo que vai a casa dos assignantes contar os factos? Não disse.

O recitador falla aos 6.200 subscriptores ao mesmo tempo. Ha, para isso, um aparelho telephonico especial nos escriptorios do jornal, e cada assignante tem em sua casa um aparelho receptor apropriado.

O recitador, que tem uma voz clara, bem educada e que vocaliza muito bem, falla deante do aparelho telephonico do jornal. Os 6.200 assignantes, sentados nos respectivos gabinetes, ouvem ao mesmo tempo as noticias que são communicadas dos escriptorios do jornal. Os annuncios vão intercalados de um modo suave e artistico nas noticias e chegam quer queira, quer não queira aos ouvidos do assignante.

O sistema seria, comuho, incompleto se se reduzisse a emitir por telephonio discursos mais ou menos extensos, o que obrigasse o assignante a estar alerta em determinado momento para receber as noticias e estas ficariam perdidas para o assignante, se este não tivesse em casa ninguem para as receber.

Para remediar este inconveniente existe no aparelho telephonico receptor um aperfeiçoamento que permite fixar e reproduzir sempre o que se queira, a noticia expedida, isto é, o que o recitador communicou. Uma cinta metallica recebe no domicilio de cada assignante a communicação feita.

Uma campainha dá o aviso de que se está falando. Se houver em casa quem as queira ouvir, recebe as noticias directamente, mas de toda a maneira, estas ficam portat form fixas na cinta que, com um simples movimento desta cinta em sentido contrario, por meio de um botão e diante de um electro iman que tem o receptor telephonico, tornam a reproduzir-se sempre que se queira. E isto pode repetir-se indefinidamente.

O inventor desta interessantissima applicação da theoria do jornalismo foi um austriaco chamado Theodoro Buschgasch, natural electricista, que morreu pouco tempo depois de Realisar o invento (em 16 de março de 1893), mas quem tornou a consolidar o invento, fundando uma empresa util, feliz e de resultados praticos, foi o Sr. Emilio von Svetes, actual director do jornal conhecido em Budapest com o nome *Telefond Hismond* ou *Noticias Telephonicas*.

Isto não é nem mais nem menos do que uma parcella das maravilhas que se vão dando no mundo e que vão ser presenciadas pelos que viverem no século XX.

NINON DE LENCLOS

esmeralda da ruiva, que jamais ouso manchar-lhe a epiderme, lá passava dos 80 annos conservava-se jovem e bella, attribuindo sempre ao pedagoga sua certidão de baptismo que rasgava á crua do Tempo, cuja face embolava-se sobre sua encantadora physionomia, sem que nunca deixasse o menor traço. «Muito verde ainda» vin-se obrigado a dizer o velho rubicundo, como a raposa de Lafontaine dizia das uvas. Este segredo, que celebria e egosta fizeira jamais confiar a quem quer que fosse das pessoas daquelle epocha, descobrio-o o Dr. Levonte entre as folhas de um volume de *L'Histoire amoureuse des gaules*, de Bussy-Rabutin, que fez parte da bibliotheca de Valmore e é actualmente propriedade exclusiva da **PARFUMERIE NINON, MAISON LACOSTE, Rue du 4-Septembre, 31A Paris.**

Esta agua tem no á disposicao das nossas elegantes, sob o nome de **VERITABLE EAU DE NINON**, assim como as receitas que d'ella provém, por exemplo, o

DUVET DE NINON

pó de arroz espectral e refrigerante;

Le Savon Crème de Ninon

especial para o rosto que limpa perfectamente a epiderme mais delicada sem alteral-a.

LAIT DE NINON

que dá alvura deslumbrante ao pescoço e aos hombros

Entre os productos conhecidos e apreciados da **PARFUMERIE NINON** contam-se:

LA POUDRE CAPILLIS

que faz voltar os cabellos brancos á cor natural existe em 12 cores;

SEVE SOURCILIERE

que augmenta, engrossa e bruna as pestanas e os supercilios, ao mesmo tempo que dá vivacidade ao olhar

LA PATE ET LA POUDRE MANDERMALE DE NINON

para fuura, alvura brilhante das mãos, etc., etc.

Cavem exigir e verificar o nome da casa e o endereço sobre o rotulo para evitar as emittações e falsificações

PARFUMERIE EXOTIQUE E. SENET

35, Rue du 4-Septembre, 35, PARIS

MÃO DE PAPA de duque, de príncipe, por meio da **Pâte des Prélats**, que embranquece, tira, a-secca a epiderme, impede o decair das freixas e os rachos.

UM NARIZ PICADO de pequenas borbulhas ou com cravos torna a recuperar sua brançura primitiva e suaz côres lisas por meio do **Anti-Bolbos**, producto sem igual o muho contrafeito.

CUIDADO COM AS CONTRAFACÇÕES &

Para ser bella e encantar todos os olhos deve se servir da **Fleur de Pêche** pó de arroz feito com fructos exóticos.

POUCOS CABELLOS

Fazem-se crescer e cerrados empregando-se **l'Extrait Capillaire des Benedictins du Mont-Majella**, que tambem impede que caíam e que fiquem brancos.

E. SENET, Administrateur, 35, Rue du 4-Septembre, Paris.

NÃO ARRANQUEM MAIS os dentes estragados, sande-os e branqueie-os com **l'Elisir dentifrice des Benedictins du Mont-Majella**.

E. SENET, Administrateur, 35, Rue du 4-Septembre, e, Paris.

Racahout

DELANGRENIER

Alimento Completo

agradavel, leve e facilmente assimilavel

O verdadeiro RACAHOUT dos ARABES Delangrenier é o

Melhor alimento das Crianças

desde a idade de 7 a 8 mezes, e principalmente no periodo do desmamar.

TAMBEM é recommendado ás mães quando dão de mamar, aos convalescentes, aos anemicos, aos velhos; em resumo, todos os que precisam de fortificantes.

Exigir a marca verdadeira

DELANGRENIER-PARIS

É encontrado em todas as PHARMACIAS

Perfumaria extrafina

L.T. PIVER

PARIS

Corylopsis do Japão

Evitar as Imitações e Falsificações

Le Trèfle Incarnat

Perfume de Moda

Rosiris

Senteur des Prairies

Violettes de Parme

Dentifricios Mao-Tcha

PÓ, PASTA e ELIXIR

CALLIFLORE

FLOR DE BELLEZA

Pós adherentes e invisiveis

Graças ao novo modo porque se empregam estes pós communicam ao rosto uma maravilhosa e delicada belleza e deixam um perfume de exquisita suavidade. Alem dos brancos, de notavel pureza, ha outros de quatro matizes diferentes, Rachel e Rosa, desde o mais pallido até ao mais colorido. Poderá pois, cada pessoa escolher a cor que mais lhe convenha ao rosto.

PATE AGNEL

Amygdalina e Glycerina

Este excelente Cosmetico branquea e amacia a pele, preserva do Cieiro, Irritações e Comichões tornando-a *avelludada*; pelo que respeita as mãos, dá *solidez e transparencia ás unhas*.

AGNEL, Fabricante de Perfumes,

16, Avenue de l'Opéra, Paris.

Em suas seis Casas de venda por tudo nos bairros mais ricos de Paris.

HOUBIGANT

PERFUMISTA

da RAINHA D'INGLATERRA e da CORTE da RUSSIA

PARIS

AGUA HOUBIGANT

SABONETE PARA O TOUCADOR

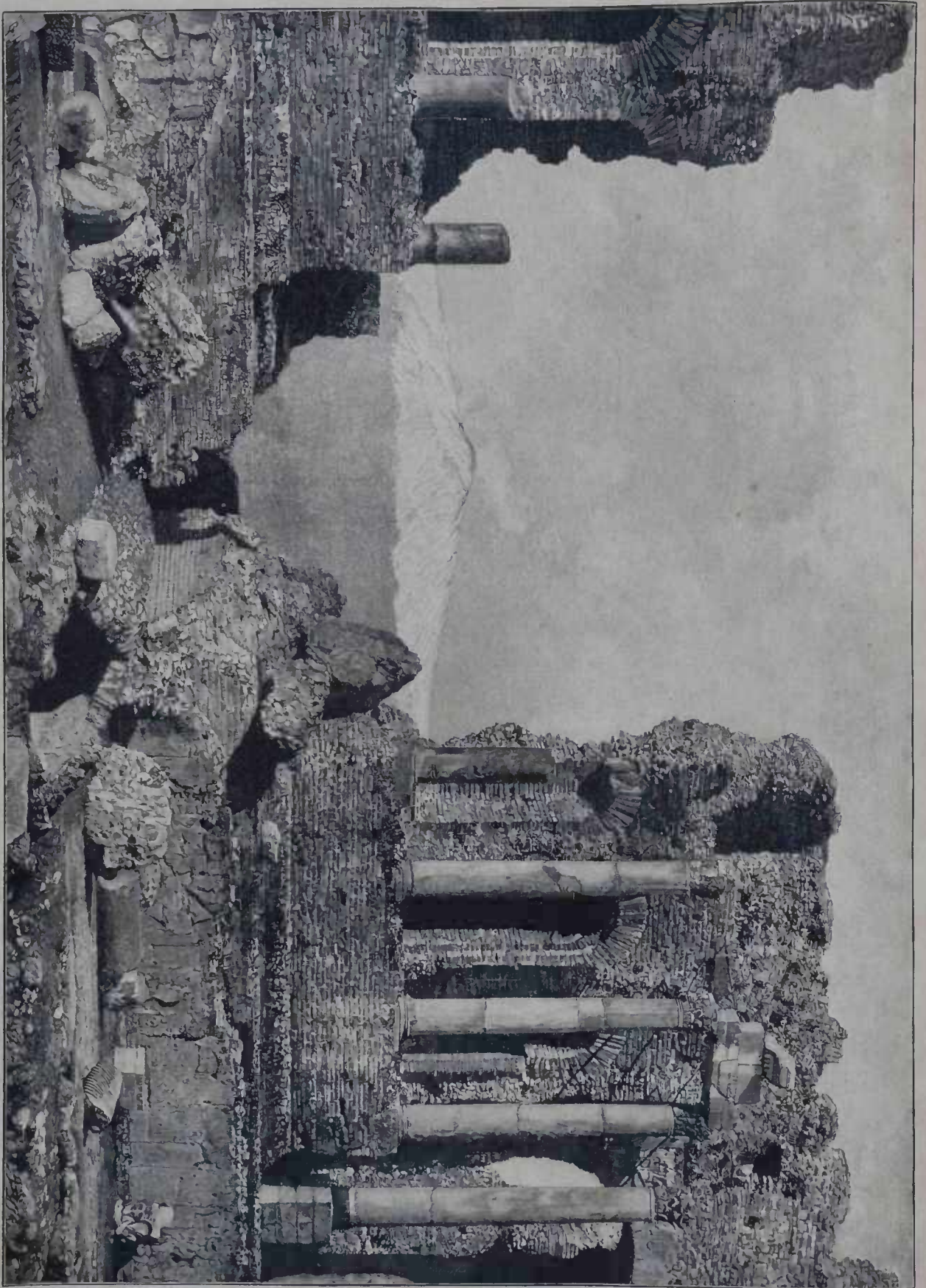
AGUA de TOUCADOR Royal Houbigant.
AGUA de COLONIA Inveriale Russe.

EXTRACTOS PARA LENÇOS: Violette Idéale, Royal Houbigant, Eau d'Espagne, Moskari, Iris Blanc, Le Parfum Impérial, Mouki, Muguet, L'Éillet Reine, Impérial Russe, Lilas Blanc, Heliotrope Blanc, Fougère Royale, Glorina, Jasmim d'Espagne, Cuir de Russie, Girofle, Corydalis, Bontou d'Or, Sunrise, Rococo.

SABONETES: Ophelia, Peau d'Espagne, Violette Idéale, Fougère Royale, Lait de Thibadee, Royal Houbigant.

PÓS OPHELIA, Talisman de Belleza
PÓS PEAU D'ESPAGNE.
LOÇÃO VEGETAL, para os Cabellos.
PÓS ROYAL HOUBIGANT.

PERFUMARIA ESPECIAL MOSKARI



As ruínas do theatro de Taormina.

O CÉO

Viagem ideal eu fiz um dia
Aos parâmetros azues além fulcindo,
Toda a minúscula soffega partia
Por esse firmamento vasto e lindo.

E que buscava nesse andar infundo?
Que aspiração de lonco me impellia?
— Buscava o céu!... o céu de que prescindio,
Pois na terra o encontrei como queria.

E' um sonho talvez: Um paraíso,
Iluminado ao sol do teu olhar,
Perfumado com as rosas do teu riso.

Um bello céu que não conhece inferno,
Onde comtigo saberei gozar
Toda a delícia de um amor eterno.

OSCAR D'ÁLVA.

Rio, 27-1-1900.

(Do Livro de Laldé)

— x — x —

A uma mulher

Criança, fosse eu rei, que trocaria o imperio,
Foi meu cetro e meu sceptro e o applauso popular,
Minha corôa de ouro, e o banho fresco e ethereo,
E minha esquadra enchendo o duplice hemispherio,
Só por um teu olhar.

Fosse eu Deus, e o universo, e o ar e o mar profundos,
Os anjos, bons e máus, curvos ao sceptro meu,
E o colubo enorme e escuro e de seios fecundos,
A eternidade, o espaço e o firmamento e os mundos
Só por um beijo teu.

(Trad.)

ALBERTO M. DE OLIVEIRA.

Nichteroy — 1901.

PEQUENAS TELAS

CELESTE

I

Que noite feliz foi a de hontem para o meu
creação de pae! Sonhei que Celeste, a filha que
fugindo deste mundo, levava para a pequenina cam-
pa — as minhas lagrimas e o meu profundo sentimento
de saudade — estava viva.

Oh! como foi sincero o meu prazer ao abraçal-a,
ao apertar aquelle corpinho querido nos meus
bracos!

E ella! Como estava formosa e alegre!
Ah! Fui feliz, enormemente feliz!...

II

Depois... a realidade viera matar me o riso, a
felicidade! Acordava e Celeste desaparecera!
Cherei então!

Um consolo me resta: Nos sonhos, ao menos
nos sonhos, eu posso beijar minha filha, minha ido-
latrado filha! Posso abraçal-a e dizer com orgulho:
Vejo-te... vejo-te... és a minha Celeste! O meu
anjo querido!...

ARTHUR GOULART.

O Fluminense, 19 de Junho de 1901.

— x —

TENTADORA

Nem cuido, nem rindio, nem cubra a minha
Nada pôde imitar a formosura
Das suas harmoniosas labias que a brancura
De sua tez mimosa mais enloura.

Mais os vé meo olhar, mais eu namora;
Mais os tal-os que, mais se encaustura;
E d'ahi, sem cessar, solta a tertura
Da paixão que sentuz e que apavora.

Ao ver-te eu meo fogo, pedida;
Negror do inferno ou luz do paraíso
Encabe toda minúscula esbeteada

Sem velada o meu fim por bem dividido...
Tande pedida, a seus! Tira-me a vida
Antes que eu torne a ver o teu sorriso!

A. AZAMOR.

ANTES...

A' uma noiva

N'um caxião pequeno, estreito, adormecida
com a fronte ideal enregelada e fria
repositando eternamente e desprezando a vida
fóra melhor, oh Deus, em contemplal-a um dia

No leito sepulchral (na carne transformada
os vermes em festim, em saturnal sombria)
as mãos postas em cruz, a bocca entrefechada
fóra melhor, oh Deus, eu contemplan-a um dia

Antes Ella morresse esta alma me levando
em noite de soffrer infundo e miserando
gemendo acochegado a seu sei nevado

Antes vêr-se na tumba a que nos fez amante
dizer-lhe o ultimo adeus no funeral instante
do que ver-lhe na fronte — a c'róa de noivado.

OSCAR RAMOS.

Porto Alegre — 1901.

— x —

Mosaico

Um pobre diabo, desesperado com as imperti-
nencias da sogra, resolve suicidar se.

Dirigiu-se á beira do rio e poz se a andar de um
lado para outro.

Chega-lhe um amigo e pergunta-lhe:

— Que fazes homem?

— Vou-me afogar.

— E estás passeando?

— Não, estou esfriando o corpo para não me cons-
tipar!

✻

No cartorio de um tabellião apparece um rascuro
para fazer testamento.

— Quantos filhos tem?

— Cinco seu tabellião... e tres que morreram
oito.



Idyllio de primavera.

SAUDADES

(A. Gomes da Costa)

Meu Deus! meu Deus! quando lembro triste
 O amor que outr'ora dominou a minha vida;
 Quando me lembro da mulher querida,
 Desses dias por quem fui tão adorado.
 De quem me separei saudoso e triste
 Para sempre, meu Deus, p'ra toda a vida;
 Quando beijo chorando o seu retrato,
 E fito as flores secas e mirradas
 Que outr'ora me offertara sorridente
 Dizendo que as guardasse entre meus versos,
 Como lembrança d'esse amor bendito;
 Quando recordo os beijos que trocamos,
 Ella, meiga sentada em meus joelhos,
 Reclinada a cabeça no meu hombro
 Balbucand' phrases amorosas
 Entre caricias e sorrisos ternos;
 Quando penso em tudo isto com saudade,
 N'esse passado encantador, risonho
 Que nunca mais ha de voltar, meu Deus!
 Meus olhos tristes enchem-se de lagrimas;
 A saudade me esmaga e me tortura;
 Punge minha alma que soluça e chora
 Na solidão, no negro isolamento,
 Em que pranteio o tempo que se foi!
 Não pode haver martyrio igual a este:
 Sofrer-se longe da mulher amada,
 Partir talvez p'ra sempre de seus braços,
 Deixar essa que outr'ora após um beijo
 Nos diz apaixonada— Amo-te muito—
 Se eu pudesse esquecê-la, ah! se eu pudesse
 Esmagar a saudade que me punge!
 Não poderei meu Deus, que é impossível
 A flor odiar o sol que lhe deu vida,
 Aquelle beijo ardente, apaixonado
 Que uniu as nossas bocas no momento
 Em que me despedi, foi um grilhão
 Que me prende eternamente a ella,
 Não poderei jamais deixar de amal-a,
 Jamais esquecer essa mulher
 Em cuja alma apaixonada e pura,
 Sempre encontrei amor, sinceridade,
 Aquelle anjo adoravel, que chorava
 Quando a tristeza me velava os olhos,
 Que sorria feliz, quando eu sorria,
 Animando-me, enchendo-me de esperanças,
 Enxugando com beijos minhas lagrimas
 Quando eu desesperado, ia descrente
 Sofrendo os contratempos da existencia,
 La buscar consolo nos seus braços!
 Ah! como era sublime e catinã
 Apeitudo-me assim contra o seu peito,
 Jurando ser eternamente minha!
 Juras de amor que ella a sorrir fazia
 Entre dois longos beijos catinãhos!
 E eu de tudo, de tudo me esquecia:
 As misérias, as lutas pela vida,
 Para gosar aquelle doce instante,
 Ebrio de amor vivendo so por ella!
 Como é triste lembrar-me nesta hora,
 Em que minha alma chora com saudade,
 Esse amor ideal que ainda vive
 Persequindo as miragens do passado,
 Envolvendo nas nevas da saudade!
 Morrer! morrer! como seria doce
 Habitar para sempre a campã fria
 Velada pelas sombras do cyreste!
 Só assim alcançaria o esquecimento
 Quem supporta um martyrio igual a este,
 A morte não é mais do que o socego,
 A paz abençoada que consola,
 Que nos alegra para sempre as magoas,
 Que nos enxuga os olhos para sempre!
 Morrer? Mas para que? Deixa-la assim
 No mundo para armar de novo um outro,
 Desfallecer n'os braços d'outro amante,
 Cobrir de ledos beijos outros labios,
 Esquecer que jurou amor eterno!
 Não, não quero morrer, seria hoirivel!
 Meu Deus! já sinto a garra do ciuime
 Estrangular-me o peito soffredor!
 Se eu pudesse agarral-a n'este instante
 E, unidos num abraço derradeiro,
 Lançarmo-nos ao mar enfurecido,
 Afogados sorrindo à tempestade,
 Abençoados a morte protectora
 Que nos ligava assim eternamente!
 Como seria bom morrerem juntos!
 E nossas almas para sempre unidas,
 Abandonando os corpos sobre as ondas,
 Partit'as sorrindo para o azul,
 Vivendo ignoradas e felizes
 Nas regiões do sonho e do mysterio,
 Alheias ás misérias e ás intrigas,
 Aos preconceitos e ás mentiras falsas
 Que negtjeiam o meio em que vivemos
 Como seria bom, Nenem querida!
 Minha, só minha, eternamente minha,
 Vivendo para mim unicamente
 Nesse amor ideal, puro e sublime
 Que o poeta sente no brillar da estrella,
 No seu duma flor que desluzbrocha,
 No gemido duma ave ao por do sol,
 Nos selugos nostálgicos das ondas
 Que vão beijar a prata solitaria
 Na doce claridade do luar,
 Reflectindo-se a flor dos mausos lagos,
 Como é tão doce e ubar assim contigo!
 Meu Deus! como este amor é puro e santo!
 Adeus, adeus, mulher que tanto amei!

Adeus visão que me sorri em sonhos!
 Julgar-me hei feliz neste momento,
 Se teu olhar saudoso e escismador
 Pousar sobre esta folha dolorida,
 Onde minha alma angustia da lembrança
 Esse amor ideal que já sentimos,
 Serei o mais ditoso dos mortuos!
 Se te lembrares d'esses tempos idos!
 Adeus, adeus, Nenem, perdoa, adeus!

1901. NOBREGA JUNIOR

CONVERSEMOS

Pobre viajera da Idéa, a philosophia das cousas ora entristece-me profundamente, ora faz-me raciosinar sobre as misérias da vida, sobre tudo quando leio qualquer noticia sobre suicídios, como o de uma moça brasileira que o fez, motivado por uma grande paixão. Antes dissei, porém, lera em diversos telegrammas, que Bressi, o assassino de Humberto I, suicidara-se na prisão, depois de arrogar tanta indifferença pela sua nova sorte.

Tomei então um livro de Oliveira Martins sobre o socialismo, outro de Malou e as Mentiras convencionaes de Max Nordau, o primeiro pensador da actualidade, e defuzi que realmente o operario europeu tem razão, posto que seja difficil, como querem, o despejo do rico em favor pobre, que forma duas classes bem distinctas e eternas.

Do socialismo mal interpretado nasceu o fenomeno do *anarchismo* revoltante e torpe.

Victima desses loucos do hospicio da vida, a victima foi uma mulher conhecida no mundo inteiro como a personificação da bondade, como Elizabeth imperatriz da Austria, o fóra da desventura.

Insensivelmente, nós, as mulheres, tomamos sempre o partido do fraco, por uma especie de compaixão nata: não é assim?

Eis porque tendo o culto da *sympathia* a mais ardente, a Margarida, a suave Margarida, vivamente magoada no seu coração, pela morte tragica de seu marido.

Oh! quanto sinto não ter a pena de ouro de qualquer mulher illustre, para expandir-me sobre o caso, sem arremessos de sábia e muito mais a ser tida sem ver frizados os labios coralinos da leitora benevola, julgando me pretenciosa?

Eu não o sou, apenas digo o que penso, o que sei e o que aprendo, sem fazel o para armar effeito, eis tudo... A leitora da *Esquazão* há de estar habituada commigo; portanto, peço venia para dizer algo sobre o assumpto, sem massal-a. Entre os grandes pensadores da actualidade, Leão XIII já escreveu a sua admiravel Encyclica acerca do caso, erimando, com tudo, o anarchismo, que manha o marfim branco do esteio desse edificio sonhado em proveito das classes deparadas de meios argentarios.

Só desequilibrados poderão sahir dos moldes bons da avançada social; portanto, um anarchista, é um desequilibrado sem concepção politica oriunda da nobreza intellectual, nem tampouco possui o seu credo, honestidade de consciencia; não!

Procedendo assim, conseguirá o patrimonio universal. Para um crime como o de Bressi, poderá haver perdão, indulgencia ou piedade?

Todavia, Margarida, ao ter a noticia do suicidio do desgraçado, dirigiu-se à capella do seu palacio, orou por elle, pediu a Deus perdão para o miseravel.

Só uma grande alma tal faria, ou por outra, só a alma da mulher procederia por essa forma.

Sabe a leitora porque?

Foi porque teve como collaboradora a Fé christã sem carollismo, esse Bem que apazigua o coração e o dilata por nossos horizontes, em proveito dos seus semelhantes.

O lenitivo e o beneficio que a consciencia dispensa nos bons, fez-se de depressa sentir. Ao seu espirito enfermo, desceu um raio de vida; no carcere privado das suas afflicções, entre os cardos negros da vida, surgiu agora um lyrio branco—Yolanita, princeza de Roma, flor de neve da casa de Saboia, que da arvore da natureza, dos galhos frondosos de uma estirpe real, veio apaziguar o mar tempestuoso da sua viuvez eterna.

Oxalá possa ella, quando rainha da Italia, a semelhança de outras soberanas, pela bondade e energia, impedir que o seu throno seja manchado pela praga anarchista, já que a politica certamente não poupara o menor dos seus actos, embora bem intencionados.

Que responsabilidade tem uma festa corada, sobre tudo quando o diadema peza sofre a fronte de uma mulher!

LEONARDO

VISÃO

AO PEDRO BAPTISTA

Erinavas, eu me lembrei, ems errenem,
 Vagava a lua pelo espago obscuro;
 Uma visão havelva suldo e mousso,
 Follora... e oether pousoum a mousso.

Divina filla eu quero dizer
 Que os seus honorem te ligando a mim
 E porventura e dalle se me sae?
 — Baxvasto a fronte e respousante: — Sim!

Um que do doce te achava na terra
 Ha visão lora que contente errenem,
 Tachando assim meu ideal em terra!

Agora dille... e ao meu olhar sorria
 Do nosso amor nada provar me resta,
 Follora a visão so mousso contente.

LEONARDO DE OLIVEIRA

Ruicfe

Versos de outrora

Junto ao penhaço inclemente
 uma fonte sempre existe
 doce, mansa, transparente,
 murmura, serena e triste.

Mas, meu Deus, quanto escolhos
 não me traz essa lição!
 Ras e de agua tens os olhos,
 frio e duro o coração...

E, no meu viver insonte,
 note agora o centralito,
 que nos olhos tens a fonte
 e o penhasco tens no peito.

Minas, Maio de 1901.

BELMIRO BRAGA

Bôlo Jacobino

(MINEIRO)

Para fazer-se tão delicioso bôlo, cujo titulo enci-ma estas linhas, é necessario respeitar a seguinte receita.

Prepara-se um prato fundo; bem cheio de mandioca ralada, meio prato de queijo de Minas ralado, um kilo de assucar feito em calda meia rala, doze gemmas de ovos, uma colher das de sopa de canella em pó, meia chicara de manteiga e meia chicara de banha de porco bem fresca e um côco ralado, de ois de tudo isto feito, junta-se a mandioca com a calda e vai-se mechendo até ficar com um mingau bem grosso, tira-se do fogo, e deixa-se refecar, depois junta-se o mais bem misturado, unta-se a forma com manteiga e vai ao forno para cozer.

Rio, 10-7-91.

COTISHA.

Cantando...

Quem cantando desprender a vida

Quero seguir a estrada da existencia

Limitado o viver das avesinhas:

Soltando o olhar as penas minhas

Em gestos de procer, ou de incoerencia,

Fazendo como as lestas andorinhas:

Rufando as azas, procerar elementar

N'outros e mais mais brandos, que n'ouso eia

Minimam o soffrer das pobresinhas!

E assim cantando, sentirei conforto,

E tu pobre coração já quasi morto,

Terá forças n'extremo despedida

Mesmo n'angustia da maior tortura,

Dizer sorrindo nos pés da sepultura,

«Quero cantando desprender a vida».

J. Job,

Rio, 1901

Curioso Parallelo

E' muito curioso o seguinte parallelo, feito por Felix Piat, entre as capitães francezas e inglezas:

Pariz é direita, Londres é canhoto; o cocheiro parizienso guia à direita, o de Londres à esquerda; o primeiro colloca-se na frente do vehiculo, o segundo à retaguarda; Pariz é compacta, Londres é dispersa; Pariz augmenta por absorpção, Londres por expansão; Pariz edifica com pedias, Londres com tijolos; Pariz tem casas altas e ruas estreitas, Londres ruas largas e casas baixas; Pariz tem janellas de portadas, Londres janellas de correr; as persianas em Pariz estão do lado de fora, em Londres do lado de dentro; Pariz é collectivista, residindo em casas que são quarteis, Londres é individualista, tendo cada familia a sua casa; Pariz tem o seu porteiro, Londres a sua chave; Pariz pronuncia «cação», Londres «caaco»; Pariz deixa a cama logo de manhã e que está posta junto à parede, Londres deixa o leito muito mais tarde e que está collocado no meio do quarto; Pariz come pouco, Londres muita; Londres diz V laire, possui oco religioes e um unico molho, Pariz tem ao molh's e nem uma só religião; Londres serve-se d'un garfo de tres dentes, Pariz d'un de 4; Pariz é alegre, Londres é taciturno; Pariz passella, Londres corre; Pariz tem poucos soldados, Londres tem muitos; o soldado parizienso traz farda azul e calças vermelhas, o londrino usa farda vermelha e calças azues; em Pariz os padres celebram casamentos, em Londres casam-se elles mesmos; em Pariz as mulheres casadas são livres, em Londres deixam de o ser; Pariz tem mais suicidas, Londres mais homicidas; Pariz trabalha, Londres trafica; em Pariz a rapaziada bate-se a pontapé, em Londres a murraça; o proletariado parizienso chama á casa de prego «milha tita», o proletariado londrino chama ao monte pio «meu tio».

LOIRAS

Como uma epidemia, bem mais grave do que a meningite cerebral epidemica, alastrou-se em Lisboa a moda terrivel e horrivel das mulheres portuguezas pintarem os cabelos de loiro. Essa moda, estragando os cabelos e a expressao regional das caras, se pode agrandar aos *gourmets* sensuaes de amores esquisitos, não agrada a ninguém que esteja na santa physiolgia do amorinho ao natural, como manda a Biblia e nos pede a sanidade do corpo e da alma.

A mulher portugueza, que vive exactamente da cor dos cabelos, do moreno da pelle, dos olhos negros fulgurantes e dos magnificos dentes—passa na traducção chimica da cabellera a representar o papel de numia, desatmando medonhamente a cor da pelle com o colorido artificial dos pellos.

Lembrem-se disto: quando a natureza faz o bello, numa creatura, e o liga como melodia ao grande concertante symphonico de um coo, de um terreno e de umas arvores, typicas e caracteristicas de um torrao de paz, é necessario conservar o no tom em que foi afinado, quando não produz os arrepios que o Sr. Biel de S. Carlos fazia no publico quando puxando para um lado, a orchestra se afastava para o outro, que era o da partitura.

O caso é este. Mulher que nasceu morena, de cabelos negros, aza de corvo, de supercillios d'ebano e pestanas como traços a nankim, accentuando-lhe o olhar falcante e as feições quentes, terrenas, carnudas, com essa cor biliosa de epiderme que tem toda a portugueza e lhe marca a ferocidade vulcanica no ciume e a loucura estonteadora no beijo, — mulher assim, não pôde decretar de um dia para o outro, a metamorphose chronica do cabelo sem estragar completa e profundamente o effeito da mascara, como se estraga e perde o effeito de um quadro quando se lhe muda a moldura rica de pau santo em *baquette* dourada de papelão.

O loiro pertence á creaturinha franzina e pallida, transparente de carne, com veias verdes a rastejar na pelle, bocca desmauada de rosa que desabotoa, nariz afilado de cera, sobrancelhas e cílios como pennugens d'ouro enchendo de penumbra a claridade meiga d'uns olhos azues celestes. E' a cor de cabelo que convém ás finguinhas ideicas de Caethe e de Wagner, as Desdemonas e as Ophélias, as contempladoras das neves e sonadoras do sol...

As nossas não podem ser assim, a menos que não consigam raspar o pigmento da pelle e alliviar o tom carregado e forte dos olhos e das feições. A mulher portugueza nasceu para ter cabelos negros; trar-lhos, transformar-lhos, é o mesmo que prender o vôo das pombas e matar á sede uma roseira...

Por isso, as que se pintam, ficam estioladas, murchas, inexpressivas, e dão-me o ar de ter sido mandadas á lavadeira, num dia triste, voltando de lá, deslavadas e desbotadas...

No theatro portuguez a mulher loira é uma praga. Desataram todas a pintar os cabelos, dando o triste resultado de se assistir a uma peça passada em Frenx de Espada a Cinta, que iria puzer norueguesa, pela cor das cabelleiras das personagens. Os empresarios e os criticos, e até mesmo o publico deveria impor-se e manifestar-se.

Até as coristas! Já deitam mão ao frasc' da droga e apparecem no *Burro* ou no *Silva* com carinhas d'Elzas de Lohengreen de capellista! Ora, não ha maior desalor!

Lavem-se, lavem essa droga!... Droga, que afinal pode desandar em doença do coiro cabelludo, quando não desanda em afflicções d'uma familia como ainda ha pouco ha succedendo. Afflicções sérias e muito graves para a felicidade d'um lar.

O caso é de sete mezes, quando muito. O nosso presado Mario B., rapaz interessante, sympathico e alegre, casou ha tres annos com uma senhora de familia distinta e rica, boa pequena, mas diabolicamente insupportavel no capitulo «ciumeira»... Todos os dias, naquella casa, bavia scenas, lagrimas, juras e pazes feitas, por causa d'uma linha que o homeminho trazia no feto, d'um cabelo encontrado no chapéu, d'um bilbete mysterioso na carreira... Um inferno um verdadeiro inferno!

O anno passado, por doença da senhora, o medico aconselhou-a a usar de banhos numa praia. O rapaz não podia acompanhala por especiaes serviços burocraticos em Lisboa.

Foi ella com os paes, com a promessa de que elle se portaria bem e de que iria vel-a aos sabballos. Partiu. Mas o diabo tece as. O Mario encontrou uma joven dos seus tempos de solteiro e anichou-se com ella. A joven usava nos cabelos essa terrivel agua oxygenada que os doirava estupidamente.

Mario B. sentia-se bem; a solta, gosando os beneficios da ausencia da mulher... Aos sabballos ia vel-a, com uns ares de sonso e muitos protestos d'amor e fidelidade...

Num dos sabballos de manha, em casa da amante levantou-se tarde, vestiu-se á pressa, lavou-se, perfumou a cabeça, penteou-se, a galope, num instante. Estava pelos cabelos! Era tardissimo! Num pulo chegou a repartição e conseguiu ainda assignar o ponto mercê da benevolencia do chefe. Estava elle todo enroscado ao trabalho, quando o Chleco/Souza, vizinho de carteira, lhe tocou no hombro.

— Que é?
— Ouve lá, que mania é essa do loirinho?
— Hein?!

E o Chleco accentuava o *loirinho* com um ar de quem sabia a historia tola. O Mario, de si para si, deu sorte, mas nem se atreveu a perguntar-lhe como sabia los seus amores illicitos. Limitou-se a sorrir e continuou trabalhando... Saiu cedo. A' porta notou que o continuo se sorria e lhe piscava o olho... Não fez caso. Na rua, olhavam-no espantados... Que teria elle?... Trez vezes, quatro vezes, esteve para parar e perguntar aos typos.

— Quer alguma coisa?
Mas eram horas do comboio e elle precisava partir, partir sem falta. Quem aturaria a mulher se elle e elle perdesse o comboio? Chegou á estação. Comprou bilhete, tomou logar na carruagem e o comboio largou.

Mas na outra estação entrou o amigo Menezes e ao vel-o, em gargalhadas, perguntava lhe aos berros:
— O' Mario, que tens tu no touço que estás todo loiro?

— Loiro?!
— Todo loiro, sim!
— Oh! diabo!
Puxou d'um espelhinho... Era certo: estava loiro, todo loiro, ás manchas, nos bocados...
E de repente, lebrou-se! Em vez de deitar o *rhon* e *pana* costumado, enganara-se no frasco e, com a precipitação, esfregara a cabeça com a agua oxygenada da outra...

Na estação seguinte apeio-se e correu ao telegrapho:
— Impossivel partir, Chefe não dispensa. Serão e trabalho domingo. Até sabado, — Mario.
... E levou uma semana inteira a decorar a cabellera...

MANUEL PENTRADO.

A Nova Cruzada

«As missas da Nova Cruzada, periodico litterario fundado em Maio na Bahia»
Pois éms letras que um paiz se integra

ALONSO DE CARVALHO

Avante o tempo avante, obreros do futuro,
Que em pra da dilissão das letras trabalhais!
A patria vos contempla e tem ja por seguro
Que em breve transporta da Gloria os penetrais!

De eis muito litar, que as hoses negrejas
De espiritos sentis cois crevas trumadas
Quarrel lhos vos dirão, — mas vossa máos pesantais
Quarrel lhos lio de dar depois de illuminadas!

E' grande o vasso fú, o migo da *Novidade*,
— Athletas — que empunham a patria por espada;
Athletas — que erguis o livro por estada!

Mil bençãos vos darão futuras gerções,
Medindo as crevas d'hoje o as mil fulgurções
Da luz que ha de portar da proisio do ossado!

FLEMINO PEREIRA

Caravelas, 4 de Junho de 1901.

MAX NORDAU E O TRANSVAAL

É' interessantissimo o seguinte trecho de Max Nordau sobre a guerra anglo-boer:

«Disse eu que a causa da independencia dos boers era eminentemente interessante e sympathica. Não ha duvida. Mas a Alemanha tambem tem os seus boers. São os francezes da Lorena, que desde 1870 choram a perda da patria e que ainda não quizeram aprender a lingua allemã.

São os dinamarquezes do norte de Schleswig que defenderam com ictivel tenacidade a sua lingua natal, apesar das mil perseguições da administração allemã. São os polacos de Westprenssea e da alta Silesia que se agarram desesperadamente á sua nacionalidade.

Em summa, o desmornamento da Polonia, a sua divisão entre a Prussia, a Russia e a Austria deve ser um crime tão monstruoso como a suppressão de duas republicas boers pelos inglezes. Porventura os pan-germanicos que — a tod' o transe — querem a guerra com a Grã Bretanha para salvar a independencia dos boers, pensam em resistir a liberdade aos polacos da Prussia?

O crime não está ajuda prescripto: os polacos, apesar de 120 annos passados, assim o julgam. Não se germanisaram na Prussia, e, mesmo ameaçad polonisar toda a sua parte oriental, Gousa angustiosa! existe ainda uma questão polaca na Prussia, que occupou a camara dos deputados durante toda a semana passada.

Os polacos escreverem os enveloppes das suas cartas na lingua materna: os empregados dos correios desconhecem o polaco, os nomes das cidades, das ruas, de sorte que essas cartas se lhem atrasas e nsideraveis ou não chegam ao seu destino.

Naturalmente, os polacos protestau e o ministro dos correios responde que os seus funcionarios desconhecem a lingua na Polonia. Os polacos replicam observando ao ministro que, nesse caso, mande os seus empregados aprender polaco.

O ministro, por fim, declara que a lingua do paiz é o allemão e que o que elles fazem não pode ter mais tolerancia.

A questão está nesse pé: se os polacos desejam a entrega da sua correspondencia, serão obrigados a sobrescrita e em linguagem allemã.

Ora, digam-me: a sorte dessas creaturas difere muito da dos boers?

No entanto, nenhum pan-germanico ergueu a voz em favor dos primeiros.

Nenhum allemão pensa em restituir a Lorena á França, o Slesvig á Dinamarca e á Prussia polaca á liberdade e a independencia?

Por que? por malvadez?
Não. E' que semelhantes amputações enfraqueceriam a Alemanha, e não grande gento ostidae e justiça redundariam no suicidio da nossa patria.

A justiça será a lei da politica, quando a humanaidade formar uma e llectividade unica e os seus interesses forem communs.

Antes disso, o mais forte ha de esmagar o mais fraco.

Vae Victis!
Se me disserem que esta é a doutrina da Força sobre o Direito, responderei que não é uma doutrina, mas um facto empirico.

Em todo o caso, julgo singularmente illogica a minha indignação contra a politica ingleza do Transvaal, quando a propria Alemanha seguiu uma politica analogá contra povos civilizados e valentes como os boers.

Os estudantes russos

A *Independence Boer* publicou a seguinte communicação:

«Os abaixo assignados, professores das universidades russas, homens de sciencia, homens de letras, publicistas e jornalistas russos (entre os quaes estão nomes conhecidissimos) pedem-nos que publicuemos o protesto que se segue contra a brutalidade das autoridades russas:

«Nós abaixo assignados, homens de letras russas, privados da possibilidade de livremente exprimir as nossas ideias sobre as necessidades da nossa pobre patria, impedidos pela censura de fallar sobre o que se passa aos nossos olhos, de indicar uma sahida para a terrivel situação em que se debate a nossa sociedade, conscientes dos nossos deveres para com o povo, recorremos aos nossos confrades estrangeiros para por o mundo civilizado ao corrente das atrocidades que se commettem entre nós.

A 17 de Março, na praça de Kazan S. Petersburgo, a policia atirou-se sobre uma multidão inoffensiva e desarmada, de varios milhares de pessoas, homens, mulheres e crianças, e sem provocação de especie alguma, poz-se a chicotear e a ferir toda a gente com uma brutalidade e uma ferocidade sem iguaes.

Os cossacos, cercando a multidão e impedindo a de circular, carregaram sobre a massa compacta de curiosos, chicoteando e pisando e esmagando os desgraçados que cahiam sob as patas dos seus cavallos.

A policia agarrava e prendia ao acaso toda a gente que lhe cahia nas mãos, distribuindo socos, pontapes e lambadas. As pessoas mesmo que estavam lardadas, que imploravam a cessação da carnificina, eram maltratadas.

Taes são os factos de que alguns dos abaixo assignados foram testemunhas oculares. Atrocidades analogas foram praticadas igualmente em outras cidades da Russia. Cheios de terror e de angustia pelo futuro reservado ao nosso paiz entregue ao chicote dos cossacos e ao saque dos esbirros, convencidos de que a nossa indignação e partilhada por todos os nossos confrades russos, dos quaes não tivemos tempo de obter as assignaturas, por toda a sociedade intellectual russa, por todos aquelles que não perderam ainda os sentimentos de dignidade e da humanidade, convencidos ainda de que os nossos confrades estrangeiros não ficaram indifferentes ao que se passa entre nós...

Fazemos um apello á imprensa do mundo inteiro para que dê a maior publicidade possivel a constatação de factos lamentaveis, de que fomos testemunhas: (Seguem-se 45 assignaturas dos mais notaveis escriptores russos).



MOLDES

Temos a satisfação de communica-lhes as nossas gentis assignaturas e leituras apezar de nosso silencio, continuado com o nosso serviço de moldes tanto em Estónia, como de qualquer outro lugar para esta cidade e para o interior da Republica. Ha uns bons trinta annos temos nos incumbido desse serviço, confiando o sempre a pericia de verdadeiras artistas em materia de artes. Agora mesmo as senhoras a quem confiamos o trabalho, são das mais habilitadas mestras no assunto, no qual não temem confronto. Nunca recebemos reclamações contra o serviço e com utania podemos assegurar que estamos habilitados a satisfizer a freguezia mais exigente que tenhamos receio de que nos venham dar lieve apuro e bom gosto, nem na modicidade de nossos preços.

Para o presente numero offerecemos:
N. 13 — 12 — Saia com colletinho... 18
N. 14 — Saia... 1800
N. 15 — Saia... 1800

Os recados são recebidos no escriptorio desta folha, bem como, a importancia que deve acompanhar o pedido.

Pelo correio mais 300 réis para o primeiro molde e 200 réis para cada um dos que se seguírem.

As Forças

As forças da materia são propriedades intrinsecas, que produzem, ou podem produzir, modificações nos corpos.

Podem augmentar ou diminuir em um mesmo corpo, sem que a materia perca avel, que a constitue, tenha soffrido augmento ou diminuição. Um IMAN, por exemplo, supporta uma barra de ferro de alguns kilogrammas de peso. Esse mesmo IMAN supportará dez, vinte vezes mais peso si lhe for adicionada uma corrente electrica.

A força do IMAN decuplicou, multiplicou, sem augmento de sua massa ponderavel.

Parece, pois, que a força attractiva do IMAN não é de natureza diversa da electricidade, porquanto sua maior resistencia se operou por meio da corrente electrica.

Ora, sendo esta uma das manifestações do ether imponderavel, segue-se que a força attractiva do IMAN

não é inherente ao ferro que o forma, é alheia, é estranha, é ajuntada.

Ampere e outros physicos provaram a identidade do magnetismo e da electricidade, obtendo phenomenos magneticos por meio da electricidade e phenomenos electricos por meio dos IMANS.

Já se havia tambem provado a identidade do calor e da luz. Portanto, todas essas forças, que se revelam no seio da materia ponderavel, não lhe são essencialmente inherentes.

As propriedades quantitativas da materia ponderavel são absolutas e relativas.

As primeiras são a CONTINUIDADE, a MULTIPLICIDADE, e DIVISIBILIDADE e OS LIMITES.

As segundas, isto é, as relativas são a LOCALISAÇÃO, a IMPENETRABILIDADE e a ELASTICIDADE.

Estas propriedades individualisam os corpos simples e compostos e offerecem base para as acções mecanicas e chemicas da materia imponderavel, na qual residem as forças physicas.

Os phenomenos do PESO, DO CALOR, DA ELECTRICI-

DADE, DA LUZ e DO MAGNETISMO podem transformar-se uns em outros. A intensidade de cada um d'elles depende da quantidade de movimento, que o produz. Pode-se, pois, estabelecer uma UNIDADE DE MEDIDA, por meio da qual dando-se, por exemplo, a quantidade de calor correspondente á uma conhecida quantidade de movimento, chega-se a determinar theorica e matematicamente a que quantidade de calor corresponde certa quantidade de movimento. Verifica-se que o movimento produz calor, electricidade e luz e que as acções chemicas são acompanhadas de manifestações dessas entidades e dahi a lei da correlação das forças physicas.

Os aspectos dos corpos e certas propriedades, que elles apresentam, podem variar sem perda, ou augmento, da quantidade de sua massa.

A agua, por exemplo, pode achar-se no estado solido, liquido e gazoso, conservando o mesmo peso e tendo as propriedades relativas a esses tres estados.

O phosphoro é um corpo luminoso na escuridão, muito venenoso, de um cheiro nauseabundo, de cer-

NINON DE LENCLOS

escarcacia da ruga, que jamais ousou macular-lhe a epiderme. Já passava dos 80 annos conservava-se jovem e bella, tirando sempre os pedaços da sua certidão de baptismo que rasgava á cura do Tempo, cuja foice embotava-se sobre sua encantadora physionomia, sem que nunca deixasse o menor traço. «Muito verdadeiramente» via-se obrigada a dizer o velho rabugento, como a raposela Lafontaine dizia das uvas. Este segredo, que a celebre e gozosa flocera jamais confiara a quem quer que fosse das pessoas daquelle época, descobrio-o o Dr. Leonie entre as folhas de um volume de *L'histoire romantique des modes*, de Busy-Rabutin, que fez parte da bibliotheca de Voltaire e é actualmente propriedade exclusiva da PARFUMERIE NINON, MAISON LECONTE, Rue du 4-Septembre, 31 a Paris. Esta casa teio-no á disposição das nossas elegantes, sob o nome de VERITABLE EAU DE NINON, assim como as receitas que d'ella provém, por exemplo, o

DUVET DE NINON

pó de arroz especial e refrigerante;

Le Savon Crème de Ninon

especial para o rosto que limpa perfeitamente a epiderme mais delicada sem alteral-a.

LAIT DE NINON

que dá alvura deslumbrante ao pescoço e aos hombros. Entre os productos conhecidos e apreciados da PARFUMERIE NINON contam-se:

LA POUDRE CAPILLUS

que faz voltar os cabellos brancos á cor natural existe em 12 cores;

SEVE SOURCILIERE

que augmenta, engrossa e brune as pestanas e os supercilios, ao mesmo tempo que dá visibilidade no olhar

LA PATE ET LA POUDRE MANDERMALE DE NINON

para fiura, alvura brilhante das unhas, etc., etc.

Cavem origin e verificar o nome da Casa e o endereço sobre o rotulo para evitar as emittações e falsificações

PARFUMERIE EXOTIQUE E. SENET

35, Rue du 4-Septembre, 35, PARIS

MÃO DE PAPA de duque, de principe, por meio da Pâte des Prélats, que embranquece, alisa, acetina a epiderme, impede e destrói as frieiras e as ricas.

UM NARIZ PICADO de pequenas borbulhas ou com cravos torna a recuperar sua branquicia primitiva e suas cores lisas por meio do Anti-Rolbos, producto sem igual e muito contrafeito.

CUIDADO COM AS CONTRAFACÇÕES e Para ser bella, encantar todos, olhos deve-se servir da Fleur de Pêche pó de arroz feito com fructos exóticos.

POUCOS CABELLOS

Fazem-se crescer e cerrados empregando-se l'Extrait Capillaire des Benedictins du Mont-Majella, que tambem impede que caíam e que ficam brancos.

E. SENET, Administrateur, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

NÃO ARRANQUEM MAIS

os dentes estragados, e não os arranquem com l'Élixir dentifrice des Benedictins du Mont-Majella.

E. SENET, Administrateur, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

Pastilhas e Xarope de Nafé

DELANGRENIER

excellentes peitoraes contra

TOSSE, DEFLUXO, BRONCHITE

As Pastilhas de Nafé são verdadeiros confeitos peitoraes de um gosto delicioso. Acalmam as irritações da garganta e do peito.

O Xarope de Nafé, misturado com uma infusão ou com leite quente, forma uma tisana muito calmante e muito agradável.

Esses peitoraes não contém substancia toxica e podem ser administrados com toda a segurança ás CRIANÇAS e muito particularmente contra a COQUELUCHE.

Escolha a marca verdadeira: Delangrenier-Paris

São encontrados em todas as Pharmacias

VINHO DE CHASSAING

SI-DIGESTIVO

Receitado ha 30 annos

CONTRA AS AFFECÇÕES DAS VIAS DIGESTIVAS

Paris, Avenue Victoria n.º 6.



PHOSPHATINE ALIPRES

A "PHOSPHATINE FALIÈRES" e o mais saboroso e o mais recommendado alimento para crianças desde a idade de 6 a 7 mezes, principalmente quando começam a ser desmamadas e no periodo de crescimento. Facilita a dentição e concorre para boa formação dos ossos. PARIS, AVENUE VICTORIA N.º 6 E NAS PHARMACIAS

PRISAÇÃO DE VENTRE

Pó Laxativo de Vichy
de B. BOULIGOUX
Laxante certo, e agradável ao paladar, fácil de tomar. O vidro de corca ou 25 doses. 2 fr. 50
PARIS, AVENUE VICTORIA N.º 6 NAS PHARMACIAS

XAROPE DELABARRE (DENTIÇÃO)

Xarope sem narcotico recommendado ha já 20 annos pelos medicos. Facilita a sahida dos dentes, evita ou faz cessar os soffrimentos e todos os accidentes da primeira dentição.

Escolha se o Carimbo official e a assignatura Delabarre.

FUMOUE-ALBESPEYRES, 78, Faubourg Saint-Denis, Paris e em todas as pharmacias

PAPEL E CIGARRAS ANTI-ASTHMATICOS de Bin BARRAL

Recommandados pelas sumidades medicas. Preparações muitissimo efficazes para a cura da ASTHMA, das OPRESSÕES, das ENXAQUECAS, etc. 16 ANNOS DE SUCESSOS.

FUMOUE-ALBESPEYRES, 78, Faubourg Saint-Denis, Paris e em todas as pharmacias.

NUNCA APPLIQUE-SE UM VESICATORIO SEM SE TER O VESICATORIO DE ALBESPEYRES

O MAIS EFFICAZ e O MENOS DOLOROSO de TODOS os VESICATORIOS. Escolha a Assignatura ALBESPEYRES no 1400 RUE FUMOUE-ALBESPEYRES, 78, Faub. St-Denis, PARIS e nas PRINCIPAES PHARMACIAS

CRÈME SIMON

PARA CONSEVAR OU DAR ao rosto FRESCURA MACIEZA MOCIDADE.

Para proteger a epiderme contra as influencias perniciosas da atmosphera, é indispensavel adoptar para a toilette diaria o CRÈME SIMON. Os PÓS de Arroz SIMON e o SABONETE Crème Simon, preparados com glicerina, a sua acção beneficia e tão evidente que não ha ninguém que o use uma vez que não reconheça as suas grandes virtudes.

J. SIMON, 36, Rue de Provence, PARIS
PHARMACIAS, PARFUMERIAS e lojas de Cabelleiros.
Descançar das Imitações.

esbranquiçada e inflammavel. Apicendo-se esta substancia, em uma caixa de ferro ate torna-a rubra,

cestará, e esta era em Israel, a cruel evidencia da infinita miseria.

soldados; eu vi-os passar, e perguntaram por Jesus, sem o acharem desde o Hebron ate ao mar.

Como queres tu, querido filho, que te de Jesus esta longe, e a nossa dor esta com os olhos. E, sem duvida, o Rabbi, que lê nas novas synagogas não escuta as quejas d'uma mãe de Samaria, que sabe ir e vir como outr'ora, no alto do monte Gerazim. A creança, com os olhos cerrados, pallida e mimorita, murmurou o nome de Jesus.

A mãe continuou chorando: — De que me servitia, filho meu, partir para lá procurar o? ... Longas estradas da Syria, curta e a piedade dos homens.

Vendo-me tão pobre, os cães não tinham lambido a porta dos casais. De certo, Jesus morreu; e com elle morreu de uma vez para sempre, a esperança dos tristes.

Pallida e desfallecida a creança murmurou: — Mamãe, eu queria ver Jesus de Galilea. E logo, abrindo de vagar a porta, e sorrindo Jesus disse a creança: — Aqui estou eu!

— EÇA DE QUEIROZ.

Não sei bem ainda o valor que das a estas lhas frivolas e infantis; mas isto não me privava de te afirmar que ellas são sinceras, e que aqui eu não as deixo como mero passatempo...

Guarda-as entre as tuas reliquias, ou não lhes des o minimo apreço, e eu as irei compondo, alegre ou triste, dia a dia, emquanto tiverem forças os meus dedos para sustentarem esta eburnea penna de ganço — alva como o teu vestido e meiga como as tuas cancias...

Não te quero como Leandro a Helena, nem como Paolo a Francesca de Rimini. Quero-te como Petrarcha a Laura, como Dirceu a Marilia, ou como esse Felis a essa Henriqueta, do *L'ero de Valle*, a immortal Balsac.

Basta-me, para sei o mais ditoso dos mortaes, saber que me trazes na lembrança, e que no recesso do teu peito se padece minha imagem.

Ainda a pouco, voltando da capelinha, e andando e tua casa a alvejar ao sol, entre arvores a fundo do verdejante valle, soffrei o ardejo cavalheiro em que montava, e logo tempo fiquei a contemplar embevecido aquellas paredes brancas que te guardavam... Roceiros passavam por mim; comprimentavam-me, e eu — o olhar pregado na casaria ao longe, nem lhes dava attenção.

Naquelle muda contemplação, afigurava-se-me ver-te, e alli estive por longo tempo nessa doce persuação...

Ah! Julia, guarde-as, com carinho, entre as tuas reliquias, ou de-lhes, enraivada, ao desprezo, contem-



Passeio Gisela de Meran.

perde a qualidade luminosa, deixa de ser lethitara, fica sem cheiro, torna-se avermelhada e pouco inflammavel.

Desprez e Damos conseguiram transformar o diamante em carbono e o carvão em diamante.

Ha grande numero de corpos que, debaixo da influencia do frio ou do calor, mudam de propriedades, perdem certas forças, que antes possuíam e adquirem outras, sem perderem nem augmentarem um só atomo no peso de sua massa.

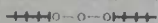
Pertanto, as forças são distinctas da materia, embora nella se patenteiem. O movimento não é força, e antes um producto das forças.

Convém não confundir propriedades e qualidades da materia ponderavel com as forças, que imprimem movimento aos corpos no espaço e sobre a terra.

O impulso inicial da Força no universo é mysterioso. A distribuição homogenea e equilibrada de atomos e forças, na primitiva nebulosa, deixal-a-inerte, em profundo repouso, por toda a eternidade, se uma Força independente, que é a mesma força creadora do espaço e do tempo, da materia ponderavel e imponderavel, não lhe tivesse imprimido movimentos adaptados a toda ordem de manifestações activas.

Essa Força é Deus.

CENICO MARQUEL VICENTE.



Um milagre

Junto a Sichein, n'um casebre, vivia uma viuva, a mais dezaçaçada de todas, e que tinha um filho doente com febre.

O miseravel chão não estava calado, nem havia nelle enxada.

Na lampada de barro venenoso, seccara o azeite.

O grão faltava na arca, o ruido dormente do moinho domestico

A pobre mãe, assentada a um canto, chorava. E, estendida sobre os seus joelhos, embullhada em andrajos, pallida e tremente, a creança pedia-lhe, com voz de todo amortecida que lhe fosse chamar esse Rabbi de Galilea, de quem ouvira fallar junto ao poço de Jacob, e que amava as creanças, as multidões e curava os males humanos com a caricia das suas mãos.

E a mãe retorquia, chorando: — Como queres tu, meu filho, que eu te deixe, e vá procurar o Rabbi da Galilea?

Obede rico, e tem servos, eu vi-os passar, e de balde buscaram Jesus por arraiaes e cidades, desde Chorazin até ao paiz de Moab, Septimu é forte e tem



Paço do castello de Rubein (Meran).

nuarei a compor, dia a dia, estas linhas só para ti, por amor de ti.

Coimbrã, 11 de 1901.

RUBENS BELMIRO BRAGA

Quadro intimo

Mas quem é que comprehende
Os anjos e as mulheres?

F. D'ALMEIDA. — *Supplica*

Abraçando e beijando largamente
Teu velho e caro pai que te ama tanto,
Assim de seste com uma voz dolente,
Movendo o talhe em languido quebranto:

« Tu so, querido velho, tu somente
Me comprehendes, meu pai! » Disseste-o, emquanto
O olhar faccioso, o olhar meigo e fulgente
Volveste a mim com celestial encanto.

Era um quadro divino ver-te assim,
Entre os paternos braços reclinada
Como si fóras anjo eu cherubim.

E eu respondendo á voz com que me feres,
Te disse então: « Minha formosa amada,
Quem é que entende os anjos e as mulheres? »

(Do Livro de Lado).

OSCAR D'ALVA.

Imprecação

Pudesse eu te esquecer, mulher, p'ra toda a vida,
Sem jamais me lembrar que foste minha amante,
Extinguindo p'ra sempre a paixão delirante
Que pun, e esta alma triste a solçar dorida.

Se eu pudesse zombar dessa afeição nascida
Depois de te beijar a bocca provocante,
Apagando na mente o teu falso semblante,
Desprezando esse affecto impuro de fingida.

Seria então feliz meu coração tristonho,
E a vida encantadora e bella como um sonho,
Cbeia de risos, flores, gosos, paz e calma.

Mas, ai! é tarde já, não posso mais deixar-te,
Lastimo esse momento em que jurei amar-te,
Odeio esta paixão, maldigo até minh'alma!

NORREGA JUNIOR.

* CHRONIQUETA *

Rio, 20 de Julho de 1901.

O grande acontecimento do dia é o successo alcançado, em Paris, pelo nosso compatriota Santos Dumont, com as experiencias definitivas do seu balão dirigivel.

Parece que desta vez está descoberta a viação aerea, e descoberta por um brasileiro, por um patricio de Bartholomeu de Gusmão.

Honra ao illustre inventor, que teve a generosa virtude de conservar a sua nacionalidade, apesar da indiferença com que os brasileiros acompanhavam, de longe, os longos trasmites da victoria decisiva como elle acaba de illustrar o seu nome e o seu paiz.

Outros brasileiros, sem falar de Julio Cesar, o pobre sonhador, tem feito grandes estudos sobre a dirigibilidade dos balões, e suppõem que, por seu turno, resolveram tambem o problema secular da navegação aerea. Augusto Severo, José do Patrocínio,



Paisagem (Floresta).

Jaguaripe, Lisboa, e não sei se mais algum, trabalharam e trabalharam nesse sentido, mas o successo de Santos Dumont não é motivo para que desanimem, pois do esforço reunido de todos pôde resultar o aperfeiçoamento definitivo de um aparelho ideal.

As experiencias Santos Dumont encheram de jubilo a nação brasileira, e ate certo ponto a consolam dos momentos afflictivos que vae atravessando, a branças com uma crise terrivel.

Essa crise, e os escandalos, as descomposturas trocadas na imprensa entre pessoas que se deviam respeitar, e fazem crer ao observador estrangeiro que a sociedade brasileira está em dissolução, e a nossa teria é, talvez, mais conquistavel que a China, cobriram de negras e pesadas sombras os ultimos dias.

Tambem contribuíram para isso os suicidios. O ultimo foi terrivel: um negociante, em boas condições pecuniarias, matou se simplesmente por ter perdido a esposa e não poder resistir ao desconsolo e á saudade.

O desgraçado deixou no mundo sete filhos (sete!) não se lembrou que a morte, por mais defunta que estivesse, reviria em cada uma dessas infelizes crianças sem pae nem mãe!

Alvaro Braga — assim se chamava o suicida — havia feito na Sul-America um seguro de 100 contos de reis, que a companhia pagou aos respectivos herdeiros. Por mais triste, por mais lamentavel, por mais dolorosa que seja essa desgraça, não posso deixar de estabelecer um paralelo moral entre o desesperaço que se mata depois de segurar a vida e o miseravel que deita fora a ca-a depois de segurar a vida.

Em ambos os casos ha certa má fé, porque, com franqueza, não creio que Alvaro Braga se matasse, se não losses aquella deixa de cem contos.

D'antes as companhias de seguros não os pagavam em caso de suicidio; não sei porque foi revogada essa medida humanitaria e logica.

E' verdade que, se não a revogassem, organisar-se ia uma empresa desunada a segurar exclusivamente os suicidas. A especulação é capaz de tudo.

Abriendo os jornaes desta manhã, encontro a noticia de tres fallecimentos, cada qual mais lamentavel: o do illustre marechal Tud. Neiva, soldado bróso que não regateou o seu sangue em serviço da patria; o do Dr. Honorio Ribeiro, presidente da Associação Commercial, um dos ornamentos do commercio brasileiro; e o de José Avelino, o illustrado e espirituoso homem de letras e jornalista, que não resistiu a uma segunda congestão cerebral. O seu talento era consagrado em todo o paiz, embora o seu nome poucas vezes figurasse nos seus escriptos. Era um homem amabilissimo um palestrador insigne, que encantava e prendia pela maravilhosa variedade do seus conhecimentos litterarios, auxiliados por uma extraordinaria memoria que não perdeu nem mesmo depois do primeiro insulto apoplectico.

ELOY, O HERÓI.

THETROS

Rio, 20 de Julho de 1901.

Acaba de ser adquirido, pela prefeitura, o theatro Eden-Lavradio, para nelle ser installado o theatro Municipal.

A escolha não podia ser mais infeliz, pelo que enviamos sinceros pezames ao nosso collega Arthur Azevedo, que tanto se debateu pela acquisição do theatro S. Pedro de Alcantara.

Em todo caso, já o Theatro Municipal dispõe... de um terreno...

A companhia Souza Bastos deu nos, no Apollo, a annunciada revista portugueza *Talvez le escreva*, escripta pelo empregario, que é o mais famoso e o mais fecundo dos revisitoiros de Lisboa.

A peça é o *Tum tim por tum tim*, com um pouco menos de graça e um pouco mais de encenação. A platêa ri de principio a fim, não ha duvida, mas esse effeito é produzido menos pelo actor que pelo actor Alfredo de Carvalho, inexcidível no papel de compadre.

Tambem os actores Gomes e Roldão concorreram para o successo da revista, mas o pessoal feminino da companhia, a começar por Palmyra Bastos, foi desta vez mal contemplado — o que alias não tem impedido que a peça dê magnificas enchentes.

Pelos modos, já se dissolveu tambem a companhia que dava espectaculos dramaticos no Lucinda, pois que ha muitos dias cessaram os annunciados, e já se diz que naquelle theatro irá funcionar uma companhia de opereta, organizada pelas actrizes Pepa Ruiz e Cenira Polonio.

Esta ultima chegou ha dias de Lisboa, depois de uma ausencia de 15 annos, e o seu talento veio consagrado pelas platêas de Portugal.

Chega hoje a companhia lyrica italiana do empregario Sanz ne, e em breve teremos uma companhia de opera-comica franceza no S. Pedro e outra de zarzuela no Recreto. Não faltarão espectaculos ao publico fluminense. Assim ha já dinheiro.

N. T. Z.

Novidades Musicas

Recelemos e agradecemos:
Dos Srs. Arthur Napoleão & C.
Flor entre flores, polka de Carlos F. de Carvalho.
Brumas, valsa de Aurelio Cavalanti.
Carinhos de Zina, tango, musica de J. Feireira Torres.
Cançonetista, valsa arranjada sobre motivos de cançonetas populares — Ciribiribim, musica de Juca Storoni.
L'Amour d'Argent, rondel, poesia de R. Gerard e musica de C. Chaminade.

Do Sr. Manoel Antonio Guimarães
El Primer día Feliz, valsa, musica de Caballero.
Cecilia, polka musica de A. Canongia.
A Mulatinha, canção brasileira, musica de D. Francisca Gonzaga e letra de Patrocínio Filho

Dos Srs. E. Bevilacqua & C.
Mandolinista, polka, musica de Carlos F. Carvalho.
Histoire d'un Pierrot, valsa, musica de Belmiro Neves.
Ave Maria, para canto e órgão palavrado do Dr. J. B. Silva Brito e musica de Julio Reis

Correspondencia

Muita attenção — Aos assignantes de publicações estrangeiras não somente, temos o prazer de avisar que soffrerão grande abatimento por causa das melhoras do cambio, as assignaturas de *Jornaes, Revistas, Gazetas e Illustrações, etc., etc.*

Pode se toda a clareza no nome das pessoas que se dirigirem á nossa casa por correspondencia, assim como indicar por extenso o lugar de residencia e nome do Estado.

Os pedidos de informações devem vir sempre acompanhados de um sello de 200 réis para a devida resposta.

A. Lavignasse Filho & C.

BILHETE

Comprei tulheres, pratos, copos, tudo, na «A La Paience». Espero que me approve. Como sabe, esta casa a que alludo é á rua Laiga, cento e vinte nove.

MARIA LUIZA.

Exercicio de Grammatica Analyse Lexicologica a Syntactica

POR

Um Amigo da Instrução

Curso Primario — Livro do Discipulo. 2\$000
Curso Secundario — Livro do Discipulo. 2\$500
Curso Primario — Livro do Mestre. 8\$000
Pelo correio mais 500 rs.

PILULAS DE BLANCARD

APPROVADAS PELA ACADEMIA DE MEDICINA DE PARIS

Resumem todas as Propriedades do IODO e do FERRO.

40 Rua Bonaparte PARIS

Estas Pilulas são de uma efficacia maravilhosa contra a *Anemia, Chlorose* e todos os casos em que se trata de combater a *Pobreza do Sangue*.

O DENTARIUM

DIRIGIDO PELO CIRURGIÃO DENTISTA PAUL KIEFFER DE PARIZ

LAUREADO COM DISTINÇÕES PELA FACULDADE DE MEDICINA

A tabella adoptada pelo O DENTARIUM e que está sendo diversamente publicada nos principais jornaes, não foi estabelecida com o fim de fazer affluir a clientela para depois angustiar a aceitar preços differentes dos publicados.

CONSULTAS GRATUITAS

Extração de dentes ou raizes	2\$000
Anesthezia local (com extracto de nervina)	2\$000
Limpeza geral dos dentes	5\$000
Obturar (vulgo encharar) á platina, prata, esmalte, osso artificial, cimento, ionanidra, porcellana, etc.	2\$000
Obturar a onro (vulgo encharar) de 10\$ a 20\$	3\$000
Remedio de polpas e tratamento dos caues de dentes mortos (contando a parte a obliteração da corõa do mesmo)	3\$000
Dentaduras de vulcanite, cada dente seja qual for o numero	2\$000
Idem cada dente chapado em ouro de lei, seja qual for o numero	10\$000
Dentadura de ouro de lei, cada dente seja qual for o numero	15\$000
Idem, sem chapas, sem grampos ou colchetes, sem molas (este processo é o afamado Travail á pont)	3\$000
Dentes e corõas de ouro de lei garantidos (sem solda)	2\$000
Dentes á pivot (de accordo com os modelos que apresentaremos nos nossos clientes) 10\$, 20\$, 30\$ e	40\$000

PRESTAÇÕES

Finalmente, devolve-se a importancia dos trabalhos protethicos que por qualquer motivo não estiverem a gosto do cliente.

12 RUA DOS OLIVEIROS 12
das 7 horas da manhã ás 8 da noite

AVISO ÀS SENHORAS.

O'APIOL DOS DORES

JORET-HOMOLLE

CURA AS DORES, OS ATRASOS A SUPPRESSÃO DAS REGRAS

DEPOSITO GERAL: Ph^o G. SÉGUIN, PARIS 165, Rue St-Honoré, 165 E EM TODAS "PH^o" E "DROG^o"

VICHY-ÉTAT

VICHY-HOPITAL
Molestias do Estomago e do Intestino.

VICHY GRANDE-GRILLE
Molestias do Fígado e do Apparelio bilioso.

VICHY-CELESTINS
Molestias dos Rins e da Bexiga, Gottas, Diabetes.

AO RECEITAR ESPECIFIQUEM BEM O NOME

PASTILLES VICHY-ÉTAT

COMPRIMÉS VICHY-ÉTAT

Por causa d'um olho

Um dos primeiros negociantes de Moscow, o Sr. Worissoff, que desde algum tempo vinha soffrendo de um padecimento do olho direito, padecimento que em vez de suavisar com o tratamento medico seguido se foi agravando, e o forçou a consultar outro medico.— allemão de nacionalidade.— por lhe ser recommendado como um dos mais eminentes clinicos, oculistas.

— Meu caro senhor, declarou o sabio doutor teutonico, depois de escrupuloso exame, é absolutamente preciso extrahir o olho doente. Só d'essa maneira poderemos conservar o outro e evitar por conseguinte cegueira completa.

— Se não ha outro meio, suspirou o pezaroso negociante, arranque-se l

— Não ha. A operação é indispensavel.

— Resigno-me. Quando quer faz-la?

— Dentro de quatro dias; antes, é preciso submettel-o a uma medicação interna preparatoria.

— E quanto leva por essa operação?

— Quinzentas libras.

— Parece-me muito caro...

— Caro?... que menos pode valer a conservação do unico olho bom que lhe resta?

O argumento não tinha replica e o Sr. Worissoff aceitou as condições, combinando-se que em quatro dias se faria a operação. Mas no dia seguinte mandou recado ao oculista dizendo-lhe que, tendo reflectido melhor sobre o assumpto, resolvera esperar mais algum tempo; e ao mesmo tempo enviava-lhe uma nota de dez libras, por honorario da consulta e da medicação preparatoria.

Mas, a verdadeira causa da dilatação foi a seguinte: o Sr. Worissoff fora, por conselho de um amigo, consultar a outra eminencia, não allemã, mas franceza, o Dr. P., que depois de observar e examinar não menos conscienciosamente, dissera:

— Meu caro senhor, a operação impõe-se; é indispensavel extirpar o olho enfermo para conservar o bom.

Perante esta unanimidade de pareceres, o negociante submetteu-se definitivamente.

— Quanto custará a operação?

— Duzentas libras.

O Sr. Worissoff conversou com os seus botões e, visto que tinha forçosamente de perder o olho direito, não havia motivo algum para perder igualmente trescentas libras, dando preferencia ao oculista allemão sobre o francez. Convidou, pois, esse ultimo, a comparecer em sua casa, dentro de quatro dias para o desembaraçar do olho doente; e cbegado o prazo se apresentou, effectivamente, o Dr. P., com os respectivos instrumentos e ajudantes.

Acabavam de chegar e preparavam-se para os trabalhos preliminares, quando, com assombro do paciente, da familia e dos operadores se apresentou o oculista allemão com o seu estado-maior e a ferramenta cirurgica. E sem maiores cerimoniaes, declarou o apurinado sabio teutonico, dirigindo-se ao seu confrade-rival:

— Meu caro camarada, deve saber que este caso me pertence e que esta operação me corresponde exclusivamente. Ha quatro dias, fechei este contracto com o enfermo; existem obrigações mutuas e por consequencia, sou o unico que tem incontestavel direito de extirpar o orgão affectado e condemnado, e de receber os honorarios estipulados.

O francez, estupefacto, não soube que responder; mas o negociante, incommodado, manifestou que era senhor da sua vontade, e do seu respectivo olho, e que faria operar-se por quem entendesse e quizesse.

— Está em erasissimo erro, meu caro senhor, objectou com imperturbavel flegma o allemão. Negará acaso que o outro dia, no meu consultorio, se ajustou entre nós que hoje se faria a operação?

— Não nego, replicou o commerciante; mas reflecti e resolvi que outro fizesse a operação. Pode aluem embargar a minha vontade?

— P de ! E sabe quem?... A lei. Qualquer advogado lhe dirá que as obrigações pactuadas devem cumprir-se desde que se contrae o mutuo *consensus* — o mutuo consentimento. Quando ajusta a compra de uma partida de cereaes, embora mediante obrigação verbal, não se julga obrigado a recebela nos seus celeiros e a pagar o preço combinado?... Pois este caso vem a ser o mesmo. Adjustou o meu bisturi e a minha sciencia por preço fixo; o contracto fechou-se, não ha razão para o rego, pois, ao meu illustre collega que se retire, e vamos sem demora á tal operação.

Sem se envencer por tão solida argumentação, o negociante negou-se recondamente a deixar-se operar pelo obstinado allemão e acabou por pôl-o na rua, destempadamente. Terminado o incidente, manifestou o medico francez que, em vista do estado de exaltação produzido no paciente por tão singular scena, julgava conveniente adiar a operação para dois dias mais tarde.

Pouco faltou para que essa forçada dilatação não tivesse desastrosas consequencias. Enfermou o Sr. Worissoff, esteve de cama quinze dias, e claro está que durante esse tempo não se pensou na ablação do olho, onde o mal fazia alarmantes progressos, com graves ameaças para o outro. Por fim, restabelecido o negociante, ponde o Dr. P., com exito completo, effectuar aquella urgente extirpação.

E quando o Sr. Worissoff sabia de casa, luzindo dentro da orbita direita um magno olho de crystal, recebeu uma citação judicial do cabeçudo allemão, em que este reclamava as quinzentas libras que deveriam pagar-se-lhe, e não se lhe pagaram, pela operação que devia fazer, e não fez, segundo a consulta e formal estipulação. A esta peregrina exigencia respondeu o commerciante torto, rejeitando-a por improcedente e iniqua, e ppondo ao mesmo tempo a reconvenção. O Sr. Worissoff pede ao tribunal que condemne o auctor a uma indemnisação de mil libras, por ter occasionado com a escandalosa scena que promoveu em sua casa, uma enfermidade grave, que poz em risco os dois olhos e fez perigar a propria vida.

✱

Vou escrever para Moscow, com urgencia, para me informarem do resultado de tão original pleito, e de como foi resolvido pelos honrados juizes... russos.

FRANCISCO MYSTERIO.

A alma deste povo

AO BRAZIL

Quo Vadis? perguntou o apostolo assombrado.

E o Christó respondeu, piedoso e magoado:

« Vou para esse logar

D'onde tu desertaste. E, se ha necessidade,

Deixar-me ei crucificar.»

Quo Vadis? perguntou á alma portugueza, Quinze seel'os depois, tomada de sorpresa,

O impenetravel Destino:

« Olhos fitos no ideal, n'um sonho de poeta,

Vou pelos mares, fóra, alargar o planeta,

Nas mãos de bronze, erguendo o estandarte divino.»

E foi, E derramou seu sangue, como Christó,

E a nova Era abriu, n'um feito nunca visto,

Deu ao mundo mundos novos,

Rasgou, de par em par, as portas do Oriente,

E, para eternisar essa epopeia ingente,

Levantou um poeta á admiração dos povos.

Era tudo? Ainda não. Muito faltava ainda.

Não. Não fóra attingido o ideal. Não 'stava finda

A missão de Portugal.

Quo Vadis? Vou ao fim d'esta longa jornada,

Ao Cruzeiro do Sul, á terra tão sonhada,

Vou pela mão do Cabral.»

Tocava o seu zenith a alma d'este povo,

Que, gloriosa, engastava um diamante novo

No seu rútilo diadema.

E venceu. E, ao clarão do astro ciumento, Deu a ver pairar tão alto, em outro firmamento, Fechou, n'um canto ideal, o colossal poema.

Era nosso o Brasil, a perola do Oceano,

Teve a na sua c'roa o velho lusitano,

Que a estremeceu, como filha.

Ifoje, senhor, maior, liberto da tutela,

Não manda ao nosso Tejo a fragil caravelha,

Onde entornava oiro a Terra-Maravilha.

Hoje, n'um couraçoado, esvelto, gracioso,

E' uma saudação que esse paiz formoso

Nos manda, por filhos seus!

Saudemo! os tambem a esses marinheiros,

Que, no infinito mar, sob todos os cruzeiros,

Tem esta religião: Patria, Familia Deus.

Saudando-os, é o Brazil immenso que saudamos:

Os poetas, os heroes, a lingua em que pensamos,

A arte a paisagem, a Historia!

A patria portugueza é lá que continúa!

Saudando no Brazil a tanta gloria sua,

Saudemos juntamente a nossa maior gloria!

Lisboa,

JAYME VICTOR.

Cecilia

A Benjamin Flores

Sua ve e doce lyrio entre-aberto,

Inda orvalho das manhãs serenas:

— Lyrio, que á Vida desbrochado apenas

Foi como fiasco oasis num deserto.

Mas, porque o luto de orphanado offerto

Pela mão do lofortunio deu-lhe penas,

Essa caudida tirná das açucenas

Paira, de Deus, mais que dos homens perto!

Não lhe entorne crepusculos tristonhos

O futuro — na transparencia calma

Da alva crystalaria dos seus sonhos...

Anjo do lar! estrella da familia!

Que ventura infinita ter se uma alma

Como tu tens p'ra te adorar, Cecilia!...

LEONCIO CORREIA.

Carta piedosa

Transcrevemos da revista *Santa Cruz* a seguinte piedosa carta:

• Rio, 2 de Março de 03.

Caro filho,

Agradeço a communhão que fizeste no dia de meus annos e tambem muito, a oração de nosso bom primo — apresenta-lhe meus respeitoes. — Em nova demanda, que soffro, tenho achado em L. a maior dedicação, o que muito me penhora.

Filho, se souesses quantas vezes e ha quanto tempo desejo escrever-te o seguinte e a penna caher-me na mão... temeado não vencer em ti um prejuizo proprio dos verdes annos e que o mundo influa até em animos que a ideal devia ter amadurecido; si lesse em meu coração o intimo desejo que tenho de te gravar n'alma a sã idéa que vou te dizer, tu te commoverias e irias junto ao Santissimo Sacramento pedir-lhe luz e fortaleza afim de abraçar a para sempre.

Amor é o mais nobre apagação da humanidade, a abnegação a sua suprema gloria; mas os homens desvariados e cegos falsificam esta gloria e confundem vil metal com ouro puro. O amor emana de Deus e n'Elle deve empregar-se conforme sua vontade e de modo secularmente cumprir amar pais, esposas, familia, e todos os proximos, com as gradações convenientes. Para serem louváveis e meritorios estes affectos, carece que a prudencia os regule e subordine ao amor que consagramos a Deus, por exemplo; quem se entrega á desesperação com a molestia ou morte de sua mãe, abusa da sensibilidade, inerece reprehensão e jamais louvor devia sentir magoa, pedir a Deus a vida de sua mãe, mas nunca se revoltar contra a cruz que Deus lhe dá, nunca arrumar sua saude, que lhe não pertence, e que tinha por obrigação conservar para o desempenho de seus outros deveres; devia como christó crer que a paz e gozo piro se alcançam na outra vida, e com lagrimas resignadas e fervorosas supplicas rogar a salvação do alma queida, esperando reunir-se a ella na eternidade.

Da mesma forma quando a ingratitude nos ferre, n'essa alma afflicta refugia-se no seio do Antigo e do Espinho Divino, cujo amor muitas vezes nos separa de outros am-rem para mais doce e intimamente nos unir a Si... A panacea para todos os desgostos são deveres eumpridos, actos de caridade com o proximo.

Quem disse «toma tua cruz e segue-me» prohibio a cobardia vergonhosa, que se entrega a desesperação e muito mais prohibio o desatino que faz gloria de tal cobardia, lhe chama sensibilidade, cobindo-a de elogios! A mais attinze a depravação humana... chega a divinizar o amor culpado, fascina-se com o escândalo, que calca aos pés deveres sagrados e no excesso do crime acha uma falsa grandeza, sendo na realidade aviltante escravidão. A estas paixões que a moral reprova, cabe o nome de vicio, de egoismo requintado. De sensualidade, mas o mundo lhe chama amor, proudundo este puro nome, que so pertence ao affecto consagrado a Deus ou aquelle que nos autorisa o Senhor a termos a nossa familia, etc.

Peço que firmes tuas idéas a este respeito: piedade para todos os erros. porém, nunca approvação d'elles. Quando ouvires elogiar amores illicitos, desculpa-os com perdidos sobrismas, pede a Deus que te conserve o entendimento recto para não ter o mal em conta de bem, quando ouvires chamar victimas interessantes aos escravos de uma desregrada sensibilidade, que mesmo nas afeições licitas excedem os limites impostos por Deus, lamenta estes entes fracos que não sabem heber fortaleza no calix do Salvador e fazem culpa do affecto que devia ser virtude, mas por forma alguma os admire. Si quando teu pai morreu eu tivesse succumbido á dor, cumpriria o meu dever de mãe?!

Todo o sentimento exclusivo e exaltado é filho da fraqueza, digno de reprehensão, arrasta a culpas e dá mau exemplo. Em tudo a moderação é preciso—quando um superior reprehende ou castiga é mister sentir, pois, para esse fim é que foi infligido o castigo—mas o excesso da afflicção é soberba e fraqueza, que não quer resignar-se a pena soffrida.

Cuidado na emenda, attenção em cumprir deveres, respeitoso silencio é o modo christão de receber um castigo e não caprichos de não comer ou outros semelbantes.

Distraio-me de cuidados e dissabores imaginando os passeios que faremos juntos, como designarei a tua gratidão os amigos que me têm valido e consolado nos trabalhos, em fim, anticipo o gosto de nossa reunião, gosto sobretudo de te achar christão. Filho, si tu tens de perder a fé, peço a Deus que me leve antes que tão aguda espada da dôr me parta a alma... Saudades dos amigos e parentes.

Já mandei encomendar *La Legislation Primitive*.
Sou de coração, tua saudosa mãe,

A Santos Valente

Estrelta é do prazer na vida taça:
Largo, como o oceano é largo e fundo,
E como elle em venturas infecundo,
O cálix amargoso da desgraça.

E cementudo nossa alma, quando passa
Incerta, peregrina, pelo mundo,
Prazer só pede á vida, amor fecundo;
E' com essa esperança que se abraça.

E' lei de Deus este aspirar immenso...
E comtudo a illusão impez á vida,
E manda buscar luz e dá-nos treva!

Ai! se Deus accendeu um foco intenso
De amor e dôr em nós, na ardente lida,
Porque a miragem cria... ou porque a leva?

ANTHERO DE QUINTAL.

Os reis de amanhã

O grão-duque Miguel, a quem um *whase* do imperador da Russia acaba de outorgar o direito de successão ao throno, ne caso da czarina não dar á luz um filho varão, modifica a lista dos principes berdeiros actuaes.

O mais velho de todos é o principe de Galles; o mais novo sua alteza real o sr. D. Luiz Philippe de Bragança.

Eis aqui a lista das magestades de amanhã:
Depois do príncipe de Galles, que tem 58 annos, o príncipe Christiano Frederico, da Dinamarca, que tem 56. Seguem: o grão-duque herdeiro do Luxemburgo, Guilherme, de 47 annos; Oscar Gustavo, príncipe real da Suecia e Noruega, 41; Fernando, príncipe da Roumania, 34; Constantino, duque de Esparta, herdeiro da corôa da Grecia, 31; Victor Manuel, prin-

cipe de Napoles, 30; Luiz de Monaco, tenente do exercito francez, 29; Danilo de Montenegro, 28.

A este segue-se o novo príncipe, o grão-duque Miguel da Russia, de 21 annos, e depois o príncipe imperial da Allemanha, Frederico Guilherme, de 17, e o herdeiro da corôa portugueza, D. Luiz Philippe, que tem 12 annos.

Um anno mais que sua alteza real tem D. Affonso XIII; mas esse não pode ser incluido na lista, porque desgraçadamente para elle, já era rei antes de nascer.

— X — X —

Glauco esquite

*Genios do Mar, guardae
o seu esquite!*

De altiva torre, dominando os mares,
vejo-a partir! As ondas crescem, crescem...
Banhada pelos raios dos laures
no Mar revolto as aguas sobem... descem...

Tudo é sombra, tristezas e pesares;
agonisam os astros, desfallecem:
perpassam maguas, recordando os ares;
soluções passas e desaparecem.

Fitando o espaço interminio, deserto,
em torrente de prantos afoçada,
partiu! partiu, levando rumo certo,

Coberta pela nivea espumarada,
vae repousar, talvez d'aqui bem perto,
por algas e coraes amortalhada.

APRIGIO C. DE MACEDO.

Rim de vacca á camponeza

Para fazer-se este succulento guizado, corta-se a carne em filetes delgados, passa-se sobre o lume com um bocadinho de manteiga, pimenta socada, salsa repicada, cebolinho, alho verde e rodela de cebollas, quando prompto deite-se uma colher de vinagre e não deixe-se ferver mais para não diminuir.
Sobre o rim já cozido e temperado misture-se tudo o que acima demos e bem assim um molbo gordo e temperado e serve-se.

LACRIMÆ!...

Eu perguntei o que era amor á rosa:
«E' como nós: corolla avevellada
De uma côr attrahente, voluptuosa,
Porém toda de espinhos circumdada».

Os malmequeres brancos consulte!
Sobre se sim ou não eu era amado;
Uma por uma as folbas arranquei
A um malmequer branco e, desfolhado.

A derradeira respondeu-me: «Não!»
Banhou-se-me de pranto o coração...
Se é fraqueza chorar nos seus amores,

Lagrimas verte o monte que é granito;
E oce o, o precipio céu que é infinito,
Chora tambem no calice das flores!

EDUARDO DE ARAUJO.

Mosaico

Um chuva, mon-logando:

— Isto é mesmo para um homem ficar damnado!
O anno passado tive de vender o meu cavallo, porque o diabo havia de parar sempre ás portas de todos os botequins e restaurantes que eu tinha por habito frequentar; comprou agora uma bicycleta e esta bruta já conhece tambem aquelles estabelecimentos, que é passar por um delles para logo.

*

O Luizinho muito endiabrado não faz senão maldades.

Um dia depois de uma diabrura, foi condemnado a jantar pão e agua: mas elle não se rala muito com isso. A bora do jantar, eillo no seu lugar á mesa.

— Escusas de ir para ahí, não jantas, senão pão e agua.

— Bem sei, mamãe, eu não quero jantar.
— Entao o que vens cá fazer?
— Venho almoçar outra vez.

*

Entre menius, no almoço:
— O meu ovo está frio, e o teu?
— O meu tambem. Supponho que a criada enganou-se e aferventou os ovos em agua fria.

*

Entre casados, depois de uma zanga:
— Fu, do que tenho pena, minha querida é daquella prato que te atirei á cara.
— Ob! eu tambem... ficou a duzia desemparelhada...

*

Dois philosophos discutem o assumpto — casamento.
— Deploravel instituição! diz um.
— Concordo.
— Com o andar dos tempos o amor desaparece... e a mulher fica.

*

— O senhor colloca esta chapasinha na boca e pôde assim limitar qualquer vez.
— E si eu engoil-a!
— Não ha perigo. Esta mesma er já engoli uma porção de vezes.

*

Depois da primeira noite de nupcias levanta-se o marido, ao raiar da aurora, accende o lume e faz o café, de que serve uma chavena á esposa, que continúa deitada.
— Como sou feliz! exclama esta.
— Reparaste bem no que fiz?
— Reparei.
— Pois bem; isto não é mais do que um exemplo para que saibas o que tens a fazer commigo todas as manhãs...

*

Um professor de medicina a um doente:
— Qual é a sua profissão?
Musico.

O professor para seus discipulos:
— Emfim, meus senhores, encontro agora occasião de demonstrar-vos o que já vos disse muitas vezes no Amphitheatro: que a fadiga e os esforços causados no aparelho respiratorio pela acção de soprar nos instrumentos de musica eram uma causa frequente da affecção de que padece, boje, este homem.
Depois ao doente:
— Que instrumento toca?
— Bombo, senhor.

*

Um moço que se dispunha a estudar medicina, deu parte do seu proposito a um sahio, que lhe disse:
— Desgraçado, que profissão queres tomar? metter drogas que não conheces em um corpo que conheces ainda menos?

*

No Necroterio:
Chega algum em procura de um amigo que desaparecera.
— Tinha elle algum signal distinctivo? perguntalbe o guarda.
— Sim; era surdo!



MOLDES

Temos a satisfação de communicar ás nossas gentis assignantes e leitoras que, apezar de nosso silencio, continuamos com o nosso serviço de moldes tanto d'Estação, como de qualquer outro jornal, para esta cidade e para o interior da Republica.

Ha uns bons trinta annos temos nos incumbido desse serviço, confiando o sempre a pericia de verdadeiras artistas em materia de côrtes.

Agora mesmo as senhoras a quem confiamos esse trabalho, são das mais habilitadas mestras no assumpto, no qual não temem confronto.

Nunca recebemos reclamações contra o serviço da casa e com ufania podemos assegurar que estiamos habilitados a satisfazer a freguezia mais exigente, sem que tenhamos receio de que nos venham dar lições de apuro e bom gosto, nem na modicidade de nossos preços.

Para o presente numero offerecemos:

N. 78 — Blusa.....	1\$000
N. 41 — Saia.....	1\$000
N. 1 — Saia.....	1\$000

Os recados são recebidos no escriptorio desta folha, bem como, a importancia que deve acompanhar o pedido.

Pelo correlo mais 300 réis para o primeiro modo e 200 réis para cada um dos que se seguem.

O PSEUDO-AMANTE

Não! Não podia ser!
 Aquillo era uma columna intrigas d'alguma invejosa.
 Alice trahiu-o! que loucura! Aquella santa tão boa, tão carinhosa, era incapaz do crime de adulterio.
 Não, decididamente não acre liava n'aquella denuncia... De resto, nenhuma importancia tinham as cartas anonymas, que, a seu ver, constituíam a arma dos intrigantes.
 E se fosse verdade?
 Oh! nem queria pensar em tal! Sentia já impetos de estrangular o autor daquella denuncia infame.
 E se fosse verdade?
 E Anselmo Vaz apertava a fronte entre as mãos tremulas e geladas, todo curvado sobre a secretária, tendo de fronte dos olhos injectados de sangue uma pequena missiva rosea, escripta por mulher, com letras miudadas e tremulas.
 Na sua imaginação ardente fervilhavam num turbilhão desordenado e confuso uma serie de pensamentos sinistros e lutosos.

Tomou de novo, n'um gesto febril, a carta anonyma que tanta agitação lhe causava.
 Era simples e laconica, quasi brutal.
 Allucinado, pallido de espanto, releu:
 « Sr. A. Vaz — Sua esposa trahe-o, entregando-se a outro homem.
 Trate de vigia-la. Os colloquios são destruciados depois da meia noite no caramachão do quintal da sua casa ».
 Nova crise de delirio e de allucinação se apoderou do pobre homem.
 Pouco a pouco, porém, conseguiu dominar-se e reflectir. Analysou delidamente o facto. Ergueu-se parecendo calmo. Tomou o chapéu e, fechando o escriptorio, saiu.
 Dirigiu-se á casa de armas L'aport & C., onde fez acquisição d'um revolver Smith Wesson, grosso calibre, fugo central.
 Encaminhou-se apos para casa onde chegou a hora habitual.
 Na sua apparencia na transparencia.
 Ao chegar abraçou a esposa, beijando-a na boeca, como fazia todos os dias.
 Jantou bem e socegradamente.
 Depois da refeição mostrou-se espirituoso, contando aneddotas chistosas á formosa esposa,

que o ouvia rindo-se muito, sentada nos joelhos delle.
 Recolheram-se a alcova á hora costumada. Inutil é dizer que Anselmo resonava ruidosamente fingindo-se adormecido.
 Existia na casa de Anselmo um pequeno e interessante cão de grande felpe negro e setinoso — unica recordação da vida de solteira que Alice trouxera para a casa do seu esposo.
 Anselmo, a principio, tolerava os abusos e as traquinices do mimoso irracional em attenção á Alice que, a seu ver, muito estimava o cãozinho.
 Uma noite, porém, ao voltar do Lyrico, esqueceu sobre o divan estofado da sala a sua custosa e finissima cartola.
 Ficou, porém, desapontado, cheio de estupefacção, quando no dia seguinte, ao despertar, encontrou o cachorrinho brincando com a cartola que rolava sobre o chão tendo a seda do forro completamente inutilisada, devido a uma necessidade physiologica que o rafeiro fizera, transformando o chapéu num *watter closet*.

NINON DE LENCLOS

escreve na rua, que jamais ouso macular. He a epiderme, já passava dos 80 annos e conservava-se jovem e bella, tirando sempre os peducos da sua certidão de baptismo que rasgava á carada Tempo, cuja foive embotava-se sobre sua encantadora physionomia, sem que nunca deixasse o menor traço. « Muito verde ainda! » via-se obrigado a dizer o velho rubicundo, como a raiosada Lafontaine dizia das nvas. Este segredo, que a celebre e egoista fazeira jamais confiara a quem quer que fosse das pessoas daquella época, descobriu-o o Dr. Leonie entre as folhas de um volume de *L'Histoire amoureuse des gaules*, de Bussy-Balotin, que fez parte da bibliotheca de Voltaire e é actualmente propriedade exclusiva do **PARFUMERIE NINON, MAISON LACOSTE, Rue du 4-Septembre, 37 à Paris.**

Está a casa sempre á disposição dos meus elegantes, sob o nome de **VERITABLE FAC DE NINON**, assim como as receitas que d'ella provém, por exemplo, o

DUVET DE NINON
 pó de arroz especial e refrigerante;
Le Savon Crème de Ninon
 especial para o rosto que limpa perfeitamente a epiderme mais delicada seu alterna.

LAIT DE NINON
 que dá alvura deslumbrante ao pescoço e nos hombros
 Entre os productos conhecidos e apreciados da **PARFUMERIE NINON** contam-se:

LA POUDRE CAPILLIS
 que faz voltar os cabellos brancos á cor natural existe em 12 cores;

SEVE SOURCILIERE
 que agumenta, engrossa e brunie as pestanas e os supercilios, ao mesmo tempo que dá vivacidade ao olhar

LA PATE ET LA POUDRE MANOGERMALE DE NINON
 para froua, alvura brilhante das mãos, etc., etc.

Cavem exigir e verificar os assos d'ellas e o endereço sobre o rotulo para evitar as embaixões e falsificações

PARFUMERIE EXOTIQUE E. SENET
 35, Rue du 4-Septembre, 35, PARIS

MÃO DE PAPA de duque, de príncipe, por meio da **Pâte des Prélats**, que embranquece, tiza, assetina a epiderme, impede o destrão das freixas e os racha.

UM NARIZ PICADO de pequena borboilla ou com cravos torna a recuperar sua brançura primitiva e suas cores lisas por meio do **Anti-Bolbos**, producto sem igual e muito contrafeito.

CUIDADO COM AS CONTRAFACÇÕES e Para ser bella e encantar todos os olhos deve-se servir **la Fleur de Pêche** pó de arroz feito com fructos exóticos.

POUCOS CABELLOS
 Fazem-se crescer e cerrallos empregando o **Extrait Capillaire des Benedictins de Mont-Majella**, que tambem impede que caiam e que liquem brancos.

E. SENET, Administrateur, 35, Rue du 4-Septembre, Paris

NÃO ARRANQUEM MAIS
 os dentes estragados, sobre os o branqueia com o **Elixir dentifrice des Benedictins de Mont-Majella.**

E. SENET, Administrateur, 35, Rue du 4-Septembre, Paris.

apenas
 acorda,
 chora
 pedindo
 o Seu
Racahout!



Racahout dos Arabes Delangrenier
 o melhor alimento para as crianças

CALLIFLORE
FLOR DE BELLEZA
 Pós adherentes e invisiveis

Graças ao novo modo porque se empregam estes pós comminuem ao rosto uma maravilhosa e delicada belleza e deixam um perfume de exquisita suavidade. Alem dos brancos, de notavel pureza, ha outros de quatro matizes diferentes, Rachel e Rosa, desde o mais pallido até ao mais colorido. Poderá pois, cada pessoa escolher a cor que mais lhe convenha ao rosto.

PATE AGNEL
Amygdalina e Glycerina

Este excellente Cosmetico branca e amacia a pelle, preserva-a do Cieiro, Irritações e Comichões tornando-a avelludada; pelo que respeta as mãos, dá solidez e transparencia ás unhas.

AGNEL, Fabricante de Perfumes,
16, Avenue de l'Opéra, Paris.

Em suas mais Casas de venda por muito mais baratos mais ricas de Paris.

Material da ESTACÃO



CARRETILHA para levantar moldes... 2500
ESTOJO com duas fitas metricas... 2500
PAPEL ESPECIAL para moldes 5 folhas grandes... 25000
PAPEL ESPECIAL para moldes 10 folhas pequenas... 10000

Pelo correio mais 500 rs
 PARA CADA ARTIGO

Estes objectos facilitam muito o trabalho de levantamento de moldes e cortes bem como o corte e costura e a passagem dos riscos de bordados das folhas publicadas pelo jornal.

PEDIDOS NO ESCRITORIO DO JORNAL
A Estação

HOUBIGANT
 PERFUMISTA
 da RAINHA d'INGLATERRA e da CORTE da RUSSIA
PARIS

AGUA HOUBIGANT
 SEM RIVAL PARA O TOUCADOR
AGUA de TOUCAOOR Royal Houbigant.
AGUA de COLONIA Imperiale Russe.

EXTRACTOS PARA LENÇOS: Violette Ideale, Royal Houbigant, Peau d'Espagne, Moskari, Iris blanc, Le Parfum Imperial, Mokka, Muguet, Céleste Rome, Impérial Russe, Iris blanc, Hélio-trope blanc, Fougère Royale, Gloriosa, Jasmin d'Inde, Cuir de Russie, Groffee, Corydalis, Bontou d'Or, Sunrise, Hoccoo.

SABONETES: Ophelia, Peau d'Espagne, Violette Ideale, Fougère Royale, Lait de Thiridare, Royal Houbigant.

PÓS OPHELIA, Talisman de 16 Hez.
PÓS PEAU D'ESPAGNE.
LOÇÃO VEGETAL, para os Cabellos.
PÓS ROYAL HOUBIGANT.

PERFUMARIA ESPECIAL MOSKARI



Calça de estudo (Relevo).

Colérico, enturecido, applicou no cão dois terribes pontapés, ordenando terminantemente a esposa que fizesse desaparecer semelhante animal se quizesse conservar-lhe a vida.

Alice, depois de reflectir sobre o caso, encontrou logo um remédio para elle.

Mandou construir em segredo uma pequena casinha de madeira, occultando-a atravez da folhagem do caramanchão nos fundos do quintal e ali escondeu o cão.

Todas as noites, depois de verificar o somno de Anselmo, levantava-se e envolvia-se num leve roupão de cambria, dirigindo-se á cozinha, donde trazia uma pequena vasilha contendo a refeição do cachorrinho.

Dali se encaminhava para o caramanchão, onde assistia ao jantar do cão, passando alli algumas horas, acariciando o cãozinho — esse amiguinho que recordava a mocidade, esse tempo de solteira que tantas saudades lhe deixara.

Uma visinha, viuva, moça, mas desgraçadamente pobre e que andava querendo explorar com as suas caricias a bolsa de Anselmo, presenciou por diversas vezes as visitas de Alice, ao caramanchão depois da meia noite.

Achou lavoravel o momento de esmagar a sua rival e escreveu sem repugnancia a carta anonyma.

Anselmo fingindo adormecido, pois resumava profundamente de olhos fechados, bocca aberta, barriga para o ar.

Alice accendeu a vela e depois d'um rapido examinar no marido, balbuciou:

— Dorme como um abbade. Não ha perigo. E saiu cautelosamente da alcova depois de assoprar a vela e deixal-a sobre a mesa.

Anselmo ergueu-se d'um salto, empunhando o revolver com firmeza, e pé ante pé, seguiu a esposa.

Ao chegar á sala de jantar, parou julgando ouvir ruido na cozinha. Não se illudira.

Apressou-se mais.

A porta da cozinha abriu-se e elle pode ver o vulto de Alice que descia a escada do quintal.

Anselmo assomou á porta e com o auxilio do luar claro e brilhante, pode ver a esposa penetrar no caramanchão.

Rapido como uma flecha, Anselmo coseu-se ao muro do quintal e d'um salto achou junto ao caramanchão.

Tal era a cautela e a prespicacia de Anselmo que se assemeilhava a um bandido aguardando o momento propicio para o assalto.

Encostado ao caramanchão, dispoz-se a escutar, sem, porém, nada poder ver, devido á sombra que havia entre a folhagem.

Ouviu um murmuro de vozes.

Approximou-se mais e apertando nervosamente a coronha da arma, escutou. Era Alice que fallava a meia voz.

Come, meu anjo. Ha de devorar com luria o jantar que trago.

— Miseravel! pensou Anselmo, além de me tralhar com o corpo, trah-me tambem com a bolsa, sustentando o amante!

Alice continuava.

— Aquelle idiota do meu marido, se le visse em minha casa, matar-te-hia com certeza.

E no entanto tu gostas muito de mim e eu de ti.

A verdadeira felicidade existe na amizade de outr'ora que nos ligava.

Não importa, porém, velarei por ti.

Serás meu para sempre, embora isso me custe a vida.

Virei todas as noites matar as saudades, gozar momentos deliciosos a teu lado, porque so tu me comprehendes, meu querido!

E o rumor harmonioso de dois delicados beijos vibrou no silencio da noite poetica e illuminada...

Anselmo não esperou mais.

Cego de rava, sedento de vingança, arremessou-se impetuoso sobre o caramanchão, em cujo interior reinava escuridão completa, e desfechou dois tiros ao acaso.

Um grito agudo de Alice apunhalou a espaço confundindo-se com os nivos de dôr do cão que gemia atingido por um dos projectis.

No meio desse clarivari infernal appareceu um guarda noturno que rondava o local.

A luz d'uma lampada volante illuminou o quadro.

Alice contorceia-se nervosa n'um ataque hysterico.

Anselmo Vaz, cheio de vergonha e de despeito, contemplava desapontado aquella scena comica — tragica onde elle desempenhára com brilhantismo o seu papel de protagonista, assistindo o cãozinho telpudo, o pseudo amante...

1901

NOBREGA JUNIOR.

Nocturno

TIII, DIVINA

I

Espirito gentil, mulher querida

Por quem na sombra da saudade eu chamo!

Alma de amante para a luz fugida!

Musa da Dôr, dos Beijos e da Vida...

Eu te amo!

II

Teu negro olhar de funebres venturas,

— Venenoso clarão que em mim derramo —

Ha de aquecer as nossas sepulturas,

E lá nas trevas immortaes e puras

Eu te amo! eu te amo!

III

Esquece as futeis illusões que tinhas!

Colhiamos rosas sobre o mesmo ramo!

E's a maior de todas as rainhas,

Pois sobre versos é que tu caminhas,

E eu te amo! eu te amo! eu te amo!

LUIZ GUIMARÃES (FILHO).

UM CASO VERDADEIRO

A tia Manoela, a boa preta, que ajudára, como ama secca a crear os *sinhós-moços*, fóra, em um dia de festa da familia, liberta, talvez mais para ostentar a seu senhor generosidade, que não possuia, do que por um sentimento de gratidão aos serviços da velha escrava.

Viera do Norte, celloiro enorme, que abastecia fartamente a fazenda do Sul, enviando com regularidade as levas de escravos, para serem vendidos na Côte do Rio de Janeiro.

A agudeza do seu espirito e a sua linguagem poetica indicavam que a sua infancia fóra passada entre gente de algum cultivo.

O leitor affirmará, talvez, d'aqui a pouco, que a sua educação se fizera em casa de algum rabula, cheio de recursos e ronlia.

Já adiantada em annos, Manoela se casara com um preto, tambem velho, o Thiago, senhor de uma pequena situação, nos arredores desta Capital, onde era conhecido e estimado, pela sua seriedade e cortezia. Não era ainda do tempo, em que qual'quer molecote, de cigarro aos queijos, nos atira um comprimento chamando nos *cidadão*!

O tradicional *londado*, era ainda formula uzada pelo preto.

Mas como succede a todos os Thiagos e mesmo áquelles que não o são, o velho morreu, deixando a Manoela, provisoriamente chorosa, sem filhos e proprietaria!

Apezar dos seus 50 e tantos annos, o seu sangue, feito sob as influencias tropicaes; tinha exigencias bruscas, e as ondas rubras e quentes se chocavam, pelas paredes dos vasos, como um rebanhio de ovelhas atropelladas.

Morava nas visinhanças, o Chico um rapagão, forte e ingenuo. Os olhares cubiçosos da Manoela o acompanhavam, quando elle passava pela estrada, lambiam-lhe o toutiço de touro, e se espraivavam pelas espaldas reforçadas.

Um casamento era possivel, realisava mesmo os sonhos da Manoela; mas... a differença de idades, os perigos para a sua casinha, prendiam por momentos os seus desejos irrequietos.

Em certo dia, mezes depois, na estrada de Santa Quitéria, alcancei a nossa velha; contou-me que se casara com o Chico.

— E não tens medo? Elle ainda tão moço! Si te abandona e fica com o teu sitio?

— Eh! *Sen moço*... negra velha foi esperta! Casou só na igreja!...

O moleque está preso, porque é religioso e sabe que não ganhou direito á metade da casinha... se lóe vae sosinho!

E rio-se a boa Manoela, a preta velha, por cujos olhos passou a visão rapida do rabula, cheio de ronha, que a creara talvez.



Volta á casa.

Velha Dedicatória

(A Augusto de Lima)

Nem uma vez teu nome
no meu livro apparece.
Se a magua te consome
por isso, a magua esquece.

Tudo o que nelle existe
e tudo o que escrevi,
ou satisfeito, ou triste,
foi só pensando em ti.

Eu sou ditoso, quando
este volume abrindo
deparato-me olhando
e para mim sorrindo ;

E nelle estas, de modo,
que numa linha, ou til,
vejo-te o nome todo
e todo o teu perfil.

Ah! neste livro teia
de fios de ouro junge
a mim e a ti... Cadeia
ditosa que não punge...

E elle não bem resume
o nosso casto amor,
que até o seu perfume
é o teu perfume, flor!

E' elle bom e ledo
porque te guarda o vulto
e o meu e o teu segredo
à toda gente occulta.

Acceite-o, anda ; e cada
folha te inspire do.
Que valem versos?— Nada!
mas elle e teu, teu só.

Se delle leres uma
por uma as poesias
dor não terás nenhuma,
mas quantas alegrias!...

Verei o céu de perto,
se verte um dia assim.
No collo o livro aberto
e tu pensando em mim.

Minas, 1901.

BELMIRO BRAGA.

A CIGARRA

— Não, Esther! não sejas inclemente, deixa a pobre da cigarra chilrear ahí nesse pecegueiro florido, pois não vês, não sabes que ella te veio saudar nesta manhã primaveril, assim como te saudam os bellos pintasilgos, cantando sonoramente a sombra poetica e aromatisada do verdejante pé de magnólias?

Entretanto, queres matá-la, desalmada! Para que? Não? deixa que ella continue a chilrear, acompanhando a teina e melodiosa orchestra dos pintasilgos.

— Não, quero matá-la ou espantá-la d'aqui, porque o seu chilro é tão triste que me faz recordar do meu passado... e me faz entristecer ao lembrar-me dos meus gozos, dos meus doces e puros enlevos, dias em que tudo para mim sorria e em que tudo eram flores, flores sómente.

Por isso não quero, não desejo ouvi-la, porque se me entristece para sempre ao recordar-me de Alberto, o meu querido netivo que, dois dias antes do nesso hymeneu, deixou de existir e, por essa occasião fatal, as cigarras vinham chilrear tristemente nos galhos das laranjeiras: e é por esse motivo que não gosto e até mesmo me ojerisa ouvir o chilro da cigarra, por que me faz lembrar desse dia tetrico e meocho.

— Si assim é, Esther, deixa que eu, com o meu debil lencinho branco, a espante do pecegueiro...

E o fez, e a espreitinha cigarra, com um rapido vôo, foi pousar nos brilhantes cabellos loiros de Esther.

S. Paulo—Julho—1901.

ARTHUR R. DA SILVA.

Flamma polar

Si de subito o Sol fulgido e ardente
Para sempre no Ether se apagasse
E só a luz do teu olhar ficasse
— Para alentar-me a vida, — certamente

De instante a instante, mansa e cruelmente
Sem que eu fugisse nem te desfitasse
Sentiria cahir-me sobre a face
A luz mortal do teu olhar algente.

E quando, — já meu corpo inteirado—
Eu visse—inda no ultimo momento—
O gelo desse olhar illuminado,

Fôra-me graça esse infernal tormento
De morrer gotta a gotta envenenado
Por teu amor— esse veneno lento!

Niteroy: 1901.

A. AZAMOR.

Rainha Margarida

Referindo-se á rainha Margarida, diz um jornal italiano:

A rainha viuva II aberto, antes de ir para o palacio de Piombino, sua nova residencia em Roma, desfez-se do seu opulento guarda-roupa que era um dos mais numerosos e sumptuosos que havia.

Tresentas toilettes de corte, de séres ou passeio foram destinadas pelas damas de honor e senhoras da corte, as quaes dedicava a rainha a mais subita afeição.

Pouco depois dos funeraes de seu infeliz esposo, a rainha Margarida mandou para o museu de Flórença.

rença os riquissimos adereços que fizeram successo na exposição de Chicago; e, resolvida a não apparecer mais em festa alguma da corte, repartiu pelas pessoas de sua familia aquellas joias que realçaram outrora a incomparavel belleza da inditosa soberana.

Vulcão Hecha

O capitão de uma baleeira norte-americana chegado a Hamburg dos mares boreaes, declarou que, achando-se a 150 milhas ao S. O da costa da Islandia, avistou vivo clarão avermelhado partindo d'aquella ilha.

Não lhe causou isso impressão ao principio, pois está habituado a presenciar auroras boreaes, frequentes naquellas paragens.

Chamou-lhe, porém, a attenção o facto anormal do phenomeno meteorologico occupar zona muito limitada, o que não acontece com as auroras boreaes, que se estendem por todo o horizonte.

Approximando-se da ilha, verificou então que era o vulcão Hecha que estava em erupção, o que não succede desde 1847.

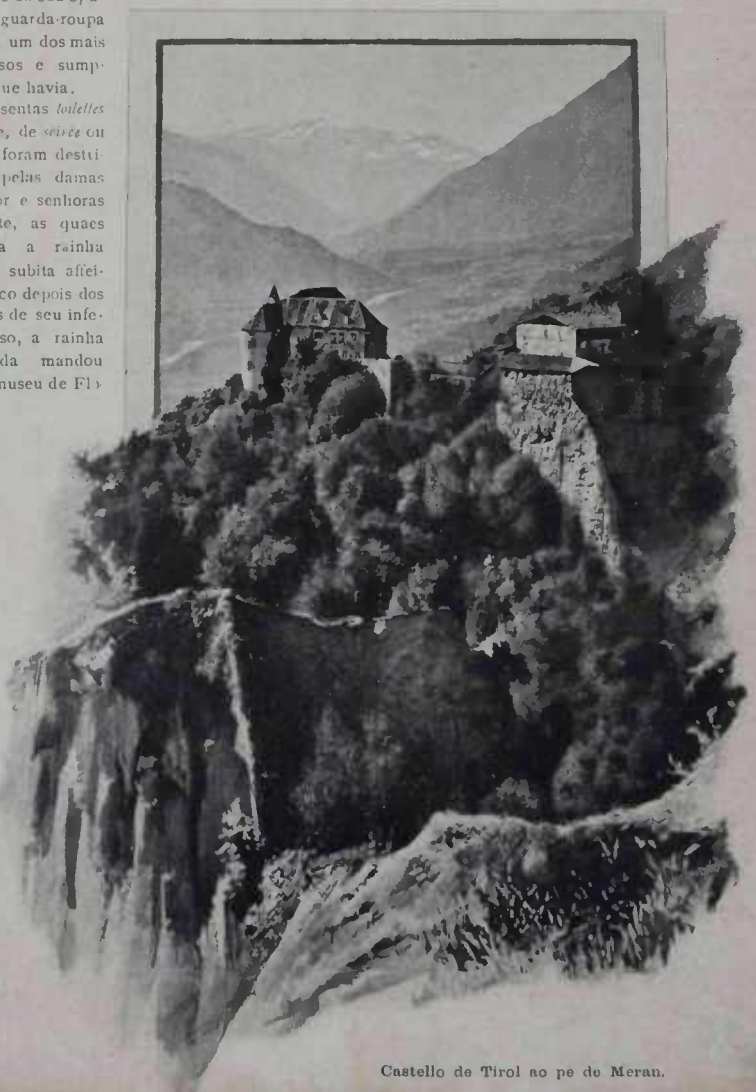
Correspondencia

Muita attenção— Aos assignantes de publicações estrangeiras tão sómente, temos o prazer de avisar que soffrerão grande abatimento por causa das melhoras do cambio, as assignaturas de Jornaes, Revistas, Gazetas e Illustrações, etc., etc.

Pede-se toda a clareza no nome das pessoas que se dirigirem á nossa casa por correspondencia, assim como indicar por extenso o lugar de residencia e nome do Estado.

Os pedidos de informações devem vir sempre acompanhados de um sello de 200 réis para a devida resposta.

A. Lavignasse Filho & C.



Castello de Tirol no pé do Meran.

As excavações de Carthago

De todas as excavações praticadas por ordem do governo francez desde a conquista de Tunis, as mais importantes são seguramente as que leva a cabo o Sr. Glaucker, director de antiguidades e artes em Tunis, em Carthago, desde o principio de 1899, e as quaes continuam ainda, devendo-se a ellas o descobrimento dos restos do Odeon, um dos monumentos mais sumptuosos da Carthago romana.

Estas excavações têm dado um duplo resultado: dotar o museu de Baido, perto de Tunis, de marmores muitos superiores como riqueza e pureza de estylo a todos os que já possuía e enriquecer o com objectos da época punica, que só estava representada por algumas peças de pouco valor.

O museu de Baido é actualmente o mais rico da Africa franceza, embora sua fundação seja recente.

Em Argel, no meio das incertezas dos primeiros annos de conquista, as antiguidades eram dispersas ou destruidas no mesmo momento em que sahiam da terra; não assim em Tunis, onde a occupação foi levada a cabo em condições distinctas e em uma época em que a curiosidade dos sabios se sentia atrahida pelas antiguidades africanas e muito particularmente pelos problemas postos a respeito de Carthago, de suas muralhas, de seus portos e de seus principaes monumentos.

Sabido é que a collocação de Carthago dista muito pouco de Tunis; mas é preciso reconhecer que dista muito responder pela importancia das ruínas, ás grandiosas recordações que evoca na mente o nome da cidade de Dido e de Annibal.

O viajante experimenta uma grande estranheza e uma especie de decepção á vista da immensa collina rasa em que em outros tempos se erguia esta illustre cidade, que depois de haver sido capital do imperio punico, foi tambem da Africa romana, e na qual hoje não se vê vestigio algum que revele a antiga civilização.

«Como, exclamou Gastão Boisdier, d'aquella cidade tão povoada, tão rica, tão magnifica, que foi soberana no mar durante varios seculos, não fica nem sequer um laço de muralha!»

Pois é preciso saber que das tres formidaveis muralhas concentricas da Carthago punica, sem falar das que foram reedificadas no anno de 48, pouco antes da invasão dos vandals, e que tinham, segundo os historiadores, uma espessura de 16 pés e uma altura de trita covades, com 29 kilometros de circumferencia, apenas restam hoje alguns táludes pedregosos, e desde o alto da antiga collina Byrsa, ponto culminante, a antiga acropolis da cidade, d'onde se descortina um grandioso panorama, no qual surgiam os monumentos, templos e casas d'esta esplendida cidade, só se vêem ainda alguns troços informes de paredes que emergem no meio d'ellas campas.

É certo que as picaretas dos archeologos tem sabido descobrir thesouros, ali onde o olhar dos viajantes não distinguia mais do que as ondulações do terreno, debaixo do qual dormem ao mesmo tempo a cidade punica e a cidade romana.

O terreno em que emprendem suas excavações o Sr. Glaucker, ainda não tinha sido excavado. Faz parte do bairro *Dermak* que deve ser nome de thermas romanas, das quaes ainda se encontram vestigios nas bordas do mar. Está contiguo ao bairro chamado *Dumés* (as cisternas), onde o padre Delattre, outro interprete e apaixonado investigador, fez em 1895 e 1894 importantes descobertas que figuram no museu dos padres brancos de Carthago.

Este terreno de *Dermak* parecia prometter muito, mas os resultados excederam a todas as esperanças. Aqui como em todas as partes do nivelamento de Carthago, donde se desce ao sólo virgem, encontram-se sobrepostas diversas capas de rectas, pelas quaes estão representados os diversos periodos successivos de sua vida intima que durou com pequena interrupção de 24 a 16 seculos.

Na superficie estão os restos da Carthago romana, da de Tertulliano e Santo Agostinho, de Theodoto e Justiniano, devastada e definitivamente destruida pela invasão arabe em 648. Debaxo dos restos da cidade do alto imperio romano, renasceu 22 annos depois de ser destruida por Scipião, o Africano, tornando-se mais opulenta e mais populosa do que a sua antecessora.

No 2º e 3º seculs era uma cidade exotica cuja população devia ser pelo menos de um milhão de habitantes.

A Carthago romana, residencia do pro consul da Africa, tinha em todos os sentidos e perimetro da Carthago independente. Assim, suas construcções estão assenadas sobre os tumulos dos concidadãos Amilcar, Asdrubal e Annibal, d'es-es atrevidos mercadores que com seus exercitos de mercenários, chegariam a fazer do Mediterraneo um lago punico, si não tivessem encontrado Roma em seu caminho.

Da Carthago consumida pelas chummas 146 annos antes de Jerusalem, á vista de Scipião Africano e do historiador Fabio, não restam mais que sepulchros, mas sem objectos de grandes variedades, por cujo estudo consequente o archeologo completar e corrigir a idéa que o testemunho dos historiadores antigos nos deixaram formar d'essa cidade.

Quando se poz o terreno á disposição de Glaucker, abriu uma grande sanha, parallelá á borda do mar, dirigindo-se para a collina *Bord Dumés*, pois presidia-se que as investigações ali praticadas dariam interessantes resultados.

É de facto, depois de haver atravessado a capa bizantina, que contém tumul-s e mosaicos, chegou á

casca pagã, onde encontrou um busto colossal de Marco Aurelio e dois grandes mosaicos que cobriam uma escada, cuja escada conduzia á entrada de um santuario de Jupiter Ammon ou de Mitra.

Neste santuario, encontrou estatuetas, cabeças votivas de touro e especialmente quatro estatuas de sacerdotisas quasi intactas, de marmore grego e notavel pureza de estylo.

Como foram aquellas taes obras de um artez grego parar áquella capella, no meio de uma arca muito inferior e da data muito mais recente? Somos forçados a fazer conjecturas, o certo, porém, é que ha na sua aparição em Carthago uma verdadeira surpresa, tal como as efferecem as excavações africanas.

Finalmente, Glaucker descobriu, como dissemos, o Odeon. Não é menos feliz na capa punica.

As investigações tentadas em Carthago desde meados do seculo XIX até hoje, não haviam passado nunca de espessas camadas de cinzas, pedras calcinadas, madeiras carbonizadas, metaes retorcidos ou fundidos pelo fogo, ornamentos meio calcinados tambem, que se encontravam debaixo da Carthago romana, em todo o espaço occupado antes pela Carthago punica.

Parecia que tudo, absolutamente tudo o que pertencia á antiga cidade, havia sido aniquilado.

Não occorre hoje o mesmo. Si bem que as excavações não hajam posto a descoberto, em todo o perimetro da mesma cidade, os alicerces de um só edificio que seja anterior ao anno de 146, pelo menos tem mostrado, debaixo da cidade dos vivos, de que foi apagado todo o vestigio, a cidade dos mortos, o cemiterio da Carthago que estava a ponto de, com Annibal, triumphar de Roma.

A sete ou oito metros de profundidade, foram encontrados os tumulos punicos.

Entre as mais numerosas cyprias, merece ser citada uma, cujo adorno fúnebre era especialmente rico.

O esqueleto era o de uma mulher, talvez uma sacerdotisa e conservava ainda na mão esquerda um grande espelho de bronze e na direita pesados symbolos do mesmo metal.

Um punho esquerdo desaparecia debaixo de um bracelete de perolas, escaravelhos e figuritas diversas: no braço direito estavam enfiados muitos aneis de prata e marfim.

Os delos sobrecarregados de aneis de prata e um de ouro. No pescoço um grande collar de ouro massivo e outro de prata.

Este paramento fúnebre constava além disso de um grande frasco de barro esmalçado, coberto com uma folha de ouro, uma estatua de porcellana, tudo de estylo egypcio, discos, ovos de abstruz pintados, cunchas de cozes e uma lampada de dois bicos, em figura de um prato, cousa que não falta em nenhuma sepultura.

Em um angulo, havia amontoadas jarras de grandes dimensões, que continham os viveres e as bebidas destinadas á defunta.

As mesmas disposições se observam, pouco mais ou menos, em todos os sepulchros da época.

Os objectos contidos nas necropoles de Byrsa, Decimer e Darmer, taes como collares, escaravelhos, joias, mascaras de barro cozido, etc., trazem o cunho muito marcado do estylo egypcio e devem remontar a 500 ou 700 annos antes de Christo, e attestam que na época em que foram encerradas naquelles tumulos, era com o Egipto e a Phenicia que Carthago, ainda semitico e oriental, mantinha estreitas relações, e que a influencia das artes gregas não havia penetrado ainda tão profundamente como penetrou depois da guerra da Sicilia.

Pelo contrario, a necropole de Borjd Djedid não fornece mais do que precos sicilianos ou italianos e nos remette para o tempo das guerras punicas.

A Carthago punica não tem proporcionado despojos menos preciosos do que a Carthago roman e é indubitavel que novas investigações darão a vos e melhores resultados.

A falta de edificios, do fundo desses sepulchros acabara por sair e desprender-se a imagem da Carthago phenicia, que se via marcando não só com todo o sabor da sua originalidade primitiva, muito distante das guerras punicas, e profundamente transformada pelas influencias italo gregas.

— • X — • X — •

Só!

(Extracto de um poema)

Mata-me a soledade em que me vejo,
Se n'a caricia de uma voz amiga
Que, com sincero coração, me diga
Que não sou só... que accenda-me um desejo!

Em tudo que me cerca eu entreveio
O tédio atroz, que esta alma me castiga!
O amor, o doce amor, que tudo ligo
N'este mundo, é de Judas como o beijo!

E uma piedade immensa me contrista
O dolendo coração, que chora
De tão profunda escuridão á vista!

Tudo no gos da matéria me resista
E não ha caridade que resista
A' perversão moral que me apavora!

VICTOR A. VIEIRA.

D. BOSCO

DEUS FALLA AD URBEM... QUANTO DORME
OS SONHOS DA NOITE

É um facto incontestavel que D. Bosco conhecia o intimo da consciencia de quasi todas as pessoas de sua casa, até d'aquellas que nunca se tinham confessado com elle.

A's vezes, o Director de um Oratorio ou Collegio recebia um bilhete concebido n'estes termos:

«Hoje mesmo despedirás a fulano ou a sicrano.»

Assignado: *João Bosco.*

Alguns des despedidos não o conheciam nem de vista e não poucos eram tidos pelos mestres, como excellentes meninos.

Parecerá extranho que tal faculdade do *conhecer* o que está fóra das leis naturaes não a possuísse relativamente a todos em geral. Mas sendo inspirações do Espirito Santo, pode presumir-se que lhe eram especialmente concedidas, quando tratava-se do interesse dos meninos e das casas para elles fundadas.

De ordinario, recebia essas intuições ou presentimentos no silencio da noite.

Um dos meninos de D. Bosco, passou a contrinos de estes sonhos, sabido por muitos alumnos que actualmente pertencem a Congregação Salesiana.

Em 1883, quando mosenhor Belasio fazia os exercicios espirituales no Oratorio, quasi todos, movidos por extraordinario fervor tinham feito firmes e generosas resoluções. Não obstante, um dia disse-nos D. Bosco que não estava satisfeito com os mesmos. Só quem foi estimado por D. Bosco, é que pôde comprehender que impressão nos causaram taes palavras.

«O bom Padre proseguiu: — Depois de tudo quanto tenho feito e faço por vos, julgava que correspondesseis com mais fidelidade aos meus desvelos.

«Assim se exprime, passadas uma ou duas semanas dos exercicios espirituales.

«No dia seguinte contou-nos o sonho que vamos narrar e do qual nem um só menino já mais se olvidou.

«Taes communicações singulares nos surpreendiam e sabiamos que o nosso Padre nunca perdia de vista os seus filhos, sendo que seu coração só palpitava em nosso beneficio.

«A noite passada tive um sonho. Achava-me em Becchi, acabava de retirar-me da nossa cosinha para dar um pequeno passeio pelo campo, quando um velho que estava sentado sobre uma pedra, vendo-me pensativo e talvez um pouco triste, me segredou: — O que é que tem? És um orgulhoso. O que és tu? Porque amas os teus meninos, queres que elles te correspondam, Jesus, porventura, não ama os homens e não os ama mais que tu? E então?

«É verdade... porém, depois dos exercicios espirituales... depois de tanto trabalho!...

«—Queres ver os teus meninos taes como são agora? Queres vel-os, como elles serão mais tarde? Queres contal os?

«—Oh! Sim, Sim!

«— Pois bem.

«O velho levou-me a Bicaiau, campo ingrato e arenoso, onde eu, quando era menino, ia frequentemente trabalhar.

«No meio d'esse campo eu vi um aparelho indescritivel — Approximate, me disse o desconhecido, e olha para os teus meninos.

«Approxime-me e por meio d'um oculo eu vos vi a todos... ali... todos, meus filhos.

«Destinguí um por um: porém, quão diversos do que eu pensava: uns tapavam os ouvidos, outros tinham a lingua furada, taes revolviam os olhos, quaes se ffrim da cabeça, mais além uns tinham o coração carcomido pelos vermes, outros, um cadeado na bocca, outros traziam agarrados nos seus bombros horriveis e repugnantes monecos. Finalmente mi poucos de vos estavam isentos de qualquer deformidade. Desfeito em pranto, exclamei: — será possivel que sejam estes os meus filhos? o que significam tão extranhas phisionomias?

Escuta : estes que tapam os ouvidos, são os que não querem ser admoestados para não se constringer na pratica : esses de lingua furada são os que pela liberdade de suas conversações effluem mui de perto a modestia : os que torcem os olhos, interpretando a seu modo a graça de Deus, preferem a terra ao céu : os que se queixam de dores de cabeça são os que desprezam os conselhos para viverem conforme seus desejos : ella aquelles dons desgraçados : os venes das paixões lhes róm o coração : os de candeado nas bocas, o demónio os conserva fechadas, depois de confissões mal feitas : os pobres meninos que estão com grandes macacos ás costas, são escravos do demónio. Para estes não ha mais remedio : trabalhá-lhes de balde, porque não querem de modo algum sacudir o jugo de Satanaz. Vêz, finalmente n'esse canto os que tem as mãos atadas ? Não quizeram obedecer-te nem se converter : a propria justiça humana virá em teu auxilio para mostrar-lhes, que o pecado não pode nunca dar felicidade.

« Eu olhava sem conter as lagrimas. — Ah ! tu do perdido ! tantos trabalhos... inutilmente !... »

« E quem és tu que pretences converter, só porque tens trabalhado ? O divino Salvador poupou trabalhos, por ventura ? »

« Dito isto, o velho mudou o aparelho e me disse: Observa agora, quanto Deus é generoso, quanto te dá por estas almas que não retribuem os teus desvellos ! »

« Então vi uma multidão innumeravel de muitos paizes, de linguas, traços e physionomias diversas. »

« Estes são os filhos que Deus de enviará ; o seu numero será tão extenso, que não saberás onde collocar os, disse-me o velho. »

« No meio daquella multidão de meninos destinguí alguns que eu hem conhecia. Os nossos sacerdotes empenhavam-se em instruil-os e educal-os. »

« O velho tornou a mecher com o aparelho e offereceu-me um novo espectáculo. Muitos operarios trabalhavam no campo ; alguns vigiavam e dirigiam, outros semeavam. »

« Em uma extremidade, certo numero estavam occupados em afiar as loices por meio de uma pedra, sobre a qual as passava para aguçal-as, o que feito as entregavam aos directores para distribuil-as ; alguns indifferentes crusavam os braços e se retravam do campo, isto é, do Otorio. »

« Ceifada a ceara, robustos braços a enfeixavam e carregavam n'uma carrça que era, logo apoz, conduzida por um só operario. »

« D. Bosco terminou dizendo : — Tenho presentes ante meus olhos todos que vi fallar-lhes hei em particular. Deus me auxilie na sua conversão, que me envie meninos de todas as partes do mundo, e o hem-direi com toda a minha alma ! Porém que dignese de consolar-me desde já, permittindo-me a dita de fazer com que todos sejam dignos do seu amor, todos vós, meus filhos, os primeiros enviados por Elle para o Otorio. »

« Este sonho contado com perfeita simplicidade por D. Bosco, produziu um effeito extraordinario. Nós o recordavamos d'ahi em diante, e repetiamol-o uns aos outros até no recreio, assim nos predispondo animosamente para nos livrar do mal e sermos agradaveis a D. Bosco. »

« Cada um queria saber em que estado tinha sido visto ; e todos ficámos estupefactos por vermos que ficaram patente de um modo sobrenatural os mais inteiros segredos de nossa consciencia. O anno de 1855 fez época nas nossas memorias ; foi um anno de saúde, de firmes resoluções heroicas e de numerosas vocações religiosas. »

« D. Bosco tinha-se tornado senhor absoluto dos nossos corações. »

Uma anedocta de Verdi

Esta interessante anedocta foi agora divulgada com a morte do glorioso maestro italiano : A representação da opera *Aida*, do grande maestro Verdi, agora fallecido, foi, como geralmente se sabe, um estrondoso successo.

Entretanto, um espectador, vindo expressamente de Reggio a Parma, para assistir á representação, levou uma pessima impressão e, descontente, creveu a Verdi pedindo-lhe o indennisasse das despesas de viagem, comida e localidade compradas : um total de 31 francos 80 centimos.

Esse espectador chamava-se Prospero Bertani. Verdi, por intermedio da casa Ricordi, mandou pagar ao Sr. Bertani, á conta, dirigindo a seguinte carta ao editor :

« Peço vos, que pelo intermedio de um seu agente ou de um banqueiro, façais chegar ao Sr. Prospero Bertani domiciliado na rua Santo Domingo n. 3, a quantia de 17 francos 80 centimos. Essa não é toda a quantia pedida porém... pagar tambem a conta... isso não ! Esse senhor podia ter estado em sua casa ! Pica entendido que o Sr. Bertani deverá passar o correspondente recibo, e obrigarse a não mais assistir á representação de minhas operas novas, para evitar o perigo dos espectros e não obrigat-me novamente a pagar lhe ontras despesas de viagem. »

« Mandou ao receber a quantia remettida por Verdi passon o recibo seguinte :

« Reggio Emilia, 15 de Maio de 18... — O abaixo firmado declara ter recebido do maestro Verdi a somma de liras itali nas vinte e sete com oitenta centessimos, (a lira italiana tem igual valor do franco) por s'abio das despesas originadas pelas duas viagens que fiz a Parma para assistir á representação da *Aida*. O autor achou justa minha reclamação, pois a opera não tem sido do meu agrado. Pica tambem estabelecido que não voltarei a escutar mais operas novas do maestro Verdi, qualquer que seja o meu juizo sobre o seu merito ; e em caso contrario, as despesas, correlativas serão de minha custa. »

Dou fe. — Prospero Bertani.

CHRISTIANISMO

11

Creio em Jesus e na doutrina suave
Que Elle nos deu piedoso e verdadeiro.
Creio que quem tiver nos olhos bravos,
Noolhar de seu irmão não vê o contrario.

Inspiro-me em Jesus — dá-me Elle a chave
Do Tribunal Supremo e justiceiro.
E acho máo que um censor de modo grave
« Atire a pedra » sem se ver primeiro.

Ouçã a Jesus — em suas leis celestes,
« De graça dáo o que de graça ouvestes, »
Elle condemna a quem nos vende a prece.

Sigo a Jesus e ao velho, entre amargores,
Perdoar de seu martyrio os causadores,
Penso que o homem vingativo o esquece.

1901-2-2.

L. M. DE OLIVEIRA.

O Presidente Kruger

A « Revista Hispano Americana » de S. Francisco da California publica as seguintes dadas sobre Kruger : « Nasceu na « Villa Coronada » a 14 de Junho de 1825 ; não foi baptisado porque seu pai, Leopoldo E. Kruger, allemão fillado na igreja presbyteriana, se oppoz a isso, apesar das instancias de sua esposa Maria Augustina Iruarte e Duran, hespanhola piosissima de singular e esplendida formosura. »

« D. Leopoldo E. Kruger, pai do celebre presidente do Transval, casou em Madrid onde se demorou até 1829. anno em que renunciou ao cargo de albardeiro que desempenhava e foi installar-se com sua familia na Africa do Sul, onde morreu poucos annos depois. »

« Estes dadas rigorosamente historicos são extrahidos de *As minhas memorias*, do coronel D. Emilio Kruger, irmão do tantas vezes mencionado presidente do Transval, que morreu combatendo a França na funesta guerra franco-prussiana de 1870. »

FROM ALBUM

Vós que sabeis o que é o am r, Senhora,
Deixae que em folhas do teu album santo
Vos diga as dores que minh'alma chora
Quando da lyra se desprende um canto !

Pelo tormento da paixão vencida
Caminhava minh'alma indifferente
Quando de novo uma illusão mentida
Veio, ris nha, povoar-me a mente !

Mas o batel da creença, oh ! que amargura !
Um rochedo encontrando em vez de um porto
Despeda, ou se n'uma noite escura !

E foi tão grande a pena que o conforto
Jamais encontrará n'outra ventura
Meu pobre coração que vive morto !

Nitercy.

AMELIA ALVES.

O FEMINISMO

Como viram os leitores, mereci a graça de uma resposta de Mme. Mongruel, que ainda uma vez souberá em relevo os seus bellos dotes espirituaes, mostrando-se de uma argucia admiravel no modo de entretelar seus raciocintos e de formar seus argumentos de polemica.

Agradecendo sobremaneira penhorado as gentis expressões com que a illustre dama me honra, cumprimento declarar que o que me traz á imprensa, nesta molerna questão do feminismo, não é a astulta vaidade de pretender provar, mas o desejo de discutir um assumpto de tão vastas proporções dialecticas e expostivas.

Com este proposito, posso dizer que já consegui muito de Mme. Mongruel — a sua formal declaração de que não é *inimici* a maior amplitude possível da emancipação da mulher.

Isto já é um consolo. Resta me porém, adduzir alguns argumentos com o fim de responder ás duas intergativas finais do artigo da festejada escriptora.

A apposta inutilidade da intervenção da mulher em certas profissões, como na de advogado, é um caso todo fortuito, que tanto pode colher a actividade do sexo feminino como a do homem.

Desde que ha as mais avançadas que causas, claro é que o motivo da inutilidade da profissão é a concorrência, e não o proijamente a falta de aptidões do profissional.

Demais, é sabido que o diploma juridico habilita o seu portador ao exercicio de varias occupaões no seo da vida pratica, e quem com maiores vantagens intellectuaes e moraes se apresentar com esse salvo conduto, justo é que seja comprehendido na melhor hypothese da concorrência.

A doutora Joanna Chauvin, por exemplo, occupa o lugar de lente de direito no Lycee Normal de Paris, não lhe faltando tempo para dedicar-se a outros ramos de actividade.

Quanto a questão do voto, — isto é uma simples forma de direito, que consequentemente virá com os demais beneficios inherentes á emancipação femil, sem que d'ahi provenha o abalo do hem estar publico.

A mulher, desde que tenha preparado a sua femilidade por meio de um apurado grão de cultura intellectual, tal como dispõe a boa doutrina feminista, ficará apta para exercer todos os direitos civicos ; pois a historia demonstra multissimos casos de senhoras que se notabilisaram pelo seu alto atilamento politico, concorrendo para o engrandecimento patrio.

Senhiramas, para citar outros exemplos, é a mais viva manifestação do quanto pode uma ha a energia administrativa alliada aos grandes dotes de espirito.

A negligencia que proventura possa haver, por parte da mulher, nos misteres do lar, é um facto que tem sua radicação no *Character*. Nas actuaes condições da vida femil, sem outras obrigações que não sejam as de casa, quantas vezes a compenheira do homem não transge dos seus deveres conjugaes ?

Kant, na sua Ethica, diz : Sem o *Character* não pôde haver estabilidade nas acções de quem quer que seja ».

Assim, pois, a mulher sendo adoptada deste attributo moral, ha de preencher as suas funções sociaes sem interromper a doce tranquillidade do lar.

J. A. JACOBS.

MOLDES



Temos a satisfação de comunicar ás nossas gentis assignantes e leitoras que, apezar de nosso silencio, continuamos com o nosso serviço de moldes tanto d'á Estação, como de qualquer outro jornal, para esta cidade e para o interior da Republica.

Ha uns bons trinta annos temos nos incumbido desse serviço, confiando o sempre a pericia de verdadeiras artistas em materia de côrtes.

Agora mesmo as senhoras a quem confiamos esse trabalho, são das mais habilitadas mestras no assumpto, no qual não temem confronto.

Nunca recebemos reclamações contra o serviço da casa e com ultima podemos assegurar que estamos habilitados a satisfazer a frequencia mais exigente, sem que tenhamos receio de que nos venham dar lições de apuro e bom gosto, nem na modicidade de nossos preços.

Para o presente numero offerecemos :

N. 1 — Sãa	1\$000
N. 4 — B'lero	1\$300
N. 6 — Blusa	1\$000

Os recados são recebidos no escriptorio desta folha, bem como, a importancia que deve acompanhar o pedido.

Pelo correio mais 300 réis para o primeiro molde e 200 réis para cada um dos que se seguirem.

Correspondencia

Muita attenção—Aos assignantes de publicações estrangeiras tão somente, temos o prazer de avisar que soffrerão grande abatimento por causa das melhoras do cambio, as assignaturas de Jornaes, Revistas, Gazetas e Illustrações, etc., etc.

Pede-se toda a clareza no nome das pessoas que se dirigirem á nossa casa por correspondencia, assim como indicar por extenso o lugar de residencia e nome do Estado.

Os pedidos de informações devem vir sempre acompanhados de um sello de 200 réis para a devida resposta.

A. Lavignasse Filho & C.

Collegio da Immaculada Conceição

(CERAMIA DE BOTAFOGO)

Não ha coisa alguma mais commovente, mais sublime á face do planeta do que uma primeira communhão de meninas.

São almas de virgens que se abrem a vida sobre o natural da fe, são corações innocentes que recebem o banho da graça santificante no seu primeiro contacto com o coração amantissimo de Jesus, esse oceano de caridade por onde vogam em plena liberdade, os desejos de todos aquelles que sentem o nada das coisas da terra e se voltam, esperançados, para o Ceu onde os aguarda a realisação das promessas divinas!

Ah! se todos pudessem comprehender o valor da communhão, com que ansia, com que ardor não correriam para a mesa sagrada, onde se distribue o verdadeiro manã tão necessario para que não destaleamos nessa tenebrosa jornada que se termina as portas do tumulo.

No dia 15 do presente mez, dia em que a Igreja solemnis a assumção da Senhora, a subida á gloria da Virgem Purissima, sacratio precioso do Verbo Divino, houve con-

munhão de meninas no Collegio da Immaculada Conceição, em Botafogo, piedoso e importantissimo estabelecimento de educação dirigida por irmãs de caridade, por essas dedicadas filhas de S. Vicente de Paula, cuja missão no mundo é viver para os outros.

Foi uma scena tocante e commovedora em que mais de noventa meninas receberam o deliciasissimo pão dos anjos, em que fortaleceram suas almas brancas com o arminho para novas visitas de Nosso Senhor Jesus Christo, de cujo unção e exclusivo amparo devem ellas esperar todo o conforto nesta vida de tribulações e angustias.

No dia seguinte 16, em presença do Sr. arcebispo, houve confirmação, renovando-se os mesmos actos de piedade e de amor que se tinham praticado na vespera.

As dignas irmãs a quem tanto deve esta capital receberam, ao contemplar o santo acto da communhão de suas educandas, a consolação espirital, unico que esperam seus bem formados corações.

Felicitando-as, felicitamos igualmente os paes que entregam a educação de suas extremosas filhas a tão nobre e preceptoras.

NINON DE LENCLOS

essencia da ruga, que jamais ouso amular. Foi a epiderme, da passiva dos 80 annos conservava-se jovem e bella, atrahido sempre os pelegados um certidao de laicismo que rasgava a corolla Tempoi, cuja foice embatava-se sobre sua emmentadora alvissimima, sem que nunca deixasse o menor traço. Muita verdendadade via-se subindo a dizer a velloo ralongento, como a raposade latonante dizia das avas. Este segredo, que a celebre egosta busca jamais emulara a quem quer que fosse das pessoas daquelle época, descobriu a Dr. Lenclos entre as folhas de um volume de L'Histoire anecdotique des quetes, de Bussy-Rabutin, que fez parte da bibliotheca de Voltaire e é actualmente propriedade exclusiva da **PARFUMERIE NINON, MAISON LEBLANC, Rue du 4-Septembre, 11 a Paris.**

Esta casa tem a disposição das nossas elegantes, soli o nome de **LES ETABLES EN C. DE NINON**, assintemto as receitas que d'ella provém, por exemplo, o

DIVET DE NINON

pó de arroz especial e refrigerante;

Le Savon Crème de Ninon

especial para o rosto que limpa perfeitamente a epiderme mais delicada sem altera-la.

LAIT DE NINON

que dá alvura deslumbrante ao pescoço e aos hombros

Entre os productos multidos e apreciados da **PARFUMERIE NINON** contam-se:

LA POUDE CAPILLUS

que faz voltar os cabellos brancos á cor natural existe em 12 cores;

SEVE SOURCILLIÈRE

que augmenta, engrossa e limpa as pestanas e os supercilios, ao mesmo tempo que dá vivacidade ao olhar

LA PATE ET LA POUDE MANDERNALE DE NINON

para finura, alvura brilhante das mãos, etc., etc.

Cavejo estar a velhice o nome **LE C. DE NINON** e o endereço sobre o rosculo para evitar as emistações e falsificações

PARFUMERIE EXOTIQUE E. SENET

35, Rue du 4-Septembre, 35, PARIS

MÃO DE PAPA de duque, de príncipe, por meio da **Pâte des Prêlats**, que embranquece, clisa, assesta a epiderme, impede e destrói as freiras e as cristas.

UM NARIZ PICADO de pequenas bolhas ou com cravos torna a recuperar sua brançura primitiva e suas côres lisas por meio do **Anti-Bolbos**, res-facto seu igual o muito contra-facto.

CUIDADO COM AS CONTRAFAÇÕES

Para ser bella, encantar todos, o rosto deve servir la **Fleur de Pêche** pó do arroz feito com fructos exóticos.

POUCOS CABELLOS

Para quem quer ter o cabelo sempre comprido e a **l'Extrait Capillaire des Benedictins du Mont-Majella**, que tambem impede que caia e se perca o pouco branco.

E. SENET, Administrador 35, R. du 4-Septembre, Paris

NÃO ARRANQUEM MAIS os fios da cabeça, porque a **l'Extrait Capillaire des Benedictins du Mont-Majella**.

E. SENET, Administrador 35, R. du 4-Septembre, Paris

Pastilhas e Xarope de Nafé

DELANGRENIER

excellentes peitoraes contra **TOSSE, DEFLUXO, BRONCHITE**

As Pastilhas de Nafé são verdadeiros confeitos peitoraes de um gosto delicioso. Acalmam as irritações da garganta e do peito.

O Xarope de Nafé, misturado com uma infusão ou com leite quente, forma uma tisana muito calmante e muito agradável.

Esses peitoraes não contém substancia toxica e podem ser administrados com toda a segurança ás **CRINÇAS** e muito particularmente contra a **COQUELUCHE**.

Escolha a marca verdadeira Delangrenier Paris

São encontrados em todas as Pharmacias

VINHO de CHASSAINO

REMEDATIVO

Revelado ha 30 annos

CONTRA AS ALIQUADAS NAS VIAS URINARIAS

Paris, Avenue Victoria nº 8.

PHOSPHATINE FALIERES

A **PHOSPHATINE FALIERES** é o mais recomendado alimento para crianças desde a idade de 6 a 7 mezes, principalmente quando commegam a ser desmamadas e no periodo do crescimento. Facilita a dentição e concorre para boa formação dos ossos.

PARIS, AVENUE VICTORIA Nº 8 E NAS PHARMACIAS

PRISAO DE VENTRE

Pó Laxativo de Vichy

do D. SOULIGOUX

Esse pó certo, administrado a cada 2 dias, em doses de 1 colher de café, ha 23 doses, 2 fr. 50

CRÈME SIMON

PARA conservar ou dar ao rosto **FRESCURA MACIEZA MOCIDADE.**

Para proteger a epiderme contra as influencias perniciosas da atmosphera, é indispensavel adoptar para a toilette diaria o **CRÈME SIMON**.

Os **PÓS de Arroz SIMON** e o **SABONETE Crème Simon**, preparados com glicerina, a sua acção benéfica é tão evidente que não ha ninguém que o use uma vez que não reconheça as suas grandes virtudes.

J. SIMON, 36, Rue de Provence, PARIS

PHARMACIAS, PERFUMERIAS e lojas de Latherelicos.

Desconfiar das Imitações.

XAROPE DELABARRE (DENTIÇÃO)

Xarope sem narcotico **recomendado ha ja 20 annos pelas mães.** Facilita a saída dos dentes, evita um fuz passar os soffrimentos e todas as accidentes da primeira dentição.

Escolha se o **Carimbo official** e a assignatura Delabarre.

FUMOZE-ALBESPEYRES, 78, Faubourg Saint Denis, Paris e em todas as pharmancias

PAPEL E CIGARROS ANTI-ASTHMATICOS de Bin BARRAL

Recomendados pelas summidades medicas. Preparações muitissimo efficazes para a cura da **ASTHMA, das OPPRESSÕES, das ENXAQUECAS, etc.** 16 ANOS DE SUCESSOS.

FUMOZE-ALBESPEYRES, 78, Faubourg Saint Denis, Paris e em todas as pharmancias.

NUNCA APPLIQUE-SE em VESICATORIO SEM SE TER O VESICATORIO de ALBESPEYRES

MAIS EFFICAZ e MENOS DOLOROSO de TODOS os VESICATORIOS.

FUMOZE-ALBESPEYRES, 78 Faub. St Denis, PARIS

NA SALA

Vai recitar. De pé, olhar errante,
Por sobre a vasta e luminosa sala—
Surti neivosa vendo n'esse instante
A multidão anciosa a contemplá-la.

Ergue, porém, a fronte deslumbrante
E a sua meiga e harmoniosa lalla
Começa a recitar tu da vibrante
O poema da vida de *Manuela*.

E a sua voz angelical sonora,
Vai adejando pela sala em fora
Fazendo palpitar todas as almas.

De subito emmudece extenuada,
Emquanto a turba applaude emôti nada
N'um turbilhão de bravos e de palmas.

NEGREIA JUNIOR.

A MULHER

A mulher, ser bello, seductor e incomprehensivel, que Deus formou d'um pedaço do primeiro homem e deu-nos por companhia tem sido o alvo de muitas questões, o objecto de muitos dizeres.

Pessoas reputadas sabias e pessoas que de nada sabem tem perdido um bom pedaço do seu tempo em analysar essa «divindade terrestre», como dizem uns esses «demonio de saias» como lhe chamam outros.

Nunca lhe fizeram justiça porque nunca disseram a verdade.

Origenes, talvez por despeito, disse que «a mulher é a chave do peccado, a mão do delito, a corrupção da lei.» Voltaine — um a das glorias da moderna França — disse — quem sabe? talvez inflamado pelo fogo de amor que «o ceu fez a mulher para reprimir a exaltação das nossas almas, para nos socegar, para nos tornar meliores.»

Qual dos dois tem razão? — Nenhum, porque se um foi demasiado sereno, o outro foi em extremo condescendente.

A mulher esse ente incomprehensivel, tem sido objecto de tantas questões, mas quizes sabies e tolos tem perdido o seu tempo: a mulher que umas vezes nos conduz aos céos de, e outras nos atira no pó da desgraça. — na minha humilde opinião — não é mais nem menos do que um *mysterio* sob fórma humana.

Sala! o estorlo não fica. Os mil-
bios que o somlein.

Ceará Jacaré — Julho — 1901.

RAYMUNDO MAGALHÃES.

A APOSTA

Um dia limpido e sereno, Alfredo e Esther, dois primos gentis, estavam a sos num jardim florido a brincar com as irrequietas borboletas, que instantemente adrejavam em torno das flores em busca do mel que encerram.

Ambos, ridentemente, intentavam caçar as pobres borboletas, poiém ellas, espartinhas como são, antes que elles se lhes approximassem, voavam... voavam até peisâr numa rosira ou num jasmineiro em flor.

Esther, muito mais caprichosa que Alfredo, neste tentamen, lhe faz proposta para uma aposta.

— «Primo, vamos fazer uma aposta?»

— «Qual aposta, priminha?»

— «Olha, aquelle que mais depressa pegar uma borboleta, dará nos labios do outro um sonoro e doce beijo...»

— «Feita! priminha, feita!»

E os dois graciosos primos, nesse momento, se apartaram e cada qual sahiu impavido pelo jardim em fora em procura das borboletas, para ver quem ganhava a aposta e tambem o beijo.

Esther tomou em direcção a uma roseira em que se a.havam diversas borboletas, e Alfredo caminhou para o lado do vicejante e ar matisado jasmineiro em flor, onde existiam bem poucos desses insectos...

Lucta d'aqui lucta d'aquella, ambos queriam ganhar o beijo.

Passados alguns segundos, Alfredo, alegre, exclama do jasmineiro a Esther, annunciando o ganho da aposta, pois que pe-



Dansarinas japonozas.

gura nessa occasião uma borboleta, aliás lindissima, de variadas cores.

— «Priminha! priminha!»

— «Que é, primo?»

— «Ganhei a aposta, ouviste?!... cá está já a borboleta, custou, suei muito, mas sahi victorioso!»

— «Quer ver que o diabo do primo foi mais ligeiro que eu... e ganhou a aposta? mas eu não lhe dei o beijo, porque é desaforo... direi a elle que tudo era brincadeira, e fica por isso mesmo!»

— «Prompto! priminha, eil-a aqui... e como é linda, não?»

— «Ganhei a aposta, não é, priminha?»

— «Ganhaste, sim!»

— «E o beijo, priminha?»

— «Que beijo!?»

— «Da nossa aposta!»

— «Não dou, porque era brincadeira... apostei à toa... e papae me bate si eu te der um beijo; elle me disse outro dia que é feio uma menina dar beijos, ainda mais aos primos...»

Alfredo, que pegára a borboleta somente para dar um beijo em Esther, e não o conseguindo fazer, como esperava, desespera-se, e sahiu por all em fora chorando como um doido, e foi ter com o seu pae para narrar lhe tudo o que então se havia passado.

S. Paulo — Agosto — 1901.

ARTHUR R. DA SILVA.

SONETO

De ha muito o coração que morto eu creia
Pulsa e vibra com grande intensidade.
Por tal transformação quão te devera
Si aguilho não houvesses por maldade.

Deve ter certo encanto e suavidade
Fazel o padecer qual padecera,
Tu o disseste talvez, na ingenuidade
De quem o mal não avalia que fizera.

Si tal não é, si a ti tambem te attinge
Algo do sentimento mais humano
Que, diz-se, es corações mais duros cinge.

Dize m'o, mas em tom sincero e lhano
Com a franqueza brutal de quem não finge
Que é faver, dado a tempo, um desenganho.

JOSE LUIZ BARREIRA.



Dansu do leque do goishas.

O que são os boers

A recente chegada a Portugal dos refugiados do Transwal e do Orange proporcionou ensino á imprensa daquelle paiz de indagar os costumes e usos dos seus desditosos hospedes. Dessas indagações resultou a publicação de muitos apontamentos interessantes sobre a vida dos boers, os quaes vamos resumir quanto possível.

As suas primeiras necessidades são : um cacimbo e tabaco, leite fresco, fructas, hortaliças e pão.

Detestam os farinaceos, com excepção da batata, por consideral-os de difficil digestão, e, como todos os habitantes de paizes extra-europeus, apreciam muito as conservas de toda a especie, desde o leite condensado até ás fructas em calda. Os ovos e o chocolate constituem para elles verdadeiros mimos, não ha café que os farte e, com respeito á carne fresca não a recusam quando a podem alcançar, mas tão pouco a procuram com gulodice.

São os boers, como é geralmente sabido, dotados de animo pacifico, considerando e acatando, sempre, a auctoridade e obedecendo-lhe sem reserva nem reluctancia. Pelo contrario, põem todo o seu cuidado em não contrariar quaesquer ordens que dimandem della — mas tudo isto sem subserviencia, com a independencia e altivez que os caracteriza.

A vida em familia constitue o seu principal encanto; é onde se sentem bem. Dedicam a maior sympathia ás mulheres e ás creanças.

Em compensação, estas não os abandonam nunca, acompanhando-os até mesmo ao campo da batalha.

Para elles, todas as contrariedades possiveis da vida, taes como a guerra, a miseria, a doença, a perseguição, etc., são provações ordenadas por Deus, e a ellas se sujeitam sem protestar, consciis que estão de que todas essas provações são outros tantos

expedientes experimentaes de que o mesmo Deus se serve para nelles acrysolar a fé.

Dest'arte encontram na inseparavel Biblia remedio para todos os males. Se é um ente querido que lhes morre, lá está a historia de Job a dizer-lhes que tambem este perdeu muitos entes queridos, sem comtudo atraçoar a confiança no seu Deus, que lh'os arrebatara; se perdem uma batalha, não gastam tempo em discutir outras razões: tambem Israel perdeu muitas para castigo dos peccados do povo hebreu. Assim, lá vara elles, a resolução do conflicto que trazem travado com a Inglaterra depende apenas do... Altissimo, que os fará vencedores ou vencidos, segundo lhe apruver.

Não quer isto dizer que os boers sejam fatalistas como os arabes e outros povos do Oriente. Muito pelo contrario, ao passo que estes attribuem todas as contrariedades á ira de Deus, elles creem que apenas o amor as dita, pois assim Deus os adverte, e admoesta por suas faltas e peccados.

Conservam, immaculada, a pureza da fé protestante que herdaram de seus maiores, os huguenotes de Franco e os calvinistas da Hollanda. Exercem, assim, todos os actos do seu culto, quaesquer que sejam as circumstancias, e na presença de quem fór.

Possuindo a mais perfeita noção do que seja o amor ao proximo, repartem generosamente o que possuem pelos que julgam tanto ou mais necessitados do que elles, embora elles proprios vivam na miseria. Desconhecem o que seja esmola por isso que acreditam que tudo quanto lhe não é absolutamente necessario, lhes foi dado por Deus em proveito dos seus semelhantes.

Daqui, apenas a Deus agradecem os favores que recebem, ficando os que os prestam reduzidos á humildade de simples enviados ou dispenseiros d' Creator...

Politicamente constituem os boers duas republicas independentes — com perdão dos Srs. inglezes. Republicas que não possuem, porém, o mais pequeno ponto de contacto com as da Europa e, ainda, da America. Preoccupam-se principalmente, os boers, em politica, com o bem-estar geral, cumprindo todos os deveres, ainda os mais onerosos — taes como imposto de sangue... os demais impostos. Constituiria para qualquer boer uma verdadeira vergonha o occultar do fisco o quer que fosse, ou simular motivos de modo a isentarem-o de servir nas fileiras.

Finalmente, o presidente da Republica não é apenas, para elles, o chefe do estado, das constituições europeas e americanas; é muito mais do que isso: é o pae, o amigo, o juiz, o general, o conselheiro, o pastor da igreja e o pregador.

Como quem diz: *peu para toda a obra.*

THEATROS

Rio, 23 de Agosto de 1901.

A temporada lyrica tem proseguido sem outro incidente desagradavel a não ser a molestia do tenor Innocenti, que o afastou do palco.

Os espectaculos agradam sempre. Depois do nosso ultimo artigo foram cantados, muito regularmente, o *Guarany*, a *Carmon* e a *Mignon*, sendo nestas duas ultimas operas notavel o trabalho da prima-dona Berlandi. Na opinião unanime dos dilettantes, a opera do nosso Carlos Gomes ha muito tempo não tinha tão perfeita execução.

Terminando esta noticia, repetiremos a phrase que ha dias escrevemos: «O publico está satisfeito e o empresario satisfetissimo.»

✻

A companhia franceza de opereta e baile continua a dar espectaculos todas as noites, e sempre com peça nova, no S. Pedro de Alcantara.



Domingo de primavera.

As operetas mais bem representadas têm sido *La Mascotte* e *Le Petit Duc*, em que todos os artistas brilharam.

O corpo de baile não é mau, e a primeira bailarina, Maria Villa, do Scala de Milão, é uma artista notável. E' pena não ser bonita...

A companhia demora-se ainda alguns dias, cedendo o theatro a Clara della Guardia, cuja estreia é já annunciada para 5 de setembro proximo.

Alguns dos nossos artistas constituíram uma associação para explorar o theatro Sant'Anna, e estão ensaiando, para ser brevemente representado, um drama phantastico do Sr. Fonseca Moreira, intitulado *O diabo no P. ratto*. Mais uma tentativa.

Falleceu em Paris Edmond Audran, o celebre auctor da *Mascotte* e de tantas outras pinturas universalmente conhecidas.

CHRONIQUETA

Rio, 22 de Agosto de 1901.

Está na ordem do dia o Club Militar. Amos o não estivéssemos, porque todas as vezes que os militares se mettem a fazer politica, o palz scifre e paga o pato.

Emfim... são assumptos esses que não cabem n'um periodico de senhoras, nem podem ser tratadas em meia duzia de linhas frivolae e fugitivas.

Tratemos antes da Escola de Bellas-Artes, fazendo votos para que a Camara dos Deputados vote, de uma vez por todas, a lei que habilita a Associação do Centenario a transformar em um palacio aquelle imundo pardiéro condecorado com o titulo de Mercado da Gloria.

Immundo, sim! Se é verdade, como se assevera, que um fino diplomata, marquez e ainda por cima príncipe (Na terra delle ha principes em penca!), aillim u, em conversa com a esposa do outro diplomata, n'uma barca de *Retropolis*, que o Rio de Janeiro é uma cidade de porcos, foi talvez, porque o alludido marquez e príncipe metheu o bedelho no Mercado da Gloria e n' outros mercados que por ali ha, para vergh nha do Rio de Janeiro, que poderia ser e ainda sera (Quando? Isso agora...) a primeira cidade do mundo, pois tem para isso todos os elementos, menos um, alias o primeiro: uma boa municipalidade.

Vamos, Srs. deputados, um bom movimento! Porque têm vossas excellencias a mão pesada quando

se trata de fazer alguma coisa em beneficio da arte?

O habituario destes ultimos dias registrou o fallecimento de bens mader's distinctos os Drs. Luiz Mario de Sa Freire e Luiz Agapito da Veiga.

L. V. O. HERÓD.



MUSICA MODERNA

- Carlos T. de Carvalho - Lulala, valsa... 1800
João Gomes Junior - Graciosa gavota... 1800
Carlos T. de Carvalho - Noiva, valsa... 1800
Amillo Sans - Trevo e folha de tango... 2000
P. Lagio - Un beso por el ciel, valsa... 1800
Carlos T. de Carvalho - Onidoloma, polka... 1800
A Pestalossa - Coraribim, Canzone valsa... 1800
Azevedo Lemos - Rio Grandens, schottisch... 1800
Alfredo Guimarães - Com seu sorte, tango... 1800
Francisco Braga - Minnie, tango... 1800
Ubaldo Soares - Cabala, polka... 1800
" " - Catendulas, schottisch... 1800

A' venda em casa dos editores

VIEIRA MACHADO & C.

Deposito exclusivo dos celebres pianos

DE

JULIUS FERRER

51, Rua dos Ourives, 51

PAPAINA

Dr. NIOBEY - O melhor remedio para o tratamento das dyspepsias, gastrites, vomitos de gravidez, diarrheas das crianças e de todas as molestias do estomago e intestino.

Unico deposito, á rua dos Ourives n. 114. Vende-se em todas as pharmacias e drogarias.

Recordação

Aquella fina jarda que me deste - lembro-me ainda e isso me comove - Tu mesma é que a compraste e que a trouxeste da tua larga, cento e vinte nove.

MARIA ANTONIETA.

O DENTARIUM

É DIRIGIDO PELO CIRURGIÃO DENTISTA

PAUL KIEFFER DE PARIZ

LAUREADO COM DISTINÇÕES PELA FACULDADE DE MEDICINA

A tabella adaptada pelo O DENTARIUM e que está sendo o movimento publicada nos principaes jornaes, não f' a estabelecer a sua a fim de fazer affluir a clientela para depois coagula a acceter preços diferentes dos publicaes.

CONSULTAS 2\$000

Table with 2 columns: Procedure and Price. Includes items like 'Extrações de dentes ou raizes', 'Anesthesia local', 'Limpeza geral dos dentes', etc.

12 RUA DOS OURIVES 12

das 7 horas da manhã ás 8 da noite

PILULAS DE BLANCARD

APPROVADAS PELA ACADEMIA DE MEDICINA DE PARIS

Resumem todas as Propriedades do IODO e do FERRO.

40 Rua Bonaparte PARIS



Estas Pilulas são de uma efficacia maravilhosa contra a Anemia, Chlorose e todos os casos em q' se trata de combater a Pobreza do Sangu.

Material da ESTAÇÃO



- CARRETELHA para levantar molles... 2700
ESTOJO com duas fitas metras... 2500
PAPEL ESPECIAL para molles 5 folhas grandes... 2000
PAPEL ESPECIAL para molles 10 folhas pequenas... 1100

Pelo correio mais 500 rs PARA CADA ARTIGO

Estes objectos facilitam muito o trabalho de levantamento de molles e cortes bem como a corte e costura e a passagem dos riscos de bordados das folhas publicadas pelo jornal.

PEDIDOS NO ESCRITORIO DO JORNAL

A Estação

AVISO ÀS SENHORAS. O'APIOL Dos D'os JORET-HOMOLLE. CURA AS DÔRES OS ATRASOS A SUPPRESSÃO REGRAS. Ph. G. SEGUIN, PARIS 165, Rue St-Honoré, 165 E EM TODAS PH. E DROG.

VICHY-ETAT VICHY-HOPITAL Molestias do Estomago e do Intestino. VICHY GRANDE-GRILLE Molestias do Fígado e do Apparelio Biliario. VICHY-CELESTINS Molestias dos Rins e da Bexiga, Gattas, Diabetes. AO RECEITAR ESPECIFIQUEM BEM O NOME PASTILLES VICHY-ETAT COMPRIMES VICHY-ETAT

Por causa das semelhanças

COMEDIA EM 1 ACTO ORIGINAL DE EDUARDO M. PEIXOTO

PERSONAGENS

André Miranda.....	40 annos
Valentim Motta, typo seme-	
lhante a André e com a vesti-	
mento igual á delle.....	36 "
Macedo.....	37 "
Julio de Mendonça.....	30 "
Cesarino.....	28 "
Raul Monteiro, official de ma-	
rinha.....	25 "
Augusto.....	42 "
José, creado.....	24 "
Honorina, filha de André.....	17 "

Ação — Rio de Janeiro Epocha — Actualidade
1901

ACTO UNICO

Scenario — Salão nobre de hotel, portas lateraes, deixando ver ao fundo um jardim

SCENA PRIMEIRA AUGUSTO E VALENTIM

Augusto. — Então, decididamente, o senhor não paga?
Valentim. — Pagarei, meu caro, pagarei quando receber o legado do meu tio.
Augusto. — Eu não tenho nada com o legado do senhor seu tio, vendi-lhe as terras de minha propriedade á praso, que está terminado, quero para eu o meu rico cobre.
Valentim. — Tem razão. Mas, si eu não o tenho...
Augusto. — Si não o tem restitua-me as terras.
Valentim. — Restitui-as-hei.
Augusto. — Quando?
Valentim. — Quando quizer, hoje mesmo.
Augusto. — Se for possível, meu caro senhor, da melhor vontade, as receberei. Ou o coobre ou as terras! O que eu não posso é fiar-me mais na sua palavra!...

Valentim. — Senhor!...
Augusto. — Já lhe disse.
Valentim. — Não repita.
Augusto. — Repito, sim senhor. Ha cinco mezes que se esgotou o prazo marcado... O senhor sempre na expectativa da tal herança do seu tio, e até hoje nada. Por isso quero que o negocio fique resolvido definitivamente.
Valentim. — Já está resolvido.
Augusto. — Como?
Valentim. — Venha ás 3 horas buscar os documentos que lhe pertencem.
Augusto. — Sim, senhor. Olhe que ás 3 horas aqui me encontrará. (a parte) Hei de te ensinar velhaco (sae).

SCENA SEGUNDA VALENTIM, JOSÉ

Valentim. — Ah! ah! ah!... Sempre tem graça o tal Sr. vendedor de terras á praso... Mas, o que não reza a menor duvida é que a compra não era má... Terras, muita virgem, cachoeiras, mandioca, moimho, tudo por dose contos... E, por causa da herança do meu tio, peço esta compra magnifica (vendo as horas) 11 horas. Vejamos se o juiz já despachou o meu requerimento e si o inventariante está disposto a dar-me o que me compete (sae).

SCENA TERCEIRA ANDRÉ, HONORINA E JOSÉ

André. — Até que, emfim, cbegamos a esta bella cidade. (a José).
Desejo que o amigo mande apromptar os nossos aposentos com alguma brevidade.

José. — Sim senhor. (a parte) Oro esta! Para que havia de dar o Sr. Valentim! (alto) Vou dar todas as providencias para a installação de V. S. (sae)

SCENA QUARTA ANDRÉ E HONORINA

André. — E tu, Honorina, o mo achas esta casa? Será por poucos dias... Si não te agradar procuraremos um arrabalde melhor, um logar de mais vida. Quero que vejas a cidade, o theatro, as modas, as novidades diarias, tudo emfim. Estás moça, forte, rija e na tua idade a mulher deve olhar para as festas com muito interesse.
Honorina. — E tu, papae, me leva a todos estes divertimentos?

André. — Si te levei?... Ora esta!... Minha filha, eu quero que tu te divirtas... Minha filha, o mundo, cheio de contrariedades, de perversidades, de banalidades, de immoralidades, exige de nós, homens e mulheres, conhecimentos os mais minuciosos dos seus encantos, das suas amarguras, dos seus mysterios. Hei, tu tens pae, na tua falta, os teus dias são tisonhos; amanhã, morto e ficas para ahi, sem conhecimento algum da vida pratica; ignoras a perversidade dos homens e (mudando de tom) não digo que aconteça, mas é possível, e... Irás esbarrar de encontro a algum perigo.
Honorina. — Mas, papae...

André. — E' por isso que desejo apresentar-te aos Noronhas, um amigo velho... (rindo) Aquelle Noronha era dos diabos... Quero levar-te á casa do Macedo... (rindo) O Macedo!... Bom companheiro!

Honorina. — Papae fala do pae de Georgetta.
André. — Exactamente. Quero que visites a familia Lemos... A menina Lemos desejo que conheças. É uma tetra, rica menina, uma morena cnic! Tu, quando nasceste ella podia ter tres semanas, isto á 17 annos!... Parece que foi hoatem! (sentando-se).
Honorina. — Não se esqueça, papae, de levar-me a casa das modas...

André. — Ah! ah! ah!... As modas!... Lá havemos de ir!... Lá havemos de chegar!... Para que servem as modas senão para tornar mais bello a mulher!... E tu, a fallar a verdade, não és feia, sahistes ao teu pae, sim, tua mãe tinha bom gosto... Boa Marieta!...

Honorina. (sentando-se). — Minha boa mãe! Ireemos juntos, papae, fazer a encomenda para, no nosso regresso, levarmos uma lembrança ao seu tumulo...

SCENA QUINTA

OS MESMOS E UM HOSPEDE

Hespede (atravessando a scena). — Bom dia, Valentim! Boa vida! (sae).

André. — Bom dia, senhor! (a Honorina) Como é que elle me chamou?
Honorina. — Valentim!

André. — Valentim? (rindo) Julgo que fosse outro. E' muito comunum um engano desse. Lembra-me, lá, em S. Paulo, o Antunes que uma vez achatou a cartola do mestre de latim, suppondo ser o amigo Fabricio, collega de republica. Aquelle Antunes era um m-leq-e! A Honorina que tem estado a apreciar a casa? O Honorina, que achas da casa?...

Honorina. — Bza, papae. Borita vista para o mar. Bonito jardim (vendo) Que praça é aquella, papae?

André (levantando-se). — Onde?
Honorina. — Ali... (apontando).
André. — Ali... é... é... a Praça Duque de Caxias, onde se acha a estatua d' grande marechal da guerra do Paraguay. (voltando-se) A casa parece boa! Veremos se convira.

José (entrando). — Acham-se promp os aposentos de V. S. (carra de velhaco).
André. — Muito hem. Vamos minha filha! (sae)

SCENA SEXTA

MACEDO, JOSÉ

Macedo entrando. — Deve ser aqui!... O cartão do meu amigo André não deixa duvida sobre a sua estadia... (lucra no botao do campanhia electrica)... Dez annos de auzenzia do bom companheiro... Como irá a boa Honorina, que eu tanto carreguei ao collo, juntamente com Georgetta? (apparece o creado José) O Sr. André Miranda... Queira prevenilo da minha presença, (entrega a José um cartao, José sae) Deve estar mais acabado, mais volunoso o André. Será uma surpresa, vindo-me tão anticipado...

SCENA SETIMA

MACEDO E VALENTIM

Valentim. — (entrando zangado) Que levem o diabo, o juiz, o inventariante e o homem das terras!...

Macedo. — O' amigo André!... (corre para Valentim) Ha que annos. (Abraça-o) Como vai esta bizarría?... Como vai a tua filha?... Honorina onde se acha?...

Quero vel-a.
Valentim. — Bem, obrigado! Mas, o senhor enganase... olhe... que... (a parte) Quem será esse sujeito?

José. — (entrando) Ah! Andava a procura de V. S. para entregar este cartao (entrega o cartao e sae.)

Macedo. — Sim, como me prevenistes da tua vinda á cidade, quiz ser o primeiro dos teus amigos a abraçar-te. Estás disposto, gordo, corado, mais bonito! Que boa vida, André, a tua!

Valentim. — André! Então eu sou o André. (alto) Mas... ha um engan...
Macedo. — Dez annos de separação, amigo André... Mas... conta-me o que tens feito nestes dez annos, as tuas aventuras, a tua vida, os cuidados na educação de tua filha, que deve estar uma bella moça...

Valentim. — (a parte) O que é que eu hei de lhe dizer. Vamos ver, sejamos politicos! (alto) Ora, meu amigo. Quando me casel...
Macedo. — Lembra-me, lembra-me.
Por signal que o Noronha, no dia do teu casamento, conseguí a carta de medico. Recordas-te?
Valentim. — (convulso) E ia-me quebrando a cabeça.

Macedo. — Ia-te quebrando a cahega?
Valentim. — Sim. No enthusiasmo da dança, em uma valsa, escorregou e zás... passou-me uma ras-teira.

Macedo. — (admirado) No teu casamento? Mas houve dança no teu casamento?... Não me lembro...
Valentim. — Não te lembras? Estás muito esquecido. (a parte) Querem ver que me espetei!...

Macedo. — Os annos, André, os annos... como não esquecer!... ia jurar que tu te casaste e partiste para a fazenda no mesmo dia... Mas, continúa...
Valentim. — Fui agricultor nestes dez annos, creando a filla como so cria... uma joia. (a parte) Estou atrapalhado para continuar. (alto) Depois de

tanto trabalhar, eis-me aqui. E tu amigo? Conta-me as tuas luctas. O que tens feito?

Macedo. — Alguma cousa. A lavoura tambem foi o meu idolo. Fiquel rico, como sabes. Ful cleito deputado, apos a minha ultima visita, fiz parte do direct rio politico do meu estado e he, vivo feliz, porque vivo somente para a minha familia.

Valentim. — Bravos!... (a parte) Como hei de fugir desta embrulhada! (alto) Pois meu amigo... (a parte) Qual será o nome delle? Ah!... o cartão! (lendo o cartao as escondidas) Macedo. E' o senhor Macedo!... (alto) Pois meu amigo Macedo, sabes que não sahiras d'aqui. Vaes almoçar commigo, teremos tempo de palear, e iremos dar um passeio ao corcovado.

Macedo. — Sou todo teu. Mas, manda prevenir a tua Honorina, que estou deseioso de vel-a.

Valentim. — Honorina?... Quem será esta Honorina?... (alto) Honorina não tarda por ahi. Ella está arranjando a toilette.

Macedo. — Diz-me cá, André, sabes que o Bonifacio deve apparecer por aqui?
Valentim. — Como assim?... o Bonifacio... oh, que surpresa?...

Macedo. — Ao entrar, a pouco, encontrrei-o á porta, tinha vindo aqui com um tal Augusto, seu cliente, cobrar as terras que vendera a um Valentim, um sujeito caloteiro...
Valentim. — (mexendo-se) Hum! hum! (a parte) Ah, velha co!...

Macedo. — ... e que, talvez, voltarla ás 3 horas com o mesmo cliente, afim de ver se conseguia re-haver os documentos de que o patife estava de posse.

Valentim. — (a parte) Hum! hum! Esta agora so acontece á mim... Augusto handido!... (alto) Mas o Bonifacio...
Macedo. — Preveni-o da tua chegada. Ficou admiradissimo e ficou de voltar.

Valentim. — A minha viagem foi repentina. Resolvi, dormi e fugi; quero dizer: Resolvemos, durmimos e fugimos, eu e a Honorina (a parte) Estou a arrehter! (alto) Em todo o easo não havemos de brigar? Que diabo!... ha esquecimentos. Nos não podemos lembrar de tudo. O' amigo Macedo, agora vamos dar um passeio ao jardim (a parte) Quero ver se ponho este sujeito fóra d'aqui.

Macedo. — Si te agradea...
Valentim. — Apreciaremos o aprazivel jardim, fumando uns gostosos charutos...
Macedo. — Que eu t'os offereço. (sohem)

SCENA OITAVA

JOSÉ, JOSÉ

José. — Que espertalhão! Eh! eh! eh!... (fuzando, sentando-se no divan) Onde teria o Sr. Valentim arranjado a pejuena? Si elle tem o seu commodo porque precisa outros?... Eh! eh! eh!... E, com que seriedade diz elle: (imitando)

«Desejo que o amigo mande apromptar osaossos a aposentos com alguma brevidade» — Tem graça, tem!... Esta vida é um turbilhão de miserias... (esprezando-se) Descançemos um pouco, o dia de hoje tem sido uma lucta. Que vida! Que perversidade! (imitando) José! José!... José!... Lá vae o José para o Correio, para a Estrada de Ferro, para a Confeitaria, para as Barcas, para os diabos!... (fumando) E a respeito de chelas! (menção de dinheiro) Muito ruim!... As finanças dos hospedes cá da casa anda em estado... lymphatico carbunculoso... sempre doentes... (esprezando-se) Ah! Quem me dêra ser o Sr. Valentim! Felizardo!...

SCENA NONA

JOSÉ E JULIO

Julio. — (entrando) Bom dia, cidadão.
José. — (erguendo-se) Bons dias, meu cavalheiro. Que ordena V. S.?

Julio. — Podes informar si se acaba hospedado neste hotel um senhor chegado, pelo nocturno de S. Paulo, com uma interessante menina?

José. — (a parte) E' o Valentim com a costureira. Vou pregar lhe uma pta. (alto) Será um senhor calvo, alto, moreno...
Julio. — Exactamente.

José. — Sim, Senhor. Acaba de chegar.
Julio. — Desejo-lhe fallar. Eis aqui o meu cartão.
José. — Pois não. Vou já fazer-lhe entrega do seu cartão.

Julio. — Olhe da lhe dinheiro! Depressa, hein?
José. — (recebendo-o) Até já (sae).

SCENA DECIMA

JULIO, JOSÉ

Julio. — A occasião é a melhor possivel (mandando) Vi a cartela do meu amigo, que merece a mais alta consideração. Afinal de contas posso ganhar uns cobres na transacção. Mesmo que seja a 10 %; poderei livrar-me de alguns impertinentes. Abi vem o homem. Preparemos o negocio.

SCENA DECIMA PRIMEIRA

ANDRÉ E JULIO

André. — E' o Sr. Julio de Mendonça?...
Julio. — Agenciador de seguros de vida, contra o risco de accidentes, morte natural, suicidios; intermediario entre os pretendentes á posse de fazendas, sitios e os vendedores; commissario á 5 %, 10 %, conforme o trato convencionado, de transações sobre hypothecas de bens immoveis, etc., de procurar em juizo ou fora delle, etc., etc. Um seu creado...
André. — (a parte) Irra, que homem polytechnico!... (alto) O que deseja o Sr. Julio de Mendonça? sentam-se)

Julio.—Senhôr. Um amigo meu é possuidor de terras em Jaboticabal...

André.—Da minha terra!... Julio.—... terras preciosas, que contem mattas esplendidas, cachoeiras, etc...

André.—E' verdade que desejo fazer aquisição de um sitio, e desejava mesmo que encontrasse um em Jaboticabal...

Julio.—Não os irago agora, mas poderei trazel-os e V. S. os verá então com vaçar.

André.—Isso, isso! Traga-m'os. Julio.—H. je, ás 3 da tarde. (sae) André.—As tres horas da tarde.

SCENA DECIMA SEGUNDA

ANDRÉ E JOSÉ

José.—(entrando) O Sr... Eh! eh! eh!... O Sr. é um grande pandego!

André.—Hein? Como assim? José.—Sim... inda á pouco... Já conquistou, entende... a costureirinha...

André.—Costureirinha!... José.—Sim... está claro... a pequena que... o encontro...

André.—Não posso comprehender... José.—Que grande pandego!... Em vez de um quarto paga três... Ah! ah! ah!...

André.—Explicá-te, vamos. José.—(Acenando para André que venha com elle. Trava a D. B.) Onde foi buscar a moça?

André.—Hein? Moça?... Que moça? José.—Aquella com que entrou hoje. Aquella pequena...

André.—(comprehendendo) Ah. Canalha! (da-lhe um pontapé) A minha filha! Hei de te ensinar a respeitar a familia, ordinario! (Correndo atraz de José) Grande patife!

José.—Perdão, Sr. Valentin. André.—Trainte! (saem correndo, um atraz do outro).

SCENA DECIMA TERCEIRA

VALENTIM, SO

Valetim.—(entrando e fumando um charuto) La deixei o meu bom, particular amigo Macedo, sentado em um banco da alameda do jardim. Bom companheiro arranjei, em menos de cinco minutos. Não ha ouvida que estou em maré de felicidade...

Continua.

As traças de Livia

Sumeto escripto sob a impressão produzida por um retrato de Livia, em que seus cabellos lindamente pretos, se despenham sobre seus hombros arrojados e de um alaba-tro lizo e nobre, o mo nuu corripo impetuoso da treva que espelnde e brilha.

Nesta trança fidalga que embevece, Em teus hastos cabellos de princesa, Está o ninho queido e a doce messe Destes sonhos que em mim mantêm accessa

A chama deste amor que me enlouquece Ondeante, tão negro,—que riqueza! — Tua madeixa, entanto, respandece Nesta téla sublime de belleza.

Passem lustros, o tempo, lentamente Sem que a neve da edade cruelmente Dissipe a treva augusta desta trança,

Treva que é n'ite hella, esplendorosa Sobre a aurora estupenda e luminosa De teu corpo tão rico de pujança.

ARMANDO GODDY.

Agosto de 1901.

O Sultão

Appareceu agora um livro que, na phrase de Stéphane Lausanic, desperta a mesma sensação do «Quo vadis?» de Sienkiewinski; não é uma fantasia de escriptor, é o retrato de um homem, ou antes de um ser com a figura de homem.

Esta vez Nero se chama Abdul-Hamid; Nero não é o imperador dos ramanos, é o sultão dos turcos.

Quando todós ainda dormem, o sultão ergue-se do leito e na sua mesa de trabalho percorre os relatorios dos espiões, decifra os telegrammas dos

agentes secretos em Paris, Londres, Genova ou no Cairo e annota as denuncias.

O sol brilha no alto do céu e elle prosegue a lugubre tarefa, expedindo ordens e ordens de prisão aos esbirros.

De tempo em tempo levanta a cabeça e vigia o «cafeteiro em chela», incumbido tambem de enrolar os seus cigarros e assegura-se de que elle não lhe envenena o fumo.

As 10 horas reúne os secretarios e algumas vezes os ministros: conferencia rapida, mas de muito perigo para os que não attendem logo ao convite do soberano.

Um gesto brusco, um andar apressado, qual-quer movimento podem ser a causa de morte immediata. Do arsenal que sempre carrega, o sultão puxa um revolver e despedaça o cranco de quem tiver a desgraça de assustal-o.

Algumas vezes o sultão é obrigado a receber o alfaiate ou o sapateiro.

Eis como se passa a scena: —«Entrej, narra o primeiro alfaiate imperial, em um alojamento de Yildiz e Ismet-bey, o chefe do guarda-roupa arrebatou-me das mãos o traje que eu tinha de experimentar e levou-o para a sala vizinha.

Minutos depois abriu-se uma porta e o sultão vestido com a stambulina incompleta e apenas alinhada, surgiu marchando em linha recta, tres ou quatro metros distante de meus olhos, e desappareceu. Estava acabada a prova. Ismet-bey, minha attitude respeitosa, mãos em cruz no peito, presenciu o curioso espectáculo, durante o qual eu devia inteirar-me dos defeitos da roupa.»

Acabadas as audiencias, o sultão dorme a sesta ou vai dar umas voltas no parque.

Depois do passeio visita o harem ou se entrega ás analyses chímicas no laboratorio por que a sua mania é de veneno imaginado no periodo de digestão, de que se alimentará nas horas das refeições.

Janta cercado de enunchos que não lhe tiram os olhos de cima e que são por elle espiados.

Abdul-Hamid come e bebe: come ovos pela difficuldade de serem envenenados e bebe leite, um dos melhores contra-venenos.

Algumas vezes ajunta ao seu repasto um pedacinho de carne e pastéis. Os pratos chegam á mesa dentro de um coife lacrado; quebra elle mesmo o sello e antes de tocar em qualquer iguaria dá a experimental-a aos cães e gatos que o cercam verificando deste modo a sua innocuidade.

Chega a noite, a hora sombria em que o manaco e presa de crises de loucura sangrenta, e tudo de humano desaparece, ficando o animal selvagem que se acredita enjaulado.

O medo, o medo horroroso aperta-lhe a garganta e paralysa-lhe os membros. Tem horror á noite, ás trevas invencíveis. E' em vão que manda illuminar todo o palacio, dos mais infimos corredores aos mais excusos recantos; em vão manda calafetar todas as janella para que os seus olhares não alcancem a escuridão de fóra, em vão interrompe o silencio com o toque de todas as suas orchestras ou a marcha dos regimentos de sua guarda; em vão um ennucho se entrega á leitura para distrahi-lo ou para distrahi-o uma mulher canta... O medo está sempre a martellar-lhe o cerebro, a atenazar-lhe o coração. Espasmos hediondos sacodem-lhe o corpo, os dentes batem, os olhos se ennuvoam... Rola em terra, inorde os tapetes, blasphema e entre dois uivos planja e dirige carnificinas. Para combater o negror precisa do vermelho do sangue, só o sangue o acalma. Elle mata como um allucinado, mata como um louco, em torturas abominaveis, em martyrios indescriptiveis, como o de uma pobre creança de dez annos que lhe apparecera com um pequeno revolver nas mãos e morreu cravando-lhe o algoz laminas de ferro em braza nas unhas!...

Novidades Musicaes

Recebemos e agradecemos: Dos Srs. E. Bevilacqua & C.: «O Vecchiarello Mio!», canzone per soprano, musica de Bernhardt Wagner, poesia de E. Golsiciani. Dos Srs. Vieira Machado & C. «Lolota», valsa de C. T. de Carvalho. Dos Srs. Arthur Napelão & G. «Guarda-Marinha», schottisch de J. M. Azevedo Lemos. «Aeronauta», polka de Evora Filho. «Vozes d'Alma», valsa de salão de Arthur Camillo.

Manoel Antonio Guimarães: «Lolota e Rosas», valsa de J. M. Azevedo Lemos. «Fertin de Vasconcellos, Morand & C. «Vozes de Poupcés», musica de D. de Carvalho. «A querida», valsa de Lyn Udall.

Gratidão ao prazer que teve o monarcha português em ver o caso, suppondo entre tanto que o Brasil de futuro fosse apenas uma ilha, mas não eno e paz um colosso do mundo, como depois verificaram, para gloria nossa.

Uma ilha, por tanto, não valia as riquezas da India, que para a patria dos luzitanos, era uma thesouro real.

Portugal havia estendido os seus dominios pela Africa, pela Asia, de sorte que tão altivo estava, que nem se apercebia da fraqueza lenta das forças que o depauperariam, tornando-o, com esta agora, decrejito, ainda n'Africa, mesmo ha pouco um grupo de homens provasse que o velho ainda tem consciencia de si vendo seus filhos a postos desde que seja necessario agir e lutar.

Mousinho de Albuquerque o diga, e os seus compenheiro tambem.

E' o leão adormecido que se ergue, por isso, como factor do progresso, Portugal, coico es outros paizes da Europa, entrou desde aquella data no caminho da centralisação dos povos ambiciosos do progresso.

Por exemplo: a introdução da polvora, acabou com os guerreiros luzitanos que corpo á corpo e braço a braço disputavam as condições na lucta; o desenvolvimento das industrias; a criação do direito internacional; a propria instituição da diplomacia, o progresso que tinha a sciencia faz crer na verdade autoritaria que os seculos vulgarizaram, sobre tudo quando o descobrimento da America nada mais foi que um periodo secreto que dava entretanto margem á grandes commetimentos ampliados nos seculos viadouros, entrando nessa renascença, as artes e as letras e as industrias.

«Até a propria Reforma por Luthéro, foi uma grande surpresa», diz um distincto escriptor.

Digo eu: ella foi um phenomeno sociologico e religioso, como esta provado desde o seu inicio, creando nova forma de idéas religiosas e praticas, sem a lembrança de que existe Deus...

Filamente escrevendo o que aqui fica, analysando a maneira pela qual os luzitanos colonisavam o Brazil, a critica historica tem a censurar lne o facto de colonisar o novel paiz por homens da mais baixa esphera e não por creaturas trabalhadoras e de caracter são, e mo fizeram n's Estados Unidos, sendo esse o motivo porque a terra de Washington hoje é um colosso de industria, e aqui não.

Depois, ainda a critica tem o direito de perguntar porque esqueceram a biographia do celebre navegante, apezar de agora pompejar a sua estatua n'uma das nossas praças, salvando assim embora tarde, a dignidade da ingratidão nacional.

1884 Z SAMNO.

(Das Memorias do Meu Paiz, livro para a mocidade de umbos os sexos).

MOLDES



Temos a satisfação de communicar ás nossas gentis assignantes e leitoras que, apezar de nosso silencio, continuamos com o nosso serviço de moldes tanto d'el Estação, como de qualquer outro jornal, para esta cidade e para o interior da Republica.

Ha uns bons trinta annos temos nos incumbido desse serviço, confiando o sempre a pericia de verdadeiras artistas em materia de cortes.

Agora mesmo as senhoras a quem confiamos esse trabalho, são das mais habilitadas mestras no assumpto, no qual não temem confronto.

Nunca recebemos reclamações contra o serviço da casa e com ufania podemos assegurar que estamos habilitados a satisfazer a freguezia mais exigente, sem que tenhamos receio de que nos venham dar lições de apuro e bom gosto, nem na modicidade de nossos preços.

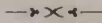
Table with 2 columns: Item name and Price. Items include Manga, Saia, and Jaqueta Luiz NV.

Os recados são recebidos no escriptorio desta folha, bem como a importancia que deve acompanhar o pedido.

Pelo correio mais 300 réis para o primeiro molde e 200 réis para cada um dos que se seguilom.

Secção Musical da "A Estação"

Com o presente numero offerecemos aos nossos assignantes a valsa Maviosa, bonita composição do apreciado pianista Alfredo M. M. Guimarães.



Os Principes de Saboya

Por demais se sabe quanto, nos principes da Casa de Saboya, estão as tradições do gosto pelos exercizios violentos e do amor das aventuras. E por demais se sabe também quanto, a este respeito, o Duque de Abruzzos é bem da sua familia.

Em 1894, começou Sua Alteza Real a serie das suas façanhas pela ascenção ao Cervin pela vertente de Zmutt, temeraria tentativa, em que, a cada passo,

arriscava a vida. O exito d'esta experiencia afoitou o a outras, e maiores, claro é, que, nestas como em todas as coisas da vida, faz imposições a ambição. Assim, apenas soube que, em Alaska, a 8,514 metros acima do nivel do mar, havia um cimo onde mortal algum tinha ainda posto pé, logo o principe declarou com o ardor caracteristico de quem tem na alma o fogo das grandes coisas, que seria elle esse mortal.

Escolheu alguns companheir s, seguros, experimentados, possuidos da mesma febre das raras e temerarias aventuras, e, na correnteza do anno de 1897, foi, com effeito, o primeiro homem que, soberbo, orgulhoso (e tinha bem de que), pousou o pé no tal cimo de Alaska, cujo nome é — monte de Santo Elias.

Acaba de vir a publico a narrativa d'essa façanha, feita pelo Dr. Philippe de Filippi, um dos companheiros do Duque de Abruzzos nessa ascenção. E' dedicado o livro a Sua Magestade a Rainha de Italia, um delicado e fino espirito de mulher, todo sensível á poesia, pois que poesia ha nesies empreendimentos da coragem e energia, o que se poderá chamar a poesia do esforço. O producto da obra reverterá a favor da Caixa de aposentações dos guias italianos. A ter uma applicação caridosa, outra não deveria ter, não é verdade?!

E' com absovente interesse, e com devoradora paixão que se segue o Duque de Abruzzos e os seus companheiros marchando para a conquista do monte

de Santo Elias. A difficuldade da empreza consiste principalmente em que o limite das neves eternas, em Alaska, começa a 1.000 metros acima do nivel do mar e que a estação alpestre dura ahí apenas dois exercizios. E tinha que se trepar 1.500 metros sobre a neve, e tinha que se atravessar, por entre avalanches incessantes, geleiras rasgadas de sulcos assassninos.

E, como se isto ainda não fosse bastante, um nevoeiro opaco, e calculam, por certo, quanto gelado, envolvia e perseguia os viajantes. Sómente, de longe em longe, um timido raio de sol projectava sobre essas paizagens de morte um frouxo e estranho clarão, communicando-lhes uma inedita e pbantastica belleza. E todas estas descrições são feitas com uma impressionabilidade poderosa, d'onde a evocarem ellas, aos olhos do leitor, visões de sonho; nuca sonhados.

A viagem atravez das geleiras levou quarenta e sete dias e, nesse espaço de tempo, percorreram-se mais de 200 kilometros. O valor e a intrepidez do Duque de Abruzzos não se desmentiram um momento. De regresso á patria e reposto que foi da viagem, logo o possuiu a nostalgia das aventuras e a saudade das paizagens arcticas. Foi por isso que o principe empenheu a nova exploração ás regiões polares que está realisando.

Ben merecedor é Sua Alteza Real de que a actual façanha seja coroada de exito igual á da ascenção ao monte de Santo Elias.

NINON DE LENCLOS

escarneria da ruga, que jamais onsou mmentar-lhe a epilernie. Já passava dos 80 annos e conservava-se juven e bella, atirando sempre os pedacinhos da sua certidão de haptismo que rasgava á cara do Tempo, cuja foice embotava-se sobre sua encantadora physionomia, sem que nunca deixasse o menor traço. «Muito verde ainda!» via-se obrigado a dizer o velho rabugento, como a raposada Lafontaine dizia das uvas. Este segredo, que a celebre e egoista faceria jamais confôrta a quem quer que fosse das pessoas daquella época, descobrio-o o Dr. Lecoute entre as folhas de um volume de *L'Histoire amoureuse des valdes*, de Bussy-Rabutin, que fez parte da bibliotheca de Voltaire e é actualmente propriedade exclusiva da **PARFUMERIE NINON, MAISON LECOSTE, Rue du 4-Septembre, 31 à Paris.**

Esta agua tem-no á disposição das nossas elegantes, sob o nome de **L'ÉTRITABLE EAU DE NINON**, assim como as receitas que d'ella provém, por exemplo, o

DUVET DE NINON

pó de arroz especial e refrigerante;

Le Savon Crème de Ninon

especial para o rosto que limpa perfeitamente a epilernie mais delicada sem alteral-a.

LAIT DE NINON

que dá alvura deslumbrante ao pesçoço e aos brônchros. Entre os productos combinados e aperfeiçoados da **PARFUMERIE NINON** constam-se:

LA POUDRE CAPILLES

que faz voltar os cabellos brancos á cor natural existente em 12 cores;

SEVE SOURCILIERE

que augmenta, engrissa e bruna as pestanas e os supercilios, ao mesmo tempo que dá vivacidade ao olhar.

LA PATE ET LA POUDRE MANDERMALE DE NINON

para finura, alvura brilhante das mãos, etc., etc.

Cavem exigir e verificar o nome da casa e o endereço sobre o rotulo para evitar as emulações e falsificações

PARFUMERIE EXOTIQUE
E. SENET

35, Rue du 4-Septembre, 35, PARIS

MÃO DE PAPA de duque, de principe, por meio da **Pâte des Prélats**, que embranquece, clia, saneina a epilernie, impede o destruo das freiras e os racha.

UM NARIZ PICADO de pequenas borbulhos ou com cravos torna a recuperar sua branura primitiva e suas cores lisas por meio do **Anti-Bolbos**, producto semi igual e muito contrafeito.

CUIDADO COM AS CONTRAFAÇÕES

Para ser bella e encantar todos, olhos deve-se servir la **Fleur de Pêche** pó de arroz feito com fructos exóticos.

POUCOS CABELLOS

Fazem-se crescer e cerrados empregando-se **l'Extrait Capillaire des Benedictins du Mont-Majella**, que tambem impede que caiam e que fiqueo branco.

E. SENET, Administrateur, 35, Rue du 4-Septembre, Paris.

NÃO ARRANQUEM MAIS

os dentes estragados, sobre os brancos, com **l'Elixir dentifrice des Benedictins du Mont-Majella.**

E. SENET, Administrateur, 35, Rue du 4-Septembre, Paris.

apenas
acorda,
chora
pedindo
o Seu
Rachahout!

Rachahout dos Arabes Delangrenier
o melhor alimento para as crianças

CALLIFLORE
FLOR DE BELLEZA
Pós adherentes e invisiveis

Graças ao novo modo porque se empregam estes pós communicam ao rosto uma maravilhosa e delicada belleza e deixam um perfume de exquisita suavidade. Além dos brancos, de molavel pureza, ha outros de quatro matizes diferentes, Rachel e Rosa, desde o mais pallido até ao mais colorido. Poderá pois, cada pessoa escolher a cor que mais lhe convenha ao rosto.

PATE AGNEL
Amygdalina e Glicerina

Este excellente Cosmetico branquea e amacia a pelle, preserva-a do Cieiro, Irritações e Comichões tornando-a avelludada; pelo que respeita as mãos, dá solidez e transparencia ás unhas.

AGNEL, Fabricante de Perfumes,
16, Avenue de l'Opéra, Paris.

Em suas suas Casas de venda por tudo nos bairros mais ricos de Paris.

GOFFINÉ
Manual do christão

Além d'um copioso Devocionario, contém uma explicação das epistolas e Evangelhos dos Domingos e mais dias Santos do Advento, Quaresma, etc., e um curso completo de instrucções moraes liturgicas e dogmaticas distribuidas em harmonia com os evangelhos do dia.

Traduzido da decima quarta Edição Franceza.

1 volume encadernado em chagrin tranche florée..... 6\$000
Pelo correio..... 6\$500

7, RUA DOS OURIVES, 7
RIO DE JANEIRO

HOUBIGANT
PERFUMISTA
da RAINHA d'INGLATERRA e da CORTE da RUSSIA

— PARIS —

AGUA HOUBIGANT

SEM RIVAL PARA O TOUCADOR

AGUA de TOUCADOR Royal Houbigant.
AGUA de COLONIA Imperiale Russe.

EXTRACTOS PARA LENÇOS: Violette Idéale, Royal Houbigant, Peau d'Espagne, Moskari, Iris blanc, Le Parfum Imperial, Moris, Muguet, Oillet Reine, Imperial Russe, Lilas blanc, Heliotrope blanc, Fougere Royale, Gloxina, Jasmin d'Espagne, Cur de Russie, Giroflee, Corydalis, Bontou d'Or, Sunitise, Buccoo.

SABONETES: Ophelia, Peau d'Espagne, Violette idéale, Fougere Royale, Lat de Thiridace, Royal Houbigant.

PÓS OPHELIA, Talisman de Belleza.
PÓS PEAU D'ESPAGNE.
LOÇÃO VEGETAL, para os Cabellos.
PÓS ROYAL HOUBIGANT.

PERFUMARIA ESPECIAL MOSKARI



Quarto japonoz de tomar chá.

Indiscreção

(A minha afilhada Maria Luiza Belter.)

Minha afilhada está muito crescida!
 Fez doze annos agora!
 E' linda como a aurota!
 Tem uma trança loura hein comprida,
 Uma fronte altaneira
 E um olhar de facieira!
 Quando um riso seus lindos labios iris
 E a bella face aquece
 Mais formosa parece
 A Maria Luiza!

A saía curta já lhe não contenta;
 Já nenca a todos falla;
 E aos domingos, na sala,
 Também não mais a todos se apresenta
 Escolhe a sociedade...
 E' bôa e graciosa,
 Sabe dançar, carbosa,
 Qual uma grande dama da cidade!

Na graça e na meiguice
 E d'alma na bondade
 Já me deu grande jubilo que disse
 — « Tem bem a quem sahir! —
 Muito me apraz ouvir
 Tão delicada e tão real verdade!

Pela frente da casa onde ella mora
 — A princeza da graça —
 Mais de mil vezes passa
 Um rapaz moreninho, á noite, agora,
 Dantes, não era esse o seu camiuho...
 Dantes ninguem o via!
 E agora, todo o dia,
 E' aquella certeza: o moreninho!

O seu olhar (o d'ella) longe o segue...
 Bem se vê: disfarçado!...
 Menina! Não m'o negue:
 A moça em namerar, não tem peccado!
 Só uma cousa me inquieta agora:
 Porque o que elle te pisca e te namora
 Si elle casar não pode?
 — Inda não tem bigode!

Em historias de amor, lindo amigo louro,
 Ha um sabido e mystico segredo
 Que val grande thesouro:
 — Deve se amar bem cedo!
 — « O amor (um vate sceptico me disse)
 Inferno é na velhice,
 Paraíso dos jovens; na verdade
 Tal flor so brilha ao sul da mocidade! »

Niteroy : 11 de Agosto de 1901.

A AZAMOR

A INSOMNIA

Entre as causas productoras da insomnia, ha uma, de que os medicos não faziam caso: é a metropia, ou alteração do estado normal dos olhos, segundo o Dr. Viaude.

Muitas pessoas que não usam lunetas ou oculos são atacadas de terriveis insomnias, cujas causas des-

conhecem, O Dr. Viaude tratou um rapaz de 17 annos que não podia dormir mais de duas horas em cada 24, estudando o motivo da doença descobriu que o excesso de estudo alterara a vista do rapaz. Mandou-o usar oculos e o paciente recuperou o somno.

Outro caso analogo foi o de um rapaz de 14 annos a quem os pais tiraram do collegio porque havia quatro dias que não dormia. Os oculos reconduziram-o ao estado normal.

Uma mulher e um commerciante tinham uma ligeira miopia, sem darem por isso; mas estavam meio doidos por falta de somno; apellaram para os oculos e dentro de dois dias acharam o appetecido repouso.

Muitas pessoas que insistem em não usarem oculos ou lunetas, para conservarem a vista segundo dizem, o que é erro, costumam padecer de insomnia.

O prolongado estudo ou excessiva leitura origina a excitação ou fadiga dos nervos opticos. Quando a vista não está prejudicada, um descanso de algumas horas basta para se conseguir que o somno acuda a completar a obra com os seus beneficios.

Deve distinguir-se a insomnia causada por um grande trabalho intellectual e a produzida pela refracção de luz. O processo de cura não é o mesmo para os dois casos.

A Insomnia causada por extraordinarias emoções por um grande estado de voo, por excesso de trabalho, ou pela alteração das horas destinadas ao somno, facilmente se corrige normalizando as condições da vida diaria.

O amor e a razão

Quvi dizer: O amor cega a razão!
 Sabe quem disse tal a dolorida
 Existencia do pobre coração
 Que adora a imagem que lhe rouba a vida?
 E' quem sabe? talvez inconsciente
 Escravisasse o nobre coração
 A um d'ee amor fatal, eternamente;
 Por isso diz: O amor cega a razão!
 Pobre d'aquelle que, á voz latente
 Da razão caminhar indifferente
 Obedecendo á voz do coração!
 Cego de amor! Ama sem ser amado,
 Merece compaixão! E' um desgraçado
 Aquelle a quem o amor cega a razão!

AMBILIA ALVES

O britador de rubins

Vi uma vez um louco britando pedras na orla de uma estrada. Não por officio: por loucura.

Uma por uma, ta tomando as pedritas, batia-lhes com o martello, e, muito rapidamente, com um ar de anciedade, examinava os destroços, atirava-os fora com gesto de desanimo.

— Que está procurando n'essas pedritas? perguntei-lhe.

— O veio de ouro, que ellas deveriam conter, respondeu-me. Mas não o acho nunca, ah! nunca!

Compadeci-me d'elle.

— Isso e muito triste, disse-lhe.

Interrompeu o trabalho.

— Muito triste era isso, quando em vez de ser um britador de pedras da estrada, eu era britador de rubins. Ia de mulher em mulher, cheio de tristeza e de colera. Tomava-lhes os corações de moças, ou de esposas ou de cortezans. Eram todos vermelhos, mas duros e gelados, semelhantes a rubins crusos; e era em vão que batendo-lhes com o meu, luza abrírem-se aquelles corações: nunca achei n'elles o veio do amor que procurava; não, nunca, ah! nunca!

CATULLO MENDES

SONETO

De ha muito o coração que morto eu creia
 Pulsa e vibra com grande intensidade;
 Por tal transformação quáto te devera
 Si agito não tivesses por maldade.

Deve ter certo encanto e suavidade
 Fazel o padecer qual pa'lecera.
 Tu o disseste talvez n'ingenuidade
 De quem o mal não via que fizera.

Si tal não é, si a ti tambem te atinge
 Algo do sentimento mais humano,
 Que, diz-se, os corações mais duros cinge,
 Dize m'o, mas em tom sincero e lhaño
 Com a franqueza brutal de quem não finge
 Que é favor, dado a tempo, um desenganão.

JOSE LUIZ

Rio de Janeiro.



Rua do Jochama.

Manias exquisitas

Duas novas peças tem feito muito ruido : «Remplaçander» do Eugenio Brieux, e «Medicis» de Henri Lavedan, da academia franceza.

Brieux discute a questão das amas de leite ; mostra no acto uma aldeia devastada pelo exodo de mães que partiram abandonando os filhos à morte.

O cemiterio está cheio de pequeninas tumbas que se assemelham a berços, diz com profunda tristeza um dos personagens.

Brieux requereu ao governo para ser posta em execução a lei Roussel, determinando que a ama de leite não se pode alugar antes de o filho ter sete mezes de idade.

Lavedan trata do snobismo dos falsos amadores que colleccionam objectos ridiculos e tolos.

Dizem que ha em França 3 milbões de maniacos desse genero, uns de documentos historicos e arte verdadeira e outros de bagatellas.

O Sr. Grand Cartret collecciona estampas e possui um thesouro inapreciavel ; o Sr. Wurtz collecciona gravuras que se occupam de assumptos militares ; o Sr. de Watteville collecciona cachimbos ; o Sr. Dolsteau chapéos de homens e de mulheres ; o Sr. Jules Dommegue campainhas ; o Barão de Penignon botões de uniforme e de librés, uns cartas de enterro, outros ligas, rolhas de garrafas, rendas, etc.

Ha pouco se vendeu em leilão um album de 23.000 cintas de jornaes.

Em Bruxellas ha um individuo que collecciona olhos de passaros.

A princeza Maud se enthusiasma pelos dentes de baleias, jacarés, pbócas e elephantes ; Bismarck colleccionava thermometros ; a princeza da Romania frascos de perfumaria...



Quarto japonéz de dormir.

E as reliquias dos grandes homens ?
A casa de Voltaire em Ferney tem servido de armazem a todos os negociantes de preciosidades.
Um calculador afirma que o porteiro vendia por anno 8 mil bustos de Voltaire, fabricados com a argilla de Ferney a 1 franco, 8.000 francos, 12.000 cartas autographas a 20 francos, 24.000 francos ; 500 bengalas authenticas do celebre escriptor a 50 francos, 25.000 francos ; 300 cabelleiras, não menos authenticas, a 100 francos, 30.000 francos, dando tudo isto o total de 77.000 francos de beneficios annuaes.

Novidades Musicaes

Dos Srs. E. Bevilacqua & C. :
«Noemia», mazurka de Elizeu Lellis.
Do Sr. Manoel Antonio Guimarães :
«Amor Perfeito», valsa de Eduardo V. da Silveira.
«Catita», schottisch de Aurelio Cavalcanti.

VAMOS !

O céu é puro, o mar é manso,
Voguemos pois nosso batel,
O mar tão manso é nosso leito,
O céu azul nosso doce !

Vai alta a lua a noite é bella,
Com o seu branco e prateo veu,
Vamos Bella longe do mundo,
Longe do mundo para o céu

Fulgem estrellas pelo espaço
Reflectem oiro sobre o mar,
Tremem com medo, e com ciuime,
Da belleza do teu olhar !

E chora a brisa, o barco treme,
Palpita em medo o coração,
Vamos Querida, mar a fora
Azas do Amor pela amplidão.

Cai um chuveiro d'oiro sobre
A vastidão do mar azul,
Cai um chuveiro só de estrellas,
Com as brisas que vem do Sul !

E chora a brisa o barco treme,
Arfa com medo o seto teu !
Vamos Bella longe do mundo,
Longe do mundo para o céu !

Vamos Querida para o Sonho,
Terra do Sonho e da Illusão,
Vamos Querida mar a fora,
Azas do Amor pela amplidão !

Novembro 1900.

Alfredo E. P. Assis.

Das Flores Fanalys no luto.



Sala japoneza do receber visitas com galeria para o lado do jardim.

Por causa das semelhanças

COMEDIA EM 1 ACTO ORIGINAL DE EDUARDO M. PINOTO

PERSONAGENS

André Miranda.....	40 annos
Valentim Motta, typo semelhante a André e com a vestimenta igual a delle.....	41 "
Macedo.....	37 "
Julio de Mendonça.....	16 "
Cesarino.....	28 "
Raul Monteiro, chafar de marinha.....	25 "
Augusto.....	19 "
José, creado.....	34 "
Honorina, filha de André.....	17 "

Ação — Rio de Janeiro — Época — Actualidade
1901

(Continuação)

SCENA DEIMA QUARTA

VALENTIM E JOSÉ

José. — *(Entrando, covarde)* Sr. Valentim... Sr. Valentim!... *(entra mancando)*
Valentim. — O que queres, rapaz?...
José. — Desculpe-me, Sr. Valentim, me desculpe. Eu não tive intenção de offender o... foi um gracejo... mundano...

Valentim. — Gracejo mundano, isto é serio...
José. — O de inda agora...
Pensei que o Sr. não se zangasse... mas o effeito no centro da gravidade foi horrivel... fez-me doente.

Valentim. — Mas, que diabo terá o José?...
José. — *(vendo choro)* Vi muito bem a moça... pensei que o Sr. gostasse... e el'gei, e depois...
Valentim. — Ora bolas!... Estás querendo divertirt-te, hein?...
José. — Sr. Valentim, desculpe-me... o Sr. teve razão. *(á parte)* Está com uns olhares o bicho... vou pôr-me ao fresco... *(Sae, de costas, cumprimentando amavelmente Valentim, indo esbarrar em Julio, que entra.)*

SCENA DEIMA QUINTA

JULIO E VALENTIM

Julio *(á Valentim)* — Esquecia-me, caro senhor, de dizer que os documentos das terras, de que ha pouco fallei, acham-se em poder de um tal Valentim da Motta, e que so' amanhã poderei trazê-los.

Valentim. — *(á parte)* Hein, não entendo! *(alto)* O Sr. falla comigo?...
Julio. — Sim, senhor, sobre o nosso negocio.
Valentim. — *(á parte)* Mas, como sabe elle o meu nome?...
Julio. — O Sr. quer comprar uma situação. Eu me proponho a vendê-la, o negocio é vantaloso, vantajosissimo... Comprehendo o seu escriptulo em não effectuar a transacção sem as provas documentaes... De-me o seu nome, cavalheiro!...

Valentim. — *(á parte)* Esta agora! Quer o meu nome e diz que os documentos estão commigo!... *(vae a um canto)* Inspira-me, o cerebro imaginoso!...
Julio. — *(á parte)* Bem que estará elle pensando! Estará arrependido de effectuar o negocio?...
Valentim. — *(vendo um cartão no chão, que apanha, lendo o á parte)* André Monteiro... Magnifico!... Vou dar-lhe este cartão... *(alto)* Aqui o tem.

Julio. — Muito agradecido, Sr. Amanhã aqui estarei ás suas ordens.
(Cumprimenta e sae.)

SCENA DEIMA SEXTA

VALENTIM, SÓ

Valentim. — Mas, que trapalhada é esta?... Como é que este effeito... sabe que estão commigo os papéis e me vem offender as vendas das ditos cujos?... Vou liquidar este caso. *(sae)*

SCENA DEIMA SETIMA

HONORINA SÓ

Acho-me satisf. na neste hotel. Vou, assim que poder, visitar as minhas amigas e ver si consigo encontrar *(vendo a mulher do)* o senhor meu primo... Hei de castigar-lo!... Hei de fazer o negocio com o meu apparecimento luctivo...

SCENA DEIMA OITAVA

MACEDO E HONORINA

Macedo. — *(abrindo a vidua)* O que?... Honorina?... Bravos! *(vendo á abraçada)*
Honorina. — Sr. Macedo!...
Macedo. — Eu mesmo, em pessoa...
Honorina. — Vão cá? Georgette?...
Macedo. — Não ponde vir, e com muita contrariedade. Georgette achá-se extremamente feliz, das doenças proprias do tempo, a influencia... Pellin me muito que te abraças e choras, e depois te amanhã, sem falta, *(vendo a Honorina)*... Está aqui a parica *(sae sem olhar para trás)*. Ninguém dirá, vendo a assim tão luctiva que...

Macedo. — Não ponde vir, e com muita contrariedade. Georgette achá-se extremamente feliz, das doenças proprias do tempo, a influencia... Pellin me muito que te abraças e choras, e depois te amanhã, sem falta, *(vendo a Honorina)*... Está aqui a parica *(sae sem olhar para trás)*. Ninguém dirá, vendo a assim tão luctiva que...

Honorina. — ... sem uma receita.
Macedo. — ... é a Honorina doente, de outro tempo.
Honorina. — Papae sempre lembrava vezes que o Sr. me carregava. A' propósito vou chamal-o; fazer sempre da sua chegada.

Macedo. — Já nos fallamos. Deixei a pouco. Estavamos a passear no jardim, quando um individuo o chamei e o perdi de vista.
Honorina. — Já fellou com o papae?... E' impossivel! Si eu o deixei agora, lá, no refectorio.

Macedo. — Por signal que me disse que estavas preparando a tua toilette para me receber.
Honorina. — Ah! vem o papae.

SCENA DEIMA NONTA

MACEDO, HONORINA E ANDRÉ

André. — O que? O que vejo? Tu? Macedo! olha!... Por que não me chamaste, Honorina *(abraçando)* Mas, como?... Estás mais moço... mais delgado...

Macedo. — *(á parte)* E' o mesmo padeço, sempre brinçalhão, *(a)* Fugiste...
André. — Quando te escrevi, communicando a minha partida, julguei que te estivesses em Petropolis. Mas, por causa das duvidas, enviei duas cartas, uma para Petropolis e outra para Botafogo... Mas, o Macedo, como tens passado de saude, como vae Georgette? Porque não a trouxeste?... Isto é imperdoavel! Verdade é que á nós é que compete ir abraçal-o... Conta-me, estou ansioso, como foste de politica, o que tens feito... Ora, o Macedo, que bôa surpresa!

Macedo. — *(á parte)* Estará doente o André? Quer que eu conta a minha historia. Será por estar presente a filha? *(alto)* Já te esqueceste...
André. — De ti, que sempre foste o meu maior amigo?... J'mais!... Em Jaboticabal sempre eu fallava a Honorina — e o nosso Macedo que não da o ar da sua graça!... Comprehende-se que depois de tantos annos deves ter muita coisa para nos contar, assim como eu tenho muita coisa para te entreter o resto do dia *(vendo a)* Traste as c stelletas?... Sim! Tu usavas costelletas e tiraste o vejo de andar... Ficou mais proprio... mais accitado... E Georgette, como vai?...
Macedo. — *(á parte)* Estou estranhando o André — *(alto)* Georgette achá-se adentada. Resfriamento!...
André. — Mas, não é nada de gravidade?
Macedo. — Não, é um resfriamento fraco, pouca febre...
André. — Honorina, vamos vela esta tarde. E, de fortuna, como teus andado? Bem, já se vê...
Macedo. — Mas, inda agora, já esqueceste... ali...
André. — Na verdade, Macedo, os tempos correm. Parece que foi hontem... Lembra-te do Bonifacio, no dia da eleição de vereadores, quando appareceste para dar o voto *(vendo)* E o Paulo? O Paulo in se sahido mal. Os permanentes invadiam a sala, eu o puxava pela casaca, tu me puchavas pela manga e fomos os tres de encontro á barriga do vigario da freguezia!... Que conflicto!... Mas vencemos a eleição.

Macedo. — Ele mos os vereadores, em cujo numero entraste.
André. — Logo depois nasceu Georgette *(vendo)* Espera... Foi, foi... em Outubro, em Matapozos.
Macedo. — Bôa memoria *(á parte)* E esquece que esteve inda a pouco commigo.

André. — Macedo! Almoças commigo. Não te deixarei sabir sem o almoço, mesmo porque estamos a sos e a tempo com uma boa companhia entre melhor.

Macedo. — Accetto tudo, mesmo o passeio ao Cercovado.
André. — Passio ao Cercovado?
Macedo. — Sim. Tu não me convidaste para ir ao Cercovado?
André. — Eu?
Macedo. — Sim, tu. Não ha dez minutos!
André. — Não me lembro. Convide, Honorina, eu fallar em algum passeio ao Cercovado?
Honorina. — Não ouvi, papae.

Macedo. — *(á parte)* Esta doente, não ha duvida.
André. — Inda a pouco... aqui... no sahio?
Macedo. — Sim, tu não estiveste, a uns dez minutos conversando aqui, commigo, não te sahio?
André. — Eu?
Macedo. — D'pois não este, ainda commigo para o jardim, soude firmamos chafarutos?...
André. — Eu, não. Si eu não fôrmo chafaruto *(á parte)* Serem ver que o Macedo está maluco?
Macedo. — *(vendo a)* Estará doente o André *(alto)* Então, ainda não conversaste commigo aqui, e está a primeira vez!

André. — De fortuna alguma esteve commigo. Por se eu est'o corrigido de te sahio!...
Macedo. — Então, não é!
André. — Seria, não, não, não.
Macedo. — Mas o inda não me achada... eu estou certo de ter te fallado.

André. — E eu estou certissimo de não ter te fallado.

Honorina. — Mas, si ambos estão certos e si não ha meio de se conhecerem mudemos de assumpto.
Macedo. — Perfeitamente.

SCENA DEIMA DEZIMA

JOSE, MACEDO, ANDRÉ E HONORINA

José. — O almoço está na mesa, meus senhores.
André. — Vem e vá ao almoço.
Macedo. — De ha n'primo, o meu Padre André, A velhice fal o fallar da cerebra!...
André. — *(á parte)* Padre Macedo, A politica he o... doida, *(sae)*

SCENA DEIMA ONZA

VALENTIM, SÓ

Valentim. — Deixemos que os factos se reproduzam... Aqui ha um embulho que preciso conhecer... *(vendo)* E o homem dos charutos... o tal Fonseca... Macedo, sim, é Macedo o nome do meu amigo *(vendo)* Perque meu caro, como deixaste Jaboticabal, Honorina como vai?... O mais exquisto é he Jaboticabal e o logar do sitio que comprei a prazo e que... não paguei. Que seguita será o tal Macedo, o que será elle na ordem das casias... Ah! ah! ah!... E' boa, é!... *(vendo)* E até agora nada da minha herança... Eu um sujeito rico e cheio de dividas, ter de restituir documentos de terras por falta de chafarito... *(vendo)* Mas, quem será este André por quem se interessa tanto o meu amigo Macedo?

Vou saber o *(vae a)* *(vendo)*

SCENA DEIMA DOZIMA

VALENTIM E JOSE

José. — *(á parte)* Com elle! Já teia almoçado?
Valentim. — Vem cá, conheces este sujeito, que aqui esteve ha pouco?
José. — *(á parte)* Quer ver se me apanha! Ou, então, quer fracajar! *(alto)* V. S. Sr. Valentim é quem pôde saber.

Valentim. — Que fo te basta! Si eu pergunto quem é, como é que eu posso saber?
José. — Pois o Sr. não está almoçando c m elle? Não é elle seu amigo?
Valentim. — Quem é que está almoçando? Tu estás me vendo almoçar com alguém *(á parte)* Isto quasi que não se atura! Vamos a outra pergunta, *(alto)* Quem é aqui o Sr. André?
José. — *(vendo)* Ah! ah! ah!... E' magnifico, é!... Ah! ah! ah!... D'aqui a pouco V. S. pergunta quem sou eu.
Valentim. — Não admittio tiscotas, nem gracejos. Vae lá dizer me quem é este sujeito Sr. André.
José. — Quer, então, que eu diga?...
Valentim. — Por certo, *(vendo)* Dou te uma molhadura, *(do the)*.
José. — Então, V. S. quer mesmo que eu diga quem é o Sr. André?
Valentim. — Dou te outra molhadura *(do the)*.
José. — Já que V. S. quer... *(vae, abrindo se a)* *(vendo)* O Sr. André é... o Sr. Valentim, é V. S.

Valentim. — Hein, hein? O que é?...
José. — E' V. S. mesmo, *(vendo)* Questões de amor... a costureira...
Valentim. — Então, sou eu o tal André!...
José. — Exacto.
Valentim. — *(vendo)* *(sae)* *(vendo)* Isto é para um homem deitar fogo nesta casa... Não se atura... christamaram-me... Est'ou damnado!
José. — Não se affija, Sr. André, não se affija, Sr. Valentim, elle que... *(á parte)* Não vá succeder o que a bôa succelleu... o meu centro de gravidade ser cumprimentado respeitosaente pelas patas deste sujeito.

André. — *(vendo de repente)* Então, eu sou o tal André?
José. — Com a c impetente j ven, a sua companhia.

Valentim. — Joven! Tambem eu tenho joven? *(vendo)* Arrebolto heje este binnuedo com a furia mais damnada que a de um leuro bravo.

José. — Mas desculpe, Sr. André, Sr. André...
Valentim. — Sr. André, hein canalha! Hei de me vingal, ouviste? Hei de te fazer pagar a pilheria com todos os seiscentos canhões dos diabos *(sae)*.

SCENA DEIMA TRIZIMA

JOSÉ SÓ

José. — Mas, Sr. André, o Sr. André!... Faz favor. E ha vai queixir se ao patrão, e lá vou eu para o olho da rua *(vendo)* Pobres filhos!... Minha Margarida!...

SCENA DEIMA QUARTIZIMA

JOSÉ E ANDRÉ

André. — Quem me chamou?... Quem está chamando por mim?
José. — Desculpe, Sr. André... me desculpe si por duas vezes heje o offendo! Não ha e um intenção de offender que...
André. — Hei lá para me pedir desculpa que me incomodou? Chamou-se um bo pede, que esta commoção me senha lo diante de um almoço para... pedir desculpas, *(vendo)* Está pródigo... mas... heje sabendo que eu não admittu gracejos nem commigo, nem com a minha familia, entendes?...!

José. — Obrigado, Sr. André... Não sabia que a minha interessante menina era a sua filha.

André. — Bem! Vai ver se existe alguma carta para mim na portaria.

José. — Sim, Senhor, cá vou.

DESA FIGUEIRA TELLERA ANDRE, SO

André. — E não é que me deu aigo, o meu doutor amigo, o meu velho co-pilheiro, está...

DESA VICTORIA MARTA ANDRE E CESARIO

Cesario. — O amigo Valentim! Como vai isso? André. — Irra, não me chamo Valentim.

Cesario. — Deixa te de pieguices, Foste lá? André. — La onde senhor? Viva! Não tenho a honra de o conhecer.

Cesario. — O Valentim, estás nervoso sempre fazes uma feia! És um animal!

André. — Animal!... O Sr. está falando com um homem respeitavel, com um chefe de familia; ouviu?

Cesario. — Ah! ah! ah! Estas pandoço... Eu andei com a minha fuzete a semana passada em casa do Silva. Mas, conserve a tua vez e vamos ao caso.

André. — Este sujeito quer se divertir a minha custa.

Cesario. — Adoravel a Hortencia... está apaixonada pelo vizinho... Vamos lá, aonde?

André. — Com todos os diabos, Vou dar lhe, Sr. uma prova de que sou um homem de bem.

Cesario. — Deixa te disso, Valentim, ella esta brindeadeira.

André. — Patife! Canibal.

Cesario. — Estás com o teu nervos... Ven dizer a Hortencia... adeus!



O ASSUCAR COMO ALIMENTO

Quem quer pôde, sem muito esforço da memoria, recordar os tempos em que os médicos se pronunciavam em graves termos contra o uso do assucar.

Dizia-se que o assucar era resuscitante, e a sua constituição e era muito rica em porção de succos glicidos para o digerir completamente.

Ao presente o assucar, depois de ter andado proscripto por quasi todos, volta a encher um dos primeiros lugares na lista dietetica.

Não se pôde negar, certo, que o assucar é alimento valioso; e quando, como far de ler de, ha pouco no S. de, é sabido que o consumo do assucar doou em 5 annos em todo o mundo, e que na Inglaterra é tres vezes maior do que ha quarenta annos.

O corpo medico do exercito allemão fez em 1870, algumas experiencias relativas ás propriedades sustentadoras e avigorantes do assucar, donde se verificou que elle é um adjunto á dieta do soldado de um valor quasi inestimavel.

Neste exercito, na tabella modificada das rações, tem tambem uma linha de assucar, mas o tempo de experiencias não foi ainda bastante longo para se ajuizar dos resultados.

(Medical Record)



Como um enfermo recupera a saude

Na tarde do dia 16 de Novembro de 1900, D. Bosco devia pagar quatro mil francos aos operários que trabalhavam na cupula da igreja de Maria Auxiliadora.

Não havendo em casa nem um só escudo, desde muito cedo D. Rua, Prefeito do Oratorio e alguns coadjutores tinham salido a circular. As onze horas da manhã estavam de volta, tendo apenas colhido mil francos.

Estavam pensativos e consternados, mas D. Bosco disse-lhes a sorrir: — Não tenhaes cuidado, eu arranjaré o que falta.

Cheios de esperanças na Divina Providencia, á uma hora da tarde tomou o chapéo e sahio.

Depois de ter percorrido distraidamente varias ruas chegou á Porta Nova. Ahi parou sem saber para onde devia dirigir-se, quando um criado de lóbr' aproximou-se d'elle e lhe disse:

- Senhor, sois vós D. Bosco?
— Sou: em que posso servir vós?
— O meu amo rega lhe que queira ir vel-o immediatamente.
— Vamos: está longe?
— Não senhor, está alli n'quelle palacio.
— O palacio é d'elle?
— E, sim senhor, elle é immensamente rico e pode fazer alguma coisa para a vossa igreja.

Introduzido em uma bonita sala, achou recostado na cama um cavalleiro de idade adiantada, que em vello mostrava-se contentissimo.

— Meu Reverendo Padre, eu preciso muito das vossas orações; é preciso que me obtenhas a saude.

— Ha muito tempo que acha-se doente?

— Já são tres annos que estou entevado n'esta cama e os medicos não me dão a menor esperança. Se obtivesse alguma melhora, de boa vontade faria uma doação para vossas obras.

— Nada mais oportuno! Hoje mesmo preciso de tres mil francos para a igreja de Maria Auxiliadora.

— Tres mil francos! é muito meu Padre. Se se tratasse de alguns cem francos, eu poderia ver... parem tres mil!

— E' muito? Então não fallemos nisso.

Entendendo se, começou a fallar sobre outras cousas.

— Mas, e eu Padre, deixemos de lado este assumpto. E a minha cura?

— Porem tres mil francos!

— Eu não insisto.

E começou a fallar do estado da atmospheria.

— Em fim alcançe-me algumas melhorias e contai que no fim do anno não vos esquecerei.

— No fim do anno! Mas a quantia que pedi é indispensavel hoje mesmo, por toda esta tarde.

— Esta tarde! esta tarde! Bem sabeis que tres mil francos não se tem guardados em casa, é necessario ir ao Banco e preencher certas formalidades.

— E porque não ireis ao Banco?

— Estaes gracejando; ha tres anns que, nem sequer, desço desta cama. Me seria impossivel dar um só passo.

— Nada é impossivel a Deus e a Maria Auxiliadora.

E dizendo isto, D. Bosco mandou reunir na sala todas as pessoas da casa, a saber, perto de nuns trinta pessoas, lèsa com ellas uma oração ao Santissimo e a Maria Auxiliadora e em seguida pôz que lhe tragam os vestidos do enfermo.

— Vestidos! não os tem, não se sabe onde estão, pois que ha muito tempo não precisa d'elles.

— Vão compral-los, exclama impaciente o enfermo, façam o que diz D. Bosco.

N'aquelle momento entrou o medico e quiz impedir que o doente se levantasse, qualificando de rematada loucura semelhante acto.

Não se impediendo com a prohibição do medico o enfermo, logo que chegou o traje com assombro de todos se vestiu e passeou a largar e segurar pelos seus pela sala.

Mandou que reparassem a equipagem, emquanto foi a mesa e comeu com lanco appetito.

Em seguida muito animado, recusando qualquer apoio, desceu a escada e entrou no carro.

D'ahi a pouco voltou e pôz nas mãos de D. Bosco tres mil francos.

Estou completamente são, repelia sem cessar.

Fizestes sahir vossos escudos do Banco, e Maria Auxiliadora vos fez sahir da cama.

Este cavalleiro continuou a ser fiel benefactor da Obra e generosamente contribuiu para a edificação da igreja de Maria Auxiliadora.



O telephone e a moral

Uma questão bastante interessante discutise ultimamente na Córte de Justiça de New York.

A companhia que explora o serviço telefonico daquela grande cidade, sabendo que um dos seus assignantes não tinha uma linguagem comedida em suas conversações, depois de continuas solicitações para mudar tão incorrecto proceder, deitou suppirmir-lhe a communicação.

Esse assignante, por sua vez, julgando-se lesado em seus direitos, appellou para os tribunales, e a Córte de Justiça deu ganho de causa á companhia, objectando com muita razão que o telephone, existindo em muitas casas de familia, as conversas podem, por engan na communicação, ser ouvidas por outras pessoas, alim dos destinatarios, observando mais que, sendo os empregados da companhia, em geral, senhores, estas tem direito a todo o respeito e acatamento.

Realmente, não deixam de ser serenas e justas as ponderações do tribunal.

MOLDES



Temos a satisfação de communicar ás nossas gentes assignantes e leitores que, apesar de nosso silencio, continuamos com o nosso serviço de moldes tanto d'Estado, como de qualquer outro jornal, para esta cidade e para o interior da Republica.

Ha uns bons trinta annos temos nos incumbido desse serviço, contando o sempre a penca de verdadeiras artísticas em materia de cortés.

A ora mesmo as senhoras a quem confiamos e o trabalho, são das mais habitadas mestras no assumpto, no qual não temem contrito.

Nunca recebemos reclamações contra o serviço da casa e com ellas podemos assegurar que estamos habilitados a satisfazer a firmeza mais exigente, sem que tenhamos receio de que nos venham dar lições de apuro e bom gosto, nem na fidelidade de nossos preços.

Table with 2 columns: Item description and Price. Includes 'Para o presente numero oferecemos', 'N. 5 - S. de...', 'N. 7 - S. de...', 'N. 12 - M. fine...'.

Os recados são recebidos no escritório desta loja, bem como, a importância que deve acompanhar o pedido.

Pelo correio envia-se aos leitores para o primeiro molde a 200 reis para cada um dos que se seguem.

De quinze tiram-se trezentos... e sobram quinze

O menino Dalmazzo de Turim, depois de um mez de collegio, escreveu a sua mãe, dizendo-lhe que nunca poderia habituar-se a viver alli, e concluia pedindo-lhe que viesse buscá-lo.

A mãe accede, e tudo está disposto para a partida. Na manhã desse dia, o menino quiz confessar-se, por despedida, com D. Bosco; como, porém, os penitentes eram muitos, só chegou-lhe a vez depois da missa, hora do almoço no Oratorio. Lu começou a confissão, quando um dos companheiros vem ter com D. Bosco e lhe disse ao ouvido: — Não ha pão para o almoço.

— Não é possível; procure bem, perguntae a fulano, deve haver por ali. Volta o mensageiro balbucando: — D. Bosco, temos procurado em toda a parte e temos achado só alguns pães.

D. Bosco parece ficar surprehendido. — Então correi a dizer ao padreiro que traga tantos quantos são precisos.

— O padreiro ! é inutil. Se lhe deve doze mil francos e recusa-se a trazer uma só migalha — sem que seja pago.

— Bem, bem. Então ponha em um cesto o que ha e Deus mandará o mais. Vou já eu mesmo a fazer a distribuição.

O pequeno Dalmazzo que não tinha perdido uma syllaba de semelhante dialogo, fixou a sua attenção especialmente sobre as ultimas palavras de D. Bosco, e quando viu-o levantar-se, seguiu-o com tanta maior curiosidade quanto que n'aquelles dias tinha-se muito fallado no Oratorio de certos factos maravilhosos, em que D. Bosco não deixava de tomar parte. Collocou-se atraz d'elle e com muita attenção contou os pães contidos no cesto. Erum quinze e os meninos trezentos.

Quinze para trezentos ! trezentos para quinze ! dizia o menino consigo... e nenhuma solução apresentava-se ao seu enfiendimento.

Começa o desfilar; cada um menino que passa, recebe um pão. Dalmazzo arregalava os olhos e via que D. Bosco sorridente não deixava ninguem com as mãos vazias.

Quando acabou de passar o ultimo menino, Dalmazzo contou os pães que restavam : quinze pães !

As suas noções arithmeticas estavam completamente transformadas : uma divisão que era uma multiplicação !

Depois disto, vae ter com sua mãe e lhe diz : Eu não saio do Oratorio.

Aquelle menino e hoje o sacerdote D. Dalmazzo, Superior da Casa de S. João Evangelista, em Turim.

AZAS DE NEVE

Aguarda muita vez apraz, possuindo, Como possessive, azas que os raios fendem Deixar do orgão-as pelo espaço infinito Onde as da aguiça se estendiam.

Sentia embaixo a lama vil dos charcos. O pantano miasmático deserto, De sujo limo a flux e, ao alto, de arcos E lacrimas de cipos coberto.

E grato lhe a vagar, franzias e brauca, Dos annos torpes com a molosa trilha No ceo impuro, donde ao bico arranca O desejado cibo.

Farta, do lodo a flor, espesso e immundo, Espalma as azas, cuidadas, serenas, E vae com a vasa — como pelo mundo A alma do poeta — sem manchar as pennas...

1901.

ALBERTO DE OLIVEIRA

NINON DE LENCLÓS

esmeralda da ruga, que jamais ousou macular-lhe a epiderme. Já passava dos 80 annos conservava-se jovem e bella, attribuindo sempre os pelegos da sua certidão de baptismo que rasgava á cura do Tempo, cuja feice embotava-se sobre sua enigmática physiognomia, sem que nunca deixasse o menor traço. Muito vezle ainda a viu-se sobri-gado a dizer o velho rubugento, como a raposa de Lafontaine dizia das uras. Este segredo, que a celebre ecologista facerajamais confidara a quem quer que fosse das pessoas daquelle época, descobriu-o o Dr. Lecente entre as folhas de um volume de L'Histoire amoureuse des gimples, de Bussy-Rabutin, que fez parte da bibliotheca de Voltaire e é actualmente propriedade exclusiva da PARFUMERIE NINON, MAISON RECENTE, Rue du 4-Septembre, 31 a Paris.

Esta casa tem no 3 a disposição das nossas elegantes, sob o nome de VERITABLE EAU DE NINON, assim como as receitas que d'ella provêm, por exemplo, o

DUVET DE NINON

pó de arroz especial e refrigerante ;

Le Savon Crème de Ninon

especial para o rosto que limpa perfeitamente a epiderme mais delicada sem alterá-la.

LAIT DE NINON

que dá alvura deslumbrante ao pescoço e aos hombro Entre os productos conhecidos e apreciados da PARFUMERIE NINON contam-se :

LA POWDER CAPILLUS

que faz voltar os cabellos brancos á cor natural existe em 12 cores ;

SEVE SOURCILIÈRE

que angumenta, engrossa e brune as pestanas e os supercilios, ao mesmo tempo que dá vivacidade ao olhar

LA PATE ET LA POWDER MANDERMALE DE NINON

para fiure, alvura brilhante das unhas, etc., etc.

Cavem exigir e verificar o nome da Casa e o endereço sobre o rotulo para evitar as emtições e falsificações

PARFUMERIE EXOTIQUE E. SENET

35, Rue du 4-Septembre, 35, PARIS

MÃO DE PAPA

do duque, de príncipe, por unção da Pâte des Prélats, que embrançoce, alisa, asserna a epiderme, impede e destrói as freiras e as rachas.

UM NARIZ PICADO

de papezosa borbulhas ou com cravos torna a recuperar a sua branca preséitiva e suas côres lisas por meio do Anti Bolhus, producto sem igual e muito contrafeito.

CUIDADO COM AS CONTRAFAÇÕES Para ser bella, encantar todos, o cibus deve-se servir da Fleur de Pêche pó de erioz feito com frutos exóticos.

POUCOS CABELLOS

Fazem-se crescer e cerrados empregando-se l'Extrait Capillaire des Benedictins du Mant-Majella, que tambem impede que caiam e que liquem brancos.

E. SENET, Administrator, 35, Rue du 4-Septembre, Paris.

NÃO ARRANQUEM MAIS

os dentes em que se duide, use o traço que se com l'Elixir dentifrice des Benedictins du Mant-Majella.

E. SENET, Administrator, 35, Rue du 4-Septembre, Paris.

XAROPE DELABARRE (DENTIÇÃO)

Xarope sem narcotico recommendado ha ja 20 annos pelos médicos. Facilita a sahida dos dentes, evita ou faz cessar os soffrimentos e todos os accidentes da primeira dentição.

Eija-se o Carimbo official e a assignatura Delabarre.

FUMOZE-ALBESPEYRES, 78, Faubourg Saint-Denis, Paris e em todas as pharmacias

PAPÉL E CIGARROS ANTI-ASTHMATICOS de Bin BARRAL

Recommendado a todas as comunidades indiaras. Preparações muitissimo efficazes para a cura do ASTHMA, das OPPRESSOES, das ENXAQUECAS, etc. 15 ANNOS DE SUCESSOS.

FUMOZE-ALBESPEYRES, 78, Faubourg Saint-Denis, Paris e em todas as pharmacias.

NUNCA APPLIQUE-SE UM VESICATORIO SEM SE TER O

VESICATORIO ALBESPEYRES

MAIS EFFICAZ NUNCA HOLODOSO DA TUDO'S VESICATORIO Eija-se a Assignatura ALBESPEYRES

FUMOZE-ALBESPEYRES, 70 Faub' St-Denis, PARIS e em todas as PHARMACIAS

Pastilhas e Xarope de Nafé

DELANGRENIER

excellentes peitoraes contra

TOSSE, DEFLUXO, BRONCHITE

As Pastilhas de Nafé são verdadeiros confeitos peitoraes de um gosto delicioso. Acalmam as irritações da garganta e do peito.

O Xarope de Nafé, misurado com uma infusão ou com leite quente, forma uma tisana muito calmante e muito agradável.

Esses peitoraes não contém substancia toxica e podem ser administrados com toda a segurança ás CRIANÇAS e muito particularmente contra a COQUELUCHE.

Esija a marca verdadeira. Delangrenier-Paris

São encontrados em todas as Pharmacias

VINHO DE CHASSAINO

RECEITA DO

Recetado ha 30 annos

CONTRA AS DOENÇAS DAS VIAS RESPIRATORIAS

Paris, Avenida Victoria nº 6.



PHOSPHATINE

A "PHOSPHATINA FALIÈRES"

é o mais saudavel e o mais recommendado alimento para crianças desde a idade de 6 a 7 mezes, principalmente quando começam a ser desmamadas e no periodo de crescimento. Facilita a dentição e concorre para boa formação dos ossos.

PARIS, AVENIDA VICTORIA Nº 6 E NAS PHARMACIAS

PRISAO DE VENTRE

Pó Laxativo de Vichy

de SOULIGOUX

De fabrica de Vichy

De fabrica de Vichy



VICHY-HOPITAL

Molestias do Estomago e do Intestino.

VICHY GRANDE-GRILLE

Molestias do Fígado e do Appareho biliar.

VICHY-CELESTINS

Molestias dos Rins e da Bexiga, Gattas, Diabetes.

AO RECEITAR

ESPECIFIQUEM

BEM O NOME

PASTILLES VICHY-ÉTAT

COMPRIMÉS VICHY-ÉTAT

O TRANSFORMISMO

O seculo XIX notabilizou-se sobre tudo pela conquista mais brilhante do genio humano; a descoberta das leis naturaes que presidem a evoluir da materia e da vida.

O homem parece ter-se apedretado do plano creador da Divindade. Elle descortina num assemblheoso volver d'olhos a materia caotica transformando-se nas espheras que, em translações luminosas, escrevem no espaço interminavel o hymno natalicio dos mundos; contempla as convulsões tremendas que agitam os elementos, até que a Natureza quedesse numa quietidão sublime, para receber nas entranhas a vida insuffada pelo veibo potente de Deus; accompanha a evolução da vida a começar nos corpusculos gerados na profundidade dos mares, depois lançantes na frente do primeiro homem, que a indolse colloca na vertical para cingir a coroa de rei da criação, no momento em que de seus labios partiu, como um cantico de gloria, o primeiro som articulado.

Como, porém, se opoetou esta evolução? Em virtude da seleção natural na lucta pela existencia, proclamou Darwin meio seculo após Lamarck ter fundado o transformismo em lucta scientifica. A seleção, como resultado da acção combinada de dois phenomenos patentes—adaptação e hereditariedade esta, pela clareza da sua manifestação, no dominio de todos.

As provas do transformismo tiram-se principalmente da paleontologia, de anatomia comparada e da embryologia.

Pela paleontologia se prova, porque os fósseis verdadeiras medallhas guardadas no immenso «archivo da natureza», patentem a evolução dos organismos vegetaes e animaes; a anatomia comparada demonstra que nenhum abismo intransponivel separa o homem dos outros mamíferos; e a lei embryologica que o desenvolvimento ontogenico é paralelo ao phylogenetico; o feto do homem, v. g., recapitula os estadios atravessados pelo genero humano.

Quem tem impedido o transformismo de estender seu dominio sobre todos os espiritos cultos?

Entre outras causas, avulta a sua pretensa incompatibilidade não só com os dogmas christãos, mas até com o simples theismo espirituallista!

Não é verdade, Carlos Darwin, que tanto esclareceu o transformismo, explicando o *terque* da evolução, declara sua crença no sobrenatural neste fragmento citado por Haeckel: «J'admets que vaise abiblement tous les éres organises, avant veçu sur la terre descendent d'une arme primitive que ce que, que le Createur a animé de du souffle de la vie».

Kant, o genio da philosophia moderna, entreviu claramente o evolucionismo (Crit. do Jurem. § 79). Hering escreveu: «Na monera que segundo Haeckel é necessariamente deve conduzir ao homem Deus previu esse mesmo homem, como o estatuario prevê no marmore o Apollo que elle projecta esculpir». T. Barreto, Est. do Dio., pag. 372.

Haeckel, o mais sabio dos atheus contemporaneos, attesta: «On peut concilier cette croyance no sobrenatural avec la theorie de la descendance» Hist. de la Creat. Nat., pag. 351.

Letramem, notavel pensador materialista, entre despeitado e ironico, proclama uma verdade: Il faudrait vraiment être bien borné pour ne pas reconnaître, dans le premier chapitre de la Genèse, une exposition succinte de la theorie darwinienne. (Biot, pag. 31).

Corroborando esta asserção, confirma o grande Haeckel: «Na hypothese mosaica da criação duas das mais importantes proposições fundamentais da theoria evolutiva se nos mostram com uma clareza e simplicidade sorprendentes: a ideia da divisão do trabalho ou da differenciação, e a ideia do desenvolvimento progressivo, do aperfeçoamento. (Hist. de la Creat. Nat., pag. 30). Concluinte.

O «Estadante Catholico» desta Capital diz que

a ideia da transformação das especies não repugna à Igreja; assim se manifestou o illustre sacerdote Dr. Julio Maria em uma das suas conferencias da Assumpção.

É sufficiente. O monismo mechnico funda-se na geração espontanea, velha hypothese mil vezes batida e hoje apresentada vestida à moderna sob a denominação de autogonia.

Depois das experiencias de Pasteur, Claudio Bernard e outros, ella não passa de pura phantasia scientifica.

Podemos, pois, neste luminoso alvorecer de seculo afirmar que não estamos inibidos de aceitar todas as verdades da Sciencia, encerrando as num lemnito, enjas palavras se explicam e se completam: Deus e a natureza.

HAROLD AMARAL.

A roupa impermeavel

A roupa de tecido impermeavel, as capas de borracha, calças, etc., é excellente para preservar o corpo e a roupa habitual da chuva e da lama, mas nociva à saúde por oppor-se à transpiração ou à exsudação cutanea. Assim deve-se conservar o mais tempo possível, tirando a logo que se estiver em lugar abrigado.

A mesma precaução se deve ter com os sapatos de horracia.

Versos de um velho

Eu, porque aos céos pedi que não dêssem
A agudissima, a interminada tortura
De a ti te ver tornado aquella pura
Bocea n'um labios que mentir soubessem.

É verde os olhos, que um luar parecem,
Transformados em feia, noite escura.
Dêram-me os altos céos essa amargura,
Maior de quantos corações padecem.

Hoje, porque me vou da vida andando,
Porque do tumulo já me avizinho,
O meu fardo de lagrimas levando.

Foi, para cumulo de crueldade,
Deixas-me, ego e tropego, sosinho...
— Filha! mova te um pouco de piedade!

PÉDRO RABELO.



Casa japoza vista do jardim.

Vendedora de flores

Todos os dias vem-me à lembrança
Como uma antiga canção de amores
— Olhos trigueiros, que linda trança!
Essa innocente, pura creança.
Que então passava vendendo flores...

Essa figura de campineza,
Todos os dias passa por mim;
Lembro-me ainda da singeleza
Do seu vestido, que, com corteza,
Lhe deram fadas no seu jardim.

Ninguém sabia donde viera,
Corriam lindas mysteriosas...
Ella era o anjo da Primavera,
Veio de certo n'uma enlerea,
Feita de lyrios, feita de rosas...

«Flores... quem compra flores tão bellas!
Fram plantadas com a minha mão,
Tenho as dobradas, tenho as singelas,
Rosas mais brancas do que as estrellas,
E outras tão novas, inda em botão...

Flores de neve, das laranjeiras,
Foram creadas pelo luar...
A l deste anno foram as primeiras,
Bellas grinaldas p'ras cabelleiras
Das raparigas que vão casar...

Rosas tão brancas, tão desmaiadas,
Houtem, sorrindo, vi-as nascer...
O' raparigas, que sois amadas,
Nas vossas tranças tão perfumadas
As minhas rosas irão morrer!

Trago violetas, são tão mimosas,—
Tanta pureza, que cheiro tem!
P'ra mãos tão brancas como essas rosas,
Eu fui colhel-as, mysteriosas...
Quem quer violetas, quem ama alguém!

O' viuas tristes, noivas amantes,
Trago-vos flores p'ra vossa dor!
Vossos pesares são tão galantes...
P'ra aiores mortos e tão constantes
Tenho a saudade da roxa cor...

Vendendo flores, essa creança
Vinha de certo do Paraiso...
Que lindos olhos, que bella trança!
Da flor mais pura guardo a lembrança,
Da flor tão branca do seu sortiso...

ARCHANGELUS GUIMARAL.

De teus sorrisos minh'alma
Tu encheu e se abriu contente,
Como se abra, palma a palma,
O espectral florescente.

Mas vejo-te fria e ingrata...
A causa / não m'a sei bem...
Si ha um pesar que te maltrata,
Si soffres, soffro tambem.

Dessa olhar que foi meu dia
A luminosa saudade
Me acompanha na agonia
Que no da tua impiedade.

Que von ser sem ella agora!
Templo sem luz dos altares,
Murcha flor sem luz da aurora,
Vela no escuro dos mares.

E que te fiz? Si a alma queres
Ouvir querida, verás
Que, na dor com que me feres,
Foi ter te amado demais...

19 de Setembro—1901.

ALFREDO M. DE OLIVEIRA

Mosaico

No refeitório:

Uma educanda encontra um
insecto na salada. Pega delicadamente na folha e deita-o para o chão.

Intervenção do Prefeito:
— E' na sua familia que a
meuina vê cousas d'essas?

— Não, senhor. Lá em casa
a salada, antes de vir para a
mesa, é muito bem lavada!

CHRONIQUETA

Rio, 20 de Setembro de 1901

Descancem, formosissimas leitoras: não tentarei lalar-lhes do congresso de agricultura, nem da famosa convenção que vai hoje escolher o candidato a presidência da Republica, isto é, o candidato que tem de ser... escolhido pelo povo.

*

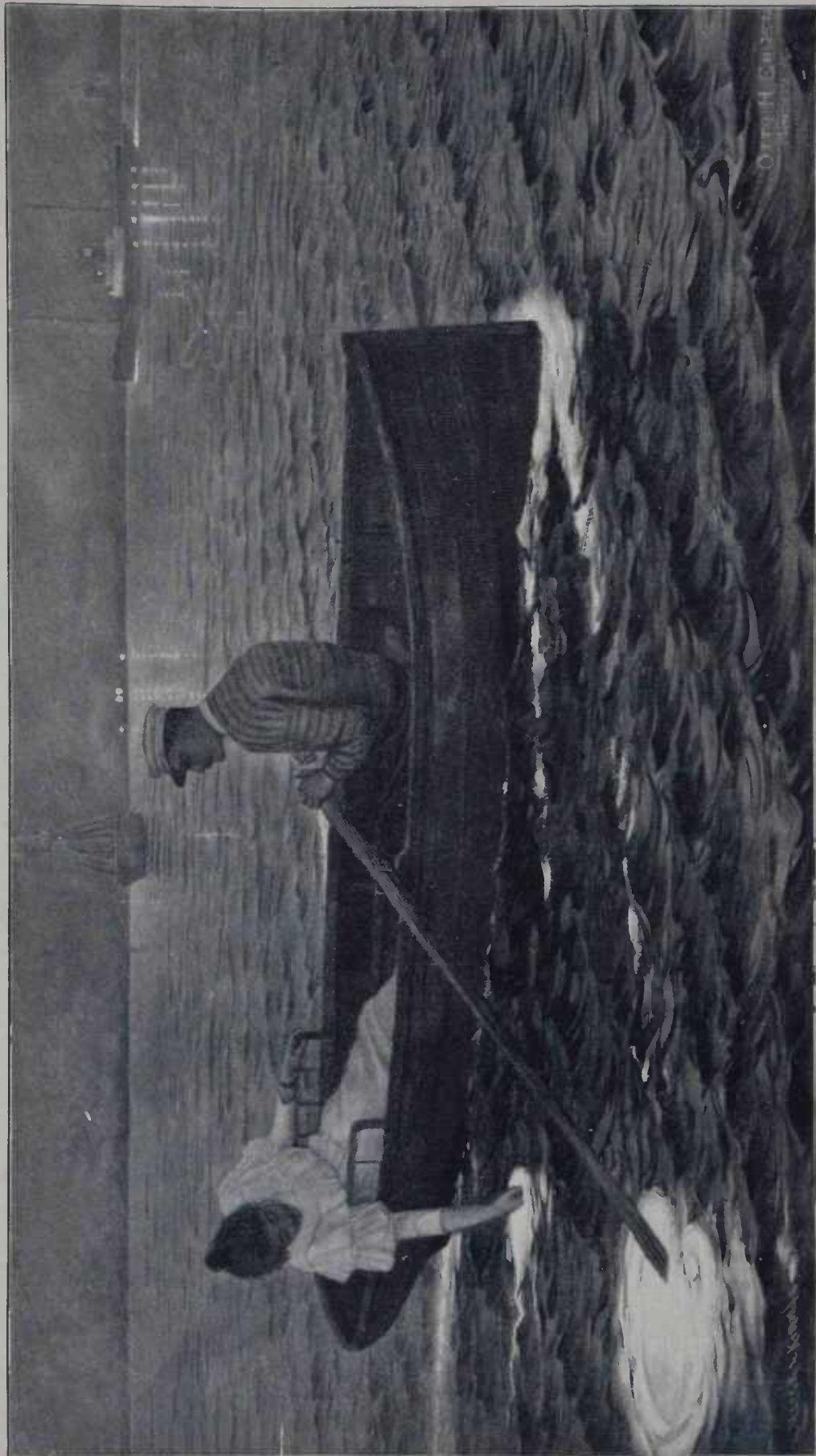
Entretanto, a não ser isso, não ha mais nada que nestes dias aborrecidos possa fornecer assumpto a chroniqueta. O Rio de Janeiro nunca esteve tão insipido.

Felizmente, a opera *Os saltumes*, de Leopoldo Miguez, que hoje se representa, veio animar um pouco a sociedade fluminense. Ha de ser uma bella festa de arte a festa de hoje; todo o nosso mundo elegante lá estará, uns com a sua sinceridade, outros com o seu snobismo, mas todos com o profundo e vehemente desejo de assistir ao triumpho e á consagração definitiva de um grande talento brasileiro.

**

A nota mais curiosa e a mais triste, destes ultimos dias, foi o suicidio romanesco de Benjamin Constant Filho, que pediu ao opio o eterno esquecimento de um amor impossivel.

Sobre esse doloroso acontecimento correram muitas versões; raras vezes a imaginação doentia de certos individuos se entregou a maiores desvarios. O facto é que o infeliz moço, herdeiro de um grande nome que era uma carga por demais pesada para os seus hombros, foi victima de uma paixão amorosa, que principiára por um namoro



O Luzir do mar.

vulgar e condemnavel; o facto é que o pobre Benjamin ultimamente já não era o leviano, o conquistador que havia sido. As apparencias conspiravam todas contra elle, mas o proverbio lá diz que ninguem deve julgar pelas apparencias.

*

Ainda um morto: Rodolpho Dantas, o mais fino, o mais encantador dos amigos. Falleceu em Paris, ás mãos illustres de um operador celebre, de um príncipe da sciencia. Não valia a pena lá ter ido. Ainda agora o nosso Chapot-Prévost, que aliás tem nome francez, como Santos Dumont, acaba de fazer uma cura prodigiosa, e, graças á sua proficiencia, os *Saldunias* não serão, talvez, a unica opera de Leopoldo Miguez.

ELOY, O HEROE.

THEATROS

Rio, 20 de Setembro de 1901.

Não foi precisamente um successo a *Hebra*, de Halevy, cantada pela companhia Sanzoni, mas o mesmo não se pôde dizer do *Mephistopheles*, de Boito, que agradou, por ter sido muito bem interpretado pelo baixo Didur, pelo tenor Demitresco, pela prima-dona Berlendi e pela orchestra, que obteve um verdadeiro triumpho.

Para hoje está annunciada uma ópera brasileira: *Os Saldunias*, libretto de Coelho Netto e musica de Leopoldo Miguez, — o que constitue um grande acontecimento, uma festa de arte como poucas têm havido neste paiz por civilisar ainda em materia de arte.

Tem havido grande influencia para o espectáculo de hoje.

O theatro estará completamente cheio pelo escol da sociedade fluminense.

*

A emminente actriz italiana Clara della Guardia, que esteve no Rio de Janeiro ha dous annos e agora nos visita pela segunda vez, tem proporcionado-nos no S. Pedro de Alcantara algumas noites de verdadeiro regafo artistico.

As peças representadas até hoje tem sido: a *Vasa paterna*, de Sudermann. *Zaza*, de Pierre Berton. *Comte Jogle*, de Giacosa. *Fernanda e Madama Sans Gene*, de Sardou. *Giocanda*, de l'Annunzio. *Fion fra*, de Mellicu e Halévy. *Tragedias da alma*, de Bracco, e *Maria Antonetta*, de Giacometti.

De todo esse repertorio, a unica peça que a nossa platéa não conhecia é *Comte Jogle*, um primor de litteratura dramatica, uma joia do theatro moderno, que sentimos não poder analysar no restricto espaço que nos é concedido no supplemento da *Estacão*.

A companhia Della Guardia tem se affirmado como um conjunto de primeira ordem, o mais completo, pode se dizer, que aos fluminenses tem sido dado apreciar e applaudir.

Clara della Guardia, a admiravel e genial interprete de lantãs e tão diversas heroínas do drama e da comedia, — l'Aladino, o soberbo actor, natavel pela sobriedade, pela correção, pela intensidade com que reproduz os caracteres e as paixões. — Orlandino, o actor moderno, primoroso, naturalissimo, que não sacrifica a verdade ao effeito facil, ao *trompe l'œil* das platéas mal educadas, — formam um terço de *primo castelo*. Raras vezes se verão reunidos n'uma companhia nomade, percorrendo a America do Sul, tres artistas daquella força.

N'um plano inferior, mas acompanhando os de perto, vemos o nosso vulto conhecido Valenti, aquelle mesmo que ao lado de Emmanuel — Othello, dava tão curiosa interpretação ao papel de Yago, e reproduzia com tanto talento um dos irmãos Rantzau na interessante comedia de Erkmann-Chatrian, — e mais: um Falcini, um Bonfiglioli, e, no tocante ao bello sexo, a companhia está igualmente bem provida e satisfaz aos espectadores mais exigentes.

Clara della Guardia está, talvez, um pouco fatigada. Desde que d'aqui sahio, ha dous annos, não teve um momento de descanço.

Ella é uma flor melindrosa, que deve ser carinhosamente tratada. Tem apenas trinta annos; tem diante de si vinte annos de gloria e de fortuna, se não abusar dos espectaculos consecutivos, das viagens forçadas, das excursions violentas. Sarah Bernhardt, que é sexagenaria, faz tudo isso e nada lhe acontece; mas Sarah Bernhardt não é uma mulher: é um phenomeno physiologico.

O publico fluminense continúa a ser o mesmo de todas as épocas: abandona o theatro quando se representa a *Giocanda* ou *Comte le Jogle*, e enche o para ouvir a *Mur a Antonetta*.

*

O *Dito* no *Paraiso* foi retrahido á primeira vez de scena para substituírem a musica, que não prestava; agora desapareceu de novo, naturalmente para substituírem a letra. Pelo menos, as portas do theatro Sant'Anna têm estado fechadas.

*

No Apollo, depois do ultimo espectáculo da companhia franceza, que tantas saudades nos deixou, reapareceu a velha magica de Eduardo Garrido *A peri de Saldunias*, representada pela companhia Souza Bastos.

Alfredo de Carvalho é um rei Caramba ideal.

*

Os hespanhoes do Recreo estão dando os seus ultimos espectaculos, e o theatro já está de novo arrendado a companhia Dias Braga, que regressou da sua longa excursão ao norte e ao sul da Republica.

X. Y. Z.

Variedade

Em pleno mez de maio. O firmamento estava todo anilado.

O astro-rei, com seus dourados e fulgentes raios, beijava alegremente da portentosa e divina natureza os primeiros mil.

Foi, bem recordo, debaixo de um pratico e aromattizado caramanchel formado por odoríferas e vicijantes rosas brancas, onde eu attentamente ouvia e apreciava as interlocuções de diversas flores, quando junto dellas se aproxima uma encantadora virgem de olhos azulados e cabellos loiros, soltos á brisa ligeira.

Da sua haste exclama

A VIOLETA

Oh! senhora, vem buscar-me,
Sou tão bella, e não é pela;
Anda, vem, queira levar me.
Que sou formosa Violeta!

In continenti murmura

A ROSA

Eu sou tambem tão formosa,
E a mais queida das flores...
Sempre fui modesta Rosa,
No entanto possuo odores!

Por sua vez tambem murmura

A SEMPRE-VIVA

E eu sempre fui delicada,
E me chamo *Sempre viva*
Muito querida e apreciada,
Que jámais mostrei-me esquiva.

A virgem seductora que então se viu atarantada com as exclamações dessas flores, respondeu-lhes com toda a garbosia que lhe é peculiar:

Para vos satisfazer,
Minhas caprichosas flores,
Hei de uma a uma colher,
Porque possuis odores.

E vou em primeiro lugar
Colher a bel *sempre-viva*,
Que é a que mais sei amar,
É de quem eu sou captiva!

Meigamente, e em poucos segundos, formou essa virgem um lindo e delicado *bouquetzinho* das flores, violeta, rosa e sempre-viva e, ao deixar o poetico e aprazivel jardim, aproxima-se de mim e, gentil e graciosamente colloca na *bouliannere* do meu fraque a mimosa e perfumada flor — VIOLETA!

S. Paulo, 20 — 1901.

ARTHUR R. DA SILVA.

Juramento Sagrado

Que minha face empalideça e encoêve,
se eu minto, quando digo a toda a gente
que só se compra louça de patente
na rua Larga, cento e vinte e nove.

MARIA THERESA.

O DENTARIUM

É DIRIGIDO PELO CIRURGIÃO DENTISTA

PAUL KIEFFER
DE PARIS

LAUREADO COM DISTINÇÕES PELA FACULDADE DE MEDICINA

A tabella adoptada pelo O DENTARIUM e que esta sendo diariamente publicada nos principaes jornaes, não foi estabelecida com o fim de fazer affluir a clientela para depois coagil-a a aceitar preços differentes dos publicados.

CONSULTAS 2\$000

Extrações de dentes ou raizes.....	2\$000
Anesthesia local (com eucalina ou nervalina).....	2\$000
Limpeza geral dos dentes.....	5\$000
Obturar (vulgo enchubar) á platina, prata, esmalte, ossa artificial, cimento, isomaurina, porcellana, etc.....	5\$000
Obturar a ouro (vulgo clumbar) de 105 a. Renócio de polpas e tratamento dos canoes de dentes mortos (contando a parte a obturação da coroa do mesmo).....	3\$000
Dentaduras de vulcanite, cada dente seja qual for o numero.....	5\$000
Idem cada dente chapado em ouro de lei, seja qual for a numero.....	10\$000
Dentaduras de ouro de lei, cada dente seja qual for o numero.....	20\$000
Idem, sem chapas, sem grampos ou colchetes, sem molas (este processo é o afamado <i>Travail á point</i>) cada dente.....	50\$000
Dentes e arcos de ouro de lei garantidos (sem solda).....	25\$000
Dentes á privot (de acordo com a molesta que apresentarem) nos nossos clientes) 20\$ 30\$ e.....	40\$000

12 RUA DOS OURIVES 12

das 7 horas da manhã ás 8 da noite

PAPAINA
Dr. NIOBEY — O melhor remédio para o tratamento das dyspepsias, gastrites, vomitos de gravidez, diarréas das crianças e de todas as molestias do estomago e intestinos.
Único deposito, á rua dos Ourives n. 114. Vende-se em todas as pharmacias e drogarias.

AVISO ÀS SENHORAS.
O'APIOL Dos D's J
JORET-HOMOLLE
CURA
AS DORES, OS ATRASOS A SUPPRESSÃO DA REGRA
DEPOSITO GERAL
Ph. G. SÉGUIN, PARIS
165, Rue St-Honoré, 165
E EM TODAS PH^{AS} E DROG^{AS}



PILULAS DE BLANCARD
APROVADAS PELA ACADEMIA DE MEDICINA DE PARIS
Resumem todas as Propriedades do IODO e do FERRO.
40
Rua Bouaparte PARIS



Estas Pilulas são de uma efficacia maravilhosa contra a *Anemia*, *Chlorose* e todos os casos em que se trata de combater a *Pobreza do Sangu*.

CRÈME SIMON
PARA
conservar ou dar ao rosto
FRESCURA MACIEZA MOCIDADE.



Para proteger a epiderme contra as influencias perniciosas da atmosphera, é indispensavel adoptar para a toilette diaria o **CRÈME SIMON**.
Os **PÓS de Arroz SIMON** e o **SABONETE Crème Simon**, preparados com glicerina, a sua acção benéfica é tão evidente que não ha ninguém que o use uma vez que não reconheça as suas grandes virtudes.

J. SIMON, 36, Rue de Provence, PARIS
PHARMACIAS, PERFUMERIAS e lojas de tabelleiros.
Desconfiar das Imitações.

Por causa das semelhanças

COMEDIA EM 1 ACTO ORIGINAL DE EDUARDO

M. FEIXOTO

PERSONAGENS

André Miranda.....	40 annos
Valentim Motta, typo semelhançante a André e com a vestimenta igual á d'elle.....	36 "
Macedo.....	37 "
Julio de Mendonça.....	30 "
Cesario.....	28 "
Raul Monteiro, official de marinha.....	25 "
Augusto.....	49 "
José, creado.....	24 "
Honorina, filha de André.....	17 "

Ação - Rio de Janeiro - Epoca - Actualidade

1901

Conclusão

André. - Patife! Si eu te pego!... Decididamente o dia não vai bem. Estão a chamar me Valentim... Será pilheria?... Vou saber. *(toca o tympano)*.

SCENA VIGESIMA QUINTA

ANDRÉ E JOSÉ

José. - Aqui tem uma carta para o Sr. André Miranda.

André. - Da-m'a. Agora escuta. Quem é que se chama Valentim aqui, no hotel? Estão só me chamando Valentim e isto ja me vaie chegando a mostrar - ao nariz.

José. - *(ava cénico)*. Outra vez!... André. - Ouviste?

José. - Ouvi, sim, senhor.

André. - E, então?

José. - Estou pensando na resposta.

André. - Que resposta, bruto! Estou-lhe perguntando quem é o Sr. Valentim, que mora aqui no hotel?

José. - *(á parte)*. Decididamente isto não me serve. Está me chieando á hospicio!...

André. - Faça ao menos... sim... ao menos indique onde elle se acha...

José. - Não o conheço.

André. - Não conhece o Sr. Valentim?...

José. - Absolutamente, não conheço nenhum Valentim. Conheço V. S.

André. - É uma resposta estúpida.

José. - Seja.

André. - De lacaio.

José. - Também seja.

André. - De um tólo.

José. - De um creado de hotel.

André. - Não comprehendo...

José. - V. S. comprehende melhor do que este seu creado.

André. - Ora viva! *(sae)*

SCENA VIGESIMA SEXTA

JOSÉ SÓ

José. - Ora, já viram isto?... Não é que o Sr. Valentim quer diverteir-se a minha custa!... Está bonito, esta... Felizmente o patrão foi a bordo do *Maluge* receber um compadre, que chega da exposição de Paris, se não... estava mettido em bons lençãos.

SCENA VIGESIMA SEXTA

JOSÉ E HONORINA

Honorina. - Deixei os lá conversando, enquanto vou ver si existe uma cartinha para mim.

Jo é. - Deseja saber da menina...

Honorina. - O que?

José. - A menina é na verdade, filha do senhor seu pai... quero dizer de mesmo filha d'aquelle senhor com quem entrou?

Honorina. - Pois duvida?... E, para que quer certificar se?...

José. - Nada, menina! O seu papai, está hoje genioso... um pouco bravo!

Honorina. - O que fez elle? Offendeu te? Julgas o c'm razão?

José. - Nada, menina. Como conheço muito o senhor seu pai. *(ingressando)* Com coração, jovial, pandeiro, por poso...

Honorina. - Conheces muito o meu pai?...

Jo é. - Sim, sim, d'aqui... do hotel.

Honorina. - É impossível!

José. - Eu sei! Eu sei!... Acho o differente, meio zangado.

Honorina. - Erganas-te, papai hoje está como sempre, bondoso e calmo.

José. - Eu que o diga, *(á parte)* demasiadamente bondoso. Reccebi o cumprimento mais calmo que se pode receber!...

SCENA VIGESIMA OITAVA

OS MESMOS E RAUL

Raul. - *(á José)* O Sr. André Miranda...

José. - Sim, senhor. *(sae)*

Raul. - *(vendo Honorina)* O que? Tu? Honorina... *(corre a abraçá-la)* É sonho ou realidade?...

Honorina. - Raul!

Raul. - Mas, que encantadora surpresa!... Que encanto bellissimo!...

Honorina. - Como soubeste da chegada do papai?...

Raul. - Por uma carta vinda ás minhas mãs hentem. E, como vaie o tio, ou primeiro, como vaes minha... *(preparando)* Mais bonita... mais formosa... typo mais brasileiro...

Honorina. - Está muito observador... um mau cbservador!...

Raul. - Observo, hoje, melhor do que nunca. Fizerao boa viagem, não?

Honorina. - A viagem a trem f i magnifica, mas a troylo foi horrivel. A estrada está intransitavel.

Raul. - E o tio? Onde está elle? O' tio?... O' tio!...

Honorina. - Elle não tardará... esperemos. Um amigo de infancia veio almoçar composco, e sempre é agradável se lembrars dos tempos de collegio.

Raul. - Esperemos. Fallaremos de ti, minha boa Honorina. Que saudades dos bellos dias que passei na fazenda!...

Honorina. - Esta surpresa f z-me um bem extraordinario. Vinha visitar o tio André e c'lhier noticias tuas como se colhesse flores escondidas entre as verdes folhagens! Não imaginas o que de satisfação, de immenso jubilo, vaie em minha alma!...

Honorina. - Obrigada! Desde o dia em que partiste de Jaboticabal só uma vez fui ao parque, onde sempre iamos.

Raul. - Mã!...

Honorina. - E, sabes porque? Não tinha coragem. Achava me preza de um medo, que me fazia crer uma doente. Lembra-me de todas as nossas conversas, e, de modo algum, desejaría perdê-las. Como se um passêo me viesse roubar-las, eu me prendia no meu quarto. Apusto que não aconteceu o mesmo contigo? Esqueceste!...

Raul. - Mã!...

Honorina. - Serêi?

Raul. - Sim, és. Não se pôe duvida a amizade de um velho amigo, quando esse amigo deseja...

Honorina. - ...uma Honorina, talvez!...

Raul. - ...exactamente, uma Honorina. F, por isso...

Honorina. - E, por isso?...

Raul. - *(fingido)* Zangame.

Honorina. - *(malhosa)* Como está elle zangadinho!...

Raul. - *(abraçando-a)* Faceira!...

Honorina. - Estarei perdoada?

Raul. - Com o mais vivo affecto *(offerecendo-lhe uma flor que tem em mão)* e com a mais sincera expressão desta flor, que eu t'a offereço. *(conversam)*

SCENA VIGESIMA NONA

OS MESMOS, ANDRÉ E MACEDO

André. - Então, Honorina, onde te metteste... Estamos a tua espera para o almoço *(apontando para o Raul)* Quem é?

Raul. - *(descobrendo-se)* Quem sou? Eu mesmo, em carne e osso, tio.

André. - O Raul! oh! oh! oh!... Mas, que diabo!... Não é que este commovido!... Venha de lá o abraço *(abraça-se)*

Raul. - Não suppunha ençentralo, meo tio, em companhia tão amavel, como a de Honorina. Também estou commovido com a alegria que sinto ao velos.

André. - Meu amigo Macedo. Apresente-te ao meu sobrinho Raul Mendonça, filho de uma irmã, que Deus a tenha em Santa paz. É official de marinha e é um tanto... levado! *(á Raul)* O meu velho amigo de infancia Macedo de Aguiar, pac extremoso, homem politico e um bom companheiro.

Raul. - *(saudando Macedo)* Si a saudação de um amigo de meu tio é para mim motivo de immensa satisfação creia, senhor, que essa satisfação torna se mais viva quanto nascida de uma verdadeira sympathia.

Macedo. - Sou-lhe grato, Sr. e em mim terá uma dedicação sincera, de amigo.

André. - Ora, muito bem. Agora creio, que podemos almoçar, sem que mais algum nos incommode. Raul, Macedo, Honorina, vamos ao almoço. *(sae Raul e Honorina)*

SCENA TRIGESIMA

OS MESMOS, JOSÉ E AUGUSTO

José. - *(á André)* O Sr Augusto Monteiro.

André. - Augusto Monteiro... *(pensando)* Quem sou? Não e nego...

Augusto. - Meu caro, senhor, conforme o ajuste nosso, estou ás suas ordens.

André. - A que devo a honra da sua visita?...

Augusto. - Faz se de tiol. Como vêo pessoas do hotel quer disfarçar. Pois eu te arranjarêi!...

André. - Men seu r... aqui estou ás suas ordens.

André. - Falle mais claro. O que é que o senhor quer?

Augusto. - O senhor já sabe. *(á parte)* Vlm mais cedo para não perdê-lo de vista.

André. - *(á Macedo)* - Eu nunca o vi mais gordo. Augusto. - Nunca me viu mais gordo, protestol... Foi o Sr. mesmo que mandou, que viesse ás 3 horas.

André. - Eu mandei vir o senhor ás 3 horas?!... Augusto. - Sim, senhor, ás 3 boras. E esta agora?!

André. - O' homem, estás me fazendo ficar esquentado. Repara bem para mim!...

Augusto. - Sim, senhor.

André. - Repara bem para mim.

Augusto. - Estou reparando.

André. - Eotão fui eu quem te mandou vir ás 3 horas?

Augusto. - A's 3 horas. E, como eu já estou farto deste negocio, vim mais cedo. Tenha a bondade de passar para cá os meus documentos.

André. - Que documentos?... Está doudo!...

Augusto. - Pode ser, pôde. Mas, quero os meus documentos... Há cinco mezes que estou esperando pelo herança do senhor seu tio e... nada. Hoje, amanhã, lgo mais, para a semana, para o mez e eu sempre... lltaudato. Ou o senhor me paga hoje os doze contos de réis das terras, ou passe pra cá os meus papeis. Irra, que ja estou farto de amolações!...

André. - Voce está idiota, julga que está falando com algum seu semelhante. com algum papife?!

Augusto. - Patife! Veja lá, veja lá como falla!

André. - Patife, sim, canalha!... Insultas me, cobrando dividas phantasticas. Eu nada devo á ninguém. Não lhe devo nada.

Augusto. - Não me deve nada!... O senhor diz que não me deve nada? O Sr. se atreve a dizer que não me deve nada?! Vou já para o delegad.

Caloteiro!... Gatuno!

André. - Bandido! *(aproximando-se)* Hei de te ensinar!

SCENA TRIGESIMA PRIMEIRA

OS MESMOS, RAUL E HONORINA

Todos. - O que é isto?

André. - Patife! insultar-me assim... *(indam)*.

Raul. *(que tem desajustado)*. - Prudencia, meu tio!...

Macedo. - André! tenh calma.

Raul. - Mas, o que foi?

André. - Este malcredo... insulta-me dizendo que sou dvedor de 12 contos de réis, de compras de terras, e termina chamando-me gatuno. *(avançando)* Grande cachorro!...

Augusto. *(indignado)*. - Testemunhas!... Testemunhas!... Eu preciso de testemunhas.

Macedo. - Mas, testemunhas para que, homem? O senhor fez algum negocio aqui com o senhor?

Augusto. - Sim, senhor, um negocio muito importante. Vendi-lhe a praso umas terras, que ainla não m'as pagou.

Raul. - Não pôde ser, meu caro...

Augusto. - Hei de fazer valer os meus direitos. Vou provar-lhe.

André. - Não seja tolo!

Augusto. *(furioso)*. - Tolo será elle. *(vae a sair e esbarra se com Valentim. Ambos param, contemplam-se)*.

SCENA TRIGESIMA SEGUNDA

OS MESMOS E VALENTIM

Augusto. - *(Reparando Valentim e André - Dando uma forte gargalhada)* Ah! ah! ah!

Macedo. - Mas é... original!...

Honorina. - Mas, que semelhança!...

Raul. - E' exacto! Que semelhança!...

André. - O que há?

Honorina. - O que ha, papai, é que aquelle senhor se parece muito comigo.

André. - Commigo?

Macedo. - Sim, é o teu re rato.

Raul. - Perfeito.

Augusto. - Façam-me o obsequio de me dizer: Qual dos senhores dois é o Sr. Valentim?

Valentim. - S u eu. E' este seu creado.

Todos. - Ah!...

Macedo. - Está verificado o engano.

Augusto. - E os meus papeis?

Valentim. - Aqui estão, não os seus papeis, mas o seu dinheiro. Acabo de receber os oitenta contos do legado do meu tio.

Augusto. - Como? Effectua a compra?

Valentim. - Tome lá o dinheiro... e seja feliz.

Augusto. - Meus parabens, senhor.

Todos. *(menos André)* Parabens!...

Augusto. *(á André)* As amabilidades que trocamos senhor foram por causa das semelhanças... A culpa não foi minha... Os senhores são tão parecidos!...

SCENA TRIGESIMA TERCEIRA

OS MESMOS E JOSÉ

José. - *(á Valentim)* Sr. André e Miranda! o Sr. Julio deseja fallar-lhe...

Valentim. - Forte animal... O Sr. André Miranda é alli, *(aponta André)*.

José. - *(Esperando e reparando bem os dois)*. O que? Serão gemos... Ah! ah! ah!

André. - Não posso agora receber o... Diga-lhe que venba logo mais.

José. - *(á parte)* Mas, por onde entrou o outro? *(sae)*.

Valentim. - *(á André)* Meu amigo. A natureza foi prodiga fazendo-nos semelhantes como homens e como typos. S'jamos, pois, benevolos um para o outro. A qui offereço, com lealdade, a minha honrada mão.

André. - Mas, com uma condição.

Valentim. - Qual?

André. - Uzurms barbas differentes.

Valentim — Seja, (A' Macedo.) Ao senhor...
 queria me desculpar se fizesse de André Miranda...
 Macedo. — Pois não foi o André...
 Valentim. — Eu queria desculpar, mas o senhor
 não me deixou... E' justa... a desculpa,
 Macedo. — Pois não, (aperando a mão)

SCENA TRIGÉSIMA QUARTA
 OS MESMOS E JOSÉ

José. — (A' André) Sr. Valentim! o Sr. Cesario
 Mendes...
 André. — O' animal... é alli com o senhor (aponta
 Valentim)
 José. — (Virando para os dois) São genços, não ha
 duvida...
 Valentim. — Diga a Cesario que não posso rece-
 ber-lo. Que appareça logo mais.
 André. — Por certo. E' bom que fiqueis a sós
 para comer o almoço, tanta vez interrompido. Con-
 vidados, meus caros, o dia ha de terminar festivo.
 Onde ha mais, ha alegria.
 Macedo. — E' temis aqui uma bellissima dama,
 e um jovem esperanças.
 Valentim. — Sim. Um bellissimo casal. São noi-
 vos?

André. — Não, senhor. Esta menina é minha
 filha, e este rapagão é meu sobrinho. Não são noi-
 vos.
 Honorina. — Papai!...
 André. — Heim? (olhando a com malicia) Contra-
 riei-te?
 Augusto. — Si o Sr. André afirmando contrariou
 a menina é porque...
 Macedo. — Sim, é porque ha novidade...
 André. — Affirmo não haver.
 Valentim. — Perdão. Como Valentim Motta pas-
 sou por André Miranda muitas vezes passara mais
 uma (A' Raul e Honorina) Parabens!
 Honorina. — (Abraçando André) Papai!...
 André. — (imitando) Papai! Papai! (falando)
 E' va um pai adivinhar inclinações!... (A' Raul)
 Seu patife viraste a cabeça da menina, hein?
 (A' Honorina) E tu, sonhava, merceias que,
 boje mesmo, fizesse voltar para Jaboticabal!
 Pois sejam felizes!
 Abracem-se e estimem-se. (abraçando-se)
 Valentim. — Parabens. Mas, são de Jaboticabal?
 Vamos ser vizinhos...
 André. — Mas, com a condição...
 Valentim. — Já me esqueci. Ah! Por causa das
 semelhanças...
 André. — ...barbas diferentes. E agora ao al-
 moço, pela ultima vez (saem)

FIM

RECUERDO

Quando te encontro e te olho indifferente,
 Nada revela que este amor houvesse;
 Meu triste olhar não diz tudo o que sente,
 Não diz tambem que o coração padesse.

Revivendo o passado, em minha mente
 Uma quadra feliz reaparece.
 Recordo assim o nosso amor ardente
 Como si elle a ventura me trouxesse.

Dessa visão o despertar horrivel
 Linda me vem ferir mais cruelmente
 A alma entristecida e tão sensivel...

A fluidez me sorri somente
 Quando no meu passado me é visivel,
 E não quando te vejo no presente.

AUGEA MARGARIDA DE SIQUEIRA.

UM BRAVO

O hospital militar era situado juato á praça,
 occupando um edificio construido sobre o rochedo.

Para se penetrar no interior desse estabeleci-
 mento era mister galgar alguns degrãos cavados na
 rocha.

Na base dessa escada sinuosa a sentinella altiva
 e arrogante occupava seu posto de vigilancia.

Approximei-me indagando si o hospital podia
 ser visitado.

Respondeu-me que só nente com permissão do
 tenente Marcundes, official de dia. Galguei os degrãos
 e penetrando no edificio por cuei o referid' official,
 obtendo d'elle o que desejava.

Acompanhado por um enfermeiro, comecei a
 minha visita de observação.

Entrámos na primeira enfermaria; era vasta, si-
 lenciosa e triste, lembrando um claustro.

Nos leitos dispostos em duas fileiras extensas
 soldados gemiam, feridos no ultimo combate, o en-
 fermeiro abandonou-me ali por momentos, conti-
 nuando no seu afan de ministrar medicamentos aos
 enfermos.

Observei então curiosamente os soldados feridos;
 alguns gemiam praguejando desesperadamente, ou-
 tros exerciam-se sobre os leitos perseguidos por dor-
 res terriveis.

E entre aquelle punhado de bravos, que se ba-
 tera com brilhantismo no campo de batalha, derramando
 o sangue em defesa da patria, havia um que
 me prendeu a attenção.

Occupava o primeiro leito da fileira. Era um ca-
 boco robusto e forte, apparentando uns 25 ou 30
 annos.

Despertou-me a admiração a caluna com que
 soffria, a indifferença com que sentia os seus soffri-
 mentos, deixando transparecer no seu sorriso altivo
 o desdem pelos companheiros que se estorciam nos
 leitos.

Approximei-me d'elle indagando si soffia. Fi-
 tou-me de frente, ergueu a cabeça com altivez e
 disse:

— Meu amigo, quem é ferido em defeza da terra
 onde nasceu, não soffie.

Commoveu-me aquelle exemplo de animo e aper-
 tei-lhe a mão, pedindo que me narrasse os ultimos
 acontecimentos.

Com a voz firme, ainda que um pouco fraca,
 assim começou:

— Tinhamos acampando na base da collina do
 outro lado do rio. Havia 5 dias que o inimigo não
 dava signal de si.

Tudo fazia crer que a paz se estabecera entre
 nós.

Ao cair da tarde nosso commandante ordenou
 que o acampamento se preparasse para repusar,
 ficando unicamente de vigias duas sentinellas.

As sombras não tardaram a envolver tudo em
 trevas e cada qual tratou de descansar, o que não fazia
 havia tres noites.

La alta a noite quando despertámos com o brado
 de armas da sentinella annunciando o inimigo.

E a ja tarde porém... a tactica do inimigo fôra
 inescrível.

Achavam-nos entre dous fogos.

O commandante ordenou ao corneta o toque de
 avançar e a voz de fogo não se fez esperar.

Uma nuvem veruelha velou-me os olhos ao cala-
 firo percorreu-me o corpo.

Encostei a carabina ao rosto e fiz fogo.

Aucta foi terrivel.

A lua, occulta atravez das nuvens, descobriu-se
 naquelle instante illuminando o campo de combate.

Durante vinte minutos a luzearia continuou cerra-
 da; companheiros cabiam a meu lado, mortos e feridos,
 dizendo o adeus supremo a patria e a familia.

Foi nesse momento que tombei tambem, ferido,
 sobre dous companheiros moribundos, abraçado á
 minha carabina lastimando-me por não poder lutar
 mais, por me vê, sem forças para esmagar os nossos
 algos.

O meu desespero porem durou um momento.

O corneta do inimigo annunciou o debandar, pois
 do que seu pavilhão haviam se apoderado tres
 dos nossos camaradas, que fuzilaram o porta bandeira.

E nossa banda de musica tocou triumphantemente
 o bynno «nacional».

Asim terminou o bravo soldado a sua narrativa.
 Fitou em mim seus olhos amortecidos e de re-
 pente sua bocca entreabriu-se para expellir uma
 gollada de sangue.

A hemorragia augmentava mais e mais.

Indicou-me com um gesto a bandeira brasileira
 a um canto da enfermaria.

Percebi que ia expirar enteguei-lhe o pavilhão
 com o pendão auri-verde que esse bravo com tanto
 zelo defendera.

O cab clo agradeceu-me com o olhar e abraçou-
 se á bandeira disse com a voz extinguindo-se:

— Adeus — minha terra!...

E tombando sobre o leito expirou...

NOBREGA JUNIOR, Setembro 1901.

REGRESSO

Com que prazer revejo estes caminhos
 Chelos de eterno olôr e florescencia
 E as sonoras canções ouço nos ninhos
 Depois de tão sentida e larga ausencia!

Quanto me punge o calice de espinhos
 Em que se bebe a dor — amarga essencia!
 O' minha amada, sem os teus carinhos
 Como é tristonha e crida esta existencia!

Mas eis-me de regresso. A tua porta
 Enfim transpouho, cheu de anciedade,
 Que tão somente verte-me com conforto.

Çinjo-te a mim, beijo-te a traça escura:
 E ah! tal chorava, ausente, de saudade,
 Por vê-te agora — choro de ventura!

BRITO MENDES.

O Principe de Galles

Ja é um velho, pois conta quasi 60 annos, o
 principe illustre que acaba de herdar a corôa da
 Inglaterra, por morte da rainha Victoria, sua augusta
 progenitora.

Alberto Eduardo, o principe de Galles, nasceu
 a 9 de Novembro de 1841, recebendo logo os titulos
 de duque de Saxe, principe de Saxe Coburgo e Gotha,
 duque de Cornwall e de Rothesay, conde de Chester
 de Carrick e de Dublin, barão de Renfrew, lord das
 Ilhas, etc.

Aos 17 annos de idade, foi nomeado coronel do
 exercito e tava leito da ordem da Jarreteira.

Em 1851, incluiu elle a longa serie de suas cele-
 bres viagens, que nunca mais abandonou, tendo visi-
 tado toda a Italia, em 1850; a America, em 1850
 (onde, no desembarcar em New York, escapou de
 ser victimado de um attentado, praticado por um alle-
 mado); a Alemanha, em 1861; a Austria, o Egypto,
 a Turquia e a Grecia, em 1861.

No mesmo anno, foi recebido por Napoleão III,
 em Fontainebleau, e em Ostende por Christiano Frederico,
 depois rei da Dinamarca, e cuja filha, Alex-
 andra, lhe fôza offerecida em casamento. Depois de
 uma outra viagem a Roma, o principe de Galles a
 desposou, em Março de 1863, contando ella então 19
 e elle 21 annos de idade.

O casamento não lhe fez decrescer o gosto pelas
 viagens. Assim é que em 1867, durante a exposição
 universal de Paris, fez elle diversas visitas á capital
 franceza, e em 1875, por conta de um credito para
 tal fim votou-lhe a camera dos communs, emprehendi-
 deu uma grande viagem ás Indias, de onde voltava
 no anno seguinte, havendo recebido um sem numero
 de manifestações de apreço e de curiosos e valiosos
 presentes.

Durante essa viagem, atravessou a França, o
 Egypto, o istmo de Suez, e foi recebido nas cortes
 de Lisboa e de Madrid, pelos reis de Portugal e da
 Hespanha.

Além de muitas outras viagens, foi a Berlim, em
 1883, por occasião das bodas de prata do principe
 Frederico, seu primo e depois imperador Frederico
 III, da Alemanha, por causa dessa viagem, o prin-
 cipe de Galles foi feito feld-marchal do exercito
 allemão.

Em 1855, viajando pela Irlanda, o berdeiro da
 corôa da Inglaterra alli foi alvo de manifestações hos-
 tilis, promovidas pelos nacionalistas.

Por occasião das exposições de 1873 e 1884, esteve
 elle ainda em Paris.

Grão mestre da ordem dos templarios, desde 1875,
 o principe de Galles foi, em 1875, eleito grão-mestre
 da maçonaria ingleza.

O actual rei da Grã Bretanha era até agora man-
 tido com o producto de uma dotação nacional, que
 augmentada, varias vezes, pelo parlamento inglez,
 foi ainda elevada, em 1889, de 40.000 a 70.000 libras
 sterlingas fora as dotações feitas a seus filhos.

Estes são em numero de quatro: Jorge, nascido
 em 1892, official da marinha ingleza e herdeiro pre-
 sumptivo da corôa; Luiza, nascida em 1897; Victo-
 ria, em 1893; e Maria, em 1861.

Perdeu elle, em 1897, o seu filho mais velho, Al-
 berto Victor Christiano Eduardo, duque de Clarence,
 nascido em 1864 e que era noivo da princeza de Teck.

Tua historia por bocca indifferente
 Outra ouvi: que historia desgraçada!
 Chorei, senti por ella a alma tomada
 Da mais profunda commoção e ardente!

Consagrei-te affeição; humilde é crente
 A Deus pedi por ti! — a desejada
 Ventura ao eu roguei que fosse dada
 Em troca de teu mal impio e latente!

Procurei consolar-te, carinhosa,
 Busquei da vida o mais suave enleio,
 E a esperanza surgiu enfim, radiosa!

Porem bem cedo evaporou-se o encanto!
 — E tens o peito de saudades cheio!
 — E tens as faces humidas de pranto!...

ENLIA DA PAZ.

MOLDES



Temos a satisfação de communicar ás
 nossas gentis assignantes e leit'ras que,
 apezar do nosso silencio, continuamos
 com o nosso serviço de moldes tanto d'a
 Estação, como de qualquer outro jornal,
 para esta cidade e para o interior da Republica.

Ha uns bons trinta annos temos nos incumbido
 desse serviço, continuando o sempre a petica de verda-
 deiras artistas em materia de cortes.

Agora mesmo as senhoras a quem confiamos esse
 trabalho, são das mais habilitadas mestras no assum-
 pto, no qual não temem confronto.

Nunca recebemos reclamações contra o serviço da
 casa e com ufania podemos assegurar que estamos ha-
 bilitados a satisfazer a frequencia mais exigente, sem
 que tenhamos receio de que nos venham dar lições de
 apuro e bom gosto, nem na modicidade de nossos pre-
 ços

Para o presente numero offerecemos:	
N. 1 — Saia.....	1\$000
N. 4 — Saia.....	1\$000
N. 13 — Saia.....	1\$500

Os recudos são recebidos no escriptorio desta folha,
 bem como, a importancia que deve acompanhar o pe-
 diço.

Pelo correto mais 300 réis para o pri-
 meiro molde e 200 réis para cada um dos
 que se seguirão.

Associação das Crianças Brasileiras

Não ha na terra nada que melhor nos faça ante-
ver o ceu que a alegria das crianças.

As birrasinhas, os amuos, a preguiça que, algu-
mas vezes, afieiam quasi, esses anjos, desaparecem
de todo quando estão alegres e reunidas.

Como são formosas! Que viveza e que meiguice
celestial nos olhos e labios que sorriem! Que encanto
em todos os seus gestos e cantares!

Desanuiam todas as fronteiras; afastam odios;
atrabem para o bem os corações empedernidos ou
egoistas, fazem rir, mas o rir que provocam é bom,
é são, é puro, sem laivos de escarneo ou malícia e a
ouvir, a ver crianças, com amor, esquecem os homens
que não tem na alma a mesma innocencia e na vida
a mesma pureza!

Bemditá infancia.

Entretanto ha tanta criança que não aprendeu a
rir, cujo s brinco, cujo chalar ninguem contempla ou
escuta, cujas fronteiras não são unguidas pelos labios
maternaes!

Tantas pequeninas cabeças que repousam, sem
conforto em trapos repugnantes, sobre o soalho suo

dos quartos de estalagem, ou nos degraus dos tem-
plos fechados; tantos anjos que choram sem cessar a
um canto de uma cozinha cheia de fumo suffocante
ou do cheiro forte de alho frito, enquanto a mãe la-
menta ter na vida aquelle empecilho, um entesinho
que leva o dia a gritar, a querer leite e reagoço, cousas
que lhe não pode dar. Quer durma, não seja ma-
noso, chupe o dedo para enganar a fome... Com tal
berreiro é capaz de exasperar a patroa e faz-la
perder o logar... Os pobres não deviam ter filhos!

A Associação das Crianças Brasileiras é for-
mada por um grande grupo de criancinhas felizes,
que tem mães carinhosas e cheias de amor aos pe-
quenos desprotegidos.

Ellas querem e conseguirão, com certeza, que os
filhinhos dos pobres tenham, á farta, leite, concheço,
banhos, roupas acaçalhadoras, brincos e carinhos,
emquanto as mães trabalham para assegurar-lhes o
futuro, nos seus misteres de operarias ou servas, nas
horas em que não poderiam cuidar d'elles; quem
que esses entesinhos nascidos na enxerga humilde e
fria tenham berchinhos macios, alvos e quentes e can-
ções doces que os embalem; que elles riam e chirem
despreocupados e felizes.

Os que assistiram á primeira festa infantil a favor
da fundação da Casa dos berços da primeira creche no
Rio de Janeiro não podem duvidar, n'um instante, da

realização de tão santo empenho, pois viram com que
poderos encanto, com que magia, as crianças cheias
de talento e pela caridade guiadas, atrabem e
prendem.

Foi uma festa encantadora!

Com que poder de intelligencia aquellas crianças,
tão pequeninas algumas, arrebataram o auditorio
maravilhado! Que graça nos movimentos, nas dau-
ças, nas canções, nos côros!

E eram quarenta!

Não houve uma que se enganasse, que esque-
cesse, uma estrophe, um verso, uma resposta!

A commissão tem recebido muitos pedidos para
que se repita o festival, e mesmo um gentilissimo
diplomata estrangeiro, comprometteu-se a patroci-
nar a segunda festa. E' pois possivel, provavel
mesmo, que essa repetição se dê, e eu espero que
nesse caso, nenhuma das minhas formosas leitoras
deixe de comparecer. Appello para todas as mães,
para todos os corações generosos existentes no Rio
de Janeiro, para que corram a disputar logares donde
possam além de proteger a infancia pobre, admirar o
talento, a graça e a belleza das crianças, que a rir
e a cantar preparam dias de paz e fortuna para os
que a sorte não hafejou no hez.

ADELINA LOPES VIEIRA.

NINON DE LENCLOS

o carência da ruga, que jamais ousou macular-lhe a epi-
derme. Já passava dos 80 annos e conservava-se jovem e
oella, atraido sempre os pedagoça da sua certidão de bap-
tismo que rasgava á cara do Tempo, cuja foice embotava-
se sobre sua eneatadora physionomia, sem que nunca
deixasse o menor traço. «Muito verde ainda!» via-se obri-
gado a dizer o velho rabugento, como a raposa de Lafon-
taine dizia das uras. Este segredo, que celebre egoista
faciera jamais confiar a quem quer que fosse das pessoas
daquella época, desochrio-o o Dr. Leconte entre as folhas
de um volume de *L'Histoire amoureuse des gaules*, de
Bussy-Rabutin, que fez parte da bibliotheca de Voltaire e
é actualmente propriedade exclusiva da **PARFUMERIE
NINON, MAISON LECONTE, Rue du 4-Septembre, 51 à Paris.**
Esta casa tem-no á disposição das nossas elegantes, sob
o nome de **l'ÉRITABLE EAU DE NINON**, assim como
as receitas que d'ella provém, por exemplo, o

DUVET DE NINON

pó de arroz especial e refrigerante;

Le Savon Crème de Ninon

especial para o rosto que limpa perfeitamente a epi-
derme mais delicada sem altera-la.

LAIT DE NINON

que dá alvura deslumbrante ao pescoco e aos hombro
Entre os productos conhecidos e apreciados da **PARFU-
MERIE NINON** contam-se:

LA POUDE CAPILLUS

que faz voltar os cabellos brancos á cor natural
existe em 12 cores;

SEVE SOURCILIERE

que augmenta, engrossa e brune as pestanas e os super-
cilios, ao mesmo tempo que dá vivacidade ao olhar

LA PATE ET LA POUDE MANODERALE DE NINON

para snura, alvura brilhante das mãos, etc., etc.

Cavem exigir e verificar o nome da casa e o endereço sobre
o rotulo para evitar as emittações e falsificações

PARFUMERIE EXOTIQUE E. SENET

35, Rue du 4-Septembre, 35, PARIS

MÃO DE PAPA

de duque, de príncipe,
por meio da
Pâte des Prélats, que embranquece, alisa,
sacatina a epiderme, impede e destrói as freiras
e os rachas.

UM NARIZ PICADO

de pequeninas
borbulhas ou
com cravos torna a recuperar a sua branca primitiva
e a sua cores liess por meio do **Anti-Bolbos**,
producto aem igual o muito contrafeito.

CUIDADO COM AS CONTRAFACÇÕES
Para ser bella, encantar todos, olhos
deve-se servir da **Fleur de Pêche** pó do
arroz feito com fructos exóticos.

POUCOS CABELLOS

Fazem-se crescer e corados empregando-se
o **Extrait Capillaire des Benedictins
du Mont-Majella**, que tambem impede
que caiam e que fiquem brancos.

E. SENET, Administrateur, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

NÃO ARRANQUEM MAIS

os dentes estragados, sendo-os branqueando
com o **Elixir dentifrice des Benedictins
du Mont-Majella**.

E. SENET, Administrateur, 35, R. du 4-Septembre, Paris.



apenas
acorda,
chora
pedindo
o seu
Rachout!

Rachout dos Arabes Delangrenier
o melhor alimento para as crianças

CALLIFLORE

FLOR DE BELLEZA

Pós adherentes e invisiveis

Grças ao novo modo porque se empregam
estes pós communicam ao rosto uma inaravil-
hosa e delicada belleza e deixam um
perfume de exquisita suavidade. Alem dos
brancos, de notavel pureza, ha outros de
quatro matizes diferentes, Rachel e Rosa,
desde o mais pallido até ao mais colorido.
Poderá pois, cada pessoa escolher a cor que
mais lhe convenha ao rosto.

PATE AGNEL

Amygdalina e Glycerina

Este excellente Cosmético branquea e
amacia a pelle, preserva-a do Cieiro, Irrita-
ções e Comichões tornando-a avelludada;
pelo que respeita as mãos, dá solidez e
transparencia ás unhas.

AGNEL, Fabricante de Perfumes,
16, Avenue de l'Opéra, Paris.

Em suas lojas Casas de vende por miúdo nos bairros mais ricos da Paris.

COFFINÉ

Manual do christão

Além d'um copioso Devocionario,
contém uma explicação das epistolas
e Evangelhos dos Domingos e mais
dias Santos do Advento, Quaresma,
etc., e um curso completo de instruc-
ções moraes liturgicas e dogmaticas
distribuidas em harmonia com os
evangelhos do dia.

Traduzido da decima quarta Edi-
ção Franceza.

1 volume encadernado em cha-
grin tranche dorée..... 6\$000
Pelo correio..... 6\$500

7, RUA DOS OURIVES, 7

RIO DE JANEIRO

HOUBIGANT

PERFUMISTA

da RAINHA d'INGLATERRA e da CORTE da RUSSIA

PARIS

AGUA HOUBIGANT

SEM RIVAL PARA O TOUCAADOR

AGUA de TOUCAADOR Royal Houbigant.
AGUA de COLONIA Imperiale Russe.

EXTRACTOS PARA LENÇOS: Violette Idéale,
Royal Houbigant, Peau d'Espagne, Moskari, Iris blanc,
Le Parfum Impérial, Moïse, Muguet, Fillet Reine,
Impérial Russe, Lilas blanc, Ilihotrope blanc, Fougere
Royale, Gloxinia, Jasmin d'Espagne, Cuir de Russie,
Giroflee, Corydalis, Bouton d'Or, Sunrise, Rococo.

SABONETES: Ophelia, Peau d'Espagne, Violette idéale,
Fougere Royale, Lait de Thiridac, Royal Houbigant.

PÓS OPHELIA, Talisman de Belleza.
PÓS PEAU D'ESPAGNE.
LOÇÃO VEGETAL, para os Cabellos.
PÓS ROYAL HOUBIGANT.

PERFUMARIA ESPECIAL MOSKARI



Chegada nos pastos (Suissa).

NENIA

I

O esquite é bello; tem a cõr azul celeste,
Onde es despojos jazem de uma virgem bella,
Que então fõra a mais viva, fulgurante estrella,
E hoje vai repousar á sombra do cypreste.
E dorme eternamente o somno da innocencia!
A sua fronte pallida da cõr do lirio
Illuminada vê-se p'las luzes do Empyrio,
Que ao seu manto reflectem cheias de fulgencia.

II

As flores dos jardins virentes não mais cantam
Os hymnos ao Senhor, e de harmonia cheios...
Os passaros além, tão tristes, só levantam
Nos arvoredos, pungentísimos gorgeios.
Além, hem longe arrulha a juyiti tristonha,
Desprendendo seus tristes gemidos de dôr,
Pois morrera a gentil, a encantadora fôr,
Que era o seu enlevo, a sua aurora risonha.
E hoje — coitada! — triste vive na deveza,
Suspizando de amor, penando de saudades,
E de balde procura encontrar suavidades
Para o seu coração em profunda tristeza!

ARTHUR R. DA SILVA.

O heroismo

Soffrimento da mulher boer

HOMENS DA GUERRA

Vai ler o leitor extractos de conversas que um jornalista francez teve com mulheres boers prisioneiras dos inglezes.

Diz uma:

« Eu já perdi toda a esperanza... Portanto, cxaal que os inglezes tomem conta disto por uma vez e nos deixem ir tranquillias para nossas casas.

Eu já pensei em arranjar uma petição, assignada por quantas mulheres aqui estão, e na qual todas nós recommendassemos a nossos maridos que acabassem com a campanha. Ou então, que os inglezes nos mandem para ao pé delles.

Aqui é que não nos podem dar de comer a todas e não hão de querer deixar-nos morrer á fome... E' tempo de acabar com isto!

A outra protestou logo:

« Ah, não! eu cá nunca assignaria semelhante documento.

Continuo a ter esperanza, mesmo ainda agora.

Meu marido lá anda no seu commando e sabe melhor do que eu o que deve fazer.

Mesmo que eu agora o pudesse vêr, não lhe pediria que se rendesse.

Deixal-os lá... Pois o senhor não vê? quando Paulo Kruger partiu para a Europa, o seu navio permaneceu doze dias e doze noites no meio de cerração, sem poder avançar... tal qual como no Egypto.

Era o senhor que experimentava a sua fe! Ao decimo terceiro dia o mar socegou, o céu estava limpo, e o navio pôde seguir...

Ora esse milagre, foi para nós uma lição e um estímulo.

Ainda não perdi a esperanza de voltarmos a ser livres!

Agora é uma senhora ingleza que escreve á *Westminster Gazeta*, dando-nos a conhecer ainda mais, as depredações e horrores praticados naquellas Republicas pelos inglezes:

« Quando eu sahi de Pretoria a 28 de Maio, havia 5.000 homens, mulheres e crianças, no campo de concentração de Irene, ao pé da cidade. Mais de mil estavam hem doentes.

« Este campo está situado no mesmo ponto onde estiveram os inglezes prisioneiros. E' cercado por uma especie de paliçada, ligada por fio de ferro em serriha, e guardada por sentinellas que não permitem a entrada sinão mediante concessão de autoridade militar.

E' absolutamente falso dizer se que as mulheres e as crianças estão ali por sua vontade, tendo até algumas pedido para ficar.

Pelo contrario, ellas foram trazidas á força das suas casas sem sequer terem tempo para transportarem objectos mais necessarios.

Agora estão alojadas summariamente em vagoes de transporte de gado, com uma alimentação difficilissima e no meio da maior immundice.

« Os Incendios nas fazendas continuam.

Ainda quando Mme. Botha foi visitar seu marido, teve que pernoitar successivamente durante a viagem, em varias fazendas ao longo do caminho.

Depois esteve com seu marido cinco dias.

Pois, quando se retirou, já nenhuma dessas modestas casas, que lhe haviam fornecido hospedagem eventual encontrou de pé. Tudo destruido.»

NOTAS DE UM CURIOSO

A astronomia é uma sciencia antiquissima; foram os pastores do Hymalaia que fizeram as primeiras observações, isto é, começaram a notar os movlmentos apparentes dos corpos celestes e a estudar praticamente os phenomenos que mais os impressionavam.

Entre os romanos a letra F. como algarismo, valia 40, e, com um traço horizontal por cima, 40.000.

A origem das letras de cambio é muito antiga. Já na idade-média, no XII o no XIII seculos, os judeus e os lombardos usavam desse meio para fazer os seus pagamentos, de uma praça para outras.

As corridas de cavallos principiaram na Inglaterra no seculo passado. As coudeharias do estado datam na França do reinado de Luiz XIV e foi Colbert que escreveu o primeiro regulamento para ellas.

Segundó *La Nature*, são as seguintes as médias das chuvas annuaes recolhidas nas differentes partes do mundo:

Australia.....	520 m m
Asia.....	555 "
Europa.....	615 "
America do Norte.....	825 "
America do Sul.....	1.070 "

E' esta parte do novo continente, notavel pela sua luxuriante vegetação e portentoso curso de agua, que recebe as mais fortes chuvas.

O abandono dos filhos era entre os romanos equiparado ao homicidio. Em França, um edito de Henrique II impunha a pena de morte aos paes que expunham ou abandonavam os filhos.

Londres, a maior cidade do mundo, tem 4.500.000 habitantes, 30.000 ruas, 700.000 habitações, 1.400 igrejas, 2.100 hospitaes, 500 hoteis e 70 theatros. Publicam-se ahi 400 jornaes de toda especie.

Decifração

« Il y avait la bas... la bas...
une âme en travail et en peine... »

GEORGE SAND. *Comuelo*.

(A' M' gentil e fermosa leitora da «Estação»)

Entender sem olhar... jamais pudéra!
Tinha esposo gentil; cem servidores;
Prenhia ao seu talento adoradores
Brilhava no seu rosto a primavêra.

Nesses salões onde a vontade impêra
Fulgurava do luxo aos esplendores...
Quem, pois, lhe dava aos labios amargores
E ao fundo olhar essa expressão sevêra?

Soprendi-lhe, n'um dia o olhar prendido
Sobre um joven casal apaixonado
Que n'um beijo de amor se havia unido.

— « Ai! gemeu seu olhar indicidoro:
— « Si me pagassem todo o amor que sinto!
« Si eu fosse amada como tenho amado! »

A. AZAMOR.

Niteroy: 1901.

— x — x —

Chromo

— « Dizes que ao Omnipotente
Ninguém em honrade excede;
Então tudo o que se pede
Elle dá, bondosamente? »

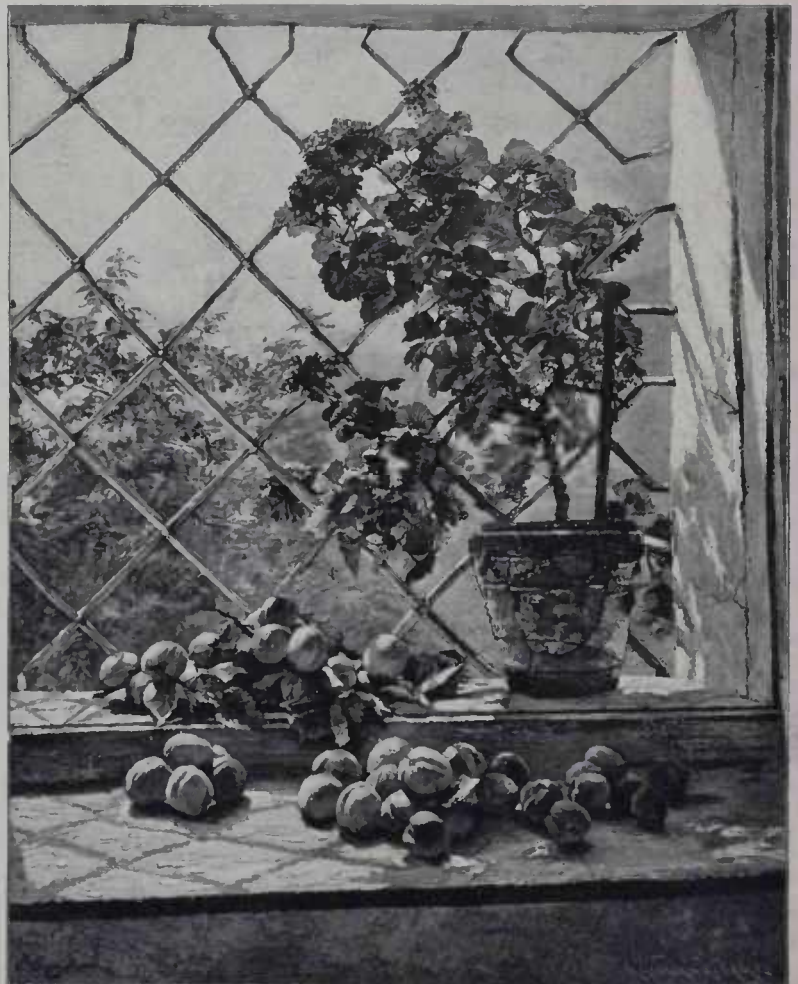
Pois amanhã, muito cedo,
Vou pedir-lhe um favor só:
Que faça com que vovô
Me traga mais um brinquedo! »

A avó que a estava escutando
Sabio logo; e após voltando
Trouxe-lhe uma bonequinha.

Elle, a beneca, tomando,
Mirava, alegre e exclamando:
— « Sim! Deus é bom, mamãezinha! »

AMELIA ALVES.

Niteroy: 1901.



Frutas (Albricoquos).

Manhã de festa

Cantai, o aves, cantai,
Que ao canto a manhã convida,
E abrindo as azas da vida
Pelo infinito voai.

A luz que desponta agora
Doura as collinas e montes;
Febenta o rumor das fontes,
Saudando a nascente aurora.

Ha borboletas azues,
Núadas e multicores
Que passam beijando as flores
Agrestes, pelos paus.

As raparigas faceiras
Da aldeia, pelas campinas,
Cebem cecens e boninas,
Com que se adornam, ligeiras.

Derreia n-se os bogarins
Cedendo ao peso do orvalho,
Volta agora do serrallo
O sol, dos loucos festins.

Freme de goso a floresta,
Encolhem-se os vaçalumes.
O ar é tudo perfumes,
E na terra e tudo festa.

Cantai, o aves, cantai,
Que ao canto a manhã convida;
E abrindo as azas da vida
Pelo infinito voai.

ALFREDO M. DE OLIVEIRA.

Nictheroy.



CAVACOS MEDICOS

ARTHRITISMO

A questão de maior importancia na hygiene dos arthriticos, é a que diz respeito ao regimen alimentar. Os dois pontos capitais, neste particular são:

1º - Introduzir no organismo alimentos de facil combustão.

2º - Regular a qualidade das substancias alimenticias.

Em relação á qualidade dos alimentos, o arthritico deve evitar: a) os acidos, que augmentariam a hyperacidéz do humores; b) as substancias ricas em azoto, que determinam igualmente esta hyperacidéz.

A grande fonte dos acidos organicos que estabelecem ou desenvolvem a diathese arthritica, é a alimentação azotada.

Entre os alimentos pertencentes a este grupo, o que mais prejudica o arthritico é a carne, e principalmente as carnes escuras.

Sabese que o acido urico é fornecido principalmente pelos azotados que entram em larga escala na composição da carne, e, por isso mesmo, esta substancia deve figurar pareamente no regimen do arthritico.

As carnes brancas serão utilizadas de preferencia, por que não são ricas em azoto.

As pezizes, os marrecões, numa palavra, as aves de carne escura, bem como os peixes, principalmente os do mar, devem ser riscados do menu dos arthriticos.

Os peixes de agua doce podem ser permitidos, desde que não sejam muito ricos em materias gordurosas.

Os molluscos e crustaceos, são muito prejudiciaes, porquanto são de pensosa e difficil digestão.

Os ovos serão permitidos, desde que não haja abuso, por isso que são muito ricos em substancias gordurosas.

Em compensação, os leumes e as fractas, mesmo as que são acidas, representam importante papel no problema do regimen alimentar do arthritico.

Os legumes verdes, as saladas de alface, chicória, etc., são alimentos de grande utilidade.

O mesmo não se pode dizer em relação aos tomates, espinafres, a azedinha, que devem ser usados moderadamente, por causa do acido oxalico que contém.

Este acido entra em grande parte na composição dos calculos dos rins e do ligado, e, além disso augmenta sensivelmente a quantidade de acido urico que deve ser excretada.

Os legumes seccos, os feculentis em particular, taes como feijão, ervilhas, lentilhas e favas, rimos em azoto e de difficil digestão, devem ser usados com moderação.

Do excesso da carne e do feijão, na alimentação dos brazileiros, diz notavel medico, depeade o progresso crescente do arthritismo, em o nosso paiz.

O vinho deve ser bem cozido, deveo ser preferida a crosta.

O arthritico será subrio nos condimentos e particularmente nos cogumelos e trufas, que figuram frequentemente nas mesas dos ricos.

As frutas maduras serão permitidas largamente, mesmo as que são acidas, por isso que taes acidos, quando entrando no organismo em carbonatos alcalinos, são eliminados facilmente.

A agua deverá ser a bebida favorita, juntamente com o leite.

A agua potavel eorce uma especie de lavagem dos tecidos, dissolve uma grande parte de destroços organicos que são eliminados facilmente.

O leite e tambem uma excellente bebida, que gasta e o estado de humores do aparelho renal.

O arthritico sera subrio em vinho branco em aleol.

Os vinhos efumantes, que e ntem uma notavel proporção de acido carbonico, são em extremo prejudiciaes.

Este facto de conhecimento vulgar, diz Muniz, não ha quem não conheça; um ou mais individuos que, depois de beberem uma ou duas taças de champagne, são acomettidos de violenta dor de cabeça, verdadeira enxaqueca, acompanhada de todo o cortejo de symptomata desagradaveis.

Os vinhos Bordeaux, e, muito principalmente, os vinhos brancos (typo de Sauterne, Rheno), podem ser permitidos.

A mesma concessão será estabelecida para as cervejas fracas, pouco alcoolizadas, como a que é fabricada pela conhecida casa Carstoffel, de Porto Alegre.

As cervejas inglezas, muito ricas em alcool, são prejudiciaes.

As bebidas aromaticas, taes como o chá e o café, são usadas moderadamente. São estas as linhas gerais do regimen bromatologico do arthritico.

Seguramente, não é indispensavel que taes preceitos sejam seguidos á risca diariamente. Uma ou outra vez poderá abrir-se uma excepção; mas, d'ahi ao abuso, ha grande distancia.

S. L.

Mal secreto

Si a colera que espuma, a dor que mora
N'alma, e destrõe cada illusão que nasce,
Tudo que punge, tudo que devora
O coração, no rosto se estampasse;

Si se pudesse, o espirito que chora,
Vêr através da mascara da face,
Quanta gente, talvez que inveja agora
Nos causa, então piedade nos causasse!

Quanta gente que ri talvez, comsigo
Guarda um atroç, recondito inimigo,
Como invisivel chaga cancerosa!

Quanta gente que ri, talvez, existe,
Cuja ventura unica consiste
Em parecer aos outros venturosa!

RAYMUNDO CORREIA.



Mosaico

Dialogo entre futuros genro e sogro:

— Sim, senhor: darei a minha filha 500000 de dote, o que, penso, chegara ao menos para o almoço. E o senhor com quanto entra para o jantar?
— Com coisa alguma: eu, quando almoço bem, costume dispensar o jantar.

✱

— Então o que fez a ré — a costureira — quando o senhor lhe foi pedir o aluguel da casa?
— Quezoso — (que é o senhorio) — Respondeu-me machiualmente.

— Como assim?
— Pois — Como assim?
— Quezoso — Atirou-me com a machina de costura.

✱

— Eu não lhe posso pagar este terno senão d'aqui a tres semanas, disse um freguez a um alfaiate.

— Quando é que está prompto?
— Alfaiate, com o mais amavel dos seus sorrisos:

— D'aqui a tres semanas.

✱

Uma moça gentil e espiituosa, sen lo interrogada em exame sobre musica, materia em que não era forte, voltou se corajosamente para seus examinadores e disse lhes:

— A musica é uma sciencia que diverte; ora, como nós não estamos aqui para nos divertirmos, será mais conveniente passarmos a outra materia.

Os examinadores acharão lhe tanta graça, que fizeram lhe a vontade.

✱

Um pretendente apresentou se a um ministro pedindo-lhe um logar de amannense na sua secretaria.

— Quantos annos tem de prática do logar? perguntou o ministro.

— Nenhum.

— Como e então que pretende?

— E V. Ex., replicou o pretendente, quantos annos de prática tinha quando foi nomeado ministro?

Manhã em Petropolis

Que manhã! que manhã!
Que a manhã é assim!
Que a manhã é assim!
Que a manhã é assim!
Será, quem sabe, o respirar da rosa?

D'ura se em luz a serra magestosa,
Das flores leva a Deus a essência pura.
Dos passaros na voz, com que doçura,
Canta a floresta antiphona inaviera!

D'ama em ternura a ti só em louvores,
Bemdito Creador da natureza!
Quem vê, sem adorar, tuos primores?

Que humano rosto em si tem tal belleza?
De qual belleza nascem mais amores?
E quaes amores tem tanta grandeza?

J. M. DO AMARAL.



Depois de ter usado de tantos tónicos para a cabeça é que será apreciado este. A receita encontrou-se esta receita, e descoberta do indio Caribó no anno de 1790. A venda nas casas de perfumarias e pharmacias do Brasil, depositario: ANTONIO CARLOS MADEIRA - RUA PRIMEIRO DE MARÇO, 1 e 3 - Rio de Janeiro.

Licor de Leite

(NOVIDADE)

Nenhum mais deliado e delicioso, nem mais agradável ao paladar do que este, producto de José Augusto de Arruda.

Encontra-se nas boas confeitarias e casas de molhados do Brasil, depositario: ANTONIO CARLOS MADEIRA - RUA PRIMEIRO DE MARÇO, 1 e 3 - Rio de Janeiro.



MOLDES

Ha mais de 10 annos que a nossa casa tem se incumbido da confecção e remessa de Moldes Cortados e em medida, não só do nosso jornal de moda, como de qual quer jornal estrangeiro, nunca tendo recebido reclamação sob esse serviço que continua feito com toda a regularidade e confidencia de verdadeiras artistas em materia de corte.

Não recebemos pois, que não possamos ultrapassar na perfeição do trabalho, nem na modicidade dos nossos preços.

Para o presente numero offerecemos:

N. 3 - Sãta	1\$00
N. 4 - Sãta	1\$00
N. 5 - Sãta	1\$00

Pelo correio mais 300 réis para o primeiro molde e 200 réis para cada um dos que se seguem.

ENXOVAS PARA REEM-NASCIDOS

Mediante a insignificantissima quantia de 3000, ou 3500 pelo correio, podemos fornecer em envelope apropriado, moldes completos para enxovas de recém-nascidos constando de quatorze peças.

Os preços são bem como as importancias são recebidos no escriptorio desta folha - Rua dos Ourives, 7 - Rio de Janeiro.

Correspondencia

Muita attenção—Aos assignantes do publicações estrangeiras tão sómente, temos o prazer de avisar que soffrerão grande abatimento por causa das melhoras do cambio, as assignaturas de Jornaes, Revistas, Gazetas e Illustrações, etc., etc.

Pede-se toda a clareza no nome das pessoas que se dirigirem a nossa casa por correspondencia, assim como indicar por extenso o lugar de residencia e nome do Estado.

Os pedidos de informações devem vir sempre acompanhados de um selo de 200 réis para a devida resposta.

A. Lavignasse Filho & C.

GOMO UM MUNDANO SE FEZ JESUITA

Certo cavalheiro pertencente a uma das principais familias de Turim, irmão de um Cardeal, com suas aventuras extravagantes trazia em constante angustia sua mãe. As affectuosas supplicas d'esta senhora eram completamente desatendidas e sentia

cada dia um novo espinho no coração por algum desvario ou capricho do filho.

Era a vespera dos exercicios espirituaes como é costume haver em certa estação do anno na ermida de Santo Ignacio em Lanzo.

— Oh, quenta consolação me darias, disse ella ao filho, se fosses fazer alguns dias de retiro em Santo Ignacio!

— Não porei duvida sob a condição do pagamento das minhas dividas.

— Quanto será preciso?

— Uma bagatella alguns milhares de francos. A mãe, contente e desejosa de aproveitar este raio de esperança, concordou. Ella sabia que D. Bosco devia assistir a quellas exercicios, e só o pensamento do encontro de seu filho leviano com o homem de Deus, alegrava seu animo.

O cavalheiro de quem fallamos, fiel a sua promessa, poz-se em caminho. E, singular coincidência! no carro em que elle entrou, ia D. Bosco. Entabularam amistosa conversação; e conhecendo logo que o bom Padre estava constrangido em consequencia de tres grandes leicções, o joven cavalheiro lhe disse:

— Pedi a Deus que vos sae, porque um exercitante não deve estar enfermo; isso contraria o seu espirito.

— Não direi uma só Ave Maria para ficar alli-viado.

— Sem duvida, se lhe agrada ficar assim!

D. Bosco sorriu e elle ficou pensativo. N'isto cae uma abundante chuva, e os solavancos da carroagem sobre modo molestavam o pobre D. Bosco.

O seu incommodo não lhe inhibiu porem de fazer os exercicios, não faltando a um só. Já para o fim as forças o abandonaram e, enquanto estava ajoelhado na capella, cahiu sem sentidos.

O cavalheiro de quem fallamos, achava-se perto. Tom u-o nos braços, levou-o para o seu quarto, accommodou-o na cama e dispensou-lhe todos os cuidados possiveis.

Voltando D. Bosco a si, sorriu serenamente por ver-se tratado pelo seu improvisado enfermeiro, e o puchando suavemente o estreitou em seus braços dizendo-lhe:

— Então, agora estaes nas minhas mãos, que quereis que vos faça?

O joven commovido com tal paternal affecto, prorompeu em lagrimas. E' facil de comprehender que este movimento de graça foi seguido immediatamente de uma verdadeira confissão: o estouvado estava convertido, aquelle cadaver estava galvanisado.

Acabados os exercicios, recolheu-se a casa de D. Bosco, afim de alentar sua inesperada vocação e mais tarde se fez jesuita.

Presentemente occupa na Companhia de Jesus um cargo, de que é digno pelas suas virtudes e excellentes caracter.

NINON DE LENCONS

escarancia da ruga, que jamais ousou macular-lhe a epiderme. Já passava dos 80 annos conservava-se jovem e qella, atirando sempre os pedacos de seu certidão de bap-tismo que rasgava á cara do Tempo, cujo foice embotava-se sobre sua encantadora physionomia, sem que nunca deixasse o menor traço. «Muito verde ainda!» vis-se obrigado a dizer o velho rebugento, como e rapovade Lafontaine dizia das uvas. Este segredo, que a celebre e egoista fecera jamais confiar a quem quer que fosse das pessoas daquelle epoch, descoltino o Dr. Leconte entre as folhas de um volume de *L'Histoire amoureuse des gaules*, de Bussy-Rabutin, que fez perda de biblioteca de Voltaire e é actualmente propriedade exclusiva da **PARFUMERIE NINON, MAISON LECONTE, Rue du 4-Septembre, 31A Paris.**

Esta casa tem-nô á disposiçao das nossas elegantes, sob o nome de **VERITABLE EAU DE NINON**, assim como as receitas que d'ella provém, por exemplo, o

DUVET DE NINON
pó de erroz especial e refrigerante;
Le Savon Crème de Ninon
especial para o rosto que limpa perfeitamente a epiderme mais delicada sem alterel-a.

LAIT DE NINON
que dá alvura deslumbrante ao pescoço e aos hombro
Entre os productos conhecidos e apreciados da **PARFUMERIE NINON** contam-se:

LA POUDE CAPILLUS
que faz voltar os cabellos brancos á cor natural
existe em 12 cores;

SEVE SOURCILIERE
que augmenta, engrossa e brune as pestanas e os supercilios, ao mesmo tempo que dá vivacidade ao olhar

LA PATE ET LA POUDE MANOERMALE DE NINON
para finurs, alvure brilhante das mãos, etc., etc.

Cavem esgír e verifícar o nome da casa e o endereço sobre o rotulo para evitar as embaixões e falsificações

PARFUMERIE EXOTIQUE E. SENET
35, Rue du 4-Septembre, 35, PARIS

MÃO DE PAPA de duque, de principe, por meio da **Pate des Prélats**, que embranque, alisa, assatina a epiderme, impede e destrõe as fricreas e se rachas.

UM NARIZ PICADO de pequenas borbulhas ou com crevos torna a recuperar aue branque primitiva e suas côres lisas por meio do **Anti-Bolbos**, producto sem igual e muito contrafeito.

CUIDADO COM AS CONTRAFACÇÕES
Para ser bella. encantar todos. olhos deve-se servir da Fleur de Pêche pó de arroz feito com frutos exotico.

POUCOS CABELLOS
Fazem ao crescer e cerrados empregando-se *l'Extrait Capillaire des Bénédictins du Mont-Majella*, que tambem impede que esiam e que fiquem brancos.

E. SENET, Administrator, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

NÃO ARRANQUEM MAIS
os dentes estragados, seue-os e branqueio-os com *l'Exlux dentifrice des Bénédictins du Mont-Majella*.

E. SENET, Administrator, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

Pastilhas e Xarope de Nafé
DELANGRENIER
excellentes peitoraes contra **TOSSE, DEFLUXO, BRONCHITE**

As Pastilhas de Nafé são verdadeiros confeitos peitoraes de um gosto delicioso. Acalmam as irritações da garganta e do peito.

O Xarope de Nafé, misturado com uma infusão ou com leite quente, forma uma tisana muito calmante e muito agradável.

Esses peitoraes não contém substancia toxica e podem ser administrados com toda a segurança ás CRIANÇAS e muito particularmente contra a COQUELUCHE.

Esgrir a marca verdadeira: Delangrenier-Paris
São encontrados em todas as Pharmacias

VINHO DE CHASSAING
SI-DIGESTIVO
Receitado ha 30 annos
CONTRA AS AFFECÇÕES DAS VIAS DIGESTIVAS
Paris, Avenue Victoria nº 6.



PHOSPHATINE FALIÈRES

A "PHOSPHATINA FALIÈRES," é o mais saboroso e o mais recommendado alimento para crianças desde a idade de 6 a 7 mezes, principalmente quando começam a ser desmamadas e no periodo de crescimento. Facilita a dentiçao e concorre para boa formação dos ossos
PARIS, AVENUE VICTORIA Nº 6 R. NAS PHARMACIAS

XAROPE DELABARRE (DENTIÇÃO)
Xarope sem narcotico recommendado ha ja 20 annos pelos medicos. Facilita a sahida dos dentes, evita ou faz cessar os suflamentos e todos os accidentes da primeira dentiçao.
Esgrir-se o Carimbo official e a assignatura Delabarre.
FUMOZE-ALBESPEYRES, 78, Faubourg Saint-Denis, Paris e em todas as pharmacies

PAPEL E CIGARROS ANTI-ASTHMATICOS
de Bin BARRAL
Recommandados pelas simmidades medicas. Preparações muitissimo efficazes para a cura da ASTHMA, das OPRESSÕES, das ENXAQUECAS, etc. 16 ANNOS DE SUCCESOS.
FUMOZE-ALBESPEYRES, 78, Faubourg Saint-Denis, Paris e em todos os pharmacies.

VICHY-ETAT
VICHY-HOPITAL
Molestias do Estomago e do Intestino.
VICHY GRANDE-GRILLE
Molestias do Fígado e do Appareho bilioso.
VICHY-CELESTINS
Molestias dos Rins e da Bexiga, Gattas, Diabetes.

AO RECEITAR ESPECIFIQUEM BEM O NOME

PRISAÓ DE VENTRE
a curado com o verdadeiro
Pó Laxativo de Vichy
do Dr. SOULIGOUX
Laxante certo, segurado e seguro. Não causa dor
O vidro de cada pó de 25 grammas
PARIS, AVENUE VICTORIA Nº 6 R. NAS PHARMACIAS

NUNCA APPLIQUE-SE UM VESICATORIO SEM SE TER O VESICATORIO DE ALBESPEYRES
o mais effizal e o menos doloroso de todos os VESICATORIOS
Esgrir-se a assignatura **ALBESPEYRES** no LADO VERSE
FUMOZE-ALBESPEYRES, 78, Faub. St-Denis, PARIS
e as principais pharmacies.

PASTILLES VICHY-ETAT
COMPRIMES VICHY-ETAT

MEU CASAMENTO

Casado! E a culpa é minha! E baixei a cabeça!
 Perdeu-me um vicio atroz, inda que o não pareça!
 Um vicio? Ai de mim! Sim, o vicio da cura?
 Se o fraco... a timidez faz-me a existencia dura...
 E' peço? e sim, meu Deus! e um achaque medonho.
 E' plusico o delecto... e como que um man sonho...
 E' doença vergonhosa... E' uma paralyzia!
 Cubro-me de suor, só por dizer — Bom dia!
 Eu não sei dizer Não... Obedece de co...
 Se ou o um — Passou bem? accessio fico em peço:
 Se me encaram, então, fujo ou escondo o rosto!...
 Daria annos de vida e toda ate, e m gosto,
 para ficar era paz. Se eu possuísse a ciencia
 de occultar o meu mal... de salvar a apparencia...
 mas qual! a guero, tiemo, e baixo o olhar, por tudo!
 Se ao lado de um ladrão, no ju'y eu entrasse, mudo,
 tímido assim, oh Deus! eu creio que um urado
 não havia que não me houvesse condemnado!
 E sempre em sobressa to!! Eu nem conheço o gozo!
 Cobardia sem fim! — Quero reagir, não ouso.

Julquem do meu terror, ao sentir que era amada
 por mim, uma criança! um anjo! uma alvorada!
 louca de mais a mais! Fillar-lhe bem quizera.
 Mas como?... era um anjo impassivel!... Pudera!
 Só na escada a encontrava! Era perito, convenham...
 e assim... a queima-roupa... e custoso! Não venham
 dizer-me que fui tolo. Eu olhava de esquelha,
 a disfarçar, pra' mãe, viuva, nada velha
 bem bonita, roliça, insinuante, activa,
 a quem o lucto dava uma cor fresca e viva
 realçando o esplendor de um outono de fogo.
 A resignada viuva, ouvira eu contar logo
 certa de commover, a seu modo, pensava
 em de novo, casar, antes da filha, e andava
 em busca de marido. Esta maledicencia
 foi causada por tei, pouco antes, por prudencia
 sido afastado um primo audaz e enamorado
 que em seu papel de primo andava entusiasmado.
 Disse-ra-lhe a mamã, no tom mais peremptorio:
 — Va tomar fresco, amigo, e poupe o palanfrorio;
 volte quando a Luizinha estiver... na idade;
 Eu não acreditei nesta... barbaridade:
 Si eu lhe achava um olhar de mãe condescendente!

Quando ao passar por junto a ellas eu, tremente,
 rubro como um pbarol balbuciava — Perdoem...
 a mãe dizia, a rir, c'o um olhar dos que doem:
 — Sae do caminho, então menina! e respeitando
 o meu rubor, gentil se curvava, mostrando
 na mesura graciosa, extrema garridice.
 Por fim, sem que eu sequer um diptongo emitisse
 a mãe, disse-me, assim de certo modo, um dia:
 — Vamos nos passeiar? — Pois vamos. Que alegria!
 Tomou-me o braço e a sós, roçou em amabilidade
 que fuisse aos se's saraus com toda a intimidade.
 Salvei o abysmo emfim! Obtive entrada franca.
 E o anjo que adorava, a virgem loura e branca,
 Luiza! eu contemplei mas... sem erguer os olhos.
 para me explicar bem, sem peço e sem reflexos
 era pouco, hem sei, mas a mãe, providente
 mal me via, mandava-a rir, e mech
 um classico qual quer interpretar, ao piano.
 O diamante era bom, mas... frustrava o meu plano
 pois, com o advinhar, se só por traz a via,
 se o seu affecto ao meu, com ardor respondia!

A principio escolhi a linguagem das flores
 e levei mil *lequel's*, à mãe d's meus amores.
 A filha os entragava e em tom, todo ternura,
 mandava-es logo logo, immergir n'agua pura.



A exagoração da moda hodierna.

Em dia de Anno Dom 8z lhe uns versos tocantes
 mas à inamã sómente os li, poucos instantes,
 de modo que não sei, se a Luiza impressionaram,
 quando a mamã lh'os deu. O ceito é que os guardaram.
 Finalmente, levei lhe um coração de ouro
 de pedras cravejado. Uma joia t um thesouro!
 e a mãe, um bell' cofre em l'ibryna: mo;
 esta a caixa entregou á filha e poz ao peito
 o coração. Seria atrevida esta offerta?
 Seria uma l'ção, e a troca, justa e certa?!

Oito dias depois, estavamos se'inhos,
 Ignez disse-me em voz a transbordar carinhos:
 — Já sabe que afinal nos vae comprometendo?
 Luiza ama-o.

— Deus! amado!! não entendo...
 — Amao como a um pae!
 — Um pae?
 — Sim, pae... é claro!
 — Inda bem... que prazer... Luiza! esse bem, raro,
 — Vejamos, repetim, deixeler na su'alma...
 As suas intenções são honestas?

— Oh!
 — Calma!
 Comprehendí. Está bem. Combinemos agora
 o futuro, e ouça bem, se é um enlace que implora...
 — Um enlace?... Consente?...
 — Oh! Sim! A minha filha precisa um protector!
 Qual presa de uma filha

— Quei tolo... a tremor... como se desmaiase.
 — Amado!! Ah! se Luiza em pessoa o jurasse!
 Mas qual! já nem a via ao menos um momento.
 Era sempre a Mamã... Meu grande acanhamento
 fazia-a rir, e o rir de bom humor a punha,
 mas um dia, afinal, quando os humbraes transpunha
 do meu anho de amor, encontrei com Luiza!...

— Luiza! Não mentia? Comingo sympathisa?...
 — Parece-me tão bom! (Corando a mão me aperta)
 Mamã consentiu agora, estou bein certa.
 — Consente.
 — Sim? Pois já?!
 — Pode ficar segura?
 — Ah! Vou dever-lhe então toda a minha ventura

— Toda sua ventura!... Eu t'nba, que demonio!
 ancia de tal ouvir, pois para o matrimonio,
 mesmo sendo de amor, é preciso coragem
 e não sei se a sentia. Emfim tive a vantagem
 de incumbir-se a Mamã de banhos, de convites
 papéis e certidões, cancelais sem limites,
 sempre de cara alegre e depressa e sem ruído.
 Surdo, cego, a tremor, de louco amor traido
 eu via, com terror approximar-se o instante
 do enlace, sem estar preparado bastante,
 e quizera poder retardá-lo. E' incrível
 como me parecia espantoso e terrivel
 na Pretoria o sim, dizer, com desafio,
 um—sim—que o reclamado um—sim—que nos faz logo
 subito, ante o mundo, alli, esposa e esp'oso!
 E se eu dissesse—não?—pensei, fora horroroso!

Chegou o dia emfim. Fiz-me forte... no entanto
 para não desmaiar, nem desatar em pranto,
 um vidro de melissa escondi na algibeira.
 Ai! a gravata branca a enforcar me, agureira,
 as abas da casaca á baterem nas pernas
 faziam me sentir taes tremuras infernaes...
 que nem sei, como fui, buscar a desposada.
 Encontrei só a mãe, no espartilho apertada
 com um ar triumphal e os labios sorridentes
 mostrando entre o carmin os fortes e alvos dentes
 que não sei bem porque me assustaram.

E ella
 satisfeita: Bom dia! Emfim! Acba me bella?
 — Divina! Mas... Luiza?! inda se está vestindo!
 — Talvez... que importa?
 — Sim... não faz mal...
 — Vamos indo...
 ella, nos seguirá de certo, á Pretoria,
 Partamos nós.



Turca distincta em traje do sahir á rua.



Dama de harem com cachimbo d'água.

— Partir! Sem Luiza: que arrelia!
 Emfim, se minha sogra assim tinha ordenado
 fil-a entrar no *caso* e eu sentei-me a seu lado.
 Disse commigo: — Agora, é ser um genro amavel!
 mas, quanto mais sorria Ignez, era notavel,
 mais terror me asaltava. Eu tive até desejo
 que o carro se quebrasse; era excellente ensejo
 p'ra retardar ainda o apetecido instante.
 Quall' O *caso* fatal corria sempre avante...
 de repente, parou... Vi um braço estendido
 cuja mão apertei sem ter comprehendido
 que era para apertar-me. Entramos, eu, suspenso
 nada via, era tudo um nevoeiro denso!
 E ouvia murmurar:—E o pretor? Que demora!
 Eu, ainda esperei que nessa mesma hora
 elle tivesse tido um qualquer accidente...
 mas qual! appareceu a ponto e dell' gente.
 Chamou-me e eu ouvi attonito, perplexo,
 a formula fatal e para mim sem nexo:
 — Consente, cidadão, em tomar por esposa
 Dona Ignez, viuva e tal et cetera...

— A mãe! e... ousa!
 minha sogra?... mulher?... de quem?... minha?... Credo!
 Olhei p'ra ella então, quasi a morrer de medo!
 seus grandes olhos vi, sorrindo amavelmente...
 Como o naufrago vê a vida, de repente
 num lampejo, entrevi a minha patetica...
 o que por meio d'ella, a sua filha disse
 tomara o para si... Engano manifest!...
 qui-pro-quo insensato!... Eu protesto!... protesto!...
 Escandaloso!... vergonha! Um barulho... a estas horas!
 Incómodo assim tanta gente!... Senhoras!...
 o Pretor!... o escrivão... a douta auctoridade,
 para dizer-lhes, bem nas barbas:—E' verdade
 enganam-se ou sou eu que me engano! Assevero,
 não é com Dona Ignez, é com Luiza que eu quero
 casar, pois que me ama. A sua vez tão pura
 disse:—Vou lhe dever, toda a minha ventura!
 Não me caso co'a mãe! Oh! nunca! não consinto!
 Trocar um nome só, que mal faz? é succinto...
 Luiza, em lugar de Ignez, 'stá resolvido o caso.

Não vias que esse aroma-
 tico jasmineiro vivia os-
 tentoso e unidinho à vir-
 ginea alcova desse an-
 jo?

Entretanto, como tal
 vez ignorasses tudo isso
 desgraçadamente te
 atreveste a fazer o teu
 ninho num dos ramos
 verdejantes do jasmie-
 neiro, a todo instante vi-
 sitado por Helena.

... E foste infeliz,
 Coleirinho!

Helena, com aquelles
 olhares chammejan-
 tes e seductores, n'uma
 bella noite em que o céu
 estava de uma cor es-
 meraldina, attribuiu-te
 para dentro da sua al-
 cova perfumada.

Para isso ella havia
 deixado aberta a jan-
 linha do quarto. Ahí,
 sem piedade, prenden-
 te à correnteinha de al-
 finetes cor de ouro, para
 viveres em sua compa-
 nhia n'uma gaiolinha de
 folha, onde desferes o
 teu canto melancolicamente,
 tão cheio de tristeza,
 ao passo que, quando solto,
 rullavas as tuas aztuas e
 ias cantar melodiosamente
 á sombra dos lancaes
 que exornam o pomar da
 casa onde vives ternamente
 a virgem que é o ideal dos
 poetas e o encanto dos pas-
 saros — a formosa Dulce!

Pobre e desgraçado Coleirinho!



Ponta de Meeraug.

ARTHUR R. DA SILVA.

SONETO

Elle disse-lhe rindo cruelmente:

—Tenho pena de ti, de mim, do quanto
 Sofremos sem remedio, sem conforto!
 Tenho pena de ti, mas entretanto
 Longe pro-uro o desejado porto.
 «Tenho pena de ti, de mim, dos prantos
 De dor que inundã nossos corações,
 Tenho pena de ti, dos pobres cantos
 Que inspirã n'alma tuas illusões.
 «Tenho pena de ti, quando embebido
 Nos prazeres, teu vulto entristecido
 Ao meu olhar assoma idealmente.
 «Tenho pena de ti: mas a ventura
 Esperas deste acto: é uma loucura:
 Desditosa serás eternamente!»

AMELIA ALVES.

1901 — Nictem.

Shake-hands

Na minha gossa mão, rude e callosa,
 Detive ha pouco a sua mão de neve;
 Quasi quebrei aquelle brinco leve,
 Quasi esmaguei aquella fragil rosa.
 E mais vivi n'aquelle instante breve,
 Breve instante de vida esperançosa,
 De que hei vivido e que viver se deve
 Numa longa existencia tormentosa.
 E quiz beijar aquella mão, tremia
 Tanto, porém, de estar na minha presa,
 Que a deixei livre como ser queria.
 Sinto agora minha alma em fogo accesa...
 Porque fizeste tu, — que phantasia! —
 Mães como aquella, ó santa Natureza?

BERNARDO DE OLIVEIRA.



Ponta de Lomnitz, vista de Steinbarbeo.

E eu ia esbravejar, ia por tudo raso
 quando um novo clarão me fez ficar passado!...
 Luiza, vinha entrando, a outro o braço dado!
 Era o primo que um mytho eu julgara, e... garboso
 como os primos sôem ser. Eil-os! que par formoso!
 Os olhares dos dois... os sorrisos... e o resto!...
 Dn primo é o seu amor! Raio de luz funestol
 Entendi. Quiz a mãe achar p'ra si marido
 antes de consentir no enlace promettido,
 por isso... a filha... então julgou... ser venturosa!

Pois bem. Sejamos pae! e á sorte temerosa
 eu curvei a cerviz e os olhos rasos d'agua,
 vergando ao peso atroz de uma infinita magua,
 a engulir em secco a pillula... por fim...
 ao pretor espantado eu gritei: Meu Deus! Sim.

ADELINA A. LOPES VIEIRA.



O COLEIRINHO

A ALVARO GUERRA

Pobre e desgraçado Coleirinho!
 Quando havias tu de pensar que serias assim
 tão cruelmente maltratado por Helena, a virgem loi-
 ra, querida de todos os passarinhos.
 — Mal feito! exclamam uns.
 Bem feito! digo eu; quem te mandou organisar o
 teu ninho allí, naquelle jasmineiro em flor? Não sa-
 blas que era elle o doce encanto da formosa Helena?

escreveu a D. Bosco e lhe expoz o occorrido
 D. Bosco respondeu ao proprio doente o seguinte:
 «Começe mui naturalmente de novo a dar aula,
 Tomae o alimento que vos coavem. Quanto ao mais
 ficará por conta da Santissima Virgem.»

Como hom sale-
 siano, o professor im-
 mediatamente reatou
 o seu exercicio na
 cadeira.

Começou as suas
 lições, observou que
 á medida que ia fal-
 lando recuperava
 suas forças, e a sua
 vez clara e vibrante.

Interiormente elle
 ria-se da admiração
 dos alumnos.

Estas melhora-
 immediatas progredi-
 ram e o medico não
 deu denuncia contra
 pessoa alguma pelo
 exercicio illeal da
 medicina.



Lago Czorbeo.

CHRONIQUETA

Rio, 20 de Outubro de 1901.

O Aero-Club, de Paris, deve decidir terça-feira se o nosso illustre compatriota Santos Dumont tem ou não tem direito ao premio Deutsch, deve ou não deve embolsar aquelles lampos com mil francos, tão cobichados pelo que valem, não material mas moralmente.

O balão do grande brasileiro desceu com um atrazo de 40 segundos ao ponto de onde partira, e tanto bastou para que a commissão pelo club encarregada de resolver sobre a entrega do premio, resolvesse não entregal-o. O Club inteiro reuniu-se hoje para dizer se a commissão fez bem ou mal.

Naturalmente a decisão será profetizada contra Santos Dumont, que, sem ser francez, nem mesmo europeu, teve a petulancia de descobrir a dirigibilidade dos balões.

Querem fazer a Santos Dumont, o mesmo que fizeram no seculo passado a Bartholomeo de Gasmão; mas agora o caso ha mais fino: Santos Dumont é rico, e, mesmo quando não está nos ares, olha do alto para todos os seus invejosos.

Façam o que fizerem, esbravejem como esbravejarem, ninguém lhe usurpará a gloria de ter sido o primeiro a sabir em halá de um ponto dado e voltar a esse mesmo ponto, prodigio que antes delle não realisou nenhum francez, inglez, russo, allemão italiano, austriaco, hespanhol, portuguez, sueco, norueguez ou dinamarquez, - nenhum europeu, emfim!

Sou capaz de apostar que Santos Dumont, se receber, como é de toda a justiça, o premio Deutsch, fará presente delle ao Aero-Club, ou mandará distribui-lo pelos pobres de Paris.

Causou geral consternação o inesperado fallecimento desse outro brasileiro illustre, o Dr. Francisco de Castro, que cahiu aos 41 annos de idade, na força da vida e do talento, assassinado pela peste, victima do dever profissional, deixando aos seus filhos e á sua Patria a memoria hourada de um verdadeiro sacerdote da sciencia, de um mestre a cujas lições devemos a formação de outros mestres.

ELOY, O HERÓE.

—O-X-X-O—

Tudo passou! Foi sonho? Não sei nada...
O que eu sei é que fui alegre outra vez;
Não tinha o pranto que me vês agnra;
E nem no peito a magua encarcerada!

Quantas vezes minh'alma espaço em fora
Vouu, vouu, da vida descurada!
Quanta vez como uma ave arrebatada
Não partio, contemplando o azul da aurora!

Mas de um dia me lembro, em que contente
Adormecl, sem nunca ter pensado
O que pudesse ser, desgosto ou magua.

Quando acordei... Foi sonho? Sei somente
Que pela vez primeira, amargurado
Senti meu peito e os olhos cheios d'agua!

EMILIA DA PAZ.

—X-X—

THEATROS

Rio, 20 de Outubro, de 1901.

Depois da nossa ultima chronica, deu alnda a companhia Della Guardia alguns espectaculos, representando *Romú e Julieta*, de Shakespeare, a *Dama das camelias*, de Dumas Filho, a *Felicidade no lar*, de Sudermann, e as *Caulas e efflores*, de Paolo Ferrari.

De todos esses espectaculos o mais interessante foi aquelle em que se representou a comedia de Sudermann, que não conheciamos, e cujo titulo portuguez, a *Felicidade no lar*, não traduz, provavelmente, o titulo allemão, porque não dá uma idéa da peça, que é de uma belleza e de uma originalidade encantadoras.

Em todos esses espectaculos Clara Della Guardia fez sempre a mais brilhante figura, Paladini e Orlandini acompanharam-na de perto nos seus triumphos, e o pessoal do segundo plano, Valentii, Buonfigliuoli, etc., deu boa conta do recado.

O beneficio da eminente actriz, com a *Dama das camelias*, foi uma bella festa de que ella conservará eterna recordação.

Partindo para Lishoa, onde sem duvida lhe estão reservados novos triumphos, a companhia Della Guardia deixou saudosos os fieis habitué dos espectaculos dramaticos do S. Pedro.

Clara prometteu voltar em 1903 ao Rio de Janeiro, e nos fazemos votos para que tão boa promessa se transforme em realidade.

✱

A companhia Dias Braga tem feito desfilar diante do publico algumas peças do seu opulento e eclectico repertorio.

A *Felicira*, de Galdós, que já de si nada vale, foi sacrificada pela actriz Delorme, que não comprehendeu nem pode interpretar o difficilissimo papel da protagonista. De resto, o unico personagem menos mal representado no drama hespanhol, foi o de Panloja, de que se encarregou Dias Braga.

Entretanto, nas outras peças a companhia agrada, como sempre, e se faz applaudir.

✱

A parodia *José João*, representada pela companhia Souza Bastos, foi um tramalhão.

A peça tem graça, é espirituosa, está escripta em versos fluentes e pittorescos; mas os actores, que não sabiam os papéis, estropiaram impiedosamente esses versos, e Assis Pacheco, pondo a parodia em musica, foi menos feliz que de costume.

Palmyra Bastos, que esteve durante muitos dias, afaziada do palco, reapareceu na *Perichole*, e depois na *Gran Duquesa* e no *Barba Azul*. Como se vê, Offenbach na ponta! Esse reaparecimento foi muito festejado pelos frequentadores do Apollo.

✱

Agradou muito a reprise da *Viagem de Suzette*, no Recreio, e Cenira Polonio, que se estreava no papel de Andie, foi muito e muito applaudida.

Está annunciada para breve a primeira representação da *Perola*, peça de Marcellino de Mesquita, na qual aquella nossa patricia muito se distinguio ha dous annos, em Lisboa.

N. Y. Z.

PILULAS DE BLANCARD

APPROVADAS PELA ACADEMIA DE MEDICINA DE PARIS

Restmem todas as Propriedades do IODO e do FERRO.

40 Rua Bonaparte PARIS



Estas Pilulas são de uma efficacia maravilhosa contra a Anemia, Chlorose e todos os casos em que se trata de combater a Pobreza do Sanguo.

PAPAINA

Dr. NIOBEY — O melhor remedio para o tratamento das dyspepsias, gastrites, vomitos de gravidez, diarrheá das crianças e de todas as molestias do estomago e intestinos.

Unico deposito, á rua dos Ourives n. 114. Vende-se em todas as pharmacias e drogarias.

CRÈME SIMON PARA conservar ou dar ao rosto FRESCURA MACIEZA MOCIDADE.

Para proteger a epiderme contra as influencias perniciosas da atmosphera, é indispensavel adoptar para a toilette diaria o CRÈME SIMON.

Os PÓS de Arroz SIMON e o SABONETE Crème Simon, preparados com glicerina, a sua acção benéfica é tão evidente que não ha ninguém que o use uma vez que não reconheça as suas grandes virtudes.

J. SIMON, 36, Rue de Provence, PARIS

PHARMACIAS, PERFUMERIAS e lojas de Cabellereiros.

Desconfiar das Imitações.

O DENTARIUM

É DIRIGIDO PELO CIRURGIÃO DENTISTA

PAUL KIEFFER DE PARIZ

LAUREADO COM DISTINÇÕES PELA FACULDADE DE MEDICINA

A tabella adoptada pelo O DENTARIUM e que esta sendo diariamente publicada nos principais jornaes, não foi estabelecida com o fim de fazer affair a clientela para depois cogit-a a aceitar preços diferentes dos publicados.

CONSULTAS 2\$000

Extrações de dentes ou raizes	2\$000
Anesthesia local (com cocaína ou nervalina)	2\$000
Limpeza geral dos dentes	5\$000
Obturar (vulgo chumbar) á platina, prata, esmalte, osan artificial, cimento, bonandira, porcellana, etc.	5\$000
Obturar a ouro (vulgo chumbar) de 10\$ a.	30\$000
Remoção de polpas e tratamento dos canaes de dentes mortos (contando a parte a obturação da coroa do mesmo)	3\$000
Dentaduras de vulcanite, cada dente seja qual for o numero	5\$000
Idem cada dente chapado em ouro de lei, seja qual for o numero	10\$000
Dentadura de ouro de lei, cada dente seja qual for o numero	20\$000
Idem, sem chape, sem grampios ou colechetes, sem molas (este processo é o afamado "Brevail de Paris") cada dente	50\$000
Dentes e coroas de ouro de lei garantidos (sem solda)	25\$000
Dentes á pivot (de accordo com os modelos que apresentaremos aos nossos clientes) 20\$ 30\$ e	40\$000

12 RUA DOS OURIVES 12

das 7 horas da manhã ás 8 da noite

AVISO ÀS SENHORAS. O'APIOL DOS DÉS JORET-HOMOLLE CURA AS DÔRES, OS ATRASOS A SUPPRESSÃO REGRAS DEPOSITO GERAL Ph. G. SÉGUIN, PARIS 165, Rue St-Honoré, 165 E EM TODAS PHIAS E DROGS

MUSICA MODERNA

Carlos T. de Carvalho — Estia, schottisch	1\$500
" " " " — Sertes, valsa	1\$500
l'balduino M. Soares — Calendulas, schottisch	1\$500
Carlos T. de Carvalho — Lolota, valsa	1\$500
João Gomes Junior — Cincinisa, gavota	1\$500
Amilto Sans — Preciso julia-ti, tango	1\$500
Pestalosso — Ciribiribim, Canzone, valser	1\$500
Azevedo Iemos — Rio Grandense, schottisch	1\$500
Alfredo Guimarães — Cato sem sorio, tango	1\$500
P. Laglo — Um baxo por el cielo, valsa	2\$500
E. Burgainson — Storia Mista, romansa para p. m. s. ou tenor	2\$500

A' venda em casa dos editores VIEIRA MACHADO & C. Deposito exclusivo dos celebres pianos DE JULIUS FEURICH 51, Rua dos Ourives, 51

Os Perdularios de Paris

Jules Huret, o fino estylista e habil reporter, publicou no *Figaro* de 20 de Junho findo uma curiosa noticia relativa aos grandes jantares nas pequenas mesas, conforme a pittoresca denominação com que encaixou a referida noticia.

Vam s dar aos leitores um resumo do trabalho do sr. Jules Huret, para que possam avaliar da prodigalidade dos ticaços da grande Lutetia.

O dia fixado para a realisação do *Grand Prix*, é, tambem como ninguém ignora, o dia escolhido para exhibição das mais ricas vestimentas e das carruagens de maior luxo. O sr. Huret, no seu artigo, descreve o espectáculo imponente do Prado para descrever o modo por que jantam, depois das corridas, os perdularios elegantes.

O chronista dirige-se ao Bois de Boulogne e entra no chamado «Chateau de Madrid» famoso pela riqueza da sua baixela e pela sua admiravel cosinha.

Os automoveis estacionam em fila no pateo; os normandos de raça, irrequietos e impacientes, escarvam o solo e relincham. De quando em quando, um carro jura á porta e um cavalheiro qualquer, vestido sempre com extrema correção, se apeia e estende a mão a uma dama que o acompanha e que ostenta tambem vestuários custosissimos.

Vieram do Prado para jantar nas pequenas mesas esparsas entre as arvores.

A principio ha um atropello natural causado pelo excesso da concorrência.

Logo, porém que os mais retardatarios tomam assento, uma certa calma se faz.

A orchestra de tziganos executa a primeira peça e a audição começa.

Pouco depois, nos intervallos da musica, apenas se ouve o barulho dos talheres e das robas que saltam, e o passo precipitado dos creados.

Pouco a pouco as palestras se acaloram; barulhos por toda a parte.

O espectáculo d'aquella elegancia trefega e garbada, d'aquella prataria e d'aquelles crystaes finissimos embeicando de tufo de rosas e orchideas de raro preço, aquella atmosfera de opulencia e de fausto, de abundancia e riqueza, presta-se bem a reflexões prolucnas.

O scintillante chronista guarda para seu uso particular as reflexões e se limita a descrever o que vê.

Uma mesa, com especialidade — diz elle — me chamou a attenção.

Por ella haviam desfilado numerosos pratos e os creados traziam, como santos sacramentos, preciosas garrafas.

Espantou-me o bom gosto e a riqueza das fructeiras, quasi cobertas pelas flores. As tziganas da orchestra olhavam de preferencia para a referida mesa que evidentemente merecia todas as attensões do pessoal da casa.

Curioso, interpelei um creado: qual será a despesa n'aquella mesa de onze talheres?

— Acabo de fazer a somma, 3.000 francos.

— Será crível?

— Não admira; vinte e cinco luizes por cabeça, não é muito, mórmente considerando que beberam vinho de 10 a 100 francos a garrafa, comeram pecegos de 15 francos cada um, e que ha na mesa flores no valor de mil francos.

Demais é preciso lembrar que o amphytrião apostou no *Cnery* hoje nas corridas.

E isto não é nada... Já vi um cavalheiro pedir quatro *sterlets* do Volga, os quaes custaram 1.200 francos.

Vi tambem certa vez uma mesa circumdada de uma grinalda *muguet* lyrios minusculos e delicadissimos tendo custado um franco cada ramo pequenino.

Que não seria, pergunta o abelhuado christista, um sababo encomendasse uma frita de ovos de colibri, brochettes de corações de rouxinol, moreias temperadas com sar que humano?

Contemplando todo aquelle fausto nababesco, o sr. Huret teve uma reminiscencia classica.

E a torno das mesas viu, em vez de americanos alourados e rusos de grandes barbas, Cresus, Vitehus, Neros, revestidos de purpuras de Cyro, «mangeant des paons truffes sur des tables d'ivoire» ou saboreando azas de cysnes reg-das a Palermo, romãs de Cathago e figos da Campana, a cabeça cingida por grinaldas de myrthos e verbenas, bebendo, ao som das flautas da Sicilia, em pateras de ambar, viubros ratos e bumedeidos em neve vinda dos montes inacessiveis!

A evocação, como elle mesino declara, aguçou-lhe a lisibilhoice.

Que cifra não alcançará as sommas principescas despedidas nos botéis e cafés da moda? Como avaliar o valor total do crystal que se quebra na casa Maxim? Até que ponto terão razão os que affirmam que os ricos «desenvolvem o commercio»?

Na maioria dos grandes hotels, todos concordam que 100 ou 150 francos é um preço razoavel.

Os estomagos contemporaneos podem se nutrir dos melhores accepes, das mais finas e requintadas comidas, pela diaita de 7 ou 8 luizes. Quem gasta mais é por que quer, e porque impõe, e porque exige. Mas isto o acontece muitas vezes.

O parisiense que melhor conhece essas contas verdadeiramente phantasticas, é, na opinião de todos, o sr. Emile Aoust, antigo gerente do hotel Bignon, fundador do *Amphytrion Club*, de Londres, que o principe de Galles frequenta.

E' preciso consultar este professor de gastronomia que é tambem, como o sr. Fabre, do «Chateau

de Madrid», um dos maiores comiões que conhecem's.

Emile Aoust teve ensejo de compor a lista de pratos, no *Amphytrion Club* de Londres, para alguns banquetes regios.

No dia da abertura do club o principe de Galles presidiu ao banquete em que tambem tomaram parte mais onze pessoas.

Este banquete custou 216 libras sterlinas ou seja 4.68 \$70 em moeda brasileira, ao cambio de 11. O talher de cada conviva custou, por conseguinte, 17 libras e 18 chillings, ou, ao mesmo cambio, 380\$20.

O famoso rei Milan foi um dos melbores freguezes do sr. Emile Aoust, ao qual pagou pela alimentação de seis pessoas em um dia 6.000 francos ou 1.200 francos por cabeça. A lista dos pratos deste banquete será lida sem duvida com curiosidade.

Ella é:

Hors d'œuvre à la Russe — Hultres d'Ostende — Potage Borche — Consommé brabançonne — Coulbiac à la Russe — Selle de chevreuil à la Camberland — Pommes à la Pompadur — Foies gras à la boulangère — Canard roti de Ruen — Salade à la Parisienne — Ortolans et caillies aux truffes — Caidans à la moelle — Soufflé à l'Africaine — Corbeille de fruit — Café, liqueurs — Grande fine champagne de 1800 — Chateau-Yquen 1831 — Perrier-Jouet 1874 — Grand Porto 1815 — Grand Madère 1811 — Chateaux Margaux 1848.

Esta lista foi impressa com as cores do rei, em setim azul com franjis de ouro. A chapa da impressão foi gravada em Paris e custou 1.250 francos.

O mais curioso, porém, é que a lista não serviu.

Havia tres garrafas de cada uma das marcas de vinho que figuram na lista, importando por este lado a despeza em 900 francos.

O jantar propriamente dito foi calculado em 2.500 francos. A mesa estava ornamentada com festões de uvas brancas do valor de 60 francos o kilo.

O gabinete em que se realizou o jantar estava todo coberto de flores de *muguet*, compradas pelo proprio rei por 4.000 francos. Com se vê, o jantar custou, com as gorjetas, cerca de 10.000 francos.

O rei Milan pagava generosamente, como a sua posição exigia. Nunca conferia a conta, nem olhava para o total fazendo muitas vezes o pagamento acto continuo.

Um outro jantar principesco realizou-se tambem no *Amphytrion Club*, efferecido aos seus amigos pelo sr. J. seph Gudala, advogado inglez. No dia em que obteve ganho de causa em um processo colossal que se debatia no foro de Londres.

O numero dos convivas não era grande: 17 pessoas, entre as quaes alguns ministros e lord Rothschild. O jantar custou 1.000 libras ou 25.000 francos.

O millionario americano Astor gastou em um banquete que effereceu ao principe de Galles e a vinte e quatro pessoas mais, 1.000 libras tambem.

O sr. Huret quiz saber qual a impressão que no animo dos creados deixariam esses festins principescos.

Habitua-se logo e lucram muito! E' raro o freguez que não os gratifica. Um de vossos confrades americanos dava como gorjetas cedulas de 1.000 francos.

O sr. Huret, occupando-se de novo do jantar dos que regressam do *Grand Prix*, termina o seu artigo com as seguintes obser açoes interessantes:

«As duas heras da uadrugada fui ao hotel Maxim, onde a festa tocára ao auge. A orchestra dos tziganos acompanhava tambem aquelle verdadeiro delirio: as musicas que executava eram nervosas, desabaladas, violentas. As mulheres, com o olhar incendido, as faces coradas, já não se conservam bem nos seus logares, empurravam as mesas, iam e viñham e gritavam»

No meio da quella balburdia só um nome se ouvia distinctamente: o nome do vencedor do grande premio *Cheri*! gritavam as mulheres com entusiasmo: *Cheri*! gritavam com ardor os homens numa algazarra ensurdecida. Um sujeito que bebera de mais, se divertia em quebrar os pratos de finissima porcellana. Si algum creado se approximava, procurando impedir o vandalismo, elle respondia:

— Eu pagarei! Eu pagarei!

— Não, disse-lhe afinal o proprio dono do hotel, o senbr não pagará, mas peço que vá fazer isso lá fóra. Eu fornecerei tantos pratos quantos queira.

Ainda relativamente a esses quebra louças, o gerente do hotel contou ao sr. Huret que elles dão annualmente á casa um prejuizo de 30.000 francos.

No ultimo inverno, um americano no hotel Maxim inutilizou todos os moveis do salão em que comia, queimou guardanapos e toalhas. O jantar custou caro; algumas cedulas de 1.000 francos.

O hotel Maxim é em Paris o lugar em que mais se bebe champagne: 3.000 francos todas as noites, 45.000 garrafas, mais de um milhão de francos por anno!



A morte do canario

Prisioneiro sem crime, altivo e bello,
Isolado em silencio succumbiste,
Sem de amor desfructuar um só desvelo,
Sem ter o que de grand e doce existe!

Nessa gaiola, asylo clerical,
Tristonho emmudeceste,
Lembrando-te, talvez, do larajil
Onde outra'ora viveste!

Sem luz, sem liberdade, sem amigos,
Sem estrellas á noite e sol ao dia,
Como o escravo nos carcerees antigos,
Tiveste longa e funebre agonia!

E terminou-se assim o teu poema!
Não mais padeces, não!
Essas azas da bella cor da gemma
Jamais se agitarão!

Ha muito ellas no azul não se estendiam
Para saudar a verde primavera...
Azas que não voavam, mas gemiam
Sob a oppressora solidão severa!

PRESOLIANA DUARTE DE ALMEIDA.



Exilio d'alma

Eu me assentei á sombra do arvoredor,
Era ao nascer do sol. A luz batia
Da manhã sobre o pincaro das serras...
— Triste por ter deixado as suas terras
Minh'alma não sorria.

Os passarinhos vinham e voltavam
Cantando seus gorgeios matinaes,
Outros mais tristes para além fugiam...
— Assim tambem meus pensamentos iam
Para os lares nataes.

Veio a brisa dos montes, — eu falei-lhe:
(Trazia ella o aroma da manhã.)
*Ai! leva, leva co'estes teus perfumes,
Meus gemidos de dor, e os meus queixames,
Leva os á minha irmã!»

O sol se havia erguido. Quão brilhante
Elle corria os páramos azues!
Soprava a abrir a selva o vento incerto...
— Meu coração á sem como o deserto
Precisava de luz!

Vendo as flores, o sol, a terra, as aves
Tentei magua tão negra sepultir...
— Embalde! era tão fundo o meu exilio!
Ob! jamais abandono o amante filho
A lembrança do lar!

ALFREDO M. DE OLIVEIRA.

Nicteroy.

Uma despedida

(A' Nughijada)

— Adeus!... Vou partir!...

— Que é isto?... Estás louco?...

E as lagrimas cabiam em abundancia pelas faces pallidas do joven amigo.

— Então, é assim, com algumas lagrimas que não sci se serão sentidas, que tu queres pagar tanto amor, tanto sacrificio e tanta lealdade que aquella inditca m'ca te votava, e que boje se contorce n'um leito, repassada de dores cruéis, vindo bem proxima de si a sua derradeira bora de existencia, sem ao menos coitadinha, no seu final momento, ter o prazer de ver-te, a ti que era a sua felicidade, sua alegria e seu viver?

E é a mim que tu tens a coragem de vir trazer o teu *lacrimoso adeus*; a mim que fui teu corfidente, desde os primicios passos deste inditico amor; a mim que ouvi as tuas juras, as tuas promessas e que sobretudo conheço a tua posição, quer social quer pecuniaria?

Ob!... por Deus te peço!... não faças isto!... aqui me tens aos teus pés... marca esta viagem para outra occasião mais feliz!... um dia mais, talvez, ella deixará de existir e tu terás cumprido o teu dever!...

Deixa que ao menos ella morra embalada na doce fé e na real certeza de que o teu amor é aquelle ainda que tu tantas vezes jantastes com as verdes cores da esperança!...

Não parte?... Sim?... E' em nome daquella rosa que tu tanto empenho fizestes para obter e em que, depois de a possuïres, tão delirantes beijos tu destes; em nome daquelles roseos sorrisos de outra'ora no qual tu tanto encanto acabavas; e em nome mais (oh! coração de ferro!) d'aquelle anjo de candura, cujo cadaver ir se lá ainda com a tua passagem, que te faço este pedido!... Attende, sim?...

— Basta!... senhor!... não dilacere mas um coração transformado em chaças!... não profane mais, com palavras sem fundamento, as primicias

lgrimas que sinceramente, por intermedio dos olhos, sabem do meu coração !!!

Ahi tem esta carta; queira ter a bondade de a ler. E, como não tenho mais tempo de esperar que conclua a sua leitura (pois o vapor que tem de conduzir-me, daqui a meia hora levantará ferros), accete o adeus do seu inditoso amigo.

Tinha razão em demasia aquelle sincero e desagrado amigo.

Lgrimas mais verdadeiras do que aquellas, de olhos nenhum, por maior que seja a dor, jamais brotarão!

E' que lá, em paragem longiqua, na sua terra natal, estava agonisante, ou mesmo morta, (a carta tinha oito dias de viagem), a sua mãe, o mais leal e sacrosanto amor que neste mundo se encontra!

PEDRO ILINO

Out. 1901

A uma voz de ouro

Fulgurante filha do illuminado berço que embalou Beatriz, Graziella e Laura.

Ouvir te a voz angelica vibrando
Psalmos alegres, hymnos de docura,
Fruir o nectar embriagante, a pura
Seiva de teu cantar que na alma entrando.

Fulge a exercer sobre ella doce mando,
—E' percorrer a escala da ternura.
Na aza do enthusiasmo que a al na apura
Pelos pincares do extase ir voand'.

Carmen que aos jovens fascinate tanto
Com o perfume desta voz divina
Del creas fulgor bembido e santo,

Que o teu destino traga, meiga Laura,
Novo Enzo apaixonado, vindo em aura
De amor, numa harmonia chrySTALLINA.

7.º bro de 1901.

ARMANDO GODOY.

Constancia e Amor

La constance est la chriere de l'amour
VADYENANGERS—Repliques et Maximes.

Um grande moralista disse um dia
Que no amor a constancia é uma chit'era,
E dizendo-o, não sei si elle o dizia
Convencido das provas que tivera.

No entanto, numa noite em que te ouvia
Fallando nessa doce primavera
Do teu amor que eu tremulo pedia
No convulso tremor de quem espera,

Me disseste, sorrindo meigamente:
—«Meu coração coasteante a amor sujeito
Com outro amor jámais será contente.»

Phrase adcravel, phrase que respeito
Por que tua bocca pura nunca mente,
So diz teu labio o que te inspira o peito.

Rio de Janeiro, Setembro de 1899.

OSCAR D'ALVA.

(Do Livro de Laido).

A conservação da pelle DO ROSTO E DAS MÃOS

As moças elegantes ligam, com justa razão, uma grande importancia á conservação da pelle do rosto e das mãos, mas ignoram as causas das pequenas affecções e das rugas (fis de gullini), muitas vezes precoces, que lhes diminuem a belleza.

E' facto commun que, a maior parte das vezes, uma senhora, cuja idade ainda não justifica as rugas do rosto, possui no entanto no resto do corpo a pelle perfeitamente conservada, jovem, tal qual possuia aos vinte annos.

Por que essa differença no mesmo corpo?

A razão é a seguinte:

O rosto e as mãos são as partes do corpo que estão sempre expostas ao ar e onde justamente se impregna grande quantidade de pequenos germes produtores de molestias. Esses germes invisiveis entranham-se nos póros e, mesmo que não occasionem molestias, impossibilitam a perfeita transpiração da pelle, o que é a causa das manchas e rugas que apparecem nas pessoas ainda jovens.

O seguinte conselho, baseado em experiencias de 12 annos, usado com perseverança, dá em resultado a conservação da pelle do rosto e das mãos sempre macia e alva, e impede o apparecimento de toda e qualquer ruga ou molestia.

Para as pessoas mais sensiveis misture-se á quantidade de um vidro de *Lugolina* igual quantidade de agua pura, e todos os dias, de manhã e á noite, depois de lavar o rosto e as mãos com um bom sabonete de glicerina, façam-se ligeiras fricções com uma esponja finissima molhada na mistura de agua e *Lugolina* acima dita, e deixe-se secar ao ar, sem enxugar.

As pessoas que quizerem fazer uso da *Lugolina* pura, podem fazel-o sem inconveniente algum.

As moças que fazem uso do pó de arroz sómente o devem collocar depois que o rosto esteja secco.

A *Lugolina*, do Dr. Eduardo França, como é um poderoso antiseptico, mata todo e qualquer germen que se tenha introduzido nos póros; e matando esses germes livra os póros, facilitando a sua perfeita transpiração, o que constitue a vida da pelle e a sua frescura.

E como a *Lugolina* possui tambem virtudes tonicas entranhando se pelos póros conserva, vigora e alveja a pelle, impedindo os sinais precoces da velhice e os effeitos nocivos de alguns preparados cujo unico fim é produzir uma belleza ephemera, a custa da futura e rapida ruina da pelle.

O presente artigo não é uma *reclame*, porquanto a *Lugolina*, sendo já bastante conhecida e sendo o unico preparado brasileiro que tem merecido as honras de ser adoptado na Europa, não fará maior ou menor carreira por mais uma *reclame*.

O que escrevemos é um conselho ás moças, baseado em experiencias de 12 annos, conselho que aquellas que o seguirem em pouco tempo verificarão a verdade do que affirmamos e só terão de se louvarem por ter lançado mão do verdadeiro e unico meio racional de conservar a pelle do rosto e das mãos.

A *Lugolina*, que é já um dos medicamentos brasileiros de maior consumo e que se tem imposto pelo seu valor real, vende-se em qualquer pharmacia ou drogaria.

—x—x—

Sine corde

Si fôr um grande artista, eu esculpia
uma estatua de marmor branca e pura;
e a essa indifferente creatura
nada mais que a belleza coucedia...

E então amava a filha da Esculptura
tã... provocante... mas sem vida e fria...
e, amando-a, talvez não sofferia
os agroses do amor que me enclausura,

E, amante dessa diva, muita embora
não tivesse ella coração nem vida,
talvez achasse mais amor, Senhora,
nessa estatua, no marmor esculpida,
do que encontro em teu peito onde demora
um pendulo de carne empedernida!

S. Paulo.

J. B. DE REZENDE.

Contraste

A ALCINO COTTI.

Quando elle foi se embora ella chorava emtanto,
Elle alegre sorria ao ver o amargo pranto.
E ella la do ogiva ia olhando o caminho,
Por onde elle passava entre fiores e arminho,
E um pouco depois sumio-se quando a lua,
S'abia pelo céu com a tristesa sua,
Ella sempre e orando e as meigas estrellas,
Fiam-se pelo céu das lagrimas singelas,
Que triste derramava a noiva despresada,
Que ficava na alma assim amargurada.

Mais tarde elle voltou despresada e tristonha,
A noiva elle já amava o despeitado do sonho,
Elle amava bastante e chorava no emtanto,
Ella alegre sorria ao ver o amargo pranto!

1901.

ALFREDO E. P. ASSIS.

(Das Flores Fanadas, (inédit.)

O LOUCO

1.º DE OUTUBRO

Foi neste dia que eu vi um pobre louco a vagar murmurando constantemente: Fany! Fany! para que me roubaste o coração, para depois me tirares?! E assim ia elle em passo lento á esmo e murmurando sempre o nome de Fany.

Conheci então que aquelle infeliz dementado, encerrava uma historia de amor, e resolvi segui-lo. Fui acompanhando o pois, a passo vagar-so ou apressado, confirme o seu andar, notando-lhe as pbrases que ás vezes proferia.

Parava silencioso, contemplava as estrellas no azul purissimo do céu, e exclamava: Oh! mas as estrellas tambem formam o nome della, Fany! Fany! Ah! ellas sabem cberar, emquanto que eu não cboro!

Depois recommença o seu andar, para parar mais adiante, fitando abstractamente o espaço como se visse alguma cousa que procurasse, e balbuciava em seguida: porque me trahiste ingrata Fany, porque, porque?!

Eu segui-o até a praia, onde ingratu, olhando o mar calmo e sereno; e de subito irrompeu como um

allucinado, gritando: ó gigante insondavel, eu vejo ahi no teu seio o que me falta aqui! (apertando o peito do lado do coração) sim! o vejo ahi e vou buscá-lo!

E num movimento brusco la arrojarse ao mar, então interrompido-o, dizendo-lhe: espera quero fallar-te um momento.

Elle voltou se, me encarou de frente e perguntou-me: o que desejas?

— Deus?! Deus não existe, onde é que Elle está, dizei-me onde?!

— Sim! já acreditei em Deus no tempo em que tinha coração, quando amei muito a minha infel Fany, mas hoje não creio mais!...

E voltando-se em seguida para o mar, começou outra vez a bradar: ó gigante insondavel, tu tens ahi no teu seio o que me falta aqui... E arrojouse d'um salto ao mar sereno e manso, que abriu se por um instante para receber aquelle pobre louco; e em seguida fechou-se, tornando-se ainda mais tranqullo e silenciozo como um tumulo immenso!...

J. JOB

Rio, Outubro de 1901.



MOLDES

Ha mais de 30 annos que a nossa casa tem se incumbido da confecção e remessa de Moldes Certados e sob medida, não só do nosso jornal A Estação, como de qualquer jornal estrangeiro, nunca tendo recebido reclamação sob esse serviço que continua feito com toda a regularidade e confiado a pericia de verdadeiras artistas em materia de corte.

Não receiamos pois que nos possam ultrapassar na perfeição do trabalho, nem na modicidade dos nossos preços.

Para o presente numero offercemos:

N. 13 — Saia..... \$500
N. 35 — Saia com folho..... \$200

Pelo correio mais 300 réis para o primeiro molde e 200 réis para cada um dos que se seguiram.

ENCIOVAES PARA RECEM-NASCIDOS

Mediante a insignificante quantia de \$500, ou \$500 pelo correio, podemos fornecer em envelope apropriado, moldes completos para enciovae de recém-nascidos constando de quatorze peças.

Os pedidos bem como as importancias são recebidos ao escriptorio desta folha—Rua dos Ourives, 7—Rio de Janeiro.



Depois de ter usado de todos os tonicos para a cabeça é que será apreciado este. Ao acaso encontrou-se esta receita, e descoberta do indio Carijó no anno de 1793. A veuda nas casas de perfumarias e pharmacias do Brasil, depositario: ANTONIO CARLOS MADEIRA — RUA PRIMEIRO DE MARÇO, 1 e 3—Rio de Janeiro.

Licor de Leite

(NOVIDADE)

Nenhum mais deliado e delicioso, nem mais agradável ao paladar do que este, producto de José Augusto de Arruda.

Encontra-se nas boas confeitarias e casas de melhados do Brasil, depositario: ANTONIO CARLOS MADEIRA — RUA PRIMEIRO DE MARÇO, 1 e 3—Rio de Janeiro.

A THULLIA

Qual desmaiada planta que enlanguesce
 Sendo da terra em que nasceu mudada,
 E mesmo de caricias amuada
 Sem mais alento haui r' mirra e fallece,
 Assim, meu pobre coração padecer;
 Assim seffre minh'alma enamorada,
 Junais de tua ausencia consolada
 P'or prazer que maior pezar parece.
 Ah! Si me guarda a sorte o atroz tormento
 De não terem meus olhos, nesta vida
 Mais, o gozo de ver te inda um momento;
 Si a lei que me conduz não é mentida...
 Tu veras logo apos meu passamento
 Que quanto foste inda seras querida!...

Niterói - 1901.

A. Azamor.

Auroreando

Desperta alegremente a Natureza
 Ao florido sorrir da bella Aurora
 E ao meigo som da musica canora,
 Que o passado e entoa na deveza,
 Estasia-se tudo de belleza,
 Apreciando a alegria d'esta hora,
 Em que alegre o campinal se enlora
 E o sol espalha a divina clareza.
 Tudo fica repleto de prazer
 Na magestosa hora do alvorecer,
 Em que se mostra prazenteiro o dia.
 Ah!... no momento em que o dia purp'reo
 So minh'alma descrente se entristece
 Pelo golpe da dor que lhe crucia.
 Bom-Jardim - 15 - de 1900. HENRIACLO MACIEL.

PIEDADE

Quanto me sinto bem por ser tão pobre,
 Pois nem ganho, se quer, p'ra o meu sustento!
 Dizem que sou activo, e que talento
 P'ra fortuna fazer, tenho que sobre.
 Nada, porem, consegue que se dobre
 Da riqueza à ambição meu sentimento,
 Com o pouco que auiro me contento,
 Que a Providencia do Bom Pae me cobre.
 E assim, eu da abastança o equivalente
 Tenho na paz, que esta tranquillidade
 Me dá ao coração, e luz à mente.
 Quando eu vejo o desdem com que a vaidade
 Repelle a quem tal luz e calma sente,
 Lastimo a cega e louca Humanidade!
 2 de Novembro, 1901. VICTOR ANTONIO VIEIRA.

NINON DE LENCLOS

esquecida da raga, que jamais osun macular-lhe a epiderme. A passava dos 80 annos e conservava-se jovem e o ella, atraindo sempre os pedagos da sua certidão de baptismo que rasgava á cara do Tempo, cuja foice embotava-se sobre sua enuclatada physionomia, sem que nunca deixasse o menor traço. «Muito verde ainda!» via-se obrigada a dizer o velho rufanteiro, como a raposa de Lafontaine dizia das urvas. Este segredo, que accebrece egoista faceria jamais embairar quem quer que fosse das pessoas daquelle epocha, descobrio-o o Dr. Leconte entre as folhas de um volume de *L'Histoire amoureuse des gaules*, de Bussy-Babuin, que fez parte da bibliotheca de Voltaire e é actualmente propriedade exclusiva da **PARFUMERIE NINON**, 35, Rue de la Septieme, 35, Paris.
 Esta casa tem em a disposicao das nossas elegantes, sob o nome de **VERITABLE EAU DE NINON**, assim como as receitas que d'ella provém, por exemplo, o

DEVET DE NINON

pó de arroz especial e refrigerante;

Le Savon Crème de Ninon

especial para o rosto que limpa perfectamente a epiderme mais delicada sem alteral-a.

LAIT DE NINON

que dá alvura deslumbrante ao pesoco e aos hombro. Entre os productos conhecidos e apreciados da **PARFUMERIE NINON** contam-se:

LA POUDRE CAPILLUS

que faz voltar os cabellos brancos à cor natural existe em 12 cores;

SEVE SOURCILIERE

que angustia, engrossa e brime as pestanas e os supercilios, ao mesmo tempo que dá vivacidade ao olhar

LA PATE ET LA POUDRE MANODERMALE DE NINON

para unhas, alvura brilhante das mãos, etc., etc.

Convem exigir e verificar o nome da casa e o endereço sobre o rotulo para evitar as imitações e falsificações

PARFUMERIE EXOTIQUE E. SENET

35, Rue de la 4-Septembre, 35, PARIS

MÃO DE PAPA do duque, de príncipe, por meio da **Pâte des Prélats**, que embranquece, alisa, assatina a epiderme, impudo e destrói as frieiras e as manchas;

UM NARIZ PICADO de pequenas borboletas ou com travos torna a respirar sua branura primitiva e suas cores lisas por meio do **Anti-Rolhos**, producto sem igual e muito contrafeito.

LEALDADE COM AS CONTRAFACÇÕES e **Para ser bella, encantar todos, olhos** deve-a servir a **Fleur de Pêche** pó de arroz feito com fructos exóticos.

POUCOS CABELLOS

Fazem os crescer e cercalos empregando-se **l'Extrait Capillaire des Benedictins de Mont-Majella**, que tambem impede que caiam e que liquem brancos.

E. SENET, Administrator, 35, R. de la 4-Septembre, Paris.

NÃO ARRANQUEM MAIS

os dentes estragados, não os arranque mais com **l'Elixir dentifrice des Benedictins de Mont-Majella**.

E. SENET, Administrator, 35, R. de la 4-Septembre, Paris.



apenas
acorda,
chora
pedindo
o Seu
Racahout!

Racahout dos Arabes Delangrenier
o melhor alimento para as crianças

CALLIFLORE

FLOR DE BELLEZA

Pós adherentes e invisiveis

Gracias ao novo modo porque se empregam estes pós communicam ao rosto uma maravilhosa e deliciada belleza e deixam um perfume de exquisita suavidade. Alem dos brancos, de notavel pureza, ha outros de quatro matizes diferentes, Rachel e Rosa, desde o mais pallido até ao mais colorido. Poderá pois, cada pessoa escolher a cor que mais lhe convenha ao rosto.

PATE AGNEL

Amygdalina e Glycerina

Este excellente Cosmetico branca e amacia a pele, dissipa a do Cieiro. Irritações e Comichões tornam-se a avelladada; pelo que respeta as mãos, dá solidez e transparencia ás unhas.

AGNEL, Fabricante de Perfumes,
 16, Avenue de l'Opéra, Paris.

Material da ESTAÇÃO



- CARRETILHA para levantar moldes... 2\$500
- ESTOJO com duas fitas metricas..... 2\$500
- PAPEL ESPECIAL para moldes 5 folhas grandes..... 2\$000
- PAPEL ESPECIAL para moldes 10 folhas pequenas..... 1\$000

Pelo correio mais 500 rs.

PARA CADA ARTIGO

Estes objectos facilitam muito o trabalho de levantamento de moldes e côrtes bem como o côrte e costura e a passagem dos riscos de bordados das folhas publicadas pelo jornal.

PEDIDOS NO ESCRITORIO DO JORNAL

A Estação

HOUBIGANT

PERFUMISTA

da RAINHA d'INGLATERRA e da CORTE da RUSSIA

PARIS

AGUA HOUBIGANT

SEM RIVAL PARA O TOUCADOR

AGUA de TOUCADOR Royal Houbigant.
 AGUA de COLONIA Imperiale Russe.

EXTRACTOS PARA LENÇOS: Violette Ideale, Royal Houbigant, Peau d'Espagne, Moskari, Iris blanc, Le Parfum Imperial, Musk, Muguet, Gilet Reine, Imperial Russe, Lilas Blanc, Houton d'Ibane, Fougere Royale, Gloriosa, Jasmin d'Espagne, Cuir de Russie, Girolee, Gorydalis, Houton d'Or, Sarrise, Rococo.

SABONETES: Ophelia, Peau d'Espagne, Violette ideale, Fougere Royale, Lail de Thridice, Royal Houbigant.

PÓS OPHELIA, Talisman de Belleza.

PÓS PEAU D'ESPAGNE.

LOÇÃO VEGETAL, para os Cabellos.

PÓS ROYAL HOUBIGANT.

PERFUMARIA ESPECIAL MOSKARI

O MAIOR SUCCESSO DA EPOCHA!

A GRANDE VENDA ANUAL D'A BRÁZILEIRA
 Liquidação geral sem reserva de preços

24, LARGO DE S. FRANCISCO DE PAULA, 24

PONTO DOS BONDS DE S. CHRISTOVÃO

Grande Armazem de Fazendas, Modas e Armario. Exposições surprehenderes! Sortimento enorme! Preços nunca vistos! Distribuem-se catalogos.

ILLUSÃO

Nesta caixinha de setim forrada
Aonde guardo emmurhecidas flores,
Retratos, cartas, dadivas d'amores,
E o laço d'uma fita assetinada.
Ha uma violeta secca e j' mirrada
Que sem essencia já perdeu as cores:
Mas que foi alva a recender cdores
Durante um dia em collo de uma fada.
No entretanto, porém, se algum quizesse
Fazer o m que a florzinha revivesse
Alva, viçosa, em divinal lloril.
Somente bastaria perfumal-a
Com o capitoso aroma que se exala
Do niveo e casto seio de Nair.

NOBREGA JUNIOR.

Lembras-te ?

Lembras-te aquella tarde tão formosa,
Que contigo eu passeava na campina,
Minha vida levava descuidosa,
Junto á ti a scismar pela colina.
E tu e tu oh ! Flor odorosa,
Alli á beira do rio, entre as boninas,
Roubando á trança, deste me uma rosa,
Da qual eu só conservo hoje ruinas.
Conservo a sim, mas toda desbotada,
Essa rosa gentil que foi roubada,
De tua trança de cabelo preto,
Em paga dessa rosa que me deste,
Que já perdeu o seu olor agreste,
Offereço te hoje este soneto. !

ALFREDO E. P. ASSIS.

Threno

Rosas e dhalias, rosas desbotadas,
Envoltas em novoeiro pardacento
De mysticas tristezas orvalhadas,
Com lagrimas de manso soffrimento. . .

Rosas pendidas, flores delicadas,
Na pallida surdina de um lamento
Das brancas orchestraes de nevoadas,
Gemidas num dorido fundo e lento. . .

Fluctuam vagabundas nostalgias,
Evolam mundo e ar melancholicas. . .

Borboleteia e pausa a dor cansada
Em minha alma sem odio e amor e nada

ELISEU MOTA PERES.

1.01

Cantares

Que nostalgica tristeza
Tu tinhas quando partiste !
Eu, se fiquei bem mais triste,
Amei-te com mais firmeza.

Para ser forte e leal
Ao nosso amor, meu encanto,
Faltava o balsamo santo
Do teu olhar sideral.

Que importa que atroz destino
Te prenda de mim ausente ?
Fica-me sempre presente
O teu sorriso divino.

E o teu olhar tão profundo,
Onde enfim pude encontrar
A luz que me ha de alumiar
Pelos desertos do mundo !

Por esta senda de abrolhos
Em que maguamos os pés,
Illudem-nos muitas vezes
As phrases, mentem os olhos.

Porém, essas gottas de agua
Que a flor dos olhos nos veem,
E traduziram tão bem
Inda ha pouco a tua magna,

Essas não mentem, não creio
Que alguém illuda a chorar ;
Reflectem na luz do olhar
Quanto sentimos no seio.

Por isso, ao vêr inda agora
Brotar esse puro aljofre,
Baptismo do ser que soffre,
Orvalho santo da aurora,

Sobre a pallidez sem par
Das tuas faces maguadas,
E as olheiras macedradas
Como as dos santos no altar,

Fiquei-me sem bem saber
Se o que sentia era magua
Ou se essas gotinhas de agua
Me tinham dado prazer

Alice Moderno.

Patriotismo de uma mãe

D. Maria de Souza, mulher das mais nobres de Pernambuco, sabendo que nas guerras hollandezas (1735) haviam degollado tres filhos seus, venceu de tal modo a alicção natural que, chamando outros filhos, que tinham 11 e 13 annos, lhes disse :
« A Esvevam tiraram hoje a vida os hollandezes, e posto que, filhos meus, perdi já tres e um genro, antes vos quero persuadir que desviar da obrigação precisa aos homens honrados, numa guerra onde tanto servem a Deus como a El-Rei e não menos á Patria. Pelo que, cingi logo a espada e a triste memoria do dia em que a pondeis na cinta, esquecendo vos para a dor, so vos lembre para a vingança, matando ou sendo mortos, tio esforcadamente que não degeneres desta mãe e daquelles irmãos. »

João M. P. de Vasconcellos.

A amizade e a paixão

A amizade, diz Nigu, é moça no fim de um seculo ; a paixão é velha no fim de um mez.



A Santa Helena. Segundo o painol de F. M. Bredt.

O Anjo da Guarda

Se acontece que tua alma
Em quaesquer desejos arda,
Escuta a voz ou conselho
Do anjo de tua guarda.

Talvez digas por descuido
Que nunca pudeste ouvi-lo ;
Que nem mesmo bem dehas
O que signifique aquillo.

Reflecte, porém, e diz me
Se uma voz a ti não fala
Sobre o merito da acção,
Quando queres pratical-a.

Pois essa voz ou conselho,
Consciencia dos moralistas,
E' o anjo da tua guarda,
Ao qual e bom não resistas.

Padre José J. Correia de Almeida.

MYOPIA

Simplicio é myope. Ao entrar em casa, diz-lhe a criada.
—Olhe que está abi uma bacia com agua quente ! . . .
—Oh ! diabo ! sabe Deus se já me não queimeci !

A Bibliotheca

NO ALBUM DA BIBLIOTHECA PUBLICA DO MARANHÃO

Esta é a grande colmeia.
Aqui nos seus alveolos, vivem as abelhas que trazem da grande flora do Espirito Humano o mel sapido da inspiração e a cera da Sabedoria.

Instilla o mel dourado das estrophes e os conceitos feitos da cera casta que é a materia prima dos cyrios, dão luz ao altar do mundo onde o Pensamento é o Deus uno, forte, creador, eterno.

Guarda, Aristô, as abelhas serenas e aos que te pedirem mel ou cera vae prodigamente dando, que assim praticas a mais meia e salutar das misericordias, qual é a de consolar e esclarecer espiritos.

Coelho Netto.

O crescimento do homem

Observações feitas sobre o crescimento do homem deram o seguinte resultado

O crescimento mais rapido opera-se logo depois do nascimento, regulando o centímetros durante o primeiro anno da sua existencia.

A razão do augmento éminue gradualmente ate os tres annos, em que o tamanho da creança é metade do que terá quando homem.

Depois dos cinco annos, o augmento torna-se maior até aos 10, regulando 5 centímetros por anno. Despois em diante o crescimento é pequeno, regulando até aos 18 creança de 10 centímetros por anno e até aos 25 annos de 2 a 3 centímetros.

Na idade de 25 annos em caso muito raro, para o crescimento.

Os mais thesouros do mar

1

Acompanhando insensivelmente as ondulações do mar, sosinho, um jovem pescador, deixando cair os remos, suspirava:

Eis que enfim aborço-me de tornar a voltar todas as manhãs para estas paragens áridas, dezois de noites penhosas e sombrias passadas em minha pobre morada; não é uma vida feliz esta que se passa na solidão oceânica e rochas escarpadas. Ir ouvir missa aos domingos na igreja da encosta, e, esvasiar depois de ouvir o officio divino, um pichel de cidra na taverna, são os meus unicos prazeres.

Oh! boa vida que presides aos destinos marinhos, tende piedade da minha miséria e tristeza; e que por vossa clemencia illimitada, minha deploravel sorte seja mudada!

Quando elle assim acabou de fallar, a espuma de uma vaga intumescen-se, tomou uma forma de mulher e tornou-se branca sempre, a fada marinha, de longos cabellos de algas d'uradas.

— Não houve homem nenhum que amim se dirigisse, disse ella, que eu não o fizesse mais afortunado dos mortaes. Eu muito te quero por causa de tua mocidade, das bellas canções que tu cantas. Mas de que modo poderei vir em teu auxilio? Fada neireida, como sou, tenho poder apenas sobre as ondas, o mais que te posso fazer é dar-te uma boa pesca.

Eu não peço outra coisa, boa fada, Vou lançar as minhas rédes, e tudo irá bem si permittirdes que eu pesque...

— O que? perguntou ella.

— Uma ilha! Uma ilha encantadora onde floresçam as mais bellas flores, onde amarelleçam os melhores fructos, uma terra de paz e de delicias onde terei a minha morada como um passaro em seu ninho em um bosque de r'as. Estou cansado de habitar sobre a horda da escarpada rocha.

— Lança a tua rede, disse a fada.

Elle obedeceu, e pouco depois, não sem algum esforço, tirou da agua uma ilha que poder-se-hia fazer a volta em duas horas, mas que era a mais linda do mundo.

II

Não se pederia fazer idéa do contentamento do jovem pescador, logo que elle passeio em seus dominios

Nunca elle pensára que paisagem tão deliciosa pudesse delectar os olhos de um mortal! Muito além da rede que balanceava com o sopro do vento, estavam lindas collinas cor de rosa, donde brotavam cascatas tão luminosas que pareciam um collar de pedras e diamantes; a areia dos passeios era tão leve, tão doce, que era um encanto andar-se sobre ella com os pés nus; os proprios seixos pareciam provar meigas canellas.

Por todos os lados abriam-se cavernas illuminadas de stalactites semelhantes a lastres e a candelabros de prata; e não havia nos pomares um só ramo que não offercesse uma laranja, ou um cidrão ou um cacho de uvas. De certo pensais que o dono d'esta terra, nascida de pouco, não recordava-se de sua choupana triste, sobre o rochedo e os arenques de que elle ou'ora se alimentava.

Mas passaram-se deis longos mezes.

Um dia em que estava sentado na praia arenosa, elle disse com voz de lamento.

— Não é vida feliz, não, esta de só ter por companheiras as rochas das collinas e as rolas dos bosques. Esta ilha é uma bella vivenda, não o nego, mas antigamente, quando, nos dias de festa, eu sahia da choupana, encontrava no caminho, bellas meninas de toucas brancas.

Oh! boa fada marinha, tende piedade do meu abandono e da minha tristeza; e que, por vossa clemencia minha sorte deploravel seja mudada!

A espuma de uma vaga não tardou a intumescer-se, a fada das aguas appareceu com os seus cabellos de algas douradas.

— Eh! disse ella, joven rei da ilha, de que modo posso em ajudar vos? So posso dar-te uma b'ca pesca.

— Eu não peço outra coisa, fada complacente e não baverá nada melhor do que me per'ittirdes pescar.

— O que? perguntou ella.

— Uma mulher! Uma mulher joven, mais bella do que as mais bellas, que sorri quanto eu sorrir e que ame os meus beijos. Eu porei o seu coração dentro do meu, como se esconde uma perola cor de rosa n'um fino escudino de seda. Estou farto de viver sem Eva no jardim que me deste.

Lança, pois a tua rede, disse a fada.

Elle obedeceu e, pouco depois, sem esforço, tirou da agua uma mulher mais bella que uma ave do paraíso e vestida como uma princeza.

III

Não ha palavras que possam exprimir o contentamento do joven senhor da ilha, quando teve por mulher uma tão encantadora princeza. Elle a conduziu para uma das cavernas illuminadas de stalactites; e não podia satisfazer-se de beijar os labios de ella que eram frescos como uma flor marinha, de afeitar os seus cabellos que eram brancos e dourados como o sol. Elle a amava com tal ternura, só com ella entre as flores e os fructos, que só as pontas com arrulhos amerosos, elle davam o exemplo dos mais altos ramos; acontecia muitas vezes ella ver tres vezes desabrocharem as estrellas sem que seus olhos se fechassem a não ser sob uma revoadada de beijos. Se

ella lhe dissesse: « Da pedação teu peito com esta pedra e faz correr gotta a gotta todo o sangue do teu coração para que delle eu faça um collar de rubi » elle não hesitaria um instante e ella obteria immediatamente a joia desejada. Ah! que delicias nas tenebrosas profundezas dos bisques, e nos mysteriosos claros das grutas!

Elle como se deve pensar, o esposo da joven sabida das ondas, não ch'rava mais o tempo em que errava sem companheira nas solidões da ilha.

Em um anno inteiro se passou. Um noite que elle sonhava, passeando vagarosamente pela praia, suspirou melancolicamente:

— Por mais feliz que eu seja, não o sou bastante, não, me basta ter por companheira, entre as rosas e os passaros, uma mulher mais bella que uma ave do paraíso e vestida como uma princeza. Concorde que a minha amada é tão linda e tão terna quanto possivel; mas, out'ora, na taverna, eu esvasiava pichéis de cidra em companhia de alegres e bons rapazes que bebião cantando ao desafio. Oh! hei fada marinha, tende piedade de mim; e que por vossa clemencia illimitada minha sorte tão digna de inveja se torne mais feliz ainda.

A fada neireida appareceu e disse:

— Oh! joven esposo da mais linda e bella das mulheres, que queres tu ainda pescar?

— Um amigo, disse elle.

— Toma cuidado homem feliz, replicou ella, e pensa no que pediste! Tu possues uma mulher encantadora em um paiz adoravel; tu fazes mal em pedir outra coisa. Muitos homens que se precipitarão, desesperados, nas ondas, contam em possar fias moradas que o mais fingido dos traidores nasceu no mesmo dia em que nasceu o mais fiel d' amigos.

— Eu quero um companheiro que eu hei de amar como a um irmão! com que eu divida os fructos e as flores dessa ilha encantada e a quem, em troca da felicidade que eu lhe proporcionarei, não exigirei mais do que gozar a commigo!

Aura então a tua rede, disse a fada.

Elle assim o fez, e pouco depois, com um gesto de alegria, elle tirou da agua um moço de physionomia franca, que logo lhe saltou ao pescoço gritando. « Bom dia, meu amigo ».

IV

Algum tempo depois, mais tarde, por uma noite tempestuosa, o joven senhor da ilha errava pela costa, lamentando-se em altos brulos.

Fada marinha, boa fada, cruel fada, vem, vem em meu auxilio. Nenhuma mulher é fiel, nenhum amigo é sincero. Dai-me, desta vez, eu t'o conjuro, uma boa pesca!

A fada marinha appareceu entre as ondas revoltas pelo vento, sob um relampaguear incessante e perguntou lhe

— Que queres tu, pescador?

— Boa fada, cruel fada e verdade que nos abysmos em que sossobraram tantos navios guerreiros, se amontão, formando grandes pilhas, armas de toda a especie?

— Sim, é verdade.

— Concedede-me então pescar...

— O que?

— Um machado, exclamou elle.

— Por Deus! disse a fada. Mas acrescentou.

— Atira a rede, desgracado homem.

E elle obedeceu, e pouco depois com um gesto furioso, elle tirou d'agua um machado enorme que tomou com as duas mãos e carregou o correndo. Depois seu passo tornou-se mais moderado, e com a arma levantada, elle caminhava por entre os bosques floridos, inclinado, sorranteiro, para uma das formosas cavernas illuminadas de stalactites.

CATELLI MENDI,

—o-x-x-o—

Espirito sum

Na carne sepultado, ha sessenta annos
Tactico as trevas d'esta humana vida,
E nesta rude e angustiosa vida
Tenho collido sabios desenganos!

Da minha alma orgulhosa aos negros plans
De ventura egoista e fratricida
Tenho dado batalha tão renhida,
Que libertal a espero dos seus damnos.

E da resurreição deste jazigo
De carne humana, limitado e estreito,
Em que a minha alma depurar consigo,

Ja o momento agitado satisfeito
Por certo estar de não levar commigo
Para a vida real tanto delirio.

VICTOR A. VIEIRA.

—(—)---

A MULHER BARBARA

Elle vivia n'uma ilha virgem, no eden paradisico, como chamão Americo Vesputio.

Para provar o que era uma florista em tres condições viu ver-se possar p'ntal-a em a penus, e ce consigo me fazer comprehender, embora a siq'leza destas luhns mel' amparadas pelo talento.

Estamos no coração da matta, profundo silencio em torno, apenas despertado pelas vozes dos passaros e pelo zumbir dos insectos, neste mysterio que envolve as selvas ainda mesmo sob o sol ardente do meio-dia.

As borboletas corriam doudejantes brincando as flores; algumas folhas secas cahiam sobre a humidade do solo e os colibri sugavam as flores aromaticas que perfumavam o ambiente.

Na exuberancia da vegetação, as palmeiras, do seu leque de folhagem, deixaram cabir pela manhã sobre a herva rasteira as gotas de prata que o sereno depositava nas suas largas folhas, ao passo que as sictamineas, as bromélias, as figueiras o cêlo, a peroba, o jacarandá, a mangueira, o jumbo e as arvores de fructos aereos com folhas singulares levadas pela chuva, arvores, muitas vezes de formas extravagantes, de cujo tronco saem o rosario cheirosos das rezinas, tudo delectava, tudo calava no espirito essa admiração pelo que é grande e bello, nas terras brasileiras.

Depois, os musgos, os lichens, a baunilha, a hera de mil qualidades e trepadeiras de immensos feitos se enroscava n'os colossos que alli viviam ha milhares de seculos, ja formando ligeiros apanhados, ja tecendo verdadeiras cryptas de verduras, nessas encantadas choupanas encontradas nas florestas, onde se entrelaçam flores de feio bizarro e de perfume suavissimo.

No numero dos passaros que voam deste, áquelle arvoredor, notava-se de grandes formas, como a jandaia, e os de pequenas formas, como o bella flor, emquanto o papagaio e a arara da'am gritos, e a emma caminhava pousadamente, lembrando o avestruz do mundo antigo.

Nos galhos, a darem saltos mortaes, notava-se immensos macacos; nas folhas secas que tapetavam o sólo, escutava-se as pisadas do veado da cotta da pacca e d'atall, enquanto no cimo de um colosso vegetal, aninhava-se a gruguiça morosa e bocejante.

E' alli nestas selvas, que faz recordar as maravilhas de um mundo imaginario, mas que realce apresentava á vista dos recém-vindos, cuide animaes feroces viviam, grandes reptis se escondiam onde f'achos serpenteavam dava'nto a sede aos veados, onde a onça malhada dava saltos mortaes aproximando-se da presa e o jaguar faz a sua toca, nesse infinito onde se espelham os rios que vivia a mulher barbara a india, enfim, que, se esposa como entre os judeus, pertencia ao irmão d'aquelle.

Se porém, ella moça, virgem e bella, suggestionada pel' amor, do rápido susto de um beijo, nascia lhe um filho com homem que não fosse da sua tribo, o seductor, morria.

E a natureza seguia a sua marcha, até que vindo á luz o fructo clandestino, a mãe criava o filho, que chegando a certa idade era morto e comido por ella, a quem cabia o primeiro bocado.

Algumas vezes em vez de matulo, apiedada, abandonava-o ao seu destino.

A crueldade praticada com a pequena victima, era festejada ruidosamente, com o nome de *Canha Manhã*.

Comorme o entender da tribo, o pae chamava a filha: *Tayra* e ao filho: *Tayra*, ao passo que a mãe chamava a ambos - *Membrã*; que significa: *Tayra*, sangue, e *Membrã*, produzir; portanto, o pae dizia: Filho do meu sangue; e a mãe - Filho que produzi.

Muitas mulheres desta raça distinguiram-se por feitos heroicos, e dellas, pela successão de troncos familiares, descedem grandes homens que figuram na litteratura, na musica, no parlamento e no pulpito, os quaes se não envergonham da sua estirpe muito brasileira.

IGNEZ SAHOS.

In memoriam

(Gente esparsos por sobre a terra eie redissam os redos mortaes do maturo e inspiram-nos poeta Cruz e Silva).

Itu emata se dentro, eu lino e o oratório,
Vae me por a terra a terra...

ALBERTO DE OLIVEIRA.

Estr' sublime! Soahador divino!

Poeta, que te acabruhaste tanto!

A Dor que mata impondo o rio, em hyano

As petolas fundinla de teu pranto.

Vitor eterno! eterno peregrino!

Pel' senda da vida, em cada entio,

Em cada urze, em lenda, ha a pino,

Em rimas vaporosas o teu Canô.

Sonhava... Em chimas ambibula

Tua mente oule a luz maldada

Do talento brillon em asplendor,

Tu' alma nos p'ramos d'Alto Alton-se!

O teu culô sobe no c'osmos se!

Nos versos que m' inspiras - Sonnet d'

ARTHUR DE CASTRO.

(Campinas).

Ao romper do dia

São cinco horas da manhã; o sol desponta. Chamando ao eito o lavrador robusto, Voam trinando passaros sem conta, Bate o machado sobre um tronco adusto

Acorda a Natureza ainda tonta Do lethargo da noite, mas sem custo. De novo a vida a labutar afronta, Trabalha o peccador, trabalha o justo.

A janella de rustica choupana, Assoma a campezona, algo subtila, Procura attenção e echo e não se engana:

Um ruido se ouve na campina: O trem de ferro passa e deixa a villa, Atraves da montanha esmeraldina.

C. LEAL.



OUVIR ESTRELLAS

— Ora direis ouvir estrellas! Certo Perdeste o senão! — e eu vos direi, no entanto, Que, para ouvir as, muita vez, despetito E abro as janellas, pallido de espanto...

E, conversamos, toda a noite, enquanto A Via Lactea, como um pallio aberto, Scintilla. E, ao vir do sol, saudoso e em pranto, Lida as precurso, pelo céu deserto.

Direis agora: — Treslancado amigo! Que conversas com ellas? Que sentido Tem o que dizem? quando estão contigo?

E eu vos direi: — Amai para entendel as! Pois so quem ama pôde ter ouvido Capaz de ouvir e de entender as estrellas.

OLAVO BILAC.

A SORPREZA

Naquelle tarde — uma tarde de verão fresca e bonita — peguei no chapéo e fui visitar Lucinda, a minha bella visinha.

Encontrei a visinha, na sua pequena casa que habitava em companhia de uma velha creada e do «seu papae» — como lhe chamava — um hom velhote, dos seus quarent'ann's, gordo e calvo, que vivia modestamente do seu trabalho de empregado do commercio.

Quando vi Lucinda pela primeira vez, logo quando tornou-se minha visinha, tinha eu dezeseite annos e ella tinha quatorz' feito havia pouco.

Conectei a visital a, a principio raras vezes; mas as minhas visitas foram augmentando gradualmente até que — por assim dizer — tornei-me quasi um membro daquella boa familia que me estimava.

Fo' dessas visitas e dessa intimidade familiar que rasceu o nosso amor — um amor de creanças, mas puro e terno e que nós julgavamos — unico e verdadeiro.

Naquelle tarde encontrei Lucinda sosinha porque o pae ainda não tinha voltado da sua loja e porque a velha creada fora á rua tratar de negocios dos quaes a encarregava sua ama.

Fomos para o jardim, eu e Lucinda, — um pequeno jardim que ella mesma tratava — e lá sentamos-nos num banco, á sombra duma arvore, cujos ramos quasi nos occultavam.

Fallamos de coisas banaes, sem importancia, e afinal, instintivamente, a conversa cahi sobre nós. Fallamos de nosso amor, do nosso futuro quando fossemos casados — mais tarde, porque eramos ainda muito moços.

E eu creio que me dizia elle: Sim, mais tarde, iremos nós ambos pedir a teu pae que consinta no nosso casamento e... então seremos felizes, oh! muito felizes.

Elle, cuvindo as minhas palavras, reclinou a cabeça loura no meu peito e eu beijava a loucamente, apaixonadamente, quando ouvi, deante de mim um ruido produzido pela oscillação dos ramos da arvore a cuja sombra estavamos. Volti-me rapidamente.

Era elle, o «papae» que estava alli deante de nós, de braços cruzados sobre o peito, olliar severo e indagador a contemplar-nos estupefacto como se duvilhasse do que via.

A principio estive mudo, como se pensasse nalguma cousa sinistra. Era a estupefacção que lhe paralysava a lingua... Mas depois a sua vez que a colera enrouquecera rebouu pelo jardim gelando-nos de medo.

— O Sr. bradou elle — o Sr. Uma creança aquem eu estimava como a um filho! Ah! fez mal muito mal em lhe ter tido amizade! Se eu tivesse fechado a minha porta na «sua cara», hoje o Sr. não faria o que agora ha pouco fez!

E ameaçava-me com o punho cerrado.

Eu fugi rapidamente, mas o velho perseguia-me injuriando-me e quando o echo das suas palavras indistinctas chegava me aos ouvidos, eu fugia mais depressa ainda.



De então para cá tenho visto Lucinda, algumas vezes, quando passo na rua, debaixo das suas janellas, mas nunca mais fui visital-a com receio de que o pae me sorprehenda segunda vez.

RAYMUNDO MAGALHÃES.

Jacaré — Ceará — Outubro — 1901.

Flor Santa

(IMITAÇÃO)

Ao marido pela Alberto d'Oliveira

Nos destrucos d'um Convento Vive uma flor isolada D'uma columna quebrada Exposta ao sopro do vento.

Diz uma lenda d'entroura: « Que n'uma cella morrera « Uma mui linda freira Munto antes d'alvo' d'aurora. »

Que em cima da sepultura D'aquella sa creatura Nasceu a mimosa flor

E o vulto d'ella apparece No tumulo a fazer prece Ao mando do Creator

HERACLI MACIEL

Bom Jardim — 15 — 1900.

NOVIDADES MUSICAES

F. Bevilacqua & C. Guacha, valsa de Aurelio Cavalcanti. Capitão Theresza. Polka Drobado de R. Planquette Soires de S. Pa lo, composto de Mazurka, Valse e Gavotte-Scherzo.

Vieira Machado & C. Eolia Schottisch de Carlos F. de Carvalho. Dá-me tu coração? Valsa de Aurelio Cavalcanti. Aquil a Honra polka, triumphal de Oscar Oliveira Ramos.

Companhia de Loterias Nacionaes do Brasil

Sede-Capital Federal—Caixa do Correio 41 - Rua Nova do Ouvidor, 20 e 29 A—Eml. Telegr. LOTERIAS

Extracções: 92, Rua de S. José, 92

Loteria da Capital Federal

GRANDE E EXTRAORDINARIA LOTERIA

NATAL

N. 83 - 1

Novo e vantajoso plano com um premio de 500 CONTOS DE REIS, um de 70 CONTOS DE REIS, um de 25 CONTOS DE REIS, tres de 10 CONTOS DE REIS, quatro de 5 CONTOS DE REIS, cinco de 4 CONTOS DE REIS, seis de 3 CONTOS DE REIS, sete de 2 CONTOS DE REIS, 20 de 1 CONTO DE REIS e 40 de QUINHENTOS MIL REIS, além de 800 premios de 300\$ para os dois finaes do primeiro premio, 800 a 100\$ para os dois finaes do 2º premio, 800 a 50\$ para os dois finaes do 3º premio, 2 a 1000\$ para as dezenas do 1º premio, 2 a 400\$ para as dezenas do 2º premio, 1 a 200\$ para as dezenas do 3º premio, 2 a 3000\$ para as approximações do 1º premio, 2 a 800\$ para as approximações do 2º premio, 2 a 500\$ para as approximações do 3º premio e 7.200 premios a 40\$ para a remuneração simples do 1º premio.

9.733 Premios!

9.733 Premios!

ENTRACÇÃO SABBADO, 21 DE DEZEMBRO PROXIMO — A'S 3 HORAS

500:000\$000

Inteiros 30\$000

Quadragesimos 750 reis

Os bilhetes vendem-se á venda nas agencias gerais de CAMÕES & C.ª, Lda, Rua da Capital n. 2 A — endereço telegraphico APRIKO caixa do correio n. 945, e Luis Velloso & C.ª, Rua Nova do Ouvidor n. 11, endereço telegraphico Federal e se encarregam de quaesquer pedidos, rogando-se a maior clareza nas directões. — Aceitam-se as notas no interior e nos Estados, dando-se vantajosa commissão.

Correspondencia

Muita attenção — Aos assignantes de publicações estrangeiras tão somente, tomos o prazer de avisar que soffrerão grande abatemento por causa das melhora do cambio, as assignaturas de Jornaes, Revistas, Gazetas e Illustrações, etc., etc.

Pode-se obter a clareza no nome das pessoas que se dirigirem á nossa casa por correspondencia, assim como indicar por externo o lugar de residencia e nome do Estado.

Os pedidos de informações devem vir sempre acompanhados de um sello de 200 reis para a devida resposta.

A. Lavignasse Filho & C.

MOLDES

Table with 2 columns: Item description and Price. N. 3 - Saia... 1\$000, N. 5 - Jaqueta... 1\$000, N. 45 - Saia... 1\$000

Pelo correio mais 300 reis para o primeiro molde e 200 reis para cada um dos que se seguitorem.

ENXOVAS PARA RECEM-NASCIDOS

Mediante a insignificante quantia de 35000, ou 3\$00 pelo correio, podemos fornecer em envelope apropriado, molles completos para enxovas de recém nascidos constando de quatorze peças. Os pedidos bem como as importancias são recebidos no escritorio desta folha—Rua dos Orives, 7 —Rio de Janeiro.

HYGIENE NA BOCCA

Para boa conservação dos dentes, a bocca deve ser lavada pela manhã e á noite e principalmente depois das refeições que deixão em contacto com os dentes particulas alimentares que pela acção da saliva soffrem fermentação acida ou putrida, razão pela qual a limpeza da bocca á noite torna-se mais necessaria do que a da manhã. Esta lavagem deve ser feita esfregando os dentes dentro e fóra com uma escova macia humedecida em agua contendo em solução um Elixir dentifricio que contenha elementos antisepticos para prevenir as affecções moribidas que attarão o apparelho dentario com prejuizo da belleza da bocca e que não prejudique o esmalte dos dentes. O ELIXIR DENTIFRICIO DE SILVA ARAUJO encerra todas estas propriedades, o seu continuo uso evita o máo halito, conserva a hygiene da bocca, evita e cura as dores de dentes e previne a carie. Usa-se 1 a 2 colheres das de chá para cada copo d'agua.

CORAÇÃO

(NO ALMA DE NÓNIA)

Porque é que assim meu coração te agitas
Tanto como te vi bater out'ora?
Porque, se jubiloso andas agora
E nas mesmas promessas acreditadas?

Cante minh'alma alegremente embora,
Tu, coração, mais rapido palpitas...
E nem pulsar assim depressa evitas
Quando a dor em meu peito se demora.

Ao vêr desfeito meu amado sonho.
Pulsavas tanto como se quizesse
Acompanhar o pela ingrata senda...

E hoje que elle voltou, tambem risoocho
Te vejo, e inda mais rapido prescees...
Quem ha, meu coração que te comprehendá?

AUREA MARGARIDA DE SIQUEIRA.

Semper...

A vida para mim é noite escura,
Quando longe de ti, triste e saudoso.
Fento em vão disfarçar tanta amargura
Que ha no meu peito que palpita ancioso.

Vendo-te, penso que é a melhor ventura,
Pois só contigo sei viver ditoso.
Porque tu'alma que é tão hea e pura,
Tambem me torna o coração bondoso.

E tanto assim tu vaes me captivando,
Que si fosse preciso abandonar te
Tambem fóra a existencia abandonando.

Pois não posso cessar de tanto amar-te,
E assim, diariamente te adorando,
Jámais me avilta a idéa de deixar-te.

ALFREDO M. DE OLIVEIRA.

Nitberoy.

IGNOTA VOX

Deus é a criação; logo:— é a vida—;
Cria incessantemente; e até na ruina
Move a grave lição com que doutrina
A sciencia e a vaidade a mais subida.

Para igualar-se a Deus o homem lida:
Produz bens, produz males; e imagina
Ter já nas mãos a lei que subordina
A' razão a materia incomprehendida.

Tu não sabes que és Deus, louco maldito?
Que tens o bem e o mal na tua essencia!
E no teu verbo o sopro do Infinito?

Deixa na Terra o mal, doida sciencia!
E volverás a Deus no bem restricto
Decifrando o problema da existencia!

A. AZAMOR.

Nitberoy, 1901.

NINON DE LENCLOS

es essencia da ruga, que jamais ousou macular-lhe a epiderme. Já passava dos 80 annos e conservava-se jovem e cheia, tirando sempre os peccados da sua certidão de baptismo que rogava á caralho Tempo, cuja foice enbotava-se sobre sua encurvadora physiognomia, sem que ninon deixasse o melhor trago. «Muito verde sim!», via-se obrigado a dizer o velho talugento, como a raposa de Lafontaine dizia das nvas. Este segredo, que a celebre e egoista facieira jamais confiara a quem quer que fosse das pessoas daquelle época, descobrio-o o Dr. Leconte entre as folhas de um volume de *L'Histoire amoureuse des gaules*, de Bussy-Rabutin, que fez parte da bibliotheca de Voltaire e é actualmente propriedade exclusiva da **PARFUMERIE NINON, MAISON LECOSTRE, Rue du 4-Septembre, 57, Paris.** Esta casa tem no 4.º andar o mais bonito e elegante, sob o nome de **VERTIGERIE EAU DE NINON**, assim como as receitas que d'ella provém, por exemplo, o

DUFT DE NINON

pó de arroz especial e refrigerante;

Le Savon Crème de Ninon

especial para o rosto que limpa perfeitamente a epiderme mais delicada sem alteral-a.

LAIT DE NINON

que dá alvura deslumbrante ao pescoço e aos hombros. Entre os productos conhecidos e apreciados da **PARFUMERIE NINON** contam-se:

LA POUDRE CAPILLUS

que faz voltar os cabellos brancos á cor natural e existe em 12 cores;

SEVE SOURCILIERE

que augmenta, engressa e brune as pestanas e os supercilios, no mesmo tempo que dá vivacidade ao olhar

LA PÂTE ET LA POUDRE MANOERMALE DE NINON

para fôrma, alvura brilhante das mãos, etc., etc.

Carem exigir e verificar o nome da casa e o endereço sob o rotulo para evitar as emulções e falsificações

PARFUMERIE EXOTIQUE E. SENET

35, Rue du 4-Septembre, 35, PARIS

MÃO DE PAPA do duque, de príncipe, por meio da **Pâte des Prélats**, que embranquece, alisa, essetina a epiderme, impede e destróe as freiras e os rachas.

UM NARIZ PICADO de pequenas borbultas ou com urvas torna a recuperar sua brancura primitiva e suas côres lisas por meio do **Anti-Bolbos**, producto seu igual o muito contrafeito.

CUIDADO COM AS CONTRAFAÇÕES e Para ser bella, encantar todos, olhos deve-se servir da **Fleur de Pêche** pó de arroz feito com fructos exóticos.

POUCOS CABELLOS

Fazem-se crescer e cerrados empregando-se o **Extrait Capillaire des Benedictins du Mont-Majella**, que tambem impede que caiam e que liquem brancos.

E. SENET, Administrateur, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

NÃO ARRANQUEM MAIS

os dentes estragados, senão os embranquece com o **Elixir dentifrice des Benedictins du Mont-Majella**.

E. SENET, Administrateur, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

Pastilhas e Xarope de Nafé

DELANGRENIER

excellentes peitoraes contra

.TOSSE. DEFLUXO. BRONCHIITE

As Pastilhas de Nafé são verdadeiros confitos peitoraes de um gosto delicioso. Acalmam as irritações da garganta e do peito.

O Xarope de Nafé, misturado com uma infusão ou com leite quente, forma uma tisana muito calmante e muito agradável.

Esses peitoraes não contém substancia toxica e podem ser administrados com toda a segurança ás CRIANÇAS e muito particularmente contra a COQUELUCHE.

Esq. e a marca verdadeira. Delangrenier-Paris

São encontrados em todas as Pharmacias

XAROPE DELABARRE (DENTIÇÃO)

Xarope sem narcotico recommandado ha já 20 annos pelos medicos. Facilita a sahida dos dentes, evita ou faz cessar os soffrimentos e todos os accidentes da primeira dentição.

Esq. se o Carimbo official e a assignatura Delabarre.

FUMOUZE-ALBESPEYRES, 78, Faubourg Saint-Denis, Paris e em todas as pharmacies

PAPEL E CIGARROS ANTI-ASTHMATICOS de Bin BARRAL

Recommandados pelas summidades medicas. Preparações muitissimas efficazes para a cura da **ASTHMA**, das **OPPRESSÕES**, das **ENXAQUECAS**, etc. 16 ANOS DE SUCESSOS.

FUMOUZE-ALBESPEYRES, 78, Faubourg Saint-Denis, Paris e em todas as pharmacies.

NUNCA APPLIQUE-SE UM VESICATORIO SEM SE TER O VESICATORIO DE ALBESPEYRES

o MAIS EFFICAZ e o MENOS DOLOROSO de TODOS os VESICATORIOS. Esq. se a Assignatura **ALBESPEYRES** no LADO VERDE. FUMOUZE-ALBESPEYRES, 78, Faub. St-Denis, PARIS e em todas as pharmacies.



CRÈME SIMON
PARA
conservar ou dar ao rosto
FRESCURA MACIEZA MOCIDADE.

Para proteger a epiderme contra as influencias perniciosas da atmosphera, é indispensavel adoptar para a toilette diaria o **CRÈME SIMON**.

Os **PÓS** de Arroz **SIMON** e o **SABONETE Crème Simon**, preparados com glicerina, a sua acção benéfica é tão evidente que não ha ninguém que o use uma vez que não reconheça as suas grandes virtudes.

J. SIMON, 36, Rue de Provence, PARIS

PHARMACIAS, PERFUMERIAS e lojas de Cabelleiros.

Desconfiar das Imitações.



VICHY-HOPITAL
Molestias do Estomago e do Intestino.

VICHY GRANDE-GRILLE
Molestias do Fígado e do Apparelho biliar.

VICHY-CELESTINS
Molestias dos Rins e da Bexiga. Gottas. Diabetes.

AO RECEITAR ESPECIFIQUEM BEM O NOME

PASTILLES VICHY-ÉTAT
COMPRIMÉS VICHY-ÉTAT

A Morte do Arraes

Os vellos pescadores, quando não morrem na barra, chegam aos cem annos. Duram como os madeiros alcetroidos, tanto se impregnam do ar do mar. Já não embarcam, mas quedam-se no caes olhando o oceano com tristesa. As barbas todas brancas e os olhos azues ficam bem nas caras requemadas. E' uma linda velhice. Parecem amida mocos, apesar de tropeços.

Juntam-se na *Consulta* para conversar sobre o passado, o talho dos barcos e a sua manobra, o feito das velas, o peixe que o mar antigo dava e a sua caresta d'agora. Bom tempo! Bom tempo!... Nem já ha pescadores, nem o oceano e o mesmo... Que alegria e que abundancia quando os bateis entravam barra a dentro, com as campanhas de pe entoando o *benedito*!...

Enrugados, curvos, cheios de saudade, as boccas desdentadas segurando o cachimbo de barro, ajuntam-se para palrarem.

Quantos perigos passou cada um d'aquelles homens, que encarou decerto com a Morte muitas vezes! Que rudes vidas cheias de sofrimento e trabalho, sustentando humilde e corajosamente fillos e netos!

A existencia é bem para esta gente um valle de lagrimas.

Pelo meio dia, hora do jantar, apparecem as vellinhas chamando-os. Vêm, uma atraz das outras, enrugadas e sequinhas.

— O João! Antonio!...

Esta foi aquella linda Catharina d'olhos negros e seios altos; aquella pegada a um pão, mirrada e tão perto da cova, foi a Joanna, que arosa e linda, de perna ao leo, partia a apregoar, incansavel, n'uma voz cantante; est'outra resequida e tropega, negra como uma velha moura, foi a mais bonita moça do lugar. Apparecem, umas atraz das outras, chamando os vellos meios surdos, gastos como ellas, tendo vivido juntos uma larga existencia de afflicções, de fomes e trabalhos. A's vezes são os netos que os vem buscar e levam pela mão, outras as raparigas suas filhas...

Um d'estes homens morreu hontem n'aquella casinha enegrecida pelo sol e pela ventania do largo e que se parece com um velho barco. Ha muitos annos que o Manoel Pereira, o antigo arraes do *Batel* *vae com Deus* já não ia ao mar.

A janella da casota lembra uma vigia de navio, as portas são alceatoadas e quasi sempre no muro uma rede encaçada de novo secca ao sol. Assim mettida pelo areal dentro, nos dias de mar banzeiro, se acaso uma vela se agita no telhado direis que vae navegar ent'outra vida. De resto as pedras de que são feitos os seus alcearees foram arrancadas ao mar; as taboas que serviram na sua

construção são restos de antigas embarcações, e lá dentro ha um velho leito de teca, que, depois de navegar muitos annos para o Brasil como casername de navio mercante, acabou enternecidamente em cama de noivado. Acontece muitas vezes, em dias luminosos e solhetos, quando as gai-votas vôm em bando sobre o telhado que o temporal requemou, por-me a pensar que, como as conchas, esta velha casota humilde deve guardar o ruido que ha um seculo a embala ou a apavora — o ruido do mar.

Creio que sempre no areal riscado de varas a casota viveu, com dias de tragedia e dias de preguica e de alegria — mudo de pescadores e mareantes, que o mar alimentou f'z crescer e levou em dias aziagos.

O quadro é sempre o mesmo — o areal e o mar. Para lá da linha d'um amarello torrado da

areia — o mar vive e agita-se profundo, velho como a terra, e todos os dias diferente, diverso quasi a cada instante. Na madrugada envolto em nevoa, depois d'um verde leve, d'um pó verde e tenue, quando os farrapos do nevoeiro começam a dispersar-se, mais tarde d'um azul cobalto



O Monumento da Imperatriz Elisabeth om Salzburgo.

franjado de branco nas pedras; e a noite traçica, negro e ameaçador. Tem dias preguiçosos no verão em que appetite embarcar e dias em que — de camisa lavada, como dizem os pescadores — ruge e se despedaça nas pedras. Para esta pobre gente elle é como um gigante, que os entende, e a quem fallam com carinho ou ameaças.

Os homens mudam; nascem, vivem, soffrem, desaparecem e elle continua egual, a rugir ou a embalar as velhas casotas dispersas no areal. Como um monstro antigo parece os chama e os arranca um a um a terra, porque ha um seculo, é esta a primeira vez que um homem d'aquella casa morre no seu lar.

Generações inteiras tem sahido d'um para o oceano, boccas d'elle tiraram todas as palavras e n'elle encontram o tumulo. No velho areal macado e curioso, na cosinha negra e azul, para escalado secca ao fumeiro, conta-se e tem vista assim de paes para fillos, a historia da familia um avo desaparecido mysteriosamente no mar com o seu navio e todos os tripulantes, e o que aconteceu a galera *Bemvida*; e a vida triste de quella pobre rapariga, que, por ostar o seu namorado morto a chama-l-a do oceano, em um noite de borrasca, entrou nas aguas profundas. São sempre episodios simples, existenciaes de seica e lacta, boas creaturas ignorantes, e humilimas que o oceano acala a cada um que se gar.

Pois de tantos homens alli nascidos, ha um velho, que hontem morreu, acaba na sua vida. Ha muito que passava os seus dias lá em casa na *Consulta*, ao pé dos pilotos, a olhar o mar. Quando encontrava um mocinho puma e outra e flossa na cabeça e o peiteno de corno, se protegiu e contente.

Fallava pouco. A barba rija e branca en-dinrava-lhe a cara enrugada, e os seios d'um azul distinguido, fugiam-lhe sempre para as costas que um a uma se sumiam no horizonte. Pobre decerto na sua vida simples, humilde e reingida.

Recordava-se do batel de que fora arraes das tardes todas d'ouro, vela callindo na guayva de, quando voltavam da pesca, e das noites de p da caça, das noites d'um luar espartoso em que a e a lua se contuntem e tantas estrellas se aliam e o quantas luzem no mar!

Bua campanha!... Todos rapazes como os res, que os dispersaram ou azeiraram.

Quantos existem dos seus antigos compa-nheiros? Os novos d'outra ora ja correm, e um mocinho e hojs arraes, alguns andam embarcados perdidos, e poucos restam na mesma vida e no mesmo barco! Comprira o seu sadario. Seus fillos eram homens — e agora, velho e inutil, a cada dia de perigo lhe pareciam bons, borrascos e negros, com o vento a uivar, o maldito mar a castro e a *Pedra do Cão*, de dentes afiados, a esperar as catraias, entre o mugir esverdado das vagas.

Assim se envelhecera até se tornar inutil, os netos riam d'elle, os fillos olhavam-no de longe, mais uma bocca a sustentar nos dias de mar. Como trabalha! Nas tardes de inverno, quando as mãos a um remo ou as redes do svel, e em nos dias de março a cada lanço tremeluzir e star na areia. De inverno perçava a linha um outro ruivo.

Mas lentamente as forças lhe foram e nos seus ultimos dias, sentido a porta da tumba, vivia com saudade o mar esplendido. Fora de tragedias grandes e humanas a sua existencia no oceano que era para elle um ser, o oceano que o alimentou e que o convulsou de coleras, quando d'certo desappareceu honzeda uma vez a dação amiga.

Mosaico

Da me essa casa que acabaste de abandonar. Vi bem que te parecia pallida!

— Torna a! E' a conta de um alheio. Fica pallida também por tua vez.

O espirito do mo sabem, está de novo em grande voga. Um sujeito conta a um amigo as suas impressões de uma sessão espirita:

— Interessantissimo!... Evocamos o espirito do pobre Antollo, lembrias-te? que morreu o anno passado.

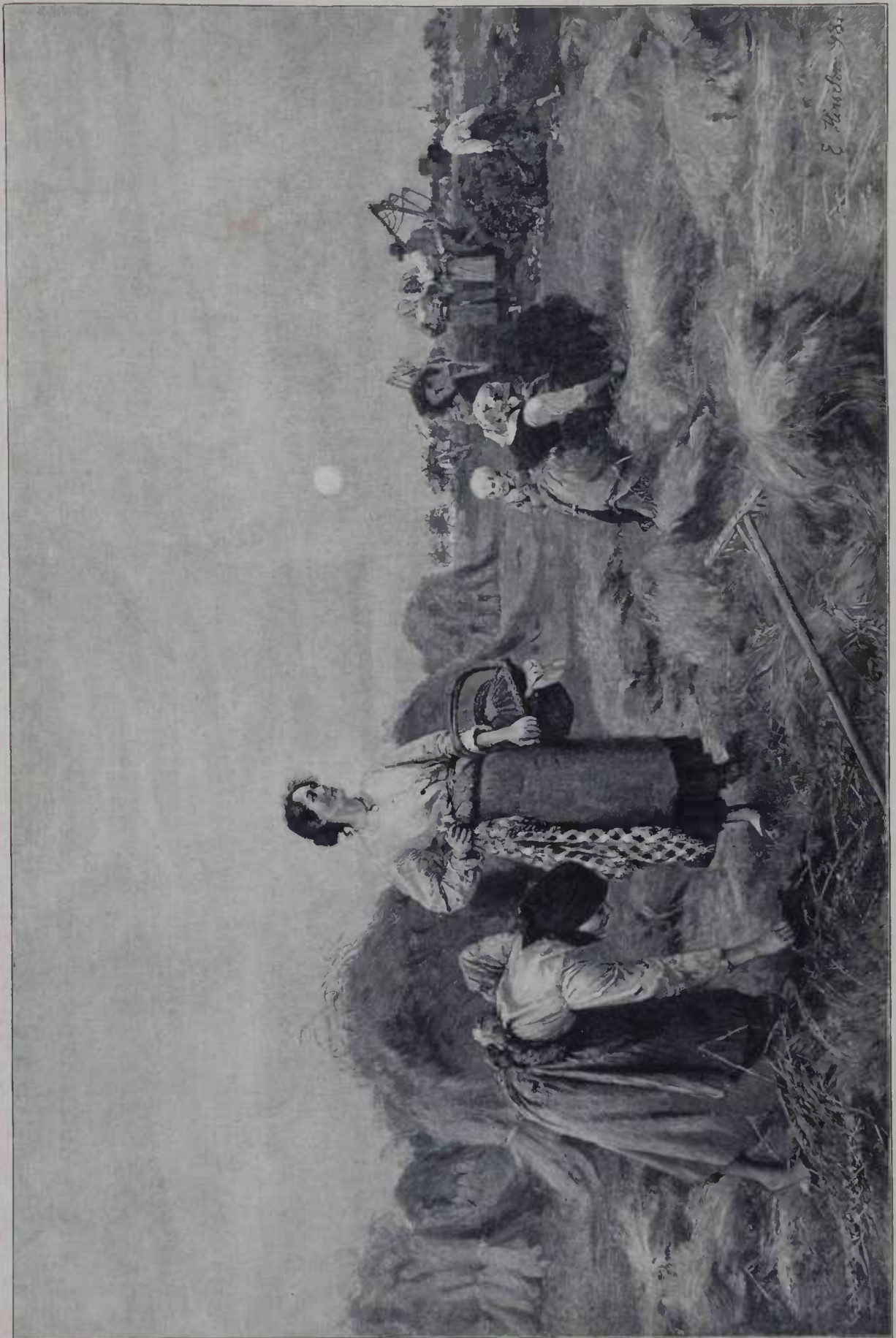
— Aquelle rapaz que não tinha um real de seu e que vive sempre como um picepe...

— Exactamente! — E como soubes que era elle?

— Ora! Pediu-me lo o dias libras emprestadas.



O Lago de gelo. (Valle dos escumbros)



Acabado o trabalho diurno. Cópia do painel de E. Henseler.

Palavras d'alma

I

Parti, parti, por um caminho,
Cheio de rosas e de luar,
E com o sol cantavam ninhos,
E eu segui, segui sosinho,
Sempre feliz sempre a cantar!

O céu azul provoca um beijo,
A terra assim convida a amar,
E eu segui, segui sosinho,
Pela vereda de luar!

Segui, segui ingenuamente,
E eu pensava em ser feliz,
O céu, o céu, immensamente,
Cobria a terra docemente,
Bordada com, lindo matiz!

Arabe errante — assós eu sigo,
Levando a Paz no coração,
Tudo me falla em poiso amigo,
E eu loucamente assim bendigo,
Mundo de lama e podridão!

Segui cantando estrada afóra,
Cantando assim pelo arrebol,
E me helava a linda aurora,
Foi quando mal as nuvens cora
Com o seu beijo o grande sol.

Segui, segui pelo caminho,
Sempre a cantar, sempre a cantar,
E com o sol cantavam ninhos,
E eu segui, segui sosinho,
Pela vereda de luar!

Foi assim, foi assim, segui sosinho,
Ao romper da manhã de calmo Agosto,
Só via a rosa e não previa o espinho,
E não havia para mim desgosto!

Sob o calido sol que se esplendia,
Louca de amor cantava a passarada,
Quando do céu vinha rompendo o dia,
Pelo arvoredor alli junto da estrada!

Sob o casto docel do céu dolente,
Nasciam lyrios e se abriam rosas,
Murmuravam os rios docemente,
Per essas noites languidas saudosas!

Sereno, bem sereno e refulgente,
Pela noite se abria tolo o espaço,
E do céu derramava se femente,
Doces reflexos de um luar tão baço!

E brancos lyrios, vermelhas rosas,
Atapetavam a minha estrada,
As noites lindas... e mais formosas,
As madrugada!

Seus doces beijos dava-me a aurora,
Canções me davam os passarinhos,
E p'la rama dos arvoredos,
Cantavam ninhos!

Alli por toda linda campina,
Ao triste luar se abriam flores,
E de hem longe, quasi á surdina,
Visham-me cantos, cantos de amores!

Arabe errante assós eu sigo,
Levando a paz no coração,
Tudo me falla em poiso amigo,
E loucamente assim bendigo,
Mundo de lama e podridão!

Segui um dia no caminho,
E fui sosinho e a cantar,
E com o sol cantavam ninhos,
E eu segui, segui sosinho
Pela vereda do luar!

E esta estrada assim querida,
Em que eu estava a caminhar,
Era a estrada desta Vida,
No mar da Morte já vai dar!

II

Nayr branca visão dos meus sonhos,
Que para mim é hoje só desgosto,
Tambem partiu n'uma manhã de Agosto,
Sob os beijos da linda madrugada,
Sob o sereno olhar de uma alvura,
Sob o clarão do luar que se extinguiu
Sob o beijo do sol que já nascia!

Trazia o rosto delicado e pallido,
E lá gentil o olhar,
Com certeza desceu do céu em uma
Linda noite de luar!

A sua voz era uma estranha musica,
E doce o seu cantar
Foi formada talvez a voz divina,
P'las serenas do mar!

Sua boca vermelha — duas petalas
Petalas sem rival,
E os seus dentes de uma alvura extrema,
Alvura líria!

Seu corpo era fransino, seu rosto pallido,
Suas formas sem par,
Com certeza este corpo foi formado,
Das espumas do mar!

Seu sorriso era cheio de innocencia

Ah! que doce sorrir!

E esse conjuncto, essa mulher divina,
Chama-se Nayr!

Foi c'o a bella Nayr que me encontrei um dia,
Sob o pallido olhar do sol que além morria,
E seguimos então pela estrada da vida,
Doce estrada do bem, estrada tão querida!

Como eu era feliz nestes tempos de outr'ora,
Que trazia commigo a imagem de Nayr,
E quando ella cantava os passaros calavam-se,
Seu sorriso, meu Deus... ah! que doce sorrir!

E loucamente amei esta mulher divina,
A divina mulher tambem me soube amar
Invejava-lhe a voz o meio passarinho,
Invejava-lhe a estrella a belleza do olhar!

Um dia Ella jurou que então eternamente,
Me havia de amar,
E a palavra cahio nest'alma docemente,
Feliz quem poude ter esse doce caminho,
Dessa palavra outr' assim tão ternamente
Dessa — que inveja a voz o meio passarinho!

Dava-me a aurora o seu carinho,
Dava-me o canto o passarinho,
Dava-me a flor o seu perfume,
Dava-me a estrella o doce lume
E eu tinha a Fé no coração.
Dava-me o campo lindas flores,
Cantava ingenuo os meus amores,
A Natureza á Natureza,
Amava a lua e a belleza,
Amava as noites de verão!

Depois Nayr deu-me carinho,
Emmudeceu se o passarinho,
Vendo-a cantar a noite assós,
Ah que dolencia, ah! que dolencia,
Ah! que perfume, ah! que innocencia,
Naquelle doce e extranha voz!

Não mais a flor deu-me perfume,
Não mais a estrella deu-me o luar,
De noite pela escuridão,
Para perfume a sua bocca,
Para aclarar a chamma louca,
Que ardia assim no coração!

Negou-me o campo as suas flores,
Bastava só os seus amores,
Dava-me a flor do coração!
E o seu Amor tudo resguarda,
E eu tinha a — Fé — anjo da guarda
Que me velava a escuridão!

Fomos viver á beira d'agua,
Lenge do mundo alem da maquia,
Gozando as noites de verão!
Eu de Nayr trazia a imagem...
— Como foi curta esta miragem —
Trago deserto o coração.

Perdi a Fé — anjo da guarda —
Que me velava a escuridão!

III

Na torre esguia que longe alveja,
L'a egrejinha meia noite deu,
Só o silencio pelo espaço adeja,
De manso o mar a triste praia beija,
Emquanto a lua vai parar no céu!

Indicifavel vai correndo o espaço,
Um poema immenso de agonia e dor,
E geme o mocho de uma cruz no braço,
Derrama a lua seu luar tão baço,
Que longo beijo de fatal amor!

Tudo repousa nestas mortas horas,
Entregue aos braços de gentil Morpheu,
Inda bem longe de surgir a aurora
Na torre esguia pelo espaço a fóra,
Tangeo o sino... meia noite deu!

Tudo repousa... solitaria vela,
Lendo tudo junto a si dormir,
E' um anjo sonhando e não donzella,
Com sua fronte macerada e bella,
Rival dos anjos a seismar Nayr!

Em que estará seismando essa Belleza?
A contemplar o enluarado céu,
Por essas horas de mortal tristeza,
Nessa bora em que repousa a Natureza,
Velada pela noite em triste véu!

Do esplendoroso céu talvez na tela,
Que procura denzella descobrir?
Talvez que busques a serena estrella,
Onde irá descansar mystica e bella,
Tua alma pura oh! divina Nayr!

Apparecer serena claridade
Começa enfim na linha do horizonte,
E a aurora que surge doce e calma
E ram se as nuvens no mais alto monte!

Desperta a Natureza do lethargo
E no horizonte já apparece o dia,
Tremem as guttas de celeste orvalho,
Pelas cordas da longa serania!

Entr: os canteiros de colorosas flores
Está mais bella flor,
E Nayr! é Nayr! pura e divina,
Rosa do meu Amor!

Qual o lyrio pendendo entristecido,
Na rocha junto do mar,
Pela sua face triste e macerada,
O pranto a desliza!

Contou-me então a triste nova,
Que precisava de partir
Ir para longe, ir para longe
E nunca mais podesse vir!

Seismara toda inteira noite,
Sempre a chorar, sempre a chorar,
Ir para longe, ir para longe
Por outra terra e outro mar.

Quando surgio a outra aurora,
Lá junto ao mar se despedio,
Ella partio e foi-se embora,
Meu coração tambem partio!

Ai que tristeza, ai que tristeza
Sumindo a náu no grande mar,
Ella chorando inda de longe,
O branco leuço a me ascenar!

Transpoz o mar e muitos mezes,
No tempo pois se decorreu —
Um dia então de calmo Agosto,
Triste Nayr appareceu.
Trazia a morte ahí consigo,
A morte fria a gargalhar,
Por isso vinha inda mais triste,
Constantemente a soluçar!

Foi n'uma noite de Dezembro,
Triste noite, noite estival,
Que Ella partio pro céu sorrindo,
Noite fatal! noite fatal!

Foi um sorriso a despedida,
Quando pro céu Ella seguiu,
E junto d'ella e junto d'ella
Meu coração tambem partio!

Ao terminar a noite immensa,
Foi quando então Nayr morria
Ao longe, ao longe no horizonte
Alvorecia!

IV

Fu sigo então por um caminho,
Que é só urze e só espinho,
Nos arvoredos não tem ninhos,
Treva somente e não luar
E eu sigo assim pelo caminho
Sempre infeliz sempre a chorar!

— Arabe errante — assim eu sigo,
Levando morto o coração,
Não tenho amor não tenho amigo,
Só uma estrella me resguarda,
Perdi a Fé — anjo da guarda —
Que me velava a escuridão!

ALFREDO E. P. ASSIS

Das « Flores Fanadas », « cinedito ».

ESPERANÇA

AOS QUE CHORAM

Lamentações de Job, patriarcha de Idumia

Havia em um paiz do Oriente um homem simples e de coração nobre que temia a Deus e fugia ao mal segundo, as Escrituras. Reduzido repentinamente a mais profunda miseria; privado de seus rebanhos pelos ladrões, de suas propriedades pela logo do céu, e de seus filhos pela morte, elle viu ao mesmo tempo o seu corpo se cobrir, desde as plantas dos pés a cabeça, de uma horrenda chaga. Sentado em cima de um monturo, elle retrava com um caco o pus que sahia das úlceras, e em presença de seus amigos, aos quites suas palavras não faziam senão lhe aggravar os sofrimentos exhalava as penas de sua alma.

« Desappareceram da memoria da humanidade o dia em que nasci e a noite em que se disse: Um homem foi concebido. Porque razão não morri no seio de minha mãe! porque razão não exalei o ultimo suspiro quando vim ao mundo? Pois era então necessario que eu bebesse de seu leite e ella me embalsasse em seus braços? Se não fosse isso eu descançaria agora no somno eterno.

E' ali que os impios não fazem mais multo e aonde encontram o repouso aquelles enjas lergas se acham esgotadas. E' ali que não soffrem mais os que outr'ora estavam acorrentados. E' ainda ali que os grandes e os pequenos são eguaes e os escravos libertos do jugo dos senhores.

«Porque rasão se deu a luz a um miseravel? Porque rasão foi concedida a vida aos que vivem na amargura? aos que esperam a morte daquelles que cavam a terra para encontrar um thesouro, e jubilam quando elles encontraram a morte? Porque foi ella dada a um homem que trilha uma estrada desconhecida que Deus envolveu em espessas trevas?

«Eu suspiro antes de comer; e os meus gritos se assemelham ao ruido que produz a queda duma cascata; porque aconteceu a desgraça que eu temia. Não terei eu sido sempre reservado e paciente? Não terei eu conservado o silencio? Não terei sempre estado tranquillo?

«E' entretanto a colera de Deus cahiu sobre mim... Prouvera a Deus que os peccados pelos quaes mereci a sua colera e os males de que soffro fossem postos na balança! Estes sobrepujariam os outros de um peso igual ao de toda a areia do mar; e é por isso que todas as minhas palavras são repassadas de dôr. Sinto que o Senhor me fez alvo d' suas flechas; a indignação que elle lança sobre mim exgota meu espirito; e os terrores que me atormentam combatem contra mim. Aquillo que minha alma recusava antes, é me agora oferecido como alimento.

«Prasa a Deus que meus votos sejam attendidos! Que aquelle que começou acabe de me reduzir ao pó; que elle deixe sua mão me cortar pela raíz! Que nesta dôr extrema que me acabrunha, me reste ao menos a consolação de não offender aquelle que é soberanamente bom! Porque, qual será a minha torça para poder subsistir a estes males? A minha resistencia não é a resistencia das pedras e a minha carne não é de bronze. Não tendo nada a que possa recorrer; meus proprios amigos me abandonaram, e até meus irmãos passaram perto de mim como a torrente atravessa os valles!

«A vida do homem sobre a terra é um combate, e seus dias são como os dias de um mercenario. Como um escravo suspira pela sombra em que deve descansar, ou um mercenario espera o resultado de sua empreza, assim eu vejo na minha vida mezes inspidos e noites laboriosas. Ao adormecer, pergunto: Quando me levantarei? e, quando de pé, espero a noite com impaciencia; e isto porque me sinto sempre abatido pela dôr. Minha carne se corrompe e minha pelle está secca e enrugada.

Meus dias foram mais depressa cortados do que o fio dum tecido pelo tecido, e elles passaram sem deixar esperança. Lembrai-vos, Senhor, de que minha vida é apenas um sopro e que jamais meus olhos verão os bens deste mundo.

«Quem me viu até hoje não me verá jamais; vosso olhar severo se deteve sobre mim, e diante de vós não poderei substituir. Digo comigo mesmo: O luto me consolará, e, me eptretendo com os meus pensamentos, poderei descansar, vós me atormentaeis com horriues pesadelos e horrendas visões. E' por isso que eu preferiria morrer de morte violenta, e desejaría que meus ossos fossem reduzidos a pó.

Perdi toda esperanza de viver mais algum tempo: poupare-me, Senhor, porque meus dias são apenas um nada: Aie quando vos recusareis me poupar e me dar tregua afim de que eu respire? Pequei, mas que devo eu fazer, oh protector dos homens? Porque não laeisei desaparecer a minha iniquidade? Eis a hora em que vou dormir: amanhão de apontar da auroa vireis me procurar e eu não existirei mais!

«Meus dias foram mais rapidos do que o vento; elles fugiram sem ver a felicidade; passaram como navios que restam apenas algumas horas em certas plagas, como a aguja se arremessa sobre a sua presa.

Quando diga comigo mesmo: Jamais abrirei a bocca para me queixar, sinto minha physionomia mudar immediatamente e a dôr me despedaça. Minha alma está cançada da vida; lazei me saber, ó meus Deus, porque assim me trataes. São vossas mãos, Senhor, que me fortinaram: foram ellas que ajustaram todas partes de meu corpo porque desejavaes me fazer desaparecer repentinamente.

«Porque rasão me fizestes sahir do seio de minha mãe? Porque rasão não morri neste momento para q' e ninguém me visse? Seria como se eu não tivesse nascido, porque apenas teria passado do seio de minha mãe para o tumulo. Os poucos dias que ainda me restam, serão elles longos?

Dae-me alguma tregua para que eu possa deixar de soffrer um pouco ante de partir, sem esperanza de voltar para essa terra tenebrosa envolvida no manto da morte; para essa terra de trevas e de miserias aonde tudo está em desorlem, num eterno horror?

«Os ladrões vivem na abundancia e se levantam contra Deus.

E' eu porque rasgarei minha carne com os dentes? Porque rasão a minha vida foi esta sempre como se eu a trouxesse entre minhas mãos? Ainda mesmo quando Deus me matasse, eu não deixaria de ter esperanza n' elle; e elle mesmo será meu Salvador, porque nenhum hypocrita ousaria apparecer diante dos seus olhos.

Chamae-me, Senhor, e eu vos responderei; ou então permiti que eu vos falle, e dignai-vos me responder. Quantas iniquidades não tenho eu commettido? Mostrai os meus crimes as minhas offensas!

Porque occultaeis vosso rosto e me suppondes vosso inimigo? Mostrae vosso poder contra a tolha que passa transportada nas azas do vento e persegua a palha secca. Sou consumido pelos peccados da minha mocidade, eu que, dentro em pouco, entrarei em plena decomposição e que serei como uma roupa roida pelo verme.

«O homem concebido pela malher, vive bem pouco tempo e sempre na miseria. Elle se forna como a flôr, e como ella é calcada aos pés! Elle fuge como a sombra e nunca está no mesmo estado. Uma arvore tem sempre esperanza: ainda mesmo que a cortem, ella não deixa de reverdecer e seus ramos brotam de novo. Quando sua raíz envelhece na terra, quando o tronco pouco a pouco já se vai transformando em poeira, esta começa logo a reverdecer quando uma gota d'agua vem humedecer a terra e se cobre de folhagem como quando fôra plantada. Mas quando o homem morreu uma vez e que seu corpo separado do espirito se consumiu, o que é leito d' este? Chamae-me, Senhor, e eu ainda vos responderei: estendereis a vossa mão direita á obra de vossas mãos.

«Que farei eu? O homem de mentira levanto-se contra mim para me contradizer.

Armou-se contra mim com todo seu furor: range ameaçadoramente os dentes; meu inimigo fixou-me com um olhar terrivel. Cobrindo-me d' opprobrios, se fartaram com minhas penas. Deus correntou-me ao poder de injuro, e entregou-me aos impios. E repentinamente sentime reduzido a pó, em que outr'ora era tão forte! O Senhor curvou-me ao seu dominio e me bateu.

Rodeiou-me os rins de lado a lado, e espalhou as minhas entranhas por toda parte. Tenho as faces entumecidas pelas lagrimas e sinto me quasi cego a força de chorar. Tenho soffrido tudo isto sem que minha mão fosse manchada pela iniquidade, quando offerecia a Deus as minhas precas puras.

Terra não occultes meu sangue, e que meus gritos não sejam suffocados no teu seio! Meus amigos divagam, minhas lagrimas se dirigem a Deus, porque a testemunha de minha innocencia está no ceo; e aquelle que conhece o fundo do meu coração reside n' estes subimes lugares.

«Todas as minhas forças estão esgotadas, meus dias abreviados e me resta apenas o tumulo. Livrar-me, Senhor, ponde-me a vosso lado; feito isto, que qualquer mão se levante contra mim. Meus dias passaram, meus pensamentos se acham desordenados e apenas servem para rasgar meu coração. Digo a decomposição: Create-me, e aos vermes: sou vosso irmão.

«O Senhor despejou-me de minha gloria, arancou minha corôa. Elle matou as minhas esperanças como se mata a arvore quando esta é arrancada da terra que a alimenta.

Elle fez com que meus irmãos fugissem de mim. Meus criados e minhas criadas me consideram desconhecido. Chamei eu criado, roguei-lhe, e elle não me respondeu. Minha mulher me repudiou, e eu passava o tempo a resar por meus filhos que abênduram a casa paterna. Os proprios insensatos me desprezavam, e apenas voltava-lhes as costas já elles estavam em maldisendo. Emmagreci a olhos vistos, tenho a pelle em cima dos ossos. Tende piedade de mim, vós ao menos que fostes n' eis amigos; tende piedade de mim, porque a mão do Senhor me castigou.

Almas afflictas, não preciso vos dizer o nome d' aquelle que assim exprimita, porque, sem d'vida, já reconhecete as palavras do santo homem Job, patriarcha da Idumia; e se me perguntardes quem era Job, eu vos responderei. Job era a commovente figura do nosso meigo Salvador que devia salvar a mundo, pelo soffrimento; Job era a imagem viva do justo lutando contra uma grande adversidade; Job era um só homem a dolorosa encarnação do genero humano que soffre, que chora e que geme.

Epithalamio

AO MEU AMIGO

Feliz, feliz mil vezes te contemplo
Na plenitude desse ceo infinito,
Em que a esperanza para ti sorriudo,
Mostra do amor o luminoso templo.

E's noivo! A tua alma adêja agora
Na esphera azul de um ceo sereno e puro,
Bemta seja a luz da tua auroa,
Esse novo arrebolo do teu futuro!

Mil vezes prefereis essa ventura
Ao meu sonho de gloria que consume
E acaba me apontando a sepultura

Mil vezes prefereis tranf' rano
O desejo de ter algum renome
Nes a gloria de amar e ser amado.

Rio de Janeiro, 15 de Junho de 1911

Oscar Arruda

(Das *Lebellinas*.)



NOVIDADES MUSICAES

F. Bevilacqua & C.

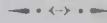
- «Canção d'Aprile», melodia lyrica, letra de P. de Biasi e musica de L. Provesti;
- «Sensível», ethiopic de Aurelio Cavalcanti;
- «Arpice Indiene», musica de A. Dalmeriat.

Manoel Antonio Guimarães:

- «Onze de Junho, celebre dobrado de P. do Sacramento»;
- «E' só minha», schottisch de João Reis.

Arthur Napoleão & C.:

- «Sauladas de Marietta», valsa de J. G. Christo;
- «Jupyrá», valsa de Leocadio A. Vieira Filho;
- «Begeira», valsa de João Reis;
- «Petalas de Rosas», schottisch de Américo Costa;
- «Judith», schottisch de J. M. Azevedo Lemos.



Correspondencia

Muita attenção — Aos assignados de publicações estrangeiras (to somente, tomos o prazer de avisar que soffrerão grande abatimento por causa das melhoras do cambio, as assignaturas de Jornaes, Revistas, Gazetas e Illustrações, etc., etc.

Podese toda a clareza no nome das pessoas que se dirigirem á nossa casa por correspondencia, assim como indicar por extenso o lugar de residencia e nome do Estado.

Os pedidos de informações devem vir sempre acompanhados de um sello de 200 réis para a devida resposta.

A. Lavignasse Filho & C.

MOLDES

Para o presente numero offerecemos:

N. 10 — Saia.....	1\$000
N. 15 — Saia.....	1\$200
N. 14 — Saia.....	1\$600

Pote correto mais 300 réis para o primeiro molde e 200 réis para cada um dos que se seguírem.

ENCUAVES PARA RECEM-NASCIDOS

Mediante a insignificantissima quantia de 3000. ou 4000 pelo correlo, podemos fornecer em envelope apropriado, moldes completos para encuaves de recém-nascidos emstano de primeira prazs.

Os pedidos bem como as informações são recebidos no escriptorio desta folha — Rua dos Dourados, 7 — Rio de Janeiro.

Tônico Vegetal Restaurador dos Cabellos

Depois de ter usado de todos os tónicos para a cabeça é que será applicado este. Ao mesmo encontrou-se esta receita, e descoberta do infmo Carajo no anno de 1775. A venda nas casas de perfumiers e pharmacias do Brasil, depositario: ALEXANDRE CARLOS MADEIRA — Vidro 400cc. — Rio de Janeiro.

Licor de Leite

(NOVIDADE)

Neslum mais delizioso e delizioso, nem mais agradável ao paladão do que este, producto de José Augusto de Arruda.

Encontra-se nas boas conf.arias e casas de melhados do Brasil, depositario: ALEXANDRE CARLOS MADEIRA — Garrafa 800cc. — Rio de Janeiro.

SUPPLICA

Já viste a Borlha que aos leijos da lua
Remoça de côr?
Assim a minh'alma de lato vestida,
Ao ver es teus olhos de gozo, querida,
Revive d'amor.

Eu sinto a existencia tremer enlaçada
Num riso dos teus:
Si tu me dexasses, ... de certo morria,
Meu lirio dos valles, meu astro do dia,
Meu anjo dos céus!

Nas tuas madeixas existe o perfume
Das castas boninas,
E, quando esses labios se entreabrem de leve,
Eu vejo os teus dentes mais brancos que a neve,
Quaes perolas finas...

E então a minh'alma vacilla encantada
Num riso dos teus:
Si tu me deixasses, ... de certo morria,
Meu lirio dos valles, meu astro do dia,
Meu anjo dos céus!

Tu es tão formosa! ... De boa, de santa,
De meiga que és,
Eu dava o meu sangue para um só instante
Viver ao teu lado, depois, delirante,
Morrer aos teus pés...

Oh! não, não me deixes que eu sinto-me preso
Num riso dos teus:
Si tu me deixasses, ... de certo morria,
Meu lirio dos valles, meu astro do dia,
Meu anjo dos céus!...

EUCA DE ALMEIDA.

DUVIDA

Quem será a mulher, que novamente
Trouxe te a creença e o amor que tu fugias?
Em prazer transformando a dor latente
Que voraz a tu'alma conflagra?!

Qual será a visão que feliz
Tornou em risos teu saudoso pranto,
Fazendo com que a lyra alegremente
Bem como out'ora, modulasse um canto?!

Custa me tanto a crer que seja ella!
Que alta noite sosinha meditando
Sinto no peito uma voraz precella!

Abro a janella e a lua interrogando,
Vejo o silencio na dourada umbella,
E ua minh'alma a duvida lavrando

Das Vozes d'Alma.

AMELIA ALVES.

Os dois primos

No antono de 1860, D. Bosco estava em BECCHI.
Um dia lhe apresentaram uma criança de dez annos,
pertencente a sua aldeia.
D. Bosco affagou-a, e fazendo-lhe com o dedo
polegar uma cruz na testa, disse:
— Continua a ser judicioso: um dia serás sacer-
dote e praticarás muitos beneficios.
O menino sem ligar importancia alguma a taes
palavras, parece que as esqueceu. A idea de aspirar
as sagradas ordens não lhe tinha, sequer, uma só
vez passado pela mente, quando alguns annos de-
pois entrou no Oratorio.
(Chegando alli, recordou-se de que D. Bosco lhe
havia dito. Agora, apresentando-se-lhe, vinha em
companhia de um seu primo irmão, que entrava tam-
bem no mesmo dia para o Oratorio. Depois de com-
primentar, perguntou elle a D. Bosco.
— E meu primo será sacerdote?...
Ar... cura de C... parochia do Piemont cujo
nome é muito conhecido por causa do secretario de
Estado que (tambem o teve) é um sacerdote muito
estimado pelos seus freguezes.
— Quanto ao primo, deixando a batina, dedicou-se
ao ensino catholico.

NINON DE LENCLOS

essencia da duração que jamais ousou macular. He a epi-
derme. Já aos 80 annos conservava-se joven e
bella, alindando sempre os peludos da sua cuticula de lapi-
tismo que rasgava curdo Tempo, cuja foie embotava-se
sobre sua encantadora physiognomia, sem que ninna
deixasse o menor trizo. «Muito verdadeiramente» vin-se obri-
gato a dizer o velho rubicundo, como a raposa de Lafon-
taine dizia das uvas. Este segredo, que celebre e equivo-
ca facinorosa confitaria a quem quer que fosse das pessoas
daquelle época, descobriu-o o Dr. Leonie entre as folhas
de um volume de *L'Histoire amoureuse des gaules*, de
Bussy-Rabutin, que fez parte da biblioteca de Voltaire e
é actualmente propriedade exclusiva da **PARFUMERIE
NINON, MAXIMS LACOSTE, Rue du 4-Septembre, 35, Paris.**
Esta essencia tem no 3.º dia o efeito das nossas elegantes, sob
o nome de **VERITABLE EAU DE NINON**, assim como
as receitas que d'ella provem, por exemplo, o

DUVET DE NINON

pó de arroz especial e refrigerante;
Le Savon Crème de Ninon

especial para o rosto que limpa perfeitamente a ep-
derme mais delicada sem altera-la.

LAIT DE NINON

que dá alvura deslumbrante ao pescoço e aos hombros
Entre os productos conhecidos e apreciados da **PARFU-
MERIE NINON** contam-se:

LA POUDE CAPILLUS

que faz voltar os cabellos brancos á cor natural
existe em 12 cores;

SEVE SOURCILIERE

que augmenta, engrossa e brime as pestanas e os super-
cilios, ao mesmo tempo que dá vivacidade ao olhar

LA PATE ET LA POUDE MANDERMALÉ DE NINON

para finura, alvura brilhante das mãos, etc., etc.

Cavem exigir e verificar o nome da casa e o endereço sob
o rotulo para evitar as imitações e falsificações

**PARFUMERIE EXOTIQUE
E. SENET**

35, Rue du 4-Septembre, 35, PARIS

MÃO DE PAPA do duque, de príncipe, por meio da

Pâte des Prêlats, que embranquece, alisa,
assatina a cor feia, impoda e destrói as freiras
e as rubras.

UM NARIZ PICADO de pequenas
burbulhas ou
combrões torna a resperpar a branura primitiva
e sua côrre lisa por meio do **Anti-Rolhos**,
producto sem igual e muito contrafeita.

CUIDADO COM AS CONTRAFACÇÕES
Para ser bella, encantar todos, o
deve-se servir da **Fleur de Pêche** pó de
arroz feito com fructas exoticas.

POUCOS CABELLOS

Fazem-na crescer e cerra-las empregando-se
L'Extrait Capillaire des Benedictins
do **Mont-Majella**, que tambem impede
que caíam e que fiquem brancas.

E. SENET, Administrador, 35, Rue du 4-Septembre, Paris

NÃO ARRANQUEM MAIS

as lentas castagellas, unido ao bran pó de
com **L'Extrait dentifrice de Benedictins**
do **Mont-Majella**.

E. SENET, Administrador, 35, Rue du 4-Septembre, Paris.



apenas
acorda,
chora
pedindo
o Seu
Racahout!

Racahout dos Arabes Delangrenier
o melhor alimento para as crianças

Perfumaria extrafina

L.T. PIVER

PARIS

Corylopsis do Japão

Evitar as Imitações e Falsificações

Le Trêfle Incarnat
Perfume de Moda

Rosiris

Senteur des Prairies

Violettes de Parme

Dentifricios Mao-Tcha
PÓ, PASTA E ELIXIR

CALLIFLORE

FLOR DE BELLEZA

Pós adherentes e invisiveis

Graças ao novo modo porque se empregam
estes pós comminam ao rosto uma mara-
vilhosa e delicada belleza e deixam um
perfume de exquisita suavidade. Alem dos
brancos, de notavel pureza, ha outros de
quatro matizes diferentes, Rachel e Rosa,
desde o mais pallido até ao mais colorido.
Podrá pois, cada pessoa escolher a côr que
mais lhe convenha ao rosto.

PATE AGNEL

Amygdalina e Glycerina

Este excellento Cosmético branquea e
amacia a pele, preserva-a do Cierro. Irrita-
ções e Comichões tornando-a avelludada,
pelo que respecta as mãos, dá saúde e
transparencia ás unhas.

AGNEL, Fabricante de Perfumes,
16, Avenue de l'Opéra, Paris.

HOUBIGANT

PERFUMISTA

da RAINHA D'INGLATERRA e da CORTE da RUSSIA

PARIS

AGUA HOUBIGANT

SEM RIVAL PARA O TOUCAADOR

AGUA de TOUCAADOR Royal Houbigant.
AGUA de COLONIA Imperiale Russe.

EXTRACTOS PARA LENÇOS: Violette Idéale,
Royal Houbigant, Eau d'Espagne, Moskari, Iris Blanc,
Le Parfum Impérial, Muska, Muguet, Gaillet Reine,
Impérial Russe, Lilas Blanc, Heliotrope Blanc, Fougère
Royale, Gloriana, Jasmin d'Espagne, Cuir de Russie,
Giroflée, Corydalis, Bonton d'Or, Sunrise, Rococo.

SABONETES: Ophelia, Eau d'Espagne, Violette Idéale,
Fougère Royale, Lait de Thibidee, Royal Houbigant.

PÓS OPHELIA, Talisman de Babilonia

PÓS PEAU D'ESPAGNE.

LOÇÃO VEGETAL, para os Cabellos.

PÓS ROYAL HOUBIGANT.

PERFUMARIA ESPECIAL MOSKARI

Congregação do bom Pastor

A Congregação de Nossa Senhora da Caridade do Bom Pastor, de Angers, fundada pela Serva de Deus, Maria de Santa Euphrasia Pelletier, foi estabelecida em Generato por Decreto Apostolico de Gregorio XVI, em data de 10 de Janeiro de 1835.

Seu fim principal é consagrar-se e trabalhar pela salvação das almas extraviadas. As Religiosas do Bom Pastor, além dos tres votos de Pobreza, Castidade e Obediencia, fazem um quarto voto, que consiste em occupar-se na conversão das mulheres que abraçaram uma vida licenciosa, porém tocadas por Deus, quem afastar-se do mal e apertar-se nos meios de servir a Deus e salvar-se.

Seus mosteiros são como hospitaes em que se recebem almas enterinas e trabalha-se por sua cura, até restitu-las á sociedade completamente regeneradas.

Para obter este resultado, as Religiosas, empre-

Para aquellas que, tendo gostado das doçuras da piedade e das delicias de chorarem os seus peccados aos pés de Nosso Senhor, respirarem pela felicidade de serem religiosas, a Serva de Deus, Maria de Santa Euphrasia Pelletier, fundou a secção de Irmãs Magdalenas, no recinto da clausura dos mosteiros do Bom Pastor, para receber alli as imitadoras da illustre penitente do Evangelho. As Irmãs Magdalenas fazem os tres votos de Religião, recitam em côro o officio parvo da Santissima Virgem, trabalham em obras manuaes, trazem um habito na côr e forma parecida com o das carmelitas, praticam regra de austeridade e penitencia. São governadas pelas religiosas do Bom Pastor.

Segundo as explicitas Constituições Apostolicas, a Congregação se occupa tambem da direcção das casas de detenção de mulheres e estabelecimentos para receber as jovens menores de idade que os paes ou a auctoridade competente e legitima collocarem nelles.

Pelos mesmos meios já mencionados, se obtem, entre estas, prodigios de graça: ainda os caracteres mais

A Congregação conta actualmente cento e vinte e sete casas e cinco mil religiosas estabelecidas nas cinco partes do mundo: a caridade do Bom Pastor abraça toda nação e toda raça, atravessa Oceanos e vai em busca das ovelhas extraviadas, onde quer que estejam.

A ovelha necessitada lhe é igualmente cara: seja baixo da branca tez da europeia, como sob a negrura da africana; bom numero de infelizes negros da Africa e de indigenas da Asia, lhe devem seu resgate.

Seu fim, como já se expoz, é servir de amparo a mulher, recebendo-a e acolhendo-a em todas as épocas e condições da vida: em seus primeiros annos para instrui-la, depois para preservá-la dos perigos que ameaçam a juventude; mais tarde, offerecendo um lugar de refugio, de consolo e de esperança áquella, cuja innocencia naufragou no mar das tempestades do mundo e, enfim, quando regressadas pelo arrependimento e pela graça, lhes offerece um lugar ao pé da Cruz, como á Magdalena.

Existem actualmente nas mencionadas casas



Viata do Montmartro sobre Paris. Copia do painel do Max Schlichting.

gam, além da oração e exercicios piedosos, a solida instrução religiosa e a dos ramos elementares a vigilancia constante dia e noite, e todos os meios de doçura e mansidão que inspira a ardentissima caridade dos Sagrados Corações de Jesus e de Maria para com as almas creadas á imagem e similhaça de Deus, resgatadas com o sangue precioso de Jesus-Christo.

A maior parte do dia occupam-se em ensinar-lhes trabalhos manuaes, prendas domesticas, lavagem, engomados e tudo o que constitue a completa formação da mulher honrada e laboriosa, de maneira que, ao sahir do estabelecimento, possam ser uteis, dando bom exemplo ás pessoas com quem têm de tratar e sejam capazes de formar familias moraes e trabalhadoras.

Assim instruidas e solidamente formadas no temor de Deus, serão entregues a seus paes ou ás pessoas que as tiverem collocado, ou serão estabelecidas em alguma condição conveniente.

Si algumas não quizerem sahir e desejarem permanecer na casa poderão fazel-o e ate alli, acabar sua vida.

rebeldes se dobram e acabam por amar a virtude e o trabalho.

Por um segundo Decreto Apostolico do S.berano Pontifice Gregorio XVI, de data de 3 de Abril de 1835 o mesmo Instituto de Nossa Senhora da Caridade do Bom Pastor, de Angers, recolhe meninas pobres, orphãs e meninas desvalidas, para instrui-las nos santos preceitos da Religião Catholica, preservá-las dos perigos do mundo e formá-las na virtude, dispondo-as a viver duma maneira piedosa e christã no estado religioso ou secular.

Nas cidades onde não haja collegios para meninas, dirigidos por Irmãs, os abrem igualmente as Religiosas do Bom Pastor, para combater a educação athea e anti-religiosa, desgraçadamente tão commum em nossos tempos.

Todas estas differentes secções devem estar, segundo as prescripções do Instituto, inteiramente separadas, tendo, á parte, cada uma, dormitorios, enfermarias, salas de trabalho, refeitorios, pátios e hortas.

Ainda na igreja deverão ter seus côros respectivos, para que não tenham communicação entre si,

Congregação de Nossa Senhora da Caridade do Bom Pastor, de Angers, 1.500 Irmãs Magdalenas; 1.000 arrependidas; 1.000 prisioneiras e detidas; 1.000 meninas entre as differentes seções e escolas.

As heroicis virtudes, as graças obtidas pela intercessão da Veneranda Fundadora da Congregação de Nossa Senhora do Bom Pastor de Angers, a Mãe Maria de Santa Euphrasia Pelletier, inspiram tanto Religião de sua Congregação, como a alguns outros prelados, a piedosos ecclesiasticos, a Communitades de diversas Ordens e a um crescente numero de pessoas de disincta piedade, o desejo que se tivesse a causa da Beatificação da dita Serva de Deus.

Algumas curas milagrosas foram constatadas á auctoridade ecclesiastica.

Com a benção do agusto Pontifice Leão XIII se principiou o processo informativo, em Angers, sob a auctoridade do Illm. Sr. Bispo Freppel, depois de ter sido inscripta a Causa na Sacra Congregação em Novembro de 1886.

Felizmente, terminado o processo, foi levado a Roma, entregue á Sagrada Congregação em Novembro de 1890.

Eminentes prelados das cinco partes do mundo, e eminentes personagens, testemunhas do bem que se faz nas Casas do Bom Pastor, elevam suas supplicas e suas instancias ao throno pontificio para que se dispensem os Decretos geraes e seja quanto antes introduzida a causa desta esclarecida virgem e apostolica serva de Deus, com a esperanza de que a Santa Igreja a collocará brevemente no catalogo dos Santos.

— X — X — X —

OLHOS VERDES

(A PRIMA ORMANDA G.)

São uns olhos verdes, verdes,
Uns olhos de verde-tort.

G. LUAS.

Das teus olhos o mixto rutilante
das verdes côres das marés serenas,
desejo agora, sem pensar instante,
aos negros olhos das gentis morenas.

Semelham bello prado vicejante
ao fresco clima de estações amenas;
são esmeraldas de um luzir brilhante,
são verdes azas de ideaes phalenas!

D'elles, parece, a lucidez eterna
que a minha vista de fitar não cança,
de intensa luz—celestial lanterna!

E assim tão lindos, não os tem a terra;
— verdes emblemas da querida esperança,
n'um meigo rosto que—virtude—encerra!

1901.

L. T. MATTOS CARDOSO.

— ♦ — ♦ — ♦ —

ET NUNC ET SEMPER...

I

Uma vez, quando tão fortemente te queria,
confeei a uma mulher bella e a um amigo o segredo de
meu coração...

— «Oh! não a creias, disse-me a mulher, tudo
nella e fallaz...»

E o amigo repetiu:

— «Foge; ella tem nos olhos philtros que envenenam e na voz aromas que embriagam. Seduz e assassina, Foge!»

E sempre que ia, cheio do mais santo jubilo, contar-lhe o meu intenso amor, elles te maldiziam sempre...

Deixei-me vencer! Não mais meus passos dirigi em tua procura, E tão bella me appareste um dia que o coração saltou-me como se o tivessem querido prender.

Cheguei quasi a odiar-te...

Mas como te amei e como te amo!

Agora a mulher bella não mais fallará de ti e o amigo assistirá silente ao novo canto deste poema dulcissimo...

Não lhes direi os mysterios que me povoam a alma...

E este canto abri o com uma flor, pura e bella como a tua alma e como o teu espirito. So lhe falta o perfume que resuma dos teus labios...

Guarda essa flor, irmã das flores!

Guarda! N'aquellas petalas encerra-se um coração. Ampara-o tu que es boa, ampara o com o teu olhar, ampara-o com o teu carinho...

LUIZ CUNHA.

— O — X — X — O —

A Alberto Telles

Sô! — Ao ermita sósino na montanha

Visita o Deus e dá-lhe confiança;

No mar, o nauta, que o tufão balança,

Espera um sopro amigo que o céu tenha...

Sô! — Mas quem se assentou em riba extranha,

Longe, dos seus, lá tem inda a lembrança;

E Deus deixa-lhe ao menos a esperança

Ao que á noite soluça em erma penha...

Sô! — Não o é quem na dor, quem nos canções,

Tem um laço que o prenda a este fadario,

Uma creança, um desejo... e inda um cuidado...

Mas cruzar, com desdem, inertes braços,

Mas passar entre turbas, solitario,

Isto é ser só, é ser abandonado!

ANTHEMO DE QUINTAL.

D. ALDA

(LITTERARIO)

Ilhe D. Alda madrugou. A's costas
Solta a opulenta cabellera d'ouro,
Nos labios um sorriso de alegria.
Vae passear ao jardim; as flores, postas
Em longa fila, alegremente, em coro,
Saúdam-na: «Bom dia!»

D. Alda segue... Segue-a um andorinha:
Com seus raios de luz o sol a banha;
E D. Alda caminha...

Uma perçao de folhas a acompanha...
Caminha... Como um fulgido brilhante,
O seu olhar fulgura.

Mas—que cruel!—ao dar um passo adeante,
Enquanto a barra do roupão sofreda,
Pisa um grão gentil de lactea alvura!

E este, sob os seus pés, inda murmura:
«Obrigado, D. Alda!»

FRANCA JULIA DA SILVA.

Mosaico

Para conservar bem os cabelos das crianças—
das meninas—garantindo se, ao mesmo tempo a
saude do couro cabelludo, é mister obedecer aos seguintes preceitos: não os cortar, apenas aparar as pontas, de tempos em tempos; não os torcer nem os apertar, usar pelo contrario de penteados frouxos; conservar a cabeça limpa, lava-la frequentemente, mas não usar de pente fino, que irrita a pelle e provoca a formação de caspas; não os frisar, e menos ainda usar de ferro quente.

Processo simples e eficaz para dar aos livros velhos e usados o aspecto de novos—trata-se de livros cartonados ou encadernados: limpa-se bem todo o volume, passa-se sobre a capa e sobre o dorso uma esponja humida em espirito de vinho; em seguida applica-se, por meio de um panno o seguinte verniz: clara de ovo 100 grammas, alcool 600—50 grammas. O livro adquire o aspecto de novo.



Oração do manhã. Copia do painel de S. G. Rotta.

SURPREZA

COMEDIA EM 1 ACTO ORIGINAL DE

Eduardo M. Peixoto

PERSONAGENS

Duarte, negociante	40 annos
Mariquinhas	8 "
Cecilia	20 "
Dr. Clovis	30 "
Um empregado	28 "

Ação - Rio de Janeiro. Epoca - Actualidade

1901

ACTO UNICO

Salão de recepção. Portas ao fundo e á direita, janelas á esquerda. Mobilia de luxo, quadros, etc.

SCENA I

Duarte, só

DUARTE (*Dando os ultimos arranjos em um aparelho phonographico, que se acha sobre a mesa do centro*). Mariaquinha! Funciona perfeitamente... Ora bem!... Ah! que, enfim, vou causar a melhor das surpresas a Mariquinhas... Grandioso invento, descoberta genuína, que reproduz a voz humana de um periodo para o outro da nossa existencia. Mande, por um habil artista, que fosse apanhada a leitura de uma carta de Mariquinhas dirigida a mim, quando era o seu noivo. Ainda me lembro: «Amote, meu Duarte, meu só. Escrevo-te sob a impressã da tua bella voz de barytono! Cá estão reproduzidas as phrases iniciadoras de um casamento que lae ha 22 annos!

SCENA II

Duarte e Cecilia

CECILIA (*ao fae*).—Escusado é esconder. Já soube porque guardas tanto mysterio.
DUARTE.—Chio! Calada! *tapando-lhe a bocca*. Taes uma tagarella como a tua mãe. Assim não se dá uma surpresa!

CECILIA.—Mas, papai, em que consiste esta surpresa? Um phonographo não é surpresa para manião que o vê todos os dias.

DUARTE.—Queres que te diga em que consiste?... Era só o que faltava!... Las logo bater a lingua nos dentes á tua mãe. O... Cecilia... sabes?... vae esperar o teu marido, que não ha de tardar.
CECILIA.—Não faltava mais nada, eu esperar Clovis!

DUARTE (*admirado*).—Não faltava mais nada! E, porque não?... Não é o teu marido do coração?
CECILIA.—Foi não é mais.

DUARTE.—Lá vem! (*á parte*). Temos arrufo! (*alto*). O marido é sempre do coração, principalmente quando esse marido é cumpridor fiel dos deveres os mais sagrados.

CECILIA.—Mas, o Clovis, não o é.
DUARTE.—Temos outra! Ora ahí está em que dão os biquinhos... (*mutuando de tom*) O Cecilia, sabes que mais?... Vae contar tudo o que quizeres a tua mãe. Eu não escuto nada, estou surdo. *(tapa os ouvidos com as mãos)*.

CECILIA.—E' porque, papae, não repara. Vê, já 5 horas e Clovis ainda não chegou.

DUARTE (*destapando os ouvidos*). Ah! então, o teu marido tem horas marcadas de entrar em casa?
CECILIA.—Tem, sim, senhor. Sae do escriptorio ás 3 horas, ás 12 deve estar em casa.

DUARTE.—Bonito!... E o teu marido não ha de fazer... a barba?
CECILIA.—Eu sei quando elle tem de fazer a barba.

DUARTE.—Tambem sabes quando elle tem de encontrar um amigo, quando tem de entrar em uma cafeteria, em um botéjium, na camara dos deputados, em uma sessão de jury...
CECILIA.—Si Clovis tinha de se occupar tanto com os negócios não se casasse.

DUARTE.—Então, o homem quando se casa é só para o emprego e depois... de carreira para casa?
CECILIA.—Parece-me!

DUARTE.—E como fica um homem bestificado! Perde as suas boas relações, os seus altos conhecimentos polticos, a sua *rodinha litteraria*, perde tudo, porque tem de correr para a casa, para o lado da mulher, isto é abominavel! Isto não se admittê!... Clovis faz muito bem. Tem os seus amigos, não os deve perder. Tem onde ir a negocio, não deve faltar. Ora, ahí está!

CECILIA.—Mas papai não fez assim, quando casou com a manião.

DUARTE.—Mas, venha cá, eu não fiz assim, mas tambem não me deixei impôr á vontade de tua mãe.

O teu marido é um moço diplomado, tem as suas relações, tem necessidade de se cultivar, não pode ficar na certa de entrar a em casa! Não ha meus irmãos a familia, mas, ant's de tudo tem a sociedade, a vida, a luta que iniciamos para o bem estar dos nossos filhos?

CECILIA.—Pois não vou esperar-o. Clovis não me verá até á noite hoje!

Duarte (*olhando a...*).—I-hi! eh! eh!... Está brava... Vae... vae ter com a tua mãe, vae ter com teu marido e depois... vem ter com teu pae.
CECILIA.—Eu fico aqui. Quero só ver em que sem referencia Clovis me apparece.
DUARTE (*olhando a...*).— Isto nunca! Não quero ser testemunha de creancices! Mesmo porque eu estarei do lado do teu marido.
E, até logo, vae a *sur e esbarra com Clovis*! Oh! nem a preposito! Atura a tua mulher, que está com a bicha... o ciuame!... (*sae D.*)

SCENA III

Cecilia e Clovis

CECILIA (*vindo*).—Cala-te! Foi um pretexto que tive para saber o que o papá estava fazendo... para saber a surpresa que pretende fazer á mamã...

CLOVIS.—Fazes mal! Para que collocar o bom velho nesta supposição mentrosa?
CECILIA.—De certo! Quero saber o objecto que o papá diz ter para surprender a mamã. Desde pela manhã que anda preparando o aparelho. Sabia duas vezes... Duas vezes foi á cidade... Não foi ao escriptorio... Cada vez fico mais impaciente!

CLOVIS.—Mas, o que disseste a teu pae? Disse-me que tu estavas com a bicha.
CECILIA.—Fingi estar amuada contigo, por não teres ainda chegado.

CLOVIS.—Isto não é bonito, Cecilia!
CECILIA.—Cala-te. Ajuda-me a procurar, vem. *(vae ao aparelho)*.

CLOVIS (*vendo o*).—Não vejo nada de mais neste aparelho. Possue o que os outros possuem.
CECILIA.—Ha de haver qualquer modificação. Uma surpresa diz o papá. Ha de descobrir. Estou como nunca curiosa!

CLOVIS.—Deixa-te disso, Cecilia. Que curiosidade tambem a tua! E eu a me prestar...
CECILIA (*na ponta dos pés, cautelosa e dissençada que appareça o pai*).— Espera... consegue... *(o aparelho começa a funcionar)*.

CLOVIS.—Si teu pai ouve!
CECILIA.—Fecha a porta, fecha aquella *(corre a fechar)* Clovis fecha a do corredor. *(Clovis vai fechar)*.

Alí, Clovis... *(aponta a janella aberta)*. Depressa, senão papae... *(corre a fechar a ultima porta)*.
CLOVIS.—Esta bonito!... Muito bonito! Como ficava em se teu pai apparecesse agora?!

DUARTE (*de dentro*). Abre isto! abre!
CLOVIS.—Bonito!
CECILIA.—E' papae! E agora?...
CLOVIS.—Agita arranja-te lá com elle!

CECILIA.—Ajuda-me a fazer parar esta machina.
CLOVIS (*vindo*).—Vae pagar a tua curialidade.
CECILIA.—Mas, mexe-te Clovis, anda depressa, corre!

CLOVIS (*sentando se*).—Não. Agora fico quieto. Quero ver o que vae fazer e dizer a teu pae.
CECILIA (*atrapalhada, segura o phonographo e deixa-o cair ao chão, quebrando o*).— Ah! Santa Barbara!... Quebrei o aparelho, como ha de ser?

CLOVIS.—O que fizeste? Lá se foi a surpresa do meu s'ro pelos ares.
DUARTE (*de dentro*).— Abre isto!... Estou com pressa!...

CLOVIS.—En é que vou tratando de fugir
CECILIA.—Não, senhor, fugir. Tu has de assumir a responsabilidade do desastre.
CLOVIS.—Eu?
CECILIA.—Sim, tu! Vou dizer a papá que fostes tu...

CLOVIS.—Não senhora, isto é que não! Foste curiosa, paga a tua curiosidade ouvindo um sermão de teu pae.
CECILIA.—Então, diz-me, o que hei de fazer?
DUARTE (*de dentro*).— Vocês não abrem?

CLOVIS.—O remedio que ha, minha amiga, é confessar o delicto.
CECILIA.—Eu não confesso nada. Direi que... hei de arranjar uma desculpa! *(vae abrir a porta)*.

SCENA IV

Os mesmos e Duarte

DUARTE.— Vocês estão surdos? Estou a chamar, a chamar, e nada de me abrirem a porta. Com effeito!
CECILIA.— Estavamos conversando na janella e não ouvimos.

DUARTE.— Ah! já fizera as pazes!... Bem, hom?... Bem hom!... Lá se foi a bicha... hein?
CECILIA.— Ah, meu rapaz! Lastimo te que tenhas de passar de vez em quando, por esses pedacinhos. O que queres? São cavacos do officio!

E teres paciencia e... deixa o barco andar. As mulheres sempre foram assim, em todas as epochas: caprichosas, curiosas e... as vezes boas.
CLOVIS (*á Cecilia*).— E' agora!
DUARTE.— Bem, deixem-me aqui, que preciso concertar este aparelho. *(vai ao aparelho)* Mas... o que é isto? O que foi? O que fizeram ao aparelho?

CECILIA.— Foi ao limpar a mesa... a manga do paletot *(á Clovis, mostrando o)* Ajuda-me... *(alto)* Clovis viu.

DUARTE.— Quebraram-me o phonographo! A surpresa que eu estava preparando com tanto entusiasmo! *(vae a uma cadeira de jardim)*. Mas como fiz, zettas isto? Como lá fui o quebraram?...

CLOVIS.— Eu como, meu sogro. Como se espantava a mãe... *(olhando para a janella)* quando uma rajada de vento... vindo daquelle janella, fez a manga do paletot

destruam o phonographo *(a parte)* Credo! Que man tira damnada!... Deus me perdoe!...

CECILIA.— Não foi minha a culpa, papae, *(vai a elle)* Zangas e te commigo! *(fazendo-lhe mance)* Ficaste aborrecido com a tua filha!

DUARTE.— Poderá! Como poderei reueliar o mal? *(olhando se)* Ah! leveo ao vendedor... talvez elle consiga concertal-o.

CECILIA.— Desculpate já, não é verdade?
DUARTE.— Vá lá. Si não fosse a tua curiosidade não acoartercia isto... ahí está!...

Bem, já volt... *(Põe o chapéu e embrulha o phonographo e o guarda debaixo do braço)*. Si tua mãe me procurar diz-lhe que fui a casa do Edmundo e que volto já. *(A Cecilia mexeriqueira! sae)*.

SCENA V

Clovis e Cecilia

CLOVIS.— Pobre homem! Por causa da tua imprudencia fizeste o teu pae ir á procura de novo aparelho... Si eu fosse elle te castigava!

CECILIA.— Antes ser curiosa do que ser indifferente a curiosidade.
CLOVIS.— Não tanto como tu.

E' verdade que, com muito raras excepções, todas as mulheres são desajozas de saberem novidades. Co heci em s'ltro uma senhora dona Antonia, uma mulher muito intelligente, que tinha a habilidade de surprender qualquer individuo com as perguntas mais ingenuas, mas que tinham um fim verdadeiramente innocuo.

Procurava a senhora D. Antonia se tornar amiga n'essa, se esforçava o mais que podia para nos ser útil, se dedicava extraordinariamente a uma creança, e um fim de obter, com vantagem, a novidade que estava entre as pessoas da familia. A D. Antonia era uma dessas amigas do peito, que todos os dias se fingem amigas para mais tarde se fazerem de combustivel ás nossas pelles ardidas.

CECILIA.— Deixem-me, meu Sr. Clovis, as D. D. Antonias.
Diga-me: Não se esquece da minha encomenda? A mamã completa h'je o 22º anniversario de casamento, e devemos lhe dar uma lembrança.

CLOVIS.— E outra ao teu pae, e mais mercê da— por ser a cabeça pensante do casal.

CECILIA (*vindo*).— Sempre mostra ser genro de sogra! Vejamos as lembranças!
CLOVIS.— *(Tirando da alforca duas pequenas embrulhas)*. Aqui esta á tua mãe. Deves, sem ella ver, collocar sobre o seu toucador. *(Entra a mãe)*.

E aqui está a do teu pae.
CECILIA.— *(olhando)* Um livro religioso de madreperola *(olhando)* Bonito! *(olhando o outro)* Um... o que é isto?

CLOVIS.— *(a parte)* oh! diabo!... Lá descobriu ella! Como ha de ser agora? *(olhando)* não, não... isto não é teu, é de teu pae... loi tu a encomenda! que meu s'ro fez... *(á parte)*. Esta foi estúpida!...

CECILIA.— Encomenda de papae?... Será para manião? Pará parie da tal surpresa? Vais-me dizer tudo, não é verdade?
CLOVIS.— *(á parte)*. Em que esparrélla cahí! Como hei de conseguir— menir a Cecilia?... *(alto)* Mas, tu és curiosa, espera... isto é de teu pae... Mandou-me o Edmundo...

CECILIA.— Instamente... O Edmundo, o vendedor de phonographos, de aparelhos de electricidade. Ou! vou saber o mysterio que encobre a surpresa do papá! Diz-me, anda!

CLOVIS.— Diz-me o que?... Si eu não sei...
CECILIA.— Sabes, sim.
CLOVIS.— Não sei, Cecilia.
CECILIA.— Sabes.
CLOVIS.— Juro te que não sei.
CECILIA.— Clovis! Eu me zangou!...

CLOVIS.— Ah! está, queres te zangar sem motivos.
CECILIA.— Tenho motivo. Tu sabes e não me queres dizer.

(Cecilia).

Scenas da vida fluminense

OS NAMORADOS

Os namorados, minhas leitoras, dividem-se em tres classes.

1. Os sinceros ou bem intencionados, os parasitos ou encaçadores de dentes, os comediantes em D. Juus da meda.

Os primeiros, isto é, os sinceros ou bem intencionados, são os que incontestavelmente dão mais resultado e menos prejuizo.

De ordinario são almas boas e simples, e relações bem firmadas, que vem na vida conjugal a venturança e unica felicidade da vida.

Cosim sempre por amor, tornando-se naturalmente boas chizas de familia, impulsionados como são pelo sentimento que lhes inspirou o amor sincero.

Abortecem porém, que succedem ás vezes desavenças no lar conjugal produzindo desbarmonia entre os esposos.

Essas contrariedades são devidas aos genios que não se ligam, mas como os corações estão ligados pelo amor tudo em breve desaparece e reina de novo a paz e a harmonia.

A sua educação, ou falta de cultivo intellectual de um dos conjuges é muitas vezes a causa dessa desarmonia que e desde logo supplantada pelo amor.

Os namorados desta classe procuram realizar o seu sonho dourado com brevidade.

São apresentados à familia por um amigo da casa ou por algum parente da sua preterida, obtêm della o consentimento verbal, que já tiveram por meio de algum sorriso promettedor e d'ahi a pouco tempo fazem ao chefe da casa o pedido, marcando um prazo, quasi sempre curto. Durante o noivado, si a familia é pobre tornem-se a noiva tudo quanto necessita, como si já fosse esposa.

Visitam-se com frequencia desejando vela a todo o instante.

Torna-se economico abandonando as extravagancias de solteiro.

Ajuda muitas vezes o futuro sogro occultamente nas despesas da casa.

É franco, sincero para com a noiva, não tendo segredos para ella, contando-lhe até a sua vida particular.

Visitam com frequencia os grandes leilões, as casas de moveis, onde de vez em quando fazem aquisição de alguma mobilia de que vae precisar.

Nos largos idyllios com a noiva, sentados no divan, ou debruçados em alguma janella discutem sobre o logar onde vão residir, sobre o enxoval, sobre os utensilios da casa, etc., etc.

E por fim casam no dia do anniversario della ou de seu pae, tornando-se esposos exemplares hemdizendo o dia em que se viram e adorando — aquella a quem deram o nome.

Vejam agora minhas leitoras, os namorados da 2ª classe, isto é, os platonicos ou caçadores de dotes.

São geralmente individuos desoccupados sem profição, sem arte.

Vestem-se com luxo e elegancia, dando bastante aos barbeiros; conhecem um pouco de francez, discutem theatro e litteratura, fallam da vi la alheia, da politica e estão sempre ao par das novidades mais palpitantes do dia.

Deitam-se ao amanhecer, despertam pelo meio dia e vão pela rua do Ouvidor dizer tolices às moças, metter-se nas rodas de jornalistas, mostrar algum terno de roupa novo ou filar o almoço a qualquer amigo ou, na falta deste, morder umas 4 ou 6 empadas no Paschoal e pagar 2 ou 3 como succede quasi sempre.

Na rua do Ouvidor conseguem com facilidade obter algum convite, para a noite, de serão ou de baile.

Si é baile apresentam-se trajados no rigor da moda, flor ao peito e monoculo no olho esquerdo, dançam com elegancia, marcam quadrilhes, fazem discursos à mesa, recitam velhas poesias, que fazem passar como de sua lavra e muitas vezes alliviam o pianista tocando trechos mais ou menos dançantes.

Fazem a côte à filha de algum negociante apatçado a quem obtêm ser apresentados.

Insinuam-se no espirito do velho e no dia seguinte lá estão lhe filando o jantar e fazendo jus ao dote da filha.

Juram por todos os santos à moça um amor que não sentem, illudem-na dizendo que por morte do pae tem tantos e quantos a receber. Captivam-na de sympathia e mais tarde a paixão dessa pobre victima por meio de suas caricias amorosas, de seus beijos de fogo, dam lhe romances sentimentaes a ler, fingem-se apaixonados e cumentos, offertam-lhe flores todos os dias, obtêm della o retrato que serve para mostrar aos amigos que se riem à custa da victima descobrindo muitas vezes defeitos que não têm.

Quando consideram completa a sua missão, isto é, quando vêm a moça de todo apaixonada, arranjam alguns contos de réis emprestados para pagarem mais tarde com o dote d'ella.

Dirigem-se ao futuro sogro pedindo a mão da filha.

Este, venho o amor da filha concedem ainda que contra vontade, sem mais indagar quem elle e para onde vae.

Isto aliás de nada serve, porque tem jeito para mentir.

De resto apparentam com o dinheiro emprestado uma fortuna que não possuem.

Casam-se e o marido em pouco tempo gasta o dote da esposa e recolhe-se com ella à casa do sogro quando não a abandona em extrema pobreza.

Causa-me asco e repugnancia fallar-vos d'esta classe de namorados tão inuteis quanto perniciosos à sociedade.

Passemos agora à ultima classe, isto é, os comediantes ou D. Luans da moda que o vulgo chama — passa tempo.

Estes namorados não casam, ou por falta de meios ou por aversão ao casamento.

A vontade é boa, mas, como não podem, julgam que empatar as moças não é crime e vão passando o tempo.

Vestem com simplicidade e elegancia.

Evitam frequentar as casas das namoradas, preferindo os idyllios debaixo das janellas, nos honds ou nos jardins, nas calmas e longas noites de luar.

Permanecem às vezes em esquinas horas esquecidas, trocando com ellas sorrisos e olhares promettedores.

Escrevem longas cartas romanticas, verdadeiros testamentos, copiados, na maior parte das vezes, de qualquer romance desconhecido.

Terminam essas cartas pedindo uma madeixa de cabellos como lembrança e mais tarde pedem o retrato que é o ponto final do namoro, pois entre elles é um glorioso trophéo de victoria o retrato da louquinha que acreditou nellos.

São inoffensivos esses namoros, pois o seu crime limita-se quasi sempre a protestar um amor passageiro por eterno e furtar alguns beijinhos às escondidas.

É muitas vezes apanhado em flagrante conversando com sua amada. O pae d'ella muito admirado pede-lhe esclarecimentos, ella com muita naturalidade responde que é o caixeiro da loja de fazendas que veio saber si precisava de alguma cousa.

O velho engole a pilula e o namorado, depois de cumprimental-os delicadamente, retira-se.

Os individuos porém que pertencem a esta classe possuem geralmente muitas namoradas a um tempo.

Quando a moça lhes falla em pedido ao pae ou o pae chama-os à ordem, desaparecem como por encanto e nunca mais a familia ouve fallar nellos.

Costumam não dispendir dinheiro em presentes e si a namorada lhes pede uma lita, um romance, um leque, qualquer cousa enfim, fazem-se de esquecidos ate o pedido cahir no esquecimento.

Nos bailes divertem-se com a primeira moça que lhes der corda, dizem-lhe um milhão de tolices, juram-lhe amor eterno, promettem casamento e no dia seguinte nem se lembram mais do que fallaram na vespera e muitas vezes nem da propria physionomia d'ella.

Com esta classe de namorados dão-se factos verdadeiramente pandegos.

Citaremos um que nos contaram :

Uma joven foi visitar uma sua amiga; fallaram de modas, de theatro e um pouquinho de vida alheia e por fim o assumpto foi, como sempre o amor.

— E tu quando casas? Disseram-me que já tinhas namorado.

— Sim, um estudante de medicina, que prometteu casar commigo logo que tomar gra.

— Ah! Ah! doutor, já não é pouco. E que typo é elle?

— Alto, moreno, bigode preto, rosto redondo com um pequeno signal do lado esquerdo.

— Bigode preto com um pequeno signal. Queres ver que tu és minha rival?

— Nada... nada; a que horas costumavas vel-o?

— Daqui a meia hora deve passar por aqui. A hora d'elle é meio dia.

Decorre esse pequeno prazo e as duas amigas vão à janella.

— Olha, lá vem elle.

— Aquelle rapaz alto, de cartola e sobreca-saca, que acaba de dobrar a esquina.

— Aquelle é que é o teu doutor? Oh! os homens são todos a mesma cousa. Sucia de embusteiros.

— Mas que é Zizinha, que tens?

— Pois aquelle patife prometteu-me tambem casamento dizendo-se dentista.

— Olha que cynico! passou fingindo não nos conhecer.

E como este, minhas leitoras, succedem diariamente dezenas de casos.

São uns pandegos, uns verdadeiros pandegos os taes namorados.

E... até o proximo numero.

NOBREGA JUNIOR.

Novembro, 1901.

Thezouro infinito

Poesia recitada no Festival em beneficio da Crêche pela menina Rachel Baker, na noite de 30 de Setembro de 1901.

Contam que outr'ora, um devoto
tinha occultado um thezouro
de montões d'ouro,
ao pé de uma cruz perdida
em selva escura.
e que alli, fizera o voto
de ap; licar tanta riqueza
a socorrer a p' hreza.
Mas, se encontrasse na vida
uma alma pura
que a gratidão abrigasse,
mas a gratidão completa
sem humilhação secreta,
sem nada que a deformasse,
levantaria uma ermida,
uma memoria
á doce cruz solitaria
que permitira tal gloria.

Correu mundo e gente varia
viu, andou terras e mares,
trevas mudou em luares,
noites más em claros dias,
em sorrisos, agonias,
fome atroz em farta mesa.
Foi defensor, f i esteio,
dos humildes, da fraquesa,
dos velhos e das crianças,
sempre aberto e sempre cheio
o inexgotavel thezouro
de montões d'ouro
e de roseas esperanças.

Muita vez, de annos em annos,
voltou inda à selva escura
o caridoso Senhor;
trazendo, dos desenganos
ferido, uma piece pura
á cruz do Deus Redemptor.
— Jesus! dentre tantos prantos,
e tanta miseria e dor,
nem uma bengam vos trago
bem d'alma, foi tudo vago,
tudo falso e enganador
Senhor! Senhor!

E enchendo os cofres da novo
do incomparavel thezouro
de montões d'ouro
partia, peregrinando
a gratidão pr curando,
sem cessar, de povo em povo,

Já lá vão tempos sem conta
que esse infinito thezouro
de montões d'ouro
jaz fechado, e silencioso
em torno á cruz, o arvoredo.
Não vem ninguém tanto monta
dizer, que a morte o segredo
sel'ou, do voto amoro,
levando aquella alma á luz;
e, para sempre, o thezouro
de montões d'ouro
ficará aos pés da cruz!

Se hoje esse Santo visse
e á nossa festa viesse
leria no coração
da turba que nos escuta
tão profunda gratidão
pelo bem, pel s carnhos
que vão ter os pbresinhos,
que dera por finda a luta,
e ergueria á cruz a ermida
para encerrar o thezouro
de montões d'ouro.

ADELINA LOPER VIEIRA.

MOLDES

Para o presente numero offerecemos:

N. 4 — S'ia.....	1\$ 100
N. 54 — S'ia.....	15000

Pelo correio mais 300 réis para o primeiro molde e 200 réis para cada um dos que se seguírem.

ENX. VAZS PARA BEJEM-NASCIDOS

Mediante a insignificante quantia de 34000 ou 35000 pelo correio podemos fornecer em envelope apropriado, moldes completos para enxovias de r e com nascidos constando de quatorze peças.

Os pedidos bem como as importancias são recebidos no escritorio desta folha — Rua dos Olivares, 7 — Rio de Janeiro.

Aos nossos assignantes

A empresa d'A Estação envia as boas festas a todos os seus assignantes, fazendo votos para que o segundo anno do seculo XX lhes depare um milhão de prosperidades e venturas.

Continuaremos a envidar, como até agora, os nossos melhores esforços para bem servir-os e agradar-lhes, dando-nos por sobejamente pagos se conseguirmos um pouco da sua sympathia, e a continuação de seus favores.

A. LAVIGNASSE F.^o & C.

BOAS FESTAS

Boas festas! carnes brancas!
Vinhos velhos! Alvo pão!
Mil sorriços de merenas
Aos leitores da ESTAÇÃO!

Ao que pensa em ir á Europa
Cambio alto! Manso mar!
A's jovens inda solteiras
Noivos guapos, a matar!

Candidatos a Intendentes
«Bonne chance na eleição!
Sorte grande aos assignantes
E leitores da ESTAÇÃO!

A's viúvas sem consolo
Cans de idade meã...
Livre Deus os peccadores
Do Correo da Manhã!

Nozes mil ás desdentadas;
Saúde... ás magras gentis:
E força á lingua das sogras
Para algum caso infeliz...

A's formosas brasileiras
Do gosto... a continuação!
Que sejam sempre assignantes
Da sem rival ESTAÇÃO!

Rotunda bolsa ao marido
Que sabe a esposa adorar!
Graça e formosura á esposa
Que o marido sabe amar!

Que ao Brasil honre a verdade
De dirigir o baão!
Boas festas! Boas festas!
Aos leitores da ESTAÇÃO!

A. AZAMOR.

AMELIA ALVES.

CONTEMPLANDO UMA ROSA

Oh! pallida rosa, não abandones o sagrado recanto em que floresces, para vires cressar a candidez das tuas petalas na atmosphera abafada e viciada dos salões, onde so póles ser vicima da voluptuosidade dos Romeus que vos desfulhára, deixan lo cahir no chão as tuas pétalis, como se fosses culpada de possuíres encantos que os seduzem! Vae antes desfolhar-te sobre o tumulo das minhas esperanças; por que, quando o sol tomba no occaso e o vó do tristiza tollar me a froate, eu irei regar-te com as lagrimas da minha pungente e amargurada saudade!

Talvez que tu, oh! pallida rosa te compadeças mais das minhas dores, do que esta sociedade cruel, que só sabe compartilhar as alegrias e não tem uma lagrima para derramar connosco, nem uma palavra consoladora para suavisar as nossas amarguras!

Niteroy, 1901.

NINON DE LENCLOS

escarcuela da ruga, que jamais ousou macular-lhe a epiderme. Já passava dos 80 annos e conservava-se jovem e bella, attribuindo sempre os pedregos da sua certidão de baptismo que rasgava á carada Tempo, cuja folha embotava-se sobre sua encantadora physionomia, seu que nunca deixasse o menor traço. «Muito verde ainda!» viase obrigado a dizer o velho falangento, como a esposa de Lafontaine diziu das avas. Este segredo, que o celebre e agosta faveira jamais confidara a quem quer que fosse, descobriu-se daquelle que, desolatorio o Dr. Lesontie entre os filhos de um volume de *L'Histoire amoureuse des gaules*, de Hussy-Balutin, que fez parte da bibliotheca de Voltaire e é actualmente propriedade exclusiva da **PARFUMERIE NINON**, **NAINON LACOSTE**, Rue du 4-Septembre, 35, Paris.

Esta ma tem-no á disposição das nossas elegantes, sob o nome de **ERITABLE FAC DE NINON**, assim como as receitas que l'ella provém, por exemplo, o

DUVET DE NINON

pó de arroz espanal e refrigerante;

Le Savon Crème de Ninon

essencial para o rosto que limpa perfeitamente a epiderme mais delicada sem alteral-a.

LAIT DE NINON

que dá alvura deslumbrante ao pesengo e aos hombro. Entre os productos conhecidos e apreciados da **PARFUMERIE NINON** contam-se:

LA POUDEE CAPILLIS

que faz voltar os cabellos brancos á cor natural e existe em 12 cores;

SEVE SOURCILLIERE

que augmenta, engrossa e brunie as pestanas e os supercilios, ao mesmo tempo que dá vivacidade ao olhar

LA PATE ET LA POUDEE MANDERMALE DE NINON

para haúra, alvura brilhante das mãos, etc., etc.

Cavem oszier e verifioar o nome da casa e o endereço sob o rotulo para evitar as emittações e falsificações

**PARFUMERIE EXOTIQUE
E. SENET**

35, Rue du 4-Septembre, 35, PARIS

MÃO DE PAPA do duque, de príncipe, por meio da **Pâte des Prelats**, que embranquece, alisa, assatina a epiderme, impede e destrói as freiras e os rachas.

UM NARIZ PICADO de perengas e borbulhas ou com cravos torna a recuperar sua branqueura primitiva e suas cores lisas por meio do **Anti-Bolbos**, producto sem igual e muito contrafeito.

CUIDADO COM AS CONTRAFACÇÕES E

Para ser bella, encantar todos, olhos deve-se servir da **Fleur de Pêche** pó de arroz feito com fructos exóticos.

POUCOS CABELLOS

Fazem-se crescer e certallos empregando-se o **Extrait Capillaire des Bénédictins da Mont-Majella**, que tambem impede que caiam o que fiquem brancos.

E. SENET, Administrator, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

NÃO ARRANQUEM MAIS

os dentes estragados, suíte-os e branqueie-os com o **Elixir dentifrice des Bénédictins da Mont-Majella**.

E. SENET, Administrator, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

Pastilhas e Xarope de Nafé

DELANGRENIER

expectorantes pectoraes contra

TOSSE, DEFLUXO, BRONCHITE

As Pastilhas de Nafé são verdadeiros confeitos pectoraes de um gosto delicioso. Acalmam as irritações da garganta e do peio.

O Xarope de Nafé, misturado com uma infusão ou com leite quente, forma uma tisana muito calmante e muito agradável.

Esses pectoraes não contém substancia toxica e podem ser administrados com toda a segurança ás CRIANÇAS e muito particularmente contra a COQUELUCHE.

Esgr a marca verdadeira Delangrenier-Paris

São encontrados em todas as Pharmacias

CAUTELA COM AS IMITAÇÕES

PARIS

PARFUMERIE

LE REFLE

Incarnat

IPIVER

PARIS

NOVO PERFUME

DELICADEZA

FRAGRANCIA

SUAVIDADE



XAROPE DELABARRE (DENTIÇÃO)

Xarope sem narcotico e remanubula ha ja 20 annos pelas medusas. Facilita a sahida dos dentes, evita ou faz cessar os soffrimentos e torcos accidentes da primeira dentição.

Esgr-se o Carimbo official e a assignatura Delabarre.

FUMOZE-ALBESPEYRES, 78, Faubourg Saint Denis, Pariz e em todas as pharmacias

PAPEL E CIGARROS ANTI-ASTHMATICOS de Bin BARRAL

Recommandado pelas sanmidades medicas. Preparações muitissimo efficazes para a cura da **ASTHMA**, das **OPRESSOES**, das **ENXAQUECAS**, etc. 16 ANNOS DE SUCCESSO.

FUMOZE-ALBESPEYRES, 78, Faubourg Saint Denis, Pariz e em todas as pharmacias.

NUNCA APPLIQUE-SE UM VESICATORIO SEM SE LER O VESICATORIO ALBESPEYRES

o MAIS EFFICAZ e MENOS DOLOROSO de TODOS os VESICATORIOS. Esgr-se a Assignatura **ALBESPEYRES** no LADO VERDE. FUMOZE-ALBESPEYRES, 78, Faubourg Saint Denis, PARIS e em todas as PHARMACIAS.

VICHY-ÉTAT

VICHY-HOPITAL
Molestas do Estomago e do Intestino.

VICHY GRANDE-GRILLE
Molestas do Fígado e do Apparelio bilioso.

VICHY-CELESTINS
Molestas dos Rins e da Bexiga, Gattas, Diabetes.

AO RECEITAR ESPECIFIQUEM BEM O NOME

PASTILLES VICHY-ÉTAT

COMPRIMÉS VICHY-ÉTAT

Dôr ignota

Tinha o busto gentil. Parada, n'uma esquina,
Cedendo a ignota dôr que ás vezes amolina
Mas que não faz vergar a virtude real
Levava aos olhos seus a ponta do avental.

Esperava. Abeirou-se um homem moço ainda
E disse não sei que, á pobre moça linda.

Ella então descobrio seu rosto afogueado
De lagrimas cruéis ainda profundado.
Bella, a cabeça ergueo: nos frios labios tinha
Um riso de desdém; um desdém de rainha!
No olhar vi-lhe um fulgor estranho que apiedava
Na fronte cispação de orgulho que assombrava.
Tinha a fixidez da louca esse olhar trio,
Que estampava um pesar grande, ignoto, sombrio...

Elle depois de a ver seguio calado e lento
Revolvendo nas mãos velho chapéu sebesto.

Depois que elle se foi e que ella o vio sumir-se
Sem voltar se uma vez... em vão quiz reprimir se:
Os braços agitou; e em voz entrecortada
De soluços, gemeo: « Quanto sou desgraçada!... »

A. AZAMOR.

Et nunc et semper...

II

Nunca duvides de minhas confissões!

Ellas nasceram do immenso amor e quem traz a
alma repleta de sentimentos tão puros não pode enganar...

Quero te muito e, longe de ti, quando leio o teu
nome repito-o, repito-o com carinho e deixo que o
meu espirito te vá encontrar ahí, tão longe...

Quando pela manhã o dia começa a rutilar com
junção do sócego com a tormenta, quando a natureza,
anacronica e feliz, canta o suave idyllo da luz, penso
no teu sorriso mavioso e puro, sorriso só
comparavel com o desabrochar suavissimo das flores!

As flores! Como eu as amo! Agora mais do que
nunca. Ellas te symbolisam. N'uma encontro a tua
belleza, noutra o perfume delicioso e casto que sinto
quando me vejo a teu lado!

Irmã das flores! Deixa que pegu para o meu
immenso amor a luz balsamica dos teus olhares!

LUIZ CUNHA. A Imperatriz Friedrich † nos 5 de Agosto do 1901.

Penso em ti...

Penso em ti, tu estás na minha mente
Isolada, sosinha, a toda a hora;
Apesar de meu rosto indifferente
Não deixar reflectir a chama ardente
Do paixão que em silencio me devora.

Em minha alma e exausta phantasia
Brilha tua imagem fugazmente e pura,
Como o raio de luz que o sol envia
Atravez de uma abobada sombria
Ao marmore de triste sepultura.

Callado, inerte, em um torpor profundo
Meu coração se dilige e se commove;
Mas em seu nio, vibra, moribundo
Quando entoe o vão estrejito do mundo
A melodia soa de teu nome.

Premios aos nossos assignantes

Qualquer assignante que dirigir-se ou mandar a
redacção do nosso jornal A ESTAÇÃO, á Rua dos Ourives,
7, receberá em troca da insignificante quantia
de Rs. 25000 um *Tratado sobre o Ensino do Corte das
vestes de ambos os sexos por André* 1 vol nitidamente
impresso com gravuras intercaladas no texto e elegan-



tamente encadernado em percaline. (O seu valor
real é de Rs. 45000).

Pelo correio Rs. 25000.

Para julgarem do valor da nossa offerta é bastante
a leitura da apreciação abaixo:

« Poucas vezes tenho tido o prazer de examinar
livrinhos didacticos mais util do que o *Tratado de Corte*
— 1.ª parte dos trabalhos manuaes por Agda.

Em algumas dezenas de paginas, claras, despre-
tenciosas e quasi sempre methodicas, esse opusculo
condensa o essencial sobre um dos mais interes-
santes capitulos da economia domestica, assumpto
que julgo deve ser o elemento moralisador da familia
brasileira.

A critica severa e esmerthadora aponta lacunas
e incorrecções; prefiro tributar-lhe sinceros louvores.

E o faço por duas razões: 1.ª esta obra sob uma
forma singela e modestissima contribuirá grande-
mente para a educação das nossas futuras donas de
casa: 2.ª porque é o primeiro trabalho, deste genero,

O BEIJO

Hontem me perguntaste o que era o beijo...

— O beijo, flor, é a expressão magoada
Com que o Amor num delicado harpejo
Prepara notas para uma baílada.

E' a explosão radiosa de um desejo
De uma bocca a outra bocca subjugada.
E' o doce aroma que em subtil adejo
Vói dos labios da mulher amada.

E' como um opio que nos arrebatava
A um novo cco de estranha melodia,
Porém ás vezes abusando, mata...

Ora... vê tu que phantasia louca...
O beijo... é o que fazes todo o dia
Unindo a minha bocca á tua bocca!...

THEISTOCLES MACHADO.

IMPRESA

Temos em mão a elegante *plquette* do
nosso presado collaborador ARTHUR GOULART,
intitulada *Dez Contos*.

Demoramos a noticia e o agradecimento
dessa offerta porque não desejavamos cumprir
um simples dever de cortezia com o talentoso
jornalista mas demonstrar-lhe, por uma opinião
critica sobre o seu excellent trabalho que
temos em subida conta.

O nosso caro Arthur Goulart não é so-
mente jornalista e poeta; é tambem um edu-
cador e cabalmente desempenha essa missão
social como professor no Grupo Escolar do
Braz, no Estado de S. Paulo.

Essa outra qualidade explica o esmero com
que polio a phrase, com que dourou o estylo,
com que vestiu o pensamento na sua colleção.
sinha dos *Dez Contos*.

Todas essas mimosas narrações denuncião
um escriptor imaginoso, original, livre de pre-
conceitos e de escolas, com quasi clara tendencia
para um *colorido nacional*, taes são os typos
que descreve e os locaes que prefere.

Recommendamos aos leitores e principa-
lmente ás leitoras da *Estação* esse delicado mimo
litterario, impresso em S. Paulo, na Typ. de
Andrade & Mello; e enviamos ao nosso distin-
tissimo collaborador com as mais gratas sau-
dações um cordeal e sincero parabem.

CHRONIQUETA

Rio, 22 de Dezembro de 1901.

Tem produzido grande sensação o caso de
um official da brigada policial, que se matou com
um tiro de revolver por se ter deixado prender
nos tentaculos de um agiota.

A imprensa tem feito carga ao vinagre, e
realmente, não ha creaturas mais ignobeis do que
esses miseraveis que, aproveitando-se das circum-
stancias, emprestam dinheiro com grande usura,
e, na falta de pagamento, perseguem as suas
victimas até o ponto de lhes tirar a propria camisa
do corpo, e isto com ares de satisfação e triumpho.



Pordizos novos.

Sem lucta, sem man, sem lamento;
Sem me agitar em louco frenesi;
Sem preferir um só, um leve accento.
Da noite as horas conto e o pensamento
So se occupa de ti.

(Trad.) Nithery ALFREDO M. DE OLIVEIRA.

escripto propositalmente para as nossas escholhas pri-
marias.

Accete, portanto, a distincta autora os cordlaes
applausos do

avelhantado mestre eschola

MESES VIEIRA.

Entretanto, como o usuario é uma
conhecida e classificada, não me parece que tem
muita desculpa o homem maior e pae de fami-
que se deixa imprudentemente cair naqu-
garras.



No caminho à fonte.

Não ha bicho mais perigoso, porque a primeira fórma de que elle se reveste é a de um anjo, a de um instrumento abençoado da providencia divina, que com um pouco de dinheiro livra um pobre diabo de apertos e afflicções. Depois, quando a victima reconhece que se desapertou e desaffligiu á custa de lagrimas e sangue, tenta em vão reagir contra o infortunio, combater a onda dos juros e dos jurros dos jurros. E tarde, e muito tarde.

O homem, que tenha um pouco de juizo, resiste ao jugo de todas as privações, de todas as necessidades, mas não se entrega a um agiota, e, quando o laço, que o não comprehenda mais tarde a mesquinha sorte que o espera. Ninguem, a não ser um donador de feras, entrará voluntariamente na jaula de um tigre sem a deliberação de ser devorado. Da mesma fórma não entrará ninguem no antro de um usurario sem o firme propósito de ser roubado.

Quando, ha alguns annos, em Paris, aquelle adoravel humorista que se chamava Raul Toché, se matou por motivo analogo ao que determinou o suicidio do infeliz official, discutiu-se muito sobre a necessidade de legislar contra a usura e os usurarios; reconheceu-se, porém, que, fosse qual fosse o texto da lei, haveria sempre meio de o sophismar, e nunca mais se falou nisso.

Querer acautelar o cidadão contra o agiota, seria o mesmo que pretender protegê-lo contra os animaes ferozes, precipicios, microbios, e todos os accidentes e desastres a que está sujeita a natureza humana.

Recommendo com muito empenho aos meus amigos que, nas occasiões mais criticas, recorram a todos os expedientes licitos, mas não peçam vintem a nenhum agiota, por maior que seja a necessidade.

Se, todavia, commetterem essa imprudencia e caminharem de miseria em miseria até se incompatibilisarem totalmente com a vida, armem-se de um revolver, não para matar-se, mas para matar o usurario.

E terço prestado um bom serviço á humanidade.

ELOY, O HERÓE.

THEATROS

Rio, 24 de Dezembro de 1901.

A companhia do Apollo poz em scena uma traducção da opereta de Strauss, *Uma noite em Venecia*, que já naquelle mesmo theatro obteve grande successo, representada em italiano pela companhia Gargano.

Os papeis estavam mal sabidos; a peça devia ter tido mais alguns ensaios. Salvaram-se, — no canto a actriz Medina de Souza e na declamação o actor Peixoto. Os demais artistas concorreram para um desastre muito lastimavel, tratando-se, como se trata, de uma companhia tão sympathica.

✱

A companhia Dias Braga, que está ensaiando uma peça de grande espectáculo, extraída do *Quo Vadis*, fez reprise do dramalhão *A bella bezegosa*, no qual foi muito notada a actriz Maria da Piedade, que tem certas aptiões, mas precisa cuidar seriamente da sua prosodia.

✱

A peça de estreita que *Genira* Plinio organizou para o Lucinda intitulada se *O principe da Bulgaria*. O papel do protagonista será desempenhado pelo actor Mattos.

N. Y. Z.

Maison Elegante

CHAPÉOS, LEQUES
Luvas, Objectos de fantasia, Enfeites para chapéos

J. Campos & Montanari

101, Rua do Ouvidor, 109 — Rio de Janeiro.

Tonico Vegetal Restaurador dos Cabellos

Depois de ter usado de todos os tonicos para a cabeça é que será apreciado este. Aí accaso encontrou-se esta receita, e descoberta do indio Carijó no anno de 1793. A venda nas casas de perfumarias e pharmacias do Brasil, depositario: ANTONIO CARLOS MADEIRA — Vidro 450 c. Rio de Janeiro.

Licor de Leite

(NOVIDADE)

Nenhum mais delicado e delicioso, nem mais agradável ao paladar do que este, producto de José Augusto de Arruda.

Encontra-se nas boas confeitarias e casas de melhadros do Brasil, depositario: ANTONIO CARLOS MADEIRA — Garrufa, \$500. Rio de Janeiro.

Xarope Peitoral de Angico Composto

PREPARADO COM A BEBIDA DE ANGICO
GOMMA DE ANGICO DO MARA' E ALIADO DA SODIA

Este antigo e affinado xarope cura em poucos dias as tosses mais rebeldes, as bronchites mais antigas, as asthmas mais incommodativas, as rouquidões mais pertinazes, as coqueluches mais espmosmódicas e as consilphorias mais chronicas.

PREPARA SE NA 103, RUA DA URUGUAYANA, 103

PHARMACIA BRAGANTINA

PAPAINA

Dr. NOBEY — O melhor remedio para o tratamento das dyspepsias, gastrites, vomitos de gravidez, diarrhã das crianças e de todas as molestas do estomago e intestinos.

Unico deposito á rua dos Ourives n. 114. Vende-se em todas as pharmacias e drogarias.

O DENTARIUM

É DIRIGIDO PELO CIRURGIÃO DENTISTA

PAUL KIEFFER
DE PARIZ

LAUREADO COM DISTINÇÕES PELA FACULDADE DE MEDICINA

A tabella adoptada pelo O DENTARIUM e que está sendo desvotamente publicitada nos principaes jornaes, não foi estabelecida com o fim de fazer affluir a clientela para depois coagil-a a aceitar preços differentes dos publicados.

CONSULTAS 2\$000

Extrações de dentes ou raizes.....	2\$000
Anesthesia local com cocaína ou novocaina.....	2\$100
Limpeza geral dos dentes.....	5\$000
Obturaç (vulgo chumbão) á platina, prata, esmalte, osso artificial, cimento, isonateira, porcellana etc.....	5\$000
Obturaç a ouro (vulgo chumbão) de 10\$ a.....	30\$000
Remoção de polpas e tratamento dos canoes de dentes mortos (contando a parte a obturaçã da corõa do mesmo).....	5\$000
Dentaduras de vulcanite, cada dente seja qual for o numero.....	5\$000
Idem cada dente chapado em ouro de lei, seja qual for a numero.....	10\$000
Dentadura de ouro de lei, cada dente seja qual for o numero.....	20\$000
Idem, sem chapas, sem grammas ou colchetes, sem trava (este processo é o affinado "Travail à point") cada dente.....	50\$000
Dentes e corõas de ouro de lei garantidos (sem solda).....	25\$000
Plenas á pivot (de accordo com os modelos que apresentaremos aos nossos clientes) 20\$ 30\$ e.....	40\$000

12 RUA DOS OURIVES 12

das 7 horas da manhã ás 8 da noite

Musica



Moderna

PARA

PIANO

Motetegal Pavane — Francisco Braga.....	2\$000
Miscollettes — Francisco Braga.....	1\$500
Minuetto — Francisco Braga.....	1\$500
Valsas	
Du-sine teu coraço? — Aurelio Cavalcante.....	1\$500
Syries — Carlos Teixeira de Carvalho.....	1\$500
Os olhos de Gressa — Carlos Teixeira de Carvalho.....	1\$000
Lolita — Carlos Teixeira de Carvalho.....	1\$500
Schottisches	
Rio Gramiense — Azevedo Lemos.....	1\$500
Calendarias — Ubaldino Soares.....	1\$500
Imansavel — Aurelio Cavalcante.....	1\$500
Enim — Carlos Teixeira de Carvalho.....	1\$500
Polkas	
Deixe dançar a menina — Carlos Teixeira de Carvalho.....	1\$000
Pavão fallarivo.....	1\$500
Ouvintorona — Carlos Teixeira de Carvalho.....	1\$000
1902 — Nicollino Milano.....	1\$000

PARA piano e canto

Storia Mesta, ballada — B. Burungino.....	2\$500
O Salutaris — Arnaud Gouvea.....	2\$500
O Salutaris — Abdon Milanez.....	2\$000

A VENDA EM CASA DOS EDITORES

VIEIRA MACHADO & C.

Deposito exclusivo dos obelros pianos de JULIUS REUBEN

51, Rua dos Ourives, 51

DENTES ARTIFICIAES

A. F. de Sá Rego

ESPECIALISTA

Rua Gonçalves Dias N. 133 Praia de Botafogo N. 10

AVISO ÀS SENHORAS.

O'APIOL Dose Dose

JORET HOMOLE

CURA

AS DORES OS ATRASOS A SUPPRESSÃO DE REGRA

DEPOSITO GERAL

Ph^o G. SEGUIN, PARIS

165, Rue St-Honoré, 165

E EM TODAS PH^o E DROG^o

PILULAS DE BLANCARD

APPROVADAS PELA ACADEMIA DE MEDICINA DE PARIS

Resumen todas as Propriedades do IODO e do FERRO.

40
Rua Denaparte
PARIS



Estas Pilulas são de uma efficacia maravilhosa contra a Anemia, Chlorose e todos os casos em que se trata de combater a Pobreza do Sangu.

CRÈME SIMON

PARA

conservar ou dar ao rosto FRESCURA MACIEZA MOCIDADE.

Para proteger a epiderme contra as influencias perniciosas da atmospheria, é indispensavel adotar para a toilette diaria o CRÈME SIMON.

Os PÓS de Arroz SIMON e o SABONETE Crème Simon, preparados com glicerina, a sua acção benéfica é tão evidente que não ha ninguem que o use uma vez que não reconheça as suas grandes virtudes.

MÉDAILLE D'OR, PARIS 1900

J. SIMON, 39, rue du Faubourg PARIS 10^e

Saint-Martin

PHARMACIAS, PERFUMERIAS

e lojas de Cabelleiros os.

Desconfiar das Imitações.

SURPREZA

COMEDIA EM 1 ACTO ORIGINAL DE

Eduardo M. Peixoto

PERSONAGENS

Duarte, negociante..... 42 annos
 Mariquinhas..... 38 "
 Cecilia..... 20 "
 Dr. Clovis..... 30 "
 Um empregado..... 28 "
 Ação — Rio de Janeiro, Epocha — Actualidade

1901

ACTO UNICO

(Conclusão)

CELOVIS. — (à parte) maldicto engano! (alto) Olha aqui, olha a lembrança que has de dar ao teu pae.
 CECILIA. — (vendo) Um afinete, sim... está bom! (ando-o) Mas, Clovis, me diz... me diz sim, o xiste de mysterioso naquelle papelão escuro?
 CELOVIS. — Espera. Eu não sei, mas prometto in de teu pae, quando elle voltar.
 CECILIA. — Promettes-me?
 CELOVIS. — Prometto te, sim.
 CECILIA. — Olha, si não cumprites a tua palavra deveras, amuada commigo. (beijando-o).
 CELOVIS. — Cumprirei, sim, vaes ver.
 MARIQUINHAS (de dentro) Cecilia! Cecilia!
 CECILIA. — Lá vou, mamã, lá vou. (a Clovis) Vem... Estão-te no nosso gabinete, sim? (Sac com as duas mãos).
 CELOVIS. — (beijando a) Sim,

SCENA VI

Clovis só

CELOVIS. — Lá ia o segredo de meu sógro, que tanto deseja occultar, por "agua-abaixo". E' tão curiosa esta minha mulher! Entretanto, não se afeitura mais dedicada, e mais amante l...

SCENA VII

Clovis e Mariquinhas

MARIQUINHAS. — (entraudo) Oh! já de volta?
 CELOVIS. — (beijando a mão de Mariquinhas) E' ver?
 MARIQUINHAS. — Cecilia? Onde está?
 CELOVIS. — Foi agora mesmo, ao seu chamado.
 MARIQUINHAS. — Felizmente! Foi um pretexto que tive para afastal-a aqui. Minhas felicitações as tuas. Completa hoje deus annos que...
 CELOVIS. — ...tive a felicidade de tomar Cecilia a minha mulher á face de Deus e da sociedade, um dia cheio de encantos para mim, e para a tua boa companheira, que, ha dous annos, se tem tornado uma esposa meiga, carinhosa e de uma decoraçao exemplar. Estavamos em Friburgo. A priera tinha vindo festejar a nossa lua de mel. Pela manhã, coriamos, como verdadeiras creanças, pelos campos que iam á crista da serra, colhendo flores silvestres, fructas que pendiam das bellas arvores, e brincando a mais linda vista que o olhar humano pode contemplar. Dous annos l... Pensa que me esqueci? Não, não, uma surpresa para Cecilia, e quero que realmente seja uma bella surpresa para a minha boa amiguinha.
 MARIQUINHAS. — Não esperava te encontrar com uma memoria tão viva de amor. Felicito-te, meu filho. E vaes me ajudar num servicinho, que, desejo, fique tambem em segredo entre nós. Faz annos heje que Duarte me pediu em casamento e que nos casamos. Lá se vão 2 annos! Naquelle tempo as cousas andavam que não hoje. Havia mais alegria e mais moralidade...
 CELOVIS. — (à parte) E' possivel l...
 MARIQUINHAS. — Festejavamos, com mais fervor catholico, as festas religiosas, desde o anno b' me até o natal. Ellas mereciam a nossa maior attençaõ e os nossos mais ardentes desejos de velas animadas. Hoje!... Mas, vamos ao caso. Quero fazer ao Duarte uma surpresa. Qual será a melhor?
 CELOVIS. — Para ter mais valor deve nascer do seu coração instinctivamente. Queira consultal-o.
 MARIQUINHAS. — Tens razão. Peço-te que nada digas ao Duarte.
 CELOVIS. — Pode ficar tranquillã, nada direi. Sejam os feis, nada digamos!
 MARIQUINHAS. — Mas, em que consiste a tua surpresa?
 CELOVIS. — Lá vem a curiosidade propila do sex! E' segredo, a minha sógra, segredo que será devendo no momento oppoittino.
 MARIQUINHAS. — Pois seja. Vou escrever um bilhete ao meu joallheiro afim de arranjar o... meu segredo... a minha surpresa. (sae).

SCENA VIII

Clovis só

CELOVIS. — Estãme cheirando isto a um dia cheio de surpresas!... A surpresa de meu sógro a minha sógra,

a de minha sógra a meu sógro, a minha e a de minha mulher aos bons velhos, finalmente, a minha surpresa a Cecilia... Estará tambem Cecilia me preparando alguma surpresa? l...

SCENA IX

Clovis e Duarte

DUARTE. — (entraudo) Engenboso apparelho! Maravilha do secul! Sucesso dos successos! (vendo Clovis) Ah! estavas ahi? Escuta, Disseste alguma cousa a Cecilia?
 CELOVIS. — Nada, absolutamente.
 DUARTE. — Caluda! Não digas nada a tua mulher. Sabes que consegui a Mariquinhas ler aquella carta? E o Edmundo escondido apanhou a voz da tua sógra... nada escapou do que ella leu. Finalmente conseguí o cartão e hoje prespego lhe... com a novidade. Trouxeste os outros cartões?
 CELOVIS. — Eil os (dall'os).
 DUARTE. — Cá estão os marrecos! cá estão elles! (A' Clovis) Dize me cá. A Mariquinhas me procurou?
 CELOVIS. — Não senhor, (balem a' porta).
 DUARTE. — Quem será?
 CELOVIS. — (abrindo a porta) E' o empregado da casa Edmundo & Comp. Tenha a bondade de entrar.

SCENA X

Clovis, Duarte e o Empregado

EMPREGADO. — (com um volume grande, que deve envolver quatro epochas) Os Srs. Edmundo & Comp. mandam entregar esta encomenda. Como fossem todos para a mesma rua e numero vieram o' um só volume, mas separadamente embrulhados.
 DUARTE. — (admirado) Como fossem todos para a mesma rua? Então, tem ahi mais de uma encomenda?
 EMPREGADO. — Sim, senhor, tem um certo numero dellas.
 DUARTE. — Ora esta! Tem graça, ten. (Ao empregado) Bem, pode deixar, está entregue.
 EMPREGADO. — Sim, senhor. A's suas ordens. (sae).

SCENA XI

Duarte e Clovis

DUARTE. — Miis de uma encomenda! Si eu encomendei uma só!
 CELOVIS. — (à parte) Deixemos de explicações. O melhor é deixar que os factos se succedam l...
 DUARTE. — Emfim, vejamos! (batendo palmas e andando de um para outro lado da scena, a chamar) O' lá Cecilia! O' Mariquinhas l... Venham l... Cecilia! Mariquinhas! lá' porta. Vocês estão ouvindo, ou não?... Com effeito! Leva a gente a berrar e nada de responderem... Estão surdas? Já Apre!... Até que emfim!... Ah! vem ellas l...

SCENA XII

Duarte, Clovis, Cecilia e Mariquinhas

MARIQUINHAS. — (entraudo) Chamaste nos? Pareceu nos ouvir l...
 DUARTE. — Sim, senhora. Chamei-as e com muita satisfação.
 CECILIA. — Peis aqui estamos papae, promptas para o ouvir (a' Clovis) Descobriste? Indagaste de papae?
 CELOVIS. — Ainda não. Mas vou saber agora.
 CECILIA. — Tu me prometteste...
 CELOVIS. — E vou cumprir. E' agora!
 DUARTE. — Venham... venham... (loma ar de solemnidade) No dia 1.º de Janeiro de 1878, ha 22 annos, tu, Mariquinhas, foste surpreendida por um acontecimento que te fez muito jubilosa. Casamo-nos! Deste casamento nasceu aquella mexeriqueira, que ali está. (aponta Cecilia) Como h'je passamos por esta dacta devemos a festejar, e julguel de boa idéa te dar uma lembrança vaga do passado. All, naquelle embrulho, acharás um, vindo da casa Edmundo & Comp., que to offereço.
 MARIQUINHAS. — Da casa Edmundo & Comp.?
 DUARTE. — Sim.
 MARIQUINHAS. — E elle não mandou uma encomenda que lhe fiz?
 CELOVIS. — (percebendo) Ah! deve estar tudo junto. Elle quiz fazer um unico embrulho!
 MARIQUINHAS. — Acharás tambem uma lembrança destinada a ti.
 CELOVIS. — Peço licença para dizer que Cecilia deve encontrar ahi uma outra lembrança com o seu nome, commemorativa do segundo anniversario do nosso casamento.
 DUARTE. — Bravos!
 CECILIA. — Logo vi que não te esquecia! Não ful menos esquecida, vaes ver...
 Procura, porque has de encontrar, tambem, a tua lembrança, vem l...
 CELOVIS. — Obrigado!
 DUARTE. — (que tem aberto o volume) Vejamos! Cada um por sua vez! Cá está o meu. Estou scitiego!
 CELOVIS. — (com um vão todos ao embrulho e tiram o que lhes compete. Alastam se, sentam se e vão abrindo com muita curiosidade e ar sorriso)
 DUARTE. — (tendo aberto o embrulho encontra um grande macaco-brinquedo) Com boas bombas! Que diabo é isto?
 MARIQUINHAS. — (abra e vê um frasco de essencia e uma carta, tendo) « Meu anjo, Mimi. Lá irei ter, Tua Julia Z. »

Ah! (sae desfallcida).
 CELOVIS. — (abrindo e deparando com um par de ligas) Bonto! Um par de ligas de mulher! Ora esta l...
 CECILIA. — (abrindo e encontrando uma trança de cabelo e um retrato de actriz, tendo) « Ao amigo C. offerece a sua amiga actriz Z. » Meu Deus, Ai! (sae desfallcida).
 CELOVIS. — Mas, o que é isto? Está doentes?
 DUARTE. — Onde está o apparelho? Viste?..
 CELOVIS. — Veja primeiro estas duas creaturas, que se acham doentes.
 DUARTE. — O que é? Esta agora! (advapalhado) Saes, saes... Vinagre, depressa! Mariquinhas! Cecilia! (corre de um para o outro lado abanando) Abram os olhos! Cecilia! Mariquinhas l... Mas, o que foi?
 CELOVIS. — O acontecimento! a alegria! a satisfação!
 DUARTE. — Mas, anda, corre com os saes, vinagre! (Clovis entra e sae logo com os saes) Cecilia! Mariquinhas! Ora já viram cousa assim!
 MARIQUINHAS. — (despertando) Sac, monstro de 42 annos!
 CECILIA. — (despertando) Infel! Desconheço-te!
 DUARTE. — Monstro de 42 annos!
 CELOVIS. — Infel!..
 MARIQUINHAS. — Foge da minha presença.
 CECILIA. — Some-te!
 MARIQUINHAS. — Perverso!
 CECILIA. — Fingido!
 MARIQUINHAS. — Adultero!
 CECILIA. — Adultero!
 DUARTE. — Eu, perverso e adultero!..
 CELOVIS. — Estão a brincar, meu sógro.
 DUARTE. — Qual! Eu as entendo! Estão a fallar serio! Mas, o que seria? Si eu ainda encontrasse o apparelho! (procurando-o).
 MARIQUINHAS. — Ha 22 annos que eu o julgava um homem de bem, e, sem querer, o apanho... de surpresa!
 CECILIA. — E o meu santinho... felizmente, pouco me illudiu... fingido!
 CELOVIS. — Mas, o que é que tens, Cecilia? Estão-te, (continuam sentados) Ainda a pouco eras tão minha amiga!
 CECILIA. — Sae, não te quero mais!
 MARIQUINHAS. — a Duarte) Vá ter com a sua Julia, velho desfructavel!
 DUARTE. — Minha Julia! Minha Julia! E' g' acejo que não admitto, Mariquinhas! (vendo a carta e apanhando a, li).
 CELOVIS. — (vendo o retrato da actriz) Ha um erro! Isto não me pertence!
 DUARTE. — Isto não se entende commigo. Não conheço Julias.
 CELOVIS. — Ha um mal, um equivoco, da casa Edmundo & Comp. Engano, simplesmente engano!
 CECILIA. — Não sabe representar. E' pessimo comico!
 DUARTE. — Quem, eu? Estás fallando commigo?
 MARIQUINHAS. — Estou eu, E' pessimo comico, E' detestavel!
 DUARTE. — Mariquinhas! O meu criterio! o meu criterio!
 MARIQUINHAS. — Está com ella. Vae lá busca-lo...
 DUARTE. — Com quem?
 MARIQUINHAS. — Com quem te escreveu esta carta.
 DUARTE. — Já disse, D. Mariquinhas! O meu criterio!... (a Clovis) Mas, como se explica esta embrulhada?
 CELOVIS. — Muito bem. E' que estes objectos não são nossos.
 DUARTE. — Por certo! Um macaco daquelles e por cima... a perda do apparelho, o meu apparelho!

SCENA XIII

Os mesmos e o Empregado

EMPREGADO. — Peço perdão... Venho de mando dos Srs. Edmundo & Comp. pedir desculpas. O volume que veio para esta casa veio trocado. Houve um engano, peço licença para levar o. Ao mesmo tempo os Srs. Edmundo & Comp. pedem para saber de V. V. S.S si esta encomenda foi feita pelo Dr. Clovis. (apresenta lre uma caixa de enovel, e vae arrumando os objectos).
 DUARTE. — (demorado) Ah!
 CELOVIS. — (abrindo) Ah!
 CECILIA. — (admirado) Ah!
 MARIQUINHAS. — (idem) Ah!
 DUARTE. — Não, senhora, eu sou um homem de bem. E tu devias pôr a mão no fogo por mim. Ha 22 annos que me conheces. (Mariquinhas, vae abraçal-o).
 CECILIA. — (fazendo festa em Clovis) Estás zangado commigo?
 CELOVIS. — Ainda m'o perguntas? Isto fol um verdadeiro escandal! Lembra-te que não estamos a sós (indo ao empregado e abrindo o volume) Vamos ver se ainda trocaram. (vendo) Ah!
 (mostra uma vestimenta de creança, sapatinhos, toucas, camisulhas, um enovel).
 Todos. — Ah! (entre-olham vagarosamente Cecilia).
 CELOVIS. — Não foi mim a encomenda. Entretanto chega a proposito. Eis a surpresa! Vem nos dar alegria immensa Cecilia esconde a cabeça no peito de Clovis; e nos encher de cuidados de paes...
 DUARTE. — (admirado) Eu... avô!
 MARIQUINHAS. — (desnimmada) Eu... avô!
 DUARTE. — Bella surpresa!

FIM.

Ante um tumulo

A Ribens de Monte Lima

Choras a filha amada que na vida apenas demorou breves instantes, e borboleta de azas iriantes — disse te, rindo, a eterna despedida. E' natural que chore: paes e amaotes

nunca deixam partir alma querida sem que a alma se lhes parta na partida, evocando tristezas mais distantes.

No entanto, haver pudesse, a par do affecto sombra de raciocio mais discreto, e, em vez de haver chorado, houvesse rido :

— Mais feliz aquella alma abençoada que as que partem, felizes, para o Naula de pois de tudo haverem ja soffido.

Porto Alegre 1900. CALDAS JUNIOR.



Uma pagina de luz

A praça está deserta. A noite é fria como o gelo...

E enquanto as begonias dormem no conforto das estufas, ha ali creatura humana que dorme nas pedras da calçada.

E' um mendigo e um ladrão. De dia pede esmolas; á noite exige as. A' hora da missa encontra-se á esquina das viellas e é ladrão. De dia traz muletas; de noite traz navalha.

Vêde-o. E' uma ignorancia embulhada n'um farrapo. Cahio ali como um fardo de miseria, estupidamente, brutalmente, mascando pragas.

D'onde veio esse homem? Da prostituição, d'óló anonymo. A mãe, quando o deu á luz, não viu o fructo do seu amor; viu a prova do seu crime. Escondeu o no mysterio como o assassino esconde a sua victima.

E o pae? Seria um príncipe ou coudemoado? E' indifferente.

Em ambos os casos um bandido. E, de resto, que lhe importa elle. E' um fructo do chão, um fructo pôdre. Vem do estreme e vai á força. Aos dez annos conhecia todos os vicios, ignorando todas as virtudes.

Na epocha em que as creanças roubam ninhos, elle roubava rel gios.

Na idade em que se apreode a lêr, elle aprendia a assoviar.

Os preceocets e os crimes buscam os cerebros aos alfabetos como os morcegos os subterraneos ás escuras.

Ha mais luz nas vinte e quatro letras do abecario do que em todas as constellações do firmamento.

Não teve mãe e não teve pae, teve um berço e não teve esc la.

Germinou como um tortulho venenoso. A lama ensanguentada da miseria tem destas gerações espantosas!

Aos quinze annos deixou de ser gatuno para começar a ser ladrão.

Já não tirava lenços de algibeira, tirava libras das gavetas. No principio entrava pelas portas, depois cbequa a entrar pelos telbados.

Prigredio de tal modo, que na idade em que se recebe na igreja a communhão, elle recebeu no tribunal a primeira sentença.

Seis annos de cadeia, uma formatura em ladrenagem.

Quando entrou levava uma gazua; quando sahio trouxe uma navalha; foi rapazola e veio tigre.

A cadeia egoliu um malandro vomitou um assassino.

Aperfeioou-o no roubo e leccionou-o na facada. D'abi em diante distribuiu o seu tempo d'este modo: tres aonos nas galés e tres mezes na taberna.

Um assassino sabe, muitas vezes de uma garrafa. O vinho, propriedade tenebrosa combio se com o sangue.

A' bebedeira seguiu se a indigencia. Naquelle cerebro de perversidade passou um terremoto de loucura.

Por fim, abi o tendes. E amaohá, a estas horas, quem sabe? estará talvez na guilhotina, dentro d'uma cova, no fundo de um rio.

O cutello; a miseria e o suicidio disputam'o entre si: tres abutres á espera de um cadaver.

Philantropos sociaes, respondei-me a isto. As vossas estatísticas dizem — a instrução diminue a perversão; quer dizer, o alfabeto diminue o crime.

O crime é uma doenca da alma, como uma pneumoia e uma doença dos pulmões.

Para a doença ha um remedio e para o envenenamento ha um antidoto.

Como se deita abaixo uma cadeia? Acutevlando a com uma escola.

O professor ha de eliminar o carcereiro. A luz absorve os miasmas dos espiritos, como os arvoredos os miasmas dos pantanos.

No homem ha duas coisas — o instincto que é um cego e a consciencia que é um phisrol.

As consciencias são as sentinelas dos instinctos. A razão é a domadora dos appetites.

Ora, muito bem, senhores ecomistas philanthropos. Se as vossas estatísticas, com a exactidão precisa de um thermometro, vos declaram que a instrução faz baixar a criminalidade de cincoenta, quarenta, vinte por cento que seja; se ellas vos affirmam, repito, essa verdade indiscutivel, respondei-me claramente, honradamente a pergunta que vos faço.

Dentro de uma cadeia ha cem alfabetos. Se a sociedade os tivesse ensinados a soletrar, esses cem crimes ficariam reduzidos a oitenta.

Quem é, pois, responsavel pelos outros vinte? A sociedade.

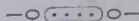
Se não admittis conclusão, rasgae as estatísticas: se admittis, como creio, fazei o seguinte:

Condemnai o monstro a ser mettido n'uma escola.

Condemnai o vadio a ser mettido n'uma officina.

E condemnai a sociedade a que é instrução a todas as creanças, e de trabalho a todos os famintos applicando-se mais a evitar os assassiotos, do que a regenerar os assassinos.

GUERRA JUNQUEIRO.



ALMA VAZIA

Quando (com a alma de illusões vestida), Rindo, parti por esse mundo em fóra... Buscando um bem, em busca de uma auróra Que me guiasse pela escura vida;

E assim meus passos adiantei querida, — Oh! foste tu, sim, foste tu, senhora, Que, co'esse riso que teu labio effloira, Trouxeste minh'alma á tu'alma unida;

Feliz eu fui. — Ai! tanto venturoso Em que do Amor acreditei, ditoso, Solver a loira taça trago a trago...

Mas... cedo se extingue o febril afago! — Eis-me de volta em lagrimas carpindo, P'la mesma estrada que trilhei, sorrindo.

ARTHUR DE CASTRO.

(Campinas).



O CORAÇÃO

Todos os organismos animados possuem um musculo central, que é a sede da actividade vital que os anima.

Em anathomia, a este musculo chama-se— coração.

No animal humano, em consequencia do seu aperfeiçoamento organico e da sensibilidade vital que acompanha esse aperfeiçoamento, este musculo vai já desenvolvendo a sensibilidade alem da percepção organica ou material, apurando-se na delicadesa do sentimento para função mais nobre e elevada, e o nome que então se dá ao referido musculo define uma propriedade moral.

Então, não é já somente a sede da vitalidade organica; mas tambem, e cada vez mais principalmente, a sede do sentimento moral.

E' pois, o coração como que um termometro para se conhecer o gráo de baixura ou de elevação da alma humana.

Por isso, quando se diz: — Uma pessoa sem coração — é como dizer-se: — No seu peito ha apenas um musculo, que nada mais é que uma viscaria. — O que de nota que n'essa pessoa a alma e como a força vegetativa que está latente na semente a espera que a terra a faça brotar.

E assim como, pelo influxo da terra e do correr do tempo, sae da semente a arvore que, chegada ao seu completo desenvolvimento, dá flores e fructos que delicias o olfacto e o paladar do seu cultor; assim tambem do coração humano sae a alma que se desenvolve progressivamente para oportunamente dar as flores e os fructos dos bons sentimentos, que delicias a caridade que é o olfacto e o paladar de Deus seu creador.

VICTOR ANTONIO VIEIRA.



UM CASO CURIOSO

DE

Respeito humano

E' notorio e sabido de todos o deploravel silencio com que os catholicos, na missa e em outras solemnidades religiosas, respondem ás orações proferidas em voz alta pelos sacerdotes ou pessoas idoneas.

Assim é que vemos um inexplicavel mutismo succeder ás ave-marias e a salve rainha do fim da missa, preces estas que, sendo ditas em voz alta pelo sacerdote, tambem devem ser respondidas em voz alta pelos fieis que euehem o templo.

Mutismo absoluto, muito, pois vezes rareadas e outras abafadas quebram fracamente o silencio do

templo, que deveria vibrar sob a acção duma geral e unsona voz.

Diz-me á alguém que as preces mentaes ou as proferidas em voz baixa têm o mesmo valor que as em voz alta. Grande engano, sem valor e que nada explica, porque a oração em commum tem um valor muito maior que a oração pessoal ou particular, como vemos com as seguintes palavras de Jesus: «Quoadm dois de vós, vos reuolrdes em oração, em verdade digo, que estarei no meio dos dois, porque ainda, si o sacerdote proferer as orações em voz alta, necessaria e logicamente tem ellas de ser respondidas tambem em voz alta.

Só acho para isto uma explicação: respeito humano, esta terrivel tunica de Nessus de muitos catholicos como muito bem disse um distincto escriptor do Rio. Mas será possivel que tenhamos o malfadado respeito até no proprio templo do Senhor. Será crível que a zombaria mesquinhoha dalgum espirito forte, que acaso ali se ache, tenha a força sufficiente para abafar a voz do crente ou glorificação a seu Deus? Si assim é, cubramonos de pejo porque somos muito indignos e muito pussillanimes. O protestante não se eovergonha de orar em voz alta, de entonar psalmos em seus templos decos e despidos; o judeu não se enruborece quando eleva sua voz oas synagogas, os espiuitas ceream as suas evocações do maior respeito, e nós, os catholicos, temos pejo de alterar a nossa voz no templo em que o Deus Homem se substancia na immacula Ilstia.

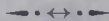
Isto não pôde continuar, porque a religião em seus preceitos, em sua moral e em sua liturgia, não tem uma unica coisa siquer que possa, nem de leve, fazer a vermelhidão subir á face de quem quer que seja.

Nestes tempos de irreligiã, é preciso que as convicções se firmem e se patenteem, é preciso definirmos nitida e sobranceiramente a nossa posição de catholicos, é necessario fazer nos uma religião graode, larga e generosa, cumpre que as nossas acções estejam de inteiro accordo com os preceitos do Mestre e da Igreja, para que os nossos inimigos não n's lacem ao rosto a invectiva de «ajreguarmos aquillo que não fazemos» — é preciso que as luctas sejam mais pelas obras do que pelas discussões e palavras intuteis e estereis, que só servem para instigar a vaidade e o amor proprio d's contedores.

Res non verba. A' inflexibilidade e pureza de character devemos joutar uma illimitada confiança no Mestre para a gigantesca obra da regeneração social brasileira, que só está no Coração sacrosanto do Christo, quer queiram quer oão, os nossos contrarios. Mas como podemos levar por diante este momentoso empreendimento si nos curvamos ante o motejo do incredulo?

O respeito humano ha de desapparecer do espirito de todos os catholicos, porque, si Judas vendeu Jesus por trinta dinbeirs, nós não o podemos vender pelo miseravel preço dum escarceo!

CELESTINO BOURROUL.



Mosaico

De accordo com a Academia Francesa, o Ministro da Instrução Publica acaba de decretar uma reforma da orthographia da lingua franceza no sentido de uma maior simplificação. A reforma comprehende 32 paragraphos, ou casos, para os quaes se estabelece que não se deve considerar erros orthographicos. Por exemplo; Tout, diante de um nome de cidade pôde concordar ou não com elle, pôde-se esvever tout Rome ou toute Rome; nos exames officiaes, taes faltas não são taxadas como erro e o verbo em orações como esta: sa mala disont des vapeurs (sua molestia são gazes), diz o decret; não ha que ensinar regras; taes construcções constituem uma questão de estylo e não de grammatica. Emfim, a peça official assim conclue: é preciso não entrar com no erros nos exames essas faltas que não desabonam o saber geral dos candidatos, e provam tão sómente que elles ignoram certas finuras e subtilezas grammaticaes.

Um bom remedio contra as sardas ou, melhor, para preservar as pessoas claras contra essas desagradaveis manchas: rosimento de flores de sabugueiro, para banhar o rosto. E' um remedio velho, mas, apesar disto, ou por isso mesmo, eincaz.

MOLDES

Para o presente numero offereecemos:

- N. 7 — Saia..... 1\$000
N. 15 — Saia..... 1\$000

Pelo correto mais 300 réis para o primeiro molde e 200 réis para cada um dos que se seguiram.

ENXOVAS PARA RECEM-NASCIDOS

Mediante a insignificante quantia de 3\$000, ou 2\$500 pelo correto, podemos fornecer em envelope apropriado, moldes completos para enxova recém-nascidos constando de quaterze peças.

Os pedidos bem como as importancias são bidos no escriptorio desta folha — Rua dos Oun — Rio de Janeiro.

A ESTACAO

PARTE LITTERARIA

Chronicas do Porto

S. PEDRO DOS PESCADORES

Eligam que os lavradores não falam a verdade, ás vezes! — *Abril aguas mil* — e as chuvas torrenciais de dia, de noite, desabando sobre nós, em arremedos de diluvio como se a terra tivesse chamado sobre ella toda a colera divina. Apenas hontem pela madrugada atravez do manto aludido da nevoa, começaram a fuzilar enormes buracos de ouro. Bocas de forno por onde o sol explodia a lava explendente da sua alma creada ra Quem não se enganara com aquellis tor-

mentas de luz foram os passaritos, os melros, os pin-tasilhos e as abelas que desataram a fazer ruído nos pinheiros de levante, enquanto que nas bocas e carvalheiras toda a passarada metta nas estréllas no immenso coro da alvorada. Vencendo a ardi-lheia algodada das nuvens, o sol espargiu-se logo, em leques vermelhos, as varetas borrifando torrentes de luz pelas campinas matizadas de estréllas amarel-las, as trigoas ondoando as espiguiilhas de prata, como lagos de vidro lido, as abelhas zunindo no ar, as cabrilas, embriagadas pelo nectar da manhã. Por mais que o inverno teime em se agarrar á terra, pa-rece averiguado que est'amos na primavera. A esta-ção espansalica, os ninhos das andorinhas, babando-se nos chopos como las de chins de lúpulo.

Ligas de seda, desendo da nervura das folha-gens, fazem verbas á entrada das alcas e aveni-das, onde insectos cor de luz, satraças que perderam a cabeça nas cigas do noite, se precipitam para a morte naquella meada infinita e tremula e mysteriosa, e mo o pensamento humano. Uma grande impacien-cia justificada nas gentis cidadinas contra as lemosias do inverno, não doxando entrar as novidades da toilette, nem fundamentar os calculos alegres do estudo os passios pelo campo exulto e perfumado, de carruagem, o renque dos élamcs tocando-se de fessões de heras e silvas ou de bicyclo, bebendo o ar, como settas.

Mas quem muito mais tem soffrido são as classes pobres com as bétgas de agua, os trares encape-

NINON DE LENÇOS

escarneria da ruga, que jamais oisou amular-lhe a epi-derme. Já passava dos 80 annos conservava-se jovem e bella, utirando sempre os pedacinhos sua e tridão de bap-tismo que rasgava á carala Tempo, cuja foice embotava-se sobre sua encantadora physionomia, sem que nunca deixasse o menor traço. Muito vertiginosa via sua bri-gueia a lizer o velho ralugão, como a raposa de Lafon-taine aliza das nvas. Este segredo, que a celebre egista fceera jamais confidara a quem quer que fosse, ha pessoas daquelle época, descolrio-o o Dr. Laroche entre as folhas de um volume de *L'Histoire amoureuse des gaules*, de Bussy-Rabutin, que fez parte da bibliotheca de Voltaire e é actualmente propriedade exclusiva da **PARFUMERIE NINON**, MAIRON LÉONTE, Rue du 4-Septembre, 35, Paris.

Esta casa tem no á disposigão das nossas elegantes, sob o nome de **VERITABLE EAU DE NINON**, ussmo como as receitas que d'ella provém, por exemplo, o

DUVT DE NINON

pó de arroz especial e refrigerante;
Le Savon Crème de Ninon
especial para o rosto que limpa perfeitamente a epi-derme mais delicada sem altera-la.

LAIT DE NINON

que dá alvura deslumbrante ao pespigo e aos lochos.
Entre os productos conciliados e apreciados da **PARFUMERIE NINON** contam-se:

LA POUDE CAPILLUS

que faz voltar os cabellos brancos á cor natural exalte em 12 cores;

SEVE SOUACILIERE

que augmenta, engrossa e brinhe as pestinas e os super-cilios, ao mesmo tempo que dá vivacidade ao olhar

LA PATE ET LA POUDE MANDERMALE DE NINON

para finura, alvura brilhante dos dentes, etc., etc.

Covem exigir e verificar o como do Ciss e o endereço sob o rotulo para evitar as imitações e falsificações

PARFUMERIE EXOTIQUE E. SENET

35, Rue du 4-Septembre, 35, PARIS

MÃO DE PAPA do duque, de príncipe, por meio da **Pâte des Prélats**, que embranquece, elia, assetta a epiderme, impede e destró as freiras e as rachas.

UM NARIZ PICADO de pequenas borbulhas com cravos torna a recuperar sua branura primitiva e suas côres lisas por meio do **Anti-Bolbos**, producto sem igual o muito contrafeito.

CUIDADO COM AS CONTRAÇÕES
Para ser bella, encantar todos, olhos deve-se servir da **Fleur de Pêche** pó de arroz feito com fructos exóticos.

POUCOS CABELLOS


Fazem-se crescer e cerrados empregando-se **l'Extrait Capillaire des Benedictins du Mont-Majella**, que tambem impede que caiam e que fiquem brancos.

E. SENET, Administrateur, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

NÃO ARRANQUEM MAIS

os dentes entrecidos, amarellos ou branquios com **l'Elixir dentifrice des Benedictins du Mont-Majella**.

E. SENET, Administrateur, 35, R. du 4-Septembre, c. Paris.



apenas
acorda,
Chora
pedindo
o Seu
Racahout!

Racahout dos Arabes Delangrenier
é melhor alimento para as crianças

Perfumaria extrafina

L.T. PIVER

PARIS

Corylopsis do Japão

Evitar as Imitações e Falsificações

Le Tréfle Incarnat
Parfume de Moda

Rosiris

Senteur des Prairies

Violettes de Parme

Dentifricios Mao-Tcha

PÓ, PASTA E ELIXIR

CALLIFLORE

FLOR DE BELLEZA

Pós adherentes e invisiveis

Graças ao novo modo porque se empregam estes pós communmente ao posto uma maravilhosa e delicada belleza e deixam um perfume de exquisita suavidade. Além dos brancos, de notavel pureza, ha outros de quatro matizes diferentes, Rachel e Rosa, desde o mais pallido até ao mais colorido. Poderá, pois, cada pessoa escolher a cor que mais lhe convertha ao rosto.

PATE AGNEL

Amygdalina e Glycerina

Este excellento Cosmético ha aqua e amacia a pele, preserva-a do Cieiro. Irritações e Comichões tornam-se a uelludnar; pelo que respeta as mãos, da solidez e transparençia as unhas.

AGNEL, Fabricante de Perfumes,
16, Avenue de l'Opéra, Paris.

E haes suas seis Casas de venda por todo o mundo por meio de seus representantes.

HOUBIGANT

PERFUMISTA

da RAINHA D'INGLATERRA e da CORTE do RUSSIA

PARIS

AGUA HOUBIGANT

COM ESSENÇA DE ROSA

AGUA de TOUCADOR Royal Houbigant.
AGUA de COLONIA Indivisaile Russe.

EXTRACTOS PARA LENÇOS: Violette Ideale, Royal Houbigant, Fleur d'Espagne, Moskari, Iris Blanc, Le Parfum Inouï, Moka, Mignot, Eclair Boine, Imperial Rose, Lilas Blanc, Heliotrope Blanc, Fougere Royale, Glaxonia, Sureau d'Espagne, Cor de Lissoe, Grandee, Corymbis, Bouillon d'Or, Sureau, Itouco.

SABONÈTES: Ophelia, Fleur d'Espagne, Violettes Ideales, Fleur de Russie, Lait de Helénae, Royal Houbigant.

PÓS OPHELIA, Toilette de Russie
PÓS PEAU D'ESPAGNE,
LOÇÃO VEGETAL, para os Cabellos,
PÓS ROYAL HOUBIGANT.

PERFUMARIA ESPECIAL MOSKARI

lados, os campos encharcados, todo o plantio derrubado, de jeilhos, imperando os affog e do sol. Os jardins, como são fillos das cidades, agazalham-se entre os muros, resguardam-se por detraz das casa- rias, de modo que ainda os campos se abeem nas levadas, e já aqui, por toda a parte, as peniculas, as anemones, as narcissas, os amores perfeitos, se aza- lenas, se vestem de flores, no sublime invadido da terra com os ouros do dia. Mas os pobres, que são aquelles que tem de trabalhar sob a intemperie, esses é que padecem muitas fumes e multos fillos, durante o inverno, como se Deus não tivesse piedade delles.

Mas... que está dizendo a minha bocca impia? É precisamente d'elles que Deus mais se compadece, alagando até ao infinito dentro dos corações humil- des a esphera da deliciosa espiritalidade. É mais uma vangloria que se esvae do firmal das vaidades; ellas imaginam-se as unicas fraldas dos bens do espirito, quando a verdade mostra, todos os dias, que as almas embalsamadas pela fé são as dos pobres e dos soffredores.

Ainda outro dia eu vi, num ornal da minha terra, um annuncio commovente. Porque ha tambem quem se ria da litteratura annunciadora, porque ella não tem... estylo; mas olhem que, muitas vezes, filam por aquelles recant s dos jornaes, na confu- são da valla commum dos interesses, as lagrimas dos pobres. É é por isso que eu os leio muitas vezes, e elles não respondem com ternuras que não vejo em artigos de fundo, onde, todos os dias, se salva a pa- tria dos amigos. P is na vessada dos annun- cios vi eu estas palavras que têm o alto va- lor das coisas singelas numa época em que a espiritalidade só se respeita quando se embrulha na mania das metaphysicas: a classe dos pescadores do Valbom, não ten- do angariado pesca no mar, por causa do máo tempo, recorre a V. Ex. pedindo qual- quer donativo para a compra de um altar para a imagem de S. Pedro, patrono dos pesca- dores de Valbom.

Ora, não é verdade que o céu está ao lado dos pobres? O inverno foi inclemente tornando irado o oceano, fugiu sob o chi- cote da ventania, as ondas espumando, gal- lopando, dando upas, como os cavallos de guerra ouvindo os clains da batalha.

Uma chuva constante, regrada, men- tona, todo o dia, toda a noite, todos os dias todas as noites, lançaua cortinas sobre o horizonte proximo, de modo que — quem se abalancava a sair a birra com um tempo assim? Para se salvar metade da vida — pois que a outra metade ia se morrendo sob a fome — era necessario acalmar os mais im- pacientes, os destemidos, os que jogam a cabeça numa Ave Maria.

Os barcos foram recolhidos sobre a areia, como um arsenal inutilizado, a face dos picos cortando a terra numa desolação de naufragio. Muita miseria para es miseraveis pescadores, se Deus não lhes incendiasse no fundo da alma a cidade jublante da fé. E como os espiritos se aguçam no suor da disventura vota- ram-se todos á salvação das suas almas — que os cor- pos semi-mortos de privações e de cansaços mal mereciam os farrapos do desagazalho — e lobrigaram que a imagem de S. Pedro carecia de um altar, em- bora o mar não tivesse fornecido pesca. Uma gene- rosidade, sublime para com o seu patroao, que talvez os tivesse abandonado a elles só para experimenta- ção da sua fé e de suas amarguras.

ENVIADO DE OLIVEIRA.

A VIRGEM DE MURILLO

DRAMA EM TRES ACTOS
EM VERSO

PERSONAGENS:

Elvira.....	18 annos
Risleta irmã de leite de Elvira.....	18 "
Marietta.....	14 "
Franlein Brumen.....	42 "
Rodolpho de Castro.....	30 "
Lauro Bastos.....	29 "
Antheio Soares.....	50 "
Um criado.....	

ACTUALIDADE

O 1º e 2º acto passam-se no Rio de Janeiro e o 3º em Petrópolis.

ACTO PRIMEIRO

Sala rica, um piano á esquerda alta, sobre elle musicas espalhadas; á esquerda baixa, sofa com grandes almofadas, em frente ao sofá, um sofá baixo; á direita baixa uma mesa e sobre ella um jarro com flores, trabalhos de tapeçaria, livro. Entre as duas portas ao fundo uma estante de musicas, quadros, estatuas, objectos d'arte etc. etc.

SCENA PRIMEIRA

BRUMEN e logo depois MARIETTA

Alto levantando o piano Brumen de fé, arruma as musicas sobre o piano e demora-se a olhar a ultima.

BRUMEN, (com emphase)
Ninguem melhor que tu soube achar o caminho que conduz ao amor! A ouvir te, extasiada, julgo pairar no azul, ardente e enamorada ave que busca o sel, abandonando o ninho!

(Pousa a musica sobre o piano e desce)
Lohengrin! Lohengrin! O' branco cavalleiro! Quem ao ouvir te a voz tão meiga e insinuante pode, a um ser mortal comparar-te um instante?!
(Marietta entrando depois de ter estado á porta da direita olhando as ultimas palavras)

MARIETTA
Lohengrin não existe; ame um heroe verdadeiro.

BRUMEN (com desdem)
Para que? Obrigada.

MARIETTA
O real é...



A moda hodierna em sua exaggeração.

BRUMEN Fingido!
O mundo não mente, assim prefiro o ninho.
O mundo é convenção.

MARIETTA
De accordo, mas supponho que se viesse aqui agora, conduzido por um cyano de prata, um cavalleiro idem toda a gente fugia.

BRUMEN (com forca)
Eu não; ficava, juro!
para morrer a ouvir-lhe o canto suave e puro!
(ouve se a campainha).

MARIETTA rindo e indo ao fundo fazer um gesto a Lauro que entra
Fil o! mas por temer que as Elzas se suicidem não traz cyano, nem traz elmo de plumas brancas.
(Ri se).

SCENA SEGUNDA
AS MESMAS E LAURO
LAURO (entrando, jovial)
Venho achal-os a rir, bom signal nada existe

que faça tanto bem, como encontrar bem francas gargalhadas...

MARIETTA
E p rias.
LAURO (com um gesto para Marietta)
E o espirito em riste
(Dirigido se a Brumen)

Bons dias. Vijo bem que saude e alegria gosam, a grande artista e a formosa Marietta. Com o está Dona Elvira? Ao deixal a outro dia, queixava-se...

BRUMEN
Está bem.

LAURO
E. D. Risqueta?

MARIETTA
Dorme ainda. Voltou do baile á luz da aurora.

LAURO
Bem a vi. Que formosa estava! Era a rainha do salão.

BRUMEN
F. i tambem?
LAURO
Fui, sim, minha senhora, mas sahi logo após o concerto.

BRUMEN
A Almeidainha cantou len?

LAURO (com desdem)
Sim... um mau romance italiano um Tosti de má morte, e uma aria do Barbeiro.

BRUMEN (exagerada)
Que horror! MARIETTA (á parte)

Melhor seria uma estopada ao piano ou a cace- tação de Tanhauser.

BRUMEN
O Arneiro? ..

LAURO
Desafiou á grande e... como é já sabido das tentulas: ou em prodigalidade.

BRUMEN
E pena. A voz é linda e sendo corrigido vinha a ser um artista. Assim, nada...

LAURO
E' verdade...

MARIETTA (á parte)
Parce sepullis. Bem. Eis o Arneiro perdido.
(alto a Lauro)

E que tal foi cantado o dueto da Gioconda?

LAURO (indignado)
Isto foi um desastre; o publico entendido, em minoria sim, calou-se; a grande onda dos beócios, pedia, em grita, bis, as palmas atrovavam... Sahi da sala então reflecta com asco, e fui pedir á noite, e as doces almas de Wagner e de Back longe da turba infecta um purificador banho do eterno Beil!

MARIETTA (á parte)
Quanta ascira meu Deus!

(alto)
Canton-se a Casta Diva!

BRUMEN (exageradissima)
Oh! que calamidade!
(pausa. Lauro faz um gesto de horror)

E então, o violoncello?

LAURO
E' artista o Donini e tem alma expressiva.

MARIETTA (ironica)
Um italiano! Pouah!
LAURO, (com concordancia) mas salientando uma excessão)

Pois nos Mestres Cantore; fez bonita figura, o publico, atestado ficou sem applaudir.

MARIETTA (ironica)
Tolos!
BRUMEN (rainosa)
Que censores!

SCENA III
AS MESMAS E ELVIRA
ELVIRA (entrando da direita alta)

Discutem com calor de certo, a arte divina é a musica, julgo, o assumpto que os a quece. Senhor Bastos, vae bem?

LAURO (indo lhe ao encontro e apertando-lhe a mão)
Muito bem. Não lhe esquece o som da minha voz.

ELVIRA

O que falta á retina
ganha-o o ouvido e a memoria

LAURO

E o tacto...

ELVIRA

Felizmente.

Que seria de nós, sem luz, se não houvesse
compensação bastante ás dores e amarguras!

LAURO

Nada compensa a treva, a treva eternamente!

ELVIRA

Outras trevas no mundo existem mais escuras
que as dos olhos e são as trevas do intellecto,
as negras sombras da alma a noite do descrente.
Eu, vejo intima luz, doce, fulgor secreto
illumina o meu mundo, eu creio e sou ditosa.
Das flres o perfume, as risos, a harmonia,
o acconhego do lar, dos meus o quente affecto
fazem-me amar a vida e a tornam preciosa.

LAURO

Mas sempre a escuitão que atroz monotonial

ELVIRA

Engana-se e tambem, não me abenoço creia.
Não me desrahe o ver, e sigo interessana
o facto mais singelo, a mais furtiva idéa,
e tenho a doce esmola, o celestial consolo
da visão que é só minha, Assim acompanhada
nada posso temer, nem tristeza, nem dolo.

LAURO (sorrindo)

A visão? Ah! já sei, a Virgem gloriosa.

ELVIRA (continuando)

Que tomou na minha alma o doce olhar materno.
Vejo a de um nimbo doiro a sorrir cuinhosa
dentro aromas subtos, e é um gosar supramo.

MARIETTA (a Lauro que ri)

Mais trabalho terá p'ra comprehender tal gosio
que o Navio Phantasma e a Walkiria. Não ria.
Falle de Wagner, Schuman, Handel, Mozart. Não ouse
dizer like que não falle em nada, mas seria
talvez mais acertado agora.

ELVIRA (reprehensiva)

Marietta!

Desconheço te... és boa... és meiga...

BRUMEN, (com affectação)

Está mudando,

Era engraçada, sim, mas na graça discreta,
heje, cultiva mal a ironia, o epigrama,
tem ares de duetera, e vive declamando.

LAURO (desculpando-se)

Por quem él... não faz mal...

ELVIRA

Não creio nisso... é injusto...

MARIETTA (sorrindo)

E a paixão musical, é Wagner que lhe inflamma
o odio contra mim, (declarando) Odio fatal e augusto!

LAURO

O incidente passou (estendendo a mão)

a mão Dona Marietta.

MARIETTA (sorrindo)

Aqui a tem, leal, (olhando para dentro)

Ahi vem Resoleta.

•••••

A um guerreiro

Indomito leão! Na sanha da batalha,
os escarcões da morte, impavido, affrontando,
voavas, a rugir, nas azas da metralha,
um sinistro clamor atraz de ti deixado.

Rempendo os esquadões, as legiões rasgando,
vias rolar o sangue em purpura toada,
e a colera guerreira, o teu peito inflmando,
fazia do teu peito uma ardente muralha.

Ah! mas um dia veiu em que um astro fulgiu,
de subito, em tu'alma, e em tu'alma explodiu
tão vivido clarão, tão penetrante brilho,

que tu nunca vencido, em lagrimas banhado,
t'mbaste, a soluçar bravo leão domado,
à critica do olhar do teu primeiro filho...

(Do *Correio do Município*)

VICTOR SILVA.

Nimbo supremo

Ermo cypreste para o céu erguido,
de uma algidez sombria de sicario;
tristissimo luar de alampadario,
por sobre o mundo de illusões despido...

Tumulo branco, tumulo perdido,
naquelle eterno campo solitario,
guardando tredo e tepido rosario
da phantasia rauda de um descrido...

Linda, envolvendo a cruz de neve clara,
dobras o busto que o luar aclara,
no silencio da nite inquebrantavel...

Eo meu sereno espectro, imperturbavel
um nimbo de jasmims, de alvura rara,
jante na fronte, ennohrecida e cara!

RENATO DA CUNHA.

-x-x-

Mosaico

O conhecido e reputado escriptor e romancista
americano Nathanael Hawthorne, e nta a afamada e
grave revista *Nineteenth Century*, teve occasião de ver o
espectro. O caso vem referido pelas proprias palavras
de Hawthorne. Costumava elle frequentar a bibliotheca
de Boston -- o Athenaeum -- e ali encontravas muitos
homens de nomeada, entre os quaes o Dr. Harris,
prelado proeminente da Igreja Unitaria, theologo de

fama, era o Dr. Harris um velho de mais
de 80 annos, longa cabelleira branca, en-
frapuecido, esqualido e doente, mas de um
tom muito vivo nos seus gestos e discursos,
la diariamente á bibliotheca, e Hawthorne via o sempre
sentado, num canto, tendo na mão o *Boston Post*, jornal do partido a que pertencia.

Certo dia, sahia Hawthorne da bibliotheca e encontrou um amigo que lhe disse:
— Sabes? Disse-ram-me que morreu o Dr. Harris!

— Home! Então foi agora mesmo, porque seabo a vel-o, sentado, com o de costume.

A noticia era verdadeira, e Hawthorne certificado do facto, pensava, no outro dia, ao entrar na bibliotheca: — Agora é bem verdade que não verei mais o velho Harris! — E vai penetrando na sala de leitura e lá avista no recanto habitual, como de costume, o Dr. Harris, com o *Boston Post* na mão.

Conta Hawthorne que por muitos dias ainda, dias consecutivos, continuou a ver o velho, no seu posto e na sua posição habitual. Harris olhava o com interesse fitando melancolicamente, como se quizesse invocar qualquer cousa. Hawthorne pensou em digirir-lhe a palavra e explicar os longos motivos que o detiveram. Limitou-se a escrever o caso, que era a serie circumspecta *Nineteenth Century* publica.

Um processo simples para impedir que as pennas se enturmesçam: mergulhal-as, durante meia hora, numa solução de sulphato de cobre: de pois enxugal-as ligeiramente e deixal-as seccarem.

Em uma aula de geographia:
O pffessor colloca o dedo sobre um ponto do mappa e pergunta ao Nambregulhas:

— Que é isto?

Uma unha suja — responde o endiabrado menino.

— Toma-se chá; a mesa estava guarnecida de muitos doces, dos quaes uma das senhoras presentes havia comido alguns.

Insistem para que coma mais e ella responde, cerimoniosamente:

— Obrigada; já comi muitos, nem sei mesmo quantos...

Um pequeno, fillo do dono da casa, exclama immediatamente:

— Eu sei, comeu onze...

Chromo

Toda cbeira de esplendores
Surge rubra e fresca a aurora!
Vae pelos campos á fóra,
Uma aldeã, colher flores!

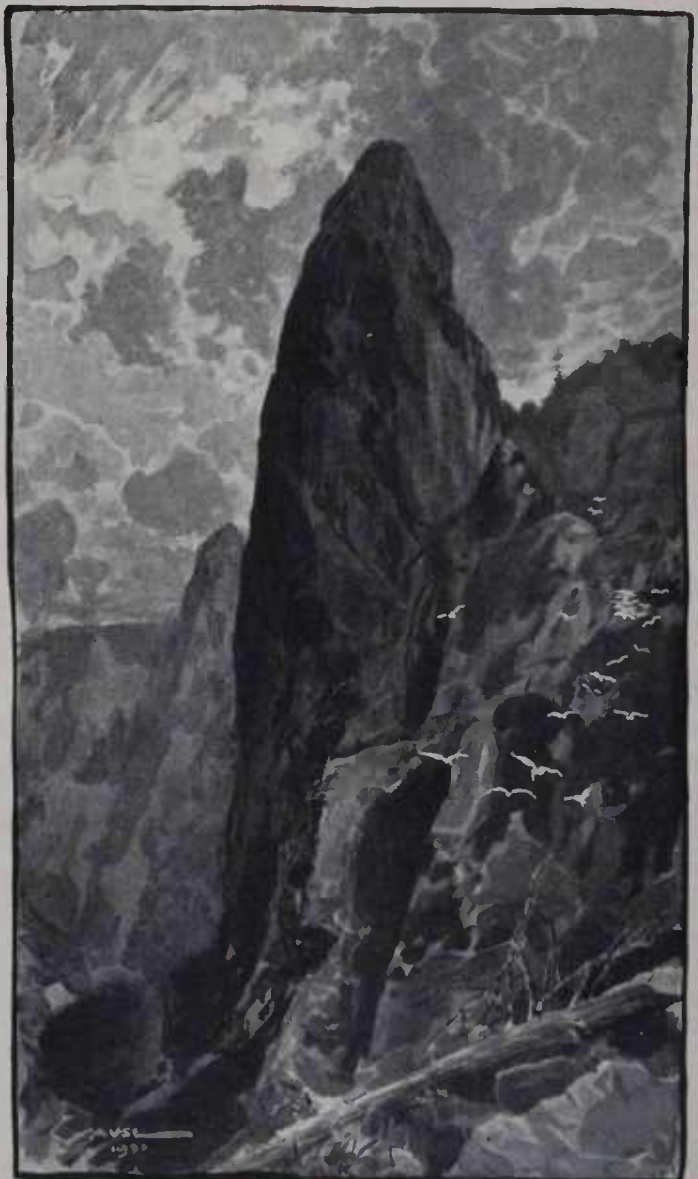
Cheia de graça e primores
Sua irmã pegerruxinha
Leva no braço a cestinha,
Onde ella depõe as flores!
E a saltar pelos caminhos
Vae cantando alegremente
N'uma toada candente!

As aves, saíam dos ninhos:

— Olha! diz ella contente
Que bando de passarinhos!

Nictérgy: 1901.

AMELIA ALVES



Grupo do rochus

CHRONIQUETA

Rio, 10 de Janeiro de 1902.

Estimo que as fornosas leitoras da Estacao tivessem boas saudades e melhores entradas. Tenho feito ardentemente votos para que o 1902 não se pareça nada com o seu antecessor, que foi um anno de calamidade e miseria.

Meu costume e creio que de todos os chronicistas dizer mal do anno que acaba, mas creiam que desta vez sou sincero e falo com o coração nas mãos. Deus nos livre de outro 1901!

Não digo que para o nosso paiz elle fosse completamente máo: afinal, tivemos Santos Dumont e o levantamento do credito nacional no estrangeiro; mas esta ultima vantagem tem sido paga, confessemos, com muito sacrificio. A vida no Brasil, ou pelo menos, no Rio de Janeiro, tornou-se um problema difficil de resolver. O negociante queixam-se, queixam-se o proletario, queixam-se todos. São necessários proclamos de equilibrio financeiro para fazer aquillo a que o povo, na sua linguagem pittoresca, chama "segurar os pires."

Emfim, enquanto Deus nos não faltar com o pão nosso de cada dia, antes assim que amortalbados.



Consolemo nos com a idéa de que, pelos modos, a quebradeira espalhou se por todo o orbe terraqueo. Os proprios principes sentem-lhe os effeitos. A insistencia com que D. Augusto pede ao governo brasileiro que lhe dê uns cobres a troco da sua adhesão á Republica, é vehemente indicio de que elle anda baldo ao saípe.

Não me parece que sua alteza consiga os seus desejos. O governo é de opinião que a Republica pôde muito bem passar sem principes. Não de estar lembrados que ella dispensou a adhesão do delantado principe Obá, e até o obrigou a despir a farda com que elle se pavoneava p r essas ruas.

Eu, se fosse o governo, faria melhor: mandaria de presente a D. Augusto, não nil contos, mas qualquer coisa, sob a condição, porém, de que elle não adberse á Republica.

Furioso ficaria, se ainda visesse o velho imperador, vento a bella figura que esti fazendo o seu neto. Entretanto, não se superberia, porque serios dissabores lhe causaram sempre as estroinices de D. Augusto. Dizem mesmo que a famosa viagem á volta do mundo, realisada em 1889 sob o commando do sr. Custodio de Mello, foi inventada para desviar sua alteza do foco de umas tantas patuscada que não se compadeciam com a sua dignidade principesca.

Não vão agora suppor que o condemnno por ter pago, embora principe, o respectivo tributo a moicidade, mas — que diabo! — parece-me que é tempo de tomar juizo.



Quem não toma juizo nem á mão de Deus Padre é o eleitorado carioca. As ultimas eleições municipais foram o maior escandallo que ainda houve em materia de eleições no Rio de Janeiro, e dizer isto é dizer tudo, tratando se de uma terra onde eleição é synonymo de bandalheira.

Culpado é só elle, o eleitorado, ou antes, o povo, que alias põe a bocca no mundo quando vê os cargos de eleição occupados por individuos s ignobeis.

Quando o povo se convencer de que deve concorrer ás urnas e fiscalisar o que é seu, é provavel que isto endreite, em que peze ao rifão: Quem torto nasce...

ELOY, O HEROE.

THEATROS

Rio, 12 de Janeiro de 1902.

Foi uma estreia feliz a da companhia organisaada por Cinira Polonio para o theatro Lucinda. A peça o Principe da Bulgaria, tinha todos os elementos para agradar e effectivamente agradou. A companhia é uma das mais completas que temos tido ultimamente, e compõe se de b ns artistas, como Rosa Villiot, Mattos, Peixoto, etc.

Para substituir o Principe da Bulgaria, está em ultimos ensaios o Deputado das saias, comedia cuja traducção foi o ultimo trabalho de Moreira Sampaio.



No Recreio reapareceu o applaudido actor Eugenio de Magalhães no seu bello papel do protagonista do Filho de Coralia.

Continua em ensaios o Quo Vidis?

Segundo a estatistica publicada por Artbur Azevedo no seu folhetim da Noticia, houve durante o anno de 1901, nesta capital, apenas 65 espectaculos theatraes.

E' realmente desanimador.

N. Y. Z.

Xarope Peitoral de Angico Composto

PREPARADO COM A LICANTADA GOMMA DE ANGICO DO PARA E ALCATRÃO DA NOROCCA

Feste antigo e afamado xarope cura em poucos dias as tosses mais rebeldes, as bronchites mais antigas, as astmas mais incommodativas, as rouquidões mais pertinazes, as coqueluches mais espumodicas e as constipações mais chronicas.

PREPARA SE NA 103, RUA DA URUGUAYANA, 103 PHARMACIA BRAGANTINA

DENTES ARTIFICIAES

A. F. de Sá Rego

ESPECIALISTA

Rua Gonçalves Dias N. 1 Praia de Botafogo N. 212

Maison Elegante

CHAPÉOS, LEQUES

Luvas, Objectos de fantasia, Enfeites para chapéos

J. Campos & Montanari

105, Rua do Ouvidor, 105 — Rio de Janeiro.

PARA OBTER UM

LINDO PEITO



Fizei uso das "Píloles Orientales" que fazem desaparecer as saliencias excessivas do peçoço e dos hombros, desenvolvem e reconstituem os Seios e dão ao busto, em dois mezes mais ou menos, uma apparenciam graciosa e duravel sem engraxar a cintura.

APROVADAS PELOS CELEBRADOS MEIQUES, BENEFICIAS PARA SAUDE NA "PÍLOLES ORIENTALES RATIÉ"

convém aos temperamentos mais delicados, ás meitades tanto como ás sehoras.

Faixa antiga e universal. Marca depositada conforme a lei. O frasco com noticia, franco contra reembolso internacional: francos 6,35. Enviar a Mr. J. RATIÉ, Pharmacienico de 1ª classe, 5, Passage Verdeau, PARIS (9ª). Informações gratuitas.

PERFUMARIAS

Preços baratissimos

Para o cabelo: Agua de quina tonica glicerinal a 1\$, 1\$500, 2\$, litro 4\$500, oleo legitimo de coco quando 1\$, dito de babosa 1\$, loções extra perfumadas 1\$, 2\$, litro 4\$500, Unguento oriental 1\$500, Oleo finissimo em estopio 2\$. Para dentes: Pastas de Ipero glicerinal, pote 1\$ e 1\$500, 16\$ dentificios hygienicos 1\$, elixir dentifricio 2\$500, Para toilette: Agua de colonia xtra 1\$, 2\$, litro 4\$500, agua floral 5\$00, 8\$00, e 2\$3\$ brillantinas 1\$500, pó de arroz finissimo 1\$ e 1\$500, valonino 2\$. Barras de sabonetes, para glicerina, glicerina e alcatrão, nendadas, e de cires 1\$ e 1\$500; sabonete de alfazê 1\$ e muitas outras qualidades. Extractos superiores, cosmeticos, loção especial contra caspa e queda dos cabelos, etc. etc.

67, Rua Sete de Setembro, 67. — Junto á Fabrica de Chocolate

Advertisement for Neurosine Prunier, featuring a circular logo and text: Reconstituinte geral do Systema nervoso, Neuroasthenia. NEUROSINE PRUNIER NEUROSINE-XAROPE - NEUROSINE GRANULADA NEUROSINE-CAPSULAS. Debilidade geral, Anemia, Phosphaturia, Enxaqueca. Deposito Geral: CHASSAING & Co, Paris, 6, Avenue Victoria.

NOVAS PUBLICAÇÕES MUSICAES

Grande estabelecimento de Pianos e Musicas

B. BEVILACQUA & C. Valsas

- Amor feliz, por J. Christo. 1\$500
Les cheveux blonds, por Leoray. 1\$500
8ª. Valsa-Boston, por H. Ramenti. 1\$500
9ª. " " " " 1\$500
Sevilla 10. valsa Baston " " 2\$000
Cecilia, por J. Pinto. 1\$500
Illusões, por G. Capitani. 2\$000
Fantastica, por A. M. M. Guimarães. 1\$500
Arminda, valsa por E. Nazareth. 1\$500

Folkas

- Guapa, por C. Bonafous. 1\$500
Dancemos, por C. Bonafous. 1\$500

Tangos

- Bicyclette por E. Nazareth. 1\$500
Cacique " " 1\$500
Turuna, grande tango caracteristico por E. Nazareth. 2\$000
Tango Joca (Viva Clack) por Costa Junior. 1\$500

Mazurkas

- Que bonita! por C. Bonafous. 1\$500
La vezosa " " 1\$500
Saudades tuas! por A. M. M. Guimarães. 1\$500
Schottisch, Pas de quatre Victoria, por J. Caminha. 1\$500
Os namorados por C. Bonafous. 1\$500
Miss, por Aurelio Cavalcanti. 1\$500
Myosotis, por J. Brito Fernandes. 1\$500
Les reveréce, nova dança figurada (com explicações). 2\$000
Album 1900, contenda 4 danças. 2\$000
Grande sortimento de novidades para piano, e canto, handolins etc.

REMETTE SE CATALOGOS GRATIS A QUEM PEDIR

Rio de Janeiro — Rua dos Ourives 43 S. Paulo (casa filial) Rua S. Bento 14-A

O DENTARIUM

É DIRIGIDO PELO CIRURGIÃO DENTISTA

PAUL KIEFFER DE PARIZ

LAUREADO COM DISTINÇÕES PELA FACULDADE DE MEDICINA

A tabella adoptada pelo O DENTARIUM e que está sendo diariamente publicada nos principaes jornaes, não foi estabelecida com o fim de fazer affluir a clientela para depois coagil-a a aceitar preços diferentes dos publicados.

CONSULTAS 2\$000

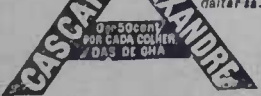
- Extracções de dentes ou raizes. 2\$000
Anesthesia local (com cocaína ou nervina). 2\$000
Limpeza geral dos dentes. 5\$000
Obturar (vulgo chumbar) á platina, prata, esmalte, osso artificial, cimento, isonadura, porcellana, etc. 5\$000
Obturar a ouro (vulgo chumbar) de 10\$ a. 30\$000
Remoção de polypas e tratamento de os tumores de dentes mortos (contando a parte a obturação da coroa do mesmo). 5\$000
Dentaduras de vulcanite, cada dente seja qual for o numero. 5\$000
Idem cada dente chapado em ouro de lei, seja qual for o numero. 10\$000
Dentadura de ouro de lei, cada dente seja qual for o numero. 20\$000
Idem, sem elays, sem grupos ou colchetes, sem molas (esta processo é o afamado "travail á point) cada dente. 50\$000
Dentes e coroas de ouro de lei garantidos (sem solda). 25\$000
Dentes á pivot (de accordo com os molinos que apresentaremos aos nossos clientes) 20\$ 30\$ e... 40\$000

12 RUA DOS OURIVES 12

das 7 horas da manhã ás 8 da noite

Prisão do Ventre

Agradavel ao paladar mesmo das crianças. 1 a 2 colheres, das de chá, ao jantar ou ao daitaraa.



Pharmacia, 19, Rua das Mathorins, PARIZ.

HEMORRHAGIAS — HEMORRHOIDAS — VARIZES PHEBITES — VARICOCELES — METRITES FIBROMAS — CONGESTÕES

HAMAMELINA ROYA

Principio activo aromatico da Hamamells Virginia. Especifico das Congestões, Dilatações, Inflammações venozas. 3 a 4 colheres, das de sopa, por dia. Inocuidade absoluta seja qual for a dose.

PHARMACIA LACHARTRE, 19, Rue des Mathorins, Paris.

PHENOL-BOBCEUF

O MAIS ENERGIICO e o menos perigoso dos antisepticos

PHENOL-BOBCEUF PERFUMADO Hygiene do Tocador

SAVÃO BOBCEUF Antissepsia da Pele.

AGUA DENTIFRICIA BOBCEUF Antissepsia da Bocca.

HELENA

A MINHA MÃE

Bello e magestoso fora o teu nascer; saudado pelos canticos da alvorada de Maio, perfumado pelo turbulido das flores, illuminado pelos limpídos raios do sol nascente! O perfume das flores, o canto dos passarinhos, o manso sopro da brisa, o balouçar da verde folhagem, a luz pura e serena do sol, tudo emfim prenunciava-lhe uma vida bonançosa, innocente e feliz!

Ab que prazer immenso nos causa olhar a pura flor romper o botão e derramar o seu aroma puro e delicado pelo ambiente!

O teu viver ternara-se ainda mais bello que o proprio ideal!

Mas, as almas puras e privilegiadas, nascem, crescem e pouco tempo depois... somem-se na noite escura e fria dos marmores!

Suas scintillações ficam innabriando o mundo fulgurantemente, a illuminar os curtos momentos de nossa vida!

Curta e cruel enfermidade, cêdo muito cêdo arrebatara aos céos, onde só habitam entidades sublimes e privilegiadas como ella.

Eu quizera ver-te e admirar te aida, oh bella e encantadora Helena!

Quizera eternamente ver-te cheia de vida e frescor, a sorrir-me docemente, como costumavas, com aquelle teu sorriso de angelica innocencia!

Em noites passadas tive a suprema veotura de ver-te e fallar contigo.

Eram sonhos cheios de alegria para o meu coração, porque via-te linda e encantadora a mais não ser. Fóra certamente tua candida e pura alma que me appareceu durante as trévas da noite, durante o tempo em que eu sonbava!...

Tiveste talvez pena de mim que tanto e tanto te ame! neste mundo!

A saudade que nos deixaste é immensa, immorredoura!

E's feliz no entanto, gentil Helena! Os anjos da eternidade sente-z-se ditosos em possuir-te, e quanto que tua pobre mãe eternamente soffre a tua irreparavel ausencia, porque eras a sua suprema alegria, seu unico bem!

Mas tu és feliz, eternamente feliz!
Em vida eras o eteroo orgulho dos teus e em morte, serás depois de Deus, sua protectora e guia, sua ultima esporaça!...

A' noite, quando contemplo o firmamento azul, parece que te vejo a brincar com os aijos, e eu em tão ufano te contemplo.

Quem me dirá que, tudo isto que vejo pela força da imaginação e da saudade, não seja real?!

Mega e suprema creatura, é immensa e eteroa a saudade que nos deixaste; o tempo jámais apagará seus traços de nossa memoria, porque suas placidas recordações vibram em nossa mente, como os bymnos d'uma vida innocente e feliz!

JOSE' CLEMENTE VICOSO NETTO.

S. PAULO.

NA CASA

(Lucio de Mendooça)

Na matta. Chove em torrente,
O sitio é ermo e sombrio
Desce um crepusculo frio
Que enregala a alma á gente.

A noitinha já vem rente,
Este macuc' bravo
Não pouca, por mais que espio!
Mas, deliciosamente.

Scismo na sala feebada
Da pacifica morada
Da criança que eu adoro...

Vejo a daqui, pensativa
Acordando a alma captiva
Do seu piano sonoro.

(Das canções do Outono).

COMO DESAPARECERAM

OS

Escrupulos de um menino

Os escurucos tiravam o socego e prostravam o animo d'um dos primeiros meninos do Oratorio. Um dia, nas proximidades da Paschoa, foi confessar-se

a capella, só com a luz d'uma pequena lamparina, estava quasi ás escuras e era impossivel que D. Bosco do seu confessorario podesse reconhecer a grande multidão de alumnos ajoelhados ao redor.

O penitente a quem nos referimos, com o coração opprimido, pensava no grande vexame que lhe causava cada uma confissão. De repente occurreu-lhe uma idéa: Se D. Bosco, sem ouvir-me de confissão, me dissesse que eu commutogasse amanhã, desappareceriam as minhas inquietações.

No mesmo instante ouve a voz de D. Bosco, que lhe chamava, dizendo:—Meu filho, hoje não precisas confessar-te. communga amanhã.

O menino attonito tirou um grande pezo de cima de si. Hoje é elle D. Francisca, membro do Capitulo Superior de Turim.

—O-X—X—O—

NO MAR...

(A' CARMELITA...)

Quando ás vezes em noite escura
Subia ao tombadilho, ermo sombrio,
Para gosar d'amplidão a frescura
Logo envolto em nevoa densa, enrrido

No silencio da noite, com ternura
Fitando o olhar na brilhante Sirio,
Recordava-me da amada pura,
Rosada e loura e de talhe esguio.

Lembrando me d'ella, feliz passava
As longas horas de tristeza infinda,
Longe da patria, terra virgem, brava,

Em cujo seio rico habita ainda
Aquelle que, oo exilio tanto pensava:
—Paè e mãe e miob'amada tão linda!...

Ouro Preto.—1901.

PAULO BRANDÃO.

Um novo livro de Huysmans

A VIDA DE SANTA LIDUINA DE SCHIEDAM

A Vida de Santa Liduina de Schiedam que acaba de saber dos prelos revela-nos quanto tem progredido cada vez mais, o celebre autor do *Em Roule*, no que diz respeito taoto ao verdadeiro espirito christão como ao da litteratura sã.

Soubes nos elle piotrar, com alma e verdade, na historia de sua heroína, as successivas estações pelas quaes uma alma, fiel ao abramento divino, penetra nas vias espirituas e mysticas, por onde se terá de elevar á mais sublime santidade.

Ao mesmo tempo, demonstra-nos essa mysteriosa lei da reversibilidade dos meritos, permitindo a substituição dos culpados pelos innocentes que se offercem para pagar á justiça divina o tributo dos peccados do mundo e, cujas orações, mortificações e soffrimentos, afastam os castigos celestes, na imminencia de esmagarem as nações prevaricadoras.

Forma eminentemente christã reveste o livro que, embora não tenha sobreabundado de descripções, como os precedentemente sabidos da mesma peoona, nem por isso, possui menor magnificencia de estylo, terso e energico.

Demais, um dos grandes meritos desta monographia, vem a ser que o escriptor não nos apresenta a sua protagonista, logo no começo, armada de ponto em branco de santidade, e provida subitamente de todas as virtudes, emfim como um typo extraordinario desde o principio.

Não; não é assim que Deus talba os seus santos, e sim como nos mostra o autor, de longa data os vem preparando, polido e refinando.

Aperfeioa os, progressivamente, por meio de provas successivas e graduas, em relação com a natureza e a força das almas que elle cbama a tão sublime vocação, sem com tudo nunca constrangir o seu livre arbitrio.

E' isso que Huysmans nos expõe muito bem em sua: *Vida de Santa Liduina*, cujas particularidades mais salientes vamos procurar esboçar.

Nascida na Hollanda, na pequena cidade de Schiedam, perto de Haya, Liduina viveu nos fios do XIV e começo do XV seculos, numa época em que o estado geral da Europa e a dissolução da sociedade civil e religiosa eram deploraveis.

A leitura do primeiro capitulo da obra, escripto a modo de introdução, e no qual o auctor pinta magistralmente a situação da Igreja e da sociedade em tal epocha, é sufficiente para nos dar idéia de tão temeros' s tempos. Nunca o equilibrio natural do mundo pareceu estar prestes a se destruir como então; nunca tambem, parece, esteve Deus tão attonto em vigiar a balança das virtudes e dos vicios, prompto a lançar as torturas e os sacrificios de seus santos e de suas santas como contrapeso ás perversões quando o prato das Iniquidades, muito pesado, fazia pender o fiel.

Afim de reparar os crimes e iniquidades de uns, pedia as resas e as mortificações de outros.
Isso não bastava, porém.

Era preciso que bouvessem almas de boa vontade que, livremente, se fizessem de victimas e de outros tantos bodes expiatorios, porque Deus a ninguém obriga ou constrange, em seu grande respeito pela liberdade humana. Nunca porém o Senhor foi frustado em suas esperanças: sempre achou, atravez dos seculos, almas generosas que de plena consciencia e alegre disposição, consentiram em expiar, por meiu de dores, o pesado resgate de peccados da humanidade.

Na lamentavel época de que fallamos, a rude tarefa coube especialmente a Santa Liduina de Schiedam.

A sua missão, muito especial foi a de ser como que uma reparadora das abomnações e iniquidades de seu seculo.

Além dessa obrigação que acellou de se sacrificar pelas faltas commetidas, de um extremo a outro do universo, ella teve ainda a preheoda particular de se constituir o bode expiatorio de sua patria, porque, como o observam os biographos, todas as vezes que Deus queria castigar a Hollanda, a ella se dirigia, sendo quem recebia os primeiros golpes.

Com a sua habitual energia estylica e notavel vivacidade de expressões, explicar-nos o auctor o modo pelo qual o Todo Poderoso amoldava essa alma para tal papel, tão subli me quanto apavorante, e como era correspondido nos apellidos que fazia para essa terrivel vocação.

No momento em que a divioa graça começou a penetrar em si, Liduina era uma mocinha de 15 annos, bella e esbelta, de voz doce e sonora, como no o descrevem os contemporaneos.

Dotada com essa belleza peculiar ás louras flamengas, encantava sobretudo pela candura de seus traços, a graciosa ingenuidade de seu riso e a expressão de ternura reservada de seu olhar; quando ajoelhada na igreja parochial a rezar o seu rosario, seu porte era tao modesto, tão fervorosa parecia, de tal modo enlevada em Deus, que a todos os assistentes edificava, inspirando-lhes sympathico e piedoso respeito.

Nesta época de sua vida foi pedida em casamento por pretendentes cujas condições de familia e fortuna muitos estavam acima das suas. Mas, interiormente illuminada, concebia quanto é estreito o amor que leva os individuos a se prenderem a uma creatura qualquer; quanto é elle egoista e inferior comparativamente a esse que se refere a Deus, e comprehendeu, de uma vez, que devia offerrecer a sua virgindade a Christo, e desde então aspirou amal o completa e unicamente.

Dabi em diante cada vez mais inquieta por se sentir bella, pede a Deus que a enfeie.

Escuta e attende Elle ao pedido de sua serva de quem aceita o holocausto e, como se a saude fosse um obstaculo a seus designios, sobre a abnegada victima, como si não se deleitasse em corpos sã s, se-gundo a expressão de Santa Hildegarda, a grande mooja benedictina, começam por arruinar-lhe a saude.

Este corpo joven e encantador, envolvero de tão perfeita alma, eil o que a acabrunha de enfermidades, abre-o em todos os sentidos, criva-o de chagas e de ulceras, d' s'p's á cabeça; não ha membro que não sofra, nem parte que, interior ou exteriormente, fique inmerne de espantosos soffrimentos e atrozes torturas.

Para o fim dos seus quinze annos, não a reconheceriam, belleza e encantos tinham desaparecido, e, aos 20 annos, só se via nella um corpo tumelacio, a quem affligia em toda a sua plenitude repugnante a fealdade dos cadaveres; com o resto deformado pela inchação, cega, a mostrar orbitas ensaoguetadas, causava horror e asco a sua presença; d'ahi em diante se transformara o envolvero carnal de sua alma numa coisa disforme e monstruosa, inexprimivel em que os membros ulcerados e corroidos pela gangrena, paralytica, mal se sustinham apegado; ao tronco por meio de ligaduras; e o martyrio deste pobre corpo deve durar aida trinta e tres annos, sem a menor interrupção até ao dia de sua morte, occorrida aos 53 annos de idade.

DOR DIONISIO VERDIN, O. S. B.

SONETO

Ao Ferraz d'Ely

Se tu sorris, que encanto e que alegria
No teu formoso olhar então diviso!
E tudo que me cerca se atavia
A' graça senhoril de teu sorriso!
Tem o canto das aves mais magia...
Em flores se transforma o cbão que pizo...
E meu ser pulsa, vibra e s'nebria
Pois a terra se fiz n'um Paraizo!
E se aperto te as mãos feitas de lyrios...
Adeus! maguas, pezares e martyrios!
De tudo tenho o peito mey deserto...
E min'alma vai tremula cantando
Serena e calma pelo azul sonbando,
Longe dos homeos e de Deus mais perto!

MARIANO FLORES.

MOLDES

Para o presente numero offerecemos:

N. 77 — Manga..... 1\$000
N. 3 — Manga..... 1\$000

Pelo correio mais 300 réis para o primeiro molde e 200 réis para cada um dos que se seguirem.

ENXOVAES PARA RECEM-NASCIDOS

Mediante a insignificante quantia de 3\$000, ou 3\$500 pelo correio, podemos fornecer em envelope apropriado, moldes completos para enxovaes de recém-nascidos constando de quatorze peças.

Os pedidos bem como ns importancias são recebidos no escriptorio desta folha—Rua dos Ourives, 7 —Rio de Janeiro.

A MINHA MÃE

No teu viver cruel, de dor cheio e de abrolhos
 E's qual o viajor a bordejar sem norte
 Em densa cerração perdido nos escolhos

 Daria minha vida inteira, n'um transporte
 P'ra te restituir a luz aos tristes olhos
 Mas... quem sabe talvez eu te apressasse a morte!...

Talvez te amargurasse os ultimos instantes!...
 Sem me veres, ver tudo... Oh! que suprema dôr!
 Que os nossos corações se juntem, queres antes
 Qual de azas um sentir de tepid' caler.

Seguiremos assim... cansadas e anhelantes
 D'ardua senda a vencer o interminio labor
 Na vida eu guiarei teus passos vacillantes
 E o meu guia ha de ser o teu sublime amor.

2 de Dezembro de 1901.

AUREA M. DE SIQUEIRA.

Mutação

A. C.

Pousa no altivo serro alcantilado
 Negro floco que os vales escurece;
 E depois outro... e outro; e, emfim, parece
 Certo o vellez tufão desencadeado.

Mas soprando um zephiro moderado
 (Que tanto ameaça a dor de quem padecer)
 Sombras espalha, ardores arrefece
 E torna o ceu sereno e socegado.

E a luz do sol no occaso já sumida
 De novo surge; e a onda que murmura
 Manda um beijo subtil em despedida.

Assim teu riso cheio de brandura
 Varre-me as sombras desta horrenda vida
 O' doce, ó terna, ó meiga creatura!

A. AZAMOR

Niteroy.

A MORTE

(D. FELIPE IV. rei da Hespanha)

E a morte um effeito poderoso,
 Firme seu proceder mal entendido,
 Amada de Mitridates vencido,
 Temida do Pompeu victorioso.

E a morte um remedio duvidoso
 Ao veneno do misero rendido,
 Que das proprias desgraças sacudido,
 Entrega ao terno somno o seu repouso.

E' um porto onde a não que é combatida
 Pela furia do mar contrario e forte,
 Pensa ter uma prospera guarida.

E' um bem não querido de tal sorte
 Que de nenhum valor seria a vida,
 Si não houvesse a irrevogavel morte.

Rio, 16 de Janeiro de 1898.

(Das Libellulas)

OSCAR D'ALVA.

NINON DE LENCLOS

Essencia da ruína, que jamais osou macular-lhe a epiderme. Já passava dos 80 annos e conservava-se jovem e bella, atrahendo sempre os pedagos da sua certidão de baptismo que nascava a cada Tempo, cuja foice embotava-se sobre sua encantadora physionomia, sem que nunca deixasse o menor traço. «Muito verde ainda!» via-se obrigado a dizer o velho rubugento, como a rapoada Lafontaine dizia das uvas. Este segredo, que o celebre egoista facerajamais confiara a quem quer que fosse das pessoas daquelle epocha, descobrio-o o Dr. Lenclos entre as folhas de um volume de *L'Histoire amoureuse des gaules*, de Bussy-Rabutin, que fez parte da bibliotheca de Voltaire e é actualmente propriedade exclusiva da **PARFUMERIE NINON, MAISONS LENCLOS, Rue du 4-Septembre, 35 a Paris.** Esta casa tem-na a disposição das nossas elegantes, sob o nome de **VERITABLE EAU DE NINON**, assim como as receitas que d'ella provêm, por exemplo, o

DUVET DE NINON

pó de arroz especial e refrigerante;

Le Savon Crème de Ninon

especial para o rosto que limpa perfeitamente a epiderme mais delicada sem alteral-a.

LAIT DE NINON

que dá alvura deslumbrante ao pescoço e aos hombros
 Entre os productos couheidos e apreciados da **PARFUMERIE NINON** contam-se:

LA POUDE OCAPILLUS

que faz voltar os cabellos brancos á cor natural e existe em 12 cores;

SEVE SOURCILIERE

que augmenta, engrossa e firme as pestanas e os supercilios, ao mesmo tempo que dá vivacidade ao olhar

LA PATE ET LA POUDE MANDERMALE DE NINON

para fibura, alvura brilhante das mãos, etc., etc.

Cavem exigir e verificar o nome da casa e o endereço sob o rotulo para evitar as emittações e falsificações

PARFUMERIE EXOTIQUE E. SENET

35, Rue du 4-Septembre, 35, PARIS

MÃO DE PAPA do duque, de príncipe, por meio da **Pâte des Prélats**, que embrançoa, elisa, assetina a epiderme, impede e destrói as freiras e os racha.

UM NARIZ PICADO de pequenas borricilhas ou com cravos torna a recuperar sua brançura primitiva e suas côres lisas por meio do **Anti Bolbos**, producto seu igual e muito contraffeito.

CUIDADO COM AS CONTRAFACÇÕES
 Para ser bella e encantar todos, o **Cheos** deve-se servir da **Fleur de Pêche** pó de arroz feito com fructos exóticos.

POUCOS CABELLOS

Fazem-se crescer e cerra-las empregando-se o **Extrait Capillaire des Benedictins de Mant-Majella**, que tambem impede que caiam e que liquem brancos.

E. SENET, Administrador, 35, R. du 4-Septembre, Paris

NÃO ARRANQUEM MAIS

os dentes estragados, e não os arranquem com o **Elixir dentifrice des Benedictins de Mant-Majella**.

E. SENET, Administrador, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

Pastilhas e Xarope de Nafé

DELANGRENIER

excellentes peitoraes contra

TOSSE. DEFLUXO. BRONCHIITE

As Pastilhas de Nafé são verdadeiros confeitos peitoraes de um gosto delicioso. Acalmam as irritações da garganta e do peito.

O Xarope de Nafé, misturado com uma infusão ou com leite quente, forma uma tisana muito calmante e muito agradável.

Esses peitoraes não contém substancia toxica e podem ser administrados com toda a segurança ás CRIANÇAS e muito particularmente contra a COQUELUCHE.

Esigir a marca verdadeira: Delangrenier-Paris

São encontra-los em todas as Pharmacias

SUAVIDADE — FRAGRANCIA — DELICADEZA — NOVO PERFUME

LE REFLE

Incarnat

CAUTELA COM AS IMITACÕES

II Piver

PARIS



PILULAS DE BLANCARD

APPROVAOAS PELA ACADEMIA DE MEDICINA DE PARIS

Resumem todas as Propriedades do IODO e do FERRO.

40 Rua Bonaparte PARIS



Estas Pilulas são de uma efficacia maravilhosa contra a **Anemia, Chlorose** e todos os casos em que se trata de combater a **Pobreza do Sangue**.

VICHY-ÉTAT

VICHY-HOPITAL

Molestias do Estomago e do Intestino.

VICHY GRANDE-GRILLE

Molestias do Fígado e do Apparelio biliar.

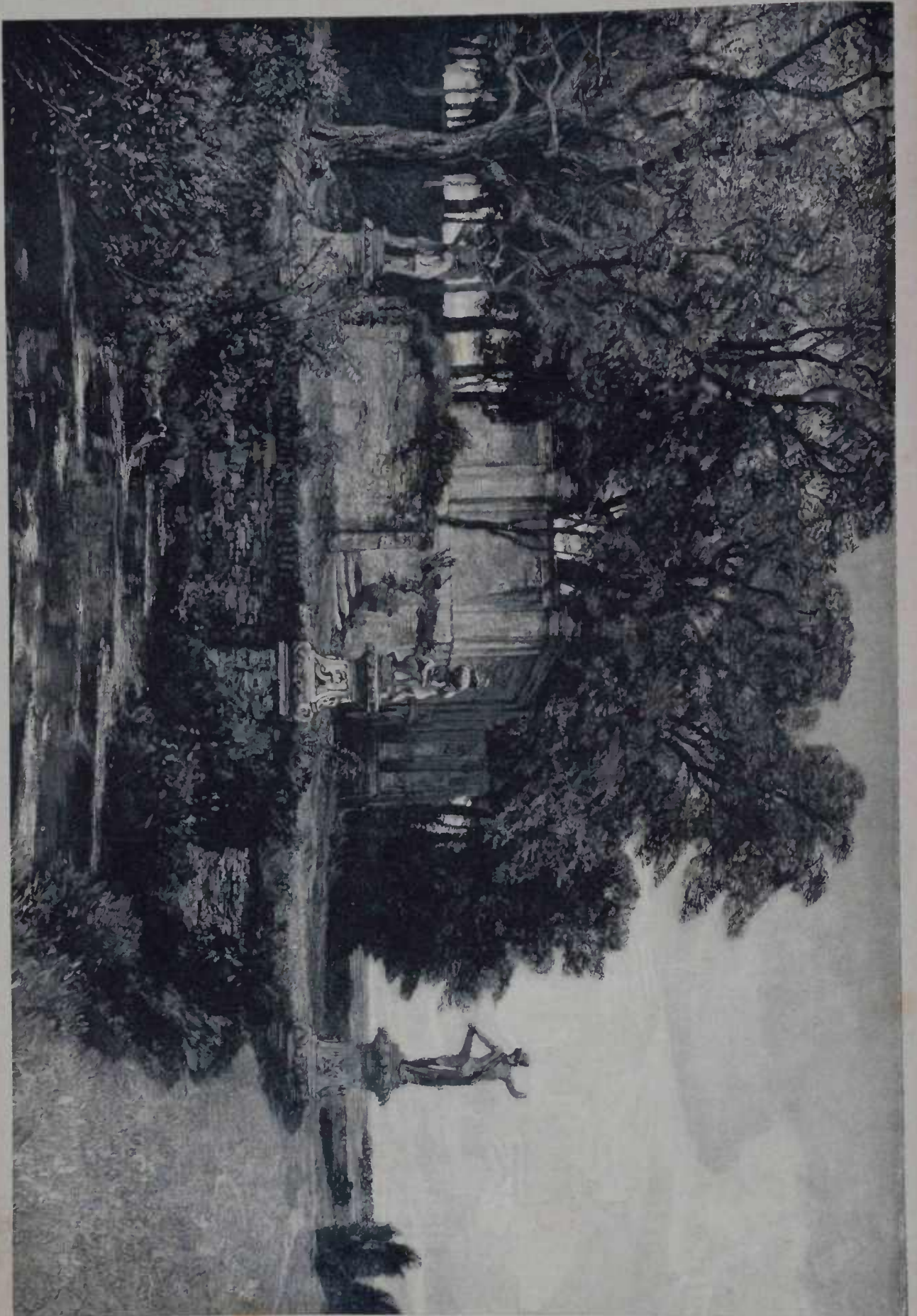
VICHY-CELESTINS

Molestias dos Rins e da Bexiga, Gottas, Diabetes.

AO RECEITAR ESPECIFIQUEM BEM O NOME

PASTILLES VICHY-ÉTAT

COMPRIMÉS VICHY-ÉTAT



Sumptuosidade desahida. Copia do quadro de Hugo M. Darnaut.



Ao começar do jogo. Cópia do quadro de Carl Herpfer

CHRONIQUETA

Rio, 23 de Janeiro de 1902.

Não sei se a temperatura já não sobre o destino humano, mas o facto é que nestes ultimos dias, de uma continência abrazadora, tem havido uma terrivel serie de desgraças mais ou menos dignas de interesse. Nada faltou a o fleccão: assassinatos, suicídios, de sastes, incendios e uma apuraração de eleição municipal, que fez a maior veigãha destes ultimos tempos.

Felizmente o governo, com uma pennada a que toda a gente tem batido palmas, acaba de annular a celeberrima eleição de 2 de Dezembro, incumbindo ao conselho transacto a administração do municipio até que o eleito se pronuncie de novo.

Mas ha de ser sempre a mesma coisa, enquanto não se fizer uma boa reforma eleitoral, e não se tornar, como já se fez n'outros paizes, o voto obrigatorio, uma vez que o cidadão brasileiro tão pouco prezou os seus direitos.

Tivemos ultimamente uma bonita festa a inauguração da chacara do Colomy Club, com o seu elegante pavilhão construído por Moraes de los Rios, os seus theatrinhos ao ar livre, etc.

Acompanho de boa vontade os collegas de imprensa, que verberaram energicamente os marmanhos que avançaram sobre os brinquedos destinados as crianças, e deram tão triste idéa da sua educação e da sua intelligencia.

Desde que esses granjeis se contijam, e seja rigorosamente prohibido o luxo com que algumas crianças se apresentam, envergando as que não têm sedas, o Colomy Club podia prestar os melhores serviços á sociedade brasileira.

Tres mortos: — O barão de Pereira Franco, ministro do Supremo Tribunal Federal, illustre servidor da Patria. — Leopoldo Heck, tal tanto desenhador, gravador e lithographo allemão, que ha mais de quarenta annos residia nesta capital, onde os seus trabalhos foram sempre apreciados.

— Luiz Chapost Pinvast, cirurgião dentista, e cavalleiro muito estimado na sociedade fluminense. ELOY, o HEBRA.

Antithese

(A Invenção Rayne)

Sentir-se amado é ser feliz, porque o amor é a melhor e a mais deliciosa de todas as sensações, é o anjo que purifica a alma e engrandecem o coração.

O amor é branco como petalas de lyrios, perfume como as campânias; é meigo e cuidados; é rissonho como as mais decas manilhas de Maio. Elle canta, e o seu canto é muito mais doce e harmonioso do que a voz dos passaros, e muito mais atrahente! Tem as cores do céu, e todos os encantos da natureza. Pala a lingua em desencobrida e mysteriosa que muitos corações não podem traduzir! Elle é a vida inteira, o encanto de todos os encantos terrenos!

Amar é correr-se a vida inteira atrás de alguém que não nos ama, é o maior de todos os tormentos, o maior dos desbatalos, é uma dor profunda, uma meiga verdadeiramente dolorosa! É um odio raneroso, um ciúme palpitante, um mundo inteiro de dissabores! É o cumulo de todos os males, é a maior de todas as venturas, é a mais sincera e mais tocante de todas as felicidades.

AMELIA PEVILAGGA.

Rio de Janeiro, 21 de Janeiro de 1902.

THEATROS

Rio, 23 de Janeiro de 1902.

Inaugurou-se, com uma representação do *Primeiro de Bulweria*, dada pela companhia Geora Plonio, o theatro do Parque Fluminense, o theatro pelos irmãos Secreto.

Nada leijamos que dizer, se não fosse a bulha produzida pelo dynamo electrico, e que não devesse ouvir o que dizem os artistas. Revendido esse inconveniente, so ha o gito para o theatrinho construído com muito gosto.

No Lucinda, o alludido *Primeiro* foi substituído pelo *Deputado das saias*, comedia em tres actos, traduzida por Moreira Saunpica, cujo alludido theatrinho foi.

É uma peça engraçada, que não se pode, em vista, recomendar ás senhoras, mas que diz o tem, pelo menos, o merito de ser uma peça politica. Podia intitular-se *Como se faz um deputado*, tal qual a peça de França Junior.

A excellente companhia do Lucinda deu bem desempenho a esta comédia, e já tem outra em en-

saio, traduzida pelo nosso collega Arthur Azevedo com o titulo *Quasi!*

No Recreio fez-se uma *répise* do *Naufragio da raposa Medusa*. O velho drama de Dennery tem dado bem boas casar.

N. Y. Z.

Xarope Peitoral de Angico Composto

PREPARADO COM A RECIPIADA COMMA DE ANGICO DO PARA E ALGUEIRO DA NORUEGA

Este xarope e afamado xarope cura em poucos dias as tosse mais rebelles, as bronchites mais antigas, as asthmas mais incommodativas, as rouquidões mais pertinazes, as tosse mais espermáticas e as constipações mais molestas.

PREPARA SE NA 103, RUA DA URUGUAYANA, 103 PHARMACIA BRAGANTINA

DENTES ARTIFICIAES

A. F. de Sá Rego

ESPECIALISTA

Rua Gonçalves Dias N. 1 e Pr. de D. Pedro N. 212

Tonico Vegetal Restanrador dos Cabellos

Depois de ter usado de todos os tonicos para a cabeça é que será apreciado este. Ao acaso encontrou-se esta receita, e descoberta do indio Carijó no anno de 1795. A venda nas casas de perfumarias e pharmacias do Brasil, depositario: ANTONIO CARLOS MADEIRA - Vidro 48000. Rio de Janeiro.

Licor de Leite

(NOVIDADE)

Nenhum mais delicado e delicioso, nem mais agradável ao paladar do que este, producto de José Augusto de Arruda.

Encntra-se nas boas confeitarias e casas de melhados do Brasil, depositario: ANTONIO CARLOS MADEIRA - Garrafa 38500. Rio de Janeiro.

PERFUMARIAS

Preços baratissimos

Para o cabelo: Agua de qui na tonica glycerinada 18, 18500. 25, litro 45000. Olenoligimio da coça quimada 18, dita de tosse 17, licoes extra perfumeadas 15, 25, litro 18000. Tonico oriental 18000. Oleo finissimo em estuo 25. Para dentes: Pastas de lyrio glycerinada, pote 18 e 18500. 75 dentificios hygienicos 18, elixir dentifrico 25000. Para tosse: Agua de melancia extra 18, 25, litro 45000, agua de laranja 5000, 8500, e 25 lillimantomas 18500, pó de arroz finissimo 18 e 18500, veloninas 25. Barras de sabonetes, para a tosse, algerina e electrica, amendoas, e do cores 18 e 18500, sabonete de alfazê 18 e muitas outras qualidades. Existentes superiores, cosméticos, legio especial contra caspa e queda dos cabellos, etc. etc.

67, Rua São de Setembro, 67. — Junto á Fabrica do Chocolate

Musica Moderna

PARA PIANO

- Maidagal Pavani - Francisco Braga.... 25000
- Mazurkas - Francisco Braga..... 18500
- Minuetto - Francisco Braga..... 18500
- Valsas
- Das do teu coração? - Avello Cavaleante. 18500
- Seres - Carlos Teixeira de Carvalho 18500
- Os olhos de Gressa - Carlos Teixeira de Carvalho..... 18500
- Letras - Carlos Teixeira de Carvalho... 18500
- Schottisches
- No Grande - Azevedo Lenos..... 18500
- Galopales - Ubaldo Soares..... 18500
- Imaginoso - Avello Cavaleante..... 18500
- Uma - Carlos Teixeira de Carvalho..... 18500
- Pollkas
- Para piano e canto
- Sacra Maria, Ballada - E. Bragantino... 25000
- Os amores - Amad Galvão..... 18500
- O Sertão - Amad Galvão..... 18500

VIEIRA MACHADO & C.

Deposito exclusivo dos melhores pianos de JULES FRÉCHET 51, Rua dos Ourives, 51

O DENTARIUM

É DIRIGIDO PELO CIRURGIÃO DENTISTA

PAUL KIEFFER DE PARIZ

LAUREADO COM DISTINÇÕES PELA FACULDADE DE MEDICINA

A tabella adoptada pelo O DENTARIUM e que esta sendo diariamente publicada nas principaes jornaes, não foi estabelecida com o fim de fazer affluir a clientela para depois coagil-a a aceitar preços diferentes dos publicados.

CONSULTAS 2\$000

Extrações de dentes ou raizes.....	28000
Anesthezia local (com cocaina ou nervalina)	28000
Limpem geral dos dentes.....	50000
Obturar (vulgo chumbar) á platina, prata, esmalte, ouro artificial, cimento, isonandira, cellulosa, etc.....	50000
Obturar (vulgo chumbar) de 10\$ a	30000
Remedio de pontos e tratamento dos canaes de dentes mortos, (contando a parte a obturação da coroa do mesmo).....	50000
Dentaduras de vulcanite, cada dente seja qual for o numero.....	50000
Idem, cada dente chumbar em ouro de lei, ou qual for o numero.....	100000
Dentadura de ouro de lei, cada dente seja qual for o numero.....	200000
Idem, sem elajo, sem grampos ou colchetes sem molas (este processo é o afamado "Travail á point") cada dente.....	500000
Dentes e coroas do ouro de lei garantidos (sem solda).....	400000
Dentes á pivot (de accordo com os modelos que apresentaremos nos nossos chiques) 20\$ 30\$ e.....	400000

12 RUA DOS OURIVES 12

das 7 horas da manhã ás 8 da noite

AVISO ÀS SENHORAS.

O'APIOL Dos DJS

JORET e HOMOLLE

CURA AS DORES OS ATRASOS A SUPPRESSÃO DAS REGRAS

DEPOIS DO CASAL

Ph. G. SÈGUIN, PARIS

165, Rue St-Honoré, 165

E EM TODAS PH^{CS} E DRUG^{AS}

CRÈME SIMON

PARA conservar ou dar ao rosto FRESCURA MACIEZA MOCIDADE.

Para proteger a epiderme contra as influencias perniciosas da atmosphera, é indispensavel adoptar para a toilette diaria o CRÈME SIMON.

Os PÓS de Arroz SIMON e o SABONETE Crème Simon, preparados com glicerina, a seu modo benéfico e não evitam que não ha ninguém que a use uma vez que não reconheça as suas grandes virtudes.

MÉDAILLE D'OR, Paris 1900

J. SIMON, 90, rue de Valenciennes PARIS 10^e Saint Martin

PHARMACIAS, PERFUMARIAS e lojas de Cabelleiros.

Desconfiar das Imitações.

Bibliographia Benedictina

A provar que os beneditinos modernos são os successores legitimos desses benemeritos que nos conservaram o que hoje possuímos das litteraturas grega e latina, ha um grupo de homens eruditos e doutos, gloria de nossa ordem que constantemente num afanoso lidar publicam obras de maxima importancia sobre assumptos historicos, religiosos e scientificos em geral. Entre as ultimas produções de nossos confrades notam-se as seguintes:

• Vida de S. Sebastião Neudigate, Cortezão, Monje e martyr * pelo reverendo p. D. Beda Comm. da Abadia de Erdington, Inglaterra, « os louvores de Sant'Anna e referencias historicas acerca do culto da Santa, na Italia » pelo Rev. p. D. Henrique Rickenbalh, reitor do collegio Grego Pontificio, de S. Athanasio em Roma e, « Do commedimento nas cousas da musica de Igreja » do Rev. p. Dom Ambrosio Kienle da abadia de Beuron e « De Gemino Probabilimo dicto » do Rev. p. Dom Maiolo de Gaigny da nossa Congregação Brasileira.

Dom Beda Comm. escreveu um bello trabalho nessa biographia do Beato Sebastião Neudigate, martyr cartuxo.

Com effeito nada mais commovedor do que a historia desse cortezão que, graças a sua irmã, ferreira catholica e muito sua amiga, trocou pelo elastro da cartuxa de Londres, os prazeres da libidinosa corte do monstro coroado que foi Henrique VIII, o lascivo pilygamo, que tanto mal fez à nação Inglesa. Rogos e ameaças do tyranno e dos amigos nada puderam contra a inabalavel fidelidade de martyr ao catholicismo, até que cançados com essa persistencia que os envergonhava fizeram com que o antigo cortezão recebesse a palma do martyrio.

O livro de Dom Beda Comm é muito em-cionante, cheio dos mais curiosos detalhes historicos sobre os costumes da epocha e além disso foi impresso com muito esmero em edição ornada de bellas gravuras.

A obra de Dom Henrique Rickenbalh sobre o culto da Mãe da Virgem é completa.

Nas duas primeiras partes, onde usa elle tudo o que os padres da Igreja escreveram de mais importante sobre o assumpto, pondo em evidencia alguns textos tirados dos padres da Igreja oriental, até hoje um tanto obscuros.

Achamos ahí a traducção completa do mais antigo panegyrico de S. Ame e de que é auctor S. Pedro de Argos.

Os hymnos da liturgia grega, são ricos de poesia e de piedade, figuram em grande parte nesse concerto de louvores a Sant'Anna.

Assim pois os pregadores e bagiologos acharam cousas que os interessaram muito nessa collecção de bymnos tão pouco conhecidos, computativos da antiguidade de devoção à mãe de Maria.

Na terceira parte do livro o Reitor do Collegio Grego de S. Athanasio em Roma dá intrinsecas historicas acerca do culto e dos principaes sanctuarios da Santa, existentes na Italia.

Corda o bello trabalho uma magnifica escolba de devotas orações a Sant'Anna.

Embora lhe seja extranha a lingua italiana o Rev. p. Rickenbalh sabiu-se perfectamente de sua empreza, tendo empregado uma linguagem castiçada que mereceu, da parte de distinctos litterarios italianos os mais francos elogios.

O Rev. p. Dom Ambrosio Kienle é muito conhecido no mundo musical pela sua « Escolba de Canto Choral » uma das melhores interpretações do canto gregoriano que se conhecem.

Assistam-nos agora certas tendencias que julga descobrir nos reformadores ou antes nos restauradores daquelle canto por lhe parecer que estão ultrapassando os limites da prudencia.

A « Caecilieverein » muito tem despertado o amor pela musica sacra na Allemanha. A reforma fez-se mesmo nas menores aldeias. As prescripções liturgicas certamente são as mesmas por toda a parte, entretanto é impossivel pedir a uma parochia de campones o mesmo que pode exigir de uma freguezia de cidade.

Aos bispos cabe fixar a justa medida, afim de satisfazer ás prescripções geraes, e de não esgotar as forças tão pequenas e insufficientes dos curas dos campos.

Dom Ambrosio Kienle acha que os chefes da reforma estão com demasiadas exigencias e approva o procedimento dos Bispos que até agora parecem pouco dispostos a acceder ás Instancias da « Caecilieverein » quanto a darem prescripções firmes, embora muito sympathica a associação reformadora.

Na segunda parte, o auctor examina detalhadamente as leis ecclesiasticas sobre a musica sacra, liturgia discute o seu alcance. Essa parte é importantissima e muito util tanto a musica como a liturgistas.

O que dá ao livro de Dom Kienle auctoridade e valor excepcionaes são as calorosissimas approvações que obteve da metade do Episcopado allemão; os termos porque foram dirigidos esses louvores dos Prelados mostram-nos a importancia dessa questão da vida liturgica preenchida de consequencias praticas para a vida parochial.

É, um livro de alta oportunidade, esse que tão magistralmente escreveu Dom Ambrosio Kienle, o nosso eminente confrade de Friburgo.

A obra do Revdo. p. Gaigny chega nos agora.

Mais de espaço nos occuparemos desse trabalho do distincto membro da Congregação Brasileira.

A presença nas livrarías do quarto livro escripto em Inglez, Allemão, Italiano e Latim, por quatro diferentes membros da Ordem Benedictina, mestram bem que os actuaes monges estão inspirados para as lides scientificas e litterarias, pelo mesmo espirito que para a civilisação conservou inestimaveis thesouros e ao aceno de letras, artes e sciencias enriqueceu sobremaneira durante longa successão de Seculos. Cada vez mais se amplia a acção fecunda dos continuadores dos religiosos de Lublaco e do Monte Cassino, se o sectarismo militante e iconoclasta faz apagar, com agua, esses lócos de intensa luz, que foram Solesmes e Ligegé, as abadias de Dom Guereugez e Dom Potthier, esperemos temporariamente que outros surjam prometendo em breve adquirir um brilho de primeira grandeza.

Na Inglaterra, nos Estados Unidos, na Australia emfim em toda a parte as comunidades se estabelecem.

No Brasil dá-se uma verdadeira resurreição, graças à tenacidade do Abade de Olinda e à prudencia e zelo infatigavel do nosso venerando Prelado, o Abade Geral a quem Deus quiz dar a consolação inexprimivel de ligar o seu nome a tão notavel resurgimento.

Em nossa patria os beneditinos serão o que tem sido em toda a parte, e, em breves annos, os mosteiros brasileiros contarão entre esses estabelecimentos em que para a gloria divina e serviço da Igreja as sciencias são praticadas: ao lado das virtudes monacaeas.

As duas cousas mais importantes a tratar se no Congresso Catholico são a Escola parochial e a Imprensa — Diz muito bem o Rev. Sr. Conego Duarte. A Escola parochial deve ser o objectivo de todo desvelo, de todos os esforços do sacerdote, principalmente do parochio. Escola parochial é aquella que está debaixo da directa e immediata supervisão da Igreja, cujos professores embora seculares — são catholicos praticos, recebendo da Igreja a *missio canonica* para ensinar — como é costume nas escolas vernamenteas catholicas da Allemanha, Hollanda etc. — e cujo ensino, em qual quer materia que for, é baseado sob os principios da Religião Catholica.

Como catholico nunca poderem contentar nos com um instituto hybrido em que se ensinam as materias profanas segundo o chamado systema *leigo* ou antes, atenuado depois da aula regular, como por accrescimo, uma liçãozinha de cathecismo. A instrucção religiosa não deve ser considerada a sobremesa do alimento intellectual da mocidade catholica.

O systema *Faribault* — aquelle hybridismo mencionado, — primeiro introduzido por Mgr. Frelaud na parochia do mesmo nome na archidocese de St. Paul, Estados Unidos, foi reprovado unanimemente pelos outros bispos americanos.

O *tolerari potest* da S. Congregação da Propaganda era admissivel só naquelle parochia, levando-se em conta o estado de pobreza e o pouco desenvolvimento do catholicismo então ahí.

Em declaração posterior, incisivamente se affirmava, que tal systema não se deveria generalisar.

É preciso trabalhar pela realisação do nosso ideal. Si outras nações puderam realizal-o, tambem nós.

É um principio presupposto por todas as leis canonicas, que qualquer diocese, que se acha em condições rmas e circumstancias ordinarias, produz o numero de vocações sacerdotaes preciso para satisfazer as necessidades espirituaes dos fiéis. Com o augmento normal e natural da população cresce, geralmente, tambem o numero de vocações ecclesiasticas; de modo que, como termo medio, deve haver um sacerdote para cada oitocentas almas. São, porém, poucas as dioceses no mundo catholico, que alcançam tal media; excedendo-a o Luxemburg, contando um sacerdote para cada quinhentas almas.

Na Italia e na Hespanha o clero, out'ora muito numero, diminuiu notavelmete. A França, embora envle muitos missionarios para o estrangeiro, não deixa de ter, principalmente em algumas dioceses, grande escassez de padres; numa diocese, assim escreve o seu bispo, existem mais de duzentas parochias vagas.

Na America latina, com excepção talvez do Mexico, Costa Rica e Chile, a falta de clero é enorme; no Brasil apenas haverá um padre para cada doze mil fiéis.

DO ESTANDARTE CATHOLICO.



Visões do mar

Uns argonautas, pallida senhora,
Ambicionando o vellocino d'ouro,
Para a e nquista do ideal thesouro
Fretaram náos, partiram mar em fora...

E sobre o oceano, que marulha e chora,
Abrindo a cada vaga um sorvedouro,
Lá vão ellas, buscando o ancoradouro,
Quer morra o dia, quer desponte a aurora.

Dizel qual dessas náos aventureiras
Há de aportar ás plagas mysteriosas
De voss'alma — o sonho vellocino...

Qual será pelos deuses protegida?
Todas sossobrairá? no mar da vida
Ou chegará alguma ao seu destino?

JULIO SALGUEIRO.

No baile

NO BGDUIR

No roseo *boisoir* illuminado,
Ante o *crystal* do *Psyché* custoso
Ella comprime o corpo setinoso
Com a fita do saioite rendilhado.

Depois, ajusta ao collo delicado
As rendas do corpete luxuoso
Prende o cabelo em laço veludoso
E põe no seio um cravo perfumado.

Em fina essencia, o lenço aromatiza
E pelas faces lirias desliza
O pequenino trescalante arminho.

De frente o espelho, ensaia uma habanera
E vindo fora o carro, á sua espera,
Sorrindo sahe desse elegante ninho.

NO SALÃO

Pisa o salão em festival replecto,
Saída á todos e sorri se, quando
Ouve um rapaz medroso, vacillando,
Pedir-lhe o braço alvissimo, correcto.

Volteia então o joven par erecto,
Ao som da orchestra a valsa executando;
E ella n'um gesto gracioso e brando,
Agita o rubro leque predilecto.

E dança o jovem par a noite inteira
Até que ella indo ao varandim brejeira,
Vê longe o sol, surgir n'um céu d'opala,

Atira ao hombro n'uma capa leve
E ao partir o *landau*, a passe breve,
Agita o leque ás saudações da sala.

NA ALCOVA

Entra n'alcova, a passo brando e incerto,
Pisando o chão, soh um tapete denso,
S'alta o sentineo e perfumado lenço
Das rendas do corpete semi aberto.

Sobre o divan, de setim branco, peito,
Despe se branda, n'um torpor immenso;
Sahe um perfume capitoso e intenso
Das curvas de seu collo descoberto.

E livre já do veste rendilhada
Cabe sobre o leito, afando extenuada,
E beija a flor que no cabelo traz.

Unida a bocca ás petalas, fremendo,
Ella sorrindo e quasi adormecendo,
Murmura meiga um nome de rapaz.

NOBRIGA JUNIOR.

NATAL

Foi o que Jesus
Um dia disse ás mansas criancinhas;
E deu-lhe o bom ceio, cheio de luz,
O calmo céo das velhas crencas minhas...
Pois isso mesmo, filhos, eu repito
Nesta amorosa noite de natal...
Ha festa no infinito!

Oijo d'aquí a marcha triumphal
Das preces em revoadas;
Em cada labio canta uma ballada,
E em cada berço d'ouro,
Embora muita sente não o creia,
Anda a poisar um lindo menino d'ouro,
Vindo talvez das bandas da Judeia!
Como Jesus, filhinhos, eu tambem
Quizea dar-vos um presente raro:
Mas, por desgraça, tudo, tudo é caro,
Para um pobre, como eu, que nada tem!

A vida é feita assim, ...
No suarento pão de cada dia
Moureja o sonhador, em magoa immerso,
Como acontece a mim;
Mas tambem sem a dor, não haveria
Esta musica Sacra do meu Verso,
Joiás, meus filhos, quem me dera tel-as!
Somente a fad azul d'uma Chimera.
Nesta noite, ó Selika, e quem pudera
Dar-te um collar... mas um collar d'estrellas!
Para a Zuleika, assim tão pequenina,
Falando francamente
Nem mesmo rei que mimo servira...
Talvez que uma aza branca,
Franjada de neblina,
Dessas que em sonhos a min'alma arranca,
Impiedosamente,
As garças ideaes da phantasia!

Resia-me o Paulo: - e para o pobresinho
Apenas tenho o meu castello antigo,
Onde o novado santo, que bendigo,
Deu-me tres filhos para o mesmo ninho!
Nesse vô sereno, azul em fora,
Bate tranquillo o coração de um paço...
Lhe dormir, agora!
Lhe dormir, sonhae!

MARCO DE ARTAGÃO.

A tua dôr

Dizes que a dôr que te allucina é grande,
Como te vejo sempre sorridente?
Si no teu rosto a maquina não se expande,
Como soffres assim tão cruelmente.

Teu resto não demonstra uma agonia,
A luz do teu olhar irrequieto
Parece projectar toda a alegria
Eni que teu coração vive repleto.

Como podes soffrer se em tua vida
A cada aurora surge uma esperança?
Si não c nservas da illusão perdida,
Na mente de poeta uma lembrança?

Não, não pode nem deve haver vingança,
No teu peito amoroso de poeta!
Porque não sentes da desesperança,
Ferrar teu coração a dura setta!

A dôr é grande quando a desventura,
Do amor nos rouba o sacrosanto gozo!
E' que vemos no lago da amargura
Da esperança o batel fugir medroso!

Bem sabes que a dôr é uma avalanche,
Que cava o coração e o deixa aberto,
Depois que toda crença nos airanca
Deixando ao nosso olhar tudo deserto!

Mas, si é tão grande a tua dôr, poeta!
Eu quizera tambem soffrer contigo!
Vem, tu verás, que de prazer repleta
Será minh'alma leda ao dar-te abrigo!

Si a luz do meu olhar amortecido
A tua dôr suavisar pudesse
Eu sorveria o pranto dolorido,
Que lentamente a face te humedece!

AMELIA ALVES.

Nictleroy: 1902.



As palavras magicas de D. Bosco

Era esta a expressão de que costumavam servir-se os meninos do Oratorio para significarem que certas palavras pronunciadas por D. Bosco ao ouvido produziam um effeito tão immediato quanto maravilhosos.

A's vezes era sómente uma reflexão, ou uma resposta inesperada, ou um acto na apparencia muito commum; mas que, cheios de unção sobrenatural, produziam extraordinária impressão.

D. M^{tes} era Prefeito do Oratorio de Turim. Um dia D. Bosco chamou-o de parte e com estudada seriedade lhe disse:

— Meu amigo, escuta; eu quero que tu sejas negociante de azeite.

— Negociante de azeite!

— Sim, negociante de azeite.

— Mas, D. Bosco... um religioso!

— Sem duvida, Mas tu és Prefeito e deves cuidar do Oratorio.

Parece-me ouvir ranger algumas portas; um pouco de azeite nas dobradiças tornal-as ha mais brandas.

— Bem, é verdade; porém não vejo porque...

— Ou por outro lado acrescentou D. Bosco com ineffável sorriso accentuando as palavras — teus irmãos tambem *rangerem*... Quando tratares e m elles não te esqueças de trazer contigo um pouco de azeite.

D. M^{tes} comprehendeu. Hoje elle é o sacerdote o mais pacato e compassivo *Salesiano*, em uma palavra, n'elle se vê que D. Bosco não perdia seu tempo, quando com tanta delicadesa dava-lhe suas preciosas lições.



Este bom Pac tinha em suas mãos os corações de seus filhos. Uma sua palavra fazia-os felizes; a sombra de uma reprehensão enchia-os de tristeza.

Uma vez, precisando elle de uma poesia para a festa de uma beneficentora de suas casas, incumbiu a um de seus discipulos de compor alguns versos. Infezivelmente, as musas mostraram-se rebeldes ás instantes invocações do poeta, que dessa vez não conseguiu compor cousa alguma.

Que dirá D. Bosco? Ia deitar-me sem beijar-lhe a mão, oh, isto nunca! Qual! disse consigo, talvez ter-se ha esquecido, e, nesse presuppósito, mas ainda com algum recio, foi dar-lhe as boas noites.

— E a minha poesia? perguntou-lhe D. Bosco.

— Tentei fazel-a... mas nem uma idéa me occorreu.

— Pois então! Já sei a quem heide dirigir-me para outra vez.

Disse-lhe isto com doçura; mas assim mesmo o menino ficou tão afflicto que foi preciso esmerada sollicitude de D. Bosco para apagar-lhe a grande commoção que lhe causara.

Passaram-se muitos annos. Aquelle menino é, hoje, um exímio poeta; entretanto ainda agora, todas as vezes que se recorda desse incidente sente-se intimamente abalado.



Uma noite—conta D. Francesco—dado o signal de recolhida não reinou, como de costume, promptamente o silencio, então D. Bosco disse-nos suavemente: *Não estou contente com vossa, e fez nos seguir para o dormitório sem offerrecer sua mão para l'ha' beijarmos. Não podia d'anhos castigo maior, mais penoso e por todos profundamente sentido.*

Daquelle dia em diante, apenas D. Bosco apparecia, podia-se ouvir voar uma mosca. A compaulha que até então tinha sido muitas vezes tocada, ficou reduzida a um silencio completo. Só o pensamento de que o castigo podia repetir-se, fazia-nos tremer.



O Conde de M^{tes} beneficentor do Oratorio, acabava de morrer de repente. A familia mandou chamar a D. Bosco, que foi encontral-a na maior desolação.

Logo que elle entrou na capella ardente, todos consternados e lacrimosos arrojaram-se aos seus pés.

D. Bosco limitou-se a dizer-lhes: *Onde está a vossa fé?*

Para comprehender a força d'esta expressão é necessario saber-se que a vida exemplar do fallecido fora uma continua preparação para viagem da eternidade: commungava todos os dias e confessava-se na semana.

Immediatamente a resignação e a calma foram restituídas como que por encanto aquelles corações angustiados.



Um dia em que D. Bosco accoitou uma refeição na casa do conde^{tes} encontrou-se com um general merceditamente celebre, cujas preocupações religiosas, porém, tinham-no arrastado a indifferença.

O general, durante toda a refeição, não deixou um instante de observar minuciosamente a attitude do notavel *Cura*.

Sahindo todos da sala de jantar, cada um fez empenho em pedir algum conselho a D. Bosco, pois dava-os com muita oppurtunidade e cabimento.

— E' preciso, disse o general consigo mesmo, que tambem eu vá ter com elle por minha vez; ha de ser curioso ouvir o que me tem de dizer... Porém, ainda que desconhecesse v'ame algum, sentia uma inquietação vaga e indefinida.

Vencendo tão extranha commoção, finalmente se lhe approxina:

— E a meu respeito, Padre, não tem alguma cousa para me dizer?

— Oh! senhor general, perdoae; tambem tenho que recomendar-vos alguma cousa. Todos aquelles que me cercam, imaginam o pobre D. Bosco está em vespuras de ser canonisado. Vós, quando menos não seja, *ajudae-me a salvar minha alma!*

E' facil de advinhar a estupefacção do general.

— Obrigado, mil vezes obrigado, D. Bosco, exclamou elle. Sómente vós podeis dar-me um conselho tão franco quanto delicado.

O distincto militar não tardou em espirar-se da indifferença e do chamado respeito humano e empregá-lo todo o empenho no grave assumpto da sua propria salvação.



A palavra de D. Bosco, ainda que em extrema humilde e serena, exercia um poder tão manifesto e notorio sobre os corações até sobre os menos bem dispostos, que a propria administração do Estado a respeitava e temia, tanto assim que na época em que foi decretado o encerramento do Oratorio, tomara todas as precauções para que D. Bosco não possede ser recebido por nenhum ministro.



Em certa occasião tendo D. Bosco pregado no tocante ao desapego dos bens d'este mundo, logo depois apresentou-se-lhe um cavalheiro que na mesma manhã tinha-lhe emprestado doze mil francos, com a competente escriptura lavrada.

— Aqui tendes, disse-lhe depositando nas mão de D. Bosco o recibo, que não se faz mais preciso e podeis rasgar. Vós abristes os meus olhos a verdadeira luz: *Só Deus!* Não ha outro bem, senão Deus!

Pouco depois esse Cooperador abandonou o seculo e renunciou a uma avultada fortuna para abraçar a pobreza e viver com D. Bosco.



As cartas de D. Bosco, ainda que admiraveis, eram tão singelas na apparencia que o seu amanuense ficava admirado á vista dos effeitos que ellas produziam.

Um dia, por exemplo, tendo elle exposto as difficuldades para manter os seus orphãos a uma pessoa que estava resolvida a não lhe dar nenhuma esmola, apenas recebeu a carta de D. Bosco, de prompto remetteu-lhe uma importante quantia.



Em 1865, estando D. Bosco em Florença, a multidão que immediatamente o cercava, ficou entusiasmada com a sua doçura e pelo atractivo de suas palavras, de modo que, quando lo elle annunciou a sua partida, o sentimento de pezar manifestou-se em todos.

— Partir tão depressa!

— Os meninos me esperam.

— O que é que elles precisam?

— Que eu lhes pague o pão.

— E se o pagasse eu? disse uma senhora.

— Oh! em tal caso ficaria ainda uma semana com v'osco com muita satisfação.

— Bem! enquanto importa a divida?

— Em deze mil francos.

— Hoje mesmo tereis. A caritativa senhora cumpriu promptamente a palavra e D. Bosco por consequente manteve a sua.



Em 1881, D. Bosco achava-se em Paris, quando um dia se lhe apresentou um cavalheiro, adiantado em

annos e de maneiras distinctas, que elle não conhecia, e vinha pedir-lhe um conselho.

Logo depois da troca de cumprimentos, D. Bosco interrompendo o seu interlocutor, lhe disse: — Senhor, celebre a vossa paschoa.

Nova extranheza e nova interrupção. Ia falar outra vez, quando D. Bosco disse-lhe mais um vez:

— Senhor, celebre a vossa paschoa.

Sem comprehender tão singular insistencia, o cavalheiro sobremodo perturbado, fez ainda uma ou duas tentativas. D. Bosco, porém, não modificou a sua phrase, accentuando a com tom imperioso mas meigo e acompanhando a com um olhar e um sorriso indescriptiveis, que fizeram penetrar no coração obstinado a *palavra magica*.

— O senhor N^{tes}, enternecido até ás lagrimas, proclamava depois a proposito, que tinha reatado uma corrente de Graças que desde alguns annos estava interrompida. No dia seguinte elle commungava juntamente com toda a sua familia, e desde aquelle feliz momento a sua vida é de christão exemplar e fervoroso.

D'ESPINEY—Dom Bosco.

DESEJO

(Rimas a Bemdita)

Sou joven ainda, bem joven mas sinto
Intenso desejo no peito me arder:
E é isso que causa sem treguas, não minto,
Meu triste soffrer!

Os homens têm flores que vivem no prado
Viçosa e ridente d'um proprio jardim;
E sentem na vida prazer elevado
Suave—sem fim...

Mimosas fôrsinhas pois tenho, mas vejo
Que habita em segredo no meu coração;
O prado é alheio; colhe-la eu desejo
Mas sinto que... não!...

O gozo no entanto consiste sómente
Em vel a dos ramos fagueira sorrir:
— Guardar o insecto que a venha inclemente,
Cioso ferir.

Mals bella das flores! viçosa e mais pura,
Angelica linda que em Maio nasceu!
Quem gosa os perfumes de fina candura
A's vezes, sou eu...

Mas, tardes eu passo curtindo ciumes
Immensos, tão fortes que são de matar!
Si avisto o luzeiro do sol com seus lumes,
As pet'las beijar!

A flor, pois, da vida mimosa que eu vejo
Sómente nos ermos do meu coração,
E's tu e bem sabes, bem vê's te desejo
Mas sinto que... não!...

Novembro—1901.

L. F. MATTOS CARDOSO.

PRIMEIRA FOLHA

das FOLHAS FANADAS

Eis os meus versos, paginas queridas
São tristes, não tem crenças nem amores,
Traduzem illusões esmaecidas,
Da minha mocidade as grandes dores.

Elles são como petalas cahidas,
Junto de um lago tristes e sem cores,
São como pombas de pombaes perdidas
Ou como hum jardim fanadas flores.

São passaros sem ninhos... tristes versos,
São meu coração e sempre imersos,
No pranto atroz e tredo que me mata.

Eis os meus cheios de saudade,
São as fl'zes de minha mocidade,
Fanadas pela mão da sorte ingrata.

(Inedito)

ALFREDO E. P. ASSIS.

MOLDES

Para o presente numero offerrecemos:

N. 87 — Sala.....	1\$500
N. 86 — Sala.....	1\$000

Pelo correto mais 300 réis para o primeiro molde e 200 réis para cada um dos que se seguirem.

ENXOAVES PARA RECEM-NASCIDOS

Mediante a insignificantante quantia de 3\$000, ou 3\$500 pelo correto, podemos fornecer em envelope apropriado, moldes completos para enxovaes de recém-nascidos constando de quatorze peças.

Os pedidos bem como as importancias são recebidos no escriptorio desta folha—Rua dos Ourives, 7—Rio de Janeiro.

Concurso musical

A brasileira possuindo todos os encantos do sexo, possui igualmente o fulgor das intelligencias tropicaes que, pode-se dizer, são alimentadas por uma primavera cantante.

E' por isso que entre nós são muitas as senhoras que ja conseguiram um bello nome, nas lettras, nas artes e mesmo nas sciencias.

Honrando a actividade femineil que tão pujante se mostra por toda a parte, lembrou-se a Estação de abrir um concurso musical para uma *valsa*, concurso que será disputado exclusivamente por nossas compositoras que as temos e da mais fina stirpe.

O premio á vencedora, cujo trabalho será julgado por um jury, constará de um artistico objecto que poderá servir para sempre de lembrança a quem o levantar, de como *A Estação* procura por todos os meios responder ás coasantes e significativas provas de consideração que recebe de suas legiões de leitoras e assignantes.

Esperamos que a concurrencia seja digna do talento de nossas patricias.

Recebemos os trabalhos até 2 de Março p.f. dando a publicidade a *valsa* vencedora no nosso numero de 15 de Março.

A REDACÇÃO.

O «Devastador» (*)

Do mar, na vastidão cerula, gigante,
Singrava o barco com grande valentia.
Das vagas domando o dorso língellate
E abrindo as velas á forte ventania...

De pé, firme, estava o bravo comanante
Contemplando-o terno, triste, com nostalgia.
Subito, do coque brada o mareante:
— Olhem!... lá está a nossa Barbaria...

E com effeito — entre a bruma matutina,
Arenosa e baixa a praia estendia...
Brilhando á aurora da terra Marroquina.

Da pópa ao pavilhão junto, a vigia
Da galera que navegava á bolina...
Gritou aos corsarios: • Fim da travessia!...

Ouro Preto—Janeiro—1902.

S. BRANDÃO.

(*) — Navio de corso aprisionado pelo cruzador francez «Dunquerque» a 2 de maio de 1897, na altura das ilhas Baleares, na costa d'España (L' Illustration—n. 2901—Janeiro—1897).

VERSOS

A' morte da joven poetisa Maria Antonietta Gama

Vem lembrar-nos, poetisa,
esse teu viver fugace,
o leve sopra da brisa,
ruçando de um lago a face.

Por este mundo passaste
sem o minimo rumor:
Assim se despedrem d'baste
as petlas de uma flor.

Achaste a vida tão triste
que, depois de um sonbo breve,
para o céu azul abriste
as azas brancas de neve.

Nesse vôo, quantos acenos
á Vida tão cbeia de ais!...
Na terra—uma flor de menos,
no céu—uma estrella mais.

DELMIRO BRAGA.

Minas—20—11—902.

NINON DE LENCLOS

esmeralda da ruga, que jamais ousou macular-lhe a epiderme. Já passava dos 80 annos conservava-se jovem e bello, atirando sempre os pedaços da sua certidão de baptismo que rasgava á carada Teuipo, cuja force embotava-se sobre sua encantadora physionomia, sem que nunca deixasse o menor traço. «Muito verde ainda!» via-se obrigado a dizer o velho rubicundo, como a raposa de Lafontaine dizia das uvas. Este segredo, que o celebre e egoista faceria jamais confiar a quem quer que fosse das pessoas daquella época, descobriu-o o Dr. Leconte entre as folhas de um volume de *L'Histoire amoureuse des gaules*, de Bussy-Rabutin, que fez parte da bibliotheca de Voltaire e é actualmente propriedade exclusiva da **PARFUMERIE NINON, MAISON LEONTE, Rue du 4-Septembre, 35, Paris.** Esta casa tem-nô á disposiçào das nossas elegantes, sob o nome de **VERTABLE EAU DENINON**, assim como as receitas que d'ella provêm, por exemplo, o

DUVET DE NINON

pó de arroz especial e refrigerante;
Le Savon Crème de Ninon especial para o rosto que limpa perfeitamente a epiderme mais delicada sem alteral-a.

LAIT DE NINON

que dá alvura deslumbrante ao pescoço a aos hombros. Entre os productos conhecidos e apreciados da **PARFUMERIE NINON** conta-se:

LA POUDEE CAPILLIS

que faz voltar os cabellos brancos á cor natural existe em 12 cores;

SEVE SOURCILIERE

que augmenta, engrossa e brune as pestanas e os supercilios, ao mesmo tempo que dá vivacidade ao olhar

LA PATE ET LA POUDEE MANOERMALE DE NINON

para buura, alvura brilhante das mãos, etc., etc.

Cavem exigir e verificar o nome da casa e o endereço sob o rotulo para evitar as imitações e falsificações.

PARFUMERIE EXOTIQUE E. SENET

35, Rue du 4-Septembre, 35, PARIS

MÃO DE PAPA de duque, de príncipe, por meio da **Pâte des Prélats**, que embrenquece, alisa, assetina a epiderme, impede e destrói as frieiras e os rechas.

UM NARIZ PICADO de pequenas borbulhas ou com creveo torna a recuperar sua brancura primitiva e suas côres lisas por meio do **Anti-Bolbos**, producto sem igual e muito contrafeito.

CUIDADO COM AS CONTRAFACÇÕES
Para ser bella, encantar todos os olhos deve-se servir de **Fleur de Pêche** pó de arroz feito com fructos exóticos.

POUCOS CABELLOS

Fazem-se crescer e cerrados empregando-se o **Extrait Capillaire des Bénédictins du Mont-Majella**, que tambem impede que caiam e que fiquem brancos.

E. SENET, Administrador, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

NÃO ARRANQUEM MAIS

os dentes estragados, sane-os e tranque-os com o **Elixir dentifrice des Bénédictins du Mont-Majella**.

E. SENET, Administrador, 35, R. du 4-Septembre, e, Paris.



apenas
acorda,
chora
pedindo
o Seu
Racahout!

Racahout dos Arabes Delangrenier
o melhor alimento para as crianças

Perfumaria extrafina L.T. PIVER PARIS

Corylopsis do Japão
Evitar as Imitações e Falsificações

Le Trèfle Incarnat
Parfums de Moda

Rosiris

Senteur des Prairies

Violettes de Parme

Dentifricios Mao-Tcha
PÓ, PASTA e ELIXIR

CALLIFLORE FLOR DE BELLEZA Pós adherentes e invisíveis

Graças ao novo modo porque se empregam estes pós communicam ao rosto uma maravilhosa e delicada belleza e deixam um perfume de exquisita suavidade. Alem dos brancos, de notavel pureza, ha outros de quatro matizes diferentes, Rachel e Rosa, desde o mais pallido até ao mais colorido. Poderá pois, cada pessoa escolher a cor que mais lhe convenha no rosto.

PATE AGNEL Amygdalina e Glicerina

Este excellento Cosmético branquea e amacia a pelle, preserva-a do Cleiro, Irritações e Comichões tornando-a avelludada; pelo que respeita as mãos, dá saludez e transparencia ás unhas.

AGNEL, Fabricante de Perfumes,
16, Avenue de l'Opéra, Paris.

Em suas lojas Casas de venda por toda a cidade mais bellas e ricas da Paris

HOUBIGANT

PERFUMISTA
da RAINHA d'INGLATERRA e da CORTE da RUSSIA
PARIS

AGUA HOUBIGANT

SEM RIVAL PARA O TOUCADOR
AGUA de TOUCADOR Royal Houbigant.
AGUA de COLONIA Imperiale Russe.

EXTRACTOS PARA LENÇOS: Violette Idéale, Royal Houbigant, Peau d'Espagne, Moskari, Iris blanc, Le Parfum Imperial, Mouk, Muguet, Gilet Iteme, Imperial Russe, Lilas blanc, Heliotrope blanc, Fougere Royale, Glorina, Jasmim d'Espagne, Cur de Russie, Giroflée, Corydalis, Banton d'Or, Saurise, Rucoo.

SABONETES: Ophelia, Peau d'Espagne, Violette Idéale, Fougere Royale, Lait de Thridace, Royal Houbigant.
PÓS OPHELIA, Talisman de Belleza.
PÓS PEAU D'ESPAGNE.
LOÇÃO VEGETAL, para os Cabellos.
PÓS ROYAL HOUBIGANT.

PERFUMARIA ESPECIAL MOSKARI

OS LYRIOS

—

Quando m'os deu, notel os brancos, virentes, perfumosos; juro mesmo que estavam a sorrir, contentes, cheios de ventura porque não ha objecto nenhum, em redor do qual se não sinta o bafo do carinho ou a poeira do abandono. Os lyrios tinham a expressão da alegria; traziam-a do collo branco onde tantas boras poizaram, um collo de setim virgineo e perfumado. Rescendiam, suave e comunicativamente, um hálito de quinta-essencia que, a um tempo, dominava todo o ambiente. E nas petalas, feitas para não serem tocadas, eu como que via na febre da emoção, e em microscopica imagem, um coração a prometter-me, a jurar-me...

Os lyrios, calculei, seriam talvez uma *esplutura de posse*; com elles eu poderia arrogar-me d'no, um venturoso do Amor. E ella m'os deu, toda satisfeita por isso, glorificada e encarecida.

Hoje, logo cedo, fui cultivar os lyri's; tirei-os do pequenino lago de agua perfumada que, julguei, lhes daria viço e frescura. Engano! O perfume esvasiara-se, as petalas já não eram da cor primeira: estavam amarellas e encarquilhadas; os lyrios, em summa, estavam feios.

Pensei dolorosamente naquella inconstancia. Detive-os, algum tempo, nas minhas mãos, como o despejo cruel de uma ventura de fabula, como o symbolo invariavel da desillusão!



As cataractas Niagara. A esquórda a queda americana, á direita a queda canadiana ou de forradura.

è pensei n'Elia, com que dóres e com que duvidas... O seu amor é forçosamente como o viço dos lyrios: d'um para outro dia, apagado, fenecido...

B. NUNES.

Janeiro 20.

—x—x—

ADESSO E SEMPRE

Rutila do oriente a meiga filha
For nacarados céos, em noites claras,
Balouçada entre nuvens transparentes;
E eu a fito calado e pensativo.
Nos vapores que espiram lhe d'om torno
Lento o teu nome em circulos doirados.

A noite é linda. A' flôr das águas loiras
Brinca o luar na tremula ardência;
Assim, nem menos limpido e suave
Brilha teu puro olhar, nos seios d'alma
Gottas de luz vertendo-me — mais vivas
No tremor desse mar d'amor sem termo.

Molle rolando plateada esteira
Alva desliza a flôr do mar boiando;
E a phantasia, que me leva presa,
De vela — acima no pallor macio
Dos seios teus — que delirou mais niveos
Que as areias que o mar na praia enrola.

Turbido erguido um nevoeiro espesso
Num grupo se ajuntou, — do plaine ethereo
Num ponto só, — depois em bastas ondas
A face do luar cobriu de negro;
Assim, subito soltos — teus cabelos
Negreram-te dos hombros desparzidos.

Escurece um momento. A nuvem fogue
E desvenda por fim o rosto amigo
Do astro sereno, que de novo brilha,
Por ventura mais bello: assim num gesto
Turvas minha alma, e noutro gesto aclaras
O viver por te amar que me é tão doce.

O vento frouxamente murmurando
Perfumes festivaes da noite espalha
No mar, no céu, no ambiente, — e mavioso
Sussurra ao tom das águas; — e eu pergunto
Ao céu, ao mar, á onda — o que ha mais bello,
Mais perfumado que o teu doce nome.

Corre-me a vida assim, sempre affagado
Pelo accento suave de teu nome,
Buscando lhe a expressão, e sempre, em tudo
Quanto ha de bello e grande e puro e eterno:
Para exprimir-lhe a musica não bastam
Harmonias da terra.

Corre-me a vida assim, sempre a teu lado;
Nem tem a ausencia força de apartar-me
De ti, porque é só teu meu pensamento;
Sempre estou onde estás; — onde te fôres
Comtigo irei, seguindo te bem como
A sombra segue o corpo.

Não me esqueças tambem! Quando meu peito
Torpor da morte regelar na campã,
A' triste sombra de cypreste escuro
Se vieres carpir de mim saudades,
Chorar o que já foi, — talvez escutes
Murmurando o teu nome as fôlhas murcibas.

Deixa correr teu pranto sobre a lousa
Merencoria, — onde flôres da esperança
Terão bem cedo fenecido; — a lagrima
Que um verdadeiro amor arranca ao seio
Que na terra se amou, tem mais doçura
Que os gozos incompletos da existencia.

Deixa-o correr e resfriar-me os ossos,
Lavar-me o coração desfeito e mudo;
Talvez de novo se ajuntando as fibras
Um momento siquer se agitem ledas,
E tremam de prazer, — cantando um hymno,
— Transumpto de conforto e de saudade.

1876. — *Lyra dos verdes annos.*

THEOPHILO DIAS.

—o—o—o—

A nova luz

A questão da iluminação tem desvelado os sciencistas desde muito tempo. A iluminação pela electricidade e pelo gaz, e sem duvida um progresso; ávidos, porém, de desvendar os segredos da natureza, elles não se contentam com o que conseguem saber.

Ultimamente chegou a descobrir-se nova luz, denominada *milleno*. Esta luz já bastante experimentada em varios paizes, mostra-se superior a todas as conhecidas por ser mais forte e não offender a vista, accendendo que é 70% mais barata do que a luz electrica e 50% do que a luz do gaz.

Conseguiu-se produzi-la condensando o gaz ordinario, para o que inventou-se um apparelho que se adapta em qualquer tubo de gaz de iluminação actual, podendo-se assim transformar com facilidade a luz de gaz em luz *milleno*.



A cataracta Niagara do lado americano no inverno.

O HOMEM FORTE

O modesto varão constante e justo
Pensa e medita nas lições dos salmos
E nos caminhos da justiça eterna
Gratida firme os passos.

O brilho da sua alma não mareia
A luz do sol, nem o carvão se tigna;
Morre pelo dever, austero e crente,
Confessando a virtude.

Pôde a calumnia denegrir seus feitos,
Negar-lhe a inveja o merito subido;
Pôde em seu damno conspirar-se o mundo
E renegar-o a patria!

Tão modesto nos paços de Lucullo
Como encerrado no tonel do Grego,
Nem o transtorna a aragem da ventura,
Nem a desgraça o abate.

A tyrannos preceitos não se humilha,
Ante o ferro do algos não curva a fronte,
Não faz calar da consciencia o grito,
Não nega os seus principios.

Antes, seguro e firme e confiado
No tempo, vingador das injusticias,
Com os pés no cadafalso e a vista erguida
Se mostra impetubavel.

Soffre martyr expira! A patria em torno
Do seu sepulcro o chora, onde a virtude,
Atleita ao luto e á dôr, de novo carpe
Do justo a llebil morte!

Poesias

GONÇALVES DIAS.

—o—o—o—

Dois kilog. e meio de homem

Na exposição de Paris, mostrou-se um homem que pesava cerca de dois kilog. e meio.

Fôra da America. Este filiputiano era notavel pela elegancia das formas, pela propoção do corpo, e por não ter nada do anno, que muita vez é grotesco. A altura era de 59 centimetros, comia abundantemente e fumava 5 a 6 cigarros por dia.

Nascido na Russia em 1880, tinha seus 19 annos, e era tamanho e mo como criança bem desenvolvida de um mez; a cabeça coberta d'uma cabelleira loira e sedosa era ainda menor que a d'um recém-nascido de corporatura regular.

Na praia

Morria o sol... a juba mergulhando
No mar— em roseo lago — transformado,
De purpura inda um ralo seml brando
Tingia o céu d'um vivo ensanguentado.

Gaivotas collossaes, pennas ruflando,
Fugiam pelo espaço em rovoada ;
E nós, á praia, iam os... notando
Que o mar já nos olhava enciumado l...

Mas, n'um pulinho airoso, eis qu'ella avança
E á minha frente passa, em apanhando
Nitante concha e deu-me por lembrança.

Guarda-e ; ao vel a então de quando em quando,
No peito meu revive uma esperança
— A venturosa tarde recordando...

Fevereiro = 1901.

MATTOS CARDOSO.

A bandeira retomada

(EPISODIO DA GUERRA DO PARAGUAY)

Era o 30º corpo de Voluntarios da Patria composto em sua maior parte dos valentes caboclos de Jacupe, do Estado de Pernambuco.

A melhor prova da valentia destes soldados está no facto de que, quando, finda a guerra, se retirou do Paraguay, não havia um homem que não ostentasse no peito as veneras das ordens da Rosa, Christo ou Cruzeiro, além das do Merito e Bravura Militar.

Dizia o commandante desse batalhão :

— «O 30º sabe tudo ; manobra admiravelmente.

Só uma cousa nunca poz em execução: é retirar...»
Como indios que eram em sua maioria, percebiam com admiravel precisão acontecimentos e factos que parece só serem explicados pela delicadeza do olfato; digamol-o mesmo sem rodeios: do fero.

Essa legitima função do instincto alliada á meia civilisação a que tinham chegado, elevou os aos olhos de seus officiaes que os amavam pela segurança que de taes qualidades lhes advinhavam.

Os caboclos do 30º tinham no mais alto grão o conhecimento do que era *patriotismo*, palavra óca e sem sentido para todo o autochthone que não sabe das matias, senão para praticar o roubo e a devastação.

Quando crusavam armas com o inimigo, esses descendentes dos formidaveis Cabetes e Tabayares, dotados da bravura indigena que os tornaram formidaveis no tempo de Duarte Coelho, não davam qualquer tel nem attendiam ao que elles chamavam — *lunaria de Paraguá*.

Deixemos, porém, de estar a repetir cousa por demais conhecida.

Em uma noite de tempestade fechada, em que o 30º fazia o serviço da protecção ás lunhas da vanguarda em Tuyu Cué, o inimigo, favorecido pelo nevoeiro espesso, pôde esguichar-se por um pequeno banhado que havia entre o cordão das sentinelas, e cahir sobre o batalhão que, confiado na actividade das vedetas, se entregára ao somno.

Despertado o batalhão pela cutilada traiçoeira dos paraguays, tento de somno, perdido, na densa neblina que o cercava, mal pôde organizar sua forma e procurar a vinda da occasião.

Emfim, unidos os soldados, e travaram lucta com o assaltaute e o afugentaram.

Nisto, um dos cabos de esquadra de que se formava o pelotão da bandeira, ergue-se mal ferido e vê morto o alferes e seus cinco companheiros.

— Levaram nessa bandeira l gemeu o pobre homem, a sumir-se lhe a voz na garganta.

Um caefiro berrivel percorre a espinha do invicto batalhão, como se todos f'ssem um so organismo.

Ouviu-se instantes depois doloroso grito do commandante, o tenente-coronel Apolonio Peres Campello Jacome da Gama :

— A morte de todos ou a bandeira, já !

Um rugido horrifico seguiu-se á ordem rec'bida: e o 30º de voluntarios, mais parecendo horla de selvagens do que força militar organizada, derramou-se nas trévas em completa debandada, tranzop o banhado por onde viera o inimigo, passou correndo por entre elle que ainda ia perto, tamando lhe a frente, e estacou.

O bravo corpo de voluntarios achava-se agora collido entre dois fogos, mas rapidamente reflectiu que o uso das armas de fogo o exporia a ser fuzilado pelas costas frente,

A ousadia desse commettimento era o desespero da audacia !

Então...

Brilhou na escuridão da noite a lamina scintillante dos sabres.

A lucta foi renhida, a gritaria lntimiga immensa, mas os nossos Indios nem um gemido, nem uma syllaba, nem o mais leve rumor deixaram escapar.

Meia hora depois voltava pouco mais de metade de 30º de voluntarios, carregando seus feridos, armas e a bandeira que o inimigo lhe arrebatára.

O contentamento, a alegria do commandante foi tamanha, que, levado pelo excesso de commoção, cahiu do cavallo, victima de um ataque tão serio, que nunca mais teve uso perfeito de suas faculdades mentaes !



A esposa do Mc. Kinloy.

Elle que dissera ao saber que olabaro do batalhão fóra presa do inimigo « Estou deshonrado ! », não tivera forças para supportar o choque de sua victoriosa reabilitação !

A bandeira, desfraldada: ás auras matutinas, pois que a manhã se approximava, foi saudada com o hymno nacional.

Este facto não se menciona, cremos, nas ordes do dia do tempo. Bem digno seria o relatório d'elle.

Episodios militares.

JOAQUIM SILVERIO DE AZEVEDO PIMENTEL.

Orientalis Visio

Dessas ilhas em flor dos gregos mares,
De céu radiante e fulguridas areias,
Onde o incenso dos myrthos e os luares
Se transfundem no canto das sereias ;



O novo presidente dos Estados Unidos, Theodore Roosevelt no meio do sua familia.

De Cós, de Paros, de uma dessas ilhas,
Edenicás regiões de humanas fadas
Onde, da natureza aa maravilhas
Têm a feição das cousas encantadas ;
Talvez no ninho da mimosa Hlaydéa,
Cujo idyllo de amor embala a idéa
Deste mundo, n'um sonho cambiante
Fol que ella veiu um dia ás nossas plagas,
De manso, abrindo o céu azul das vagas
N'um bergantim de nacar, do Levante.

CASTRO RABELLO JUNIOR.

RECORDAÇÕES

Mulher, mulher que amei, ah ! se souberas
Quanto amor inda vac-me dentro d'alma,
Quanto soffo depois que a dura sorte
Privou-me de beber-te a luz dos olhos ;
Talvez, talvez — Quem sabe ? — arrependida,
Chorando sobre o mal que me fizeste,
Viesses pressurosa

Lenir as maguas de meu triste peito !
Amo-te ainda, sim ! Não pode o tempo
Me fazer olvidar horas felizes.
Que eu contigo passei em doce enlevo ;
Passam momentos e os momentos lembram
Todo esse tempo de amorosa vida,
Que eu contigo vivi.

Oh ! porque te vi eu ? Maldigo a hora
Em que teus olhos, desprendendo fogo,
Me inundaram de luz !

Não sei o que senti ; — fãisca electrica
Penetrou-me no corpo, — os labios trémulos
Não puderam dizer uma só phrase.
Que fiel traduzisse os pensamentos
Que a mente me agitavam !

Hoje, longe de ti — por ti padeco
Tormentos que jámais eu conhecera.
Se nunca em meu caminho eu te encontrasse
Quernas desempenhar-me neste inferno,
Impiedosa e cruel,
Porque primeiro ao céu me transportaste ?
São palavras ao vento, — que te importa
Um coração que soffre,
Se és fria como o gelo, — se não sentes
As dores cruciantes que laceram
Meu peito, que por ti de amor palpita ? !

DR. LUCINDO DOS PASSOS FILIHO.

Mosaico

Entre fumantes :
— Que cigarros ordinarios são estes ?
— São hygienicos.
— Duvidó !
Meu anigo, desde que se fala em hufonica que só fumo *mala rato*.

Para reconhecer se uma casa (ou um aposento) é effectivamente humida : colloque-se no lugar suspeito um kilo de cal virgem e nova, deixe-se ali, e fechem-se as portas. No fim de 24 horas, faça se pesar a cal e se ella estiver pesando mais dez grammas, ou mais, é que o local é de facto humido e inhabitavel.

CHRONIQUETA

Rio, 12 de Fevereiro de 1902.

Na opinião do discreto escriptor das chronicas domingueiras d'O Paiz, não ha sinceridade nos individuos que não gostam do carnaval, ou a quem o carnaval não diverte. — Suobismo ! exclama o collega, quando o *suu* faz justamente o contrario, isto é, finge que se deleita com alguma coisa que o aborrece.

Eu não me divirto absolutamente com o carnaval do Rio de Janeiro, e não comprehendo que se divertam senão crianças ou adultos cujo espirito não tenha sido convenientemente educado. Não posso crer, portanto, que o espiirituoso chronicista d'O Paiz fosse absolutamente sincero.

O carnaval tem uma grande virtude: é a testa popular por excellencia. A nossa população, que nada tem de atheniense, satisfaz-se com esse divertimento, encontrando nelle um forte derivativo para as amarguras da vida. Nesse ponto, os folguedos carnavalescos são de grande utilidade: se não existissem, seria preciso invental-os.

Mas dizer que acho graça nelle seria mentir a mim mesmo e aos meus leitores. Não sei de nada mais insignificante nem mais absurdo, verdadeiramente supplicio mesmo para as pessoas que não se mascaram nem saem a rua.

Uma dessas pessoas fui eu; por isso, não poderei dizer as minhas formosas leitoras que tal o carnaval de 1902. Nada vi, a não serem alguns vagos dominos e diabinhos que de vez em quando passavam pela minha rua, no proposito, creio, de lambrar aos moradores de Santa Theresza que era dia de carnaval.

Que tres dias tranquilos e que tres noites bem dormidas, sem outro rumor que não fosse o latido de algum cão da vizinhança, ou o echo quasi imperceptivel de um zepherino longinquo!

*

No dia 26 do corrente celebrar-se-ha o centenario do nascimento de Victor Hugo, e no Rio de Janeiro, cidade que se tem na conta da primeira capital da America do Sul, não haverá outra manifestação de apreço a memoria do immortal poeta, senão um telegramma passado pela Academia de Lettras á commissão dos festejos em Paris.

E' pouco, e é muito pouco, tratando-se de quem se trata. A nossa terra ainda não está preparada para essas coisas, e é por isso que o fluminense dá o cavaquinho pelo carnaval.

Esperamos que o 2.º centenario mereça um pouco mais de attenção

ELOY, O HEROE.

THEATROS

Rio, 12 de Fevereiro de 1902.

Escrevo esta pequena chronica em qua ta-feira de cinzas, mas sem estar doente nem fatigado, pois que não sahi de casa durante os tres dias de carnaval.

Portanto, não me perguntem em os leitores se a festa esteve animada nos theatros: não poderei responder lbes.

*

A companhia de vaudeville e comedia que funciona actualmente no theatro Lucinda e da qual é empresario a graciosa actriz Genira P. Lino, acaba de apañar um grande successo com a representação da comedia em 5 actos *Mocins cing*, de Paul Gavault, que o nosso collega Arthur Azevedo ta diziú com o titulo *Quasi*!

A imprensa foi unanime no elogio da peça, da traducção, que alguns joiaes classificam de primorosa, e do desempenho que lhe deram os artistas do Lucinda: nós louvamos de boa vontade nesse juis.

Efectivamente, *Mocins cing* e *Georges* é uma das comedias mais alegres, mais espirituosas e mais bem feitas que têm sido representadas no Rio de Janeiro nestes dez ultimos annos, e não sendo, aliás, peça para ser ouvida por meninas, tem um fundo de moral que lhe dá certo encanto, e que compensa umas tantas scenas mais arriscadas.

A interpretação geral foi muito boa; entretanto, pondo de parte Matios, Peixoto, Rosa Villioi, Cenira e outros artistas conhecidos e justamente estimados, que absolutamente já não precisam de palavras de animação, destacaremos do c. njuncto o actor Castro, um principiante, que obteve grande successo num papel de namorado cicioso.

A peça, prejudicada até á setima representação, por uma chuva impertinente, incessante, implacavel, tem atrahido muita concurrencia ao Lucinda, desfazendo o azeite, que por abi corre, de que o publico fluminense não quer mais saber de theatros. Deem-lhe boas peças e bem representadas, que elle voltará presuroso e entusiasmado, como d'antes.

*

No Recreio, a companhia Dias Braga fez reprise do *Rocambold*, de gloriosa memoria, e de uma revista, *Cobras e lagartos*, que não tem pés nem cabeça.

São verbos de encher, a que o activo empresario recorre, enquanto prepara o spectaculoso *Que vadis*, que será exhibido qualquer noite destas.

N. Y. Z.

COQUELUCHE

Ilm. Sr. SERVULO GENOPRE, distincto pharmaceutico—Nosta

Tenho o prazer de communicar-lhe que os seus preparados Xarope e Elixir contra a coqueluche deram excellento resultado em meus filhos, estando todos restabelecidos.

Com muitos agr: decimentos me subscrevo collega e amigo obrig. Dr. Bráulio Gomes.

Encontra-se na rua S. João, 1103.—S. Paulo. Silva Araujo & C., rua 1.º de Março, 3. Rio. Rua D. Anna Nery, 110.

DENTES ARTIFICIAES

A. F. de Sá Rego

ESPECIALISTA

Rua Gonçalves Dias N. 1 Praia de Botafogo N. 212

Maison Elegante

CHAPÉOS, LEQUES

Luvax, Objectos de fantasia, Enfeites para chapéos

J. Campos & Montanari

105, Rua do Ouridor, 105 — Rio de Janeiro.

PERFUMARIAS

Preços baratissimos

Para o cabelo: Agua de quina tónica glicerinada a 18, 15000. 28, litro 45000. óleo legitimo de coco quinado 18, dito de babosa 18, loções extra perfumadas 18, 24, litro 45000. Tônico oriental 15000. Óleo finissimo em estivo 28. Para dentes: Pastas de lyrio glicerinada, pote 15 e 15000. Pás dentifricos hygienicos 18, elixir dentifrico 25000. Para toilette: Agua de colonia extra 18, 28, litro 45000, agua florida 500, 8000, a 25 brilhantissimas 15000, pó de arroz finissimo 18 e 15000, valentina 28. Barras de sabonetes para glicerina, glicerina e alcañilho, amendoas, e de raras 18 e 15000, sabonete de alface 18 e muitas outras qualidades. Estratos superiores, cosméticos, loção especial contra oப்பு e queda dos cabelos, etc. etc.

67, Rua Se e de Setembro, 67.—Junto á Fabrica de Chocolate

PARA OBTER UM

LINDO PEITO



Fuêz uso das "Pílulas Orientales" que fazem desaparecer as saliencias nascentes do peçoço e dos hombros, desvolvem o reconstituen on Seios e dão ao busto, em dois meses mais ou menos, uma apparencia graciosa e duravel sem engrossar a cintura.

Approvadas pelas comissões medicas, bombaxelas para a Saude as "PÍLULAS ORIENTALES MATIÉ" convêm aos temperamentos mais delicados, ás meninas tanto como ás seuhoras.

Fama antiga e universal. Marca depositada e conforme a lei.

(Otrazou com noticia, franco contra mandatio internacional, francos 6,35.

Escrever a Mr. J. RATIÉ, Pharmaceutico de 1.ª classe, 5, Passage Verdeau, PARIS (9.º).

Informações gratuitas.

Reconstituinte geral do Systema nervoso, Neurasthenia.

NEUROSINE PRUNIER

NEUROSINE-XAROPE — NEUROSINE GRANULADA — NEUROSINE-CAPSULAS

Debilitação geral, Anemia, Phosphaturia, Enxaquecas.

Deposito Geral:

CHASSAING & Co., Paris, 6, Avenue Victoria.

O DENTARIUM

É DIRIGIDO PELO CIRURGIÃO DENTISTA

PAUL KIEFFER DE PARIZ

LAUREADO COM DISTINÇÕES PELA FACULDADE DE MEDICINA

A tabella adoptada pelo O DENTARIUM e que esta sendo diariamente publicada nos principais jornaes, não foi estabelecida com o fim de fazer affluir a clientela para leipos coagula a aceitar preços diferentes dos publicados.

CONSULTAS 28000

Extrações de dentes ou raizes.....	28000
Anesthesia local (com cocaína ou nervalina).....	28000
Limpeza geral dos dentes.....	58000
Obturar (vulgo chumbar) á platina, prata, esmalte, osso artificial, cimento, ionanultra, porcellana, etc.....	58000
Obturar a ouro (vulgo chumbar) de 108 a. Itemizao de polpas e tratamento dos canaes de dentes mortos (contando a parte a obrigarao da coroa do mesmo).....	58000
Deutaduras de vulcanite, cada dente seja qual for o numero.....	58000
Item cada dente chapado em ouro de lei, seja qual for o numero.....	108000
Dentadura de ouro de lei, cada dente seja qual for o numero.....	208000
Idem, sem chapas, sem grampios ou colechetes, sem molas (este processo é o afamado "Travail à pont") cada dente....	508000
Dentes a coroa do ouro de lei garantidos (senisultra).....	408000
Dentes á pivot (de accordo com os modellos que apresentaremos aos nossos clientes) 208 308.....	408000

12 RUA DOS OURIVES 12

das 7 horas da manhã ás 8 da noite

NOVAS PUBLICAÇÕES MUSICAES

Grande estabelecimento de Pianos e Musicas

DE E. BEVILACQUA & C. Valsas

Amor feliz, por J. Christo.....	1500
Les cheveux blancs, por Leoray.....	1500
Sa. Valsa-Boston, por H. Ramentis.....	1500
Sevilla 10. valsa Baston.....	2500
Cecilia, por J. Pinto.....	1500
Illusões, por G. Capitani.....	2500
Fantastica, por A. M. M. Guimarães.....	1500
Arminda, valsa por E. Nazareth.....	1500

Polkas

Guapa, por C. Bonafous.....	1500
Dancemos, por C. Bonafous.....	1500

Tangos

Bicyclette por E. Nazareth.....	1500
Cacique.....	1500
Turina, grande tango caracteristico por E. Nazareth.....	2500
Tango Jójoca (Viava Clack, por Costa Junior.....	1500

Mazurkas

Que bonita! por C. Bonafous.....	1500
La vezosa.....	1500
Saudades luas! por A. M. M. Guimarães.....	1500
Schottisch, Pas de quatre Victoria, por J. Caminha.....	1500
Os namorados, por C. Bonafous.....	1500
Miss, por Aurelio Cavalcanti.....	1500
Myosotis, por J. Brito Fernandes.....	1500
Les réverence, nova dança figurada (com explicações).....	2800
Album 1000, contendo 4 danças.....	5800

Grande sortimento de novidades para piano, e canto, bandolins etc.

REMETTE-SE CATALOGOS GRATIS A QUEM PEDIR

Rio de Janeiro — Rua dos Ourives 43

S. Paulo (rua lília) Rua S. Bento 14-A

Prisão de Ventre

Agradavel ao paladar, mesmo das crianças.

1 a 2 colheres, das do chá, ao jantar ou ao deitar-se.

CASCARA ALEXANDRE

0,50 cent por cada colher de chá

Pharmacia, 10, Rue des Mathurins, PARIS.

HEMORRHAGIAS — HEMORRHOIDES — VARIZES

PHLEBITES — VARICOCELES — METRITES

FIBROMAS — CONGESTÕES

Tomo e Sedulo vesicular. Cura rapida por

HAMAMELINA ROYA

Principio activo aromatico da Hamamells Virginia

Especifio das Congestões, Dilatações, Inflammacoēs venozas

3 a 4 colheres, das do esopo, por dia.

Inocuidade absoluta esse qual tor a dose

Pharmacia CHASSAING, 19, Rue des Mathurins, Paris

PHENOL-BOBŒUF

O MAIS ENERGIICO e o menos perigoso dos antisepticos

PHENOL-BOBŒUF PERFUMADO

Hygiene do Toileador

SAYÃO BOBŒUF

Antiseptica da Pelle.

AGUA DENTIFRICA BOBŒUF

Antiseptica da Bocca.

O Genio Boa-Alma

Havia genios outrora.

Muitos haveria ainda, se quisesse-mos crer em todos os que presumem de genios; mas é mister descrever.

Aquelle de quem vamos fallar não era aliás da primeira categoria dos genios. Era genio de sobre-loja, um pobre genio que não tinha assento na assembleia dos genios sinão por direito de herança, e isso enquanto o permitissem os maiores. Quando alli se apresentou pela vez primeira, faz-me sempre vontade de rir o pensal-o, tomara por empreza do seu estandarzinho de gala: *Faça o que deves, aconteça o que acontecer.* Por isso depois chamaram-n'o o genio *Boa-Alma*.

Passou este appellido aos espiritos simples e ingenuos, que praticam o bem por sentimento ou por habito, e que não descobriam o segredo de fazer da virtude uma sciencia.

Quanto ao appellido de genio, d'este fizeram tudo quanto quizeram. Nada temos com isso.

A mais de duzentas leguas d'aqui, e muito antes da revolução, vivia em velho castello senhoria uma rica viuva, cujo nome esses senhores da Eschola das Chartas nunca puderam acaar.

A boa senhora havia perdido sua noiva ainda moça, e o filho na guerra.

Só lhe ficaram, para se consolo dos enfados da velhice, um neto e uma neta, que era regulo ver, porque a propria pintura, que pretende sempre fazer melhor do que Deus fez, nunca fez cousa mais linda. O rapaz, que tinha doze annos, chamava-se *Saphirio*, e a menina que tinha dez—*Amethysta*.

Crê-se, mas eu não me atreveria a assegurar-o, que estes nomes lhes provinham da côr dos olhos, e isto me permite lembrar-vos de passagem duas cousas: a primeira é que a *saphira* é e é uma bella pedra azul transparente, e a *amethysta* outra pedra que tem uns tons de violeta. A segunda é que os filhos de gente rica não eram baptizados sinão cinco ou seis mezes depois de nascidos.

Difícil seria encontrar tão boa mulher como a avó de *Amethysta* e de *Saphirio*; era-o até de mais, e é um inconveniente em que incidem as mulheres quando dão para ser boas; mas este acaso não é tão commum que possa inquietar-nos. Designal-a-hemos entretanto pelo appellido de *Bonissima* afim de evitar qualquer confusão.

Bonissima amava tanto os seus netos, que os criava como si os não amasse. Consentia que seguissem todos os seus caprichos, nunca lhes fallava em estudos e brincava com elles para aguçar ou renovar-lhes o prazer quando se aborreciam de brincar. Dahi resultou que quasi nada sabiam, e que, si não tivessem sido curiosos como são todas os crianças, nada teriam aprendido.

Entretanto *Bonissima* era velha amiga do genio *Boa-Alma* a quem vira não sei aonde em sua mocidade. Provavelmente não foi na côrte.

Ella se accusava muitas vezes juncto d'elle, nos seus colloquios secretos, de não ter tido lousa para prover a instrucção destas duas encantadoras creaturinhas, a quem podia lallar mais dia menos dia. O genio promettera-lhe que havia de pensar nisto quando os seus affazeres lh'o permitissem, mas estava então atarefado em sanar os maos effeitos da educação dos pedantes e dos charlatães, que começavam a entrar em moda. Tinha muito que fazer.

N'uma noite de verão, *Bonissima* deitara-se cedo, como de costume: é tão doce o repouso da gente honrada! *Amethysta* e *Saphirio* entretinham-se no salão com alguns desses nadas que enchem a insulsa ociosidade dos castellos, e teriam bocejado mais de uma vez olhando um para o outro, si a natureza não tivesse tido cuidado de distrahi-los com um dos seus phenomenos mais pavorosos, e toda via mais vulgares. A tempestade hramia lá fora. De minuto em minuto os relampagos inflamavam o vasto espaço ou coruscavam em zig-zags de fogo nas vidraças abaladas. Rangiam as arvores da alameda e tendiam-se em estilhaços; o raio rolava nas nuvens como um carro de bronze; até o sino da capella vibrava de terror, e misturava seu dobre sonoro e longo ao fragor dos elementos.

Sublime e terrivel.

De subito vieram os criados annunciar que haviam apanhado a porta do castello um velhinho ensofado pela chuva, transido de frio, e provavelmente a morrer de fome, porque a tormenta devia tê-lo posto muito longe do seu caminho.

Amethysta, que de medo se conchegara ao peito do irmão, foi a primeira a correr ao encontro do estrangeiro; mas como *Saphirio* era mais forte e mais agil, teria facilmente passado adiante se não houvesse queri-do dar-lhe o prazer de chegar primeiro; estas amáveis crianças tanto tinham de boas como de lindas.

Imagina a vontade como os membros entangidos do pobre homem se sentiram lien junto da lareira clara e crepitante, como se deitou assucar no vinho generoso que *Amethysta* minidou aquecer para elle sobre o braseiro ardente, como elle ceiou á farta, e que bo n agasalho lhe deram. Não vos direi quem era este velho, porque preferio dar-vos o praser da surpresa.

Releto o velho do seu cansaço e das privações que soffrera, fez-se alegre e conversador, e as crianças regalaram-se com isso.

As crianças daquelle tempo não desdenhavam a conversa dos velhos, pensando com razão que nella se podia aprender alguma cousa.

Hoje é muito menos respeitada a velhice, e não admiro,

A' mocidade resta tão pouco que aprender! — Vocês ma trataram tão bem, disse-lhes elle, que meu coração se expande com a idea de saber que são felizes. Supponho que a vida lhes é deliciosa neste esplendido castello, onde vocês têm qua ntosdesemam.

Saphirio abaixou os olhos.

— Somos felizes sem duvida! respondeu *Amethysta*. Nossa avó é commosco tão boa e queremos-lhes tanto! Nada nos falta efectivamete, mas muitas vezes nos aborrecemos.

— Vocês se abreceis exclamou o velho e com signaes de grandeespanto. Quem já ouviu dizer que alguém se enfastiasse na sua idade com haveres e com engenho? O tedio é molestia dos inuteis, dos preguiçosos e dos tolos. O ente que dos enfastia é um ente pesado á so ciedade como a si proprio, e só merece despresos. Não basta ser dotado pela Providencia d'uma excellente indole, como a de vocês, si o trabalho não a cultiva. Então não trabalham.

— Trabalhar! replicou *Saphirio* um tanto agastado. Somos ricos, e por este castello já se vê.

— Tomem cautela, respondeu o velho deixando escapar, sem querer, um sorriso amargo.

— Minha avó tem mais dinheiro do que é preciso para o luxo de sua casa.

— Os ladrões poderiam rouba-lo.

— Si o sr. veiu d'aquelle lado, como disse, continuou *Saphirio* em tom de firmesa, atravessou de certo uma planicie de dez leguas de extensão, toda coberta de pomares e de searas. No morro fronteiro, do lado do Occidente, está um enorme palacio que foi de meus antepassados, e onde elles amontoaram a custo todas as riquezas de dez gerações.

— Ah! amiguinhos, disse o desconhecido, porque me loçam a pagar com uma má noticia esta doce hospitalidade? O tempo que nada poupa, não poupou a mais solidas das vossas esperanças. Vim beirando por longo espaço essa planicie de que me lallam; está transformada em lago. Quiz visitar o palacio de vossos avós; não encontrei d'elle sinão as ruinas, que servem agora quan-to muito de asylo a aves nocturnas e a animais ferozes.

Disputam as loutras metade da herança de vocês, e a outra pentence ás corujas. Vale tão pouco, meus amiguinhos, a opulencia dos homens.

As crianças olharam uma para outra.

— Só ha um bem, continuou o velho como si o não notára, que põe a vida a abrigo d'estas penosas vicissitudes, e esse não se alcança sinão com estudo e trabalho. Oh! contra esse thesouro debalde as aguas transbordam, a terra estremece, e o céu esgota os seus flagellos. Para quem o possui, não ha reveses que desarme a coragem, enquanto subsiste uma faculdade n'alma ou um officio na mão.

Amavel sciencia das artes é o mais bello dote dos novos. A aptidão para os misteres da vida domestica é a coroa das mulheres. O homem que possui uma industria util ou conhecimentos de applicação commum, esse é mais realmente rico e independente na terra. Qualquer outra riqueza illude e vae-se; vale menos e dura pouco.

Amethysta e *Saphirio* nunca tinham ouvido este fallar. Olharam-se ainda uma vez e não responderam. Enquanto estavam calados, o velho transfigurava-se, seus traços decrepitos readquiriam as graças de juvenude e seus membros enlraquecidos a attitude san e robusta da força. O pobre homem era aquelle genio bem-lazado, com quem ja travastes relação. Os meninos não haviam suspeitado, nem vós tão pouco.

— Não me irei embora, acrescentou sorrindo, sem deixar-lhes um traço penhor do meu

reconhecimento pelos cuidados que vocês me dispensaram. Visto que só o tedio até aqui perturbou a felicidade que a natureza lhes concedeu tão liberalmente; accitem estes dous anneis que são poderosos talismans. Apertando a mola que abre o engaste, encontrarão sempre no aviso, que alli está encerrado, um remedio infallivel contra esta triste enfermidade do coração e do espirito. Ciso entretanto a arte divina que os fabricou illuda uma vez as minhas esperanças, ver-nos-hemos de novo d'aqui a um anno, e procurare-mos outros meios.

Até lá confiem neste mimo, e eu só impo-nho duas condições de facil execução: primeira, não consultem o oraculo do anel sem necessidade, isto é, antes de sentirem o aborrecimento, segunda, excutem punctualmente tudo, quanto elle lhes ordenar.

Dicto isto, retirou-se o genio *Boa-Alma*; um auctor de imaginação mais poetica dir-vos-hia provavelmente que elle desapareceu, porque é o modo porque os genios se despedem.

Amethysta e *Saphirio* não se aborreceram naquella noite. Imagino todavia que dormiram pouco. Levaram a pensar provavelmente na riqueza perdida, nos seus annos de aptidão e de estudo mais irreparavelmente perdidos ainda. As-timaram as muitas horas gastas em vã dissipação e que podiam ter sido proveitosas e fecundas, se elles houvessem sabido empregal-as. Accordaram no dia seguinte tristes, procuraram-se com receio de encontrar-se, e abraçaram-se á pressa escondendo uma lagrima. Depois de um momento de embarço, cederam ainda uma vez á força do habito: voltaram aos seus brinquedos costumados, e divertiram-se menos que de costume.

— Parece que tu te aborreces, disse *Amethysta*.

— Eu ia dizer te a mesma cousa, respondeu *Saphirio*, mas tive medo que o aborrecimento não servisse de pretexto á curiosidade.

— Juro-te, replicou *Amethysta* apertando a mola do engaste, que me aborreço mortalmente!

E leu sem demora, hem gravada na placa interior, esta inscripção que *Saphirio* do seu lado lia tambem:

Trabalhe
para vos tornardes nteis
tornae-vos uteis
para serdes amados
sède amados
para serdes felizes.

— Não basta ler, ponderou gravemente *Saphirio*. É mister executar fielmente o que nos ordena o oraculo do anel. Experimentemos. O trabalho não é talvez mais fastidioso do que a ociosidade.

— Oh! quanto a isso, aposto que não é, replicou a menina. E depois, o anel nos reserva de certo algum outro recurso contra o aborrecimento.

Experimentemos, como dizes.

Passa depressa um dia penoso.

Sem ser de todo máo, como receiava *Amethysta*, aquelle dia nada teve de agradável. Tinham mandado chamar outra vez os mestres, e esses senhores lallam uma lingua que parece aborrecida porque se não conhece, mas á qual a gente acaba por achar algum encanto depois que se habitua.

O irmão e a irmã ainda estavam longe d'este apuro. Durante cada lição, vinte vezes apertaram a mola do anel, e vinte vezes lhes appareceu no mesmo lugar a teimosa inscripção. Nem uma palavra de mais ou de menos.

Por espaço de uma semana a mesma cousa, e ainda na semana seguinte nada mudou.

Saphirio ardia de impaciencia.

— Bem se diz, murmurava elle rabiscando um castigo, que os genios de hoje se repetem! E demais acrescentava, não de concordar que é um meio singular de curar-nos de aborrecimento, aborrecendo-nos a valer!

Ao cabo de quinze dias, aborreciam-se menos porque o amor proprio estimulava-os já a continuar o estudo. No fim de um mez, mal se enfastiavam, porque já tinham semeado bastante para colher. Distrahiam-se a ler no recreio e até nas horas de trabalho, livros muito instructivos e comtudo muito divertidos, em italiano, em inglez, em allemão; não toinavam parte directa na conversa das pessoas illustradas, mas aproveitavam d'ella, visto que seus estudos os haviam posto em estados de comprehendê-la.

Pensavam finalmente, e esta vida da alma que a ociosidade amanhada, esta vida para elles nova parecia-lhes mais doce do que a outra, porque tinham muito talento natural.

A avó, essa sentia-se feliz vendo os estudar sem coacção e rejubilava acompanhando com delicia e progresso dos netos! Recordo-me muito bem de que o prazer que ellas dão a seus paes é a mais pura alegria das crianças.

A mola trabalho entretanto bastantes vezes na primeira metade do anno: no setimo, no oitavo, no nono mez ainda se abriu de tempos a tempos; passado um anno, enterrurara-se de todo.

Foi então que o genio voltou ao castello, como promettera.

Eram os genios naquella epocha muito pontuaes nas suas promessas.

Saltou ao pescoco dos seus aniguinhos, que ainda não faziam idea bem clara da felicidade que lhe deviam. Elles o acolheram com ternura, antes mesmo de recapitular no seu espirito o beneficio recebido. A boa gratidão é como a benehencia: não faz contas.

Ora bem! disse-lhes elle alegremente, vocês me quiseram muito mal, porque a sciencia tambem aborrece. Já o ouvi dizer muitas vezes, e ha sabios por esse mundo que m'o fizeram crer. Hoje nada de estudo, nem de sciencia, nem de trabalho serio! Prazer, sim, si o ha, brincoucos, espectaculos, festas! *Saphirio*, você vai ensinar-me a dansa da ultima moda. Senhorita, tenho a honra de pedir-lhe a primeira contradansa. Guardei-me para annunciar-lhes que estão mais ricos do que nunca. O maldicto lago seccou, e a fertilidade das terras cresceu dez vezes. Removeram as ruinas do palacio, e acharam nos alicerces um thesouro que tem dez vezes mais valor.

— Os ladrões poderiam roubar-o, disse *Amethysta*.

— O lago poderá voltar! disse *Saphirio*.

Eugenio não prestou attenção a estas palavras ou hingu que não as ouvia.

— Este excellento homem, apesar de velho, é muito frívolo, disse *Saphirio*.

— E muito tolo para genio, accrescentou *Amethysta*. Julga elle talvez que eu não acabarei o vaso de flores que estou pintando para o anniversario de vovó. Meu mestre, disse que gostaria de fazer obra igual, e que nunca se aproximou tanto pintor algum, do famoso sr. Rabel.

— Eu não gostaria, bôa irmãsinha, replicou *Saphirio*, de exceder-te nesse dia em qualquer cousa; espero entretanto que ella terá uma extraordinaria alegria contando as minhas seis corôas.

— Será preciso ainda que trabalhes para isso, disse *Amethysta*, por que os cursos não estão acabados.

— Será preciso tambem que trabalhes para concluir teu vaso de flores, retorquiu *Saphirio*, porque elle está igualmente por acabar.

— Vaes trabalhar então? disse *Amethysta* com voz carinhosa, como se tivesse querido implorar indulgencia para si mesma.

— Está bem visto, respondeu o irmão, nem vejo motivo para deixar de estudar, enquanto não souber tudo.

— Temos tarefa para muito tempo, exclamou sua irmã saltando de contentamento.

E fallando d'esta sorte, os meninos foram ter com *Bonissima*, que estava jubilosa. *Saphirio* adeantou-se como mais resolutu e pediu á avosinha que lhes consentisse estudar mais dous ou tres annos. Eugenio, que andava pelo salão a fazer ensaios de cabriolas, enquanto esperava a primeira lição de dansa, soltou uma grande gargalhada, a qual succederam entretanto algumas doces lagrimas.

— Trabalhem bôas crianças, disse lhes elle, sua avosinha permite-o, e vocês podem reconhecer pela emoção d'ella o prazer que lhe vai n'alma. Trabalhem com moderação, porque o trabalho excessivo enfraquece tambem os melhores espiritos, como a cultura demasiado intensiva exhaurê o solo mais fértil. Divirtam-se alguma vez, muitas vezes mesmo, porque os exercicios physicos são necessarios na sua idade, e tudo quanto repousa o pensamento de um estudo suspenso opportunamente torna-o mais apto para realisar o seu esforço.

Voltem ao trabalho antes que o prazer os enfade; os prazeres levados até o fastio fazem aborrecer o prazer. Fornem-se uteis, em uma palavra, para se tornarem dignos de amor, e, como dizia o talisman, sejam amados para ser felizes. Si ha outra felicidade na terra, não lhe sei o segredo.

Eis uma anedocta inédita do Principe de Bismarck:

No começo do reinado de Guilherme II, o chancelier de ferro atravessava uma sala do palacio Imperial de Berlim, quando ouviu os sons de um realejo.

Abriu uma porta, vio os fillos do Imperador, que dansavam, emquanto o kronprinz (o herdeiro da coroa) manejava a manivelha.

Para não privar o kronprinz de tomar parte no divertimento, Bismarck tomou a manivelha do realejo. Sobreveio Guilherme II, que diante do quadro exclamou: «Vejo que o principe de Bismarck já faz dansar, com a sua musica, a quarta geração dos Hohenzollern!»

Chronica Musical

Uma nova opera de Saint-Saëns

Segundo as ultimas noticias chegadas, a primeira representação da nova opera do grande compositor francez foi um estrondoso triumpho.

Les *Barbares*, chama-se essa producção recente do autor de *Sansão* e *Dalila*. O poema é de Sardon e levam-lhe sobremaneira a contextura. Sabem todos quanto o dramaturgo é perito em obter efeitos theatraes, parece, no entanto, que no libreto dos *Barbares* excedeu-se de modo notavel.

A musica é uma maravilha a mostrar que, com o envelhecer, como em Gluck e em Verdi, sempre se alarga a extraordinaria potencia da inspiração de Saint-Saëns.

Cada vez mais se lhe torna inapreciavelmente facil, o manejo de enormes massas orchestraes.

Se já assombra o que elle conseguiu alcançar com materiais de efeitos musicos e esses estupendos poemas que são *Roca de Omphale*, o *Diluvio*, *Phaeton* e a *Dansa Macabra*, que pensar do que ultimamente fez, pois que dizem ser esta obra muito superior a qualquer das outras?

A esse respeito, é talvez Saint-Saëns quem mais se approxima dos dous reis da sciencia da orchestração Wagner e Berlioz.

Incontestavelmente e talvez incontestadamente, pertence-lhe hoje o sceptro da musica não havendo composista contemporaneo que o iguale.

Grieg, é com effeito um musico genial, e quasi de sua estatura, mas embora lhe seja bem superior como compositor para piano, fica-lhe muito e muito abaixo, como symphonista.

Não ha duvida que o *Peer Gynt*, *Berglut* entre outros são admiraveis, mas n'elles não ha o supro dos poemas de Saint-Saëns.

Ainda mais Saint-Saëns é electrico e escreveu uma opera, genero em que o noteguez não sobresahiu, nem seitamente tentou. *Sansão* e *Dalila* é uma obra inteirinha, impecavel, perfeita como *Fidelio*, *Don Juan* ou *Freyshults*.

Alem dessa, produziu muitas partituras cheias de bellezas da mais elevada ordem, em estylo que lhe pertence, partituras que o fulgor de *Sansão* tem obscurecido um pouco.

Ascuro, *Henrique VIII*, *Estevao Marcel* e *Dejanira*, representada, ha pouco, nas ruinas do circo romano de Heziers, qualquer d'essas, vale mais que toda a producção de Puccini e Mascagni juntos. Existisse apenas *Sansão*, isso bastaria para dar-lhe a primazia, entre os hodiernos compositores de operas.

Anti-wagnerista até certo ponto, pois que muito admira o grande mestre teutonico, Saint-Saëns combatte algumas de suas ideias e exagerações.

Como o musico de Bayreuth tem elle innumerables fanaticos que ultimamente fundaram em Orange, pequena cidade do meio dia da França, um theatro exclusivamente destinado á representação de suas obras.

Ao passo que actualmente, hoje, n'uma pobreza quasi franciscana, só temos a Saint-Saëns e Grieg no primeiro plano, no segundo Massenet e Reyer, todos os quatro velhos e no fim da vida, em 1801, viviam Beethoven, Spontini, Cherubini, Weber, Haydn, Méubel, Clementi e uma multidão de estrellas secundarias, como Gréty e Boieldieu, de subido valor, contudo, e que hoje fariam enorme vista, Morressein os tres compositores francezes e grieg, quem restaria?

Uma chusma de compositistas mais maestros do que maestros. Dos actuaes que appareem, um apenas mostra ter envergadura para se collocar ao lado dos grandes musicos e esse é o P.^o Lourenço Perosi.

Dos outros italianos, Puccini que entre parenthesis, já está bem longe de ser um adolescente, com os seus quarenta e tantos annos é o melhor. Pelo menos a sua fama é mais dilatada que a dos confrades. E' autor a hombraer com Ponchielli, Marchetti, Mercadante ou Carl S. Gomes (dixemos de chaovinismo).

Mascagni, vai experimentando dissabores sobre dissabores com as operas que succederam á aclamada *Cavalleria*, que, vam s e venhamos, é musica bem pouco orthodoxa.

Leoncavallo, não sahio dos *Floris floris* dos *Palhaços*; Giordano e o barão Francietti, revelam-se senhores da technica mas o modo mais ou menos wagneriano que lhes é proprio requer uma outra inspiração bem diversa da que até agora tem mostrado possuir, de modo que apenas chegam a escrever musica *difficile*, hirsuta e sobretudo massante. Dos francezes, Vicent d'Indy, Bruneau e Charpentier são os que mais se distinguem na nova geração.

De nenhum se pôde dizer, por enquanto ao menos, seja um notavel talento. Do primeiro, já aventado, não é crível se consiga mais do que já deu. Bruneau tem melhorado muito, cada vez mais; *L'oublié*, segundo os entendidos, é realmente bello. De Charpentier cuja *Lois*, obteve successo, muito é lícito esperar-se.

A Allemanha parece esgotada com o ter dado á luz a tão avulhada numero de prodigiosos genios,

como o fez, sem interrupção, de Bach e Handel a Wagner e Brahms; não possui hoje um só musico de nota, Dizem que de Siegfried Wagner o filho do autor de *Tannhauser*, ha alguma cousa a vir.

A Russia, com a morte de Tschaikowsky e sobretudo com a de Rubinteln, não pôde apresentar nomes celebres algum.

Os escandinavos, além de Grieg, possuem o velho Niels Gade, se é que ainda vive, e que allás não é um portento. Quanto aos outros paizes não se deve pedir grandes compositores, pois que não é cousa que entre no seu genero habitual de producções. Quando muito mostraram uns tantos escriptores de operetas, fóra o innumavel exercito dos que fazem valsas, tangos e cançonetas; aquelles simples varredores dos templos em que officiam os pontífices da arte, e estes parias sem effeição.

E' realmente desolador o espectáculo dessa decadencia.

Esperamos seja apenas temporaria e em breve resurja nova idade de ouro, mais brilhante do que esse fofoso periodo de 1825 a 1845, em que illuminavam o mundo os colossos que foram Beethoven, Weber, Schubert, Schumann, Mendelson, Wagner, Berlioz, Chopin, Spontini, Cesar Franck, Liszt, Rossini, Donizetti, Verdi, Meyerbeer, Bellini, Cherubini, Gounod e Rubinstein, sem contar outros muitos talentos musicos de alto valor que o prodigi so brilho de s confrades punha na penumbra, mas que, boje, na miseria de nossos tempos, sejam vultos de primeira grandeza como Glinka, Halévy, Herold, Mercadante, Boieldieu, Félicien David, Auber, Adam, Ambrosio Thomas, Flotow, Unslow, Offenbach, Reyer.

Entre parenthesis, deixamos que tambem vivia n'essa epocha, pois que falleceu em 1830, o nosso grande P.^o José Mauricio Nunes Garcia, esse genial esquecido — a quem o Brasil ainda não pagou um ceitil da divida de admiração e reconhecimento a que tem inconcusso jus com prejuizo e desprestigio para toda a nação, que assim mostra desconhecer os thesouros que j' possui — na prabse do Visconde de Taunay, a quem deve e exclusivamente o nosso paiz o não se ter perdido até o nome d'esse excepcional artista como nunca outro produziu o Brazil.

Muitos e seniveis perdas tem soffido a musica n'esses ultimos 15 annos; basta lembrar os fallecimentos de Brabms, Gounod, Stephen, Heller, Tschaikowsky, Léo Delibes, Verdi, Rubinstein, Cesar Franck, e Lalo.

Em troca não houve a menor revelação artistica que viesse compensar a falta d'esses illustres extintos, a não ser a do P.^o Perosi.

Triste balanço!
E no entanto os conservatorios, mais do que nunca, estão apinhados de alumnos...

Do Estandarte Catholico.

Das « Urzes »

Qual uma noiva, a retratar no peito o convulsivo marulbar da vaga, espera numa praia o seu eleito, pedindo ao céo que um vento manso o tragaa.

— Assim eu te sonhava, e satisfeito lutava contra a ventania aziaga; e nunca, em meio ao temporal defeito, rompeu de minha bocca uma só praga...

Mas, quando em busca do final conforto vencendo a vaga irada e a ventania, chague ao remoto o desejado porto tu talvez nem flemes mais do dia em que, num dolorido desconforto, olbavas minha nau que se partia!

AMADEU AMARAL.

Sete coisas dignas de saber-se

De um almanak colhemos as seguintes receitas, que offerecemos ás donas de casa:

- 1.ª A agua fervendo tira a maior parte das manchas de fructa.
- 2.ª O sumo de tomate tira as manchas de molo da roupa.
- 3.ª Uma colher de agua raz junta a lixivia, ajuda muito a branquear a roupa.
- 4.ª A gomma melhora muito si lhe poem um pouco de gomma arabica ou de espermacete.
- 5.ª A cera amarella e o sal limpam e pulem o ferro mais oxidado. Embrulha-se a cera num trapo, e com este esfrega-se o ferro aquecido; depois, faz-se o mesmo com papel polvilhado de sal.
- 6.ª O kereseo amacia o couro do calçado, ou outro qualquer endurecido pela humidade, e poem n'o flexivel como si fosse novo. Tambem tira as nodos dos moveis envernizados.
- 7.ª A solução de amónia (3 a 10 %) tira as nodos de gordura.

ENXOVAS PARA RECEM-NASCIDOS

Mediante a insignificante quantia de 35000, ou 35000 pelo correio, podemos fornecer em envelope apropriado, mildes comoletos para enxovas de recém-nascidos constando de quatorze peças.

Os pedidos bem como as importancias são recebidos no escriptorio desta folha — Rua dos Ourives, 7 — Rio de Janeiro.

CONCURSO

A nossa idéa do concurso de senboras brasileira a um certamen aberto pela Estação para uma composição musical, não podia deixar de despertar sério entusiasmo. As concorrentes deram-se pressa em aceitar o certamen, mas algumas dellas nos ponderaram que o prazo marcado para o dia 2 de Março era demasiado diminuto e que muitas deixavam de tomar parte na concorrência, por este motivo de força maior. Attendendo a estas considerações resolvemos adiar para a Estação que será publicada em 15 de Junho proximo futuro, sendo as composições recebidas até 30 de Maio.

MAESTRO QUEIROZ

Damos as nossas leitoras a agradabilissima noticia de que com o presente numero publicamos uma composição do eminente professor Queiroz. MISUETTO — para instrumento de corda reduzido para piano pelo autor.

Quem conhece o elevado merito, a justa nomeada, o conceito indiscutivel de que goza o illustre artista não poderá deixar de felicitar a Estação pelo inestimavel brinde que ella lhe fez no seu constante desejo de ser sempre agradável a todos quanto a protegem.

No album de Nonóra

Formosa — que a mais linda rememora ;
Benigna — de quem ninguem murmura ;
Olhar — cheio de luz e graça pura ;
Voz — similhante á lyra mais canóra ;

De phrase onde a meiguice nasce e móra ;
De sorrir sem rival pela doçura ;
Eis — fielmente — a doce creatura
A liada, a gentilissima NONÓRA !

E... assim, ó coração! Como saudal-a ?
Que musica invocas, coração? Sé franco
Ou prova que morreste a ouvir lhe a falla!

Mas... tu vivés! E, pois, n'um alma arranco,
Ajoilha-te! Os éstros preme e cála...
Beija-lhe a fimbria do vesti' o branco!

1902: Niteroy

A. AZAMOR.

Pensando em ti

Viver pensando em ti é sim viver,
E' trazer a alma rosea, illuminada.
Sentir a mente em região sôphada,
Velitando a sorrir e a resplender.

Assim — milagre bello —, sem soffrer,
Num ambiente de chiméras, cada
Senbo que a mim embala, em revoada
De illusões vem em lindo alvorecer.

E torna-se-me a vida, que era outr'ora
Crepuscular e triste, nesta aurora
Divinal, neste dia de explendor!

E vejo só no fim deate caminho,
Meo leve senbo, — teo corpo de arminho,
Miragem de ternura, sol de amor!

Fevereiro de 1902.

ARMANDO GODDY.

NINON DE LENCLOS

esurnacia da ringa, que jamais ousou macular-lhe a epiderme. Já passava dos 80 annos conservava-se jovem e bella, tirando sempre os pedaços da sua certidão de baptismo que rasgava á cara do Tempo, cuja foice embotava-se sobre sua encantadora physionomia, sem que nunca deixasse o menor traço. «Muito verde ainda!» via-se obrigada a dizer o velho rabogento, como a raposa de Lafontaine dizia das uvas. Este segredo, que a celebre e esgotista facieira jamais confiara a quem quer que fosse das pessoas daquelle época, descobrio-o o Dr. Leconte nas folhas de um volume de *L'Histoire amoureuse des gaules*, de Bussy-Rabutin, que fez parte da bibliotheca de Voltaire e é actualmente propriedade exclusiva da **PARFUMERIE NINON, MAISON LECNOS, Rue du 4-Septembre, 35 à Paris.**

Esta casa tem-no á disposição das nossas elegantes, sob o nome de **VERITABLE EAU DE NINON**, assim como as receitas que d'ella provém, por exemplo, o

DUVET DE NINON

pó de arroz especial e refrigerante ;
Le Savon Crème de Ninon especial para o rosto que limpa perfeitamente a epiderme mais delicada sem alteral-a.

LAIT DE NINON

que dá alvura deslumbrante ao pescoço e aos hombros
Entre os productos conhecidos e apreciados da **PARFUMERIE NINON** contam-se :

LA POUDE CAPILLUS

que faz voltar os cabellos brancos á cor natural existe em 12 cores ;

SEVE SOURCILIERE

que augmenta, engrossa e bruna as pestanas e os supercilios, ao mesmo tempo que dá vivacidade ao olhar

LA PATE ET LA POUDE MANOERMALE DE NINON

para snura, alvura brilhante das mãos, etc., etc.

Convém estisar e verificar o nome da casa e o endereço sob o rotulo para evitar as emtições e falsificações

PARFUMERIE EXOTIQUE E. SENET

35, Rue du 4-Septembre, 35, PARIS

MÃO DE PAPA de duque, de príncipe por meio da **Pâte des Prélats**, que embranquece, alisa a acetina a epiderme, impede e destróe as frieiras e as rachas.

UM NARIZ PICADO de pequenas borbulhas ou com cravos torna a recuperar a sua brancura primitiva e suas côres lisas por meio do **Anti-Bolbos**, producto em igual e muito contrafeito.

CUIDADO COM AS CONTRAFAÇÔES
Para ser bella, encantar todos, olhos deve-se servir da **Fleur de Pêche** pó de arroz feito com fructos exóticos.

POUCOS CABELLOS

Fazem-se crescer e cerrados empregando-se o **Extrait Capillaire des Bénédictins du Mont-Majella**, que tambem impede que caiam e que fiquem brancos.

E. SENET, Administrateur, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

NÃO ARRANQUEM MAIS

os dentes estragados, sãe-os e branqueie-os com o **Élixir dentifrice des Bénédictins du Mont-Majella**.

E. SENET, Administrateur, 35, R. du 4-Septembre, Paris.



apenas
acorda,
Chora
pedindo
o Seu
Racahout!

Racahout dos Arabes Delangrenier
o melhor alimento para as crianças

Perfumaria extrafina

L.T. PIVER

PARIS

Corylopsis do Japão
Evitar as Imitações e Falsificações

Le Tréfle Incarnat
Parfume de Móda

Rosiris

Senteur des Prairies

Violettes de Parme

Dentifricios Mao-Tcha
PÓ, PASTA e ELIXIR

CALLIFLORE

FLOR DE BELLEZA

Pós adherentes e invisíveis

Graças ao novo modo porque se empregam estes pós communicam ao rosto uma maravilhosa e delicada belleza e deixam um perfume de exquísita suavidade. Além dos brancos, de notável pureza, ha outros de quatro matizes diferentes, Rachel e Rosa, desde o mais pallido até ao mais colorido. Poderá pois, cada pessoa escolher a vtr que mais lhe convenha ao rosto.

PATE AGNEL

Amygdalina e Glycerina

Este excellente Cosmético branquea e amacia a pelle, preserva-a do Cleiro, Irritações e Comichões tornando-a avelludada; pelo que respeita as mãos, dá solidez e transparencia ás unhas.

AGNEL, Fabricante de Perfumes,
16, Avenue de l'Opéra, Paris.
E nas suas seis Casas de venda por miludo nos balnearios mais ricos de Paris.

HOUBIGANT

PERFUMISTA

da RAINHA d'INGLATERRA e da CORTE da RUSSIA

PARIS

AGUA HOUBIGANT

SEM RIVAL PARA O TOUCADOR

AGUA de TOUCADOR Royal Houbigant.
AGUA de COLONIA Imperiale Russe.

EXTRACTOS PARA LENÇOS : Violette Idéale, Royal Houbigant, Peau d'Espagne, Moskari, Iris blanc, Le Parfum Impérial, Moika, Muguet, Éillet Reine, Impérial Russe, Lilas blanc, Hélotrope blanc, Fougère Royale, Gloxinia, Jasmin d'Espagne, Cuir de Russie, Giroflée, Corydalis, Bonton d'Or, Sunrise, Rococo.

SABONÈTES : Ophélie, Peau d'Espagne, Violette Idéale, Fougère Royale, Lait de Thridace, Royal Houbigant.

PÓS OPHELIA, Talisman de Belleza.
PÓS PEAU D'ESPAGNE.
LOÇÃO VEGETAL, para os Cabellos.
PÓS ROYAL HOUBIGANT.

PERFUMARIA ESPECIAL MOSKARI

Versos d'alma

(Ao merito jornalista Aurelio de Bittencourt)

Como era bom o meu viver d'out'ora!
 Sonhava souhos louros, como a aurora...
 No mundo vendo tudo cor de rosa,
 Gosava ums existencia desceuidosa.
 Eu tinha o aloitecer da madrugada
 No rostinho da minha loura amada...
 Como se fosse um crente junto della,
 Na Terra não achava outra tão bella.
 E todos que nos viam hem juintinhos
 Diziam: «Que casal de passarinhos!»
 «Como se querem tanto! Que ventura!»
 «Como se heijam cheios de ternura!»
 Assim tão invejado no seu goso
 Julgava me no mundo mais ditoso.
 Vivendo nos seus braços desceuido
 Suppunha-me feliz por ser amado.
 Era Ella o meu amor, a minha vida,
 A santa de minh'alma extremecida.
 Quando todos no inverno sentem frio,
 Nas noutes e n que o Céu é tão sombrio,
 Eu longe desse tempo de receios,
 Encontrava a queintura de seu seio.
 S'estivesse com sede, scde louca
 Tinha o nectar da sua doce bocca.
 Na Primavera quan to tudo enflora
 Iamos, como loucos, mundo afora...



M. Rönike

O Menino Deus na floresta, dando de comer aos animaes. Segundo o desenho original de Martin Rönike.

Cantando os nossos sonhos pel'estrada.
 Assim como quem canta uma halleda...
 E todos que nos viam hem juintinhos
 Diziam: «Que casal de passarinhos!»
 Junto della esquecia as minhas dôres
 Sonhava o meu porvir cheio de flores...
 De tanto olhar o olhar da minh'amada
 N'elle a minh'alma errava enamorada
 Feliz revendo o azul dos olhos della,
 Na Terra não achava outra tão bella.
 Bem dita santa d'olhos tão azues
 Bem digno o teu olhar cheio de luz!
 Como era bom o meu viver d'out'ora!
 Eu e Ella, como loucos, mundo afora.
 Escutando as palavras dos vizinhos
 «Que ditoso casal de passarinhos!»
 A's vezes tinha medo dos quebratões,
 Sobre nós os olhares eram tantos...
 Mas sendo bom que mal teria feito?
 Tenho o ninho d'amor todo desfeito...
 Morreu! Morreu a minha lour'amada
 Já não tem mais aurora a madrugada.
 Por toda parte escuridão medonha...
 A pobre da minh'alma já não sonha.
 Aquelles sonhos louros, como out'ora,
 Ao lembrar-se da Loura, logo cêbra.
 Parece um sonha tudo quanto vejo:
 Tristeza, dôr em misero corteja...
 Porque viver assim soffrendo tanto
 Quando fora melhor morrer. m'rrer,
 Céu e Terra não mais toinar a ver...

Porto-Alegre. OSCAR RAMOS.

M...

Esse pudico labio purpurino
 Qual flux aberta por manhas viçosas,
 E' amplo nectar de um perfume fino
 — Mixto suave das mala frescas rosas!
 Quando repousas, n'um sonhar divino
 De meigo somno, em rendas caprichosas,
 Todo esse olor, um anjo peregrino
 Ligelto rouba em taças primorosas...
 Depois, contente, estremeendo as pennas
 Das brancas azas, nltidas, pequenas,
 Ala se an céu n'um vôo turturino!

1902. MATOS CARDOSO.

COMO VIVIA KRUGER No Transwaal

A Revue nes Rev es publica algumas interessantes lembranças que, com muita precisão, nos dão a conhecer a figura do presidente Kruger.
 Recordando a rigida piedade, sahendo se que a Biblia é seu livro favorito, contam que uma vez, a um criado que não comprehendia o mysterio da Santissima Trindade, disse:
 — Tomae uma vella. Que achaes n'ella? O aeho que é o Pai, o pavio que é o Filho e a chamma que é o Espirito Santo.
 Apesar que estas tres cousas sejam distinctas, deveis admitir que formam uma só vella. Pois bem, se estas cousas que são possivets n'aquillo que vides todos os dias, com vossos olhos, porque duvidaes d'aquillo que está escripto na Biblia?
 A sobriedade do presidente é proverbial e sabe-se que não perdôa a quem abusa de bebidas alcoolicas. Nos hanquetes officias só toma café e na Hollanda, onde agora se acha, só beinda e m leite.
 Kruger só se alimenta da velha cosinha hollandeza, não pode soffrer a cosinha moderna. Come depressa tres vezes ao dia, De manhã um ligeiro

E não quiz titulos, mas sim ouro, hem sabenda o que é o jogo da bolsa.
 O artigo da Revue é util para os que querem conhecer os costumes dos «boers» e o caracter do homem que foi pedir á Europa a independencia da propria Patula.

Supremo ser

Não sentes a batalha mais tremenda
 Que em torno do teu ser se vai travando,
 De todo alheio á frivola contenda
 Vaes só, nas frias lagrimas sonhand'.

Do sonho levias a immortal legenda
 Que te desvia do infinito bando.
 Vacs percorrendo todo um céu de lenda
 A propria fome sem saber cavando.

E's aenal o lutador ingente
 Que trsz da nobre e grande Dôr latente
 Toda a infinita névoa hereditaria.

Que abriado largos e immortaes caminhos,
 Sangrando em todos os fataes espinhos,
 Da vida traz a negra Flôr lendaria.

SATURNINO DE MEIRELLES.

Estrellas

Aquella estrella que em mysterio fundo,
 Do céu palpita no ceruleo campo,
 E' uma flôr que se abre em outro mundo,
 E' do céu o argenteo pyrillampo!

E essa luz que ora se abaixa e elcva,
 Do pyrillampo triste e erradio,
 E' uma flor que se abre só na treva,
 Argentea estrella do paúl sombrio!

ALFREDO E. P. ARAÚJO

Das «Flores Fanadas»

A Oração

« O nosso progresso na santidade, diz S. Agostinho, segue exactamente o nosso progresso no espirito da oração: quem ora bem vive bem. » « Na oração a alma sente-se, commove-se, inflama-se. O interior da pessoa que ora, torna se como colorado de Deus e o seu exterior embebe-se da vida divina. Queremos uma santidade que augmente a intimidade com Jesus: estudemos esta grande meio da oração: 1º necessidade de orar; 2º qual é a oração dos intimos de Jesus. »

I - NECESSIDADE DE ORAR

Tudo se alcança pela oração; bem o sabemos, sobretudo depois da promessa do Salvador. « Tudo o que pedirdes em meu nome, alcançareis. » A humanidade não ousaria talvez propor a Deus esta aliança da qual tem tudo o proveito. Ahí como sempre, o Salvador deu o primeiro passo. Há um mandamento e uma oração nestas palavras: « Permanecei em mi-

almço, ao meio dia um jantar mais copioso e de noite uma cêia frugal. Geralmente janta só, não segundo costume as mulheres «boers» sentarem-se á mesa com os homens.
 Kruger governa sua familia com mão de ferro. Se alguma cousa não é feita como elle quer, reprehende a quem é o culpado, sem cerimonia e em presença de todos com a sua voz grossa. Os estranhos commovem-se, mas os membros da familia não se affigem.
 De resto é muito querido dos parentes, Os operarios empregados em suas fazenda o respeitam profundamente, sabendo que é tão severo quanto justo para com todos. Suas relações para com elles são as das epochas feudaes. A um d'elles que perguntaram o que pensava do seu patrão, respondeu: E' muito ex gente, mas é de uma justiça absoluta.
 Como homem de Estado, Kruger é originalissimo. A um furtcionario, que lhe pedira para ser transferido para Pretoria, respondeu:
 Eu não sou um estadista, sou simplesmente um camponês é quando ao meu carro atrelô os bois, sempre colloco os mais insubordinados perto de mim, ao alcaide do reho; emquanto os mais doces, aquelles em quem a gente confia, colloco mais longe. Outro tanto faço no governo. Quando tenho que me haver com funcionarios indisciplinados os colloco ao meu alcance para os poder pouir, e mando longe os mais fieis. Não vos chamo á Pretoria porque colifto em vós.
 Quanto á sua fortuna, que é real não se deve prestar vta a tudo que se diz, ella é limitada e em harmonia com sua henradez patriarchal. Foi protegido pela sorte e nada mais. Pajou por 7.500 «coroás» sua fazenda «Geduld», vendeu a depois por 4.200.000 «coroás» quando se descobriu que um filão de ouro a atravessava.

na intimidade, um mandamento, porque não é permitido a uma creatura repellar o desejo do Creador; uma oração, porque o coração do bom Mestre dirige a cada um de nós este apello ardente que repetia á sua confidente: «Tenho sede de ser amados. Ha pessoas que se queixam de Deus, porque mostra-se parcimonioso em seus dons, pouco revelou se a ellas, deu-lhes um praso diminuto e talvez diminuta santidade. A resposta de Deus é simples. « Tudo o que pedirdes alcançareis. »

Eis a sua justificação e a nossa condemnação. Os seus thesouros estão abertos, basta estender a mão; fechou é certo, como um mestre prudente as riquezas que destina a seus amigos, mas entregou-lhes a chave. Esta escripto: «Aproximase vós de Deus e elle virá a vós.»

Reflectido sobre o pequeno numero de almas que recebem o privilegio de ser familiares e intimos do Salvador, poder-se-la encontrar a causa no pouco tempo que damos á oração. Ha tempo na maior parte das vidas para o lazeres, para as pequenas ambições, para as satisfações humanas, para os nadas que muitas vezes enchem uma existencia. A oração é uma occupação accessoria.

Nas ordens contemplativas a oração forma o fundo da vida: as occupações materiaes estão contidas nos seus limites das necessidades terrestres. Ahí basta saber orar na confiança, no abandono, livremente, sem esses embaraços que ligam a alma e impedem os effeitos do Salvador. Nas congregações votadas ao trabalho, ao ministerio exterior, é difficil defender-se da negligencia da dissipação e das preocupações. Como é preciso vontade, esforço, sacrificio, para ser recolhido, humilde, confiante na oração, para bem se conhecer, examinar, reformar na meditação, algumas almas pouco vigilantes e energicas caem no relaxamento. Entrelanto, basta consultar nossa memoria e olhar em roda de nós: no mundo e em religião as

almas santas e unidas a Jesus, mais intimas ao Salvador, são as almas de oração e meditação.

II - COMO ORAM OS AMIGOS DA JESUS

A nota dominante, o caracter distinctivo dos amigos do Salvador é a confiança. Nos paizes onde a fé é fraca, onde a indiferença ganha os espiritos e a caridade diminue nos corações, vive-se distanciado de Christo, para se á entrada das igrejas, ora-se timidamente longe do tabernaculo. Onde porém, a fé é viva e o amor do Christo mais forte, mais quente, mais intimo, vai-se junto ao altar, peito de Jesus; ha audacia para ver este amigo a casa de Deus é a nossa casa. E' para o padre uma administração e um prazer este espectáculo que apresentam os mais veneraveis sanctuarios, quando os peregrinos rodeiam o altar, ajoelham até sobre o estrado, apoiam-se sobre a meza do altar, contemplan commovido a Jesus que veiu a este mundo para ser conhecido, para se dar e ser amado.

Os santos oram com respeito. Que é mais respeito do que o amor si em suas familias. Oram com humildade: que é mais humilde do que o amor no serviço, na dedicação, no modo de dar-se? Oram com perseverança, porque sabem que a hora soará quando o amigo, «que conhece o tempo e a oportunidade,» sorri e concede o objecto pedido. Acima de todas estas altas disposições, apparece a confiança. É para admirar! Conhecemos a oração de Abrahão: «Si houver cincoenta justos na cidade, disse o Senhor, salvar-a hei.

— Perdoais, meu Deus, si faltarem cinco? E si não houver sinão quarenta ou trinta ou vinte? Não vos mostris irado meu Deus, e si não houver sinão dez?» Conhecemos a oração da mulher de Cananea, já repellido: «Os cães comem das migalhas que caem da mesa dos amos,» Conhecemos a oração de Maria: só diz uma palavra porque tem confiança: «Aquelle que ama esta enfermo,» Santa Theresza define a oração em geral e a meditação particular: «Um intimo commercio de amizade com Deus.» Um colloquio familiar, uma relação intima, uma conversação amical. É a santa confessava que algumas vezes dizia loucuras ao cieleste Esposo. É a liberdade da mesma san'a? Um dia ella assim orava pelo seu irmão enfermo: «Senhor, si tivesse um irmão na mesma necessidade que o meu, supportariais que eu o ahondasse?»

Em vez d'esses colloquios de amor, d'essa liberdade em familia, que temos livros, delicadezas, expressões escolhidas, discursos preparados. Eis porque a oração nos deixa insensíveis, hos custa e é um trabalho. De cidamos nós, nós, almas consagradas, a considerar como amigos os intimos de Jesus, a tratá-los como pae, como amigo, como esposo das almas. «O grande segredo, diz Santa Joanna de Chantal, consiste em ir de bôa fé e simplesmente.»

Athanasius. — «Estaes prompto, ó meu Salvador, a conceder-me todas as graças que eu vos pedi? Quereis que eu viva no vosso amor mais do que eu desejo. O Deus de minha alma, queiro vosso amor, dae-me vosso santo amor, e para que tenha certeza de cottseguil-o, concedei-me a graça da oração.

O Maria, pelo amor que tendes a Jesus Christo, alcança-me a graça de recorrer sempre a vós e a vosso filho. (S. Afonso a Ligório.)

Exame. — Sou fiel a todas as minhas orações, do regulamento?

— Faço com fé, respeito, humilde, confiança? Com simplicidade e doce familiaridade? Faço com cuidado a meditação de todos os dias, esforçando-me para fazel-a com bastante provito? Minha vida é uma criação continua pela pureza das minhas intenções e pela união com Nosso Senhor? — Queres as reformas que se impõe a mim?

Resolução. — *Ramalhete espirital.* — «Orae com fã milliaridade e livremente ao Salvador,» Santa Joanna de Chantal.

PADRE MACRECOURT.

Novidades musicas

Recebemos as seguintes:

Dos Srs. E. Bevilacqua & C.

- Tudo Dança», polka de Belarmiao Neves.
- Palida», schottisch de Abdon Milanez.
- Le Corso Blanc, polka de H. Tellam.
- Filhioha», schottisch de Oscar Carneiro

Dos Srs Vieira Machado & C.

- «Coio», valsa de Carlos F. de Carvalho.
- «Quo Vadis?», polka militar de P. do Sacramento.
- «1902», polka de Nicolino Milano.

Do Sr. Manoel Antonio Guimarães.

- «A Brasileira», canção, musica de D. Francisca Gonzaga.



Lavadoira vonoziana. Segundo o quadro do E. v. Blaas.

Oração

Das flores que ha em Maio Nós desejamos colher...

(BEMDITO POPULAR)

Mãe do céo, véda minha alma
Minha alma que tanto chora!
Dae-me a luz, o amor, a calma.
Bemdicta sejas, Senhora!

Amparae os desheredados
Mendigos de vossa graça,
Assueita dos vallados,
Arca Santa, ha desgraça!

Deixae que o nosso queirime,
A prece que vos bem diz,
Vos chegue como perfume
Que sobe dos hogaris!

Eusopae as nossas dôras
No mal do vosso conforto!
Nun açafate de flôres
Tornae a campã do morto!

Si conservaes, oh! Rainha,
O lyrio sempre impollido,
Não deixeis a cramoimha,
Outro lyrio, vastir lito!

Para nós, os pccadores,
Seld tal vosso carinho,
Que o mundo revente em flôres
Nenhuma flor tenha capinho!

RODRIGUES DE CARVALHO.

A minha resolução

O que fazes, ó minha alma?
Coração, porque to agitas?
Coração, porque palpitas?
Porque palpitas em vão?
Si aquella que tanto adoras
Te despreza, como ingrato
Coração, si mais sensato
Busca outro coração!

Corre o ribeiro suave
Pela terra brandamente,
Si o plano condescendente,
Deito ao deixa regar,
Mas, se encontra algum tropeço
Que o leve curso lhe prive,
Busca logo outro decurso,
Vae correr noutra logar.

Segue o exemplo das agnas
Coração, porque te agitas?
Coração, porque palpitas?
Porque palpitas em vão?
Si aquella que tanto adoras
Te despreza, como ingrato
Coração, si mais sensato
Busca outro coração!

Nasce a planta, a planta cresce
Vae contente vegetando,
So por onde vae achando
Terra propria a seu viver;
Mas, se acosa a terra estéril
A s raizes lhe é veneno
Elle vae noutra terreno
As raizes esconder.

Segue o exemplo da planta
Coração, porque te agitas?
Coração, porque palpitas?
Porque palpitas em vão?
Si aquella que tanto adoras
Te despreza, como ingrato
Coração, si mais sensato
Busca outro coração.

Saiba a ingrata qua punir
Tambem sei tamanho agravo!
Si me traja como pccavo,
Mostrarei que sou agnor;
Como a agua, como a planta
Fugirei dessa bumeida;
Quero dar a uma alma fã
Muita vida e mau amor.

Rio de Janeiro.

DR. LAURENTO RABELO

•Desejada», valsa de Abdon Milanez.

•Beijos de Amor», pas de quatre de Antonio Rayol;

•Belos de Graça», valsa de Antonio Rayol.

Dos Srs. Arthur Napoleão & C.

«Priete», para violino musica de Antoni Rayol.

«Ganchilla», valsa de J. M. Azevedo Lemos.

Amofrense», valse chanté, musica de Berger.

Noctívaga», musica de Juca Storoni

No anniversario de um amenina

Bella flor em hoido, linda mulher na infancia.
Guarda be o dentro d'alma, aim de que n'lo se mudé.
O celeste perfume, a divina fragrancia,
Na creança - innocencia, e na mulher - virtude.
Ameninas.

LUIZ DE MENDONÇA

O Principe Querido

Era uma vez um rei tão homem de bem que os seus subditos o chamavam — o rei Bom. Um dia, esbando a caçar, um coelhinho branco, perseguido pelos cães, refugiou-se entre os seus braços. O rei afagou-o, dizendo: « pois que recorres á minha protecção, não consinto que te façam mal. » Levou-o para o palacio e recommendou que cuidassem d'elle.

A noite, estando o rei na sua camara, appareceu-lhe uma formosa dama. Era alvo e roçagante o seu vestido, cingia-lhe a cabeça uma coroa de rosas brancas.

« Eu sou a fada *Candida* » disse ella, « quiz saber se, com effeito, sois bom como dizem todos; tomei a figura de um coelhinho e refugiei-me entre os vossos braços: pois os que se compadecem dos animaes compadecem-se mais ainda dos homens: agradeço-vos o beneficio que me fizestes e serei sempre a vossa amiga (concedo vos tudo) quanto quizerdes pedir-me. »

« Senboram », respondeu o bom rei: « tenho um filho unico a quem muito quero; por isso chamam-no — O Principe Querido; se dignaes distinguir-me com a vossa bondade, dispensai a vossa amizade a meu filho. »

« Está dito » retorquiu a fada; « posso fazer do vosso filho o mais bello principe do mundo, ou o mais rico, ou o mais poderoso. » « Não desejo nada de tudo isso para elle », respondeu o rei, « peço vos unicamente, façais d'elle o melhor dos principes » — « Não está em meu poder fazer o principe Querido homem de bem máo grado seu. Elle mesmo deve trabalhar por ser virtuoso. O que vos prometto, é dar-lhe bons conselhos, reprehender seus erros, e punir-o, quando não queira emendar-se e punir-se a si mesmo. »

O bom rei exultou com a promessa; e infelizmente falleceu pouco tempo depois. O principe sentiu immensamente a perda do pae; dora, sem hesitar, todos os seus reinos para salvá-lo.

Dois dias depois do funesto acontecimento, estando Querido deitado na sua camara, appareceu-lhe a fada *Candida*: « Prometti a vossa pae ser vossa amiga e, para cumprir a minha promessa, faço-vos este presente », e poz-lhe no dedo um anel de ouro, acrescentando: « conserva sempre este anel, vale mais que os melhores diamantes. Quando praticardes uma acção má, pungir-vos ha o dedo; mas se despresando-lhe o aviso, persistirdes n'essa acção, perdereis a minha amizade e tornar-me-hei vossa inimiga ». *Candida* desappareceu deixando Querido muito admirado. Procedia tão prudentemente que nunca o pungiu o anel; por isso vivia tão contente que ao nome de Querido acrescentaram o de *Feliz*.

Um dia, sahindo a caçar, não encontrou caça e voltou bastante enfadado. Correu-lhe ao encontro, toda contente e a saltar, a sua cadellinha Bibi. O principe, aborrecido, deu-lhe um pontapé. No mesmo instante o anel pungiu-lhe o dedo como se fosse um alfinete. Sentou-se, envergonhado, a um canto da camara: dizia consigo: « A fada está caçoando commigo. Que grande cousa, dar um pontapé n'um animal que me importuna! De que me vale ser o soberano de um grande reino, se não tenho a liberdade de castigar a minha cachorriinha? »

« Não estou caçoando commosco », disse uma voz respondendo ao pensamento de Querido. « Foste cruel com um animalinho — que não merecia ser maltratado. A vantagem de governar um grande estado não consiste em poder fazer o mal que nos apraz, mas sim, todo o bem que podemos. »

Querido confessou a falta e prometeu emendar-se; mas não cumpria a promessa.

Era boa sua índole, porém tinha-a estragado na sua tenra infancia, a sua mãe; depois, es adaladores cortesãos. Muitas vezes mostrava-se colérico e orgulhoso: quando era leve a falta o anel feria-o apenas; quando grave, fazia escorrer-lhe o sangue. Afinal, impacientouse, e, quecreado proceder com toda a liberdade, deitou fóra o anel. Desse dia em diante, cedeu a todos os seus sentimentos máos e foi se tornando tão ruim e desabrido que ninguém o podia tolerar.

Um dia, no passeio, viu uma joven tão linda que logo resolveu desposal-a. *Zelia* (assim se chamava a moça) era tão honesta quanto bella. Querido pensava que *Zelia* consideraria-se bem mui feliz de ser uma grande rainha; mas ella disse-lhe, com toda a liberdade: « Magestade, sou uma simples pastora, desprovida de fortuna; porém, ainda assim, nunca serei vossa esposa. »

« Então acha-me muito feio? » perguntou Querido, algum tanto commovido. « Não meu Senhor, respondeu *Zelia*, acho-vos muito formoso; porém, de que me serviriam vossa belleza e vossas ligezas se as acções máas que vos visse praticar me fizessem despresar-vos e odiar-vos? »

Querido, irritado com taes palavras, ordenou que *Zelia* fosse levada á força para o palacio. Mas amava-a e não podia resolver-se a maltratá-la.

Um dos peiores conselheiros do principe era *Rupert*, seu irmão celloço, que, homem de inclinações baixas, adulava-o e favorecia-lhe os máos instinctos. Resolveu dissipar, de uma vez, os escrupulos de Querido, no que dizia respeito á pastorinha. « E' boa! » disse elle, « já se viu um rei com tanta consideração para uma aldeã! Fosse commigo o caso, que eu bem saberia ensinar-a. — Mas, *Rupert*, não será desdouro perseguir a innocencia? » — « Quem recusa suggestar-se á vossa vontade não é innocente. » Tanto insistiu o perverso que o rei resolveu ir, n'aquella mesma noite, ao quarto da moça e maltra-

ta-l-a caso repeltisse ainda a honra de ser sua esposa. *Rupert*, recendo que se arrependesse e desistisse do sinistro intento, convidou-o para uma delicada ceia em companhia de mais tres jovens devassos! embriagaram-no e excitaram-no a tal ponto contra *Zelia*, que furioso, correu á camara da moça, exclamando que havia de obdecer ou, senão, seria vendida como escrava.

Ao penetrar no quarto de *Zelia*, surprehenlho a sua ausencia, pois tinha a chave commigo. Enfurecido exclamou que hem caro lhe pagariam os que tinham favorecido a evasão da joven. Os seus confidentes aproveitaram o incidente para perderem o velho aio do rei. Este homem respeitavel amava a *Querido* como um filho; por diversas vezes, o reprehendera, e censurára-lhe o desregramento. Ao começo, o rei attendeu-o, mas, depois, achando o importuno, afastou-o da corte. Comtudo, dizia, de vez em quando, que era um homem de bem, que não o amava mais, porém não podia deixar de estimá-lo.

Os confidentes temendo que, algum dia, o rei revogasse do exilio ao velho c conselheiro, insinuaram-lhe que *Sulimon* (era o nome do aio) se tinha gabado de restituir *Zelia* á liberdade, compraram testemunhas que affirmaram que o tinham ouvido dizer pelo proprio *Sulimon*. *Querido* lo ordenou que lhe trouxessem o ancião preso e acorrentado.

O rei encerrou-se na sua camara. De repente estoura o trovão; *Candida* apparece. « Prometti a teu pae diz com tom severo, « dar-te conselhos e punir-te, quando recusares seguir-os. Enchestes o o vaso das tuas iniquidades. De homem tu tens a figura. Eu te condemnio pois a ser semelhante aos animaes dos quaes tens todas as inclinações. Do leão, tens a colera; do lobo, a voracidade; da serpente, a ingratitude; do touro, a brutalidade. Que apresente a tua nova figura o caracter d'esses animaes ». Apenas a fada acabou de falar. *Querido* horroisado, viu realizar-se tudo quanto ella vaticinara-lhe. Tinha e cabeça de leão, pontas de touro, patas de lobo e cauda de vibora. Ao mesmo tempo, a-hou-se numa vasta floresta, á beira de uma fonte em que espehava-se-lhe o horrendo aspecto, e ouviu-se uma voz, que dizia: « Vê o estado a que reduziram te os teus crimes. Tua alma e mil vezes mais feia do que o teu corpo. » *Querido* reconheceu a voz de *Candida*. Voltou-se para devalar-a mas não viu ninguém. Entretanto, a voz: « Rio-me da tua fraqueza e da tua raiva; vou confundir-te o orgulho sujeitando te aos teus proprios subditos. »

Querido entranhou-se na mata; apenas deu alguns passos cabiu n'uma tramp la de apauhar ursos; ao mesmo tempo, uns caçadores que estavam occultos na ramada desceram, acorrentaram no elevaram no á capital do seu reino. Chegando ali, notou que havia rejóijo em toda a cidade e ouviu responder aos caçadores, que indagavam o que seria, que o principe *Querido* tinha sido fulminado pelo raio, no seu aposento, que tinham sido espedaçados pelo povo os complices dos seus crimes e que fóra aclamado rei o veneravel *Sulimon*.

Ao passar pela *Praga Real* viu na *Sala do Throno*; no seu palaeio, n'um magnifico solio *Sulimon* recebendo as homenagens de todo o povo. O ancião acenou com a mão para reclamar silencio e disse:

« Aceito a coroa, mas é para conserval-a ao principe Querido; não está morto, como suppondes: revelou-m'o uma fada, e, talvez um dia, o torneis a ver como era nos seus primeiros annos. Aí! continui chorando, perderam-no os adúladores! eu cambieia-lhe o coração, fóra formado para a virtude; teria sido o nosso pae. Detestai os seus vicios, mas lamentae-o, e roguemos ao Céu para que nol o restitua. »

As palavras de *Sulimon* foram directinhas ao coração de Querido. Conheceu quanto era sincero o affecto do velho amigo e, pela primeira vez, exprobrou-se os seus crimes. Apenas manifestou-se este bon sentimento, acalmou-se-lhe a colera, cessou de arremetter contra as grades da jaula, e tornou so mauco como um cordão. Levaram no para um pateo de feras, onde o acorrentaram entre outros animaes.

Querido lo resolveu emendar os seus erros; começou por mostrar-se obediente ao domador. Este homem era brutal; espancava-o sem motivo. Um dia adormeceu; um tigre, que rompera a corrente, atirou-se-lhe para devoral-o. « Ab! se estivesse solto, » exclamou o rei, « eu pagaria o mal com o bem salvando a este desgraçado! » Ainda não tinha acabado de dizer estas palavras, abriu-se a jaula. De um salto acabou-se junto ao domador que, tendo acordado, defendia-se contra o tigre: *Querido* atirou-se á fera, estrangulou-a, e deitou-se depois aos pés d'aquella a quem acabava de salvar.

O homem, penetrado de gratidão, ia abaixar-se para afagar o monstro que lhe prestara tão assignalado serviço, quando ouviu uma voz dizer: « Nunca fica sem recompensa uma boa acção. » e viu a seus pés um lindo cãozinho.

Querido, encantado com a metamorphose, fez festas ao domador que o levou ao rei a quem contou esta maravilha. A rainha, esposa de *Sulimon*, quiz possuir o cãozinho: achar-se ha feliz se possesse esquecer a nova condão.

Um dia que acabavam de dar-lhe o pássinho para o almoço, tomou-o entre os dentes e levou-o para o jardim do palacio, afin de comel-o mais á vontade. Encamihou-se para um canal que conhecia e ficava bastante longe: não o encontrou mais; no lugar que occupava viu uma vasta casa cujas paredes resplandeciam de ouro e pedrarias. Entravam nessa casa muitas senhoras e muitos cavalheiros ricamente trajados; cantava-se, dançava-se, comia-se e bebia-se á grande. mas todos os que sahiam estavam pallidos.

magros, andrajosos. Alguns cabiam mortos, outros seguiam o seu caminho a muito custo, outros deitavam-se no chão; mortos de fome imploravam um bocado de pão aos que entravam, mas esses, nem sequer, olhavam para os pedintes.

Querido aproximou-se de uma moça que procurava arrancar umaservas para comel-as. Magrou o este espectáculo: « Tenho appetite » disse commigo, « mas não morrerei de fome até a hora do jantar; talvez ain la salve a vida desta pobre creatura dando-lhe o meu almoço. » e, se bem o disse melhor o fez: poz o pássinho na mão da moça que o comeu avidamente.

A feliz *Logo* sentiu restauradas snas forças; *Querido* satisfeito de ter-lhe acudido a tempo dispunha-se a voltar para o palacio quando ouviu um grande tumulto; Era *Zelia* entre as mãs de quatro homens que a queriam arrastar para a bella casa onde, afinal, fizeram-na entrar. *Querido* quizera ter ainda a sua figura de monstro para valer a *Zelia*; pois o que podia fazer um pobre cachorinho senão latir contra os raptores. Enkotaram-na a pontapés; mas, elle voltou e abi conservou-se para seher o que seria feito da pastorinha.

Arrependia-se amargamente de ter sido mau e injusto com a linda rapariga. « Aí! dizia commigo, não tenho commettido o mesmo crime que esses que a raptam? »

Suas reflexões foram interrompidas por um ruido que ouviu acima da cabeça. Abriu-se uma janella e appareceu *Zelia* que deitava fóra um prato de appetitosas iguarias. Tornou a fechar-se a janella. *Querido*, que não comera durante o dia todo, dispunha-se a aproveitar a pechincha, quando a moça a quem dera o pão fez ouvir um grito e, tomando nos braços, disse: « Pobre animalinho, não toques n'estas iguarias: Esta casa é o *Palacio da Volupia*, tudo o que d'abi sabe está envenenado. » Ao mesmo tempo, *Querido* ouviu uma voz que dizia: « Vê como é sempre recompensada uma boa acção? » e achou-se metamorphoseado em uma linda ave do paraíso. Lembrou-se que era o passaro predilecto de *Candida*, e começou a vislumbrar a volta de sua protecção.

Immediatamente soltou o vôo em direcção ao *Palacio da Volupia* onde penetrou por uma janella; em vão percorreu tudo, não achou *Zelia*; resolveu não descajar emquanto não a tivesse encontrado. Vôu dias e dias até que pousou n'uma arvore perto de uma caverna onde viu, oh! alegria! *Zelia* sentada ao lado de um veneravel eremita, tomando com elle frugal refeição.

Querido pousou no bombro da linda pastora e, afagando-a com o bico, manifestava o prazer que tinha em vel-a. Ella retribuia-lhe as caricias amando-o com a mão; ignorando que podia e comprehendel-a, disse-lhe que aceitava o dom que de si mesmo lhe fazia e que o amaria sempre: « Que fizeste *Zelia*? » disse o eremita. « Acabas de enpenar a tua fé. » Sim, encantadora pastora, » disse *Querido* que t'mou sua forma natural, « do vosso consentimento para esta união » dependia o fim da minha metamorphose. Pr mettestes amar-me sempre; e firmái a minha felicidade, ou vou conjurar a fada *Candida*, minha protectora, de me restituir a figura sob a qual tive a dita de agradar-vos. » « Não tens que receiar a sua inconstancia » disse *Candida*, que deixando a figura de eremita, sob a qual se occultava, appareceu-lhes tal qual era com effeito. « *Zelia* amou-te apenas te viu; mas os teus vicios obrigaram-na a dissimular te a inclinação que lhe inspiraste. A feliz mudança do teu coração permittel-he entregar-te toda a sua ternura. Haverás de viver felizes porque a vossa união será baseada sobre a virtude. »

Querido e *Zelia* cahiram aos pés de *Candida*. *Zelia* confirmou ao amante a confissão de sua ternura. « Erguei-vos meus filhos, » disse a fada; « vou transportar-vos ao vosso palacio para restituir a *Querido* uma coroa de que o tinham tornado indigno os seus vicios. »

Logo acharam-se na camara de *Sulimon* que, encantado de tornar a ver o seu amado rei, e restituído á virtude entregou-lhe o throno, e sempre conservou-se o mais fiel dos seus obditos.

Longos annos trinaram *Querido* e *Zelia*. Dizem que o rei applicou-se tanto a cumprimento dos seus deveres que o anel, que retomara, nem uma vez mais lhe pungiu o dedo.

A' tarde...

Lembro ainda d'aquella tarde italiana,
Da hora em que o rubro sol quasi no occidente
O coração de bella e aurea neblina...
E cecava a brisa uma canção dormente.

Um regato que banhava a verdeal campina
Desliza va plerbo manso e tristemente;
E a tropicall noite desce repentina.
E a pallida s'elevava no oriente...

Ao longe, no campanari, brandamente,
Sono sonoro badalava: « Ave Maria! »
Do dia annunciando o derradeiro instante!

E meu espirito n'est hora de poesia...
De emoção cheio contemplava palpitante
A agonía ottomnal d'um claro e bello dia...

Actualidades scientificas

A temperatura do sol — A cidade mais fria do globo. — Uma nova estrella.

Um dia Jorge Stejneger, vendo um comboio rebocado por uma das suas locomotivas correr rapidamente pela via, perguntava a um de seus amigos: «O que é que faz andar este comboio? — A machina, respondeu aquelle. — Mas o que é o motor da machina? — O vapor. — E o que é que produz o vapor? — O carvão. — Mas quem produz o carvão? — O amigo do illustre engenheiro não sabe responder a esta pergunta que não plevira e foi Stejneger quem deu a resposta, dizendo: o sol.

E, effectivamente, tudo na terra nos vem do sol. Flammarion, na sua *Astronomia Popular*, e assigna uma bella pagina a este astro. Eis um extracto do que elle enumera acerca dos effeitos do sol: «O seu calor mantém os tres estados dos corpos: solido, liquido e gazoso; os dois ultimos evolvem e iam e não haveria sinão copos solidos: a agua e o proprio ar seriam talvez massivos blocos, si o calor solar não os mantivesse no estado fluido.»

O sol que aquece o ar, que mantém liquida a agua, que provoca a tempestade, que faz cantar o rouxinol na floresta. E' elle que liga as montanhas, os rios e regatos, que forma as geleiras e as cataratas. O trovão e os relampagos são uma manifestação do seu poder. Tudo o que arde, toda a chamma que brilha receberam a sua vida do sol... O sol vem até nós sob a forma de calor, e, entre a sua chegada e partida, faz nascer as diversas p' tencias do globo.

O sol faz germinar, crescer e amadurecer os menses, e dá-nos, por consequencia, o pão que nos sustenta; o vinho que tingem as nossas taças vem delle ainda e o alcohol é pr' igual uma forma do seu calor, d'esse benéfico calor que elle lança em ondas sobre a terra. A bulba é apenas uma forma das antias florestas que o sol fez crescer no nosso globo, e, que, por uma providente reserva, a Providencia occultou por muito tempo aos nossos olhos para impedir a sua prompta dissipação.

A acha que arde nas nossas lareiras, e, tambem, uma manifestação do sol, porque a floresta não poderia reverdecer sem elle, e, quanto mais o poder do sol se faz sentir, mais a floresta se torna vigorosa.

O sol é, além de tudo, o purificador da atmosfera.

Pode-se calcular com grande exactidão a quantidade de anhydrido carbonico exhalado annualmente pelo homem quando respira; dizem os sabios que ella é de 5 trilhões de kilos. Este numero nada nos diz, mas podemos represental-o da seguinte forma. Um comboio de mercadorias compõe-se de cincoenta wagons, tendo, cada um, uma carga normal de dez toneladas, o que dá 500.000 kilos por comboio. Ora, para transportar aquella massa de acido carbonico, seriam precisos dez milhões desses comboios. Si o gaz ficasse na atmosfera, bem depressa esta se tornaria irrespiravel; mas lá está o sol; debaixo da sua influencia os vegetaes transformam este acido carbonico, fixam nos seus tecidos o carbono e entregam o oxigenio á circulação.

O sol é, pois, tudo para o habitante da terra; por isso não admira que, na sua ignorancia alguns povos o tenham tomado como um Deus. O que é mais extraordinario ainda é que actuamente, não n'is regiões afastadas da Asia, ou nas praias arenosas da Africa, mas ás proprias portas de Paris, ha cultivadores que adoram realmente o sol, reconhecendo dependerem interamentem d'elle e dirigindo-lhe, como os lucas, as suas orações e homenagens.

O sol dá crigem, tambem, a uma quadrupla questão. Qual é a quantidade de calor que elle irradia para a terra? Qual é a quantidade de calor que irradia para o espaço? Qual é a sua temperatura, que lhe permite produzir resultados tão grandes? E, enfim, como se mantém e se conserva esse calor?

Não é difficil medir a quantidade de calor que o sol irradia para a terra. John Herschell achou, no Cabo da Boa Esperança, que, num minuto, o sol vertical fazia fundir uma camada de gelo de 0,01915. Pouillet, executando as mesmas experiencias, obteve o algarismo 0,0176. Ha uma differença entre estas duas determinações, mas é facil explical-a pela differença da permeabilidade da atmosfera e por circumstancias locais. Tomemos uma media, 0,0185, e chegaremos ao resultado de que o calor faz fundir em uma hora uma camada de gelo de 1,011 de espessura.

Mas esta avaliação é ainda muito inferior á verdade. Nós, assim constatamos apenas o effecto produzido pelo calor solar á superficie do solo; ora, para chegarem até nós, os raios solares devem, ao penetrar na atmosfera, terem muito mais força. E é facil convencer-nos disto por experiencias actinometricas feitas em diversas alturas.

O excesso da temperatura constatado pelo instrumento á superficie da terra será menor que o obtido repetindo a experiencia á diferentes alturas, e quanto mais nos elevamos, mais o excesso se tornará consideravel, pois que a camada da atmosfera ficará com uma menor quantidade de calor. Si a atmosfera fosse supprimida, o solo terrestre receberia uma quantidade quasi dupla de calor. E si se podesse distribuir uniformemente a quantidade de calor recebido em um anno pela terra, seria sufficiente para liquidificar uma calotte de gelo que cercasse todo o nosso globo e tendo 30 metros de espessura. Mas Flammarion expõe o problema d'uma forma mais comprehensivel.

A força constante e silenciosamente dispensada para elevar os reservatorios da chuva á sua altura atmospherica media, para fixar o carbono nas plantas e para dar á natureza terrestre o seu vigor e a sua belleza, pode ser calculada sob o ponto de vista mechanico: é igual ao trabalho de 107 trilhões e 310 milhões de cavallos vapor ou a 54 mil milhares de machinas a vapor duma força efectiva de 400 cavallos cada uma, traballando sem descanço dia e noite. Eis o trabalho permanente do sol sobre a terra.

Em presença destes algarismos a imaginação fica espantada, e quando se põe em comparação o que faz o sol e o que produzem as mais poderosas machinas que o genio do homem inventou, sentimos nos profundamente humilhados. Para outra chronica guardaremos a resposta ás tres perguntas que atraz deixámos enumeradas. (1)

Um sabio inglez observou que o logar mais frio da terra é Werchobjansk, na Siberia. Até aqui julgava-se que era em Iktoutek que se experimentava o frio mais rigoroso; mas em Werchobjansk a temperatura media desce muito mais baixo.

Nesta localidade a temperatura media em janeiro é de 33°, etc. O maior frio que ali se observou manifestou-se em 30 de dezembro de 1871: o thermometro desceu a 63° abaixo de zero.

Descobriu-se mais uma estrella variavel na constellação de Perseu. Foi M. Andersen, de Edimburgo, que assignou a presença duma estrella que variava rapidamente de brilho. Procedeu-se immediatamente ao seu estudo, determinando-se o espectro caracterizado por brilhantes riscas no verde e no azul e particularmente as de hydrogenio. Embora já hoje se conheça cerca de quinhetas estrellas deste genero, veio esta fazer nascer mais uma hypothese acerca da causa da variabilidade de seu brilho.

A hypothese geralmente seguida, especialmente para as variaveis periodicas, é a de Lockyer, que disse que cada estrella não era analog ao sol, mas sim uma reunião de meteoros percorrendo uma trajectoria elliptica com um satellite igualmente composto. No periastro haveria a collisão dos elementos das duas aglomerações meteoricas, e d'ahi o augmento de luz. Mas os progressos da optica vieram lançar novas luzes, pela spectroscopia, no estudo das estrellas variaveis.

E assim, segundo M. Janssen, talvez se possa admitir que, attenta á complexidade do aspecto da nova estrella, o oxigenio não seja um corpo simples, ou então que elle se possa dissociar a temperaturas elevadissimas; si assim fór, como o oxigenio existe por t' da a parte, quando uma estrella arrefece póde o oxigenio abandonar o estado de dissociação, combinar-se com o hydrogenio, crear então uma temperatura muito elevada e d'ahi a luz. Mas todos sabem que tal combinação, produzindo agua, faria diminuir rapidamente a irradiação e o astro pareceria apagar-se.

Esta descoberta deu causa a estudos muito interessantes, a que mais de espaço nos referiremos.

G. S.

Do Estandarte Catholico.

(1) Estas ligeiras notas são extrahidas d'um extenso artigo publicado no *Correns*, por monsenhor Battandier, illustre astrónomo bem conhecido nas rodas scientificas.

Meu coração

(TRANSCRIPTO)

Vouu, vouu meu coração amante
Em procura de um poiso no seu ninho,
Que construa, Rosa, hem no fundo
Do teu calix tão branco como arminho.

Voltou, depois, meu coração tristonho
E contou-me magado o succedido:
O seu ninho tão doce e tão risonho
A' outro, Rosa, tinhas tu cedido

Ceará—Jacaré — 1901.

RAYMUNDO MAGALHÃES.

Diario de uma menina

FRAGMENTOS

A' HERSILIA

A dor é um feneto: Deus não o fez crescer na haste ainda muito debil para sustelo.

(Victor Hugo).

Encontrei-a chorando profundamente, como se um grande desgosto a magoara.

A Rosaura, disse-me ella n'um tom queixoso e sruçante, de que jamais me esqueceré, a Rosaura, a nossa companhia de brinquedos, quem em tanto queria, o papai vendeu-a hontem!

Olhando a de quando em vez de soslaio, entre reciosa e desejosa de falar, eu esperava...

Não eucontrol, porém, uma palavra boa que a podessa consolar.

Passamos o dia inteiro caladas.

A' tarde o calor abrasava na sala de jantar: fomos brincar na porta da rua, sempre serias e tristonhas. Ella olhava a immensidade do horizonte n'um grande desconso, como os olhos cahidos e tistes, mas dessa tristeza que atraz sympathia. Ao longe appareceu um vulto balfo e corcunda. Era a velha Fabiana, a nossa fregueza de d'ces.

A pequena volta os olhos para mim, e com tal expressão o fez, que eu não pude conter o riso que veio espontaneo e alegre.

A velha lentamente vem caminhando com pequenos passos pesados que vão deixando profundas marcas no chão arenoso.

Os doces nos mostravam agora em cheio toda a delicia do seu sabor.

Se eu pudesse, disse a minha desconsolada amigaunha suspirando, que eu pudesse, comprava um doce... parecem bons!

E ficou pensativa.

Eu não p'cessa um real, mas pensei para mim: desta vez eu a consolarei.

Fil-a escolher alguns doces, e disse baixinho á docera: va receber amanhã o dinheiro em minha casa.

Continuamos sentadas na calçada (bando a rua.

A tarde ia se fugindo, sempre quente, aspixiante, insupportavel.

Muito distante ouviamos ainda a voz da velhinha apregoando os doces.

A outra estava alegre, e eu agora olhava para o cartinho n'uma ancia angustiosa.

O receio da creduca me adoezia.

E se mamã soubesse?... Ella que me recomendara tanto que não fizesse tolices...

Vam's agora brincar de esconder? Vamos? disse a minha amiga comendo o ultimo pedacinho de doce. Vamos?...

Eu quasi não lhe ouvia o corvite, tanto me angustiava aquelle impulso generoso do coração!

No outro dia cedo, tão escuro que es passatinhos ainda não esvoaçavam pelas laranjeiras, eu já estava rebolitando o caixãozinho dos brinquedos á procura de dinheiro...

Todo barulho me sobresaltava, eu exergava em todas as pessoas, a creduca.

Finalmente tremula, e commovida em vi o vulto da velha Fabiana gritando me da porta: menina, o dinheiro dos doces!

Mamã surpreendida perguntou-me: Santinha, você comprou tudo?!

Gelada, como uma morta, confessei meu grande crime, debulhando-me em lagrimas ardentes.

Mamã pagou a dívida que tanto me torturava, e sem nada me dizer sentou-me ao collo, cobrindo-me de beijos.

AMELIA BEVILAQUA.

NA LUCTA

Affastam-me de Ti; mas não importa: Meu coração jámais te olvidará. E nessa lucta que ora então supporta Fremente feito elle conquistará.

Alva esperanza o nosso amor conforla. Traduz lhe o verbo que o premiará. Ruida a infancia, a falsidade moita, As auras fulvas esse amor verá.

Rojam-me os maus por uma entrada escura, Cbeia de abrolhos, coruscando a lamia: Sigo-o e guia me a tua imagem pura,

Oh noiva! ob vigem dos amores meus!... E abi sentindo o chocalhar da infancia Eu clamo o nome divinal de Deus.

ANGENOR PINTO.

MOLDES

Para o presente numero offerecemos:

N. 22 — Saia.....	1\$000
N. 22 — Manga.....	1\$000
N. 47 — Manga.....	1\$000

Pelo correio mais 300 réis para o primeiro molde e 200 réis para cada um dos que se seguitarem.

ENXOVAES PARA RECEM-NASCIDOS

Mediante a insignificante quantia de 30000, ou \$500 pelo correio, podemos fornecer em envelope apropriado, moldes completos para enxovaes de recém-nascidos constando de quatorze peças.

Esses pedidos hem como as importancias são recebidos no escriptorio desta folha—Rua dos Ourives, 7 — Rio de Janeiro.

Visão nocturna

Ego dormi et cor meum vigilat!

CANTICO DOS CANTICOS.

Toda de branco, dessa brancura v luptuosa das carças, com uma rosa rubra no tocado e empunban do o magico instrumento com que David acalmava as coleras do rei, em sonhos eu a vi

Tocava uma canção meiga como os seus gestos, terna como os seus olhos meliodiosa como a sua voz, crystallina como o seu sorriso, formosa como o seu rosto e pura como a sua alma. Dir-se-lia a barba sagrada de Abdial cantando as bosanas celestes no arnon de Josaphat, si a pompa da belleza sublimemente humana não fulgurasse nos traços da barpista e si o acaletado pelo magico instrumento não fuisse muito menos que uma divindade e mais lembrasse o monarca infeliz possuido do espirito maligno

Ella, a barpista divina, dedilhando sobre as cordas do mavioso instrumento, acompanhava-o com a flor de um riso donde se evoluavam aromas deliciosos que mais enlanqueciam a musica dormente.

A harpa soltava cantos que os labios reflectiam em sorrisos perfumados e os labios perfumes que a harpa modulava em odoríferos harpejos.

Sons perfumados, sorrisos meliodiosos em communhão, formavam uma atmospera amorosa que me enlevava a alma, adormecida para o mundo e desperta nas regiões do Amor...

Sonhei assim por longas horas, extasiado pelas notas aureas da harpa e pela presença augusta da barpista, sem saber o que mais me arrebatava—si a musica que ella tocava, si a luz dos olhos que espargia a vibracão magica das cordas cantando sob a pressão delicada dos seus dedos, si os sorrisos divinos que lhe enfeitavam os labios de purpura lembrando petalas de rosa desabocadas num vaso de fino alabastro, tomo recamado de coral e perolas.

Depois... tudo passou. Subito accordei, e apenas a noite está c-milgo. Estou só, num alcova sombria, só no meu leito ingrato de solteiro; e harpa e a barpista desappareceram. No entanto ouço ainda os accordes voluptuosos; lembro-me ainda do perfil gracioso da atitista—ergo-me, accendo uma lampada que encontro no velador, e como allucinado entre acordado e dormindo, escrevo esta historia que abifica, este sonho, esta chimera...

Tambem Tartini sonhou um dia. Lucifer appareceu-lhe em sonho, tocou-lhe uma sonata, e elle despertando, escreveu esse famoso Violino do Diabo. A musica do maestro correu mundo, fel o celebre.

Certo o meu sonho seria a antithese do dè Tartini si o anjo das trevas não fosse tambem o principe

da luz como aquella que me cantou na barba tambem não fosse o anjo da felicidade antes de ser o archanjo da minha desgraça. Tal o serafim traidor, ella foi Lucifer antes de ser Satan.

Mas entre a sonata de Mephistopheles e os harpejos da minha Amorosa, ha de differença que aquella immortalizou um artista, e estes martyrisam um coração. Aquella impera e lebre no mundo e estes pastas saiam rapidos na minh'alma deixando apenas estas impressões vagas que aqui conservo com cinzas de uma memoria de am r que de todo foi sepultado no cemiterio da minh'alma.

E cada vez que me lembro desse delirio de imaginação que o mesmo sonho não adormece, as minhas lembranças que deviam ser doces e agradáveis são amargos e cruéis, pois ante a delicia do sonho surge a angustia da realidade, e eu me acabrundo pela memoria esmagadora de que fui traidor, fui abandonado; recordo-me que a minha Leonora sem haver morrido, para mim morreu, que a não verei mais como a via dantes... E todo o meu sonho forma um aspecto lugubre, e me apparece assim como o corvo sinistro do poeta a cantar me monotona e tristemente o esrribillo fatal:

Nunca mais! Nunca mais!

Rio, 1900.

OSCAR D'ALVA.

NINON DE LENCLOS

escarnece da ruga, que jamais ousou macular-lhe a epiderme. Já passava dos 80 annos conservava-se jovem e galla, afirmando sempre os pedagos da sua certidão de baptismo que rasgava a carola Tempo, cuja foice embotava-se sobre sua encaudatoria physionomia, sem que nunca deixasse o menor traço. «Muito verde ainda!» se-ohrigado a dizer o velho rubugento, como a raposella Lafontaine dizia das ovas. Este segredo, que celebre e egoista faceirajannis confára a quem quer que fosse das pessoas daquelle época, descobrio-o o Dr. Leronte entre as folhas de um volume de L'Histoire amoureuse des gaules, de Bussy-Rabutin, que fez parte da bibliotheca de Voltaire e é actualmente propriedade exclusiva da PARFUMERIE NINON, MAISON LEONTE, Rue du 4-Septembre, 35, Paris.

Esta mesma tenção é disposição das missas elegantes, sob o nome de VERITABLE EAU DE NINON, assim como as receitas que d'ella provém, por exemplo, o JUVET DE NINON

plô de erroz especial e refrigerante; Le Savon Crème de Ninon especial para o rosto que limpa perfeitamente a epiderme mais delicada sem alteral-a.

LAIT DE NINON que dá alvura deslumbrante ao pesocoço e aos hombros. Entre os productos conhecidos e apreciados da PARFUMERIE NINON cotizam-se:

LA POUDRE CAPILLUS que faz voltar os cabelos brancos á cor natural existe em 12 cores;

SEVE SOURCILIERE que augmenta, engrossa e brune as pestanas e os supercilios, ao mesmo tempo que dá vivacidade ao olhar

LA PATE ET LA-POUDRE MAMODERMALE DE NINON para fiure, alvura brilhante das mãos, etc., etc.

Covem exigir a verificação o nome da casa e o endereço sob o rotulo para evitar as emulções e falsificações

PARFUMERIE EXOTIQUE E. SENET 35, Rue du 4-Septembre, 35, PARIS MÃO DE PAPA Ju lupio, de príncipe, por meio da Pâte des Prélats, que embranquece, elisa, assetina a epiderme, impado e destrúe as freiras e as rachas. UM NARIZ PICADO de pessoas com cravos torna a recuperar as brancas primitiva a suas côres lisas por meio do Anti-Bolhos, producto sem igual o muito contrafeito. CUIDADO COM AS CONTRAÇÕES Para ser bella, encantar todos, olhos deve se servir da Fleur de Preche pó de arroz feito com fructos exóticos.

POUCOS CABELLOS Extrai Capillaire des Bénédictins du Mont-Majella, que tambem impede a queda e que fiquem bonitos. E. SENET, Administrateur, 35, R. du 4-Septembre, Paris. NÃO ARRANQUEM MAIS de dançar e não se desentrem, não se desentrem os com l'Elixir dentifrice des Bénédictins du Mont-Majella. E. SENET, Administrateur, 35, R. du 4-Septembre, e, Paris.

Pastilhas e Xarope de Nafé DELANGRENIER excellentes peitoraes contra .TOSSE, DEFLUXO, BRONCHITE As Pastilhas de Nafé são verdadeiros confeitos peitoraes de um gosto delicioso. Acalmam as irritações da garganta e do peito. O Xarope de Nafé, misturado com uma infusão ou com leite quente, forma uma tisana muito calmante e muito agradável. Esses peitoraes não contém substancia toxica a podem ser administrados com toda a segurança ás CRIANÇAS a muito particularmente contra a COQUELUCHE. Exigir a marca verdadeira: Delangrenier-Paris São encontrados em todas as Pharmacias

SUAVIDADE - FRAGRANCIA - DELICADEZA NOVO PERFUME LE REFLE Incarnat CAUTELA COM AS IMITACÕES PARIS I. Piver

VINHO DE CHASSAINO HI-DIGESTIVO Recetado ha 30 annos CONTRA AS AFFECÇÕES DAS VIAS DIGESTIVAS Paris, Avenida Victoria nº 6. PHOSPHATINE FALIÈRES A "PHOSPHATINA FALIÈRES" é o mais sucozoso e o mais recommendado alimento para crianças desde a idade de 6 a 7 mezes, principalmente quando começam a ser desmamadas e no período de crescimento. Facilita a dentição e concorre para boa formação dos ossos. PARIS, AVENUE VICTORIA Nº 6 E NAS PHARMACIAS. PRISAO DE VENTRE o curativo mais verdadeiro Pó Laxativo de Vichy de O. SOULIGOUX Laxativo certo, 4 pastilhas para cada dia. O vidro de cerca de 25 joules. 1 fr. 50. PREZ. LYON - FORTUNA, 1, RUA THOMAS

VICHY-ÉTAT VICHY-HOPITAL Molestias do Estomago e do Intestino. VICHY GRANDE-GRILLE Molestias do Fígado e do Appareho biltos. VICHY-CELESTINS Molestias dos Rins e da Bexiga, Gattas, Diabetes. AO RECEITAR ESPECIFIQUEM BEM O NOME PASTILLES VICHY-ÉTAT COMPRIMÉS VICHY-ÉTAT

CHRONIQUETA

Rio, 25 de Março de 1902.

O caso mais importante destes ultimos tempos

foi a convocação extraordinaria do Congresso Nacional, para a discussão do projecto do Codigo Civil, elaborado pelo eminente jurista Dr. Clovis Bevilacqua.

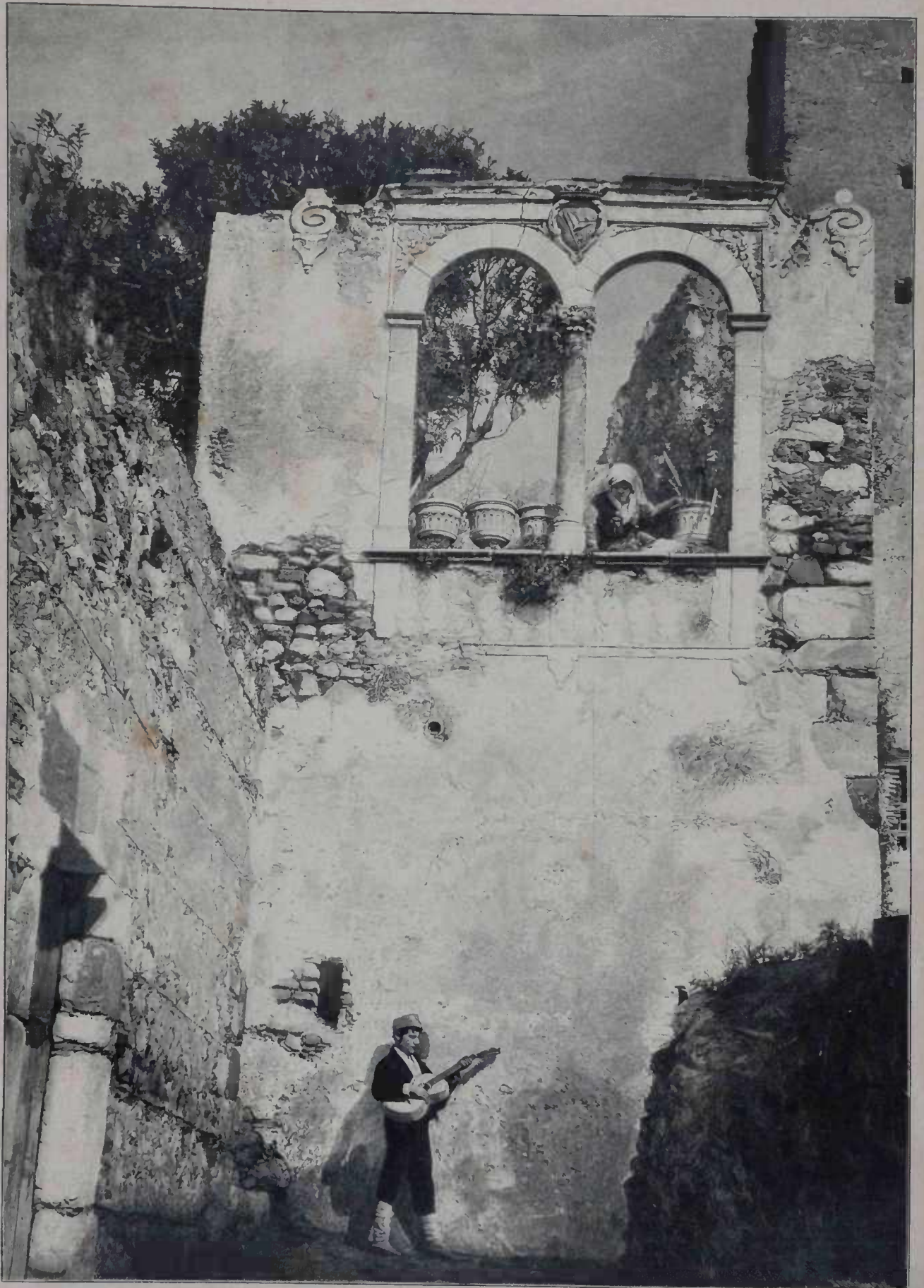
Ahi está um assumpto que, apesar de momentoso,

pouco impressiona as minhas formosas leitoras, que todavia, têm grandes interesses moraes ligados á codificação do nosso direito publico.

Sou mesmo de opinião, com quanto não seja feminista em toda a acepção moderna que deram a



A sarabanda. Segundo o quadro do M. Karvaly.



Seronata. Segunda uma photographia de J. v. Gloodon

esse vocabulo, que deveriam ser concedidos duas ou tres mulheres de talento para fazer parte da famosa commissão que examinou e discutiu o projeto antes de ser submettido, como foi, á approvaçãõ das Camaras.

Julia Lopes, a magistral escriptora que ainda agora acaba de alcançar um novo triumpho litterario com a publicaçãõ do seu bello romance *A Fallencia*, estava naturalmente indicada para defender, ao seio daquella commissão, os direitos da mulher, que tão decisivo influxo exerce na constituicãõ e no destino da familia.

Cumpre reconhecer que a discussãõ na Camara dos Deputados, tem se conservado em certa altura. Como bouvesse receio da verbiagem dos bachareis da Cadeia Velha, deliberou-se que cada deputado falaria sobre a materia apenas uma vez. Essa deliberaçãõ offerece, não ha duvida, inconteçtáveis vantagens, mas por outro lado priva a discussãõ das luzes que poderiam trazer lhe os tres ou quatro talentos juridicos daquella casa.

Emfim, parece que desta vez vamos ter um Código Civil!

*

No obituario dos ultimos dias figura o nome de Nuno Alvares Pereira e Souza, cujo fallecimento foi noticiado pela imprensa com extraordinaria frieza.

Nuno Alvares outr'ora cultivou as bellas-letras com certo brillantismo. Na *Revista Popular*, do velho Garnier, figuram alguns escriptos seus dignos de nota.

Tambem falleceram dous admirantes: Custodio José de Mello e Joaquim José da Fonseca.

O primeiro foi um marinheiro de primeira ordem até o de Setembro de 1801, em que se revoltou contra um governo de que fizera parte, e o segundo, tambem muito distincto, aproveitava a sua inactividade—era bem velho—para entregar-se a estudos de erudiçãõ historica.

ELOY, O HERÓE.



— THEATROS —

Rio, 25 de Março de 1902.

Nenbuna novidade.

Continuam no Recreio as representações do *Quo vadis?*, que têm feito, para os tempos que correm, uma boa carreira, estando já com peio de tuinta representações.

Ensaia-se nesse theatro a *Honra*, magnifico drama de Suddermann.

*

A companhia do Lucinda voltou de Letopolis, e deu-nos uma *revista* do interessante *vaudeville* de Georges Feydeau *Ha casa... e casa*, que fez, ha tempos, as delicias dos frequentadores do Apollo.

Não foi máo o desempenho dos papeis.

*

O grande juriconsulto Dr. Cunha Salles, o mesmo do Pantheon Ceroplastico, deixou de ser o illustribista Roberto Senior para fazer-se auctor dramatico.

A sua peça phantastica *A estatua de Otero*, ultimamente representada apenas duas vezes no theatro Sant'Anna, foi um verdadeiro *trigabofe* para a rapaziada.

Lamentamos profundamente não ter assistido a esse spectaculo, um dos mais divertidos, dizem-nos, que ainda bouve no Rio de Janeiro.

X. Y. Z.

COQUELUCHE

Ilm. Sr. SERVULO GENOFRE, distincto pharmaceutico—Nesta

Tenho o prazer de communicar-lhe que os seus preparados *Xarope e Elixir contra a coqueluche* deram excellent resultado em meus filhos, estando todos restabelecidos.

Com muitos agradecimentos me subcrevo collega e amigo obrig. Dr. *Braulio Gomes*.

Encontra-se na rua S. João, 101, —S. Paulo, Silva Araujo & C., rua 1.º de Março, 3.º Rio, Rua D. Ana Nery, 160.

Xarope Peitoral de Angico Composto

PREPARADO EM A ECANTADA GOMMA DE ANGICO DO PARA E ALCATRÃO DA NORUEGA

Este antigo e famoso Xarope cura em poucos dias as tosseis mais rebeldes, as bronchites mais antigas, as asthmas mais incurativas, as rouquidões mais pertinazes, as coqueluches mais espuasmodicas e as constipações mais chronicas.

PREPARA-SE NA 103, RUA DA URUGUAYANA, 103 PHARMACIA BRAGANTINA

DENTES ARTIFICIAES

A. F. de Sá Rego ESPECIALISTA

Rua Gonçalves Dias N. 1 Praia de Botafogo N. 212

PERFUMARIAS Preços baratissimos

Para o cabelo: Agua de quina tonica glycerinada a 18, 18500, 38, litro 48500, óleo legitimo de coco quinado 18, ditto de babosa 18, loções extra perfumadas 18, 28, litro 48500, Torno oriental 18500, Oleo finissimo em estojo 28, Para dentes: Pastas de lyrio glycerinada, pote 15 o 18500, Póa dentifricos hygienicos 18, elixir dentifricos 28500, Para toilette: Agua de colonia extra 18, 28, litro 48500, agua Florida 8000, 8800, e 28 brillantinas 18500, pó do arru finissimo 18 e 18500, veloutino 28, Barras de sabonetes, para glycerina, glycerina e alcitrão, amendoas, e de cores 18 e 18500; sabonete de alicia 18 e muitas outras qualidades. Extractos superiores, esmecticos. Loção Acaia especifico contra a queda dos cabelos e caspa a 48000 etc, etc.

67, Rua Sete de Setembro, 67.— Junto á Fabrica de Chocolate



UM SO'

vidro de *Lugolina* póde curar as molestias recentes ou promover grandes melhoras nas antigas, porque logo ás primeiras applicações produz effeito, estabelecendo nesta forma a confiança neste maravilhoso remedio, que não só no Brazil como na Europa tem obtido o maior successo que é possível obter um medicamento.

A *Lugolina* do Dr. Eduardo França é o unico remedio brasileiro que tem tido as bonras de ser adoptado na Europa, obtendo os matores elogi s de medicos e hospitaes, não só pela sua efficacia, como porque é um remedio que, logo ás primeiras applicações, produz effeito benéfico, não sendo como tantos outros que necessitam um uso prolongado para um resultado problematico.

A *Lugolina* não tem os inconvenientes das pomadas e unguentos, porque é liquida, sem gordura, sem cheiro, não suja o corp nem as roupas e cura todas as molestias da pelle, feridas, ulceras, frieiras, brutoejas, comichões, su r feido dos pés e do sovaco, manchas da pelle, espinhas, caspa, q éda dos cabellos, queimaduras, empuçens, assaduras das coxas, sarnas, tinha, boubas, golpes e qualquer erupção ou manifestação na pelle.

AS SENHORAS

que fizerem uso da *Lugolina* em injeccão podem estar absolutamente seguras de evitar qualquer molestia uterina e obter a cura das variadas pequenas affecções que tanto as incommodam e que deixam muitas vezes de tratar porque o seu pudor as impede de se sujeitarem a exame medico.

A *Lugolina*, para uso de injeccões nas senhoras, deve ser na proporção de uma colher de chá para meio litro d'agua morna, pela manhã e a noite.

A *Lugolina* vende-se em todas as pharmacias e drogasias. Depositarios: no Brazil—Araujo Freitas & C., ruas dos Ourives n. 114 e S. Pedro 99, Na Europa—Carlo Erba Milão, Preço 38000.

Musica Moderna

PARA PIANO

- Multitud' Pavam* — Francisco Braga..... 28000
- Marionettes* — Francisco Braga..... 18500
- Minuetto* — Francisco Braga..... 18500
- Valsas**
- Das-me teu coração?* — Aurelio Cavalcante..... 18500
- Syres* — Carlos Teixeira de Carvalho..... 18500
- Os olhos de Ceusa* — Carlos Teixeira de Carvalho..... 18000
- Loloh* — Carlos Teixeira de Carvalho..... 18500
- Schottischs**
- Rio Grambense* — Azevedo Lemos..... 18500
- Calendibus* — Ubaldo Soares..... 18500
- Incansavel* — Aurelio Cavalcante..... 18500
- Eolia* — Carlos Teixeira de Carvalho..... 18500
- Polkas**
- Deix' dançar a menina* — Carlos Teixeira de Carvalho..... 18000
- Preiso fallar-te* — Amilo Sans..... 18500
- Quem'euca* — Carlos Teixeira de Carvalho..... 18000
- 1902 — Nicolina Milano..... 18000
- Para piano e canto**
- Storia Meia*, ballada — E. Borgangino..... 28500
- O Salutaris* — Arnau'd Gouvêa..... 28000
- O Salutaris* — Abdou Milanez..... 28000

A VENDA EM CASA DOS EDITORES

VIEIRA MACHADO & C.

Deposito exclusivo dos celebres pianos de JULIUS FRUICH

51, Rua dos Ourives, 51

Tonico Vegetal Restanrador dos Cabellos

Depois de ter usado de todos os tonicos para a cabeça é que será apreciado este. A descoberta encontrou-se esta receita, e descoberto do indio Carijó no anno de 1795. A venda nas casas de perfumarias e pharmacias do Brasil, depositario: ANTONIO CARLOS MADEIRA— Vidro 48000. Rio de Janeiro.

PILULAS DE BLANCARD

APPROVADAS PELA ACADEMIA DE MEDICINA DE PARIS

Resumem todas as Propriedades do IODO e do FERRO.



Estas Pilulas são de uma efficacia maravilhosa contra a *Aemia*, *Chlorose* e todos os casos em que se trata de combater a *Pobreza do Sangu*.

CRÈME SIMON



PARA conservar ou dar ao rosto FRESCURA MACIEZA MOCIDADE.

Para proteger a epiderme contra as influencias perniciosas da atmosfera, é indispensavel adoptar para a toilette diaria o CRÈME SIMON.

Os PÓS DE ARROZ SIMON e o SABONETE Crème Simon, preparados com glycerina, a sua acção benéfica é tão evidente que não ha ninguém que o use uma vez que não reconheça as suas grandes virtudes.

MÉDAILLE D'OR, Paris 1900

J. SIMON, 50, rue du faubourg Saint Martin PARIS

PHARMACIAS, PERFUMERIAS e lojas de Galletieret os.

Desconfiar das Imitações.

AVISO ÀS SENHORAS

O'APIOL DOS JORET-HOMOLLE

CURA AS DORES OS ATRASOS A SUPPRESSÃO REGRAS

DEPOZITO GERAL Ph. G. SÉGUIN, PARIS 165, Rue St-Honoré, 165 E EM TODAS PH. E DRUG.

Uma lição

Comedia em um acto, original de Eduardo M. Peixoto

PERSONAGENS

- Macbado, negociante.
- Mendes de Almeida, idem.
- Cardoso da Silva, idem.
- Manoel, mordomo.
- Adelia de Castro.
- Hortencia Machado.
- Um criado.

Acção: Rio de Janeiro. — Época: Actualidade. — 1901.

Scenario — Salão nobre. Varanda ao fundo, dan do para um jardim. Portas lateraes.

SCENA I

MANOEL e HORTENCIA

MAN. — (De mãos nos bolsos, passeando de um para outro lado) Isto não vai bem, não vai bem menina Hortencia. Têbo dito muitas vezes e continuarei a dizer até que a menina tome juizo.

HORT. — (Sentada no divan vendo uns retratos no album) Calla te.

MAN. — Não me callo, menina, porque o seu papá ba de me tomar contas. Eu sou o responsável por esta brincadeira, sim, porque isso que a menina está praticando é uma brincadeira muito exquisita. De muito mau gosto! Dous homens se esmurramam por causa dos taes bilhetinhos, querem acabar com a vida, se odeiam, não se podem ver, e tudo isto porque? Porque eu sou portador de cartas anonymas.

HORT. — Faça o que mando e deixe o resto por minha conta.

MAN. — Isto é que não. O seu papá não me perdoara.

HORT. — Ha de baver o perdão geral. Tranquilisa tel Ninguém exigirá a tua cabeça. Ficaras com ella, não irás ao patibulo.

MAN. — E' só o que eu ouço: «Não irás ao patibulo! Não irás ao patibulo!» — Como se ainda estivessemos naquelle periodo de forcas e guilhotinas. Sahe o que mais, menina? Não contem mais commigo!

HORT. — Ah, sim?... Esperal... Ouço o rodar da carruagem de Adelia. Vou contar-lhe o que acaba de dizer.

MAN. — Sim, senhora. Não contem commigo, nem mais uma bora. Isto não é serio. O patrão deposita confiança illimitada em mim e eu abuso da sua confiança, seu indigno della.

HORT. — Ah! vem Adelia. Eila.

SCENA II

HORTENCIA, ADELIA e MANUEL

AD. — (Entrada) O' que magnifico encontro! Estão conspirando? (Abraçando Hortencia) Hortencia!... Adeus, Manoel.

MAN. — Bons dias, menina.

HORT. — Sabes, Manoel acaba de dizer que não se presta mais a ser o nosso auxiábar.

AD. — Deveras?...

MAN. — Deveras, sim, senh'ra. As meninas inventam as brincadeiras e eu as executo. Sou o brincador mor, o mais eriminoso neste crime que se está praticando.

AD. — Crime? Perdeste a razão, Manoel? Temos commettido algum crime?

MAN. — Sim, senhoras. As meninas fizeram dous homens respeitaveis se tornarem inimigos. Isto constitue um crime. E quem executou este crime? Foi a pessoa da mais alta e nifiança do patrão, o seu mordomo. Isto não se faz!

AD. — Pois não nos auxilie. Não precisamos dos seus favores. Desistamo lo do nosso serviço e da nossa amizade.

MAN. — (brando) Mas... esperem, meninas!... Esperem!... Isto não vai a matar!... Eu preferia morrer a lome a perder as suas amizades. Mas... mas... um pouco de calma... uma reflexão... Que diabo! Ha meio de tudo se conseguir... Isto não vai a matar, repito.

AD. — Então, quer ser o nosso amigo, ou não?

HORT. — Sim, quer continuar a prestar a sua boa amizade a nossa cauza?

MAN. — Sim... não... sim, Mas, onde tenho eu este molo, que não regula?... Vamos, meninas, vamos. Vamos lá! Serel o mesmo Manoel, o mesmo illota. A amizade é uma só. Si eu as vi nascer, como não hei de estimal as, de lhes dedicar affeições? Vamos. Que mais querem?

HORT. — (abrando) Ora bem!

AD. — (grem) Peitivamente. Acha se, felizmente, commosco, sempre um bom compunheiro.

MAN. — Mas, não abusem.

AD. — (a Hortencia) Pizeste as cartas?

HORT. — Foram heje entregues. Assim que me lventel tratel de mandar o Manoel a agencia do Correio, e, de la, elle foi cumprir a sua tarefa

AD. — Bem. Então devemos esperar pela explosão da bomba.

HORT. — Que não ha de tardar. Disse-me o Manoel que a mecha está ardendo.

MAN. — Ora si está! Havemos de ver os bichos como se pegam.

HORT. — Emquanto esperamos, vamos tomar café.

AD. — Acceto.

HORT. — Manoel, attenção, bein!

(Saem)

SCENA III

MANOEL, só

MAN. — Attenção, attenção e attenção!... Eis ahí o que escuto. Attenção por todos os lados. Ache-me feito sentinella alerta ao primeiro rugido do leão inimigo. Não ha duvida que é uma original posição, com moda a um furriel ou a um cabo de esquadra. Mas, para um velho servidor domestico é uma posição um tanto fastidiosa e ingratal! Emfim, vamos ver, vamos ver... Lá ellas tem razão, lá isso tem... «O amor é um sentimento que não se compõe, se cultiva», dizia o sr. vigario, quando pregava aos seus feis aos domingos. E dizia muito bem.

SCENA IV

MANOEL e MACHADO

MACH. — (entrando) Oute cá, Manoel. Precizo que arranges um aluquo meio avantajado. Hoje é domingo, e recebo de uns amigos para almoçarem. Ambos não são cereimoniosos. São como eu, filhos do traballo, filhos do grande ramo commercial. O Cardoso é muito amante do peixe. O Mendes dá o cavaquinho por uma gellinha de cabidella. Deves mandar preparar peixe, frangos, bervas, uma sallada... uns camarões... (pensando) Que mais?

MAN. — Fructas...

MACH. — Lá havemos de chegar. Vamos pelos pratos de entrada... Carne de carneiro... ovos... E umas caças? Uns inhambis?... E' uma caça deliciosa, e suda no arroz. Arraja tudo da melhor forma possivel. Combina lá com a Hortencia cu com a minha sobrinha Adelia. Vae, vae, arranja tudo da melhor forma possivel (vendo o relógio). São 8 horas e os meus amigos não devem tardar. Bem sabes que desejo obsequial es com interesse.

MAN. — E o patrão não manda mais nada? Não deseja augmentar es vinhos?

MACH. — Os vinhos?... Estás doudo... A adega está hem sortida, meu velhote. Vae, vae depreza

MAN. — Sim, senhor. (sa)

SCENA V

MACHADO, só

MACH. — Emquanto os espero deixa me passar os olhos pelo «Journal do Commercio»... (procurando o jornal) E' verdade que francamente não expuz a Hortencia o meu desejo de casala com o Cardoso... Mas, o Cardoso é um rapaz sympathico, negociante forte na nossa prnça. Quem não conhece a importante fabrica e deposito de moveis de estylo de Cardoso & Comp?... O Mendes ha de agradar a Adelia. E' outro negociante de moveis, e a sua casa é tão importante quanto a de Cardoso... Reflectamos Machado... (reflectindo) Reflectamos... Ora, deixemos apenas intermediarios, é o mais seguro. (Sentando) Ha de ir tudo as mil maravilhas! Que bello futuro para essas raparigas! Ambas formosas, delicadas e com uns felizardos de uns maridos afortunados!... Preparemo nos para o dia que vai passar. Bello domingo!...

SCENA VI

CARDOSO e MACHADO

CARD. — (entrando rapido) Cá estou, com a pontualidade ingleza, meu caro Machado! Bom dia!

MACH. — (percebendo-o) Olé! Ora viva! Esperavate ansioso (percebendo-lhe a mão) Sim, foste pontual. Vieste a bond ou na tua carruagem?

CARD. — Preferi vir a bond, na duvida de me demorar em tua casa.

MACH. — Como assim?

CARD. — Depois te explicarei. A tua joven filha como tem passado? Sempre formosa e alegre, não é verdade?

MACH. — Vou o andar chamal a. Mas, diz me, como passaste de bontem para hoje?

CARD. — Pas ei com o passamos os homens de negocio, que se conservam solteiros e que não possuem os encantos da familia, que tu gosas neste teu lar.

MACH. — Já fí maior a alegria desta casa. Quando possuia ainda a Minha Carlota, que era o braço direito deste refugio, eu vivia como se estivesse em um paraiz. A minha Carlota nada poupava para me tornar feliz entre ella e nossa filha. Resta-me a Hortencia, um anjo de ternura e de bondade, que represente a vontade, a força, a alma viva de tudo isto e que conseguia imitar a mãe, tudo vendo e compondo, como si fosse uma verdadeira dona de casa.

Aos domingos não saio. Frendo-me aqui, ora indo ao jardim e colliendo rosas, porque tenho a mania de ser um velho colleccionador das mais bellas rosas, ora tudo a parque, onde cultivo umas foudosas jabotucabras, amexirivas, abacateiras, que, esper, has de ver.

A's vezes, Hortencia faz-me guilador de uma aranha, que teamos e la vamos os tres, em Hortencia e Adelia, outro demonio que não sae d'aqui, e é uma

feliceira morena, encantadora. Andamos por essas estradas como se fossemos uns namorados, gosando dos doces enlelos de uma felicidade amorosa. E, assim vamos embebidos nas delicias deste jardim á beira mar plantado como disse o poeta do seu velho Portugal, e, quando voltamos, que nos sentamos á meza a saborearmos o nosso almoço, que sempre é determinado pelas meninas, sentimos um bem estar, com solando as nossas almas, os nossos estomagos se rejubilam e o nosso carnet é apreciado e revisto com o costumado interesse.

O mez de Dezembro é o mais festivo. Carlos e Alberto, que actualmente se acham em Londres, passam sempre o mez de Dezembro em n ssa companhia. Carlos é meu filho, irmão de Hortencia e Alberto é meu sobrinho, irmão de Adelia. Torna se isto aqui um verdadeiro ceu aberto. Tomo tambem as minhas ferias, deixo de comparecer ao negocio 30 dias e me divirto com os pequenos, como se fosse o mais moço. Eis em que consiste as alegrias do meu lar.

CARD. — Como eu invejo a tua felicidade!

MACH. — Procure a tua, meu amigo. Pode achal-a. Quem sabe si não está perto della?

CARD. — Si assim fosse eu daria graças a Deus!

MACH. — Mas... (a parte) Tentemos sempre... (alto) O que te falta? Noto-te nervoso...

CARD. — E' cá uma cousa...

MACH. — Uma cousa? (a parte) E' agora... Lá vem o pedido!... (alto) Explica-te, ó Cardoso! Acho te amarello.

CARD. — Vou te contar. (Machado faz signal para que converse) Ha 20 annos que inangurei como sabes, a minha fabrica de moveis, que, dia á dia, se tem tornado a mais importante de todas as suas coirmãs, não só pela superioridade dos seus artistas como principalmente pela excellencia da materia prima que emprego. A minha casa é conhecidaissima, tem alcançado os melhores premios, as melhores medalhas, de ouro, prata e côbre. Durante 20 annos de progresso e de honra nunca encontrei uma só pessoa que contestasse o valor da minha industria. Foi preciso que apparecesse um (colérico) bandido, um grande bandido, para me desacreditar e desmoralisar perante o publico... (passava agitado).

MACH. — Mas, o que foi? Como foi isso? Contame. Ora essa! Quem foi esse canalha?

CARD. — Esse canalha, sim, esse miseravel! Ha cerca de um mez deparei, lendo o jornal, com a seguinte publicação: «A casa que melhor vende moveis é a da rua tal numero tantos.»

Não liguei importancia ao caso, que era naturalissimo. D'ahi a dias deparei com outro annuncio: «Os moveis da nossa casa são superiores aos de outra qual quer nosa, rival, que costuma impingir industria falsificada aos freguezes. Cuidado com os collegas da circumvizinhança.»

Quatro dias depois vejo outro artigo-annuncio: «Declaro que não se entende com a minha importante casa o annuncio publicado nesta folha, sobre industria falsificada que se costuma impingir aos freguezes.»

Estava assignado: Cardoso & Comp.

MACH. — A tua firma?

CARD. — A minha firma, sim, a minha firma. O miseravel para começar polemica usou da minha firma commercial.

Bandidos! (passava agitado).

MACH. — Mas, isto é grave!

CARD. — A conselhos de amigos resolvi fazer uma declaração. Mandei a publicar affirmando não ser nossa aquella publicação. Pois sabes o que aconteceu? No dia seguinte sahiram duas publicações a verdadeira e uma falsa, em que dizia que eram uns canalhas os que tinbam affirmado serem falsificadores de moveis a firma Cardoso. Terminava desafiando o intigante a uma desforra physica.

MACH. — Mas, isto é insupportavel. Querem se divertir a tua custa.

CARD. — Ah, mas eu mato o meu inimigo (pucha de um revolver) Aqui está a minha vingança. Onde o encontrar, mato o!...

MACH. — Cardoso, tenha prudencia. A prudencia primeiro que tudo... Mas, conta me... E depois?...

CARD. — Cinco ou seis dias depois sahí publicado novo artigo da firma provocante. Dizia que ia intentar um processo pelos artigos offensivos que nós tinhamos lhe dirrigido. Apenas li esta ameaça perdi a a cabeça. Corri a procurar o meu insultador, encontro, dou-lhe uma bofetada em plena rua do Ouvidor, nasce um conflito de responsabilidade de offensa physica. Ah, mas hei de me vingar. Isto ha de acabar com o desastre final. Um dos dous hade vencer, não haverá tregua.

MACH. — Mas, não me disseste o nome deste teu inimigo?...

CARD. — E' aquelle bandido do Mendes, da rua do Rosario.

MACH. — (percebendo da carteira) O Mendes da rua do Rosario? (a parte) O' como os diabos! E elle que vim ninoçar commigo! Como ha de ser isso?... Estou mettido em boas!... Ora, como ellas se armam!...

CARD. — (percebendo agitado) Bandido!...

MACH. — (a parte) Ora está!... Mas, para que diabo foi convidar o Mendes? Onde tinha em esta cabeça! (alto) O' Cardoso!... Precizas esquecer isto, ao menos, por hoje. Vamos lá dentro. Quero te agradecer as minhas.

CARD. — Vamos, Machado, quero passar a minha alegre neste teu mundo de felicidades. Vamos!

MACH. — Olha, essential! Aqui não ha ceremonia. E' como tu estivesses em tua casa. (sa)

Paginas do Coração

Campesina

Manhã de Maio. A luz por uma fresta
Traspassa a espessa fronde da floresta.
Vae se o arrebol ao pouco clareando,
Com as suas bellas côres enfeitando
Os alvos cortinados do Levante,
Pra recepção do sol que vem, brilhante,
Jorrando da aurea e desmedida coma
Fios de luz, que cõa em grande somma,
Por entre a verde e muda ramaria,
Immovel e sombria.

E vae subindo mais... até que espande
De todo l e o seu leuçal de luz estende,
Doirando a clara lymphã transparente
Que se despenha em lídicos, na corrente,
N'um doce marulhar... e canta... chora,
N'uma doleante musica sonora...

Alli, vermelho,
Um lindo beija-flor no ipé viçoso
Refaz o quente ninho, delicioso;
Buscando com carinho a paina fina
Para abrigar a prole pequenina.

As rutilas e várias borboletas,
Lisadas, azues, hrancas e pretas,
Vão pela selva em fôra... e vão... bailando
Entre os cipós; aqui, alli, boijando
Com os finos estyletes das antenas,

Os lyrios e açucenas,
Perdem-se após nas sombras gigantescas,
Por entre as alas ríoridas e frescas,
Dos cedros e vinhatlcos troncos, osos,
Sob os copados ramos alterosos!

Sopra de manso meiga e branda nragem
Que rromoreja e roça na folhagem...
O alegre passaredo, a rir, desperto,
Ruflando as azas passa, em vô incerto,
Entre as rubras orchideas inclinadas
Nas tenras astes, finas e delgadas.

Lá fóra, na campina
As boquinas, ao zephyro, balançaem,
Abelhas, em redor, zumbem... não cansam
De esvoacar; e o fino pollen louro
Cae pelo sólo em tenue chuva d'ouro!

Oh! como não será, meu Deus, mil vezes
Melhor, o bom viver dos camponeses!
Nessas paragens onde a Natureza
E um florido casulo! onde a tristezza
Não mora, e a magoa não existe
Nos corações, que albeios são ao—triste.—

Oh! vem, minha Bemdita, e junt s. vamos
Contar ao ninho, á ave, á flor, os ramos;
Do nosso casto amor a immensidade!
— Longe do Mundo... longe da Vaideade!
Oh! vamos, minha Flor, minha Bemdita,
— Cantando e rindo em musica infinita!

MATTOS CARDOSO.

1901.

Acção de Jesus em nós

Quem tem Jesus em seu coração, diz S. Francisco de Salles, brevemente o terá em todos os seus actos. Quiz escrever sobre o vossso coração: *Viva Jesus!* tendo a certeza de que vossa vida, procedendo do coração, viverá em tudo como a amendoieira da semente, produzirá seus fructos. Como esse Jesus viverá em vosso coração, viverá em tudo o que fizerdes e estará em vossos olhos, em vossa bocca, em vossa mãos. Quando uma alma pertence a Jesus, elle possue a este Mestre poderco e tudo faz n'elle e por elle. Meditemos: 1.º Jesus quer agir em nós; 2.º como favorecer a acção de Jesus em nós.

I — JESUS QUER AGIR EM NÓS

O bom Salvador dizia a S. Mechilde: «Vive completamente para mim; considera tuas acções como propriedade minha; não vê em ti si não a veste com que me cubro para regular em ti e executar todos os teus actos.» Jesus vive em nós; não está em um tumulo nem quer ficar estéril e inactivo. Está ali, como um soberano em seu reino fiel, para governar a nossa vida. E' o divino operario da nossa santificação; para gloria de seu Pai, trabalha em nós sem descanso e com suas mãos divinas nos refaz a forma inteiramente, segundo a sua imagem e semelhança, afim de que cada um seja outro filho de Deus pai, por adopção, um novo Christo respaldado de santidade. Na vinha é o tronco que vivifica os ramos pela infusão da seiva que faz nascer as folhas, germinar e amadurecer as uvas. Assim Nosso Senhor, «vinha sincera», inspira as nossas almas, «seus ramos», tudo que concorre para a obra da nossa satisfação. Eu lla com tremor esta palavra do Evangelho: «A arvoredã produz bons fructos; a arvoredã produz fructos máos». Basta, porém, tornar me para

Jesus. Ah! não sou eu a arvoredã, ó meu Salvador, pois que fistes executado em mim; sou o receptaculo e vos o enxerto divino que produz os fructos.

«Sua graça sempre nos previne.» E' elle quem nos leva a querer, e nos sustenta na acção. Da nos a lucididade para augmentar a nossa actividade, e não ha um momento em que Deus não nos excite e nos tente, offerecendo nos occasião para tornarmos-nos melhores. Elle cuja vontade é nossa satisfação, pede somente que a nossa vida, pequeno rio, entre na corrente do grande rio de sua vida para offerecer-lhe o preço dos seus beneficios, a colheita de sua semente.

E a vida divina que faz o valor dos nossos actos. Participantes da vida de Deus, operamos divinamente. «O escarlate, a purpura, o fino cramosim é uma fazenda real e preciosa, mas não pela lã, porém pela tintura. As obras dos bons christãos merecem o céu, mas não porque procedem de nós e são lã dos nossos corações, mas porque são tintos com o sangue do filho de Deus.» Pensamentos, desejos, acções, tudo toma em nos proporções infinitas, porque estão impregnados da virtude do Altissimo e transformados pela seiva divina «Todos os nossos actos são do Salvador». Nas pessoas unidas ao Salvador elle se mostra em todas as partes da alma e do corpo. Possuem a Jesus-Christo no cerebro, no coração, no peito, nos olhos, nas mãos, na lingua, nos ouvidos, nos pés. E que faz o Salvador? Levanta, avisa tudo; ama no coração, comprehende no cerebro, anima no peito, vê nos olhos, fala na lingua, e assim faz tudo. «Quantos thesuros eu perco ou quantos meritos ganho, se trabalho com o Salvador ou d'elle me separo!

II. — FAVORECER A ACÇÃO DE JESUS EM NÓS

«Para ser santo é preciso deixar Deus fazer em nós; não sejam cousa alguma para elle—sejam tudo.» Cada um considere se como um instrumento que deve ser utilizado pelo Christo. O instrumento está separado, esperando a hora, a mão, a vontade, as exigencias do operario, que o emprega si quer, como, quando quer, em que quer. Somos ainda como uma tela; o pintor divino deseja ardentemente vir cada dia, em cada momento, desenhbar em nossa alma seus traços divinos; deixem-lhe o escolher as côres, augmentar as paisagens, variar as delicadezas; empregar raios poderosos para mostrar ao mundo do que é capaz, bastantes sombras para que o orgulho não nos persiga e nos faça cair nos laços do demonio». Trabalho lento, segundo o meu desejo. O celeste artista sabe o que convem á minha alma; de um só movimento imprime a sua imagem no vôo de Veronica; irá diligentemente em mim se eu lhe der liberdade! O pensamento que me consola é que o Sagrado Coração fará tudo por mim, se eu deixar fazer; que terá, amará, desejará, trabalhará para suprir aos meus defeitos.

Devemos ainda cooperar com o Salvador e fornecer o nosso trabalho pessoal. Sua graça nos previne, porém nada faz em nós. «O mysterio da graça é um matrimonio. Jesus é o pretendente de nossas almas. Um esposo não aceita aquella que escolheu, si ella não quer aceitar o. Assim faz o Filho de Deus: esposo divino, não impõe se á alma que elle escolheu livremente em seu amor; infeliz a virgeã louca que não responde á sua voz». S. Pedro Damião enumera as particularidades que convem fazer com o Salvador: «Seja o Christo o vosso hospede amado; assente-se em vossa mesa para vos nutrir com delicias, chamai-o para suaves e intimos colloquios. Conservae-o em vosso espirito, em vossos trabalhos, e, á noite, adormecei sobre seu coração. Seja elle a alma de vossas leituras, das vossas conversações, das vossas orações, e convoco elle respire, ore, e trabalhe».

Substituindo Nosso Senhor a nós, facil é esta cooperação. Quando o padre leva a hostia ao altar, ainda é pão; quando sobre ella pronuncia as palavras da consagração ella conserva as mesmas apparencias, porém não é mais pão, é Jesus. Do mesmo modo sob a influencia da graça e sobretudo da santa communhão, não havirá mais em nós si não as apparencias da humanidade; a realidade, o interior, o fundo será Jesus».

A força de «viver com elle», esquece-se o que é para ver somente o bom Mestre. Quando o oramos, são seus os nossos labios; quando ajoelhamos, é seu corpo que se posta; quando amamos é o seu coração que se doa; quando solemos, elle continúa a redempção; quando fazemos o bem, damos-o ás almas com uma pequena Eucharistia.

Alegrões.—«O meu divino Jesus, offereço vos e consagro o meu coração com todas suas alicções, a minha alma com todas as suas faculdades, a minha vontade para estar unida á vossa. Uni minhas intenções, palavras e acções ás vossas e communicae-lhes o vosso santo espirito, de sorte que tudo se faça pelo movimento do vosso amor! Fazei, amado Jesus, que todas as minhas acções sejam actos de adoração, de amor e de submissão a vossa santa vontade.» (B. Margarida—Maria)

Devem — Minhas acções são todas de uma alma verdadeiramente christã? — em minha pessoa e no que me pertence, pode Jesus approvar meus habitos, relações, modos, deveres? — Que podem pensar os que vêm ou ouvem taes palavras, taes actos? São como os de Jesus? — Estou eu verdadeiramente consagrado a Nosso Senhor, senão eu ás apparencias e elle a realidade?

Resolução.—*Ramalhete espirital*. — «Trabalha como si não trabalhasse, porém em eu ti» (B. Margarida—Maria.)

PAULÉ MARCHOURANT.

PEROLAS LITTERARIAS

Senhoras de meu tempo, é bem notorio
Que eu vos servi com lyra, harpa o alande,
Cantei e solucei em quanto pude.
Com artes de Antony, não de Tenorio.

Gastei me entre as paixões e o escriptorio,
Raivando contra amor tredo, que illude;
E protestava em prosa tosca e rude.
Que o escrever e o amor são purgatorio

Depois de oitenta livros, com oitenta
Remadoras paixões, já não se escapa
Nem phrase nem gemido! Hoje me alenta

Brilhante luz, que os olhos me destapa,
Quando, senhoras, vejo, essa mão benta
Pedindo uma esmolinha para o Papa.

CASTELLO BRANCO.

Ouvindo uma lição de piano

A sala é pouco espaçosa, mas elegantemente mobilada.

A brisa levemente agita as cortinas de renda. Divizo entre ellas, um pedaço da rua, triste, solitario e lamacento. Chove muito forte e um outro caminhante passa apressado de chapéo de sol aberto, e em luta continua com o chapéo da cabeça, que o vento travesso e hulloçoso como ás creanças, teima em derribar-lhe.

A pequenina começa a tocar. As notas tremulas mal vibradas me fazem os ouvidos desagraçadamente. Afasto a cabeça para não ouvir as, mas o som aspero e constante avança para mim...

Encosto-me a rico sofá de estofa encarnado, procuro descançar o corpo. As palpebras pezam-me como chumbo. E' o somno. Esquivo-me, evito-o como se fóra um importuno apaixonado. Mas envolve o tal quantidade de narcotica sedução... Estou quasi vencida.

Um pequeno esforço mais e estará tudo acabado. Percorro cuidadosamente a sala com a vista, procuro distração...

Os retratos pendentes das paredes me olham serios... Parece que falam, que piscam os olhos. Todos feios, esqueitos!

Ao lado da janella está o primeiro retrato de um homem ainda moço, aspecto carrancudo, olhos encovados e de sobrolhos franzidos. Vejo o de todos os pontos onde me colloco como se elle propositalmente me seguisse com a vista! No centro uma senhora, tambem joven, penteada e vestida á moda antiga, um rosto afilado e um quer que seja de quem quer arripiar carreira...

Junto está uma velhita, tambem á antiga, carinha franzina e bondosa. Era assim que eu fantasiava em tempos de pequena uma avózinha...

O som do piano vai-me parecendo agora um badalar de sino quebrad, naquelle *ton, ton, ton*, continuo sem uma variação. Não chove mais. E o sol quente penetra pela sala estucada, baixi quente, asphyxante no meio da guarrição da mobilia encarnada, onde os reflexos do sol põem toques de um dourado incommodo á minha vista fatigada.

Quasi vencida pelo somno, eu vejo agora tudo isso como n'um sonho.

Finalmente vai aquelle transe aill civo concluir-se. Levanto-me aborrecida, e examino de novo a sala, e attentamente vou revistando a infinidade de pequeninas coisas que a ornann e que eu já conheço tanto...

Acabou-se a lição. Respiro a plenos pulmões, e sinto a sensação de quem deixou um purgatorio: alivio, frescura, alegria...

AMELIA BEVILACQUA.

MOLDES

Para o presente numero offerecemos:

N. 2 — Sãa serpentina.....	1\$000
N. 23 — Sãa.....	1\$000
N. 25 — Jaqueta.....	1\$000
N. 30 — Sãa.....	1\$000

Pelo envio mais 100 réis para o primeiro molde e 200 réis para cada um dos que se seguírem.

ENXOVAES PARA RECEM-NASCIDOS

Mediante a insignificant quantia de 3\$000, ou \$500 pelo correio, podemos fornecer em envelope apropriado, molles completos para enxovaes de recém-nascidos constando de quatorze peças.

Os pedidos bem como as importancias são recebidos no escriptorio desta folha—Rua dos Orives, 7 — Rio de Janeiro.

O despertar

A Luis Pizarini

Quando, á primeira vez, na mocidade,
Encontra o nosso olhar apaixonado
Em nosso rosto um outro olhar cravado
De uma expressão de gozo e de ansiedade.

Estranho sentimento nos invade;
Parece o nosso coração parado;
Ha nas veias um filtro derramado
Que nos cohe de enlevo e de vaidade.

Accende-se um desejo impetuoso;
Reduz-se a vida a um culto e o culto a um ente;
E entreveo-se um sentir delicioso;

E o anelo supremo e o mais ardente
E' murmurar lhe: «Tu te amas affectuoso,
A sós, á noite, mysteriosamente...

Niteroy : 1902

A. AZAMOR.

Beijo ideal

Beijar-te-me é defeso, é prohibido,
Porque si te amo, o amor contido
Tem de ficar perennemente mudo
Emquanto não puder ser conhecido.

No entanto muita vez tenho sentido
Da tua bocca o purpuro velludo,
E de beijar-te ardente não me illudo
Sem que o beijo por ti seja sahido.

Talvez não creias nisto que te digo,
Mas eu te explico essa volupia iofinda;
E que te beijo has de afirmar comigo.

E' que eu beijando uma criança bella
Na bocca rubra que osculaste, linda,
Beijo os teus labios pelos labios della.

OSCAR d'ALVA.

Desengano

Uma por uma, da existencia as flores,
Si a existencia que temos é florida,
Uma por uma, no correr da vida,
Fanadas vi sem viço e vi sem côres.

Sonhos mundanos, sois enganadores;
Alma que vos sonhou, geme illudida;
Existencia, de flores tão despida,
Que te fica senão tristeza e dores?

D'o mundo as illusões perdi funestas,
Ao noitejar da idade, em amargura,
Esperança christã, só tu me restas!

Fujo contigo desta vida impura,
Nas creações que tão mystica me emprestas
Trausponho antes da morte a sepultura.

JOTI MARTA DO AMARAL.

NINON DE LENCLOS

escarancia da ruga, que jamais onsou manchar-lhe a epiderme. Já passava dos 80 annos e conservava-se jovem e bella, tirando sempre os peilhosos a sua certidão de baptismo, que rasgava á curulo Tempo, cuja foice embotava-se sobre sua encantadora physionomia, sem que nunca deixasse o menor traço. «Muito verídica!» via-se obrigado a dizer o velho rebugento, como a raposada Lafontaine dizia das uvas. Este segredo, que o celebre e egoista faueirjannis confabara a quem quer que fosse das pessoas daquelle época, descobrio-o o Dr. Leconte entre as folhas de um volume de *L'Histoire amoureuse des gaules*, de Bossy-Ralutin, que fez parte da bibliotheca de Voltaire e é actualmente propriedade exclusiva da **PARFUMERIE NINON**, MARION LECONTE, Rue du 4-Septembre, 35, PARIS. Esta casa tem-na á disposiçao das nossas elegantes, sob o nome de **VERITABLE EAU DE NINON**, assim como as receitas que d'ella provém, por exemplo, o

DUVET DE NINON

pó de arroz especial e refrigerante;
Le Savon Crème de Ninon especial para o rosto que limpa perfeitamente a epiderme mais delicada sem alteral-a.

LAIT DE NINON

que dá alvura deslumbrante ao pescoço e aos hombros
Entre os productos conhecidos e apreciados da **PARFUMERIE NINON** constam-se:

LA POUDE CAPILLUS

que faz voltar os cabellos brancos á cor natural
existe em 12 cores;

SEVE SOURCILIERE

que augmenta, engrossa e lirma as pestanas e os supercilijs, no mesmo tempo que dá vivacidade ao olhar

LA PATE ET LA POUDE MANDERALE DE NINON

para finura, alvura brilhante das mãos, etc., etc.

Conven expir e verificar o nome da casa e o endereço sob o rotulo para evitar as imitações e falsificações

PARFUMERIE EXOTIQUE E. SENET

35, Rue du 4-Septembre, 35, PARIS

MÃO DE PAPA de duque, de príncipe, por meio da **Pâte des Prélats**, que embranquece, alisa, assatina a epiderme, impede e destró as freiras e os racha.

UM NARIZ PICADO de pequenas bolbulhas ou com cravos torna a recuperar sua brancura primitiva e suas côres lisas por meio do **Anti-Bolbos**, producto sem igual e muito contrafeito.

CUIDADO COM AS CONTRAFAÇÕES

Para ser bella, encantar todos, olhos deve-se servir da **Piem-de-Pêche** pó de arroz feito com fructos exóticos.

POUCOS CABELLOS

Fazem ao crescer e cerrados empregando o **Extrait Capillaire des Benedictins de Mont-Majella**, que tambem impede que caiam e que repõem brancos.

E. SENET, Administrador, 35, Rue du 4-Septembre, Paris.

NÃO ARRANQUEM MAIS

os dentes estragados com os tranqueiros ou com o **Elixir dentifrice des Benedictins de Mont-Majella**.

E. SENET, Administrador, 35, Rue du 4-Septembre, Paris.

CALLIFLORE

FLOR DE BELLEZA

Pós adherentes e invisíveis

Graças ao novo modo porque se empregam estes pós communicam ao rosto uma maravilhosa e delicada belleza e deixam um perfume de exquisita suavidade. Além dos brancos, de notavel pureza, ha outros de quatro matizes diferentes, Rachel e Rosa, desde o mais pallido até ao mais colorido. Poderá pois, cada pessoa escolher a cor que mais lhe convenha ao rosto.

PATE AGNEL

Amygdalina e Glicerina

Este excellento Cosmético branquea e amacia a pelle, preserva-a do **Cieiro, Irritações e Comichões** tornando-a **avelludada; pelo que respeita as mãos, dá solidez e transparencia ás unhas.**

AGNEL, Fabricante de Perfumes, 16, Avenue de l'Opéra, Paris.

Em suas lojas Casard's venda por muito nos bairros mais ricos de Paris.

HOUBIGANT

PERFUMISTA

da RAINHA d'INGLATERRA e da CORTE da RUSSIA

PARIS

AGUA HOUBIGANT

SEM RIVAL PARA O TOILETADOR

AGUA de TOCADOR Royal Houbigant.
AGUA de COULON Imperiale Russe.

EXTRACTOS PARA VENCOS: Violette Ideale, Royal Houbigant, Peau d'Espagne, Moskari, Iris blanc, Le Parfum Imperial, Mokka, Muguet, Oeillet Ruine, Imperial Russe, Lilas blanc, Heliotrope blanc, Fougere Royale, Gloriosa, Jasmin d'Espagne, Cuir de Russie, Giroflée, Corydalis, Honfion d'Or, Sarrise, Rococo.

SABONETES: Ophelia, Peau d'Espagne, Violette ideale, Fougere Royale, Lait de Thiridre, Royal Houbigant.

PÓS OPHELIA, Talisman de belleza.
PÓS PEAU D'ESPAGNE.
LOÇÃO VEGETAL, para os Cabellos.
PÓS ROYAL HOUBIGANT.

PERFUMARIA ESPECIAL MOSKARI

Perfumaria extrafina

L.T. PIVER

PARIS

Corylopsis do Japão

Evitar as Imitações e Falsificações

Le Trèfle Incarnat

Parfume de Moda

Rosiris

Senteur des Prairies

Violettes de Parme

Dentifricios Mao-Tcha

PÓ, PASTA e FLIXIR

GOFFINÉ

Manual do christão

Além d'um copioso Devocionario, contém uma explicação das epistolas e Evangelhos dos Domingos e mais dias Santos do Advento, Quaresma, etc., e um curso completo de instruções moraes liturgicas e dogmaticas distribuidas em harmonia com os evangelhos do dia.

Traduzido da decima quarta Edição Franceza.

1 volume encadernado em cha-grin tranche dorée..... 6\$000
Pelo correio..... 6\$500

7, RUA DOS OURIVES, 7

RIO DE JANEIRO

Annos de Juventude

João Melebrer nasceu no dia 10 de Agosto de 1811 em Castelnuovo d' Asti, nos arrabaldes de Turin. Seu pai, Francisco Bosco, possuía na aldeia dos Becchi, uma pequena propriedade rural. Elle mesmo cultivava as suas terras e vivia de seu producto. Era já viuvo, quando desposou, em segundas nupcias, Margarida Occhiara, que lhe deu dois filhos; o mais velho recebeu o nome de José, e o mais moço chamou-se João.

Esta mãe perfeitamente feliz, foi todavia dissolvida prematuramente pela morte do chefe da familia, succumbindo apoz uma curta enfermidade. Foi uma perda irreparavel, pois Francisco, varão justo, bom e infatigavel trabalhador, era alem d'isso o modelo de maridos e um perfeito christão.

João contava apenas dous annos quando esse pacifico lar foi tão cruelmente visitado pela provação. Margarida era, porém, uma incomparavel mãe. Assumiu resolutamente a direcção da casa, não hesitou em tomar parte ella mesma no trabalho da lavoura, ajudada pelos dous emphyregados do seu marido, que se conservaram em casa, e dedicou-se com vigilancia constante a educação dos filhos.

Esse desabrochamento admiravel que fez do pequeno João um apostolo, ... um santo! Foi todo, por assim dizer, obra d'essa mulher extraordinaria, que sob as humildes vestes de camponeza, occultava o cotão de uma rainha.

Em Margarida Bosco, via-se o typo energico produzido pela vida do campo; n'ella porém a rudez nativa dessa raça forte, era ameiçada por uma cavidade sem limites, e por um amor immenso a Deus e ao proximo, provindo lhe d'ahi, uma verdadeira distincção e uma rara delicadeza de sentimentos.

Dotada de grande firmeza de caracter, mostrava-se sobretudo, enérgica quando se tratava de repellir o mal. Tinha um verdadeiro horror ao peccado, e um dia, que acompanhando os filhos, encontrou um velho que proferia palavras grosseiras:

• Meus filhos, lbes disse, se tiverdes algum dia de vos assimilhades a este desgraçado, peço antes a Deus que vos faça morrer neste instante!

As preocupações inherentes à vida material, não lhe tiravam comtudo os cuidados devidos à alma. Procurava edificar, todas as pessoas de casa, por meio de boas leituras; a oração da manhã e da tarde era em comum, e até quando iam ao campo ou voltavam do trabalho, a piedosa Margarida, raras vezes deixava de ir resando em voz alta o Rosario, ao qual respondiam os filhos e creolos.

Educado n'aquelle centro, a cuja simplicidade unia-se, todavia, uma certa grandeza, e de baixo, por assim dizer, da aza de uma d'essas mães, como o Senhor costuma dar aos seus eleitos, João Bosco desenvolveu-se rapidamente. Grande frugalidade em sua alimentação, a vida ao ar livre e um trabalho assiduo, tornaram-no sadio e robusto. Extremamente observador por natureza, fallava pouco, escutava muito e dava provas de uma intelligencia e resolução verdadeiramente notaveis na sua idade.

Não tardou a assumir em relação aos seus jovens cõmpañheiros e até para as pessoas mais idosas, uma influencia extraordinaria. Quando surgia alguma discussão era elle por todos, de bom grado, o preferido para arbitro, e se assistia a algum sermão, a

alacridade e o interesse cordial se manifestava em todos os visinhos que o rriam para ouvido. E que ninguém sabia com elle, historias tão attrahentes e commovedoras, e ninguém as narrava tão bem, ao mesmo tempo que entremejava n'ellas factos maravilhosos que havia lido na vida dos Santos, e sabia dar à sua narração, tal encanto que impressionava o seu ingenuo auditorio, e o conservava horas inteiras pendente de seus labios.

Ja então revelava n'alle aquelle poder de attracção que tinha de possuir em tão alto grão.

E aqui, não posso resistir ao desejo de relatar um facto verdadeiramente caracteristico, pois que nos mostra o joven Bosco prefallindo a singular força de acção que tinha de exercer em todos os mais.

O sitio dos Becchi, por ser pequeno, não possuía capella propria, mas dependia da Igreja de Murialdo, aldeia pertencente à communa de Castelnuovo. Ora, acõteceu que um sabbado tomou por costume ir estabelecer-se todos os domingos na pequena praça de Murialdo, justamente em frente da Igreja: au-

cada uma das habilidades do palotino as seguintes palavras:— Não é nenhuma raridade o que faz. Esse chasco insistente, expoz-se afinal o saltobanco que o apostrophou vivamente.

— Pois então faz outro tinto, felelho!

— Digo-vos que não é nenhuma raridade! Le sem mais formalidades, eil-o ponho em pratica as mesmas prestigios, e com tal destreza que suscitou applaudimentos freneticos, tenio em seguida executado lambem outros novos por elle inventados.

Este assalto de armas de um novo genero terminou pela derrota incontestavel do palotino, que nunca mais al foi visto.

Bem se pode imaginar quanto ficou satisfeito o amor proprio dos habitantes da aldeia, com este triumpho que fazia sobresahir a sua povoação.

Todavia no domingo seguinte houve quem se lamentasse da falta d'uma distracção, a que haviam tomado gosto.

Então João lhes propoz, substituir o palotino e dar-lhes regularmente no pateo de sua casa o espectáculo que tanto apreciavam. Aceitaram com enthusiasmo.

Eis, porém, que antes de principiar, pôe-se a repetir com uma certeza de memoria correctamente o Sermão todo inteiro, que o Capellão tinha proferido durante a Missa, e que é de suppor que os que haviam ficado à porta da Igreja, não tivessem ouvido.

Houve, é certo, algumas murmurações, alguns protestos timidos, porém ninguém se afastou d'ahi e as habilidades engenhosas que depois executou, satisfizeram a todos.

Na segunda representação, João Bosco não se limitou à repetição do sermão, juntou-lhe uma dezena do Rosario, e mais tarde foi o tempo todo inteiro. Nunca se tinha visto um similhante apostado. Tudo quanto elle pedia era accetto, e causa verdadeira surpresa, ver-se um rapaz tão novo, quasi creança ainda, influir desse modo sobre as multidões.

Possuindo uma mãe qual era Margarida Bosco, não é de admirar, que em João a vocação para o estado ecclesiastico se revelasse tão cedo. Sua mãe o havia consagrado a Santa Virgem, logo ao nascer; e um sonho que elle teve e que o impressionou extraordinariamente, já lhe tinha, por assim dizer, indicado a vida que deveria trilhar. Desde então, manifestou viva e resolutamente a sua intenção de se fazer padre, todavia não era facil a realização desse desejo; na parochia não havia escola alguma, e comquanto o pastorzinho soubesse a fundo o catecismo, a sua mãe lhe tinha ensinado, a sua instrução não passava muito além.

Acõteceu entretanto que o Capellão à vista das disposições exceptionaes que tinha observado no rapaz, se offereceu espontaneamente para o leccionar uma vez por semana, e sermão accetto pela mãe e pelo filho, com jubilo, facil de comprehender-se.

O lugar denominado Becchi é como já dissemos, aldeia isolada, sita bem distante da Igreja de Murialdo, centro religioso d'essa parochia. Tinha de caminhar cerca de cinco kilometros entre a ida e volta, porém João Bosco ia alegremente esse trajecto.

Sua constante applicação e admiravel memoria habilitaram-no a fazer em pouco tempo rapidos progressos; infelizmente o veneravel D. Colombo seu professor, muito eloso, exhaustou pelas fatigas de um longo ministerio, foi arrebatado subitamente por um ataque apoplectico, e eis parados os estudos (1827).

A marça que o nosso caro João experimentou, quer por ver interrompidos os seus estudos, que principalmente pelo sentimento de perder um mestre a quem amava, foi tão vivo, que lhe alterou a saude. Sua mãe vio-se portanto obrigada a abandonar-lhe frequentar a escola publica de Castelnuovo. Mas o trajecto diario era tão e insuavel, que Margarida não teve outra alternativa, senão collocar seu filho em pensão em casa de um homem de seu conhecimento e de toda a capacidade, bõsa primeira parochia foi pensão, porém evitava-se em excessivo de fadiga e uma perda consideravel de tempo.



Trafico de leite na Hollanda. Segundo o quadro de Hana Horrmann.

gmentando assim sensivelmente o numero dos rapazes que no campo, muitas vezes, em vez de estarem dentro, assistindo aos officios, deixavam se ficar à porta da Igreja.

O pequeno João tinha notado o grande desgosto do pobre capellão, tanto mais que rufar do tambor principiava antes do fim da missa, perturbando o todos. Deliberou portanto o seu plano, que piz, desde logo em execução.

Empregava-se então no mister de pastor e costumava levar o gado para o campo, no meio do qual havia uma grande peneira, cujos ramos eram compridos e grossos. Amarrava-lhe, pois, varias cordas, e sobre essas estudaõ o modo de re, elir as diversas habilidades que tinha visto fazer.

Sendõ como era notavelmente forte e sãbretudo muito engenhoso, em breve tornou-se mestre.

Algum tempo depois, tendo compreendido o saltibanco, o joven pastor, collocou-se na primeira fileira dos espectadores, e repelia com ar astuto para

Dessa escola passou João para a de Chieri, onde os estudos se faziam com mais regularidade e eram mais elevados; ali terminou o curso de latim.

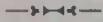
Entretanto havia chegado o momento de escolher uma carreira. João não vacillou nunca em sua resolução de se consagrar ao Senhor; hesitava, porém, entre o clero secular e uma ordem religiosa. O habito de burel dos Franciscanos tinha para elle um verdadeiro atractivo. Por outro lado conservava-se sempre sob a influencia d'aquelle sonho estranho que lhe parecerá sobrenatural, conduzindo um rebanho de carneiros depois transformados em meninos. Acabou, decidindo-se pelo seminário maior.

Temos a este respeito de relatar uma palavra magnifica de Margarida Bosco e que caracteriza admiravelmente a austera grandeza dessa mulher do povo.

Havendo alguém feito notar a João, que decido-se pelo clero secular poderia, em razão de suas grandes facultades intellectuaes, attingir a uma posição elevada, Margarida exclamou:

Meu filho, nada quero de ti; nada espero de ti: «Escreva bem; nasci pobre, tenho vivido pobre e quero morrer pobre; e já te digo, se te decidires pelo estado de padre secular e por infelicidade ficares rico, nunca te hei de fazer uma só visita; antes pelo contrario, nunca porei os pés em tua casa.»

Podíamos citar muitos outros factos interessantes e cheios de edificação, que assignalaram os seis annos que João Bosco passou em Chieri; temes porém, pressa de chegar á sua vida sacerdotal.



Saudade

(A' memoria de Cezarina)

No azul transparente do céu esclarecido por um terno e saudoso luar, vagavam, errantes, pequeninas estrellas em bandos, como os passaros que esvoaçam na terra. Não eram brilhantes, nem vivazes como nas outras noites essas estrellas que atravessavam o espaço. Brillavam tão tristemente no firmamento profundo, como a luz tremula de uma lagrima.

Mansamente rolando, as nuvens em pequenos blocos faziam rapidas mudanças de scenario. A briza como se tivesse atravessado um frasco de preciosa essencia, derramava pelo ar perfumes raros, perfumes que traziam recordações, que despertavam dôres, evocando saudades, emocionando, subjugando o coração.

O céu tinha a forma vaga de uma grande arvore frondosa, que nos cobrisse e nos envolvesse a todos na melanclica sombra de sua folhagem transparente, fazendo assim desaparecer toda a alegria da terra!...

II

Lá na solidão do triste cemiterio, n'um clima gelido, entre tumul's estranhos, ella está plantada para sempre, a flôr mimosa a que não terá jámais um renovo.

Sua belleza desaparece em atomos, como petalas de rosas, deprehendida muito cedo do seu caule delicado, esses fragmentos queridos ficarão em pouco tempo reduzidos a pó, ao completo nada, e quem sabe? até ao esquecimento...

Mas, nos corações que a amavam muito, a saudade ficar eterna, o tempo não extancará jámais as lembranças...

AURELIA BENEFICIA

Quadras

I

Apagando-se o disco resplendente sobre as ondas do mar o sol desmaia: uma a uma rolando docemente vem as ondas bater de encontro á praia!

Como o sol desmaiando sobre as aguas, como as ondas rolando pelo chão, mergulha o nosso amor num mar de maguas e as maguas vem bater no coração.

II

O vento está carpindo amargamente queixas talvez de algum astro proscripto, d'algum astro perdido no infinito, destinado a chorar eternamente.

Na carreira veloz do fugitivo que procura recandida paragem, n'um soluçar pungente e convulsivo arranca as folhas verdes da ramagem!

Como o vento: cruel despe o arvoredor, oh! desalento, de arrancar não cansas illusões que arraigamos em segredo, folhas verdes das nossas esperanças!

III

De um templo derrocado nas ruínas brotam flores de face contristada: lyrios brancos de alvura immaculada entre as cores modestas das boninas.

E na ruina do esplendor de out'ora é cada flôr agreste que brotou, a perfumada lagrima que chora lembrança da grandeza que passou,

Se as nossas esperanças já murcharam, brotam n'alma saudades do passada, como as flores agrestes que brotaram nas ruínas do templo derrocado!

EDUARDO DE ARAUJO.

D. ALTAIR

D. Altair tem olhos cor da noite, Oval moreno e trança de princeza; Ha no seu rosto um lantil affeito, Na sua bocca ba ruhros de framboeza.

D. Altair só tem dezeses annos, Menina e mcça, doce e bandoleira, Sonha com as lendas dum paiz de enganoso E o perfume da flor da laranjeira...

Sonha que vem pra desposal a, em sonho, Duma terra de fadas e castellos, Um cavalleiro pallido e tristonho.

E, entre sonhos, o vê tangeado a lyra, Beijar lhe a fronte, os olhos, os cabellos, E, pensativa e candida, suspira...

HENRIQUE NETTO.



Uma superstição polaca

Segundo uma superstição que existe na Polonia todos os mezes do anno estão submettidos á influencia d'uma pedra preciosa, assim como todo o individuo está sujeito á influencia do mez em que nasceu. Os amigos e, sobretudo, os noivos, brindam-se mutuamente no dia do anniversario do seu nascimento com joias de grande valor, nas quaes val incrustada a pedra do mez, como precioso talisman.

Em janeiro officina-se a granada, que significa lealdade sem limites e fidelidade em todas as relações da vida.

Em fevereiro a ametibista, que preserva das paixões violentas e mantém a paz no coração.

Em março o rubi, emblema do valor no perigo e da perseverança nas emprezas difficeis.

Em abril o diamante ou a saphyra, divisa da candura de alma.

Em maio a esmeralda, que presagia alegrias e affeições.

Em junho a agatha, signal de inalteravel saude.

Em julho a corallina, symbolo do esquecimento dos pezares causados por pessoas queridas.

Em agosto a sardonía, que indica felicidade estavel.

Em setembro o crisolito, que livra de pensamentos extravagantes.

Em outubro a palaima em domal, que não desanima nos infortunios.

Em novembro o topacio, symbolo da constancia na amizade.

Em dezembro a turqueza, que promette a realisacão das mais illuzas esperanças.



O palhaço Maximiliano. Segundo o quadro do P. Roudnitz.

Uma lição

Comedia em um acto, original de E. Machado de Assis

PERSONAGENS

Machado, negociante.
Mendes de Almeida, idem.
Cardoso da Silva, idem.
Manoel, mercador.
Adelia de Castro.
Hortencia Machado.
Um criado.

Acção: Rio de Janeiro, — Epocha: Actualidade. — 1901.

Scenario — Salão nobre, Varanda ao fundo, dan do para um jardim. Portas lateraes.

SCENA VII

MENDES, só

MEND. — *(entrando)* Ninguém! *(separando)* Esta casa parece estar deshabitada! Nem um criado porque n se chamar... *(observando)* Naturalmente estão nos arranjos domesticos... Bom!... Sente no nos, emquanto não vem gente. *(abre o jornal que se acha sobre a mesa)* Vejamos o que ha de novo neste jornal. Deixe-me procurar si ba alguma coisa *(procurando)* «Reclamações» «Correio ambulante» E. F. Central do Brasil «Mendes & Comp.»... Cá está. *(levantando-se furioso)* Cá está o fatidico!... Arrripla-me os nervos!... *(amarrotando o jornal)* Nem sei si deua ler, Vejamos! «Os Srs. Mendes & Comp. fiquem sabendo que, custe o que custar, bavemos de limpar a nossa honra commercial de 20 annos, com todos os sacrificios humanos. Basta de infamias! Havemos de calcar os miseraveis e desmascarar o com brutalidade. Cardoso & Comp.» Ah! mas hei de ensinar os assassinos!... Grandes ladrões, grandes miseraveis, que roubam a sanne frio o credito de um negociante honrado.

SCENA VIII

MENDES, ADÉLIA e HORTENCIA

MEND. — *(vendo Adelia e Hortencia)* Ah! *(advirtendo)* Permitam V. Ex. que eu tenha a grande honra e felicidade de se poder salvar.
HORT. — Obrigada, senhor. O meu pae ha muito que espera pelo Sr., tanto que mandou a porteira duas vezes afim de ver se podia avistal o ao longe.
MEND. — Sinto, minha senhora, me fazer esperado pelo senhor seu pae. Bem desejava eu que não fosse elle o unico a se preoccupar com a minha demora!
AD. — *(a parte)* Pretencioso sujeito!
MEND. — Então, nós homens somos teimosos, e, si um dia coire a nos desejos e com elle ficamos satisfeitos, bavemos, de antemão, ser o dia seguinte cheio de contrariedades. Mas, nem por isso aborreçemos e desprezamos esse dia, porque elle é o principio de outros menos felizes. Assim, espero que dias menos ingratos não de me surpreender *(quando)* *alguem* se achar convencido de que eu sou um dos seus mais sinceros admiradores e que desejo, seriamente um dos seus mais seductores sorrisos, em vez do seu desprezível e rancoroso olhar.
HORT. — Falla como um verdadeiro apaixonado, e, a sua ideal e perigoso este excesso de paixão, Sr. Mendes.

MEND. — E' por que V. Ex., minha senhora, por certo, nunca experimentou o gozo indefinido deste sentimento tão bello! Amar aos 35 annos, como eu amo, depois de ser um homem experimentado na vida pratica, é possuir a mais alta qualidade para ser encaminhado para a paz domestica e nella constituir um futuro tranquilizador e cheio de qualidades. Hei de conseguir, ó si hei, um sorriso de esperança de quem se julga com o direito de me recuzar o mais puro dos elbares, que tenho encontrado!

HORT. — E não teme ser desiludido?
MEND. — Sou corajoso e teimoso. Ante uma empreza duvidosa eu me sinto forte. Aitro me, resolutio, embora os resultados sejam funestos.

HORT. — E, não teme encontrar um adversario tamhem corajoso e teimoso?
MEND. — Luctarei sempre, minha senhora, até não possuir mais forças. Ah, cumprimentarei o meu adversario e me declararei vencido.

HORT. — Pois creio que será o senhor o vencido. Lucte, vá luctando, e, por fim, verá a que consequências se lmpoz.

MEND. — Si não fosse, minha senhora, a coragem, a tenacidade dos valentes guerreiros de todas as épocas, o mundo teria de lustrinar muitas scenas vergonhosas. O vencido não é um vergonhoso, é um infeliz! Será quando muito digno de lastima, de pena!

HORT. — Cruze as armas, Sr. Mendes, e lute da fuzilaria, que vem de emboscada.

MEND. — Recheverei com infinito prazer as cargas cerradas das bayonetas, venham de emboscada ou de campo livre de combate. Ellas me electisam, ellas me tornam um ter excepcional.

HORT. — Em todo o caso aceite as minhas felicitações pela sua coragem guerreira.

MEND. — V. Ex. é um auto que, mesmo maldosa, é a il ravel. *(delta-a na mão)* O seu pae onde se acha?

HORT. — Fil-o, que ali veu.

SCENA IX

OS MESMOS e MACHADO

MACH. — *(entrando)* Olá!... Bem vindo seja, amigo Mendes.

MEND. — O' bom amigo Machado! Aqui me acho «feliz» entre as mais formosas e bellas flores do teu jardim.

AD. — *(a parte)* Que sujeito tólo!...

MACH. — Obrigadul! *(abraça-o)* Fizeste bom a via gem?

MEND. — Assim, assim! A tua casa é um bocadito distante da cidade. Mas, por isso mesmo, é que se torna uma habitação esplendida.

MACH. — *(a parte)* E, como ha de ser agora?... O outro está no jardim... E se se encontram? *(atrappalhado e alto)* O' Mendes, vem para cá, senta te aqui.

(a parte) Deixa-me collocar de costas para o jardim, para o encontro ser menos funesto. *(alto)* Que ha de novo? O' meninas, façam companhia ao nosso hospede, que ficou apreciando a passarinhada. *(Adelia e Hortencia saem pelo jardim)* *(a parte)* Ora, isto não acontece senão a mim! *(alto)* Mendes, como vaes tu?

MEND. — Bem, ou por outra, mal. Acho-me em vespuras de luctar em duas batalhas.

MACH. — *(olhando inquieto para o jardim)* Como assim?

MEND. — Vou luctar na batalha do amor e na batalha horrora contra os ladrões.

MACH. — Hei... Hei... Como é?... Ora está!...

(a parte) E' preciso fingir! *(alto)* Mas...

MEND. — Amo.

MACH. — Amas?

MEND. — Amo, e não sou correspondido. Mas, em breve seréi. Amo e odeio.

MACH. — Amas e odeias?! Ora está!... Como pode ser isso?

MEND. — Amo a uma encantadora menina «odeio a um formidavel ladrão».

MACH. — Perfeitamente! Os ladrões devea ser odiados e banidos da sociedade. Isto não ha duvidal...

MEND. — E odeio com odio le morte.

MACH. — Mas a quem? *(continua a olhar para o jardim a's escuradias)*.

MEND. — Pois não tens lido? Não tens acompanhado a questão, que tén feito aquelles canalhas dos Cuid sos?

MACH. — Não. *(a parte)* Proguémos pótas para a frente.

MEND. — Pois os Cardoso nos tem desmoralizado á grande, dizendo que as nossas mercadorias são ordinarias. A principio elles fizeram uma publicação com os nossos nomes, depois responderam, replicaram, treplicaram, sempre com os nossos nomes. Nós não nos incomodamos, tudo o que acontecia era obra delles, elles intrigavam e elles mesmos respondiam ás intrigas. Um verdadeiro jogo de intrigas!... Ora, bem compreheudes que a paciencia se esgota, principalmente quando a nossa honra é ofendida, quando são feridos os nossos interesses. A nossa casa tem este anno um prejuizo superior a dez contos de réis.

MACH. — Mas, então os Cardoso fizeram tudo isto? Parece incrível! Mas, com que fim?

MEND. — Inveja! Elles querem ser os senhores da praça, e, realmente quasi que seriam si não fosse a nossa concurrencia. Mas, enganam se, bavemos de luctar! Isto não lica assim. Quebrei lhe o nariz com um soco na rua do Ouvidor, ha cerca de vinte dias; o nariz, sim, senhor, de que elle tanto se gabava! Hei de ensinar aquelle velhaco! Mandei intimal o para comparecer em audiencia publica do juiz competente para prestar o seu depoimento. Offensas por insultos, em jornaes publicos, sem causa que os justifique, constituem um crime com punição, previsto no codigo.

Hei de levar o á barra do tribunal. Irra, que passa a desafiar! Ao me deitar recebo uma carta anonyma insultuosa, é do Cardoso!... Ao amanhecer recebo outra carta desafian-to-me, é do Cardoso! Ao almoço recebo outra me descompondo, é do Cardoso! Ao jantar recebo ainda outra me desmoralizando damnadamente, é daquele malhcto Cardoso!... Não posso mais, Machado, ar arrebento, é preciso vingança!

MACH. — Mas, escuta Mendes, é preciso cuidado. Não seas imprudente. Isto não vai assim, é preciso calma!...

MEND. — E' justamente o que eu não desejo ter quando me encontrar e m aquelle insultante gratuito. Ah, si eu o apanho de geto!...

MACH. — *(a parte)* E si elles se encontram! Que escandalo em minha casa! O no po lerel affastal os!
(alto) Amigo Mendes. Desejo muito que tu venhas apreciar uma bonita collecção que tenho de abacateiros.

MEND. — Abacateiros? Tu tens abacantes n ste teu sitio? Oh!... E eu que sou doudo; por elles!... Vamos lá, quero vel os, como um verdadeiro guloso!...

MACH. — *(a parte)* Vamos affastal o. Ao menos se se encontrarem é lá para os fundos do chaceira. O escandalo não será tão ruído! *(alto)* Vamos lá! *(saem pelo fundo)*.

SCENA X

CARDOSO só

CARD. — *(entrando)* São delicias! Que encanto!... Que voozes tão!... Achei me transportado! para um paraíso!... Hei mesmo v a fazer o pedido ao Machado. Desejo muito casar com a Hortencia. Ah! Hortencia, Hortencia! Tu, só tu, é que podes aliviar as maguas que tenho aqui no coração!... *(Reparando)* Mas, que?... *(recuando depois de ter reparado na cartela de Mendes)* O que... Mendes de Almeida?... Elle

aqui?... nesta casa?... *(recordando)* Ah! Será um rival?... Rival ainda por cima? *(pegando do revolver)* Hei de encontral-o! Onde se abea esse miseravel?

SCENA XI

MANOEL e CARDOSO

MAN. — Cá estou! O que deseja o Sr.? Alguma coisa...

CARD. — *(amanhando, sem revelar)* Ah! Vaes-me pagar! *(agarra Manoel e luctam)* Ladrão!

MAN. — Mas, repare... Estou enganado... Com seiscentas bombas!... O' malhcto! *(fugindo)* Arrhe! O Sr. é um estrangulador!...

CARD. — *(Reparando)* Enganei me. Desculpa, não loí por querer, bem sabes!

MAN. — Não f.ij por querer, hein? *(a parte)* Forte brutal! *(alto)* Vinha perguntar se desejava alguma coisa e...

CARD. — *(passiando agitado com o revolver na mão)* Não quero nada. Não chamei por ninguém, está ouvindo? *(gritando)*.

MAN. — *(gritando laubens)* Estou ouvindo, sim senhor. Não sou surdo. Escuto muito bem. *(vendo o revolver)* Olhe!... O' senhor!... Quer saber de uma coisa?...

CARD. — Diga.

MAN. — Guarde esta arma de fogo que o senhor tem abas mãos. Isto aqui é a casa do Sr. Machado, ouviu? E' a casa do Sr. Machado, que é um cidadão respeitavel, e que é chefe de uma familia tamhem respeitavel, sim senhor... isto abi é um arma prohibida... não se faz uso... é prohibida!

CARD. — Tens razão. Eu estava fora de mim. Nem me lembrava que era hospede do meu amigo, do meu grande amigo. *(a Manoel)* Vem cá.

MAN. — O que deseja? *(a parte)* Está assim com ares de guerreiro! *(alto)* O Sr. o que deseja?

CARD. — Viste o tal Mendes?

MAN. — Vi uma vez, quando eu ria pequenito. Foi na Villa de Valença, no Estado do Rio. *(a parte)* Vamo nos fazendo de idiota. Isto serve!

CARD. — Elle está aqui, não é verdade?

MAN. — Elle está aqui? O meu amigo, o meu irmão do coração está aqui? *(a parte)* O' diabo, lá disse que era meu irmão e... só o vi uma vez! Já é ser fraternidade!...

CARD. — Elle é teu irmão? Pois olha, podes limpar as mãos ás paredes com o teu irmão.

MAN. — Posso, sim senhor, e não admitto que o Sr. falle assim do meu irmão, está ouvindo? de meu irmão que é um homem ás d'reitas. Mendes da Conceição Pereira é um bomem de hem.

CARD. — Então não é o patife que eu cotheco. Eu fallo do tal Mendes d'Almeida.

MAN. — Não conheço. Nunca o vi mais gordo.

CARD. — *(a parte)* Este animal pode me servir. Captemos as suas sympathias. *(alto)* Vem cá.

MAN. — *(a parte)* Este burrego pode me ser util. Tratemos de sondal o. *(alto)* Que deseja?

CARD. — Escuta. *(passa as mãos pelas costas de Manoel e muito amavel)* A tua ama é noiva?... Quero dizer... é namorada?... Sim, tem alguns pretendentes?...

MAN. — *(a parte)* Forte idiota! *(alto)* Chi!... uma porção!... Nada menos de 13!

CARD. — 13!... Numero fatidico!... Com effeito!... Mas, é serio isto?

MAN. — O pae não quer. Elle diz que a filha ha de casar com um homem do commercio.

CARD. — Bravos! Bravos!...

MAN. — E que ha de casar com um dos seus velhos amigos.

CARD. — Disse isto?!. Muito bem! Bravissimo!...

MAN. — E que seria o seu noivo um distincto negociante de...
CARD. — De...?
MAN. — ... moveis.
CARD. — Oh! Que satisfacção! *(esfregando as mãos de contente)* E que se chamava...
MAN. — Mendes d'Almeida!...

CARD. — *(surrioso)* Mendes d'Almeida! Ab, miseravel!... Eu arrebento tudo e mo se fosse o dia final da minha desgraça... *(a Manoel)* Seu portador de noticias damnadas!... *(anta agitado)* Inferno! O' Inferno!... Vou esbofetar aquelle canalha, vou desafiar o. *(sae)*...

SCENA XII

MANOEL só

MAN. — *(vindo)* Elá vae o bomem provocar o outro!... Isto não se faz Sr. Manoel! O Sr. é o culpado de tudo isto. Não se prestasse a ser empllice destas creanças, e tuil correria bem.

SCENA XIII

MANOEL e MACHADO

MACH. — *(atrapalhado, a cado)* Viste o Mendes?... O Cardoso?...

MAN. — O Sr. Cardoso acaba de sahir agora mesmo d'aqui.

MACH. — Para onde foi, he?... depressa. *(ansioso)*.

MAN. — Foi a proença!...

MACH. — Ah! Challa te!... E' horrivel! Isto!... Mas, para que eu fui convidar estes imprudentes?!

Si elles se pegam!... *(andando de um para o outro lado da scena)* si ha um encontro de armas?!. Manoel, vae vigial os, nerta, não os deixes ficarem a sós, um para o Norte, outro para o Sul.

E o almoço?... Ah! Parte da familia almoça com o Mendes na sala do refectorio, e a outra parte

simça aqui nesta sala. Vamos. Depressa!... Vigilância e prudência!...

MAN. — (a parte) Pobre homem! (vae a sahir).
MACH. — Espera, espera... eu vou tambem. (ambes saem).

SCENA XIV

ADÉLIA e HORTENCIA

AN. — Creio que se encaminham para as ameixeiras. (estranho) Vae um só. E' o teu Cardoso, Hortencia.

HORT. — Cruzes, meu não. Desisto dos direitos de propriedade!...

AD. — Não de levar uma lição em regra. Que sujeitos teimosos, imprudentes! Fique-lhe a com a sua industria de moveis. (vindo) Nós não precisamos de moveis!

HORT. — (vindo) São audaciosos! Não viste e tal Mendes como te desafiou?

AD. — Tambem não lhe dirigiu uma só palavra, nem vi aquelle feccinho. Pobre Carlos, tão longe! Mal sabe elle a lucta em que me acho, para mais estimalo.

HORT. — Feiteira! Queres me roubar assim, sem me pedires licença, o meu irmão?

AD. — Pago te na mesma moeda. Tu não me roubaste o Alberto?

E' a lei das compensações... Demais quem rcube com permissão não é ladrão.

HORT. — No nosso caso, é uma lei justa e agradável. Casaremos no mesmo dia e passaremos a nossa lua de mel aqui, na mais agradável intimidade.

AD. — Em companhia do bom tio.

HORT. — Sim, em companhia do papá.

SCENA XV

OS MESMOS e MANOEL

MAN. — (entrando) Ah, meninas, ando eshafoido por causa dos seus hospedes. O patrão manda praqui, pra ali... cerca um, não deixa encontrar com o outro... affasta os deus, corre, enfim, uma verdadeira acção de combate para affastar dous exercitos, que querem guerrear. Uff!... Estou cansado! Isto não é meio de diversão. Caramba!... Isto é o que se chama uma verdadeira espiã!

AD. e HORT. — (caem em cadeiras, rindo) Ah! ah! ah! Ah! ah! ah!...

AD. — Então elles se encontraram (riem-se).

MAN. — Ainda não, mas estão quasi. Não tiam se. As meninas estão contemplando a sua obra, da qual eu sou o instrumento.

HORT. — Devem ter muita graça os deis rivais.

MAN. — Isto não é sério! A minha vontade é prevenir aos pobres enganados!

AD. — Tem graça, tem! E' só o que faltava, ajudares aos guerreiros do amor.

HORT. — Ah! vem um delles. Fuijamos Adélia (saem. Manoel fica meio escondido no fundo).

SCENA XVI

MENDES e MANOEL

MAN. — Lá deixei o Machado preocupado á procura do cutro hospede. Ah! são encantadoras estas meninas... Si não fosse o bandido do Cardoso! (furia) Canalha! Hei de me vingar! (calmo) Mas, deixemos a realidade e vaguesmos um pouco pelo idealismo. Façamos de conta que o dia de hoje é unico na... (vibrando no chapéu de Cardoso que tem pegado por acaso) Ah!... Cardoso da Silva! Ellei... Cardoso da Silva aqui?... Este ladrão em casa de um homem sério?... Não é pssivel!... Mas, quem... (suspirando) Ah! Será o meu rival?... O meu rival, nunca! (vae a sahir e esbarra com Manoel).

MAN. — (a parte) Irrá!... (alto) O que deseja?

MEND. — O... Vem cá. Viste por ahí o hospede do teu patrão?...

MAN. — Vi, sim, senhor. O Sr. Mendes...

MEN. — Não, homem. Mendes sou eu. O Cardoso... o canalha do Cardoso não viste?

MAN. — Ah, já sei!... O namorado da Sra. D. Adélia?

MEND. — Eim? O que? Então elle é o namorado da Sra. D. Adélia?

MAN. — Sim, senhor.

MEND. — Inferno!... E' horreroso... Aggaa, mais do que nunca preciso de uma virgança!

Vingança! Vingança! (sae).

Meditando...

A Luiz Penafiel

As flores morrem, como as alegrias,
E as alegrias morrem, como as flores.
Em nossos corações ba tantas dores,
Como ba perfumes pelas serranias.

Como um bando feliz de cotovias,
Que os ares corta, em limpidos fulgores,
Assim partem tombem nssos amores,
Pela estrada feral das nostalgias.

Na adolescencia, o coração da gente
E' um poema de amor, um sonho ardente,
Um cento de esperança e de saudade;

Na velhice, um deserto abandonado,
Onde cororam as creanças do passado
E as mortas illusões da mocidade.

Herval, LEONEL FAGUNDES.

Flor Funesta

(A PROPOSITO)

I

Trago na mão... uma rosa
E uma dor... no coração...
Vendo uma flor tão viçosa
Um tem amor, outra... não.
A flor inspira os amores
E gera o crime tambem
No jardim todos têm flores,
Mas, n'alma nem todos têm;
Que rosas de complacencia,
Lyrios de affecto e perdão,
Rescendem... para a innocencia,
Germinam... do coração,
E coração ceito dia,
Não teve! esse diplomata,
Hei-ro de uma historia chata,
De nulla diplomacia.

II

Fôra grande petulancia
Peneirar no teu jardim
Para roubar, cousa assim
Não era propria da infancia
E disse — O crime em verdade,
Merece atroz correctivo;
Menino, si ficas vivo,
Não é per minha vontade!
E' de crer que o povo brade
Mas... que importa? já te ensin!
E... fez-se atraz do menino
Pelas ruas da cidade,
Numa asafama de estafa.
Sem perder mais o fedelho:
Parecia uma girafa
Correndo atraz de um coelho.

III

Mas o pequenoina zarro
E o bruto ao ver que o não pega,
Naquelle raiva que o cega
Que faz então? — Toma um carro
Depois... porque o vou contar?
Si corre de bocca em bocca:
Toda lagrima foi pouca
Para a sede do jaguar.

IV

Humana flor, que te olçaste
A' flor pendente do galho
E que com tanto trabalho
Partiste-lhe a debil baste:
Lyrio, irmão gemero da rosa,
Que tu trouxeras na mão,
Debalde, ficaste ex-nigue...
Pendeste a fronte mimosa
Supplicaste... Tudo em vão:
Da fronte jorrou te o sangue,
O sangue cabiu na rosa
E a rosa cabiu no chão.

V

Oh! Esse que almas espanca,
Branças de lyrio e jasmim,
Não ama... essa rosa branca
que nasce no teu jardim!

A. CAMPOS.

Luz e Trévas

A Theodoro Levy

Suicava a bella náu o verde pélagos, por uma
noite calma e lúrea...
Silencio do mar aos céus!... Era toda a tri-
pulação entregue ao delreite e impudicicie de mcr-
phen, velados pela soledade discreta do indiscreto
leito... Só a manja era desperta, porem muda...
Hloras de maravilha ás almas impollutas...
Hloras de estertor ás consciencias podres, esprei-
tadas pelo visionario tredo da infamia; boras de
remorso — horas de chiméral...

Silencio do mar aos céus... só ao looge o mur-
murio brando das aguas lembrava o resonar d'um
gigante fatigado...

No Supremo Empyreo era o azul proverbial pro-
miscuamente salpicado de estellas, que, como
serenos olhos flameos, miravam-se no verde Crys-
tal dos mares...

Noite lúarosa, noite de esplendor das noites de
Verá Cruz!

Silencio do mar aos céus!...
Mas agora, tenebriçosa bruma envolve em trévas
o Colosso S lo...

Negras cataratas vislumbram com soberbia a
constellação do Arcano, apostrophando Diaaa que
se occultia espavorida na escuridão selvagem, ao ronco
da borrasca! Ao longe o furacão damnado vomita
no espaço a fria colera ameaçando varrer os mares!
O Prodigio da Natureza começa de mover-se, como
a serpe em convulsões de raiva, sentindo o ferro da
setta! Horror do mar aos céus! noite pavorosa, noite
de horror!

Desencadeia se a tempestade! Trava se horrenda
e gigantesca a lucta dos Titães! Noite pavorosa,
noite de terror! No dorso monstruoso o mar arroja á
escuridão revolta galéria, rebatendo as vagas feras
que lhe lambem os mastros! Lucta a manja com
denod, qual Titan que mais alto se levanta! A voz

alternativa do Commandante temerario escuta-se re-
voar atravez do espaço negro, como tendendo ahafar
dos vergalhões o rugido! Ell o que altivo, valente e
nobre como Cesar, não pára nem se cansa. e, no aço
da espada em punho cospe a luz feroz, e cil o que
altivo, valente e nobre como Cesar affronta a des-
graça a golpes de aço!

Noite pavorosa, noite de terror! Um pnhado
da humanidade mendiga piedade aos céus e nos céus
escrito lê, apavoradamente, desgraçadamente: «Mal-
dição!»

E no rolar das catadupas, do Iofianto as cata-
dupas, a tempestade bradando, escuta inimizado,
exangue: «Maldição!»

A voz alternativa do commandante temerario re-
vôa otravez do espaço negro e a seus pés rolando
uma plastica depara-se, alva, sublime, santa, como
a Proto-Mater; dolorosa como Magdalena! E' uma
alma immaculada ainda, ainda pura como puras são
as lagrimas que verte no deserto d'agua glauca! Alma
branca de camelia como brancas são as suas carnes
virginaes que as vagas escarnecem desvendando as
suo olhos do Cataclysmo, expôndo a flammipoteate
luz parnaziãna, os encantos do seu corpo branco de
camelia!

E' uma alma balouçada ainda em sonbos de
innocencia, que allí se debate no vendaval dos mares,
sem nunca, arrostar da vida os vendavaes!

A nitte dos cabellos desgrenhados segredava lhe
o pudor que ao rosto assoma, rosto greg, rosto di-
vino de Vestal! E o marujo valoroso, redobrande
de esforço sobrehumano, nem tanto faria Mirco An-
tonio, se Kleopatra a seus pés um dia se bumilháral

No braço rijô o nauta tem a virgem semi morta —
Estuuario de Dor — e allucinado, louco, prec so é sal-
var! salvar a Mulbér! o fragil Ser que, como a fra-
queza da Especie e altivez do Bello commove, domina
e vence o Homem o astuto o soberano, que á Dôr
pardia em gargalbadas de gelo, zomba com mage-
stade dos cataclysmos da vida e com a vida affonta
os temporaes que desabam da Eternidade ao Mar!

Tem treg a pouco e pouco a tormenta... Mas
a galéra, qual luctat r que tomba exhaustos n's es-
combros da batalha, subtilmente vac descendo ao
Reino de Neptuno...

Fis que elemento semelhante, em prol dos nau-
fragos navega bonanoso, a herolma volveado á vida
e vendo o salvador, de espada em punbo sumindo-se
no abysmo verde, eil a allucinada e louca: «Salve o!
Salve o! — grita do mar aos céus.

E a voz alternativa do nauta emerit escuta se
revoar no espaço negro: «Salve-a! por Deus, sal-
ve a!...

Noite de luz e trevas, noite de terror!
I — VI — MCMI.

TRAIANO BARE SA.

Uma pagina de Heine

Fiz um soneto ao teu sublime olhar
Oade fulgura toda a minha vida...
Como cheio de amor não deve estar
Este soneto que eu te fiz, querida!

E a tua bocca suave, cor de rosa,
O mais suave d's sonetos fiz...
Oh! que linguagem sobre a mais formosa
Bocca d's anj s meu soneto diz!

Com que supremo amor, com que cuidado,
Com que doçura aos teus cabellos pretos
Eu, miserrimo poeta apalxonado,
Compuz o mais doido dos sonetos!

Escuta me, porém, mulber ditosa,
Que és a causa da minha pbantasia:
Si tu tivesses coração, formosa,
Que bonito soneto eu não faria!

NADGI.

MOLDES

Para o presente numero offerecemos:

- N. 10 — Jaqueta..... 1\$000
N. 12 — Matiné..... 1\$000
N. 3 — Sala sin..... 1\$000

Pelo correto mais 300 réis para o pri-
meiro molde e 200 réis para cada um dos
que se seguirem.

ENXOVAES PARA RESEM-NASCIDOS

Mediante a insignificante quantia de 3.000, ou 3.500
pelo correto, podemos fornecer em envelope apropriado,
moldees completos para enxovaes de recém nascidos con-
tando de quatorze peças.

Os ped dos hem como as important as são recebidos
ho escriptorio desta folha — Rua dos Durives, 7 — Rio de
Janeiro.

AS FADAS

Era uma vez uma viuva que tinha duas filhas. Miloca, a mais velha, tanto se parecia com a mãe no genio e nas feições que ver uma era ver a outra. Tão presumidas e desagradáveis eram essas duas creaturas que tornava-se impossivel a convivencia com ellas.

Florinda, a irmã mais moça, tinha sahido mesmo ao pae, pela bondade; era tambem formosa a não poder. Como naturalmente amamos a quem commosco tem pontos de semelhança, essa mãe consagrava immenso amor a sua filha mais velha ao passo que tinha decidida aversão para a bella Florinda a quem obrigava va comer na cozinha e, de continuo, trabalhava com trabalhos pesados e grosseiros. A infeliz tinha, entre outras cousas, de ir, duas vezes por dia, buscar agua a uma fonte distante da casa extensa macho legua e trazer um grande cantaro cheio. Achando se um dia n'essa fonte chegou uma pobre velha que lhe pediu de beber.

«Com muito gosto, mãesinha», disse a bella menina, e, depois de enaguar bem o cantaro, tomou agua no l gar mais limpido da fonte e apresentou-lho, amparando-o para que ella bebesse mais commodamente. Satisfeita a sede, disse a boa mulher: «Minha filha, és tão linda, tão boa e amavel que vou dar-te uma prenda (era uma fada que se tinha transformado em uma pobre aldeã para experimentar o coração da

moça. Dou-te por prenda que, sempre que proferires uma palavra, da tua rosada bocca sahirá ou uma flor ou uma pedra preciosa.»

Quando a formosa menina chegou a casa, a mãe ralbou com ella por se ter demorado muito na fonte.

«Minha mãe me perdõe a demora», disse ella. E, quando proferiu essas palavras, de sua bocca sahiram duas rosas e dois valiosos diamantes. «Que é isto, minha filha?» (Era a primeira vez que a chamava assim.)

A pobre moça contou ingenuamente tudo o que succedera, não sem deitar pela bocca uma infinidade de diamantes. «Com effeito! disse a mãe quero que a minha Miloca vá tambem a fonte. Vem cá, filha; olha o que sae da bocca de tua mãe quando falla. Não estimarias ter a mesma prenda? Vae já buscar agua a fonte, e quando uma pobre velha te apparecer e pedir de beber satisfaz-lhe o pedido com toda a amabilidade. Conte a senhora com isso, respondeu a outra, hei de ir a fonte, pois não! — Quero que vás, e já lhe disse a mãe.

Miloca obedeceu, porém, resmungando. Levou o mais rico frasco de prata, que havia na casa. Apenas chegou a fonte, sabiu da floresta uma dama magnificamente trajada, que lhe pediu de beber. Era a mesma fada que se apresentava a sua irmã; mas, d'esta vez, apparecia sob a figura de uma princeza, para vér a que ponto chegaria a utilidade da rapariga. «Então pensa que vim cá para servir!» Foi

mesmo para obsequi-la que trouxe este frasco de prata: ora se quizer beber, ahí tem a fonte.»

«Obrigada pelo conselho, disse a fada, sem alistar-se; para castigar-te a insolencia eu te dou por prenda que, de cada vez que proferires uma palavra, de tua bocca sahirá uma serpente ou um sapo.»

Apenas sua mãe avistou-a disse-lhe: «Então, filha, então? — Então, minha mãe!» respondeu ella, deitando pela bocca duas viboras e dons sapos. «Misericordia! exclamou a mãe, que vejo?! — E tua mãe a culpada: ba de m'o pagar», e correu a ella para sovala. A moça fugiu para a floresta visinha. O filho do rei, que voltava da caça, vendo a tão linda, quiz saber o que fazia sózinha n'aquelle ermo e porque chorava. «Ai! meu principe, c'o-o porque minha mãe quiz me bater e poz fóra de casa.» E da bocca cabiram-lhe cinco ou seis perolas e outros tantos diamantes. O moço, maravilhado, perguntou d'onde isso lhe vinha. Então ella contou-lhe tudo o que já sabemos.

Doudo de amor, considerando que semelhante prenda era superior ao mais rico dote, levou-a consigo e, depois de apre. ental-a el-rei seu pae, casou com ella.

Quanto a sua irmã, tornou-se tão detestavel que a propria mãe a correu de casa: a desgraçada não encontrando ninguém que a quizesse agasalhar, vagou sózinha, a mingua, pelos bosques onde, dentro em pouco, findaram seus dias.

NINON DE LENCLOS

escarancia da ruga, que jamais osou macular-lhe a epiderme. Já passava dos 80 annos conservava-se jovem e qella, atritando sempre os pedacinhos da sua certidão de baptismo que rasgava á cara do tempo, cuja foice embotava-se sobre sua encantadora physiognomia, sem que a unhas deixasse o menor traço. «Muito verdadeiramente» via-se obrigado a dizer o velho rabugento, como a raposa de Lafontaine diria das aves. Este segredo, que a celebre egoista faceria jamais confiar a quem quer que fosse das pessoas daquelle tempo, descobrio-o o Dr. Lecouteux entre as folhas de um volume de *L'Histoire amoureuse des gaules*, de Bussy-Rabutin, que fez parte da bibliotheca de Voltaire e é actualmente propriedade exclusiva da **PARFUMERIE NINON, MAISON LECOUTEUX, Rue du 4-Septembre, 31 à Paris.**

Esta casa tem-no á disposição das nossas elegantes, sob o nome de **l'ÉRITABLE EAU DE NINON**, assim como as receitas que d'ella provém, por exemplo, e

DUVET DE NINON

pó de arroz especial e refrigerante;
Le Savon Crème de Ninon
especial para o rosto que limpa perfectamente a epiderme mais delicada sem alteral-a.

LAIT DE NINON

que dá alvura deslumbrante ao pescoço e aos hombro
Entre os productos conhecidos e apreciados da **PARFUMERIE NINON** contam-se:

LA POUDE CAPILLAIRE

que faz voltar os cabellos brancos á cor natural
existe em 12 cores;

SEVE SOURCILIERE

que augmenta, engrossa e bruno as pestanas e os superciliaes, ao mesmo tempo que dá vivacidade ao olhar

LA PATE ET LA POUDE MANOERMALE DE NINON

para feura, alvora brilhante das mãos, etc., etc.

Devem sempre e verifisar o nome da casa e o endereço sob o rotulo para evitar as imitações e falsificações

PARFUMERIE EXOTIQUE E. SENET

35, Rue du 4-Septembre, 35, PARIS

MÃO DE PAPA do duque, de principe, por meio da **l'Atte des Prélats**, que embranquece, alisa, assatina a epiderme, impede e destrói as frieiras e as racheas.

UM NARIZ PICADO de pequenas borbulhas ou com cravos torna a recuperar sua brancura primitiva e suas cores lisas por meio do **Anti-Rolbos**, producto sem iguel e muito contrafeito.

CUICAOO COM AS CONTRAFACÇÕES
Para ser bella. encantar todos. olhos deve se servir da **Fleur de Pêche** pó de arroz feito com fructos exóticos.

POUCOS CABELLOS

Fazem ao crescer e corralar empregando-se o **l'Extrait Capillaire des Benedictins du Mont-Majella**, que tambem impede que caiam e que fiquem brancos.

E. SENET, Administrateur, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

NÃO ARRANQUEM MAIS

os dentes estragados, e a cor dos brancos com o **l'Élixir dentifrice des Benedictins du Mont-Majella**.

E. SENET, Administrateur, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

Pastilhas e Xarope de Nafé

DELANGRENIER

excelentes peitoraes contra

.TOSSE. DEFLUXO. BRONCHITE

As Pastilhas de Nafé são verdadeiros confeitos peitoraes de um gosto delicioso. Acalmam as irritações da garganta e do peito.

O Xarope de Nafé, misturado com uma infusão ou com leite quente, forma uma tisana muito calmante e muito agradável.

Essas peitoraes não contém substancia toxica e podem ser administradas com toda a segurança ás CRIANÇAS a muito particularmente contra a COQUELUCHE.

Engilr a marca verdadeira: Delangrenier-Paris

São encontrados em todas as Pharmacias

SUAVIDADE - FRAGRANCIA - DELICADEZA
NOVO PERFUME

LE TREPPE

CAUTELA COM AS IMITAÇÕES

Incarnat

PARIS

PIPIVER



PILULAS DE BLANCARD

APPROVADAS PELA ACADEMIA DE MEDICINA DE PARIS

Resumem todas as Propriedades do IODO e do FERRO.

40
Rua Bonaparte
PARIS



Estas Pilulas são de uma efficacia maravilhosa contra a Anemia, Chlorose e todos os casos em que se trata de combater a Pobreza do Sangu.

CRÈME SIMON

PARA conservar ou dar ao rosto FRESCURA MACIEZA MOCIDADE.



Para proteger a epiderme contra as influencias perniciosas da atmosphera, é indispensavel adoptar para a toilette diaria o **CRÈME SIMON**.

(Os **PÓS** de Arroz **SIMON** e o **SABONETE Crème SIMON**, preparados com glicerina, a sum açõdo benellca é tão evidente que não ha ninguém que o use uma vez que não reconheça as suas grandes virtudes.

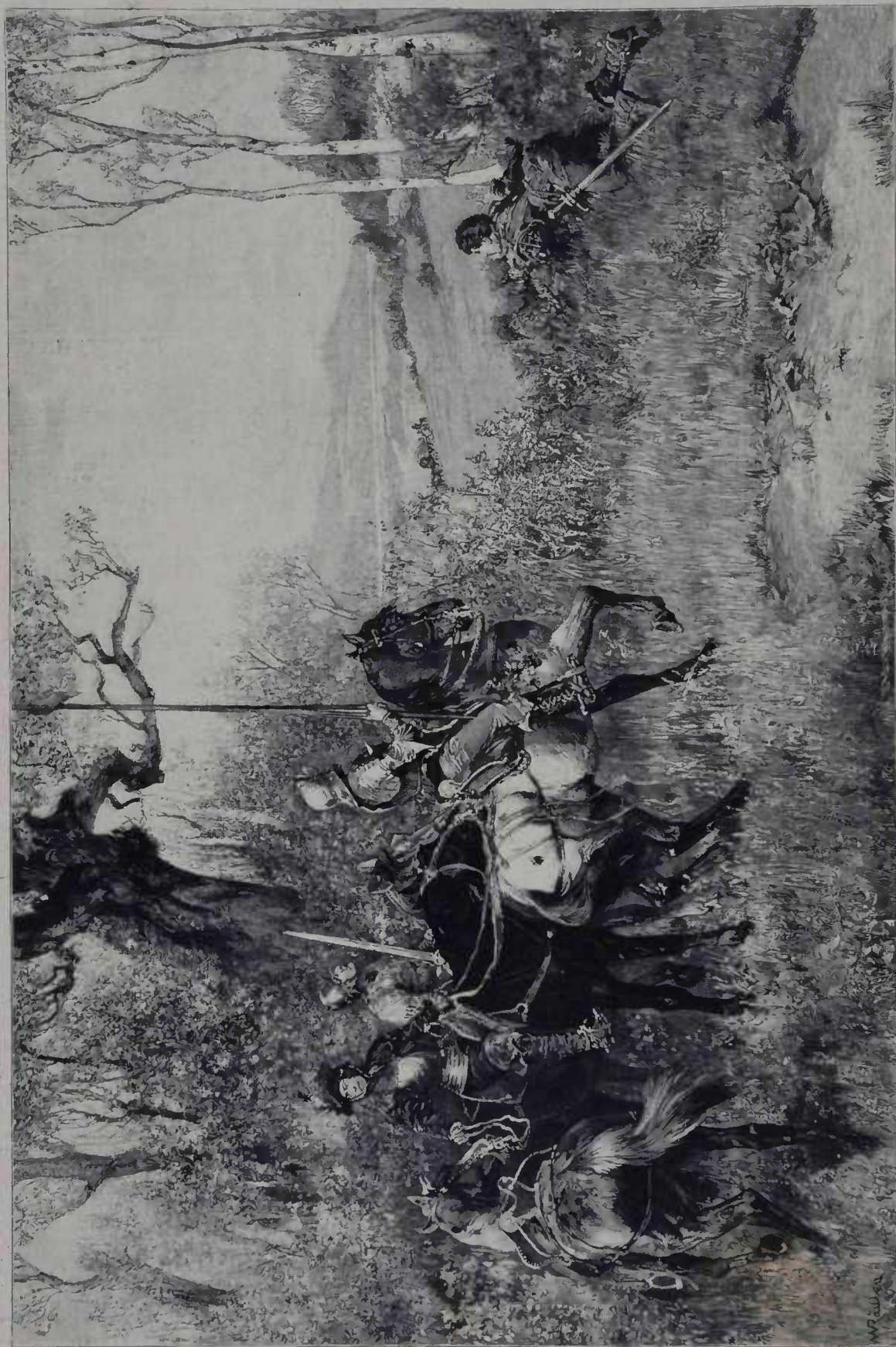
MÉDAILLE D'OR, Paris 1900
J. SIMON, 50, rue de Valenciennes PARIS 10^e
Natal Martin

PHARMACIAS, PARFUMERIAS e lojas de Calzadelleros.

Desconfiar das Imitações.



Doação de mosteiro. Segundo o painel de Ernst Zimmermann.



Bandolero. Segundo o painel de Wilhelm M. Räuber.

CHRONIQUETA

Rio, 22 de Abril de 1902.

As lestas de Tiradentes tiveram hontem um brilho excepcional. Foi collocada a primeira pedra do monumento que vai ser erguido ao proto martyr da nossa independencia no proprio local em que o assassinaram por ordem de D. Maria I, que pagou com a lingua de palmo essa e outras atrocidades.

A natureza concorreu com um hellissimo dia de sol para que as festas fossem dignas daquelle cuja memoria se celebrava.

Quando subiu ao infame patibulo, o alferes mineiro não imaginou, de certo, que naquelle mesmo sitio, onde se erguia a forca da rainha doida, mais tarde se ergueria um monumento que perpetuasse para todo o sempre a memoria do seu patriotismo e do seu martyrio.

Ha muito tempo que essa divida de honra deveria estar paga; mesmo no tempo do imperio houve quem trabalhasse deveras para que se levantasse nesta capital uma estatua a Tiradentes, cuja memoria não deve ser acatada apenas pelos republicanos, mas por todos os brasileiros, em geral, porque o ideal do glorioso inconfidente era livrar a Patria do jugo estrangeiro. Tanto assim que Pedro II, apezar de neto de Maria I, era sympathico á idéa dessa estatua.

*

Tambem foi collocada, ha dias, a primeira pedra do monumento que vai ser erguido, na praça da Gloria, a José Maria da Silva Paranhos, visconde do Rio Branco, e que foi executado em Paris pelo conhecido escultor Felix Charpentier.

Confesso que, por mais bella que seja essa estatua, preferia que fosse obra de um artista nosso, pois que os temos dignos e capazes; mas não importa, e estimo até que o monumento, esculpido no estrangeiro, venha mostrar nos a excellencia da prata de casa, tão desenhada por certos espiritos tacanhos, que só têm applausos para o que vem de fóra.

Folgo de que os brasileiros vão comprehendendo que é preciso glorificar os grandes homens, que concorreram, com o seu talento e com a sua bravura, para o engrandecimento da nossa terra, mesmo porque, só medindo a pequenez dos homens de hoje com a grandeza dos de bontem, nos convenceremos da necessidade de uma renovação geral nos vossos habitos, nos nossos costumes, na nossa educação.

ELOY, O HERÓI.

THEATROS

Rio, 22 de Abril de 1902.

Ainda desta vez repetimos o estribilho das nossas duas ultimas chronicas: nenhuma novidade.

**

Chegou de São Paulo a companhia Silva Pinto, que desta vez foi para o Lucinda, onde já representou o *Tim tim por tim tim*, o *Sino do crematorio*, o *Periquito* e os *Sinos de Corneville*, com a Pepa—ora ahí está quasi uma novidade—no papel de Rosalina.

Segundo nos consta, a companhia Silva Pinto traz no repertorio uma opereta nacional, em 3 actos, *Um caso colonial*, letra de Gomes Cardim, musica de Carlos de Campos. A peça foi representada pela primeira vez em S. Paulo, onde agradou muito.

**

Chegou, tambem de S. Paulo, a companhia Tomha, que amanhã se estreará no Apollo com a opereta *Os granadeiros*, peça com que Invariavelmente aquella companhia enceta os seus espectaculos no Rio de Janeiro.

**

O Recreio annuncia a ultima representação do *Que vadis*, que será substituida pela *Honra*, de Suermann.

**

A pedido do empresario Silva Pinto, o nosso collega Arthur Azevedo está escrevendo uma revista em 5 actos intitulada *Comeu!*

A musica está sendo escripta por Abdon Milanez.

X. Y. Z.

Lembranças de Barcelona

Sob este titulo acaba de fazer uma publicação interessante o Sr. A. Inhofe, grande industrial hollandez. Em vista dos recentes acontecimentos que se tem dado na Hespanha, causou nos profunda impressão a seguinte passagem da brochura do Sr. Inhofe: "... Ha doze annos, achava me em Barcelona acompanhado pelo então consul de Hespanha na Hava e por um abastado industrial de Berlim. Fazia parte do nosso programma a visita a um certo theatro que nos havia sido muito recommendado; pela gente do hotel onde estávamos hospedados. Ficamos, porém, tristemente desapontados pela manelra ingravel pela qual lá se permitia insultar a religião

e pelo modo inauditamente rude com que se movava na representação dos sacerdotes, aos quaes se attribuiam crimes os mais abominaveis. E como as mais obscenas passagens recebiam os maiores applausos, o nosso allemão, não podendo mais conter a sua indignação, começou com toda a força de seus pulmões a fazer algazarra e patear como resposta. O publico applaudia ainda mais, exigindo estrondosamente um *da capo*. Obteve o. A outra consequencia foi que um official da guarda civil se apresentou em nosso camarote, ordenando nos que destiessamos de patear, ou que sabiessimos do theatro. Exactamente no momento em que se cantavam outros infames *couplets*, o hellinez levantou-se poz o chapéo e, com passo firme, sahio do theatro; nós outros seguimos o, para demonstrar nossa indignação. O publico furioso com a nossa conducta, atravava-nos programmas, jornaes e até laranjas, lançando-nos vis improperios. Sabiu tambem o official, o qual nos ameaçou com prisão, caso repetiessimos taes demonstrações. O allemão respondeu-lhe zangado: "Pego-lhe. Senhor, o favor de registrar os nossos nomes logo; pois, em outra occasião hei de fazer ainda mais barulho. Meu nome é L., de Berlim; o consul allemão pôde dar-lhe todas as informações sobre o meu caracter e a minha posição social; porém exijo que escreva adiante do meu nome a palavra *protestante*, pois o sou." O official mostrou-se embaraçado. Mas o allemão continuou: "Tome o senhor o meu nome e ajunte ainda esta observação em lembrança de mim: o mesmo povo ao qual vós auctoridades cegas, estaes ensinando a devassidão e a immoralidade, ha de levantar-se contra vós dentro de poucos annos, e então vós, que agora ensinaes a bherinagem, haveis de fuzilal-o em massa!"

Bom profeta aquelle industrial bernez!

DENTES ARTIFICIAES

A. F. de Sá Rego

ESPECIALISTA

Rua Gonçalves Dias N. 1 Praia de Botafogo N. 212

Tonico Vegetal Restaurador dos Cabellos

Depois de ter usado de todos os tonicos para a cabeça que é será apreciado este. Ao necaso encontrou-se esta receita, e descoberta do indio Carijó no anno de 1793. A venda nas casas de perfumarias e pharmacias do Brasil, depositario: ANTONIO CARLOS MADEIRA — Vidro 4000. Rio de Janeiro.



UM SO'

vidro de Lugolina pôde curar as molestias recentes ou promover grandes melhoras nas antigas, porque logo ás primeiras applicações produz effeito, estabelecendo nesta fórma a confiança neste maravilhoso remedio, que não só no Brazil como na Europa tem obtido o maior successo que é possível obter um medicamento.

A Lugolina do Dr. Eduardo França é o unico remedio brasileiro que tem tido as honras de ser adoptado na Europa, obtendo os maiores elogios de medicos e hospitaes, não só pela sua efficacia, como porque é um remedio que, logo as primeiras applicações, produz effeito benéfico, não sendo como tantos outros que necessitam um uso prolongado para um resultado problematico.

A Lugolina não tem os inconvenientes das po-maças e unguentos, porque é liquida, sem gordura, sem cheiro, não suja o corpo nem as roupas e cura todas as molestias da pelle, feridas, ulceras, frieiras, hrotocjas, comichões, suor fetido dos pés e do sovaco, manchas da pelle, espinhas, caspa, queda dos cabellos, queimaduras, empigens, assaduras das coxas, sarnas, tinha, boubas, golpes e qualquer erupção ou manifestação na pelle.

AS SENHORAS

que fizerem uso da Lugolina em Injecção podem estar absolutamente seguras de evitar qualquer molestia uterina e obter a cura das variadas pequenaa affecções que tanto as incommodam e que deixam muitas vezes de tratar porque o seu pudor as impede de se sujeitarem a exame medico.

A Lugolina, para o uso de injeções nas senhoras, deve ser na proporção de uma colher de chá para meio litro d'agua morna, pela manhã e a noite.

A Lugolina vende-se em todas as pharmacias e drogarias. Depositarios: no Brazil—Araujo Freitas & C., ruas dos Ourives n. 114 e S. Pedro 93. Na Europa—Carlo Erba—Milão, Prep. 30000.

COQUELUCHE

Ilm. Sr. SERVULO GENOFRE, *distinido pharmaceutico*—Nesta

Tenho o prazer de communicar-lhe que os seus preparados Xarope e Elixir contra a coqueluche deram excellent resultado em meus filhos, estando todos restabelecidos.

Com muitos agradecimentos me subscrevo collega e amigo obrig. Dr. Brazilio Gomes.

Encontra-se na rua S. João, 169.—S. Paulo. Silva Araujo & C., rua 1.º de Março, 3. Rio. Rua D. Anna Nery, 110.

Xarope Peitoral de Angico Composto

PREPARADO COM A DECATANDA GOMMA DE ANGICO DO PARA' E ALIATRÃO DA NORUEGA

Este antigo e afamado xarope cura em poucos dias as tosses mais rebeldes, as bronchites mais antigas, as astmas mais incommodativas, as rouquidos mais pertinazes, as coqueluches mais espasmodicas e as constipações mais chronicas.

PREPARA SE NA 103, RUA DA URUGUAYANA, 103 PHARMACIA BRAGANTINA

PERFUMARIAS

Preços baratissimos

Para o cabelo: Agua do quinta tonico glycerinado 18, 18500, 38, litro 48500. Oleo legitimo de coco quindado 14, dita de habosa 18. Inções extra perfumadas 18, 21, litro 48500. Tonico oriental 18500. Oleo finissimo em estor 28. Para dentes: Pastas de lyrio glicerinada, pote 18 e 18500. Pós dentifricios hygienicos 18, elixir dentifricio 28500. Para toilette: Agua de colonia extra 18, 28, litro 48500, agua florida 500, 800, e 28 brilhantinas 18500, pó de arroz finissimo 18 e 18500, veloutino 28. Barras de sabonetes, pura glicerina, glicerina e aliatrão, amendoa, e de cores 18 e 18500; sabonete do alfaca 18 e muitas outras qualidades. Extractos superiores, cosméticos. Loção Acacia especifico contra a queda dos cabellos e caspa a 48000 etc., etc. 67, Rua Sete de Setembro, 67.—Junto á Fabrica de Chocolate

AVISO ÀS SENHORAS.
O'APIOL Dos D's
JORET-HOMOLLE
CURA AS DORES OS ATRASOS A SUPPRESSÃO DE REGRAS
DEPOSES GERAL
Ph. G. SEGUIN, PARIS
165, Rue St-Honoré, 165
E EM TODAS PH'S E DROGS

Musica Moderna PARA PIANO

- Madrigal Pavane — Francisco Braga..... 28000
- Marionettes — Francisco Braga..... 18500
- Minuetto — Francisco Braga..... 18500
- Valsas**
- Das-me tem coração? — Aurelio Cavalcante. 18500
- Syrtes — Carlos Teixeira de Carvalho..... 18500
- Os olhos de Ceceza — Carlos Teixeira de Carvalho..... 18000
- Lolota — Carlos Teixeira de Carvalho.... 18500
- Schottisches**
- Rio Grandense — Azevedo Lemos..... 18500
- Calendulas — Ubaldino Soares..... 18500
- Incuasavel — Aurelio Cavalcante..... 18500
- Edita — Carlos Teixeira de Carvalho..... 18500
- Folkas**
- Deixe dançar a menina — Carlos Teixeira de Carvalho..... 18000
- Previsio fallar-te... — Amilto Sans..... 18500
- Ouvidoras — Carlos Teixeira de Carvalho. 18000
- 1902 — Nicolino Milano..... 18000
- Para piano e canto**
- Storia Mesta, ballada — E. Borgangino... 28500
- O Salutaris — Arnaud Gouvêa..... 28000
- O Salutaris — Abdon Milanez..... 28000

A VENDA EM CASA DOS EDITORES
VIEIRA MACHADO & C.
Deposito exclusivo dos celebres pianos de JULIUS FERRICH
51, Rua dos Ourives, 51

FIVE O' CLOCK

DO NATURAL

(Grande salão de Mme. Bénébette, às 4 horas e meia da tarde: mobília de luxo. Tocam a campainha e a criada de quarto anuncia a condessa de THYLA.)

— Como estás, cara Bénébette?
— Bem, obrigada, condessinha; e tu?
— Menos mal: o meu Lulu é que está atacado de grippe... Das licenças? Sinto calor no teu salão...
A condessa larga o seu regalo, desaparece a pella, levanta e vê para cima do chapéu, dando uma olhadela de soslaio ao espelho a ver se ainda se lhe encontra no meio da testa aquelle embrilho caracol de cabelo que lhe está sempre a cair para a banda. Um gatinho de cabeça: tu, tac, lá está! Desculpas sim?

— A ventude, condessa.
— E' que faz lá fora um frio de rachar... um frio secco, que penetra os ossos... e então entrando aqui sente-se mais o calor.
— Mas não será nada. Deu-lhe para passear e... sabes eu mesma e para me arranjar a licença, juro que teira juro, mas voltou me a casa de noite e me lhado como uma sopa. Ai rapazes, rapazes! Pobre de quem os atura!
— Rapazes, rapazes... E então as raparigas!
— Isso é verdade... também são levadinhas da breca!
— Afinal de contas, sabes? gosto mais de rapazes.
— Também digo que sim.

(Entram outras damas: os mesmos meninos, a mesma olhadela ao espelho, as mesmas perguntas e respostas com as variantes competentes: em logar de Lulu é Zézé, Yoyo, Marieta e Annita, etc.)
A criada traz o chá, tira dum vão de janella a mesa elástica, desdobra-a e põe uma mesinha deante de cada senhora.)

— Sempre o teu chá tem um perfume?... (estallido de torradas que se vão trincando.)
— Está-me a parecer que Mme. d'Aubépine vem tomar o chá quando estiver frio.
(Todos quasi á uma) A d'Aubépine vem hoje?
— Já sabem porque é que ella anda fugida das salvas? A ver si advinham, vamos, em tres laços... em dez... em cem...
(O ruído das torradas cessa, os lhibos fitam-se na dama, e todas se inclinam para ouvirem a novidade.)

— Então não advinhámos?
— Vamos, diz não si tenshas em tortura.
— Pois saibam que d'Aubépine deu-se a politica!

(T'as scandalizadas.) Isso é lá possível!
— Juro-vos que é um facto (estende a mão meio eulvada sobre o assucareiro.) A tal meninha esta lá... zen... do politica. Nem mais nem menos. E não é só fallar em pratica, como as vezes fallamos para desfructar algum politico e fazel o dar cavaco... Não; senhor; d'Aubépine est: uma politica a valer... e politica reac... não quero acabar.
— Dize, vamos, dize tudo.

— A semana passada fui visital a no seu dia do costume. Lembiaes vos daquella embe-seja japoneza tão linda, tão chic, como ella a tinha dentes, que era mesmo um brin' unho?... Pois, minhas ricas, estava abarrotada de pacotes, brochuras, annuncios, sobrescriptos (por signal com direcções bem plebéas), embrulhos, etc., etc. Não fazem ideia!

E no meio daquella trapalhada umas rapariguinhas a entrar, outras a sair. Enfim aquillo parecia armazem de merceiro. O fallar então era de escan-galhar de riso. «Cuidado... Não se jerca nem uoua caita. As direcções erradas tragom m'as cá para as reformar. Olhem que no dia 4 de Fevereiro expira o prazo das reclamações electoraes. Eu já descobri entre as listas governamentaes um morto e por signal, desta mesma casa. Cuidado!»

— O que? O que? d'Aubépine descobriu um morto?
— Quantas outras coisas terá ella descoberto! Querem saber como ella me recebeu? no meio do salão... a olhar para o relógio e a esfregar as mãos como em dia de mudança de casa; enfim como quem não queria perder tempo com visitas.
Ora vejam lá no que veio a parar a linda condessinha d'Aubépine que dançava la berlina que era mesmo um encanto.

— Mal empregada!
— Dançava bem: mas, não lhe chames linda que o não é... ainda que... sim... lá um não sei que de gracioso... isso tinha.
— E o marido?
— Ora... como todos... pelo beijo, minha rica... pelo beijo...
(A dona da casa) Para onde querem que vamos agora? Querem mais chá.
— Obrigada... ainda o vou tomar com os Kshn. e depois com os de Vassy... e então á «soirée» (Ataca as luvras e juxa o vco.—Toque de campainha.)

M-e. Aubépine (baixinha mas esvelta, vestida com simplicidade e elegancia, avança com todo o ceo e baço, sacudindo a um lado e a outro, e recebe-a com expressão de alegria maliciosa.) Obrigada, querida Bénébette.

— Ora, graças a Deus que te vemos, cara e n-dessa! Foi uma verdadeira surpresa... Ha certo tempo que te fazes mais rara do que os melros brancos.
— Bondade vossa, minhas amigas, obrigada.
— Mas (lha que e verdade!) ja ninguem te p-e e s clics em cima.
— Pois eu não bastante!
— Por onde andaras tu então? Olha, todo este mez andei pelo Boulevard, pelo Faubourg, pela Plaine-Monceau, e não foi possível ver-te n'uma sala.
— Pois olha, minha, si tivesses apparecido na Liga, na papellaria ou nas administrações, davas logo comigo.
— Mas que Liga é essa?
— Ora, qual ha de ser! A das mulheres francezas.

(M-me. de Thyla, com um gesto de suprema ignorancia.)
Querida Izabel, das-me dahi uma chavena de cba? Trago a garganta secca de discutir meia hora com um cchador de annuncios.
— Vés? Vés dar cabo da saude!
— Isso sim! Mas do que eu, trabalha para abi qualquer mulhersinha.
— Que comparação!
— E' certo... Ha dois mezes que me dei a considerar o muito que e preciso trabalhar... e estou espantada... percebes? espantada do tempo que tenho peruido... (uma pedrinha de assucar só... em toilettes, em vestidos... pelas salas, pel s saraus, pelos theatros... (obrigada, sem leite.) E a dizerein que a França morre de maç natural... E' falso, que-ndinha... more mas é da nossa pieguica, das nosas cengueges e frivoleiras, e do nosso egoismo melindroso e impertigado...
Uma vozinha profundamente ironica:
At' ainda bem que vais salvar a patria!

— Minha querida, por minha parte, farei o que puder... O que eu queria era que me auxiliassem!
Todas (com voz de protesto) Isso não! Mettermos em politica! Arrreda!

M-me. d'Aubépine (renas e os protestos e os histinhos) Quando o navio mette aqua, todos es pas sagetos do a bomba. Olhem como as Inglezas, ha bons trinta annos, se metteram na vida publica de seus paes, marid s e irmãos! Si lá o terreno eleitoral não deceu como o nosso, a ellas se deve Minhas amigas, quem se não importa com os negocios publicos, não tem direito de se queixar! Fora com a politica, dizeis vos mas a politica hoje é a liberdade de consciencia e de ensino para os nossos filhos, é a paz ou a guerra; são os nossos mesmos interesses materiaes e a nossa reputação lá fora. Parece vos pouco? A mim não; a mim, a mim commove-me, e por signal nada esta chavena, com vossa licença retro-me. Olhem que já lá vão 10 francos de castragem.
— Oh! Que hzeste da tua?

— Suppndi a este anno, Sempre são dez mil francos mais a minha disposição; (gest s scandalizadas das senhoras.)
— Irei até ao enxergão, se for preciso.
— Isso e exaggeração!
— Que queites, minhas ricas? Tem se exaggerado tanto do outro lado? E depois... as causas que triumpham são as que tem exaggerações destas... Adeus, queridas amigas. (Cae o reposteiro.)
Todas: Esta doidal... Mal empregada rapariga...
M-me. d'Aubépine, (descendo as escadas.) Chuchem-me la esse tebuçado, cabecinhas de vento!

Esta scena foi traçada do natural pelo *Credo* e aqui venada pelo *Novo Mensageiro*, do Porto, para Portugal.

Aqui tambem e bom localizar a scena, onde ainda não laltam de todo as cabecinhas de vento.

Anthologia

O cavallo e o veado

SCENA CONTEMPORANEA

Num ridente, ameno prado,
Um cavallo pastava e um veado;
O veado era rei e rei anoso.
O cavallo bello, so,
Farto de paz amiga,
Quiz ser independente e poz se em biga;
Mas o servo veoz,
Indignado e feroz,
Na ilha de rebelde os galhos mette.
E para defender se o accoente.

E uo curvado dorso o cavalheiro,
Eil o armado guerreiro,
Sonhando só victorias,
Loiros, trophéus, immerredouras glorias!
A essa vista attonito o veado
Fugir tenta e... na fuga é derrotado!
Triumphante o cavallo vencedor,
Penhorado agradece ao «Benefitor».
Mas este sem rodeio,
Declara-lhe que o freio
Não sabirá da bocca:
Cbeça as esporas e o cavallo toca!
Leitor, não te direi
Qual do homem o nome, qual do rei.
Mas o cavallo,
Uns dizem que é Cubano, outros Tégalo.

H. RACIO.

A palavra «Gaúcho»

Gaúcho, era o nome de uma das tribus indigenas da mesma provincia, em tudo semelhante aos indios charmas, minianos, varos, tapese puelches, que hoje habitam a Patagonia, que erravam nos tempos da conquista pelas regiões platinas e do Rio Grande do Sul.

Estas tribus tornaram se notaveis pela destresa com que faziam uso do cavallo, tornando o cooperador da maior parte dos seus movimentos e pela temeridade.

Deitados no dorso do cavallo occultavam-se do inimigo para ataca-lo de improviso á lança e á baliadeira.

Sobre o dorso do animal, montados em leitadas, percorriam as mais longiquas regiões, vencendo os obstaculos e atravessando a nado os grandes rios.

Fizeram-se temer pelos conquistadores hespanhóes, dos primeiros tempos.
Forçados pela lei da necessidade os primeiros povoadores das regiões platinas e rio grande levavam uma vida nomade e um tanto semelhante em habitos a essas tribus.

Devido a esta analogia nas campinas d Prata e do Rio Grande, o camponez valeroso, franco sincero e leal se denominou gaúcho; e como o gaúcho reúne estas grandes qualidades, tanto no Prata como no Rio Grande, tornou se esta palavra o maior titulo de honra.

C. JACQUES.

Ao plenilunio

A UMA LOURA, DE VESTIDO BRANCO

Vede-a. Que encanto e que belleza encerra
Quando alitta, e arrojante a Loura passa
Que cillar divino e casto que trespassa
O peito de quem nunca amou na terra!
Que bendita mulher, cheia de graça!
Nunca outra assim formosa e pura tovera!
Nolga! vede dos seus olhos em
A vista absorta d'essa popalga...
Gosto de vel-a tema e carinhosa
Risonha e crente, crente e graciosa
Branca ao pallor da Lúa esmaescida
De branco a Loura vem, E receioso
Eu vou seguindo-a E sinto venturoso
No vestido da Loura presa a vida.

OSCAR RAMOS.

Porto Alegre, 1907.

MOLDES

Para o presente numero offerecemos:
N. 15 — Paletó sacco..... 15000
N. 4 — Capa..... 15000
N. 21 — Sua..... 15000

Pelo carrinho mais 100 reis para o primeiro molde e 200 reis para cada um dos que se seguirem.

ENXOVAES PARA RECEM NASCIDOS

3500
criado,
cons-

Augusto Severo

(A MEMRIA RESPECTABILISSIMA DO ILLUSTRE MARTYR DA SCIENCIA)

Azas ao vento, pelo azul espaço,
Sincrando os ares,—marinheiro ousado!
A Gloria abriu te o templo sublimado,
A ti que ao vento não cedeste o passo!

Azul em fóra... sem temer fracasso,
Enaltecendo o teu Brasil amado,
Legaste a vida ao caprichoso fado...
Azas ao vento, pelo azul espaço!

E mesmo quando o «signo» pavilhão
Soltaste lá da altura desmedida,
Trahiu-te a sorte, atroz desillusão!

Seja! Ao menos, ó alma estremeçada!
Teias de um Povo o grato coração
E em cada coração eterna vida!

ARTHUR DE CASTRO.

Campinho, 13-5-902.

OFFÊGO SONOROSO

Uma formosa virgem loira cujo offêgo é tremulo e sonoro como um gongôrio.

Tens no peito instrumento em que des-firas
Maviosos sons de suave melodia,
Pois cada vez que languida respiras
Um tremulo canoro se irradia.

Ha notas de tão mystica harmonia
Em tua bocca quando o ar aspiras,
Que quem te ouviisse respirar diria
Que és um cofre de harpas ou de lyras.

Eu não sei que mysterio singular
Se occulta nessa doce e brando arfar
Feito de sons que luzem como auroras.

Não ba collo de virgem que o pressua
E' uma magia propria, que é só tua
Cantar, arfando, musicas sonoras

OSCAR D'ÁLVA.

O LOUCO DA ITAPUCA

—Morro! Morre connigo o meu segredo,
— Maior goso, suprema desventura —
Que mergulhou minh'alma ardente e pura
Do anceo sensual no abysmo tredo!

Cedo perdi a minha fé! Bem cedo
Vi quanto vale a terreal ternura!...
Noivas!... A minha noiva foi perjura!...
Maldição! Maldição! Remorso! Medo!

Beijos! Não me sois goso; sois tormento!
Mulher! E's santa? És Satanaz furioso!
Amor! Que és tu? Feroz zelo cruento!

Deus! Porque amei sincero e descuidoso?
Ah! Dai-me antes da morte o esquecimento...
Dormir... sem sonho! E' isso a morte? Oh goso!...

Niteroy— 1902.

A. AZAMOR.



Premios aos nossos assignantes

Qualquer assignante que dirigir se ou mandar a redacção do nosso jornal A Estação, á Rua dos Ourives, 7, receberá em troca da insignificante quantia de Rs. 25000 um Tratado sobre o Ensino do Corte das vestes de ambos os sexos por Agda, 1 vol. nitidamente impresso com gravuras intercaladas no texto e elegantemente encadernado em percaline. O seu valor real é de Rs. 45000.

Pelo correio Rs. 28500.
Para julgarem do valor da nossa offerta é bastante a leitura da apreciação abaixo:
«Poucas vezes tenho tido o prazer de examinar livrinho didactico mais util do que o Tratado de Corte — 1.ª parte dos trabalhos manuaes por Agda.

Em algumas dezenas de paginas, claras, despreziosas e quasi sempre methodicas, esse opusculo condensa o essencial sobre um dos mais interessantes capitulos da economia domestica, assumpto que julgo deve ser o elemento moralizador da familia brasileira.

A critica severa e emendadora aponta lacunas e incorrecções; prefiro tributar-lhe sinceros louvores.

E o faço por duas razões: 1.ª esta obra sob uma fórma singela e modestissima contribui para grande mente para a educação das nossas futuras donas de casa; 2.ª porque é o primeiro trabalho, deste genero, escripto propositalmente para as nossas escolas primarias.

Acceite, portanto, a distincta autora os cordiaes applausos do

avelhantado mestre escola
MENEZES VIEIRA.



A "PHOSPHATINA FALIÈRES" é o mais sanoroso e o mais recommendado alimento para crianças desde a idade de 6 a 7 mezes, principalmente quando começam a ser desmamadas e no periodo de crescimento. Facilita a digestão e concorre para boa formação dos ossos.
PARIS, AVENUE VICTORIA Nº 6 E NAS PHARMACIAS



Advertisement for L'Étrefle Incarnat. Text: SUAVIDADE — FRAGRANCIA — DELICADEZA, NOVO PERFUME, CAUTELA COM AS IMITACÕES, PARIS. Image of a perfume bottle.

Advertisement for Pilulas de Blancard. Text: APPROVADAS PELA ACADEMIA DE MEDICINA DE PARIS, Resumem todas as Propriedades do IODO e do FERRO, 40 Rua Bonaparte PARIS. Image of a pill box and children.

Advertisement for Vichy-État. Text: VICHY-ÉTAT, VICHY-HOPITAL, Molestias do Estomago e do Intestino, VICHY GRANDE-GRILLE, Molestias do Fígado e do Apparelho biliar, VICHY-CELESTINS, Molestias dos Rins e da Bexiga, Gottas, Diabetes. AO RECEITAR ESPECIFIQUEM BEM O NOME. PASTILLES VICHY-ÉTAT, COMPRIMÉS VICHY-ÉTAT.

A Djalma

Tudo é silencio! A brisa é saturada
Do perfume suave de mil flores.
E' a hora tristissima, encantada,
Dos prantos, da saudade e dos amores!

No seu modesto leito perfumoso
Depois de ter beijado um relicario
Que é o retrato de um ser idolatrado,
Ella relê, saudosa, o seu «diario.»

Composto de missivas perfumosas
Que elle lhe envia amiudadamente.
N'algumas ha mil phrases carinhosas,
N'outras a raiva rugo cruelmente.

Então começa a luta amargurada,
Da razão poderosa contra o amor.
Ella tenta dormir; mas agitada
Parece ouvir a voz d'um trovador!

Pois existe entre nós uma barreira
Que eu não ousou transpor, querida Stella!
Lança ao olvido essa illusão faguicira,
Esquece as maguas que nasceram d'ella!

Bem sei que o teu amor é assaz ardente;
Mas não ha dôr que dure eternamente!

STELLA

Eu bem tinha o cruel presentimento
De que este amor não era mais que um sonho,
De tal magia, tal deslumbramento
Que o despertar devia ser medonho!

Cruel! Em troca de um amor ardente
Vens inflingir-me a mais atroz das dôres!
Dizes-me que te esqueça eternamente?!
— Ah! Nunca amaste nem tiveste amores!...

AMELIA ALVES.

1902 — Niteroy.

A' mulher, com um sorriso inextinguivel:
— Não, meu querido! Não acho, porque sempre
te conheci assim...

Entre casados, depois de uma briga:
— Eu, do que tenho pena, sobretudo, minha
querida, é d'aquelle prato que te atrei á casa.
— Oh! eu tambem... porque assim ficou a duzia
Incompleta...

Os musicos de Luiz XIV executavam um dia o
Miserere, de Sully. Como o rei se achava de joelhos,
todos os presentes foram forçados a imital-o. A cere-
monia durou muito tempo, e, por fim, o rei perguntou
ao conde de Grammont:

— Que lhe parece esta musica, meu conde?
— Muito suave para o ouvido, meu senhor, mas
durissima para os joelhos.

— Emprista-me um lapis; Póvoas?
— Não tenho, tenho pena.



No mercado „Nnasmrkt“ de Vienna de Austria. Segundo o desenho original de W. Gause.

Então salta do leito; e, de repente
Abre a janella em frente do jardim;
E diz fitando a lua, tristemente:
Acaso elle estará pensando em mim?

Vendo uma estrella bella, fulgurante,
No azul do ceu, esplendida brilhante.
Perguntou-lhe: «O' sublime dia rante!
Acaso elle está também velando?»

Perguntou, contemplando as bellas flores:
O' magnolia pura, immaculada!
Dize se elle por mim arde em amores
Como eu sinto por elle a alma abrazada?

« O' mar! O' meu espelho prateado!
Dize, em segredo, nesta solidade,
Si elle já tem por mim tambem chorado
Como eu por elle choro, de saudade?»

ELLE

Eu tambem penso em ti, querida Stella!
E contemplando o ceu, triste e saudoso,
A' luz da lua merencória e bella
Julgo ver o teu vulto gracioso.

Eu tambem tenho dias de amargura!
Tenho noites de insomna e de saudade!
Mas este amor foi mais do que loucura:
Foi um meu sonho, uma fatalidade!

Perdôa

Perdôa o mal que te causei. Perdôa,
que bem me punge o coração ferido
o remorso de haver, um dia, sido
tão mau assim, quando tu és tão boa.

« Mau que tu foste! Um coração vencido,
como o meu, meu amor, não se magôa,
suspeitando siquer que elle atraçôa
o grande affecto de que tem vivido.»

Assim disseste, meigamente triste,
quando outra vez o meu olhar tu viste
no teu perdido olhar extasiado.

Perdôa. Mas fique em paga, no entretanto,
do mal que te causei, por te amar tanto,
o mal que o teu amor me tem causado.

Porto Alegre—1901.

PETRONIO II.

MOSAICO

O Lamego, dirigindo-se á esposa, em tum cari-
boso:
— Não achas, minha querida mulherzinha, que
eu estou me tornando leco, estúpido, saudeu?...

— Então dá cá a penna.
— Tenho pena de não ter lapis.

Em que se parece o esgotar de um poço com o
trabalho sem productivo?
Porque se faz de balde.

CHRONIQUETA

Rio, 24 de Maio de 1902.

Nem o incidente do Acre, nem o arrendamento
da Estrada do Ferro Minas e Rio, nem o terremoto
da Martinica, nem a agitação politica da mãe patria
tiveram neste paiz a repercussão que teve o desas-
toso fallecimento de Augusto Severo, arrojado no
espaço de uma altura de 450 metros.

Já se passaram muitos dias depois da triste noti-
cia de tão lutooso acontecimento, e a terrivel impressão
que elle causou perdura ainda em todos os espiritos,
e ainda commove todos os corações.

O arrojado aeronauta brasileiro, que tanta con-
fiança tinha na experiencia decisiva do seu balão,
conquistou pelo menos, um nome na historia da nave-
gação aerea, nome que se tornará maior ainda, se
novas experiencias se succedem que demonstrem,



Castello des Borgias. Segundo o desenho original de M. Zeno Diemer.

como espero, que elle descobriha a dirigibilidade dos balões.

As leitoras da *Estação* lembram-se, talvez, que nestas mesmas columnas eu me pronunciei em favor de Augusto Severo, enquanto outros jornalistas ridiculizavam impensadamente o seu sonho e sua audacia.

Essa confiança não foi desfeita, porque a noticia das primeiras experiencias de Augusto Severo não poderiam ser mais admiradoras. O seu balão tinha sido tomado a serio; e esperava-se um triumpho, e um triumpho seria, se a fatalidade não destruisse em alguns minutos o sonho de uma mocidade inteira.

A febre amarella, que nos favoreceu com a sua ausencia durante os mezes terriveis da canicula, surgiu violenta agora, com as primeiras viceltas, neste rissonho mez de Maria e das flores.

A mais interessante das suas ultimas victimas foi o pintor italiano Benjamin Parlagrecco, que ha alguns annos residia no Brasil, onde contava muitos amigos e admiradores sinceros.

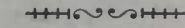
Na ultima exposiçao da Escola Nacional de Bellas Artes os trabalhos de Parlagrecco haviam sido especialmente notados. Quando elle aqui chegou, não era ainda um artista completo, se bem que singularmente preparado; mas a nossa natureza, que elle comprehendeu e amou, deu-lhe o que lhe faltava. Elle familiarizou-se com ella, mas não a ponto de se tornar, como tantos, um simples copista das coisas: nas suas ultimas telas havia individualidade, physionomia propria, alguma coisa do abstracto, do fluido que só se encontra nos pinceis privilegiados.

Benjamin Parlagrecco não era o nosso melhor pintor, mas era, talvez, o nosso pintor de mais futuro. A sua morte foi tambem um desastre.

Ha muito tempo não digo nada, nas minhas chroniquetas, dos livros novos: a nossa produçao litteraria tem sido abundante, mas inferior.

Hoje, tenho, felizmente occasiao de recomendar ás leitoras tres livros recentemente publicados: *Chavann*, romance de Graça Aranha, *Rosa de amor*, poema de Vicente de Carvalho, e a ediçao definitiva das poesias de Otavo Bilac,—tres livros que ficam.

ELOY, O HERÓE.



THEATROS

Rio, 24 de Maio de 1902.

A maior novidade dos nossos theatros é a primeira representaçao da opera-comica em 3 actos *Um caso colonial*, letra do Dr. Gomes Cardim, musica do Dr. Carlos de Campos, ambos advogados em São Paulo.

O libretto é fraco, tem pouca açao e a parte comica é quasi nulla; o seu merito consiste exclusivamente em ser uma reconstituçao pittoresca da vida paulista do seculo XVII.

A musica é lindissima, e nos pareceu muito bem feita. O Dr. Carlos de Campos é um compositor de primeira ordem, que será uma gloria da arte brasileira, se não deixar estiolar, como tantos outros, no meio dos papeis não satisfaz completamente que se possa citar com louvor, e não seja o Machado, que seria, se fosse o primeiro comico.

Na parte cantada distingue-se a atriz Medina de Souza.

A orchestra do Lucinda conta alguns bons professores, mas é incompleta. A partitura de *Um caso colonial* merecia uma boa orchestra e um bom corpo de cântor. Ainda assim, o effeito, da musica é soberbo.

O publico applaudiu calorosamente.

Oa espectaculos da companhia Tomba foram interrompidos pela morte do empresario, que succumbiu á febre amarella.

Esse facto contristou a todos quantos conheciam o velho Raphael Tomba, que contava muitas amizades no Rio de Janeiro.

No Recreio cessaram as representações da *Ilonra*. A empresa annuncia para a proxima semana a primeira representaçao da comedia *O mais feiz dos tres*.

No Lucinda continúa em ensaios a revista *Comeml* do nosso collega Arthur Azevedo, musica de Abdon Millanez.

X. Y. Z.

Xarope Peitoral de Angico Composto

PREPARADO COM A RECANTADA
COMMA DE ANGICO LO PARA' E ALCATRÃO DA NORUEGA

Este antigo e afamado xarope cura em poucos dias as toases mais rebeldes, as bronchites mais antigas, as asthmas mais incommodativas, as rouquidões mais pertinazes, as coqueluches mais espasmodicas e as constipações mais chronicas.

PREPARA SE NA 103, RUA DA URUGUAYANA, 103
PHARMACIA BRAGANTINA

A'S GRANDES OCCASIOES

Casa especial de artigos de occasiao, onde o publico encontra sempre grande variedade de artigos de todo o genero, em exposiçao no vastissimo armazem, 1.º e 2.º andares rua do Rosario n. 135.

DENTES ARTIFICIAES

A. F. de Sá Rego

ESPECIALISTA

Rua Gonçalves Dias N. 1 Praia de Botafogo N. 122

PERFUMARIAS

Preços baratissimos

Para o cabelo: Agua do quina tonica glicerinada a 19. 15000. 38, litro 45000. Oleo legitimo de eóco quinado 15, dito de bahosa 15. loções extra perfumadas 18, 28, litro 40000. Tonico oriental 15000. Oleo finissimo em estajo 28. Para dentes: Pastas de lyrio glicerinada, pote 15 e 15000. Pós dentifricios hygienicos 18, elixir dentifricio 28000. Para toilette: Agua de colonia extra 15, 28, litro 40000, agua florida 500, 800, e 25 brillantinas 1500, pó de arroz finissimo 15 e 18000, veloutino 28. Barras de saboetes, pura glicerina, glicerina e alcatrão, amendoas, e do cores 18 e 15000; saboete de alfaca 19 e muitas outras qualidades. Extractos superiores, cosmeticos. Loção Acaçia especifico contra a queda dos cabellos e caspa a 48000 etc., etc.

67, Rua Seto de Setembro, 67.—Junto á Fabrica de Chocolate



UM SO'

vidro de Lugolina póde curar as molestias recentes ou promover grandes melhoras nas antigas, porque logo ás primeiras applicações produz effeito, estabelecendo nesta forma a confiança neste maravilhoso remedio, que não só no Brazil como na Europa tem obtido o maior successo que é possivel obter um medicamento.

A Lugolina do Dr. Eduardo França é o unico remedio brasileiro que tem tido as honras de ser adoptado na Europa, obtendo os maiores elogios de medicos, e hospitaes, não só pela sua effiacia, como porque é um remedio que, logo as primeiras applicações, produz effeito benéfico, não sendo como tantos outros que necessitam um uso prolongado para um resultado problematico.

A Lugolina não tem os inconvenientes das pomagás e unguentos, porque é liquida, sem gordura, sem cheiro, não suja o corpo nem as roupas e cura todas as molestias da pelle, feridas, ulceras, frielras, brotoejas, comichões, suor fetido dos pés e do sovaco, manchas da pelle, espinhas, caspa, queda dos cabellos, queimaduras, empigens, assaduras das coxas, sarnas, tinha, boubas, golpes e qualquer erupçao ou manifestação na pelle.

AS SENHORAS

que fizerem uso da Lugolins em injeccao podem estar absolutamente seguras de evitar qualquer molestia uterina e obter a cura das variadas pequenas affecções que tanto as incommodam e que deixam muitas vezes de tratar porque o seu pudor as impede de se sujeitarem a exame medico.

A Lugolina, para o uso de injeccões nas senhoras, deve ser na proporçao de uma colher de chá para meio litro d'agua morna, pela manhã e a noite.

A Lugolina vende-se em todas as farmacias e drogarias. Depositarios: no Brazil—Araujo Freitas & C., ruas dos Ourives n. 113 e S. Pedro 92. Na Europa—Carlo Erha—Milão, Preço 39000.

AVISO ÀS SENHORAS.

O'APIOL DOS DORES

JORET HOMOLLE

CURA AS DORES, OS ATRASOS A SUPPRESSÃO REGRAS

DISPENSA CERAJ

Ph. G. SÉGUIN, PARIS

165, Rue St-Honoré, 165

E EM TODAS PHARMACIAS E DROGAS

COQUELUCHE

Illy. Sr. SERVULO GENOFRE, distincto pharmaceutico—Nesta.

Tenho o prazer de communicar-lhe que os seus preparados Xarope e Elixir contra a coqueluche deram excellent resultado em meus filhos, estando todos re-tabelecidos.

Com muitos agradecimentos me subscrevo collega e amigo obrig. Dr. *Beaulio Gomes*.
Encontra-se na rua S. João, 169.—S. Paulo, Silva Araujo & C., rua 1.º de Março, 3. Rio. Rua D. Anna Nery, 160.

Tonico Vegetal Restaurador dos Cabellos

Depois de ter usado de todos os tonicos para a cabeça é que será apreciado este. Ao acaso encontrou-se esta receita, e descoberto do indio Carijó no anno de 1793. A venda nas casas de perfumarias e pharmacias do Brasil, depositario: ANTONIO CARLOS MADEIRA— Vidro 43000. Rio de Janeiro.

MUSICA MODERNA Para Piano

Valsas	18000
Carvalho	18000
Schottisch	18000
Acrobatico	18000
Estrela	18000
Rio-Grandense	18000
Evita	18000
Polca	18000
Os namorados de ancilla	18000
Onde esta a Gracilhe?	18000
Que Tardoz?	18000
Leve e dançaria a mentida	18000

A venda em casa dos editores VIEIRA MACHADO & C.

Deposito exclusivo dos acreditados pianos de JULIUS FEUERICH

51 - RUA DOS OURIVES - 51

CRÈME SIMON

PARA CONSERVAR OU DAR ao rosto FRESCURA MACIEZA MOCIDADE.

Para proteger a epiderme contra as influencias perniciosas da atmosfera, é indispensavel adoptar para a toilette diaria o CRÈME SIMON.

Os PÓS de Arroz SIMON e o SABONETE Crème Simon, preparados com glicerina, a sua açao benéfica é tão evidente que não ha ninguem que o use uma vez que não reconheça as suas grandes virtudes.

MÉDAILLE D'OR, Paris 1900

J. SIMON, 29, rue de Valenciennes PARIS 10^e Saint-Martin

PHARMACIAS, PERFUMARIAS e lojas de Cabelleiros os.

Desconfiar das Imitações.

Tratado de trabalhos de agulha

O nosso maximo interesse é correr ao encontro dos interesses e desejos de nossas leitoras e assignantes. Neste proposito nunca recuamos deante de despesas ou de difficuldades: porque acima de tudo collocamos o serviço dos que nos dispensam a sua grande estima e alta consideração.

E assim que, tendo se esgotado a 2ª edição do nosso -Tratado de trabalho de agulha- resolvemos dar esta obra em supplemento de nosso jornal A Estação. A publicação esta sendo feita, de modo a formar volume, tendo as nossas leitoras o livro prompto, apenas tenhamos concluido a tarefa; ficando nós igualmente habilitados a attender a qualquer pedido que nos seja feito.

O valor do tratado é geralmente reconhecido, pois se occupa de tudo quanto pôde interessar a uma senhora que goste de trabalho de agulha.

Muitas são as gravuras que o illustram. desenvolvidos os textos, completas as explicações. Como atestado da grande accettazione que teve o tratado, basta dizer que já se foram duas edições em pouco tempo.

Temos certeza de que a nossa idéa agradará aos que nos honram com sua confiança.

Anjo da contradicção

-Vendo tão bom alimento,
Recusa-o é meu tormento;
Perdôa: não tenho fome!

-Mas... come!

II

-Sinto gelar-se-me a fronte;
Tenho um cansaço de insonte;
E roe-me vigilia enorme!

-Mas... dorme!

III

-Sim! Vou dormir! Fôge a vida;
Nem mais um beijo, queuida
Dar-te-ei!.. A morte adeja...

-Mas... beija!

A. AZAMOR.

Niteroy: 1902.

Rosa, rosa de amor...

(IMPRESSÃO DE LEITURA)

A VICENTE DE CARVALHO.

Ao lôr teu «Poema», onde um lyrismo sublime
Em cada verso, em cada estrophe transparece,
Que bem me sinto eu nesse enlevo que enaltece
Por instantes minb'alma e os males meus redime!

A's blandicias que a mim teu mago verso exprime,
-Nos meus labios brincando em doce e farta messe,
Venturoso me julgo, embora, após, refece
Volva a meu peito a Dôr que o coração me opprime.

«Rosa, rosa de amor»... Quanta doçura, quanta!
Nem são mais doces, nem, os passaros que a calma
Dos campos enchem de uma amenidade santa!

«Rosa, rosa de amor»... E em acôrdes suaves
Descanta uma alma exul, que meiga os ceus espalma,
Num vôo alma e gentil de pequeninas aves!

ARTHUR DE CASTRO.

(Campinas).



VICHY-HOPITAL
Molestias do Estomago e do Intestino.

VICHY GRANDE-GRILLE
Molestias do Fígado e do Appareho bilioso.

VICHY-CELESTINS
Molestias dos Rins e da Bexiga, Gottas, Diabetes.

AO RECEITAR
ESPECIFIQUEM
BEM O NOME

PASTILLES VICHY-ÉTAT

COMPRIMÉS VICHY-ÉTAT

A ECONOMICA
Companhia de Seguros e Economias
Autorisada por decreto nº 4403, de 13 de Maio de 1902.
CAPITAL INICIAL 200:000\$
DIRECTORES:
PRESIDENTE—Valentin Magalhães
THEZOUREIRO—Jeronymo José de Macedo
SECRETARIO—Eduardo P. Ramos

Esta COMPANHIA, mediante a prestação annual de 12\$ (ou mensal de 1\$200), emite titulos de accumulacão do valor de 500\$, sorteaveis uma vez por mez.

Os titulos sorteados serão immediatamente pagos pelo seu valor nominal - 500\$000. Ao fim de cinco annos serão embolsados os donos dos titulos não sorteados com a importancia integral das prestações pagas.

Não depende a emissão dos titulos de exame medico, por não se tratar de seguro de vida.

Sómente estão autorisados a receber quaesquer quantias e dar recibos em nome da COMPANHIA, os seus agentes, munidos de carta de nomeação impressa e assignada pelo Director-Presidente, por haverem sido devidamente affiançados.

O primeiro sorteio terá logar no dia 30 do corrente.

Para maiores esclarecimentos na séde da COMPANHIA
RUA NOVA DO OUVIDOR, 35
CAIXA POSTAL—1043 TELEPHONE—760
End. telegr. EUC
E NAS AGENCIAS DOS ESTADOS

Pastilhas e Xarope de Nafé

DELANGRENIER
excellentes peitoraes contra
.TOSSE. DEFLUXO. BRONCHITE

As Pastilhas de Nafé são verdadeiros confeitos peitoraes de um gosto delicioso. Acalmam as irritações da garganta e do peito.

O Xarope de Nafé, misturado com uma infusão ou com leite quente, forma uma tisana muito calmante e muito agradável.

Esses peitoraes não contém substancia toxica e podem ser administrados com toda a segurança ás CRIANÇAS e muito particularmente contra a COQUELUCHE.

Esgrir a marca verdadeira: Delangrenier-Paris

São encontrados em todas as Pharmacias

SUAVIDADE — FRAGRANCIA — DELICADEZA
NOVO PERFUME

LE REFLE

Incarnat

CAUTELA
COM AS
IMITAÇÕES

PIPIVER

PARIS



PILULAS DE BLANCARD

APPROVADAS PELA
ACADEMIA DE MEDICINA
DE PARIS

Resnem todas as
Propriedades
do IODO
e do FERRO.

40
Rua Bonaparte
PARIS



Estas Pilulas são de uma efficacia maravilhosa contra a Anemia, Chlorose e todos os casos em que se trata de combater a Pobreza do Sangu.

CRÈME SIMON

PARA
conservar ou dar
ao rosto
**FRESCURA
MACIEZA
MOCIDADE.**



Para proteger a epiderme contra as influencias perniciosas da atmosfera, é indispensavel adoptar para a toilette diaria o CRÈME SIMON.

Os PÓS de Arroz SIMON e o SABONETE Crème Simon, preparados com glycerina, a sua acção benéfica é tão evidente que não ha ninguém que o use uma vez que não reconheça as suas grandes virtudes.

MÉDAILLE D'OR, Paris 1900
J. SIMON, 59, rue du Loubourg PARIS 10^e
Saint Martin

PHARMACIAS, PERFUMERIAS
e lojas de Cabelleiros.

Desconfiar das Imitações.

Das numerosas provas a que a vida do homem é submettida.

Que vem a ser a vida? Uma corrida veloz e fatigante para a eternidade. Quem que, com a mão no coração, ousaria dizer: Eu sou feliz, perfeitamente feliz, nada mais desejo, porque nada me falta? Eu lastimaria esse homem; uma felicidade tão fácil revelaria um coração muito pequeno. Nossa felicidade na terra, diz Bousquet, se compõe de tantas peças, que é raro que não falte uma d'ellas.

Quem é que não conhece a historia d'um famoso kalifa de Cosdua? Aberdame III, querendo, custasse o que custasse, tornar a sua vida feliz, não recou diante de nenhum obstaculo para attingir o fim tão almejado. Mandou construir um magnifico palacio, na ornamentação do qual dissipou os despojos de varias provincias. Columnas de marmore branco, tectos azulados com estrelas de ouro, cortinas de seda, esculturas delicadas, tapetes do Oriente, tudo concorria para dar maior esplendor a essa encantadora habitação. A' roda do palacio, bosques de murta e de loureiro confinavam laços que reflectiam mil bellezas. O canto melodioso dos passaros animava a região; flores multicolores embalsamavam o ar d'um delicioso perfume e desam aos bellos raios da lberia. Era alli que o kalifa ia-se banhar em ondas de agua de rosa que enchiam banheiros e rodeado de muitos outros prazeres que não menciono, elle respirava o incenso que lhe predigava a adulação dos poetas. Certamente tudo isso era bem proprio para tornar um homem feliz, se algum cá na terra podesse sel-o. Entretanto Aberdame se aborrecia no meio dos esplendores d'Azura, e apenas, disse elle, poudo contar quatorze dias de felicidade, durante um reinado de cincoenta e tres annos.

Não! a felicidade não é uma flor que se possa colher cá na terra, ou, pelo menos, ella é, entre todas as flores, aquella que mais depressa se fana. E' em vão que a perseguimos com a suffocante impaciencia da criança correndo atraz da enganadora borboleta; o insecto de azas douradas nos escapa sempre no momento em que o supomos nossa presa, e o que nos impede de attingi-lo, é muitas vezes tel-o perseguido. Por mais que façamos para não tornar a terra meos ingrata, ella será sempre um valle de lagrimas; e sobre a lapide que cobrirá a poeira da maior parte dos mortaes, se poderá sempre gravar este epitaphio que se lia no tumulo d'uma criança: Nasceu, chorou e morreu.

Ainda sou jovem, e entretanto quantas miserias meus olhos já não viram! Quantos suspiros já não ouvi!

Eis aqui dois jovens esposos que Deus acaba de abraçar; elles são bellos, puros e se amam tanto quanto se pôde amar cá na terra. Elles não vêem em toda a parte senão seres amados, graciosos, que se regozijam de sua felicidade. Um solitario e delicioso chalet abriga essa ineffavel communhão de duas almas que parecem creadas uma para a outra.

Sob o bello céu de Napoles, diaote do sorriso das estrellas, respirando o delicado aroma das rosas e das flores de laranjeiras estas duas almas se repetem o quanto Deus é bom e como seu amor é eterno. Uma irmã querida, contemplando essa scena exclamava: Oh! como a vida é bella! Mas o que não será o céu! Um verme porém estava no fructo. A esposa adorada viu seu querido Alberto levar repentinamente o lenço aos labios e retirou o cheiro de sangue! Sua felicidade tinha apenas durado dez dias.

Eis a pallida physionomia d'um precursor: o seculo futuro se regozijará talvez, realisando o ideal d'esse sonhador. Mas, até lá, a mais tremenda das tyrannias pesa sobre sua alma.

Elle estremece de alegria todas as vezes que se desmorona uma instituição orinuada; mas é preciso que elle dissimule essa alegria como se procura occultar uma enfermidade vergonhosa. Elle treme vendo os precnceitos que se affirmam e se impõem como dogmas. Mas elle deve reprimir seu pensamento, conter suas ardentes convicções para não envenenar a sua existencia se expondo aos anathemas de todos os interesses ameaçados. O' supplicio de uma mascara, tu és tão grande que já ha grandeza alguma em te comprehender!

Vi ricos que restituíram a terra tributaria de seus desejos. O pobre ao veloz passar em suas esplendidas equipagens, dizia com inveja: E' para aquellas que o ocio fucuada os campos, que o sol desabrocha as flores e que meus braços se usam no labor; como elles são felizes! Mas ouvi tambem a alma saciada

d'esses felizes responder-lhes: Eu digo no meu Intimo: Irei e me embriagarei de delicias, e reconheci que tudo isto era apenas vaidade. Condemnel os risos de loucura, e disse a alegria: Porque me enganastes?

Tive tudo quanto pôde fazer as delicias dos filhos dos homens; mas reconheci que não havia senão vaidade em todas as cousas e que na terra não ha nada de estavel.

Visitei o relógio em que a pobreza operaria abriga sua virtude com a miseria, e vi seus dedos manear a agulha com infatigavel arvor; mas ouvi que ella murmurava: Pobre mãe, tu soffres! Que desgraça de ser se pobre, pobre quando se tem uma mãe! Conso-la-te, entretanto; emquanto eu tiver trabalho e saude, podes estar certa de que teras pão para comer, fogo para te aquecer, roupa para te vestir. E a agulha corria sempre. Vi tambem uma nuvem negra passar por sobre a frente da criança, porque ella acaba de dizer: E se o trabalho me faltasse, eu cahisse doente e minhas mãos não podessem mais pegar na agulha? Senhor! conservai trabalho e saude á pobre operaria, porque ella ama sua mãe!

Vi ainda a creada dizer a Deus em sua solitaria tristeza: Sou de todas as casas, e todas as casas podem me fechar a porta: sou de todas as familias, e todas as familias podem me dizer: Vai te embora! Crio as crianças como se ellas fossem minhas, e, uma vez crescidas não me conhecem mais. Economizo os bens de meus patrões não sei mais o que é feito

ram no seio da mais pura felicidade, como esperança á sombra do amor... E agora vejo esse homem mergulhando repentinamente n'uma dor que se assemelha á demencia. Trepsolucado, elle foge, elle chora, invoca a morte, porque a morte acaba de encerrar na tumba aquella que lhe fazia viver; e euteria confundido as minhas lagrimas com as suas, porque uma voz disse: «As dores mais cruéis da humanidade são aquellas que são preparadas pelo melhor casamento do mundo.»

Devo eu ainda dizer o que vi? Porque não o farei? Vi mães desoladas disputando seus filhos á morte: vi irmãs chorando a perda de irmãs, e irmãs morando e beijando o cadaver do irmão; crianças acompanhando á ultima morada os restos de seu pae. Vi ainda, ajoelhado debaixo d'um cypreste, uma viuva inconsolavel. Ainda hontem, ella estava alegre e satisfeita, e, como a esposa dos canticos, ella se coroava de flores.

O sol, o zephiro, as aves do céu, a natureza inteira, tudo tinha para ella um sorriso, porque seu coração se sentia feliz. Hoje, porém, que a morte roubou-lhe o ente que lhe era mais caro, apenas ella tem lagrimas nos olhos, soluços na voz para exclamar no silencio de seus e na solidão de suas noites:

«Procurei aquella que meu coração ama, procurei e não o encontrei; chamei-o e sua voz não me respondeu.»

Vi uma outra mulher em lagrimas; qual seria a desgraça que lhe teria acontecido? Ah! sem que ella soubesse porque em vez do amor que hontem lhe seria, é a indifferença que hoje lhe responde; em vez da compaixão, é a colera. Qual a agonia que se pôde comparar ao vacuo que se produziu em seu coração! Ella corria ao encontro do ente querido, toda sua alma se dividia para elle; foi acolhida friamente e uma sorte de impaciencia se manifestava no gesto. O encanto havia desaparecido; as emoções se congelaram; ella definha no abatimento e na dor; porque poudo supprir: Não seu mais amada!

Quanto não poderia eu dizer sobre essas agonias quotidianas que batem a cada instante nos nossos dias, si bem que ellas não tenham a força necessaria para cortar o fio, e que se pode chamar uma morte a varrejo!

Filhos da geração actual, não somos robustos, desde o romper d'uma a sentinas uma fadiga extranha. Apenas abrimos os olhos, já as forças nos faltam; um peso enorme nos faz pender a cabeça. Os homees das grandes cidades e os que vivem nas salões da alta sociedade não andam mais a pé; se fazem conduzir por magnificas carruagens. Não sei que tensão enruça essas frentes iotelligentes; seus olhos expressivos se encovam e se veilam como se tivessem fixado por longo tempo o mesmo objecto; seus labios tem o sorriso melancolico: um esforço lhe provocou, um esforço lhes sustem; não sabemos rir como nossos paes. Por muitos lados a intermitente, uma confusão de energias seguidas de longas prostrações. Os nervos se fizeram carnosos.

Mas sem fallar d'essas dores vulgares, para quantos a vida não é senão um sepulchro!

Quantos não tem a mesma consolação desse leproso para o qual uma só mão se estendeu, e que dizem: A desgraça será então mais contagiosa do que a lepra?

Quantos que, não podendo mais dormir, se debatem no mais tremendo pesadelo, e exclama com a mais sombria melancolia: O somno é como o mundo, elle foge aos infelizes!

Quantos, com ou sem razão desgostosos dos seus semelhantes, procuram em vão uma solidão que lhes console, e exclamam como poeta: Remias vigorosa mente; estas com muita pressa de nos levar no meio dos homens!

Quantos anciãos, que não tem mais esperança, perdendo a fé, as illusões, se dizem: O vento que perpassa por sobre nossa fronte, não vem de nenhuma praia feliz.

Quantas mães desoladas não repetem em todos os toos as lamentações de Agar, de Rachel e de Monica! Quantas lagrimas verdadeiras sobretudo pelas mulheres, desde Eva sabindo do paraizo até Maria Antonieta abraçando Luiz XVI, que ia morrer.

Pobres mulheres! é o sobretudo para vós que o calix é amargo, bem amargo! Mais fracas, mais sensíveis, mais delicadas do que o homem, não herdastes da maior parte no lote do amor, da agonia e do soffrimento? Naturalmente mais teraos, mais compassivas, não supportaes, mesmo nos vossos mais bellos dias, o tormento da piedade? Não é pois a vós a quem foi dito: Darás a luz no mei de dores? Que a vontade de Deus seja feita, e que eu morra se for preciso!

Tal é o grito de agonia airancado ao coração de todas as mulheres pelo sublimo mysterio da maternidade.

Não ha nada que mais me commova e emocioe do que ver uma mãe rodeada de sua numerosa prole. Ouço uma voz dizer, quando contemplo esse espectáculo: Não é possível que Deus n'condemne, que esquecer que sejam suas fraquezas! Se elle a não predestinasse á felicidade dos eleitos, ella não possuiria esse heroismo que se ignora e que lhe fez acceptar por virtude taes dores com tal fardo. Sim, para bem dos mortaes, a vida é um fardo pesado. A alegria



O campanario e a fonte Zähringer de Bern.

d'elles. Affeição-me de meus e no dia seguinte teocho que me despedir. Meu patrão falleceu, e eu não tenho direito de estar de lucto para mostrar o quanto elle era bom. Desviei-me e sou reprehendido. Choro pensando em minha mãe, e ninguém me pergunta: porque choras? Senhor, tendê piedade da criada.

Vi tambem um homem de porte nobre que os reveses da fortuna haviam repentinamente reduzido á mais extrema miseria. Considerei a lagrima que lhe corria ao longo das faces, e o ouvi dizer como o patriarcha decahido: Quem me restituirá os dias que passaram? Os moços me fallavam com respeito e os velhos se levantavam quando me viam. Eu dizia: Morrerei na abundancia e multiplicarei meus dias como a palmeira, porque a minha raiz se estende ao longo das aguas, e o rocio humedecerá sempre os meus ramos: hoje, porém, sou desprezado por aquellos que são mais moços do que eu, por aquellos cujos pais eu não teria posto entre os cães de mioba matilha. E este homem me parecia digno de lastima, porque, se creio o preta: «O mais cruel agulhão para aquelle que foi feliz e soffre, é a recordação das alegrias passadas.»

Vi tambem o esposo que o Espirito Santo piotou-lhe a felicidade quando disse: Feliz do homem a quem Deus fez dom d'uma boa esposa, porque esta augmentará o numero de seus dias pelo encanto da existencia. Como se disse de Elisabeth e de Zacharias, elles caminhavam juntos na alegria d'uma paz que era o fructo d'uma mutua doçura. Seus filhos cresce-

ruidosa não é mais bula, porque se sente que ella não é verdadeira. Se vemos muitas pessoas que riem e se divertem, é porque ba muitos que precisam se distrahir. Se o somno é tão agradável, não é somente porque elle restaura nossas forças, mas sobretudo porque nos faz esquecer por um momento nossas penas. Se a divina Providencia é tão amavel, é porque,

O chamado "ensino moral moderno"

Em sua feroz animosidade contra a Igreja, os discipulos dos semeadores de ruínas, do seculo 18, os continuadores dos encyclopedistas, na constante faina de dar combate aos ensinamentos do catholicismo, incansaveis em seu trabalho de sapa, e certos de que a posse das escolas muito lhes ampliará os meios de acção, têm procurado apoderar-se do ensino, e, infelizmente, forçoso é confessar, em paizes catholicos, conseguido estabelecer o predomínio de suas doutrinas de odio e de revolta, de guerra ao espiritualismo e de adoração exclusiva e absoluta aos bens mundanos.

Nas escolas publicas da França, por exemplo, a moral ensinada, essa moral de que tanto alarde fazem os pedagogos e os pseudophilosophos, não é mais do que um amontoado de theorias contradictorias e sem fundamento.

O que lhes empresta uma certa consistencia, o que lhes dá a apparencia de corpo de doutrina, vem a ser exaggerado eunbo anti-christão, atheistico e anarchico, em que os homens sensatos enxergam os maiores perigos.

Assim percorramos rapidamente alguns tratados de Moral que os diversos conselhos, Gerai e Departamentaes, de Instrucção Publica fizeram adoptar nas Escolas Governamentaes no anno de 1901.

Autores ha que sómentem um jingoismo exagerado entrevêem a regeneração do paiz, outros em immensos calhamaços attribuem todos os males da época á persistencia de superstição tradicionaes, outros ao alcoolismo e algum ainda á intolerancia religiosa!

Um verdadeiro manicômio pedagogico esta Babel de opiniões.

O Sr. Brochard, em sua *Morale ancienne et morale moderne* esbraveja contra o catholicismo «fossilizador» e suspira pela volta á moral dos gregos; o Sr. Cantecour, por sua vez, declara, em sua *Traité de Morale*, que a Moral é inteiramente empirica e nada tem que ver com a «balofa metaphysica religiosa.»

Mr. Dunan, em seus *Principes de Morale*, quer que os individuos vivam em paz com a sua consciencia e com a natureza universal sem cogitar da existencia de forças superiores.

O Sr. Lalaude, na sua *Personalité Morale*, considera perfeitos os individuos *intelligentes e imparciaes*, livres de preconceitos provenientes de quaesquer habitos ou tradições, ostumes de sociedade ou moda, etc.

Taes phenix devem ser organizados de modo tal que o meio sobre elles não possa exercer a minima influencia.

O Sr. Lanessan colloca na chimica e na biologia a base da moral. Bordeau atria de lado a chimica, substituindo-a pela anthropologia, a psychologia e a sociologia.

O Sr. Helieux manifesta-se spenceriano exaggerado; o Sr. Moch a tudo antepõe o culto da solidariedade bumana e afinal o professor Tivier, em seu *Au pays des systèmes*, proclama a excellencia do peripatetismo e em Aristoteles vê o unico mestre, ainda hoje.

Apenas um desses autores, o Sr. Ravaisson, atreve-se a fallar, muito de passagem, em Deus; envergonhado, provavelmente, de ideias tão anachronicas, estende-se depois em explicações interminaveis. Em todos os correntes pedagogos citados domina intensa animadversão pela Igreja.

«A moral catholica, avança perentoriamente um desses educadores, é in totum condemnavel, p-is que tende a transformar o mundo em um vasto convento!»

Nos diversos livros a que nos referimos falla-se extraordinariamente na moral de Aristoteles e de Platão, na de Voltaire e de Rosseau. A Christo não se faz allusão.

«Aliás isso entra no plano geral de deschristianisar a França,» exclama indignado o illustre escriptor e historiador Conde Alberto Vaudal, da Academia Franceza, quando no *Correspondant*, de 25 de Março do corrente anno, denunciava o facto da Municipalidade de Pariz ter adoptado e recommendado com instancia nas escolas publicas da cidade um livro, *Récits Familiers*, em que se define o christianismo:

«Uma religião do Oriente, que Orientaes introduziram nas Gallias, dando isso lugar a pequenos attrictos em que alguns sectarios, depois de honrados com o titulo de Santos, pereceram.»

Constitue a obra um resumo da historia da França e entre outras precizidades diz que «malor mal fez á França qualquer dos confesores de Luiz XIV, isoladamente, do que todas as mulheres que dominaram, juntas.»

Note se bem, que o livro é destinado ás escolas de meninas.

Os mais moderados dos modernos educadores dizem com o professor Bmisson, da Universidade de Pariz: «Escola sem padres, mas não sem Deus!»

O funesto systema da França de nossos dias tem adeptos e innumeros em todos os paizes, que procuram, de todos os modos por em execução as praticas de seus correligionarios daquella republica. Contra estas, como tanto temos dito nestas columnas, torna-se impossivel a opposição de todos os elementos a quem o anarchism, fatal consequencia do ensino sem Deus, amedronta.

Resistamos, pois, como na Belgica e nos Estados Unidos se faz, e como na propria França leva a cabo a acção dos catholicos, a quem a violencia de governos tyrannicos omnipotentes não assusta nem faz desanimar, conscios da boa causa que defendem e encorajados pelos successos obtidos num campo de batalha disputado palmo a palmo.

Respondem elles ás escolas leigas com a fundação de estabelecimentos em que se incute nas creanças a fé em N. S. Jesus-Christo, unico remedio contra as agruras da vida. Do *Estandarte Catholico*.

VERSOS A DJALMA

Bem dita sejas tu, vizão querida!
Que vens a minha desolada vida
De risos povoar;
Ante os olhares teus toda a amargura
Timida foge; e um raio de ventura
Eu vejo, emfim, brilhar!

Aquece o peito meu na ardente chamma
Que o teu sublime e negro olhar derrama
Para que eu possa viver;
Mas si tens de afastar a crueldade
Não me fites apaixonadamente
E deixa-me morrer!

Que eu morrerei, tal tal um ser conrietio
Sem um lamento, sem soltar um grito
De amargo padecer;
Não prolongues a dor que me crucia!
Não perturbes a intima agonia...
E deixa-me morrer!

Minh'alma é asylo de cruéis provanças
D'onde fugirão cedo as esperanças
Onde bem cedo a crença feneceo!
Não despertes a pallida dormente...
Deixa a sonhar!.. sonhar eternamente...
Oh! Não prolongues o martyrio meu!

Nltberoy. AMELIA ALVES.



A fonte Kindlifrosser de Berna.

entre tantas graças. cada aurora nos traz o véo que occulta o futuro. Se a vida nos rri na primavera, é porque ella é mentirosa! e sem negar as alegrias de que ella está cheia, parece-me ser preciso ter bem envelhecido para repetir, com certa tristeza, esta sentença de um sabio: os que procuram o repouso n'este mundo, não encontram senão o desgosto de terem perdido o tempo.

Lembraís vos por acaso do Miserere da capella Sextina? A cada estrophe uma tocha se apaga. O canto continua langorosamente, cada vez mais triste á medida que a obscuridade se torna mais profunda. Quando a noite é completa, quando as trevas não permitem mais attingir a menor eousa, uma unica voz, pura e admiravel, começa a cantar o poder do Deus das resurreições. Els a hi a vida: as velas que se apagam, são as illusões que cahem uma a uma, e os seres amados que desaparecem: feliz d'aquelle que se põe em estado de ouvir, para o tranquilisar, nas trevas a voz da esperança.

A eleita

(ED. DE LA BARRA)

Sou entre as bellas, formosa virgem,
Cantam-me as vestes, o borzeguim,
As phantasias,
Os meus diamantes de fina origem:
Gosta de mim!
— Não! teu espelho preferirias
Mais o carmim.

— Eu sou activa, sou laboriosa,
Eu bordo e coso, inda sei teecer;
Sou asseada
Cosinbo e lavo: não ba p'ra esposa
Melhor mulher.
— São boas prendas para... casada,
Busco outro ser.

— Sou instruida, sou pensadora,
Escrevo e pinto, sei bem tocar;
Sei o direito...
Aqui me tens e melhor doutora
Não bas de achar.
— Doutas não busco, só busco um peito
Que saiba amar.

— Eu sou ardente e tambem nervosa;
Vivo sonhando e sou amorosa;
Por meu ardor
Nas almas todos reino imperiosa:
Peço-te amor!
— A ti procuro, a ti só desejo.
Toma a minh'alma num longo beijo.

OSCAR D'ALVA.

Rio, 1 de Novembro de 1900.

MOLDES CORTADOS

Remettemos a tarifa dos preços dos moldes cortados da *A Estação*, em tamanho natural, quando o peçam por escripto.



A fonte do toeador de cornamusa com a torre de gaiola do Berna.

CHRONIQUETA

Rio, 23 de Junho de 1902.

Felizmente começou o inverno... Apri! não foi sem tempo! Já estávamos todos receiosos de que a Natureza nos pregarisse este anno uma especie de couto de vigário...

Mas váo lá entenda-la! ao passo que nós aqui soframnos um calor inesperado e anachronico, cabia neve em França, isto é, davase uma completa inversão da ordem natural das coisas.

Os sabios, que andam ahi por todas as esquinas, affirmam que estes phenomenos estão intimamente relacionados com o cataclismo da Martinica. Affirmam-no, mas escusado é dizer que o não explicam, porque na explicação é que está o bustis.

*

O meu harheiro, que é um imperturbavel commentador de tudo quanto se passa não só no seu hallro como em todo o universo, dizia-me, a proposito dos ultimos calores, que «aquillo lá por cima está completamente mudado», porque o nosso planeta caminha vertiginosamente não sei para que constelação...

—O mundo desloca-se! accrescentava elle, raspando-me os queixos. D'aqui a nada—quem for vivo ha de ver!—teremos frio de rachar em janeiro e calor, tambem de rachar, em unho... A navalha machuca?

*

Mas deixemos lá o meu Figaro e a sua astronomia, e tratemos de coisas mais terredas:

Como intenção, nada ha que dizer dos funeraes de Augusto Severo, o arrojado e infeliz aeronauta, cuja morte o Brasil e o mundo inteiro deploram; mas, com franqueza, achei que no prestito havia não sei o que de... como direi?... de carnavalesco. Não tenho outro termo de promptidão.

Esta opinião não é, talvez, senão um reflexo do meu proprio temperamento; eu gosto das coisas simples, abomno a pompa e o esturrialhaço.

Vejamos quantos passeios deu o corpo de Augusto Severo depois que cahiu das alturas!

Teria sido melhor que o enterrassem n'um dos cemiterios de Paris; a seu tempo mandaríamos buscar os ossos, que ficariam na Patria; mas uma vez que elle veio, porque o não fizeram deseeubarcar em Botafogo, isto é, no ponto mais proximo do cemiterio de São João Baptista, em vez de passeal-o por tanta parte, inclusive a rua do Ovidio, que, mesmo em obras, é a passagem obrigada de todos os prestitos, quer festivos quer mortuários?

E aquelles andares aquelles halões de veludo, aquelles sportmen fantasiados com as cores dos seus clubs? Parecia tratar-se de uma festa e não de um enterro!

No cemiterio havia, evidentemente, falta de respeito. Uma praça de policia que entendeu expectorar um dissenso junto a sepultura, disse meia duzia de asneiras sem vexo, e foi, não só applaudido com palmas e bravos, tal qual um actor, mas carregado a braços até a porta do cemiterio por uma sucia de cafazestes que herravam: Viva a policia!—Isto vi e ouvi eu, não o acreditaria se m'o dissessem.

Alguem haverá convencido de que taes patacoadas accrescentem a gloria de um martyr da sciencia? Augusto Severo porventura ficou maior depois dessa espalhatosa exhibição do seu esquite? Não creio.

Não creio, mas, como já disse, esta opinião é muito individual, é um reflexo, repito, do meu temperamento de homem simples.

EL-Y, O HERÓE.



THEATROS

Rio, 20 de Junho de 1902.

Foi muito interessante o espectáculo que na noite de 8 d' corrente se realisou no Recreio Dramatico, para commemorar o 4º centenario da primeira representação do primeiro acto de Gil Vicente.

No programma figuravam duas comedias originaes, se não brasileiras, ao menos escriptas no Brasil: *Natal na aldeia*, em 1 acto, de Cunha e Costa, e *O primo Alvaro*, em 1 acto, de João Matheus, pseudonymo do insigne desenhador Julião Machado.

Amhas as peças agradaram muito, principalmente o *Primo Alvaro*, naturalmente por ser menos litteraria e fazer rir mais que a outra.

O acto de Cunha e Costa é muito bem escripto e o de Julião Machado tem muita graça.

No primeiro sobresahiu o provecio actor Ferreira de Souza, desempenhando o papel de um octogenario, bello typo de patriarcha de aldeia, e o segundo foi um triumpho para o actor Grijó, que até então não encontrára ensejo de mostrar para o que serve.

Tambem figura no programma daquelle espectáculo um gracioso monólogo em verso, a *Viuminha*, muito bem dito por Lucília Peres. Os versos são de Accacio Antunes.

*

Estreou se ante bontem no Apollo uma companhia dramatica portugueza, que trouxe como estrella de primeira grandeza a actriz Angela Pinto, muito reputada nos palcos de Portugal.

A peça da estrela foi a comedia em 5 actos, *Sapho*, extrahida do romance de Daudet pelo proprio Daudet e Adolpho Belot. A peça desfigura completamente o romance, que é o melhor, talvez, daquelle celebrado auctor; entretanto, é divertida, e tem um magnifico segundo acto.

Aguardamos outro papel de Angela Pinto para julga-la. Não nos pareceu que na *Sapho* ella estivesse a vontade, o que não quer dizer que não revelasse muito talento.

Os demais artistas nada fizeram de verdadeiramente notavel. Não nos pareceu que o elenco da companhia fosse muito bem escolhido.

N. Y. Z.

Dr. Rodrigues dos Santos

PARTEIRO, ESPECIALISTA DE MOLESTIAS DAS SENHORAS

Tratamento especial das molestias que constituem a sua especialidade pelos mais modernos processos curativos. Consultas, todos os dias uteis do meio dia ás 3 horas na Rua Theophilo Ottoni 83.

Xarope Peitoral de Angico Composto

PREPARADO COM A DEGRANTADA GOMMA DE ANGICO DO PARA' E ALCASTRÃO DA NORUEGA

Este antigo e afamado xarope cura em poucos dias as tosses mais rebeldes, as bronchites mais antigas, as asthmas mais incommodativas, as rouquidos mais perfinazes, as coqueluches mais espasmodicas e as constipações mais chronicas.

PREPARA SE NA 103, RUA DA URUGUAYANA, 103 PHARMACIA BRAGANTINA

Sabonete RIFGER

Este prodigioso sabonete phenico-glycerinado, approvado pela Inspectoria Geral de Hygiene, faz desaparecer em poucos dias as manchas do rosto, espinhas, pannos, sardas, caspas, e epigens dartrosos, erupções cutaneas, simeas de bezigas, brotoejas etc., tornando a pelle agradavelmente fresca e assestuada, fazendo a espalgar o mais suave aroma, dando-lhe belleza, attractivos e encantos, devendo ser preferido pelas mães de familia para a lavagem dos filhinhos, por ser um sabão preservativo de todas as mais letivas contagiosas e epidemicas.

Preço: duzia, 115; um 12500, caixa de 3, 48000. Vende se nas principaes pharmacies drogarias e casas de perfumaria e no deposito em S. Paulo—Barnel & C. —Largo da Sen. 2.

Deposito no Rio de Janeiro—Godey Fernandes & C. —Rua da Quitanda n. 48.

E' falsificado todo o sabonete que não tiver estampado uma igua envoltura por uma suca e no rotulo externo a firma de A. Rifger Nomes em letras vermelhas.



UM SO'

vidro de Lugolina pôde curar as molestias recentes ou promover grandes melhoras nas antigas, porque logo ás primeiras applicações produz effeito. estabelecend nesta forma a confiança neste maravilhoso remedio, que não só no Brazil como na Europa tem obtido o maior successo que é possível obter um medicamento.

A Lugolina do Dr. Eduardo França é o unico remedio brasileiro que tem tido as honras de ser adoptado na Europa, obtendo os maiores elogios de medicos e hospitaes, não só pela sua efficacia, como porque é um remedio que, logo as primeiras applicações, produz effeito benéfico, não sendo como tantos outros que necessitam um uso prolongado para um resultado problematico.

A Lugolina não tem os inconvenientes das pomadas e unguentos, porque é liquida, sem gordura, sem cheiro, não suja o corpo nem as roupas e cura todas as molestias da pelle, feridas, ulcearas, frietas, brotoejas, comichões, suor fetido dos pés e do sovaco, manchas da pelle, espinhas, caspa, q' éda dos cabellos, queimaduras, empigens, assaduras das coxas, sarnas, tinha, houbas, golpes e qualquer erupção ou manifestação na pelle.

AS SENHORAS

que fizerem uso da Lugolina em injeção podem estar absolutamente seguras de evitar qualquer molestia merina e obter a cura as variadas pequenas affecções que tanto as incommodam e que deixam muitas vezes de tratar porque o seu pudor as impede de se sujeitarem a exame medico.

A Lugolina para o uso de injeções nas senhoras, deve ser na proporção de uma colher de chá para meio litro d'agua morna, pela manhã e a noite.

A Lugolinna vende se em todas as pharmacies e drogarias. Depositarios: no Brazil—Araujo Feitas & C., ruas dos Ourives n. 114 e 3, Pedro 93. Na Europa—Carlo Erba—Milão, Preço 33000.

PERFUMARIAS

Preços baratissimos

Para o cabelo: Agua de quina tomica glycerinada a 15, 15000, 38, litro 45000, óleo castilho de coco quindo 15, ditto de ibohoa 18, loges extra perfumadas 18, 24, litro 48000, Tanco oriental 15000, óleo burissatoin estivo 25, Para dentes: Pastas de lyrio glycerinada, pote 15 e 15000, 166 dentifricios hygienicos 15, extra dentifricio 25000, Para toilette: Agua de colonia extra 18, 25, litro 48000, agua florida 5000, 8000, e 28 brillantinas 15000, pó de arroz finissimo 12 e 125000, veloutino 25. Barras de sabonetes, para glycerina, glycerina e alcastrão, n'aceloras, de cores 15 e 125000; sabonete de alfaca 15 e muitas outras qualidades. Extractos superiores, cosméticos, loges Acacia especifico contra a queda dos cabellos e cuspia a 45000 etc, etc.

67, Rua Sete de Setembro, 67. — Junto à Fabrica de Cimento

COQUELUCHE

Ilm. Sr. SERVULO GENOFRE, distincto pharmaceutico—Nesta.

Tenho o prazer de communicar-lhe que os seus preparados Xarope e Elixir contra a coqueluche deram excellent resultado em meus filhos, e-stando todos re- tabecidos.

Com muitos agradecimentos me subscrevo collega e amigo obrig. Dr. Braultio Gomes.

Encontra-se na rua S. João, 109 — S. Paulo, Silva Araujo & C., rua 1.º de Março, 3.º Rio. R. D. Ana Nery, 100.

DENTES ARTIFICIAES

A. F. de Sá Rego

ESPECIALISTA

Rua Gonçalves Dias N. 1 Prua de Botafogo N. 193

AVISO AS SENHORAS.

O'APIOL Dos DJS

JORET HOMOLLE

CURA AS DORES OS ATRASOS A SUPPRESSÃO REGRAS

DEPOSITO CENTRAL Ph. G. SÉGUIN, PARIS 165, Rue St-Honoré, 165 E EM TODAS PH'S E DRUG'S

MUSICA MODERNA

Para Piano

51 - RUA DOS OURIVES - 51

A venda em casa dos editores VIEIRA MACHADO & C. Depósito exclusivo dos acreditados planos de JULES REIZICH

Coro—Carlos T. de Carva	15000	Alcastrão—Carlos T. de Carva	14000
lho—Carlos T. de Carva	13000	Carvalho—Carlos T. de Carva	13000
Melindres—Ismael Madel	13000	Esca e prando—Santo	14000
ra—Carlos T. de Carva	13000	rinha Para—Santo	14000
Dis me ter overca—Au	13000	Rio Gramma—J. Azev	13000
relio—Cavalhardt—Au	13000	do Lemos—J. Azev	13000
Syris—Carlos T. de Car	13000	Para—Carlos T. de Car	13000
valho—Carlos T. de Car	13000	valho—Carlos T. de Car	13000

Os q'annuados de janella—Carlos T. de Carva

Que cria a Gramma—A. Felix

Que Tradiç. Valinho Sacramento

Devo dançar a merinha—Carlos T. de Carva

Alcastrão—Carlos T. de Carva

Carvalho—Carlos T. de Carva

Esca e prando—Santo

rinha Para—Santo

Rio Gramma—J. Azev

do Lemos—J. Azev

Para—Carlos T. de Car

valho—Carlos T. de Car

COPIA

(DE UM QUADRO DE ARTUR TOJEIRO)

Loira, tão loira... Surpreendeu-a o somno
Sobre o macio morno da pellicia.
Fina, ideal, no traço e na minucia.
Pende-lhe o braço em languido abandono.

Freme-lhe o labio num sorriso arfante
— Mixto de amor e de saudade. Um beijo,
Quasi ao espoucar, finara-se no barbejo
De uma nevoa subtil, vaga, distante...

Sonha talvez um noivo. Arfa-lhe o seio...
E, no entanto, a seus pés vibra um anseio...
Um peito amante e torturado e ardente!

Peira na sala um mystico segredo.
Ella dorme... Ella sonha... E o passado
Canta lá fora uma canção dolente.

Rio, 18-6-1902.

J. WILLEMANN.

TEUS OLHOS

Quando a luz dos teus olhos permanece
Por um minuto, em meu tristonho rosto,
Resplandecendo como um sol de Agosto
Que, em céu dum dia placido alvorece.

Eu, como o avoro sér que o pobre esquece,
Da vida esqueço o meu maior desgosto:
E' tão grande o prazer, tamanho gosto
Que, unicamente, um sonho me parece.

Olha me sempre, olha-me bastante...
Que arde por ti em delirante arquejo
Fibra por fibra do meu peito) amante...

São teus olhos o sol que me allumia:
E' treva sempre o dia que os não vejo,
E, vendo-os, góso, á noite, claro dial...

MCMII

MATTOS CARDOSO.

Melpómene

Sombras aqui... trevas alem. Ao fundo,
N'um globo luminoso e captivante,
Em desalinho, a minha linda amante
P'ra mim resume inteiramente o mundo,

Seu olhar tem um negro tãe profundo
Que qual mancha de um sol resplende, airoso;
Seu labio tem o fogo voluptuoso
De que meu ser gozozamente innundo,

Doido me arrojo, em delirante grito,
Sem pensar no golfão que me ameaça,
Sem ver que sigo a estrada do infinito!

Negro infndol! Sonho que não passa!
— Não tens um guia, misero préicito?
— Sim! Tenho um guia: a musa da Desgraça!...

Niteroy: 1902.

A. AZAMOR.

CALLIFLORE

FLOR DE BELLEZA

Pós adherentes e invisiveis

Graças ao novo modo porque se empregam
estes pós communicam ao rosto uma mara-
vilhosa e delicada belleza e deixam um
perfume de exquisita suavidade. Alem dos
brancos, de notavel pureza, ha outros de
quatro matizes diferentes, hachel e rosa,
desde o mais pallido até ao mais colorido.
Poderá pois, cada pessoa escolher a cor que
mais lhe convenha ao rosto.

PATE AGNEL

Amygdalina e Glycerina

Este excellento Cosmetico branquea e
amacia a pelle, preserva-a do Cieiro, Irrita-
ções, Comichões tornando-a avelludada;
pelo que respêta as mãos, dá saldez e
transparencia ás unhas.

AGNEL, Fabricante de Perfumes,
16, Avenue de l'Opéra, Paris.

É nas suas seis Casas de venda por mundo nos bairros mais ricos de Paris.

Perfumaria extrafina

L.T. PIVER

PARIS

Corylopsis do Japão

Evitar as Imitações e Falsificações

Le Trèfle Incarnat

Perfume de Moda

Rosiris

Senteur des Prairies

Violettes de Parme

Dentifricios Mao-Tcha

PÓ, PASTA e ELIXIR

Preços dos moldes cortados em
tamanho natural do jornal de
modas

A ESTAÇÃO

7, Rua dos Ourives, 7

DESIGNAÇÃO DOS MOLDES

SAIAS	
Saias lisas.....	1\$500
Saias pregueadas.....	2\$000
Saias de noiva.....	5\$500

MANGAS	
Mangas de forro.....	\$500
Mangas enfeitadas.....	1\$000

CORPINHOS	
Corpinho de forro.....	1\$500
Blusas.....	1\$500
Corpinhos enfeitados.....	2\$000

JAQUETAS	
Jaquetas.....	2\$000
Boleros.....	2\$000

CAPAS	
Capas.....	1\$500
Sabidas de baile.....	2\$000
Capas compridas.....	2\$000
Vestido princeza.....	3\$000

ROUPA BRANCA	
Camisas do senhora.....	1\$000
Camisas de dormir.....	1\$000
Calças.....	1\$500
Saias.....	1\$000
Cobre espartilho.....	1\$000
Mandrilho.....	1\$500
Matrões.....	1\$500
Peignoir.....	2\$500

MOLDES PARA CRIANÇAS	
Almilha (brassière).....	1\$000
Camisas.....	1\$000
Vestido comprido.....	1\$500
Vestidinho.....	1\$000
Calcinha.....	1\$000
Polissa.....	1\$500
Capinha.....	1\$500
Vestidos de 2 a 8 annos.....	2\$000
Vestidos de 8 a 12 annos.....	3\$000

DIVERSOS	
Camisas para homem.....	1\$500
Camisas de dormir ditas.....	1\$500
Colete de flanela.....	1\$000
Cinto de flanela.....	1\$000
Vestão para homem.....	1\$500
Ceroula.....	1\$500
Paletó sacco.....	2\$000
Dolman.....	2\$000

Sob medida mais 500 réis

Pelo correio mais 300 réis para o primeiro molde e
200 para cada um dos que se seguirem.

N. B.—Os preços para os moldes tirados de outros
jornaes serão feitos á vista dos mesmos.

PARA OBTER UM

LINDO PEITO



Fazel uso das "Pílulas Orientales"
que fazem desaparecer as saliencias
ossosas do pescoço e dos hombros,
desenvolvem a racostitueo dos Seios e
dão ao Busto, em dois mezes mais ou
menos, uma apparencia graciosa e duravel
sem engrossar a cintura.
Aprovadas pelas celebriedades medicas,
benzeficjas para a Saude da

"PÍLULAS ORIENTALES RATIÉ"
convém aos temperamentos mais
delicados, ás medidas tanto como
ás senhora.
Fama antiga e universal. Marca
depositada conforme a lei.
O franco com botella, franco contra
mandado internacional: francos 6,35.
Escrever a Mr. J. RATIÉ,
Pharmacutico de 1ª classe,
5, Passage Verdun, PARIS (7ª).
Informações gratuitas.

apenas
acorda,
chora
pedindo
o Seu
Racahout!

Racahout dos Arabes Delangrenier
o melhor alimento para as crianças

HOUBIGANT

PERFUMISTA
da RAINHA d'INGLATERRA e da CORTE da RUSSIA
PARIS

AGUA HOUBIGANT

SEM RIVAL PARA O TOUCADOR
AGUA de TOUCADOR Royal Houbigant.
AGUA de COLONIA Imperiale Russe.

EXTRACTOS PARA LENÇOS : Violette Idéale,
Royal Houbigant, Peau d'Espagne, Moskari, Iris blanc,
Le Parfum Impérial, Nooka, Muguet, Cillet Reine,
Impérial Russe, Lilas blanc, Heblotope blanc, Fougere
Royale, Gloxina, Jasmim d'Espagne, Clair de Russie,
Giroflee, Corydalis, Bouton d'Or, Sunrise, Rococo.

SABONETES : Ophelia, Peau d'Espagne, Violette Idéale,
Fougere Royale, Lait de Thiridace, Royal Houbigant.
PÓS OPHELIA, Talisman de Belleza.
PÓS PEAU D'ESPAGNE.
LOÇÃO VEGETAL, para os Cabellos.
PÓS ROYAL HOUBIGANT.

PERFUMARIA ESPECIAL MOSKARI

Os anjos da Luizinha

(CONTO INFANTIL)

Havia muito que a loira e boa Luizinha toda enleada na contemplação dos anjos que eram um brilhante adorno da sua modesta igreja, ambicionava umas azinhas brancas para voar até ao cimo da tribuna, para gosar, muito aconchegada aos cherubins do altar, as delicias duma ventura que ella, a innocente Luizinha, sonhava l...

Se um dia podesse realizar o seu desejo!

Diziam-lhe que mais tarde, quando soubesse reisar, ella iria tambem, vestida de branco, collo ornado de flores, cabecita coroada de ramos, toda perfumada e linda como os cherubins, participar das delicias em que se embebem os anjinhos, os seus encantos e com esta promessa que lhe inflammava a alma, a pequenita passava o tempo entregue aos labores subtils que sua mãe-lhe confiava, muito contente, sempre alegre por fazer o bem!

E' que, a mãe disse-lhe que só deste modo conseguiria o seu desejo, a aspiração de sua alma.

*

Um dia a Luizinha, recebeu ordem de sua mãe de ir para o collegio afim de aprender habilidades

agradaveis, chicias de contos bonitos, um céu aberto tudo aquillo, um verdadeiro paraíso.

Iria finalmente vêr de novo os anjinhos que lá deviam estar á sua espera, na igreja onde ella apparecia na proxima festa para receber a Jesus que tambem já foi menino e brincava no collo da Virgem que estava num quadro no dormitório do collegio!

Na igreja tudo se dispunha para a festa da primeira communhão, essa encantadora festa das crianças que mais toca e commove o coração! Vêr os innocentes vestidinhos a primor, ornados de flores e fitas, alegres, aproximarem-se da Eucharistia a commungarem o pão dos fortes, o pão que dá vida, que religião possue tanta poesia, tanto encant', o segredo das intimas commoções e das santas alegrias?!

Porem debaixo dos ornamentos ficavam escondidos os anjos de Luizinha que na sua immobillidade se deixaram ficar no escuro, sem reclamar a sua parte na festa.

Tocava já no côro o órgão umas melodias doces, suaves como perfumes, e as vozes bem afinadas, muito saãs, desteriam uns canticos que penetravam na alma encantado a.

Os padres paramentavam-se e uma grande alegria romorosa, communicativa, reinava por todos os lados,

do céu em flores para adornar o throno de Deus e só voltarão a restituir-te a ventura e a esconder te em suas azinhas muito alvas, quando, depois de se soffreres muito na terra, elles te levarem ao céu onde ficarás, para sempre com elles.

(Da Voz de Santo Antonio.)

Novidades Musicaes

Recebemos e agradecemos aos senhores:

Arthur Napoleão & C.:

«Segredos de Moça», schottisch, musica de Americo Costa.

«Os Olhos d'Ellos?», polka por Americo Costa.

«Delirante», polka por Americo Costa.

«Mi amor no tienc limite», valsa por Geraldo Metallo.

«Ave Maria», valsa por J. C. de Oliveira.

E. Bevilacqua & C.:

«Enganos», musica de Julio Reis, repertorio do cancionista brasileiro Geraldo de Magalhães.

Gavotte para mand line ou violon et piano, musica de Eugene Orféo.



Berna com a grande ponte da via ferrea do Aar.

que tornam as meninas prendadas, mais lindas, mais apeteceivcis.

As priminhas já lá estavam e era um prazer d'alma vêr as rendinhas e os bordados feitos pelas suas mãos; ella tambem iria aprender e demais estavam lá muitas meninas para a entreter, para brincar.

Apesar de ter chorado muito, muito pelos seus olhinhos celestes, as saudades que a separação dos anjinhos lhe causavam; elles quem tambem escondiam o rosto, cheio de dôr, entre a plumagem alva das azinhas, para que ninguém, ninguém os visse chorar, a Luisinha, porque a mamãe lhe disse que era preciso aprender para ser mais bonita, para agradecer aos seus queridos que a ficavam esperando velando o seu leve somno do collegio, foi, soffreu os insultos d'algumas companheiras com resignação, estudou com diligencia, fez-se amar da professora que a adorava, que lhe deu muitas prendinhas, muitos e lindos anjinhos pintados de varias cores!

*

Um dia annunciaram-lhe a primeira communhão!

Foi um dia dum jubilo tão extraordinario, duma alegria tão intima que não cabia em si de contente, parece que endoidecia!

Fizeram-se preparativos, ouviu as ultimas instruções, veio o Sr. capellão fazer umas praticas muito

entre a multidão que sorria, admirava, segredava e era feliz.

Estralejavam os foguetes, repicavam os sinos, elevava-se no ar um gorgoejo de vozes, uma poeira de sons, quando apparece as crianças em procissão, alinhadas, silenciosas, e entre todas destacava-se pela belleza, pelo vermelho das faces, pelas lagrimas que lhe brincavam nos olhos azues a reflectirem as bellezas do céu, a nossa Luizinha que vinha ofegante, inquieta como quem perliba a felicidade que persente, mas que não possue ainda l...

A igreja estava tão linda, tão adornada que era mesmo um encanto e fazia lembrar o céu! Mas oh tristeza, oh amargura! No logar do costume não vê os anjinhos que tanto a fizeram soffrer de saudades e com quem desejava brincar no dia da sua primeira communhão!

Seria certo que o dourado palacio da sua phantasia tinha sido destruido cruelmente?

E seus olhos choravam; choravam lagrimas que lhe escaldavam as faces lindas, muito vermelhas e ofegantes.

— Mamã! Onde estão os meus anjinhos cuja ausencia neste dia, tanto me custa a soffrer?

— Filha não estão cá! Foram pedir a Deus que te conserve a innocencia que te vela neste dia! Essas lagrimas que eboras serão transformadas pelos aijos

MOSAICO

Não ha quem não saiba qual é maior vertebrado existente, porém dar-se o mesmo quanto ao menor? Não o eremos. Vejamos, pois, o que a este respeito nos ensina o Sr. Smith, no jornal *Science*.

O menor vertebrado conhecido é um peixe americano, que acaba de ser descoberto nas Philippinas, no Lago Bubi, em Luçon. Este peixe pertence á grande familia dos Gobius. O Sr. Smith deu-lhe o nome de *Mistichius* (que quer dizer o menor peixe) e *luconensis*, para designar-lhe a especie. Esse peixe quasi transparente quando vivo, excepção feita do queixo, que é preto, e de algumas manchas negras sobre o lombo — é provavelmente viviparo ou ovoviviparo. Seu comprimento médio é de 12 a 13 milímetros.

Apesar da exiguidade de seu tamanho, uma tribu indigena, os Bicolos, faz grande uso delle. Estes peixes, conhecidos pelo nome de *Sinarapan*, são apunhadados por meio de peneiras, secos ao sol em folhas, e vendidos depois sob a denominação de *bade*. Os naturaes do logar, que sabem preparar-os de diversos modos, são grandes consumidores dessa iguaria e os soldados americanos, que tiveram occasião de preval-a, acharam-na de gosto agradável e perfeitamente supportavel.

*

A questão das camisas incandescentes ou Auer de dia a dia toma maior importancia, tanto mais quanto a sua applicação já não se limita ao augmento da intensidade luminosa da chamma do gaz, porém estende-se ainda ao do acetyleno, alcool e petroleo.

Estas camisas custam ainda preço relativamente elevado e sua duração é muito curta; nada, pois, mais natural do que procurarem os industriaes os meios de prolongar a sua existencia. Será isto possível? Um jornal allemão afirma que sim, e eis o processo que aconselha para obter este resultado. Consiste em adicionar apenas ao banho de immersão um pouco de acido fluorhydrico. Dissolve-se, p' is, na agua um sal de cerium - o oxalato de preferencia - com uma materia organica tal como a pyrocatechina, e mistura-se com a solução quente de um sal de thorium adicionada de acido fluorhydrico. As proporções são proximaemente as seguintes: thorium 60 grammas; cerium 1,5 a 2,5 grs. acido fluorhydrico de 0,8 a 2 grs.; pyrocatechina 3 grs. e 135 grs. de agua.

Tendo o cuidado de mergulhar os tecidos duas vezes na solução, obtêm-se camisas mais duraveis, e cujo brilho não é de forma alguma attenuado.

✱

Quanto duram os navios? O mais antigo navio do mundo seria o *Victory*, navio almirante de Nelson em Trafalgar. Esta embarcação foi lançada n'agua em 1763; conta, pois, 135 annos de existencia. Atracado ha muitos annos nas bacias de Portsmouth, esta embarcação historica não tem podido ser conservada senão á custa de sacrificios consideraveis por parte do almirantado inglez.

Verificou-se recentemente que ha 24 navios de baixo do pavilhão inglez que contam mais de 100 annos e 13 que aguentam mar ha mais de 65.

Trata-se, porém, de navios de véla em geral. Para as embarcações mais recentes e principalmente, para as novas, é necessario entrar-se em conta com grande abatimento. A duração media de um navio a vapor foi calculada em 26 annos. Todos os vapores construidos em 1815 e 1830 desapareceram de ha muito. O mais antigo vapor da frota commercial ingleza é a embarcação de rodas *Sir-Charles Ogles*, de Halifax. Foi construido em Dartmouth em 1830. O vapor inglez de ferro, que pôde ser tido como o decano da especie, é o *Swiff*, de Cardiff, lançado em 1841 e ainda hoje em trafego maritimo.

Quanto aos navios modernos a vapor sua carreira é forçosamente limitada em virtude dos progressos dos machinismos que obrigam a dar-lhes successores mais depressa do que desejariam seus proprietarios.

✱

A proposito de navios, deu-se ultimamente um facto muito curioso nas docas de Brooklyn, em Nova-York, com o cruzador *Columbia*; este navio de construção recente, e que tinha estacionado por algum tempo nas bacias de Brooklyn, foi encontrado ultimamente muito seriamente estragado; uma parte do casco metallico estava destruido. A origem do mal é facil de indicar-se.

As correntes electricas da estação dos tramways passam pela ponte de Brooklyn e voltam a esta estação pela rua Sands, atravessando as docas. Resulta do inquerito feito que o navio ancorado neste circuito

LEOPOLDO MIGUEZ

A arte brasileira não podia ser mais dolorosamente ferida do que o foi com a morte de Leopoldo Miguez, um nome que, se não anda hoje de bocca em em bocca, affogado pela popularidade, brilhará mais tarde com a intensidade de um astro, será um labaro de saudade, de patriotismo e de gloria.

A Estação curva-se diante do grande morto.

CHRONIQUETA

Rio, 8 de Julho de 1902.

A grande Réjane tem por fórma tal monopolisado as atenções, que um grande escandalo parlamentar passou, por bem dizer, despercebido, embora entrasse um punhal em scena.

O tal escandalo seria para todos nós motivo de funda amargura, se de vez em quando não lessemos nos jornaes que identicas vergonhas se reproduzem ás vezes nos paizes mais adiantados do velho mundo. — o que quer dizer claramente que em toda a parte os homens, e particularmente os homens politicos, se parecem uns com os outros.

Em todo o caso, eu preleria que os nossos congressistas, a imitarem os seus collegas da Europa, o fizessem no que estes possam ter de bom, e não nessas demasias e arreh atamentos, muito improprios em cidadãos incumbidos de fazer leis e de salvar a Patria.

E' lastimavel que alguns representantes do povo desperdicem o tempo, que tão caro nos custa, em dis-



Socogo florestal.

Tem-se frequentemente emitido a opinião de que os navios, mesmo os que são construidos com materias de primeira escolha, raras vezes excedem á idade de 100 annos; ha, entretanto, excepções. O caso conhecido mais notavel é o da baleeira *Tryelove*, do ponto de Hulle. Este navio, uma barca de tres mastros de 148 toneladas, fôra construida em Philadelphia em 1718. Depois de haver navegado alguns annos debaixo do pavilhão americano, foi comprada por um armador da Grã-Bretanha para ser applicada á pesca da baleia no Oceano Arctico. Com 97 annos affrontava ainda os gelos polares. Nessa época passou para uma casa que se occupava do commercio de madeiras e navegou no mar Baltico durante 54 annos. Só depois de 139 annos de serviço é que foi vendida aos demolidores.

electrico, teve seu casco atacado por uma acção electrolytica provocada pelas correntes. O cruzador estava de facto, como que mergulhado em uma especie de pilha gigantesca, cuja agua salgada servia de conductor.

Houve por conseguinte dissolução electrica do metal.

Este caso é o unico que conhecemos na especie. Os engenheiros destacados nos portos de guerra farão bem em aproveitar a lição e em não expôr os navios á acção destruidora das correntes electricas da rua. Evidentemente para que isso se dê são precisas circunstancias especiaes; mas, a cousa é possível, como o prova este caso.

(Do Estandarte Catholico.)

cussões estereis e ociosas, cujos resultados só se traduzem por factos como esse, que teria outra repercussão, se ali não estivesse a Réjane para desviar o espirito publico de tudo quanto não seja o seu maravilhoso talento.

Folgo de ver que as minhas formosas leitoras não têm faltado aos espectaculos do Lyrico, e algumas até, cheias do mais legitimo enthusiasmo, dão palmas á incomparavel actriz que nos veio — bemvinda seja! — trazer a ultima palavra no tocante á arte difficilima de representar comedias.

Aquelle talento é de tal ordem, que a gente esquece-se de que algumas peças do repertorio da Réjane não foram feitas para senhoritas, nem repara que estas ouçam embocadas as escabrosidades de *Ma cousine* e principalmente de *La parisienne*.

Se as comédias fossem representadas em latim, *transit*; mas não ha senboita que se preze e não entenda o francez. E' verdade que muitas coisas podem ellas entender sem as comprehender.

Penso, com Dumas Filho, esse grande feminista, que o theatro não se fez para as meninas solteiras, flores melindrosas que devem ser cuidadas com todo o carinho e sollicitude; mas penso tambem que n'uma terra onde não ha divertimentos apropriados ás noças seria iniquo privar-as do prazer de ouvir e admirar uma artista comm Réjane.

Das peças até agora representadas por ella no theatro Lyric, *La robe rouge* é a unica no caso de ser ouvida por outros espectadores que não sejam homens felizes e senhoras casadas ou viúvas, e entre as que ainda vão ser representadas não vejo outra senão *Madame Sans Gêne* que esteja no mesmo caso; mas, repito, comprehendo até certo ponto a tolerancia dos paes.

E mais não digo para que não me julguem rabugento.

ELOY, o HERÓE.

— THEATROS —

Rio, 7 de Agosto de 1902.

A grande novidade theatral... que digo eu? a maior novidade de todas as novidades é a presença da Réjane aqui no Rio de Janeiro.

A grande actriz parisiense já se mostrou aos fluminenses em quatro peças do seu brilhante repertório: *Zazá*, comedia de Pierre Berton e Charles Simon, *Ma cousine*, comedia de Henri Meilhac. *Sapho*, comedia de Alphonse Daudet e Adolphe Bellot. *La robe rouge*, comedia de Brieux, e para hoje está annunciada *La parisienne*, comedia de Henri Becque.

Seria mister um espaço de que não dispomos, para dizer aqui a profunda impressão que nos produziu o extraordinario talento de Réjane. Esperavamos muito, muitissimo; entretanto, a nossa expectativa foi excedida. Ella é, realmente, uma artista excepcional.

Dos quatro papeis em que a vimos, difficil é dizer qual nos pareceu a nós o mais admiravel. Em todos a Réjane se nos afigurou perfeita como a propria perfeição.

A companhia dramatica de que é ella natural mente a principal figura, conta alguns artistas de muito merecimento taes como Dubosc, Grand, Paulet e Mme. Grassot, que gozam de lisongeira reputação em Paris. Além desses outros ha tambem dignos dos applausos do nosso publico.

A concorrência aos espectaculos de Réjane tem sido extraordinaria. Ha muito tempo o theatro Lyric não se enchia com tanta nem tão escolhida assistencia.

A passagem de Gabriela Réjane pelo Rio de Janeiro é um acontecimento que por longos annos está lembrado.

Depois da *Sapho*, a companhia Taveira deu nos a *Zazá*, com Angela Pinto no papel da protagonista. Impressionados, como nos achamos, pelo trabalho de Réjane na mesma peça, não nos parece conveniente emitir um juizo que pôde, talvez, peccar pelas circunstancias ambiantes, — pois somos os primeiros a reconhecer que qualquer idéa de confronto não seria justa.

Em todo caso, podemos affirmar que Angela Pinto é uma artista de certo valor, que espera, para ser definitivamente julgada, uma peça em que esteja mais á vontade que no repertorio francez. Esta peça palpitante nos será *Rosa, a enxada*, de João da Camara, a qual se acha em ultimos ensaios.

A mesma companhia Taveira deu-nos um *vaudeville* em 3 actos, o *Outro eu*, de Hennequin e Duval, traducção de Eduardo Garrido. E' o que se chama uma fabrica de gargalhadas, convindo destacar Augusta Cordeiro, que conheciamos como uma boa actriz de opereta e voltou agora uma excellente actriz de comedia.

No Recreio voltou á scena o *Quo vadis*, mas quer nos parecer que a empresa Dias Braça precipitou um pouco esta reprise. A peça encontraria mais publico se esperasse mais alguns mezes.

No S. Pedro esteve um *frígoli* portuguez. Não o vimos nem ouvimos.

Continúa em ensaios no Lucinda a revista *Comeu!* do nosso collega Arthur Azevedo, musica de Abdón Millanez.

X. Y. Z.

SAUDADES

Ha quanto tempo eu não te vejo mióha amada, Ha quanto, ha quanto tempo os meus febrils olhares Só veem em te não vendo as sombras dos pezares E nessa sombra a febre, as trevas da noitada.

Que me pesa na mente em luridos scismares! Mas... sem mesmo te ver, te vejo retratada Nos aonhos longos meus de noite na calada, Nas azas do pensar, nos turbidos sonhos...

Vejo te sempre pura, amavel enxugando O pranto meu amaro, o pranto meu ditoso: Amaro porque lembra os negregados dias Passados a chorar em choros dormitando, Ditoso porque cliz o quanto vae de gozo As lagrimas vertendo em tuas mãos alvias!

Campina

VICENTE MELILLO.

SUPREMO

Vem de encantada gloria e bizarrismo Esse Amor que te reza as phantasias Da soberana missa do lyrismo Na cathedral suprema dos meus dias.

Vae ao seu mando gaitarreando o abysmo Balladas d'oir ao som de Ave-marias... E as Almas santas do fiel baptismo Sorvem felizes, taças de alegrias...

E ao posar dos seus olhos cõ dos mares Nascem no Azul as pratas estrellares... E Alguem... Alguem ao vel a fica immerso!

Sacratissima Perola do Nilo, Para cantal a é pouco o meu estylo E a redemptora rima do meu Verso!

FRANCISCO SERRA.

(Da Oj. dos Novos)

Maranhão, 1902. Junho.

Xarope Peitoral de Angico Composto

PREPARADO COM A DECANTADA GOMMA DE ANGICO DO PARA' E ALCATRAO DA NORUEGA

Este antigo e afamado xarope cura em poucos dias as tosses mais rebeldes, as bronchites mais antigas, as asthmas mais incommodativas, as rouquidões mais pertinazes, as coqueluches mais espasmodicas e as constipações mais chronicas.

PREPARA SE NA 103, RUA DA URUGUAYANA, 103 PHARMACIA BRAGANTINA

Sabonete RIFGER

Este prodigioso sabonete phenico-glycerinado, approvado pela Inspectoria Geral de Hygiene, faz desaparecer em poucos dias as manchas do rosto, espinhas, pannos, sardas, caspas, empigens, darthros, erupções cutaneas, *signata de besipus, brotolias etc.*, tornando a pelle agradavelmente fresca e assendada, faze-la espargir o mais suave aroma, dando-lhe belleza, attractivos e encantos, devendo ser preferido pelas milia de familia para a lavagem dos filhinhos, por ser um seguro preservativo de todas as m lesões contagiosas e epidemicas.

Preço: duzia, 14\$, um 1\$500, caixa de 3, 4\$000. Vende-se nas principais pharmacies drogarias e casas de perfumarias e no deposito em S. Paulo—Baruel & C.

—Largo da Sé n. 2. Deposito no Rio de Janeiro—Gooly Fernandes & C.

—Rua de Quitanda n. 18.

E' falsificado todo o sabonete que não tiver estampado uma iguia rayalgada por nos moça e um rotulo externo a firma de A. Rifer Nunes em letras vermelhas.



UM SO'

vidro de *Lugolina* pôde curar as molestias recentes ou promover grandes melhoras nas antigas, porque logo ás primeiras applicações produz effeito, estabelecendo nesta forma a confiança neste maravilhoso remedio, que não só no Brazil como na Europa tem obtido o maior successo que é possivel obter um medicamento.

A *Lugulina* do Dr. Eduardo França é o unico remedio brasileiro que tem tido as honras de ser adoptado na Europa, obtendo os maiores elogios de medicos e hospitaes, não só pela sua efficacia, como porque é um remedio que, logo as primeiras applicações, produz effeito benéfico, não sendo como tantos outros que necessitam um uso prolongado para um resultado problematico.

A *Lugolina* não tem os inconvenientes das pomadas e unguentos, porque é liquida, sem gordura, sem cheiro, não suja o corpo nem as roupas e cura todas as molestias da pelle, feridas, ulceras, frieiras, brotoejas, comichões, suor fetido dos pés e do sovaco, manchas da pelle, espinhas, caspa, q' é da dos cabellos, queimaduras, empigens, assaduras das coxas, sarnas, tinha, houthas, golpes e qualquer erupção ou manifestação na pelle.

AS SENHORAS

que fizerem uso da *Lugolina* em injeccão podem estar absolutamente seguras de evitar qualquer molestia uterina e obter a cura das variadas pequenas affecções que tanto as incommodam e que deixam muitas vezes de tratar porque o seu pudor as impede de se sujeitarem a exame medico.

A *Lugulina*, para o uso de injeccões nas senhoras, deve ser na proporção de uma colher de chá para meio litro d'agua morna, pela manhã e a noite.

A *Lugulina* vende-se em todas as pharmacies e drogarias. Depositarios: no Brazil—Araujo Freitas & C., ruas dos Ourives n. 114 e S. Pedro 92. Na Europa—Carlo Erba Milão, Preço 3\$000.

DENTES ARTIFICIAES

A. F. de Sá Rego

ESPECIALISTA

Rua Gonçalves Dias N. 1 Praia de Botafogo N. 198

PERFUMARIAS

Preços baratissimos

Para o cabelo: Agua do quina tonica glycerinada a 1\$, 1\$500, 3\$, litro 4\$500. Oleo legitimo de coco quinado 1\$, dito de babosa 1\$, loções extra perfumadas 1\$, 2\$, litro 4\$500. Tomico oriental 1\$500. Oleo finissimo am estio 2\$. Para dentes: Pastas de lyrio glycerinada, pote 1\$ e 1\$500. Pés dentificios hygienicos 1\$. Alizir dentificio 2\$500. Para toilette: Agua de colonia extra 1\$, 2\$, litro 4\$500, agua florida 500, 800, e 2\$ brilhantinas 1\$500, pó do arroz finissimo 1\$ a 1\$500. Looutins 2\$. Barras de sabonete, pura glycerina, glycerina e alcatrao, amendoas, e de cores 1\$ a 1\$500, sabonete de vilafice 1\$ e muitas outras qualificadas. Extractos superiores, cosmeticos. Loção Acacia especifico contra a queda dos cabellos a caspa a 4\$000 etc, etc. 67, Rua Sete de Setembro, 67.—Junto á Fabrica de Chocolate

COQUELUCHE

Ilm. Sr. SERVULO GENOFRE, distincto pharmaceutico—Nesta.

Tenho o prazer de communicar-lhe que os seus preparados Xarope e Elixir contra a coqueluche deram excellent resultado em meus filhos, estando todos restabelecidos.

Com muitos agradecimentos me subscrovo collega e amigo obrig. Dr. Bráulio Gomes.

Encontra-se na rua S. João, 109.—S. Paulo, Silva Araujo & C., rua 1.º de Março, 3. Rio. Rua D. Anna Nery, 100.

Raconstituinta geral do Sytama nervoão, Neurasthenia.

NEUROSINE PRUNIER

NEUROSINE-XAROPE — NEUROSINE GRANULADA

NEUROSINE-CAPSULAS

Debilidade geral, Anamia, Phosphaturia, Enxaquecas.

Deposito Geral: CHASSAING & C^{ia}, Paris, 6, Avenna Victoria.

NOVAS PUBLICAÇÕES MÚSICAS

DO Grande estabelecimento de Pianos e Musicas DE E. BEVILACQUA & C.

- Chaminade, C. Les Sylvains..... 1\$500
- Dalueriat, A. Caprice Indien..... 2\$000
- Henselt, A. Repos d'amour..... 1\$000
- Grondahl, A. Berceuse..... 1\$000
- « « Humoresque..... 1\$000
- João Gomes Junior, Premicere Pensée (romance vans paroles)..... 2\$000
- Malemberg, C. Dresdinal gavotte..... 1\$500
- Pela janella (celebre cançoneta Par la fenitre) traducção em portuguez do cantor Geraldo de Magalhães..... 2\$500
- Enganos, cançoneta, J. Reis, cantada nos bellissimos revertoirs do cançonetista Geraldo de Magalhães..... 1\$500
- Amourette, valsa. R. Berger..... 1\$500
- Frühling, schottisch. O. Carneiro..... 1\$000
- Loin du pays, valsa. R. Berger..... 1\$500
- O teu olhar, valsa. A. Lemos..... 1\$500
- Tudo dansa, polka. B. Neves..... 1\$500
- Lhote, A. Confidense, para piano e violino..... 1\$000
- E. Orfeo, Gavotte, mandolim e pianos. A. Milanes. Deux Etoiles para dois mandolins e piano..... 3\$000

Rio de Janeiro — Rua dos Ourives 43 S. Paulo (casa filial) Rua S. Beato 14-A

Summario do presente numero

- 1. O presente numero d'A Estação compõe-se do seguinte:
- 1.ª Uma CAPA contendo informações uteis e precisissimas que a assignante ou compradora deve sempre exigir de nosse depositarios e agentes.
- 2.ª Texto contendo 8 paginas e m figurinos e ornamentos.
- 3.ª Uma folha de moldes riscados tamanho natural.
- 4.ª Uma gravura colorida.
- 5.ª Terceiro fasciculo do "Tratado de trabalhos de a. u. l. a."
- 6.ª Supplemento litterario illustrado com 4 paginas.

Grande e importante concurso musical

Seguindo a lista o programma que serve de norma aos editores e proprietarios d'A Estação, temos a subida honra de participar á; nessas Exmas. assignan-

tes e leitoras que não recuando deante de nenhum sacrificio, resolve nos offerecer lhas uma composição musical, premiada em concurso, que acompanhará o numero 17 d'A Estação, a publicar-se no dia 15 de Setembro proximo futuro.

Fica portanto aberto nesta data um concurso para a escolha de uma Scholisch para piano.

1.º premio

Um objecto artistico, com dedicateria especial d'A Estação a autora cuja musica será premiada em primeiro lugar. O retrato da autora premiada será estampado no frontespicio da musica.

2.º premio

Uma assignatura de um anno do jornal A Estação a autora cuja composição sera classificada em segundo lugar.

O concurso será encerrado no dia 30 de Agosto de 1902, ás 6 horas da tarde.

Condições

As condições exigidas para o concurso são ts seguintes:

1.ª Só ás senhoras brasileiras poderão figurar no concurso, exclusivamente reservado ás compositoras e amadoras nacionaes.

2.ª A Scholisch será de meia difficuldade, para que assim esteja bem ao alcance das amadoras.

3.ª Deve ser original.

4.ª Será copiada por pessoa que não seja a autora e o original assignado com um pseudonymo.

5.ª Deverá vir acompanhada de um envelope fechado subscripto com o mesmo pseudonymo e que conterá um cartão com o nome e a residencia da autora.

6.ª O veredictum dos juizes será publicado em todos os jornaes diari s d'esta Capital.

7.ª A composição premiada em primeiro lugar ficará sendo propriedade exclusiva da firma A. Lavignasse Filho & C.

8.ª A escolha do jury será feita á ultima hora e os nomes dos respectivos membros só serão publicados depois do concurso.

Os proprietarios editores d'A Estação :

A. LAVIGNASSE FILHO & C.

VINHO DE CHASSAINO
BI-DIGESTIVO
Recetado ha 30 annos
CONTRA AS AFFECTOES DAS VIAS DIGESTIVAS
Paris, Avenue Victoria n.º 6.



"PHOSPHATINA FALIÈRES"
é o mais saudavel e o mais recomendado alimento para crianças desde a idade de 6 a 7 mezes, principalmente quando começam a ser desmamadas e no periodo de crescimento. Facilita a digestão e concorre para boa formação dos ossos.
PARIZ, AVENUE VICTORIA N.º 6 E NAS PHARMACIAS

PRISAÓ DE VENTRE
é a melhor e mais verdadeira
Pó Laxativo de Vichy
do Dr. SOULIGOUX
a cada cento, arrumado a posparto, facil de usar.
O vidro de cerca de 25 doses. 1.25 fr. 1902.

Fazendas, Modas
Armarinho
Recebe por todos os vapores, artigos de novidades parisiennes.
A LA PARISIENNE
adopta o systema de vender por preços modicos para vender muito.
R. Gonçalves Dias, 29
J. BERNARDES

Pastilhas e Xarope de Nafé
DELANGRENIER
excellentes peitoraes contra
TOSSE, DEFLUXO, BRONCHITE
As Pastilhas de Nafé são verdadeiros confeitos peitoraes de um gosto delicioso. Acalmam as irritações da garganta e do peito.
O Xarope de Nafé, misturado com uma infusão ou com leite quente, forma uma tisanas muito calmante e muito agradável.
Esses peitoraes não contém substancia toxica e podem ser administrados com toda a segurança ás CRIANÇAS e muito particularmente contra a COQUELUÇHE.
Esgrir a marca verdadeira: Delangrenier-Paris
São encontrados em todas as Pharmacias

SUAVIDADE - FRAGRANCIA - DELICADEZA
NOVO PERFUME
LE TREFFLE
Incarnat
CAUTELA COM AS IMITACOES
II. PIVER
PARIS
Illustration of a perfume bottle.

VICHY-ÉTAT
VICHY-HOPITAL
Molestias do Estomago e do Intestino.
VICHY GRANDE-GRILLE
Molestias do Fígado e do Apparelho biltoso.
VICHY-CELESTINS
Molestias dos rins e da Bexiga, Gottas, Diabetes.
AO RECEITAR ESPECIFIQUEM BEM O NOME
PASTILLES VICHY-ÉTAT
COMPRIMES VICHY-ÉTAT

CRÈME SIMON
PARA conservar ou dar ao rosto
FRESCURA MACIEZA MOCIDADE.
Para proteger a epiderme contra as influencias perniciosas da atmosfera, é indispensavel adoptar para a toilette diaria o CRÈME SIMON.
Os PÓS de Arroz SIMON e o SABONETE Crème Simon, preparados com glicerina, a sua acção benéfica é tão evidente que não ha um homem que o use uma vez que não reconheça as suas grandes virtudes.
MÉDAILLE D'OR, PARIS 1900
J. SIMON, 22, rue du Faubourg PARIS 10.
PHARMACIAS, PERFUMERIAS e lojas de Cabellereiros.
Desconfiar das Imitações.

Balladas Romanticas

Branca

Vite pequena; las rezando
Para a primeira communhão:
Toda de branco murmurando,
Na frente o veo, rosas na mão,
Não las só: grande era o bando...
Mas entre todas te escolhi:
Min'alma foi-te acompanhando
A vez primeira em que te vi.
Tão branca e moça! o olhar tão brando
Tão innocente o coração!
Toda de branco, fulgurando,
Mulher em flor! flor em botão!
Inda ao lebral-o, a maquia abrando,
Esqueço o mal que vem de ti
E, o meu rancor estrangulando
Mendigo o dia em que te vi!
Rosas na mão, brancas... E, quando
Te vi passar, branca visão,
Vi com espanto, palpitando
Dentro de mim, esta paixão...
O coração puz a teu mando...
E, porque e cravo me rendi,
Ando gemendo, aos gritos ando,
— Porque te arnei! porque te vi!
Depois fugiste... E, inda te amando,
Nem te odiei, nem te esqueci:
— Toda de branco... las rezando...
Maldito o dia em que te vi!

OLAVO BILAC.

O VINHO E A SAUDE

Diversos jornaes da Europa publicaram uma especie de inquerito relativo á influencia do vinho sobre a saude, sendo os resultados discordantes.

E assim acontecerá sempre que se fôr á husca de opiniões vagas, de razões mais de sentimento do que de experiencias precisas, e de apreciações em que o gosto especial de cada um dá o seu julgamento scientifico...



mentado da vinha para inflingir o alcoolismo aos seus infelizes consumidores.

O alcool ethilico que se encontra no vinho natural é muito menos toxico do que os outros alcools superiores. Innumeraes experiencias o demonstram. Ora, nos paizes em que o uso do vinho esta muito espalhado, isto é, nos paizes viticolos com some-se pouco alcool.

Dá-se o contrario na Bretanha, na Normandia, nos Paizinhos, onde a uva não amadurece. São regiões onde existe furiosamente o alcoolismo, precisamente por que nessas regiões se consome pouco vinho, que é substituido pela aguardente.

Absolve-se mais facilmente uma grande quantidade de alcool (e alcool de má qualidade) bebendo-se aguardente do que bebendo vinho.

Dahi a predominancia do alcoolismo nos paizes não viticolos. O facto é evidente, não duvidoso, e a explicação torna-se tão simples quanto racional.

Póde-se concluir dahi que o vinho seja favoravel á saude? Seria francamente absurdo.

Póde-se inferir que o uso do vinho é menos perigoso do que o uso da aguardente.

Eis tudo. Supponhamos que haja em certos paizes um grande consumo de morphina, que diminua de alguma forma o consumo do alcool e inversamente, poder-se-ia por isso concluir que é o alcool salutar porque impede o intoxicamento pela morphina.

Certamente que sim. Poderia-se considerar o uso do vinho como excellente, logo que se apresentasse a dolorosa necessidade de se tomar vinho ou alcool.

Quando dizemos que o vinho é prejudicial, não devemos dahi concluir que se o deva distillar em aguardente para ser ministrado sob forma aos operarios, rusticos, etc.

O alcool da aguardente é funesto: é evidente, mas isso não prova de maneira alguma que o vinho seja favoravel á saude. E' uma falta de logica verdadeiramente singular...

Seria desnecessario discutir a questão das vantagens e dos inconvenientes do vinho.

Era preciso um longo estudo ainda que simples, devendo-se observar: 1º que a mistura do vinho com os alimentos diminua constantemente o appetite e por consequencia altera mais ou menos a saude; 2º que o alcool é certamente um veneno, mesmo em dose pequena, e que é logicamente e physiologicamente uma extranha aberração tomar um alimento que con-



A Cathedral de Berna.

é isso incontestavel. O velho adagio *Naturam sequere*, conservou toda a sua força. Mas não se fica condemnado á morte quando se toma por dia um meio litro de vinho não falsificado.

Passa-se um pouco menos hem, diminuindo o appetite; a digestão é mais laboriosa; mas, afinal, tambem não se morre.

Chapelinho Vermelho

PARA CRIANÇAS

Era uma vez uma aldeasinha linda como os amores: sua mãe era douda por ella, e a avó mais ainda.

A boa mulher deu-lhe de presente um chapelinho, que lhe ficava tão hem que lhe pusera o nome de Chapelinho vermelho.

Um dia, sua mãe fez alguns holos e disse-lhe: Vai saher com o está tua avó. Ouvi dizer que ella estava doente; leva-lhe um bolo e este potesinho de manteiga.

Chapelinho vermelho poz-se logo a caminho de casa de sua avó que morava adiante, noutra aldeia.

Ao passar por um bosque encontrou o compadre lobo que teve gana de a comer, mas não se atreveu, arreando-se de alguns leñeiros que derrubavam arvores na matta. Perguntando-lhe elle onde ia, a cidadinha, que não sabia quantos perigosos presta attentione a um lebo, respondeu: Vou ver miha avó e levar-lhe um bolo e um pote de manteiga que miha mãe lhe manda.

Mora muito longe sua avó? perguntou-lhe o velhaco. — Oh! sim, respondeu a menina, é acólá, além d'aquelle moicho que você ve ao longe, na primeira casa da aldeia.

— Ora hem disse elle, tambem eu tenho muito gosto em conhecel-a; vou por este caminho, você seguirá aquelle, a ver quem chegara primeiro.



A Platforma da Cathodal do Berna.

Diz a *Revista Scientificá*, que não pretende tratar desta questão *ex-professo*, sinão apenas dar a sua opinião, sobre um ponto, visto ter sido esta opinião desnaturalada por certos jornalistas, evidentemente favoraveis ao commercio dos vinhos e dos alcools.

Estabeleceram toda a sorte de contradicções, porque a *Revista* declarou ser o vinho prejudicial á saude, etc.

Ora, dizer que o vinho prejudica a saude, não se quer dizer com isso que o seu uso arraste ao alcoolismo.

Quasi sempre o alcoolismo é o resultado do consumo do alcool; a aguardente, a cidra, os *rhums*, os *hirsches*, e outras innumeraes bebidas alcoolicas, que não derivam da fermentação da uva, são mais efficazes do que o succo fer-

Y

OSCAR D'ALVA

(REIS CARVALHO)

SENHORA

Peça em 5 actos extractada de collaboração com Marinho Aranha, do romance de mesmo nome, de José de Alencar.

Representada pela primeira vez no theatro São Luiz de Maranhão, em 26 de Março de 1896 e no Elite Club do Rio de Janeiro em 17 de Maio e 30 de Junho de 1899.

PERSONAGENS:

- | | |
|---|--------------------------|
| Aurelia Camargo Senhora | Luiza Leonardo. |
| Fernando Seixas..... | Moreira de Vasconcellos. |
| Lemos, tutor de Aurelia.. | Pereira. |
| Alfredo. | Silva. |
| Arthur. <i>amigos de Seixas</i> | Dutra. |
| Barbosa | Azevedo. |
| Augusto | Ahos. |
| Jorge. <i>frequentadores da casa de Aurelia</i> | Dias. |
| Carlos. | Dutra. |
| Mario. | Borges. |
| Um tabellião..... | Amorim. |
| Um criado..... | Olive. |
| D. Firmina, mãe adoptiva de Aurelia..... | Julia Gilbert. |
| Mariquinhas <i>irmãs de Nicota.....</i> | Maria Borges. |
| Nicota..... | Lucia Fernandes. |
| Adalgisa..... <i>amigas de Aurelia</i> | Maria Borges. |
| Julietta..... | Lucia Fernandes. |
| Luiza Soares..... | Feliciana. |
| Convidados..... | N. N. |

Ação — Rio de Janeiro — Época — 1.º Imperio

DE NOMINAÇÃO DOS ACTOS

1.º O Preço; 2.º A Compra; 3.º A Quitação; 4.º A Posse; 5.º O Resgate.

E' aquella moça toda de azul? Com espigas de prata nos cabellos e nos apanhados da saia; simples e de muito bom gosto?... Lembro-me. E' uma menina bem galante!..

AURELIA. — E bem educada. Dizem que toca piano perfectamente e que tem uma voz muito agradável.

D. FIRMINA. — Mas não costuma apparecer na sociedade. E' a primeira vez que a encontramos, não me lembro de tel a visto antes.

AURELIA *(sem preocupação de espirito)*. — Foi a primeira vez! *(Ahega se mais para D. Firmina que se tem sentido e lhe falla com interesse)* Diga-me uma cousa D. Firmina!..

D. FIRMINA. — Que é Aurelia?

AURELIA *(instante)*. — Mas ba de ser franca. Promet-te-me?

D. FIRMINA. — Franca? Mais do que sou menina? Si é este o meu defeito?

AURELIA *(em outro tom mais suave e ao mesmo tempo hesitante)*. — Quem acha a senhora mais bonita, a Amaralzinha ou eu?

D. FIRMINA *(rindo-se)*. — Ora, ora!.. Está zombando Aurelia. Pois a Amaralzinha é para comparar-se com você?

AURELIA. — Seja sincera

D. FIRMINA. — Outras mais bonitas do que ella não chegam a seus pés.

AURELIA *(como se completasse uma reflexão intima)*. — E' tão elegante!..

D. FIRMINA. — São gostos.

AURELIA. — Em to do caso é mais bem educada do que eu!

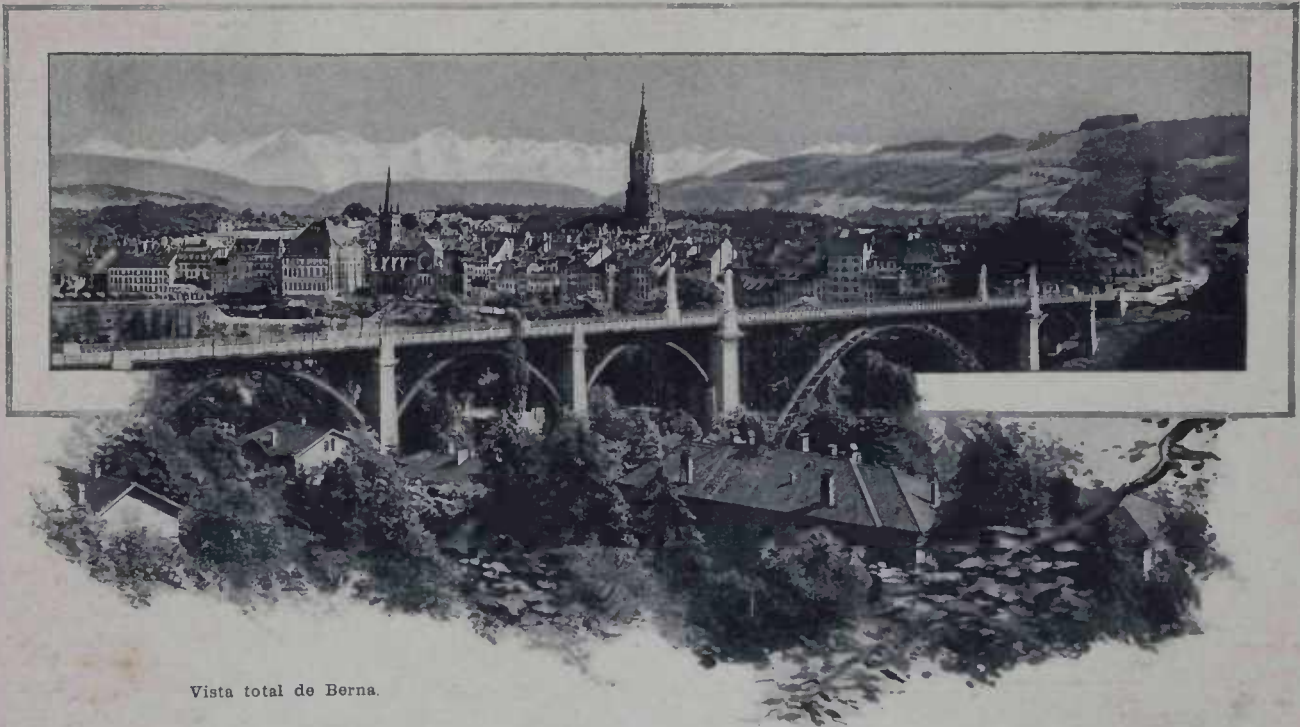
D. FIRMINA. — Do que você Aurelia? Ha de ser difficil que se encontre em todo o Rio de Janeiro outra moça que tenha a sua educação. Lá mesmo por Paris, de que tanto se falla, duvido que haja.

AURELIA. — Obrigado! E' essa a sua franqueza, D. Firmina?

D. FIRMINA. — Sim, senhora; a minha franqueza está em dizer a verdade e não em escondel-a. Demais isso é o que todos vêem e repetem. Você toca piano como o Arnaut, canta e mo uma prima-dona e conversa na sala com os deputados e diplomatas, que elles ficam todos enfeitichados. E co no não ha de ser assim?

MOLDES CORTADOS

Remetemos a tarifa dos preços dos moldes cortados da A ESTAÇÃO em tamanho natural, quando o peçam por escripto.



Vista total de Berna.

A SUICIDA

Illu, o esposo... o filho!.. Eis a trindade Que o lar d'Eulina de ventura encbia. Mas succede que a negra peste, um dia... Rouba-lhe o esposo, deixa-lhe a orphandade!

Vinte annos apenas! Que saudade No solitario leito, alma a excructa! Ah! Requite do certel... e fubica! Do mesmo mal o filho!.. Q' Deus! Piedade!

Socorro! Auxilio a pobre Mãe ferida!.. Mas não! Tortura deo lhe o ceu por sorte: Morre o filho tambem!.. Desattendida.

Doída de dor—sem nada que a conforte, No labio que lhe dava ha pouco a vida Surve a misera mãe, n'um beijo, a morte!..

Niteroy — 1902.

A. AZAMOR.

ACTO I

O PREÇO

Sala rica. Porta e vanellas lateraes e ao fundo. Consolas, cadeiras etc., etc.

Aurelia esta pensativa reclinada num divan

SCENA PRIM IRA D. FIRMINA e AURELIA

D. FIRMINA *(ceerra cuidadosamente as venezianas e se dirige depois a Aurelia, com ternura)* — Está fatiga a de houtein?

AURELIA. — Nem por isso, mas sinto-me languid; ha de ser o calor.

D. FIRMINA. — Estes bailes que acabam tão tarde não podem ser bons para a saude; por isso é que no Rio de Janeiro ha tanta moç' magra e amarella. Ora, hontem quando servia n a casa pouco faltava para tocar matinas em Santa Thozza. Si a primeira quadilha começou com o toque do A agão!.. Que ba rafunda!.. O serviço não esteve ná; mas andou tão atrapalhd!..

AURELIA *(interrompendo)*. — Que tal achou a Amaralzinha, D. Firmina?

D. FIRMINA *(recordando se)*. — A Amaralzinha?...

Quando você quer, Aurelia, falla que parere uma novella.

AURELIA *(levantand' se)*. — Já vejo que a senhora não é nada lisongeira. Está desvanecendo dos meus dotes *(ocultita a ultima palavra)*. — Então não sahe, Dona Firmina, que eu tenho um estylo de ouro, a cuja eloquencia arrebatadora não se resiste? As que fallam como uma novella em vil prosa, são essas moças românticas e pallidas que se andam evaporando em suspiros; eu fallo como um poema; sou a poesia que brilha e deslumbra. *(Continua)*

CHRONIQUETA

Rio, 24 de Julho de 1902.

A mensagem que o presidente do Estado do Rio de Janeiro apresentou ao congresso daquelle Estado tornou as proposições de um acontecimento, não só pela forma, que lembra a prosa dos melhores tempos de Quintino Bocayuva, como pela franqueza de que está revestida.

E' sabido que a verdade não tem por costume sahir das mensagens tão nita como do poço, mas

desta vez sabiu, e é isto que tem dado taes proporções áquelle documento.

Quintão Ilocayua pede que se transfira, de novo, para a invicta Nietheroy a capital do Estado, e pede-o, apesar da grita que o seu pedido naturalmente vai levantar, — sim, porque ha muita gente empenhada em que a capital fique em Petropolis.

A mim quer me parecer que tanto Petropolis como Nietheroy ganharão com a mudança. — Nietheroy recuperando a importancia que tinha d'antes, e Petropolis perdendo o terrivel feitiço que lhe deram de cidade sinha burocrata.

O antigo Corrego-Secco nasceu para ser um logar de villegiatura ou de recreio; todas as applicações que lhe derem, e não sejam essas, farão com que ella perca a sua encantadora physionomia, o seu *chic*, e se pareça com todas as outras capitães de provincia.

Nunca me pareceram topicos os motivos que influiram para fazer de Petropolis a capital do Estado. Abi a vida é cara, não foi feita para fanceonarios que ganham pouco e são pagos sabo Deus como. Uma cidade de luxo e de recreio não pôde ser a capital de um Estado pobre — a menos que se pretenda dividir a sociedade em duas classes, a dos felizes e a dos envergonhados.

As nossas leitoras têm tomado ultimamente um regabobe de divertimentos,—ora concertos, ora representações dramaticas, e não tarda abi a companhia lyrica, trazida da Italia pelo activo Sazence. Parte a Réjane e cbeiga a Darclée. Rei moito, rei posto.

Entra tambem no rel desses divertimentos a exposição de arte portugueza, inaugurada ba dias no salão do Lyceu de Artes e Offícios.

Ha muitas cousas boas nessa exposição, mas ha tambem outras que não valia a pena atravessarem o Oceano, e é por isso, talvez, que o certamen não tem despertado o entusiasmo com que se poderia contar.

Columbano, Malhoa, Salgado, Raphael B rdallo Pinheiro e alguns mais, são bellos artistas, que fazem, não ha duvida, muito boa figura na exposição; mas, a par desses, quantas mediocridades!

ELOY, O HEROS.

— THEATROS —

Rio, 24 de Julho de 1902.

A REJANE está a deixar-nos, com que magoa o dizemos!

Quizeramos apreciar-nas columnas da Estação em uma por uma das peças em que se exhibiu no Rio de Janeiro, porque, falando tão por alto, não podemos dar uma pallida idéa do entusiasmo que nos causou o seu maravilhoso talento; mas... que querem?... não dispomos de muito espaço neste periodico, e em vinte ou trinta linhas não poderíamos dar uma noticia completa.

No proximo numero faremos uma rapida resenha de todos esses espectaculos, afim de ficar na Estação a memoria deste esplendido Julho, que tão propicio foi aos amadores da verdadeira arte dramatica.

Indo assistir á representação da peça *A Rosa Encantada*, de D. João da Camara, j ela companhia Taveira, no theatro Apollo, fomos sorprendidos por um dramabão! O auctor dos *Velhos* e de *Triste Viuvinha* tambem sacrificia aos deuses de Demery? Emfim... Dos males o menor: antes isso que uma tragedia.

A companhia deu boa conta do recado, distinguindo-se Angela Pinto no papel da protagonista.

A revista *Comen!* original do n sso collega Arthur Azevedo, musica de Abdon Milanez, f. i. emfim, re-presentada no Lucinda, e, ao que parece, agradou muito, comquanto não esteja tão bem posta em scena como outras peças do mesmo genero, e scriptas pelo mesmo auctor.

Na crise que atravessam os nossos theatros, é desculpavel essa pobreza.

O desempenho dos papéis não é máo. O publico ri e applaude: não é preciso mais nada para que a peça faça a sua obrigação, como se diz em linguagem de bastidores.

No Recreio continua em scena o *Quo vadis*. Ensaia-se ali a *Bohemia*, de Theodore Barrie, e peça em que a empresa deposita grandes esperanças.

A companhia lyrica Sinsene está em viagem para o Rio de Janeiro.

X. Y. Z.

PERFUMARIAS Preços baratissimos

Para o cabelo: Agua de quina tonica glycerinada 1\$. 18500, 3\$. 1lro 4500. Oleo legitimo de coco quinado 1\$. dito de babosa 1\$. loques extra perfumadas 1\$. 2\$. 1lro 4500. Tonico oriental 1500. Oleo jussinou em estaco 1\$. Para dentes: Pastas de hygieina glycerinada, pote 1\$ e 1\$500. Pó de dentifricos hygieinos 1\$. elixir dentifrico 2500. Para toilette: Agua de colônia extra 1\$. 2\$. 1lro 4500, agua florida 500, 800, e 2\$ licillanitas 1500, pó de arraz finissimo 1\$ e 1\$500, veloninas 2\$. Barras de saboetes, para glyceria, glyceria e alcohol, amoleas, de côco 1\$ e 1\$500, saboete de alface 1\$ e muitas outras qualidades. Extractos superiores, cosméticos. Logio America especifico contra a queda dos cabelos e caspa a 4500 etc, etc.

67, Rua Sete de Setembro, 67. — Junto á Fabrica de Chocolate

DENTES ARTIFICIAES

A. F. de Sá Rego
ESPECIALISTA

Rua Gonçalves Dias N. 1 e Praia de Botafogo N. 198

Tonico Vegetal Restaurador dos Cabellos

Depois de ter usado de todos os tonicos para a cabeça é que será apreciado este. A occaso encontrou-se esta receita, e descoberta do indio Carijó no anno de 1793. A venda nas casas de perfumarias e pharmacias do Brasil, depositario: ANTONIO CARLOS MADEIRA — Vidro 4500. Rio de Janeiro.

Sabonete RIFGER

Este prodigioso sabonete phénico glycerinado, approvado pela Inspectoria Geral de Hygiene, faz desaparecer em poucos dias as manchas do rosto, espaldas, paucos, axillas, caspa, erupções, diethros, erupções cutaneas, siquis de herpes, brutoejas etc., tornando a pelle agradávelmte fresca e nussuetada, fazenlo-a espargir o mais suave aroma, dando-lhe belleza, attractivos e encantos, deveo ser preferido pelas mães da familia para a limpeza dos filhinhos, por ser um seguro preservativo de todas as m lesões contagiosas e epidemicas.

Preço: duzia 11\$, um 1\$500, caixa de 3, 4\$000
Vende-se nas principais pharmacias drogarias e casas de perfumarias e deposito em S. Paulo—Baruel & C. — Largo da Sé n. 2.
Deposito no Rio de Janeiro—Guloy Fernandes & C. — Rua da Quitanda n. 48.
E falsificado todo o sabonete que não tiver estampado uma agulha cavaleada por uma moça e no rotulo exterior a firma de A. Rifger Naves em letras vermelhas.

COQUELUCHE

Ilm. Sr. SERVULO GENOFRE, distincto pharmaceutico — Nosta

Tenho o prazer de communicar-lhe que os seus preparados *Xarope e Elixir contra a coqueluche* deram excellent resultado em meus filhos, estando todos restabelecidos.

Com muitos agradecimentos me subscrevo collega e amigo obrig. Dr. *Braulio Gomes*.

Encontra-se na rua S. João, 109, — S. Paulo. Silva Araujo & C., rua 1.º de Março, 3, Rio. Rua D. Anna Nery, 110 e rua Gonçalves Dias n. 41.



UM SO'

vidro de Lugolina pôde curar as molestias recentes ou promover grandes melhoras nas antigas, porque logo ás primeiras applicações produz effeito, estabelecendo nesta forma a confiança neste maravilhoso remedio, que não só no Brazil como na Europa tem obtido o maior successo que é possivel obter um medicamento.

A Lugolina do Dr. Eduardo França é o unico remedio brazileiro que tem tido as bonras de ser adoptado na Europa, obtendo os maiores elogios de medicos e hospitais, não só pela sua efficacia, como porque é um remedio que, logo as primeiras applicações, produz effeito benéfico, não sendo como tantos outros que necessitam um uso prolongado para um resultado problematico.

A Lugolina não tem os inconvenientes das pomadas e unguentos, porque é liquida, sem gordura, sem cheiro, não suja o corpo, nem as roupas e cura todas as molestias da pelle, feridas, ulceras, frias, brutoejas, comichões, su r feticido dos pes e do sovaco, manchas da pelle, espinhas, caspa, q' eda dos cabellos, queimaduras, empigens, assaduras das coxas, sarnas, tinha, boubas, golpes e qualquer erupção o'a manifestação na pelle.

AS SENHORAS

que fizem uso da Lugolina em injeccão podem estar absolutamente seguras de evitar qualquer molestia uterina e obter a cura das variadas pequenas affecções que tanto as incommodam e que deixam muitas vezes de tratar porque o seu pudor as impede de se sujeitarem a exame medico.

A Lugolina, para o uso de injeccões nas senhoras, deve-se na proporção de uma colher de chá para meio litro d'agua morna, pela manhã e a noite.

A Lugolina vende-se em todas as pharmacias e drogarias. Depositario: no Brazil—Araujo Freitas & C., ruas dos Olivares n. 11 e S. Pedro 91. Na Europa—Carlo Fabra—Milão. Preço 35000.

Xarope Peitoral de Angico Composto

PREPARADO COM A MEL ANTIQA
GOMMA DE ANGICO DO PARA E ALACACIA DA SERRA
Este antigo e famoso xarope cura em poucos dias as tosses mais rebeldes, su bronquite mais agudas, as asthmas mais incommodativas, as rouquidões mais pertinazes, as coqueluches mais espermódicas e as constipações mais chronicas.

PREPARA SE NA 102, RUA DA URU GUAYANA, 103
PHARMACIA LA BRAGANCA

MUSICA MODERNA
Para Piano

Schottisch
Acorchete — Carlos T. de Carvalho. 1\$500
Essas esperanças — Senho rinha Cordovil. 1\$000
Rio Grandissimo — Aveze do Lemos. 1\$500
Faria — Carlos T. de Carvalho. 1\$500

Valsas
Cura — Carlos T. de Carvalho. 1\$500
Médicinas — Ismael Madeira. 1\$000
Das me tris e nada? — Aurelio Cavalcanti. 1\$500
Sivas — Carlos T. de Carvalho. 1\$500

Os namorados de cantina — Carlos T. de Carvalho. 1\$500
Onde está a felicidade — A. F. de Sá Rego. 1\$500
Ovo Lado 2 — Jussinou Sacramento. 1\$500
Linha, d'agua e melancia — Carlos T. de Carvalho. 1\$500

A venda em casa dos editores VIEIRA MACHADO & C.
Deposito exclusivo dos acreditados phares de JULIUS FUERNICH

51 — RUA DOS OURIVES — 51

AVISO AS SENHORAS

DOSS
O'APIOL
JORET-HONOLLE

CURA
AS DORES, OS ATRASOS
A SUPPRESSÃO REGRAS

DEPOSITO GERAL
PH^o G. SEGUIN, PARIS
165, Rue St-Honoré, 165
E EM TODAS PH^o e DROG^o

PILULAS DE BLANCARD

APPROVADAS PELA
ACADEMIA DE MEDICINA
DE PARIS

Resumem todas as
Propriedades
do IODO
e do FERRO.

40
Rua Bonaparte
PARIS

que fizem uso da Lugolina em injeccão podem estar absolutamente seguras de evitar qualquer molestia uterina e obter a cura das variadas pequenas affecções que tanto as incommodam e que deixam muitas vezes de tratar porque o seu pudor as impede de se sujeitarem a exame medico.

Estas Pilulas são de uma efficacia maravilhosa contra a *Anemia*, *Chlorose* e todos os casos em q' se trata de combater a *Pobreza do Sangu*.

LUZ NEGRA

O teu olhar me seduz;
Mas eu não posso explicar
Como de tão negro olhar
Póde jorrar tanta luz!
O brilhante, ouço dizer,
Sendo brilhante é carvão;
Mas d'elle o lindo claro
E' da luz o refranger.

Em ceitas noites o véo
Da treva vence um luzir;
Mas ha lumen a fulgir
No imenso eserinio do céo!

E em toda a luz a brilhar
Que os meus pobres olhos vêem
Ha um calor que faz bem
Que anima o goso de olhar.

Mas eu só posso dizer
Que o teu olhar em fulgor
Só faz ao meu triste amor
Um mal que me faz morrer!

Que fados me dêste, ó Deus!
Uma luz que faz cegar;
Um amor que faz chorar;
Um olhar que foge aos meus!

Mas de frio a tiritar
E de dor quasi a morrer,
Sinto a vida me volver
Si me volves teu olhar!
Só Deus, que os astros conduz,
Elle, só, póde explicar
Como de tão negro olhar
Póde jorrar tanta luz!

Niteroy—1902 A. AZAMOR.

DIAS DE SAUDADE

Tantos dias sem ver-te, tantos dias
Passo aqui, nesta triste soledade,
Tantas horas sem luz, sem claridade,
Tãdes inteiras de prazér vasias...

Longe de ti—das minhas alegrias,
Nem calculas, talvez, minha saudade:
Mette-me ao peito as garras, sem piedade,
Quaes de atros agulhões as pontas frias.

Só á noite, cerrando os meus tristonhos
Olhos, eu posso ver-te—lyrio aberto—
No vaso ideal dos meus dourados sonhos...

E então hemdigo a dor que me tortura:
Porque, ao todo, infeliz não é de certo
O que acha em sonhos a maior ventura.

Cassorotiha—1902, MATTOS CARDOS.

Versos a Djalma

Bemdieta sejas tu, visão querida
Que vens á minha desolada vida
De risos povoar.
Ante os olhares teus toda a amargura
Timida foge e um raio de ventura
Eu vejo, enfim, brilhar!

Vê si aqueces meu peito n'essa chamma
Que o teu sublime e negro olhar derrama
P'ra que eu possa viver!
Mas si tens de apagar a cruelmente
Oh! Não na volvas carinhosamente
E... deixa-me morrer!

E eu morrerrei tal qual um ser conctrico:
Sem um gemido; sem saltar um grito
De amargo padecer;
Não prolongues a dor que me exercucia!
Não perturbes a intima agonia:
Ah! Deixa-me morrer!

Minh'alma é asylo de crueis provanças
De onde, cedo, fugirão esperanças
E a crenga inecuo!
Porem si a tua, irmã da minha, chora,
Vem apagar a chamma que a devora
No frio peito meu!

Niteroy: 1902. AMELIA ALVES.

NINON DE LENCLOS

escuracicia da ruína, que jamais ousou macular-lhe a epiderme. Já passava dos 50 annos conservava-se jovem e bella, atirando sempre os pedagos da sua certidão de baptismo que rasgava á carada do Tempo, cuja foice embotava-se sobre sua encantadora physionomia, sem que nunca deixasse o menor traço. «Muito verde ainda!» via-se obrigado a dizer o velho ralhugento, como a raposa Le Fontaine dizia das uvas. Este segredo, que a celebre e egoista facieira jamais confiara a quem quer que fosse das pessoas daquelle época, descobrio-o o Dr. Leconte entre as folhas de um volume de *L'Histoire amoureuse des gaules*, de Bussy-Rabutin, que fez parte da biblioteca de Voltaire e é actualmente propriedade exclusiva da **PARFUMERIE NINON, MAISON LECONTE, Rue du 4-Septembre, 31A Paris**. Esta casa tem-nô á disposição das nossas elegantes, sob o nome de **VERITABLE EAU DENINON**, assim como as receitas que d'ella provém, por exemplo, o

DUVET DE NINON

pó de arroz especial e refrigerante;
Le Savon Crème de Ninon
especial para o rosto que limpa perfectamente a epiderme mais delicada sem alteral-a.

LAIT DE NINON

que dá alvura deslumbrante ao pescoço e aos hombro
Entre os productos conhecidos e apreciados da **PARFUMERIE NINON** contam-se:

LA POUDE RAPILLUS

que faz voltar os cabellos brancos á cor natural
existe em 12 cores;

SEVE SOURCILIERE

que augmenta, engrossa e bruna as pestanas e os supercilios, ao mesmo tempo que dá vivacidade ao olhar

LA PATE ET LA POUDE MANOERMALE DE NINON

para hands, alvura brilhante das mãos, etc., etc.

Convém exigir e verificar o nome da casa e o endereço sob o rotulo para evitar as emittações e falsificações

PARFUMERIE EXOTIQUE E. SENET

35, Rue du 4-Septembre, 35, PARIS

MÃO DE PAPA de duque, de príncipe por unção da **Pâte des Prélats**, que embranquece, alisa, assenta a epiderme, impede e destrói as freiras e as rachas.

UM NARIZ PICADO de pequenos borbulhas ou com cravos torna a recuperar sua brançura primitiva e suas côres lisas por meio do **Anti-Bolbos**, producto sem igual e muito contraffeto.

CUIDADO COM AS CONTRAFACÇÕES
Para ser bella. encantar todos. Olhos deve-se servir da Fleur de Pêche arroz feito com fructos exóticos.

POUCOS CABELLOS

Fazem-se crescer o cerralha empregando o **l'Extrait Capillaire des Benedictins du Mont-Majella**, que tambem impede que caíam e que fiquem brancos.

E. SENET, Administrador, 35, R. du 4-Septembre, Paris

NÃO ARRANQUEM MAIS

os dentes estragados, não os arranque os com **l'Elixir dentifrice des Benedictins du Mont-Majella**.

E. SENET, Administrador, 35, R. du 4-Septembre, Paris.



apenas
acorda,
chora
pedindo
o seu
Racahout!

Racahout dos Arabes Delangrenier
o melhor alimento para as crianças

Perfumaria extrafina
L.T. PIVER
PARIS

Corylopsis do Japão
Evitar as Imitações e Falsificações

Le Trèfle Incarnat
Parfume de Moda

Rosiris

Senteur des Prairies

Violettes de Parme

Dentifricios Mao-Tcha
PÓ, PASTA E ELIXIR

CALLIFLORE

FLOR DE BELLEZA

Pós adherentes e invisíveis

Graças ao novo modo porque se empregam estes pós communicam ao rosto uma maravilhosa e delicada belleza e deixam um perfume de exquisita suavidade. Alem dos brancos, de notavel pureza, ha outros de quatro matizes diferentes, Rachel e Rosa, desde o mais pallido até ao mais colorido. Poderá pois, cada pessoa escolher a cor que mais lhe convenha ao rosto.

PATE AGNEL

Amygdalina e Glycerina

Este excellente Cosmetico branca e amacia a pelle, preserva-a do Cieiro. Irritações e Comichões tornam-se a avelludada; pelo que respeita as mãos, dá solidez e transparencia ás unhas.

AGNEL, Fabricante de Perfumes,
16, Avenue de l'Opéra, Paris.

En sua suas seis Casas de venda por todo o Brasil e mais rito de Paris.

HOUBIGANT

PERFUMISTA

da RAINHA D'INGLATERRA e da CORTE da RUSSIA

PARIS

AGUA HOUBIGANT

SEM RIVAL PARA O TOUCADOR

AGUA de TOUCADOR Royal Houbigant.
AGUA de COLONIA Imperiale Russe.

EXTRACTOS PARA LENÇOS: Violette Idéale, Royal Houbigant, Peau d'Espagne, Moskari, Iris blanc, Le Parfum Impérial, Moiki, Muguet, Éillet Reine, Impérial Russe, Labas blanc, Heliotrope blanc, Fougère Royale, Gloxina, Jasmim d'Espagne, Cuir de Russie, Giroflée, Corymbis, Bouton d'Or, Sauroise, Hocoço.

SABONETES: Ophelia, Peau d'Espagne, Violette idéale, Fougère Royale, Lait de Thyrdaee, Royal Houbigant.

PÓS OPHELIA, Talisman de Belleza.

PÓS PEAU D'ESPAGNE.

LOÇÃO VEGETAL, para os Cabellos.

PÓS ROYAL HOUBIGANT.

PERFUMARIA ESPECIAL MOSKARI.

Summario do presente n. 43

- O presente n.º d' *A Estação* compõe-se do seguinte:
- 1.ª Uma CAPA contendo informações uteis e preciosissimas que a assignante ou compradora deve sempre ter em vista de nossos dep. sítios e agentes.
 - 2.ª Texto contendo 5 paginas com figurinos e ornamentos.
 - 3.ª Uma gravura colorida.
 - 4.ª Quarto fasciculo do *Tratado de trabalhos de agulha*.
 - 5.ª Supplemento literario illustrado com 4 paginas.

Socialistas... clericas

Tratamos dos apostos do socialismo em França, bem entendido, no nosso paiz, ba muitos socialistas nas mesmas condições e merecedores do mesmo qualificativo; mas não vale a pena perturbar os nos seus facéis *accommodements*.

Jurés, desculpendo se por ter consentido que a filha fizesse a primeira communhão, queixa-se de ter sido hutilisado pelos seus correligionarios quando nove decimos dos militantes socialistas tem feito o mesmo que elle.

A *Aurora* confirma este facto e accusa Gérault Richard, director da *Petite République* e antigo alumno do pequeno Seminario de Maus, de fazer educar no mesmo Seminario dois sobrinhos que estão a seu cargo. E' verdade que Gérault protesta contra esta infantia...

Por seu lado, afirma *La Démocratie* que Camillo Pelletan confiou dois dos seus parentes ao Pequeno Seminario de Versailles.

A escolha dos professores a quem estes ferozes anti-clericas confiam as creanças a seu cargo fazem honra ao seu bom senso; mas os ataques que dirigem a um ensino que elles, praticamente, consideram excellente não fazem honra, nem a sua logica nem a sua lealdade.

(Do *Estandarte Catholico*.)

Questão

Qual é o verdadeiro sentido, segundo os exegetas modernos do *Vae vobis divitibus*?

RESPOSTA

P. B.

A questão acima não é extranha á apologetica: porquanto poderia ser formulada nestes termos: «Nosso Senhor não amaldiçoou os ricos? e quantas pessoas não estão sujeitas a essa maldição pelo simples facto de terem nascido abastadas?»

Para que se possa bem comprehender o sentido de tal maldição é preciso confronta-la com a bemaventurança contraria. En sina-nos S. Lucas que as bençãos pronunciadas por Nosso Senhor, e conhecidas sob o nome de *bemaventuranças*, foram seguidas de maldições, das quaes a primeira é aquella de que estamos tratando (Luc. VI, 24). *Beati pauperes spiritu*, havia dito o Divino Mestre, — bemaventurados os pobres em espirito, — isto é aquelles que, pobres ou ricos de facto, não têm o coração apegado ás riquezas, e cuidam de preferencia dos bens eternos. Em seu evangelho, S. Lucas supprime (VI, 20) a palavra *spiritu* enunciada por S. Matheus (V, 3). «Todavia diz Fillion em seu commentario, trata-se evidentemente aqui ou dos pobres, que supportam com resignação, levados por um sentimento christão, a falta dos bens terrenos, ou dos ricos, que vivem desprendidos de suas riquezas: tanto em S. Matheus como em S. Lucas o pensamento é o mesmo na essencia. Por conseguinte, si a benção concedida aos pobres se estende tambem aos ricos, quando estes têm o coração desapegado das riquezas, segue-se que a maldição pronunciada contra os ricos só se estende aquelles que se comprazem totalmente em suas riquezas.»

Seria facil provar que a mór parte dos exegetas sempre interpretaram nesse sentido as palavras de Nosso Senhor, e não condemnaram os ricos só por serem taes. Mas, limitando nos á questão proposta, e restringindo nos aos exegetas modernos, declaramos que é no sentido de *apego* ou de *desapego* das riquezas que elles entendem as palavras *divites* e *pauperes* no sermão da montanha. Citamos Fillion: agora vejamos as notas de outros commentadores que pudemos consultar. Bacuez lembra estas palavras de S. Agostinho: «Dessa pobreza era dotado e bemaventurado Job, antes mesmo de haver perdido seus grandes haveres (1.ª ps. LXXI, 3).»

«Ja, diz Fretté, duas especies de pobres pelo espirito: os humildes, e aquelles que, ricos ou não dos bens terrenos, delles vivem desapegados. Tanto a estes como aquelles promette Jesus o reino dos céos.»

Não é diferente a linguagem de Fouard: «Felizes, diz elle, de s pobres em espirito, isto é, felizes dos corações desatados das riquezas, que na opulencia não têm faust, nem soberbia, e não deejam atrahir tudo a si felizes tambem dos pobres, que na sua estreiteza se resignam e não murmura!»

Por derradeiro, Lesêtre explica nos seguintes termos a primeira bemaventurança e o *va* que lhe é correlativo: «A pobreza de espirito, isto é, o desapego, pelo menos affectivo, das riquezas ensina ao homem a não ser escravo dos bens pererecdoiros... As maldições são o correlativo das bemaventuranças, e attingem aquelles que sacrificam os bens eternos aos prazeres fementidos do mundo.»

Em resumo, assim como no 2.º versiculo do capi-



O Monumento de Jeanne d'Arc na Praça dos Pyramids do Paris.

tulo VI de S. Lucas deve-se entender as palavras *beati pauperes* como si fossem *beati pauperis spiritu*, como se prova comparando S. Lucas com S. Matheus, tambem importa, quatro versiculos adeante, interpretar as palavras *vae vobis divitibus* como si fossem: *vae vobis divitibus spiritu*.

E. DUPLESSY.

MOSAICO

UMA PARTIDA DE GAMÃO

Em escura botica encantoados,
Ao som da grossa chuva que caia,
Passavam de janeiro um triste dia
Dous ginjas no gamão encarniçados.

Corra visinho, corra me estes dados,
Gritava um delles, que ne n b b b b b
De sangue frio o outro lhe dizia
Mil annexins naquelle jogo usados.

Dez vezes fallou o misero antiquario;
E ardendo em furia o tremulo vellinho,
Atira com a tabola ao contrario.

O mal seguro golpe erra o caminho:
Quebra a melhor garrafa ao boticario,
Que foi só quem perdeu no tal joguinho.

NICOLAS TOLENTINO

OSCAR D'ALVA
(REIS CARVALHO)

SENHORA

(Continuação)

D. FIRMINA. — Entendo o que você quer dizer; o dinheiro faz do feio bonito e dá tudo, até saúde. Mas repare bem, os seus maiores admiradores são justamente aquelles que não podem pretender sua riqueza, uns casados, outros velhos...

AURELIA. — Quando pela primeira vez fumaram perto da senhora, não senti alguma cousa, assim como um atordoamento?... Pois o ouro tem uma força invisível que embriaga ainda mais do que a do charuto de Havana, e até mesmo do que a desse nojento cigarro de papel com que os rapazes de hoje se incendiam. Toda essa gente que rodeia um velho rico, ministros, senadores e fidalgos, de certo que não espera casar-se com a bolsa do sujeito, mas soffre a atracção do dinheiro.

D. FIRMINA. — Agora mesmo Aurelia está você me dando razão e mostrando quanto é instruída. Quem ha de dizer que uma menina de sua idade sabe mais do que muitos homens que aprenderam nas academias? E assim é bom, porque, senão com a riqueza que lhe deixou seu avô, sosinha no mundo, por força havia de ser enganada.

AURELIA. — Antes fosse!... (Aurelia encaminha-se depois altiva para a janella e com petulancia nervosa suspende a veneziana. D. Firmina mostra-se despreocupada a tudo). Como é bello um sol ardente de Março a esbater-se nas venezianas das sacadas. Esplendido! (Corre involuntariamente e bma as mãos de D. Firmina, sorrindo). Pois não é?...

D. FIRMINA. — Não sei que lhe acho hoje, Aurelia. Parece-me agora tão contente e até mais bonita, si é possível do que de costume.

AURELIA. — Deveras!...

D. FIRMINA. — Não é exaggeração; mas olhe, as moças quando se vestem para um baile onde esperam encontrar alguém, ficam mais bonitas do que são. Mas você está hoje ainda mais bonita do que nos bailes. Nunca a vi assim. Aqui anda volta de algum segredinho!

AURELIA (galhofando). — Quer saber o que é?

D. FIRMINA. — Não sou curiosa.

AURELIA. — Resolvi ser freira.

D. FIRMINA. — Está bem!

AURELIA. — Mas o meu convento ha de ser este mesmo mundo em que viveiros, que nenhum outro teria mais penitencia e mortificações para mim. (Ri se desmentindo a gravidade do facto). Dirige-se á secretaria e escreve uma carta. Agita a campainha)

SCENA II

OS MESMOS E O CREADO

AURELIA (Entregando a carta ao creado). — Para o Sr. Lemos. Depressa (Sae o creado).

SCENA III

AURELIA E D. FIRMINA

D. FIRMINA. — Você não sabe hoje Aurelia?

AURELIA. — Pode ser; mas não se contranja por meu respeito.

D. FIRMINA. — Ha de ficar sosinha?

AURELIA. — Tenho em que empregar o tempo. Um negocio grave.

D. FIRMINA. — E' já alguma penitenciazinha?

AURELIA. — Ainda não; é a profissão de noviça.

SCENA IV

OS MESMOS E O CREADO

O CREADO (Anunciando). — O Sr. Lemos.

AURELIA. — Ah! Que entre. (Sae o creado).

SCENA V

AURELIA, FIRMINA E LEMO que apparece na porta do fundo

LEMOS A AURELIA. — Recebi sua carta, subindo a escada, vinha vel-a. Encontrou-se a vontade com o desejo (A D. Firmina) Ora viva, D. Firmina!...

D. FIRMINA (Comprimentando). Sr. Lemos.

AURELIA. — Tomei a liberdade de encommodar o meu tio para fallar de objecto muito importante para mim.

LEMOS. (Galhofando). — Ah! sim! muito importante! D. Firmina. — Não sei qual é, mas acredito.

LEMOS ainda galhofando). — Ah! eu tambem acredito. Vamos lá; todo ouvido (Senta-se).

AURELIA. — Quero fallar lhe do meu casamento (Lemos salta do cadeira e desfoga a e o mesmo). Não acha que estou em illado de pensar nisso?

LEMOS. — Certamente. Dezoito annos...

AURELIA (Sentando-se). — Dezenove.



ENRIQUE SERRA
ROMA

O Espelho da Venus. Segundo o quadro de Enrique Serra.

LEMCs.—Cuidel que não os tinha feito!... Muitas se casam desta idade e até mais moças podem, e quando, têm o paizinho para escolher um bom noivo e arredar certos espertalhões. Uma menlra orphã, inexperiente eu não lhe aconselharia que se casasse senão depois da maioridade, quando conhecesse bem o mundo.

AURELIA.—Já o conbeco de mais.

LEMCs.—Então está decidida?

AURELIA.—Tão decidida que lhe pedi esta conferencia.

LEMCs (Para D. Firmina).—Está ovindo?... (para Aurelia) Já sei! Deseja que cu aponte algum. Que cu lhe procure um noivo nas condições precisas... Hum! É difficil... um sujeito no caso de pertencer a uma moça como você Aurelia!... Emfim ba de se fazer a diligencia.

AURELIA.—Não precisa meu tio. Já vaihe!

D. FIRMINA (A parte).—Já o havia percebido! E como me tinha occultado, Aurelia?

AURELIA.—Obliiso nunca! Aguardava este momento para tudo lhe dizer. Bem vê D. Firmina que a tendo em minha companhia e vivendo a sombra de seus cuidados, não podia e nem posso lhe occultar cousa alguma.

D. FIRMINA.—Obrigada, Obrigad! Assim espero que o faça sempre. Olhe, vou até deixal-os a sós para fallarem com toda franqueza em tão alto acontecimento do qual depende, Aurelia, a sua felicidade. Ha de me contar tudo (Sae).

(Continúa).

CHRONIQUETA

Rio, 10 de Agosto de 1902.

O nosso clima endoideceu. E, senão, vejamos: Durante o verão tivemos dias amenos, e ao entrar o inverno, fez calor que foi um Deus nos accoda. Agora que deveriam vir vindo r dias temperados tem feito frio. Não, decididamente o no so clima endoideceu!

Isso quer dizer que o nosso clima está no movimento, pois não ba duvida que estamos n'um paiz de dois.

O escandalo das pedras é concludente. Mas não tratemos de crises tristes.

Um dos casos de mais sensação dos ultimos quinze dias foi a lição de grammatica dada pelo Sr. Ruy Barbosa a todos os juriconsults e legislatores que collaboraram no projecto do Código Civil.

O proheisnho foi para o Senado tão cheio de solcismos e cacophatos, que o illustre stylista escreveu um grosso volume apenas para apontal-os e corrigil-os.

O mestre n'alguns pontos f i exaggerado, levando o rigor até o infinito, mas não ba duvida que a lição é proveitosa, e ba toda a razão para crer que seja aproveitada.

Oxalá tivesse bavido um censor assim para todas as nossas leis, algumas das quaes são lamentaveis modelos de terstologia grammatical, onde se encontram erros de palmatoria, que o professor Tico Tico não perdoria a um menino de calcinhas curtas.

Houve quem se rebelasse contra a generosa e oportuna lição dada pelo operoso senador babiano, e realmente sempre foi cousa desagradavel ser chamado a bolos; estou, entretanto, convencido de que, passado o primeiro arrufo, todos se convencerão de que o Sr. Ruy Barbosa fez obra de patriotismo e de arte. O melhor é metter a viola no sacco, e aceitar de crelha murcã os ensinamentos de quem sabe.

Ahi estão nela terceira vez os chilenes. Vamos ter uma fatadela de festas e patuscadas.

Desta vez não f i alegre o motivo que os trouxe ao Rio de Janeiro, mas é o mesmo. Bem vidos sejam, porque quebram a monotonia da vida carioca.

Essa monotonia foi interrompida, talvez, pela venda dos quadros da galeria Quartin, uma das mais interessantes galerias particulares que possuíamos. As telas dispersaram-se, mas felizmente as meliores não sabirão do Rio de Janeiro: foram adquiridas pela Escola Nacional de Bellas Artes e pelo Club dos Diarios.

Outro derivativo: Estreia-se hoje a companhia lyrica. Ainda uma vez o Sanz ne se tornou credor da estima e da sympathia do publico: não acreditado que outro empresario, depois de tantas vicissitudes, se atrevesse a trazer companhias lyricas ao Rio de Janeiro. Sem elle o nosso dilettantismo ficaria a ver navios.

ELOY, O HEROS.

THEATROS

Rio, 10 de Agosto de 1902.

Quando estas linhas forem lidas já GABRIELLA RÉJANE estará em Buenos-Aires, deixando os argentinos. Conforme promettemos, damos em seguida, por ordem alphabetica, a nomenclatura das peças representadas nesta capital pela eminente actriz franceza: *Amour-reuse*, nova para o nosso publico; *Le cour-se du flambéau*, idem; *La dame aux camélias*; *Le demi-monde*; *Divorçons*; *Lolotte*, nova; *Ma cousine*, idem; *Un monieur et une dame*; *La parisienne*;

nova; *La passerelle*, idem; *La robe rouge*; *Sapho*; *Sylvie ou la curieuse d'amour*, nova; *Zéna*.

O spectaculo de maior successo, juer como peça, quer interpretação geral, foi, incontestavelmente como o da *Course du flambéau*, admiravel produção de Paul Hervieu; mas a recordação da *Ma cousine*, *La passerelle* e outras peças em que a Réjane é realmente inexcédível, ba de ser indcvel no espirito daquelles que tiveram a fortuna de assistir a essas representações.

Fazemos votos para que a grande artista volte ao Rio de Janeiro, conforme prometteu.

Depois da *Rosa Engelada*, a companhia Tavelra deu nos um vaudeville, o *Filho sobrenatural*, e uma comedia, *Catharina*. Nem uma nem outra peça attrahiu publico ao theatro.

Ante bntem foi representada, com geral agrado, a *Ingardina*, desempenhada por Angela Pinto, com muita graça, o papel da protononista; mas não podemos recomendar similhante peça n'um periodico de senb ras.

No Recreio Dramatico está em scena a *Bohemia*, drama extrahido por Theodore Barrière do famoso romance de Henry Murger.

Conquanto a peça seja muito interessante e esteja bem traduzida, bem posta em scena e bem representada, não tem attrahido grande concurrencia. Continua a crise que peza sobre os nssos pobres theatros.

No Lucinda a revista *Coment* vai dando umas em cbeio e outras em vão.

X. Y. Z.

Coqueluche Illmo. sr. Servulo Genofre—Tenho a satisfação de como unicar-lhe que, tendo sido meus filhos atacados de *coqueluche*, sararam todos em pouco tempo, usando apenas o seu *specifico*. Apesar de fallar-se a necessaria competencia, posso, antreant, garantir, pela minha experiencia, que observo, que é realmente um medicamento muito effizaz contra a *coqueluche*, esse terrivel flagello das creanças. Pôfa fazer desta o meio que lhe convier. Da v. etc., DR. JOAO ALBERTO SALLES—Encontra-se na Rua S. João, 160 em S. Paulo; na rua 1ª de Março 1 e 3 e Gonçalves Dias, 11 no Rio; na D.ozaria Combu em Santos, e em casa dos Srs. Silva e C. em Uberaba.

Xarope Peitoral de Angico Composto

PREPARADO COM A BECANTADA

GORMA DE ANGICO DO PARA E ALBATRÃO DA NORUEGA Este antigo e afamado xarope cura em poucos dias as tosses mais rebeldes, as bronchites mais antigas, as asthmas mais incommodativas, as rouquidões mais pertinazes, as coqueluches mais espasmódicas e as constipações mais chronicas.

PREPARA SE NA 103, RUA DA URUGUAYANA, 103 PHARMACIA BRAGANTINA



UM SO'

vidro de *Lugolina* pôde curar as molestias recentes ou promover grandes melhoras nas antigas, porque logo as primeiras applicações produz effeito, estabelecendo nesta forma a confiança neste maravilhoso remedio, que não só no Brazil como na Europa tem obtido o maior successo que é possivel obter um medicamento.

A *Lugolina* do Dr. Eduardo França é o unico remedio brasileiro que tem tido as bonras de ser adoptado na Europa, obtendo os maiores elogios de medicos e hospitais, não só pela sua efficaçia, como porque é um remedio que, logo as primeiras applicações, produz effeito henifico, não sendo como tantos outros que necessitam um uso prolongado para um resultado problematico.

A *Lugolina* não tem os inconvenientes das pomadas e unguentos, porque é liquida, sem gordura, sem cbeiro, não suja o corpo nem as roupas e cura todas as molestias da pelle, feridas, ulceras, frielras, brotoejas, comichões, suor feido dos pés e do sovaco, manchas da pelle, espinhas, caspa, q'eda dos cabellos, queimaduras, empuços, assaduras das coxas, sarnas, tinha, boubas, golpes e qualquer empuço o manifestação na pelle.

AS SENHORAS

que fizerem uso da *Lugolina* em injeccão podem estar absolutamente seguras de evitar qualquer molestia uterina e obter a cura das variadas pequenas affecções que tanto as incommodam e que deixam muitas vezes de tritar porque o seu puioz as impede de se sujeitarem a exame medico.

A *Lugolina*, para o uso de injeções nas senhoras, deve ser na proporção de uma colher de chá para meio litro d'agua morna, pela manhã e a noite.

A *Lugolina* vende-se em todas as pharmacias e drogarias. Depozitam-se no Brazil Araujo Freitas & C., ruas dos Ourives N. 114 e S. Pedro 91. Na Europa—Carlo Erba Milão, Preço 130.00.

DENTES ARTIFICIAES

A. F. de Sá Rego

ESPECIALISTA

Rua Gonçalves Dias N. 1 Praia de Botafogo N. 198

PERFUMARIAS Pregos baratissimos

Para o cabellos: Agua do quina tonica glycerinada 15, 18500, 35, litro 45000. Oleo legitimo do amoa quinalol 18, ditto de lubosa 18. Loques extra perfumadas 15, 24, litro 45000. Tonicos oriental 15500. Oleo finissimo em estovo 55. Para dentes: Pastas de levrio glycerinada, pots 15 e 18500. P66 dentifricios hygienicos 15, elixir dentifricio 24500. Para toilette: Agua de colonia extra 15, 28, litro 45000, agua florida 5000, 8800, a 28 brillantissimas 18500 p6 do arru finissimo 15 e 18500. velontino 25 Barras de autobonetas, para glycerina, glycerina e albatrão, amendoas, e do cores 18 e 18500; sabonete de alface 15 e muitas outras qualidades. Extractos superiores, cosmeticos. Logos Acaçia especifico contra a queda do cabellos e caspa a 18000, etc. etc. 67, Rua Sete de Setembro, 67.—Junto à Fabrica de Chocolate

NOVAS PUBLICAÇÕES MUSICAES

DO Grande estabelecimento de Pianos e Musicas

E. BEVILACQUA & C.

Representantes dos afamados pianos

RONISCH

<i>Godard, R. Novaltoza</i>	18500
<i>Grandohl, A. Valse</i>	18000
<i>Henselt, A. S. oiseau jétiac</i>	18000
<i>Jensen, A. Breuse</i>	18000
<i>João Gomes Junior, Súplica d. S. Paulo N. 1; Mazurka, N. 2; Valse N. 3; Gavotte Scherzo</i>	52000
<i>Leonovillo, R. Tarantella</i>	18000
<i>Miltenberg, C. Dresden (Gavotte)</i>	18000
<i>L. Prosser, Canzone d'Aprile (melodia para canto)</i>	38000
<i>Engano, cançõeta Julio Felix excitada nos bellissimos repertorios do organista Gerardo de Magalhães</i>	15000
<i>Pela Jonella, celebre cançõeta, Perla Fénix (nôve) traducção em Portuguez pelo cantor Gerardo de Magalhães</i>	28000
<i>Boijos de Amor, pas de quatre, A. Boyol, Desejula, valse, A. Milanex</i>	18000
<i>Pallada, schottisch, A. Milanex</i>	18500
<i>Rêce au Champagnon, valse R. Hollada</i>	18000
<i>Dias-Abertin, Raplond, Berceuse p ur vio lon et piano</i>	38000
<i>E. Orfio, Gavotte, mandolin e piano</i>	28000
<i>A. Milanex, Deux Etoules mazurka para mandolins e piano</i>	38000

Rio de Janeiro — Rua dos Ourives 43

S. Paulo (casa filial) Rua S. Bento 14-A

Raconatitulinia geral do Systema nervoso, Neurasthenia.

NEUROSINE PRUNIER
NEUROSINE-XAROPE — NEUROSINE GRANULADA
NEUROSINE-CAPSULAS

Dobilidade geral, Anemia Phosphorica, Enxaquacas.

Depozito Geral: CHA.SSAING & Co. Paris, 6, Avenue Victoria.

PARA OBTEN UM LINDO PEITO

Fazel uso das "*Pilules Orientales*" que fazem desaparecer as naltencias ossosas do pescoco e dos hombros, desenvolvem e reconstituem os Seos e dão ao busto, em dois mezes mais ou menos, uma apparencia graciosa e duravel sem engrossar a cintura.

Approvadas pelas celeberrimas medicas, bontazejas para a Saude as "*PILULES ORIENTALES RATIÉ*" convêm aos temperamentos mais delicados, ás meninas lantu como ás senhoras.

Essa antiga e universal, Marca depositada conforme a lei.

O frasco com noticia, franco contra mandado inter-anual francs 6,35.

Requerer a Mr. J. RATIÉ, Pharmaceutico de 1ª classe, 5, Passage Verdoeur, PARIS (9ª).

Informações gratuitas.

Summario do presente numero

O presente n.º da Estação compõe-se do seguinte:

- 1.ª Uma capa contendo informações uteis e preciosissimas que a assignante ou a compradora em avulso deve sempre exigir de nossos depositarios e agentes.
- 2.ª Texto contendo 8 paginas com figurinos modernos e ornamentos.
- 3.ª Uma gravura colorida.
- 4.ª Uma grande folha de moldes riscados tamanho natural com modelos de ornamentos.
- 5.ª Quinto fasciculo de *Tratado de trabalhos de agulha*.
- 6.ª Supplemento literario illustrado com quatro paginas.

Collegio da Immaculada Conceição

São deveras consoladoras para a alma catholica as festas que se realisam no Collegio da Immaculada Conceição, nesse ninho carinhoso onde uma multidão de jovens brasileiras se prepara para a lucta pela vida, nas santas e confortativas praticas da doutrina e vida christã.

Ja por vezes nos temos referido a este importantissimo estabelecimento de instrução e educação e se

as nossas palavras traduzem entusiasmo e satisfação, traduzem igualmente convicção e respeito.

Basta uma simples visita, um ligeiro passeio ao Collegio da Immaculada Conceição para se ter a certeza de que fallamos dentro dos rigorosos limites da verdade.

Ainda ultimamente, por occasião da festa da Assumpção de Nossa Senhora deu-se mais uma prova evidente, irrecusavel de que expomos.

Como se sabe, a festa da Assumpção de Maria é uma das mais agradaveis a um coração animado dos santos influxos da fé. E neste dia que a Igreja celebra a gloria da excelsa Rainha dos Anjos levada aos ceus depois de seu transitio. E um preito de piedade e de fé por parte de toda a familia religiosa que purifica a face do planeta, desde que o Homem Deus espirou no alto de uma cruz.

De que modo poderia o pio estabelecimento festejar a luminosa data?

Com uma communhão geral, isto é, com mais uma participação de todos ao corpo sacramentado de Nosso Senhor Jezus Christo.

O Revmo. padre Bos, da Missão, dirigiu um bem organizado retiro espiritual, afim de preparar a alma e o coração das meninas para o acto solemne, o mais solemne mesmo de uma primeira communhão.

Quem conhece o zelo e o fervor do eminente sacerdote, avaliará facilmente o que foi esse retiro.

No dia da sumptuosa solemniidade communga-

ram, pela primeira vez 118 mocinhas, havendo missa as 8 horas da manhã. Mas não commungaram sómente as meninas; cerca de quinhentas e trinta e quatro communhões foram distribuidas a feis que deste modo quizeram tomar parte na grande homenagem a Nossa Mãe Santissima.

As 4 horas da tarde houve renovação solemne das promessas de baptismo e consagração a Nossa Senhora.

No dia 16 foi distribuido o santo sacramento do Chrisma a umas duzentas pessoas.

E é assim, com todas essas solemniidades, com todos esses actos de verdadeira piedade que o Collegio da Immaculada Conceição se impõe a consideração e ao apreço da grande familia catholica fluminense que vê nelle um estabelecimento verdadeiramente modelo.

Aspiração

Pertinho do azul do céu.

De um céu de lindo matiz,

—Vês que aspiração feliz,

Que louco desejo o meu ?!

Quisera fazer um ninho,

Si, supplice ás minhas preces,

Delle a ave ser quisesse

Em sendo eu o passarinho.

(Campinas).

ARTHUR DE CASTRO.

NINON DE LENCLOS

escarneria da ruca, que jamais ousou macular-lhe a epiderme. Já passava dos 80 annos conservava-se jovem e bella, afirmando sempre o pedacinho da sua certidão de baptismo que rasgava á cara do Tempo, cuja foice embotava-se sobre sua encantadora physionomia, sem que nunca deixasse o menor traço. «Muito verde ainda!» via-se obrigado a dizer o velho tabungento, como a raposa de Lafontaine dizia ás uvas. Este segredo, que a celebre e egoista faceira jamais confarara quem quer que fosse das pessoas daquelle época, descobrio-o o Dr. Lecoate entre as folhas de um volume de *L'Histoire amoureuse des gaules*, de Bussy-Rabutin, que fez parte da bibliotheca de Voltaire e é actualmente propriedade exclusiva da PARFUMERIE NINON, MAISON LECOATE, Rue du 4-Septembre, 35, Paris.

Esta casa tem no 4.º andar, a disposição das nossas elegantes, sob o nome de *VERTABLE BAU DENINON*, assim como as receitas que d'ella provém, por exemplo, o

DUVET DE NINON

pó de arroz especial e refrigerante;

Le Savon Crème de Ninon especial para o rosto que limpa perfectamente a epiderme mais delicada sem alteral-a.

LAIT DE NINON

que dá elvra deslumbrante ao pescoço e aos hombros. Entre os productos conhecidos a apreciados da PARFUMERIE NINON contam-se:

LA POUDE CAPILLUS

que faz voltar os cabellos brancos á cor natural existe em 12 cores;

SEVE SOURCILLIÈRE

que augmenta, engrossa e brune as pestanas e os supercilios, ao mesmo tempo que dá vivacidade ao olhar

LA PATE ET LA POUDE MANODERMALE DE NINON

para finura, alvura brilhante das mãos, etc., etc.

Devem exigir o verdadeiro nome da Casa e o endereço sob o rotulo para evitar as imitações e falsificações

PARFUMERIE EXOTIQUE E. SENET

35, Rue du 4-Septembre, 35, PARIS

MÃO DE PAPA do duque, de principe, por ordem da **Pâte des Prélats**, que embranquece, alisa, assatina e epiderme, impide e destrói as freiras e na racha.

UM NARIZ PICADO de pequenas borbulhas ou com crevas torna a recuperar sua brancura primitiva e suas côrca lisas por meio do **Anti-Bolbos**, producto sem igual e muito contrafeito.

CUIDADO COM AS CONTRAFAÇÕES
Para ser bella, encantar todos, olhos deve se servir da **Fleur de Pêche** pó de arroz feito com fructos exóticos.

POUCOS CABELLOS

Fazem-se crescer e cerrilos empregando-se o **Extrait Capillaire des Benedictins du Mont-Majella**, que tambem impede que caiam e que liquem brancos.

E. SENET, Administrateur, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

NÃO ARRANQUEM MAIS

os dentes estragados, suíte-o e embranque-os com o **Elixir dentifrice des Benedictins du Mont-Majella**.

E. SENET, Administrateur, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

Pastilhas e Xarope de Nafé

DELANGRENIER

excellentes peitoraes contra

TOSSE, DEFLUXO, BRONCHITE

As **Pastilhas de Nafé** são verdadeiros confeitos peitoraes de um gosto delicioso. Acalmam as irritações da garganta e do peito.

O **Xarope de Nafé**, misturado com uma infusão ou com leite quente, forma uma tisana muito calmante e muito agradável.

Essas peitoraes não contém substancia toxica e podem ser administrados com toda e segurança ás CRIANÇAS e muito particularmente contra a COQUELUCHE.

Esgrir a marca verdadeira: Delangrenier-Paris

São encontrados em todas as Pharmacias

SUAVIDADE — FRAGRANCIA — DELICADEZA

NOVO PERFUME

LE REFIE

CAUTELA COM AS IMITAÇÕES

Incarnat

PARIS

CAUTELA COM AS IMITAÇÕES

IPIVER

PARIS



CRÈME SIMON

PARA conservar ou dar ao rosto

FRESCURA MACIEZA MOCIDADE.



Para proteger a epiderme contra as influencias perniciosas da atmosphera, é indispensavel adoptar para a toilette diaria o **CRÈME SIMON**.

Os **PÓS de Arroz SIMON** e o **SABONETE Crème Simon**, preparados com glicerina, a sua acção benéfica é tão evidente que não ha ninguem que o use uma vez que não reconheça as suas grandes virtudes.

MÉDAILLE D'OR, Paris 1900

J. SIMON, 89, rue du faubourg PARIS (10^e)
Saint-Marlin

PHARMACIAS, PERFUMERIAS e lojas de Galiceries etc.

Desconfiar das Imitações.



VICHY-HOPITAL

Molestias do Estomago e do Intestino.

VICHY GRANDE-GRILLE

Molestias do Fígado e do Apparelio biliar.

VICHY-CELESTINS

Molestias dos Rins e da Bexiga, Gotta, Diabetes.

AO RECEITAR ESPECIFIQUEM BEM O NOME

PASTILLES VICHY-ÉTAT

COMPRIMÉS VICHY-ÉTAT

OSCAR D'ALVA

(REIS CARVALHO)

SENHORA

(Continuação)

SCENA VI

AURELIA E LEMOS

LEMOS. — Então tem algum de olho?

AURELIA. — Perdão, meu tio, não entendo sua linguagem figurada. Digo que escolhi o homem com quem hei de casar-me.

LEMOS. — (Tosse e estrega o lenço do nape no nariz) Já compreendo. Mas bem vê... como tutor tebo de dar a minha aprovação.

AURELIA. — De certo, meu tio, mas essa aprovação o senhor não ha de ser tão cruel que a negue. Si o fizer, o que não espero, o Juiz de orphãos o supprirá.

LEMOS. — O Juiz?... Que histórias são essas que lhe andam mettendo na cabeça, Aurelia?...
AURELIA. — (Com o olhar fito em Lemos, Senhor Lemos, completei 19 annos; posso requerer um supplemento de idade mostrando que tenho juizo para reger minha pessoa e bens. A prova é que tenho até agora, embora contra a sua vontade, vivido só nesta casa que me é propria, sabendo dirigir as minhas acções como entendo, sem me desviar da honra e da honestidade. Vê, pois, que poderei facilmente obter do Juiz de orphãos, apezar de sua opinião, um alvará de licença para casar-me com quem quizer. Si estes argumentos juridicos não lhe satisfazem, apresentar-lhe ei um que me é pessoal.

LEMOS. — Vamos ver.

AURELIA. — (Com alvoroço sereno) — E' a minha vontade! O senhor não sabe o que ella vale, mas juro lhe que para levalla a effeito não se me dará de sacrificar a herança de meu avô!...

LEMOS. — E' proprio da idade. São idéas que só mente se tem aos 19 annos; e isso já vá sendo raro.

AURELIA. — Esquece-se que desses dezoito annos, dezoito vivi na extrema pobreza e um no seio da riqueza para onde fui trasportada de repente. Tenho as duas grandes lições do mundo: a da miseria e a da opulencia. Conheci outr'ora o dinheiro como

um tyranno, hoje o conheço como um captivo submisso. Por conseguinte devo ser mais velha do que o senhor, que nunca foi nem tão pobre como eu fui nem tão rico como eu sou. Não valia a pena ter tanto dinheiro, si elle não servisse para casar-me a meu gosto ainda que para isso seja necessario gastar miseravcis contos de reis

LEMOS. — (Interrompendo) — Ah! é que está a dificuldade... Bem sabe Aurelia, que eu como tutor não posso despendir um vintem sem autorisação do Juiz

AURELIA. — (Com um leve assomo de impaciencia) O senhor não me quer entender... Sei disso e sei tambem muita cousa que ninguem imagina. Por exemplo: sei o dividendo das applicas, a taxa dos juros...

LEMOS. — (Interrompendo) — Deixe que me sente (Sentasse).

AURELIA. — (Continuando).

As cotações da praça; sei que faço uma conta de premios compostos com a justeza e exactidão de uma taboa de cambio (Lemos admirado sacode a cabeça) E por ultimo sei que tenho uma relação de tudo quanto possuia meu avô, escripta por seu proprio punho e que me foi dada por elle mesmo. Isto quer dizer que si eu tivesse um tutor que me contrariasse e cahisse em meu desgraço, ao chegar á maioridade não lh: daria quitação.

LEMOS. — (Embaraçado, levanta se) Que é lá isso?

AURELIA. — Ouça-me: não lhe daria quitação sem primeiro passar um exame nas contas de sua administração, para o que felizmente não careço de advogado nem de guarda livros.

(Continúa).

CHRONIQUETA

Rio, 23 de Agosto de 1902.

Escrevi na minha chroniqueta passada que o nosso clima endoideceu. Não retiro a expressão. Tivemos ha dias um friosinho de dez grãos! Dez grãos em Agosto, no Rio de Janeiro! E' caso para consultar as Academias de Sciencias, tanto mais que

as nossas repartições meteorologicas nenhuma explicação nos forneceram de tão interessante phenomeno.

E' verdade que no dia seguinte o thermometro subia vertiginosamente, e os sobretudos e os cohertores voltavam para as gavetas. Escrevo esta chroniqueta sob uma temperatura calida, e transpiro que nem uma noticia de revolução.

*

A noticia de uma revolução, ou pelo menos, de uma bernarda, existe e circula por toda a cidade. Pelo mo los, o Governo desta vez toma os boatos a serio, porque, segundo se apança, a policia tem estado de promptidão, ha certo aparato de força e os politicos mais em evidencia reuñem-se em conciliabulos mysteriosos.

Pela bocca pequena, que é tão grande como a bocca da noite, diz se que os revolucionarios esperam apenas pela retirada dos chilenos para mostrar ao governo que o trunfo é espasmas: mas depois que estamos em republica tenho ouvido muitas vezes a mesma coisa, sem ver coisa nenhuma. Por isso estou tranquillo, confesso, e não sinto a menor agitação na minha alma de cidadão ordeiro e conservador.

*

Entretanto, quem viver verá: os chilenos retirar-se amanhã.

Devem ir satisfeitos, porque na realidade não lhes faltaram festas e rapapés. A formosa leitora, se foi ao baile do Club dos Diarios, teve a fortuna de assistir ao baile mais commel' fault que ainda houve no Rio de Janeiro nestes ultimos quinze annos. O Club dos Diarios é, pois, uma associação que honra a nossa capital.

Para falar com franqueza, achei certa incongruencia nas festas; parece-me que mettemos em muita dansa e em muitos comes e bebe, os chilenos: que vieram á nossa terra expressamente para desenterrar e levar consigo os restos mortaes de quatro illustres compatriotas seus; mas — que diabo! — essas festas foram a imagem da vida, em que o riso e as lagrimas sempre se misturaram.

*

Tambem estive em festas a invicta Nictheroy, por ter voltado a ser a Capital do Estado do Rio de Janeiro.



Rounião para ouvir lollura de gazeta. Segundo um quadro de W. Zirgos.

Ahi está um acto da assembléa legislativa fluminense que só não foi applaudido por alguns raros interessados. Ha muito tempo estava provado e mais que provado que fora um erro transferir a capital para Petropolis. Espero que desta vez a delxem estar onde está, que está bem.

No obituario dos ultimos dias figura o nome de Orestes Coliva, o insigne scenographo, que era um distinctissimo cavalheiro e deixa saudosas recordações aos seus innumerados amigos e admiradores.

ELOY, O HEROE.

— THEATROS —

Rio, 23 de Agosto de 1902.

A companhia lyrica de que é empresario o intrepido S. zone está longe de ser uma companhia lyrica de primeira ordem, mas satisfaz cabalmente ao nosso dilettantismo, que pouco a pouco se vai convencendo de que a epca não está para exigencias descabidas. Os cantores são aceitaveis, e a orchestra, dirigida pelo maestro Polacco, que já se habituou aos applausos do publico fluminense, é muito regular.

Já foram cantadas, com geral agrado, a *Manon Lescaut* e a *Bohemia*, de Puccini, a *Lucia*, de Donizetti, o *Mephistofeles*, de Boito, e os *Palhaços*, de Leon Cavallo. Para hoje está annunciada uma opera completamente nova para o nosso publico: *Lokmé*, de Léo Deslibes.

Está aberta uma assignatura suplementar para quatro recitas em que tomará parte a celebre Darclée, esperada de Buenos-Aires.

A companhia Taveira, que trabalha no Apollo, poz em scena uma peça italiana, socialista, que se intitula no original os *Filhos de ninguém* e foi chirmada pelo traductor em *Filhos das herbas*. Não agradou, mas menos pela peça que tem condições theatraes, que pelo descerpenho. Havia falta de ensaios, e a encenação deixou a desejar.

Já não pertence a essa companhia a actriz Angela Pinto, que brigou com o empresario, na caixa do theatro, durante a ultima representação da *Luziferina*.

As pessoas que conhecem a actriz Angela Pinto ha muito tempo esperavam que ella fizesse alguma das suas. Tem talento o diabo da mulher, mas é levada da breca.

A *Bohemia* já não figura nos programmas do Recreio com caracter permanente: deu apenas dez representações consecutivas. E' mais uma dessas injustiças a que o publico já habituou os nossos artistas e empresarios. A *Bohemia* parecia, pelo menos, um successo de estima como o da *Hovra*.

A companhia Tomha, que voltou de S. Paulo e está dando espectaculos no S. Pedro, não tem sido feliz nesta nova serie de representações. Entretanto, deu uma opereta nova, *Ninette*, musica de Lecocq, ouvida com muito prazer.

A revista *Comeu!* não fez a sua obrigação, e, segundo se diz, os artistas do Lucinda, dirigidos pelo empresario Silva Pinto, vão dar um passio até o extremo norte da Republica.

Para o Rio Grande do Sul partiu o popular actor Peixoto á frente de uma companhia de comedia, por elle organizada.

A actriz Medina e os actores Mattes e Colás foram contractados pelo empresario Taveira para Lisboa.

X. Y. Z.

Coqueluche Illmo. sr. Servulo Genofre—Tenho a satisfação de communicalhe que, tendo sido meus filhos atacados de coqueluche, saaram todos em pouco tempo, usando apenas o seu especifico. Apesar de falhar-ma a necessaria competencia, posso, entretanto, garantir, pela experiencia e resultados que observei, que é realmente um medicamento muito eficaz contra a coqueluche, esse terrivel flagello das creanças. Póde fazer desta o uso que lhe convier. De v. etc., DR. JOAO ALBERTO SALLES. — Encontra-se na Rua S. João, 100, em S. Paulo; nas ruas 1^a de Março 1 e 3 e Gonçalves Dias 41 no Rio; na Rrogaria Colombo em Santos; e em casa do Sr. Silva & C. em Uberaba.

Xarope Peitoral de Angico Composto

PREPARADO COM A DECATANDA GOMMA DE ANGICO DO PARA E ALCATRÃO DA NORUEGA Este antigo e afamado xarope cura em poucos dias as tosses mais rebeldes, as bronchites mais antigas, as astmas mais incommodativas, as rouquidões mais pertinazes, as coqueluches mais espuasmodicas e as constipações mais chronicas.

PREPARA SE NA 103, RUA DA URUGUAYANA, 103 PHARMACIA BRAGANTINA

DENTES ARTIFICIAES

A. F. de Sá Rego ESPECIALISTA

Rua Gonçalves Dias N. 1 Praia de Botafogo N. 198

Fazendas, Modas
Armarinho
Recebe por todos os vapores, artigos de novidades parisienses
adopta o systema de vender por preços modicos para vender muito.
R. Gonçalves Dias, 29
J. BERNARDES



UM SO'

vidro de Lugolina póde curar as molestias recentes ou promover grandes melhoras nas antigas, porque logo ás primeiras applicações produz effeito, estabelecendo nesta fórma a confiança neste maravilhoso remedio, que não só no Brazil como na Europa tem obtido o maior successo que é possível obter um medicamento.

A Lugolina do Dr. Eduardo Franço é o unico remedio brasileiro que tem tido as honras de ser adoptado na Europa, obtendo os maiores elogios de medicos e hospitales, não só pela sua efficacia, como porque é um remedio que, logo as primeiras applicações, produz effeito benéfico, não sendo como tantos outros que necessitam um uso prolongado para um resultado problemático.

A Lugolina não tem os inconvenientes das pomadas e unguentos, porque é liquida, sem gordura, sem cheiro, não suja o corpo nem as roupas e cura todas as molestias da pelle, feridas, ulceras, frias, brotoejas, comichões, suor fetido dos pés e do sovaco, manchas da pelle, espinhas, caspa, queda dos cabellos, queimaduras, empigens, assaduras das coxas, sarnas, tinha, boubas, golpes e qualquer erupção ou manifestação na pelle.

que fizeram uso da Lugolina em injeção podem estar absolutamente seguras de evitar qualquer molestia uterina e obter a cura das variadas pequenas affecções que tanto as incommodam e que deixam muitas vezes de tratar porque o seu pudor as impede de se sujeitarem a exame medico.

A Lugolina para o uso de injeções nas senhoras, deve ser na proporção de uma colher de chá para meio litro d'agua morna, pela manhã e a noite.

A Lugolina vende-se em todas as farmacias e drognarias. Depositarios: no Brazil—Aranjo Freitas & C., ruas dos Ourives n. 114 e S. Pedro 97. Na Europa—Carlo Erba Milão, preço 3soo.

PERFUMARIAS
Preços baratissimos

Para o cabelo: Agua de quina tonica glyerinada a 15, 18500, 32, litro 45500. Olio Ledizimo de coco quando 15, litro de babosa 15, lognes extra perfumadas 15, 22, litro 45500. Tintura oriental 18500. Olio finissimo em essao 25. Para dentes: Pasta de Hyro glyerinada, pote 15 e 18500. Pó de dentifricio hygienico 18, elixir dentifricio 25500. Para toilette: Agua de colônia extra 15, 25, litro 45500, agua Florida 500, 800, e 25 brillantinas 1500 pó de arroz finissimo 18 e 18500, velonine 25. Barras de saboões, x. para glycerina, glycerina e alcatrao, amoniac, e de cores 18 e 18500; sabonete de alfase 18 e muitas outras qualidades. Extractos superiores, cosméticos. Loja Agencia especifico contra a queda dos cabellos e caspa a 18000, etc. etc 67, Rua Sete de Setembro, 67, — Junto á Fabrica de Chocolate

Tonico Vegetal Restaurador dos Cabellos

Depois de ter usado de todos os tonicos para a cabeça é que será apreciado este. Ao acaso encontrou-se esta receita, e descoberta do indio Carijó no anno de 1793. A venda nas casas de perfumarias e pharmacias do Brasil, depositario: ANTONIO CARLOS MADEIRA — Vidro 1soo. Rio de Janeiro.

MUSICA MODERNA
Para Piano

51 - RUA DOS OURIVES - 51

A venda em casa dos editores VIEIRA MACHADO & C. Depositario exclusivo dos creditados pianos de todos fabricas

Os naturaes de janachi—Carlos T. de Carvalho	1\$000
Onde está a grama?—A. Felix	1\$800
Quo Vatis?—Paulino Sacramento	1\$800
Justo d'assis a menina—Carlos T. de Carvalho	1\$800
Os naturaes de janachi—Carlos T. de Carvalho	1\$800
Onde está a grama?—A. Felix	1\$800
Quo Vatis?—Paulino Sacramento	1\$800
Justo d'assis a menina—Carlos T. de Carvalho	1\$800
Os naturaes de janachi—Carlos T. de Carvalho	1\$000
Onde está a grama?—A. Felix	1\$800
Quo Vatis?—Paulino Sacramento	1\$800
Justo d'assis a menina—Carlos T. de Carvalho	1\$800

OTAKA
Schottisch
Arabico—Carlos T. de Carvalho
Carinhoso—Carlos T. de Carvalho
L'air espagnolo—Sinho
Milha—Cordovil
Racourmandaise—J. Azave
do Lenos
Ella—Carlos T. de Carvalho
valho
1\$800

AVISO ÀS SENHORAS

O'APIOL Dos Drs JORET e HOMOLLE

CURA AS DORES, OS ATRASOS A SUPPRESSÃO DE REGRAS

DEPOZITO GENERAL Ph^o G. SÉGUIN, PARIS 165, Rue St-Honoré, 165 E EM TODAS PH^o E DR^o S

PILULAS DE BLANCARD

APPROVADAS PELA ACADEMIA DE MEDICINA DE PARIS

Resumem todas as Propriedades do IODO e do FERRO.

40 Rua Bonaparte PARIS

Estas Pilulas são de uma efficacia maravilhosa contra a Anemia, Chlorose e todos os casos em que se trata de combater a Pobreza do Sangu.

Summario do presente numero

O presente numero de nosso jornal «A Estação» compõe-se do seguinte:

- 1.ª Uma capa contendo informações e indicações uteis e preciosissimas que os nossos assignantes e compradores devem sempre exigir de nossos depositarios e agentes.
- 2.ª Texto contendo 8 paginas com figurinos e ornamentos.
- 3.ª Uma gravura colorida.
- 4.ª Supplemento musical constando da primorosa Schottisch MARTHE de D. Leontina Torres, premiada em nosso concurso.
- 5.ª Supplemento litterario illustrado com 4 paginas.

O concurso musical «d'A Estação»

Temos o prazer de communicar ás nossas leitoras o resultado do concurso musical aberto por este periodico e encerrado a 30 de Agosto findo, para a escolha de uma «schottische».

Foram membros do jury os notaveis professores Leocadio Rayol, E. Bevilacqua e Henrique Braga, aos quaes agradecemos de coração o relevante favor que nos fizeram.

O 1.º premio foi conferido á Exma. Sra. D. Leon-

tina Torres pela primorosa composição que hoje distribuímos gratuitamente pelos nossos assignantes, com o retrato da auctora.

O 2.º premio coube á Exma. Sra. D. Rita Tamborim Peixoto Guimarães.

Consta o primeiro premio de um magnifico album para retratos, que será entregue á premiada com uma dedicatória d'A Estação, e o segundo é uma assignatura de anno da nossa revista de modas.

Estamos satisfeitos com o successo obtido pelo nosso concurso. Opportunamente annunciaremos outros, julgando assim contribuir, na medida das nossas forças, para o desenvolvimento da arte musical na sociedade fluminense.

A redacção.

Memorandum

(SOBRE DUAS PHOTOGRAPHIAS ANTIGAS)

N'estes que em termo afago
Amor ligará um dia
Fez implacavel tempo fero estrago
No rosto, n'algieira e n'alegria.
Deo-lhes a sorte filhos numerosos
E roubou-lhes a morte os mais formosos.
Deo-lhes dourado sonho a mocidade
Mas o amor e a bondade
Tem o seu lar de todo empobrecido...

Mas... caso não sabido!
Historia rara!... e linda:
Fstes dois corações se amam ainda!
Ha muitos annos já que são casados
Mas apesar de muito avelhantados
De terem no viver muita tristura
Em mu'ua e leal ternura
Parecem mais que esposos... namorados!
A. AZAMGR.

CREPUSCULO

A derradeira estrella adormecia
Soh o decel azul do firmamento;
E no horizonte um denso véu nevoento
Rasgava a aurora, illuminando o dia.
Num ingazeiro que, ao hafejo lento,
Da aragem da manhã estremeçia,
Ave madrugadora despedia
Maviosos trenos de contentamento...
Do Levante, no fulgido carmineo,
Vinha subindo o sol, como aureo escrinlo,
Semeando hriho á relva dos caminhos.
E eu vendo tudo aquillo, entristecido,
Mal suppo-tava o coração partido
—Longe de ti, longe dos teus carinhos!...

MATTOS CARDOZO.

NINON DE LENCLOS

escarancia da ruga, que jamais ousou macular-lhe a epiderme. Já passava dos 80 annos conservava-se jovem a quella, atirando sempre os peducos da sua certidão de baptismo que rasgava á cara do Tempo, cuja foibe embotava-se sobre sua encantadora physionomia, sem que nunca deixasse o menor traço. «Muito verde ainda!» via-se obrigando a dizer o velho rabugento, como a repouosa Lafontaine dizia das uvas. Este segredo, que a celebre egoista fazeirajamais confiara a quem quer que fosse das pessoas daquelle época, descobriu-o o Dr. Leconte entre as folhas de um volume de *L'Histoire amoureuse des gaules*, da Bussy-Rabutin, que fez parte da bibliotheca do Voltaire e é actualmente propriedade exclusiva da **PARFUMERIE NINON, MAISON LECONTE, Rue du 4 Septembre, 35 à Paris.**

Esta casa tem-no á disposição das nossas elegantes, sob o nome de **VERITABLE EAU DENINON**, assim como as receitas que d'ella provém, por exemplo, o

DUVET DE NINON

pó de arroz especial e refrigerante;
Le Savon Crème de Ninon
especial para o rosto que limpa perfeitamente a epiderme mais delicada sem alteral-a.

LAIT DE NINON

que dá alvura deslumbrante ao pescoço e aos hombro
Entre os productos conhecidos e apreciados da **PARFUMERIE NINON** contam-se:

LA POUDRE CAPILLUS

que faz voltar os cabellos brancos á cor natural
existe em 12 cores;

SEVE SOURCILIERE

que auguenta, engrossa e bruna as pestanas e os supercilios, ao mesmo tempo que dá vivacidade ao olhar

LA PATE ET LA POUDRE MANODERMALE DE NINON

para a finura, alvura brilhante das mãos, etc., etc.

Convem exigir o verdadeiro e nome da casa e o endereço sob o rotulo para evitar as imitações e falsificações

**PARFUMERIE EXOTIQUE
E. SENET**

35, Rue du 4-Septembre, 35, PARIS

MÃO DE PAPA de duque, da príncipe,
por meio da
Pâte des Prêlats, que ambranquece, alisa,
assecta a epiderme, impido a destruição das frieiras
e as rachas.

UM NARIZ PICADO de pequenas
borbulhas ou
com cravos torna a recuperar sua brancura primitiva
e suas côres lisas por meio do **Anti-Bolbos**,
producto sem igual a muito contrafeito.

CAUIDADO COM AS CONTRAFACÇÕES
Para ser bella, encantar todos, olhos

deve-se servir da **Fleur de Pêche** pó de
arroz feito com frutos exóticos.

POUCOS CABELLOS

Fazem-se crescer a corralos empregando-se
l'Extrait Capillaire des Benedictins
do **Mont-Majella**, que tambem impede
qua caíam e que ficam brancos.

E. SENET, Administrador, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

NÃO ARRANQUEM MAIS

os dentes estragados, e usem-se
com **l'Elixir dentifrice des Benedictins**
do **Mont-Majella**.

E. SENET, Administrador, 35, R. du 4-Septembre, c. Paris.



apenas
acorda,
chora
pedindo
o Seu
Racahout!

Racahout dos Arabes Delangrenier
o melhor alimento para as crianças

Perfumaria extrafina

L.T. PIVER

PARIS

Corylopsis do Japão
Evitar as Imitações e Falsificações

Le Trèfle Incarnat
Parfume de Moda

Rosiris

Senteur des Prairies

Violettes de Parme

Dentifricios Mao-Tcha
PÓ, PASTA e ELIXIR

CALLIFLORE
FLOR DE BELLEZA

Pós adherentes e invisiveis

Grças ao novo modo porque se empregam
estes pós communciam ao rosto uma maravilhosas e delicada belleza e deixam um perfume de exquisita suavidade. Alem dos brancos, de notavel pureza, ha outros de quatro matizes diferentes, Rachel e Rosa, desde o mais pallido até ao mais colorido. Poderá pois, cada pessoa escolher a cor que mais lhe convenha ao rosto.

PATE AGNEL
Amygdalina e Glycerina

Este excellente Cosmetico branquea e amacia a pelle, preserva-a do Cieiro, Irritações e Comichões tornando-a ovelludada; pelo que respeita as mãos, dá solidez e transparencia ás unhas.

AGNEL, Fabricante de Perfumes,
16, Avenue de l'Opéra, Paris.
E nas suas seis Casas de venda por miúdo nos barrios mais ricos de Paris.

HOUBIGANT

PERFUMISTA

da RAINHA D'INGLATERRA e da CORTE da RUSSIA

PARIS

AGUA HOUBIGANT

SEM RIVAL PARA O TOUCAADOR

AGUA de TOUCAADOR Royal Houbigant.
AGUA de COLONIA Imperiale Russe.

EXTRACTOS PARA ANÇOS: Violette Idéale, Royal Houbigant, Peau d'Espagne, Moskari, Iris blanc, Le Parfum Impérial, Moika, Muguet, Éillet Reina, Impérial Russe, Lilas blanc, Hélio-trope blanc, Fougère Royale, Gloxina, Jasmin d'Espagne, Cuir de Russie, Girofle, Corydalis, Bontou d'Or, Sunrise, Rococo.

SABONETES: Ophelia, Peau d'Espagne, Violette idéale, Fougère Royale, Lail de Thridace, Royal Houbigant.

PÓS OPHELIA, Talisman de Belleza.
PÓS PEAU D'ESPAGNE.
LOÇÃO VEGETAL, para os Cabellos.
PÓS ROYAL HOUBIGANT.

PERFUMARIA ESPECIAL MOSKARI

Tentação... o Balceiro

O plano de Teutação estava realmente combinado; e, D. Belmira, a mãe de Esther, illudida na sua boa fé e colhida ingenuamente nas ciladas que lhe armaravam; cedendo à magia das seducções que tão desfarçadamente a rodeavam; deixou-se assaltar quasi sem resistencia; tão subtils eram as astucias dos auxiliares de Maciel.

A viuva reflectia agora sobre o lance tragico que a celhera e, envergouhada, começava a sentir um certo horror de si mesma.

Vendo destruída parte a muralha que a preservava dos ataques desapiedados e brutos dos conquistadores (a sua honestidade) o que lhe restava fazer? Suicidar-se, para fugir ao escandalo? Não! que a sua filha ficaria desamparada... Mudar-se immediatamente para um lugar distante? Isto era possível, mas não era um meio reparador, e de mais, exigia grandes despesas: transporte, instalação, etc., para o que não dispunha de recursos...

Um partido unico lhe parecia aceitavel entre todos—accolher a proposta do homem que lhe havia induzido ao erro; afinal, seria um atenuante para a sua falta.

— Que surpresa desagradavel para minha filha! — pensava a mãe de Esther. Entretanto, preciso fazer-lhe sciente de que já não somos sós... Ah! meu Deus! — proseguiu ella — Para que me deixaste no mundo sem meu marido, para me achiar hoje tão desgraçada?!

Depois, coeseguindo uma calma relativa, chamou a filha e, entre outras muitas confidecias, concluiu revelando-lhe o grande mysterio. Esther sentiu-se precipitar em um vulcão. Oppoz resistencia: Não podia aceitar aquella profanação iofrigida ao seu lar; aquella violencia ao decóro da familia; aquella falta de respeito à memoria de seu pai. E, n'um sublime arrebateamento de indignação, que se lhe manifestava no afoqueado rubor das faces, contrastando com o olhar piedoso de commiseração, fallando em nome da sua hostilidade, do seu pudor, da sua reputação e do seu futuro, pela primeira vez dirigiu a sua mãe palavras de censura, tão deheçadas na forma quanto duras e crueis no seu judicioso conceito. Depois sentindo-se amacullar pela dor que lhe assaltara e que lhe punha em braza o coração, retirou-se para o seu quarto.

Belmira, ensciente do seu erro e resesudida da censura, aias justa, que ouvira de sua filha, sentia-se cada vez mais desgraçada. Chorou muito, lamentou a sua sorte; cahindo afinal em funda meditação. Foi n'esse estado que lhe veiu encontrar o seu conquistador.

Para a consolar, para a reanimar, Pedro fez-lhe então muitas caricias e uma longa serie de promessas; fallou-lhe muito do seu amor, da sua dedicação, das atencões de que rodearia sua filha, do esforço e zelo que empregaria para manter a reputação e o conceito que gozavam, etc., etc.

No dia seguinte o amigo de Teutação era o dono da casa de Belmira. Triunphara o ardid de Maciel.

Começou então para Esther o periodo das suspeitas crueis, e com ellas o seu supplicio lento e pungitivo, com seu cortejo de soffrimentos, cada qual mais doloroso, para uma alma tão delicada, como era a sua.

— Si ao menos estivesse agora aqui o Juvenio, pensava ella, mas está tão longe!... Ah! se eu pudesse fallar-lhe n'este momento, que alivio para mim! Tudo quanto elle deseja saber saberia hoje; e então... então eu poderia tranquillisar-me. Bastaria sua presença para desviar todo o perigo de que me sioto ameaçada. Aquelle sim, sei que é um coração puro e bom, uma alma perfeita. Entretanto ha quatro mezes já que não escreve, porque não escreverá elle? Terá esquecido? Oh! não! Não é possível! De mim elle poderia esquecer-se, mas, da familia não é capaz!

E, evocado recordações da infancia, começára a reconstituir na imaginação os quadros galsntes das suas reuniões e dos seus brincos, com as filhas do Dr. juiz de direito e o pequeno Juvenio, que nuoca deixava suas irmãs, e de que fora muitas vezes co-madre, nos baptisados de bonecas, e outras vezes noiva, nos casamentos de mentira. Oh! como sentia agora saudades d'aquelle tempo!

João Maciel não perdia tempo; desenvolvia, com habil sagacidade, o seu plano de acção. Tornára-se tão prudente, discreto e generoso, que, do Teutação de outrora só restava a reminiscência. Fazia prodigios tão maravilhosos quanto extravagantes, no intuito de influir no espirito de Bertha e produzir impressão agradável na imaginação de Esther. A moça, porém, sentia crescer dia a dia o horror que de principio elle lhe inspirára. Cada uma das suas amabilidades era para ella mais um insulto, atirado ao seu decóro; em

cada uma das suas offeras ella presentia mais uma perfidia, mais uma affronta a seus bríos, mais um obstáculo à sua felicidade.

Para cumulo do supplicio que a devorava, uma vez por outra apresentavam-se visitas dando-lhe parabens pelo proximo enlace e cummlando de elogios a pessoa de Maciel.

O concubinato de Belmira velado como foi pela prudencia de ambos, não despertou ruido algum na opinião publica, que, por sua vez, dispousara-lhe generosamente como atenuantes o seu passado honcsto e pobreza com que lutava. Estava, pois, tacitamente acceto o facto consummado; e Belmira, a despeito do desposto de sua filha, sentia-se feliz. Assim haviam decorrido alguns mezes, quando chegou à casa um carta de Maciel, endereçada a Belmira.

(Continúa).

GEMINIANO ALVES BARDOZA.



A moda hodierna na sua enxorgação. Segundo modelos e jornaes do modas por Hans Schwarz.

Suggestão

Commingo a sós scismava ao pallido luar...
Nuvens vinham correndo o céu de espaço a cspaço
Como flocos de arninho, em dilatado passo,
Indo do azul do céu para o azul do mar.

E a luz olacida e pura, ao ver me assim scismar,
De estrellas, me envolvia em carinhoso abraço...
Aves cantavam longe... E eu via o riso esseaso
Pedra em pedra a eahir, vaga em vaga a rolar...

Tudo era calma, tudo infogita poesia!
Nem um ai! Nem um grito! E eu, mudo e pensativo,
Olhava a natureza, e em jubilo tremia...

E' que julgava ver — ó de amor louca prova! —
O teu cabello preto e o teu olhar esquivo
Em cada nuvem negra e em cada estrella nova!

Nicttheroy — Agosto de 1902.

O. S.

OSCAR D'ALVA

(REIS CARVALHO)

SENHORA

(Continuação)

LEMOS. — Ah! sim; está em seu direito, está; não me daria quitação sem primeiro examinar o estado da cousa.

AURELIA. — Cabendo-me, porém, a fortuna de ter um tutor me amigo, que me faz todas as vontades, como o senhor meu tio...

LEMOS. — (Sentando-se). — Lá isso é verdade!

AURELIA. — Neste caso, em vez de matar a paciencia a aborrecer-me com autos e contas, dou tudo por bem feito. Ainda mais; sei que a tutela é gratuita; mas assim não deve ser quando os orphãos tem de sobra com que recompensem o trabalho que dão.

LEMOS. — Lá isso não, Aurelia. Este encargo é uma divida sagrada que pago à memoria de sua mãe, a minha boa e adorada irmã!... (Enxuga uma lagrima enquanto Aurelia vai commovida até ao fundo).

AURELIA (Vollando). — Estamos entendidos!

LEMOS (Com bonhomia). — Você é uma felicicrazinha, Aurelia; faz o que quer.

AURELIA. — Reflecta bem meu tio. Vou confiar-lhe meu segredo, um segredo que a ninguém neste mundo foi revelado e que só Deus sabe. Si depois de conhecê-lo, o senhor não me quizer servir ou não souber, eu jamais o peordarei.

LEMOS. — Pode confiar de mim sem susto seu segredo, Aurelia, que eu mostrar-me ei digno dessa confiança.

AURELIA. — Creio, senhor Lemos; e para tirar-lhe qualquer escrúpulo que por acaso o assalte, lhe juro pela memoria de minha mãe que, se ha para mim felicidade neste mundo é somente esta que o senhor me pode dar.

LEMOS. — Disponha de mim.

AURELIA (Depois de pausa). — Conhece o Amaral?...

LEMOS. — O Amaral?...

AURELIA (Consultando uma carteira pequena). — Manoel Tavares do Amaral, empregado da Alfandega. Tenha a bondade de tomar nota. Não é rico mas possui alguma cousa; ajustou o casamento da filha Adelaide (Tremulando subitamente a voz) com um moço que esteve ausente do Rio de Janeiro e a quem elle offereceu um dote de tinta contos de réis.

LEMOS (Tirando o lenço do bolso). — Trinta contos de réis já não é máo começo!...

AURELIA. — E' preciso quanto antes desmanchar esse casamento. Adelaide deve casar com o Dr. Torquato Ribeiro, de quem ella gosta. Elle é pobre, e por isso o pae o tem regeitado, mas si o senhor assegurarasse contos de réis, acha que elle recusaria?

LEMOS. — Supponha que eu assegurasse isso. Onde sahiria o dinheiro?

AURELIA (Resoluta). — Eu o darei com o maior prazer.

LEMOS. — Mas minha menina para que vamos nos intrometer em negocios alheios?

AURELIA. — O senhor é bastante perspicaz para perceber aquillo que de balde lhe procuraria occultar. Prefiro confiar-me sem reservas a sua lealdade. (Procura na carteira posição de melhor ser ouvida) Este moço que está justo com Adelaide é o homem a quem eu escolhi para meu marido. Já vê que não podendo pertencer a duas é necessario que o dispute.

LEMOS (Batendo alegremente as mãos nos dois joelhos). — Conte commigo, Aurelia.

AURELIA. — Este moço...

LEMOS (Interrompendo). — O nome?

AURELIA (Continuando). — Este moço chegou ontem; é natural que trate agora dos preparativos para o casamento que está justo com Adelaide ha perto de um anno. O senhor deve procurar o quanto antes. Eis o seu nome. (Entrega-lhe um cartão).

LEMOS (Lê e guarda o cartão). — Fernando Rodrigues de Seixas!... Heje mesmo!...

AURELIA. — Faça a sua proposta. Estes arranjos são muito communs no Rio de Janeiro.

LEMOS. — Estão se fazendo todos es dias.

AURELIA. — Perfeitamente. O senhor sabe melhor do que eu como se aviam estas encomendas de noivos.

LEMOS. — Ora, ora!...

AURELIA. — Previno-lhe que meu nome não deve figurar em tudo isto.

LEMOS. — Ah! quer conservar o icognito?

AURELIA. — Até o momento da apresentação. Entretanto pode dizer o quanto basta para que não supponha que se trata de alguma velha alcajuda...

LEMOS. — Peizebo!... Um casamento romantico! AURELIA. — Não senhor, nada de exagerações. Só tem licença para affirmar que a noiva não é velha nem feia.

LEMOS. — Quer preparar a surpresa.

AURELIA. — Talvez. Os termos da proposta... LEMOS (Interrompendo). — Com licença! Desde que quer conservar o icognito não deve apparecer.

AURELIA. — Não quero que isso passe do senhor. Caso elle o reconheça como meu tio e tutor, oão poderia o senhor convencê-lo de que eu não tenho nisso a menor parte?... que é um negocio de familia cu de parentes?...

LEMOS. Bem lembrado! Eu cá me arranjo; não tenha cuidado.

(Continúa).



Infância feliz. Segundo um quadro de B. Genzmer.

CHRONIQUETA

Rio, 13 de Setembro de 1902.

Só ha novidade nos arraiaes da politica, e estas mediocremente interessam ás leitoras da *Chroniqueta*.

O caso de maior sensaço foi ter deixado o misterio o Dr. Joaquim Murinho, que sabiu empurrado pela enfadonha questáo da Sorocabana.

Náo creio que houvesse ainda neste paiz, pelo menos depois da proclamação da Republica, personalidade mais discutida que a desse estadista; entretanto, não creio que haja em todo o Brasil cem individuos absolutamente convencidos de que esse se cava ou beneficia a gestáo das finanças do Estado pelo Dr. Murinho.

Um ditado sustenta que de medico e de louco todos nós temos um pouco. Esse ditado si fosse feito expressamente para o Brasil, poderia accrescentar que de financeiro tambem. Raro é o dia em que eu não encontro um meu concidadáo persuadido de que salvaria o Tbezuro no dia em que o fizessem ministro da fazenda; entretanto, entende tanto d'aquillo como eu, que sou uma lastima em economia politica. Quando eu proprio leio um artigo sobre finanças, chego ao ponto, confesso, de ter pena de mim mesmo: não ha assimilação possivel.

O que, todavia, eu vejo, sem que para isto sejam necessarios grandes conhecimentos economicos, é que o governo actual nos fez saber do regimen da mentira, isto é, disse a verdade nua e crua ao paiz, e quem boje a ignora é porque não a leu ou não a quiz ler.

O que vejo é que não se fizeram emprestimo, e que os nossos fundos, que não valiam nada, já tem cotação no estrangeiro.

O que vejo é que o cambio, tendo já descido a 3, ha muito tempo se mantem a 12, que é uma taxa razoavel.

O que vejo é que o Thesouro tem recursos para solver os seus compromissos, e as condições de vida particular tem melhorado consideravelmente nestes dous ultimos annos.

É verdade que se lançaram pesados impostos, e não faltaram caretas de contribuintes; mas é sabido que os remedios mais efficazes são sempre amargos e dclorosos.

O caso é que a denuncia dada pelo deputado Fausto Cardoso contra o presidente da Republica foi recebida friamente pela população, e não produziu o menor escandalo.

Fôra da politica, o que houve de mais interessante foi a exposição da Escola Nacional de Bellas Artes, superior, muito superior, felizmente, á do anno passado.

ELGY, O HERÓI.

THEATROS

Rio, 10 de Setembro de 1902

As operas *Lakmé*, de Léo Deslibes, e *Pescadores de perolas*, de Bizet, duas joias da escola franceza, pasaram quasi despercebidas no theatro Lyrico. A representação do *Fausto*, de Gounod, tambem não foi um successo.

O publico tem abandonado um pouco os espectaculos do Lyrico; provavelmente está se reservando para as representações da Darclee esperada amaubá de Buenos Aires.

O empresario Taveira, que se reconciliou com a actriz Angela Pinto, levou a sua companhia para São Paulo, contando voltar ao Apollo por todo este mez.

Nos outros theatros, nada absolutamente nada de novo.

No Recreio está annunciada para amanhã a primeira representação dos *Marinheiros*, comedia inedita de Martins Penna, a qual foi representada em 1846 e nunca mais voltou a scena.

O espectaculo será em beneficio da filha do illustre comediographo brasileiro.

X. Y. Z.

Xarope Peitoral de Angico Composto

PREPARADO COM A DECANIADA

GONNIA DE ANGICO DO PAIZ E ALGATIÃO DA NORUEGA

Este antigo e afamado xarope cura em poucos dias as tosses mais rebeldes, as bronchites mais antigas, as asthmas mais incommodativas, as rouquidões mais pertinazes, as coqueluches mais espasmodicas e as constipações mais chronicas.

PREPARA SE NA 103, RUA DA URUGUAYANA, 103 PHARMACIA BRAGANTINA

Coqueluche

Hilmo, sr. Severão Genofre—Tenho a satisfação de communica-lhe que, tendo sido meus filhos atacados de coqueluche, curaram todos em pouco tempo, usando apenas o seu especifico. Apesar do faltar-me a necessaria competencia posso, entretanto, garantir, pelos magnificos resultados que observei, que o realmente um medicamento muito efficaz contra a coqueluche, esse terrivel flagello das crianças. Fize fazer desta o uso que lhe couber. De v. etc., DR. JOAO ALBERTO SALLES—Encontra-se na Rua S. João, 100 em S. Paulo; nas ruas 11 de Marco 1 e 3 e Gonçalves Dias 41 no Rio; na Drograria Colombo em Santos; e em casa dos Srs. Silva & C. em Uberaba

Fazendas, Modas

Armarinho

Recebe por todos os vapores, artigos de novidades parisienses.

Adopta o systema de vender por preços modicos para vender muito.

R. Gonçalves Dias, 29

J. BERNARDES

A LA PARISIENNE

VINHOS E COMESTIVEIS

Avila Gomes & Comp.

Ex-gerente da antiga casa Henry

61 Rua dos Ourives 16

Grande sortimento de conservas, vinhos, champagne, chocolate, bombons, etc.



UM SO'

vidro de Lugolina pôde curar as molestias recentes ou promover grandes melhoras nas antigas, porque logo ás primeiras applicações produz effeito. estabelecendo nesta forma a confiança neste maravilhoso remedio, que não só no Brazil como na Europa tem obtido o maior successo que é possivel obter um medicamento.

A Lugolina do Dr. Eduardo França é o unico remedio brasileiro que tem tido as bonras de ser adoptado na Europa, obtendo os maiores elogios de medicos e hospitaes, não só pela sua efficacia, como porque é um remedio que, logo as primeiras applicações, produz effeito benéfico, não sendo como tantos outros que necessitam um uso prolongado para um resultado problematico.

A Lugolina não tem os inconvenientes das pomadas e unguentos, porque é liquida, sem gordura, sem cheiro, não suja o corpo nem as roupas e cura todas as molestias da pelle, feridas, ulceras, frieiras, brotoejas, comichões, suor fetido dos pés e do sovaco, manchas da pelle, espinhas, caspa, queda dos cabellos, queimaduras, empigens, assaduras das coxas, sarnas, tinea, boubas, golpes e qualquer erupção ou manifestação na pelle.

AS SENHORAS

que fizerem uso da Lugolina em injeção podem estar absolutamente seguras de evitar qualquer molestia uterina obter a cura das variadas pequenas affecções que tanto as incommodam e que deixam muitas vezes de tratar porque o seu pudor as impede de se sujeitarem a exame medico.

A Lugolina, para o uso de injeções nas senhoras, deve ser na proporção de uma colher de chá para meio litro d'agua morna, pela manhã e a noite.

A Lugolina vende-se em todas as pharmacias e drogarias. Depositarios: no Brazil—Araujo Freitas & C., ruas dos Ourives n. 114 e S. Pedro 99. Na Europa—Carlo Erba—Milão, preço \$3000.

PERFUMARIAS

Preços baratissimos

Para o cabelo: Agua do quina tonica glycerinada a 18, 18500, 38, litro 48500, oleo legitimo de coco quinado 18, dito de balosa 18, loções extra parifumadas 18, 28, litro 48500, Tonico oriental 18500, Oleo Amessino em estopa 18.

Para dentes: Pastas de lyrio glycerinada, pote 15 e 18500, P6a dentifricos hygienicos 18, elixir dentifrico 28500, Agua lavelle Agua de colonia extra 18, 28, litro 48500, agua lorida 8500, 8800, e 28 brillantissima 18500 pó de arroz finissimo 18 e 18500, veloutino 28 Barras de sabonetes, pura glicerina, glycerina e alcatra, amendoas, e de cores 18 e 18500, sabonete de alfaca 18 e muitas outras qualidades. Extractos superiores, cosmeticos. Loção Aecia especifico contra a queda dos cabellos e caspa a 48000, etc. etc 67, Rua Sete de Setembro, 67.—Junto á Fabrica de Chocolate

DENTES ARTIFICIAES

A. F. de Sá Rego

ESPECIALISTA

Rua Gonçalves Dias N. 1 Praia de Botafogo N. 198

NOVAS PUBLICAÇÕES MUSICAES

DO Grande estabelecimento de Pianos e Musicas DE E. BEVILACQUA & C. Representantes dos afamados pianos RÖNISCH

Godard, B. Novallozza.....	18500
Grundahl, A. Valse.....	18000
Henselt, A. Soirée en 3.º.....	18000
Jensen, A. Berceuse.....	18500
João Gomes Junior, Soirées de S. Paulo N. 1, Mazurka, N. 2; Valse N. 3; Gavotte Scherzo.....	58000
Leonovillo, R. Tarantella.....	18500
Milenberg, C. Dresden (Gavotte).....	18500
L. Provesi, Canzone d'Aprile (melodia para canto).....	38000
Enganos, cançuneta Julio Reis executada nos bellissimos repertorios do cançonetista Gerardo de Magalhães.....	18000
Pela Janella, (celebre cançuneta, Por la Felice) traducção em Portuguez pelo cantor Gerardo de Magalhães.....	28000
Beijos de Anar, pas de quatre. A. Rogol.....	18500
Decejalda, valse, A. Milanez.....	18500
Duqueza, valse, A. Milanez.....	18500
Pallida, schottisch, A. Milanez.....	18500
Réce au Champayne, valse R. Völstedt.....	28000
Dia-A-berlin, Raphael, Berceuse pour violon et piano.....	38000
E. Ouyé, Gavotte, mandolim e piano.....	28000
A. Milanez, Deux Etoiles, mazurka para mandolin e piano.....	38000

Rio de Janeiro — Rua dos Ourives 43
S. Paulo (casa filial) Rua S. Bento 14-A

PARA OBTER UM LINDO PEITO

Fizei uso das "Pílules Orientales" que fazem desaparecer as saliencias casuras do peçoço e dos hombros, desenvolvem o reconstituem os Seios e dão ao Busto, em dois mezes mais ou menos, uma apparencia graciosa duravel sem em pensar a cintura.

Approvadas pelas celebriedades medicas, bemfazejas para a Saude as "PÍLULES ORIENTALES RATIÉ" convêm aos temperamentos mais delicados, ás meninas tanto como ás senhoras.

Fama antiga e universal. Marca depositada conforme a lei.

O frasco com noticia, franco contra mandado internacional: francos 6,35.

Rescrever a Mr. J. RATIÉ, Pharmaceutico de 1.ª classe, 5, Passage Verdeau, PARIS (9.ª).

Informações gratuitas.

Reconstituinte geral do Systema nervoso, Neurosathania.

NEUROSINE PRUNIER

NEUROSINE-XAROPE — NEUROSINE GRANULADA — NEUROSINE-CAPSULAS

Debilidade geral, Anemia Phosphaturia, Enxaquecas.

Deposito Geral: CHASSAING & Co, Paris, 6, Avenue Victoria.

SUMARIO DO PRESENTE NUMERO

O presente numero do nosso jornal de modas :
 A *Estreita*, compo-se do seguinte :
 1. Uma *capa* contendo informaçoes e indicações uteis e preciosissimas que os nossos assignantes e compradores em avulso devem sempre exigir de nossos desenhadores e agentes.
 2. Texto contendo 8 paginas com figurinos e crna-mentos.
 3. Um figurino gravado a talho e colorido a guerella.
 4. Uma filha grande (firmato) papel amarellado com moldes riscados e modelos de trabalhos e crna-mentos.
 5. O sexto fasciculo do nosso tratado de trabalhos de agulha.
 6. Supplemento litterario e illustrado com 4 paginas.

ATTENÇÃO!

As boas festas para 1903

Nosso bnde ou presente para as boas festas para o anno 1903 ha de encantar as nossas noviss assignan-

tes bem como as actuaes que reformarem a sua assignatura. Conforme em tempo publicaremos representa o referido presente o valor de Rs. 300000 //

PROVAS

(A UNS CLHOS GRANDES)

Teus olhos - fundos abysmos!
Desde o momento em que os vi
De amor - minh'alma inundou-se
De tern - estremecci.

De terror! pois, os abysmos,
Exercem doida attração
Que ás almas traz a vertigem
Da desgaiçada paixão.

Eu os busco: elles me fogem;
Quero a luz: e régo estou;
Nunca por outros encantos
Meu peito, assim, palpitou.

Para guia a luz foi feita;
Mas a luz do seu olhar

Transvia a quem, por má sorte,
Teve um dia de o fitar!

Si acaso encontro seus olhos
A pousarem sobre os meus
Sinto a loucura invadir-me
E a morte só peço a Deus!

Ai! Que maus que são seus olhos!
Ai! Que assassines que são!
Aes punhaes de seus olhares
Sinto muito o coração!

E apezar dessa desdita
Queria a vida scabar
A luz má de um seu sorriso
E ao punhal do seu olhar!

Quando eu morrer nos abysmos
Desse olhar de seducção
Hão de encontrar as metades
Do meu pobre coração.

E não de ler nesses destroços
Que a desgraça dispersou,
Seus olhos, a triste prece:
— Perdão a quem tanto amou!

Nither y. 1102.

A. AZAMCR.

NINON DE LENCLOS

essencia da ruga, que jamais ouso manchar-lhe a epiderme. Já passava dos 40 annos conservava-se jovem e bella, tirando sempre os pedacos da sua certidão de baptismo que rasga na caralla Tempo, cuja foie embotava; sobre sua encantadora physionomia, sem que nunca deixasse o menor traço. «Muito verde ainda!» vin-se obrigado a dizer o velho ralugento, como a raposada Lafontaine dizia das uvas. Este segredo, que o celebre e egoista faieira jamais confiou a quem quer que fosse das pessoas daquel tempo, descobriu-o o Dr. Leconte entre as folhas de um volume de *L'Histoire amoureuse des gaules*, de Bussy-Rabutin, que fez parte da bibliotheca de Voltaire e é actualmente propriedade exclusiva da **PARFUMERIE NINON**, MAISON LACOSTE, Rue du 4-Septembre, 35, Paris.

Esta casa tem-no á disposição das missas elegantes, sob o nome de **VERITABLE EAU DE NINON**, assim como as receitas que d'ella provém, por exemplo, o

DUVET DE NINON

pó de arroz especial e refrigerante;
Le Savon Crème de Ninon
especial para o rosto que limpa perfeitamente a epiderme mais delicada sem alteral-a.

LAIT DE NINON

que dá alvura deslumbrante ao pescoço e aos hombros
Entre os productos conhecidos e apreciados da **PARFUMERIE NINON** contam-se:

LA POUDRE OAPILLUS

que faz voltar os cabellos brancos á cor natural
existe em 12 caixas;

SEVE SOURCILIERE

que augmenta, engrossa e bruma as pestanas e os supercilios, ao mesmo tempo que dá vivacidade ao olhar

LA PATE ET LA POUDRE MANDERMALE DE NINON

para limpar, alvura brilhante das mãos, etc., etc.

Carem exigir o verdadeiro nome de cada um e veridicos sob o rotulo para evitar as imitações e falsificações

PARFUMERIE EXOTIQUE E. SENET

35, Rue du 4-Septembre, 35, PARIS

MÃO DE PAPA do duque, do príncipe, por meio da **Pâte des Prélats**, que embrançoce, alisa, assatina a epiderme, impede o deatrar das freiras e os rachas.

UM NARIZ PICADO do pequenas borbulhas ou com cravos toma a recupe-ar a sua brançura primitiva e suas côres lisas por meio do **Anti-Bolbos**, producto sem igual o muito contrafeito.

CUIDADO COM AS CONTRAFAÇÔES
Para ser bella e encantar todos os olhos deve ser servida a **Fleur de Pêche** pó de arroz feito com fructos exóticos.

POUCOS CABELLOS

Fazem-se crescer e cerrados empregando-se o **Extrait Capillaire des Benedictins du Mont-Majella**, que tambem impede que caiam e que bipem brancos.

E. SENET, Administrador, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

NÃO ARRANQUEM MAIS

os dentes estragados, com o **Extrait dentifrice des Benedictins du Mont-Majella**.

E. SENET, Administrador, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

Pastilhas e Xarope de Nafé

DELANGRENIER
excellentes peitoraes contra
TOSSE, DEFLUXO, BRONCHITE

As Pastilhas de Nafé são verdadeiros confeitos peitoraes de um gosto delicioso. Acalmam as irritações da garganta e do peito.

O Xarope de Nafé, misturado com uma infusão ou com leite quente, forma uma tisana muito calmante e muito agradável.

Esses peitoraes não contém substancia toxica e podem ser administrados com toda a segurança ás CRIANÇAS a muito particularmente contra a **COQUELUCHE**.

Esgrir a marca verdadeira: Delangrenier-Paris
São encontrados em todas as Pharmacias

SUAVIDADE - FRAGRANCIA - DELICADEZA
NOVO PERFUME

LE REFLE

Incarnat

CAUTELA COM AS IMITACÕES

PIPIVER

PARIS



VINHO DE CHASSAINO

BI-DIGESTIVO
Recetado ha 30 annos
CONTRA AS AFFECÇÕES DAS VIAS URINARIAS
Paris, Avenue Victoria nº 6



DA "PHOSPHATINA FALIÈRES":
 é o mais saporoso e o mais recomendadissimo alimento para crianças desde a idade de 6 a 7 mezes, principalmente quando começam a ser desmamadas e no periodo de crescimento. Facilita a dentição e concorre para boa formação dos ossos.
 PARIS, AVENUE VICTORIA Nº 6 R NAS PHARMACIAS

PRISAÇÃO DE VENTRE

o verdadeiro laxativo de Vichy
 do Dr. SOULIGOUX
 Laxante casto, agradável ao paladar, não irrita o estomago e não produz febre. É o único laxativo que não produz febre.



VICHY-HOPITAL

Molestias do Estomago e do Intestino.

VICHY GRANDE-GRILLE

Molestias do Fígado e do Appareho bilioso.

VICHY-CELESTINS

Molestias dos Rins e da Bexiga, Gotta, Diabetes.

AO RECEITAR ESPECIFIQUEM BEM O NOME

PASTILLES VICHY-ÉTAT

COMPRIMÉS VICHY-ÉTAT

“Os fins justificam os meios”

É um crime doutrinal, que em todos os tempos e praxes tem sido assacado aos jesuitas.

Um dia lembrou-se um protestante de pôr na bocca della essa infanda maxima, e tanto bastou para que milhares de ecchis *reclissem no mundo inteiro* a calumniosa imputação. Hicje toda a gente cide aquelle proloquio mais proprio da Companhia, que de um negro a côr preto: proclamam-no assim os diarios e as revistas, intiram-no ás multidões pasmadas os arengadores de sala, e até bomens eruditos, como Guerike, Hartman, Martensen, Ziegler. Gass, Lutherardt e outros, se não temem envergonhado de o fazer imprimir nas suas obras em letra redonda.

Entendamos a maxima, e entremos na questão. O que quer dizer: *Os fins justificam os meios?*

Constituições da Ordem.» Para dar, com tudo, ás suas asserções anteriores uma côr de verdade, disse que em VII, 5 (P) se concedia ao Geral a facultade de commutar qualquer peccado mortal numa obra meritoria!

É o cumulo da falsidade e do ridiculo! Nas Constituições não ha tal VII, 5; em todas ellas não se encontra phrase que de longo se pareça ás estolidas palavras da concessão alligada; e, se tal concessão existisse, ainda não ficaria provado que «os fins, para os jesuitas, justificam meios illicitos»: uma obra meritoria, com effeito, não é fim de um peccado mortal, nem este pode ser meio de merito algum.

Quanto pôde a cegueira, para não dizer o odio, em espiritos parciais!

— Se, porém, a maxima não existe no Instituto, pode sem duvida encontrar-se exposta e defendida nos escriptores da Companhia,—dirão.

Demos que sim. Que havia de inferir se dahi?

tudo aquelle que, co hecendo a malicia do roubo, o deseja praticar, ainda que seja muito bom o fim que a isso o move.

No campo da theologia morel podiam citar-se, entre os jesuitas contemporaneos ou quasi contemporaneos nossos, Gury, Lehmkubi, Balierini, Bucceroni, Palmieri, e outros sem numero, que abundam nas mesmas idéas, e cujas alligações deixariam os leitores convencidos até a sciencia de que em tempo nenhum, e muito menos hoje, foi doutrina de jesuitas que «os fins justificam meios illicitos».

OPINIÃO DE D. PEROSI SOBRE A MUSICA SACRA
A funcção liturgica é a cousa mais importante da Igreja. A musica não deve ter importancia por si só; deve ajudar, e não absorver a attenção dos fiels. Por isso, escrevendo musica sagrada para as egrejas, meu cuidado sempre tem sido trabalhar, não só in simplicitate cordis, mas tambem in simplicitate artis.



Burghausen s.º Saizach, Alta Baviera.

A um fim licito e justo, pois só deste se trata, podem levar tres especies de meios:

1.º—Meios de sua natureza licitos. Dizer neste sentido que «os fins justificam os meios» é dizer um despropósito: se os meios já são licitos não caicem de justificação.

2.º—Meios de sua natureza indifferentes, isto é, que por si mesmos não são moralmente bons nem moralmente maus, e só se tornam taes em razão do fim a que tendem, ou das circunstancias que os accompanham. Por exemplo, fechar uma porta: é acção que só em si não inclue bondade nem malicia moral; mas, se o agente fechar a porta para impedir ao dono da casa a entrada, fará mal, e bem, pelo contrario, se a fechar para impedir a entrada de um ladrão.

Dizer neste sentido que «os fins justificam os meios» é afirmar uma grande verdade, pois realmente se o fim é bom, bons moralmente se tornam os meios que forem de si indifferentes.

Neste caso tem a maxima um sentido muito certo, muito jesuitico, muito catholico, muito salutar e muito divino. Muito jesuitico, porque todos os jesuitas assim o explicam e defendem: muito catholico, porque toda a Igreja o ensina e proclama na doutrina da recta intenção; muito salutar, porque nos anima a entesourar no céu infinitos meritos, que de outro modo perderiamos; muito divino, porque o proprio Jesus o declarou, ensinando nos que *se os nossos oitros forem simples, todo o nosso corpo será luminoso*. E por tudo isto, e por muito mais, que se emite, é ainda o mesmo sentido muito certo.

3.º—Meios de si illicitos.

Dizer neste sentido que o fim justifica os meios é asseverar um contrasenso. pois os meios illicitos são meios injustificaveis, e nada pôde justificar o que é de si injustificavel.

Em qual dos tres sentidos se attribue aos jesuitas a maxima em questão?

—Evidentemente no ultimo, isto é, de que os bons fins justificam meios de si illicitos.

É será verdade que a Companhia a exponha e defenda assim entendida?

Abramos o Instituto. —É livro muito espalhado na Europa e conhecido nas bibliothecas mais importantes della: está, pois, ao alcance de todos, quer por extenso em tres volumes, quer reduzido a Epitome, que a 3ª Congregação geral publicou, e o Geral P. Roothan augmentou e reeditou.

Encerra: as Bullas apostolicas da fundação e approvação da Ordem, as Constituições e Regras de S. Ignacio de Loyola, os decretos das Congregações geraes e as instruções dos Geraes da Companhia.

Lego no principio do Instituto se enuncia claramente o fim da Ordem, que é a salvação e perfeição das almas,—fim tão santo e elevado, que o proprio Deus não teve outro em vista, quando veiu ao mundo.

Os mais expõem nos a 4ª e 5ª parte do Instituto: «Meios de que se servem os fillos da Companhia para alcançar a perfeição propria.» «Meios de que se serve a Companhia em proveito do proximo.» Seguem-se 15 capitulos com a exposição dos referidos meios, leiam nos, estudem nos, meditem nos e proprios inimigos da Companhia, e apontem um só entre elles que, seja illicito. Mais: indiquem uma só passagem, onde se afirma que «os fins justificam meios illicitos.»

Bem a procurou lá o famoso Lutbard; mas houve de confessar «que tal maxima se não encontrava nas

Que a Companhia era responsavel por essa doutrina?

—De modo nenhum; aliás haviamos de fazel-a responder p r muitas opiniões contradictorias em todas as questões controversas da philosophia, da theologia e até das sciencias naturaes. Quem poderia com direito ou com razão fazel o?

A conclusão unica possivel seria que um jesuita (e não os jesuitas, a Companhia) tinha por verdadeiro o maior dos destemperos; e isto seria muito possivel, ainda que não muito provavel: esse jesuita, enquanto estivesse na Ordem, não podia publicar livro algum sem revisão muito séria, e não havia (nem ha, graças a Deus) revisor nem superior na Companhia, que deixasse ver a luz da publicidade a tambem disparete.

Mas pondo de parte possibilidades e probabilidades, o facto é que na Companhia não bouve nunca, e esperamos que jámas haverá, um só auctor de moral, que defendesse a perniciosas asserção de que «os fins justificam meios desillicitos.» Antes, se ha pontos (e muitos ha) em que todos os jesuitas sejam unanimes na doutrina; este é da relação entre os meios e fins nos actos humanos. Enfadonho seria trazer para aquil alligações de todos os jesuitas que tem escripto sobre o assumpto. Basta nos adduzir tres, em que deixamos respectivamente synthetizado o ensino de toda a Companhia nos seculos XVII, XVIII e XIX.

Um dos mais ahalizados moralistas do seculo XVII, é sem duvida o jesuita allemão Paulo Laymam. Pois a proposito dos actos humanos diz elle claramente (*Op. mar.*, vol I): «A bondade do fim não torna boa uma acção que é má no seu objecto, mas deixa a simplesmente e de todo o pont má (simpliciter et unde quaque inhonestia). Quem, por ex., rouba com o fim de dar uma esmola, pratica uma acção contra a justiça, portanto illicita, e não uma obra de misericordia.»

Nem a doutrina nem o exemplo podiam vir mais de moide.

Entre os moralistas do seculo XVIII occupa lugar proeminente o sr. Edmundo Veit, professor da Universidade de Vurzburg. Sobre o assumpto diz:

«A escolha de qualquer meio mau é illicita porque, como se disse, até á volição de um objecto mau, cohecido como tal, torna a volição má (simpliciter et unde quaque inhonestia). Quem, por ex., rouba com o fim de dar uma esmola, pratica uma acção contra a justiça, portanto illicita, e não uma obra de misericordia, sendo má.»

Podia deajar-se maior cl treza?

No seculo XIX um dos ultimos em data a versar o assumpto foi do P. Catherin, nos dois vol. . . que escreveu sobre a philosophia moral. Pois no capitulo subjectiva das volições, diz: «Todas as acções objectivamente indifferentes v. g., comer, trabalhar, etc., nem como todas as objectivamente boas (v. g. dar esmulas, orar, etc.) são boas ou más conforme fôr boa ou má a verdade d'onde procedem. . . Porém as acções externas, que forem objectivamente má (v. g. a mentira, o juramento falso, o roubo) nunca podem tornar se boas, porque o acto interno da vontade, que lhes dá a malicia subjectiva, é necessariamente illicito, por ser illicito o seu objecto.

—A volição, pois, de uma coisa illicita é má, e torna illicitas as acções que della procedem.

Se a vontade quer um objecto moralmente mau, não ha fim algum intrinseco, por bom que seja, que possa coonestar-lhe o acto. Procedo portanto mal

Qualquer coisa que se toque ou cante numa igreja deve afastar-nos das lembranças e paixões do mundo exterior. . . A musica religiosa de nosso tempo, embora não sugira sentimentos profanos, é muitas vezes deficiente; porque é demasiado independente e desenvolve os temas demais. Múica que excite emoções só por si, não deve ter logar nos ritos da Igreja.»

OSCAR D'ALVA

(REIS CARVALHO)

SENHORA

(Continuação)

AURELIA.—Os termos da proposta devem ser estes, attenda bem: a familia da tal moça mysteriosa de seja casal a com separação de bens, dando ao noivo a quantia de cem contos de réis de dote. Si não bastarem cem e elle exigir mais, seja o dote dusetos contos.

LEMS.—Ha de bastar.

AURELIA.—Querjo que o senhor comprehenda bem o meu pensamento. Desejo, como é natural, obter o que pretendo o mais breve possivel, mas o essencial é obter e portanto até a metade do que posso; não faço questão de preço. É a miuha felicidade que vou comprar.

LEMS.—Não será caro?

AURELIA (Num transporte de alegria).—Obl eu daria por ella toda a minha riqueza. O tras a têm de graça que lhes vêm directamente do Céu. Mas não me posso queixar, pois, negro-me esse bem. Deus compadeceu-se de mim e enviou-me, quando meis escapava, tamanha berança para que eu possa realizar a aspiração de minha vida. Não dizem que o dinheiro traz todas as venturas?

LEMS.—A maior ventura que dá o dinhelro é possuil-o, as outras são secundarias.

AURELIA.—Ahl! Falta-me ainda, meu tio, recomendar-lhe um ponto. A palavra, alem de esquecer, está sujeita a equivoquo. Não seria possivel tratar esse negocio por escripto?

LEMS.—Passar o sujeito um papel?.. Certamente; mas si elle roer a corda não ha meio de obrigal-o a casar.

AURELIA.—Não importa. Eu prefiro confiar-me a bonda dessa pessoa do que aos tribunaes. Com uma obrigação em que elle empenhe sua palavra, ficarei tranquilla.

LEMS.—Ha de se arranjar!

AURELIA. Eis o que espero de sua amizade.
LEMS. (Escreve na carteira e lê).—Manoel Tavares do Amaral, empregado da Allandega. A filha, D. Adelaide, trinta contos de réis. . . garantindo cincocontos. Fernando de cem e dusetos contos. (Para Aurelia) E?

AURELIA.—Só! . . .

LEMS.—Nada mais?

AURELIA. Nada mais senão repetir-lhe ainda uma vez que entreguel em suas mãos a unica felicidade que Deus me reserva neste mundo.

LEMS. Ha de ser muito feliz, eu lhe granto. Conte commig, Aurelia, que sou tão seu amigo como ful de seus paes.

AURELIA.—Jurai!

LEMS (Estendendo a mão solemne).—Jurol Aurelia deija the a mão e elle agradece levando a della ao corajo.

Tentação... o Baleeiro

(Continuação)

N'essa carta expunha elle os seus sentimentos e intenções para com a menina Esther, a quem pedia formalmente em casamento.

Consultada por sua mãe, Esther negou-se peremptoriamente a annuir ao pedido de Maciel.

Pedro Acacio julgou então opportuno intervir directamente em favor de seu amigo, e effectando ares de verdadeiro chefe de familia, assumiu a jurisdicção paterna e deitou opluencia... Tudo de balde. Em cada uma de suas pausas Esther deixava cahir esta unica palavra - «Nunca!»

Por fim Belmira pediu á sua filha que reflectisse; dava lhe oito dias para pensar; e em todo o caso não era bom precipitar-se assim as cousas.

O supplicio de Esther augmentára consideravelmente; recrudescera o seu tormento; o seu desespero era indefinivel, e tanto maior e mais voraz ella o sentia quanto mais se approximava o dia final do prazo marcado por sua mãe; o seu abatimento era visivel.

Em tal emergencia, ponderava Esther, que fazer?... Sacrificar-se áquelle homem, por quem sentia boje um odio infernal?... Oh! não; nunca!... Em ultimo caso preferia suicidar-se... E Juvenico! Ah! se elle pudesse adivinhar o perigo que a envolvia, abandonaria tudo e correria á salva a, arrebatando a ao inimigo commun... Se ao menos elle estivesse ainda na capital, tomaria a liberdade de enviar-lhe uma telegramma, mas, segundo a ultima carta que dirigiu á familia, estava em excursões, era impossivel.

De repente, porém, Esther teve um sorriso de alegria; manifestára-se lhe uma lembrança feliz: pediria um segundo prazo e ainda um terceiro, caso fosse necessario; isso dar-lhe-ia tempo para preparar um plano de defesa.

Chega o dia aprazado; Maciel apresenta-se, desajoso de receber pessoalmente a resposta almejada; Belmira interrega a filha; Esther responde dizendo apenas precisar de mais tempo para reflectir; o pretendeote mostra-se impaciente; a mãe insiste com todo o rigor de sua autoridade.

Esther sentiu-se então como abandonada da propria alma; e, num assomo de cólera mal contida, em que sobresahia magestoso orgulho, respondeu solemnemente:

— Pois hem, já que não tenho o direito de reflectir, ahí tem a minha resposta — não quero, não é do meu gosto, não aceito; e não me incomodem mais. E sahio da sala, deixando todos estupefactos, sem dar tempo a replicas.

Metteu-se no seu quarto e todo o resto do dia passou a chorar e implorar a protecção de Deus contra a furia d'aquelle inimigo implacavel.

Tentação, enfurecido com a resposta de Esther, convidou Pedro Acacio e sahio. Lá fora passou senha a seu alliado: — que não estranhasse a sua nova mudança; precisava dar uma lição áquelle atrevidasinha... Pretendera fazel a feliz, e para isso havia se regenerado, mas ella zimbou do seu amor e dos seus sacrificios; escarneceu de sua pessoa; agora a cousa seria outra: não quiz ser sua mulher, pois havia de ser sua amante; depois ficaria á vontade, como as outras. Disto é que nem Christo a livrava, acceitou.

O resto d'aquelle dia passou Maciel a transmittir novas instruções aos seus auxiliares ou antes seus cúmplices.

Vinte dias depois d'aquelle scena de constrangimento commun, succumbia Belvira, victima de formidavel erysipela, que lhe ahrangeu toda a cabeça, tornando-a disforme e completamente despida de seu formoso cahilo; e contra a qual foram inuteis todos os esforços e impotentes todos os remedios. Originára-se da paixão subita e violenta que lhe accommettera — ifirmava o medico.

Esther acabava-se agora sózinha no mundo; nem um parente, sequer, que lhe pudesse prestar auxilio. Entretanto, boa e amavel como era, não lhe faltaram offercimentos de pessoas amigas. (Continua).

GEMINIANO ALVES BARDOZA.

CHRONIQUETA

Rio, 24 de Setembro de 1902.

Ponhamos hoje de lado a politica e tudo quanto lhe possa dizer respeito, e fallemos da Darclée.

Naturalmente as formosas leitoras da *A Estação* já viram e ouviram essa prodigiosa artista, romãica pelo nascimento mas franceza e ao mesmo tempo italiana pela arte. Pela parte que me toca, declaro alto e bom som que nenhuma outra cantora me agradou até hoje tanto como a Darclée, e note-se que não tenho ouvido poucas. Pelo menos a nenhuma vi alliar tão bem as duas artes, — a de representar e a de cantar. Vem-a e ouvil-a é um prazer indizivel. uma consolição deliciosa, uma sensação involvida vel.

E como se não bastasse a Darclée para fazer a ventura do nosso dilettantismo, ahí temos outra vez a Réjane que, voltando do Rio da Prata, resolveu não atravessar o Atlantico sem nos dar um ar da sua graça gauleza.

Bemvinda seja!

De vez em quando apparecem nesta capital alguns individuos que se vêm queixar ao *papae grande*. D'antes o *papae grande* era o Imperador, hoje é o Presidente da Republica. Para elles o Chefe do Estado é sempre o mesmo, quer seja príncipe, quer seja hacbarel. A politica é para essa gente uma coisa exotica e incomprehensivel. Felizes creaturas!

Felizes sim, porque a existencia deve ser deliciosa naquella sociedade ideal em que não ha politica nem dinbeiro, esses dous grandes ceotros da civilisação.

Estiveram nesta cidade, ha dias, alguns indios da tribu dos *pinagés* ou *apinagés*, e os pobres diáhi a andaram

por ahí exhibidos como objectos de curiosidade. Levaram n'os aos theatros, aos cafés cantantes, ás touradas, á rua do Ouvidor, etc. e elles, resumido as impressões que lhe causou todo esse bulicio, declaram que a terra do *papae grande* não vale as invidias florestas onde nasceram.

Uma beroica professora publica, D. Leonilia Daltro, que já esteve durante alguns annos no sertão em companhia dos cbarentes, tomou sobre sua protecção esses apinagés ou pinagés, e acabou resolvendo ir com elles, acompanhando-os até as suas terras.

Gabo o gosto a esta senhora que, instruida como é, use aborrecer-se profundamente não só durante a viagem como em chagando ao seu destino. A conversação dos selvagens não deve ser muito divertida para uma professora carioca. Ao que parece D. Leonilia inveja as glorias de José de Anchieta.

Que Deus a leve em paz e salvamento, e a livre de ser comida algum dia em que na toba escasseie a caça ou a pesca.

ELOY, O HERÓI.

THEATROS

RIO, 24 DE SETEMBRO DE 1902.

A Darclée chegou, viu e venceu. Pudéra! Sem recelo de contestação, pôde se afirmar que ainda não veio ao Brasil uma cantora tão completa.

Quando digo: «ainda não veio», refiro-me aos ultimos trinta annos, pois não sou dos bellos tempos do Provisorio; não ouvi a Stolz, nem a Lagrua, nem a Lagrange, nem a Carton, nem a Caudiani, que ainda conheci mas cega e na miseria.

A Darclée tem todas as vozes: faz da

garganta o que quer; é soprano absoluto, meio soprano ou contralto conforme as circunstancias. Em qualquer desses registros a sua voz é extensa e agradável, e o seu methodo de canto é o melhor possivel.

E' tambem uma boa actriz, embora não seja o que diz a prosa exaggerada dos nossos criticos. Chegaram a escrever que ella podia dar lições a Sarah Bernhardt. Não! até lá não vou eu. A Darclée é uma excellente cantora, que representa bem.

As representações da *Traviata* e da *Tosca*, e h'ntem a da *Aida* foram tres triumphos.

O empresario Sanzone desta vez lavrou um tanto, — e é preciso notar que a Darclée tem sido bem acompanhada, principalmente pelo tenor Zenatello.

No Recreio temos agora uma peça sacra em 5 actos e não sei quantos quadros, intitulada *O Martyr do Calvario*, arranjada (de uma peça hespanhola, dizem) por Eduardo Garrido, que fez a sua traducção, ou imitação, em bonitos versos.

Não posso tomar a serio Jesus Christo peisouficado pelo actor Olympio Nogueira, nem Santa Maria Magdalena representada pela actriz Aurelia Delorme; todavia, o espectáculo não deixa de interessar pela variedade dos quadros e pela inscenação. E' de crer que a peça faça carreira, e que toda a gente vá ver a Paixão do Senhor... no Recreio Dramatico.

Voltou de São Paulo, a companhia Ta veita, que reaparece hoje, no Arlio.

Segunda-feira proxima teremos de novo a grande Réjane que, de volta do Rio da Prata, dará de novo espectáculo nesta capital. Ah! tá hem!

N. Y. Z.



Encontro pssaguairo. Segundo o quadro do Otto Rocknagol.

Fazendas, Modas

Armarinho

Recebe por todos os vapores, artigos de novidades parisienses.

Adopta o systema de vender por preços modicos para vender muito.

R. Gonçalves Dias, 29

J. BERNARDES

A LA PARISIENNE

Coqueluche Ilmo. sr. Servulo Genofre—Tenho a satisfação de communicar-lhe que, tendo sido meus filhos atacados de coqueluche, sararam todos em pouco tempo, usando apenas o seu especifico. Apesar de falarem a noticia de competencia, posso, entretanto, garantir, pela minha própria experiencia, que é realmente um medicamento muito eficaz contra a coqueluche, esse terrivel flagello das crianças. Póde fazer desta o uso que lhe convier. Da v. etc., DR. JOÃO ALBERTO SALLES.—Encontra-se na Rua S. João, 160 em S. Paulo; nas ruas 1.ª de Março 1 e 3 e Gonçalves Dias, 41 no Rio; na Drozeria Colombo em Santos; e em casa dos Srs. Silva & C. em Uberabá.

O melhor preparado para conservar, restaurar e aformosear o cabelo é **O Vigor do Cabello do DR. AYER.**



Conserva a cabeça limpa de caspa, cura erupções e impede o cair do cabelo. Quando o cabelo se torna secco, fraco, desbotado ou grisalho, este preparado restitue-lhe a cor primitiva e promove o seu crescimento, tornando-o vigoroso. Uma vez empregado, o Vigor do Cabello do Dr. Ayer torna-se o favorito das damas e homens da moda.

O Vigor do Cabello do DR. AYER...

A venda nas principais Pharmacias e Casas de Perfumarias.

PERFUMARIAS
Preços baratissimos

Para o cabelo: Agua de Quina tónica glicerizada a 15, 15000, 35, litro 45000. Oleo legitimo de cedro quinzado 15, dito do Labosa 15, loções extra perfumadas 15, 25, litro 45000. Tumbão oriental 18000. Oleo finissimo em estagio 15. Para dentes: Pastas de Lyrio glicerinada, pote 15 e 15000. Pós dentifricos hygienicos 15, elixir dentifricos 25000. Para toalete: Agua de colônia extra 15, 25, litro 45000, agua Florida 5000, 8000, e 28 brilhantissimas 15000 pó do arroz Bussinar 15 e 15000, velotino 25. Buzinas de sabonetes, pura glicerina, glicerina e alcatrão, amendoas, e de óleos 15 e 15000, sabonete de alfazê 15 e muitas outras qualidades. Extratos superiores, cosmeticos. Loção Alcaia espectral contra a queda dos cabelos e caspa a 45000. Toalete 67, Rua Sete de Setembro, 67. — Junto à Fabrica de Chocolate

DENTES ARTIFICIAES
A. F. de Sá Rego

ESPECIALISTA
Rua Gonçalves Dias N. 1 e Praia de Botafogo N. 198



UM SO'

vidro de **Lugolina** póde curar as molestias recentes ou promover grandes melhoras nas antigas, porque logo ás primeiras applicações produz effeito, estabelecendo nesta forma a confiança neste maravilhoso remedio, que não só no Brazil como na Europa tem obtido o maior successo que é possivel obter um medicamento.

A **Lugolina** do Dr. Eduardo França é b unico remedio brasileiro que tem tido as honras de ser adoptado na Europa, obtendo os maiores elogios de medicos e hospitaes, não só pela sua efficacia como porque é um remedio que, logo as primeiras applicações, produz effeito benéfico, não sendo como tantos outros que necessitam um uso prolongado para um resultado problematico.

A **Lugolina** não tem os inconvenientes das pomadas e unguentos, porque é liquido, sem gordura, sem cheiro, não suja o corpo nem as roupas e cura todas as molestias da pelle, feridas, ulcers, frieiras, brotoejas, comichões, suor fetido dos pés e do sovaco, manchas da pelle, espinhas, caspa, queila dos cabellos, quelmaduras, empigens, assaduras das craxas, sarnas, tinha, boubas, golpes e qualquer erupção ou manifestação na pelle.

(AS SENHORAS)

que fizerem uso da **Lugolina** em Injecção podem estar absolutamente seguras de evitar qualquer molestia uterina e obter a cura das variadas pequenas affecções que tanto as incommodam e que deixam muitas vezes de tratar porque o seu pudor as impede de se sujeitarem a exame medico.

A **Lugolina** para o uso de injeções nas senhoras, deve ser na proporção de uma colher de chá para meio litro de agua morna, pela manhã e a noite.

A **Lugolina** vende-se em todas as pharmacias e drogeries. Depositarios: no Brazil—Araujo Freitas & C., ruas dos Ourives n. 114 e S. Pedro 99. Na Europa—Carlo Erba—Milão, Preço 3000.

MUSICA MODERNA
Para Piano

Valsas	Schottisches
Cora—Carlos T. de Carva...	Acorchão—Carlos T. de Carva...
15000	15000
Melhores—Ismael Madel...	Estor espalhado—Sinho...
12000	1400
Das que tem copyright—Au...	Re-organizados—J. Azeve...
relo Cavalariandi—15000	do Lemos—1500
Syrtes—Carlos T. de Car...	Estor—Carlos T. de Car...
valho—15000	valho—15000

Os naturados de família—Carlos T. de Carva... 15000
Onde esta a grama—A. Felix... 15000
Que Tadiá—Paulino Sacramento... 15000
Deixei d'ahor a uestria—Carlos T. de Carva... 15000

A venda em casa dos editores **VIEIRA MACHADO & C.**
Deposito exclusivo dos acreditados planos de **JOHNS FURNACE**

51 - RUA DOS OURIVES - 51

Tonico Vegetal Restaurador dos Cabellos

Depois de ter usado de todos os tonicos para a cabeça é que será apreciado este. Ao acaso encontrou-se esta receita, e descoberta do Indio Canjão no anno de 1791. A venda nas casas de perfumarias e pharmacias do Brasil, depositario: ANTONIO CARLOS MADEIRA - Vidro 45000. Rio de Janeiro.

Xarope Peitoral do Angico Composto
PREPARADO COM A ESSENCIA DO GOMMA DE ANGEDIM DO PAER E ALTERNANDEA MERICANA

Este antigo e afamado xarope cura os pulmões e as tosse mais rebeldes, as bronchites mais antigas, as anginas mais incommodativas, as rouquias mais pertinazes, os coqueluches mais espasmodicos e as constipações mais chronicas.

PREPARA SE NA 103, RUA DA URUGUAYANA, 103 PHARMACIA BRAGANTINA

AVISO AS SENHORAS.

O'APIOL Dos Dos
JORET-HOMME

CURA AS DÔRES OS ATRASOS A SUPPRESSÃO REGRAS

DEPOSITO GERAL
Ph. G. SÉGUIN, PARIS
165, Rue St-Honoré, 165
E EM TODAS PH^{AS} E DROG^{AS}

PILULAS DE BLANCARD

APPROVADAS PELA ACADEMIA DE MEDICINA DE PARIS

Resumem todas as Propriedades do IODO e do FERRO.

40 Rua Bonaparte PARIS

Estas Pilulas são de uma efficacia maravilhosa contra a **Anemia**, **Chlorose** e todos os casos em que se trata de combater a **Pobreza do Sangu**.

CRÈME SIMON

FAZIA conservar ou dar ao rosto **FRESCURA MACIEZA MOCIDADE.**

Para proteger a epiderme contra as influencias perniciosas do ar e da polveira, é indispensavel adoptar para a toilette diaria o **CRÈME SIMON.**

Os **PÓS de Arroz SIMON** e o **SABONETE Crème Simon**, preparados com glicerina, a sua accção benéfica é tão evidente que não ha ninguém que o use uma vez que não reconheça as suas grandes virtudes.

MÉDAILLE D'OR, 1889-1900
J. SIMON, 59, rue de Valenciennes, PARIS
PHARMACIAS, PERFUMARIAS e lojas de Cabellos etc.

Desconfiar das Imitações.

SUMMARY DO PRESENTE NUMERO

- O presente numero compõe-se do seguinte:
- 1.º Uma *Capa* contendo informações e indicações uteis e preciosíssimas que os nossos assignantes e compradores em avulso devem sempre exigir de nossos depositarios e agentes.
 - 2.º Texto contendo 8 paginas com figurinos e ornamentos.
 - 3.º Um figurino gravado a talho e colorido a aquarella.
 - 4.º O setimo fasciculo de nosso tratado de trabalhos de agulha.
 - 5.º Supplemento litterario e illustrado com 4 paginas.
 - 6.º Enfim (e a titulo *extraordinario*) a tão esperada schottisch «Saudosa» 2.º premio do grande concurso musical da «A Estação» encerrado a 30 de agosto de 1902 linda composição de nossa gentil assignante e patricia a Exma. Sra. D. Rita Tamborim Peixoto Guimarães a qual effectivamente é encantadora!

Segundo concurso musical

A vista do bom exito de nosso 1.º concurso musical que se transformou em verdadeiro triumpho para

a Exma. Sra. D. *Leontina Torres*, cuja composição musical MARTIN primorosa Schöttsch, premiada em 1.º lugar teve uma sahida extraordinaria, resolvemos effectuar com este exemplar, as licitoras da «A Estação» a Schottisch SAUDOSA 2.º premio do mesmo concurso lida composição de nossa gentil patricia a Exma. Sra. D. *Rita Tamborim Peixoto Guimarães*, como tambem abrimos nesta data

Um segundo concurso musical

que será encerrado a 15 de Novembro proximo futuro as 6 horas da tarde para a escolha de:

Uma Valsa para piano só

A composição premiada em 1.º lugar acompanhará o n.º 23 do nosso jornal *A Estação* a publicar-se a 15 de dezembro de 1902.

1.º PREMIO

Um objecto artistico, como dedicatória da *A Estação*, o retrato da vencedora será estampado no frontispicio da valsa premiada. Este premio será exposto em uma vitrine d'uma das casas da rua do Ouvidor a partir do dia 20 do corrente mez.

2.º Premio. — Um titulo de accumulção da *Companhia A Economica* no valor de Rs. 500\$000. A joia e o 1.º semestre desse titulo são pagos de forma que a vencedora participará de seis sorteios gratis podendo receber Rs. 500\$000 caso o numero do mesmo seja sorteado.

CONDIÇÕES

As condições exigidas para o concurso são as seguintes:

- 1.º So as Exmas senhoras brasileiras poderão participar do concurso, exclusivamente reservado ás compositoras e amadoras nacionaes.
- 2.º A composição musical poderá apresentar alguma dificuldade e deverá ser original.
- 3.º Será copiada por pessoa que não seja a autora, de forma que a letra desta não appareça, e o original assignado com um pseudonymo.
- 4.º Deverá vir acompanhada de um envelope fechado, subscriptado com o mesmo pseudonymo e que conterá um cartão com o nome e residencia da autora.
- 5.º Serão rigorosamente recusadas as composições levando o nome da autora ou signadas quaesquer, assim como qualquer envelope aberto.
- 6.º O veredictum dos juizes será publicado em todos os jornaes desta Capital.
- 7.º As composições musicas premiadas ficarão sendo propriedade exclusiva da firma A. Lavignasse, Filho & C.
- 8.º A escolha do jury será feita á ultima hora e os nomes de seus membros só serão publicados depois do concurso.
- 9.º Cada composição apresentada deverá trazer o nome dado á mesma pela autora.

NOTA. — Para evitar qualquer confusão, damos

NINON DE LENCLOS

escarnea da ruga, que jamais ousou macular-lhe a epiderme. Já passava dos 80 annos conservava-se jovem e bella, atrahendo sempre os peolhos da sua certidão de baptismo que rasgava á carada Tempo, cuja foice embotava-se sobre sua encantadora physiognomia, sem que nunca deixasse o menor traço. «Muito verde ainda!» via-se obri-gado a dizer o velho rabugento, como a raposa de Lafontaine dizia das uvas. Este segredo, que celebra e egoista facerá jamais confiar a quem quer que fosse das pessoas daquelle época, descolrio-o o Dr. Leconte entre as folhas de um volume de *L'Histoire amoureuse des gaules*, de Bussy-Rabutin, que fez parte da bibliotheca de Voltaire e é actualmente propriedade exclusiva da **PARFUMERIE NINON, MAISON LECONTE, Rue du 4-Septembre, 35 à Paris.**

Esta casa tem-no á disposição das nossas elegantes, sob o nome de **VERITABLE EAU DE NINON**, assim como as receitas que d'ella provém, por exemplo, o

DUVET DE NINON

pó de arroz especial e refrigerante;

Le Savon Crème de Ninon

especial para o rosto que limpa perfectamente a epiderme mais delicada sem alteral-a.

LAIT DE NINON

que dá alvura deslumbrante ao pescoço e aos hombros. Entre os productos conhecidos e apreciados da **PARFUMERIE NINON** contam-se:

LA Poudre Capillus

que faz voltar os cabellos brancos á cor natural existe em 12 cores;

SEVE SOURCILIERE

que augmenta, engrossa e bruna as pestanas e os supercili-os, ao mesmo tempo que dá vivacidade ao olhar.

LA PATE ET LA Poudre MANDERMALE DE NINON

para a unha, alvura brilhante das mãos, etc., etc.

Devem exigir e verificar o nome da casa e o endereço sob o rótulo para evitar as imitações e falsificações

PARFUMERIE EXOTIQUE E. SENET

35, Rue du 4-Septembre, 35, PARIS

MÃO DE PAPA do duque, de príncipe por meio da **Pâte des Prélats**, que embranquece a acnetina a epiderme, impede e destrói as rugas e as ríscas.

UM NARIZ PICADO de pequena heridilha ou com cravo torna a recuperar sua branqueza primitiva e suas côres lisas por meio do **Anti-Balho**, producto sem igual e muito contrafeito.

CUIDADO COM AS CONTRAFACÇÕES
Para ser bella, encantar todos, o rosto deve-se servir da **Fleur de Pêche** pó de arroz feito com fructos exóticos.

POUCOS CABELLOS

Fazem ao crescer e cerrados empregando-se **l'Extrait Capillaire des Bénédictins du Mont-Majella**, que tambem impede que caiam e que fiquem brancos.

E. SENET, Administrateur, 35, Rue du 4-Septembre, Paris

NÃO ARRANQUEM MAIS

os dentes estragados, suando-os com o **Elixir dentifrice «Bénédictins du Mont-Majella»**.

E. SENET, Administrateur, 35, Rue du 4-Septembre, Paris.



apenas
acorda,
chora
pedindo
o Seu
Racahout!

Racahout dos Arabes Delangrenier
o melhor alimento para as crianças

Perfumaria extrafina

L.T. PIVER

PARIS

Corylopsis do Japão

Evitar as Imitações e Falsificações

Le Tréfle Incarnat

Perfume de Moda

Rosiris

Senteur des Prairies

Violettes de Parme

Dentifricios Mao-Tcha

PÓ, PASTA E ELIXIR

CALLIFLORE

FLOR DE BELLEZA

Pós adherentes e invisíveis

Gracias ao novo modo porque se empregam estes pós communcam ao rosto uma maravilhosa e delicada belleza e deixam um perfume de exquisita suavidade. Alem dos brancos, de notavel pureza, ha outros de quatro matizes diferentes, Rachel e Rosa, desde o mais pallido até ao mais colorido. Poderá pois, cada pessoa escolher a cor que mais lhe converha ao rosto.

PATE AGNEL

Amygdalina e Glycerina

Este excellente Cosmético branquea e amacia a pelle, preserva-a do Cieiro, Irritações e Comichões tornando-a *avelludada*; pelo que respeta as mãos, dá *saúde e transparência ás unhas*.

AGNEL, Fabricante de Perfumes,
16, Avenue de l'Opéra, Paris.

En suas lojas Casas vendem por muito nobres mais ricas de Par.

HOUBIGANT

PERFUMISTA

da RAINHA d'INGLATERRA e da CORTE da RUSSIA

PARIS

AGUA HOUBIGANT

SEM RIVAL PARA O TOUCADOR

AGUA de TOUCADOR Royal Houbigant.
AGUA de COLONIA Immortale Russe.

EXTRACTOS PARA LENÇOS: Violette Ideale, Royal Houbigant, Peau d'Espagne, Moskari, Iris blanc, Le Parfum Imperial, Moïsi, Muguet, Clélie Reine, Impérial Russe, Lisas blanc, Hélotropo blanc, Fougère Royale, Gloxina, Jasmin d'Espagne, Cuir de Russie, Giroflée, Corydalis, Bouquet d'Or, Safran, Hocco.

SABONETES: Ophelia, Peau d'Espagne, Violette ideale, Fougère Royale, Lait de Thiridare, Royal Houbigant.

PÓS OPHELIA, Talisman de Lisas.
PÓS PEAU D'ESPAGNE.
LOÇÃO VEGETAL, para os Cabellos.
PÓS ROYAL HOUBIGANT.

PERFUMARIA ESPECIAL MOSKARI

apoi um envelope de apresentação e entrega da correspondência municipal, proponhemos uma valsa intitulada *Passagem* e acompanhada com o pseudonymo *Travessa*, sem nenhum signal exterior, e *depois do sem o nome da autora*. Esta composição, sendo apresentada juntamente com *um envelope* e sendo um cartão com o nome e a residência da autora e o envelope fechado está subscripto com o nome da valsa *Passagem* e com o pseudonymo, isto é, com a palavra *Travessa* e nada mais. A *Excm.^a* senhores do Interior deverão mandar a comissão e o envelope fechado dentro de outro envelope, sendo este subscripto com o nosso endereço. Esta remessa não deve ser acompanhada de carta da remittente e deverá ser registada.

Os promettarios editores da *ESTACAO* — A. L. de Almeida, F. de C.

Tentação.. o Baleeiro

(Conclusão)

Acceitou o mais humilde de entre todos. Foi hallitar em uma velhinha que a estimava como filha e cuja sinceridade ella conhecia.

A calumnia, porém, que havia encetado já sua campanha contra a reputação da moça, multiplicou agora seus golpes impiedosos, com furiosa sanha. O seu nome tráz-se mole obrigado a todas as conversações; a sua reputação tornara-se o alvo unico dos comentarios das tuas e logradouros publicos.

Um sabão que ella fora encontrada, alta noite, a conversar no quintal com Tentação; outro vira-o, em companhia do mesmo, de passageo já pelos campos, entre encontrara os já, viajando a sós, em um bote, em direção à evação da Barra; outros affirmavam que a menina até já se achava grávida, o que bem provava o seu recolhimento; pois ella não apparecia; outros affirmavam mais, que Tentação havia aliado a velha, a poder de dinheiro, e já a entrava todas as noites, a horas mortas.

Tentação, p' evento o resultado de sua tragedia, tratava de innocentar-se e defender a moça, manifestando por ella profundo respeito e comiseración. Reservava-se ao prelo de grande reparação, ciferenciando-lhe protector abngo, quando repudiada de todos, o abandonando absoluto e lançasse a victima.

A vergonha e o desespero de Esther eram cruelmente mercaes; impessivis de traidir. Um dia, porém, no meio de toda a sua perturbação, um uaco de luz prepassou em sua mente. Adivisou o Au tor da sua difamação e lembrou-se de apontar-o á justiça. Pensou no juiz, o pai de Juvencio, mas sentiu faltar-lhe a coragem de lhe ir recibi-la a vergonha. De cidiu-se a escrever.

No dia seguinte recebia uma carta do deutor, convidando a a comparecer em sua casa. Não hesitou; partiu. Teve a felicidade de ver alli o seu conceito ainda de fe: isto deu-lhe coragem.

Momentos depois, o juiz, convenientemente informado, consolava a moça e dava-lhe esperanças.

« Isto, dizia elle, é uma coisa de homem, em que a envidiam, malha illa... Marcel e o rapaz de tudo; com certeza tem grande praca para difamação, eu hei de encontrar a esposa, vou lá es-treando-me com o delgado... O pai Tentação tem com um preceito zachendo e está a polle... mas tem, ha de telo, e desta vez é mais e certissimo ha de ter o premio que merceer.

Não te afesse meso o dia, um bando de velhinhas, moças e velhas, de arde e a casa, eu tenho

a abrigada familia, que alatrava, e ver a sua antiga familia, que continuava um lugar especial em sua vida e que era, no seu ideal, a imagem de seu estado durado.

« Não p'nto, e deso o estado accrecentar a colera, e o pai do que se senta a pedir do ao saber das infâmias e p'nto as infâmias... que tanto haviam martirizado e martirizado a quella a quem, a mais me-moria e memoria a adivir, em plena alma.

Não desistamos. Resolviu tudo quanto p'nto necessito para tomar bem manifesta a innocencia de Esther e expellir para bem longe as duvidas que se ravam sobre sua reputação. Entretanto, se a morte, que se em elter da jovem aquillo que ap'nto se adivir, sua confissão intima, que ella não se adivir se adivir a exterior.

O Dr. Juvencio tinha, pois, agora duas grandes occupações — o processo de Tentação e o prepaativo de seu casamento.

Nesta final — No dia em que o jury lavrava a sentença, o Dr. Juvencio recebia por e p'nto a formosa Esther.

(GEMINIANO ALVES BARREIRA)



El Roi Eduardo VII o a Rainha Alexandra no vestimento de coroação.

a adivir de Caravellas. Tentação, adivir em tempo, fugiu para a Barra, onde se occultava, em casa do zoch.

Entretanto, um duplo prazer estava reservado á victima da Tentação. No dia seguinte, no momento que Esther acabava de receber a noticia da chegada de Marcel, esse lado por seis pracas, foi a aviso de suas artanças, de que chegara áquelle a cimento a seu moço Juvencio.

De facto, assim era. Juvencio, eu antes, o Dr. Juvencio, pois, acabava de receber o diploma de doutor em engenharia, terminando com isso com a qual tivera a sua estreia, com exito e honra para o seu nome correia pressuroso

O que é a vida? Um mar, E a Alegria Perda e a vida nesse mar fremente, Quantas vezes a perla encantada, Em e s' tochas picadas se esculda, Se dissolve e quecece, lentamente, E nunca chega a ver a luz do dia!

ANTONIO DE QUELTAZ.

CHRONIQUETA

Rio, 12 de Outubro de 1902.

Feram bem tristes as ultimas quinze dias. A morte de Emilio Zola, o ysternoso e susy effa, proceio sobre o mundo inteiro uma sensibilidade luctuca que ainda se não desfez, nem tão cedo se desfará. Aquelle não é dos mortos que passam. Tam em o grande romancista, o jorrom e futururá na litteratura e honra do seculo XIX no lado dos de Chateaubriand, Victor Hugo, Balzac e Renan, poderia dizer como o peia antigo: *Nunc omnis moriar*.

A obra de Zola é consideravel e mais consideravel se tem a obra com o livro correr dos annos. E' uma obra de guerra e de guerra armada contra a guerra, o proconito e a injustiça. Os livros do autor são os livros, principalmente os ultimos, são de uma chegado moral que a posteridade applaudirá com entusiasmo. Zola pode ser considerado como um dos grandes reformadores do espirito humano.

A heresia e humanitaria attitudo que elle assumiu por occação do processo Dr. Juvencio valeu-lhe muitos e muitos adversarios, que ninguem accrebia na casualidade do desamargo da chamele, que p'nto adivir a morte poraphyria. Os inimigos de quem combatem pela verdade são capazes de tudo.

Tambem nós tivemos dous n'ros:

Dous de uma enfermidade terrivel, que durou um tempo f'nto em Belo Horizonte o Dr. S. Liviano Brandão, ex presidente de Minas e vice presidente da Republica.

Para um servidor intelligente e sagaz, o jo maior el'nto esta nestas palavras que poderiam ser gravadas sobre o seu tumulo: «Governei a terra do outo e morcei paup'rrimo».

✻

O outro morto é Eduardo Wanda Koch o illustre almirante, um dos officiaes mais sympathicos e mais mais e peitados da nossa marinha de guerra, tão cruelmente dopinada nestes ultimos annos.



Burghausen B. o Salzach, Alta Baviera.



Cão fazendo disparar um rebanho de ovelhas. Segundo o quadro de E. Meissner.

Essas tristezas bastaram para ensumbrar uma quinzena que poderia ser muito alegre e muito divertida...

Uma grande festa que sem duvida despertará grande interesse ás minhas formosas leitoras...

E uma festa auspiciosa, por que representa a volta de Arthur Napoleão á actividade artistica.

ELOY, O HERÓE.

P. S. — Uma errata com quinze dias de demora é um disparate...

THEATROS

Rio, 12 de Outubro de 1902.

Partiu para S. Paulo a companhia lyrica Sansone, e com ella Darclee, a admiravel artista que, contratada apenas para seis espectaculos...

O dilettantismo carioca guardará por muito tempo a lembrança da extraordinaria interprete da Favorita...

De volta do Rio da Prata, de passagem para a Europa, a Réjane deu tres espectaculos no S. Pedro...

Destae vez a incomparavel artista parizienza foi ainda alvo das mais entusiasticas manifestações de apreço

A companhia Taveira está dando os seus ultimos espectaculos no Apollo.

Representou um vaudeville intitulado O maior do So, que pertence á categoria das peças para homem...

Prepara-se, para beneficio da Angela Pinto, A Severa, do mesmo Julio Dantas.

E mais nada de novo. Para substituir a companhia Taveira vai para o Apollo uma companhia lyrica italiana...

X. Y. Z.

LA PARISIENNE. Fazendas, Modas. Armarinho. Recebe por todos os vapores, artigos de novidades parisienses. Adopta o systema de vender por preços modicos para vender muito. B. Gonçalves Dias, 2. J. BERNARDES.

DENTES ARTIFICIAES. A. F. de Sá Rego. ESPECIALISTA.

Rua Caspary, 113. N. 1. Tel. 113. N. 113. N. 113.

O melhor preparad o para conservar, restaurar e aformosear o cabelo

O Vigor do Cabello do DR. AYER.



Conserva a cabeça limpa de caspa, cura erupções e impede o cahir do cabelo. Quando o cabelo se torna secco, fraco, desbetado ou grisalho...

O Vigor do Cabello do DR. AYER...

A venda nas principaes Pharmacias e Casas da Perfumarias.

PERFUMARIAS

Preços baratissimos

Para o cabelo: Agua de quina tonica glycerinada a 1\$. 18500. 38. litro 45500. Oleo legitimo de coco quinado 1\$. ditto de babosa 1\$. loções extra perfumadas 15. 23. litro 45500. Tonicos oriental 18500. Oleo finissimo em estova: 5. Para dentes: Pastas de lyrio glycerinada, pote 15 e 18500. Pós dentifricios higienicos 18. elixir dentifricio 25500. Pare toilette: Agua de colonia extra 18. 28. litro 45500. agua florida 5000. 8000. e 28 brilhantinas 18500 pó de arroz finissimo 18 e 18500. veloutine 28. Herras de sabonetes para glycerina, glicerina e extracto, amendoas, e de cóns 18 e 18500; sabonete de alfaca 18 e muitas outras qualidades. Extractos superiores, cosmeticos. Loção Acacia espicifico contra a queda dos cabellos e caspa a 48000, etc. etc

67, Rua Selo de Setembro, 67. — Junto á Fabrica de Chocolate

NOVIDADES MÚSICAS

DA

CASA BEVILACQUA

- Não te esqueças de mim, schottisch, Alfredo Guimarães, 18500. Odilla, valsa, Alfredo Guimarães, 18500. Octavio, schottisch, Azevedo-Lemos, 18500. Parisienne, pas de quatre Richard, 18500. Marthe, schottisch, D. Leontina Torres com o n. 17 d'A Estação, 18500. Amoureuse, valsa, R. Berger, 18500. Loix du Pays, valsa, R. Berger, 18500. Saudosa, schottisch D. Rita Tamborim Peixoto Guimarães com o n. 19 d'A Estação, 18500. Tudo dansa, polka, Belarmino Neves, 18500. Pallida, schottisch, Abdon Milanez, 18500. Filhinha, schottisch Oscar Carneiro, 18000. Tesor mio, valsa, E. Becucci, 28000. Pela janella, cançoneta, Geraldo de Magalhães, 28000. Pelo portão, cançoneta, Julio Reis, 18000. Enganos, cançoneta, Julio Reis, 18000.

Musicas de todas as edições do mundo.

E. Bevilacqua & C.

43, Rua dos Ourives, 43

RIO DE JANEIRO

Coqueluche

Illm. Sr. Servulo Gonçes — Tenho a satisfação de communicar-lhe que, tendo sido meus filhos atacados de coqueluche, curados em pouco tempo, usando apenas o seu especifico. Apesar de fallar-me a necessaria competencia, posso, entretanto, garantir, pelos magnificos resultados que obtivei, que o realmente um medicamento muito efficaz contra o coqueluche, esse terrivel flagello das erupções. Pode fazer desta o uso que lhe convier. De v. etc. DR. JOÃO ALBERTO SALLES. — Encontra-se na Rua S. João, 160 em S. Paulo; nas ruas 19 de Março 1 e 3 e Gonçalves Dias, 41 no Rio, na Princesa Columbia em Santos, e em casa dos Srs. Silva & C. em Uberlândia.

NEUROSINE PRUNIER. Reconstituinte geral do Systema nervoso, Neurasthenia. Debilidade geral, Anemia Phosphaturia, Enxaquecas. Depósito Geral: CHASSAING & Co. Paris, 6, Avenue Victoria.

PARA OBTER UM LINDO PEITO



Fazel uso das "Pílulas Orientales" que fazem desaparecer a saliência causada do pescoco e dos hombros, desenvolvem e reconstituem os Seios e dão ao Busto, em dois mezes mais ou menos, uma apparencia graciosa e duravel sem engrasar a cintura. Aprovadas pelas celebridades medicas, bentazejas para a Saude as "PÍLULES ORIENTALES RATIÉ" convem aos temperamentos mais delicados, ás mezinhas tao como ás senhoras. Fama antiga e universal. Marca depositada conforme a lei. Ofresco com noticia, franco contra mandado luteracional. francos 6,36. Escrever a Mr. J. RATIÉ, Pharmaceutico da 1ª classe, 5, Penaege Verdeau, PARIS (9ª). Informaçoes gratuitas.



UM SO

vidro de Lugolina pôde curar as molestias recentes ou promover grandes melhoras nas antigas, porque logo ás primeiras applicações produz effeito, estabelecendo nesta fórma a confiança neste maravilhoso remedio, que não só no Brazil como na Europa tem obtido o maior successo que é possível obter um medicamento.

A Lugolina do Dr. Eduardo França é o unico remedio brasileiro que tem tido as honras de ser adoptado na Europa, obtendo os maiores elogios de medicos e hospitaes, não só pela sua efficacia, como porque é um remedio que, logo as primeiras applicações, produz effeito benéfico, não sendo como tantos outros que necessitam um uso prolongado para um resultado problematico.

A Lugolina não tem os inconvenientes das pomadas e uogentos, porque é liquido, sem gordura, sem cheiro, não suja o corpo nem as roupas e cura todas as molestias da pelle, feridas, ulceras, frieiras, brotoejas, comichões, suor fetido dos pés e do sovaco, manchas da pelle, espinhas, caspa, queda dos cabellos, queimaduras, empignes, assaduras das coxas, sarnas, tinha, houbas, golpes e qualquer erupção ou manifestação na pelle.

(AS SENHORAS)

que fizerem uso da Lugolina em Injecção podem estar absolutamente seguras de evitar qualquer molestia uterina e obter a cura das variadas pequenas affecções que tanto as incommodam e que deixam muitas vezes de tratar porque o seu puir as impede de se sujeitarem a exame medico.

A Lugolina, para o uso de injeções nas senhoras, deve ser na proporção de uma colher de chá para meio litro d'agua morna, pela manhã e a noite.

A Lugolina vende-se em todas as pharmacias e drogarias. Depositários no Brazil—Araujo Freitas & C., ruas dos Ourives n. 11 e S. Pedro 97, Na Europa—Carlo Erba Milano. Preço 33000.

Xarope Peitoral do Angico Composto

PREPARADO EM A DECATADA GUMMA DE ANGICO DO PARA E ALCATRÃO DA NORUEGA Este antigo e afamado xarope cura em poucos dias as tosses mais rebeldes, as bronchites mais antigas, as asthmas mais incommodativas, as rouquidões mais pertinazes, as coqueluches mais espasmodicas e as constipações mais chronicas. PREPARA SE NA 103, RUA DA URUGUAYANA, 103 PHARMACIA BRAGANTINA

SUMARIO DO PRESENTE NUMERO

- O presente numero do n'osso jornal de modas *al Estacao* comou-se da seguinte:
 - 1.^o Uma *Capa* contendo informacões e indicações uteis e preciosissimas que os nossos assignantes e compradores em avulso devem sempre exigir de nossos depositarios e agentes.
 - 2.^o Texto contendo 8 paginas com figurinos modernissimos para senhoras, mãças e crianças e modelos de trabalhos.
 - 3.^o Um figurino gravado a talho e colorido a aquarella.
 - 4.^o Uma grande folha (papel amarello *glacé*) com *moldes riscados* e modelos de ornamentos.
 - 5.^o Um supplemento litterario e illustrado com 1 paginas.
 - 6.^o O oitavo fasciculo de nosso tratado de trabalhos de agulha.

Mosaico

Paratirar o máo gosto do oleo defigado de bacalháo O oleo de figado de babilháo é um medicamento de largo emprego, mas muitos não o usam por causa do seu sabor ou do seu desagradavel cheiro. Ha um meio

de remediar esse inconveniente e tornar esse medicamento até hem agradável ao paladar.
Bate-se uma gema de ovo: junta-se lhe uma colher de oleo de figado, mistura-se bem, acrescenta-se lhe dez gotas de agua de hortelã pimenta ou de canella e depois um meio copo de agua assucarada. Tem-se assim uma excellent'e bebida e um optimo allimento.
Expieitemem o conselho, pouco custa.

Gondoleiro do Amor

Naquella noite de luar serena,
Botava la no azul, pallida lua;
Vinha a Venus, a lucida phalena,
Cheia de amor, hejar a face lua.
Como nas noites de luar no Sena,
A Gondola do Amor tambem fluctua,
E do hanqueiro a bella cantilena
A Virgem canta que sonhou ser sua.
Gondoleiro do Amor eu canto aquella
Que em seu coração tem toda a minha alma,
Das virgens a mais casta e a mais bella:
Quem cair deixou na minha mão aberta
Santa Veronica, que as d'ires acalma...
— De santa só se espera santa offerta.

ATAUVE PAFFREIRAS.

Nitheroy 6 de 00.

NINON DE LENCLOS

escarancia da ruga, que jamas osou macular-lhe a epiderme. Já passava dos 80 annos e conservava-se jovem e bella, atrahido sempre os pedregosa sua certidão de baptismo que rasgava á curado Tempo, cuja foie embotava-se sobre sua encantadora physionomia, sem que nunca deixasse o menor traço. «Muito verde ainda!» via-se obrigado a dizer o velho rabugento, como a raposa de Lafontaine dizim das uvas. Este segredo, que se elheve eguista faceira jamas confiou a quem quer que fosse das pessoas daquel la época, descobrio-o Dr. Leconte entre as folhas de um volume de *L'Histoire ancurieuse des gaudes, de Bussy-Rabutin*, que fez parte da bibliotheca de Voltaire e é actualmente propriedade exclusiva da **PARFUMERIE NINON, MAISON LECONTE, Rue du 4-Septembre, 35 à Paris.** Esta casa tem-no a disposição das nossas elegantes, sob o nome de **VERITABLE EAU DE NINON**, assim como as receitas que d'ella provém, por exemplo, o

DUVET DE NINON

pó de arroz especial e refrigerante;
Le Savon Crème de Ninon especial para o rosto que limpa perfeitamente a epiderme sem delenda sem altera-la.

LAIT DE NINON

que dá alguma deslumbrante no pesçoço e nos hombros
Entre os productos collectados e apreciados da **PARFUMERIE NINON** contam-se:
LA POUDRE CAPILLUS que faz voltar os cabellos brancos á cor natural existe em 12 cores;
SEVE SOURCILIERE que augmenta, engrossa e bruma as pestanas e os supercilios, no mesmo tempo que dá vivacidade ao olhar
LA PATE ET LA POUDRE MANDERMALE DE NINON para finura, alvura brilhante das mãos, etc., etc.

Cavem exigir e verificar o nome da casa e o endereço sob o rotulo para evitar se enganacões e falsificacões

PARFUMERIE EXOTIQUE E. SENET

35, Rue du 4-Septembre, 35, PARIS

MÃO DE PAPA do duque, de príncipe, por meio da **Pâte des Prélats**, que embranquece, alisa, ressetina a epiderme, impede e destrói as freiras e as ruelas.
UM NARIZ PICADO de pequenao borbulhas ou comarvos torna a respirar sea brançura primitiva e suas cores lisas por meio do **Anti-Rolhos**, producto sem igual e muito contrafeto.


PREPARADO COM AS CONTRAFACÇÕES
Para ser bella, encantar todos os olhos deve se servir da **Fleur de Pêche** pó de arroz feito com fructos exóticos.

POUCOS CABELLOS

Esponja-se a cabeça com a empregada do **Extrait Capillaire des Benedictins du Mont-Majella**, que tambem impede que caiam e p' alguns brancos.
E. SENET, Administrador 35 R. du 4-Septembre, Paris.

NÃO ARRANQUEM MAIS

os dentes estragados, com o uso da empregada do **Extrait dentifrice des Benedictins du Mont-Majella**.
E. SENET, Administrador 35 R. du 4-Septembre, Paris.



VICHY-HOPITAL
Molestias do Estomago e do Intestino.

VICHY GRANDE-GRILLE
Molestias do Fígado e do Apparelio bilioso.

VICHY-CELESTINS
Molestias dos Rins e do Bexiga.

PASTILLES VICHY-ÉTAT

COMPRIMES VICHY-ÉTAT

CAUTELA COM AS IMITACÕES

PARIS

NOVO PERUME

LE REFILE Incarnat

PIPIVER



PARIS

NOVIDADES MUSICAES

CASA BEVILACQUA

- Não le esqueças de mim*, schottisch, Alfredo Guimarães, 1\$500
- Odillo*, valsa, Alfredo Guimarães, 1\$500
- Oclavo*, schottisch, Azevelo Lemos, 1\$500
- Parisiense*, pas de quatre, Richard, 1\$500
- Marthe*, schottisch, D. Leontina Torres com o n. 17 d' *A Estação*, 1\$500
- Amoureuse*, valsa, R. Berger, 1\$500
- Lois du Pays*, valsa, R. Berger, 1\$500
- Saudosa*, schottisch, D. Rita Tamborim Peixoto Guimarães com o n. 19 d' *A Estação*, 1\$500
- Tudo dansa*, polka, Belarmino Neves, 1\$500
- Pallida*, schottisch, Abdon Milanez, 1\$500
- Filhinha*, schottisch, Oscar Carneiro, 1\$500
- Tesou mio*, valsa, E. Benecci, 2\$000
- Pela janella*, cançoneta, Geraldo de Bungalhões, 2\$000
- Pelo portão*, cançoneta, Julio Reis, 1\$000
- Enganos*, cançoneta, Julio Reis, 1\$000

Musicas de todas as edições do mundo.

E. Bevilacqua & C.
43, Rua dos Ourives, 43
RIO DE JANEIRO



CRÈME SIMON
PARA conservar ou dar no rosto FRESCURA MACIEZA MOCIDADE.

Para proteger a epiderme contra as influencias de nocivas da atmosfera, é indispensavel a applicação a toletta diaria do **CRÈME SIMON**.

Os **PÔS** do Arroz **SIMON** e o **SABONETE** Crème Simon, preparados com glicerina, a sua accão benéfica é tão evidente que ha ha ninguém que n'ose uma vez não reconheça as suas grandes virtudes.

MEDALHA D'OR Paris 1900
J. SIMON, 83, rue de Valenciennes PARIS
PHARMACIAS, PERFUMERIAS e lojas de Cabellos etc.

Desconfiar das Imitações.

As virtuosas de Itapitanga (1)

A cabana de Abaeté (2) era situada entre o mar e a cordilheira.

Dolado do mar nunca se vira passar uma Igára (3); do lado da cordilheira jamais se desenhara um catuanga. (4)

A vida animal, fóra da gruta só se traduzia nos saltos do pirá (5) ou nos silvos da mboi. (6)

Alem desses hospedes que eram indifferentes quasi á cubana, só outros comestiveis predilectos, appareciam á mesa de Abaeté.

Uma ingratição obrigára Abaeté a emigrar para esse ignorado retiro e d'ahi não mais sahira, vivendo ora da caça ora da pesca, emalhado das caricias de suas filhas.

Ellas eram tres:

Haihú (7) formosa como um sol de bronze, com sua esparsa cabelleira.

Teçahé (8) linda pelos seus labios, mais linda pelas suas faces, lindissima pelos seus languidos olhos.

Yybirú (9) a ultima, a caçula, a mais nova, bella como a noite, linha como a sombra de manacá cheiroso em noite enluarada.

Abaeté, ralado de saudades, adoeçera e sentio chegada sua ultima hora.

—A ingrata Ihoti (10) condemnou-me, ó filhas, ao supplicio do amor trahido que não sabe perdoar nem póde esquecer. Vou fechar os meus olhos para sempre. Peço a cada uma de minhas filhas que me venha dar, cada uma por sua vez, um ultimo beijo em minha bocca.

Haihú aproximou-se do leito com os olhos rasos.

—Ó formosa! Tu recebeste o nome que a minha mocidade deo aos primeiros beijos de Ihoti! Tu representas a pureza, a ternura, a ignorancia feliz! Beija-me á bocca!

Haihú o beijou e afastou-se pezarosa.

Teçahé chegou-se enlaçando seu peçoço em seus quentes braços e fitando o com os seus olhos.

—Ó languida! Tu recebeste o nome que a tua mãe com partia! Tu representas a volupia, o instante rapido, a illusão de quem pensa ser amado quando ama com verdade; e a verdade no amor é só loucura! Beija-me á bocca!

Teçahé o beijou e afastou-se lacrimosa.

Yybirú encostou a sua face fresca á face de Abaeté.

—Ó ultimo fructo de amor! Depois de ti, só houve traição e desengano! Tu representas, a mais recente, a minha ultima caricia!

Oh! Quanto é verdade que o ultimo beijo de amor não morre na memoria! Adeus, ó meu verdadeiro amor: beija-me á bocca!

E Yybirú afastou-se gelada porque nos labios recebera o frio do ultimo beijo paterno.

E Abaeté, murmurando o nome de sua querida Ihoti, passou á morada dos espiritos, serenamente, banhado pelas lagrimas das filhas, ouvindo-lhe os prantos, sentindo-lhes as caricias, sem que o terrivel Anhangá (11) o atormentasse.

Foi seu corpo untado de oleo de palmeira, em cerrado na igaçaba (12) e emretrado na praia, na linha d'onde janais fugiam as aguas.

Entregues agora á si mesmas, as tres tamoyas, adextradas na caça e na pesca, não temiam a fome, nem a sede, nem o perigo das serpentes e das onças.

Só o céu, ellas interrogavam; e os seus olhos, do mar á cordilheira pareciam interrogar Tupan sobre o seu destino. Seria possivel que a sua mocidade passasse sem um beijo de amor?

Em certa manhã, ruido estranho á entrada da gruta as accordou.

Catumená (13) envolvido em uma pelle de onça, depunha canção do arco e o tacapé (14).

—Virtuosas! exclamou elle. Estaes sós e sem medo entre o mar e a cordilheira. Sintó necessidade de amar. Amei a quem não me quiz. Fugí. Deve-se fugir á desgraça quando ella se nos

mostra certa. Massou meço, forte, capaz de lutar com o tigre e com a caiman. Qual de vós me accelta por esposa? As tres virtuosas, inconscientes da rivalidade, innocentes do mundo, ardentes de sangue fizeram uma traça dos braços, e com as mãos estendidas para catumená, exclamaram sonóramente, com o mesmo carieloso sorriso:

— Nós!

A. AZAMOR.



O Quarto do nascimento de Beethoven na casa do nascimento de Beethoven em Bonn.

Breve Noticia sobre a Devoção de Nossa Senhora do Rosario de Pompeia

Ainda em 1875, a antiga cidade de Pompeia, como Herculanium e outras povoações italianas, soterradas pelas lavas do Vesuvio, apresentava o triste aspecto de escavações e ruinas, só habitada por pobres campezes, quando um frade Dominicano, o Rvd. Rudente, inspirado, quiz, por um toque da graça, offerter ao virtuoso casal, alli residente, o advogado Bartholomeu-Longo e a sua consorte a Condessa Mariana de Fusco-Longo, um modesto quadro de Nossa

Senhora do Rosario de Pompeia.

Desse logo, se manifestou a profusão de graças com que a Virgem milagrosa o favorecia.

Verdadeiramente piedoso e fortificado por fé inabalavel, foi assim que Longo emprehendeu a construção do grande Templo, auxiliado pelas esmolas de innumeros devotos de todos os estados e de todos os paizes.

Nos primeiros annos, foi ingente a lucta para a aquisição de meios conducentes ao grande fim, provação talvez com que o céo o experimentava; sereno, impeterrit e confiado na Providencia divina, não trepidou Bartholomeu um só momento. Qual outro D. Bosco, socorrido por milagres patentes e indiscutíveis da Virgem Soberana alcançou superar toda sorte de difficuldades.

E o Santuario predestinado no Valle de Pompeia se erguia como por encanto.

Por esse tempo, espalhou-se a nova da apparição inaudita da Rainha dos Céus a uma ingenua menina por nome Fortunatinha Agrelli, nova Bernadette, com provas tão evidentes dessa manifestação que o enthusiasmo religioso toccou o ultimo gráo, e o fundador do Santuario recebia dos pontes mais distantes offrendas valiosas.

Surgiu assim a obra monumental e architectonica que hoje causa a admiração de todos.

O advogado Bartholomeu Longo á medida que sustentava o fervor religioso por meio de um periodico narrando as graças recebidas da Virgem de Pompeia — «O Rosario e a nova Pompeia» — não descurava a educação da infancia desvalida, fundando, então um orphanato de meninas abandonadas e um hospicio para agasalhar os filhos dos pobres que necessitam do sustento do corpo e da alma.

Já no segundo decenio (de 1886 para cá) Bartholomeu contemplava desvanecido seus santos trabalhos, em via de complemento. Quem antes viu Pompeia desolada e em escombros e agora a vê coberta de ricas habitações, de feraz cultura das suas terras, a ostentar seu templo magnifico hoje um dos mais notaveis do mundo, para onde affluem innumeraes devotos, e onde fazem-se festas solemnissimas, celebrando-se o Santo Sacrificio da Missa tantas vezes, que no mez de Outubro de 1899 orçou a 1.410 e foram distribuidas aos feis 17.000 communhões dirá com convicção e cheio de fé — «Quanto vale a constancia e pertinacia de um preclaro e santo barão animado com a luz da graça e a proteção de Nossa Senhora, a Qual em todos os tempos e agora mais do que nunca em diversas nações catholicas se patenteia misericordiosamente para revigorar a crença e a persuasão, provando ser Ella a nossa advogada e intercessora effiçaz para com o seu Divino Filho!

Saudade

Roga-me a fronte brisa perfumosa;
Terno e suave turba-me o ouvido
De um bandolim o trémulo querido;
Devassa a noite a vista embigosa...

Alguem canta!... estremeço! A voz queixosa
Certo partio de um coração ferido!
E, então, sinto o meu ser todo inundado
De uma tristeza grande e angustiosa...

Brisa! Poesia! Musica adorada!
Calma... perdão... silencio... por piedade!
Não me torneis a noite amargurada!...

Ai!... só de vós deriva-me a verdade
Que en amo! E longe, assim, de minha amada,
Mais que de morte mata-me a saudade!...

Santa Thereza.

1902 — Set. — 22.

A. AZAMOR.

Na Floresta

No seio perfumado de floresta
Ditosa, que hora calma se estremece,
Ou ruidosa se agita, vi modesta,
Virgem, — meu eterno sonho e sua prece.

Como um aroma agreste, suave, esta
Que ora exalto e tanto resplandece,
O bosque humilde e tepido embevece
Accendendo minha alma e pondo-a em festa.

A borboletear alli, risonha
Como um nimbo de luz que a mente sonhá,
Dil-a ies uma aura errante e santa.

E foi esta a serpente que, má e boa,
Me feriu o coração a toa
A rir, no bosque que visita e encanta.

Abril de 1902.

A. GODVOY.



A Casa do nascimento do Beethoven em Bonn.

Senhora do Rosario, que collocaram na pequena Igreja da freguezia.

Já no seguinte anno, tão grande foi a devoção que esta imagem despertou, que conseguiram pôr a primeira pedra de um futuro grande Templo a Ella dedicado, no dia 8 de Maio de 1875.

(1) Itapitanga — pedra vermelha.
(2) Abaeté — homem hourado.
(3) Igára — canoa.
(4) Catuanga — bôa alma — figura de gente.
(5) Pirá — peixe.
(6) Mboi — cobra cascavel.
(7) Haihú — Amor.
(8) Teçahé — Bons olhos.
(9) Yybirú — Inocente, fraco.
(10) Ihoti — flor.
(11) Anhangá — o espirito mau especie de diabo catholico.
(12) Igaçaba — talha.
(13) Catumená — Bom marido.
(14) Tacapé — Massa o esudo do guerra.

OSCAR D'ALVA

(REIS CARVALHO)

SENHORA

SEGUNDO ACTO

Sala pobre. A E. B. um sofá com uma almofada azul; cadeiras, em cujo recosto se acham uma casaca, luvas e robe-chambres. No centro, uma pequenina mesa coberta com panno desbotado; em cima livros, tinheiros, caixas de charutos, escovas e outros objectos. Fernando está deitado em desalinho sobre o sofa. Lê uma folha diaria.

SCENA I

FERNANDO E MARIQUINHAS

MARIQUINHAS (*A porta*).—Mano já acordou?

FERNANDO.—Entre, Mariquinhas.

MARIQUINHAS (*Approximando se*).—Quer seu café?FERNANDO.—Trase, menina, (*Mariquinhas sahe*).

SCENA II

CS MEMOS

MARIQUINHAS (*Entra trazendo a chicara de café, da a Fernando*).—Divertiu-se muito, mano?

FERNANDO (*sentando se*).—Nem por isso.

MARIQUINHAS.—Acabou muito tarde. Quando você entrou deviam ser tres horas.

FERNANDO.—E' verdade, e não valeu a pena; perdi a noite quando podia recobrar-me das pessi- mas que passei a bordo. (*Solve a golas o café*).

MARIQUINHAS.—Realmente fez mal em ir a um baile no mesmo dia da chegada.

FERNANDO (*Dirigindo-se a mesa serve se de um cha- ruto, deixando ficar a chicara*).—Sabes quem estava lá? E que era a rainha do baile?... A Aurelia!...

MARIQUINHAS (*Recordando se*).—Aurelia?...

FERNANDO.—Sim, Aurelia! Não te recordas? Olha, (*Senta-se, cruza o pé esquerdo sobre o joelho direito e mostra o sapato bordado*).

MARIQUINHAS.—Ahi já seil Aquella que bordou este sapato? M'raiva... na rua da Lapa.

FERNANDO.—Justamente!

MARIQUINHAS.—Você gostava pem della, mano.

FERNANDO.—Foi a maior paixão da minha vida!

MARIQUINHAS.—Mas voce esqueceu-a pela Ama- ralsinha.

FERNANDO (*Mete a cabeça com um meneio lento e melancolico*).—Hontem, no Cassino, estava deslumhrante, Mariquinhas! Nem tu p'des imaginar! Vocês mulhe- res têm isso de commum com as flores, que umas são filhas da sombra e abrem com a noite e outras são filhas da luz e carecem de sol. Aurelia é como estas, nasceu para a riqueza. Eu hem o presenti. Quando

admirava sua formosura naquella salinha terrea da Lapa, parecia-me que ella vivia ahi exilada. Faltava o diadema, o throno, as galas, a multidão submissa, mas a rainha ahi estava em todo seu esplendor. Deus a creou para a opulencia.

MARIQUINHAS.—Como então? Está rica?
FERNANDO.—Apareceu-lhe de repente uma be- rança... Crio que de um avô. Não me souberam hem explicar, o certo é que possue hoje, segundo me disseram, cerca de mil contos.

MARIQUINHAS.—Ella tam hem tinha muita paixão por voce mano.

FERNANDO (*Tomando a mão de Mariquinhas*).—Aure- lia está perdida para mim. Quantos a admiravam no Cassino, podem pretendel a, embora se arrisquem a serem repellidos, eu não tenho esse direito, sou o unico.

MARIQUINHAS.—Por que m'no? E' por causa da Amaralsinha com quem dizem que você ha de se casar?

FERNANDO.—Isto não é cousa decidida. Tu hem sabes, a razão é outra.

Pequenas Telas

CELESTE

A' memoria de minha filha

I

Meu pensamento carece ave phan- tastica a vaguear, pelo espaço! Out'ora—quando Celeste tinha vida— —eu conhecia a ventura—sentia me feliz! Filha amada—lembro-me hem quando te sentavas sobre meus joelhos e pousavas teus olhos azues e santa- mente casto no meu rosto ditoso! Agora—pranteio a tua ausencia!

II

Hontem e heje—que differença! Hontem, a vida me era ditosa, meu lar era um paraizo, o mundo me era um céu!

Heje, enchem-se me os olhos de lagrimas porque não mais terei sobre o collo aquella anjo docemente querido que me fazia o mais orgulhoso dos paes!

III

Passam se dias, mezes e annos! Sempre, cada vez com mais ardor, com mais saudades—meu pensamento, qual ave phantastica, vaguea pelo espaço em busca da imagem ideal de Celeste, da filhinha morta—morta para sempre!

ARTHUR GOULART.

CHRONIQUETA

Rio, 22 de Outubro de 1902.

Estiveram muito chochos estes ultimes dias. As leitoras d'A Estação naturalmente não me perdoariam se eu me occupasse nesta columna com a substituição do vice presidente da Republica ou a questão dos direitos interessados. *Interestadual*... que malogismo bahah! Decididamente a Republica não veio enriquecer nossa lingua!

Os dias passam-se com a lentidão do calça- mento da rua do Ouvidor, arrastando-se monotona- mente, sem um facto, sem um escandalo, sem nada.

✱

Houve duas festas, duas grandes festas.

A primeira foi o concerto de Arthur Napoleão, que reuniu no Cassino Fluminense o escol da nossa sociedade, e esteve realmente na altura do prodigioso pianista, que nunca foi excedido nem mesmo egua- lado.

Quem, aos 60 annos, toca daquelle modo, com aquelle hrio, aquella expressão, aquella execução irreprezível o *concerto em ré menor*, da Rubinstein, uma das peças mais dificeis e mais esmagadoras que ainda figuraram na estante de um piano, é um artista privilegiado, um peregrino da arte, desse que a humanidade produz de tempos a tempos unicamente para justificar-se de tantos abortos e mazelas.

✱

A outra festa foi a do *Jornal do Commercio*, effec- ricada ao Dr. José Carlos Rodrigues, a qual se rea- lisa no proprio edificio do grande organ, cujas salas foram transformadas pelo talento de Thomaz Driendl, Henrique Bernardelli e Elyseu Visconti, que fizeram prodigios de arte decrativa.

Infelizmente não assisti ao concerto e ao haile para os quaes não fui convidado; mas dizem todos que a festa do *Jornal do Commercio* foi uma das mais bellas que tem havido nesta capital.

✱

Falleceu o Dr. Antonio Carlos Ribeiro de An- drade Machado e Silva, lente da Faculdade de São Paulo, deputado geral no antigo regimem. Filho de Antonio Carlos, o irmão de José Bonifacio, era digno dessa gloriosa familia dos Andradas, que tantos filhos illustres tem dado á Patria.

✱

Para não terminar a *Chroniqueta* com palavras de luto, convido a leitora a ler o ultimo volume de versos de Luiz Murat. Intitula se *Sarah* e é um des- livros mais fortes que tem produzido o lyrismo nacional.

ELOY, O HERÓE.



Modelo ante a porta do mosteiro. Segundo o quadro do Heinrich Stelzner.

THEATROS

Rio, 22 Outubro de 1902

A companhia Taveira findou a serie de seus preparativos com a Saes de Julio Dantas peça que tem o defeito de ter uma peça, isto é, de não ter um personagem, um caracter, nem uma situação que mereçam os homens do palco.

A Severa foi uma pobre rapariga da villa amada, que sabia cantar o fado, e pela qual se apaixonou um fidalgo extravagante e pouco escrupuloso, mas não foi na sua vida um traço, nem o poeta o inventou, que justificasse a peça.

O dialogo é, em geral, bem sustentado, e nelle encontram, aqui e ali, as garras de um poeta, de um bom poeta, imaginativo e pitoresco; mas por nenhuma outra qualidade primaram aquelles tres actos.

A actriz Angela Pinto exaggerou o papel da protagonista, ja de si ex gerada, mas desempenhou com muito talento a scena do acto em que, trepada a um muro, assiste a uma tourada.

O actor Portulaz, artista do futuro, agradeu muito no papel do Castadio, um monstinho um pouco parecido com outro que Julio Dantas ja nos havia dado na *Leira de Santa Cruz*.

Luiz Pinto não foi feliz no papel de Marialva, o fidalgo, e os mais artistas pouco tiveram que fazer.

A companhia despede se hoje do publico.

✽

Logo depois da representação a *Uscara*, a companhia Taveira passou para o theatro S. Pedro, deixando o Apollo a uma companhia lyrica italiana, de que são empreados os Srs. Ricci e Milone.

E uma companhia *Alpina*, emblematico criado para uso das companhias batatas. Não tem celebridades, mas tem alguns bons artistas, que são ouvidos com prazer e sinceramente applaudidos.

As peças ate hoje cantadas por essa companhia tem sido a *Leira do Recreio*, e o *Traveller*, de Verdi.

✽

Uma noticia recebida com enthusiasmo pelos da arte dramatica foi a vinda de Anione ao Rio de Janeiro em 1902.

O grande artista criador do Theatro Livio, traz consigo toda a sua bella *troupe* do theatro Antico, ex-Menus Plaisirs. Intendim-nos não poder recomendar esses espectaculos as leitoras da *Estreia*.

X. Y. Z.

DENTES ARTIFICIAES

A. F. de Sá Rego

SPECIALISTA

Rua Gonçalves Dias N. 1 e 288 Praça de Botafogo N. 198



UM SO'

vidro de Lugolina pode curar as molestias recuentes ou promover grandes melhoras nas antigas, porque logo as primeiras applicações produz effeito, estabelecendo nesta forma a confiança neste mais aviloso remedio, que não só no Brazil como na Europa tem obtido o maior successo que é possível obter um medicamento.

A Lugolina do Dr. Eduardo França é o unico remedio brasileiro que tem tido as honras e se ser adoptado na Europa, obtendo os maiores elogios de medicos e hospitais, não só pela sua efficacia, como porque é um remedio que, logo as primeiras applicações, produz effeito benéfico, não sendo como tantos outros que necessitam um uso prolongado para um resultado problematico.

A Lugolina não tem os inconvenientes das pomadas e unguentos, porque é liquida, sem gordura, sem cheiro, não suja o corpo nem as roupas e cura todas as molestias da pelle, feridas, ulcera, frieiras, biotoças, comichões, suor fetido dos pés e do sovaco, manchas da pelle, espinhas, caspa, queda dos cabellos, queimaduras, empigens, assaduras das coxas, sarnas, timba, bombas, golpes e qualquer erupção ou manifestação na pelle.

AS SENHORAS

que fazem uso da Lugolina em injeção podem estar absolutamente seguras de evitar qualquer molestia uterina e obter a cura das variadas pequenas affecções que tanto as incommodam e que deixam muitas vezes de tratar porque o seu paiz as impede de se sujeitarem a exame medico.

A Lugolina para uso de injeções nas senhoras, deve ser na proporção de uma colher de chá para meio litro de agua morna, pela manhã e a noite.

A Lugolina vende se em todas as farmacias e drograrias. Depósitos: no Brazil—Araujo Freitas & C., ruas dos Ourives n. 111 e S. Pedro 9. Na Europa—Carlo Erba—Milão, Preço 35000.

Tônico Vegetal Restaurador dos Cabellos

Depois de ter usado de todos os tonicos para a cabeça e que sera apreciado este. Ao acaso encontrou se esta receita, e descoberta do indio Carijó no anno de 1791. A venda nas casas de perfumarias e farmacias do Brasil, depositario: ANTONIO CARLOS MADEIRA— Vidro 45000. Rio de Janeiro.

Xarope Peitoral de Angico Composto

PREPARADO COM A DEBANTADA GOMMA DE ANGICO DO PARA' E ALCATRÃO DA NORUEGA

Este antigo e afamado xarope cura em poucos dias as tosses mais rebeldes, as bronchites mais antigas, as asthmas mais incommodativas, as rouquidões mais pertinazes, as coqueluches mais espasmodicas e as constipações mais chronicas.

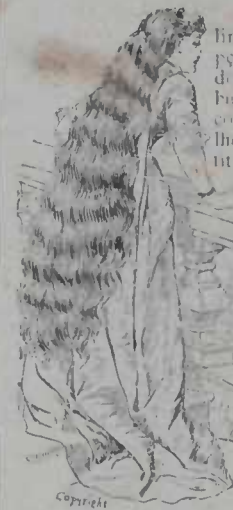
PREPARA SE NA 103, RUA DA URUGUAYANA, 103 PHARMACIA BRAGANTINA

Coqueluche

Hon. Sr. Servulo Gombro — Tenho a satisfação de communicar-lha que, não só meus filhos atacados de coqueluche, soterram todos em pouco tempo, usando apenas o meu remedio. Apesar de haber me a necessaria experiencia posso, entretanto, garantir, pela magnifica resultadissima observação que realimente o medicamento muito efficax contra o coqueluche, como terrelli flagello das crianças. Pode fazer desde o uso que he o seguinte. De 5 a 10 gotas. De João Antonio Salles, em 1890, em 1902, Rua S. João, 100 em S. Paulo, na rua 1ª de Março, 11 e 3 e Gonçalves Dias, 41 no Rio de Janeiro, em Gregorio Colombo em Santos, e em casa dos Srs. S. L. & C. em Uberaba.

O melhor preparado para conservar, restaurar e aformosear o cabelo é

Vigor do Cabello do Dr. AYER.



Conserva a cabeça limpa de caspa, cura erupções e impede o cair do cabelo. Quando o cabelo se torna secco, fravel, desbotado ou grisalho, este preparado restitue-lhe a cor primitiva e promove o seu crescimento, tornando-o vigoroso. Uma vez empregado, o Vigor do Cabello do Dr. Ayer torna-se o favorito das damas e honras da moda.

O Vigor do Cabello do DR. AYER...

A venda nas principais Pharmacias e Casas da Perfumarias.

PERFUMARIAS

Preços baratissimos

Para o cabelo: Agua de quina tónica glycerinada 15, 15000, 35, litro 15000, óleo Lugolino da coco qumado 15, dito de babosa 15, loções extra perfumadas 15, 25, litro 45000, Tónico oriental 15000. Olio finissimo em estor 15. Para dentes: Pastas de lyrio glycerinada, por 15 e 15000. Para dentifricos: Hygionico 15, elixir de limão 25000. Para toilette: Agua de colônia extra 15, 25, litro, 45000, agua floral 5000, 5000, e 25 brillantinas 15000, pó do arraz finissimo 15 e 15000, veloninas 25 Barras e sabonetes, para glycerina, glicerina e sabonete, amendoim, e de póres 15 e 15000; sabonete de alface 15 e muitas outras qualidades. Extratos superiores, esencias. Log. Azeira especifico contra a queda dos cabellos e caspa 45000, etc, etc.

67, Rua Sete de Setembro, 67.—Junto á Fábrica de Chocolate

Fazendas Modas,
Armarinho

Recebe por todos os vapores, artigos de novidades parisienses.

Adopta o systema de vender por preços modicos para vender muito.

LA PARISIENNE

R. Gonçalves Dias, 2)

J. BERNARDES

Prisão do Ventre

Agredavel ao aladar mesmo das crianças.

1 a 2 colheres, das de chá, ao jantar ou ao deitar ao.

CASCARA ALEXANDRE

50 cent. por cada colher das de chá

Pharmacia, 19, Rue des Mathurins, PARIS.

HEMORRAGIAS — HEMORRHOIDAS — VARIZES
PHLEBITES — VARICOCÉLES — METRITES
FIBROMAS — CONGESTOES

Tônico e Sedativo vascular. Cura rapida por

HAMAMELINA ROYA

Principio activo aromático da Hamamelis Virginica
Especifico das Congestões, Dilatações, Inflammacões venozas

3 a 4 colheres, das de sopa, por dia.

Inocuidade absoluta seja qual for a dose.

PHARMACIA LAChartre, 39, Rue des Mathurins, Paris

PHENOL-BOBCEUF
O MAIS ENERGIICO e o menos perigoso dos antisepticos

PHENOL-BOBCEUF PERFUMADO
Hygiene do Tocador

SAYÃO BOBCEUF
Antiseptia da Pelle.

AGUA ANTISEPTICA BOBCEUF
Antiseptia da Bocca.

SUMMARIO DO PRESENTE NUMERO

O presente numero 21 do nosso jornal de modas sempre se do seguinte:

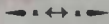
1.^o Uma *Capa* contendo indicações utéis e preciosissimas que os nossos assignantes e leitores devem sempre exigir de nossos depositarios e agentes.

2.^o Texto contendo 8 paginas com figurinos modernos para senhoras, meças e crianças e modelos de trabalhos e ornamentos.

3.^o Um figurino gravado a talho e colorido a aquarella.

4.^o Um supplemento litterario e illustrado com 4 paginas.

5.^o O nono fasciculo de nosso tratado de trabalhos de agulha.



Objectos de Fantasia PARA SENHORAS

Chamamos a attenção de nossas gentis assignantes e leitoras sobre o annuncio que publicamos com o titulo acima na 4.^a pagina da capa do presente exemplar de nosso jornal *A Estação*.

Contemplando o mar.

O' tu, oceano, desapiadado
 Que não poupas, sequer, pebres creanças,
 O' tu, que indifferente lens roubado
 A tantos corações as esperanças ;
 Vê, si como se apaga a tua espuma
 Apagas, de meu peito a chamma ardente
 Quaes merrem illusões, uma por uma...
 Ou então me transforma eternamente
 Em pedra o coração, p'ra que nenhuma
 Chamma de amor renasça novamente !
 Tã, ó Leão, immensamente forte
 Vê si pedes, com tua garra adunca
 Arrancar tre este amor rem dar me a morte !...
 E... num gemido... elle me disse : — « Nunca ! »...
 (Niteroy).
 AMELIA ALVES.

O problema Vital

(PERIPIRASE)

D'onde? Aonde? PLATÃO.

Espírito immortal que em mim resides
 E que me inspiraes sensações damninhas,
 D'onde vieste? Aonde te encaminhas?
 Que missão trazes nas humanas lides?
 Tu és um Bem e á provação presides
 Ou és um Mal e ao nada me avisinhas?
 Tu és a luz das esperanças minhas
 Ou és a treva que illusões decides?
 Malraiou minha aurora perfumosa
 Teve a magua minh'alma por consorte
 Logo entrevendo a noite tenebrosa.
 Quem me desvendará tão dura sorte?
 D'onde vim? Onde vcu, vida enganosa?
 E's tu principio ou fim, ignota morte? !...
 Niteroy: 1902.
 A. AZAMER.

NINON DE LENCLOS

escarancia de ruga, que jamais ouso macular-lhe a epiderme. Já passava dos 80 annos conservava-se jovem e bella, atirando sempre os pedezos da sua certidão de baptismo que rasgava á carta do Tempo, cuja folio embotava-se sobre sua encantadora physionomia, sem que nunca deixasse o menor treço. « Muito verde ainda! »-se obrigado a dizer o velho rabugento, como a reposita Lafontaine disse das uvas. Este segredo, que a celebre e egoista faceria jamais confiar a quem quer que fosse das pessoas daquelle época, descobrio-o o Dr. Lecoute entre as folhas de um volume de *L'Histoire amoureuse des gaules*, de Busy-Rabutin, que fez parte da bibliotheca de Voltaire e é actualmente propriedade exclusiva da **PARFUMERIE NINON, MAISON LECOUTRE, Rue du 4-Septembre, 31 à Paris.**
 Esta casa tem-no á disposição das nossas elegantes, sob o nome de **VERITABLE EAU DE NINON**, assim como as receitas que d'ella provém, por exemplo, o

DUVET DE NINON

pó de arroz especial e refrigerante;
Le Savon Crème de Ninon
 especial para o rosto que limpa perfeitamente a epiderme mais delicada sem alteral-a.

LAIT DE NINON

que dá alvura deslumbrante ao pescoço e aos hombro
 Entre os productos concubidos e apreciados da **PARFUMERIE NINON** contam-se:

LA POUDRE CAPILLUS

que faz voltar as cabellas brancas á cor natural
 existe em 12 cores;

SEVE SOURCILIERE

que augmenta, engrossa e brune as pestanas e os supercilios, ao mesmo tempo que dá vivacidade ao olhar

LA PATE ET LA POUDRE MANODERMALE DE NINON

para a unha, alvura brilhante das mãos, etc., etc.

Convem exigir e verificar o nome da casa e o endereço sob o rotulo para evitar as substituições e falsificações

PARFUMERIE EXOTIQUE E. SENET

35, Rue du 4-Septembre, 35, PARIS

MÃO DE PAPA de duque, de príncipe, por meio de **l'Acte des Prélats**, que embranquece, tlia, secceta a epiderme, impede e destróe as freiras e as rechas.

UM NARIZ PICADO de pequenas borbulhas com cravos torna a recuperar sua branca primitiva e suas côres lisas por meio do **Anti-Bolbos**, producto sem signal e muito contrafeito.

CULOADO COM AS CONTRAFACÇÕES
 Para ser bella. encantar todos. olhos
 deve-se servir da **Fleur de Pêche** pó de arroz feito com fructos exóticos.

POUCOS CABELLOS

Fazem-se crescer e cerrados empregando-se **l'Extrait Capillaire des Bénédictins du Mont-Majella**, que tambem impede que caíam e que ficam brancos.

E. SENET, Administrateur, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

NÃO ARRANQUEM MAIS

os dentes estragados, a saúde e o branqueamento com **l'Elixir dentifrice des Bénédictins du Mont-Majella**.

E. SENET, Administrateur, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

PARA OBTER UM

LINDO PEITO

Faz o uso das **"Pílulas Orientales"** que fazem desaparecer as saliencias excessivas do pescoço e dos hombros, desenvolvem e reconstituem os Seios e dão ao Busto, em dois mezes, uma ou tres vezes, uma apparencia graciosa e duravel sem engrossar a cintura.
 Approvadas pelas celeberrimas medicas, bomfazeias para a Saude as

"PÍLULAS ORIENTALES RATIÉ" convêm aos temperamentos mais delicados, ás mezinhas tanto como ás senhoras.

Fama antiga e universal. Marca depositada conforme a lei.
 (O frasco com noticia, franco contra mandado inter-nacional) francos 6,35.

Escrever a **Mr. J. RATIÉ**, Pharmaceutico da 1.^a classe, 5, Passage Verdau, PARIS (9).
 Informações gratuitas.

Reconstituinte geral do Systema nervoso, Neurasthenia.

NEUDOSINE PRUNIER

FRANCO ALIADO NEUDOSINE GRANULADA NEUDOSINE CAPSULAS

Debilidade geral, Anemia Phosphaturia, Enxaquecas.

Preço Geral: 10 francos

Paris, 6, Avenue Victoria.

CALLIFLORE FLOR DE BELLEZA

Pós adherentes e invisiveis
 Graças ao novo modo porque se empregam estes pós comminam ao rosto uma maravilhosa e delicada belleza e deixam um perfume de exquisita suavidade. Alem dos brancos, de notavel pureza, ha outros de quatro matizes diferentes, Rachel e Rosa, desde o mais pallido até ao mais colorido. Poderá pois, cada pessoa escolher a cor que mais lhe convenha ao rosto.

PATE AGNEL Amygdalina e Glycerina

Este excellente Cosmetico branquea e amacia a pelle, preserva-a do Cieiro, Irritações e Comichões tornando-a abulladada; pelo que respecta as mãos, dá solidez e transparencia as unhas.
AGNEL, Fabricante de Perfumes, 16, Avenue de l'Opéra, Paris.
 E nas suas seis Casas de venda por mundo nos bairros mais ricos da Paris.

HOUBIGANT

PERFUMISTA
 da RAINHA D'INGLATERRA e da CORTE da RUSSIA
PARIS

AGUA HOUBIGANT

SEN RIVAL PARA O EDUCADOR
AGUA de TOUCADOR Royal Houbigant.
AGUA de COLONIA Imperiale Russe.

EXTRACTOS PARA LENÇOS: Violette Ideale, Royal Houbigant, Peau d'Espagne, Moskari, Iris Blanc, Le Parfum Imperial, Moiki, Muguet, Gilet Reine, Imperial Russe, Lili blanc, Heliotrope blanc, Fougère Royale, Gloriosa, Jasmin d'Espagne, Cuir de Russie, Giroflee, Corydalis, Bouton d'Or, Surtise, Rococo.

SABONETES: Ophelia, Peau d'Espagne, Violette ideale, Fougère Royale, Lat de Thridace, Royal Houbigant.
PÓS OPHELIA, Talisman de Belleza.
PÓS PEAU D'ESPAGNE.
LOÇÃO VEGETAL, para os Cabellos.
PÓS ROYAL HOUBIGANT.

PERFUMARIA ESPECIAL MOSKARI

Perfumaria extrafina

L.T. PIVER

PARIS

Corylopsis do Japão
 Evitar as Imitações e Falsificações

Le Tréfle Incarnat
 Perfume de Moda

Rosiris

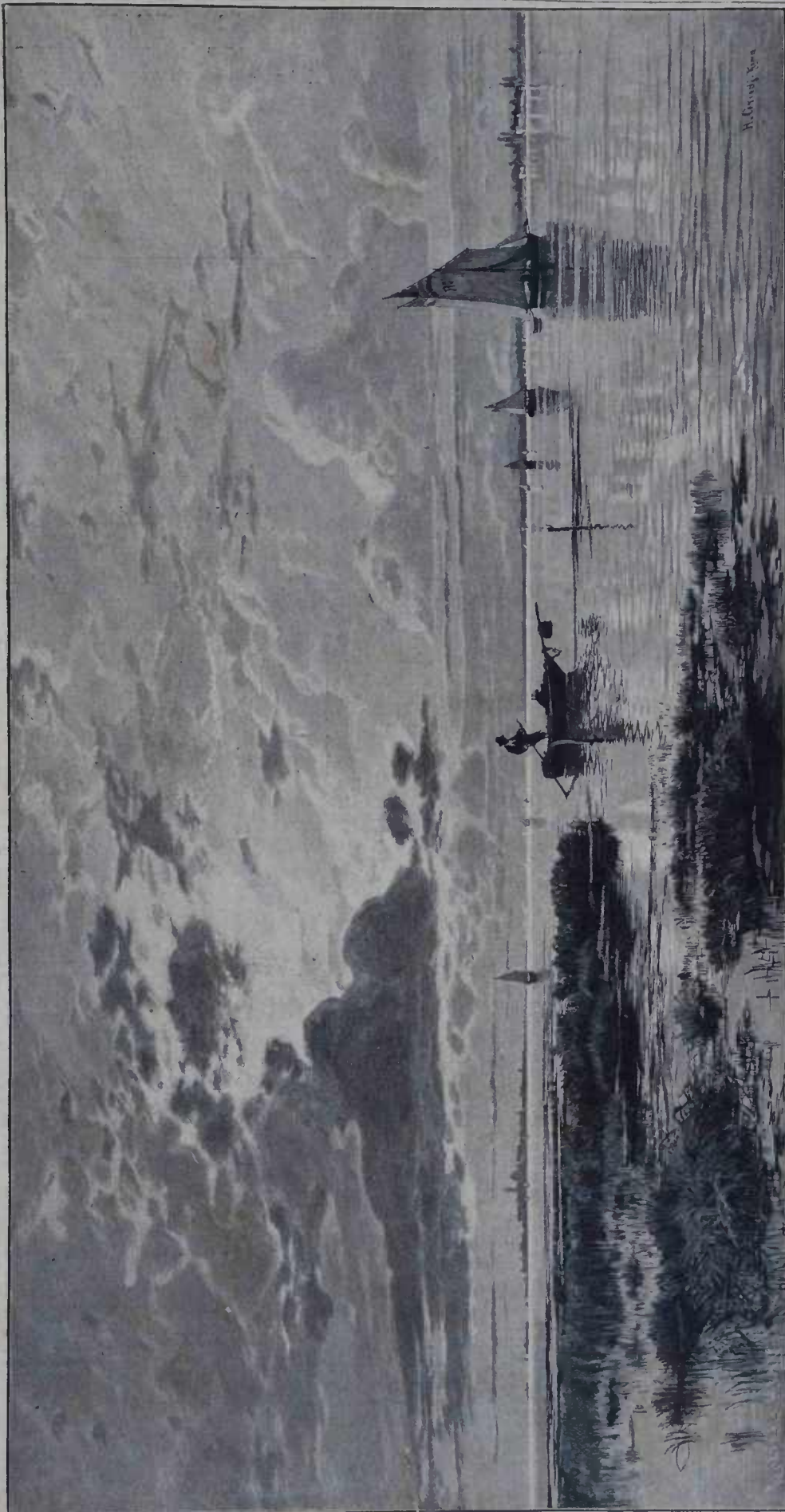
Senteur des Prairies

Violettes de Parme

Dentifricios Mao-Tcha
 PÓ, PASTA e ELIXIR



De volta da sega do feno. Segundo o quadro de Ernst Henseler.



O Velho Relógio da Escada

LONGFELLOW

*«A eternidade é um relógio,
cuja pendula dá e repete in-
cessantemente no silencio dos
tumulos, estas duas unicas
palavras: — Sempre nunca!
Nunca sempre!»*

JACQUES BRIDAINÉ.

Da rua principal de certa aldeã,
Algem tanto afastada, erma, branquã,
Hospitaleira herdada ao gosto antigo:
Ao portico altos olmos dão abrigo,
E à sombra de seus ramos, ha, na entrada,
L'ím relógio que a todos diz da escada:
«Sempre nunca!
Nunca sempre!»

Naquelle posição, annos inteiros,
Apparece, acenando c'os ponteiros,
Da caixa de carvalho, em que elle habita,
Como em rudê burel, um eremita,
Que suspira e se benze reverente;
E assim diz aos que passam tristemente:
«Sempre nunca!
Nunca sempre!»

Sua voz não se eleva á luz do dia,
Mas, á noite, ella é tetrica e sombria,
Como um rumor de passos que se arrastam;
Que se ouvem a distancia e que se afastam,
Sem que o eco jamais deixe morrer,
Para a porta dos quartos ir dizer:
«Sempre nunca!
Nunca sempre!»

Nos dias de prazer ou de tristeza,
De nascimento ou morte, á natureza
Indifferente, não sorri nem chora,
A noite, para elle, é como a aurora,
E somente o que Deus diz ao que existe
Que elle repete com voz triste:
«Sempre nunca!
Nunca sempre!»

Todos eram, alli, bem acolhidos,
Mas quando á mesa estavam reunidos
No meio das mais francas expansões,
Ao crepitar das chammas, nos fogoes,
Como a sombra de Banquo o som se ouvia
Do vestuto relógio que dizia:
«Sempre nunca!
Nunca sempre!»

Alli folgavam bandos de crianças,
Raparigas gentis de louras tranças
E jovens no fulgor da mocidade!
Que momentos felizes nessa idade!
Como contam dinheiro os avarentos,
Assim elle contava esses momentos:
«Sempre nunca!
Nunca sempre!»

Em um d'aquelles quartos, pura e bella,
Vi de noiva vestida uma donzella,
Quando em contraste lugubre da sorte,
Num outro, pouco além, jazia a morte:
E acompanhando a voz dos que rezavam,
As palavras horribes mais bradavam:
«Sempre nunca!
Nunca sempre!»

Agora... dentre os que alli conviveram,
São casados alguns, outros morreram;
E si acaso eu pergunto a soluçar,
Quando todos de novo hei de encontrar,
A verdade o relógio não me esconde,
E como noutros tempos me responde:
«Sempre nunca!
Nunca sempre!»

Na terra, nunca mais! Na eternidade,
Onde as dores e o tempo e a saudade,
Em mysterioso véo, a morte encerra,
Na eternidade, sim, jamais na terra!
O relógio, porém, com voz pungente,
Illa de ao mundo dizer eternamente:
«Sempre nunca!
Nunca sempre!»

MAAUS DUPANOCH.



A Laguna de Mestre. Segundo o quadro de Hermann Corrodi.

JORGE RODRIGUES

(IZABEL SOUTO)

Enluta se o horizonte. Commevidas
Emmudecem as aves na espessura ;
Rolão notas no espaço, conjuugidas...
Soluça a briza na floresta escura.

Tremem as folhas tristes, doloridas ;
Em tudo vé se o aspecto da amargura ;
E do mocho nmas notas cendoidas
Annuncião o horror da sepultura.

E' que o poeta adormecem. Cantando
Sobre o leito jazia, concertando
Triste a lyra de um echo tão sombrio!...

Choremos sobre a campa mal cerrada,
Lamentemos a morte inesperada...
Perdida a lyra das Manbãs de Ertio!

8-86.

CHRONIQUETA

Rio, 11 de Novembro de 1902.

A vida carioca, de ordinario tão calma, foi profundamente abalada por um doloroso acontecimento, cuja repercussão durará por muito tempo: fallecimento inesperado do Dr. Manoel Victorino.

Este brasileiro illustre era um dos homens mais interessantes que tenho conhecido e em nada se revelou mediocre.

Era um grande medico, um operador de primeira ordem; citam-se curas, realisadas por elle, que são verdadeiramente assombrosas.

Como profetsoi era impecavel. A Faculdade de Medicina da Bahia tinha o como um dos seus mais bellos ornamentos.

Deputado à constituinte, depois senador e governador do seu Estado, dessa gloriosa Bahia que tantos verões assignalados tem dado à Patria, o Dr. Manoel Victorino em todos esses postos deu provas de um peregrino talento, de uma intuição exacta dos deveres de um estadista.

Eleito vice presidente da Republica, uma molestia do Dr. Prudente de Moraes fez com que elle assumisse as reideas do governo, e a sua curta passagem pelo Catteté foi uma época de esperança, de animação e de entusiasmo.

Infelizmente, o chefe de Estado effectivo restabeleceu-se mais depressa do que convinha nos interesses do paiz, persuadido de que Manoel Victorino deixava apossar-se do poder, desceu de Theresopolis, onde convalescia, e sem se fazer suavez annunciar reassumiu o poder.

Depois, quizeram à viva força envolver Manoel Victorino nos escandalosos successos de que resultou a morte do marechal Bittencourt; quizeram fazer elle um cumplice de Marcelino Bispo; mas o esplendido manifesto publicado pelo grande bahiano, e profusamente distribuido, aniquillou essas ridiculas accusações.

Depois dessa terrivel provação, Manoel Victorino, deixando completamente a politica, viajou pela Europa visitando amphitheatros e hospitales, enriquecendo o seu cabedal scientifico.

Um dia sentiu cocegas e foi buscar a sua penna de jornalista, que ha muito abandonára. Estão na memoria de todos os seus artigos d'O Paiz e do Correio da Manhã, cada um dos quizes constituiu um verdadeiro acontecimento.

Entretanto, era na oratoria que mais brillava Manoel Victorino, podendo-se afirmar, sem receio de contestação, que era o primeiro orador brasileiro.

O seu enterro foi uma apothose.

Esse homem, que passou pelo poder, morreu pauperrimo.

ELOY, O MÉROR.

THEATROS

Rio, 10 de Novembro de 1902.

A companhia lyrica Rotoli & Milne continua a attrahir concurrencia ao theatro Apollo, e a companhia Dias Braga prepara-se para festejar, no Recreio, a representação do *Martyr do Calvario*, dando logo em seguida uma comedia de Bisson, intitulada *Jurá sem jurar*.

Nenhuma outra novidade offerecem os theatros, que estão, como se vé, numa pasmaceira mortal.

X. Y. Z.

DENTES ARTIFICIAES

A. F. de Sá Rego

ESPECIALISTA

Rua Gonçalves Dias N. 1 233 Praia de Botafogo N. 198

Fazendas Modas
Armarinho

Reche por todos
os vapores, arti-
gos de novida-
des parisien-
ses.

A LA PARISIENNE

Adopta o
systema de
vender por
preços modicos
para vender muito

B. Gonçalves Dias, 29

J. BERNARDES



UM SO'

vidro de **Lugolina** póde curar as molestias recentes ou promover grandes melboras nas antigas, porque logo ás primeiras applicações produz effeito, estabelecendo nesta forma a confiança neste maravilhoso remedio, que não só no Brazil como na Europa tem obtido o maior successo que é possível obter um medicamento.

A **Lugolina** do Dr. Eduardo França é o unico remedio brasileiro que tem tido as bonras de ser adoptado na Europa, obtendo os maiores elogios de medicos e hospitales, não só pela sua efficacia, como porque é um remedio que, logo as primeiras applicações, produz effeito benéfico, não sendo como tantos outros que necessitam um uso prolongado para um resultado problematico.

A **Lugolina** não tem os inconvenientes das pomadas e unguentos, porque é liquida, sem gordura, sem cheiro, não suja o corpo nem as roupas e cura todas as molestias da pelle, feridas, ulceras, frieiras, brotoejas, comichões, suor fetido dos pés e do sovaco, mancha da pelle, espinhas, caspa, queda dos cabellos, queimaduras, empimens, assaduras das coxas, sarnas, tinea, boubas, golpes e qualquer erupção ou manifestação na pelle.

AS SENHORAS

que fizerem uso da **Lugolina** em injección podem estar absolutamente seguras de evitar qualquer molestia uterina e obter a cura das variadas pequenas affecções que tanto as incommodam e que deixam muitas vezes de tratar porque o seu pudor as impede de se sujeitarem a exame medico.

A **Lugolina**, para o uso de injeccões nas senho-
ras, deve ser na proporção de uma colher de chá para meio litro d'agua morna, pela manhã e a noite.

A **Lugolina** vende-se em todas as pharmacias e drogarias. Depositarios: no Brazil—Araujo Freitas & C., ruas dos Ourives n. 114 e S. Pedro 90. Na Europa—Carlo Erba—Milão, Preço 3\$000.

Xarope Peitoral do Angico Composto

PREPARADO COM A DEBANTADA
CORMA DE ANJICO DO PARA' & ALCATRÃO DA NORUSUA

Este antigo e afamado xarope
tosses mais rebeldes, as bronchites m
mais incommodativas, as rouquid
coqueluches mais espasmodicas e
chronicas.

PREPARA HE NA 103, RUA DA
PHARMACIA BRAD

PERFUMARIAS

Preços baratissimos

Para o cabelo: Agua de quina tonica glycerinada a 18,
18500, 38, litro 48500. Oleo legitimo de côco quinado 18,
dito de bahosa 18, loções extra perfumadas 18, 28, litro
48500. Tonico oriental 18500. Oleo finissimo em estofa 18.
Para dentes: Pastas de lyrio glycerinada, pasta 18 e 18500.
Para toilletes: Agua de colonia extra 18, 28, litro 48500,
agua florida 500, 800, e 28 brilhantinas 18500 pó de arriz
finissimo 18 e 18500, valotino 28 Barras de saboletes,
para glycerina, glycerina a siletrato, amendoad, e do côco
18 e 18500; saboletes de alfaca 18 e muitas outras qualida-
des. Extractos superiores, cosméticos, Loção Acacia espe-
cifico contra a queda doo cabellos e caspa a 48000 ,etc.etc

67, Rua Sote de Setembro, 67.—Junto à Fabrica de Chocolate

Coqueluche

Illm. Sr. Servulo Ganoffo — Teaho
a satisfaco de communicar-lhe que,
tendo sido maua fillos atacados de
coqueluche, nararam todos em pouco tempo, usando
apenas o seu *especifico*. Apesar de faltar-me a necessaria
competencia, posso, entretanto, garantir, pelas magnificas
resultações que observei, que o resultado em medicamento
muito efficaz contra a coqueluche, esse terrivel flagello
das crianças. Póde fazer desta o uso que lhe convier, De
v. etc.. DR. JOÃO ALBERTO SALTAN. — Encontra-se na
Rua S. João, 160 em S. Paulo; nas ruas 1º de Março 1 e J
e Gonçalves Dias, 41 no Rio; na Drogeria Colombo em
Santos; e em casa dos Srs. Silva & C. em Uberaba.

O melhor preparado para conservar,
restaurar e aformosear o cabelo é

Vigor do Cabello do Dr. AYER.



Conserva a cabeça
limpa de caspa, cura eru-
pções e impede o cair
do cabelo. Quando o ca-
bello se torna secco, fra-
co, desbotado ou grisa-
lho, este preparado res-
titue-lhe a cor primitiva
e promove o seu
crescimento, tor-
nando-o vigoroso.
Uma vez emprega-
do, o Vigor do Ca-
bello do Dr. Ayer
torna-se o favorito
das damas e ho-
mens da moda.

O Vigor do Cabello do
DR. AYER...

A venda nas
principaes Phar-
macias e Casas da
Perfumarias.

NOVIDADES MÚSICAES

CASA BEVILACQUA

- Não te esqueças de mim*, schottisch, Al-
fredo Guimarães..... 1\$500
- Odilia*, valsa, Alfredo Guimarães..... 1\$500
- Octavo*, schottisch, Azevedo Lemos..... 1\$500
- Parisiense*, pas de quatre, Richard..... 1\$500
- Marthe*, schottisch, D. Leontina Torres
com o n. 17 d'A Estação..... 1\$500
- Amoureuse*, valsa, R. Berger..... 1\$500
- Loim du Pays*, valsa, R. Berger..... 1\$500
- Saudosa*, schottisch D. Rita Tamborim
Peixoto Guimarães com o n. 19 d'A
Estação..... 1\$500
- Tudo dansa*, polka, Belarmino Neves..... 1\$500
- Pallida*, schottisch, Abdou Milanez..... 1\$500
- Filhinha*, schottisch Oscar Carneiro..... 1\$000
- Tesoro mio*, valsa, E. Benecini..... 2\$000
- Pela janella*, cançoneta, Geraldo de
Magalhães..... 2\$000
- Pelo portão*, cançoneta, Julio Reis..... 1\$000
- Enganos*, cançoneta, Julio Reis..... 1\$000

Músicas de todan as edições do mundo,

E. Bevilacqua & C.

43, Rua dos Ourives, 43
RIO DE JANEIRO

SUMARIO DO PRESENTE NUMERO

O presente numero do nosso jornal de modas «A Estação» compõe-se do seguinte:

- 1º Uma *Capa* contendo indicações uteis e precisissimas que os nossos assignantes e leitores devem sempre exigir de nossos depositarios e agentes.
- 2º Texto contendo 3 paginas com figurinos modernos para senhoras, moças e crianças e modelos de trabalhos e ornamentos.
- 3º Um figurino gravado a talho e colorido a aquarella.
- 4º Um supplemento litterario e illustrado com 4 paginas.
- 5º O decimo fasciculo de nosso tratado de trabalhos de agulha.
- 6º E uma folha com moldes riscados.

REPREHENSÃO

E' do tempo dos queijos a cruzado
E manteiga a vintens, em papel branco;
Seu avô fô trocava seu tamanco
Por botina, em paradas de soldado.

Vio o phosph'ro d'enxofre empacotado ;
Rapé Paulo Cordeiro em todo o estanco ;
Vio do Souto a fatal quebra do hanco
E o Paraguay em guerra allevantado ;

Em noites de luar ouvio modinhas
Que a ternos corações davão ahão
Requehradas por lindas moreninhas ;

Conheceo o Barão de S. Gonçalo !...
Como podes, forma sa Mariquinhas,
Vendo um velho, tão velho, namoral-o ?!

Nichercy - 1902.

A. AZAMOR.

No Céu

Eu tive um sonho doce, um sonho lindo !
Suppuz-me lá no céu auri-azulado.
E Deus perguntava (eu estava ouvindo)
— O que é que queres que te seja dado ?

Queres a estrella que tu vês luzindo ?
Queres o sol que vês illuminado ?
Ou queres aqui ficar, me possuindo,
Mais tudo que por mim é dominado ?

E eu respondia, então :— eu nada quero ;
Nem esses mundos teus nem tua gloria,
Que respeitosaente eu considero.

Minha predilecção já é notoria :
Prefiro, em vez de tudo (isso é sincero)
O casto coração de Marinhoria !

NINON DE LENCIOS

esornacia da raga, que jamais ouso macular-lhe a epiderme. Já passava dos 80 annos conservava-se jovem e bella, atirando sempre os pedagos da sua certidão de baptismo que rasgava á cara do Tempo, cuja foice embotava-se sobre sua encantadora physionomia, sem que nunca deixasse o menor traço. «Muito verde ainda!» via-se obrigado a dizer o velho rabugento, como a raposa de Lafontaine dizia das uvas. Este segredo, que a celebre egoista facelrajámais confiara a quem quer que fosse das pessoas daquelle época, descobrio-o o Dr. Leconte entre as foibas de um volume de *L'Histoire amoureuse des gaules*, de Bussy-Rabutin, que fez parte da bibliotheca de Voltaire e é actualmente propriedade exclusiva da **PARFUMERIE NINON, MAISON LINCOTTE, Rue du 4 Septembre, 31 à Paris.**

Esta casa tem-no á disposição das senhoras elegantes, sob o nome de **VERITABLE EAU DE NINON**, assim como as receitas que d'ella provém, por exemplo, a

DUVET DE NINON
pó de arroz especial e refrigerante ;
Le Savon Crème de Ninon
especial para o rosto que limpa perfeitamente a epiderme mais delicada sem alteral-a.

LAIT DE NINON
que dá alvare deslumbrante ao pescoço e aos hombro
Entre os productos conhecidos e apreciados da **PARFUMERIE NINON** contam-se :

LA POUDE CAPILLIS
que faz voltar os cabellos brancos á cor natural
existe em 12 cores ;

SEVE SOURCILIERE
que engumenta, engrossa e bruna as pestanas e os supercilios, ao mesmo tempo que dá vivacidade ao olhar

LA PATE ET LA POUDE MANODERMALE DE NINON
para haure, alvura brilhante das mãos, etc., etc.

Convem exigir e verificar o nome da Casa e o endereço sob o rotulo para evitar as omissões e falsificações

PARFUMERIE EXOTIQUE E. SENET
35, Rue du 4-Septembre, 35, PARIS

MÃO DE PAPA de duquo, de príncipe, por meio da **Pâte des Prélats**, que embrenquece, alisa, acetina a epiderme, impede o dectro as frieiras e as rachas.

UM NARIZ PICADO de pequenm borbulhas ou com cravos torna a recuperar sua brancura primitiva e suas côres lisas por meio do **Anti-Bolbos**, producto seu igual o muito contrafeito.

CUIDADO COM AS CONTRAFACÇÕES ?
Para ser bella, encantar todos, olhos deve-se servir da Fleur de Pêche pó de arroz feito com fructos exóticos.

POUCOS CABELLOS
Fazem ao crocer e cerrados empregando-se o **l'Extrait Capillaire des Bénédictins du Mont-Majella**, que tambem impede que caiam e que fiquem brancos.

E. SENET, Administrator, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

NÃO ARRANQUEM MAIS
os dentes estragados, saúde-os e branqueie-os com **l'Elixir dentifrice des Bénédictins du Mont-Majella.**

E. SENET, Administrator, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

VICHY-ÉTAT

VICHY-HOPITAL
Molestias do Estomago e do Intestino.

VICHY GRANDE-GRILLE
Molestias do Fígado e do Appareho bilioso.

VICHY-CELESTINS
Molestias dos Rins e da Bexiga, Gottas, Diabetes.

AO RECEITAR ESPECIFIQUEM BEM O NOME

PASTILLES VICHY-ÉTAT

COMPRIMÉS VICHY-ÉTAT

SUAVIDADE - FRAGRANCIA - DELICADEZA
NOVO PERFUME

LE REFLE

Incarnat

CAUTELA COM AS IMITACÇÕES
L. Piver
PARIS



VINHO DE CHASSAINO
BI-DIGESTIVO
Recetado ha 30 annos
CONTRA AS APPECCOES DAS VIAS DIGESTIVAS
Paris, Avenue Victoria n.º 6.



A "PHOSPHATINA FALIERES" é o mais suavoso e o mais recommendado alimento para crianças desde a idade de 6 a 7 mezes, principalmente quando começam a ser desmamadas e no período de crescimento. Facilita a dentigão e concorre para boa formação dos ossos.

PARIS, AVENUE VICTORIA N.º 6 E NAS PHARMACIAS

PRISAO DE VENTRE
é curado com o verdadeiro

Pó Laxativo de Vichy
de O. SOULIGOUX
é muito certo, agradável ao paladar, fácil de se tomar
O frasco contém 25 colheres de café.
PARIS, AVENUE VICTORIA, 22 E NAS PHARMACIAS

CRÈME SIMON
PARA conservar ou dar ao rosto FRESCURA MACIEZA MOCIDADE.



Para proteger a epiderme contra as influencias perniciosas da atmosphera, é indispensavel adoptar para a toilette diaria o **CRÈME SIMON.**

Os **PÓS** de Arroz **SIMON** e o **SABONETE Crème Simon**, preparados com glicerina, a sua acção benéfica é tão evidente que não ha ninguém que o use uma vez que não reconheça as suas grandes virtudes.

MÉDAILLE D'OR, Paris 1900
J. SIMON, 39, rue de Valenciennes PARIS 10^e Saint-Martin
PHARMACIAS, PERFUMARIAS e lojas de habillerei os.

Desconfiar das Imitações.

OSCAR D'ALVA

(REIS CARVALHO)

SENHORA

(Continuação)

SCENA III

OS MESMOS e NICOTA (*Que apparece a porta*)

MARIQUINHAS. — Qual é então?

FERNANDO. — Depois... depois eu te direi.

NICOTA (*A distancia*). — Pode dizer já, mano; eu me vou embora. Não quero surprehender seus segredos.FERNANDO (*Rendo-se*). — Ah! Ah! Pois vem cá, Nicota, que eu te direi o ouvido os meus segredos.

NICOTA. — Não mereço isso; é bom para Mariquinhas.

MARIQUINHAS. — Que é isto agora de Nicota? Por que eu estava conversando com Ferdinandinho? Será algum crime?

NICOTA. — Não é por isso. Você enganou-me dizendo que ia engommar seu vestido, e veio espiar si mano já tinha acordado para trazer-lhe o café.

FERNANDO. — E' este o ponto da queixa! Pois senhora D. Mariquinhas vá se embra que eu quero conversar outro tanto com a Nicota e só com ella. Está satisfeita?

MARIQUINHAS. — Tolinha!

NICOTA (*Para Fernando*). — E o café?

FERNANDO. — Ah! tambem o café? Pois filha vai buscar outra chicara que eu receberei com muito prazer das tuas mãos. E tu, Mariquinhas, manda preparar cedo o almoço.

MARIQUINHAS. — E' já!

NICOTA. — Não demoro. (*Sahem*).

SCENA IV

FERNANDO (*Só*)

Como são boas minhas irmãs! Tão carinhosas! E' preciso que tome a direcção desta casa e as faça felizes com merecem. Que resignação tem ellas para suportarem a vida trabalhosa, longe sempre dos rumores das festas sem voltarem queixosas a frente e paeirem ao mundo que lhes dá um sorriso de ventura!

(Continúa).

cavados. Como tudo em nós nos impõe um dever de felicidade, somos obrigados a nos confessar a elle. Sofrer em sua presença é quasi injuria! He, ou, pelo menos, confessar que elle não pôde impressionar nosso coração, inhabil a cural-o. E' muito mais preferivel se constrangir do que se expor a lhe delectar por uma confissão, a mais doce de nossas illusões.

Com Deus podemos nos curar mais facilmente. Elle sahe que muitas vezes o desgraçado não tem outra consolação que a de rezar e chorar; é por isso que elle nos tornou tão facil a reza e as lagrimas. Pode-se aborrecer sua mãe, mas nunca se fatiga a Jesus.

Estaes enfermo: ha dias, ha annos talvez, gemes em um leito de dôr, e repetis continuamente: Será possível! Sofrer, sempre soffrer, e fazer soffrer os que me rodeaim! Cruel enfermidade, quando verei o teu termo? Oh! não será certamente o Salvador que nos criticará estas queixas, porque elle tambem se perturbou ao ver o calix do sofrimento; com mortal agonia elle exclamou: «Meu Pae, se fór possível, fazei com que eu nunca mais veja este calix.»

Na hora em que todas as penas invadiram vossa habitação, vós admirais de vossa solidão. Nenhuma mão compassiva vem enxugar vossas lagrimas; nenhum



No Wurstlprater (Lugar de recreio de Vienna d'Austria). Segundo o desenho original do W. Gause.

MARIQUINHAS. — Pois fui mesmo engommar, porém ouvi mano abrir a porta... E você porque se deixou ficar?

NICOTA. — Eu estava acabando a costura daquelle senhora que você nem sabe devo dar hoje. Tinha pedido a mana logo que Ferdinandinho acordasse me fosse chamar.

FERNANDO. — Mas afinal que culpa tenho eu, Nicota, do que fez a senhora D. Mariquinhas?

MARIQUINHAS. — (*Para Nicota*). Não me dirás menina!

NICOTA. — Não o accuso, mano. Alguem é culpado de querer mais bem a uma pessoa do que a outra?

FERNANDO. — Ciumenta! (*Vai ao meio da scena buscar Nicota que se conserva annada*). E' escusado te agastares commigo que eu não admitto esse arrufo.

MARIQUINHAS. — E' o que ella queria.

FERNANDO. — Ora vamos, senhora Ingrata. (*Senta-se*) em que mostrei querer mais bem a Mariquinhas, do que a ti? Não reparti meu coração em duas fatias bem iguaesinhas das quaes cada uma tem a sua?

NICOTA. — Mas você gosta mais de conversar com Mariquinhas, tanto que toda esta manhã estiveram em segredinhos.

E' permittido a uma alma afflicta chorar e se queixar

Que fazer n'esses dias em que a prova nos vem visitar?

Os queixumes serão um crime aos olhos do Senhor? Não, Deus não é tão cruel. E' raro que os homens nos permitam soffrer e chorar á vontade. E' preciso sabermos nos constrangir, ter os olhos enxutos, o ouvido attento. Os soluços se manifestam, as lagrimas estão prestes a correr; é preciso temer.

Se não se é como todo mundo, cada um se admira: o pasmo dos outros não é mais do que curiosidade e a curiosidade tem audaz as cruéis. Como é bom de ser-se *símulo*. Mas como são raros os dias em que nos é permittido de sel-o.

Ha ternuras que são terríveis, porque estas tem o direito de ser indiscretas. Quem nos ama deseja nos conhecer. Se a indifferença tem distracções que nos deixam pelo menos a liberdade, o amor não tem nenhuma. So nos obrigados a prestar-lhe contas d'um suspiro, d'uma pallidez, dos olhos mais ou menos

coração se offerece para receber vossas tristes confidencias. Por cumulo de desgraça, vossa alma perturbada não sabe si ella é digna de amor ou do odio. Deus e os homens parecem-e ter afastado de vós, e encontrando por toda parte a indifferença, dizeis: Al de mim! tudo me abandona. e eu soffro só, só com todo a minha dôr! Ah! tranquilisai vos, cara alma, porque tendes por testemunha e tereis como Juiz Aquelle que, lá no vacuo e na suprema agonia diz a seu Pae: «Meu Pae, porque me abandonastes?»

Procurando sempre fazer o bem e alliviar o infatunio, thveste a desgraça muito commum de fazer ingratos, ou vistes mal interpretado as vossas mais puras intenções.

Que digo eu? exposto ás conspirações de um grande numero de mesquinhas palhões para que ellas se coufes em, tentastes desprezar os homens, senão odiais os; dissetes n'um momento de desgosto: Ai de mim! como é desgraçado viver-se no meio de tal gente! Lembrai-vos, porém, que o proprio Christo tambem passou por tal desgosto, e que um dia, rodado de pbariseus, deixou seu coração desolado escapar este queixume: «O' geração incrédula e perversa, até quando viverel no vosso meio!»

Pobro, vos dizestes com agonia, ao ver um passaro alimentar seus filbos: como elles são felizes! O Senhor os protege. Se elles amam a familia, encontram tambem de que preservar lbes das intemperies do tempo, e de que dar lhes o alimento quotidiano. Mas eu, oh! menos feliz do que o passaro. trabalho continuamente sem acalmar os gritos de meus filbos: «Estou com frio e tenho fome! Fobro, meu irmão, tranquilisai vos, porque vosso pae é aquelle que disse: As raposas tem seus tocas, os passaros seus ninbos, e o Filbo do Homem não tem aonde descançar a cabeça.

Amigo, vestistes a rara felicidade de contar um amigo sincero e virtuoso, cujos exemplos, muito mais do que as palavras, vão dar coragem. Entre vós, tudo era commum, e entre vós não havia segredos. Elle alliviava vossas dôres e vos duplicava as alegrias tomando parte nellas. Rodeado de inimigos ou de indifferentes, o bomem é tão feliz de sentir que ba no mundo um outro homem que lbe estimar um bomem simples prompto a soccorrel o no perigo a dar lbe a mão quando cahe, e derigrir uma palavra amavel quando o vê triste! E agora que a morte vos arrehentou esse thesouro tão precioso, estaes inquieto e chorais! Lembrái vos que nosso bom Salvador, elle tambem, teve um amigo sincero e quando ouviu estas palavras de Martba: Lasaro morreu l se pertubou e chorou.

Mãe inconsolavel, vistes morrer essa linda criança que vos parecia tão bella como a esperanza. Muito antes della render o ultimo suspiro, a vistes se levantar n'um ultimo transporte de amor filial, vos apertar em seus braços já desfallecidos, e vos dizer, collando a vossos lahios seus labios virginais. Minha mã, cu vou morrer l minha mã predeí me em em vossos braços porque sinto que vou partir, e eu não quero morrer, minha mã, por que te amol... E vossocoração, materno, trespassado por um gladio mais acirrado do que o da morte, exclamou no meio do tormento que vos desvaivava. Meu Deus, que fiz eu? que fez ella? porque vos apressais tanto de separar-me della?

Pobre mã que ledes estas linbas depois de as ter inspirado, tranquillisae-vos, e que este queixume não vos seja tão pesado com o um remorso. Maria immaculada, ella tambem, chorou outr'ora no cume do Gogotba, quando ella beijava a cruz, a rude cruz, em que seu filho exhalava o ultimo suspiro; e Jesus não censurou nem as lagrimas nem a dôr.

«Não temo em dizer-vos: Não cborae, escrevia S. Francisco de Assis a uma alma desolada chorando a morte de um ente querido; não, porque se é justo que choreis um pouco em testemunho da affeição que lbe votaveis, não choreis tanto como os que, inteiramente entregues a esta miseravel vida, não se lemboram que caminhamos para a eternidade, para lá aonde, se bem vivendo n'este mundo, nos remetremos para sempre aos nossos caros defunctos.»

Sim, com o bom Jesus podemos nos queixar, cborar e mesmo repellir o soffrimento, com tanto que seja sempre, diz o bom S. Francisco de Salles, com doçura e com amor. Com elle, pode-se dizer: Senhor, se fór possível, fazei com que nunca mais eu veja este cabx l com tanto que logo depois o coração accrescente: Mas que apesar d'isto seja feita a vossa vontade, e não a minha.

Não, as lagrimasnunca foram um crime. Pois então os santos não cboraram? Pois não si viu outr'ora S. Agostinho sanglotar sobre o tumulo de Monica, sua mã? E S. Bernardo, esse homem que tanto impressionou o mundo com a sua phisionomia austera, com offego de seu genio e o brilho de seus prodigios, nos funeraes de seu irmão Geraldo sem verter lagrima, elle subiu ao pulpito para continuar a serie de seus sermões. Repentinamente, porém, elle estacou; as lagrimas estrangularam-lbe a voz; a dôr o soffocava; os soluços lhe rompiam o peito e, finalmente, se desatou no seio de seus irmãos.

«Minha afflicção, exclama elle, e a dôr que me acahrinha, me obrigam a terminar. Porque dessimularé eu o que sinto? O fogo que arde em meu seio consome-me as entranhas e me devora. O excesso de dôr me priva da liberdade de espirito, e o golpe que recebo me apaga todas as luzes. Até agora empreguei todos os esforços e pude vencer. Acompanhei o cortejo funebre sem verter uma lagrima, enquanto em torno de mim ellas corriam abundantemente. Meus olhos não te bumdeceram ao ver o tumulo que ia encerrar para sempre uma parte do meu coração.

Revestido dos habitos sacerdotaes, recitei as preces da Igreja, e, como é de costume, atirei cal sobre o corpo do meu irmão. Admirae-vos sem duvida de não me verem em lagrimas, vós que cboraeis muito menos por meu irmão do que cborariels por mim.

E, com effeito, qual o coração, fosse elle mais duro do que o bronze, não se sentisse sorprendido de me ver sobreviver a Geraldo!...

«Quiz, reunindo em mim todas as forças da fé, concentrar minhas dores em mim mesmo, e ellas se tornaram mais ardentes e mais vivas. E agora é preciso que ellas se manifestem. Que ellas appareçam pois aos olhos afim de que elles tenham compaixão de mim e me consolam com mais ternura!

«Sabeis quanto minha dôr é legitima; conbeceis os serviços que Geraldo me prestava. Quem me seria mais util do que elle? Quem me amou mais do que elle? Homem segundo meu coração, porque fomos separados pela morte, nós que caminhavamos tão estreitamente unidos durante nossa vida? Morte cruel l arrehatando um só fizeste morrer dois ao mesmo tempo, porque a vida que elle me deixou me pesa mais do que todas as mortes juntas! Sim, o meu Geraldo, eu preferiria muito mais morrer do que te perder! Teu zelo me animava no cumprimento dos meus deveres; tua felicidade me consolava; tua prudencia seguia todos os meus passos. Tua mão era encaçavel, teu olhar benevolente, teu coração era puro, e tua linguagem tão judiciosa, como o que se escreveu: O justo medita a sabedoria; sua linguagem é prudente.

«Correi pois agora, correi lagrimas, uma vez que precisais vos derramar. Eu me entristeço, mas não murmuro. A justiça divina não nos é mais obrigada. Um foi punido porque devia sel-o, o outro recebeu a

SONETO

No seio perfumado de floresta
Ditosa, que ora calma se estremece,
Ou ruidosa se agita, vi modesta
Virgem, meu eterno sonho e minha prece.

Como um aroma agreste, suave, esta
Que ora exalto e tanto resplandece,
O hosque bumilde, e tímido embevece,
Accendendo minha alma e pondo a em festa.

A borboletear alli, risomba
Como um nimbo de luz que a mente sonba,
Dil-a-iels uma aura errante e santa.

E foi esta a serpente que, má e hoia,
Me feriu o coração a tôa
A rir, no bosque que visita e encanta,

Abril de 1903.

A. Godov.

-xx-

TUDO

O magico esplendor que a Natureza
Ostenta ao despartar da linda aurora,
Quando deixa escapar toda a belleza
Que tanto nos seduz, de longe embora;

Do meiga sensitiva a singeleza
Que ella nos deixa ver quando descóra;
Do omnipotente sot a realza
Que magestosa corre mundo a fóra

Toda a riqueza, enfim, deste Universo,
O ouro, a prata, a illustração, a gloria
O meu goso em seducções immerso;

E tudo mais de que nos falla a Historia,
Eu jogaria pelo chão disperso,
Pra te beijar os pés, ó Marínorial

CHRONIQUETA

Rio, 26 de Novembro de 1902.

Estamos em plena canicula, e é muito provavel que estas mal traçadas regras vão encontrar a leitora na altíssima Petropolis ou na petica Friburgo, livre desta fornalha incandescente onde os pobres cariocas somos implacavelmente derretidos.

Os ultimos dias foram de festa. A sahida do dr. Campos Salles e a entrada do dr. Rodrigues Alves occasionaram uns tantos halles, banquetes e piqueniques, que deram a este mez de novembro uma nota alegre e tbur-lenta.

Não menos alegre foi a partida do ex-presidente para S. Paulo. N'um documento official, assignado pelo novo chefe de Policia, li que o menos que se receava contra o dr. Campos Salles era um desacato. O menos!

Por isso, a policia fez distribuir força, desde a estação da Central até a Cascadura, esquecendo-lhe, naturalmente, de policiar o resto da cidade.

O resultado disso foi um desacato que não estava no programma, e que não entrou nas previsões do governo: um desacato ao *Journal do Commercio*, o velho organ que, depois de tantos e tão longos annos, foi peia primeira vez insultado pelo populacho.

Condenmo, como todo o jornalista que se preza, qualquer manifestação desse genero feita contra a imprensa, isto é, contra a liberdade de pensamento; mas não posso deixar de observar que o dr. Campos Salles sahio tão impopularizado do Catete, que o *Zé Povinho* não perdoa nem mesmo aos seus amigos.

No Brasil não havia exemplo de tão completa impopularidade.

O futuro confirmará ou não a sentença.

A figura mais saliente da actualidade é uma senhora brasileira, que não podia escapar nesta chroniqueta, escripta para um jornal destinado ao bello sexo.

Advinharam já que me refiro a Nicia da Silva, que ba dias recebeu, no Apollio, o seu baptismo de arte, cantando a distilicima parte de Gilda, no *Rigoletto*.

O triumpho obtido pela nossa gentil patricia foi absoluto e completo; ella foi bem paga da coragem com que affrontou o preconceito, abraçando uma carreira que sem duvida lbe reserva um futuro de felicidade e de gloria.

ELOY, o HERÓE.



O Murfried no grupo da Sella (Alpes).

corça porque a havia merecido, Direi pois: O Senhor mostrou-se igualmente justo e misericordioso. Elle retirou o que nos havia dado; e se essa perda nos desola, não esqueçamos o dom que nos havia sido feito. Não lamento as cousas d'este mundo, mas lamento Geraldo. Nesses corações não formavam senão um.

O gladio da morte cortou os dois ao mesmo tempo, separando os em duas partes; uma está no céu e a outra na terra, na lama! Ah! estou ferido, e mortalmente ferido! Perdoai-me, meus filbos, ou antes, já que sois meus filbos, partilhai as dôres de vosso pae!

«Não, eu não murmuro contra os julgamentos de Deus! O Senhor dá a cada um segundo suas obras; a Geraldo, a corça que elle conquistou; a mim, a pena que me é salutar. Deus queira, ó meu Geraldo, que eu não tenha perdido, mas que sejas simplesmente meu predecessor!...

Fostes te unir aos que te convidavam a louvar a Deus, quando, a noite passada, entoavas, com phisionomia calma a voz celeste, este verseto do psalmo: Vós que estaes nos céos, louvae o Senhor; louvae o mais alto dos céos! E é nesse momento, ó meu irmão, já a aurora te parecia apesar da noite profunda; e ella era luminosa para ti. Chamaram-me para assistir a essa maravilha, para ver um homem se rekozizar no momento de morrer. O' morte, aonde está tua victoria? O' morte, aonde está teu não?

(Continua).

THEATROS

Rio, 26 de Novembro de 1902.

O grande acontecimento theatral destes ultimos dias foi a estreia da cantora paulista D. Nicia da Silva, primeiro premio do Instituto Nacional de Musica, no papel de Gilda, do *Rigoletto*.

Realizou-se a estreia no theatro Apollo, com o concurso da companhia Milone & Rotoli, e foi um triumpho, um verdadeiro triumpho para a nossa gentil patria.

Nicia da Silva possui uma bellissima voz e sabe fazer uso della; quanto á parte dramatica, mostrou um admiravel talento de intuição, e tudo faz esperar que esteja ali uma futura celebridade artistica.

O successo foi tal, que já na Camara dos Deputados foi apresentado um projecto, concedendo á nossa artista uma pensão, a fim de que durante um anno ella possa aperfeiçoar os seus estudos na Europa.

Depois de festejar a 5^a representação do *Martir de Calvario*, a companhia do Recreio Dramatico poz em scena a comedia de Bisson *Juiz sem juizo*, traduzida por Fran Pacheco e Antonio Lobo. O publico deixou o theatro ás moscas. Decididamente, é muito difficil adivinhar o que deseja o publico.

Está em ultimos ensaios naquelle theatro a comedia *Lobos na malhada*, do nosso distincto collega Cunha e Costa, do *Jornal do Brasil*, e será depois exhibida a comedia em 3 actos o *Retrato a óleo*, do nosso collega Arthur Azevedo, cuja primeira representação será em beneficio do provento acor Ferreira de Souza.

Nenbuna novidade nos offerecem actualmente os nossos theatros.

N. Y. Z.



UM SO'

vidro de Lugolina póde curar as molestias recentes ou promover grandes melboras nas antigas, porque logo ás primeiras applicações produz effeito, estabelecendo nesta forma a confiança neste maravilhoso remedio, que não só no Brazil como na Europa tem obtido o maior successo que é possível obter um medicamento.

A Lugolina do Dr. Eduardo França é o unico remedio brasileiro que tem tido as honras de ser adoptado na Europa, obtendo os maiores elogios de medicos e hospiteas, não só pela sua efficacia, como porque é um remedio que, logo as primeiras applicações, produz effeito benéfico, não sendo como tantos outros que necessitam um uso prolongado para um resultado problematico.

A Lugolina não tem os inconvenientes das pomadas e uoguentos, porque é liquida, sem gordura, sem cheiro, não suja o corpo nem as roupas e cura todas as molestias da pelle, feridas, ulceras, frieiras, brotoejas, comicões, suor fetido dos pés e do sovaco, manchas da pelle, espinhas, caspa, queda dos cahellos, queimaduras, empigens, assaduras das coxas, sarnas, tinha, boubas, golpes e qualquer erupção ou manifestação na pelle.

AS SENHORAS

que fizerem uso da Lugolina em Injecção podem estar absolutamente seguras de evitar qualquer molestia uterina e obter a cura das variadas pequenas affecções que tanto as incommodam e que deixam muitas vezes de tratar porque o seu pudor as impede de se sujeitarem a exame medico.

A Lugolina, para o uso de injecções nas senhoras, deve ser na proporção de uma colher de chá para meio litro d'agua morna, pela manhã e a noite.

A Lugolina vende-se em todas as farmacias e drogarias. Depositarios: no Brazil—Araujo Freitas & C., ruas dos Ourives n. 114 e S. Pedro 92. Na Europa—Carlo Erha—Milão, Preço 39000.

PERFUMARIAS

Preços baratissimos

Para o cabelle: Agua do quina tonica glicerinada a 18, 18500, 33, litro 48500. Oleo legitimo de coco quinado 18, ditto de habosa 18, loções extra perfumadas 18, 28, litro 48500. Tonic oriental 185000. Oleo finissimo em estojo 28. Para dentes: Pastas de lyrio glicerinada, pote 18 e 18500. Pós dentifricios hygienicos 18, elixir dentifricio 28500. Para toilette: Agua de colonia extra 18, 28, litro 48500, agua florida 3500, 8900, e 28 brilhantinas 18500 pó de arroz finissimo 18 e 18500, veloutine 28 Barras de sabonetes, pura glicerina, glicorina e alcatrão, amendoas, e de côros B e 18500; sabonete do alfice 18 e muitas outras qualidades. Extractos superiores, cosmeticos. Loção Acacia especifico contra a queda dos cahellos e caspa a 49000, etc. etc

67, Rua Sete de Setembro, 67.—Junto á Fabrica de Chocolate

O melhor preparado para conservar, restaurar e aformosear o cabelle é

Vigor do Cabelle do Dr. AYER.



Conserva a cabeça limpa de caspa, cura erupções e impede o cair do cabelle. Quando o cabelle se torna secco, fraco, desbotado ou grisalho, este preparado restitue-lhe a cor primitiva e promove o seu crescimento, tornando-o vigoroso. Uma vez empregado, o Vigor do Cabelle do Dr. Ayer torna-se o favorito das damas e homens da moda.

O Vigor do Cabelle do DR. AYER...

A venda nas principaes Pharmacias e Casas da Perfumarias.

DENTES ARTIFICIAES

A. F. de Sá Rego

ESPECIALISTA

Rua Gonçalves Dias N. 1 Praia de Botafogo N. 108

NOVIDADES MUSICAES

DA

CASA BEVILACQUA

Não te esqueças de mim, schottisch, Alfredo Guimarães..... 1\$500
Odilla, valsa, Alfredo Guimarães..... 1\$500
Oclavo, schottisch, Azevedo Lemos..... 1\$500
Parisienne, pas de quatre, Richard..... 1\$500
Marthe, schottisch, D. Leontina Torres com o n. 17 d'A Estação..... 1\$500
Amoureuse, valsa, R. Berger..... 1\$500
Loin du Pays, valsa, R. Berger..... 1\$500
Saudosa, schottisch D. Rita Tamborim Peixoto Guimarães com o n. 19 d'A Estação..... 1\$500
Tudo dansa, polka, Belarmino Neves..... 1\$500
Pallida, schottisch, Abdon Milance..... 1\$500
Filha, schottisch Oscar Carneiro..... 1\$000
Tesor mio, valsa, E. Bueucci..... 2\$000
Pela janella, cançoneta, Geraldo de Magalhães..... 2\$000
Pelo portão, cançoneta, Julio Reis..... 1\$000
Enganos, cançoneta, Julio Reis..... 1\$000

Musicas de todas as edições do mundo.

E. Bevilacqua & C.

43, Rua dos Ourives, 43

RIO DE JANEIRO

AVISO ÀS SENHORAS.

O'APIOL DOS DEUS

JORET-HONOLLE

CURA AS DORES OS ATRASOS A SUPPRESSÃO DE REGRAS

DEPOSITO GERAL, PH. G. SEGUIN, PARIS 165, Rue St-Honoré, 165 E EM TODAS PH^{IAS} E DROG^{AS}

PILULAS DE BLANCARD

APPROVADAS PELA ACADEMIA DE MEDICINA DE PARIS

Resumem todas as Propriedades do IODO e do FERRO.

40 Rua Bouaparte PARIS

DE BLANCARD

Estas Pilulas são de uma efficacia maravilhosa contra a Anemia, Chlorose e todos os casos em que se trata de combater a Pobreza do Sangu.

Fazendas Modas

Armarinho

Recebe por todos os vapores, artigos de novidades parisienses.

Adopta o systema de vender por preços modicos para vender muito

A LA PARISIENNE

R. Gonçalves Dias, 29

J. BERNARDES

Coqueluche Illm. Sr. Servulo Genove — Tenho a satisfação de comunicar-lhe que, tendo sido meus filhos atacados de coqueluche, saíram todos em pouco tempo, usando apenas o seu especifico. Apesar de fallar-me a necessidade de competencia posso, entretante, garantir, pelos magnificos resultados que observei, que é realmente um medicamento muito efficaz contra a coqueluche, esse terrivel flagello das creanças. Póde fazer desta o uso que lhe convier. De v. etc., DR. JOÃO ALBERTO SALLES. — Encontra-se na Rua S. João, 160 em S. Paulo; nas ruas 1^o de Março 1 e 3 e Gonçalves Dias, 41 no Rio; na Drogaria Colombo em Santos; e em casa dos Srs. Silva & C. em Uberaba.

Xarope Peitoral de Angico Composto

PREPARADO COM A DECANATA DA GOMMA DE ANOICO DO PARA' E ALCATRÃO DA NORUEGA

Este antigo e afamado Xarope cura em poucos dias as tosses mais rebeldes, as bronchites mais antigas, as asthmas mais incommodativas, as rouquidões mais pertinazes, as coqueluches mais esasmódicas e as constipações mais chronicas.

PREPARA-SE NA 103, RUA DA URUGUAYANA, 103 PHARMACIA BRAGANTINA

Tonico Vegetal Restaurador dos Cabellos

Depois de ter usado de todos os tonicos para a cabeça é que será apreciado este. Ao acaso encontrou-se esta receita, e descoberta do indio Carijó no anno de 1795. A venda nas casas de perfumarias e pharmacias do Brasil, depositario: ANTONIO CARLOS MADEIRA— Vidro 49000. Rio de Janeiro.

SUMMARIO DO PRESENTE NUMERO

O presente n.º 23 do nosso jornal de modas «A Estação» compõe-se do seguinte:

1.º *Cupa* contendo indicações uteis e preciosissimas que os nossos assignantes e compradores devem sempre exigir de nossos depositarios e agentes.

2.º Texto com 8 paginas de figurinos modernos para senhoras, meças e crianças e modeloa de trabalhos e ornamentos.

3.º Figurino gravado a talho e colorido a aquarella.

4.º O decimo primeiro fasciculo de nosso tratado de trabalhos de agulha.

5.º *Emfin*, a valsa *Serius*, premiada em 1.º lugar no nosso grande concurso musical, encerrado a 15 de Novembro findo. bella composição da Exma. Sra. D. Marietta Leite de Castro autora de «*Ciclar da brisa*».

A redacção leva ao conhecimento dos assignantes e leitores d'«A Estação» que o jury que presidio o ultimo concurso musical foi composto dos illustres e distinctos maestros Artur Napoleão e Cavalier Darbilly, muito digno director do Conservatorio Livre de Musica, sendo o 2.º premio conferido pela sua valsa «*Jurajo*», à Exma. Sra. D. Leocadia Torres, autora da celebre scottisch «*Marthe*», primeiro premio do precedente concurso d'«A Estação».

A REDACÇÃO.

Carta a uma amiga

«Minha querida Josephina. — Tendo ido, ba dias, à casa Lombaris buscar o ultimo numero da «*Estação*», fui surpreendida por um verdadeiro bazar, mas um bazar elegante, e o mais parisiense possivel.

O Sr. Lavignasse, que é um novador resolutio, resolveu adoptar no seu estabelecimento o systema seguido boje por todos os grandes editores de jornaes de modas, e eilo que tem, arrumados em espaçosas vitrinas, à disposição do bello sexo, grande numero de objectos de fantasia, desses que a imaginação bulhosa de grandes artistas anonymos todos os annos inventa, no velbo mundo, para completar a *toilette* feminina.

Encontrarás ali, numa encantadora variedade, todas essas pequeninas coisas, cuja existencia, por mais frivola, por mais insignificante que seja, representa para nós, mulheres, uma especie de felicidade, uma felicidade barata, que não se adquire à custa de sacrificios.

Só o que ali vi de fivelas para cintos, com exquísitos e interessantes desenhos *ari nouveau*! Que legião entoutecedora de leques, *châtelaines*, breloques, broches, alfinetes, coisinhas e teias!

Ha tempos, quando fez annos a Sarita, me disseste que estavas embaraçada, por não saberes que presente lhe deverias mandar. Afianço-te que, se fôres a casa Lavignasse, não terás senão *l'embaras du choix*, e não aljarás sensivelmente o teu «*porte-monnaie*».

E, já agora, dar-te-bei uma novidade. Uma das senhoras que o Sr. Lavignasse teve a feliz idea de collocar nos balcoes da sua loja, para attender à sua numerosa clientela feminina, disse-me que brevemente se encontrará naquella velha casa tudo quanto é necessario para cortar, coser, enfeitar e ultimar uma *toilette*, de modo que a «*Estação*» terá num sortimento que se renovará todos os mezes, o complemento material, indispensavel e logico, dos seus figurinos e informaçoes.

Não descansa o Sr. Lavignasse. Bem sabes que os seus concursos musicaes, realizados exclusivamente entre compositoras brasileiras, têm tido o successo que era de esperar. Infelizmente a minha valsa não foi premiada, mas não me queixo, porque o premio foi conferido com toda a justiça.

Adeus, minha querida Josephina. Recommenda-me a teu marido e dá um beijo por mim na tua filha-nha.

Quando sabihes, não deixes de dar um pulo até à rua dos Ourives, 7.

Da tua saudosa

ANALGAS FONTES.

NINON DE LENCLOS

ecarancia da ruga, que jamais onsou manchar-lhe a epiderme. Já passava dos 80 annos conservava-se jovem e quella, alirando sempre os pedacinhos da sua caridade de bapuzismo que rasgava á carada Tempo, cuja foice embotava-se sobre sua eucantadora physionomia, sem que nunca deixasse o menor traço. «Muito verde ainda!» via-se obrigado a dizer o velho rubengeno, como a raposada Lafontaine dizia das uvas. Este segredo, como se celebre e egoista ficaria jamais confôrta a quem quer que fosse das pessoas daquella época, descobri-o o Dr. Leconte entre as folhas de um volume de *L'Histoire amoureuse des Valaisiens* de Busy-Rabutin, que fez parte da bibliotheca de Voltaire e é actualmente propriedade exclusiva da **PARFUMERIE NINON, MAISON LECONTE, Rue du 4-Septembre, 35 à Paris.**

Esta casa tem-no á disposição das nossas elegantes, sob o nome de **VERITABLE EAU NINON**, assim como as receitas que d'ella provém, por exemplo, o

DUVET DE NINON

pó de arroz especial e refrigerante;

Le Savon Crème de Ninon

especial para o rosto que limpa perfeitamente a epiderme mais delicada sem alteral-a.

LAIT DE NINON

que dá alvura deslumbrante ao pescoço e aos hombro

Entre os productos conhecidos e apreciados da **PARFUMERIE NINON** contam-se:

LA POUDE CAPILLUS

que faz voltar os cabellos brancos á cor natural existe em 12 cores;

SEVE SOURCILLIERE

que augmenta, engrossa e brune as pestanas e os supercilios, ao mesmo tempo que dá vivacidade ao olhar

LA PATE ET LA POUDE MANDERMALE DE NINON

para ánnua, alvura brilhante das mãos, etc., etc.

Cavem exigir e verificar o nome de casa e o endereço sob o rotulo para evitar as imitações e falsificações

PARFUMERIE EXOTIQUE E. SENET

35, Rue du 4-Septembre, 35, PARIS

MÃO DE PAPA do duque, de príncipe, por meio da *Pâte des Prélats*, que embranquece, alisa, acina a epiderme, impede e destrõe as freiras e as rchias.

UM NARIZ PICADO do pequenos borbulhas ou com cravos torna a recuperar sua brancura primitiva - suas côres lisas por meio do **Anti-Bolbos**, producto sem igual e muito contrafeito.

CUIDADO COM AS CONTRAFACÇÕES

Para ser bella, encantar todos, gibos deve-se servir da **Fleur de Pêche** pó de arroz feito com fructos exóticos.

POUCOS CABELLOS

Fazem-se crescer e cerrados empregando-se *l'Extrait Capillaire des Benedictins du Mont-Majella*, que tambem impede que caiam e que fiquem brancos.

E. SENET, Administrador, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

NÃO ARRANQUEM MAIS

os dentes estragados, sãrde-os e branqueie-os com *l'Exlir dentifrice des Benedictins du Mont-Majella*.

E. SENET, Administrador, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

A NOTRE DAME DE PARIS

Grandes armazens de fazendas e modas os mais vastos do Brasil.

GRANDE VENDA

Desconto de 25 % sobre todos os preços marcados em todas as mercadorias.

PREÇO FIXO

VENDAS A DINHEIRO

Rio de Janeiro

TAPEÇARIAS E MOVEIS

DE Nossa Fabricação

PARA salas, dormitorios, salas de jantar e gabinetes

Monteiro & Co:

Armadores e Estofadoras

R. Quitanda 25

e 23 Rua 7 de Setembro 23

RIO DE JANEIRO

CALLIFLORE

FLOR DE BELLEZA

Pós adherentes e invisiveis

Graças ao novo modo porque se empregam estes pós communicam ao rosto uma maravilhosa e delicada belleza e deixam um perfume de exquisita suavidade. Alem dos brancos, de notavel pureza, ha outros de quatro matizes diferentes, Hachel e Rosa, desde o mais pallido até ao mais colorido. Poderá pois, cada pessoa escolher a cor que mais lhe convenha ao rosto.

PATE AGNEL

Amygdalina e Glycerina

Este excellente Cosmetico branquea e amacia a pelle, preserva-a do Cieiro, Irritações e Comichões tornando-a avelludado; pelo que respeita as mãos, dá solidez e transparencia ás unhas.

AGNEL, Fabricante de Perfumes,
16, Avenue de l'Opéra, Paris.

En suas lojas e Casas de venda por mimdo nos bairros mais ricos da Par.

HOUBIGANT

PERFUMISTA

da RAINHA d'INGLATERRA e da CORTE da RUSSIA

PARIS

AGUA HOUBIGANT

SEN RIVAL PARA O TOUCAOR

AGUA de TOUCAOR Royal Houbigant.
AGUA de COLONIA Imperiale Russe.

EXTRACTOS PARA LENÇOS: Violette Ideale, Royal Houbigant, Peau d'Espagne, Moskari, Iris blanc, Le Parfum Impérial, Niki, Muguet, Eillet Reine, Imperial Russe, Lilas blanc, Heliotrope blanc, Fougere Royale, Gloxinia, Jaamin d'Espagne, Cuir de Russie, Giroflée, Corydalis, Bouton d'Or, Sunrise, Hocco.

SABONETES: Ophélie, Peau d'Espagne, Violette idéale, Fougere Royale, Lait de Thridace, Royal Houbigant.

PÓS OPHÉLIE, Talisman de Belleza.

PÓS PEAU D'ESPAGNE.

LOÇÃO VEGETAL, para os Cabellos.

PÓS ROYAL HOUBIGANT.

PERFUMARIA ESPECIAL MOSKARI

OSCAR D'ALVA

(REIS CARVALHO)

SENHORA

(Continuação)

SCENA V

FERNANDO e NINETA

NINETA Entrando.—Aqui está o café (Coloca a chávena sobre a mesa) Um senhor trancou a porta.

FERNANDO.—Que entre, Não faças.

SCENA VI

FERNANDO e LEMOS

LEMOS (A parte).—E ao Sr. Fernando Rodrigues de Seixas que tenho a honra de falar?

FERNANDO (A parte).—Um seu criado (Alto) ar de mim. Tenha a bondade de entrar. Desculpe este desatino de quem acaba de chegar.

LEMOS.—Sei, desemborei-ho.

FERNANDO.—Faça obsequio de sentar-se (Sentar-se) A quem tenho a honra de receber? Lemos apresenta-lhe um cartão) A pessoa que me lê a honra de apresentar-lhe, Sr. Ramos...

LEMOS. (Corrigindo o que acabou de dizer) que o inter-lombrado não parecia, de admirar-se ao encontrar a Lemos

FERNANDO (Sem se ter apercebido).—Merece-me tudo!

LEMOS.—Desculpe-me V. S. se eu procuro logo no dia seguinte ao de sua chegada, quando ainda deve estar fatigado da viagem, mas o assumpto que me traz é de sua natureza urgentíssima.

FERNANDO.—A prompto a ouvir-o em toda a atenção

LEMOS.—E' negocio importante, e que exige a maior discreção.

FERNANDO.—Pode entrar com ella

LEMOS (Conversando-se na cadeira para evitar o silencio).—Trata-se de uma moça soffivelmente rica, bonita, a quem a familia deseja casar quanto antes.

Descobriando desses terravilhos que por abri andam a receber dotes e recebendo a que nemha possa de repente se enfiar por algum dos taes bonifrates, resolveu procurar um moço sisudo, de boa posição embora seja pobre; porque são justamente os pobres que sabem melhor o valor do dinheiro e comprehendem a necessidade de poupá-lo em vez de atirá-lo pela janela fóra como fazem os filhos de ricão.

(Passo) Foi encarregado por essa familia, que me honra com a sua amizade, de procurar a pessoa que se deseja e a minha presença aqui, neste momento, significa que tive a fortuna de encontrar a

FERNANDO.—Sua escolha devia isongear-me o amor proprio, si o tivesse, Sr. Ramos.

LEMOS. (Corrigindo o que acabou de dizer) da primeira vez

FERNANDO (prospeccão).—Porem ba de concordar que não posso acceder...

LEMOS (Interrompendo).—Porem, em negocio tenho eu meu sistema. Faço a proposta com honra, sem omitir os encargos e as vantagens.

FERNANDO (Corrigindo).—Já vejo que é um negocio que me propõe.

LEMOS.—Sem duvida! Mas ainda não disse tudo. A pequena é rica bastante e dá o marido com cem contos de réis em moeda sonante (Passo). Agora V. S. me dirá si posso levar uma boa noticia. Sua decisão?

FERNANDO.—Nenhuma.

LEMOS.—Como assim? Nem recusa, nem accieita?

FERNANDO (Com obstinacão).—Sua proposição per-mitta-me a franqueza, não é seria.

LEMOS.—Porque razão?

FERNANDO.—Antes de tudo cumpre-me declarar-lhe que estou de algum modo comprometido; embora não haja um ajuste formal, todavia não poderei dispor livremente de mim

LEMOS.—O compromisso rompe-se de um momento para outro.

FERNANDO.—Exacto. A's vezes cõcorrem circum-stancias que dissolvem as mais sollemnes obrigações. Mas entre as razões que movem a consciencia não se conta o interesse; elle dá ao arrependimento, o caracter de uma transacção.

LEMOS.—E o que é a vida no fim de contos senão uma continua transacção do homem com o mundo?

FERNANDO.—Não vejo a vida ainda por este prisma. Compreendo que um homem se sacrifique por qualquer motivo nobre para fazer a felicidade de sua mulher, ou de entes que lhe são caros, porém, si o fizer por preço em moeda, não é sacrificio, mas é trafico.

LEMOS.—Bem; não são negocios que se resolvam assim de pé para mão. O senhor pensará e si, como espero, decidir-se me fará o favor de prevenir. Vou deixar a minha morada.

FERNANDO.—Agradeço, mas para este objecto é impossivel.

LEMOS.—Ninguém sabe o que pode acontecer (Dirigindo-se a mesa escreve).

FERNANDO (Depois de meditar um instante, a parte).—Este velho me parece bem experiente! Não se recusam cem contos de réis sem uma razão bastante solida. Queria que me dissessem os senhores moralistas o que é esta vida senão um mercado! Desde que nasce o homem até que leva a breca, não faz outra coisa senão comprar e vender. Refletindo bem vejo que é um premio de loteria, uma felicidade que me surge.

LEMOS.—Que estará elle a dizer?

FERNANDO.—E depois onde trez huscar o dinheiro de Nicota que minha mãe pede para seu enxoval? Tudo gesto, nada mo: resta senão dividas. Esta claro, pois, que devo accetar

Quando ao mais sustentarei a bella doutrina em que o interesse tem plena liberdade; ou antes apello para o amor em que tudo é permitido, porque o coração é um batel que não tem leme.

LEMOS.—Sr. Fernando aqui está a lembrança

FERNANDO.—(Resoluto) Accetto a sua proposta! Resta-me conhecer a pessoa

LEMOS.—Não tenho autorisação para declarar sendo depois de fechado nosso contracto.

FERNANDO.—(ambos hesitando) Accetto!

LEMOS.—Muito bem!

FERNANDO.—Mas com uma condição.

LEMOS.—Sendo razoavel, diga.

FERNANDO.—Preciso de vinte e cinco de réis até amanhã sem falta.

LEMOS.—Si dependesse de mim... Mas o senhor sabe que neste negocio eu sou apenas um procurador official.

Não tenho ordem para adiantar a menor quantia quanto ao dote; depois de realiado o casamento, este sim, eu garanto.

FERNANDO.—Não pode emprestar-me sobre esta garantia?

LEMOS.—(Embarrassado) Sobre esta garantia (A parte) Para que por dividas quando ella quer e me disse que não obhasse preço. (Alto) Tem razão! Mas her viver e ha'm trer; o sr. passava um recibinho e terá logo a bolada no bolso.

FERNANDO.—Em que termos?

LEMOS.—Escreva: (Sobra escreve) Recebi do Ilmo. Sr. Antonio Joaquim Ramos a quantia de vinte contos pelo qual me obriço a casar no prazo de tres mezes com a senhora que me for indicada pelo mesmo Sr. Ramos, e para garantia empenho minha pessoa e minha honra. Quanto a assignatura e para depois que receber. (Sem se desviar o papel).

Vou primeiro apresentar esta nota a sua futura noiva.

Maganão feliz!... Muito obrigado, muito obrigado pela sua nobre resolução! Quanto a mim tera sempre um servo humilde e obediente. Nada de demora, sim Seixas, adeus! (Sobe)

SCENA VII

FERNANDO (Só) Bell' enigma!... Adalalde que me amo e que espera confida na minha palavra de honra, deixarei a um canto abandonada e triste para accetar este lance da fortuna que não passa de um jogo, sem duvida, entre o egotismo e o amor, entre o sentimento e o interesse. (Passo) Que importa, porem, quando o meu ideal umco que a gente é alcança: uma posição brilhante é essa acaba de me sorrir agora com a e perança de uma mulher que ha de ser minha esposa

E o quanto basta.

Uma vez rico e illustre montarei uma casa independente a minha posição e terei por toda parte amigos que me considerem e me respeitem. Minhas irmãs pobres, participarão não só desse viver opulento como do brilho e prestigio de meu nome. Ah! serei muito feliz!...

(Continua)

E' permitido a uma alma afflicta chorar e se queixar

(Conclusão)

«Esse homem morre cantando louvores a Deus; e a morte, que origina ordinariamente a tristeza, torna-se para elle uma fonte de alegria. Chegando ao do moribundo, ouvi pronunciar em alta voz estas ultimas palavras do Psalmista: Meu pae, ponho minha alma em vossas mãos. Depis, repetido este mesmo verseto, e a ap'ando sobre as palavras. Pae, Pae! elle virou se para mim, e disse sorrindo: Ah! que bondade de Deus de ser o pae dos homens! Que gloria para os homens de serem filhos de Deus! Que gloria mais dizer... as lagrimas suffocam-me a voz, não posso continuar... Senhor, eu suplico, cessae, cessae estas lagrimas e mod'rae minha dor!...

Queixae vos, pois, se as queixas podem voss'alliviar, porem nunca murmureis com o qualho: Por que razão isto ou aquillo? pois semelhante acto em vez de alliviar vossas dores, serviria apenas para vos tornar culpado.

Deus odeia a quem murmura, e r'que isto não é senão se revoltar contra a sua vontade. Elle é o Senhor, e não gosta dos que colericamente procuram indagar da razão da sua conducta. O mundo inteiro, diz S. Agostinho, é um vasto cadinho aonde o justo se assemelha ao ouro, e o impio a paiba. Pelo mesmo f'go, o justo é purificado e o impio condemnado. Deus louvou um outro n'um pela re-compensa, no outro pelo castigo: n'um pela misericordia, no outro pela sua justiça.

Ha uma dor que nos faz recuar de horror: é a dor do homem secco, trizo, pois o sceptico que responde as almas compassivas que queriam consolal-o: Deixae-me; se foi vosso Deus que n' deus este destino, elle não é hesado de mais para mim e não preciso de auxilio para carregal-o. Cruel loucura de agonal este homem que não passou uma hora sem mal-dizer o dia em que nasceu, se sente admiravel no seu soffrimento levantando sua cabeça altiva contra Deus, elle desafia o Creator de consolal-o.

Queixae-vos, mas evitae essa fraqueza do coração que torna a vida estéril e força de reduzi-la a impotencia.

Lembrai-vos de que vos arrebatando aquelle que amaveis, a morte vos poz sobre os hombros todos os fardos que carregal'o? Para não succumbir sob o peso que sua perda vos deixou, deveis abrir vosso coração, e noir as virtudes que nelle se aninham aquéllas cuja affectuosa lembrança causa vossa dor. Não é somente com lagrimas que se honra a memoria d'um pae ou d'um esposo; honra-se, sobretudo, por abnegação bastante generosa para preencher a lacuna deixada e fazer duvidar da morte.

Queixae-vos, mas evitae a affectação da dor; que o soffrimento em vossa vossa coração em vos apertal-o. Quando Deus nos arrebatá pela morte um ente querido, é muitas vezes para darmos o pouco que nos resta aquéllas que tem menos do que nós. As dores de uns são o allivio de outros, como a noite de accidente fez o dia do oriente. A idea de fazer bem é um poderoso remedio que Deus nos preparou contra os grandes desesperos; e muitas vezes elle é o unico que nos faz reoascer a esperanza.

Queixae-vos mas sabei perdol aquelles que causaram vossa desgraça, p'que Deus os julgará e, deante d'elle, a sorte da victima foi sempre melhor do que a do carasco. A perversidade dos homens tambem fez o Christo soffir muito; e pregado na cruz, seu coração apoussou á da encontrou esta prece: *Meu pae perdal-lhes porque elles não sabem o que fazem*

Na occasião em que o chaceller Thomaz Morus ouviu a sentença que o condemnava á morte por ter ficado fiel a sua consciencia os juizes lhe disseram: Não tendes mais nada que dizer? Miliards, dizei apenas uma palavra, respondeu Morus. São Paulo estava com aquelles que apredrejaram S. Estevam e agora compartilha no ceo da felicidade do martyr. Dezejo e roço a Deus que um dia seja dado a VV. SS. de compartilhar da felicidade que eu espero me submettendo a vossa sentença.

—>>>—

Dez Mandamentos da Lei

1.—Tres e usas são necessarias ao homem para andar no caminho da salvação: a sciencia da fe, a sciencia dos desejos, a sciencia das obras. Destes tres sciencias, a primeira nos é ensinada no symbolo (que vulgarmente chamamos: Creio em Deus Padre, que está formulado nos todos os dogmas da nossa Religião); a segunda na oração dominical (que é o Padre Nosso); a terceira na lei. Vamos occupar nos com a sciencia das obras. Quatro leis presidem ás nossas accões: a primeira é a lei natural, que não é outra coisa senão a consciencia, luz intellectual posta por Deus em nossa alma, e que nos mostra o que devemos fazer e o que devemos evitar. Esta luz intellectual, esta lei natural Deus fez d'ella presente ao homem apenas creado. Entretanto não faltam individuos que julgam excusar suas culpas pretextando a ignorancia de seus deveres: a esses é que convém applicar estas palavras do Rei propheta (Psal. 4) «Muitos dizem: que nos ensinara o que é bem?» Como se não soubesse o que devem fazer! Porem o Rei propheta lhes responde nestes termos: «Senhor, vós pozestes em nos a vossa luz.» Isto é, essa luz intellectual que nos esclarece sobre nossos deveres.

Ninguém pode ignorar por exemplo, que não deve fazer a outrem o que não quereria que lhe fizessem, e os outros preceitos da lei natural estão igualmente gravados na consciencia de todos. Esta lei, dizemos, foi dada ao homem no momento da exacção; mas o demonio submetten a creatura de Deus a uma outra lei, a lei da concupiscencia. Emquanto o primeiro homem foi fiel ao seu Creator, observando os preceitos divinos, a carne obedeceu ao espirito, e os sentidos remaneceram submissos ao razão.

2.—Mas, depois que o homem, cedendo ás perit das insinuações de satanas, se revoltou contra Deus, os sentidos se revoltou tambem contra a razão, e a carne contra o espirito. D'alí vem que o b' rem, posto queira o bem que a razão lhe mostra, é arrastado ao mal pela concupiscencia.

Esta luz de que se thro a vossa alma, S. Paulo a descreveu em uma de suas Epistolas aos Romanos (Rom. 7) «Vejo, diz elle, em meus sentidos uma lei que combate a lei do meu espirito.» Muitas vezes acontece que a lei da concupiscencia triumphá da lei natural e que a carne sobrepuja o espirito; por isso acrescenta o Apostolo «essa lei finesta me escravisava ao peccado.» O homem, dominado pela lei da concupiscencia, mis forte para elle do que a lei natural, tinha portanto necessidade de ser desviado do mal e conduzido ao bem por uma lei nova. Satisfazer essa necessidade foi a missão da lei mosaica.

3.—Observemos que ha dois motivos, que desviam o homem do mal e o conduzem ao bem. Desses dois motivos o que primeiro obra sobre elle é o temor. O que e' induz antes de tudo e mais poderosamente a evitar o crime e o pensamento do interno e das penas applicadas ao criminoso pela soberano Juiz. Eis ahí porque diz o Ecclesiastes: «O temor do Senhor é o principio da sabedoria; eis ahí porque elle diz ainda (Ibid.) «O temor do Senhor desvia o peccado.» Sem duvida aquelle que se abstem de fazer o mal pelo temor do castigo, não é ainda virtuoso; mas

tem chegado ao ponto de partida da virtude. Assim, a lei mosaica desviava o homem do mal e o conduzia ao bem pela ameaça e o temor. «Todo aquelle que violava um precepto d'essa lei severa, era morto sem piedade, em presença de duas ou tres testemunhas» como se recorda S. Paulo aos Hebreos. (Heb. 10) Mas o temor é um motivo insufficiente para desviar o homem do mal, e conduzi-lo ao bem; a lei mosaica só sujeitava aos seus preceitos o homem phisico, o homem espirital escapa ao seu poder. Era necessario pois, a virtude um motivo, a moral uma nova lei; esse motivo e o amor, essa lei é o Evangelho. Assim a lei do temor succede a lei do amor.

4. — Mas convém notar que entre a lei do temor e a lei do amor existe triplex differença. — A primeira é que a lei do temor nos impõe obediencia servil, ao passo que a lei do amor nos pede uma submissão voluntaria e livre.

(Continua).

CHRONIQUETA

Rio, 10 de Dezembro de 1902

A vida é um fluxo e refluxo e contradicções. Depois da via, a ovação — depois da partida de Campos Salles, a chegada de Rio Branco.

A festa feita a esse illustre brasileiro lembrou-me o triumpho de Pompeu, desenhado por Gabriel de Saint Aubin e gravado por Tardieu n'uma *Historia Antigua* do seculo XVIII. — desenho suggestivo, que dá, n'um formigueiro humano, a idea mais exacta da l'ontia maior que pode ser conferida a um cidadão.

Pompeu mais tarde lembrou-se amargamente do seu triumpho; espero que o mesmo não aconteça ao barão do Rio Branco, apesar de haver trocado o paraizo de uma ligação pelo inferno de um ministério.

Que a festa fci merecida não ha duvida nenhuma; as Misérs e o Amapá representam dous titulos de benemerencia e de gl'ria; nenhum brasileiro tem mais segura a immortalidade.

Centristou geralmente a noticia do fallecimento de Prudente de Moraes, estadista que, apesar dos seus erros, é agora, depois de muito, venerado mesmo pelos seus adversarios, ou por aquelles que, como eu, não acompanharam o rancho dos seus admiradores.

Elle tinha qualidades que sóse tinaram silientes durante o governo do seu successor. Ninguém perdia, com mais razão do que elle, respeito a famoso proleto: *Atraz de mim virá quem bom me fará.*

O mesmo não diria nunca o Dr. Campos Salles do Dr. Rodrigues Alves, e esta seria a opinião da propria velha de Syracuse, se fosse ouvida sobre o caso.

A questão do dia é a questão dos hydrometros. O governo quer dar-nos agua por medida e esse projecto tem encontrado na imprensa a mais viva opposição.

Entretanto, em havendo agua a rodo, como se diz que vai haver, a medida (com e sem *calombos*) não deixa de ter certa precedencia. Não é justo que eu, sem ter juridim com tanque e repuxo, dispenta com o abastecimento da agua a mesma quantia que o meu visinho commendador.

O *busão* está no fornecimento dos hydrometros; recora-se que um felizardo monopoliste o negocio e encha o pandulho á custa dos contribuiotes. Esse inconveniente desapareceria deida que, o fornecimento fci livre, ou que o governo mande fabricar e forneça os aparelhos por sua conta. Na realidade, se derem o bco ao Sr. Fulano ou ao Sr. Beltrão, o povo zanga-se e com toda a razão. E não é bom brincar com o povo, que de tempos a esta parte patce um pouco resultivo (mas vale tarde que nunca) a deitar as manguihas de fóra.

Versos, versos e mais versos. Versos de Osorio Duque Estrada, versos de Mario de Alencar, versos de Magalhães de Azeredo... O que vale é serem bons. A castalia brasileira é um manancial que não se extingue. Ahi está onde seriam ociosos os hydrometros.

ELOY, O HERÓE.

THEATROS

Rio, 14 de Dezembro de 1902.

A companhia do Recreio Dramatico deu-nos a comedia em 3 actos. *Lobos na malhaca* original do n.º 50 collega Dr. Cunha e Costa, do *Jornal do Brazil*.

A peça é de costumes portuguezes; passa-se n'uma aldeia do Miho, pondo em luta um parcho bandoso, verdadeiro pastor de almas, com um missionario intruso que fanatiza o povo, indispõdo o contra o santo homem. Este, sem lançar mão de nenhum meio violento, acaba por triumphar de todas as intrigas e maldades. Vira-se o feitiço contra o feiteiro, e o povo, desiludido, quer dar uma boa lição ao missionario, isto é, no lobo que entrou na malhada, quando o bom parcho se interpõ, salvando a pelle.

Reun-se a isto um pequeno idyllio de amor entre uma pobre rapariga, seduzida out'ora, e recolhida paternalmente pelo padre, e um sobrinho deste, bacharel palavroso, imbuído do ideal moderno. — e terá uma peça muito agradável, a que não faltam o elemento pitoresco nem o elemento comico, graças a umas tantas scenas de costumes e a uns tantos tipos copiados do natural.

O talento do Dr. Cunha e Costa, a julgar pelo *Natal no aldea* e agora por estes *Lobos* tem alguma coisa do talento do Julio Diniz das *Pupillas de Sr. Keitor* e principalmente da *Morgadilha dos Camareiros*.

A peça está bem representada por Ferreira de Souza, Gujo, Elisa de Castro, Eugenio Magalhães, Dias Braga, Maria da Piedade, etc.; tem levado muita concurrencia ao theatre, e tem sido sufficientemente applaudida.

A companhia lyrica Milne & Reich partiu para S. Paulo.

Continuam no Recreio os ensaios da comedia em actos *O retrato velho*, do nosso collega Arthur Azevedo, cuia primeira representação sera dada em beneficio de Ferreira de Souza.

X. Y. Z.

MOLESTIAS DO PEITO

CURAO SE COM O

XAROPE

de BOSQUE

MILHARES DE ATTESTADOS

A venda em todas as drogarias e boas pharmacias DEPOSITOS:

PHARMACIA MALLET

35 — RUA DA QUITANDA — 47

DROGARIA COLOMBO

Rua Gonçalves Dias n. 30

GRANDE LIQUIDAÇÃO ANNUAL

DE

CALÇADOS

103, Rua Sete de Setembro, 103

Grande redução de preços em todos os calçados para homens, senhoras e meninos. Calçados de todos os mais acreditados fabricantes, nacionaes e estrangeiros, vendidos sem reserva de preços. Convidamos as Exmas. familias a visitarem nosso estabelecimento que muito lucrarão em suas compras d'este artigo.

105, RUA SETE DE SETEMBRO, 15

Próximo a Rua Gonçalves Dias

CASA GUIMARÃES

BOLETIM DE ASSIGNATURA

Abaixo assignado deseja receber uma assignatura da (1) edição de jornal de modas "A Estação" por mezes de _____ a _____ de 1903 pelo que remette incluse a quantia de Rs. _____ \$ _____ importancia da mesma assignatura.

Nome _____

Lugar _____

Rua _____

Estado _____

(1) Indicar qual a edição que se quer assignar se a primeira sem compisição musical nem molde, nem titulo de accumulção (Rs. 4,800 por anno) ou se a segunda com supplementos musicaes, moldes certades tamanho natural e titulo de accumulção no valor de Rs. 5,000 que mandamos a titulo de brinde (Rs. 303.00 por anno.)

Sabonete RIFGER

Este prodigioso sabonete panico e yperinado, approvado pela Inspectoria Geral de Hygiene, faz desapparecer em poucos dias as manchas de roupa, camizas, jaquetas, sobolles, casacos, e apparece de novo, os pees embaixados, signaes de herpes, heiticos etc. tirando a pelle agriavelmente fresca e assestada. Faz-se a espargir o unguento sobre a mancha, e depois de se lavar com agua e sabonete, a mancha desaparece e a roupa fica nova e brilhante. Deve-se ser usado pelas mãos de familia para a lavagem dos bñados, por ser um sabonete preservativo de todas as m lestruas contagiosas e epidemicas.

Preço: d'ozia, 145, um 1570, caixa de 5, 4500.

Vende-se nas pharmacia e pharacarias, drogarias e casa de portuarias e no deposito em S. Paulo—Baruel & C—Largo da Sen. 2.

Deposito no Rio de Janeiro—Gedoy Fernandes & C.—Rua da Quitanda n. 48.

E fabricado todo o sabonete que não tiver estampado uma grama avaliada por uma moeda e no portio exterior a firma de A. Rifger nome em letras vermelhas.

TEINTURERIE PARIS ENNE

65, Rua da Quitanda, 65

(Junto à rua do Ouvidor)

Aos negociantes em fazendas de roupa que, possuindo um bom numero das nossas aperfeiçoadas, garantidas tingir e dar o apparelho, com a maxima perfeição, a toda peça de seda, lã e algodão. Fazemos um tratamento nos pontos de 20%, dando os melhores resultados.

Especialidade na lavagem chimica de vestidos Limpa-se luvaz de pellica e concerta-se a roupa de homem

Preços sem competencia

PERFUMARIAS

Preços baratissimos

Para o cabelo: Agua de quina com glicerinada a 15, 1870, 25, 40, 45, 50, 60, 70, 80, 90, 100, 110, 120, 130, 140, 150, 160, 170, 180, 190, 200, 210, 220, 230, 240, 250, 260, 270, 280, 290, 300, 310, 320, 330, 340, 350, 360, 370, 380, 390, 400, 410, 420, 430, 440, 450, 460, 470, 480, 490, 500, 510, 520, 530, 540, 550, 560, 570, 580, 590, 600, 610, 620, 630, 640, 650, 660, 670, 680, 690, 700, 710, 720, 730, 740, 750, 760, 770, 780, 790, 800, 810, 820, 830, 840, 850, 860, 870, 880, 890, 900, 910, 920, 930, 940, 950, 960, 970, 980, 990, 1000.

67, Rua Sete de Setembro, 67. — Junto a Fabrica de Chocolate

Fazendas Modas
E
Armarinho

Recebe por todos os vapores, artigos de novidades parisienses.

Adopta o systema de vender por preços modicos para vender muito

A LA PARISIENNE

R. Gonçalves Dias, 29

J. BERNARDES

MALAS
Grande Liquidação
POR MOTIVO DE MUDANÇA

Participo ao respeitavel publico que o contrato da minha antiga casa, sita á rua Sete de Setembro n. 33, terminou no dia 1 de Abril de 1903, e devido a guerra que o proprietario moveu contra mim, a ponto de querer destruir o prédio e fazer obras que elle não necessitava, assim como prova uma certidão que se acha junta aos autos, dada pela Directoria das Obras Municipaes, e devido aos grandes prejuizos que me causou, o para evitar que o proprietario de proedio me continue a causar mais prejuizos, e esse motivo que me obriga a me mudar no fim do contrato; mudo a minha casa do n. 33 para os ns. 34 e 36 da mesma rua, a qual vou montar em maior escala. Malas de todas as qualidades tanto estrangeiras como nacionaes, bolsas de mão de todas as qualidades, saccos de viagem, bolsas a tiracollo, carteiros, bonets, porta-mantas, pastas, cadeiras de palhinha e de lona de abrir e fechar, de todos os modelos, para viagens; e na rua Sete de Setembro n. 33 e mais tarde 34 e 36, CASA MARINHO.

O melhor preparado para conservar, restaurar e aformosear o cabelo é

Vigor do Cabello do Dr. AYER.



Conserva a cabeça limpa de caspa, cura erupções e impede o cair do cabelo. Quando o cabelo se torna secco, fraco, desbotado ou grisalho, este preparado restitue-lhe a cor primitiva e promove o seu crescimento, tornando-o vigoroso. Uma vez empregado, o Vigor do Cabello do Dr. Ayer torna-se o favorito das damas e homens da moda.

O Vigor do Cabello do DR. AYER...

A venda nas principaes Pharmacias e Casas da Perfumarias.

SABÃO MAGICO

Licenciado pela Directoria Geral de Saude Publica

Cheiro agradável, podendo ser usado nos toillettes

Não contém Glycerina, Acido phenico e outras materias que queimam em vez de curar

O melhor desinfectante anti herpetico e antiseptico é sem duvida nenhuma o SABÃO MAGICO: os curativos benéficos obtidos em diversos casos de molestias de pelle, com erupção, PANNOS, SARDAS, EMPIGENS, ECZEMAS SECCAS OU HUMIDAS, o desaparecimento da CASPA e o mão cheiro de baixo dos braços e entre os dedos d's pés, as assaduras e brotoejas provenientes do calor obrigam ao SABÃO MAGICO a ser recebido em todas as casas em que ha asseio e hygiene, pois que seu emprego indica a MORTE dos MICROBIOS e mais inimigos da pelle e da saude. E' o unico sabonete aconselhado para a desinfecção e lavagem d's CORPOS, quer das CRIANÇAS, quer dos ADULTOS, por ser preparado especial, conservando todas as qualidades therapeuticas.

Preço 2s; pelo correio 2s500

Deposito geral, no Rio de Janeiro, na drogaria Pizarro á rua Sete de Setembro n. 17; em Petropolis: na Pharmacia Central; em S. Paulo: nas Drogarias Paulista, e Baruel; em Santos: á rua Quinze de Novembro n. 17; em Juiz de Fora: á rua Halfeld Drogaria Americana; em Cravinhos: pharmacia Gama; na Bahia: pharmacia do Sr. Galdino F. da Silva; em Pernambuco: pharmacia Bartholomeu; no Ceará: pharmacia do Sr. A. Gonzaga; em Campos: Senna & C., Gonçalves Carneiro & C. e pharmacia Bitten court.

Coqueluche

Illm. Sr. Servulo Gouveia — Tenho a satisfação de communicar-lhe que, tendo sido meus filhos atacados de coqueluche, saíem todos em pouco tempo, usando apenas o seu especifico. Apesar de falter-me a necessaria competencia, posso, entretanto, garantir, pela magnificos resultados que observei, que e realmente um medicamento muito eficaz contra a coqueluche, esse terrivel flagello das creanças. Póde fazer desta o uso que lhe convier. De v. etc. Da JOÃO ALBERTO SALLES. — Encontra-se na Rua S. João, 100 em S. Paulo; nas ruas 19 de Março 1 e 3 e Gonçalves Dias, 41 no Rio, na Drogaria Colombo em Santos; e em casa dos Srs. Silva & C. em Uberaba.

Xarope Peitoral de Angico Composto

PREPARADO COM A DECATANDA GOMMA DE ANGICO DO PARA' E ALCATRÃO DA NORUEGA

Este antigo e afamado xarope cura em poucos dias as tosses mais rebeldes, as bronchites mais antigas, as asthmas mais incommodativas, as rouquidões mais pertinazes, as coqueluches mais espasmodicas e as constipações mais chronicas.

PREPARA-SE NA 103, RUA DA URUGUAYANA, 103 PHARMACIA BRAGANTINA

NOVIDADES MÚSICAES

DA

CASA BEVILACQUA

Não te esqueças de mim, schottisch, Alfredo Guimarães,	1\$500
Odilla, valsa, Alfredo Guimarães,	1\$500
Orelano, schottisch, Azevedo Lemos,	1\$500
Parisiense, pas de quatre, Richard,	1\$500
Marthe, schottisch, D. Leontina Torres com o n. 17 d'A Estação,	1\$500
Amoureuse, valsa, R. Berger,	1\$500
Lois du Pays, valsa, R. Berger,	1\$500
Saudosa, schottisch D. Rita Tamborim Peixoto Guimarães com o n. 19 d'A Estação,	1\$500
Tudo dança, polka, Belarmino Neves,	1\$500
Pallida, schottisch, Abdou Milanez,	1\$500
Filhinha, schottisch Oscar Carneiro,	1\$000
Lesor mio, valsa, E. Beucci,	2\$000
Pela janela, cançoneta, Gerardo de Magalhães,	2\$000
Pelo portão, cançoneta, Julio Reis,	1\$000
Enganos, cançoneta, Julio Reis,	1\$000

Musicas de todas as edições do mundo.

E. Bevilacqua & C.
43, Rua dos Ourives, 43
RIO DE JANEIRO

A. F. de Sá Rego
CIRURGIÃO-DENTISTA

Especialista em trabalhos á ouro e dentes artificiaes

N. 1 Rua de Gonçalves Dias N. 1
RIO DE JANEIRO



UM SO'

vidro de Lugolina póde curar as molestias recentes ou promover grandes melhoras nas antigas, porque logo as primeiras applicações produz effeito, estabelecendo nesta forma a confiança neste maravilhoso remedio, que não so no Brazil como na Europa tem obtido o maior successo que é possível obter um medicamento.

A Lugolina do Dr. Eduardo França é o unico remedio brasileiro que tem tido as honras de ser adoptado na Europa, obtendo os maiores elozios de medicos e hospitaes, não só pela sua efficacia, como porque é um remedio que, logo as primeiras applicações, produz effeito benéfico, não sendo como tantos outros que necessitam um uso prolongado para um resultado problematico.

A Lugolina não tem os inconvenientes das pomadas e unguentos, porque é liquida, sem gordura, sem cheiro, não suja o corpo nem as roupas e cura todas as molestias da pelle, feridas, ulceras, frieiras, brotoejas, comichões, suor fetido dos pés e do sovaco, manchas da pelle, espinhas, caspa, queda dos cabellos, queimaduras, empigens, assaduras das coxas, sarnas, tinea, houbas, golpes e qualquer erupção ou manifestação na pelle.

AS SENHORAS

que fizerem uso da Lugolina em injeccão podem estar absolutamente seguras de evitar qualquer molestia uterina e obter a cura das variadas pequenas affecções que tanto as incommodam e que deixam muitas vezes de tratar porque o seu pudor as impede de se sujeitarem a exame medico.

A Lugolina para o uso de injeccões nas senhoras, deve ser na proporção de uma colher de chá para meio litro d'agua morna, pela manhã e a noite.

A Lugolina vende-se em todas as pharmacias e drogarias. Depositarios: no Brazil—Araujo Freitas & C., ruas dos Ourives n. 114 e S. Pedro 93, Na Europa—Carlo Erba—Milão, Preço 3000.

Reconstituinte geral do Systema nervoso, Neurasthenis.

NEUROSINE PRUNIER
NEUROSINE-XAROPE — NEUROSINE GRANULADA
NEUROSINE-CAPSULAS

Debilidade geral, Anemia, Phosphaturia, Enxaqueca.

Deposito Geral: CHASSAING & Co, Paris, 6, Avenue Victoria.

PARA OBTER UM

LINDO PEITO

Fazel uso das "Pílulas Orientaes" que fazem desaparecer as saliencias excessiva do peçoço e dos hombros, desenvolvem a reconstituem os Seios e dão ao Busto, em doia meza mais ou menos, uma apparencia preciosa e duravel sem engrossar a cintura.

Approvadas pelas celeberrimas medicas, hemtassajas para a Sauda sa

"PÍLULAS ORIENTALES RATIÉ" convém aos temperamentos mista delicados, ás meninas tanto como ás senhoras.

Fama antiga e universal. Marca depositada conforme a lei.

O frasco com noticia, franco contra mandado inter-nacional: francos 6,35.

Recevar a Mr. J. RATIÉ, Pharmaceutico da 1ª classe, b. Passage Verdun, PARIS (7).

Informações gratuitas.

SUMARIO DO PRESENTE NUMERO

- O presente n. 24 do nosso jornal de modas A Estação compõe-se do seguinte:
- 1.º *Capa* contendo indicações uteis e preciosissimas que os nossos assignantes e compradores devem sempre exigir dos nossos depositarios e agentes.
- 2.º Texto com 8 paginas de figurinos modernos para senhoras, moças e crianças e modelos de trabalhos e ornamentos.
- 3.º Figurino gravado a talho e colorido a aquarella.
- 4.º O decimo primeiro fasciculo de nosso tratado de trabalho de agulha.
- 5.º Supplemento litterario illustrado com 4 paginas.
- 6.º Emfim uma grande folha de moldes riscados.

Esperança morta

PARA O LUCIANO GUALBERTO

Ser como Job: não ter um pedaço de pano Para encobrir do corpo as purulentas cbagas; Sem abrigo, sem pão, a haurir o fel das bagas Do pranto, que lhe turva e inunda o olhar insano;

Ser como Job: não ter do coração humano A esmola de um caribbo, e por desertas plagas Sem um guia seguir, como em revoltas vagas, Uma náao a bciar e a lutar contra o oceano;

Não ver nunca uma bocca a um riso decerrada, Estendendo ao viajor a bumilde mão mirrada, Mas, ah! ter ainda a fé num viver que conforto;

E' ser mais do que scu, que um riso tendo ainda, Já nem posto esperar mesmo essa paz infanda Que é ficticia na Vida e começa na Morte! MCMII.

MATTOS CARDOSO.

CHRONIQUETA

Rio, 25 de Dezembro de 1922.

Natal... E aqui estou meio somnoento, mal humorado, diante de algumas tires de papel em branco!

D'antes, neste dia, tudo era jubilo para o meu coração, que andava aos pulos; hoje, o Natal se me afigura um dia como outro qualquer, sem um rizo de sol mais vivo e mais luminoso, sem uma nota mais alegre que nos outros dias.

— Mudaria o Natal ou mudei eu? pergunta Machado de Assis no ultimo verso do seu magnifico soneto, e pergunta bem: o Natal é sempre o mesmo; somos nós que nos transformamos e pouco a pouco perdemos, com os cabelos pretos, o encanto das festas de outrora.

Entretant, confesso que me diverti bastante assistindo bonitem a festa da meninada do Colomy Club. O proprio Christo deveria ter ficado satisfeito com aquellas antigas comestas em seu louvor: a musica de Cardozo de Menezes é tão honita, que provavelmente chegou até o céu. Foi uma bella festa.

Causou geral consternação o fallecimento de João Clapp, o grande propagandista da ah. lição, o grande

NINON DE LENCLOS

escreveu a ruz, que jamais couseu macular-lhe a epiderme, há passava dos 30 annos e conservava-se jovem e bella, utilizando sempre os pedacos da sua creação de baptismo que rasgava á cara do Tempo, e a forte embolava-se sobre sua enigmática physiognomia, sem que nunca deixasse o menor traço. Muito verla ainda e viu-se obrigado a dizer o velho rubicundo, como a raposa de Lafontaine dizia das nvas. Este segredo, que a celebre e exorta fuz, fuz casaria a quem quier que fosse das posses d' aquella epoca, desentendi o Dr. Leconte entre as folhas de um volume de *L'Histoire amoureuse des tantes*, de Bussy-Rabutin, que fez parte da bibliotheca de Voltaire e, sendo-lhe apresentado exchusiva da **PARFUMERIE NINON**, Maison Lenclos, Rue du Septembre, 35, a Paris.

Esta casa tem á disposição das nvas, s elegantes, sob o nome de **VERITABLE EAU DE NINON**, assim como as receitas que della provem, por exemplo, o

DUVET DE NINON

pus de arroz espedalado e refrigerantes.

Le Savon Creme de Ninon

especial para o rosto que limpa perfeitamente a epiderme sem delicia a sem altera-la.

LE VERITABLE LAIT DE NINON

que se instantaneamente para bran um desluzabrante a pele no rosto, nos braços e nas pernas.

Existe em tres ruzas: Branco, Rosado e Juchel. Entre as produções complementares e apreciadas da **PARFUMERIE NINON** contam-se

SEVE SOUCILLIERE

que amolece, engrassa e beine as pestanas e os supercils, ao mesmo tempo que dá vivacidade ao olhar.

LA PATE ET LA POUORE MANOERMALE DE NINON para limpar, e dar a brilhante das mãos, etc., etc.

PARFUMERIE EXOTIQUE

E. SENET

35, Rue du Quatre-Septembre, 35, PARIS

RUGAS, SARDAS Desapparecehi com *L'Eau Brise exotique* que esclarece a pelle.

BRANCURA immediata da cara pelo meio do *Crema Brise Exotique* que existe em 3 cores: branco, rosado e amarellado.

BELLEZA DA PELLE obtida logo com a *Fleur de Pêche* po de arroz. especial. Existe em 3 cores: branco, rosado, amarellado e natural.

CRAVINHOS DO NARIZ da testa e da barba destruidas sem esfregar pelo *Anti-bolbos* que aperta os poros da pelle.

MÃOS BRANCAS finas e macias pelas *Pâte e Poudre des Prelats*



CRÈME SIMON

PARA conservar oñ dar ao rosto **FRESCURA MACIEZA MOCIDADE**

Para proteger a epiderme contra a influencia perniciosas da atmosphera, é indispensavel adoptar para a toilette diaria o **CRÈME SIMON**.

Os **PÓ3 de Arroz SIMON** e o **SABONETE Crème Simon**, preparados com glicerina, a sua acção benéfica é tão evidente que não ha ninguém que o use uma vez que não reconheça as suas grandes virtudes.

MÉDAILLE D'OR, Paris 1900

J. SIMON, 59, rue du faubourg PARIS 10^e Saint-Martin

PHARMACIAS, PERFUMERIAS e lojas de Cabellerei os.

Desconfiar das Imitações.

LE REFLE Incarnat

NOVO PERFUME

CAUTELA COM AS IMITACOES PARIS

LIPIVER

PARIS

TAPEÇARIAS E MOVEIS

DE Nossa Fabricação

PARA salas, dormitorios, salas de jantar e gabinetes

Monteiro & Co:

fornadores e Estofadores

R. Quitanda 25

e 23 Rua 7 de Setembro 23

RIO DE JANEIRO

VICHY-ÉTAT

VICHY-HOPITAL
Molestias do Estomago e do Intestino.

VICHY GRANDE-GRILLE
Molestias do Fígado e do Apparelio Biliario.

VICHY-CELESTINS
Molestias dos Rins e da Bexiga, Gottas, Diabetes.

AO RECEITAR ESPECIFIQUEM BEM O NOME

PASTILLES VICHY-ÉTAT

COMPRIMÉS VICHY-ÉTAT



Oração no Outeiro dos Monarchas



Quadro do E. Thöny (Munich).

YOUNG P...

SICAES

QUA

c.
ves, 43

DOY
Doy

PIE

nos
RE...

PARIS
185

ARD

er 1

